RUBENS SARACENI

# O CAVALEIRO DO ARCO-ÍRIS

## O Livro dos Mistérios

Inspirado por Pai Benedito de Aruanda



MADRAS®

Rubens Saraceni

# O Cavaleiro do Arco-Íris

## O Livro dos Mistérios

Inspirado por Pai
Benedito de Aruanda



MADRAS®

© 2014, Madras Editora Ltda.

*Editor*:
Wagner Veneziani Costa

*Produção e Capa*:
Equipe Técnica Madras

*Revisão*:
Silvia Massimini Felix
Arlete Genari

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Saraceni, Rubens
O cavaleiro do arco-íris: o livro dos mistérios/Rubens Saraceni. – São Paulo: Madras, 2014.

ISBN 978-85-370-0555-2

1. Romance brasileiro 2. Umbanda (Culto)
I. Título.

09-11890 CDD-299.672

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances mediúnicos: Umbanda 299.672

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**
Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP
Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970
Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090
**www.madras.com.br**

# Índice

**Prefácio** ..... 7

**Esclarecimentos do Autor** ..... 11

**1ª Parte**
O Mistério Oxumaré ..... 14

**2ª Parte**
O Mistério Curador ..... 121

**3ª Parte**
O Mistério do Conhecimento ..... 273

**4ª Parte**
O Cavaleiro do Arco-íris – O Trono Humano da Geração ..... 377

**5ª Parte**
O Cavaleiro do Arco-íris – O Mistério Humano ..... 637

# Prefácio

Foi com imensa alegria e ao mesmo tempo sentindo o gigantesco peso da responsabilidade que recebi o convite do Mestre Mago Rubens Saraceni para prefaciar este livro. Na verdade, fiquei paralisada, "em estado de choque", diante da simplicidade e humildade com que ele, um dos maiores líderes da Umbanda Sagrada na atualidade, se dirigiu a mim, e o máximo que consegui lhe responder naquele momento foi: "nossa, muito obrigada!". Desculpe-me, Rubens, mas por essa eu realmente não esperava...

Tomei contato com o autor Rubens Saraceni há sete anos, primeiramente por meio de sua magnífica obra *O Guardião da Meia-Noite*, no momento em que eu estava ingressando na Umbanda e, como todo iniciante, com muitas dúvidas e medo do desconhecido. Eu tinha um medo tremendo de Exu, e foi por meio da leitura desse livro que conheci esse Mistério, perdi o medo e passei a respeitá-lo. Só por aí já me valeria ter tido esse contato.

Foi justamente nessa época que passei também a fazer parte da equipe editorial da Madras Editora, a convite do editor-geral Wagner Veneziani Costa, e pude conhecer a pessoa do autor Rubens Saraceni, já com dezenas de livros publicados, alguns deles *best-seller*. Geralmente, quando um autor chega nesse patamar, é comum o orgulho, a vaidade e até mesmo a arrogância em virtude do sucesso, e a convivência entre autor e editora às vezes se torna desgastante. São muitas as exigências e há pouca flexibilidade, em todos os aspectos.

Para minha surpresa, o autor Rubens era, e é até hoje, de uma simplicidade e humildade sem igual. Jamais se impôs; sempre se colocou no seu lugar, mesmo tendo todos os atributos para fazer suas exigências. Tive a honra e o privilégio de ser a primeira leitora de muitas de suas obras, isso pelo meu trabalho como revisora, e sempre uni o útil ao agradável: fazia o meu trabalho e aprendia os ensinamentos que eram transmitidos, fossem estes nas obras romanceadas ou nas de cunho doutrinário. Em todos esses trabalhos, Rubens sempre me deu a liberdade de fazer as correções necessárias e a abertura de recorrer a ele em caso de dúvidas.

Enquanto umbandista, essa experiência me permitiu crescer espiritualmente, pois se trata de uma literatura que apresenta sempre algo novo, mesmo que o assunto seja do cotidiano da nossa religião.

E agora, sete anos depois do primeiro contato com Rubens (um ciclo mágico em minha vida), recebi dele este presente, que é prefaciar *O Cavaleiro do Arco-íris*, um livro iniciático que certamente será mais um tesouro para o leitor, pela riqueza de seu conteúdo. A obra mostra a saga e a lenda do Trono Humano da Geração e do desaparecido Ogum Sete Estrelas, em que o Cavaleiro do Arco-íris transmite muitos mistérios velados, a começar pelo mistério do Orixá Oxumaré, o senhor do Mistério do Arco-íris Divino, cujas irradiações cristalinas minerais fluem em todos os seres e criaturas, atuando em vários níveis e em muitas linhas de forças projetadas de seu ponto de forças planetário e multidimensional, ungindo a todos com o amor de Olorum e com a vida eterna, pois só no amor a vida se renova.

Logo no início, o Cavaleiro, um espírito humanizado, caminha em uma dimensão onde nada podia enxergar. Com isso, ele aborda a questão do desenvolvimento da visão, com a libertação da cegueira espiritual em que muitas vezes nos encontramos. Esse aprendizado, muitas vezes, pode levar muitos e muitos séculos ou milênios, como ele mesmo diz em sua linguagem habitual. Para o Cavaleiro, o tempo parecia não contar ou não existir.

O eco resultante dos seus pensamentos ou palavras proferidas lhe feria os ouvidos pelo barulho ensurdecedor, representando os valores que geralmente damos às coisas fúteis da vida, desnecessárias à nossa evolução espiritual, quando exaltamos mais os valores externos que os internos, questionando a tudo e a todos, resultando em dores funestas em nosso Ser.

Ao receber a chave dos Senhores Caboclos, que lhe permitiu desvendar alguns mistérios ocultos nas pedras que encontrava pelo caminho, o Cavaleiro revela, ao mesmo tempo, o seu próprio mistério, descobrindo suas faculdades ocultas que lhe permitem seguir sua jornada, levando-o a vencer o seu maior fantasma: ele próprio, com seus medos, ilusões, mágoas, etc.

Ao descobrir-se como um Mistério Curador, o Cavaleiro nos ensina que não existe dor incurável. Só existem dores incompreendidas. O grau curador comporta simplesmente a punição dos espíritos desequilibrados que se comprazem em semear a dor; também permite que cada um cure as suas dores, geradas pelos próprios sentimentos. E assim, o Cavaleiro atuava em todos os sentidos da vida, curando os desequilíbrios, que conhecemos como doenças psíquicas e emocionais. Ele explica que esse tem sido um dos trabalhos dos guias espirituais nos templos de Umbanda. Eles orientam,

amparam e guiam as pessoas por certo tempo. Depois que elas superam suas dificuldades, vão se afastando e deixando-as por conta própria , a fim de que vivenciem um período de amadurecimento e reabilitação para que seus íntimos comecem a vibrar positivamente.

A parte que trata do Mistério do Conhecimento nos convida a olharmos mais para dentro de nós, para que nos conheçamos plenamente e percamos os nossos medos, sem nos subestimar, pois mostra que covardes são os que, mesmo conhecendo a causa de seus medos, nada fazem para superá-los. Mas ousadia, só os verdadeiros sábios possuem e a ela recorrem quando se deparam com seus medos gigantescos.

Mantendo contato com os pais maiores e mediadores, os Sagrados Orixás e os Orixás menores, retrata o empenho de nossos pais e mães espirituais, de nossos guias e mentores em nos auxiliar na nossa senda, enquanto médiuns umbandistas, e de suas alegrias em nos ver crescer e evoluir espiritualmente. Para eles, somos pequenas partes que formam o TODO. Valorizam o pequeno e o grande, assim como nosso Pai Olorum, pois o grande oceano não existiria se não fossem os pequenos lagos que nele desembocam...

São muitos os conflitos que ele vivencia, mas sempre amparado e orientado pelos Orixás mediadores, até se descobrir quem ele realmente era: um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida, desenvolvido em todos os sete sentidos da vida, mas especialmente no sétimo sentido, o da sexualidade, que é a representação da própria vida. E, assim, foi cumprindo a sua missão espiritual, em diversas dimensões e em outras galáxias planetárias, sempre a serviço do nosso Pai Maior, o Divino Olorum.

Por fim, fundiu todos os seus mistérios, e o Divino Criador gerou um novo trono: o Trono do Mistério da Vida, por ser ele, o Cavaleiro, um mistério em si mesmo, ou seja, o mistério da Vida.

Por meio desta leitura, muitos de nós poderemos desvendar nossos próprios mistérios ocultos e perder o medo dos nossos fantasmas internos, sem que para isso, quem sabe, precisemos de muitos e muitos séculos ou milênios... Que o Cavaleiro do Arco-Íris possa lhe guiar nessa trajetória!

Obrigada, Rubens, por este convite e por esta joia rara que você entrega em nossas mãos!

*Arlete Genari*
Produtora editorial e médium umbandista

# Esclarecimentos do Autor

Este livro, originalmente denominado *O Livro dos Mistérios*, é uma transcrição literal de um livro iniciático e velado para uma linguagem popular e coloquial profana, uma vez que em sua forma original seria impossível publicá-lo, senão revelaria iniciações e mistérios interditados ao plano material.

Portanto, o leitor deve lê-lo sem se preocupar com "a forma e o modo" humanos do personagem iniciar-se ou iniciar alguém em algum mistério.

Inclusive, algumas palavras foram trocadas de propósito para que as iniciações pareçam outra coisa.

Só para que tenham uma noção do que afirmamos, esclarecemos alguns significados da palavra possuir e suas variantes:

ex:

- possuir = imantar
- ser possuído = ser imantado
- iniciação natural = ser iniciado a longo prazo após o estabelecimento de cordões energéticos entre o mistério do iniciador e o iniciando.
- iniciação humana = transmissão integral de todo um fluxo eletromagnético fatorador emitido pelo mistério do iniciador projetado diretamente para o do iniciando.
- formar um par = cada um dos membros ocupa um polo eletromagnético de uma linha de forças de um mistério.
- assumir a cabeça dos pares = assentar-se no polo ativo de uma linha de forças de um mistério.
- esposa-marido = posição imutável após a formação de um par denominado "par perfeito" ou elementalmente puro, no qual a "esposa" ocupa o polo positivo feminino de um mistério e o "marido" ocupa o polo positivo masculino dele, assentamento esse

que fecha toda uma linha de forças horizontais destinada a criar uma faixa vibratória na qual se afixarão milhões de seres.
Um "par eterno" nunca mais é desligado porque sua função é criar as condições básicas para que os espíritos ainda na 1ª idade ou infância possam ter nos seus "pais" uma sustentação permanente e um referencial formados da sua moral e consciência, um "espelho" onde se refletirão.
Ao fechar uma linha de forças amparadoras da evolução dos seres, esses absorverão continuamente os "fatores" dos seus pais e, sem que seja preciso entrar no ciclo encarnacionista, começam a passar pelo processo denominado "humanizador", no qual os fatores humanos vão sendo absorvidos e o ser "humanizado" começa a abrir em seu mental faculdades só abertas se as chaves (as vibrações) forem humanas e irradiadoras da nossa energia elemental espiritual, que é uma quintessenciação das energias absorvidas pelas pessoas durante sua encarnação.

- mistério humano = mistério sétuplo elemental que irradia de uma só vez um fluxo energético formado por incontáveis ondas vibratórias diferentes e que envia por meio delas energias elementais em tantos padrões vibratórios diferentes que os seres "naturais" que os recebem têm seus mentais adormecidos devido à sobrecarga energética, fato esse que faz com que passem por uma momentânea alteração dos seus estados de consciência que os conduz a um êxtase energético e vibracional.
  Mas esse êxtase é puramente mental e não deve ser entendido como algo profano, carnal ou chulo e ligado ao sexo, pois, por falta dessas informações, muitos leitores não conhecedores da "linguagem hermética" podem crer que se trata de um relacionamento íntimo homem-mulher.

O leitor deve atentar para o fato de que as "linhas de forças só são fechadas por seres-mistérios se forem de sexos opostos, de magnetismos atratores, de energias complementares e de naturezas semelhantes".

É certo que não são muitas as pessoas versadas na linguagem hermética ou iniciática, portanto, capazes de interpretar corretamente o que os diálogos estão revelando sem nada revelar, devido aos princípios de interdição sobre as chaves iniciatórias nos mistérios da criação

Se dou aqui esse alerta é porque não foram poucos os livros publicados por mim que despertaram em seus leitores a impressão de que haviam lido um livro com a descrição de relacionamentos tipicamente "carnais, terrenos e amorosos".

Mas isso eu entendo que se deve ao fato de ignorarem a linguagem hermética ou iniciática e de não entenderem o que de fato está sendo descrito sem que nada seja revelado para não infringirmos a lei que vela o segredo dos mistérios.

Também por isso preferimos dar a este livro o título de *O Cavaleiro do Arco-íris* em vez de *O Livro dos Mistérios*, pois, para o leitor leigo, que ele seja entendido como for lido.

Já para o leitor iniciado na linguagem hermética, que ele seja um manancial inesgotável de chaves interpretativas que guardará e usará quando se fizerem necessárias.

Não há um só diálogo neste livro que não esteja revelando um mistério ou alguma particularidade ou algum aspecto de algum deles.

Parafraseando o autor da frase enigmática que diz isto: "Decifra-me ou te devorarei", aqui podemos escrever esta outra frase: "Decifre-me e desejará possuir o meu mistério".

Uma boa leitura a todos!

*Rubens Saraceni*

# 1ª Parte

## O Mistério Oxumaré

As horas foram passando e nada do sono vir.

Rolei de um lado para outro enquanto mórbidos pensamentos vibravam em minha mente. Mas chegou um momento em que adormeci e todos os problemas deixaram de me incomodar.

Adormeci e tudo adormeceu comigo naquela noite. Mas, quando acordei, já estava em um lugar escuro cujas vibrações eram muito mais mórbidas que as minhas.

Por afinidade, havia sido atraído a uma faixa vibratória tão escura quanto meus desejos mais íntimos, pois até morrer eu havia desejado.

O que realmente havia acontecido eu não entendi naquele momento. Mas que era estranho, isso era!

Vaguei no meio daquela escuridão em busca de alguma claridade, ou mesmo de um lugar conhecido, pois tudo ali me era invisível.

Sim, eu só via a escuridão e nada mais.

Mas o tempo foi passando e, apesar de andar, andar e andar, só via na minha frente o negror daquele lugar ou vibração onde eu havia me aprisionado.

Ciente daquela escuridão, em minha mente a morbidez instalou-se de vez e só pensamentos mórbidos me ocorriam.

Eu havia caído em uma faixa vibratória muito negativa e não tinha consciência de minha queda!

Parecia que uma eternidade já havia se passado desde que eu adormecera e tudo eram só lembranças mórbidas e tristes.

Lembrei-me dos saudosos guias espirituais que iluminavam minha vida, dos alegres Exus que, sempre às gargalhadas, afastavam meus temores das perigosas ameaças invisíveis. Para eles, mesmo as mais assustadoras ameaças são motivos para debochadas gargalhadas, já que eles sabem que nossos medos são apenas os reflexos de nossos próprios erros... presentes ou do passado adormecido.

É, quantas vezes não fui até um desses companheiros, assombrado pelo temor, e fui recebido com uma risada alegre que tinha o dom de me descontrair e me transmitir uma confiança inexistente até poucos instantes antes?

Hoje sei que os Exus atuam muito mais a partir dos nossos medos, quando nos devolvem a autoconfiança, que a partir de seus próprios poderes. Eles nos recebem, descontraem-nos, devolvem-nos a autoconfiança e, sem que saibamos como, logo estamos lutando novamente pelos nossos objetivos e desejos, os quais havíamos abandonado porque não acreditávamos mais em nós mesmos.

Enquanto me lembrava dos meus guias espirituais, ia deduzindo coisas que até então nunca haviam me ocorrido. Foi pensando nos guias que, mentalmente, comecei a clamar por suas presenças.

Mas meus clamores ecoaram tão intensamente que meus tímpanos quase explodiram. Deduzi que não saíam daquela faixa vibratória onde eu me encontrava ou havia me aprisionado.

Clamei pelos Sagrados Orixás e o mesmo aconteceu. Então clamei a Deus, e o eco foi tão forte que caí de joelhos.

Nem pensar em socorro eu podia, pois minhas vibrações mentais ecoavam e retornavam, já amplificadas, aos meus ouvidos e feriam meus tímpanos.

Todos os meus pensamentos começaram a retornar e a única forma de me livrar daquele incômodo foi não pensar em nada, absolutamente nada!

Algum tempo depois comecei a sentir que meus tímpanos voltavam ao normal. Mas, naquele não pensar, um silêncio perturbador começou a incomodar-me.

Voltei a pensar para livrar-me do silêncio, e os ecos atordoaram-me. Então parei de pensar novamente e conformei-me com o silêncio.

No mais absoluto silêncio eu ouvia meus passos e deduzi que pisava sobre uma areia seca, muito seca!

Só então percebi que estava descalço, pois não suportava pisar na terra!

– Meu Deus! O que aconteceu comigo? Onde estou e por que estou assim? – exclamei assustado.

O eco foi tão ensurdecedor que me ajoelhei e tapei os ouvidos com as mãos, tentando não ouvir minha voz e meus temores.

Ainda ajoelhado, quando os ecos cessaram, colhi um pouco daquela areia nas mãos e senti que realmente ali era seco, muito seco!

Então me ocorreu que poderia estar no meio de um "Saara" espiritual. E exclamei:

– Meu Deus! Estou só, descalço, e no meio de um deserto? E se ficar com sede? Morrerei com certeza!

O eco ensurdecedor jogou-me contra o solo arenoso e rolei de tanta dor que senti nos ouvidos.

– Não devo falar ou pensar! – pensei, ainda com os ouvidos doendo. E pensar em não pensar só prolongou minha dor de ouvidos.

Aquietei-me de vez e nada mais falei ou pensei. Quando a dor desapareceu, levantei-me e segui em frente, já que não via nada além da escuridão total.

Levei minhas mãos até diante dos olhos e não as vi. Olhei meu próprio corpo e não me vi. Prestei atenção no que eu via e nada vi além de uma escuridão

total. Então concluí que nada via, nada podia pensar ou dizer, e isso sem contar que estava no meio de um deserto arenoso. – Será que fiquei cego? – perguntei-me. Mas no instante seguinte já me arrependia por ter perguntado aquilo.

– Não pensar! É isso, e nada mais, deduzi.

Algum tempo depois, com os ouvidos ainda doloridos, voltei a caminhar pelo deserto espiritual.

Nada pensava, dizia ou via! E caminhei, caminhei e caminhei.

Talvez já tivessem passado dias, meses ou anos naquela caminhada silenciosa, pois também tinha perdido a noção do tempo.

Era estranho, mas não me cansava de tanto caminhar. Com o passar do tempo, comecei a sentir a textura da areia onde pisava. Às vezes a sentia muito fina, outras mais grossa e em outras até sentia algumas pedrinhas misturadas a ela.

Como não via nada, fui apurando minha percepção e, quando pisava em alguma daquelas pedrinhas, abaixava-me e a pegava, tentando identificá-la. Pareciam pedregulhos! E eu quase podia vê-los.

Fui apurando, sem saber que o fazia, uma visão percepcional. Ou seja: não via com os olhos, mas sim com minha percepção.

Acho que já haviam passado séculos (no meu não pensar, não falar e não ver), quando pisei numa pedra maior, que deixou a sola do meu pé meio dolorida.

Apanhei aquela pedra e a olhei com minha visão percepcional até visualizá-la bem. O tato era de fundamental importância naquela contemplação percepcional.

O que não via, eu podia sentir com a ponta dos dedos. E sentei-me para melhor visualizar aquela pedra, diferente dos pedregulhos ocasionais.

Já ia comentar minha conclusão de que pedra era aquela quando me lembrei do eco, que veio do mesmo jeito, pois havia pensado: é uma pedra preciosa!

Algum tempo depois a recolhi novamente e continuei minha caminhada, já em um solo mais pedregoso. De vez em quando, abaixava-me e recolhia alguma pedra, à qual examinava com minha percepção e tato, cada vez mais apurados.

Não sei como, mas chegou um momento em que, mesmo sem vê-las realmente, sabia se eram verde, azul, vermelha, etc. E me admirei com minha nova e espantosa capacidade.

Muito tempo já havia se passado quando consegui sentir a diferença que existia entre uma e outra daquelas pedras, e a que existia entre elas e as areais finas, médias e grossas.

Apurei minha percepção a tal ponto que conseguia sentir suas irradiações energéticas, umas diferentes das outras!

Pouco a pouco fui estabelecendo uma escala diferenciadora que me permitia reconhecer uma pedra assim que pisava nela ou a pegava com as mãos.

Apurei-me a tal ponto que conseguia distinguir, só com a percepção, as várias tonalidades de uma mesma cor. Eu não as via realmente, mas as sentia!

Caminhava com cuidado e tentava perceber as pedras que estavam na minha frente, e só relaxei minha percepção quando até isso consegui captar. Creio que desenvolvi a capacidade dos morcegos, que voam direcionando-se unicamente com seus "radares" percepcionais.

– Cego, mas nem tanto! – exclamei feliz, já me esquecendo do eco, que atingiu meus tímpanos como adagas, quase os perfurando.

– Droga! Por que isso? Preciso apurar meu senso auditivo e descobrir a razão desse eco ensurdecedor! – exclamei furioso.

Cheguei a cair no solo, de tanta dor que senti após dizer tudo aquilo. Mas, quando consegui me levantar novamente, dei início ao aperfeiçoamento auditivo. Iria apurá-lo tanto quanto apurara a percepção.

Para mim, acho que aquele aprendizado auditivo demorou séculos. Mas após muito esforço consegui ouvir o som, se é que assim posso chamar, que as irradiações energéticas das pedras produziam.

Sim, até isso consegui, pois onde eu me encontrava o silêncio era total.

E pouco a pouco fui relacionando cor com som e comecei a reconhecer aquelas pedras por meio de suas cores, de suas consistências e do som que suas energias produziam enquanto estavam sendo irradiadas do interior das pedras.

Quando percebi nas proximidades uma pedra enorme, de som estranho e de cor preta, aproximei-me dela, assentei-me e dei início ao seu estudo.

Ela era impenetrável tanto à minha audição quanto à minha percepção e intrigou-me o suficiente para não me afastar dela enquanto não a decifrasse.

Sim, decidi fazer isso com aquele monolito negro, pois ela era enorme!

Acariciei-a, percebendo sua textura e consistência, diferente de todas as que ali existiam, e já bem conhecidas por mim.

Recolhi uma porção de pedras com várias cores e tonalidades e criei minha própria escala irradiante, vibratória, energética e sonora. E quando vi que ela assemelhava-se ao teclado de um piano e a uma escala numérica, ocorreu-me que podia estabelecer uma escala centígrada, pois aquelas pedras não possuíam realmente a mesma temperatura.

Antes de voltar minha atenção ao monolito negro, aperfeiçoei-me na capacidade de distinguir a temperatura de cada uma daquelas pedras da minha escala. Enquanto eu estudava esse novo aspecto daquelas pedras, descobri o magnetismo individual de cada uma delas e, quando me dei por satisfeito, comecei a comparação delas comigo mesmo.

Sim, eu havia aprendido com alguns guias espirituais que existe uma correspondência magnética, vibratória, energética, sonora e colorida em tudo e entre tudo o que existe.

E se eles haviam me ensinado aquilo, é porque eles conheciam essas correspondências.

Procurei recordar-me de tudo o que haviam me ensinado e, se não foi muito o que recordei, no entanto, me lembrei de ter ouvido o Senhor Caboclo Sete Cachoeiras dizer-me que não são as sete cachoeiras, mas sim as sete faixas vibratórias da água que seu nome simbólico significava.

Sim, era isto: não eram sete quedas de água, mas sim sete padrões ou faixas vibratórias aquáticas que seu nome significava.

Também me recordei do que o Senhor Caboclo Sete Pedras havia me dito: as sete pedras não são realmente sete pedras. São, isso sim, sete condensações energéticas do elemento mineral, que é regido pela Orixá Oxum.

Recordei-me do Senhor Caboclo Sete Estrelas dizendo-me: "filho, as sete estrelas não são realmente sete estrelas. Simbolicamente elas estão significando as sete irradiações celestiais dos sagrados regentes planetários".

Recordei-me do Senhor Caboclo Sete Espadas dizer-me que elas nada mais são que os sete poderes da Lei que, se são cortadoras dos males, no entanto, atuam com a mesma precisão do bisturi de um exímio cirurgião, que só corta do corpo sua parte necrosada, e nunca seus tecidos sadios.

Pouco a pouco, fui recordando do que os Senhores Caboclos haviam me dito sobre os mistérios ocultados por seus nomes simbólicos. Não vou relacioná-los aqui senão me alongarei demais e sem necessidade, pois já perceberam o que quero que entendam: por trás de cada nome simbólico está um mistério que, se é diferente de todos os outros, no entanto traz em si mesmo toda uma correspondência ou analogia com todos os outros que existem.

Procurei estabelecer essa correspondência analógica, e minha escala sofreu um aperfeiçoamento, pois, quando a senti perfeita, os sons, cores, energias e magnetismos, apesar de individualizados, formavam um todo. Só não gargalhei de alegria porque sabia que o eco me atingiria. Mas que vibrei de alegria, isso vibrei.

Minha cegueira não era, de fato, um tormento!

Ela ajudava-me a aperfeiçoar meus sentidos suprafísicos e extra-humanos!

No plano material, os olhos e os ouvidos serviam para muitas coisas. Mas eu estava descobrindo seus substitutos naturais em mim mesmo. E ia descobrir em mim mesmo com quais daquelas pedras esses meus sentidos suprafísicos se correspondiam e com quais energias espirituais as delas se relacionavam.

Lembrei-me de que havia conhecido pessoas que realizavam curas recorrendo à terapia com pedras. E que entre as pedras e a radiônica existia uma correspondência. Pena que eu não havia estudado nem o uso terapêutico das pedras nem a radiônica.

– Estúpido! Imbecil! – censurei-me. E fui punido pelo eco por não ter estudado tais assuntos!

Mas aquietei-me e dei início ao novo objetivo, quando encontraria as devidas correspondências entre minha escala e eu mesmo!

Devo ter demorado milênios para conseguir corresponder-me com minha escala de pedras. Mas, depois que encontrei a chave de como descobrir as correspondências, aí foi só uma questão de "séculos" de prática, e nada mais.

E, quando realmente comprovei que se absorvesse um tipo de energia, de uma cor, de um magnetismo e uma vibração, meu corpo energético reagia em um determinado órgão, que correspondia com um dos sentidos, uma das virtudes, uma das linhas de forças, e um padrão vibratório exterior, mas comum a tudo e a todos, então ousei fazer algo que um dia o Caboclo Sete Pedras havia me ensinado a chave: como absorver a essência de uma pedra e passar a ser um irradiador do seu "axé".

Sim, a chave ele havia me dado. Só não havia me ensinado as correspondências, ou onde alojar as essências, transformando-as em axés minerais armazenados em mim mesmo.

– Caboclo sabido! – exclamei feliz, para me arrepender no instante seguinte, com minha tola observação, pois o eco era cada vez mais penetrante e dolorido.

Sim, à medida que apurava meus sentidos extra-humanos, ele era mais intenso e penetrante.

O fato é que eu tinha a chave dada pelo Senhor Caboclo Sete Pedras, mas que não vou revelar-lhes, e fiz uso dela, cautelosamente.

Primeiro absorvi uma essência mineral azul, que foi alojar-se em um dos órgãos energéticos do meu corpo espiritual. Quando me certifiquei que estava tudo bem, absorvi mais outra, outra e outra. E absorvi os sete padrões básicos, alojando-os em mim mesmo, mas cada um em seu devido lugar.

Depois, recorrendo a outra chave, que recebera ou do Senhor Caboclo Sete Estrelas ou do Senhor Caboclo Arranca-toco, pois já não me lembrava direito quem havia me ensinado o quê, absorvi toda a escala de uma só vez e a alojei em meu íntimo, onde dali em diante recorreria a ela, que já fazia parte de mim mesmo.

– Sim, senhor! Agora sou um homem de pedra! – exclamei e ri. E não me incomodei com a dor do eco, pois a felicidade era grande. Mas, quando parei de rir, acho que fiquei uma década com dor de ouvido, pois ela não passava de jeito nenhum!

Mas, após aquela década de dor de ouvido, ela desapareceu e pude comprovar que era realmente um homem de pedra, pois localizava qualquer pedra no meio de um monte delas, e me colocava em vibração com ela imediatamente. Até podia estender a mão direita e puxá-la de baixo de outras e fazê-la vir parar na palma, como se atendesse minhas vibrações mentais e meus desejos.

Não me demorei mais que um "século" naquele treino. E tanto foi fácil que consegui fazer vir até a palma de minha mão direita aquele primeiro pedregulho que havia pisado. Isso "milênios" atrás, certo?

Sim, para mim o tempo parecia não contar ou existir. E parecia demorar tanto que prefiro usar os termos décadas, séculos e milênios para mostrar o quanto parecia demorada a passagem do tempo naquele lugar onde o silêncio era

quase absoluto, pois já ouvia claramente o som das pedras, ou de suas irradiações energéticas.

Então eu, o novo "homem de pedra", voltei minha atenção ao monolito negro que, todo imponente, me desafiava a decifrar seu enigma.

Voltei a acariciá-lo e a senti-lo para captar suas irradiações energéticas e ouvir seu som.

Depois de "contemplá-lo" durante décadas, deduzi que devia ser uma pedra semelhante ao ônix, muito usado pelos "magos das pedras" em seus trabalhos magísticos-espirituais e por alguns Exus, meus conhecidos.

Sim, lembrei-me bem do que um Exu guardião havia me revelado: eu uso esse ônix para enfraquecer energeticamente meus adversários ou teus inimigos espirituais, companheiro!

– Sim, senhor! – exclamei de repente. – É isso! Isso só pode ser uma pedra de ônix! Por que fui exclamar minha descoberta!

Minha cabeça quase explodiu, e quase morri ali, de tanta dor que senti!

– O silêncio é a alma do segredo, companheiro! – falou-me uma voz sarcástica, que, pareceu-me, vinha de dentro do monolito de ônix.

– Quem está aqui? – perguntei, temendo a dor do eco.

– Aí não tem ninguém, homem de pedra. Mas aqui dentro estou eu, o senhor Exu Guardião da Pedra Negra! Há, há, há...

– Por que agora o eco não me incomoda?

– Agora você tem com quem falar. Antes falavas para si mesmo, e de dentro de si mesmo. Há, há, há... homem de pedra, há, há, há...

– Ouça: se eu não estivesse feliz por finalmente ouvir alguém que não eu próprio, o mandaria à p...

– Cuidado com o que vai dizer, homem de pedra! Há, há, há... desculpe-me pelo riso, mas não posso conter-me! Há, há, há... homem de pedra! Há, há, há.

– Droga, lá no plano material costumávamos dizer que as paredes tinham ouvidos. Mas aqui, acho, são as pedras que os têm!

– Quá, quá, quá... – era o riso, ou melhor, as gargalhadas de muitos outros que saíam de dentro do ônix, e pareceu-me que milhares de pessoas riam de mim, o novo homem de pedra. E, como dizem: quando não podemos com o inimigo, juntemo-nos a eles! Então comecei a rir também e dei uma palmada no monolito negro... e as gargalhadas cessaram!

– Isso não teve graça nenhuma, homem de pedra! – censurou-me o senhor Exu Pedra Negra, ou quem quer que estivesse dentro daquele ônix.

– O que aconteceu, companheiro?

– Você realmente é um homem de pedra, homem de pedra! Esse tapa dado aí refletiu aqui no meu Trono de ônix e isso não foi nada engraçado, sabe? Você não está mais no plano material, e aqui tudo vibra e reflete em alguma coisa. Como estou em sintonia vibratória com você por meio desse ônix aí existente, refletiu justamente em mim, homem de pedra! Não faça isso novamente, senão interrompo nossa ligação mental, e você voltará a falar sozinho!

– Desculpe, companheiro. Foi sem querer!

– Vou desculpá-lo desta vez. Mas cuidado, pois você é realmente um "pedregulho", sabe.

– Se o companheiro está dizendo, acredito. E serei cuidadoso. Afinal, não quero indispor-me com ninguém, muito menos com o poderoso Exu guardião Pedra Negra, certo?

– Ei, homem de pedra, você ainda se lembra de quando fez alguns despachos para uns Exus de Lei Pedras Negras que atuavam lá no plano material?

– Eu fiz?

– Você já não se lembra mais?

– Bom, devo ter feito sim. Afinal, acho que dei oferendas ou fiz despachos pra tudo quanto é Exu que baixa nos centros de Umbanda!

– Pra todos?

– Sei lá. Mas acho que sim. Deixe ver se me lembro! Exu...

E fui citando nomes e mais nomes de Exus que haviam recebido algum despacho ou oferenda de minhas mãos. Quando terminei, ele exclamou:

– Puxa, homem de pedra, você foi mesmo um servidor da Lei e dos Exus de Lei. Com essa lista, você pode transitar por 90% do astral negativo dos regentes planetários sem o menor problema.

– Posso?

– Claro! Você não sabe que uma oferenda é a abertura do campo do Exu oferendado, e um despacho de Lei é um crédito junto ao Exu guardião do mistério?

– Não. Mas gostaria de saber como isso funciona. Você pode ser mais explícito?

– Claro que posso. Você não quer vir até aqui?

– Ir até aí?

– Sim.

– Não sei não, sabe?

– Sei. Você está com medo, certo?

– É claro que estou. Só o conheço de nome. Não sei entrar nesse ônix, e muito menos sair dele. E se aqui tudo é silêncio, aí tudo poderá ser encrencas para mim, não é mesmo?

– Eu gostaria de retribuir pessoalmente seu esforço para ajudar uns médiuns que tinham Exus Pedras Negras de Lei em suas esquerdas, e aos quais você abriu o campo de atuação no meio material-espiritual.

– Retribuir-me? Como é isso?

– Ora, você abriu um campo para vários dos meus Exus de Lei, e eu gostaria de abrir meus domínios para você. Isso é retribuição, homem de pedra. Afinal, você não pensou que eu iria dar-lhe umas garrafas de marafo, certo?

– Nem estava me lembrando de pinga, companheiro. Para dizer a verdade, nunca gostei dela. Sempre preferi champanhe.

– Entendo! Você aprecia mais a companhia das "meninas", não é mesmo?

– Não é nada disso!!!

– Não?! Então por que prefere a bebida delas?

– Muito antes de saber que o champanhe era a bebida delas, eu já o apreciava.

– Procure em você mesmo e vai descobrir alguma afinidade, homem de pedra!

– Você não está insinuando que sou ou tenho alguma tendência "feminina", não?

– É claro que não! Que é isso? Daqui de onde estou dá para ver o quanto você é macho. Eu só quis alertá-lo para alguma coisa oculta em sua natureza pessoal que o faz preferir a bebida delas. Mas sem segundas ideias, certo?

– Ainda bem.

– Você não conhece a si mesmo?

– Conhecer-me como?

– Nesse aspecto, oras?

– É claro que me conheço. E não tenho a menor tendência para esse...

– Não foi isso que eu disse, homem de pedra. Você tem de conhecer a si mesmo, caso queira sobreviver fora desse meio neutro onde se encontra agora. Fora daí tudo será diferente.

– Diferente, mas para melhor ou para pior?

– Tudo dependerá do que o aguarda mais adiante. Eu não tenho como saber.

– Você não é o Senhor Exu Pedra Negra?

– O que há de mais em ser quem sou? Afinal, minha pedra é a negra, e não uma bola de cristal, certo? Há, há, há... gostou dessa, homem de pedra?

– É, essa foi boa. Mas acho que você pode ver o futuro na sua pedra negra, não?

– Não falemos disso, certo? Não uso minha pedra para futilidades humanas.

– Tudo bem. Mas que você pode ver o futuro em sua pedra, isso pode.

– Como é? Você vem ou não vem? – perguntou-me ele, já impaciente.

– Só vou se antes você me revelar como sair daí. Do contrário, fico aqui mesmo!

– Você é bem desconfiado, não?

– Onde até as pedras têm ouvidos toda precaução é pouca. Além do mais, você pode ver-me daí e eu não consigo ver-me aqui onde estou. Não acha que devo ser precavido?

– Devia confiar mais em mim, homem de pedra. Afinal, fui eu quem o relembrou do segredo do ônix. Ou você não notou isso?

– Você me lembrou?

– Eu mesmo. E se não tivesse feito isso você ainda estaria aí, quebrando sua cabeça dura, para descobrir alguma coisa sobre esse monolito negro.

– Então... se você fez isso...

– Exato. Outros guardiões dos mistérios dessas outras pedras ensinaram tudo o que você precisava saber para se tornar um verdadeiro homem de pedra. Ei, por que você está ficando triste?

– Eu acreditava ter feito todas essas descobertas sozinho.

– E o que tem de mais se recebeu uma ajuda extra? Devia ficar feliz por ter sido instruído pelos guardiões desses mistérios, homem de pedra! Não é a qualquer panaca que eles revelam tudo o que revelaram a você.

– Que idiota que fui!

– Idiota? Você se acha um idiota depois de ter conseguido algo que só uns poucos já conseguiram até agora? Ei, pare com esse sentimento de tristeza, senão daqui a pouco não conseguirei vê-lo mais.

– Por quê?

– Ora, você está em uma faixa neutra e a luz exterior aí não penetra. Só posso vê-lo por causa da luz que você irradia. Vamos, volte a ser o alegre homem de pedra de instantes atrás!

– Esqueça-me! Sou um idiota que por algum tempo acreditou-se um gênio.

– Homem de pedra, não pense assim. Você é realmente muito inteligente. Se não fosse, não teria conseguido captar tudo o que estavam lhe ensinando!

– Esqueça-me, Exu Guardião do Mistério da Pedra Negra. Finalmente me convenci de que sou um completo idiota.

– Você está se apagando todo, homem de pedra! Já não estou conseguindo vê-lo. Vamos, volte a vibrar positivamente para que eu possa retirá-lo daí e mostrar-lhe o que tenho a oferecer-lhe como retribuição.

– Esqueça-me, companheiro.

– Homem de pedra, cadê você? Sua luz apagou-se totalmente, e já não o vejo mais. Vamos, volte a sorrir, homem de pedra!

– Deixe-me em paz, está bem?

– Acho que não deviam tê-lo ensinado a absorver aquelas pedras.

– Acha? Por quê?

– Bom, acho que a que tem correspondência com seu racional o deixou com a cabeça dura, sabe! Há, há, há,... essa é boa, não?

–É. Muito engraçado mesmo. Adeus!

– Você sempre foi apreciador do humor sarcástico, não?

– Fui sim. Mas já não acho nada engraçado.

– Tudo bem. Só quis alegrá-lo e torná-lo luminoso novamente, homem de pedra! Acredite-me, pouquíssimos conseguem aprender em tão pouco tempo o que você aprendeu.

– Pouco tempo? Estou aqui há milênios incontáveis, e acha pouco o tempo que demorei para aprender o que muitos estavam me ensinando o tempo todo?

– Quem lhe disse que está aí há milênios?

– Eu sei.

– Como você sabe, se aí é um meio totalmente neutro, onde o tempo não existe?

– Então estou certo. Já faz muitos milênios que estou aqui.

– Agora sim você está se portando como um perfeito idiota, pois o vi em sua casa a seis dias do plano material, e ainda estava no seu corpo carnal.

– Que é isso? Está tentando iludir-me, não?

– De jeito nenhum, homem de pedra!

– Está sim. Acho que você percebeu que deu uma mancada ao revelar-me que eu era um idiota que se achava um gênio e agora quer consertar tudo fazendo-me crer que estou aqui só a uns poucos dias. É isso, não?

– Não acredito que esteja agindo assim, homem de pedra! Você sempre foi meio cabeça dura, mas agora está se excedendo, sabe?

– Você quer dizer que sempre fui meio idiota, mas que agora me tornei um idiota por inteiro, não?

– Você não está em condições mesmo, homem de pedra. Sinto muito por você, pois tinha algo grande, à sua altura mesmo, reservado para você. Acho que tanto eu quanto todos os outros guardiões dos mistérios das pedras nos enganamos a seu respeito, sabe?

– Sei sim. Quem mandou vocês acreditarem em um idiota?

– Nós acreditávamos que você seria o curador ideal para os espíritos caídos em nossos domínios.

– Você quer dizer que ia retribuir-me colocando-me para cuidar de espíritos sofredores?

– Isso mesmo.

– Isso lá é retribuição? Justo a mim que já dediquei boa parte de minha vida só cuidando deles, que nunca paravam de chegar à minha casa? Você acha que eu gostava de sustentá-los ou que era agradável sentir o tempo todo suas vibrações de dor, aflição e desespero? Isso lá é recompensa para alguém que já os suportou por tantos anos? Meu Deus, que loucura! – gritei eu.

E aquelas duas últimas exclamações ecoaram, ou melhor, trovejaram em meus tímpanos. Mas continuei a gritar desesperado que já estava cheio de espíritos sofredores em minha vida. E, apesar dos doloridos ecos, comecei a chorar compulsivamente, enquanto me afastava dali aos tropeções e tombos.

– Homem de pedra! Cadê você? Vamos, fale comigo, por favor! – implorou o Exu Guardião da Pedra Negra. Outros guardiães dos mistérios das outras pedras também me chamaram, mas eu estava tão atormentado por me achar um débil mental que me afastei às pressas dali. Eles não ouviam meu choro, pois ele não lhes era endereçado. Apenas eu mesmo o ouvia, e sofria o efeito do eco cortante.

Cheguei a um desespero tão grande que não percebia mais nada, e não notei que havia me afastado do solo arenoso.

Sim, eu havia chegado a um lugar onde o solo era coberto de pedras pontiagudas e cortantes, e suas pontas feriam a sola dos meus pés, levando-me à loucura por causa da dor.

Meu Criador, que desespero!, que aflição foi sentir dezenas, talvez centenas de pontas cortantes que penetravam em meus pés assim que eu pisava!

Quanta dor eu sentia ao caminhar por aquele lugar!

Cada passo era um suplício, e por todos os lados eu estava cercado por aquelas pedras cortantes.

Já sentia a sola dos pés empapadas de algo pegajoso que corria abundantemente pelos cortes. A dor era tanta que subia pelos ossos das pernas, alcançando até minhas coxas, que bambearam, e caí estatelado em cima de milhares de pedras pontiagudas que penetraram em mim e perfuraram todo o meu corpo. Até meu rosto foi perfurado, e senti um líquido quente correr face abaixo.

Então, em desespero e todo ferido, exclamei:

– Punam-me, mas punam-me mesmo, pois fui um idiota em acreditar que agia corretamente, quando errava, errava e errava! Punam-me com todas as dores do mundo! Afinal, eu não tirei muitas dores alheias? Que agora elas, todas elas, recaiam em mim e me transformem em uma expressão viva das dores que tirei dos espíritos sofredores, meu Criador!

Eu não pronunciava seus nomes, mas referia-me aos Sagrados Orixás, aos quais eu acreditava ter servido. Mas, como havia me descoberto um idiota, então também acreditava que os havia desservido e clamava por punição e mais punição. E, em meio à maior dor e aos gritos de dor, levantei-me e caminhei sem rumo, pois ali não havia luz. Meu corpo estava coberto por aquele líquido viscoso e quente, já que de tempo em tempo minhas pernas começavam a tremer de tanta dor e eu caía, ferindo-me todo.

Quanto tormento, quanta dor e quanto sofrimento!

– Punam-me, punam-me, punam-me! Clamava eu, em meio ao desespero dos desesperos!

Para mim, aquele sofrimento durou milênios incontáveis e parecia não ter mais fim. Então, já delirando de tanta dor que sentia, exclamei aos prantos e às gargalhadas: Dor, eis meu novo nome! Sim, agora sou o homem da dor! Há, há, há...

Às vezes ria, outras chorava e outras emitia gritos lancinantes, pois pisava em cima de pedras maiores, cujas pontas afiadíssimas penetravam fundo em meus pés e levavam-me a quedas violentas e abruptas.

Tanto vaguei naquele tormento que, em dado momento, saí da escuridão total e caí num solo coberto por uma relva verde e macia, onde fiquei chorando e gritando de dor.

Eu voltara a ver. Mas, quando olhava para o lado de onde tinha saído, via uma escuridão total e impenetrável.

– Que inferno é esse, meu Deus? – perguntei em franco desespero, pois me via coberto por pedaços de cristais espetados em meu corpo, e manchados pelo sangue que corria pelos cortes.

– Isso aí não é inferno, sofredor! – exclamou uma voz imponente, bem próxima de onde eu me encontrava.

– Se não é o inferno, então o que é isso aí? – perguntei aos prantos.

– Não sei como você entrou ou saiu daí, mas esse lugar aí é a faixa neutra onde estão guardados os mistérios minerais-cristalinos, sofredor. Por que você desobedeceu à Lei e entrou aí?

– Eu não entrei aí. Alguém havia me aprisionado dentro desse inferno cortante.

– Se você se referir mais uma vez a esse lugar sagrado como inferno, eu o punirei, sofredor! – advertiu-me aquele senhor sisudo, que se cobria com uma veste estranha e portava uma espada que parecia ter sido feita de vidro, ou de quartzo, sei lá!

– Está certo. Mas, se não é, então por que estou assim, todo coberto de cacos de vidro que estão espetados em meu corpo?

– Toda essa faixa neutra é cercada por um cinturão de quartzos pontiagudos, sofredor.

– Por quê? É para que os que caem lá dentro nunca mais saiam?

– Não. Esse cinturão existe exatamente para impedir que alguém penetre aí e entre em contato direto com os mistérios minerais-cristalinos vivos que aí foram colocados pelo divino Criador. E se alguém tentar volitar, pensando em passar ileso pelo cinturão protetor, será atraído de encontro ao solo, quando então pagará caro por ter tentado penetrar no impenetrável mistério dos mistérios minerais-cristalinos. Por que você tentou penetrar?

– Já lhe disse que alguém me aprisionou aí dentro. Será que o senhor é surdo? – falei, ainda aos prantos.

– Só não o puno por sua insolência e mentira porque sei que está fora de seu juízo normal. Mas, assim que for tratado, vou enviá-lo a uma prisão onde são recolhidos todos os idiotas que transgridem a Lei que rege esse mistério mineral-cristalino.

– Ninguém irá tocar em mim! Nem o senhor tocará em mim! Se quiser, pode cortar-me em mil pedaços com sua espada de vidro. Mas ninguém encostará as mãos em mim de agora em diante, pois eu sou a dor. Sou a dor viva que perambulará pelo mundo até que alguém me diga por que fui lançado em um meio cercado por cacos de vidro!

– Ouça, sofredor, se eu tocá-lo com minha espada não o cortarei. Mas o reduzirei à sua semente original! Eu sou um guardião cristalino!

– Faça isso então, guardião. Toque-me com sua espada e irá sentir como é a dor viva! Vamos, toque-me com sua espada de vidro, pois de cacos de vidro meu corpo está cheio! – exclamei, em desafio aberto àquele guardião cristalino.

– Você está louco, sofredor. Vou ordenar que o recolham a um abrigo para que tirem esses cristais encravados em seu corpo energético.

– Já disse e volto a repetir: ninguém irá tocar em mim sem minha permissão!

– Você está louco, sofredor. Como é seu nome?

– Dor, guardião. Eu me chamo dor viva. E, se alguém me tocar, será inundado com minha dor no mesmo instante. Não está vendo que a grama embaixo

do meu corpo já secou? Olhe onde pingou meu sangue! Não vê que ele matou a grama?

O guardião olhou e só então começou a acreditar em mim, pois realmente a grama embaixo e em volta do meu corpo já havia amarelado e secado.

– Sagrados mistérios!!! – exclamou ele, recuando alguns passos. E logo chamou outros guardiões e mais algumas pessoas, digo, espíritos, que o ouviram, um tanto curiosos e outro tanto assustados.

Um senhor, que se apoiava num bastão de vidro semelhante a uma bengala, encostou-a em minha perna e ela trincou e partiu-se em mil pedaços, que caíram sobre mim. Ele também emitiu um grito de dor, pois minha dor irradiou-se pelo bastão e atingiu sua mão direita, deixando-a dura como vidro.

– Meu divino Criador! – exclamou e clamou ele, por causa da dor que começou a sentir.

– Aproxime-se, ancião, essa dor é minha e vou tirá-la do senhor, pois não partilho o que consegui à custa de tanto sofrimento, angústia e desespero!

– Se você me tocar certamente me inundará com sua dor, sofredor.

– Está enganado, ancião. Essa dor é minha, e só o atingiu porque não acreditou no que ouviu. Vamos, estenda sua mão direita que tirarei toda a dor que o possuiu.

– Você é uma ira divina, sofredor? – perguntou o Guardião Cristalino.

– Não, senhor. Sou só uma dor viva, e nada mais. Vamos, ordene ao ancião que estenda logo essa mão, pois logo a dor que sente se espalhará pelo resto do corpo e o paralisará todo.

Como ninguém tomava a iniciativa, falei:

– Ancião, você não acredita em Deus?

– É claro que acredito – respondeu ele, já sentindo a dor subir-lhe pelo braço.

– Então confie n'Ele e estenda logo esse braço.

– Já não consigo movê-lo – respondeu ele, já vertendo lágrimas de dor.

Como não vi outro jeito, apanhei um dos pedaços de sua bengala e, em um esforço muito grande, magnetizei-o tão intensamente que todos os cacos foram atraídos e votaram a formar de novo o bastão de vidro. Então me levantei e toquei sua mão com ele, que ficou rubro como sangue, mas retirou toda a dor viva dele e a devolveu à minha dor.

No mesmo momento ele parou de sofrer e ficou olhando para o bastão, que estava com uma cor igual ao sangue vivo. Então pedi-lhe:

– Posso ficar com seu bastão para me apoiar nele, ancião?

– Pode sim, sofredor. Acho que, se alguém tocá-lo, irá absorver essa ira divina na forma de dor.

– Obrigado. Que Deus lhe pague por me emprestar um apoio para que eu possa manter-me de pé. Como faço para sair daqui?

– Não existe uma saída, sofredor. Esse plano margeia essa faixa neutra que oculta os mistérios vivos minerais-cristalinos.

– Mistérios vivos? Só vi pedras e areia lá dentro, ancião.

– Você viu? Como você viu se essa faixa é impenetrável até à própria luz, para que seus mistérios permaneçam invisíveis e invioláveis?

– Não importa como vi. Mas lá dentro é só um areião que parece um deserto, e tem um lugar cheio de pedras. Só isso vi aí dentro!

– Você ultrapassou o cinturão protetor?

– Sim. Mas foi quando me afastei daquele ônix falante. Só depois é que penetrei nesse solo cheio de cacos de vidro... que me deixou nesse estado.

– Você disse que conversou com um ônix? – perguntou o Guardião Cristalino.

– Conversei.

– E resistiu ao tormento da faixa protetora?

– Estou aqui, não?

– Está sim, sofredor. Para onde você deseja ir, agora que se livrou dessa sua prisão?

– Gostaria de ir a algum lugar onde não tenha ninguém para me incomodar com perguntas, pois não tenho a menor vontade de conversar. Só quero vivenciar minha dor e nada mais.

– Existe uma forma de sair desse plano, sofredor.

– Como saio daqui e isolo-me de tudo e de todos?

– Eu posso abrir uma passagem para outro plano ou dimensão, e aí você segue pelo túnel que conduz a ele. A seguir, eu o fecho e você passará a viver sua dor em um lugar onde ninguém o incomodará com perguntas.

– Obrigado, guardião. Faça isso para mim, pelo amor de Deus, pois preciso ficar a sós por algum tempo.

– Vou abrir uma passagem para você, sofredor!

– Deus lhe pague, Guardião Cristalino. Eu devia ter dado ouvidos àquele ônix falante, sabe?

– É, devia sim, sofredor. Mas agora não adianta lamentar-se, não é mesmo?

– O senhor tem razão. Eu errei e clamei por punição, então não adianta lamentar-me.

Ele nada falou. Apenas irradiou com as mãos, e um buraco foi se abrindo até formar uma passagem semelhante a um túnel. Então ordenou:

– Atravesse-a logo, sofredor!

– Sim, senhor. Só não posso caminhar depressa por causa desses vidros cravados na sola dos meus pés.

– Compreendo. Sustentarei essa passagem até que a tenha atravessado.

– Obrigado. Perdoem-me pelo incômodo que lhes causei.

E assim, passo a passo e soluçando de dor, atravessei o estranho túnel que me conduziria a um lugar onde ninguém me incomodaria com perguntas e eu teria um pouco de paz para vivenciar minha dor.

Ia olhando para o solo e quase nada via, pois os olhos estavam inundados de lágrimas. Mas, assim que pisei dentro da nova dimensão, um calafrio percorreu

meu corpo e um pavor horrível fez com que emitisse um grito de medo: ali o solo estava coalhado de serpentes. Então gritei:

– Meu Deus! Tenho pavor de cobras! – virei-me para retornar pelo túnel, mas ele se fechou e fui aprisionado em uma dimensão habitada por serpentes. Que medo! Que pavor senti ao ver-me mais uma vez lançado em um pesadelo tão ou mais assustador que o anterior!

Do outro lado, o ancião perguntou ao guardião:

– Por que o enviou àquela dimensão tão assustadora e tão temida?

– Não sei se ele falou a verdade. Mas, se falou, então achei melhor aprisioná-lo em uma dimensão onde não revelará nada a ninguém sobre os possíveis mistérios que possa ter visto, ou imaginado que viu.

– Ele está sofrendo muito.

– Eu sei. Até parece que aqueles cristais fazem parte do corpo dele, não?

– Parece sim. Mas pelo que o ouvi gritar ao ver-se cercado por serpentes, creio que enlouquecerá em pouco tempo.

– Ou se aprisionará em uma forma plasmada rastejante, não?

– Isso também, guardião.

– Então a Lei terá se cumprido, ancião. Nós não teríamos de aprisioná-lo por ter infringido a Lei que proíbe todos de penetraram nesse meio neutro?

– Está certo. Acho que a Lei se cumpriu de qualquer forma. Avise-me se algo anormal voltar a ocorrer.

– Eu o avisarei, ancião.

Quanto a mim, bem, não fui atacado por nenhuma daquelas serpentes elementais, que captavam minhas irradiações de dor e afastavam-se o mais rápido possível. E só se aquietavam quando se colocavam fora do meu campo vibratório.

Menos mal, pensei.

Afinal, elas também sentiam pavor de um ser como eu. Mas por que haveriam de fugir?

O que as induzia a afastarem-se depressa de perto de mim?

Apesar da dor, a curiosidade começou a despertar minhas faculdades extrahumanas. E fiquei observando aquelas tranquilas e preguiçosas rastejantes.

Primeiro delimitei meu perímetro, pois nenhuma ficava dentro de um determinado círculo à minha volta. Depois fechei os olhos e abri minha visão percepcional, com a qual conseguiria ver o que minha visão comum nunca me mostraria. Também abri minha audição e comecei meus novos estudos.

Não sei ao certo, mas acho que permaneci uma dezena de milênios ali, parado como uma estátua dantesca, só estudando aquele tipo de vida rastejante.

Sim, eu perdi até minha própria noção de tempo e, se não fiquei imóvel uma dezena de milênios, devo ter chegado perto! E então percebi que não estava sentindo dor alguma.

– Por que não as senti? – indaguei-me, ainda concentrado em minha percepção.

– Acho que é essa hiperconsciência!

– Sim, é isso mesmo! O corpo energético está ligado ao emocional e ao racional, que estão ligados à consciência. E porque a desliguei deles e a desloquei até uma outra vibração, deixei de sentir as dores!

Se isso acontecera comigo, o homem da dor, então bastava eu estudar o mecanismo que possibilita esse desligamento de uma realidade incômoda e facilita a vivenciação de uma outra, que isola a anterior.

– Como estudá-la em mim mesmo se a realidade anterior anula essa minha capacidade muito superior de raciocinar?

– Talvez se eu deixar de sentir a dor desses cacos de vidro na sola dos meus pés, possa autoestudar-me. Sim, é isso! Aquele Exu da Pedra Negra havia me dito que eu precisava conhecer-me caso quisesse sobreviver fora daquele meio neutro. E se aquele guardião cristalino não mentiu, então existia um propósito superior que me conduziu até aquela faixa neutra onde estão ocultados os mistérios minerais-cristalinos vivos.

– Mas por que são vivos? Será que lá tudo é vivo e não percebi isso? Por que ele deixou de me ver assim que minhas vibrações tornaram-se negativas?

– Sim, ele disse que me via por causa da luz que eu irradiava. Se eu não via minha luz, no entanto via a cor das pedras com essa minha visão percepcional. E como uma pedra só é visível caso esteja refletindo alguma luz, então... então era minha própria luz que me permitia vê-las. Mas os olhos ou a visão humana não as viam, tal como não veem a luz que os espíritos encarnados irradiam! É isso! Descobri!

Demorei-me outros dez milênios para ordenar todas as indagações e todas as respostas. Mas, quando me dei por satisfeito, concluí:

– Sim, existe um propósito superior. E ele conduziu-me até aqui, pois aqui posso estudar à vontade os mistérios minerais cristalinos vivos sem que qualquer outra mente capte qualquer nova descoberta minha.

Sim, porque talvez aquele ônix falante estivesse tentando apossar-se, por meu intermédio, de algum mistério vivo que descobriu enquanto observava eu montar minha escala mineral-cristalina!

Até pode ser que ele fosse quem disse que era e queria ajudar-me. Mas, se não era o Senhor Exu Guardião da Pedra Negra, e sim algum gênio do ônix que pensou em apossar-se dos mistérios vivos que absorvi quando absorvi aquelas pedras? Afinal, se acredito no Guardião Cristalino, então absorvi mistérios minerais-cristalinos vivos!

– Meu Deus! Quantas perguntas!

Será que o ônix, por ser um mistério vivo, não aprisionou algum espírito caído que usou mal seu poder mágico, e o safado aprisionado viu em mim um meio de safar-se de sua prisão mineral?

Sim, porque, se no plano material usei o ônix com essa finalidade, talvez um dos próprios caídos que aprisionei dentro do ônix e que eram perversos magos negros estivesse tentando me iludir, para ganhar minha confiança e dominar-me

mentalmente para depois, usando dos mistérios vivos que agora tenho em meu íntimo, poder fugir de sua prisão mineral.

É isso!

O cristal é, vibratoriamente, superior ao mineral, e o safado ia usar-me para escapar de sua prisão! Ele ia dominar minha mente e extrair os mistérios vivos de mim para, depois de apossar-se deles, continuar com sua vida de fora da Lei! Que safado! Quase que me enganou quando veio com aquela conversa de homem de pedra. E por isso não me ensinou como sair do ônix. Ele não sabia, pois foi aprisionado!

– Sim, porque o Exu que trabalhava com o ônix entrava e saía dele sem problema algum. Mas aquele safado entrou puxado pela Lei e só sairá dele caso algum idiota o tire de sua prisão mineral. Mas qual tipo de idiota poderia tirá-lo senão alguém que seja portador de mistérios vivos cristalinos, que são superiores aos mistérios vivos minerais?

– Puxa! Ainda bem que me afastei dele e tornei-me invisível ao seu poder mental! Essa dor não foi em vão! Ela livrou-me de tornar-me escravo de um safado mago negro caído! Ainda acertarei minhas contas com ele, que não perde por esperar! Agora preciso arrancar alguns desses cacos de vidro e estudá-los para ver se são vivos mesmo.

Então tentei arrancar um. Mas, para consegui-lo, tinha de retornar à consciência racional, que estava ligada ao emocional e ao meu corpo energético. E a dor era insuportável, pois os cacos estavam como que integrados ao meu corpo espiritual.

– É isso. A dor é negativa e torna meu íntimo magneticamente atrativo. Esse magnetismo atua como ponto de atração desses cacos de vidro. Mas, como o vidro é neutro magneticamente, então esses cacos não são de vidro. E, se não são de vidro, que tipo de mineral ou cristal eles serão?

– Só arrancando um poderei estudá-lo e descobrir que tipo de cristal eles são. Talvez se der um puxão consiga arrancar um!

Eu, bem devagar e muito cuidadosamente, segurei um dos cacos e, com um puxão rápido, arranquei-o do meu peito. A dor foi tanta que caí no solo e quase desmaiei. Acho que aquela dor durou no mínimo uma década para passar. E só consegui levantar-me quando conduzi minha consciência racional à hiper ou supra-humana. Então recolhi o cristal que, fora de meu corpo, brilhava mil vezes mais que o mais brilhante dos diamantes.

– Que estranho! Aqui existe luz, e ele adquiriu um brilho incomum até a essa minha outra visão. Como verei seu brilho com minha visão humana?

Coloquei o pedaço de cristal no solo e retornei à minha visão humana. Pela primeira vez em minha vida, vi um mistério mineral-cristalino vivo.

Sim, senhor!

Aquela minúscula pedrinha brilhava como um sol dourado, pois adquirira uma cor única e esplendorosa!

– Meu Deus! – exclamei assustado. – Essa pedra viva não pode cair nas mãos de pessoas despreparadas para o seu mistério!

Que mistério vivo é esse que brilha a centenas de metros? Olhe só! Seus raios douraram até aquelas serpentes! E as árvores! O solo! Tudo ficou dourado! E... nossa!... Está expandindo seu raio de ação e vai dourando tudo em um círculo perfeito à sua volta!!!

Santo Deus! Tenho que fazer alguma coisa, senão todo esse lugar e as serpentes que aqui vivem ficarão douradas! Tenho de retornar à minha faculdade superior e descobrir um jeito de anular o efeito desta pedra, desse mistério mineral-cristalino vivo!

Voltei rapidamente à minha capacidade superior e comecei a raciocinar muito rapidamente. Pouco depois, decidi-me: ia absorvê-la e ocultá-la em meu íntimo para ver se assim revertia sua ação "douradoura".

Absorvi-a e fiquei todo dourado. Então recorri a todo meu poder mental e tentei recolher minha nova cor.

Como não consegui, lembrei-me de que a dor a recolheria. Voltei ao meu corpo energético, mas aquela dor não era suficiente. Então optei por arrancar mais um dos cacos cravados em meu corpo, pois a dor seria mil vezes mais forte e, certamente, faria com que aquela minha cor dourada refluísse ao meu íntimo.

Novo grito e nova queda assim que puxei outro dos cacos. Voltei à minha cor natural, isso é certo. E não soltei o caco, pois se o soltasse ele voltaria a brilhar e ofuscaria minhas duas visões.

Ainda gemendo de dor, olhei-o bem e pareceu-me uma lasca de quartzo. Então recorri à minha visão percepcional e vi uma formação compacta que se parecia com uma fonte geradora de energias. Sim, era uma fonte viva aquele mistério mineral-cristalino vivo.

– O Guardião Cristalino não mentia ao dizer que aquela faixa neutra oculta mistérios vivos minerais-cristalinos! Meu Criador! Eu estou todo cravado por mistérios vivos que não podem cair nas mãos de pessoas despreparadas! Isso é energia viva que pode se espalhar infinitamente!

– Quem foi que me ensinou algo sobre os axés? Ah! Foi o senhor Caboclo Sete Cachoeiras. Sim, senhor, ele revelou-me algumas coisas sobre os mistérios minerais da Orixá Oxum. É, foi ele mesmo. Agora me lembro!

Mas ele me falou sobre a existência de um axé dourado, que era a cor do axé mineral da Sagrada Oxum. E era dourada a energia irradiada por aquela outra pedra.

– Como será a cor dessa pedra? Só colocando-a no solo para ver!

Eu coloquei a pedra no solo e, no mesmo instante, ela irradiou um azul tão esplendoroso que cheguei a ficar fascinado. E ela só não se espalhou mais porque a recolhi nas mãos e fiquei contemplando-a, hipnotizado por sua esplendorosa irradiação. E foi assim, hipnotizado por sua beleza divina, que, não sei como, comecei a ouvir aquela pedra mineral-cristalina viva falar comigo.

Não vou revelar o que ouvi dela, mas que chorei enquanto durou aquele transe, isso chorei! E quando a recolhi, também recolhi sua cor que me azulara todo, sem ter de sentir outra vez uma dor lancinante.

Dali em diante, fui tirando caco por caco do meu corpo energético e, com cada um, mergulhei em um transe em que ouvia o que tinha para me dizer.

Quando tirei o último caco cravado em meu corpo energético, ele irradiou sua luz cristalina que, conforme o rolava na palma da mão, refletia um arco-íris celestial, divino mesmo, que me encantava e extasiava.

– Santo Deus! A luz cristalina traz em si todas as outras cores celestiais! Que mistério divino magnífico! – exclamei aos prantos, e deixei cair naquela pedra algumas lágrimas, que se transformaram em novas pedras cristalinas, também irradiadoras de luz cristalinas.

A emoção foi tanta que caí de joelhos e chorei, chorei e chorei, enquanto apertava aquelas pedras contra meu peito. Em dado momento perguntei:

– Por quê, meu Deus? Por quê? Diga-me apenas por que tudo isso, por favor, meu Deus!

Então aquele cristal vivo falou comigo, e respondeu à minha indagação:

– Tudo isso é porque você é um Arco-íris vivo que encarnou para falar da beleza, do encanto e da divindade das cores vivas do Arco-íris divino que ilumina a vida de todos os seres vivos, meu pequeno Arco-íris humano!

– Mas por que eu, grande Arco-íris divino?

E novamente aquele cristal vivo respondeu tudo o que já havia me dito:

– "Porque você é um Arco-íris vivo que encarnou para falar da beleza, do encanto e da divindade das cores vivas do Arco-íris divino que ilumina a vida de todos os seres vivos, meu pequeno Arco-íris humano!"

Por várias vezes repeti a pergunta, e obtive a mesma resposta. Sacudi a cabeça várias vezes para ter certeza de que não estava em transe ou hipnotizado, e sempre obtinha a mesma resposta. Quando aquietei meu emocional, olhei para a pedra e disse-lhe:

– Vou absorvê-la por meio do meu coração, mistério vivo! Em meu coração você se alojará e viverá nele a partir de agora e para toda a eternidade!

Então coloquei a mão no peito e puxei para dentro do meu coração espiritual tanto aquela pedra quanto as lágrimas petrificadas, absorvendo-as de uma só vez. Mas só a pedra foi absorvida, pois as lágrimas formaram um círculo e irradiaram-se, formando um círculo raiado com as sete cores do Arco-íris, por cima da minha "pele" espiritual. E eram vivas aquelas cores.

Sim, senhor!

Elas eram vivas e vibravam vida em meu peito, bem em cima do meu coração!

Vendo aquilo, voltei a chorar compulsivamente e devo ter chorado durante muitos milênios, só parando quando uma serpente branca como a cal virgem rastejou até onde eu estava e parou bem na minha frente. Olhei-a e captei uma vibração que me dizia que ela queria sentir-me com sua pele lisa.

– Venha, inofensiva criatura! Aproxime-se, pois já não sinto temor algum por você ou todas as outras serpentes que vivem aqui nessa dimensão pura criada só para vocês pelo nosso divino Criador.

Ela se enrolou no meu braço e depois subiu pelo meu corpo, deslizando suavemente enquanto vibrava satisfação desde a cabeça até a cauda.

Sim, senhor, ela media uns dois metros, no mínimo! E se deliciava com o contato com minha "pele" espiritual. Quando acariciei sua cabeça, ela se tornou multicolorida, parecendo-se com um arco-íris.

Logo outras começaram a aproximar-se e vibrar o desejo de me sentirem com suas peles lisas.

– Aquietem-se, e nada de confusão, criaturas desprovidas do veneno e das presas das serpentes do plano material humano! – ordenei-lhes, também "vibratoriamente". – Desejo conhecer um pouco desse lugar único da criação divina e não quero ser incomodado!

Elas se aquietaram e se afastaram, mas permaneceram a certa distância, à espera de uma nova vibração minha. Elas se comunicavam comigo por meio de vibrações energéticas, e não com vibrações mentais.

Caminhei muito por aquela dimensão, que não tinha fim. Ela era quase plana e, tirando algumas ondulações que lhe davam um toque de harmonização colorida, as paisagens eram idênticas.

Acho que caminhei por uns vinte milênios naquela dimensão plana. E não vi anoitecer ou chover nunca!

Mas em dado momento vislumbrei no horizonte, a centenas de quilômetros, uma formação montanhosa muito estranha.

Sim, senhor!

Parecia que aquela cadeia rochosa era multicolorida, pois umas elevações eram azuis, outras verdes, outras rosas, e assim por diante. Observando-a mais atentamente, notei que do pico daquelas montanhas subiam irradiações coloridas que formavam um gigantesco Arco-íris celestial, que atingia uma altura tão grande que se perdia no infinito.

Sentei-me no solo e dei início à contemplação daquele Arco-íris divino, tão multicolorido quanto as pedras que eu havia absorvido e que eram vivas.

Refleti muito antes de decidir-me a ir até aquelas montanhas coloridas.

– Bem, já que estou aqui, não custa ir até elas e vê-las de perto!

Mas eu estava enganado acerca da distância que elas se encontravam, pois estavam a milhares de quilômetros!

Devo ter caminhado bem por umas três décadas antes de visualizá-las melhor. Mas, quando contemplei o sopé delas, meu coração disparou e encantei-me com o que vi: imensos vales floridos e multicoloridos tão extensos que neles caberiam milhares de cidades iguais às maiores existentes no plano material humano.

Pensei em sair correndo para alcançar logo aquele lugar tão lindo. Mas o bom senso impôs-se, e continuei caminhando na direção de uma elevação que

daria para contemplar melhor aquela paisagem espetacular de uma natureza diferente.

Quando alcancei o topo da elevação, todo o imenso vale descortinou-se diante dos meus deslumbrados olhos humanos.

O vale, de onde eu estava até o sopé da cadeia montanhosa, acho que devia ter uma centena de quilômetros. E dali já não via os picos das montanhas, pois se perdiam no infinito.

Mas via o Arco-íris fluindo e projetando-se em curva, diretamente para o infinito.

Meus olhos também não conseguiam ver o fim ou o começo da cadeia de montanhas, ou do extenso vale que a margeava.

– Santo Deus! Essas montanhas são muitas vezes mais altas e maiores que o Everest, que é o pico mais alto da Terra! Que lugar é esse afinal? Será que é o mitológico Monte Olimpo dos gregos, a morada dos deuses? Sim, porque se não estou enganado, aquela construção que mal consigo visualizar é semelhante a um templo grego! Até se parece com o famoso Partenon!!!

– Preciso ver isso de perto, senão não morrerei feliz! Há, há, há! Que idiota! Já morri, e isso aqui é o tão falado paraíso!

– E lá? Que conjunto arquitetônico será aquele? Nossa! Que construção colossal! Só sua base deve ter mais de um quilômetro!

– Nossa! Nossa! Nossa! Que lugar fantástico! Se eu falasse sobre ele lá na Terra, ninguém acreditaria em mim. Olha só aquele conjunto de obeliscos! Devem ter centenas de metros de altura, e cada um é de uma cor! Acho que aquele vermelho é um rubi, o verde é uma esmeralda, o azul é uma...

– Meu Deus! Que lugar é esse? Será que tenho o direito de penetrar nele? Afinal, se é a morada dos anjos, eu não posso maculá-la com minha curiosidade humana!

– Acho melhor dar meia-volta e afastar-me daqui antes que um guardião desse lugar me veja e queira punir-me por causa dessa minha curiosidade que só me coloca em encrencas!

Dei meia-volta e comecei a afastar-me daquele lugar, descendo a encosta da elevação. Quando olhei para trás e só vi a cadeia rochosa multicolorida, comecei a ficar triste, muito triste. E não demorei nada para começar a chorar de tristeza por não ter tido coragem de descer até aquele vale encantador que tanto me atraía. Eu ainda soluçava, quando surgiu um grupo de seres bem na minha frente que me cercou.

– Fui descoberto!!! – exclamei assustado.

– Foi sim, irmão. Sua tristeza refletiu em nossa tela e viemos ver por que está tão triste.

– Desculpem se me aproximei desse lugar proibido aos mortais comuns. Já estou indo embora e não contarei a ninguém sobre a existência dessa morada dos deuses!

– Essa não é uma morada dos deuses, irmão. Esse é o ponto de forças multiplanetário e multidimensional regido pelo sagrado Iá-ór-me-ri-iim-de-rê-yê.

– Quem é essa divindade?

– De onde você veio?

– Eu não vim. Fui aprisionado nesta dimensão por um guardião cristalino.

– Você está enganado, irmão. Aqui ninguém é aprisionado. De que dimensão você veio?

– Bom... sem contar o que andou acontecendo depois, eu vim da Terra, sabe.

– Da Terra? Mas você não se parece com nossos irmãos telúricos. Acho que você está enganado, irmão.

– Não estou não. Nós, os humanos, vivemos na Terra, sim, senhor.

– Ah!!! Você é um natural que se humanizou! É isso, não?

– Acho que é, não?

– Você deve saber, já que disse que veio da dimensão humana. O que fazia lá?

– Eu vivia lá. Mas morri, quer dizer, desencarnei... e aí acabei vindo parar aqui, depois que aquele guardião cristalino enviou-me para esta dimensão.

– Que guardião o enviou para cá?

– Bom, ele usava uma espada transparente e, de vez em quando, o ouço chorando em silêncio por ter me aprisionado aqui.

– Você se sente um prisioneiro aqui?

– Não. Mas não sei como sair daqui, o que dá no mesmo, não?

– Para sair basta pensar aonde deseja ir e projetar-se, pois se deslocará para onde quer ir.

– Ele abriu uma passagem daquela dimensão para essa e atravessei um túnel, vindo parar em um lugar cheio de serpentes.

– E ele agora se sente arrependido por tê-lo enviado para junto das serpentes elementais?

– Sim. A espada dele já não está tão translúcida como antes.

– Como você sabe que ela escureceu?

– Posso vê-la daqui, caso queira.

– Por que não volta até ele e o tranquiliza quanto ao seu bem-estar? Assim ele parará de culpar-se e voltará a ser feliz novamente.

– Antes me diga ao menos quem é... Como é mesmo o nome da divindade que o senhor falou?

– O nome do divino regente deste ponto de forças planetárias e multidimensionais é Iá-or-me-ri-iim-de-rê-yê, que, para vocês, os espíritos, é o Sagrado Orixá Oxumaré.

– Oxumaré?! Não está enganado?

– Não estou não, irmão humanizado.

– Ouvi umas descrições humanas do Orixá Oxumaré, e não falam nada sobre ele reger uma dimensão da vida, ou mesmo algum ponto de forças planetárias e multidimensionais. Como é que pode ser uma coisa dessas?

– O que dizem por lá os que ensinam sobre o divino Iá-or-me-ri-iim-de-re-yê?

– Sobre o Orixá Oxumaré, você quer dizer, não?

– Esse nome dele é só uma adaptação à dimensão humana, irmão. Agora me diga como descrevem o divino Oxumaré, está bem?

– Bom, os que o descrevem dizem que ele é metade do ano macho e a outra metade é fêmea.

– Uma divindade dual, é isso?

– Por que dual?

– O divino Oxumaré atua tanto sobre os machos quanto sobre as fêmeas. Suas irradiações cristalinas minerais fluem em todos os seres e criaturas, irmão humanizado. E ele, na dimensão humana, forma par com várias outras divindades naturais, quando então atua em vários níveis e em muitas linhas de forças projetadas desde este ponto de forças planetário e multidimensional.

– Nossa!

– Por que o espanto?

– Não é nada disso que ensinam por lá, sabe. Até dizem que ele é homem e cobra!

– O divino Oxumaré rege sobre todas as criaturas rastejantes que você chama de cobras ou serpentes. Mas só as elementais, pois as que existem na dimensão material humana atendem outros objetivos do nosso divino Criador, que as direcionou à dimensão humana com fins específicos àquele estágio da evolução. Aqui os fins delas são outros. Olhe essa que está com você!

– O que tem ela?

– É um símbolo vivo do nosso divino regente, que é o próprio Arco-íris celestial.

– Ela era branca antes de eu tocá-la com minha mão.

– Você está enganado. Elas são raríssimas e só os Iá-fer-me-ri-iim-dê-re-hesh-yê as levam consigo quando se deslocam para outras dimensões, pois são seus intermediadores celestiais e guardiões do mistério do Arco-íris.

– Bom, tudo isso eu não sabia. Mas que essa cobra era branca, isso era.

– Não pode ser, irmão. Cobras não mudam de cor. Elas são elementais!

– Mas que droga! Já não me basta aquele guardião cristalino não ter acreditado em mim, e agora o senhor também duvida?

– Não estou duvidando. Apenas, talvez sua visão ainda estivesse meio desfocada e a viu toda branca, mas, depois que a apurou, aí a viu como ela é: a serpente símbolo do Arco-íris celestial, que é o divino Iá-ór-me-ri-iim-de-re-yê.

– Bom. Que seja. Mas eu a vi branca quando ela me pediu para deixá-la sentir minha pele.

– Ela, essa serpente elemental, lhe pediu isso?

– Sim.

– Você consegue comunicar-se com ela?

– Só por meio de vibrações. É assim que nós dois nos comunicamos.

– Você se comunica com outras serpentes?

– Sim. Mas a que mais gostei foi esta. Ela tem em si tudo o que as outras, cada uma em si mesma, têm. Se deixo as azuis sentirem minha vibração, capto dela uma energia que me faz vibrar amor. Se é a vermelha, então, sabe, é, você sabe, não?

– Não sei se sei, irmão humanizado. Mas se você me disser o que ela irradia em você, talvez confirme o que já aprendi. Vamos, diga-me!

– Ela, sabe, eu.... nossa!, um vigor toma conta de todo o meu corpo.

– Você quer ou está tentando dizer que ela irradia uma energia que o excita, é isso?

– Puxa, você também já captou as energias que ela irradia?

– Já, irmão humanizado.

– Saiba que as outras continuaram da mesma cor quando acariciei suas cabeças. Só esta, que era branca, tornou-se assim, multicolorida.

– Bem, talvez você não tenha se enganado, irmão humanizado. Por que não volta até onde está o guardião cristalino e o tranquiliza quanto ao seu bem-estar, e depois volta aqui e conhece melhor o ponto de forças regido pelo divino Oxumaré?

– Como faço para ir até ele?

– Faça como lhe falei. Mentalize-o e projete-se até onde ele se encontra. Sua mente o conduzirá até a dimensão dele!

– Nunca fiz isso antes. Acho que acabarei indo parar em algum lugar estranho.

– Então faça como ele fez: irradie com as mãos e abra uma passagem multidimensional que o levará até onde ele se encontra agora. Depois volte e a feche!

– Será que consigo?

– Tente, irmão do Arco-íris celestial!

Bom, eu tentei... e consegui, pois abri uma passagem que levava até ele, que se assustou com o que eu havia feito, e ficou olhando-me através dela. Mas ele não me reconheceu, já que eu não estava com os cacos cravados em meu corpo nem todo manchado de sangue.

– Ele se assustou. Acho que é por causa desta cobra, não? – perguntei ao senhor que conversava comigo, pois seus acompanhantes tinham permanecido calados o tempo todo, e só me observavam. Acho que estavam me estudando! Então pedi:

– O senhor pode segurar esta cobra para que eu possa ir até ele e agradecer-lhe por ter me ajudado?

– Claro! Ordene a ela que venha para mim.

Eu ordenei, e ela foi. Mas, assim que se enrolou nele, voltou a ficar branca. Então lhe perguntei:

– De que cor é essa cobra, senhor?

– Branca, irmão Arco-íris. Você não se enganou quanto à cor dela. E isso quer dizer que não é ela que é um símbolo vivo do sagrado Oxumaré, e sim, que você é um irradiador natural do mistério Iá-ór-me-ri-iim-de-re-yê!! – exclamou

aquele senhor, admirado e olhando-me de forma estranha, para logo, ajoelhando-se bem na minha frente, reverenciar-me.

– Que absurdo! Por que vocês se ajoelharam?

– Dê-nos sua bênção, guardião dos mistérios do nosso divino Senhor?

– Eu sou tudo isso que o senhor falou?

– É sim, Guardião do Arco-íris Celestial. Dê-nos sua bênção em nome do divino Oxumaré, senhor do Mistério do Arco-íris Divino.

– Bom, uma bênção é uma bênção em qualquer lugar. E se podemos abençoar nossos irmãos, então eu os abençoo, meus irmãos! – falei enquanto elevava as mãos espalmadas sobre todos eles. E para minha surpresa, do centro de minhas mãos explodiram dois fluxos irradiantes multicoloridos e cintilantes que os envolveu totalmente. Mas de minha testa, ou melhor, de meu chacra frontal, também explodiu um fluxo multicolorido que penetrou em suas testas, tornando-os multicoloridos.

– Pronto! Já os abençoei em nome de Deus e do divino Oxumaré. Agora vou agradecer ao Guardião Cristalino pelo bem que ele me fez.

– Nós podemos acompanhá-lo, Guardião do Arco-íris Celestial? – pediu aquele senhor, reverentemente.

– Claro! Venham, meus irmãos, vamos devolver a paz àquele nosso outro irmão!

O caso é que aqueles fluxos multicoloridos não se recolhiam, mesmo que eu mentalmente tentasse. Desisti de recolhê-los, apanhei o bastão cristalino do ancião e penetrei na passagem, dirigindo-me até onde estava o Guardião Cristalino, também ajoelhado! E quando chegamos bem na frente dele, sem levantar a cabeça, já foi pedindo:

– Dê-me sua bênção, Guardião Celestial do Arco-íris Divino! Unja-me com sua bênção e permita que esse humilde servo da Lei beije suas mãos benditas, meu senhor.

Também o abençoei, e ele foi envolvido por aquelas irradiações multicoloridas. Quando ele beijou minhas mãos, também beijei as dele, pois esse era um hábito entre os pais e mães de santo, tanto da Umbanda quanto no Candomblé, e que simboliza a irmanação dos sacerdotes regidos pelos Orixás sagrados.

Sim, na religião dos Orixás o sacerdote mais novo beija as mãos dos mais velhos, e estes retribuem beijando as dele, sinalizando que o têm como mais um que se consagrou e às suas mãos para distribuir bênçãos em nome dos Orixás sagrados.

Mas ele, quando lhe beijei as mãos, se já estava com os olhos lacrimosos, começou a chorar. Então o abracei e o apertei contra meu peito, enquanto chorava também. Depois de algum tempo, consegui falar-lhe:

– Eu voltei para agradecê-lo, Guardião Cristalino. Muito obrigado por ter me aberto aquela passagem até a dimensão onde pude curar-me dos cacos de vidro cravados em meu corpo.

– O senhor é aquele... – e mais ele não falou, pois começou a chorar novamente, enquanto clamava por perdão, perdão e perdão!

– Um bem não é para ser perdoado, mas sim agradecido e abençoado. E eu vim para agradecê-lo e abençoá-lo em nome de Deus, Guardião Cristalino. Que Deus o abençoe!

– Não mereço sua bênção, Guardião do Arco-íris Celestial! Eu desejei punilo porque você penetrou na faixa neutra que oculta os mistérios minerais cristalinos vivos.

– Eu não penetrei nela, guardião. Alguém, que não sei quem é, me colocou dentro dela.

– Perdoe-me se duvidei do senhor.

– Você não tinha de acreditar no que eu dizia. E se sua função é guardá-la, também não tem de repreender-se porque cumpre com seu dever. Vamos, levante-se e abrace-me forte, pois quero guardar comigo um abraço do irmão que me enviou justamente para o único lugar onde eu poderia ser curado.

Ele se levantou e abraçou-me forte, quase como que se estivesse desesperado. Também o abracei e acariciei suas faces banhadas pelas lágrimas que corriam de seus olhos. Então, pedi-lhe:

– Não chore mais, por favor! Eu estou bem!

– Não consigo parar de chorar, guardião.

– Por que não?

– Já puni a tantos que ousaram penetrar naquela faixa proibida, e talvez muitos estivessem sendo movidos por esse poder que o colocou dentro dela. Quantas injustiças já não cometi, Guardião Celestial do Arco-íris Divino?

– Você não cometeu nenhuma injustiça, Guardião Cristalino. Apenas tem cumprido seu dever e também é movido pelo poder divino que rege o Mistério Guardião. E assim como me enviou àquela dimensão onde me curei, então enviou todos os outros às dimensões onde também terão se curado.

– O senhor foi o primeiro que enviei a outra dimensão. Recolhi todos os outros em nossa prisão cristalina, onde gemem de dor. Sinto-me tão triste com o estado deles!

– Por que não me leva até essa prisão? Talvez, olhando-os, possa dar-lhes algum alívio, não?

– O senhor fará isso por eles, Guardião Celestial do Arco-íris Divino?

– Claro! Se antes dor era o meu nome, agora me chamo curador, Guardião Cristalino. Vamos!

– O ancião precisa saber disso, meu senhor. Ele sofre mais do que eu com o estado dos prisioneiros.

– Não é ele que está logo ali, ajoelhado?

Após olhar para onde eu indicava, ele confirmou. Então fui até o ancião e, depois de abençoá-lo, também o abracei com ternura. Em seguida, devolvi-lhe seu bastão de cristal, mas desculpei-me por tê-lo tornado todo furta-cor por causa daquela minha irradiação multicolorida.

– O senhor desculpa-se por transformar meu bastão em um irradiador do sagrado Arco-íris?

– Sim.

– Por favor, meu senhor! Não sabe como estou feliz por meu humilde bastão ter-lhe servido de apoio em um momento de sua existência quando dava uma prova ao nosso divino Criador de que sua força interior era superior a toda a dor que estava sentindo. Não sabe como estou feliz, meu senhor!

– Sei sim, ancião. Sinto sua alegria, que o deixa todo rosado. Como é lindo ver a alegria!

O ancião olhou-se e viu que estava todo rosado. Até suas vestes brancas haviam assumido sua nova e irradiante cor rosada! Então ele falou:

– Venha, nós o conduzimos até a prisão cristalina!

Pouco depois entrávamos na prisão cristalina, onde, em celas individuais, estavam retidos milhares de espíritos, que, por razões as mais diversas, haviam penetrado na faixa neutra.

Ao ver seus estados, lamentei seus sofrimentos e clamei a Deus que os perdoasse, pois haviam fraquejado em suas provas, ou haviam tentado se apossar de mistérios que ainda não estavam preparados para conhecer.

Não sei como. Mas enquanto eu orava, do meu corpo fluiu uma névoa multicolorida que se espalhou por toda a prisão e adormeceu todos os que ali se encontravam. Inclusive o Guardião Cristalino, o ancião e aqueles irmãos que haviam me acompanhado. Só minha serpente não adormeceu.

Movido por uma inspiração superior, estendi as mãos e plasmei um grande vaso de cristal, que colocava ao lado dos prisioneiros adormecidos, e nele recolhia os cacos de cristal cravados em seus corpos energéticos.

Eu retirava os cacos só irradiando com as mãos. E, assim que extraía todos os cacos, eles, ainda dormindo, eram puxados para outras faixas vibratórias. Observei aquilo e deduzi que, quando acordassem, iriam acreditar que haviam vivenciado um pesadelo dolorido e olhariam com outros olhos os interditos da Lei que rege os mistérios divinos.

Quando se encheu o primeiro jarro, plasmei outro e outro e outro, até que o último dos prisioneiros foi levado embora pela Lei que vela pelos mistérios vivos. E com ele se foi a névoa que os havia adormecido.

Todos os meus acompanhantes despertaram e ficaram curiosos com o que havia acontecido. Só lhes revelei isto:

– A Lei que guarda os mistérios vivos cuidará deles de agora em diante. Agora vou devolver esses cacos de vidro aos seus lugares.

Envolvi todos os jarros com uma irradiação e os levei até a faixa neutra, negra como o próprio ônix, onde, de um em um, e após uma prece ao divino Criador, os esvaziei dentro da escuridão total e falei: que seus mistérios continuem ocultados de todos os que ainda não estão preparados para vivenciá-los segundo o poder que, por intermédio de vocês, se manifesta em nós, os viventes nos mistérios de Deus!

A seguir, recolhi os jarros que havia plasmado e voltei-me para o Guardião Cristalino para me despedir.

– Obrigado por ter me libertado de todo o remorso que eu sentia, meu senhor.

– Continue recolhendo à prisão todos os que tentarem penetrar nessa faixa neutra, guardião. E envie para a dimensão que pedirem todos os que disserem como é o centro dela, está bem?

– Sim, senhor.

– E não se recrimine por cumprir seu dever, pois o nosso Senhor Divino, que tudo vê, o tem observado o tempo todo e não o repreendeu por cumprir seu dever. Quanto aos que você aprisionar, não se preocupe, pois, no momento certo, sempre virá alguém autorizado a curar suas dores e transformá-las em tristes lembranças de doloridos pesadelos!

– Sim, senhor.

– Só não deixe de sentir pena deles, pois foi por me revoltar contra meu dom de curar as dores alheias que primeiro me transformei em um homem de pedra e depois em um homem ferido pela falta de compaixão pelos sofredores.

– Sim, senhor.

– Obrigado por terem me ajudado em um momento difícil de minha longa jornada, e que Deus os abençoe!

Quando os abençoei, de meu peito saiu um fluxo multicolorido que alcançou o peito deles e os marcou com um Arco-íris raiado igual ao que eu trazia em meu próprio peito.

Eles nada falaram, pois soluçavam. Eu optei por voltar à passagem, que foi se fechando à medida que nos dirigíamos de volta à dimensão onde se localizava o ponto de forças regido pelo divino Iá-ór-me-ri-iim-de-re-yê, ou o Orixá Oxumaré!

Já dentro dela, aquietei-me por completo e consegui recolher aquelas irradiações, voltando a ser como era antes. E aquele senhor respeitosamente me perguntou:

– Meu senhor, o que fará agora que já sabe que é um Iá-fer-me-ri-iim-de-re-hesh-yê?

– Eu prefiro ser chamado de irmão do Arco-íris, senhor. Não sou senhor de nada, e não sei o que é realmente alguém com esse nome mantra. Deixemos tudo como quando me encontraram, está bem?

– Nós assistimos ao senhor atuando, e nada mais será como era antes. Talvez o senhor tenha nos dito que era humano só para testar nossa credulidade. Foi isso, não?

– Não foi, irmão do Arco-íris. Eu não tenho por que mentir ou enganá-los. Sei tão pouco que acho que vou voltar ao isolamento de antes.

– Podemos acompanhá-lo?

– Aí não será isolamento, irmãos.

– Nossa presença o incomoda?

– Não, de forma alguma. Apenas acho que não pertenço a esta dimensão e não é certo permanecer aqui.

– Essa é a dimensão do sagrado regente do Arco-íris. E se o senhor é um dos seus guardiões celestiais, então ela também é sua, meu senhor.

– Não conheço nada ou ninguém por aqui e sinto-me muito deslocado.

– Nós o apresentaremos a todos os nossos irmãos e irmãs. Eles ficarão muito felizes com seu retorno à sua dimensão original. Logo todo o adormecimento da dimensão humana desaparecerá, e você se reconhecerá como o guardião celestial que sempre foi e nunca deixou de ser, senão nosso divino regente não o teria resgatado do meio humano, mesmo ainda estando sem sua memória imortal aberta.

– Acho que tudo está acontecendo de forma tão precipitada, que é melhor retornar à dimensão humana e aguardar mais algum tempo.

– Então vai nos deixar mesmo? – perguntou aquele senhor, já com lágrimas correndo dos olhos. E os outros, que se mantinham calados, também estavam tristes e derramando lágrimas.

– Ouçam... não tornem nossa despedida tão triste. Por favor! Não gosto de ver ninguém triste.

– Nós não o agradamos, não é mesmo?

– Não é nada disso, senhor. Eu... por favor, não chorem assim, pois, mesmo que não emitam som algum, posso ouvir vossos prantos silenciosos. Eu gosto de vocês! Mas não quero macular sua morada celestial, pois ainda sou humano, muito humano!

– Todos os nossos que se humanizaram e retornaram são maravilhosos. E o senhor também é, pois nós assistimos ao senhor em sua atração e... e...

– E, o quê, irmão do Arco-íris?

– Nós o adotamos como nosso mestre. Mas agora vai nos deixar órfãos e desamparados, pois para nós nada mais será como era antes de o conhecermos.

– Santo Deus! O que foi que fiz com vocês, meus irmãos? Será que os encantei e não sei?

– O senhor nos encantou e, agora que vai nos deixar, tirará todo o encanto que encontramos no senhor.

– Minha nossa! O que foi que fiz desta vez? Vocês estão se apagando completamente!

– Estamos tristes porque o escolhemos para ser nosso mestre, e o senhor nos recusou.

– Eu não os recusei, meus irmãos.

– Não?! – exclamou ele, readquirindo parte de sua luminosidade.

– É claro que não. Entendam que não sei lidar com tudo o que está acontecendo, e temo que venha a magoá-los mais adiante. Sei tão pouco sobre vocês, esse lugar, e o próprio sagrado Oxumaré. Vocês entendem isso, não?

– Isso nós entendemos. Mas é só uma questão de tempo para que deixe de vibrar esse temor, pois sua memória imortal despertará, e então tudo ocorrerá naturalmente.

– Bom, então os aceito como discípulos. Vamos ver como tudo acontecerá, não? – falei, enquanto os abraçava. No instante seguinte, eles voltaram a irradiar luz mais forte que antes e vibravam de alegria.

Limitei-me a olhar para o alto e exclamar:

– Que seja feita vossa vontade, meu pai. Mas guie-me, por favor!

Depois pedi que me conduzissem até o vale, pois gostaria de conhecê-lo.

– O senhor quer dizer que deseja revê-lo, não?

– Revê-lo? É... acho que é isso. Levem-me para rever tudo o que já me esqueci.

– O senhor não esqueceu. Só teve sua memória adormecida, Guardião Celestial! – exclamou aquele senhor, muito feliz.

Algum tempo depois chegamos ao vale sem fim, e meus olhos encheram-se de lágrimas, de tão belas que eram as coisas que via.

Eu parava para olhar as flores, lindas como só as flores que ali existem conseguem ser. Parava para ver nascentes de águas tão cristalinas que chegavam a cintilar. Outras eram tão azuis que seus reflexos impressionavam meus olhos humanos.

E as construções, então?

Eram de uma beleza, harmonia e acolhimento que dava vontade de entrar nelas só para poder ver como seriam por dentro.

– Meu Deus! Isso aqui é o paraíso perdido cantado em verso e prosa por todos os escritores humanos! Meu divino Criador, por que ninguém nunca escreveu sobre essa qualidade divina do divino Orixá Oxumaré? Por que as lendas sobre os Sagrados Orixás são tão deficientes quanto a descrição destes domínios celestiais deles? Por que todos ficam a escrever coisas e procedimentos humanos quando tudo neles é celestial, encantador e divino?

– Talvez eles não saibam ou não tenham ninguém para lhes contar como são realmente os regentes celestiais, meu senhor – falou-me meu primeiro discípulo ali naquela dimensão. – O senhor gostaria de visitar o interior de alguma dessas moradias?

– É permitido?

– As que estão com a porta principal aberta podem ser visitadas, pois seus moradores estão dentro delas. Já as que estão fechadas é porque eles não estão aqui.

– Por aqui é assim?

– Sim, senhor.

– Puxa!!!

– Essa aí à sua frente pode ser visitada!

– Não. Deixemos isso para depois. Prefiro continuar olhando essa cidade encantadora, jamais vi outra igual antes. Que maravilha! E pensar que todos por aqui vivem sob o amparo da irradiação do divino Orixá Oxumaré! Meu Deus, se revelasse isso lá na Terra, com certeza ninguém me acreditaria, irmão.

– Por que não acreditariam, meu senhor?

– Por lá, as cidades abrigam opulência e miséria; beleza e tristeza; alegrias e dores; vícios e virtudes; igrejas e casas de vícios, e uma infinidade de outras disparidades que ferem nosso íntimo.

– Entendo. É por isso que vemos tantas mágoas em seu íntimo, não?

– Vocês veem isso em meu íntimo?

– Sim, senhor. Mas também vemos grandes alegrias, atos de fé, de amor, de gratidão, de generosidade, e muitas outras coisas.

– Como vocês veem isso em mim?

– Vemos tudo isso por intermédio dos seus olhos humanos, Guardião Celestial. Longa foi sua jornada na dimensão humana, e você vivenciou tantas coisas opostas que o respeitamos muito, mas muito mesmo.

– Só porque as vivenciei?

– Já não é o bastante ter vivido entre os dois polos extremos e ter conquistado em sua jornada humana tantos graus como o senhor conquistou?

– Eu conquistei graus? Que graus?

– Só conheço os que pertencem a essa dimensão regida pelo divino Oxumaré. Mas todos os outros também são tão importantes quanto eles, e alguns até são mais, pois são mistérios vivos dos outros regentes planetários.

– Você viu isso nos meus olhos?

– Vi, e agora já começo a vê-los no senhor, que os irradia muito sutilmente, pois todos estão adormecidos em sua memória imortal. Não imagina como somos gratos por ter nos aceitado como seus discípulos, mestre amado! Acho que o senhor é um dos mais antigos dos Guardiões Celestiais do Arco-íris Divino. E, com certeza, o senhor é um dos guardiões ancestrais que foram enviados à dimensão humana.

– Você está louco ou delirando?

– O que é louco ou delirando, meu senhor?

– Significa que você está vendo em mim coisas que não existem. Acho que você se impressionou com o que viu em mim.

– Estou lhe revelando só o que vejo em sua memória adormecida, meu senhor.

– Está certo. Mas não falemos mais sobre isso, está bem?

– Sim, senhor. Mas que vejo tudo isso, saiba que vejo!

– É, você me adotou como seu mestre mesmo. Já fala como eu ao sustentar suas certezas!

– Os bons discípulos puxam seus mestres, meu senhor!

– Então vocês estão encrencados, irmãos do Arco-íris!

– Por quê, Guardião Celestial?

– Vão viver divididos entre os dois extremos em tudo daqui em diante, pois comigo tudo tem sido assim o tempo todo. Em um momento, estou no êxtase; no seguinte, estou todo possuído pela agonia!

– Só assim a têmpera de um guardião se forma, não? Ou não foi essa sua poderosa têmpera que o fez suportar toda a dor e dominar seus sentimentos para que pudesse absorver os mistérios vivos que agora fluem por meio dos seus sentidos?

– Até isso vocês veem?

– Sim, senhor. O sagrado Oxumaré nos honrou com um guardião que possui uma têmpera muito resistente! Nós fomos abençoados por ele quando o senhor nos abençoou, guardião celestial. Sentimo-nos honrados por nos aceitar como seus filhos do Arco-íris divino!

– Quando os abençoei também os adotei?

– Sim, senhor.

– Então adotei aqueles dois irmãos nossos que guardam aquele meio neutro?

– Sim, senhor. Eles já o têm na conta de um pai amado. E sentem-se muito felizes, pois agora têm um pai que é Guardião Celestial do Arco-íris Divino. O senhor renovou a vida deles e abriu-lhes um novo campo onde poderão atuar de agora em diante.

– Verdade?

– Sim, senhor. E caso eles venham a precisar, recorrerão aos mistérios que fluem por meio do senhor para se sustentarem em caso de dificuldades, ou se necessitarem do amparo do seu poder celestial. O senhor também os encantou.

– Tem certeza disso?

– Sim, senhor. Agora, quando o divino Oxumaré precisar atuar naquela dimensão, certamente recorrerá a eles, pois os viu por meio de seus olhos e aprovou como eles vinham se portando como guardiões daquele lugar. Além do mais, quando o senhor começou sua atuação sobre aqueles prisioneiros, o próprio regente se manifestou dentro daquela prisão cristalina! Foi divina sua atuação, meu senhor!

– Como ele se manifestou, irmão?

– Ele se manifestou como energia multicolorida. E adormecemos assim que ele se manifestou, pois não suportamos sua divina essência.

– Aquela névoa multicolorida era uma manifestação do Divino Oxumaré?

– Não era uma névoa, meu senhor. Era sua essência divina fluindo por meio dos mistérios que se manifestam por intérmédio do senhor, que é um Guardião dos Mistérios do Arco-íris Divino, que é o divino Iá-ór-me-ri-iim-de-re-yê!

– Santo Deus!!! E eu pensei que aquela névoa era para adormecer aqueles infelizes que estavam sofrendo!

– Ninguém, se não está autorizado por um guardião, pode assistir às suas atuações, que sempre atendem às vontades dos regentes planetários e multidimensionais.

– Tem certeza disso?

– Sim, senhor. Só o divino Oxumaré e o senhor sabem o que se passou dentro daquela prisão cristalina.

– Só nós dois?

– E mais os outros regentes planetários que assistem a tudo o tempo todo!

– Por favor, irmão. Preciso de silêncio para poder refletir um pouco.

– Sim, senhor Guardião Celestial do Arco-íris Divino!

Caminhei por lindas alamedas, mas nada via, pois ia refletindo sobre tudo o que aquele irmão havia me revelado. E mais uma vez perguntei:

– Por quê, meu pai?

– "Porque você é um Arco-íris vivo que encarnou para falar da beleza, do encanto e da divindade das cores vivas do Arco-íris divino que ilumina a vida de todos os seres vivos, meu pequeno Arco-íris humano!" – foi a resposta que obtive ao fazer aquela pergunta.

– Que seja feita sua vontade, meu pai!

E mais não pensei, voltando minha atenção ao lugar onde nos encontrávamos. Eu não havia percebido nada à minha volta, e deparei-me com uma esplendorosa praça, toda ocupada por muitas pessoas, ou talvez espíritos, ou talvez nossos irmãos naturais, sei lá!

O que importa é que os via como pessoas irradiantes, e não vou perder o fio de minha narrativa com esses detalhes, certo? Afinal, se eles se parecem conosco, os humanos, então são pessoas ou indivíduos!

Eu caminhava e deslumbrava-me com tanta beleza e encantos reunidos em um só lugar. E aqueles irmãos e irmãs do Arco-íris? Como são lindos!

– Isso, este lugar é o paraíso, irmão do Arco-íris! – exclamei sorridente e feliz, muito feliz!

– Esta é sua morada, meu senhor – respondeu-me ele, também sorrindo.

– Por que, quando cumprimento alguém, curvam a cabeça reverentemente?

– Eles o saúdam, meu senhor, e reverenciam seu grau de Guardião Celestial do Arco-íris Divino.

– Como sabem que sou isso que você diz que sou, se recolhi aquela irradiação luminosa?

– Só os guardiões celestiais levam consigo a serpente simbólica do Arco-íris divino, meu senhor. E nenhum ostenta seu grau se não está atuando.

– Então esses irmãos e irmãs também possuem seus graus, os quais desconheço totalmente, não?

– Muitos possuem tantos graus quanto o senhor, outros mais, outros menos. Tudo é uma questão de ancestralidade e têmpera, meu senhor.

– Preciso aprender sobre isso, senão passarei por mal-educado?

– Eles sabem que o senhor está chegando agora, e ainda não se recordou do tempo em que viveu aqui.

– Como eles sabem?

– Basta olhar para o senhor que já percebem que ainda está com sua memória adormecida. Mas assim mesmo o reverenciam, porque imaginam que longa deve ter sido sua jornada humana, pois irradia sua alegria a todos e a longas distâncias!

– Acho que preciso controlar minhas emoções.

– Por quê? Não é bom estar feliz?

– É bom sim. Mas devo parecer um panaca deslumbrado, não?

– O que é um panaca deslumbrado, meu senhor?

– Deixa para lá. Vou aquietar meu emocional e ser um pouco mais discreto de agora em diante. Que aglomeração será aquela lá adiante?

– Vamos até lá e verá, meu senhor.

Nós fomos. Eu vi que estavam apresentando um recital infantil regido por uma irradiante irmã, que era uma criatura encantadora. Quanto às crianças, que encanto de crianças!

Pareciam-se com anjinhos de pinturas religiosas!

– Quem são essas crianças, irmão?

– São nossos irmãos mais novos, meu senhor. Vivem amparados pelas mães naturais.

– Mães naturais?

– Sim. Elas os acolhem e os amparam até que se tornam adultos e alcancem novos estágios evolucionistas.

– Essas crianças nunca encarnam?

– Não, senhor. Elas ainda pertencem ao estágio encantado.

– Entendo. Há muitas delas por aqui?

– Não, senhor. Elas vivem em outras dimensões. Aquelas, por exemplo, vieram da dimensão regida pela divina Oxum.

– Verdade?

– Sim, senhor.

– Quanto tempo demoram para crescer?

– Tempo?

– Aqui não contam o tempo?

– Não, senhor. Acho que nem sei o que é tempo, sabe?

– Sei. Vocês não têm noites ou dias, pois o tempo é sempre o mesmo. Logo, para que calendários, datas ou relógios, não é mesmo?

– Acho que não precisamos dessas coisas que o senhor falou. Veja, aquela nossa irmã entrou em vibração com o senhor.

– Como é que é?

– Eu disse que vibratoriamente ela se sintonizou com o senhor.

– O que isso significa?

– Que partilham de um mesmo mistério, ou que ambos já estiveram sob a irradiação direta de algum ao mesmo tempo e lugar.

– Seja mais claro, irmão do Arco-íris.

– Olhe para nós, os seus filhos. Veja que nós sete o conhecemos ao mesmo tempo e passamos a absorver seu Mistério Guardião Celestial do Arco-íris Divino. E permaneceremos ligados ao senhor quanto for preciso, para que nós também possamos irradiar esse mistério. Então o divino Oxumaré designará a cada um de nós alguma missão celestial em alguma outra dimensão e faixa vibratória. Mas, mesmo que passem muitos ciclos ou estágios evolucionistas, e mesmo que

venhamos a viver sob a irradiação direta de outros mistérios e de outros regentes planetários, ainda assim, quando nos reencontrarmos, no mesmo instante nos afinaremos e entraremos em sintonia vibratória, porque em nossas memórias imortais estará registrado tudo o que estamos vibrando neste momento.

– Entendi. E agora que sei como, então lhe pergunto: quem entrou em sintonia vibratória comigo?

– Foi aquela nossa irmã mineral que trouxe seus filhos amados para conhecerem nossa dimensão mineral cristalina.

– Você tem certeza?

– O senhor não consegue ver a ligação vibratória que se estabeleceu assim que começou a apreciar o recital.

– Foi, é?

– Foi sim. Ela também percebeu alguma coisa. Mas, porque estava com toda a atenção voltada para os infantes, só agora o localizou e acho que já o identificou, pois ela nunca teve adormecido esse momento vivido em comum.

– Que momento ou mistério ela vivenciou comigo, irmão do Arco-íris?

– Essas coisas não devem ser reveladas, meu senhor. Só quem as vivenciou pode revelá-las. Nós não costumamos revelá-las. Nós, por exemplo, estamos absorvendo seu Mistério Guardião e, mesmo que outros irmãos nossos vejam isso, não revelarão a ninguém ou comentarão algo sobre o que estamos vivenciando sob sua irradiação direta.

– Por quê?

– Tudo o que vivenciamos faz parte de nosso aprendizado e evolução. E se nosso regente divino está aprovando esse momento de nossas vidas, ninguém mais tem o direito de incomodar-nos com suas observações pessoais, que podem ser apropriadas para o momento que eles vivem ou já viveram, mas que não serão bons para nós, que ainda não vivenciamos seu mistério guardião e não temos como avaliar se nos trará a satisfação plena ou só parcial.

– O que acontecerá se forem plenas as satisfações?

– Nós nos tornaremos guardiões em todos os nossos sentidos.

– E se não forem plenas?

– Só seremos guardiões em um ou alguns dos nossos sentidos. Às vezes não alcançamos a plenitude nem em um dos sete sentidos básicos, só a encontrando em um dos derivados de algum deles. Então vivenciaremos essa plenitude parcial até que surja em nossas vidas um outro pai que nos proporcione uma satisfação derivada, parcial ou plena.

– Entendo. Tudo por aqui acontece mais ou menos como na osmose celular.

– O que é isso, meu senhor?

– Bom, se uma célula está precisando de algum nutriente, sua vizinha que o tiver em excesso cede-lhe o que lhe falta e estabelece-se um equilíbrio para que ela funcione plenamente.

– Não sei o que é célula ainda, meu senhor. Mas acho que é isso.

– Ainda, você disse?

– Sim.

– Por quê?

– Bom, já estou começando a compreender as células humanas por meio das informações armazenadas em sua memória imortal, meu senhor.

– Santo Deus! Entre nós se estabeleceu uma ligação semelhante a uma rede de computadores! O que vocês não têm de conhecimentos sobre os humanos, eu lhes forneço e ficam armazenados em suas memórias!

– É o que acontece, meu senhor. Espere só um momento... Ah! Sim, é isso mesmo. Acho que os computadores humanos são semelhantes às nossas telas cristalinas-minerais.

– Como elas são?

– Temos uma tela mãe, e todas as telas que vibrarem no mesmo padrão recebem tudo o que todas estiverem captando no lugar onde se encontram.

– Dê-me um exemplo, irmão do Arco-íris.

– Digamos que aqui na nossa frente exista uma tela mineral-cristalina que vibre no mesmo padrão que outra tela localizada lá na dimensão humana. Então, caso lá ocorra alguma coisa, esta aqui pode nos mostrar, caso a ativemos.

– Entendi. E como você a ativa?

– Basta entrar em sintonia vibratória com ela que fico sabendo de tudo o que está acontecendo no campo vibratório da tela localizada na dimensão humana.

– Incrível! Isso é magnífico! Obedece aos princípios básicos da psicometria, mas em um nível muito mais abrangente, pois pode nos colocar em sintonia contínua com quem estiver em outra dimensão! Meu Deus! Finalmente descobri! Que bênção em minha vida você está sendo, irmão do Arco-íris! Que Deus o abençoe, abençoe e abençoe!

– Por que você está me abençoando tanto, meu senhor? Deve ser comedido na distribuição de suas bênçãos, pois elas trazem o poder e a força do sagrado regente Oxumaré!

– É claro que sim, irmão do Arco-íris! Eu o amo! Amo todos os seus irmãos, que também são meus irmãos, e amo todos os Guias de Umbanda, que, se não nos revelaram esse mistério, no entanto sempre nos recomendavam que usássemos no pescoço uma guia de cristais! Santo Deus! Que mistério magnífico! – exclamei, todo feliz.

– O senhor não sabia disso, meu senhor?

– Não sabia, irmão maravilhoso. Já escreveram tanto sobre os colares que os filhos dos Orixás usam no pescoço, mas nunca revelaram o mistério que existe por trás do uso dos cristais-minerais!

Escreveram que protegem, e nada mais! Por isso muitos os usam escondidos, ou nem os usam por vergonha de serem chamados de fetichistas. Meu Deus! Se soubessem que, ao usarem um colar de cristal, além de criarem um cinturão protetor irradiante, estarão em sintonia direta com seus guias, mentores e Orixás,

com certeza não se envergonhariam nunca de usá-los ostensivamente! Já pensou se eles soubessem disso, irmão do Arco-íris?

Já pensou se eles soubessem que, por meio dos cristais de seus colares, qualquer vibração estranha estará sendo captada lá na dimensão de seu Orixá, que imediatamente ativará o poder irradiante de seu cristal afim, e protegerá seu filho em outra dimensão até que algum guia no mesmo nível vibratório vá socorrê-lo, ajudá-lo ou ensiná-lo a anular as vibrações que o incomodam?

Santo Deus! Tudo no culto aos Orixás está fundamentado em mistérios divinos! Até as guias estão fundamentadas em mistérios planetários e multidimensionais! Como eu gostaria de ter sabido disso antes! Por que ninguém ensina isso quando escrevem sobre as guias usadas pelos médiuns de Umbanda?

Então olhei para o alto e perguntei:

– Por que não ensinam isso e tornam todos os médiuns pessoas passíveis de ser chamados de fetichistas? Por quê, meu senhor?

– "Porque você é um Arco-íris vivo que encarnou para falar da beleza, do encanto e da divindade das cores vivas do Arco-íris divino que ilumina a vida de todos os seres vivos, meu pequeno Arco-íris humano!"

Mais uma vez, ouvi aquela voz respondendo a mesma coisa em meu íntimo e falando comigo. Uma emoção muito forte explodiu em meu íntimo, e entendi que essa era a vontade do meu senhor: ele estava dizendo-me para voltar à dimensão humana e ensinar esses conhecimentos aos filhos dos Orixás!

Sem que me apercebesse, pois estava muito emocionado, tudo o que estava ocultado em meu íntimo em termos de mistérios foi se abrindo e se desdobrando, enquanto eu chorava compulsivamente, pois havia descoberto por que fora conduzido até a dimensão regida pelo divino Oxumaré, o senhor do Arco-íris divino!

Através das lágrimas eu via todas aquelas pessoas ajoelhadas, com a testa encostada no solo. Por todo lado que eu olhava, todos estavam ajoelhados e curvados com a testa encostada no solo. Então perguntei:

– Por quê, meu pai?

– "Porque eu confiei a você uma missão divina que tem como objetivo abrir no plano material humano um conhecimento verdadeiro acerca dos mistérios divinos que se manifestam por meio dos Sagrados Orixás, e de todas as práticas ritualísticas e religiosas que meus filhos umbandistas ainda desconhecem!"

– Que seja feita sua vontade, meu pai!

– "Observe, contemple, vivencie, aprenda, internalize tudo o que será útil aos seus irmãos humanos, e depois volte para eles e os instrua como desejam seus regentes planetários e multidimensionais, meu pequeno e amado Arco-íris humano!"

– Essa é a sua vontade, e esse será o desejo que me moverá de agora em diante, meu pai e meu senhor!

– "Essa é minha vontade e esse será seu maior desejo, meu filho!"

– Assim falou meu pai, assim será este seu filho de agora em diante, e até que meu pai manifeste em mim outra de suas vontades divinas, que em mim se

manifestam como desejos humanos, muito humanos! Pois aprender corretamente é um desejo de todos os seres humanos!

– "Enquanto meu filho realizar essa vontade manifestada por mim, o Seu pai, amparado pelo Arco-íris divino será."

– Peço sua bênção, meu pai.

– "Eu o abençoei quando o gerei, e abençoado foste, é e sempre será. Transmita isso também aos seus irmãos, que são meus filhos, que todos eles, não importa como me cultuem, foram, são e sempre serão meus abençoados e pequeninos Arco-íris humanos!"

– Eu direi, meu senhor!

– "Leve as cores do Arco-íris divino a todos aqueles que, por ignorância, optaram por viver na ausência das cores!"

– Mais uma vontade meu pai manifesta em mim!

– "Não, meu filho! Ensinar a quem já sabe não traz mérito a um mestre. Só é digno de louvor, respeito e admiração o mestre que ensina aqueles que ainda nada sabem, porque ainda estão na infância de suas vidas humanas!"

– Entendi tudo, meu pai. Perdoe-me por ainda não saber interpretar corretamente suas vontades divinas! Perdoe-me, meu pai!

– "Não tenho de perdoá-lo por não saber, meu filho. Só precisam ser perdoados os que já sabem e recusam-se a transmitir ou a assumir seus graus de mestres-instrutores."

– Não me esquecerei disso, meu pai e meu senhor!

– "Permaneça na paz que o Arco-íris divino deseja vê-lo, meu filho!"

E mais, meu pai Oxumaré não me falou, nem era preciso, pois eu havia entendido sua vontade divina, que em mim se manifestara em meio ao público, e justo em uma praça!

Querem maior revelação simbólica e sinalizadora que aquela que ali havia acontecido comigo?

Ele queria me ver trazendo a público, e no meio material humano, um conhecimento verdadeiro sobre as cores vivas do Arco-íris divino, que são os Orixás sagrados!

Em um instante, todos aqueles desdobramentos se recolheram em meu íntimo e enxuguei meus olhos voltando a ver todos ainda ajoelhados. Então falei:

– Que Deus, nosso pai, os abençoe, porque os tive como testemunhas vivas de uma de suas vontades divinas que começou a manifestar-se em meu íntimo e fluirá por meio de todos os meus sentidos! Que as bênçãos do Alto do Altíssimo recaiam sobre todos vocês e que elas adicionem mais luz e vida às suas vidas já muito luminosas.

Não sei como, mas do alto desceu um fluxo luminoso e multicolorido que envolveu a todos aqueles irmãos e irmãs, também eles com os olhos cheios de lágrimas. E para coroar de emoção aquela manifestação do divino Oxumaré, uma daquelas criancinhas veio até mim e falou-me:

– Titio, minha mãe maior mandou-me dizer-lhe que ela o ama muito e tem acompanhado todos os seus passos o tempo todo e que, em momento algum, deixou de ampará-lo. E mandou dizer também que ela sabe o quanto é difícil sua missão junto aos seus irmãos humanos. Mas que é para o senhor ser persistente, pois só assim conquistará um lugar no coração deles, e uma morada definitiva nos domínios do Arco-íris divino!

– Diga à sua mãe maior que agradeço tão gentis palavras, meu filho. Vamos! Vá até ela e diga-lhe isso! – Pedi, apontando para a irmã que regia o coro infantil, e que também me observava com o rosto molhado pelas lágrimas que corriam de seus encantadores olhos. Aquela criancinha então me respondeu:

– Titio, aquela lá não é minha mãe maior!

– Quem é ela, meu filho?

– Ela é minha amada mãe pequena.

– Então... quem é sua mãe maior, minha criança encantada?

– Titio, minha mãe maior o senhor a conhece como sua mãe Iemanjá, titio!

– Minha mãe da Vida!!!

– Ela mesma, titio. Ela é a mãe maior de todos nós, não é mesmo?

– É sim, meu filho amado. Às vezes esqueço-me dela um pouco, e ela, que nunca se esquece de mim, envia-me suas mensagens maternais por meio de seus infantes, ainda tão puros e não contaminados pelos meus defeitos humanos. Que Deus o abençoe, meu filho! Obrigado por ter me lembrado de minha mãe Iemanjá, nossa mãe maior e mãe da Vida.

– Sua bênção, titio! – pediu-me aquele infante aquático-cristalino.

– Em nome de Deus, eu o abençoo, meu filho!

Aquela criança abraçou-me tão carinhosamente, que a recolhi em meus braços e fui com ela, abraçados, até onde estava sua mãe pequena, e disse-lhe:

– Que Deus a abençoe, mãe pequena, mas que traz em si mesma toda a divindade de nossa mãe maior!

– Que abençoado você seja sempre, pai pequeno, pois traz em si mesmo toda a divindade do nosso pai maior. Obrigado por conceder-me a honra de ser mais uma das testemunhas vivas de tua missão divina, irmão do Arco-íris!

– Eu é que fui honrado com sua presença luminosa, e a de todos esses nossos luminosos irmãos e irmãs. Deus sempre me abençoa com a presença de seus mais luminosos filhos e filhas, que são, todos, meus irmãos e irmãs!

– Seja bem-vindo a esta morada celestial, irmão do Arco-íris!

– Obrigado, irmã. Sabe, eu não me recordo da senhora, mas sei que nunca se esqueceu de mim. Portanto, tire essa dúvida de minha mente, por favor!

– Muitos já foram nossos reencontros, irmão amado. E o último foi quando eu me manifestava como uma Cabocla Estrela Dourada, em um centro de Umbanda que o tinha como diretor espiritual.

– Santo Deus!!!

– Satisfeito, irmão amado?

– Sim e não, sabe?

– Ou se fica satisfeito ou não se fica, irmão.

– Bem, não fiquei. Eu gostaria de saber mais sobre a senhora.

– Só sobre mim, irmão?

– Não. Acho que é sobre nós dois.

– Assim é melhor, não?

– É, acho que é, não?

– Você não mudou nada, irmão do Arco-íris. O tempo passa e você, sempre que o reencontro, continua o mesmo e encantador irmão do meu coração! Que mistério o encantou com tanta intensidade que nem o mistério do tempo consegue mudá-lo?

– Eu não mudei nada?

– Não mudou. E aos meus olhos, lacrimejantes pelo nosso emocionante reencontro, acho que se alguma mudança ocorreu com você, com certeza foi para melhor!

– Puxa, como a senhora é generosa comigo! Eu gostaria de dar-lhe um abraço. Posso?

– É claro que pode. Mas, por favor, não me abrace agora que estamos tão expostos! – pediu-me ela, enquanto as lágrimas transbordavam de seus olhos.

– Por que chora lágrimas tão cintilantes?

– Se abraçá-lo agora, não controlarei meus sentimentos e acabarei fazendo em público tudo o que só devemos fazer no íntimo de nosso lar.

– Entendo. Sinto muito se não tenho um lar para convidá-la a conhecê-lo, pois sou um caminhante!

– Todos os Guardiões dos Mistérios Celestiais são eternos caminhantes, irmão. Mas todos cultivam lares aconchegantes que os acolhem nos momentos que desejam repousar seus corpos energéticos e despertar seus mais íntimos e adormecidos sentimentos.

– Devo entender isso como uma declaração de amizade, irmã?

– Eu gostaria que entendesse isso como uma declaração de amor, irmão do meu coração.

– Acho que assim é melhor, não?

– Tenho certeza de que é, irmão tão amado e tão fugidio. Você é como as estrelas: ilumina minhas noites e desaparece de minhas vistas durante meus dias!

– Acho que não desapareço, irmã. Apenas me recolho para que as estrelas resplandecentes a inundem com suas irradiações de fé, amor e vida. Mas é só isso.

– Irmão, todos nós somos um pouco possessivos, e Deus, que sabe como somos, então criou as estrelas. Elas iluminam com suas luzes esplendorosas a vida de muitos ao mesmo tempo. Mas nossas estrelas, estas, por serem nossas e de mais ninguém, iluminam nossos mais íntimos e irreveláveis desejos.

– É, acho que nas nossas noites sempre temos nossas estrelas a encantarem nossos olhos.

– É verdade. Na luz abrasadora dos dias, revelamos nossas expectativas. Mas na luz cintilante das nossas estrelas, e só para elas, revelamos nossos sentimentos e lhes abrimos nosso íntimo, não é mesmo?

– É sim. Diante das estrelas, algo em nosso íntimo nos mostra como seres aptos às plenitudes da vida. Mas só quando estamos iluminados pelas nossas estrelas nos mostramos plenos de vida.

Acho que continuaríamos por séculos com aquele diálogo cifrado se aquele infante não tivesse falado:

– Titio, por que o senhor não diz logo à minha mãe pequena que gosta dela?

– Eu... filho... você não sabe ficar calado quando os mais velhos estão conversando?

– Eu só falei a verdade, não foi, titio?

– Está certo. Você falou sim. Agora acho melhor ir brincar com seus irmãozinhos.

– Titio, o senhor dá uma cobra igual a essa sua para mim?

– Você ainda é muito pequeno para andar com uma serpente do Arco-íris, meu filho.

– Ela gosta de mim, titio!

– Acho que você se parece com aquelas criancinhas que baixam nos médiuns na corrente das Crianças, sabe?

– Sei sim, titio. Eu já incorporei em um médium!

– Já?!

– Sim, senhor. Era quando minha mamãe tinha um deles para trabalhar nos centros de Umbanda. Ela sempre me deixava incorporar, conversar com meus irmãozinhos encarnados e comer docinhos!

– Você já fez tudo isso?

– Já, titio. O senhor dá uma igual a essa para mim?

– Criança, se você for igual aos que baixam nos centros, acho que estou encrencado.

– Por quê, titio?

– Aqueles, quando queriam alguma coisa, nós tínhamos de tratar de arranjar logo, sabe?

– O senhor vai me dar uma? Vai, não vai?

– Criança... eu não sei como... – e mais não falei porque não sei como, uma pequena serpente do Arco-íris, vinda não sei de onde, subiu pela minha perna e logo se aninhava ao redor do corpinho rosado daquele infante aquático-cristalino, que sorriu feliz por ter ganhado uma igual à minha. Mas ainda me cobrou:

– Agora só faltam os docinhos, titio!

– Depois, está bem, minha criança do Arco-íris?

– Sim, senhor, titio. Dê-me sua bênção para eu poder ir mostrar meu presente aos meus irmãozinhos!

– Que o Senhor do Arco-íris divino o abençoe, meu filho!

Assim que o abençoei, de meus olhos saíram dois faixos multicoloridos que penetraram em seus brilhantes olhinhos e o inundaram de uma essência muito especial, pois ele me falou:

– Titio, quando eu crescer vou ser igual ao senhor!

– Quem lhe disse isso, minha criança?

– Foi meu pai maior quem me falou!

– Quem é seu pai maior?

– Meu pai maior é o Senhor do Arco-íris, que o senhor conhece como o Orixá Oxumaré, titio.

– É, acho que você será mesmo. Agora vá brincar com seus irmaõzinhos... senão daqui a pouco você me adotará como seu pai pequeno.

– Eu já o adotei, titio. Só estou esperando o senhor adotar-me como mais um dos seus filhos.

– Você ainda não tem um pai pequeno?

– Ainda não, titio. Mas tenho meu vovô amado, sabe?

– Quem é seu vovô amado? Eu o conheço?

– O senhor conhece sim.

– Como ele se chama, meu filho?

– O nome dele é Guardião Beira-mar, titio.

Ao ouvir aquele nome, mais uma vez meus olhos se encheram de lágrimas, e beijei as faces rosadas daquela criança. Depois lhe perguntei:

– Você me aceita como seu pai pequeno, meu filho?

– Aceito sim, papai. Agora eu também tenho um pai pequeno todo meu! Vou contar para os meus irmãozinhos!

– Vá, minha criança do Arco-íris Divino. Vá e diga a todas as crianças que você também tem um pai pequeno que o ama e o protegerá sempre!

Aquele infante aquático-cristalino soltou-se dos meus braços e correu para junto de seus irmãozinhos, todo feliz. Voltei meus olhos para aquela irmã que conversava comigo e perguntei:

– Como isso é possível?

– Isso o quê, irmão encantador?

– Viu como apareceu uma pequena serpente encantada do Arco-íris?

– O que tem de tão espantoso?

– Isso não a deixa admirada?

– É claro que não. O divino Oxumaré nos vê por meio dos seus olhos e encantou para ele aquele nosso filhinho encantado. Eu tenho certeza de que no futuro esse nosso filho do Arco-íris nos encantará e nos inundará de alegria.

– Nossa! As coisas por aqui acontecem muito depressa.

– Nem sempre. Mas quando acontecem nos encantam, não?

Olhei aquela irmã por um instante e confirmei:

– Encantam sim. Como nos encantam!

– Então, por que não cumprimenta todos os seus irmãos e irmãs que também foram encantados por você e sua missão divina... para depois ir conosco à minha morada que, se você aceitar, será sua também?

– Já aceitei. Só estava esperando seu convite.

– Eu já o havia convidado, só estava esperando você aceitar. Agora dê um pouco de sua atenção aos seus irmãos e irmãs, senão...

Bom, acho que eu havia sido aceito pelos habitantes daquela morada celestial, pois fui abraçado e abençoado por centenas, talvez milhares deles!

Recebi mil convites diferentes para visitá-los e conhecê-los. E ainda bem que aquela irmã Estrela Dourada já havia me adotado, pois várias e encantadoras irmãs encantadas do Arco-íris me davam demorados abraços ao me cumprimentar, e só me soltavam após me dizerem mil vezes, ou mais, que me amavam muito... e de darem mil beijos em minhas faces. Rapidamente me recolhi à minha vibração superior, senão, acreditem, aceitaria aqueles insinuantes lábios que quase se encostavam nos meus, fecharia os olhos, mergulharia em seus encantos e esqueceria de tudo mais à minha volta.

Os últimos a me abraçarem foram meus sete discípulos do Arco-íris, que, emocionados, me disseram:

– O senhor não imagina como nos sentimos felizes em poder acompanhá-lo nessa sua missão divina, pai pequeno, mestre e guardião celestial dos mistérios do Arco-íris divino!

– Tendo irmãos tão dedicados auxiliando-me, tenho certeza de que tudo será mais fácil.

A irmã Estrela Dourada perguntou a eles:

– Vocês têm uma mãe pequena nos domínios da nossa mãe da Vida, a divina Iemanjá?

– Não, senhora.

– Vocês gostariam de adotar-me como sua mãe pequena nos domínios dela?

A emoção deles transbordou e, ajoelhados diante dela, aceitaram e foram abençoados por aquela nova mãe deles nos domínios da divina Iemanjá.

Eu observava tudo já com outros olhos, pois se ali não era como no plano material, onde um casal une-se e gera seus próprios filhos, no entanto as afinidades iam surgindo e os mais evoluídos iam adotando os menos evoluídos, e os amavam como filhos com tanta intensidade que encantava meus olhos e despertava meus sentimentos mais íntimos.

Onde eu me encontrava não se discutia Deus ou as Divindades, que são Suas manifestações divinas. Não existiam católicos, judeus, islâmicos, umbandistas, espíritas, evangélicos, etc.

Não. Lá existem os regentes planetários que conhecemos como nossos Orixás, mas eles os indicam por nomes mantras, pois são manifestações do divino Criador que nos chegam o tempo todo e durante todo o tempo. Não existem santos, profetas ou ungidos, pois as divindades reinam absolutas e soberanas.

Lá existem guardiões dos mistérios, que são os seres por onde eles fluem e se manifestam na vida de seus afins, que passam a ser novos manifestadores deles, que são as manifestações do divino Criador em nossas vidas.

Isso eu vi acontecer com uma criança, um infante aquático-cristalino, quando o divino Oxumaré, por meu intermédio, manifestou-se e o tornou mais um dos seus encantados do Arco-íris Divino.

Também vi que, quando a Cabocla Estrela Dourada abençoava seus novos filhos, sua estrela os envolveu por completo, encantou-os e os distinguiu com pequenas estrelas, que cresceriam em luminosidade e irradiação à medida que eles crescessem, "internamente", na irradiação do Mistério Estrela Dourada, que é um mistério da linha da geração, regida por Iemanjá.

Naquelas trocas contínuas entre eles, toda uma evolução natural segue adiante e sem quebra de continuidade, pois o adormecimento da memória imortal não acontece.

Vi também irmãos e irmãs com aparências de anciões que, ao me abraçarem, remoçaram e rejuvenesceram. A nova missão divina os revigorava e reenergizava, pois o Alto do Altíssimo os havia ligado a mim, um Guardião Celestial dos Mistérios do Arco-íris Divino.

Vi casais um tanto apáticos serem revigorados ao me abraçarem, pois, em uma troça energética, absorviam dos mistérios que fluíam por meio de mim as energias que os inundava e despertava neles o desejo de manifestarem aquela vontade divina do divino Oxumaré, o Senhor do Arco-íris Divino.

Eu, ao abraçá-los, inundava-os com tantas energias irradiadas pelos mistérios do Arco-íris que lhes imprimia um novo ânimo e um novo objetivo em suas vidas. E não que já não tivessem outros!

Mas, por terem sido agraciados com uma nova missão, sentiam-se tão felizes que suas vidas passaram por um salto qualitativo muito desejado, e dali em diante acrescentariam mais aquela missão às muitas outras que já desempenhavam com fé, amor e confiança. E, não tenham dúvidas, dali em diante, mesmo que já desempenhassem mil outras missões, a todas elas acrescentariam mais aquela, que fluiria por meio dos mistérios divinos que se manifestavam por meio deles, de suas vidas e de seus mistérios individuais.

Ainda que seja difícil entenderem o que estou revelando, saibam que vi aquele pequeno infante aquático-cristalino assumir a liderança de quase uma centena de outros infantes e trazê-los a mim para que também os abençoasse com as bênçãos do Arco-íris Divino. E fui agraciado com tantos abraços infantis cheios de amor e ternura que, quando me abraçavam e me diziam: "titio, eu o amo!", de meus olhos, corriam rios de lágrimas de alegria. Eu, vendo neles uma expectativa de poderem ter um pai guardião celestial dos mistérios do Arco-íris Divino, comovi-me tanto com tamanha dádiva divina que também os assumi como meus filhos do Arco-íris.

A alegria que irradiaram foi tanta que senti a presença invisível do divino Iá-ór-me-ri-iim-de-re-yê, o senhor Oxumaré, envolver a todos em geral e a cada

um em particular, cobrindo seus róseos corpinhos com uma veste que cintilava todas as cores do Arco-íris Divino. E dali em diante não importaria onde eu viesse a estar, porque sempre me veriam e me olhariam como o pai pequeno de todos eles e me enviariam suas vibrações de amor filial que fortaleceriam meu ser imortal!

Em tão pouco tempo eu já havia aprendido tanto sobre a forma de atuação dos sagrados regentes planetários, e de forma tão natural, que nada mais me faria duvidar de suas divinas existências, pois, se não eram como antes eu os imaginava ou os havia aprendido, no entanto a partir dali os entendia como as divinas manifestações do meu divino Criador.

Todas as minhas concepções acerca dos Sagrados Orixás estavam passando por um salto qualitativo muito grande. Minha amada mãe Iemanjá, sem deixar de ser a sereia encantada, a rainha do mar, a senhora dos navegantes, etc., no entanto assumia com intensidade sua verdadeira natureza divina: eu já a "via" como a divina mãe da Vida! E minha mente, voltando às lendas dos Orixás, a encontrava como a verdadeira mãe de todos os outros Orixás, pois, se ela é a mãe da Vida, então é a mãe de todos eles.

Mas ainda tinha dificuldades em interpretar integralmente o divino Oxumaré: se a parte das lendas que o sincretizavam com o Arco-íris e com a serpente encantada já estava explicada, assim como sua suposta androginia, pois ele tanto atuava no elemento macho quanto fêmea, muitas dúvidas ainda me incomodavam. Optei por aquietá-las em meu íntimo e aguardar, pois certamente logo seriam esclarecidas, e meu conhecimento deficiente seria aperfeiçoado.

Acho que aqueles irmãos e irmãs, vendo que eu tinha a necessidade de ficar a sós com a Cabocla Estrela Dourada, convidaram todas as criancinhas para irem conhecer suas moradas, e nos deixaram a sós.

Não vendo mais ninguém à nossa volta, meio sem jeito, falei:

– Acho que só ficamos nós dois, não?

– Ficamos sim.

– Puxa, eu tinha tantas coisas para lhe perguntar, mas de repente não me ocorre nenhuma!

– Comigo está acontecendo a mesma coisa.

– Acho que lhe passei uma imagem falsa, irmã. Não sou tão eloquente, sabe?

– Eu sei.

– Sou muito tímido, sabe.

– Sei sim.

– Acho que sempre fui assim.

– Tenho certeza de que você sempre foi assim.

– Aceita passear um pouco por esse lugar tão lindo?

– Aceito. Venho tão pouco aqui que mal conheço essa morada celestial dos filhos do Arco-íris.

– Só que tem um problema.

– Qual?

– Eu não conheço nada por aqui, sabe?

– Eu sei. Mas isso tem importância se vamos passear?

– Acho que não, não é mesmo? Só não podemos nos perder, senão nunca voltaremos aqui outra vez.

– Algum habitante dessa morada nos ensinará como voltarmos aqui.

– É, acho que ensinará sim. Vamos?

– Dê-me sua mão, por favor.

– Por quê?

– Estou tão emocionada que, se não me apoiar em você, não poderei andar. E se der dois passos, acho que cairei.

– Bom, estou acostumado a caminhar, pois sou um andarilho e a sustentarei. Mas também estou muito emocionado... e trêmulo.

– Por que isso nos acontece se desejávamos tanto ficar a sós só para podermos externar à vontade nossos mais íntimos sentimentos?

– Eu pensava que isso só acontecia na Terra.

– Acho que nada muda, não é mesmo?

– Algumas coisas mudam.

– Quais?

– A vontade que sinto de abraçá-la e senti-la bem junto do meu coração está maior, agora que estamos a sós.

– Por que não realiza essa sua vontade?

– Posso?

– Você deve, meu amor encantado.

– Só não posso me responsabilizar pelo que vier a acontecer depois que abraçá-la.

– Eu assumo todas as consequências que advirem.

– Então está bem.

Nós nos abraçamos tão forte que quase nos fundimos em um só ser... e começamos a chorar, chorar e chorar. E não fazíamos outra coisa senão chorar, tanta era a emoção do reencontro.

Acho que choramos durante várias décadas, e nada mais faríamos além de chorar se um ancião apoiado em um cajado e caminhando muito devagar não tivesse se aproximado e nos tirado daquele estado, ao nos dizer:

– Não sei por quê, mas não aprecio ver alguém chorando, sabem? Logo começo a vibrar um desejo imenso de consolá-los!

Como não conseguíamos dizer nada, ele nos tomou pelas mãos, separou-nos e, passando seus braços por baixo dos nossos, falou:

– Vamos passear um pouco para que, caminhando, descarreguem seus emocionais sobrecarregados pela alegria do reencontro.

Nós assentimos com a cabeça que aprovávamos, e ele, com seus passos lentos e pesados, impôs o ritmo da caminhada.

Ele falava pausadamente, mas não parou de falar em momento algum. Falava das árvores frondosas e floridas, dos jardins multicoloridos, das construções multimilenares. Enfim, falava de tudo, e tudo conduzia à necessidade da união para a renovação dos sentimentos, comunhão das vibrações, elevação das irradiações e fertilização da vida.

Acho que ele caminhou conosco por muitos milênios até que chegamos a um lugar daquele vale encantado, que era quase que um bosque. Atrás de nós haviam ficado as construções, e depois do bosque elas recomeçavam. Ele parou, olhou demoradamente e perguntou-nos:

– Vocês não acham que falta algo nesse bosque?

– Não sei, pai ancião, mas eu o acho muito lindo. – respondi.

– E eu o acho encantador demais para poder dizer-lhe se falta algo a ele, pai ancião – falou Estrela Dourada.

– Vocês ainda são muito jovens e lhes falta a noção divina das coisas. Por isso não conseguem ver o que falta a esse bosque, que realmente é muito lindo! Acho que eu nunca tinha reparado nele com atenção.

– É lindo sim, pai ancião. Mas o que falta a ele? – perguntei.

– Vida, filho amado. Ele possui muita beleza, mas falta-lhe vida. Olhem para trás e verão muitas construções, ajardinadas e ocupadas por seres que desfrutam a beleza e o conforto de suas aconchegantes moradas. Olhem além desse bosque e a mesma coisa verão. Mas nele só verão a beleza e nada mais.

– Ele serve aos desígnios maiores, pai ancião. Com certeza o regente divino que criou toda essa morada celestial achou por bem deixar esse bosque aqui para enfeitar a vida dos que aqui vivem.

– Não. Acho que ele só o deixou desabitado porque não tinha ninguém apropriado para habitá-lo! Acho que ele reservou esse bosque para alguém que trouxesse vida, muita vida. E, de tantas, renovaria essa parte dessa morada celestial – falou o pai ancião.

Estrela Dourada exclamou:

– Pai ancião, então o divino Oxumaré reservou esse bosque para si mesmo, pois ele é o próprio símbolo vivo da renovação. Não?

– Filha amada, por acaso me renovo em mim mesmo?

– Não sei, pai ancião – respondeu ela.

– Filho, responda você: eu me renovo em mim mesmo?

– Não, senhor. Se entendi corretamente tudo o que vi acontecer um pouco antes de o senhor chegar, só se renovará em outro ser.

– Por quê, filho guardião?

– Em si mesmo o senhor já é pleno e realizado. Portanto, só se renovará perpetuando-se, por meio de seus filhos, netos, bisnetos, etc.

– Exato. Na hereditariedade, o velho, o ancião, o ancestral, renova-se e perpetua-se no tempo e vai ocupando outros espaços, que criarão condições para que, ao seu tempo e lugar, também seus filhos se renovem e perpetuem-se no tempo. Olhem esse bosque! Ele é lindo, mas não se renovou, pois em si mesmo já é

pleno. E, se não lhe adicionarmos um meio de renovar-se, nunca deixará de ser o que é: um lindo bosque! Mas, se lhe acrescentarmos vidas, aí ele se renovará e se perpetuará na memória viva de quantos vierem a usufruir essa beleza ímpar. Ele viverá e fará parte da vida dos que vierem a usufruir sua beleza e se perpetuará na memória de seus renovadores! O que vocês acham que poderíamos fazer para perpetuarmos esse bosque, meus filhos?

– Não me ocorre nada que possa acrescentar-lhe, pai ancião. Ele já é pleno em si e encanta todos que o contemplam – respondi.

– E você, filha? O que acha que poderíamos fazer por esse bosque para perpetuá-lo?

Ela olhou o bosque, depois me olhou, e aí lhe pediu:

– Pai amado, já faz muito tempo que não desfruto os carinhos de um pai. Posso aconchegar-me junto ao senhor e desfrutar os seus carinhos, ternura e amor paterno?

– Você quer me dar esse prazer único, minha filha?

– Sim, meu pai. Mas também quero vivenciá-lo.

– Deixe-me ver... é, acho que dali teremos uma visão total desse bosque! – falou nosso pai ancião, que a seguir estendeu sua mão direita na direção do lugar e fez surgir um confortável banco, onde nos sentamos, ladeando-o. Estrela Dourada mais que depressa aconchegou-se toda junto do corpo dele e recostou seu rosto em seu ombro. Depois pegou sua mão direita e a levou aos lábios, beijando-a com ternura, e falou: só um verdadeiro pai consegue nos proporcionar um momento tão gostoso como o que agora vivencio junto ao senhor.

– Filha amada, obrigado por proporcionar-me esse momento tão prazeroso, divino mesmo!

– Pai, eu o amo muito. Perpetue-se em mim com todo esse amor vivo que o senhor irradia.

– Já me perpetuei, filha do meu coração.

– Então converse um pouco com seu filho amado e permita que esse momento divino seja desfrutado por nós dois por mais algum tempo, está bem?

– Você acha que eu deixaria de proporcionar-lhe essa satisfação que tanto bem me faz?

– Eu o amo, papai! – exclamou ela, quase em um sussurro, beijando-lhe a face com tanto amor e ternura que o levou às lágrimas. E elas rolavam pelas suas faces, caíam sobre sua veste semelhante à seda, e corriam até caírem logo adiante de seus pés, calçados com sandálias que cintilavam mil cores.

Sim, senhor, só então notei esse detalhe naquele pai ancião.

E o mais maravilhoso do amor que naquele momento eles vivenciavam é que elas foram se juntando e formando um aglomerado de lágrimas multicoloridas. E não demorou muito para Estrela Dourada também começar a derramar suas lágrimas, que caíam no peito dele, mas não corriam sobre aquela veste sedosa.

Não, elas eram absorvidas pela veste e desapareciam.

Como de vez em quando ela o beijava e dizia: "papai, eu o amo muito!", e ele respondia-lhe: "esse seu amor é uma das razões de minha vida, minha filha amada!", resolvi deixá-los um pouco a sós, e fui caminhar pelo bosque.

Nós estávamos, digamos, na cabeceira daquele bosque, e dava para ver as construções que o margeavam por todos os lados.

– Vou ver como é aquela construção do outro lado, que só mostra seu teto! – exclamei para mim mesmo.

E foi o início da descoberta de um mistério divino, pois caminhando por entre as frondosas árvores, logo me deparei com um riacho de águas tão cristalinas que cintilavam.

– Estranho! – exclamei. – Lá de cima não vi esse riacho, ou sinal de que aqui nesse minúsculo bosque houvesse um! Se a água corre para lá, então sua nascente deve estar logo ali. Eu vou vê-la!

Acho que caminhei por mais de um século, e sempre vendo novas paisagens, lagoas formadas pelo córrego, cachoeiras, imensos pomares às suas margens, e não chegava à sua nascente!

– Santo Deus! O tempo que estou caminhando já daria para ter percorrido toda a extensão do vale que minha vista alcançou, e no entanto ainda não saí do bosque!

– Meu divino Criador! Estou dentro de um mistério da criação! Acho que posso continuar caminhando por toda a eternidade, mas nunca alcançarei a nascente desse riacho!

Então resolvi mudar de direção e caminhei mais algumas décadas por entre árvores de tudo quanto é espécie que possa existir, pois vi tantas, e desconhecidas!

Às vezes chegava em algum lugar que se parecia com prados tão floridos que até embaralhavam minha vista.

Encontrei novos riachos, muitas fontes naturais e, para espanto meu, um caudaloso rio que às vezes corria tão manso que dava a impressão de que poderia caminhar sobre suas águas. Mas em determinados pontos descia por inclinações, formando corredeiras tonitruantes barulhentas. E logo adiante surgia uma imensa e encantadora cachoeira.

Acho que caminhei vários milênios, seguindo o curso daquele rio caudaloso. Deliciei-me tanto com a visão de várias cachoeiras que perdi a conta do número delas.

Já ia mudar de rumo quando senti que o estuário dele estava próximo. Apressei o passo, quase correndo, pois meu coração pedia que me apressasse.

E algum tempo depois vi o espetáculo dos espetáculos: o rio abria-se como um leque, e ficava raso, para, a uns duzentos metros adiante, e por entre pedras, cair para um nível inferior, formando sete cachoeiras. E, como as pedras tinham cores diferentes, de cada vão, caíam águas coloridas.

Cada queda tinha sua cor, que a destacava de todas as outras. Contei cada uma e vi que formavam um Arco-íris celestial.

A imensa queda d'água formava uma gigantesca curva, assumindo a forma de um Arco-íris. E, de baixo, subia outro Arco-íris, que encimava todo aquele espetáculo divino.

Quanto às águas que caíam, formavam um vasto, vastíssimo lago!

Segui pela margem dele, com a mente trabalhando a uma velocidade altíssima. Mil pensamentos me ocorriam.

Então cheguei ao tão esperado fim de minha caminhada: o lago se abria em um delta e despejava as águas daquele rio em um oceano!

– Santíssimo Criador!!! Meu Divino Criador!!! Corpo vivo da natureza!!! Meu Deus!! Por que o senhor extasia assim os olhos desse seu humilde filho? O que fiz para merecer conhecer esse mistério da natureza divina?

– Por quê, meu pai? – perguntei, já aos prantos.

– "Porque você é meu pequeno Arco-íris que enviei à carne, para que transmitas aos seus irmãos, que também são meus filhos, que o mistério dos mistérios Sou Eu, o seu divino Criador! E todo aquele seu irmão que crer nos mistérios divinos que você cantará em versos e prosa, internalizá-los e irradiá-los, já começará a vivenciar na carne esse encanto e beleza que extasia seus olhos e sublima seus sentidos, filho meu!"

– Mas por que logo eu, meu pai?

– Porque você é... e a resposta repetiu-se.

– Pai amado, eu...

– "Porque você é meu mensageiro, e por seu intermédio me perpetuo nas mentes e nos corações dos meus filhos. E todos aqueles que crerem nos mistérios que você cantará em verso e prosa, estarão Me perpetuando em sua fé, pois Eu Sou o mistério dos mistérios, e Estou em tudo e em todos, que são Meus mistérios!"

– Pai amado, sou só um, meu Pai! Serei uma voz dissonante em um meio no qual todos O fecham em um mistério impenetrável, e que deve ser guardado nas alturas inalcançáveis ou trancado no interior dos templos!

– "Mesmo que eles procedam assim, ainda assim, Vivo no íntimo de todos os que em Mim creem, não?"

– O senhor vive, meu pai! O senhor é o mistério dos mistérios! É a vida da vida! É o amor do amor! É a fé e da fé! E...

– "Eu sou você também, meu filho! Creia nisso por um só instante de sua vida, e você irradiará com tanta força, beleza e esplendor os encantos do Arco-íris divino, que são seus Sagrados Orixás, que são minhas múltiplas manifestações, que os perpetuará no coração de todos que o ouvirem e crerem nos encantos dos meus mistérios divinos!"

– Eu creio, meu pai!

– "Então assim será, meu filho! Eu só existo no coração dos que em Mim creem! Você só existirá se crer no que cantará em versos e prosa aos seus irmãos! Assim tem sido, e assim sempre será!"

– Que assim seja para todo o sempre! Que só O vejam aqueles que em Ti crerem! Que só manifestem Seus mistérios aqueles que neles crerem!

E mais não falei ou me foi dito.

Continuei ajoelhado e chorando compulsivamente por séculos e séculos! E continuaria a chorar por toda a eternidade se um coro celestial, não sei de onde, não começasse a cantar um dos cantos que mais me encantavam. Seu título?

– As Sete Linhas de Umbanda!

Aquietei meu choro, enxuguei minhas lágrimas e também comecei a cantar aquele canto de Umbanda Sagrada! Os poucos, à minha voz humana, que acompanhava aquele invisível coro celestial, foram se juntando mais e mais vozes humanas. Eram tantas que chegavam aos milhões de vozes humanas cantando com aquele coro divino!

E diante dos meus olhos iam passando rostos e mais rostos, todos voltados para altares de tendas de Umbanda, que também iam passando diante dos meus olhos.

Eu via milhares de tendas de Umbanda, todas repletas de irmãs e irmãos vestidos de branco, e todos cantando as Sete Linhas de Umbanda. De repente, por trás de todos aqueles altares sagrados idealizados por mentes e corações humanos, começou a formar-se um altar celestial, divino mesmo, que era tão grande que, na frente dele, ficavam todos os altares das tendas de Umbanda erigidos na Terra.

E aquele altar divino sustentava com suas irradiações todos os altares erigidos em nome dos Sagrados Orixás!

Mentalmente fui vendo velhos babalaôs serem substituídos por outros mais jovens, aquele panteão divino deixar de ser como o descreviam as lendas africanas e ir metamorfoseando-se em um colossal, divino mesmo, Arco-íris Celestial.

Onde antes havia divindades humanas, irradiações multicoloridas vindas do infinito, chegavam até ali e dali irradiavam um cordão de sete cores que alcançava os altares de cada uma daquelas tendas. E, na ponta de cada um daqueles cordões, abria-se em um delta multicolorido com outros sete cordões derivados; e, na ponta destes, eu via os Orixás humanizados, todos irradiando sobre os umbandistas postados de frente para os altares, os quais continuavam cantando as Sete Linhas de Umbanda.

O Arco-íris Divino, à medida que descia, ia se multiplicando e, ao chegar aos altares, irradiava-se sobre os médiuns, que absorviam aquele fluxo multicolorido, e também eles o irradiavam, alcançando pessoas que trabalhavam, passeavam, dormiam, choravam, sofriam, clamavam e sorriam e, pouco a pouco, iam assumindo o lugar daqueles médiuns, que haviam envelhecido e iam ascendendo e assentando-se ao lado dos Orixás, que os havia sustentando no plano material e continuavam a sustentá-los no espiritual.

E, à medida que os médiuns diante dos altares iam sendo substituídos por outros mais jovens, ia crescendo o número dos que iam, já em espírito, assentando-se ao lado dos Orixás e iam subindo, para que o nível que antes ocupavam fosse ocupado pelos que continuamente passavam do lado material para o espiritual.

Era uma pirâmide que ia crescendo continuamente, até que seu vértice alcançou a ponta do Arco-íris. E aí os primeiros médiuns a assentarem-se ao lado dos Orixás foram seguindo para a direita ou para a esquerda. E todos, em um só nível, de mãos dadas, formavam um cordão horizontal que, de tão comprido, ultrapassou meu limite visual.

Mas em dado momento vi as duas pontas daquele cordão humano, ambas ocupadas por irmãos meus, chegarem até ali onde eu estava e, um de cada lado, me darem suas mãos e, sem deixarem de cantar as Sete Linhas de Umbanda, sorrirem e me convidarem a seguir adiante, pois, se ficássemos parados, toda aquela imensa corrente humana estacionaria.

Avançamos um passo e, quando olhei para trás, outros três irmãos, também de mãos dadas, me sorriram. E, sem deixarem de cantar as Sete Linhas de Umbanda, saudaram-me e disseram: "eu vim ocupar seu lugar, meu pai. Siga adiante e descortine novos horizontes dos Sagrados Orixás para que nós possamos caminhar até aí onde o senhor está, pai amado"!

Eu avancei mais alguns passos, e, quando tornei a olhar para trás, aqueles três irmãos já haviam envelhecido um pouco e cedido suas posições anteriores aos seus filhos, bem mais jovens.

Então os três atrás de mim me saudaram e pediram: "pai amado, avance mais um pouco e descortine novos horizontes, pois os que ocupamos, nossos filhos já estão prontos para ocupá-lo"!

E à medida que eu avançava e olhava para trás, via meus filhos, meus netos, bisnetos, tataranetos, etc., todos cantando as Sete Linhas de Umbanda.

Aquilo, aquele êxtase, durou muitos milênios. E quando eu, já envelhecido no tempo, mal conseguia mudar meus passos, eis que vi ao longe aquele meu pequeno filho encantado pelo divino Oxumaré.

Eu parei e fiquei contemplando sua corrida célere em minha direção. Ao longe eu ouvia sua voz infantil gritar: "papai, eu te amo"!

De meus olhos começaram a correr lágrimas de alegria, pois se eu era já um ancião do Arco-íris Divino, ele era minha renovação. E à medida que corria para mim, tropeçava, caía, levantava-se e me dizia: "papai, eu te amo"

Eu lhe enviava minhas irradiações de fé, amor e vontade de perpetuar-me nele, que estava crescendo e passando por todas as dificuldades por que passam os que só crescem se avançarem sempre.

E vi meu filho, em sua caminhada para mim, cair em buracos e momentaneamente desaparecer de minhas vistas. Eu lhe enviava mais e mais irradiações e, logo, ele, movido por uma força muito grande, agarrando-se às encarpas, alcançava a planície à minha frente. E eu já o via mais forte e mais crescido! Eu sorria e infundia nele a vontade de vir até mim, pois eu já havia envelhecido e não podia caminhar mais.

Ele, ainda distante, gritava: "papai, eu te amo"!

– Também te amo, meu filho! Venha para junto de mim para que eu me renove em você!

Ele iniciava nova corrida e, apesar dos obstáculos que ia encontrando, superava-os e continuava a avançar em minha direção.

Como foi angustiante acompanhar aquela jornada do meu filho amado!

Às vezes os obstáculos eram tão grandes, intransponíveis mesmo, que ele tinha de retroceder e, com lágrimas nos olhos, tinha de encontrar um caminho que lhe permitisse continuar sua jornada em minha direção. Nesses momentos, aos prantos, ele gritava para mim: "papai, eu te amo, pai amado! Por que é tão difícil chegar até aí onde o senhor está"?

– Filho amado! Respire fundo, fixe sua mente em mim que lhe envio minhas irradiações celestiais, que o fortalecerão e o ajudarão até alcançar uma nova planície, já sem esses obstáculos!

Ele parava de chorar, levantava-se e retomava sua caminhada, já mais amadurecido. Já olhava onde pisava para não ferir seus pés descalços ou arranhar seu corpo nos espinheiros, e seguia em frente.

Às vezes ele olhava tanto por onde pisava que se desviava da direção que eu estava. Então eu gritava: "filho! Meu filho amado!, olhe para cá, pois é para cá que você deve se dirigir"!

Como foi difícil guiá-lo até que finalmente alcançou a vasta planície à minha frente, já sem muitos obstáculos ou depressões que o tirassem do meu campo visual.

Mas a planície era tão linda e cheia de encantos que às vezes ele parava e ficava contemplando-a, em vez de vir até mim, seu pai, que só me renovaria nele, meu filho amado!

E aí o chamava seguidas vezes, até que saía de suas abstrações e seguia mais um pouco em minha direção.

Quando finalmente chegou tão perto que pude ver como havia crescido e amadurecido, meus olhos choraram silenciosamente minha alegria de pai, pois eu me via no meu filho amado, que se ajoelhou na minha frente e falou: "pai amado, desculpe-me por ter demorado tanto em alcançá-lo"!

– Não se desculpe, meu filho, eu o guiei o tempo todo e sei como foi difícil para você chegar até mim, seu pai. Venha, dê-me um abraço forte, meu filho! Deixe-me sentir seu vigor enquanto o inundo com meu saber!

– Pai, eu o amo, meu pai! – falou ele, já aos prantos enquanto se aproximava de mim, seu amado pai.

– Filho, você não imagina como eu, seu pai, o amo!

E nos abraçamos e nos amamos como só um pai e um filho conseguem se amar: abraçando-se forte e olhando-se com respeito e admiração!

Mas, em dado momento, comecei a chorar compulsivamente e o envolvi com todo o meu amor e minha vontade de viver nele por todo o sempre.

E continuaria a chorar se duas mãozinhas infantis não tivessem começado a acariciar minhas faces e uma voz doce e cheia de ternura não tivesse me dito: "papai, não chore, pois eu o amo"!

– Meu querido filho! – exclamei, já despertando do êxtase. – O que você faz aqui? Por que não está com sua mãe ou seus irmãozinhos?

– Desculpe-me, papai! Pensei que o senhor queria me ver, e vim correndo para os seus braços. Desculpe se o fiz chorar tanto. Mas o senhor estava tão longe! O senhor não me quer mais junto de si?

– Por Deus, meu filho amado! Nunca antes desejei tanto um filho e necessitei tê-lo em meus braços para poder senti-lo e amá-lo. Obrigado por ter vindo para mim, meu filho amado! Eu o chamei porque o amo, meu filho!

– E eu respondi ao seu chamado porque também o amo, meu pai.

– Meu filho, você já tem um vovô aqui nos domínios do nosso amado regente Oxumaré?

– Ainda não, papai.

– Você quer conhecer um pai desse seu pai?

– Ele é seu pai?

– É sim, meu filho.

– Quero sim, papai. Acho que já amo meu novo vovô!

– E claro que você o ama! Segure-se no meu pescoço, pois vamos volitar até onde ele e sua mamãe estão.

Ele se apertou contra meu peito e, agarradinho em meu pescoço, falou-me: "eu o amo, papai! O senhor não imagina como sou feliz em tê-lo como meu pai e sentir-me amparado e protegido pelos seus braços fortes. Quando eu crescer, vou ser igual ao senhor"!

– Será sim, meu filho amado. Vamos?

– O senhor é meu pai. O senhor me conduz. E para onde o senhor for, eu também irei!

Volitei e, no instante seguinte, surgíamos diante do pai ancião, que continuava abraçado à sua filha amada. Eles estavam em silêncio, mas de seus olhos corriam tantas lágrimas que um filete descia pela veste sedosa dele. Fiquei em dúvida se devia interromper aquele êxtase, mas meu filhinho soltou-se dos meus braços, subiu no colo deles e acariciou suas faces. Depois começou a beijá-los e a dizer: "mamãe, eu a amo! Vovô, eu o amo, meu vovô amado! Não chorem senão fico triste"!

Tal como havia acontecido comigo, eles também saíram do êxtase e abraçaram aquela criança, que simbolizava a renovação da vida!

– Vovô, meu pai me disse que o senhor também é meu vovô. O senhor me aceita como mais um dos seus netinhos?

– Divino Criador! É claro que o aceito! Como eu o desejei, meu neto amado!

– Dê-me sua bênção, vovô.

– Meu neto amado, eu o abençoo, abençoo e abençoo!

– Vovô, quando eu envelhecer vou ser igual ao senhor!

– Por quê, meu neto?

– Essa sua vontade de viver e esse seu amor à vida é o que mais gosto de sentir no senhor, vovô!

– Meu neto, receberá sempre essas irradiações desse seu vovô amado!

– Obrigado, vovô. Eu o amo muito e estou muito feliz por ser mais um dos seus netos amados!

Esperei-os aquietarem seus emocionais e, quando vi uma oportunidade, ajoelhei-me diante dele e disse-lhe:

– Pai amado, foi-me difícil chegar até aqui. Mas sei que esperar por minha chegada também lhe foi difícil. Saiba que o amo muito e que desejo amadurecer no seu amor e perpetuá-lo em mim. Dê-me sua bênção, meu pai amado!

– Levante-se, meu filho! Deixe-me abraçá-lo agora que você está mais maduro e apto a perpetuar-me em sua vida.

Nós nos abraçamos e trocamos com tanta intensidade nossas irradiações de amor que quem nos visse veria só uma intensa luz que irradiava amor em todas as direções. E muito mais intensa ela se tornou quando o infante a Estrela Dourada se uniram a nós naquele abraço de vida e amor.

Depois nos separamos, e o pai ancião, ladeado por nós e com seu novo neto no colo, falou:

– Vivenciei um êxtase, meus filhos amados. Nele esta minha filha, que é uma mãe da vida, inundava-me de alegria e permitia que eu me renovasse através da vida de muitos netos amados!

– Papai – falou Estrela – também vivenciei um êxtase. E nele eu me via em um lugar tão lindo quanto esse bosque, mas que tinha uma morada celestial só dele, e que nela cabiam todos os meus filhinhos e filhinhas, que estão espalhados nos domínios de minhas duas mães maiores: minha mãe Iemanjá e minha mãe Oxum.

– Filha, deixe-me ver nos seus olhos se a morada que você viu é igual à que vi, e que é igual àquela ali adiante, bem no meio desse bosque!

– Que morada, papai ancião? – perguntou ela.

– Aquela ali! – exclamou ele, apontando para nossa frente.

Nós olhamos para onde ele apontava e, aos poucos, vimos surgir uma encantadora morada dentro do bosque.

Não me perguntem como aquilo aconteceu, pois esse é mais um mistério. Mas Estrela, toda sorridente, exclamou:

– É essa sim, papai!

– Eu também a vi, filha. Acho que você tem tantos filhos que o que faltava a este bosque, agora já não falta mais. Não é verdade, meu filho? – perguntou-me, enquanto piscava um olho, todo feliz! Então perguntei:

– Pai amado, por que não vimos esta morada antes?

– Faltava quem a habitasse, meu filho. Quando o divino Criador realizou sua obra, Ele a fez tão completa e perfeita que, sem sairmos do lugar em que nos encontramos, à medida que nossas necessidades vão surgindo, já temos o

que nos falta bem diante dos nossos olhos, só bastando nos colocarmos na exata vibração, para visualizarmos o que nos falta.

Este bosque já existe desde que tudo o mais que aqui existe foi criado. Muitos já se deliciaram com a beleza e o encanto dele, mas ninguém necessitava dele como nossa Estrela Dourada necessita, para que o divino Oxumaré se renove por meio através dos filhinhos dela. E, porque ele se renova a todo instante, esse é um dos instantes em que ele se renova.

Você caminhou, caminhou e caminhou por este bosque, e não encontrou outro semelhante seu, não foi?

– Foi sim, meu pai. Caminhei durante milênios incontáveis, e não vi nada além da exuberante natureza que torna este bosque um mistério divino.

– Percebe o que faltava a este bosque? Quantos moradores deste imenso vale já não visitaram este bosque ao longo dos tempos?

– Creio que muitos.

– Mas agora só estamos nós quatro, não?

– É, só nós quatro.

– O que acontecerá depois que nossa Estrela Dourada trouxer para cá seus filhinhos, já infantes?

– Não sei, pai.

– Todos os habitantes dessa região próxima do bosque virão aqui, pois estão maduros no tempo e sentem a falta de infantes, nos quais se renovarão e se perpetuarão. Nossa Estrela Dourada, que ainda é uma mãe intermediadora entre nossas mães Iemanjá e Oxum, se tornará uma mãe intermediadora delas para o nosso pai Oxumaré, pois, por meio dela, se iniciará uma cadeia muito grande de relacionamentos que renovará muitos milhares de habitantes desse vale.

– Pai sábio, o que é uma mãe intermediadora?

– Para você, que ainda está muito humanizado, ela é uma Orixá "menor".

– É isso o que é um Orixá intermediador?

– Essa é uma de suas atribuições, meu filho. Um Orixá intermediador cria essas condições únicas, pois une em torno de si as condições ideais para que a vida não sofra uma quebra de continuidade, e, por meio dele, os pais e mães maiores, que são os Orixás naturais, se renovem por meio desse intercâmbio de vida e se perpetuem o tempo todo por meio de todos.

– Falta esse conhecimento aos adoradores dos Orixás, meu pai. Por quê?

– É muito difícil encontrar um intermediador entre os dois planos humanos e as dimensões naturais, meu filho. Quando encontramos um em algumas das condições ideais, falta-lhe outras que são fundamentais, senão o intercâmbio de conhecimentos não acontece. E, quando, após intensos esforços nossos, criamos as condições que lhes faltavam, aí já adormeceram nas que já eram autossuficientes.

Então nos aquietamos e esperamos que os próprios regentes planetários e multidimensionais enviem seus mensageiros que, de um jeito ou de outro, com certeza semearão um novo e mais abrangente conhecimento.

E esse novo conhecimento, por ser novo e ser mais abrangente, cria as condições ideais para que eles se renovem nas mentes e nos corações dos seus amados e adorados filhos humanizados.

– Pai...

– Depois continuaremos a conversar, meu filho. Acho que nos esquecemos de que o divino Oxumaré já criou todas as condições ideais para assentar neste bosque encantado sua nova mãe intermediadora para os domínios de nossas divinas mães Iemanjá e Oxum. Filha! – ele chamou para perto de nós nossa amada Estrela Dourada.

– Sim, papai!

– Você gostou do interior dessa morada?

– Eu a amei, papai.

– Você acha que abrigará todos os seus infantes dentro dela?

– Não, papai.

– Será que aquelas outras que circundam essa aí e completam um belíssimo conjunto arquitetônico serão suficientes para todos?

– Papai...

– Se não forem, logo depois daquelas árvores existe um outro conjunto semelhante a este, mas um pouco maior.

– Papai... o senhor...

– Por que você não dá uma olhada, minha filha?

– Sim, senhor! – exclamou ela, toda sorridente. Eu olhei e pouco a pouco fui vendo o que ele havia dito que ali existia.

– Santo Deus! – exclamei, muito admirado. Quanto a ela, limitou-se a soluçar. Então veio até ele e perguntou:

– Por quê, papai?

– Filha, você é uma mãe da vida que já adotou tantos filhos que ultrapassou em muito seu grau de mãe pequena. E, porque o divino Oxumaré deseja renovar-se por meio de seus infantes e ele a tem na conta de uma mãe intermediadora já há muito, então chegou o momento ideal para que essa vontade dele flua por meio de você e seja um de seus desejos.

Assim que o pai ancião falou aquilo, uma névoa cintilante envolveu Estrela Dourada e, por um instante, eu não vi nada senão mil cores cintilarem onde ela estava. Depois a névoa foi se recolhendo, ou melhor, foi sendo absorvida por ela e uma nova Estrela Dourada estava bem ali, na nossa frente! Ainda a ouvi dizer: que seja feita sua vontade, meu pai amado!

– Obrigado por ter permitido que eu fosse uma das testemunhas oculares dessa vontade do divino Oxumaré, minha filha! – falou o pai ancião. – Você terá em mim um avô para todos os seus infantes. E fortalecerei sua nova vida com todo o meu amor.

– Obrigada, papai. O senhor sempre foi uma bênção em minha vida, e a partir de agora, vejo que também é uma das dádivas divinas que o divino Criador me concedeu.

– Filha amada, você me distingue como uma das dádivas divinas de sua vida?

– Sim, papai. Perdoe-me por não tê-lo reconhecido antes como uma dádiva em minha vida.

– Filha! Minha filha amada! Como me sinto feliz por tê-la entre as muitas filhas que me aceitaram como pai! Meu divino Criador, como o senhor é generoso com esse seu filho, meu senhor! Como o senhor é generoso, meu pai! Como estou feliz por ser distinguido pelo senhor como uma dádiva divina na vida dessa minha filha!

E mais ele não agradeceu ao divino Criador, pois caiu de joelhos e começou a soluçar.

Nós tentamos acalmar seu emocional, mas nada detinha aquele emocionado pranto de gratidão. Então Estrela Dourada me pediu:

– Querido e amado amor de minha vida, você é um Guardião Celestial do Sagrado Arco-íris e pode reunir aqui todos os meus infantes. Reúna-os para mim, pois só assim nosso pai amado parará de chorar.

– Como fazer isso, se não sei como?

– Ordene isso à sua encantada serpente do Arco-íris, que em um instante todos estarão aqui, querido!

– Ela fará isso?

– Ela é a encantada do Arco-íris, não?

– É, acho... é sim. Vou ordenar-lhe isso, querida. Mas... você não quer fazer isso?

– Você permite a mim essa honra de ordenar à sua serpente encantada essa minha vontade?

– Claro! Aí aprenderei como se faz isso.

– É só falar o que deseja que ela faça, e, no mesmo instante, ela fará. Já que você me concedeu esse direito, vou ordenar-lhe:

– Encantada do divino Oxumaré, vá buscar todos os meus infantes espalhados nos domínios de minha mãe Iemanjá e de minha mãe Oxum. Traga também minhas irmãs pequenas que cuidam deles!

No mesmo instante aquela serpente transformou-se em um Arco-íris que se projetou para o infinito, e dali a alguns segundos começaram a surgir infantes, todos ligados a um fino cordão multicolorido. E foram surgindo tantos infantes, mas tantos, que até me sentei no banco para melhor contemplar aquele espetáculo da vida.

Eram milhares e milhares de crianças que ali iam surgindo e acomodando-se, umas encostadinhas nas outras, e todas ao redor de Estrela Dourada, que irradiava luz sobre todas elas.

Também vi surgirem muitas mocinhas, que acomodavam em seus braços ou agarradinhas em suas saias rodadas muitos outros infantes, um pouco menorzinhos.

Um pranto silencioso de admiração e alegria fez com que lágrimas rolassem pelas minhas faces.

Assim que todos estavam ali, a serpente recolheu seu encanto e acomodou-se novamente junto ao meu corpo. Estrela então ordenou:

– Meus filhos amados, conheçam seu novo vovô!

Imediatamente aquela multidão de infantes aglomerou-se ao redor daquele nosso pai amado, e todos queriam abraçá-lo e beijá-lo. Um verdadeiro fuzuê infantil o tirou daquele choro tão intenso, o fez sorrir feliz e dizer, sempre que elevava um infante acima de sua cabeça: "obrigado, meu pai divino"!

E a nenhum ele deixou de dizer aquilo, inundando-os com seu amor e vontade de viver.

Aquela confraternização entre o ancião e os infantes ou entre o ancestral e a renovação parecia não acabar mais, de tantas crianças que ali haviam. Acho que durou um século para todos aqueles infantes serem abençoados por ele, que, após abençoar o último, abraçou Estrela Dourada e falou:

– Filha, estou tão feliz que sinto que rejuvenesci muitos milênios!

– Eu sei, papai. Nunca antes o vi assim, tão radiante. O senhor me dá sua licença, pois preciso acomodá-los na nova morada que ganharam.

– Vá, minha filha. Eu vou ficar sentado ali no banco até que você acomode a todos!

Estrela Dourada e suas irmãs foram acomodar toda aquela criançada, e o pai ancião veio sentar-se ao meu lado. E só voltou a falar quando viu a última criança ser recolhida às construções.

– O que me diz agora, meu filho?

– Não tenho palavras, meu pai. Minhas lágrimas expressam o que não consigo dizer.

– Eu o entendo. Mas, do que falávamos?

– Já não me lembro também.

– Nossa amada Estrela é um encanto, não?

– É sim.

– Como você acha que ficará a estrela dourada que encima a coroa dela e que a distingue entre todas as outras estrelas?

– Não entendi, papai.

– Sim, como acha que o Arco-íris melhor se adaptará à estrela dourada que encima a coroa dela?

– Não sei.

– Temos de ver como ficará melhor, pois agora ela é uma mãe intermediadora do divino Oxumaré e ostentará o Arco-íris junto à sua estrela dourada. O que você acha?

– Pai, eu não sei nada sobre isso. Mas sei que o senhor também já viu isso, não?

– É, já vi sim. Vamos ver como ficou?

– Onde?

– Em Estrela Dourada, oras!

Dirigimo-nos ao interior da construção e espantei-me, pois por dentro ela era muito maior do que aparentava por fora. E era tão grande que tinha enormes jardins internos que eram deslumbrantes.

Quando chegamos onde ela estava, sua estrela dourada estava circundada por um Arco-íris, também vivo. Então falei:

– Se antes essa estrela era linda, agora é muito mais, meu pai.

– Também acho, meu filho. Como devemos chamá-la?

– Como?!!

– Sim, ela tem de ter um nome que sintetize seu mistério e simbolize os três Orixás que se manifestam por meio dela.

– Diga-o logo, papai! – pedi.

– Bem, aí está nossa amada intermediadora Estrela Dourada do Arco-íris Divino!

– A estrela é nossa mãe Iemanjá, o dourado é nossa mãe Oxum e o Arco-íris é nosso pai Oxumaré? – perguntei-lhe.

– Essa é uma interpretação humana, meu filho. E está correta. Já em uma interpretação celestial, a estrela é a vida, o dourado é a vitalidade e o Arco-íris é por onde a vida flui continuamente.

– Vida, a força da vida e as faixas vibratórias onde ela se manifesta, não?

– Essa já é uma interpretação divina, meu filho. Vamos pedir a ela que distinga essa morada com esse novo símbolo sagrado.

Pouco depois Estrela, já fora da construção, projetava seu novo símbolo sagrado, que encimou a entrada daquela morada celestial. E ele começou a irradiar, tornando-se visível em um raio de 360 graus. E, como se fosse um aviso esperado por muitos, dali a pouco começaram a chegar irmãos e irmãs de todos os lados daquela morada.

Eram tantos que aquele lugar adquiriu uma nova aparência. O pai ancião ainda me falou:

– Estávamos certo, não?

– Sobre o quê, meu pai?

– Ora, que faltava vida a este bosque, meu filho!

– É, o senhor estava certo.

– Nós, meu filho. Nós, sim?

– Por que nós, meu pai?

– Sem vocês dois, eu não teria visto esse conjunto de moradas que aguardava seus ocupantes, e essa vontade do divino Oxumaré não teria se transformado em um desejo que já está se realizando. Só as vi quando vi você e Estrela, unidos em todos os sentidos pelo amor e pela vida, que são a essência do divino Oxumaré. E, quando isso acontece, uma renovação muito grande inicia-se.

Estrela agora tem em você um sustentador vigoroso. E ampliará tanto sua capacidade de adotar filhos que, dentro de muito pouco tempo, muitas outras moradas semelhantes a essa se tornarão visíveis dentro desse bosque.

– Se não tivesse acontecido nosso reencontro, nada disso estaria acontecendo agora?

– Não, meu filho.

– Pai, fale-me sobre isso, por favor.

– Filho, você está retornando de uma longa jornada e de pouco ou nada se recorda. Por isso vou falar-lhe sobre esse mistério de forma didática, está bem?

– É assim que desejo ouvi-lo, meu pai. Desejo que o senhor seja um mestre para mim, por mais que nunca me falta um.

– Vamos caminhar um pouco?

– Dê-me seu braço, pois quero apoiá-lo com meu vigor, mas quero amparar-me nas suas qualidades divinas.

Ele apenas sorriu com o que eu dissera. Mas fiquei feliz, pois ele vibrou alegria ao ouvir-me dizer aquilo. E logo ele já caminhava com mais desenvoltura. Em mim ele tinha o vigor, e o hauria por meio da troca energética que havia se estabelecido entre nós dois. O ancestral se revigorava no novo, e o novo amadurecia no ancestral!

Quem era realmente aquele pai ancião, eu ainda não sabia. Mas todos os que passavam perto dele o saudavam reverentemente, e uns diziam: "sua bênção, papai!", outros diziam: "sua bênção, vovô!", e outros diziam: "sua bênção, tatá"!

Quando nos afastamos daquele aglomerado de vida, já não aguentando mais de curiosidade, perguntei, justificando-me:

– Pai, muitos o chamam de tatá. Eu pouco sei sobre o simbolismo dos nomes. Mas eu conheci, ou melhor, conversei com Exus que se apresentavam como Exus Caveira. Mas conheci um em especial, que eu gostava muito, que se apresentava como Exu tatá Caveira. Como pouco sei, ensine-me isso antes, por favor.

– Filho, chega um momento em que os próprios graus de afinidades se tornam inomináveis. Aqueles que me chamam de tatá, é porque são filhos dos filhos dos filhos dos filhos.... dos filhos dos meus filhos. É uma sucessão de renovações e, para facilitar as coisas, me chamam de tatá, o mais antigo dos seus avós. Sou tatá, e ponto final. E eles são minhas renovações, e também ponto final.

Por analogia, esse seu irmão também é um ancestral Exu Caveira. Ele é tão antigo quanto a própria linha dos Exus Caveira, e vem se renovando por meio de seus filhos, netos, bisnetos, etc. Atualmente, para facilitar as coisas, todos o chamam de tatá Caveira, e ponto final.

– Então muitos Exus caveiras, "novos", são renovações dele?

– São.

– Mas se ele é tão antigo assim, por que ainda incorpora e atua junto aos encarnados? O certo não seria ele se assentar e dali coordenar todas as suas renovações?

– Você não sabe, mas ele já é um Exu assentado. E se ele ainda atua, é porque ama nossos irmãos humanizados, sente-se bem junto deles e se renova sempre que incorpora em seu médium.

Quem for seu médium, e souber disso que estou lhe falando, com certeza, amará muito mais esse nosso irmão, que, se é um tatá e optou por incorporar nele, é porque o ama muito, pois, se não o amasse tanto, com certeza, optaria por algum outro médium.

– É uma médium, pai.

– Então ela é duplamente privilegiada, meu filho.

– Por quê, pai?

– Com certeza ela é uma mãe ancestral beneficiária do amor dele e que ele, em um ato único de amor, assumiu como um bem divino a ser amparado durante sua evolução humana.

– Isso acontece, pai?

– Acontece. Quando um pai ou uma mãe não consegue renovar-se por meio de uma contínua hereditariedade que o perpetue, então pode optar por iniciá-la na dimensão humana.

Lá, no plano material, ele se unirá com alguém do sexo oposto e abrirá em si a capacidade de gerar seus próprios filhos. E a partir deles, aí sim, iniciará sua descendência, que nunca mais cessará, pois trás em si mistérios de Deus. E só de Deus, meu filho!

Então, quando completarem seu ciclo evolucionista humano, com certeza se tornarão pai e mãe da vida, pois trazem em seus corpos energéticos a renovação contínua ou autorrenovação. Você mesmo já possui essa qualidade desenvolvida no seu estágio humano, onde desenvolveu em seu corpo energético uma fonte que gera energias continuamente, tonando-o autossuficiente em si mesmo se permanecer em equilíbrio mental. Ao contrário dos que nunca encarnam, você absorve muito pouco das energias que aqui são geradas, e que são o alimento natural de todos os que aqui vivem e evoluem.

Deixe de usar sua visão humana e recorra à que desenvolveu no meio neutro, e aí verá como se processa essa alimentação do corpo energético de seus irmãos encantados e verá como você absorve muito menos que eles.

Fiz como ele havia dito, e pouco depois me vi mergulhado em um oceano energético fantástico!

Era éter multicolorido e permeava tudo o que ali existia. E vi meus irmãos e irmãs absorvendo, por meio dos chacras, um fluxo intenso daquelas energias etéricas. Quando observei a mim mesmo, vi que absorvia muito pouco delas, e que em alguns sentidos até as irradiava.

Vi também que saíam muitos cordões de meu corpo, uns de uma cor, outros de outra, e que no outro extremo deles estavam irmãos e irmãs que de uma forma ou de outra haviam se ligado a mim. Então perguntei:

– Pai, por que esses cordões?

– Eles permitem uma troca de energias, meu filho. As que você gera e não envia a ninguém por meio deles, ou se acumulam ou são lançadas nesse oceano energético por meio de sua irradiação luminosa. E, por meio dos cordões, você

recebe as de seus irmãos que estão retribuindo e compensando seu corpo energético com as deles.

Um equilíbrio, aos poucos, está se estabelecendo e dentro de algum tempo toda uma teia de trocas energéticas alcançará seu equilíbrio.

Após observar por um bom tempo as ligações estabelecidas, falei:

– Pai, sem lhe faltar com o respeito, preciso pedir-lhe que me esclareça uma coisa.

– Desejar saber nunca é falta de respeito, filho. Agora, usar o que você vier a aprender de forma prejudicial aos seus semelhantes e a si mesmo, aí sim, será faltar-me com o respeito e será um atentado aos regentes do amor e da vida.

– Entendo. Acho que vou deixar para depois essa minha curiosidade.

– Acha que não está preparado para esse nível do conhecimento?

– Não sei, pai. Talvez esteja, mas não o deseje. Ou talvez o deseje, mas não esteja preparado para ele.

– Filho, ligações nesse nível supra-humano só acontecem se existirem afinidades. Se elas não existirem, creia-me, os cordões não se estabelecem.

Isso nos permite saber quem realmente nos é afim e em qual dos sentidos as afinidades surgiram. Mas, se as ligações já aconteceram, então devemos deixar que as trocas aconteçam naturalmente, pois só assim, nas duas pontas dos cordões energéticos, fluirão energias. Saiba que se você, por qualquer razão, recusar-se a doar ou a receber as energias que estão fluindo naturalmente, iniciará desequilíbrios emocionais que, dependendo da intensidade, ou desequilibrarão você ou quem está na outra ponta deles.

Saiba que são esses cordões energéticos, invisíveis à visão comum, que mantêm espíritos que já vivem há muito nas esferas da luz ligados com seus afins ainda nas trevas.

– Nada ou ninguém pode cortá-los?

– Só a simbólica espada da Lei, pois esses cordões surgem por causa de uma Lei divina e só em casos extremos e irreparáveis são cortados. Mas, enquanto aos olhos divinos do Criador ainda estiver visível uma possibilidade de rearmonização e reequilíbrio entre os dois extremos de um cordão, nada ou ninguém os romperá.

Você se lembra de um centro de umbanda em que você desenvolveu parte de sua mediunidade, e que o guia chefe usava uma espada de aço para descarregar os consulentes?

– Lembro-me sim. Era um centro do Senhor Guardião Sete Espadas.

– Saiba que aquele guia, ao "cruzar" os campos energéticos das pessoas com sua espada imantada com o poder e a força da Lei, nada mais fazia que passá-la por esses cordões que só agora você vê. Os que a Lei Maior achava que deviam permanecer intactos, aquela espada simbólica não cortava. Mas os que fossem cortados, imediatamente, livravam as pessoas de atuações nocivas

aos seus corpos energéticos e aos seus emocionais, pois, dali em diante, não recebiam mais as energias desarmonizadoras de quem estava na outra ponta.

– Incrível!!! Divino mesmo, meu pai amado!

– É divino mesmo, meu filho. Dentro das práticas religiosas de Umbanda Sagrada estão as manifestações capitais do nosso divino Criador. Basta saberem o porquê de todo o instrumental usado pelos guias espirituais e logo deixarão de ver suas práticas como fetichismo e entenderão que, por trás de procedimentos estranhos ou inexplicáveis, está toda uma ciência divina, pois é por meio daquelas práticas simples que os sete sentidos capitais do divino Criador estão se manifestando por meio do Ritual de Umbanda Sagrada.

– Agora entendo porque os médiuns mais preparados têm uma espada simbólica de Ogum!

– Nem sempre a espada está à mostra, meu filho. Às vezes está oculta em um ponteiro ou no facão de um Exu de Lei, porque eles, por serem de Lei, também são instrumentos dessa Lei maior que denominamos de Lei do Carma.

– Eu via em muitos altares pequenos ponteiros e achava aquilo ridículo, meu pai. Dê-me seu perdão! Eu julgava um disparate colocar ao lado da imagem de um santo uma arma, ainda que aqueles ponteiros não tivessem corte nem eram perfurantes.

– Eu já lhe disse que somos perdoados por tudo o que fazemos de errado porque desconhecemos, não?

– Disse sim.

– Então peço a Deus que o perdoe por esse seu erro de julgamento.

– Obrigado, pai amado. Obrigado por me perdoar, pois, se emiti juízos errados, só fiz por ignorância.

– Ele já o perdoou, meu filho. Retribua esse perdão ensinando os mistérios religiosos sempre que lhe for possível.

– Eu ensinarei, meu pai.

– Eu sei disso, meu filho. Por isso o amo tanto. Sei que não guardará para si um dos conhecimentos fundamentais das práticas rituais de Umbanda Sagrada.

– Pai, pode dar-me sua licença por um instante?

– Licença concedida, meu filho. Use bem o que aprendeu, e tenho certeza de que o Regente do Saber o abençoará com muito amor!

Próximo de nós estava, já há muito tempo, uma daquelas jovens que haviam me abraçado na praça, e que eu disse que havia me recolhido a uma vibração superior para não ter de beijá-la nos lábios, ali, em público. Fui até ela, e meio sem jeito, pedi:

– Irmã amada, quando nos abraçamos, senti muita vontade de beijá-la nos lábios, pois só assim realizaria um desejo meu.

Ela vibrava tanto que ficou trêmula e quase não conseguiu falar. Mas, a muito custo, perguntou-me:

– Qual é seu desejo, irmão amado?

– Colher de seus lindos e encantadores lábios seu hálito da vida e suas vibrações de amor. Conceda-me a realização desse meu desejo, e permita que lhe retribua com todo o meu amor minha vontade de viver em seu coração!

Acho que não fui muito sutil naquela minha primeira declaração de "amor", pois ela desmaiou. E se não tivesse sido rápido, ela teria caído no solo. Aflito, olhei para meu pai ancião, que falou:

– Não se desespere. Apenas a abrace e envolva-a com suas vibrações de amor que ela logo voltará. O cordão que se estabeleceu entre vocês dois os tornou um par natural. Ela já o havia adotado e só aguardava um momento para saber de você se desejava adotá-la como par. Como você pulou várias etapas desse "namoro" natural, ela não resistiu a tantas emoções de uma só vez.

– O que acontecerá de agora em diante?

– O que acontece entre um casal, lá na dimensão humana?

– Eu, ao pular as etapas desse "namoro", casei-me com ela?

– Aqui não existe esse termo casar. Mas você ligou-se a ela, e a Lei das afinidades regerá essa união, que poderá ser em todos ou só em alguns sentidos. Se for em todos, ela receberá, via trocas energéticas, todas as energias de que precisar. Mas se for só em um sentido, então outros se ligarão a ela e a completarão. Na ancestralidade ela já está ligada a mim, pois fui seu primeiro tatá-avô. Mas isso não impediu que ela também se ligasse a outros tatás-avós. Observe que o cordão que une a coroa dela à minha é um cordão cristalino. Esse é o principal. Já os outros cordões que a unem a outros tatás, possuem outras cores e são secundários.

Nesse caso, as afinidades assumiram as cores do amor, da vida, do saber, etc., pois surgiram a partir da necessidade de ela ter tatá-avôs nesses sentidos da vida e de eles se perpetuarem neles por meio dela.

Só ela estando unida em todos os sentidos aos tatás, no futuro ela alcançará seu grau de babá, ou de mãe da mãe... da mãe de sua neta.

– Nossa!!! Espero saber portar-me à altura, pois mesmo estando desmaiada, vários cordões já surgiram. E todos são cristalinos!!!

– É como eu disse: várias etapas do namoro foram puladas e, se esses cordões iriam surgir com outros irmãos seus, de agora em diante, só surgirão os secundários que servirão para fortalecer ainda mais esses que se estabeleceram entre vocês dois.

– Mesmo que eu não seja o par ideal para ela?

– Ela não o verá como inadequado, caso isso aconteça.

– Como serei visto?

– Só como um par afim, mas ainda não o ideal. Mas esperará que o tempo amadureça você, e aí com certeza se estabelecerá toda uma gama de trocas energéticas tão intensas que compensará toda a longa espera.

– Acho que usei mal o que o senhor me ensinou.

– Não creio. Só dependerá de você assumi-la ou não, pois temos de assumir todas as consequências dos nossos atos. Não assumi-la só prolonga um desequilíbrio e permite que uma harmonia transforme-se em uma discórdia vibratória.

E você, ao desejar sentir o hálito da vida e as irradiações de amor dessa minha neta, a assumiu como par ideal, pois ela também desejava o mesmo. Por isso o choque, já que, se ela não desejasse isso, com certeza não teria desmaiado. No máximo o teria descartado como o par ideal para uni-lo ao seu destino.

– Unir destinos?

– Isso mesmo. Todos temos um destino, que vamos unindo somente com o de quem mais se afinizar conosco, pois, depois de unidos, só a Lei os separará.

– Entendo. Aqui não existe o livre-arbítrio dos espíritos humanos?

– Lá existe, realmente, o livre-arbítrio?

– Não existe?

– Não. O que existe é uma grande capacidade de anular no emocional tudo o que não nos agrada. Em compensação, o que nos agrada acaba se transformando em uma obsessão. E, ou possuímos de imediato o que desejamos ou começamos a vibrar negativamente. Não damos tempo ao tempo, esperando que nossos desejos se realizem naturalmente.

Você se lembra daqueles médiuns que, ouvindo em uma sessão de trabalhos que tinham mediunidade, na seguinte já queriam estar incorporados e trabalhando como os médiuns mais velhos, já amadurecidos no tempo dedicado às práticas de umbanda?

– Lembro-me sim. Alguns, por demorarem para incorporar, logo viravam as costas, abandonavam as tendas e ainda saíam dizendo que, ou o pai ou mãe espiritual era fraco, ou que a umbanda era tudo uma enganação.

– Está vendo só? Eles não davam tempo ao tempo para que eles mesmos fossem trabalhados sutilmente e tivessem abertas suas faculdades mediúnicas, que não precisavam necessariamente ser de incorporação, pois poderia ser intuitiva, auditiva, clarividente, doutrinadora, energizadora, magnetizadora, curadora, consoladora, etc.

Não. Eles queriam vestir a roupa branca, incorporar o Caboclo "faz tudo" e o Exu "pode tudo", e pronto: serem os novos tatás de umbanda! E isso, no curto prazo de uns poucos meses, não?

– Eram assim mesmo, meu pai.

– Ainda são, meu filho. Esses são os que foram chamados, mas durante a caminhada de retorno distraíram-se tanto com as coisas que viram à beira do caminho que, quando finalmente chegaram, aquelas qualidades iniciais dele já haviam adormecido. E aí não tiveram a humildade de dar tempo ao tempo para que novas qualidades aflorassem e permitissem o despertar das antigas, já adormecidas.

– Entendo, pai amado. Se eles se aquietassem e fossem aprendendo as práticas externas, em alguma surgiria a afinidade e começariam as aberturas internas.

– Bem, deixemos o "Tempo" cuidar dos apressados, dos afoitos e dos descrentes, pois dos que creem, aguardam e confiam em si mesmos, os pais e mães de umbanda cuidarão e os ampararão até que também eles se tornem pais e mães, não?

– É isso mesmo, pai amado. Nunca devemos forçar quem só quer a ilusão em vez de aceitar a realidade. Às vezes temos a lhes oferecer a água da vida, mas a recusam, pois preferem o álcool que embriaga.

Nisso aquela irmã, ainda em meus braços, deu sinal de que voltava a si. E assim que voltou, perguntou-me:

– O que aconteceu comigo?

– Acho que me apressei com você e a emocionei demais. Desculpe-me, por favor!

– Não se desculpe, meu irmão amado. Eu o desejei tanto que não resisti à emoção quando vi se realizar de uma só vez todos os meus desejos.

– Será que foi isso?

– Foi sim. Mas agora que finalmente posso senti-lo junto a mim, estou muito feliz. Não imagina como me sinto completa. Estou encontrando em você tudo o que me faltava.

Enquanto dizia essas coisas, ela ia se aconchegando bem junto de mim, sem tirar seus olhos dos meus. Acho que ela me examinava, ou à minha memória, tal como já havia me dito aquele meu discípulo. E em dado momento, dos olhos dela começaram a correr lágrimas. Então ela me falou:

– Longa tem sido sua jornada humana, meu irmão amado.

– Tem sido sim. Acho.

– Posso ver que foi longa. Mas, ainda que ela dure tanto quanto desejar nosso divino Criador, de agora em diante o acompanharei daqui ou de onde eu vier a estar e lhe enviarei minhas vibrações de amor e de vida, de fé e de perseverança. E chegará um tempo em que você, pleno no amor e na vida, voltará e me recolherá com sua luz, força e poder, e aí... colherá mil vezes mais beijos que esse que vou dar-lhe agora.

De fato, foi um senhor beijo o que ela me deu, e de mim recebeu. Além de ter durado muito, tive a nítida impressão de que ela mergulhara em um êxtase muito intenso, pois explodiu em luz e cores e houve momentos que parecia que eu beijava uma fonte luminosa.

Sim, senhor, um beijo como aquele não acontece a qualquer hora ou lugar, ou com qualquer pessoa. Não mesmo!

Quando separamos nossos lábios, ela ainda continuava naquele êxtase, que não ousei interromper, mas que me assustava, pois era um nítido êxtase feminino. Como acontecia, não sei dizer, ou não posso. Mas que eu sentia ela me inundar com suas energias, isso eu sentia. E como sentia!

Preocupado, perguntei ao meu pai ancião:

– E agora? O que faço para tirá-la desse estado, sem magoá-la? Isso está se tonando insustentável!

– Você não se lembra de nenhum lugar idílico?

– Lembro de muitos.

– Conduza-a a algum deles, e aí, a sós, vivencie você também esse êxtase, único para ela.

– Como me conduzir se estou me segurando nesse nível vibratório superior, e não sei como volitar com ele ativado?

– O procedimento é o mesmo. Só que nesse nível vibratório você se deslocará a uma velocidade superior à da luz do plano material. Assim, sairá mais rápido daqui e chegará mais depressa onde desejar!

Volitar naquele nível podia ser muito rápido, mas que ainda o ouvi rir das minhas dificuldades, isso ouvi! E quando retornei, com ela já reequilibrada, pude perceber um ar de satisfação nos olhos dele, que voltara a sentar-se no banco.

Pedimos sua licença e nos sentamos, ladeando-o. Ela pediu a ele:

– Vovô tatá, dê-me sua bênção.

– Já a abençoei, minha neta amada. Venha, aconchegue-se junto de mim, pois quero sentir bem de perto essa sua alegria, felicidade e plenitude, tanto na vida quanto no amor.

– Vovô tatá, aconteceu como imaginei que seria.

– Tenho certeza que sim, minha neta amada. Não lhe disse, sempre, para aquietar-se e dar tempo ao tempo, que o divino Oxumaré uniria à sua vida um par que a completaria e a tornaria autossuficiente?

– Obrigada por ter amparado com seu saber essa sua neta amada, vovô.

– Acho que você amadureceu o bastante para deixar de ser minha neta. Você já alcançou uma maturidade tal que já a tenho como minha filha.

– Vovô... e mais ela não falou, pois começou a soluçar. Ele acariciou sua cabeça com ternura e falou:

– Papai, minha filha! Chame-me de papai de agora em diante e saiba que nossa mãe da Vida está vertendo lágrimas de alegria por vê-la tão feliz e realizada.

– Ela está olhando para mim, papai amado?

– Está sim, minha filha. Já vislumbro uma estrela cristalina sobre sua coroa. Ela deseja adotá-la como filha.

– Papai, eu não mereço tantas alegrias de uma só vez.

– Por que não? Já faz tempo que você vibra o amor maternal e se encanta com os infantes ainda na primeira idade, não?

– Encanto-me sim, papai.

– Então você a quer como sua mãe maior, não é mesmo?

– O senhor me conduz até os domínios dela?

– Você honra seu pai com essa alegria?

– Eu é que serei honrada se o senhor estiver ao meu lado quando for assentar-me nos domínios dela.

– Como minha neta, você inundou minha vida com seu amor. Agora, como minha filha, inundará meu amor com a vida, pois seus filhos serão, para mim, vidas, vidas e mais vidas!

– Tenho certeza de que sairão ao pai e honrarão o avô, papai amado!

– Veja, seu desejo de servir à nossa amada mãe Iemanjá, como uma mãe pequena da vida, já é uma vontade manifestada por ela!

De fato. Naquele instante vi surgir uma estrela cristalina sobre a coroa dela, e inundá-la com uma luz quase azul que foi cobrindo-a toda. E alterou até a aparência da veste multicolorida que a cobria. A veste tornou-se de cor azul-celeste, e a cobria desde o pescoço até os pés. Com ela havia acontecido o inverso do que acontecera com a veste de Estrela Dourada, que se tornara furta-cor.

Deduzi que estar sob a irradiação de um Orixá implicava cobrir-se com suas cores e indumentárias.

– Eis que temos uma nova Estrela Cristalina! – exclamou Estrela Dourada do Arco-íris, que nos observava a distância. – Irmã, abrace-me forte, pois desejo sentir sua alegria e transmitir-lhe a minha.

Foi um abraço tão esfuziante que a luz e a cor das duas fundiu-se e irradiou-se com tanta intensidade que até desviei os olhos. E logo uma multidão se formou em torno da mais nova das Estrelas: a Cristalina!

Sim, nos domínios de nossa mãe Iemanjá os infantes, em sua primeira idade ou estágio elemental, são criados pelas mães Estrelas Cristalinas, as estrelas aquáticas-cristal.

Como os cumprimentos durariam um século, optei por retirar meu "primeiro" filho do colo de Estrela Dourada e caminhar um pouco com ele.

– Para onde vamos, papai?

– Vamos caminhar um pouco, meu filho. Se você quiser ser como seu pai quando crescer, terá de gostar de caminhar e observar tudo o que só se consegue caminhando, observando e estudando. Só assim absorveremos um conhecimento silencioso.

– Que conhecimento é esse, papai?

– É um que não nos diz nada, mas nos fala o tempo todo.

– Por que ele nos fala o tempo todo se não diz nada?

– É o conhecimento do corpo externo do nosso divino Criador, meu filho. O corpo interno dele nós só podemos sentir e exteriorizá-lo por meio dos nossos sentimentos virtuosos. Já seu corpo exterior, nós podemos vê-lo, tocá-lo e sentilo. Você está vendo essa vegetação exuberante?

– Estou sim.

– Toque nas folhas, galhos, tronco e frutos.

– Por quê, papai?

– Toque e sinta, meu filho. Só faça isso agora.

Ele tocou e sentiu. Depois, todo feliz, exclamou:

– Já toquei e senti, papai!

– O quer você tocou?

– Uma planta.

– E o que você sentiu?

– Uma planta, papai.

– O que você sentiu nas mãos quando tocou o tronco foi a mesma coisa que quando tocou nas folhas?

– Não.

– Então você não tocou ou sentiu uma planta. Você tocou e sentiu as partes de uma planta, não é mesmo?

– Não é a mesma coisa?

– Não. Tente de novo, sem pressa, está bem?

– Sim, senhor.

Algum tempo depois, ele se voltou para mim e falou:

– Papai, as folhas são lisas e moles. Os frutos são lisos e duros. Os galhos são duros mas flexíveis, mas o tronco é duro e inflexível.

– Então uma planta, no geral, é um todo que a faz ser o que é: uma planta. Mas se a tocarmos e sentirmos, então percebemos que mesmo ela, um todo, tem partes distintas entre si, ainda que no todo sejam partes de uma planta, que é um todo, não? Você entende isso?

– Sim, senhor.

– Agora olhe todas essas plantas e veja se não formam um bosque.

– Formam, sim.

– Como um bosque é formado de muitas árvores, então um bosque é um todo, não?

– É sim, papai.

– Observe e me diga que partes formam esse nosso bosque.

Depois de algum tempo, ele falou:

– Um bosque é formado por muitas árvores, papai.

– Olhe de novo e veja se todas são iguais, e se existem outras coisas aqui além delas.

Logo ele falou:

– Não, papai! Existem árvores diferentes entre si, tem o solo, umas pedras e aquela nascente de água cristalina.

– Então uma árvore é formada de suas partes, e um bosque não é só árvores, pois além de serem várias as espécies vegetais, também é formado de outras partes, não?

– Sim, senhor.

– Percebe que tanto faz o todo árvore com o todo bosque, ambos são formados pela união de várias partes?

– Sim, senhor.

– Então, recorrendo ao exemplo da árvore e do bosque, observe essa fonte, toque em sua água e a sinta. Depois você me dirá tudo o que descobrir.

– Sim, senhor.

Algum tempo depois, ele me falou:

– Papai, essa água é diferente. Ela é cristalina. Já a fonte nasce do solo e jorra água continuamente. E a água corre para lá.

– Vamos seguir seu curso?

– Sim, senhor.

Pouco depois chegamos ao riacho. E depois que ele descreveu, levei-o até o rio caudaloso que ele também descreveu. Depois o levei até o delta onde ele desaguava no mar, que ele, todo feliz, chamou de o domínio de sua mãe maior Iemanjá.

– Filho, você se lembra da fonte?

– Sim, papai.

– Ela correu para o riacho, não?

– Sim. Um riacho é formado de muitas fontes.

– E o riacho desaguou no rio, que é formado de muitos riachos, não?

– Sim. E os domínios de nossa mãe maior são formados da água de muitos rios caudalosos, certo?

– Sim, senhor.

– De quem você falou que são as fontes?

– Do nosso pai maior Oxalá.

– E de quem são os rios?

– De nossa mãe maior Oxum.

– E de quem são os lagos?

– De nossa mãe maior Nanã.

– E de quem é o oceano?

– De nossa mãe maior Iemanjá.

– E de quem é aquele Arco-íris?

– De nosso pai maior Oxumaré.

– E de quem é o solo que dá sustentação a todas essas partes da natureza?

– É do nosso pai maior Obaluaiê.

– E de quem é esse ar que permite o arejamento de tudo?

– É do nosso pai maior Ogum.

– De quem é essa brisa fresca que agita nossas vestes?

– É de nossa mãe maior Iansã.

– E de quem é o espaço que permite que tudo isso exista, inclusive o solo?

– É de nosso pai Oxalá.

– E tudo isso acontece por quê?

– Porque está no Tempo, que é o Eterno, que se renova o tempo todo por meio de Suas partes.

– Então, tudo pertence a um só todo, não?

– Sim, senhor. Tudo é do nosso divino Criador, papai.

– E se tudo é d'Ele e tudo está n'Ele, então esse todo é Ele, não?

– É sim, papai.

– Se esse todo é Ele, então, caso você toque em uma planta, no solo, nas pedras, nas águas, etc., você estará tocando em partes do nosso divino Criador, não?

– Estarei, papai.

– Viu como foi fácil descobrir como é o exterior do nosso divino Criador e como você pode tocar n'Ele e senti-Lo se tiver consciência ou conhecimento do corpo exterior do divino Olorum?

– Papai, se eu comer essa fruta em sua mão vou comer parte d'Ele?

– Não, meu filho. Você só comerá o fruto de uma planta – respondi sorrindo.

– Só isso?

– Comer esse fruto significa só isto: comer um fruto.

– Então posso comê-lo?

– Tome, coma-o que depois vamos entrar na água do rio e do mar e sentir a diferença entre elas, pois se ambas são águas, no entanto não são iguais, mas somente semelhantes.

– Comerei depressa, papai.

– Não se apresse! Aprecie o sabor dessa fruta e sentirá que ele é diferente do daquela outra que você comeu à beira do lago.

Algum tempo depois, ele falou:

– Papai, o outro era mais saboroso.

– Eu sei, filho. Mas, para outros irmãos nossos, talvez esse aqui seja o mais gostoso dos dois.

– Por quê, papai?

– Porque tudo o que nosso divino Criador criou tem sua utilidade e serve para alguém. Nada foi criado em vão ou só porque Ele goste de criar. Ou tem uma utilidade diretamente ligada a nós ou nos serve indiretamente, compreende?

Você vivia nos domínios de nossa mãe maior Iemanjá e desconhecia que as fontes dão início a ele, não? Mas agora sabe que elas sempre vão desaguar nos oceanos, e que os imensos oceanos são formados de minúsculas fontes, certo?

– Agora sei.

– Antes você talvez não achasse as fontes tão importantes para os oceanos. Mas, agora que conhece esse mistério da Criação, acho que amará as fontes com a mesma intensidade com que ama o mar, não?

– Sim, senhor. Sem elas, os domínios de nossa mãe maior Iemanjá não existiriam, não é mesmo?

– É sim, meu filho. O maior dos oceanos não despreza a menor das fontes, pois sabe que ela o está alimentando continuamente, e é na existência de muitas e minúsculas fontes que reside toda a sua grandeza.

Saiba que todas as grandezas são sustentadas por coisas tão pequeninas que elas passam despercebidas à maioria, que não sabem como conhecer o exterior de nosso divino Criador.

– As grandezas dependem das coisas minúsculas?

– Sim, meu filho. São nas coisas minúsculas que as renovações acontecem e, depois, lentamente vão transformando as coisas grandes. Mas tudo, por acontecer primeiro nas coisas pequenas, acaba passando despercebido para nós, que também somos pequenos, e não vemos as transformações ocorrerem nas coisas

grandes. Mas que elas acontecem, isso é certo! Sempre que você vir acontecer muitas transformações nas pequenas coisas, e todas ao mesmo tempo, então fique atento, pois grandes transformações logo acontecerão. Desenvolva essa capacidade de conhecer o exterior do divino Olorum e de todas as suas criações, que sempre descobrira as transformações maiores que certamente ocorrerão.

– Foi como aconteceu com minha mãe Estrela Dourada?

– Sim.

– O senhor a transformou?

– Não. Eu estava sendo transformado, e ela também. Mas você e todos os outros infantes também estavam. Aí, formou-se um conjunto de minúsculas transformações e uma grande transformação aconteceu. Agora você vive em um dos domínios do divino Oxumaré, onde descobriu que todos os outros pais e mães maiores estão presentes, visíveis, identificáveis e palpáveis, pois é da união de todos eles que esse domínio do divino Oxumaré foi formado.

– Isso significa que ele é formado por todos os outros pais e mães maiores?

– Não. Apenas ele comporta em si mesmo qualidades, atributos e atribuições de todos os outros pais e mães maiores, porque ele é formado por muitas partes, tal como aquela árvore, a fonte, o rio, o lago, o oceano, etc.

– Então os domínios de um pai ou mãe maior são um todo, que é formado de muitas partes, que são os outros pais e mães maiores?

– Isso mesmo. Quando você retornar à sua morada nos domínios de nossa mãe maior Iemanjá, observe o exterior do divino Olorum que os forma e, sem pressa, descobrirá que todos os outros pais e mães maiores estão lá, mas na forma de partes que formam o todo que cada um daqueles domínios é em si mesmo.

– Olharei isso, papai. Vamos entrar na água?

– Vamos.

Muito tempo depois, já tendo mostrado a ele a diferença entre as águas, falei-lhe isto:

– Meu filho, nós somos um todo em nós mesmos.

– Como as árvores, papai?

– Sim. Então pense sempre assim: "Meu pai é um ser ou um todo em si mesmo, que sempre sofre transformações. Por isso o exterior dele pode se alterar". E o mesmo acontecerá com você, que é um todo em si mesmo.

– Nós mudaremos?

– Não. Só passaremos por transformações. Hoje você é pequenino e eu sou grande. Mas no futuro você também será grande. Por isso não se apresse em crescer só para ser igual ao seu pai, pois você o será de qualquer jeito.

– Não devo ter pressa de ser como o senhor?

– Não. Viva intensamente esse e todos os momentos de sua vida, pois isso sim o fará ser igual a mim quando você crescer.

– O que é viver intensamente, papai?

– É estar com seus irmãos e irmãs. É brincar com eles e fazer as coisas que vocês, as crianças, gostam. É partilhar das alegrias e tristezas deles ou partilhar

as suas com eles. Não mude o modo que você era antes de adotar-me como seu pai, pois foi por ser daquele jeito que você me encantou e encantou o divino Oxumaré.

– Eu quero ser como o senhor, papai.

– Você viu aquela plantinha perto da outra, já grande, que pedi para descrevê-la para mim?

– Sim, senhor.

– Saiba que a plantinha, que ainda não é igual à maior, sabe que no futuro será tão grande ou até maior. Mas ela não está nem um pouco preocupada em ser igual e aproveita seu tempo vivendo como uma plantinha. Ela ainda não dá frutos e não está preocupada porque sabe que mais adiante, quando crescer, aí dará tantos frutos quanto sua irmã maior, que já terá envelhecido. Então procure viver o amor de seus irmãozinhos, o carinho de suas mães e amparado por seus pais e avôs, está bem?

– Meus irmãozinhos e irmãzinhas disseram-me que sou diferente deles, papai.

– Por quê?

– Porque ganhei do senhor essa serpente do Arco-íris e porque o senhor me adotou.

– Eles também queriam ser adotados por mim?

– Sim, senhor.

– Vamos fazer uma coisa?

– O quê, papai?

– Vamos pedir ao vovô que guarde essa sua serpente encantada. Quando você desejar ficar com ela, ele a chamará para você e depois a guardará novamente. Depois você dirá aos seus irmãozinhos e irmãzinhas que desejo adotar a todos os que me aceitarem com mais um de seus pais amados.

– O senhor deseja adotar todos eles, papai?

– Desejo sim, meu filho amado. Adotando-os, meu amor de pai se multiplicará por tantos que vibrarei tanto amor por meus filhos, que serei um pai do amor.

– Vou dar minha serpente encantada para o vovô guardar! – exclamou ele, desaparecendo da minha frente.

Eu o acompanhei com minha visão superior e o ouvi cochichar no ouvido do avô, que sorriu e deu uma ordem àquela pequena serpente do Arco-íris. E no instante seguinte, todas aquelas crianças foram transportadas e colocadas à minha volta, ficando a olhar-me ansiosas.

Tomado por uma emoção muito grande e vibrando amor, amor e amor, adotei-as e abracei e abençoei cada uma delas, sempre derramando lágrimas silenciosas.

Depois foi minha vez de ser abraçado e abençoado pelos muitos pais e mães mais antigos, e de abençoar e abraçar os pais e mães, pequenos como eu. Só então, e já mais discreto, formei par com todas as jovens irmãs que já me "namoravam" a distância, qualificando-as como mães pequenas encantadas.

Quando tudo aquilo, as ligações, havia se completado e equilibrado, eu transbordava de alegria e irradiava amor por todos os meus sete sentidos capitais. E, para encanto de todos, a serpente encantada que já fazia parte de minha vida projetou-se no espaço e formou, por cima do oceano, um imenso Arco-íris que parecia um imenso portal. Todos o admirávamos quando um ancião de longas barbas brancas e uma encantadora matrona surgiram ao longe, e vieram caminhando por cima das ondas.

À medida que se aproximavam, todos se ajoelharam. Inclusive as criancinhas.

Aquele par de pais celestiais passou por baixo do imenso Arco-íris e cada um foi para uma das pontas, que penetrava no mar e o tornava multicolorido.

Eu via ondas de todas as cores virem se quebrar bem na minha frente. Então vi surgir em cada ponta do Arco-íris dois colossais tronos celestiais, nos quais se assentaram aquele ancião de longas barbas e aquela matrona encantadora, que no mesmo instante explodiram em luz e cor, ofuscando meus olhos humanos.

Como não via mais nada, subi rápido para minha visão superior, com a qual, sem olhar para eles, eu os vi sem me ofuscar.

Então vi meu pai ancião caminhar por sobre as ondas e depois saudar os dois Tronos e desdobrar seu trono energético ao lado do trono daquela matrona. E vi outra mãe anciã caminhar por cima das ondas, saudar os três já assentados e desdobrar seu trono ao lado do que estava o ancião de longas barbas.

E vários outros "tatás" e "babás", que antes eu via só como anciões, caminharam sobre as ondas e desdobraram seus tronos celestiais, sempre aos pares, mas nunca duas ou dois lado a lado. Era sempre um e uma e um e uma, e assim por diante. E, quando se assentavam, os pares formavam uma cúpula de luz que cobria um vão que ia se transformando em um imenso túnel multicolorido.

Após o último par desdobrar-se, já sobre as areias, uma luz azul, do tamanho de um grão de azeitona, surgiu no centro do Arco-íris e foi se expandindo, crescendo mesmo! E tanto cresceu que ocupou todo o vão do Arco-íris. Depois, do meio daquela luz azul tão densa quanto a faixa preta que envolvia o centro neutro que já descrevi, bem do meio dela foi saindo o mistério da vida, a mãe da vida, a divina Iemanjá, tal como eu havia aprendido a idealizá-la e visualizá-la no Ritual de Umbanda Sagrada.

Meu divino Criador! Eu queria curvar-me e colar minha cabeça na areia, mas estava paralisado pelo seu encanto divino. Entrei em êxtase e hoje só me lembro de ter ouvido ela me dizer alguma coisa que não ouso revelar, pois é um segredo só meu e de mais ninguém.

Eu ali, de joelhos, aos prantos e paralisado, vi cada um daqueles Tronos celestiais irradiar com suas destras e fazer surgir bem na minha frente um cravo e uma rosa para cada um deles e delas. Depois vi quando ela irradiou com as duas mãos e centelhas luminosas pairaram bem na minha frente e começaram a formar o mais lindo ramalhete de flores que possam imaginar, pois não era humano ou celestial, mas sim divino. Ele pairava bem na minha frente e ela me disse:

– Você sempre me honrou com floridas oferendas e encantou-me com sua fé e seu amor. Receba estas flores, pois hoje me honrou assumindo seu grau de pai celestial da vida. Só um pai celestial ousa assumir o destino de tantos filhos meus de uma só vez e consegue inundar todos, e por igual, com o amor paterno que transborda por todos os seus sete sentidos capitais.

Mais algumas coisas me foram ditas, mas guardo-as só para mim. O que posso dizer é que fui honrado com o grau de pai médio e intermediador dela nos domínios do divino Oxumaré, o Divino Guardião do Amor e da Vida!

Assentei-me no trono que ali surgiu e formei um par com Estrela Dourada do Arco-íris Celestial, fechando o túnel luminoso. Depois ela se recolheu à densa luz azul, e a luz recolheu-se em si mesma, desaparecendo.

Então o Arco-íris deslocou-se e veio ficar por cima de nós dois, emoldurando nossos tronos.

Cada um daqueles pais e mães que formavam pares recolheram seus tronos celestiais em si mesmos e voltaram a ser os anciões e as matronas de antes e vieram, aos pares, nos saudar, abençoar e serem abençoados por nós, o novo par de intermediadores da mãe da Vida para o pai do Amor e da Vida.

Sim, porque o divino Oxumaré forma par energético com a divina Oxum e par magnético com a divina Iemanjá.

Se fosse descrevê-los segundo a mitologia africana, diria que ele é o esposo das duas, pois tem afinidades energéticas com uma e magnética com a outra. Mas aí já não estaria no meu campo descritivo, pois me pauto pela ciência divina e não pela mitologia humana.

Tudo aquilo só terminou quando recolhi em meu íntimo o trono energético em que havia me assentado.

O pai ancião abraçou-me e falou-me:

– Bem-vindo de volta aos seus, pai intermediador da vida para os domínios do Arco-íris!

Olhei-o nos olhos por um instante e perguntei:

– Pai amado, por que o senhor não falou "aos domínios" do divino Oxumaré?

– Filho, o Arco-íris tem dupla interpretação.

– Quais são elas?

– Uma nos diz que o divino Oxumaré renova-se por meio de todos os outros Orixás. A outra nos diz que todos os outros Orixás se renovam em Oxumaré.

– Por quê, pai?

– Vamos falar simbolicamente, certo?

– Por favor, fale!

– Quando Olorum criou tudo, tudo Ele criou. E, ao contemplar sua criação, encantou-se com tudo e a tudo encantou. Mas quando pousou seus divinos olhos no Arco-íris, viu que era uma ponte colorida entre a terra e o céu. E viu que nas suas cores estavam seus sete sentidos, suas sete vibrações e suas sete vontades capitais. E viu que, enquanto aos outros Orixás Ele tinha dado só uma cor para distingui-los, o Arco-íris possuía a cor de todos eles.

Então pensou. E seu pensamento deu vida própria ao Arco-íris. E naquele pensar, viu que seu Arco-íris estava em todos os Orixás e que todos estavam nele.

Aí amou toda a sua obra, sintetizada no Arco-íris, e por meio dele tornou a vida um ato de amor.

E, porque tudo isso Olorum pensou, o Arco-íris passou a simbolizar o amor e a vida. E quem passasse embaixo do Arco-íris seria ungido com o Amor de Olorum e com a vida eterna, pois sua vida seria, a partir daquele momento, um ato de amor e no amor renovaria sua vida.

E, todos os Orixás passaram por baixo do Arco-íris, pois queriam que suas vidas fossem um ato de amor, pois só no amor, a vida se renova.

Só que, ao passarem por baixo do Arco-íris, absorviam algumas de suas qualidades divinas e tornavam-se irradiadores delas, das qualidades divinas!

Assim, de um em um, todos os Orixás tornaram-se irradiadores do Arco-íris e, por conseguinte, do amor e da vida. E tornaram-se mistérios em si mesmos.

Olorum, vendo que sua criação havia se dividido em várias partes, não aprovou, e vendo que uma serpente passava por baixo do Arco-íris, porque ela, a mais temida das criaturas, também queria ser portadora do amor e da vida, recolheu nela seu Arco-íris encantado e sentenciou:

– Só quem conseguir possuir a encantada serpente do Arco-íris possuirá em si mesmo os mistérios do amor e a vida. E quem possuí-la jamais envelhecerá, pois no amor renovará sua vida e sua vida será um ato de amor.

Só que nenhum Orixá ousou aproximar-se daquela serpente encantada, pois temiam cair sob seu encanto, que era o próprio encanto do amor e da vida.

Com o tempo, foram envelhecendo. Obaluaiê, Nanã, Obá, Omolu, Oxalá e mais alguns envelheceram tanto que se tornaram anciões. Os outros, já adultos e caminhando para a anciência, pensaram: "precisamos encontrar alguém que possua essa serpente encantada para que assim, domesticada, cada um de nós a possua e nos renovemos, senão caminharemos para a anciência.

Procuraram por todo o Universo e descobriram um Trono da Geração que era autossuficiente em si e gerava a vida sem ter de recorrer a mais ninguém.

Tanto lhe falaram da serpente encantada, que o convenceram a recolher em si mesmo seu mistério e ir possuí-la.

Após observá-la muito bem, descobriu por que todos os Orixás a temiam: se a possuíssem, seriam possuídos por ela. Mas ele, que era autossuficiente em si, viu na posse dela a oportunidade única de tornar sua geração um ato de amor e fazer do amor um ato da vida, que ele gerava em si e a partir de si, pois era um Trono da Geração.

– Perfeito! Até parece que o divino Olorum guardou essa serpente encantada com o mistério do Arco-íris para mim! – exclamou ele, que mais que depressa a tomou para si e a possuiu. Mas o assédio dos outros Orixás foi tão grande que ele fugiu para uma dimensão ainda inabitada, conhecida como dimensão humana da vida.

E nela começou a gerar muitas serpentes, mas nenhuma saía como a encantada do Arco-íris, que ele pretendia negociar com os outros Orixás.

As serpentes que ele gerava eram bravas, venenosas, perigosas, intratáveis mesmo. E tantas ele gerou que povoou a face da Terra com perigosíssimas serpentes.

Muito triste com sua obra nefasta, retornou para a dimensão onde viviam os outros Orixás e lhes ofereceu sua serpente encantada. Mas eles, sabedores do monumental fracasso do Trono da Geração, que havia possuído a serpente encantada, se afastaram dele rapidamente e não a quiseram mais, já que ela havia se tornado geradora, pois havia absorvido os mistérios daquele Trono, que era autossuficiente em si mesmo.

Ele voltou à dimensão humana e meditou, meditou e meditou. Então, tendo concluído que não podia gerar mais, pois só geraria serpentes perigosas, optou por gerar o sono, e adormeceu em si mesmo por eras e eras. E o mesmo aconteceu com sua serpente encantada.

Tanto tempo se passou que todos se esqueceram dele, e dele ninguém mais se lembrava. E, por não se lembrar mais dele, uma Ninfa da vida que passeava onde ele dormia, não o reconhecendo, apaixonou-se porque ele era jovem e bonito, e o possuiu enquanto ele dormia.

Só que, ao possuí-lo, ela também possuiu seu mistério de gerar e ali mesmo começou a gerar vidas, que ela chamou de seres humanos. E ela gerou tantos seres humanos que o espaço ficou pequeno para eles e as serpentes venenosas geradas a partir da união dele com a Serpente do Arco-íris.

Uma luta de vida ou morte teve início entre os humanos e as serpentes, que sempre que podiam matavam-se uns aos outros.

A serpente encantada, vendo que também podia ser morta naquela luta, tratou logo de esconder-se e afastou-se do Trono, que ainda dormia, pois havia gerado o sono em si e para si mesmo.

Como ela havia parado de gerar suas serpentes, os humanos, que continuavam a ser gerados, começaram a vencer aquela luta e a ocupar vastos campos, já livres das ameaçadoras inimigas mortais, que fugiam e ocultavam-se para não serem mortas.

E tanto se multiplicaram os humanos que atraíram a atenção dos outros Orixás, que acabaram descobrindo que o Trono da geração dormia em si mesmo e já não oferecia perigo algum. Então cada um possuiu dele o que desejava, e passaram a gerar o que dele haviam tirado.

Um passou a gerar a justiça, outro a Lei, outro a fé, etc. E ao longo de suas gerações têm se renovado até hoje, e se renovarão por todo o sempre.

Só que, sem eles saberem, o que haviam tirado daquele Trono vinha com o encanto colocado por Olorum em sua serpente encantada. E eles geravam seres com as outras qualidades do Arco-íris, mas em todas as suas renovações os seres as traziam adormecidas em si mesmos.

Tanto pensaram que acharam uma solução: enviemos alguns dos seres gerados por nós à dimensão humana e lá despertaremos essas qualidades divinas adormecidas em nossas renovações!

E, quando conseguiam despertar alguma qualidade em uma de suas renovações, surgia um Ogum da Justiça, um Xangô da Fé, uma Oxum do Amor, uma Iansã da Lei, etc.

Enfim, surgiram Orixás renovados, que além de trazerem em si as qualidades dos seus pais ancestrais, traziam em si alguma outra qualidade do divino Olorum. Esses são os Orixás mediadores. E estes, precisando renovar-se também, descobriram que os humanos traziam todas as qualidades do Arco-íris Divino e que, se as despertassem neles, daí em diante se renovariam tanto que não mais se preocupariam com a anciência.

Sim, porque todos poderiam se renovar em um único humano!

Os Orixás mediadores tentaram apossar-se do Orí (cabeça) dos humanos, mas descobriram que nelas estava adormecida uma serpente encantada que tanto os mantinha ligado ao Trono da Geração quanto às qualidades divinas do Arco-íris, que são as de Olorum.

Então deixaram o Orí para os seus pais ancestrais originais e trataram de despertar os sentidos, pois por meio deles todas as qualidades divinas fluiriam.

Os humanos começaram a ser despertados, mas como todos descendiam daquele Trono da geração, se começavam a vibrar o amor, também vibravam o ódio. Se vibravam a fé, também vibravam a descrença.

E um novo embate teve início!

Ou anulavam aquelas qualidades negativas nos humanos ou não poderiam renovar-se, senão suas renovações pelos sentidos, por serem duais, acabariam por deformá-los e desfigurá-los.

Essa tem sido a luta dos Orixás mediadores até hoje. E quando encontram um ser humano que conserva as qualidades daquele adormecido Trono da Geração e as do Arco-íris, então se aproximam dele e o ajudam a dominar o veneno que traz em si e que se manifesta como "mortal" aos outros seres humanos.

Mas tem algo que desperta uma atenção ainda maior nos Orixás mediadores: são os primeiros filhos da Ninfa, gerados quando da possessão direta do adormecido Trono da Geração!

Eles, por serem descendentes diretos, tanto do Trono da Geração quanto da Ninfa, trazem em si tanto as qualidades dele quanto dela. E, se devidamente instruídos, conseguem manifestá-los continuamente e nunca se esgotam. E, fenômeno dos fenômenos: externamente, quanto mais velhos são, mais jovens se parecem. E, internamente, quanto mais jovens são, mais velhos se mostram.

É um paradoxo, mas se são assim é porque as qualidades do Trono e da Ninfa se fundiram, e se um descendente direto deles vibrar o amor, começará a gerar vida. Se vibrar a fé, começará a gerar religiosidade. Se vibrar o saber, começará a gerar conhecimento.

E, se se exaltam e começam a vibrar o ódio a alguém ou alguma coisa, geram o antídoto ao ódio que estão vibrando. E se assim são é porque, quando eram picados pelas serpentes, imediatamente começavam a gerar o antídoto que anulava o veneno que absorviam.

Só que esse veneno absorvido foi armazenado em seus polos negativos e, quando desejam, o irradiam, e quem for atingido por ele com certeza morrerá, pois ele traz em si a autogeração e vai aumentando-o dentro de quem o absorveu ou foi envenenado. Se não for um dos descendentes diretos do Trono da Geração e da Ninfa, com certeza, logo começará a definhar e morrerá em todos os sentidos, ou no que foi atingido.

Tudo depende do desejo vibrado quando da sua inoculação na sua vítima. Se o desejo foi de paralisá-lo totalmente, é morte completa. Mas, se foi só de paralisá-lo em um dos sete sentidos capitais, a morte será parcial.

Mas com eles acontece outro fenômeno: se são magoados em algum sentido, começam a gerar um antídoto contra a mágoa e, ao invés de anular a mágoa, anulam neles o próprio sentido magoado, que adormece logo, tal como aconteceu com o Trono adormecido que os gerou. Mas, se sentem felizes e gratificados em um sentido, aí passam a gerar tanto nesse sentido que, ou alguém os avisa que estão ultrapassando seus limites humanos, ou acabarão por alcançar níveis tão amplos que ultrapassam os níveis dos Orixás mediadores e chegam até o dos Orixás ancestrais.

E quando isso acontece com alguém, então os Orixás ancestrais se apossam celestialmente dele, pois veem nele fontes inesgotáveis de renovações, pois traz em si mesmo tanto as qualidades do Trono da Geração quanto as da Ninfa da Vida. E eles, que conhecem a origem de ambos, sabem como possuir esses descendentes diretos sem ser possuídos, pois sabem como manipulá-los, estimulá-los ou adormecê-los, já que eles possuíram partes do adormecido Trono da Geração.

Esses descendentes, quando ultrapassam o nível dos Orixás mediadores e alcançam o nível dos Orixás ancestrais, daí em diante passam a ser desejados com tanta intensidade pelos ancestrais que, ou cedem aos desejos deles e os transformam em suas próprias vontades, ou são desequilibrados exatamente na parte que o ancestral que o está desejando extraiu do Trono adormecido.

Os descendentes mais espertos não opõem resistência aos desejos dos Orixás ancestrais e os absorvem, transmutam-nos em suas vontades e a partir daí passam a manifestar qualidades pertencentes só aos ancestrais.

Se só um ou outro ancestral o desejou, tudo bem, pois uma hora manifestará os desejos do que o desejou e nas outras manifestará seus próprios desejos.

Mas, se todos o desejam, então daí em diante já não manifestará seus próprios desejos, pois todas as horas de seu dia estará manifestando em suas vontades os desejos de todos os Orixás ancestrais.

E, ou se assenta em um lugar onde todos eles possam vê-lo o tempo todo, ou na hora do ancestral que não o estiver vendo, entrará em desequilíbrio emocional, pois será procurado enquanto durar aquela hora. E, se não for encontrado antes

daquela hora terminar, no sentido dominado pelo ancestral que nela se manifesta, ele não terá paz até que volte a ser visível novamente na hora dele, seu regente.

Alguns descendentes descobriram isso logo e, astutamente, se consagraram a um dos Orixás ancestrais, que o possui todo e só para si, e, daí em diante, passaram a servi-lo na hora regida por seu Senhor, e nas outras, usando dos poderes de seu Senhor, adentram nas horas regidas pelos outros ancestrais por livre e espontânea vontade e aí dão vazão aos próprios desejos, realizando a si mesmos. E só voltam a ser regido pelos seus Senhores nas horas deles em sua vida.

Já os humanos mais tolos entre os descendentes diretos do Trono da Geração e da Ninfa, por não desconfiarem que perderão o direito de externarem seus próprios desejos, deixam-se possuir por todos os Orixás ancestrais, e aí, em todas as horas de seus dias estarão manifestando os desejos dos ancestrais que dominam todas as horas de todos os dias de sua vida.

Os humanos espertos, ao se entregarem a um só Orixá ancestral, são tentados pelos Senhores da Noite, que tentam possuí-los porque suas horas na noite se tornarão luminosas. Mas eles, por serem espertos, não se entregam e atormentam os Senhores das horas da noite, que vivem a desejá-los, mas não conseguem possuí-los.

Já os humanos ingênuos, não tendo para si nenhuma hora dos dias de suas vidas, tentam realizar seus próprios desejos durante as noites de suas vidas. E por serem ingenuos, são presas fáceis dos astutos Senhores das horas da noite que, se lhes permitem a realização de seus desejos, os usam para tornar suas horas escuras em radiantes vivenciações das benesses da luz do dia.

E com isso, por serem ingenuos, são os mais desejados dos descendentes diretos do Trono da Geração e da Ninfa da Vida.

Mas saiba que, porque os Senhores das horas da noite são opostos em tudo aos Senhores das horas do dia, estes ainda induzem os humanos ingênuos a entregarem-se aos Senhores da Noite, pois assim, enquanto iluminam as horas da noite regidas por eles, aproveitam para ver se não há algum dos seus descendentes Diretos aprisionados nos domínios dos Senhores das horas da noite.

Se não veem, tudo bem.

Mas, se veem, então manifestam o desejo de tê-lo de volta, e aí esse desejo transforma-se em uma vontade no descendente direto, que começa a desejar levar para o seu Senhor da hora do dia quem está aprisionado nos domínios do Senhor da hora oposta à dele. E dali não sai enquanto não realizar aquele desejo, transformado em uma de suas vontades.

Então um caos se estabelece na hora daquele Senhor da noite, pois está retendo em seus domínios alguém que é desejado tanto pelos Senhores das outras horas da noite como pelos Senhores das horas do dia.

Então aquele Senhor de uma das horas da noite sofre todo tipo de ameaças dos outros Senhores da noite, e algumas são fatais. E sofre recriminações de todos os Senhores das horas do dia, algumas ameaçadoras. Sim, porque se um Senhor de uma hora do dia resolver descer pessoalmente para libertar o descendente aprisionado em seus domínios, descerá com todas as suas hierarquias, e aí

o choque torna-se mortal, pois um dos dois perecerá. E quase sempre é o Senhor da hora da noite, pois sua escuridão não resiste ao esplendor irradiante do seu oposto na hora do dia.

Alguns dos descendentes espertos já arranjaram grandes encrencas para os Senhores das horas da noite, pois simulam um aprisionamento e levam seus Senhores das horas do dia a descerem aos domínios dos Senhores da noite. Mas os que assim procederam foram descobertos logo e dali em diante não tiveram paz, pois seus Senhores vibraram uma repulsa tão intensa por eles que só lhes restou ocultarem-se nos domínios dos Senhores das horas da noite, aos quais se entregaram, pois só assim teriam um pouco de paz porque a repulsa, vibrada como um desejo pelos seus Senhores na luz, os faz gerar um antídoto que afasta a luz de suas vidas e os faz odiarem-na ou dela fugirem assim que sentem sua aproximação.

Os Senhores das horas da noite, que são os Senhores de todas as astúcias, têm nesses "espertos" que a eles se entregaram seus melhores auxiliares, pois os usam intensamente, já que, por trazerem em si a geração e a autorregeneração, são inesgotáveis na capacidade de gerarem mais escuridão na vida dos seus irmãos humanos. E com isso aumentam a influência dos Senhores da noite na dimensão humana da vida.

Mas, em contrapartida, os Senhores das horas do dia, que, se não são astutos, no entanto, são sábios, irradiam nos seus descendentes diretos "ingênuos" o desejo de libertar todos os humanos da escuridão. E, porque foram induzidos a também se entregarem aos Senhores das horas da noite, quando estão nelas, manifestam uma imensa vontade de libertarem todos os humanos da escuridão.

E aí, ou os Senhores da noite os libertam ou estarão encrencados, pois os ingenuos só estão manifestando em suas inabaláveis vontades um desejo dos Senhores dos dias de suas vidas e serão protegidos por eles caso algo de mais grave venha a ameaçá-los nos domínios dos Senhores das horas da noite, e das noites de sua vida.

E os próprios Senhores da noite, que sabem disso, libertam da escuridão os espíritos humanos desejados pelos Senhores das horas do dia. E, porque são astutos, voltam a ativar nos espertos, que possuíram só para si mesmos, o desejo de escurecerem novamente a vida dos humanos arrancados de seus domínios.

Então os Senhores das horas do dia, que são sábios, manifestam nos descendentes ingênuos o desejo de ver todos os humanos transformados em geradores de luz, e isso se transforma em uma vontade deles a ser concretizada na mente de todos os seres humanos.

E assim, nesse embate entre a astúcia e o saber, os seres humanos vão aprendendo e evoluindo. Mas uns se tornam sábios e outros só espertos.

Os primeiros tratam de aquietar seus emocionais e assentam-se nos domínios dos Senhores das horas do dia. Mas os segundos, por serem só espertos, reiniciam o embate, já em níveis inferiores ou nos níveis regidos pelos Orixás mediadores que, por serem os descendentes diretos dos Orixás ancestrais Senhores das horas do dia, também transformam os desejos dos seus senhores em suas vontades inabaláveis.

Mas os astutos Senhores das horas da noite também têm seus descendentes diretos assentados nos níveis intermediários das horas da noite.

E tudo se repete nos níveis intermediários, onde cada um dos Orixás mediadores tem um oposto em tudo, que rege o nível escuro oposto.

Então os astutos Senhores das horas da noite costumam ativar contra os Orixás mediadores, não seus opostos nos níveis das horas da noite, mas sim os espertos descendentes humanos do adormecido Trono da Geração e da Ninfa que os servem, pois assim preservam seus mediadores. E choques começam a acontecer entre duas forças que não são opostas mas diferentes, pois a dos Orixás mediadores é encantada e a dos espertos humanos da noite são todas as forças da noite que conseguiram gerar.

É uma luta desequilibrada em favor desses espertos humanos da noite, pois os Orixás mediadores só atuam nos minutos do dia dos humanos, enquanto eles podem atuar em todos os minutos, menos um, do dia da vida dos seres humanos caídos sob seus domínios geradores de escuridão.

Só naquele minuto especial regido por um Orixá mediador alguma coisa pode ser feita no sentido de anular a escuridão da vida de um ser humano. E a maioria o desperdiça, pois se habituou tanto a viver na escuridão que, quando vivencia aquele minuto luminoso, não entende por que a seguir voltou a viver na escuridão e começa a acumular uma inexplicável mágoa contra os regentes da luz, pois acreditam que depende deles, e não de si mesmos, transformar aquele fugaz gozo luminoso em um êxtase eterno e irradiante.

Os Orixás mediadores que se saíram aos seus pais, e também são sábios, recorrem aos ingenuos descendentes do Trono e da Ninfa e despertam neles a vontade de ajudarem seus irmãos humanos aprisionados nos domínios dos senhores da noite.

Só que há um risco muito grande nessa ativação da vontade deles, pois aí acontece o inverso do que acontece quando seus pais, os Orixás ancestrais, agem sobre seus descendentes diretos: com eles os desejos transformam-se em vontades. Mas com os Orixás mediadores as vontades transformam-se em desejos.

O risco consiste nisto: a vontade é um sentimento puro. Mas o desejo é dualista, pois traz em si uma dupla forma de manifestar-se. Ele tanto pode manifestar-se como amor ou paixão, como rigor ou crueldade, como auxílio ou punição, como generosidade ou egoísmo, etc.

E aí, um descendente direto do Trono da Geração e da Ninfa, que nas horas de sua vida é generoso, nos minutos dela pode ser egoísta!

E mesmo que isso não aconteça em todos os minutos de sua vida, no entanto naquele específico, com certeza será egoísta. E, se naquele exato minuto, um de seus irmãos humano tiver a própria vida dependendo unicamente da sua generosidade, certamente morrerá, pois ele lhe negará a própria vida, ainda que no minuto seguinte venha a arrepender-se e sofrer por muito tempo ou para sempre, pois nas horas de sua vida era um gerador de vida.

Enfim, é muito delicado e perigoso para os Orixás mediadores quando estão ativando uma vontade em um descendente direto do Trono da Geração e da Ninfa da Vida. Por isso preferem ativá-las quando ele está em algum lugar que é compartilhado por todos os Senhores das horas do dia. Só assim o desejo que ele vibrará dali em diante será positivo tanto para ele quanto por todos os que vierem a ser alcançados por suas irradiações, pois passará a vibrar o mesmo desejo positivo que o dos senhores das horas do dia.

O pai ancião calou-se e enxugou as lágrimas que corriam dos seus olhos. Depois me ofereceu seu lenço para que eu enxugasse minhas faces, encharcadas pelas lágrimas silenciosas que eu já havia derramado.

Enxuguei-as, mas não adiantou muito, pois no instante seguinte meu rosto estava todo molhado. Então, contendo um choro inconsolável, perguntei-lhe:

– Quem são os descendentes diretos do Trono da Geração e da Ninfa da Vida que o senhor chama de ingênuos e de espertos?

– Antes me responda se nos minutos de sua vida, quando as vontades se manifestaram como desejos positivos, se os gozos fugazes foram gratificantes.

– Pai, desejo chorar muito alto... e logo!

– Antes me responda isso, meu filho.

– Pai!!!

– Por favor, meu filho amado. Eu abençoei todos aqueles minutos de sua vida com a concordância expressa de todos os seus pais e mães mediadores, regentes dos minutos do dia, e sob a visão direta de todos os ancestrais senhores das horas dos dias de sua vida!

– Pai, não estou suportando essa angústia! Quem são os ingênuos e os espertos?

– Você quer escurecer todos os minutos de sua vida, e todas as horas dela, e ela própria?

– Pai...

– Por favor, meu filho amado! Responda antes à minha pergunta! Em nome do seu divino Criador, responda-me se foram satisfatórios ou não! Só isso quero que responda! Diga apenas sim ou não e nada mais precisará dizer e nada lhe será perguntado por todos os senhores dos seus minutos, de suas horas ou mesmo de sua vida!

Eu olhei no rosto de todos aqueles pais e mães mediadores ali reunidos à minha volta. E todos os pais e mães estavam ali! Depois olhei para além deles e vi em volta e acima deles todos os pais e mães ancestrais. E expandindo ainda mais minha visão, vislumbrei a presença onipotente do meu divino Criador, pois vê-Lo é impossível. E vi que todos vertiam lágrimas silenciosas e aguardavam meu sim ou não. Minha luz ou minha escuridão, minha imortalidade ou minha morte!

Meu ser era só dor, meus sentimentos eram só tristeza, minhas lágrimas eram só vergonha e meu rosto era arrependimento e remorso.

– Vamos, meu filho. Olhando nos nossos olhos, diga sim ou não, e nada mais! Só isso, está bem?

Eu respondi que sim, que aqueles minutos havia sido gozos fugazes, mas que eu havia desejado que perdurassem por toda a eternidade e que se repetissem muitas vezes em todos os minutos de minha vida e que transformassem todas as dores em êxtases imortais, etc.

E quando respondi sim, o choro explodiu de meu peito e meus olhos verteram tantas lágrimas que nada eu via na minha frente senão minhas próprias lágrimas. E foi aos prantos que o ouvi responder à minha pergunta:

– Os ingênuos dos quais lhe falei são os mansos descendentes do Trono adormecido e da Ninfa. Os espertos são os que renegam a vida e transformam o amor em um ato mortal e imoral.

– Pai, ainda não respondeu à minha pergunta!

– Os mansos descendentes são vistos como renovações do divino Oxumaré e da divina mãe da Vida. Por isso, quando são vistos em seus irmãos mais novos portadores dos mistérios desses dois Orixás, tolamente interpretam como se fossem andróginos ou portadores de uma dupla sexualidade. Já os espertos, esses são vistos como a serpente negra, tão reluzente e tão mortal.

Os mansos encantam a serpente encantada do Arco-íris.

Os espertos são fascinados pela escuridão da serpente negra.

– Pai... por que se demora em responder-me?

– Porque você, que é um manso, está começando a gerar energias que o paralisarão e o adormecerão. E eu não quero que isso lhe aconteça, meu filho. Não depois de ter se assentado, por méritos próprios, no trono energético que um dia, em um passado remoto, foi ocupado pelo adormecido Trono da Geração.

– Por que o senhor fez isso comigo, pai amado?

– Porque você já foi possuído por todos os Senhores das horas do dia e resistiu às investidas dos Senhores das horas da noite, contra os quais criou em si mesmo tantos antídotos que, se eles tentarem possuí-lo contra sua vontade, você os envenenará e os paralisará, pois, aos seus irmãos diretos espertos, você já está anulando, só lhe bastando não simpatizar com eles. Ou eu fazia isso consigo ou você acabaria invadindo os domínios deles e em um mortífero Trono da Morte se transformaria por toda a eternidade.

– Pai, eu absorvi o trono energético que pertencia ao meu pai, o adormecido Trono da Geração?

– Sim, meu filho. Olhe-se e verá que já é algo natural em você a geração de energias. E que são geradas em enormes quantidades, tanto nos minutos quanto nas horas que mais lhe agradam, e que são as horas do dia.

– Isso que estou sentindo em alguns dos meus sentidos já é o efeito do trono energético que absorvi há pouco aqui, à beira-mar?

– Sim, meu filho. Ele sustentará tantas ligações quanto a Lei quiser ou você desejar, porque você já é em si mesmo um novo Trono da Geração.

– Quantos outros iguais a mim já existem?

– Nenhum. Todos os seus irmãos ancestrais não suportaram as tentações dos Senhores das horas da noite e sucumbiram nos instantes finais de suas provações.

– Meus irmãos ancestrais são aqueles que libertei da prisão cristalina?

– São eles sim, meu filho amado. Mas nenhum voltará a tentar apossar-se do Trono Energético da Geração, pois você já o absorveu e terminou com uma luta fratricida ancestral. O máximo que seus irmãos ancestrais tentarão fazer será induzi-lo ao sono, pois aí sua serpente encantada se ocultará da vista de todos e o trono energético voltará ao lugar que ele estava antes de você absorvê-lo.

– Pai, a areia que eu pisava no meio neutro era essa aqui, que piso agora?

– Sim, meu filho.

– As pedras coloridas que eu sentia e estudava com minha percepção são essas que vejo espalhadas por essas areias?

– Sim, são elas mesmas, meu filho.

– Se são, então onde está o ônix, que não vi quando aqui retornei?

– Ele está no lado de baixo desse lugar, pois, quando você o recusou, ele perdeu a única razão que o sustentava aqui nesse lugar: você!

– Pai, se tudo é assim, então por que tive de sofrer tanta dor para sair do meio neutro?

– Você vivenciou conscientemente a dor que, inconscientemente, sentem todos os que nascem para uma nova vida.

Aquela dor é a que vivenciam todos os filhos quando saem do útero da mãe, rumo à luz da vida. Eles vão sentindo rasgos, cortes, perfurações e, quando finalmente alcançam a luz, estão doloridos e cobertos de sangue da cabeça aos pés. Urram de dor, pois instintivamente percebem que o cordão umbilical que os une às suas mães será cortado e depois passarão a viver em si e de si mesmos.

O cordão umbilical que o unia à Ninfa da Vida foi cortado, meu filho. Daquele momento em diante você passou a viver por si mesmo e portou-se com tanta dignidade que sua mãe ancestral o viu como o herdeiro natural de seu pai ancestral, que é o adormecido Trono da Geração.

– Tornei-me igual ao meu adormecido pai?

– Só em parte, já que você não possuiu a serpente encantada do Arco-íris. Apenas a recolheu e a livrou de ser possuída por algum outro Trono.

– Obrigado pelas explicações, pai amado. Eu o saúdo e reverencio, e faço o mesmo com todos os pais e mães que me honram com suas atenções e silêncio. Também saúdo e reverencio todos os pais e mães ancestrais, que têm me honrado com suas presenças em minha vida. Peço licença a todos, pois preciso caminhar e refletir!

– Para onde você irá, filho amado?

– Não sei. Só vou caminhar e refletir.

– Recolha o Arco-íris celestial, meu filho. Ele não pode ficar desdobrado!

– Não quero a serpente junto de meu corpo.

– Por que não? Ela traz em si os poderes divinos dos ancestrais senhores da luz, e você poderá ordenar-lhe o que desejar que imediatamente será atendido.

– A tentação é muito grande, meu pai. Que ela permaneça desdobrada e não volte a tentar mais nenhum dos meus venenosos irmãos ancestrais! Vou despedir-me de Estrela Dourada do Arco-íris e partir. Com sua licença!

Ajoelhei-me diante de todos os pais e mães mediadores, saudei-os e pedi suas bênçãos. Depois cruzei o Arco-íris para despedir-me de Estrela e partir.

Eu não percebi nada, mas, quando passei por baixo dele, simplesmente ele penetrou em minha coroa e alojou-se em meu íntimo, desaparecendo da vista de todos aqueles meus pais e mães, que ajoelharam e disseram:

– Dê-nos sua bênção, tatá guardião celestial dos Mistérios da Geração e da Vida! O divino Oxumaré acabou de renovar-se no mais manso de seus herdeiros naturais!

Ajoelhei-me também, aguardando aquela bênção. Mas eles tornaram a clamar por ela uma, duas, três vezes.

– Dê-lhes sua bênção, amado – sugeriu-me Estrela.

– Eu? Por que eu?

– O divino Oxumaré renovou-se em você.

– Em mim?

– Sim. Você não percebeu quando ele o possuiu?

– Ele me possuiu?

– Sim. Agora você é um encantado d'Ele, e Ele se renovará por meio dos seus sentidos, que o manifestarão.

– Incrível!!! Quando isso aconteceu?

– Quando você passou por baixo do Arco-íris. Ele se recolheu em você através de sua coroa.

Assustado, olhei para o alto e não vi o Arco-íris. Pensei que a serpente estava em cima de minha cabeça, mas não estava. Olhei para ver se estava novamente enrolada no meu tórax, mas não estava. Só que, ao procurá-la em mim, vi que minha veste branca havia desaparecido e eu estava nu.

Então senti que o Arco-íris já estava desdobrando-se em meu íntimo e, em um piscar de olhos, explodiu por meio dos meus sentidos, que passaram a irradiá-lo tão intensamente que não vi a mim mesmo quando voltei a olhar-me novamente.

Subi à visão percepcional e consegui ver-me. Mas o que vi em mim assustou-me, pois eu já não era como antes. Muitas coisas haviam mudado naquela fração de segundo. Dei a bênção que solicitaram e caminhei, caminhei e caminhei!

Em dado momento, pensei: se recolhi em meu íntimo todos aqueles mistérios, posso recolher esse Arco-íris!

Pouco a pouco o recolhi e voltei a me ver com minha visão humana. E o que vi em mim assustou-me muito mais, pois eu me tornara irreconhecível a mim mesmo. E se eu já não me reconhecia, o que diriam todos se eu lhes dissesse que era o mesmo de antes?

Calei-me e voltei a caminhar em silêncio, até que optei por ocultar-me de todos os meus conhecidos. Mas para onde ir?

– Bom, se tudo está distribuído em paralelas, ao lado dessa dimensão existe outra. É só irradiar com as mãos, abrir uma passagem e ocultar-me nela até que seja esquecido por todos os que me conheciam. Depois voltarei e passarei despercebido!

Só que do outro lado não havia claridade alguma. E optei por fechá-la e abrir outra em outra direção, que também se mostrou escura!

E todas as tentativas desembocavam em dimensões escuras. Desisti das passagens e mentalizei um ponto existente na dimensão humana, ao qual me liguei mentalmente e projetei-me, indo parar nele à velocidade da luz.

Plasmei uma veste humana que cobriu meu corpo novamente, e pensei: agora posso ficar sossegado porque ninguém me reconhecerá ou perguntará algo que me constranja por causa dessas mudanças tão acentuadas.

Acreditando-me oculto, caminhei sem rumo por muito tempo até que cheguei a um lugar habitado por pessoas humildes e simples no falar e comportarem-se.

– Ótimo! Aqui está muito bom para aquietar meu emocional e esquecer tudo o que vivenciei naquela dimensão extra-humana. Os espíritos humanos que por aqui vagam, não sabendo sobre a existência dela, nem acreditarão se eu lhes contar o que vivenciei nela.

Observei aquela cidadezinha, seus habitantes e os espíritos que também encontravam nela muitas afinidades.

Com o tempo, aproximei-me de alguns. Mas só depois de estudá-los com minha nova visão, pois me bastava fixá-la em alguém para começar a identificá-lo totalmente.

Amizades sólidas surgiram, e fui convidado a uma reunião onde seríamos apresentados a um espírito visitante. Mas, para surpresa minha, ele não era outro senão o Guardião Cristalino que guardava o meio neutro, de tão dolorida memória. Mas ele não me reconheceu e aquietei-me em todos os sentidos à espera dos acontecimentos.

Em poucos minutos ele expôs tudo o que tinha a transmitir-nos e ficou aguardando nossas reações. Vários aceitaram o que ele oferecia. Eu fui um deles!

Dali seguimos para uma morada espiritual modesta mas muito confortável, à qual nos agregamos. E começamos a ser instruídos, pois ainda éramos espíritos pouco "espiritualizados". Eu, sempre calado, a tudo ouvia e nada comentava, só para não chamar a atenção de ninguém. Ali permaneceria se não tivesse visto chegar alguns mestres anciões, que identifiquei como meus irmãos "mansos".

Desdobrei minha audição superior e ouvi quando eles perguntaram:

– Irmão Guardião Cristalino, viemos para ajudá-lo no combate a essa imensa mancha escura que se alojou embaixo dessa morada.

– Mestres anciões, não sei explicar o surgimento dela nesse plano espiritual positivo. Jamais vi algo semelhante. Ou melhor, já vi, mas pertencia a um mistério irrevelável. Lá existia uma mancha tão impenetrável a todas as visões, e em

dado momento ela desapareceu, assim como tudo o que ocultava, só deixando uma areia à beira-mar.

– Você nunca penetrou naquela mancha?

– Era proibido. E todos que tentaram retornaram tão feridos que se tornavam irreconhecíveis.

– É o preço que pagaram por desafiarem a Lei, guardião. Não se entristeça com essas recordações. Nós vamos mentalizar um mantra sagrado e devolver às trevas mais profundas tanto essa mancha quanto o ser que conseguiu essa proeza, pois esse é um fenômeno inimaginado até por nós, os magos do Arco-íris.

– Agradeço por terem atendido ao meu pedido de socorro.

Imediatamente me lembrei de que meu pai ancião havia dito que o ônix havia se deslocado para baixo e se alojara debaixo dos meus pés.

Eu era o responsável por aquela assustadora e impenetrável mancha escura alojada debaixo daquela morada espiritual.

Quando eles iniciaram a mentalização, imediatamente fui envolvido por um fluxo energético multicolorido que tentava me enviar para alguma faixa negativa. Eu poderia opor resistência, pois possuía em mim mesmo energias superiores àquelas. Mas julguei que era uma ameaça àquela morada, e me deixei conduzir por aquele fluxo, que me lançou em um imenso vazio, conduzindo-me até uma esfera negativa.

No instante seguinte, já em um lugar totalmente escuro, ainda ouvi um dos magos dizer: "e que tu, ser das trevas, aí permaneça por toda a eternidade"!

– Que assim seja! – selaram os outros magos do Arco-íris, todos meus ancestrais irmãos "mansos".

– Se os mansos são assim, então como serão os bravos?! – exclamei, muito triste. A seguir recorri à visão superior e vi que a mancha escura realmente estava embaixo de mim.

Contemplei-a muito antes de decidir-me por qual iniciativa tomaria para anulá-la. No final optei pela mais temerária: mergulhar nela e desvendar seu mistério interno, já que só dominando-o, anularia seu campo exterior.

Sabia que corria o risco de ser puxado por aquele cinturão cristalino cortante. Mas também havia me lembrado de que o Arco-íris encantado vivia dentro de mim. Mentalizei-o forte e ordenei:

– Conduza-me até o ônix que está dentro dessa mancha escura, Arco-íris encantado!

No instante seguinte, senti-me uma serpente rastejando, ou melhor, deslizando sobre os cortantes cacos de cristais. Devo ter rastejado durante décadas até alcançar aquele monolito de ônix e voltar à minha forma "humana". Assentei-me diante dele e comecei a estudá-lo atentamente. Só sairia dali quando desvendasse seu mistério.

Ali não existia o tempo como na dimensão humana, e acho que fiquei estudando-o durante alguns milhões de anos. Pois sempre que penetrava em uma

camada interior outra existia para ser penetrada. E não conseguia penetrá-la antes de dominar mentalmente aquela que havia penetrado.

De camada ou cinturão após cinturão fui penetrando e dominando mentalmente seu mistério. Mas quando alcancei seu centro neutro meus tímpanos quase explodiram, de tantos clamores e gritos de dor que ouvia.

Após o choque inicial, procurei estudar a razão de tanto sofrimento e não demorou menos de "dez milênios" até que conseguisse isolar um dos pontos que irradiava dor, dor e dor. Após envolvê-lo mentalmente, retirei-o daquele meio escuro, pois o ônix era como era porque seu interior irradiava-se em círculos, totalmente diferente de outras pedras, que irradiavam raios, tal como o sol.

Mas ele era totalmente diferente. Sua irradiação processava-se como quando se atirava uma pedra no centro de um lago: círculos concêntricos vão crescendo até perderem a força ou alcançarem as margens, que os desfaziam.

Só que, no caso dele, os círculos se irradiam e depois se contraem, trazendo para seu centro tudo o que for alcançado pelas irradiações circulares.

Estudei-as e senti que passavam pelo meu corpo energético, que trazia em si as irradiações e o magnetismo das outras pedras. Por isso elas não me arrastaram para aquele centro.

– Elas são como as ondas do mar! – exclamei eufórico. – Tanto podem conduzir em suas ondas como, no refluir, podem aprisionar e arrastar para aquele interior tudo o que tragaram!

Então me recordei de como eram as ondas do mar e lembrei-me como, ao virem para a praia, iam derrubando os banhistas que as peitavam, e como puxavam com tanta força no refluxo.

– Eis outro mistério a ser desvendado! – exclamei eufórico. – Santo Deus! Que mistérios o senhor deseja que esse seu filho descubra? Por que tudo isso me está sendo revelado? Por quê, pai amado? E obtive uma resposta:

– "Por que você, mesmo tendo sido confrontado pelos seus irmãos ancestrais caídos nas trevas, no entanto amou meus servos diretos assentados nas esferas cósmicas, de onde regem todos os que se ofuscam com a luz dos Orixás celestiais e se perdem nos desvãos de suas longas jornadas."

– Pai amado, diga que não estou sofrendo de alucinações, meu pai!

– "Filho, meu bendito filho! Em um dia de sua vida, quando você também acreditava estar ouvindo a si mesmo, era Eu, o Seu senhor, quem lhe falava o tempo todo e durante todo o tempo. E várias vezes Eu lhe disse que o absorveria e aí tudo lhe revelaria, não disse?"

– Pai amado, isso ouvi, e...

– "Eu sei, meu filho. Mas quero que saiba que falo com todos os meus filhos, minhas criaturas e minhas criações o tempo todo e durante todo o tempo! E falo com cada um segundo sua própria linguagem e capacidade de compreensão, pois todo pai sabe como falar com cada um dos seus filhos, já que conhece a natureza de cada um deles. Eu sou o pai dos pais, meu filho amado!"

– Pai amado...

– "Meu filho, aprenda a ouvir-Me falando com meus filhos, com minhas criaturas e com minha criação. Depois ensine seus irmãos a ouvirem-Me em tudo e em todos, inclusive em seus próprios íntimos, pois Eu falo de dentro para fora enquanto tudo mais além de mim fala de fora para dentro. Só eu lhe falo a partir de sua célula mater, filho meu!"

– Pai amado... eu não quero perguntar por que estou descobrindo tudo isso se já conheço a resposta. Mas... devo revelar tantos mistérios aos meus irmãos?

– "Revele-os aos seus irmãos, mas também à religião que o acolheu em sua última encarnação e o amparou desde que você pôs seus pés nos templos dos seus pais ancestrais."

– Por quê, pai de minha vida e minha razão de viver?

– "Porque você sempre culpou a si mesmo por seus erros, falhas e pecados, e nunca imputou culpas a nenhum dos meus servos diretos, ou a Mim, seu pai divino. Eu o quero também como mensageiro divino dos seus pais ancestrais, que são as cores vivas do arco-íris que agora vive em teu íntimo, e faculta a eles lhe falarem a partir do seu íntimo."

– Pai divino, pai de minha vida, estou no limiar de mistérios inimaginados até pelo mais sábio dos meus irmãos ancestrais; nem nos livros santos, eles estão revelados, ainda que tudo esteja ocultado de mil modos. Ninguém acreditará em mim, meu pai amado!

– "Eu, o seu Criador, acredito em você, meu filho."

– Eu os revelarei, pois sinto que é Sua vontade que em mim se manifesta como um desejo.

– "Não, meu filho. Em você se manifestará como uma missão divina para com sua última religião no plano material humano, que, ao contrário do que revelam todos os livros santos, não é o fim último de meus desígnios. Ele é só o início de um que você iniciou quando assumiu seu mistério original e tornou-se em si mesmo um semeador da vida."

– Pai amado, o senhor abençoou-me na minha origem, e tem me abençoado o tempo todo e durante todo o tempo. Mas deixe-me, ou melhor, conceda-me a divina graça de ouvi-lo abençoando essa minha nova missão divina. Por favor, meu generoso pai!

– "Eu já a abençoei quando a pensei, tenho-a abençoado até este instante de sua vida, e abençoada será sua missão e a obra que você revelará aos seus incrédulos irmãos. Que preferem dar ouvidos aos ruídos externos, à voz interna que fala a cada um segundo sua capacidade de compreender-me."

– Pai amado, quero continuar ouvindo-o por todo o sempre.

– "Ouça-me em tudo e em todos, meu filho. Mas só me ouvirá a partir do íntimo, nunca do exterior. Conclua sua obra, pois nela estou falando por meio de você!"

– Sua bênção, meu pai.

– "Abençoado é, filho meu!"

Eu não resisti mais àquela manifestação divina que me alterava todo, e comecei a chorar, chorar e chorar. E choraria para sempre se não tivesse ouvido o clamor de dor vindo do interior do ônix. Enxuguei meus olhos e subi à minha visão,

percepção, sensibilidade e audição superiores, com as quais iniciei o estudo do mistério do ônix.

Comecei pelas deduções:

O divino Oxalá é simbolizado pelo cristal transparente, o quartzo, cuja irradiação é incolor, mas traz em si as sete cores do Arco-íris.

O divino Oxumaré é simbolizado pelo Arco-íris, pois traz em si suas cores.

Só que o divino Oxalá é passivo e o divino Oxumaré é ativo.

Então o mistério é esse; o divino Oxalá irradia como o sol, em raios. Já o divino Oxumaré irradia de forma parecida a esse ônix, e por isso vemos o Arco-íris, pois são suas irradiações curvas. E se só as vemos naquela faixa, é porque aquele é o único pedaço da escala visual que nossa limitada visão alcança. E, se não o vemos como um círculo, é porque só o vemos dentro do plano onde estamos, que começa no solo que forma a base da dimensão onde estamos.

Então o divino Oxalá forma com o divino Oxumaré um par vibratório, pois Oxalá é a irradiação universal das sete cores, e o divino Oxumaré é a irradiação cósmica delas. Oxalá é irradiação reta e contínua, e Oxumaré é irradiação alternada e curva.

Mas alternada não significa que é uma sim e outra não. O que realmente acontece é que cada pulsar irradia uma cor.

Irradiação contínua ou universal é passiva e positiva, pois é intermitente e não sofre alteração. Cada raio é de uma cor e flui ininterruptamente. É universal, pois todos conseguem vê-la.

Irradiação alternada é cósmica, negativa e ativa, pois é irradiada em pulsares, e, em cada pulsar, irradia sete círculos com sete vibrações e sete cores diferentes, que as vemos como círculos coloridos que vão se expandindo infinitamente.

O divino Oxalá tem como seu par natural ou feminino ideal a divina Iemanjá. Ele simboliza a fé; e ela, a vida. Ele é a luz; e ela, a estrela.

A luz irradia-se em raios retos e a estrela em pulsares, ou corrente alternada, mas reta.

Logo, se ela é alternada, então é semelhante ao divino Oxumaré, que também é irradiação alternada. Mas se ambos têm as sete cores, pois ela tem as sete estrelas e ele o Arco-íris, então formam um par natural magnético, pois ele é de magnetismo masculino e ela de magnetismo feminino. São magnetismos opostos nas naturezas (masculina e feminina), mas afins, pois ambos são alternados.

Oxalá, quando atrai magneticamente, o ser é atraído em linha reta. Já Oxumaré e Iemanjá atraem em "ondas" ou em círculos que vão se fechando no centro.

A fé é reta, mas a vida não, já que está sujeita a contínuas alterações ou sobressaltos (as ondas) ou estágios evolutivos.

Pai Oxalá é cristalino puro.

Mãe Iemanjá é aquática-cristalina.

Pai Oxumaré é cristalino-aquático-mineral.

Estrela Dourada do Arco-íris é aquática-mineral-cristalina.

Eu devo ser cristalino-aquático-mineral.

Minhas irradiações tanto são retas (cristal) quanto circulares (água). Como serão as minerais?

Será que elas são duplas?

Sim, só pode ser isso, pois o divino Oxumaré forma com Oxum um par energético-magnético na linha da concepção. Mas são polos opostos.

Mas, se a divina Iemanjá é a mãe da vida, então... seu polo oposto é o pai da morte, que outro não é senão o divino e cósmico pai Omolu.

Sim, é isso! O ônix é a pedra do meu pai Omolu, o senhor da morte! Estou chegando perto.

A mãe da Vida é o pulsar que nossos olhos veem, por isso a vemos multicolorida. Já o divino Omolu deve ser o pulsar que não vemos, e por isso é descrito pelos videntes como opaco ou envolto por um manto negro.

Tenho de desenvolver uma visão circular se quiser ver as irradiações do ônix. A visão humana é reta e essa minha visão superior é irradiante, pois vejo tudo à minha volta, mas ainda em linha reta.

Medite! Reflita! Pense, encantado do Arco-íris! Você é capaz!

Fiquei milênios e milênios procurando a chave do mistério. E tanto me abstraí de meu corpo energético que comecei a sentir algo além das ondas irradiadas pelo ônix. Entre uma e outra, comecei a sentir um formigamento tanto na visão humana quanto na visão percepcional.

– Estou sentindo uma cor! – exclamei – Já estou próximo da chave do mistério! Sensibilidade!!!

A visão humana é a visão da mente.

A visão perceptiva é a visão dos sentidos.

A visão sensitiva é a visão das energias que fluem por meio das irradiações.

É isso! Descobri como ver o intervalo dos pulsares!

Eu sentia quando meu pai Omolu se aproximava de mim quando eu estava no plano material. E era capaz de percebê-lo também, e só não o via porque me faltava a clarividência.

A sensitividade me permitia sentir sua aproximação, e a intuição o identificava, assim como a todos os outros Sagrados Orixás.

É isso mesmo. A sensitividade nos permite sentir o frio ou o calor, que são invisíveis. Mesmo não os vendo, nós os reconhecemos de imediato quando nos atingem.

Vamos, pense que está prestes a conhecer um mistério do divino Criador por meio do meu amado pai Omolu, Senhor da hora da meia-noite! A hora da passagem do dia que terminou para o dia que está se iniciando.

Vamos, mente! Ele rege o último suspiro do que morre, mas está no primeiro suspiro do que nasce!!!

Então ele está entre a última cor e a primeira.

A última é o lilás e a primeira é o cristalino azulado.

Omolu é a morte, é o fúnebre, é o roxo profundo!

Pense, mente! Pense em como interligar a cor que está terminando com a que está começando!

Mente, lembre-se de que o lilás está de um lado do roxo profundo e o azul está do outro lado!

Vamos, mente! O que há com você? Não irá falhar agora, não é mesmo? Busque em mim mesmo o que lhe falta! Vamos!

É isso! Ao lado do amado pai Omolu está a amada mãe Nanã, que é o lilás. E ela é a hora que antecede o fim, pois é a velhice ou senilidade.

Mente, o que está lhe faltando? Ó mente, minha inestimável mente, você é uma dádiva divina e traz em si ilimitada capacidade. Vou dar-lhe um descanso, senão a sobrecarregarei com minha ansiedade, já que vislumbro a cor das ondas do ônix, mas ainda não consigo vê-las.

Isso, descanse enquanto reflito!

O ônix não é preto. Ele é o roxo tão comprimido e se torna tão impenetrável que parece indevassável e impenetrável à luz ou à minha visão humana.

E se ele é assim, mas sinto suas irradiações circulares como ondas do mar, ou círculos intermitentes, então aqui está a irradiação circular de minha mãe Iemanjá, que é vida e azul cristalino. Mas, se o ônix é a pedra do meu pai Omolu, então a vida também está na morte!

Será isso?

Ou não?

Vamos, mente. Você já descansou bastante e já tem mais algumas informações que facilitarão seu trabalho. Acrescente essas informações e me dê a chave que me abrirá a visão que me mostrará a cor do ônix e a de meu amado pai Omolu!

Isso! Assim mesmo é que deve proceder, mente cheia de recursos em si mesma! Isso, continue me enviando a chave. Sinto que está próxima de se tornar visível.

Não, mente! Não quero imaginar nada, pois é a imaginação que tem afastado meus irmãos das chaves dos mistérios. Anule a imaginação, mente racional!

Assim. Isso mesmo!

Só quero o raciocínio puro, pois só ele nos fornece as verdadeiras chaves dos mistérios.

Santo dos santos! Pai dos pais! Senhor dos senhores! Mistério dos mistérios! Eu vejo a chave, meu amado Criador!

Ela está no Senhor, meu pai!

O Senhor está em tudo e em todos, o tempo todo e durante todo o tempo! O Senhor não sofre quebra de continuidade, pois é tudo o que existe formando um todo.

A chave é um todo visual!... Meu Deus amado!!!

Unindo a visão humana, a visão perceptiva e a visão sensitiva... crio a visão do todo visual... é isso!!!

Luz, cor e energia formam um todo, e visão, percepção e sensitividade são suas correspondências.

Luz, cor e energia estão tão amalgamadas que podemos ver a cor das energias irradiadas pelo sol quando passam por um cristal transparente.

É isso!!!

A visão cristalina é a soma da visão, da percepção e da sensitividade, pois nada lhe escapa. E se cristalino é sinônimo de cristal, que é sinônimo de transparência, e ele só reflete o que lhe chega, então a união desses três meios visuais é uma visão neutra que não vê, mas apenas reflete as cores, luzes e energias que passam por ela. Não devo procurar ver, mas deixar que penetre em minhas três visões o que está me chegando nos intervalos das ondas, que em verdade são partes de um todo, pois não existe o espaço vazio. O que existe é a não visualização do todo em nós mesmos.

Isso, mente! Repouse um pouco e deixe que tudo lhe chegue naturalmente. Isso. Já começo a ver a cor do meu amado pai. Como ela é linda! Como é bela a cor do meu pai ancestral!

Meu Deus! Eu já a vejo sem olhá-la!

Meu pai Omolu é sinônimo de morte, e minha mãe Iemanjá é de vida. Nas ondas vejo seu azul-celeste e nos intervalos vejo o roxo profundo, ou a densificação do lilás de minha amada mãe Nanã! E, quando passa o roxo, começa a onda ou o azul cristalino, que é onde ela começa.

Isso... já vejo que não existe descontinuidade em nada e tudo está em todos, pois se o roxo é a morte, esta traz em si o lilás que é o fim, e o azul cristalino que é o início, que se concretiza no azul-celeste, que é o apogeu da vida.

Isso, a energia do ônix já está em mim, assim como sua cor, que, se é roxo forte, é porque traz em si pouca luz.

Mas em compensação traz muita energia e cor, concentradíssimas.

Isso, mente. Não interfira até eu dominar essa minha visão plena ou visão cristalina das coisas. Quando ela já for parte de mim, você poderá despertar lentamente.

Durou milhões de anos o aprendizado daquela nova visão plena, mas valeu a pena, pois quando minha mente começou a despertar eu já podia acompanhar as ondas ou seus refluxos, ou ficar nos intervalos, que eram de terra, e vê-las passarem por mim.

Eu estava tão integrado que colhia com as mãos as energias aquáticas e as derramava em meu corpo energético, banhando-me com elas.

Quando eu já via tudo, caminhei rumo ao centro do ônix. E a cada passo ia vendo que os círculos ficavam cada vez menores.

Senti vontade de correr para alcançá-lo logo, mas, no meu íntimo, me chegou uma voz: "não se apresse, meu filho! Contemple esse mistério de seu pai amado e veja que as ondas partem em todas as direções e vão formando uma esfera!"

Meus olhos humanos começaram a derramar lágrimas cintilantes que iam se espalhando e formando círculos em todos os sentidos, já que eram furta-cores.

Parei e contemplei minha alegria na forma de círculos feitos lágrimas cintilantes.

– Avance, meu filho amado! Não se encante com essa união de dois encantos!

– Sim, meu pai amado.

Continuei caminhando com passos cadenciados e logo vi uma faixa densa, à volta da qual jaziam milhares e milhares de ovoides, dos quais saíam os gemidos de dor, aflição e desespero.

– Pai! – Clamei antes de cair de joelhos.

– Não pare, meu filho amado. Continue e veja o que nenhum desses seus irmãos jamais conseguiu ver antes, pois só desejavam ver-me com os olhos do medo da morte. Mas você está prestes a me ver como sou, pois sempre me olhou com os olhos do amor, da fé e do respeito. E é assim que o vejo também. Vamos, vença a dor dos seus irmãos, pois só assim você se integrará ao seu pai Omolu e, daí em diante, serás um cura-dores dos seus irmãos, que também são meus filhos.

– Pai, são tantos!

– Esses são os espertos que achavam que podiam enganar a própria morte que os esperava em seus fins, meu filho. Venha juntar-se aos que são vistos como tolos pelos espertos, mas que são vistos por seus pais ancestrais como os mansos que veem iluminar os indevassáveis domínios dos Senhores das horas das noites dos que não têm fé, amor ou respeito pelos mistérios do mistério da criação, que são do seu divino Criador.

– Pai, já fui uma criança um dia. E sinto que estive em seus braços.

– Isso você já foi, meu filho.

– Pai, recordo-me de ter beijado suas faces divinas.

– Isso você também já fez, meu filho.

– Pai, quando acariciei suas faces senti vida onde todos só veem o espectro da morte.

– Eu também me lembro disso, meu filho amado! Venha até seu pai que tanto o ama, filhinho do meu amor à vida.

– Pai, eu fui um dos muitos filhos seus que já levou o espectro da morte ao meio humano.

– Mas, com ele, você também levou o esplendor da vida, meu filho. Não permita que os gemidos de dor de seus irmãos prive-o desse reencontro que o habilitará a tornar-se um cura-dores!

– Pai, sinto tanta vergonha e remorso por ter tirado tantas vidas humanas!

– Você só as transformou, meu filho. A morte é a transformação de uma vida em outra. E, se a transformação for para melhor ou para pior, só dependerá das reações de quem for alcançado por ela em uma das muitas vidas que teve, tem ou terá.

– Pai, sinto-me envergonhado porque em muitas de minhas vidas acreditei que o senhor era um mal em si mesmo.

– Sei disso, e até me entristeci ao vê-lo acreditar-me como o espectro da morte. Mas eu sabia que, se me via como tal, era porque não lhe haviam ensinado

que a morte é um mistério da vida, que é sua mãe Iemanjá. Venha, veja minha verdadeira face para que, quando você voltar para junto dos seus irmãos ainda adormecidos, possa descrever-me como realmente sou. Pois sou o oposto de como tenho sido descrito por eles.

– Pai, estou ajoelhado e não consigo mover-me!

– Filho amado, o homem que se posta de joelhos diante de seu pai amado é visto com os olhos do amor e da fé, e é visto como a criança imortal que vive no íntimo de cada um dos filhos que amadureceram nas lides da vida. Cubra com o manto do amor desse seu pai essa sua alma infantil e venha aos meus braços para que eu possa apertá-lo contra meu peito e sentir todo o amor que está vibrando por esse seu pai amado!

Comecei a absorver o amor que meu pai Omolu irradiava para e em mim e fui me deixando envolver por ele. Aos poucos, senti-me uma criança... e gritei: papai-tatá, eu o amo! Como eu o amo, papai!

E saí correndo na direção daquela esfera roxa. Ele ainda me alertou:

– Filhinho, cuidado! Não corras, pois entre uma onda e outra você poderá cair!

– Não cairei, papai. Eu sou uma delas que está voltando para o senhor!

Então penetrei no interior da circunferência roxa, que só era roxa por fora, pois por dentro era tão clara como o interior de um quarto puríssimo.

E, no centro, vi o majestoso e divino Trono cósmico ocupado por meu papai-tatá Omolu!

Eu era uma criança, aos prantos, e com os bracinhos estendidos, gritava: papai-tatá, eu o amo, papai!

Minha visão estava embaçada pelas lágrimas, mas tenho certeza de que vi correrem duas lágrimas dos seus divinos olhos, que eram de um azul tão profundo que quase eram pretos como o ônix.

Quando cheguei diante dele, ajoelhei-me e pedi sua bênção:

– Dê-me sua bênção, papai-tatá!

– Eu já o abençoei, meu filho amado.

– Papai-tatá, posso abraçá-lo e beijar suas faces novamente?

– Venha, meu filho!

E meu papai-tatá colheu-me em seus braços e elevou-me, apertando-me contra seu peito, do qual saía um fluxo roxo que trespassava aquele meu delicado corpo infantil.

Senti-me inundado de um amor paterno tão denso que podia senti-lo. Eu retribuí com meu amor infantil, puro e sublime, e acariciei suas faces e lhe dei mil beijos de amor. De seus olhos divinos corriam lágrimas, que tentei enxugar, pois não queria vê-lo derramando-as.

– Papai, não chore! Eu vou falar para todos os meus irmãozinhos que o senhor é tão lindo quanto meus papais-tatás das horas do dia!

– Também choro pelo que você fará, meu filho amado, pois sei que finalmente um filho meu me descreverá aos seus irmãos como realmente sou. E não como suas férteis, mas medrosas e desvirtuadas mentes me imaginam: a morte!

– Papai, eu não me recordava mais de como o senhor era. Mas eu sabia que um pai que ouvia eu clamar para que curasse meus irmãos, e os curara, não devia ser como eles descreviam!

– Por isso também derramo lágrimas, meu filho amado.

– Eu não sei quantos crerão no modo que o descreverei. Mas sei que todos os que crerem, nunca mais o imaginarão como o espectro da morte!

– Se só um dos seus irmãos crer no que você escreverá sobre mim, então a alegria que agora sinto um dia se repetirá, pois com certeza um dia ele também virá aqui e me alegrará com seu amor puro, que é o amor irradiado pelos mansos de coração.

– Papai, posso ficar aqui com o senhor?

– Você sabe que uma das horas da noite é regida por mim, não?

– Agora eu sei, papai.

– Então poderá visitar-me na minha hora sempre que desejar, meu filho.

– Papai, lá fora há muitos irmãozinhos meus sofrendo. O senhor me deixa curá-los?

– Nos meus domínios você já é um cura-dores, meu filho.

– Papai, seus olhos são muito lindos. Nunca vi outros iguais!

– Nos meus domínios, os seus são parecidos com os meus.

– Papai, eu vou ser como o senhor, sabe?

– Sei sim. Mas não se apresse, e só deseje ser como eu na hora regida por mim, está bem?

– Sim, senhor. Papai, eu o amo tanto! – exclamei aos prantos.

– Eu também o amo, meu filho. Agora vá até onde estão aqueles seus irmãos mais velhos e será orientado por eles para que, na hora regida por mim, você possa vivenciar o cura-dores que já despertou no seu íntimo.

– Sim, papai. O senhor me dá um beijo?

– Dou-lhe dois, meu filho. Um na sua face direita e outro na sua face esquerda. E beijo sua mão direita e a mão esquerda. E seu pé direito e seu pé esquerdo. E, com as lágrimas de alegria que derramei, faço um colar roxo que coloco em seu pescoço. E junto todas as lágrimas de alegria, amor e vida que você derramou em meu peito, faço um coração roxo que penduro em seu colar, o qual você ostentará de agora em diante sempre que chegar a hora da noite regida por mim, esteja você onde estiver, está bem?

– Está, papai! Na hora regida pelo senhor, todos os meus irmãos saberão que também moro no seu coração divino.

– Vá agora, meu filho. Seus irmãos ancestrais estão ansiosos por abraçá-lo. Mas não corra, porque correr na vida é uma tolice. E você já superou essa fase de sua vida. Agora é hora de caminhar, não de correr. Os tolos correm, os mansos caminham.

– Papai, dê-me sua licença e sua bênção!

– Eu o abençoo e dou-lhe minha licença, filho amado!

Desci do colo de meu papai-tatá Omolu, bati minha cabeça aos seus pés, aos quais beijei; depois afastei sete passinhos, quando então me virei para a sua direita e fui para junto de meus irmãos ancestrais.

Eles estavam longe, muito longe!

Eu sabia que os conhecia, mas estavam tão longe que mal conseguia ver seus semblantes.

Projetei minha visão, e dois fachos roxos os alcançaram, permitindo-me vê-los individualmente. Mas por baixo do capuz que cobria suas cabeças eu nada via, pois era tão escuro quanto o ônix.

Eu só via um interior negro onde deveria haver um rosto. Sem voltar meu rosto, perguntei:

– Por que não vejo o rosto de meus irmãos ancestrais, papai-tatá?

– Porque estou atrás de você, acompanhando essa sua última caminhada, quando reencontrará seus irmãos ancestrais. E, quando protejo a caminhada de um filho meu, comigo postado às suas costas, quem olhar para o meu filho protegido pelo meu manto com certeza verá, aí sim, o vivíssimo espectro da morte!

– Nessa minha última caminhada o senhor sempre me protegeu?

– Sim, meu filho. E, na minha hora em sua vida, sempre meu espectro da morte esteve e estará às suas costas. E quem olhá-lo com ódio será odiado pela morte. Mas quem amá-lo, será amado pela vida.

Os que a morte odeia, rastejam. Mas os que por mim são amados, esses caminham!

– Papai-tatá, então a cobra negra é um dos seus mistérios?

– O mais mortal deles, meu filho.

– Papai, então, quando em muitas de minhas encarnações, e também nesta última, eu tentei matar a cobra negra, na verdade eu tentava matar o mais mortal dos seus mistérios?

– Sim, meu filho. Você foi mais um dos que desejou acabar com o perigo da morte. Mas, quando deixou de odiar a cobra negra, ela não se alimentou mais em seu ódio, e baixou sua cabeça mortal e voltou a rastejar à sua esquerda, pois é nela que esse meu mortífero mistério está assentado, e é por meio dela que ele se manifesta.

– Entendo.

– Eu sei que agora você entende. Você está crescendo e amadurecendo, meu filho amado!

Sem desviar os olhos de meus irmãos ancestrais, olhei-me e me vi já um moço formado. Continuei andando pausadamente e fui me sentindo. Senti que amadurecia continuamente, mas sem pressa. E, com a voz já adulta, voltei a falar com meu pai-tatá Omolu:

– Pai amado, quando eu contar aos meus irmãos como o senhor é realmente, tenho certeza de que imediatamente eles começarão a amá-lo. Com o tempo, também deixarão de tentar matar a cobra negra que se levanta ameaçadora em seus caminhos, alimentada por seus ódios.

– Tenho certeza de que isso acontecerá com meus filhos mansos, porque os astutos tentarão, e bem rápido, apossar-se desse meu mistério.

– Meus irmãos espertos tentarão apossar-se do Mistério Cobra Negra?

– Sim, meu filho.

– Por quê, meu pai amado?

– Porque eles são em si mesmos um dos muitos espectros da morte, e trazem em si tanto veneno mortífero que, quem for tocado por eles, com certeza será envenenado.

– Entendo, pai amado. Eu fui tocado por alguns desses meus irmãos espertos, não?

– Foi sim, meu filho.

– Por que não morri, pai amado?

– Olhe-se, meu filho. Aí você saberá por que não morreu.

Olhei-me e me vi todo dourado. Tão dourado quanto o mais dourado dos dourados.

– O que significa isso, pai amado?

– Vida, meu filho. Muita vida!

– Pai amado, o que é isso que está saindo pelos meus sentidos da vida?

– São sementes vivas ou gotas de vida, meu filho. Em todo aquele que você inocular uma dessas gotas, com certeza ele renascerá no sentido que absorver sua semente viva da vida.

– Pai amado, por que esse meu mistério se mostra tão poderoso e tão irradiante?

– Só sendo assim ele conseguirá ultrapassar as sete camadas e irradiar essas gotas de vida no íntimo de quem está preparado para recebê-las. Lembra-se do seu mistério?

– Lembro-me sim, meu pai amado.

– Preciso dizer-lhe mais alguma coisa sobre esse seu poderoso mistério?

– Não, pai amado. As sete camadas são as sete esferas ou sete faixas vibratórias, não?

– São sim, meu filho.

– O Senhor Exu Sete Capas Pretas é um guardião cósmico que atua nas sete esferas negativas?

– Sim, meu filho.

– O Senhor Exu Guardião Sete Sombras é um guardião das almas mortas, meu pai amado?

– Sim, meu filho.

– Entendo. O Senhor Exu Guardião Sete Capas Pretas guarda as sete esferas sem uma cor aparente. E o Senhor Exu Guardião Sete Sombras guarda as almas que aparentemente não têm luz. É isso, pai amado?

– É isso sim, filho amado.

– Pai amado, por que agora consigo interpretar corretamente todos os nomes simbólicos das linhas de umbanda?

– Porque você já amadureceu tanto que se tornou um ancião, meu filho.

Olhei-me e me vi velho, muito velho! Mas algo em mim também amadurecia, e mostrava-se poderoso e resplandecente. E brilhava tanto que irradiava nas três formas que eu havia descoberto: na irradiante, na circular e na propagatória.

– Pai, por que sou assim nesse sentido se nos outros já envelheci e tornei-me um ancião?

– Isso é assim mesmo, meu filho. Nesse seu sentido a maturidade ocorre em sentido inverso.

– Entendo. Quanto mais maturidade, maiores serão as irradiações.

– Isso mesmo, meu filho que alcança a idade da razão com todo o seu vigor à flor da pele e com uma potência irradiante poderosíssima. Nesse seu sentido, eu também me manifestarei quando for minha hora em sua vida.

– Isso o honrará, meu pai amado?

– Sim, meu filho.

– Como deverei agir se tiver de atuar no íntimo de um morto-vivo?

– Recorra a essa sua visão total e verá os mortos-vivos como me viu quando me olhou com ela.

– Olhando-o com ela, o senhor é tão lindo como todos os meus outros tatás e minhas iabás das horas do dia, pai celestial.

– Olhe seus irmãos e irmãs com ela, e os verá tão lindos quanto seus irmãos celestiais, meu filho celestial. Você os verá com os olhos da razão, e essa é a melhor das visões, pois dilui as aparências e mostra as formas: ultrapassa os efeitos e alcança as causas. E aí, com a visão da razão, você semeará no íntimo de seus irmãos e irmãs suas gotas de vida, que os farão reviver e renascer para a vida eterna.

– Pai, estou tão velho que mal posso mudar meus passos.

– Isso o preocupa?

– Sim, meu celestial pai. Meus irmãos ancestrais ainda estão distantes.

– Use da razão, meu filho. Eu nunca me levanto do meu Trono, e no entanto abraço todos os meus filhos amados. E sem tê-lo desocupado, estou bem atrás de você.

– As formas são como algo que se expande e contrai?

– Sim. Já que não posso ir, propago-me com as ondas de sua mãe celestial e, quando alcanço meus filhos, envolvo-os como envolvi sua alma infantil, e eles veem até onde estou, abraçam-me, acariciam-me, beijam-me e amam-me com seus amores puros. Quando você não conseguir dar mais nenhum passo, então proceda como lhe ensinei, meu filho já assentado à minha direita.

– Pai, já não consigo mover-me.

– Eu não lhe disse que você já estava assentado à minha direita?

– Mas ainda estou de pé, pai celestial.

– Não está, não. Você pensa que está, mas, na verdade, já está assentado no seu Trono da Geração, que herdou do seu pai ancestral, que é o regente da Vida.

– O divino senhor Oxalá? Ele é meu pai ancestral?

– Sim, meu filho.

– E foi dele que herdei esse Trono?

– Sim.

– Mas meu divino pai Oxalá não está adormecido, meu celestial pai tatá Omolu!

– Não no coração dos vivos, pois ele ali pulsa como o amor. E não na mente dos mansos, pois ali ele vibra como a fé. Mas nos corações paralisados e nas mentes petrificadas, ele está adormecido. E só despertará quando os corações deles voltarem a pulsar no amor e suas consciências vibrarem na fé.

– Pai, já sinto meu Trono, e já me assento sobre ele.

– Meu filho, jamais revele seu mistério a quem só desejar conhecê-lo, e nunca o negue a quem desejar reviver por meio dele.

– Assim ordena meu amado pai celestial tatá Omolu, e assim procederei.

– Chame seus irmãos ancestrais, meu filho.

– Estou tendo dificuldades em chegar até eles, meu pai.

– Você só chegará até eles por meio de minha irradiação, pois tanto você quanto eles são, na minha hora, minhas irradiações vivas.

– Eu sou uma irradiação sua, na hora regida pelo Senhor, meu divino pai Omolu. Na sua hora, e por meio de sua irradiação divina, trarei para junto de mim tanto meus irmãos ancestrais quanto meus irmãos mais novos, assim como meus filhos, e os filhos dos meus filhos, que são meus netos.

– Proceda assim e me honrará com vidas, vidas e mais vidas. E onde os tolos e os espertos só veem morte, morte e mais morte, você só verá vida, vida e mais vida. Irradie-se, meu filho!

Fechei meus olhos e, com meu amor fraterno irradiado pelo meu coração energético, inundei o coração roxo pendurado em meu peito e dele fluiu a irradiação roxa de meu amado tatá Omolu, que se propagou à velocidade da luz. E no instante seguinte, na crista de uma onda de minha mãe Iemanjá, eu trouxe para perto de mim todos aqueles meus irmãos e irmãs celestiais. Mas não vi entre eles minha amada Estrela Dourada do Arco-íris. Então perguntei:

– Pai amado, onde está minha amada Estrela?

– Qual é a outra cor roxa, meu filho?

– É a lilás da minha amada mãe celestial Nanã.

– É isso, meu filho. Enquanto você se assentava em meus domínios na minha hora em sua vida, ela se assentava nos domínios de sua amada mãe Nanã, pois só assim formam um par vibratório.

– Entendo. Na sua hora em minha vida, ela estará lá.

– Sempre será assim, meu filho. Use a razão e a verá bem na sua frente, pois eu estou no lilás de sua amada mãe Nanã como o elemento masculino, e ela está no meu roxo como o elemento feminino, já que formamos um par natural, vibratório e energético.

– Já consigo vê-la, meu pai amado.

– Você deseja tê-la ao seu lado?

– Sim, senhor.

– O tempo todo durante essa hora das noites de sua vida?

– Sim, senhor. E sinto que ela também vibra esse mesmo desejo.

– Para tê-la ao seu lado nessa hora, você terá de assentar-se nos domínios de sua amada mãe Nanã como o elemento masculino de sua amada Estrela.

– Também desejo isso, meu pai amado.

– Então desça de seu Trono e vá buscá-la, meu filho.

– Posso deixar meu Trono vazio?

– Só quando você se levantar para buscar alguém que deseja assentar-se em meus domínios, pois durante o tempo que você não estiver nele, eu o estarei ocupando por você.

– Pai amado, conceda-me sua licença para que eu caminhe até ela e a conduza até diante do senhor, para que a assente ao meu lado dentro dos seus domínios.

– Já lhe concedi isso também, meu filho amado.

Quando me levantei, todos aqueles meus irmãos e irmãs se ajoelharam e curvaram suas cabeças, pois, no meu Trono, assentou-se meu amado pai tatá Omolu. E, à medida que eu caminhava na direção dela, ia ficando curvado, pesado e lento. Eu me apoiava sobre meus joelhos, tal como ficava quando incorporava meus amados Pretos-Velhos. Ao lembrar-me daquilo, comecei a chorar, pois acabava de descobrir o mistério de eles andarem curvados e com passos lentos e pesados quando incorporavam em seus médiuns.

Muito cansado e pesado, ajoelhei-me e exclamei:

– Pai amado! Não foi nada disso que me ensinaram sobre a razão dos meus amados pais Pretos Velhos ficarem daquele jeito assim que incorporavam.

– Eu sei, meu filho. Mas não os culpe, pois eles também aprenderam daquele jeito.

– Por que só agora estou aprendendo tudo isso?

– É para que de agora em diante você ensine aos filhos de umbanda como são os mistérios, e de como eles se manifestam durante as incorporações. Só assim eles não se ofenderão quando seus irmãos zombeteiros fizerem pilhérias quando eles incorporarem o mistério "Preto-Velho" e, por meio desse mistério, seu amado pai Omolu e sua amada mãe Nanã se manifestarem para amparar a vida que reside no íntimo dos que creem, reverenciam e ajoelham-se diante dos mistérios, que sempre são manifestações do divino Criador Olorum!

Ali, ajoelhado, eu choraria para sempre se uma envelhecida e macia mão feminina não tivesse cruzado o solo roxo à minha frente, e uma doce voz maternal não tivesse me saudado e dito:

– Por que o meu amor ancestral está chorando, se desejo vê-lo sorrindo ao conduzir-me até os pés de nosso amado pai Omolu para que, finalmente, nossa união seja abençoada por ele, e, em seus domínios, passemos a formar mais um par bendito?

Enxuguei minhas lágrimas e lhe sorri. Depois peguei em sua mão direita, e, unidos, caminhamos até onde nosso amado pai Omolu estava assentado. Curvados, e com passos lentos e pesados, seguíamos por um corredor que tinha de um lado todos os meus irmãos, e do outro todas as minhas irmãs ancestrais, que, na Umbanda Sagrada e na hora regida pelos meus pais ancestrais tatá Omolu e iabá Nanã, são vistos como anciões e chamados de pais e mães mais velhos, ou Pretos e Pretas-Velhas.

Todos eles cruzavam o solo às suas frentes quando passávamos diante deles, e nos abençoavam em nome de nossos pais tatá Omolu e iabá Nanã.

Quando ficamos diante do Trono, ajoelhamo-nos e beijamos os pés dele, que nos estendeu suas mãos, que também beijamos. Então ele nos falou:

– Só em duas oportunidades inesquecíveis meus filhos ficam de pé na minha frente, contemplam meu rosto e veem minha face divina.

A primeira é quando retornam aos meus domínios movidos pelo amor puro, e os recebo como meus infantes. A segunda é quando, conscientes da minha divindade celestial, conscientemente amadurecem, unem-se, formam um par celestial e, respeitosamente, vêm até minha frente e pedem que eu abençoe suas divinas vidas, pois desejam assentar-se em meus domínios e serem regidos por mim durante minha hora em suas vidas.

Eu os abençoo, meus filhos amados. Em nome do nosso divino Criador, eu abençoo, abençoo e abençoo. E que, por todo o sempre, seja abençoada a união entre a Estrela da Geração e a Estrela da Vida, que, unidas, formam o par vibratório, magnético e energético que, na minha hora, será saudado como o Mistério da Estrela da Luz Roxa da Vida.

Levantem-se, meus filhos estrelados!

Levantem-se, contemplem meu rosto, vejam minha face divina, permitam que esse vosso pai receba nela vosso amoroso beijo filial que selará vossa imortal união, para depois se assentarem um de cada lado deste pai ancestral que tanto vos ama!

Nós nos levantamos e, com os olhos cobertos de lágrimas, vimos seu rosto celestial, contemplamos sua face divina e a beijamos com todo o nosso amor filial. A seguir nos assentamos ao lado dele. Eu fiquei de frente para a fila de anciões e ela de frente para a de anciãs. A seguir meu pai recuou seu Trono, ficou atrás de nós, juntou os nossos, uniu nossas mãos e falou:

– Estarei atrás de vocês por todo o sempre, e quem tiver olhos para me ver, me verá por meio dessa estrela roxa que encima os Tronos ocupados por vocês,

Estrelas Roxas da Luz da Vida! Eu agora retorno ao meu Trono celestial e os deixo aos cuidados de vossa amada mãe Nanã, que os receberá e abençoará essa vossa união e os assentará nos domínios dela com um nome simbólico que os distinguirá entre todos os outros pares neles já assentados por ela.

Não vou descrever tudo o que aconteceu até que nossa amada mãe Nanã, já atrás de nós, nos disse:

– Agora vou afastar-me e retornar ao meu Trono celestial, que fica bem ao lado do Trono celestial ocupado por vosso amado pai Omolu, pois, em verdade, como todas as horas estão colocadas lado a lado e formam um todo que denominamos de "Tempo", nós, vossos pais ancestrais regentes de todas as horas de suas vidas abençoadas, formamos um Arco-íris divino chamado de Arco-íris Celeste!

Recolham em si mesmos os Tronos Energéticos do Mistério Estrela da Luz Roxa da Vida e saúdem todos os seus irmãos e irmãs ancestrais que formam pares celestiais nos domínios da Luz Roxa.

Fizemos como ela havia nos ordenado e, quando, curvados e com passos lentos e pesados, saudamos o último par de "Pretos Velhos", eles nos ordenaram:

– Levantem-se, amados irmãos nossos! Levantem-se e contemplem nossos rostos e vejam como são divinas as lágrimas de alegria que derramamos por, finalmente, podermos abraçá-los como realmente todos nós somos: irmãos!

Levantamo-nos e vimos os rostos de nossos irmãos e irmãs ancestrais que, no Ritual de Umbanda Sagrada, manifestam os mistérios do mistério "ancião". E vimos que eram tão lindos, mas tão lindos, que desejamos acariciá-los, tocá-los e beijá-los, beijá-los, beijá-los... e amá-los!

E ali ficaríamos para sempre se ao longe uma voz infantil, já minha conhecida, não tivesse gritado:

– Vovô tatá, onde está o senhor?

– É meu filho amado!!! – exclamei feliz.

– Meu neto amado!!! – exclamou meu pai ancião, que, na hora regida pelos meus pais Omolu e Nanã, formava um par vibratório com uma de minhas mães anciãs, mas que não vou revelar quem é.

– Vovô, por que estão demorando tanto? As titias já prepararam a mesa que o senhor pediu! – falou meu filho Encantado do Arco-íris.

– Por que você está com tanta pressa, meu netinho amado?

– Vovô, as titias também fizeram uma mesa só para nós! E ela está coberta de deliciosos docinhos, vovô!!! Vamos logo, vovôs e vovós!

– Ah, essas crianças! Não podem ver uma mesa cheia de doces que já ficam agitadas! – exclamou meu pai ancião, que me pediu:

– Meu filho amado, recorra ao seu Arco-íris encantado e conduza todos nós até aquele lugar encantado onde você se consagrou à nossa mãe Iemanjá.

– Papai!!!

– O que há de tão estranho nesse meu pedido? Será que nós, os anciãos, não podemos, ao menos uma vez nas nossas vidas, passear de mãos dadas pelo Arco-íris Celeste?

– É claro que podem. Os senhores não imaginam quanto os amamos!

– Imaginamos sim, pois os amamos com todo o nosso amor, adorável par de filhos amados! – exclamaram todos aqueles nossos pais e mães anciãos, que são nossos irmãos ancestrais, que também são os Orixás mediadores do ritual de Umbanda Sagrada, onde baixam como nossos amados "Pretos-Velhos"!

# 2ª Parte

## O Mistério Curador

Terminei a primeira parte de minha narrativa quando Estrela Dourada do Arco-íris e eu havíamos nos assentado nos domínios do nosso pai ancestral e amado Orixá Omolu.

Na sua hora em nossas vidas, o mistério Estrela Roxa da Luz da Vida se manifestaria, e o mistério Omolu fluiria por nós por meio da estrela que nos distinguia como um dos seus mistérios.

Dali, cercados por nossos irmãos ancestrais, seguimos para a morada do bosque, onde Estrela havia se assentado como mãe mediadora do Amor e da Vida nos domínios do nosso divino pai Oxumaré, ou do divino "lá-ór-me-ri-iim-de-re-yê!"

Nossos irmãos ancestrais haviam nos preparado uma mesa tão farta de frutas e néctares que me espantei quando a vi. E mais espantado fiquei quando olhei para a mesa preparada para as nossas criancinhas. Ela estava repleta de guloseimas semelhantes às de uma doceira do plano material. Ao redor dela, centenas de infantes com os olhinhos brilhando de desejo de prová-los aguardavam que um vovô ancião a abençoasse, já que só após esse ritual aqueles alimentos energéticos poderiam ser comidos.

Meu pai ancião olhou para onde Estrela e eu estávamos, e perguntou-me:

– Filho amado, a qual dos seus pais-anciões você concede a honra de abençoar essas mesas repletas de alimentos energéticos?

– Pai, concedo-lhe a honra dessa indicação, inclusive com o direito de indicar a si mesmo.

– Obrigado por me conceder essa honra neste momento de sua vida, honrado filho meu!

Ele se dirigiu até onde estavam um par de pais anciões, mas anciões mesmo!, e após cruzar o solo diante deles, pediu-lhe:

– Meus pais amados, conceda-nos a dádiva de termos essas mesas que simbolizam a vida, abençoadas pelos senhores!

– Ó filho amado! Como nos sentimos honrados por você nos conceder a honra de abençoarmos essas mesas comemorativas da continuidade da vida nos seus filhos, que são nossos netos, e na vida dos seus netos, que são nossos bisnetos!

– Pais amados, não imaginam como estamos felizes em apresentar-lhes esses nossos filhos que honram nossos pais ancestrais! – exclamou meu pai ancião.

– Podemos imaginá-lo sim, meu filho. – falou uma minha vovó anciã. – A alegria que vemos em seus olhos é a que sentimos quando duas mesas parecidas com essas foram servidas para homenagear você e sua amada...!

Após as bênçãos, meu pai e mãe, minha ancestral, assentaram-se ao lado de Estrela, e um avô meu e uma avó minha assentaram-se ao meu lado.

Estrela estava em uma ponta e eu na outra. E, nos dois lados da comprida mesa, estavam todos os nossos pais amados, e irmãos ancestrais que haviam abençoado nosso assentamento junto de nosso amado pai Omolu. Olhei para os meus avós ao meu lado, e não me contendo mais, falei:

– Vovó, vovô, vocês não imaginam como me sinto feliz!

Eles colheram minhas mãos entre as deles, beijaram-nas com ternura e disseram:

– Imaginamos sim, neto amado. Podemos sentir em você a mesma alegria que sentimos quando nos assentamos nas pontas de uma mesa da vida semelhante a esta. Esse é um momento único na vida de um ser, neto amado! A vida está se renovando por meio de vocês!

Tomei as mãos deles, beijei-as com tanto amor, respeito e gratidão que caíram algumas lágrimas, que foram absorvidas por aquelas mãos envelhecidas no tempo.

– Neto amado, suas lágrimas de amor, respeito e gratidão inundam nossos seres imortais com esses nobres sentimentos, e nos sentimos renovados pelo vigor e potência que você irradia e que nos chegam também por meio delas.

– Vovós amados, colham de mim esse vigor e potência e concedam-me a graça de colher dos senhores a razão e o saber que irradiam vigorosamente e com uma potência que faz vibrar todo o meu ser imortal.

– Seu potencial de absorção de mistérios é muito grande – falou meu avô. E minha avó acrescentou isto:

– Muitas de minhas filhas e netas ainda sem um par digno de suas ancestrais dedicações aos princípios sagrados que nos regem se aproximarão de você, neto amado!

– Por quê, vovó?

– Por causa do seu mistério, neto amado. Ou você não percebe como ele é vigoroso?

– Só por causa dele serei procurado?

– Dependerá de você, pois, se limitá-lo a um só sentido, estará limitando a si mesmo, já que elas encontrarão nele a oportunidade de uma ampla abertura que lhes facultarão novos horizontes, novas vidas, novas vivenciações e novos graus a serem conquistados.

– Só de mim? – perguntei admirado. E vovô respondeu:

– Neto amado, vocês jovens trazem em si muito vigor e potência. Mas faltalhes a experiência que só nós, seus avós ancestrais, já conquistamos nas lides das

coisas da Lei e da Fé. Sim, é isso que lhes falta! – sentenciou aquele meu avô. E ele sabia das coisas, pois era um ancestral Guardião da Lei e da Fé, e vovó era uma ancestral Guardiã da Fé e da Lei.

Após refletir um pouco sobre o que haviam me dito, engoli em seco e falei:

– Sabem, não tenho muita experiência nesses pedidos que tenho visto acontecerem por aqui, pois, como sabem, sou novo por aqui, e não sei direito como proceder. Vocês sabem disso, não?

– Sabemos sim, neto amado. Conclua logo o que tem a nos dizer, está bem?

– Vou tentar ser rápido e preciso, mas não é fácil encontrar as palavras certas quando sentimos que o divino Criador nos coloca junto de pais, avós e irmãos ancestrais tão maravilhosos como todos os que estão compartilhando dessa alegria única em minha vida, sabem?

– Sabemos! – responderam os dois, já impacientes, pois eu falava devagar e medindo todas as palavras. E acabei atraindo o olhar de todos os anciões assentados à volta da mesa, pois a atenção, eu sabia que era total. Eles não precisavam nos olhar para os observar!

– O que quero dizer é que... sabem... eu os amo muito, e...

– Neto, diga logo, ou essa ansiedade em saber desse seu desejo acabará comigo! – exclamou meu avô.

– É, diga logo, filho! – incentivou-me um dos meus pais assentado ali. – Você não percebe que seu amado avô está prestes a explodir de alegria?

– É isso mesmo! – incentivou outro pai, e mais outro, e mais outro e...

Olhei para o meu avô e vi que já corriam lágrimas de seus olhos cristalinos. E o mesmo acontecia com vovó, que me pediu:

– Revele-nos esse Teu desejo, neto amado. Você não imagina como... – e ela se calou.

– Bom, desculpem-me se sou assim, meio tímido. Mas assim que os vi, adotei-os como meus avós anciões. E gostaria de saber se me aceitam como um neto do seu amor divino. É isso! Puxa, como foi difícil manifestar esse meu desejo! Por que será que sou assim?

– Não se preocupe muito por ser assim, neto amado. Essa é uma das qualidades da encantada serpente do Arco-íris, pois ela é a mais tímida das serpentes – falou meu pai, todo sorridente.

– E também a mais escorregadia delas! – exclamou vovó.

– É mesmo a mais escorregadia, pois quase escorregou de minhas mãos! – confirmou vovô. E só então notei que ele segurava uma de minhas mãos, e vovó segurava a outra... desde que eu me assentara entre eles. E vi surgir nas mãos dele a cabeça dela, e nas delas o rabo. Então ele me perguntou:

– Por que se demorou tanto em manifestar esse seu desejo, neto amado?

– Bom, o senhor sabe como sou, não?

– Ainda não. Diga-me como você é, neto amado – pediu ele, muito sério!

– Bom, eu estava tentando capturar a perigosa coral encantada da Lei e a velocíssima encantada voadora do Tempo.

– Você conseguiu? – perguntaram todos, mas todos mesmo, ao mesmo tempo.

– Consegui sim. Mas elas deram certo trabalho!

– Mostre-as logo, tímida e escorregadia serpente do Arco-íris! – ordenou-me papai, que, ao ver que não eram só elas que surgiam em minhas mãos, perguntou:

– O que minha serpente encantada do Amor e da Vida faz aí, junto dessas duas perigosas serpentes?

– Bom, já que o vovô e a vovó estavam segurando as duas pontas do Arco-íris, as encantadas deles, talvez vendo todos os dissabores que já causei tanto no sentido da Fé quanto na Lei, trataram de ocultar-se de meus olhos. Então recorri à sua encantada do Amor e da Vida para atrair as duas e distraí-las para que pudesse pegá-las enquanto ativava toda aquela ansiedade no vovô e na vovó.

– Quando você fez isso, se todos nós o vigiávamos o tempo todo e não percebemos você recorrer à minha encantada do Amor e da Vida? Além do mais, ela só obedece a mim e só ouve meu pensamento.

– O senhor já se esqueceu de que meu filho confiou ao senhor a encantada dele?

– E você recorreu a ela para encantar minha encantada?

– Não fui eu, papai.

– Se não foi você... então... onde está meu neto?

– Ele está segurando a cauda dessas três encantadas, papai.

Assim que falei onde estava, ele apareceu em meu colo, e com a maior candura, falou:

– Papai, quando eu for um tatá ancião, quero ser como é o seu!

– Não tenho dúvida de que você será, meu filho. Agora solte as caudas para que eu as solte de vez. Não quero que uma delas se volte contra você.

– Elas não se voltarão contra um filho do meu neto – falou vovô. – Solte-a, neto que renovou minha vida!

Soltei aquelas perigosas encantadas, e logo elas brincavam deslizando nas mãos do meu filho, que logo estava no colo da sua nova tataravó, a quem encantou assim que lhe falou:

– Vovó, amo-a muito!

– Só a ela você ama muito? – perguntou-lhe seu novo tataravô.

– Não, vovô. Também amo o senhor, e muito! O senhor quer brincar com minha encantada?

– Claro que sim, onde ela está?

– Adivinhe, vovô!

Após alguns segundos, ele falou:

– Desisto, netinho. Onde você a escondeu?

– Dentro da encantada do vovô.

– Como você fez isso?! – perguntamos todos nós, espantados com o que ele fizera.

– Isso não posso revelar. Desculpem-me!

– Por que não, meu netinho? – perguntou o vovô ancião.

– Foi meu vovô que mora lá no alto do Arco-íris quem me proibiu de revelar. E ele disse que se alguém tentar descobrir... bom... eu fiquei com medo do que ele falou que faria com quem tentasse.

Todos desviaram os olhos dos dele, e meu avô sentenciou:

– Esse seu mistério não desejo conhecer, meu neto. Agora vá brincar com seus irmaõzinhos, está bem?

– Sua bênção, tatá! – pediu-lhe o infante, já descendo.

– Só depois que você desencantar minha serpente coral encantada, está bem, meu abençoado netinho?

– Não posso levá-la para brincar com meus irmãozinhos?

– Obedeça ao seu tataravô, filho – ordenei-lhe sério.

– Desculpe, papai. Eu não sabia que não podia encantar as serpentes encantadas dos vovôs. O senhor me perdoa?

– Perdoo. Mas nunca mais faça isso, está bem?

– Não farei, papai. Prometo!

– Agora vá brincar com seus irmãozinhos.

Assim que ele se afastou, falei:

– Vovô, perdoe-me, pois não tenho tido tempo de instruí-lo.

– Não o censure. Deixe que nós o instruiremos para você.

– Esse dever é meu, vovô.

– Não, meu neto. Esse dever é de todos nós. Um mistério novo fluirá por meio dele e, ou o preparamos como um todo ou o perderemos logo mais adiante, tal como já vimos acontecer com outros de nossos irmãos ancestrais que rejuvenesceram para abrirem um novo mistério intermediário.

– Não entendi, vovô.

– Diga-me o que aconteceu com você até chegar diante do Trono do divino Omolu.

– Fui rejuvenescendo e cheguei como uma criancinha que transbordava o mais puro amor.

– E quando foi se afastando?

– Fui envelhecendo e cheguei até onde os senhores estavam já tão velho quanto os senhores, e mal conseguia dar um passo.

– O que aconteceu quando você caminhou até a divina mãe Nanã?

– Rejuvenesci até essa idade. Quando voltei para junto dos senhores, mais uma vez envelheci. Quando viemos para cá, rejuvenesci.

– O que seu filho nos disse?

– Que o vovô que mora lá no alto... o resto o senhor sabe.

– Não deduz nada sobre ele?

– Por favor, vovô! Agora sou eu quem está angustiado.

– Reflita, veja bem e depois deduza.

Refleti:

– Afastando-me dos Tronos, envelheço. Aproximando-me, rejuvenesço. Sim, mas e com meu filho, o que acontece?

– Ele envelhece aproximando-se e rejuvenesce afastando-se – respondeu vovô.

– Com ele acontece o inverso?

– Exatamente. Ele vestiu seu corpo com amor puro, e afastou-se de algum dos nossos pais ancestrais. Como você o adotou?

– Ele veio até onde eu estava e transmitiu-me uma mensagem da divina Iemanjá. Então me adotou como pai e desejou ter uma serpente do Arco-íris, e uma, também pequena, apareceu e enrolou-se nele.

– Quem já o havia adotado antes?

– Sua neta Estrela Dourada.

– Você sabe como ela o adotou?

– Não, senhor.

– Aí está! Ela achou que era você que havia adotado esse seu filho, e a presenteara com a adoção dele.

– Ele já não estava com as outras crianças?

– Não. Ela só o viu quando ele já havia adotado você. Com isso esclarecido, deduz-se que ele é um ancião celestial que se vestiu com um manto do amor puro e desceu até essa morada para amadurecer e abrir um novo mistério nos domínios do divino Oxumaré.

– Incrível! – exclamei admirado com o que acabara de ouvir do meu vovô.

– É divino, meu neto. Isso é divino! E nós recebemos a missão divina de amparar, instruir, amoldar e desdobrar um mistério divino.

– Não imagina como estou surpreso, vovô.

– E você não imagina como todos nós estamos felizes! Ele já adotou todos nós como seus vovôs! Nós, mais uma vez, fomos abençoados com uma dádiva do divino Oxumaré! Elevemos um brinde à vida, pois é por meio dela que ele flui e se manifesta! – exclamou e conclamou aquele meu vovô ancestral.

A emoção, a alegria e o regozijo eram tantos que lágrimas correram de todos aqueles olhos brilhantes.

Após o brinde à vida, e ao divino Oxumaré, vovô sugeriu que Estrela me levasse para passear um pouco, pois eles, os anciões, precisavam ficar a sós. Nós nos despedimos deles, e assim que nos afastamos alguns passos, já não os vi em torno da mesa.

– Para onde eles foram, querida Estrela?

– Não se preocupe. Eles são assim mesmo, amado. Toda vez que recebem uma dádiva divina, recolhem-se e traçam toda uma estratégia para torná-la a mais abrangente possível.

– Por quê?

– Bem, quanto mais amplo for o campo de ação de um mistério, muito mais irmãos nossos serão alcançados pelas suas irradiações, e mais uma via de evolução terão ao seu dispor.

– Tal como acontece no plano material quando uma divindade se humaniza, e em si mesma se torna uma via evolucionista, não?

– É isso mesmo. E nós fomos abençoados, pois somos os pais primeiros dele nessa sua missão divina.

– Agora entendo o que estava acontecendo com ele, querida. Eu o estava induzindo a um amadurecimento rápido e o estava afastando de seus irmãozinhos, com os quais ele deve conviver até fixar em si, em definitivo, esse corpo de amor puro.

Só depois que isso tiver acontecido ele deverá desenvolver outros corpos, já mais densos, e amadurecer equilibradamente.

– Ainda bem que você percebeu a tempo e o induziu a retornar ao grau das crianças.

– Mas eu não sabia de nada disso, amada!

– Nosso pai divino sabia, e cuidou dele em seu lugar até que você estivesse apto a assumi-lo como o que ele é: um mistério divino.

– Será que estamos preparados para tanto?

– Quem nos escolheu, só nos escolheu porque viu em nós as qualidades que o sustentarão até estar apto para deixar fluir por meio de si um novo mistério divino, que, não tenho dúvidas, honrará o divino Oxumaré e a divina Iemanjá.

– Será a divina Oxum, querida!

– Como você sabe disso?

– Só sei que sei, e nada mais sei... além de qual será a punição para quem tentar apossar-se do mistério oculto por trás daqueles olhinhos encantadores.

– É tão assustador como ele deu a entender?

– Sim.

– E você não se assustou quando o viu?

– Não.

– Por que não, se todos os anciões desviaram os olhos no mesmo instante em que ele se revelou?

– Já vivenciei, tanto na carne quanto em espírito, tantos horrores que esse é só mais um entre tantos outros que estão aí para punir os ambiciosos, os faltosos, os pecadores, etc. Meu Deus, que jornada difícil foi a minha!

– Não se entristeça, amado. Simbolicamente, estamos vivendo nossas núpcias neste instante de nossa abençoada vida. Juntos fechamos toda uma linha de forças.

– Só simbolicamente?

– Como?

– Essa nossa "núpcia" é só simbólica?

– Não o entendo, amado.

– Estou querendo saber se só formamos um par simbólico.

– Sim, é claro que formamos um par simbólico. Nós somos os sustentadores de toda uma linha de forças intermediárias.

– Então o que estamos vivendo neste instante de nossas vidas chama-se assentamento, e não núpcias!

– Você não me deseja como esposa?

– É claro que sim. Mas, se é só simbólico, então você é intocável.

– Sou?

– Sim, você é intocável.

Estrela foi conduzindo aquele diálogo um tanto incômodo até que falou:

– Isso significa que tudo o que tanto desejei e que está ao alcance de minhas mãos foi só um sonho, não?

– É, acho que foi. Que pena, não? Eu bem que desejei fechar os olhos e não ver nada mais além de você quando nos abraçamos naquela praça, amada Estrela.

– Alguém, em algum momento, falou-lhe que estás impedido ou proibido de fazer isso?

– Nossa núpcia não é só simbólica?

– Bobo! Se soubesse como estou ansiosa para partilhar com você esse momento, teria entendido que, se falei que nossa núpcia é simbólica, é porque aqui não existe um casamento ritual, mas sim a formação de pares naturais afins, e não estaríamos passeando sem ao menos nos...

Bom, ela não conseguiu dizer mais nada, porque a beijei, e, bom, deixa quieto o que pertence à nossa intimidade, certo?

Mas que ela se surpreendeu quando despertou daquele momento tão sonhado, isso vi muito bem, pois me perguntou:

– Que lugar é esse que estamos? Esse aposento me é totalmente desconhecido.

– Ele não lhe agradou?

– Agrada, e muito. Só não sei onde estou!

– Você está comigo, e bem onde eu sonhava tê-la só minha e só para mim.

– Isso também me agrada. Mas continuo não sabendo onde estou.

– Venha, já saberá! – exclamei, puxando-a pelas mãos para fora daquele aposento.

– Vamos sair assim, sem nossas vestes?

– Isso a preocupa?

– Sim, pois se bem me lembro, quando me beijou, eu ainda estava toda coberta, não? O que aconteceu com minhas vestes?

– Acho que foram aquelas minhas chamas que as consumiram. Mas aqui você não precisa preocupar-se com elas, pois está na dimensão humana e no plano misto matéria-espírito.

– O quê?!!

– Venha, contemple a beleza desse lugar e veja como é um bom lugar para uma "lua de mel" nada simbólica.

– Assim, totalmente exposta aos olhos alheios?

– Não há mais ninguém além de nós dois.

– Tem certeza?

– Tenho. Conceda a si um momento de descontração e de plenitude nesse sentido, pois, mais que ninguém, você merece isso, mãe dedicada à vida!

Tímida e pouco à vontade, ela concordou em sair do aposento. Demorou um pouco, mas logo começou a se descontrair com a beleza do lugar onde estávamos: em uma enseada deserta!

– Como você descobriu este lugar? E como essa morada surgiu aí?

– Descobri como nosso pai amado viu tantas coisas onde nós só víamos um bosque encantador.

– E viu nessa enseada essa "casa"?

– Sim.

– Que casa é essa?

– A dos nossos sonhos, ora!

– Viu isso nos meus sonhos?

– Sim.

– O que mais viu neles?

– Muitas outras coisas.

– Que coisas?

– Não são coisas para ser ditas. Só vividas!

– Então me mostre essas coisas que só imagino em sonhos.

– Uma delas acontece bem aqui, em cima dessa areia macia, e bem neste momento – falei, abraçando-a.

– Acho que vou gostar desse sonho, sabe.

– Tenho certeza de que gostará. E tanto gostará que desejará repeti-lo quantas vezes nos for possível.

– Se todo ele for como pressinto, acho que vou desejar repeti-lo para sempre, amado.

– Logo você não dirá mais que acha. Só dirá que tem certeza.

– Então me prove essa certeza.

Bom, provei-lhe tantas vezes que dúvidas não lhe restaram. E chegamos a um ponto em que a ouvi dizer-me:

– Já nos provamos tanto que agora só desejo adormecer nesse sonho indescritível.

– Acomode-se junto de mim e adormeça no sono dos seus sonhos, amada de minha vida.

– Aqui, assim, nesse lugar aberto e sem nenhuma proteção?

– Existe maior proteção que a que lhe dou?

– Não existe, amado. Vigie esse sono dos meus sonhos, pois estou adormecendo... pro... fun... da... e ela não conseguiu dizer mais nada, pois mergulhou em um sono tão profundo quanto o anterior. Só me restou acomodá-la melhor e cobrir-lhe o corpo com suas vestes. E, mesmo estando adormecida, seus lábios

descontraíram-se em um sorriso quando se sentiu coberta novamente. Também me cobri e fiquei vigiando seu sono tão sonhado.

Já entardecia, e ela continuava adormecida, quando uma passagem para outra dimensão se abriu, e vi surgir bem ali alguns daqueles pais e avós ancestrais, que se limitaram a cumprimentar-me e esperar que Estrela despertasse.

Incomodado com a presença silenciosa deles, criei coragem e falei:

– Acho que descobri por que os senhores envelhecem tão rápido, sabe? Eu os impressionei com o que dissera.

– Quem lhe disse que envelhecemos rápido? – perguntou meu pai, que também falou: – Se eu contar minha existência, consciente, pelo tempo da dimensão humana, e usando o calendário que você usava, tenho mais ou menos uns cem milênios de existência. E você percebeu que fora da dimensão humana os parâmetros de tempo são outros, certo?

– Descobri, sim. E acho que envelheceram muito rápido, pois devo estar próximo dos setenta milênios terrenos, já consciente, e estou bem mais novo na aparência, não?

– Na aparência? Só na aparência?

– Acho que no corpo energético também, não?

– Nele também, filho.

– É, acho que estou sim. Pensando bem...

– Pare aí já. – ordenou outro pai ancestral, e um deles, olhando-me sério, falou:

– Você vai despertar em nós tanta ansiedade, como fez com vovô e vovó, que daqui a pouco encantará nossos mistérios e nos passará esse seu, que será incorporado aos nossos. Pare já com esse seu modo de despertar em nós essa ansiedade e diga logo porque acha que envelhecemos muito rápido. Isso é uma ordem, ouviu?

– Sim, senhor. Mas não precisa ficar bravo, sabe?

– Sei sim. Vamos, revele a razão do nosso envelhecimento precoce ou nunca mais toque nesse assunto, pois seu mistério tem a resposta ao nosso envelhecimento, e você sabe muito bem disso!

– Está certo, pai do meu coração. Eu sei disso sim, pois isso, essa resposta, está nele, assim como muitas outras.

– Assim não é possível dar atenção ao que você diz! – exclamou vovô, surgindo bem na minha frente.

– O senhor também estava aqui?

– Não. Mas como terminamos nossa reunião há pouco, voltei minha atenção à reunião que seus pais desejam ter com você e não pude deixar de ouvi-lo dizer que sabe qual é a razão de nosso envelhecimento precoce. Mas você, como todas as serpentes encantadas do Arco-íris, vai dando voltas, e mais voltas e mais voltas em torno de nós, os anciões assentados, que quando percebemos, já nos enrolou e nos envolveu da cabeça aos pés.

– Vovô, como pode dizer uma coisa dessas?

– Descobri que não segurei sua serpente encantada. O que aconteceu realmente é que, quando você se abaixou para nos saudar, mostrou-a para que a víssemos, segurássemos e nos encantássemos com ela, e assim deixássemos as nossas totalmente desprotegidas e entregues, indefesas, a um encantador de serpentes.

– Nossa, vovô!!!

– Por que o espanto?

– Eu fiz tudo isso?

– Fez.

– Então foi inconsciente, e o senhor também deve ter descoberto isso, não?

– Também descobri isso em você, e em seu herdeiro natural, que já encantou a todos os seus pais e irmãos ancestrais.

– Ele não encantou os avós ancestrais? Se não, então não é meu herdeiro natural.

– Ele é sim. Tenho certeza de que é!

– Por que tem tanta certeza que o divino Oxumaré o escolheu como meu herdeiro natural?

– Se eu lhe revelar isso, você revela, sem sinuosidade, o que descobriu?

– Prometo.

– Bem... aquele seu filho encantado também encantou seus avós. É isso!

– Bem que ele disse que ia ser como eu!

– Ele não será – respondeu vovô, muito sério.

– Não?

– É claro que não. Ele já é!

– E com ele virão as encrencas, é isso, vovô?

– Encrencas? De jeito nenhum, neto. Com ele virão ações, ações e ações; e elas nos revigoram e trazem renovações. Agora diga logo o que queremos ouvir ou o proibirei de dirigir-se a nós se não for solicitado a tanto.

– Está bem, mas não se admirem. Apenas reflitam. Prometem?

– Prometemos – respondeu vovô, por todos.

– Sabem, descobri que às vezes, ao nos concedermos o direito de viver um sonho que está ao nosso alcance, nos renovamos em nós mesmos.

– É por isso que você se renovou tanto desde que veio para cá com sua amada Estrela?

– Sim, senhor. Às vezes vivemos tão intensamente os sonhos alheios, e com eles envelhecemos, pois são sonhos alheios, que não nos concedemos a oportunidade de vivermos os nossos, que nos renovarão em nós mesmos.

– Você tem certeza disso?

– Tenho.

– O que lhe dá essa certeza?

– Como o senhor mesmo disse, meu mistério tem essa resposta. Eu senti que me vigiavam quando levei Estrela para passear. E permiti que nos seguissem com suas visões superiores até que a tomei em meus braços e a beijei. Mas quando a

beijei, também desdobrei meu mistério, que é o do Trono da Geração, e vim para a dimensão humana, onde resolvi assentá-lo e desdobrá-lo.

E o mantive aberto até que minha estrela encantada adormecesse. Então o recolhi em mim mesmo e voltei a ser visto pelos senhores, que não resistiram à curiosidade de descobrirem como eu havia remoçado. E eu lhes revelei, já que intuem como tudo aconteceu, mas não têm coragem de concederem a si mesmos o direito de realizarem um sonho, entre tantos que podem realizar, e que os renovará e se renovarão em si mesmos.

– Quem é você realmente, neto amado que um dia, em um passado já muito distante, chegou perto de mim e, com a mesma e encantadora voz de seu filho, falou-me: "vovô, quando eu crescer, vou ser igual ao senhor"!

– Eu sou fruto de um sonho seu, vovô. Ou não é verdade que, no seu minuto em minha vida, sou um Ogum de Lei humanizado?

– Sim, nesse minuto da sua vida, você é o mais humanizado dos Oguns de Lei. Por meio de você, já realizei muitas de minhas ações e obras humanizadoras.

Nesse momento vovó tornou-se visível, e perguntei-lhe:

– Vovó, confirme a todos se no seu minuto em minha vida não sou o mais humano dos filhos da senhora Guardiã do Tempo.

– Você é, meu neto amado.

– Papai, confirme se no seu minuto em minha vida não sou o mais humano dos Guardiões Beira-mar.

– Você é, meu filho amado.

– Mamãe...

– Você é, meu filho amado.

E de um em um, todos eles confirmavam o que eu lhes perguntava. Então lhes disse:

– Eu, no minuto de cada um dos senhores em minha vida, amadureci e realizei seus sonhos de serem humanizados, e só foram porque me concederam a oportunidade de vivenciar seus sonhos, que os renovou e os reavivou no coração de milhões e milhões de seres humanos.

Para viver seus sonhos e alegrar seus corações envelheci a cada minuto de minha vida, e se eu somar todos os minutos dela, terei no mínimo a idade de todos os senhores em mim, e serei mais velho que todos juntos. Eu vou abrir minha memória imortal e depois verão quem realmente é meu filho que tanto os intrigou.

Recuem até a sétima onda e, aos pares, mas os de sexo masculino à direita, e os de sexo feminino à esquerda; pairem sobre ela, que já está imobilizada, pois a Ninfa dos meus sonhos adormeceu assim que realizou seu sonho de mulher.

– Você está nos encantando, neto amado?

– Não, vovô. Isso aconteceu assim que olharam para mim e Estrela, e viram que havíamos remoçado em nós mesmos. Só não sabiam como tudo havia acontecido. Mas, porque se encantaram, e agora sabem que foi porque nos concedemos a realização de um dos nossos sonhos, ou o concedem a si próprios ou nunca mais

terão paz nesse sentido de suas vidas assim que saírem dos domínios do meu mistério, que é o mistério do Trono da Geração.

– Por que não teremos paz nesse sentido de nossas vidas?

– Porque agora eu sou o próprio Trono da Geração, que despertou em mim e reassentou-se em seus domínios originais. E quem descobre isso, reage de várias formas. Uma delas é repudiar-me e afastar-se de mim, tentando esquecer-me. Mas nunca mais me esquecerá. Isso aconteceu com meus irmãos astutos. A outra é sentir-se ofendido, virar-me as costas, e daí em diante passam a odiar-me e tentam destruir-me. Isso aconteceu com meus irmãos espertos e venenosos.

A outra é terem descoberto em mim o autorrejuvenescimento por meio da autoconcessão de um sonho, um único sonho!, e, ainda assim, me virarem as costas e negarem a si mesmos a realização de um sonho. E isso fizeram meus irmãos tolos.

A outra é esta: finalmente descobriram o mistério do Arco-íris, viram que, se concederem a si próprios a vivenciação de um sonho, abrirão para si mesmos um portal do Arco-íris, que, ao passarem por baixo dele, estarão iniciando um sonho tão desejado, mas que nunca antes ousaram realizá-lo porque temiam adormecer, tal como havia acontecido com seu irmão, o Trono da Geração. Mas que agora ousarão porque descobriram que, enquanto dormia, ele gerava as condições ideais, em si mesmo, para que todos os seus outros sonhos se realizassem. É assim que reagem meus irmãos sábios: tornam real, em meu minuto em suas vidas, o sonho de todas as vidas, que é a de se realizarem por meio do Mistério da Geração.

Eu vou desdobrar os mistérios do meu mistério, que são os mistérios do Trono da Geração. À minha esquerda estarão os Tronos femininos, que um a um formarão pares com os Tronos masculinos à minha direita.

E, sobre a sétima onda, onde ficarão os que até ela caminharem e voltarem-se para mim, estará o Arco-íris da autorrenovação. Então me levantarei do meu Trono e caminharei até o primeiro par, e o autorizarei a adentrar nos domínios dos mistérios do Trono da Geração, que ocupa um minuto na vida de todos os seres. E quem não tiver esse minuto de sua vida regido pelo meu mistério, nunca concederá a si mesmo um sonho que o rejuvenescerá em si mesmo. Saibam que, apenas se concedendo um sonho, um desejado sonho dos sonhos do Amor e da Vida, da Fé e da Razão, do Conhecimento e da Evolução, que são os sonhos da Geração, um ser se sentirá gerador em si mesmo.

Aos pares, caminharão até seus Tronos e os absorverão em si mesmos; a partir daí trarão em si mesmos um dos 77 mistérios da Geração nesse seu primeiro desdobramento e nível vibratório humano, pois outro desdobramento só me permitirei quando tiver reunido à minha volta tantos pares tão afins comigo, que concordarão que meu mistério ocupe um minuto, e não mais que um minuto, de suas vidas.

Vocês formam 77 pares vibratórios tão afins que têm se mantido unidos ao longo das eras, e têm resistido a todas as adversidades. Por isso, por nossas afinidades

ancestrais, permitam que eu realize esse seu sonho, e que no meu minuto em suas vidas eu venha a facultar-lhes nossa própria renovação.

Virem as costas e caminhem até a sétima onda, pois só assim, com vocês de costas para mim, poderei desdobrar meu mistério. E, se resistirem à visão dele desdobrado, então permaneçam sobre a sétima onda e saberão quem é meu filho, e quem realmente sou eu, nosso irmão que tem a idade de todos vocês em mim mesmo, pois vocês são os sonhos de minha vida que me permiti sonhar e vivenciar nos minutos que vocês ocupam nela, e que a torna tão preciosa tanto para mim quanto para vocês, que lutam tanto para manter-me vivo mesmo quando me acredito morto, ou desejo morrer só para não tornar a adormecer devido aos meus desencantos com minha própria vida, povoada de sonhos, mas que são todos sonhos alheios.

Eles se viraram e caminharam até a sétima onda e, quando voltaram a ficar de frente para mim, foram tomados por um espanto que era um misto de admiração, de encantamento, de temores, de ansiedade, de angústias, de medos e de desejos que, ao se realizarem, ocupariam um minuto de suas vidas. Então ordenei:

– Olhem para cima.

Eles olharam e, finalmente, viram o tão encantador Arco-íris da Vida, que era vivo em si mesmo. E, depois de o terem visto, ordenei-lhes:

– Olhem novamente para mim, meus ancestrais irmãos sábios! Porque vou me levantar do meu Trono e caminhar até vocês e mostrar-lhes quem realmente eu sou, e quando, em mim mesmo, realizei um dos nossos sonhos. Quando as águas da sétima onda molharem meus pés, vocês me verão e saberão por que meu filho desceu rejuvenescendo e subirá amadurecendo.

Quando me levantei do meu Trono da Geração, então viram como realmente era o encanto que existia em mim, e que tanto os atraía, e tanto os encantara, que através dos tempo eles haviam feito de tudo para não deixarem que eu voltasse a adormecer novamente.

Após desejarem assentar-se à direita e à esquerda de meu Trono da Geração, dei o primeiro passo e virei uma criança encantadora que, com a voz mais doce já ouvida por eles, exclamou:

– Papais, mamães, vovôs, vovós, quando eu crescer vou ser igual a vocês! E vi correr, de seus já cansados olhos, renovadas lágrimas de amor paterno e materno. Eu era a Geração!

No meu segundo passo, alguns deles viram um jovem vigoroso realizando seus ardentes sonhos religiosos, e me viram semeando religiões ao lado de outros semeadores de religiões. Eu era a Fé!

No meu terceiro passo, outros viram em mim um vigoroso sábio que realizaria seus sonhos de semearem conhecimentos. E eu era o Conhecimento!

No meu quarto passo, outros viram em mim um potente mistério da vida que eles recorriam para semearem o amor. E eu era o Amor!

No meu quinto passo, outros viram em mim um poderoso instrumento da justiça, que eles usavam para instituírem leis. Eu era a Lei!

No meu sexto passo, outros viram em mim um guardião da Lei que usavam para aplicar a justiça tão sonhada por eles. Eu era a Justiça!

No meu sétimo passo, finalmente eles viram quem realmente eu era: um ancião Guardião do Tempo, que é o único que, em todos os minutos da vida de um ser, sempre lhe concede um tempo para que possa vivenciar um de seus sonhos e transformá-lo em mais uma das muitas qualidades tão sonhadas para que a vida nunca perca os encantos que fazem com que ela seja o que é: Vida!

Eles se ajoelharam reverentemente e cruzaram o solo, saudando-me e solicitando que lhes concedesse a honra de ter um minuto de suas vidas dedicado aos mistérios do Trono da Geração, ao qual se ligariam e que, por meio deles, em um dos minutos de suas vidas, ele, como mistério, neles também se realizaria.

Toquei no primeiro par, e eles se levantaram e caminharam na direção do Trono. Á medida que caminharam, suas vestes ancestrais iam se desfazendo, eles iam remoçando, e novos e renovados sonhos iam idealizando. E quando chegaram diante de seus assentos, choravam a alegria que sentiam por terem concedido a si mesmos o direito de vivenciarem um dos mais desejados sonhos na vida dos seres.

E o mesmo foi acontecendo com cada um daqueles pares que haviam entrado nos domínios do Mistério do Trono da Geração, que é o Arco-íris do Amor e da Vida. E quando o último dos pares assentou-se, voltei-me e fiquei de frente para eles. Contemplei-os e, de meus cansados olhos de ancião Guardião do Tempo, lágrimas correram em abundância, pois vi neles todos os meus sonhos serem realizados no decorrer dos tempos que formavam minha vida, que era a vida de um guardião dos mistérios do próprio Tempo.

Primeiro com passos lentos, mas acelerando continuamente, retornei ao meu Trono regente do Mistério da Geração, e nele me reassentei. Aí ordenei que absorvessem em si mesmos seus Tronos assentos. E quando isso fizeram, foram cobertos com a vestimenta dos guardiões dos mistérios do Arco-íris do Amor e da Vida. Então lhes falei:

– Vocês, aos pares, tanto podem seguir pela direita ou esquerda dessa praia encantada que encontrarão moradas tão encantadoras quanto esta que Estrela e eu ocupamos. Em que mais lhes agradar, ocupem-na, e, quando ficarem de frente para o mar, caminhem sete ondas, pois, em cima dela, haverá um portal do Arco-íris do Amor e da Vida, e, ao cruzá-lo, voltarão a ser como eram e a sentir o peso do tempo que sentiam antes de ter concedido a si mesmos um minuto de suas Vidas para vivenciar esse tão desejado sonho, que é um Mistério da Vida.

Mas, quando desejarem recolher-se ao mistério que, de agora em diante, se manifestará por meio de vocês no minuto que ocupei em suas vidas, para concederem-no aos seus irmãos, pais, avós ou filhos, então entrem pelo portal e desdobrem seu Trono-assento no aposento mais oculto da morada que ocuparão e voltem até a sétima onda, que verão sete portais de luz. Cada um é de uma cor e corresponde a um dos sete sentidos capitais regentes da vida de todos os seres. Através de um deles verão a quem desejam, para ocupar um minuto da vida deles para que

eles também possam conceder a si mesmos um minuto de suas vidas para a realização de um sonho que os rejuvenescerá em si mesmos, e por meio de vocês, que nesse minuto de suas vidas serão Tronos da Geração da Fé, do Amor, do Conhecimento, da Justiça, da Lei, da Evolução e da Vida.

Sigam agora, mas saibam que, quando ocuparem sua morada, que é a morada desse meu minuto em suas vidas, verão muitas moradas tanto à direita quanto à esquerda, mas todas à espera de futuros ocupantes, que só as ocuparão quando reunirem ao seu redor 77 pares perfeitos. Enquanto não reuni-los, vão alojando-os nas muitas moradas divinas já existentes, mas de uso geral, pois elas também são mistérios do próprio Senhor do Tempo, que é onde vivem todos os pequenos, médios e grandes Arco-íris do Amor e da Vida.

Eles seguiram, e acompanhei visualmente quando cada um dos pares ocupou sua morada, destacando-a daquela enseada e formando uma nova enseada, só do par que nela vivenciaria o minuto de suas vidas que havia sido ocupado pelo mistério Trono da Geração do Amor e da Vida.

Quando o último par ocupou sua morada e deixou de estar na enseada onde eu havia desdobrado todos os 77 mistérios do meu Trono, recolhi-o em mim mesmo e voltei para junto de minha adormecida Estrela, despertando-a de seu tão sonhado sono.

Após me abraçar e acomodar-se melhor em meus braços, comentou:

– Que sonho estranho!

– Você sonhou enquanto dormia um sonho de sono?

– Sim. Mas acho-o tão estranho que nem vou dividi-lo com você, senão ficará impressionado.

– Então esqueça-o. Não quebremos a harmonia desse lindo pôr de sol com sonhos impressionantes.

– Tem razão. Vamos passear um pouco?

– Vamos. Está uma tarde encantadora para um passeio a três.

– A três? Quem é o terceiro?

– Preciso responder?

– Não pode ser!!!

– Mas é. Olhe-o brincando na crista das ondas!

– Esse nosso filho é mesmo um mistério, não?

– Você acha?

– Tenho certeza de que é. Senão, que outro infante conseguiria sair daquela morada sem minha permissão?

Ela o chamou, e passeamos pela enseada até o sol se pôr. Depois nos recolhemos à casa e ficamos conversando até perto da meia-noite, quando ela falou:

– Amado, estou com saudade dos meus filhinhos!

– Você deseja ficar com eles?

– Já não aguento a saudade de reuni-los à minha volta e inundá-los com esse meu amor de mãe. Você me acompanha?

– Não posso. Eu sou a parte ativa do nosso mistério nos domínios de nosso amado pai Omolu e vou recolher os irmãos e irmãs que entraram na nossa hora regida por ele. Quero que leve esse nosso encanto de filho, e o proíba de sair daquela morada sem sua autorização, senão ele é capaz de ir onde não deve e encantar o inimaginado por nós.

Após nos despedirmos, eles retornaram ao bosque localizado na faixa regida pelo divino Oxumaré, enquanto eu caminhei em direção ao Arco-íris sobre a sétima onda, cruzei-o e o recolhi como minha serpente encantada. E quando a acariciei, desapareceram tanto a enseada quanto a casa que ocupáramos até minutos antes, e aquele lugar à beira-mar voltou a mostrar só a natureza do plano material. Então ordenei à minha serpente, e ela se transformou em um cajado onde me apoiaria, pois havia retomado minha idade e aparência de ancião do Tempo, o mais velho dos anciões, pois é no Tempo que todas as idades se realizam.

Mas assim que minha serpente encantada transformou-se no cajado, começou a chegar por trás um canto de amor tão encantador que me paralisou.

Ele era tão encantador que todo o meu ser ancestral pedia para me virar e contemplar a Ninfa que o entoava.

Só com muita força de vontade conseguia resistir àquele desejo tão forte de voltar-me só para vê-la. Subi de vibração, mas ali ele também me alcançou. Em um último esforço, clamei:

– Pai divino, já vivi muitas eras humanas, muitas civilizações e todas as religiões semeadas desde meu nascimento para a vida na carne. Bem ou mal, certo ou errado, correta ou incorretamente, sempre servi aos seus desígnios. Por isso lhe peço, pai de minha vida, conceda-me o direito de vivenciar seus mistérios em espírito a partir de agora!

Aos poucos o encantador canto encantado foi se afastando e silenciando, até que se tornou inaudível. Então, com todo o peso e idade que só um ancião do tempo tem, caminhei até onde terminava a faixa de areia e os domínios da divina Iemanjá e pisei na terra, já nos domínios do meu divino pai Omolu.

Então abri uma passagem e penetrei em um domínio todo roxo, mas que aos olhos dos que nele haviam sido retidos pela Lei era totalmente negro, de tão escuro que era.

A muito custo, consegui ajoelhar-me e encostar minha testa no solo seco, muito seco, para saudá-lo (Oração ao divino Omolu):

– Meu divino e amado pai Omolu, na sua hora em minha vida o saúdo e o reverencio e peço sua bênção, seu amparo e proteção. Peço também que me conceda a graça de servi-lo com todos os meus mistérios nessa sua hora na vida de todos os meus irmãos que estão vivendo de forma errada o seu mistério divino.

Pai amado, conceda-me a honra de despertar neles o amor pela vida, pois eles erraram por não saberem ou não desejarem viver suas vidas com amor, fé e respeito para com todos os mistérios que a vida traz em si mesma e concede a todos que a vivem com fé, amor e respeito.

Pai amado, faça desse seu servo humilde um instrumento da Lei Maior, que se manifesta por meio do senhor nessa hora regida pelo seu mistério, que é o senhor em si mesmo.

Pai amado, faça de mim um instrumento de suas vontades divinas, e que em mim elas se manifestem como meus deveres a serem realizados sob seu manto protetor.

Pai amado, conceda-me o privilégio de, estando em seus domínios, semear o amor nos corações mortificados no ódio, semear a luz nos corações obscurecidos pela ignorância e ser um lenitivo para os que gemem de dor.

Pai amado, conceda-me também o direito de reparar meus erros cometidos na sua hora, e transformar todas as minhas vítimas em meus irmãos fraternos, pois só assim poderei retornar ao seu íntimo, irmanado com todos os seus filhos.

Pai amado, abençoe-me com seu divino amor para que eu semeie vida onde os mortos vicejam, e abençoe-me com seu amor divino para que eles despertem de seus pesadelos irradiando o desejo de viver, louvá-lo e amá-lo.

Pai amado, ampare minha vida com todo o seu amor, porque eu já despertei do pesadelo da morte e só desejo proporcionar na vida dos meus irmãos um minuto de vida no qual voltarão a sonhar com uma vida repleta de amor.

Pai amado, na sua hora em minha vida, sinto-me pleno e desejo servi-lhe com todo o amor que minha vida irradia nos seus domínios.

Sua bênção, meu pai!

Após fazer a oração de minha consagração ao meu amado pai Omolu, permaneci na mesma posição, aguardando sua manifestação, que logo aconteceu, pois senti que, na minha frente, estavam os Sete Guardiões Cósmicos do Mistério Omolu. Sem descolar minha testa do solo, eu via os pés dos sete guardiões, e sem me mover, beijei-os e pedi suas bênçãos. Quem me abençoou em nome do divino Criador e do divino Omolu foi o guardião do primeiro nível vibratório do Mistério Omolu yê, que depois me ordenou:

– Fique de joelhos, ancião do Tempo!

Após me levantar até conseguir ficar de joelhos, falei:

– Meus pais ancestrais, honram-me com suas presenças! Permitam que esse seu humilde filho os honre com minha fé, amor e vida!

– Longa foi sua jornada, ancião do Tempo. Mas porque nos distingue com sua presença ancestral e nos honra com sua fé, amor e vida, permita-nos que o reverenciemos e sejamos distinguidos com sua bênção, pois você traz em si mesmo tantos mistérios, que uma bênção sua tem a força da fé, do amor e da vida!

Eles se ajoelharam e curvaram-se, e eu os abençoei em nome do divino Criador, do regente do Mistério da Fé, da regente do Amor e da regente da Vida. E também falei:

– Eu, nas minhas horas regidas pelos mistérios da Fé, do Amor e da Vida, gostaria de que me honrassem assentando-se à minha direita, pois só assim os distinguirei por todo o amparo que me deram durante minha longa jornada de retorno aos meus pais, irmãos e avós ancestrais.

– Ancião do tempo, concede-nos uma honra única, e desejamos que saiba que, para nós, foi uma honra ampará-lo durante sua longa jornada, pois você foi um dos poucos que não só conseguiram retornar mais sábio, humilde e resignado do que quando partiu, como também foi um dos pouquíssimos que sempre entendeu a morte como uma necessidade da vida e sempre a brindava como um ato de Fé, Amor e Vida. Por isso, nas suas horas regidas pelos mistérios da Fé, do Amor e da Vida, nós nos assentaremos à sua direita e o honraremos com nossas vidas, nosso amor e nossa fé.

– Nessas três horas de minha vida, serão cobertos pelos mantos da fé, do Amor e da Vida. E, em cada um dos minutos delas, semearão Fé, Amor e Vida!

– Que você semeará nos sete níveis vibratórios regidos pelo Senhor dessa hora de sua vida, ancião do Tempo.

– Que assim seja, sagrados guardiões dos mistérios da Meia-Noite, que são regidos pelo divino regente dos mistérios que, nessa hora de minha vida, se manifestam por meio do meu mistério.

Então retirei do meu cajado de ancião do Tempo três cajados, cada um com a cor de um dos três mistérios, e os multipliquei por sete e os entreguei com minha mão direita a eles, que os receberam, e os recolheram aos cajados que traziam em suas mãos esquerdas, e dos quais cada um retirou um cajado roxo, e com a mão direita os entregaram a mim, que os recebi com a direita e os passei para minha mão esquerda, e os recolhi ao meu cajado de ancião do Tempo. No mesmo instante meu manto de ancião do tempo cobriu-se de um roxo tão concentrado que, quem o visse, o veria como um manto negro impenetrável. Então retirei do cajado minha serpente do Arco-íris e ordenei-lhe que se transformasse em um cordão preto, vermelho e branco, e se enrolasse na minha cintura.

A seguir, saudei os sete guardiões do Mistério Omolu e fui saudado por eles, que, em seguida, desapareceram, voltando aos seus níveis vibratórios. Então meu pai Omolu falou-me no meu íntimo:

– Meu filho distingue-me entre seus pais ancestrais, e eu o distingo com o título de ancião curador. Que na minha hora, você seja luz na vida dos seus irmãos que vivem na escuridão da dor, que possuiu a vida deles, porque semearam a morte enquanto viviam nas horas regidas pelos mistérios da Fé, do Amor e da Vida. Só assim minha hora será menos escura, e menos gemidos de dor sua mãe da Vida ouvirá. Caminhe pelos meus domínios e semeie a luz da vida, pois só assim verei a luz que está oculta no íntimo dos que morreram para a vida.

– Assim deseja meu amado pai e senhor, assim será a vontade que me moverá em seus domínios e na sua hora em minha vida. Sua bênção, meu amado e divino pai Omolu.

– Eu já o abençoei, meu filho!

Mais nada ele me falou, e levantei-me. Caminhando lentamente, segui na direção onde ouvia doloridos gemidos de dor e roucos clamores que pediam a Deus que os perdoasse. Quando me aproximei dos que gemiam, um vulto parou na minha frente e perguntou-me:

– O que deseja desse domínio da morte, ancião?

– Vim curar os que desejam voltar à vida, guardião.

– Com ordens de quem deseja libertá-los desse domínio?

– Com as ordens do meu senhor Omolu, que me distinguiu com o título de ancião curador.

– Daqui só saem os que meu senhor ordenar ou permitir.

– Então me conduza até o seu senhor para que ele me conceda licença para eu servir ao meu senhor nos domínios guardados por ele, que também é um servo do meu senhor.

– Meu senhor não é servo de ninguém. Ele é senhor e só senhor, e nada mais.

– Guardião desse domínio da dor, estou cansado de tanto caminhar e de discutir. Leve-me até o seu senhor, por favor!

– Curve-se diante de mim e coloque seu destino aos meus pés, pois será assim que o conduzirei ao meu senhor, ancião curador.

– Guardião, se eu colocar meu destino aos seus pés, você não conseguirá possuí-lo.

– Até agora não houve um só destino que não consegui possuir, ancião curador. E não será o seu que deixarei de possuir. Vou usar seu cajado para me apoiar enquanto monto guarda nesse lugar maldito, habitado por espíritos tão amaldiçoados que nem um destino têm mais.

– Esse lugar não é maldito, guardião. Você está confuso e não sabe o que diz. Conceda a si mesmo um minuto de reflexão e perceberá que esse é um domínio da Lei nos vastos campos da Morte.

– Curve-se logo e deposite seu destino aos meus pés, ancião.

– Esse é seu desejo último?

– Meu desejo último?

– Sim.

– Por quê?

– Porque, quando recolher meu cajado, você começará a vibrar seu desejo primeiro. E mais nada lhe direi. Reflita nisso enquanto me conduz ao seu senhor, por favor!

– Só depois que recolher seu destino, ancião.

– Esse é seu desejo último?

– Sim. E ande logo, senão o chicotearei como faço com esses malditos já sem ao menos um destino.

Ajoelhei-me e depositei meu cajado aos pés dele, que, ao pegá-lo, na verdade despertou uma hidra negra de sete cabeças, que o envolveu todo e cravou-lhe seus sete pares de longas presas. O urro de dor e pavor ecoou pela escuridão e atraiu a atenção de vários outros guardiões daquele sombrio domínio da dor. Ao verem aquilo, recuaram assustados e perguntaram-me:

– O que aconteceu com ele, ancião?

– Infelizmente está realizando seu desejo último, mas logo começará a implorar pelo seu desejo primeiro.

– Retire esse horror de cima dele, ancião!

– Não posso. Ele desejou meu cajado, e não posso recolhê-lo enquanto ele não emitir seu desejo primeiro.

– Qual é o desejo último, ancião?

– O suicídio ou a própria morte.

– E o desejo primeiro, qual é?

– O perdão ou a própria vida. Reflitam sobre isso por um minuto apenas, e descobrirão muitos outros desejos, meus filhos. Algum de vocês pode conduzir-me até o senhor desse domínio da dor?

– Eu o conduzirei, ancião curador! – falou alguém às minhas costas.

– Venha até a minha frente, pois aí atrás é onde a morte se manifesta em minha vida, e acho muito arriscado você desejar ocupar o lugar dela em minha vida.

– É arriscado para mim ou para você, ancião?

– Para mim a morte não é um risco.

– Se não é um risco, então o que ela é para você?

– Apenas parte de minha vida. Reflita sobre isso por um minuto, e tenho certeza de que no minuto seguinte já estará à minha frente.

– Recolha seu cajado que irei até sua frente, ancião.

– Você teme a morte, e no entanto prefere permanecer no único lugar onde ela se manifesta em minha vida.

– Se esse é o único lugar, então por que esse idiota aí foi atacado pela hidra da morte?

– Ele não foi atacado. Apenas despertou na vida dele um mistério que me custou milênios e milênios para adormecê-lo na minha. Ele desejou meu cajado de curador!

– Entendo. Como ele não era um curador, só conseguiu possuir a dor incurável.

– Não existe dor incurável. Só existem dores incompreendidas.

– Entendo. Recolha seu cajado, ancião.

– Se eu me abaixar para recolhê-lo, às minhas costas se levantará o espectro da morte. Por isso lhe peço, por favor, que saia de minhas costas e venha para minha frente.

– Não sou digno de me postar na sua frente, ancião curador. Eu fui um dos que mais o combateu durante sua longa jornada de retorno aos domínios do meu senhor.

– Então fique à minha esquerda enquanto recolho meu cajado.

– Você me concede essa honra, ancião curador?

– Você ainda vê em mim os reflexos do seu ódio vibrado contra mim?

– Não.

– Então você já não me odeia mais, e eu o amo. Venha, poste-se à minha esquerda e honre-me com seu respeito, pois ainda somos irmãos, apesar de todas as discórdias que já vivenciamos.

– Você me tem na conta de um irmão, ancião curador?

– Houve momentos que não o tive. Mas peço seu perdão e peço que compreenda que, se assim procedi, foi porque estava possuído pelo espectro da ignorância. Perdoe-me, e conceda-me um minuto de sua vida para que nele eu possa ser um momento de respeito, gratidão e irmanação dos contrários.

– Já estou à sua esquerda, ancião curador.

– E eu à sua direita, meu irmão. Agora vou recolher meu cajado.

No instante seguinte a hidra recolheu-se e voltou a ficar no mesmo lugar onde eu havia depositado meu cajado. Quando pousei minha mão direita sobre ela, no mesmo instante transformou-se no cajado, que levantei e passei para a mão esquerda.

Apoiando-me nele, virei-me para a minha esquerda e olhei para aquele meu irmão "astuto" e falei-lhe:

– Agora sou um curador e gostaria de abraçá-lo como tal, para, no meu minuto em sua vida, auxiliá-lo na cura de suas dores, incompreendidas por mim e nossos outros irmãos, meu irmão ancestral. Conceda-me a realização desse meu desejo, e tenho certeza de que em você ele se manifestará como um minuto de Fé, Amor e Vida.

– Não estou preparado para tanto, ancião curador.

– Para o que você já está preparado, meu irmão?

– Para a gratidão, o respeito e a irmanação, porque também me cansei de combatê-lo quando descobri que o que eu realmente desejava era abraçá-lo e caminhar ao seu lado. Conceda-me esses meus desejos, e, na força do seu cajado e no poder do seu mistério, talvez um dia eu venha a habilitar-me para a Fé, o Amor e a Vida.

– Nesse dia, com certeza o convidarei a postar-se à minha direita, meu irmão.

– Esse é o seu desejo, irmão curador?

– Sim.

– Então manifeste-o no seu minuto em minha vida, porque todos os outros minutos dela estão ocupados pelos que me odeiam, desejam me ver morto e enterrar-me na mais profunda das sete covas.

– Não ocuparei os minutos deles em sua vida. Mas tentarei ocupar um minuto na vida deles, ao qual ocuparei com o perdão, a resignação e a reparação. E assim talvez consiga minorar as dores incompreendidas que ocupam os seus outros minutos, está bem?

– Para mim está ótimo. O que você deseja dos meus domínios?

– Resgatar da dor os que clamam por um minuto de paz, de descanso e de repouso.

– Eles estão abertos a você, ancião curador.

– Obrigado, irmão amado. Perante a Lei, creditarei em seu nome cada um que neles eu conseguir devolver à vida.

– Por que fará isso por mim?

– Você me honrou com um dos minutos de sua vida, meu irmão. Desejo que esse minuto seja um ato de gratidão, pois, quando você me combateu, na verdade só estava tentando impedir que eu continuasse a trilhar um caminho de dores, sofrimentos e angústias. Só que eu estava possuído pela cegueira, e não vislumbrei nada mais além do seu semblante cerrado pela ira e pelo ódio que sentias por me ver avançar em um caminho tão sombrio. Perdoe-me por, não só não tê-lo compreendido, mas por ainda fazê-lo sofrer tantas dores incompreendidas.

Venha, dê-me um abraço! Deixe-me curar em você as dores que lhe causei e inundá-lo com o amor da compreensão e da fraternidade!

– Você deseja abraçar um ser como eu?

– Sim.

– Estou todo apodrecido pelo ódio, inveja, cobiça, ira e tantas outras coisas, ancião.

– No meu minuto em sua vida, também estou igual a você, e só absorvendo todos esses sentimentos negativos poderei anulá-los em mim mesmo, irmão.

– Eu... nós...

– Vamos, irmão. Não prolongue nossas dores e discórdias, pois estamos cansados de carregá-las e ostentá-las aos olhos da Lei Maior e dos nossos irmãos.

Aquele sim, foi um dolorido abraço fraternal, pois havíamos nos combatido por milênios incontáveis, e sempre dentro do campo religioso, que era nosso campo por causa de nossas atribuições religiosas.

Foi tão grande a dor que sentimos ao nos abraçar que não resistimos e vertemos lágrimas silenciosas.

Aquele abraço durou muito tempo mesmo. Mas, quando nos separamos, em nossa irmandade já não haviam manchas escuras. Apenas uma vontade de não nos ferirmos mais. E ele me pediu:

– Irmão, assente-me à sua esquerda e permita que o honre com minha lealdade.

– No meu minuto em sua vida quero tê-lo à minha direita, meu irmão. Só assim o estarei honrando como você merece e estarei retribuindo à altura o amor fraternal que fluirá nesse nosso minuto de vida.

– Você é muito generoso, irmão ancião curador. Quando o abracei, senti em você tudo o que gostaria de sentir em mim mesmo.

– Conceda a si mesmo esse minuto de paz, amor e fraternidade, e à minha direita sentirá tudo o que sentiu em mim. Assente-se e torne-se um curador, meu irmão.

– Não tenho grau para tanto, ancião curador.

– Então se assente à minha esquerda, e no minuto regido pelo mistério Estrela Roxa da Vida você será um Exu curador. Com esse grau, que o distinguirá no Campo-Santo, tenho certeza de que curará tantas dores que, quando

menos esperar, nosso próprio e amado pai Omolu o tornará mais um de seus mistérios. Então nesse dia você me honrará com seu assentamento à minha direita, está bem?

– Eu já estou assentado á esquerda d'Ele, ancião curador. Nela sou conhecido com Senhor Exu Sete Covas.

– Trago em mim as vontades do nosso pai Omolu, e, em mim, elas se manifestam como desejos a ser realizados imediatamente. Portanto, no meu minuto em sua vida, você será um Exu Curador e, nos outros minutos de sua vida, continuará a ser o senhor Exu Sete Covas, até que todos eles venham a ser ocupados por outros mistérios de nosso pai amado, está bem?

– Não lhe causarei problemas?

– No meu minuto em sua vida, você só me trará soluções e mais vidas para que, também nelas, um minuto de vida eu possa ser. Venha, assente-se à minha esquerda como Exu Curador!

Aquele meu irmão ancestral, um Exu Sete Covas, assentou-se à minha esquerda e assumiu o grau de Exu Estrela Roxa, um Exu curador. Vesti-o com uma veste simbólica semelhante à minha, e retirei de meu cajado um outro, semelhante, mas restrito ao grau que ele ocupou. Então lhe falei:

– Nos seus domínios regidos pelo Mistério Sete Covas do Campo-Santo, continuará a ser o senhor Exu Sete Covas e agirá como tal. Mas, nos domínios da Estrela Roxa da Vida, será um Exu Curador da Estrela Roxa. E, neles, tenho certeza de que muitas das dores que ainda latejam em seu íntimo serão curadas.

– Obrigado, irmão ancestral. No seu minuto em minha vida não serei uma fonte de dores. Não mais!

– Tenho certeza de que você será um bálsamo na vida dos que forem colhidos pelo seu mistério de Exu curador. Desejo que esse minuto seja tão gratificante que, no futuro, você vibre o desejo de estendê-lo por toda essa hora de sua vida, que é regida pelo nosso amado pai Omolu.

– Irmão, você, que se habilitou a conceder-me um minuto positivo no mistério de nosso pai Omolu, diga-me como é ele realmente, por favor!

– É difícil descrevê-lo. Mas posso afirmar com toda certeza que é o oposto de tudo isso que vivenciamos no exterior d'Ele.

– Por quê?

– Porque nós somos o exterior d'Ele. E, se é tão dolorido, é porque nós, todos nós, somos cheios de dores que infligimos a nós mesmos enquanto tentamos nos impor sobre nossos irmãos.

– Esse exterior assustador somos nós mesmos?

– Somos. Mas se todos nós nos concedêssemos um minuto, um só minuto de reflexão, descobriríamos que a dor que sentimos é a que despertamos em nossos irmãos, pais e filhos. Isso parece tão inacreditável porque é simples demais, sabe. Mas recorde-se de como nos ferimos de morte quando nos encontrávamos em campos diferentes, e não medíamos esforços para impor nossas limitadas concepções de como eram nossos "deuses".

Ambos estávamos errados e não percebíamos como estávamos nos ferindo. Mas agora, já amadurecidos pela dor, só desejamos curar nossas feridas profundas e as chagas doloridas que corroeram todas as nossas limitadas pregações de um Ser ilimitado e impossível de ser apreendido em seu todo por nossas limitadas concepções religiosas.

Tenho certeza de que ficamos conversando por mais de um século sobre as causas das nossas dores, de nossos erros, falhas e pecados. E, porque um mistério estava fluindo por meio de nós, alguns milhares de espíritos lançados na dor nos ouviam e concediam a si mesmos um minuto de reflexão, quando descobriam que as dores que sentiam estavam localizadas em seus irmãos feridos por eles quando tentavam se impor e dominá-los.

Um mistério tem esse poder, sim, senhores!

Ele, se o estamos manifestando, flui com tanta intensidade que alcança todos os que desejamos alterar, que pouco a pouco vão passando por alterações conscienciais tão profundas, que quando menos esperam já se modificaram até externamente.

E eu via as transformações exteriores acontecerem tão naturalmente que seus corpos energéticos começaram a ser refeitos, desdobramentos se realizaram e clamores de perdão ecoaram com tanta intensidade que muitos conseguiram se levantar e vir até nós e solicitar-nos que os perdoássemos em nome de Deus.

– Em nome de Deus e do nosso amado pai Omolu, eu os perdoo, meus irmãos amados. Venham, abracem-me para que, na nossa irmanação, eu lhes passe a força que precisam para retomar sua jornada de retorno ao Pai Eterno e à Vida! – dizia eu a todos em geral e a cada um em particular.

Quando os abraçava, tirava suas dores, curava suas chagas e outros ferimentos, e transformava-me em um minuto de paz, amor e fraternidade em suas vidas. E, aos poucos, a minúscula centelha de vida que havia em seus íntimos começou a crescer e iluminá-los no meio daquela escuridão.

E suas luminosidades, ainda que fracas, começaram a atrair a atenção de outros habitantes daquele domínio sombrio. Mas muitos não eram outros senão os feridos por eles, que se assustaram com as cobranças doloridas.

Eu os amparei e dei-lhes sustentação para enfrentarem as irradiações de ódio com vibrações de paz, compreensão e fraternidade. E acho que me demorei ali mais algumas centenas de anos. Mas chegou um momento que as luzes interiores começaram a harmonizar-se, e a escuridão foi se transformando em uma penumbra levemente arroxeada.

Ela refletia o interior deles e deixava chegar-lhes um longínquo som de ondas quebrando-se na areia de uma praia.

– Que estranho som é esse, ancião curador? – quis saber meu irmão Exu Curador.

– Irmão, esse é o som da vida.

– Som da vida? Que vida?

– A desses nossos irmãos. Eles anseiam por uma nova oportunidade.

Vamos conduzi-los a ela?

– Isso é possível?

– Tudo é possível se o que eles estão desejando é uma vontade do nosso amado pai Omolu. Reúna todos aqui que nós os conduzimos a uma nova vida, irmãos Curador.

Quando ordenei que ficassem atrás de mim, que os conduziria, ele me perguntou:

– Mas você não disse que atrás ficava a morte?

– Só quando estou de costas para o mar, irmão. Quando estou de frente para ele, às minhas costas estão vidas, muitas vidas!

– Compreendo. Se viramos as costas ao mar, abandonamos a vida. É isso?

– Mais ou menos. Agora vá postar-se atrás deles, mas como o senhor Exu Sete Covas.

– Por quê?

– Você guardará o retorno deles ao seio da vida. E quem tentar impedi-los de alcançarem uma nova vida, puna-o com seu mistério, que é sua função como Exu Sete Covas.

Foi uma longa caminhada, pois eu os conduzia com passos lentos e irradiava reflexão por meio do coração roxo pendurado em meu peito. Quando chegamos nos limites dos domínios de meu pai Omolu, ali começavam os de minha mãe Iemanjá. E, se onde estávamos tudo era roxo, dali em diante, tudo era claro como o dia, pois era dia mesmo!

Mas quem tentou avançar foi barrado por um campo invisível que ali os retinha. Pacientemente lhes expliquei que a vida é um ato de amor e de fé e que deveriam aquietar seus emocionais e despertar a razão por meio da oração e da meditação, pois só quando tivessem realmente amadurecido em seus corações a razão de suas retenções nos domínios do nosso pai Omolu estariam aptos a uma nova vida.

– Ancião, tudo o que mais desejamos está bem ali! – exclamou um aflito irmão. Pacientemente lhe expliquei:

– Irmão, o que vocês mais desejam está ali, mas ainda não está aqui onde vocês agora estão! Essa é a razão das nossas quedas vibratórias! Desejamos o que está ali, bem na nossa frente, e não medimos esforços para nos apossarmos do que está ali, mas não está aqui. Orem e reflitam no motivo de estar tudo ali, mas não estar aqui e acabarão descobrindo que o que está logo ali também precisa estar aqui, senão de nada adiantará vocês irem até ali, pois aí ali ficará igual ao que é aqui. Orem! Orem! E orem! Pois só a oração purifica os corações e cria as condições ideais para o estabelecimento da razão e do perdão divino. Mas orem em silêncio, pois só assim poderão ouvir a voz da razão que lhes fala o tempo todo e durante todo o tempo.

Depois de muitos "anos" de oração e reflexão, um deles se aproximou de mim e pediu:

– Ancião, o senhor pode conduzir-me até onde está o senhor Exu Sete Covas?

– Por que deseja vê-lo? Por acaso quer se vingar dele?

– Não, senhor. Eu acabei de descobrir que ele me protegeu de mim mesmo durante todo o tempo que me reteve naquele domínio da dor. Agora só desejo agradecê-lo pessoalmente para poder ingressar em um novo estágio de minha imortal existência.

– Deus o abençoará por isso também, irmão. Vá até ele e repita para ele o que acabou de contar-me. Tenho certeza de que por trás daquela aparência assustadora um coração dolorido vibrará alegria. Vá e confie, pois você já alcançou a idade da razão, e nessa idade todas as emoções se aquietam.

Aquele irmão procedeu como lhe havia dito, e algum tempo depois retornou até onde eu estava. Ajoelhou-se, pediu minha bênção e falou-me:

– Ancião curador, vejo um portal de luz logo ali, bem na divisa desse domínio do nosso amado pai Omolu com o de nossa amada mãe Iemanjá. Sinto vontade de cruzá-lo, mas não tenho coragem.

– Por quê, irmão?

– Deixarei para trás alguns irmãos e irmãs que amo muito.

– Onde eles estão?

– Aqui mesmo, ancião. Mas ainda não alcançaram a idade da razão. E sem ela não compreenderão que o que existe ali, também existe aqui, pois agora sei realmente o que é amar meus irmãos, e até mesmo os que eu tinha na conta de meus tormentos.

– Isso é verdade, irmão. Se ali existe vida, aqui ela também existe. E se ali vibra o amor e jorra a luz da vida que ilumina a todos, aqui ela também nos chega. Mas só conseguem vê-la os que deixam de olhá-la com os olhos da emoção e a contemplam com os olhos da razão.

– O que devo fazer, ancião?

– Só faça o que sua razão está lhe pedindo, irmão. Ao se deixar guiar por ela jamais se arrependerá ou lamentará por ter perdido a oportunidade de viver aqui o que a emoção diz que só existe ali.

– É isso que o torna tão amado por nós?

– Acho que é. Eu os tenho como meus irmãos amados e me realizo nesse amor que vibro e irradio para todos vocês.

– Minha razão pede que eu permaneça aqui e ampare meus afins, pois sem eles ao meu lado, tanto faz estar lá como aqui, que continuarei incompleto em mim mesmo.

– A razão é sábia, irmão. Deixe fluir esse seu amor fraternal que, com certeza, muitos dos nossos afins amadurecerão muito mais rapidamente.

– Sinto que será assim.

Aquele despertar da idade da razão lentamente foi se impondo, e chegou um momento em que todos eles viam o portal luminoso. Só não tomavam a iniciativa de passar através dele. Eu os reuni e perguntei:

– Por que não o cruzam e vão ao encontro de uma nova vida?

– Ancião, lá existe a vida, mas aqui ela também existe e vibra em nosso íntimo. Então não vemos mais razões para fugir daqui só para estar lá, se aqui tem tudo o que tem lá. Olhe só nosso campo! Ele já foi tão escuro que nada víamos. Depois, ouvindo-o e acreditando em suas palavras de paz, concórdia e amor, ficou roxo e foi clareando. Agora já é de um lilás encantador tão atraente quanto aquela claridade cristalina. Até seu coração roxo ficou lilás e cintila o amor que vibra por todos nós. Assente-nos à sua esquerda e nos torne curadores.

– Não posso fazer isso, irmãos. Vocês já estão aptos a se assentarem à minha direita. Mas, se eu fizer isso, então lhes bloquearei o acesso a uma nova vida tão cheia de vida que nela seus corações refletirão todas as cores do Arco-íris. Cruzem aquele portal e verão um lindo Arco-íris da vida que existe do outro lado dele. Vamos, façam isso! E caso ainda assim desejarem retornar para cá, bastará voltar. Mas aconselho-os a olharem, meditarem e refletirem bastante. Só assim não se arrependerão mais tarde por terem virado as costas ao mar da Vida. Eles lentamente cruzaram o portal lilás cintilante, e quando olharam novamente para ele, o viram com as cores do Arco-íris. Mas o vão dele ficara tão escuro que não conseguiam ver-me de onde estavam.

– Ancião curador, o que aconteceu que já não conseguimos vê-lo mais? Por que tudo ficou escuro se quando estávamos aí, tudo era lilás? – perguntou-me um irmão.

– O que existe aí também existia aqui. Mas, quando vocês foram para aí, o que aqui existia foi com vocês e agora só existe aí. Virem-se para o mar e orem à mãe da Vida, pois só assim o que agora só existe aí voltará a existir aqui. Vou recolher o Arco-íris e, enquanto oram, o que existe aí começará a existir aqui.

– Abençoe-nos, ancião curador.

– Vocês já foram abençoados pelo nosso divino Criador, por nosso pai Omolu e por nossa mãe Iemanjá. Multipliquem essas bênçãos divinas por meio de seus atos, palavras e pensamentos, e assim estarão abençoando muitas vidas.

– Ancião curador, nós sempre quisemos vê-lo. Mostre-se a nós ao menos uma vez para que o guardemos por todo o sempre em nossos corações.

– Está certo. Quando eu ficar embaixo do Arco-íris, vocês terão uma fração de segundo para me verem, pois esse será o tempo que ele demorará para recolher-se ao meu cajado. Depois nada mais verão além da escuridão. Então aquietem depois seus corações, e caminhem para a sua direita, pois lá existe uma morada espiritual onde serão alojados e preparados para uma nova vida.

Quando fiquei embaixo do Arco-íris, o clarão dele não demorou mais que um piscar de olhos, mas foi o suficiente para eles verem um corpo todo coberto de chagas e parcialmente coberto com uma veste feita de palhas-da-costa. E um deles exclamou:

– Um Omolu velho!!! O ancião curador é um Omolu velho!!!

Acho que ele conhecia alguma coisa sobre o Mistério Omolu, pois bateu com a cabeça no solo e, aos prantos, clamou: Atotô Obaluaiê, saravá meu pai Omolu! Sua bênção, meu pai!

Antes de virar-lhe as costas e voltar para onde estava o Senhor Exu Sete Covas, mentalmente o abençoei. E à medida que caminhava, levava comigo a escuridão.

Eu não olhava para trás, mas sabia que uma orla verdejante ia surgindo às minhas costas à medida que eu avançava. Só cheguei onde estava o Senhor Exu Sete Covas exatamente à meia-noite, em um cemitério aparentemente abandonado!

Só olhei para trás quando entrei nele, e o que vi foi uma noite estrelada.

– O que aconteceu com a escuridão, ancião?

– As que foram ficando atrás de mim morreram e cederam lugar para a luz, irmão Exu Sete Covas. A morte, que eu disse que fica atrás de mim, quando virei minhas costas ao mar, engoliu toda a escuridão.

– Acho que um dos domínios do Mistério Sete Covas deixou de existir, ancião.

– Não foi isso que aconteceu.

– O que realmente aconteceu?

– Ele se transformou e agora é um domínio regido pelo Mistério Exu Curador, que tem em você um de seus irradiadores. No meu minuto em sua vida, seu campo de atuação será o meio espiritual humano, irmão curador. Aqui mesmo, e sempre à meia-noite em ponto, você poderá subir pela sétima cova e deixá-lo fluir naturalmente, ocultando-o com o manto negro dos Exus Curadores, que recolhem a si mesmos como indivíduos e tornam-se um mistério individual de um mistério regido pelo nosso amado pai Omolu.

– Eu assumirei esse novo campo, ancião. E, não tenha dúvida de que honrarei o Mistério Exu Curador e à sua esquerda começarei a curar todas as dores que ainda latejam em meu íntimo. Você não imagina como esse seu minuto em minha vida é importante.

– Acho que imagino sim. Afinal, esse meu minuto em sua vida também é muito importante para mim, meu irmão.

– Ancião Curador, sou um velho Exu Sete Covas, mas um novo Exu Curador. Como Sete Covas enterro "cadáveres" que teimam em perambular entre os vivos, e como Curador resgatarei os que desejam a vida estando no meio dos mortos. Você me concedeu os dois polos de um mistério regido por nosso pai Omolu. O primeiro foi quando me enviou às trevas do Campo-Santo, e o segundo quando me assentou à sua esquerda. Quem é você, realmente, ancião curador?

– Por que pergunta isso, se sabe quem sou eu?

– Eu imagino que você ainda seja quem era. Mas olho para o seu capuz, e só vejo um vulto negro que ocupa o lugar de sua cabeça. No que você se transformou nessa hora de sua vida, irmão ancestral?

– Transformei-me em um mistério regido pelo nosso amado pai Omolu, meu irmão. E mais não posso dizer-lhe. Vamos, dê-me um abraço, pois tenho de continuar minha caminhada.

Após me abraçar, ele falou:

– Irmão, quando o abracei antes, senti em você a paz, o amor, a fraternidade. Mas agora senti um latejar de dor. Por quê?

– Recolhi em meu íntimo a dor de todos aqueles nossos irmãos e, lentamente, irei irradiando-as até que se diluam por completo e nunca mais incomodem mais ninguém.

– Irmão curador, reverencio essa sua têmpera, e forjarei a minha no seu exemplo.

– Eu o saúdo por isso, Exu Curador! Eu o cobri com um manto semelhante ao meu.

– Abençoe-me, ancião curador – pediu-me ele.

– Ajoelhe-se para que eu o abençoe em nome de nosso pai Omolu, e em nome dele o assente nesse domínio regido pelo Mistério Exu Curador.

Quando ele se ajoelhou e abaixou os olhos para o solo, viu minhas pernas e pés cheios de chagas, cobertos parcialmente pelas pontas da palha-da-costa. Então se atirou aos meus pés, beijou-os e saudou-me:

– Atotô Obaluaiê! Saravá, meu pai Omolu! Sua bênção, ancião curador! Perdão por não tê-lo reconhecido antes, meu pai amado!

– Eu o abençoo, abençoo e abençoo. E, em nome de nossos pais ancestrais, eu o abençoo e o assento nesse novo campo-santo como Exu Curador. Honre seu novo mistério, pois só assim será honrado por ele. Cure em nome dele, pois só assim curará suas próprias chagas.

– Assim diz meu pai, assim fará esse seu filho. Obrigado por ter dedicado esse minuto de sua vida à minha e ter-me assentado à sua esquerda, meu pai curador. Obrigado por não ter me virado as costas quando descobriu o mistério da vida que existe nos domínios da morte. Sua bênção, meu pai!

– Você já foi abençoado. Distribua-as, em nome de nosso pai Omolu, e inundarás sua vida de vidas, vidas e mais vidas. E nunca se esqueça de que vida e bênção são sinônimos.

– Nunca mais me esquecerei disso, meu pai.

– Assuma seu grau à minha esquerda, Exu Curador, e a partir dele dê início à formação de sua falange, pois só assim multiplicará em si mesmo a força e o poder do mistério que regerá esse minuto de sua vida de agora em diante.

– Sim, senhor, meu pai.

Ele assumiu seu grau e ali se assentou. Caminhei em direção ao cruzeiro e desapareci, deixando-lhe um novo campo de ação, onde, em vez de despertar gritos de medo e pavor, iria curar gemidos de dor e aflição.

Dali segui direto ao ponto de forças regido pelo guardião do Mistério Sete Covas, que já me aguardava.

Após saudá-lo, ouvi isto:

– Ancião, você me privou de um dos meus melhores auxiliares.

– Acredito que fiz isso, guardião.

– Como serei compensado por tão grande perda?

– Permitindo que o Mistério Curador ocupe o antigo grau de executor do Mistério Sete Covas. Para uma grande perda, um novo grau, guardião.

– Mas ficarei sem o grau de executor!

– De forma alguma! O grau curador comporta a punição dos espíritos desequilibrados que se comprazem em semear a dor. Ou não lhe mostrei isso ao atender ao desejo de um seu auxiliar que apreciava assistir o sofrimento alheio? Agora ele o assiste em si mesmo, e logo estará curado de um dos piores desequilíbrios emocionais.

Afinal, se não apreciamos a dor em nós mesmos, por que sentir prazer quando ela está se manifestando na vida de nossos semelhantes?

– Então não perdi meu grau de executor?

– Não. O que aconteceu foi que instalei nele um polo positivo que comporta curar as dores. Se antes ele anulava os ódios, agora é mais abrangente, pois também tem em si os recursos para uma nova oportunidade aos que já não odeiam mais.

– Bom, se é assim, abra esse novo grau à minha direita, ancião curador. Eu me ressentia de um recurso positivo em meus domínios!

– Já o abri, guardião. Assente nele esse meu primeiro discípulo curador e abra todos os seus domínios para que ele possa recuperar o tempo perdido, Guardião do Mistério Sete Covas.

Após um silêncio rápido, ele confirmou que já havia assentado um Exu Curador à sua direita.

– Ótimo! – exclamei. – Vou caminhar um pouco e o convido a acompanhar-me.

– Aceito seu convite, ancião curador. Estou há tanto tempo nesse Trono que, se não me movimentar um pouco, acabarei petrificado. Mas...

– Está sob minha proteção, guardião. Responderei por sua integridade enquanto estiver comigo.

– Até que enfim posso sair dos domínios do Mistério Sete Covas sem temer não voltar mais a eles, ancião curador.

– Vejo que você colecionou desafetos perigosos.

– É esse mistério, sabe?

– Sei. Enterrar ódios insepultáveis não é a menos arriscada das tarefas, não é mesmo?

– Ninguém me compreende, ancião. O máximo que me concedem de crédito é agonizarem no ódio que irradiam o tempo todo.

– Eu sei como é isso. Por isso o ampararei enquanto caminhamos um pouco.

– O senhor não guarda ressentimentos sobre nosso atribulado passado?

– Não. Eu já amadureci o suficiente para não me voltar para o passado senão quando desejo curar chagas muitos antigas.

– Como a que você curou com meu executor?

– Exatamente. Já é tempo de curar essas chagas doloridas.

Caminhamos por muito tempo, sempre falando sobre nosso passado, muito turbulento no campo da religiosidade. Com isso, nem percebi que minha hora regida pelo meu pai Omolu havia se acabado, e a seguinte, regida pela minha mãe Oiá, já havia começado.

O caso é que já estávamos nos domínios regidos pelo "Tempo", e, quando ele comentou sobre a mudança de hora em minha vida, perguntei-lhe:

– Por que você teme essa hora?

– Quem disse que a temo?

– Posso captar um temor em você, irmão guardião.

– O que está captando são contas pendentes de difíceis acertos, ancião curador. O Tempo não tem me concedido nenhuma oportunidade para acabar com pendências muito antigas.

– Entendo. Mas acho que você, ao assumir seu grau de guardião do Mistério Sete Covas, e nunca mais sair de seus domínios, paralisou-se no tempo, irmão.

– Se você tivesse os inimigos que tenho, com certeza faria o mesmo.

– Você é menos "imortal" que eles?

– Não. E isso tem me sustentado vivo.

– Até pouco tempo atrás você me tinha na conta de um deles, não?

– Você mudou, ancião. O que fez pelo meu filho, que agora é um Exu curador, só um verdadeiro sábio faria. Eu já não o tenho na conta de um inimigo ancestral.

– Outros também podem ter mudado, irmão guardião. Conceda a si mesmo um minuto de reflexão, e tenho certeza de que descobrirá que muitos dos seus inimigos ancestrais também estão paralisados no tempo e petrificados nos domínios regidos pelos mistérios que guardam, justamente porque o temem.

– Não creio. São tantos os mistérios negativos voltados contra mim que nem sei por que aceitei seu convite e deixei meus domínios. Só assentado naquele Trono sinto-me seguro.

– Você se petrificou, irmão guardião. É hora de readquirir mobilidade!

– O preço a ser pago é muito alto, ancião.

– Não creio. Com o Tempo a seu favor, você poderá reconciliar-se com seus irmãos ancestrais e adquirirá uma mobilidade que logo o despetrificará.

– Você é esse Tempo a meu favor?

– Posso ser, caso você me conceda um dos seus minutos da hora do Tempo em sua vida. Nesse minuto, eu o sustentarei e serei um fator de paz, reconciliação e mobilidade que o despetrificará.

– Acho que terá de agir rápido, ancião. Ou quem estou sentindo aproximar-se irá paralisar-me para sempre.

– Fique à minha esquerda até que essa ameaça que nos ronda tenha se transformado em uma aliada.

Nem bem ele se colocou à minha esquerda, um verdadeiro rodamoinho envolveu-nos, tentando nos arrastar para o vazio do Tempo. Achei aquilo uma

afronta, pois no Tempo eu era um ancião ancestral assentado à direita da divina regente do polo negativo da linha do Tempo. Eu inverti a posição do meu cajado e no mesmo instante todo o rodamoinho foi absorvido por ele, e quem havia ativado aquele mistério contra mim foi jogado no solo diante dos meus pés.

– Quem é você, irmã do Tempo? Por que voltou seu mistério contra mim se, pelas leis que regem o Tempo, está impedida de fazer tal coisa com um ancião do Tempo?

A muito custo aquela irada irmã do Tempo conseguiu se mover, mas só conseguiu porque permiti, e falou:

– Clemência, ancião! Eu não ativei meu mistério contra o senhor. Meu objetivo era arrastar esse verme até meus domínios, onde finalmente o executaria!

– Ele está sob meu amparo, irmã. Não poderá ser molestado enquanto eu não desampará-lo.

– Libere-o para que ele seja executado em meus domínios, ancião. Aguardo essa oportunidade há muitos milênios. Outra igual não terei!

– Não terá mesmo, irmã do Tempo. Essa é uma oportunidade única que não se repetirá senão em outras condições e com outros objetivos. Ele me concedeu um minuto em sua vida e eu o ocupei em minha hora regida pelo Tempo. Nesse minuto haverá paz, reconciliação e reequilíbrio. Conceda-me um minuto em sua vida e o ocuparei com essas atribuições, irmã.

– Ancião, libere-o para mim e lhe concederei toda a hora de minha vida regida pelo Tempo. Serei sua escrava eterna, caso o entregue para mim.

– Irmã, não troco vida por morte e liberdade por escravidão. Saiba que tudo farei para libertar vocês dois desse ódio ancestral que os tem paralisado há tanto tempo. Mas não será do seu modo, e sim do meu modo!

– Entrego-lhe meu destino em todos os sentidos caso me entregue esse verme – clamou ela, muito irada.

– Irmã, quando você voltou seu mistério contra mim, selou seu destino e o submeteu ao meu. Conceda-me um só minuto na sua hora no Tempo e, em vez de se ajoelhar aos meus pés como escrava, irei assentá-la à minha direita como uma das Guardiãs do Tempo.

– Nunca, ancião! Prefiro a dor em todos os sentidos a ver esse verme safar-se impune dos domínios da Senhora do Tempo.

– Ele não deseja safar-se, irmã. Só precisa de um minuto na hora regida pelo Tempo para poder reconciliar-se com você e assentar-se à minha esquerda. Quanto a você, só precisa desse mesmo minuto para transformar seu ódio em amor, sua ira em paz e seu desejo de vingança em reconciliação.

– Ancião, jamais me voltei contra um meu superior nos domínios regidos pela Senhora do Tempo. Não me force a conceder-lhe esse minuto, senão a fúria que se manifesta por meio do meu mistério se voltará contra o senhor. Entregue-o agora e desaparecerei para sempre de sua frente.

– Você atirou seu destino aos meus pés, irmã. Só eu posso tirá-la de minha frente. E, quando eu fizer isso, será para assentá-la à minha direita. Até lá, ficará na minha frente porque na sua frente só estarei eu, e mais ninguém.

– Esse verme violou-me, violentou-me, torturou-me e lançou-me em um tormento indescritível.

– Conceda-me um minuto em sua vida e a sustentarei para que possa superar os traumas que a atormentam tanto, irmã.

– Concedo-lhe todos os minutos de minha vida se me entregar esse verme. Conceda-me a realização desse desejo e serei toda sua!

– Se entregá-lo a você, o único cordão que a tem sustentado se romperá, irmã! Será que não percebe que ele, e só ele, a tem sustentado de pé?

Será que não lhe ocorre que esse seu desejo de vingar-se é o único fio que está alimentando seu emocional, e que se realizá-lo nada mais conseguirá mantê-la de pé? Reflita só por um instante e perceberá que você não está ligada a ninguém mais, pois anulou todos os que ocupavam os outros extremos dos cordões que a sustentavam de pé. E se você romper esse último, daí em diante rastejará, rastejará e rastejará!

– Prefiro rastejar a ter de suportar o ódio que sinto por ele.

– Você não concede a si mesma nem um só segundo de reflexão, irmã. Se fizer isso perceberá que ele é o último segundo que lhe resta para ser possuída em todos os sentidos pelo ódio e a ira da vingança. Anule esse segundo e se transformará em uma criatura semelhante às rajadas serpentes aladas que são regidas pelo Mistério do Tempo que se manifesta por meio de você.

Elas agiram igual a você, sabe? E, quando o Tempo concedeu-lhes o tão precioso segundo final, elas o desperdiçaram com a vingança em vez de usá-lo para a reflexão. Por que não reflete um pouco enquanto é tempo?

– Não consigo, ancião. Sinto que o senhor está me amparando e fornecendo as condições ideais para essa reflexão, mas o ódio que vibro há tantos milênios é tão intenso que bloqueia qualquer reflexão.

– Faça um esforço, irmã amada. A cura de suas dores e mágoas ancestrais começará com a diluição desse ódio. É ele que está prolongando um tormento que aconteceu há tanto tempo. Dilua-o e o tormento se esvanecerá como que por encanto.

– Não consigo. Diante dos meus olhos só vejo o homem que me possuiu à força, feriu-me, magoou, ofendeu e despertou em meu íntimo o nojo pelo sexo oposto e o ódio a todos os homens.

– Você me odeia, irmã?

– Não, senhor.

– Por que não? Eu também sou homem, irmã!

– O senhor é um ancião do Tempo. É diferente dos homens.

– Não sou não, irmã. Volte contra mim esse seu ódio e descarregue-o de uma vez, pois só assim não romperá o último cordão que ainda a sustenta nessa desumana aparência humana!

– Não faça isso, ancião! – implorou ela. – Não faça isso, pois meu desejo de vingança é tão intenso que a noção de hierarquia se esvanecerá em meu íntimo e daí em diante tentarei descarregar no senhor o ódio que vibro contra ele.

– Já fiz, irmã. Assumi seu ódio ancestral e todo ele já está se voltando contra mim. Realize-o, pois em mim os desejos de toda ordem se realizam e abrem a oportunidade de uma nova vida. Vamos, descarregue seu ódio em mim, irmã ferida, machucada, ofendida e magoada!

– Seu grau me impede, ancião do Tempo.

– Vou recolhê-lo, irmã. A partir daí serei só mais um homem a ser odiado por você. E em mim seu desejo de vingança se diluirá, permitindo que surja um outro, quando então conseguirá refletir calmamente.

Desvirei meu cajado no solo negro e falei:

– Vou cobri-lo com minha veste, irmã. Só assim a fúria do Tempo, que nele adormeci, não despertará e não a lançará em sua dor final.

– Não faça isso, ancião. Já vibro tanto ódio contra o senhor que, se despir essa sua veste sagrada, não responderei mais por mim! Daí em diante meu chicote alado é quem destilará todo o meu ódio, e contra o senhor!

– Eu responderei por você assim que cobrir meu cajado com meu manto do Tempo. Descarregue seu ódio até que surja o tão desejado segundo de reflexão, irmã! – ordenei-lhe.

Mal eu cobri o cajado com meu manto de ancião do Tempo, ela já usou seu chicote alado, que silvou no espaço e estalou em meu corpo todo coberto pelas chagas adquiridas nos domínios regidos pelo Mistério Sete Covas.

Aquele chicote, e todos os outros, são mistérios energéticos cósmicos tão poderosos que, quando atingem alguém, lançam uma descarga energética tão intensa que abre cortes nos corpos energéticos atingidos. Os caboclos boiadeiros da Umbanda usam esses chicotes do Tempo.

Ela estava tão possuída pelo ódio que via em mim o homem que um dia, em um passado já distante no tempo, a havia possuído à força, violentado e depois a entregou a seus sequazes que completaram nela toda uma transformação negativa que a lançou no tormento da ira e do desejo de vingança.

Aquele chicote silvou tanto e estalou com tanto ódio em meu corpo que, mesmo eu tendo me recolhido em meus sentidos superiores, ainda sentia a dor que as descargas despertavam em meu corpo energético.

Tanto ela me chicoteou que caí no solo, e do meu corpo começou a correr uma energia de dor toda negra e purulenta. Acho que já não me restava uma só parte do corpo sem as marcas de chicotadas quando o guardião do Mistério Sete Covas me abraçou e cobriu-me com seu corpo, tentando proteger-me da ira que a possuíra.

Ele emitiu um urro de dor ao ser atingido com tanta fúria, e ela continuava a chicotear-nos incessantemente!

Chegou um momento em que o polo negativo do mistério dele começou a despertar. Abracei-o forte e clamei-lhe:

– Não, isso não, irmão amado. Resista agora e dominará para sempre esse seu polo negativo, tão mortífero e tão mortal aos seus semelhantes.

– Não estou conseguindo contê-lo, ancião. Ela não cessa mais com essas chicotadas!

– Um dia você a subjugou e também a golpeou tão dolorosamente com seu "chicote". Ela também sentia um tormento insuportável e gritava de dor e pavor, não?

– Aquilo era sexo, ancião.

– Não, irmão. Aquilo era a fúria do sexo. E ela pensava isto: "esses golpes doloridos não cessam mais? Por que eles não se satisfazem logo e me deixam em paz para que eu possa curar a dor desses golpes tão doloridos?".

– Eu não vou resistir a esse chicote, ancião. Ela está abrindo meu corpo!

– Você abriu o dela, irmão. Você a possuiu com tanta fúria e bestialidade que ela sentiu que rasgava sua carne. Ou não foi isso que você fez?

– Eu fiz, mas foi só porque a desejava. Só por isso, ancião. Era só sexo!

– Ela também está fazendo só o que deseja. Só está punindo o sexo que a feriu tão profundamente, que despertou nela o ódio ao sexo. Resista, que absorverei todas as suas dores.

Acho que perdi a noção de tudo, de tanta dor que sentia e absorvia, pois o sustentava dentro de um limite suportável ao seu emocional. Eu estava mais preocupado em conter seu poderoso negativo que com qualquer outra coisa. E lhe dizia: "meu minuto em sua vida é de paz e reconciliação, meu irmão amado. Sustente-se em mim que logo superará toda essa dor ancestral!".

Aos poucos as chicotadas foram ficando espaçadas, e, no intervalo entre uma e outra, ouvia-se ela fungar profundamente. E logo se transformou em longos suspiros, que, após mais algumas chicotadas, se transformou em um pranto de dor. E foi naquele pranto de dor que, antes de ela largar de vez o chicote, o golpeou com uma chicotada que, de tão dolorida, não pude absorvê-la toda. E a dor que ele sentiu foi tão forte que seu negativo escapou de meu controle e explodiu como uma hidra negra que foi crescendo, crescendo... e vertendo pelas presas um líquido negro.

Com ela caída no solo, e já tendo readquirido sua antiga aparência humana, interpus-me na frente daquele negativo aterrador, que de um momento para outro se lançaria sobre ela e descarregaria uma sobrecarga energética tão negativa que a reduziria a uma rastejante.

Aquilo, aqueles confrontos, pareciam não ter fim e, caso ele fizesse o que mais desejava naquele momento, ambos romperiam com o último elo humano que ainda lhes restava, e que era eu.

Recolhi toda a minha dor em meu íntimo e comecei a dominá-lo mentalmente. Mas ele reagia dizendo:

– Ela me recusou quando a quis como esposa!

– Olhe para ela, irmão. Você a tem novamente nas mesmas condições que a abandonou após feri-la mortalmente. Olhe-a! Não vê o mal que já lhe fez? Por que despertar novas dores que darão início a novos ódios? Olhe-a e veja como

foi desumano com uma mulher que você desejava possuir. É isso que restou dela, irmão. Olhe e reflita um pouco antes de feri-la mais uma vez!

– Ela me chicoteou sem dó nem piedade!

– Você sentiu, finalmente, a dor que despertou nela milênios atrás, mas que ela tem sentido durante todos os minutos de sua angustiada vida. E se só um segundo de dor foi o bastante para despertar em você esse seu negativo mortífero, imagine como ela não deve ter sofrido esse tempo todo.

– A dor que senti despertou meu negativo, ancião!

– É sua dor, irmão. Recolha-a e aquiete-a em seu íntimo, pois só assim não transformará o minuto que ocupei em sua vida no seu próprio negativo.

– Ela tem de pagar com a própria vida porque me chicoteou com sua dor ancestral! –urrou ele, irado.

– Você ainda se lembra do seu filho, que agora é um curador?

– Meu filho?

– Sim, seu filho, meu irmão.

– O que há com meu filho?

– Ele me feriu várias vezes e foi ferido por mim outro tanto de vezes. E nunca tivemos paz. Mas, quando nos concedemos um minuto de paz, pudemos refletir e nos irmanar em um abraço fraterno, quando finalmente aquietamos nossos emocionais negativos. Vamos, aquiete seu emocional e recupere sua aparência humana para que eu possa absorver tanto a sua dor quanto a dessa nossa amada irmã. Vamos, dê uma olhada no seu filho e o verá recolhendo um pouco das dores que ele andou semeando no íntimo de muitos irmãos nossos. Vamos, dê uma olhada nele!

A muito custo ele olhou e, ao ver o filho curando suas dores, alojadas no íntimo de seres caídos nos novos domínios que havia conquistado com a razão, aquietou-se um pouco. Aproveitei aquele momento e o subjuguei totalmente, trazendo-o de volta à sua antiga aparência humana. Então abri os braços e pedi: venha, abrace-me para que eu possa absorver sua dor. Somente livrando-se dela você poderá curar essa nossa amada irmã que também sofre!

Sob meu domínio mental, ele me abraçou e pude absorver sua imensa dor. Mas não consegui conter um dolorido gemido.

– Vá até ela e acalme a dor que a atormenta, irmão. Vamos, cure-a, pois só assim nunca mais voltará a ser incomodado pela dor que você despertou nela quando a possuiu contra a própria vontade dela. Vamos, consiga que ela o perdoe, e ambos se curarão.

Ele a abraçou, mas não conseguiu anular a dor que ela sentia. Segurou-a contra o próprio peito e começou a soluçar, até que, não resistindo mais, falou:

– Falta-me a nobreza do amor, ancião. Eu nunca a amei de verdade. Só a desejava, desejava e desejava! Meu Criador, por que fui dar vazão a um desejo, um maldito desejo? Agora me sinto vazio, muito vazio!

– Eu o amo, irmão meu. Fortaleça-se no amor que vibro por vocês dois e console-a, pois o consolo é uma manifestação do amor.

Sobrepujei a dor que teimava em aflorar por meio dos meus sentidos, e os inundei com minhas vibrações de amor, pois só assim se harmonizariam e parariam os choques ancestrais.

Como consegui, não sei. Mas atuei com tanta intensidade sobre eles que ele pediu perdão e ela o perdoou. Só que não conseguiu se levantar.

Ele, aos prantos, pediu-me:

– Ancião curador, faça algo por essa nossa irmã! Já não aguento ver nela toda a dor que despertei em seu íntimo. Em nome do divino Criador, cure-a e cure-nos! Eu imploro em nome do nosso divino Criador!

– Esse seu pedido é abençoado, meu irmão. Recolha-a em seus braços e traga-a até aqui, pois estou impossibilitado de me mover. Qualquer movimento que eu fizer agora abrirá meu negativo, e aí ninguém conseguirá recolhê-lo.

O Guardião do Mistério Sete Covas recolheu com todo cuidado aquele corpo que um dia havia violado, que ressurgira ali como uma acusação eloquente a atormentá-lo, e trouxe-o até a minha frente. Pedi-lhe que virasse o rosto dela para mim e mergulhei em sua memória imortal através de seus olhos. Quando localizei o início do trauma que a atormentava, ela despertou e começou a esbofeteá-lo e socar-lhe o peito, em uma reação automática, como se ainda estivesse sendo possuída à força.

– Mantenha-se calmo, irmão. Deixe que ela extravase seus sentimentos de forma humana. Assim que ela externar tudo o que a revolta e acalmar-se, deite-a no solo à minha frente e peça-lhe perdão. Mas não deixe de justificar-se pelo ato desumano que você praticou.

Ela o esbofeteou e socou até se sentir exausta. Então, soluçando, perguntou a ele: por que você fez isso comigo? Por que me feriu, violou, magoou e destruiu minha vida?

Bom, foi muito comovente vê-lo justificar seu ato insano. E o que mais marcou no diálogo a que assisti foi quando ele disse:

– Em nome do divino Criador, peço que me perdoe senão jamais terei paz ou coragem de sair da prisão onde me tranquei, pois, depois de ter agido com tanta bestialidade contigo, me fechei nesse sentido e jamais toquei em nenhuma outra mulher. E mesmo após ter desencarnado e ter sido punido pela Lei quando você amputou de meu corpo energético meu sexo espiritual, continuei a proteger os espíritos femininos que caíam em meus domínios, só porque vibravam o ódio contra quem as havia ferido, magoado, ofendido e lançado em um tormento emocional. Tenho tentado reparar meu erro, mas, se não for perdoado por você agora, não sei o que será de mim de agora em diante, já que terei falhado na remissão desse meu erro, falha e pecado.

Como ela ficou indecisa, falei-lhe:

– Irmã, errar, falhar e pecar é humano. Mas conseguir perdoar quem nos feriu, magoou e ofendeu é um ato divino que re-humaniza o ofensor e o ofendido. Conceda a ele e a si esse ato divino, pois só assim esse segundo de dor que marcou suas vidas será transformado em uma eternidade onde só existirá respeito,

compreensão e reverência ao humanismo, que voltará a imperar em suas vidas de agora em diante.

– Estou tão cansada de sofrer com o que ele fez, ancião!

– Eu sei. Mas ele veio até você e está implorando seu perdão. Conceda-o, e tenho certeza de que todo esse cansaço e sofrimento desaparecerão. Confie no divino Criador, pois é por uma vontade d'Ele que vocês foram reunidos neste momento de suas vidas.

Aos prantos, ela o perdoou. Então sugeri:

– Irmã, permita que ele a ajude a levantar-se, e então o abrace com seu mais fraternal abraço de irmã. Só assim anulará de vez o nojo e o temor que ainda vibram em seu íntimo. Tenho certeza de que, após abraçá-lo, deixará de odiar os espíritos masculinos.

Mais uma vez, e sob meu domínio mental, eles se irmanaram em um abraço fraternal.

Só após captar novas e positivas vibrações em seus íntimos, é que comecei a liberar seus mentais. E quando os vi tristes e vazios, mas livres do ódio e do remorso, pedi:

– Venham, abracem-me que vou anular os últimos resquícios de um passado ainda insepulto, meus amados irmãos!

Quando fui abraçado, recorri ao mistério do Trono da Geração e, no instante seguinte, regenerei seus corpos energéticos, que voltaram a ser como eram antes de tudo ter acontecido entre eles.

O Guardião do Mistério Sete Covas perguntou:

– Ancião curador, estou curado?

– Está sim, meu irmão.

– Por que o senhor fez isso por mim?

– Porque posso fazer isso por todo aquele que tem coragem de voltar atrás e reparar no perdão seus atos desumanos. Além do mais, acredito que de agora em diante você não usará seu sexo de forma desumana.

– O Tempo será a testemunha do bom uso que darei a ele de agora em diante, ancião.

– Eu sei que sim. E quanto a você, irmã, o que tem a dizer-me?

– Ancião, já não sinto nenhuma dor, e até tenho a impressão de que meu corpo energético voltou a ser virginal. Sabe como é isso, não?

– Eu sei. Não precisa ficar constrangida. Querem saber de uma coisa?

– Quero! – responderam ambos e ao mesmo tempo.

– Sabem, olhando seu passado mais afastado no tempo, vejo condições de formarem um belo e encantador par natural que poderá ser assentado nos domínios de uma Senhora mediadora de nossa amada mãe Iemanjá. Ambos conheceram o horror nos seus sétimos sentidos e creio que, após se conhecerem melhor, serão ótimos orientadores para os seus irmãos ainda atormentados pelos desequilíbrios emocionais gerados a partir dos desequilíbrios sexuais.

– Achas que ela nos concederá novamente o direito de vivermos a hora dela em nossa vida? – perguntou-me o Guardião do Mistério Sete Covas.

– Antes terão de descobrir se desejam essa hora em suas vidas, meus filhos amados.

– Está nos adotando como seus filhos, ancião do Tempo?

– Já os adotei há tempos. Só estou esperando que me adotem como pai.

– Já o adotei como meu pai, ancião do Tempo – falou o guardião. E o mesmo ela disse. Após abençoá-los, falei-lhes:

– A Mãe da Vida os quer de volta e lhes concederá a hora dela em vossas vidas. Mas, nas horas regidas pelo vosso pai Omolu e vossa mãe Oiá, continuarão a ocupar os graus de guardiões dos mistérios cósmicos que fluem por meio de seus polos negativos. Não abdiquem deles, pois será por meio deles que a mãe da Vida atuará em vocês.

– Assim será, ancião do Tempo. Obrigado por testemunhar a nosso favor e nos sustentar nesse seu minuto em nossas vidas.

– No meu minuto em suas vidas semearão paz, amor, fé, reconciliação e reequilíbrio emocional. Mas, para que isso se processe naturalmente, aconselho-os a relembrarem-se das coisas agradáveis que um par de seres reequilibrados podem vivenciar no amor e no respeito mútuo. Vocês estão vendo aquele portal ali adiante?

Após olharem para o lugar indicado, eu lhes falei:

– Do outro lado dele existe uma bela enseada e uma agradável morada. Por que vocês não o cruzam e vão se relembrar de certas coisas da vida que devem ser vividas em harmonia? Vão, conheçam-se e descubram que têm mais afinidades do que imaginam.

Após se olharem por um longo tempo, sorriram e se abraçaram felizes. Então se ajoelharam e pediram minha bênção. Quando a dei, ambos bateram a cabeça no solo, pois mais uma vez se manifestou em mim o Mistério Curador. E ambos o saudaram:

– Atotô Obaluaiê! Saravá senhor Omolu! Sua bênção, meu pai!

– Atravessem aquele portal e descubram nos domínios de sua mãe Iemanjá o que faltava em vossas vidas: amor, amor e amor!

Sem me dar as costas eles cruzaram o portal, e assim que se voltaram para o mar o fechei, isolando-os naquela mesma enseada que eu estivera com Estrela Dourada do Arco-íris.

Como estavam meio abobalhados com a beleza do lugar e não conseguiram sequer sair do lugar, resolvi dar-lhes uma mãozinha: estimulei-os a se olharem nos olhos, abraçarem-se e se beijarem. Mas, ao pensarem em separar-se, mais uma vez atuei e despertei em ambos o desejo de se unirem em harmonia e respeito.

Está certo que recorria a um mistério, mas que os amparei pessoalmente até que tivessem se realizado como par, isso fiz, sim, senhor! E sorri feliz quando ela, ainda extasiada, sussurrou-lhe:

– Por que não foi assim daquela vez?

– Não havia o amor, querida. Mas agora que consigo senti-lo em meu íntimo, não só o vibro como o irradio intensamente, e sinto suas irradiações.

– Passamos muito tempo bloqueando nosso amor, não?

– Passamos sim. Mas de agora em diante o irradiaremos com tanta intensidade que, onde antes semeamos dor, haveremos de despertar o amor.

– Então temos de prová-lo bastante para que realmente o irradiemos,!

– Isso é um sutil convite ao amor?

– Sutil? Não acho que seja sutil, querido!

– É, não é não. Amá-la é mil vezes mais delicioso que desejá-la, sabe?

– Sei. Como agora sei!

Bom, achei que já os havia curado por completo e os deixei por conta própria dali em diante. Já sabiam como era bom se amarem!

Mas continuava impossibilitado de mover-me, pois, ao absorver suas dores, também havia absorvido a dor dos que haviam sido atingidos por eles.

Eu não olhara para trás, mas sabia que atrás de mim estavam muitos milhares de espíritos alcançados por ambos, que eram manifestadores de mistérios negativos ou punitivos da Lei maior. Eu, ao curá-los, também havia assumido todos aqueles irmãos, sofredores dos próprios erros, falhas e pecados.

Só poderia ajudá-los se liberasse toda aquela dor por meio do meu cajado de ancião curador. E foi o que fiz!

Segurei-o pelo "pé" e o ergui acima de minha cabeça. Quando fiz aquilo, da ponta dele, explodiu um fluxo negativo tão intenso que pensei que ia ser tragado pela sua ponta de baixo. Senti como se uma pele purulenta estivesse sendo arrancada de meu corpo energético. E tamanha foi a dor que senti, que emiti um lancinante urro de dor!

Quando cessou o fluxo, caí de joelhos e comecei a chorar de alegria: eu também havia sido curado de muitas de minhas dores.

Continuaria ali, chorando de alegria, se duas mãos não tivessem pousado em meus ombros, e uma voz delicada não tivesse me chamado a atenção.

Levantei meus olhos, e através das lágrimas vi vovô e vovó, que me sorriam. Tomei suas mãos entre as minhas e as beijei, beijei e beijei. E só parei de beijá-las quando vovô falou:

– Venha, filho amado. Vamos caminhar um pouco, está bem?

– Sim, senhor. Faz tempo que estão aqui?

– Só viemos quando você abriu um portal para a luz àqueles nossos filhos amados. Você foi para eles um pai único, meu filho – falou vovó. – Acho que aprendemos com você que devemos proporcionar todas as condições para que o amor renasça, mas também temos de dar sustentação ao desabrochar dele nos corações que anseiam por senti-lo mais intimamente. Foi muito nobre de sua parte tê-los amparado até que aprendessem a lidar com suas emoções e sentimentos mais íntimos.

– Obrigado, vovó. Espero que nossa regente divina também tenha aprovado essa minha ação, pois não podia deixá-los a sós e a si mesmos antes que descobrissem as diferenças existentes entre o amor pleno e o desejo estéril.

– Temos certeza de que ela aprovou, filho amado. E tanto aprovou que já recolheu todos os nossos filhos sofredores, aqui curados por você.

Só então olhei para trás e vi centenas de irmãos e irmãs, plenos de luz, recolhendo aqueles milhares de espíritos curados de suas dores quando levantei meu cajado de ancião curador para o Alto do Altíssimo, onde está assentada nossa divina e amada mãe Oiá, ou a divina Ça-iim-ór-iá-yê, que muitos chamam de Orixá Oiá-Tempo".

Ainda contemplava o trabalho de recolhimento dos irmãos e irmãs sofredores, quando vovó apontou para uma irmã que resplandecia tanta luz que quase ofuscava minha visão humana, e perguntou-me:

– Filho, você já a conhece?

– Não, vovó.

– Não sabe quem é ela?

– Não, senhora.

– Você precisa conhecê-la!

– Vovó, a senhora não está sugerindo o que captei, está?

– Olhe-a melhor, filho! Você não a acha um tanto solitária, apesar de já ser detentora do grau celestial de mãe mediadora?

– É, a senhora realmente está sugerindo o que captei, sabe?

– Sei sim. Você não acha que formariam um lindo e encantador par natural nos domínios da nossa regente divina?

– A senhora viu isso?

– Vi. E aprovei, sabe?

– Sei. E espera que eu venha a formar um par natural com ela, não?

– Isso mesmo.

– Posso refletir um pouco a respeito?

– Claro que pode. Nos domínios do Tempo, você sempre tem o tempo que precisar para que possa refletir sobre as vontades que se manifestam por meio de desejos irrecusáveis.

– Entendo.

– Eu sei que entende, meu filho. Eu não tenho essa sua facilidade de sustentar certas manifestações no campo do amor, pois esse mistério é todo seu. Mas sei que você é o par ideal que ela nunca encontrou, e que facultará a ela um campo de ação muito maior que o que até agora ela tem para se doar em benefício de nossos filhos e filhas.

– Vovó, eu...

– Eu sei. Você deseja um tempo para refletir, não? Eu ainda me lembro de como foi difícil, para você, formar um lindo par com sua amada Estrela Dourada. Mas lembre-se que, após ter se decidido, sua Estrela incorporou os mistérios do Arco-íris Divino, e um vastíssimo campo de ação foi aberto a vocês dois. Reflita sobre isso, meu filho!

– Vovó, a senhora me permite uma observação?

– Claro que sim. Do que se trata?

– Bom, quando eu vivia no plano material, ouvia comentários sobre a natureza das mães Iansãs, e não acreditava muito neles. Mas acho que estava errado em não acreditar, sabe?

– Sei. O que comentavam sobre as mães Iansãs?

– Bom, diziam que, quando elas queriam algo, não desistiam ou sossegavam enquanto não conseguiam.

– Você acha que não desistirei ou sossegarei enquanto não vê-lo formando um lindo e encantador par com aquela minha filha amada?

Após beijar suas mãos, sorri e falei:

– Acho sim, vovó. E tenho certeza de que, no momento certo, essa sua vontade se manifestará como um desejo a ser realizado. Só espero que a senhora deixe tudo fluir naturalmente entre ela e eu.

– Claro que deixarei. Afinal, não tenho essa sua faculdade, que você usou tão bem com aqueles nossos filhos amados!

– Que outra faculdade semelhante a senhora tem, vovó?

– Ela é um mistério, meu filho. Espero não ter de recorrer a ela.

– Eu também! – concordei rapidamente, pois algo em meu íntimo, que não consegui identificar, latejou tão forte que senti um leve tremor percorrer meu corpo. Vovô perguntou-me:

– Você está bem, meu filho?

– Estou, vovô.

– O que foi esse tremor que captei em seu íntimo?

– Acho que me recordei de um vivência dolorida em uma faixa tão impenetrável, que é um mistério em si mesma. Sempre que me lembro dela sinto um latejar intenso e esse tremor, que é prenúncio de dor.

– Venha! – convidou-me vovó. – Vou apresentá-lo à nossa querida e amada filha Raio Cristalino.

– Por que ele se chama Raio Cristalino, vovó?

– Ainda falta a ela um par que lhe dê novas qualidades, meu filho.

– Cristalino, é? – perguntei enquanto sentia novamente aquele latejar e um tremor que quase me jogou ao solo – Acho que não estou me sentindo bem, vovó. Deixe para quando eu voltar a sentir-me melhor, está bem?

– Claro, meu filho. Vamos subir até onde tenho minha morada!

Ao ver que vovô não nos acompanharia, perguntei:

– O senhor vai ficar aqui?

– Não, meu filho. Estou acompanhando um filho amado que recebeu um novo campo de ação dentro do Mistério Curador. Vou visitá-lo, pois sinto que agora ele está receptivo às minhas irradiações.

– Está sim, vovô. Quando o verei novamente?

– Quando você desejar me ver, meu filho.

– Não me esquecerei disso. Obrigado, vovô!

– Até novo encontro, meu filho.

– Até ele, vovô.

– Temos certeza de que ela aprovou, filho amado. E tanto aprovou que já recolheu todos os nossos filhos sofredores, aqui curados por você.

Só então olhei para trás e vi centenas de irmãos e irmãs, plenos de luz, recolhendo aqueles milhares de espíritos curados de suas dores quando levantei meu cajado de ancião curador para o Alto do Altíssimo, onde está assentada nossa divina e amada mãe Oiá, ou a divina Ça-iim-ór-iá-yê, que muitos chamam de Orixá Oiá-Tempo".

Ainda contemplava o trabalho de recolhimento dos irmãos e irmãs sofredores, quando vovó apontou para uma irmã que resplandecia tanta luz que quase ofuscava minha visão humana, e perguntou-me:

– Filho, você já a conhece?

– Não, vovó.

– Não sabe quem é ela?

– Não, senhora.

– Você precisa conhecê-la!

– Vovó, a senhora não está sugerindo o que captei, está?

– Olhe-a melhor, filho! Você não a acha um tanto solitária, apesar de já ser detentora do grau celestial de mãe mediadora?

– É, a senhora realmente está sugerindo o que captei, sabe?

– Sei sim. Você não acha que formariam um lindo e encantador par natural nos domínios da nossa regente divina?

– A senhora viu isso?

– Vi. E aprovei, sabe?

– Sei. E espera que eu venha a formar um par natural com ela, não?

– Isso mesmo.

– Posso refletir um pouco a respeito?

– Claro que pode. Nos domínios do Tempo, você sempre tem o tempo que precisar para que possa refletir sobre as vontades que se manifestam por meio de desejos irrecusáveis.

– Entendo.

– Eu sei que entende, meu filho. Eu não tenho essa sua facilidade de sustentar certas manifestações no campo do amor, pois esse mistério é todo seu. Mas sei que você é o par ideal que ela nunca encontrou, e que facultará a ela um campo de ação muito maior que o que até agora ela tem para se doar em benefício de nossos filhos e filhas.

– Vovó, eu...

– Eu sei. Você deseja um tempo para refletir, não? Eu ainda me lembro de como foi difícil, para você, formar um lindo par com sua amada Estrela Dourada. Mas lembre-se que, após ter se decidido, sua Estrela incorporou os mistérios do Arco-íris Divino, e um vastíssimo campo de ação foi aberto a vocês dois. Reflita sobre isso, meu filho!

– Vovó, a senhora me permite uma observação?

– Claro que sim. Do que se trata?

– Bom, quando eu vivia no plano material, ouvia comentários sobre a natureza das mães Iansãs, e não acreditava muito neles. Mas acho que estava errado em não acreditar, sabe?

– Sei. O que comentavam sobre as mães Iansãs?

– Bom, diziam que, quando elas queriam algo, não desistiam ou sossegavam enquanto não conseguiam.

– Você acha que não desistirei ou sossegarei enquanto não vê-lo formando um lindo e encantador par com aquela minha filha amada?

Após beijar suas mãos, sorri e falei:

– Acho sim, vovó. E tenho certeza de que, no momento certo, essa sua vontade se manifestará como um desejo a ser realizado. Só espero que a senhora deixe tudo fluir naturalmente entre ela e eu.

– Claro que deixarei. Afinal, não tenho essa sua faculdade, que você usou tão bem com aqueles nossos filhos amados!

– Que outra faculdade semelhante a senhora tem, vovó?

– Ela é um mistério, meu filho. Espero não ter de recorrer a ela.

– Eu também! – concordei rapidamente, pois algo em meu íntimo, que não consegui identificar, latejou tão forte que senti um leve tremor percorrer meu corpo. Vovô perguntou-me:

– Você está bem, meu filho?

– Estou, vovô.

– O que foi esse tremor que captei em seu íntimo?

– Acho que me recordei de um vivência dolorida em uma faixa tão impenetrável, que é um mistério em si mesma. Sempre que me lembro dela sinto um latejar intenso e esse tremor, que é prenúncio de dor.

– Venha! – convidou-me vovó. – Vou apresentá-lo à nossa querida e amada filha Raio Cristalino.

– Por que ele se chama Raio Cristalino, vovó?

– Ainda falta a ela um par que lhe dê novas qualidades, meu filho.

– Cristalino, é? – perguntei enquanto sentia novamente aquele latejar e um tremor que quase me jogou ao solo – Acho que não estou me sentindo bem, vovó. Deixe para quando eu voltar a sentir-me melhor, está bem?

– Claro, meu filho. Vamos subir até onde tenho minha morada!

Ao ver que vovô não nos acompanharia, perguntei:

– O senhor vai ficar aqui?

– Não, meu filho. Estou acompanhando um filho amado que recebeu um novo campo de ação dentro do Mistério Curador. Vou visitá-lo, pois sinto que agora ele está receptivo às minhas irradiações.

– Está sim, vovô. Quando o verei novamente?

– Quando você desejar me ver, meu filho.

– Não me esquecerei disso. Obrigado, vovô!

– Até novo encontro, meu filho.

– Até ele, vovô.

Fiquei contemplando vovô até ele desaparecer. E pensei isto: quem acreditaria em mim se eu dissesse que meu amado pai Ogum de Lei, que é o mais ancestral dos pais Oguns mediadores, geralmente, entra na vida de seus filhos como um amoroso vovô ancião da Lei?

– Eu acreditaria! – exclamou aquela iluminada encantada do Tempo, de nome Raio Cristalino. Voltei meus olhos para ela e falei:

– Você não vale, irmã amada!

– Por que não?

– Primeiro porque você é uma filha do coração de vovô. E segundo porque, se não estou enganado, no Ritual de Umbanda Sagrada, você é a mediadora que rege toda uma linha de Caboclas do Tempo, não?

– Você já descobriu tudo isso sobre mim enquanto me observava?

– Sim.

– O que mais já descobriu?

– Muito pouco. Mas tenho certeza de que não vou descobrir mais nada.

– Por quê?

– Bom, você já bloqueou meu acesso mental, não?

– Bloqueei, sim. Não gosto de ser observada como você me observava.

– Desculpe-me. Acho que fui indelicado, não?

– Foi, sim. Quando desejar saber algo sobre mim, basta me perguntar que o esclarecerei.

Mais uma vez, senti o latejar íntimo e o tremor. Por via das dúvidas, ajoelhei-me diante dela e pedi seu perdão. Ela me perdoou, mas não deixou de advertir-me:

– Nós não temos o hábito humano de vasculhar o íntimo de nossos irmãos, sabe?

– Agora sei. Perdoe-me por desconhecer isso também. Prometo que não a importunarei mais, irmã amada. Perdoe-me, por favor!

– Já o perdoei, irmão. Só não apreciei vê-lo observando aqueles nossos dois irmãos. Se os havia curado, não tinha o direito de espioná-los.

Mais uma vez senti o latejar, e o tremor foi tão forte que tive de me amparar no meu cajado para não me desequilibrar. Acabara de descobrir que ela era portadora de um mistério negativo que, se ativado, era muito dolorido. E ela já o havia ativado contra mim assim que me vira acompanhando os dois irmãos ancestrais reconciliados. Após refletir um pouco, perguntei-lhe:

– Irmã, aquela nossa filha amada é uma de suas auxiliares?

– Sim. E vinha atuando muito bem como punidora dos espíritos libidinosos.

– Entendo. Privei-a de uma auxiliar muito importante, não?

– Ainda tenho outras, irmão curador. Só não apreciei sua atitude bisbilhoteira. Isso, nunca perdoarei!

– É, acho que não perdoará. Você já ativou seu mistério punidor contra mim e só uma dor muito grande o desativará, não?

– Isso é algo natural do meu grau e mistério, irmão.

– Compreendo.

– Você não vai reagir a ele?

– Não. Você tem suas razões e não compete a mim bloquear o livre manifestar delas.

– Pois devia reagir, sabe? – provocou-me ela.

– Não posso. Meu mistério não comporta a reação.

– Por que não?

– Se eu reagir, irei lançá-la na dor. E não foi para isso que consagrei minha vida ao mistério curador. Não mesmo, irmã solitária. Com sua licença!

– Onde pretende ir? – perguntou-me vovó.

– Não sei. Vou seguir o chamado dessa dor que está querendo se manifestar em meu íntimo.

– Você está observando sua irmã com seus olhos humanos, meu filho. Olhe-a com sua visão da Lei e a verá muito diferente. Não pense que ela é ruim ou insensível. Só é portadora de um mistério dual.

– Já vi isso, vovó.

– Então por que não reage ao polo negativo dele, se eu sei que você pode paralisar a ação dele em seu íntimo?

– Prometi a mim mesmo nunca mais reagir a um desejo. E se o que ela vibrou foi o de punir-me, então realizarei esse desejo dela.

– Revele a ela o que você fazia enquanto observava aqueles nossos filhos amados.

– Não posso, vovó. Não estou na hora regida pela minha amada mãe Iemanjá, que é a regente dessa minha faculdade.

– Então paralise o negativo do mistério dela até que chegue a hora dela em sua vida. Tenho certeza de que ela não reagirá a uma ação sua nesse sentido, meu neto amado.

Aquela irmã, vendo vovó estimular-me a paralisar o polo negativo do mistério que se manifestava por meio dela, perguntou:

– Mãe amada, por acaso escapou de minha visão alguma coisa que esse manto de ancião que ele usa está ocultando?

– Escapou-lhe sim, minha filha. Só que não tenho a permissão de revelar-lhe o que é. Só ele pode revelar-lhe, na hora regida pela divina Iemanjá.

– Sinto muito, irmão. Pode paralisar meu polo negativo que não reagirei à sua ação.

– Agora é tarde, irmã. Meu mistério já absorveu seu desejo e está possuindo todo o seu polo negativo. Santo Deus! Quantos gemidos de dor eu capto nos domínios regidos por ele!

Ainda a vi implorar com os olhos para que eu reagisse ao seu polo negativo. Mas foi a última coisa que vi, pois vovó falou:

– Vou tirar-lhe essa sua visão humana que tanto o tem atrapalhado, meu filho. Sem ela você só usará sua visão celestial e verá tudo sem precisar olhar para ninguém ou lugar algum!

– Não faça isso, vovó! – clamei, mas em vão, pois no mesmo instante perdi minha visão humana. E no instante seguinte algo muito dolorido explodiu em meu íntimo, jogando-me no solo enquanto eu emitia um grito de dor.

Todos os cacos de cristais recolhidos em meu íntimo afloraram e abriram meu corpo energético, pois o mistério negativo ativado por aquela irmã tinha o poder de desagregar os cristais. E em meu íntimo estavam todos os cacos absorvidos na faixa neutra e agregados ao meu todo energético.

Aquela irmã pegou em meu braço para me ajudar a levantar-me, mas, ao tocá-lo, sentiu os cacos e recuou assustada, pois não os tinha visto, já que o manto cobria todo o meu corpo.

– Dê-me meu cajado – pedi, muito aflito.

– O que fiz a você, irmão amado?

– Concedeu-me um minuto de dor na sua vida, irmã solitária. Só isso você me fez!

Vovó perguntou-me:

– O que fiz a você, meu neto?

– Atendeu ao desejo dela de cegar meus olhos "libidinosos", vovó. Só isso a senhora fez. Onde está meu cajado? Preciso dele para me guiar, agora que fiquei cego.

– Recorra à sua visão celestial, meu filho.

– Não posso. Eu estava com ela ativada por meio de minha visão humana. Quando a senhora me privou dos meus olhos humanos, ela se foi também, vovó!

– Não, meu neto. Ela é sua visão superior e nada ou ninguém pode anulá-la em você.

– O mistério dessa irmã pode, vovó. É um mistério cristalino e paralisa os sentidos ou os neutraliza. Cadê meu cajado?

– Está bem ao lado de sua mão esquerda. Onde você pretende ir?

– Vou recolher-me ao único lugar onde poderei curar-me e dominar o negativo dessa minha irmã chamada Raio Cristalino. Só no meio neutro encontrarei o mistério que o neutralizará. Santo Deus! Como doem esses cacos de cristal encravados no meu corpo energético!

– Sinto muito, meu neto. Só vislumbrei em vocês dois um par perfeito.

– Continue a vislumbrá-lo, vovó. Não o anule agora, senão esse seu desejo não se concretizará em uma de minhas vontades e sucumbirei ao polo negativo de Raio Cristalino. Tenho de alcançar o meio neutro, pois nele encontrarei um modo de neutralizar o polo negativo do mistério dela.

– Quem lhe disse que lá existe o neutralizador?

– Eu sinto que a resposta está lá. Com sua licença, pois tenho de alcançá-lo enquanto consigo manter-me de pé. Vovó, guarde meu manto, pois o peso dele oprime meu corpo e aumenta minha dor.

– Recolha-o em si mesmo, meu filho.

– Não consigo. A dor é tão intensa que estou impossibilitado até de recolhê-lo. Tire-o devagar, por favor!

– Eu o recolho, irmão – falou Raio Cristalino. Mas, quando ela o retirou, emitiu um grito de espanto e de dor, pois viu os cacos cravados em meu corpo energético.

Vovó também se espantou, mas foi por algo que viu em mim, e exclamou:

– Divino Criador! Então era debaixo desse manto que você estava oculto?

– Quem estava oculto debaixo desse manto, vovó?

– Você, meu desaparecido irmão ancestral.

– Quem sou eu realmente, vovó?

– Isso agora não importa. Vá ao seu centro neutro e domine o polo negativo de Raio Cristalino.

– Quem sou eu, vovó?

– Só você poderá responder a essa pergunta.

– A senhora viu em mim o que tenho tentado descobrir. O que foi que a senhora viu?

– Lá no centro neutro está a resposta. Vá até ele e descobrirá seu mistério original. Lá está a resposta que você tanto procura.

– Por que a senhora não quer revelar-me o que viu em mim?

– Só seu divino regente Ogum poderá revelar-lhe o que vi em você. Na hora dele em sua vida tenho certeza de que ele lhe revelará pessoalmente.

– Vovó, eu sou o adormecido Trono da Geração?

– Só o divino regente Ogum poderá reavivar toda a sua memória imortal.

– Vovó, quem era o adormecido Trono da Geração? Isso a senhora pode revelar-me, não?

– Para que se atormentar, irmão ancestral?

– A senhora já não me chama de neto. Por quê?

– Você é um dos meus irmãos ancestrais e, creia-me, eu o amo mil vezes mais que se fosse meu filho ou neto ancestral.

– Vovó, responda-me quem era o adormecido Trono da Geração senão logo morrerá em meu íntimo o amor que sinto pela senhora. E se isso acontecer, quando eu virar-lhe as costas também fecharei o portal que me liga ao Tempo.

– Você faria isso, irmão ancestral?

– Já estou gerando a energia da apatia com esse seu silêncio. Não permita que se feche meu primeiro portal de luz, vovó. Responda-me, quem era o adormecido Trono da Geração, por favor!

– Está certo. Já que você insiste, para preservar esse portal aberto, digo-lhe que o adormecido Trono da Geração era o celestial Ogum Sete Estrelas, meu irmão amado.

– Que Sete Estrelas, vovó?

– As Sete Estrelas do Arco-íris, meu irmão.

– Obrigado, vovó. Não me esquecerei que a senhora me revelou isso. Obrigado, irmã amada! Agora sei quem sou, e por que fui tão perseguido enquanto permaneci na dimensão humana. A senhora não imagina como é dolorido saber, só agora, o que meus irmãos assentados nos seus polos negativos sempre souberam e

tentaram tirar de mim. Santo Deus! Como é difícil desconhecermo-nos quando todos nos conhecem!

– Irmão, reaja ao polo negativo do meu mistério! – clamou Raio Cristalino. – Você traz em si mesmo tanto a paralisia quanto a anulação dele.

– Para que fazer isso, se logo outro polo negativo começará a atrair-me? É melhor aprender como dominá-los, senão jamais me livrarei da dor que sinto por ter tido minhas sete estrelas apagadas. Até outro encontro, irmã solitária, tão solitária quanto eu!

Com meu cajado abri um portal de acesso à faixa negra que cercava o meio neutro. Mas, como não podia vê-lo, fiz sair do meu cajado a encantada sete guizos e ordenei-lhe:

– Conduza-me com seus guizos até o portal, minha encantada rastejante.

Ela me ajudou a localizá-lo com minha audição, e logo penetrei novamente no mais temido dos mistérios da criação: a faixa negra que ocultava os mistérios cristalinos!

Não vou incomodar ninguém com o relato de como me foi difícil caminhar sobre aqueles cacos de cristais pontiagudos e cortantes, sempre seguindo o som dos sete guizos encantados. Mas se disser que a dor que eles me provocavam era maior que a que eu sentia por ter descoberto, finalmente, algo sobre minha ancestralidade, estarei mentindo.

Não, nenhuma dor superaria a que eu sentia naquele momento.

Eu já tinha plena certeza de que o adormecido Trono da Geração era eu mesmo, que era o desaparecido Ogum Sete Estrelas do Arco-íris, o Trono Guardião Celestial do Mistério Oxumaré, ou da Serpente Encantada do Arco-íris Divino.

Sim, finalmente eu havia descoberto por que fora tão perseguido por meus irmãos assentados em seus polos negativos. Eles eram as serpentes mortíferas aludidas por meu pai Guardião Beira-mar quando me contara uma história simbólica.

O Trono adormecido "adormecera" encarnando em um corpo humano!

Naquele momento, descobri-me como o mais desejado dos Orixás mediadores celestiais enviados à dimensão humana para participar de forma ativa no ciclo reencarnacionista humano. E havia sido necessário que vovó me tirasse a visão para que eu pudesse despertar do sono tão longo e permeado de doloridos pesadelos humanos. Quando senti que pisava na areia fina, ordenei à encantada sete guizos que se aquietasse e retornasse ao meu cajado, onde adormeceria novamente.

Então dei início à tarefa mais dolorida: livrar-me dos cacos encravados em meu corpo energético.

Eu ia arrancando os dos pés e jogando-os de volta ao cinturão escuro. Acho que passei uma eternidade até chegar aos joelhos, de tantos que tinham se encravado durante aquela caminhada cega.

Depois limpei os dois braços, a cabeça e o pescoço, para só então fazer o mais difícil: limpar meus olhos, praticamente cristalizados de tantos resíduos vítreos que haviam aflorado neles por causa do meu pranto de tristeza e remorso.

Aquilo foi como extrair finíssimas agulhas do cristalino dos meus olhos humanos. E quando terminei, senti que um líquido quente corria deles.

– Nem chorar posso mais! – pensei. – Minhas lágrimas são gotas de dor, tristeza e remorso. Como é triste nada saber sobre mim mesmo quando todos os meus irmãos assentados em seus polos negativos sempre souberam tudo e usavam seus conhecimentos a meu respeito para me paralisar na dimensão humana da vida!

Lembrar-me daquilo só me entristeceu mais ainda, mas me ajudou a arrancar os cacos encravados no resto do meu corpo, pois já não ligava para a dor. E quando arranquei o último e o devolvi ao cinturão vítreo, aquietei-me, deitei-me e adormeci profundamente.

Acho que dormi por milênios e milênios, pois quando acordei quase havia me esquecido de onde estava ou por que ali tudo era escuro.

– Bem, é hora de recuperar minhas visões e descobrir tudo o que me escapou das vezes anteriores que aqui já estive, pois esse é meu polo negativo, e estou no meio neutro dele, onde me sinto neutro.

Demorou muito tempo, mas aos poucos fui recuperando minhas faculdades visuais, e tanto as apurei que adquiri a visão das visões: a visão cristalina pura.

Quando me certifiquei que não estava delirando, pois via a areia à minha volta, e tão branca que se parecia com neve, observei o cinturão de cacos e assustei-me com o que vi: milhares e milhares de espíritos, seres encantados e seres naturais jaziam estendidos naquele leito vítreo que parecia não ter fim, de tão extenso que era.

Com uma ordem mental, minha encantada do Arco-íris os recolheu e os depositou sobre a areia macia, onde comecei a examinar alguns para descobrir a razão de tudo aquilo.

E, quando descobri, fiquei chocado: tal como a irmã Raio Cristalino, eu também possuía um poderoso polo negativo, e todos os que eram atingidos por ele eram puxados para aquele cinturão, que tinha por função proteger-me de suas iras vingativas ou investidas destinadas a apossar-se do meu mental e dos mistérios nele ocultados.

Estudei um daqueles irmãos paralisado no tempo e no meu negativo, até que descobri como neutralizar seu mental. Quando o neutralizei, todos os cacos encravados em seu corpo energético se soltaram de uma só vez, deixando-o livre de tão angustiante dor.

Então o despertei e o acalmei, pois para ele foi como retornar de um doloroso pesadelo. Quando ele se aquietou, perguntei-lhe:

– Você ainda deseja o meu mistério, irmão ancestral?

– Quem é você, curador?

– Eu sou aquele que possui esse negativo, irmão. Você ainda deseja apossar-se dos mistérios que se manifestam por meio desse meu polo energético?

– Não, Guardião do Arco-íris. Perdi tudo enquanto tentava me apossar dos mistérios do seu polo negativo. Onde estou que nada vejo?

– Você está no centro do meu polo energético negativo.

– Estou aprisionado dentro dele?

– Sim e não. Sim porque você o desejou e teve seu desejo realizado. E não porque meu negativo não o deseja mais. Você gostaria da sair daqui?

– É o que mais desejo, Guardião das Sete Estrelas do Arco-íris. Perdoe-me por ter tentado apossar-me do que não me pertencia.

– Já o perdoei, irmão. Espero que tenha aprendido sua lição e nunca mais tente possuir mistérios alheios. Contente-se com os seus, pois você também é um portador natural de mistérios, está certo?

– Sim, senhor. Como faço para sair daqui?

– Você está vendo aquele portal rubro, lá adiante?

– Só vejo um ponto vermelho.

– Vou expandi-lo um pouco mais para que possa vê-lo. E terá de ir abrindo um caminho até ele, pois daqui até lá existe um cinturão cristalino. Vou projetar o portal até aqui e você verá o que o deteve, atormentou e paralisou por tanto tempo, irmão ancestral.

Quando fiz aquilo, ele viu o cinturão vítreo e emitiu um grito de pavor.

– Foi sobre esses cacos que caí quando tentei atingi-lo?

– Foi sim, irmão. Sinto muito por você... e por mim, pois sua queda diante do meu negativo também me paralisou no tempo.

– Eu só queria alcançar esse centro neutro, pois diziam que aqui existia o mais poderoso dos mistérios já imaginados.

– Esse centro é realmente um mistério. Ele é neutro e é pura areia. Caso queira ficar aqui, ele é todo seu.

– Não, obrigado. Acho que perdi meu tempo, não?

– É, acho que perdeu, sim. Mas se quiser sair daqui terá de ir afastando os cacos e abrir uma passagem até aquele portal rubro.

– A alternativa é continuar prisioneiro neste centro neutro?

– Sim.

– Bom, vou começar a abrir o caminho. Preso por preso, afastando esses cacos, ao menos, tenho com o que me distrair, pois esse silêncio é atordoante.

– Logo outros se juntarão a você, e tenho certeza de que serão tantos, que em pouco tempo alcançarão a saída desse polo energético. Pode começar, irmão ambicioso.

Ele, cautelosamente, começou a catar os cacos e jogá-los para o lado, abrindo uma passagem até o portal rubro. E pouco tempo depois outros irmãos ambiciosos se juntavam a ele, todos preocupados em sair dali o mais rápido possível. Quando despertei o último de seu dolorido pesadelo, acho que já haviam aberto vários milhares de quilômetros dentro daquele cinturão de cacos de cristais. E

assim que ele entrou na passagem, ela começou a fechar-se às costas dele, que gritou apavorado:

– Vamos ser esmagados por esses paredões de cacos de cristais!!!

– Não serão não, irmãos! – falei, para tranquilizá-los. – Apenas ele está se fechando para preservá-los de suas ambições desmedidas em relação aos mistérios alheios.

– Tem certeza, guardião?

– Tenho, sim.

– Onde está você que já não o vemos?

– A faixa já me isolou novamente. Quando vocês ultrapassarem o portal rubro, ele também se fechará e me isolará de vocês para sempre. Retomem sua caminhada, pois acredito que perderam um bom tempo aqui, e à toa, pois no centro de um mistério só existe o vazio neutro que paralisa todo aquele que o ambicionou ou desejou-o.

Assim que o portal se fechou, o interior daquela faixa negra começou a clarear. Eu deduzi que a escuridão provinha das irradiações de dor que aqueles irmãos ambiciosos ali vibraram.

O solo arenoso ficou cristalino, de tão claro que ficou aquele centro neutro.

Sem entender ao certo o que era aquilo, resolvi sentar-me e refletir um pouco. Acho que durou milênios aquela reflexão, e deduzi que devia ser uma construção cristalina que havia desmoronado, com minha estrada no ciclo reencarnacionista.

– Eu devia ser o guardião desse mistério e, se caí, ele desmoronou aos cacos. Logo, esse cinturão era a estrutura cristalina que circundava esse centro neutro, também cristalino.

– Acho que aquele irmão astuto que se apresentou como sendo um Exu Pedra Negra poderá esclarecer-me certas dúvidas. Mas onde encontrá-lo, se tudo aqui dentro é tão claro que até o ônix desapareceu?

– Só o localizarei por meio de suas irradiações, que já sei como acontecem.

A procura do ônix abriu-me um campo assombroso, espantoso mesmo, pois descobri que as pedras do tipo quartzo irradiam de sete formas diferentes. E acho que demorei tanto no estudo delas que até me esqueci do ônix, pois fiz questão de dominar todo o conhecimento dos sete tipos de irradiações.

Além dessas descobertas, descobri muitos outros mistérios sobre ele. Mas não vou revelar nada aqui porque é pura magia energética.

Depois estudei todas as pedras que encontrei, e acho que ali havia de todos os tipos!

Só quando já ia desistir do ônix, pois não o encontrava em lugar algum, é que me lembrei de que ele podia ter sido recolhido pelo meu amado pai Omolu, quando eu fora até o centro neutro onde ele me recebeu e assentou-me em seus domínios.

– E se isso aconteceu, então cada pedra dessa é o portal de acesso a um domínio!!! – exclamei feliz e encantado com a descoberta.

Escolhi uma delas, dominei todas as suas irradiações e me deixei levar por uma que me conduziria ao seu centro ou a uma nova dimensão.

Sem pressa alguma, fui sendo arrastado como que por uma corrente energética refrescante e parei só quando me vi dentro de um "oceano" cintilante e levemente esverdeado. Eu podia nadar nele, de tão leve que me sentia.

E foi o que fiz: nadei, nadei e nadei. Eu absorvi tanto daquela energia, que tanto meu corpo quanto meus cabelos ficaram esverdeados. Os poros energéticos do meu corpo espiritual atraíam aquelas fagulhas cintilantes que iam aderindo a eles e os deixava brilhantes.

Depois de tanto nadar e observar em meu corpo energético e espiritual os efeitos daquela energia diferente, comecei a procurar um lugar que irradiava uma vibração que meu percepcional captava. Mas só a segui quando a vislumbrei e percebi que era dirigida para mim.

Segui o chamado a toda velocidade e no instante seguinte me vi no mais deslumbrante dos lugares já vistos até então. Era um centro neutro tão grande, mas tão grande, que não possuía começo ou fim. Fiquei tão deslumbrado com o que ali via que até me esqueci que alguém havia me convidado a ir até aquele lugar maravilhoso.

– Nossa!!! Que lugar fantástico! E único!!!

– Por que tanta admiração, irmão cristalino? – perguntou uma voz aveludada e encantadora, bem ao meu lado.

Meio abobalhado, olhei para aquela irmã mineral e perguntei:

– Foi você quem me convidou a vir até aqui?

– Sim.

– Por quê?

– Eu sou uma guardiã dessa morada mineral, e o vigiava desde que você penetrou em nossos domínios. Por que entrou aqui?

– Queria descobrir se aqui tinha vida, sabe?

– Já descobriu. Agora pode retornar ao seu reino cristalino.

– Não sou cristalino.

– Você é, sim.

– Não, não! Eu sou humano!

– De jeito nenhum. Eu conheço os humanos e sei distingui-los dos cristalinos.

– Vocês são o quê, irmã mineral?

– Você não me reconhece?

– Eu deveria?

– Claro. Você é um cristalino e deve conhecer todos os reinos minerais.

– Aí é que está. Não conheço quase nada, ou melhor, nada mesmo.

– Impossível! Você é um cristalino.

– Santo Deus, assim não vamos chegar a lugar algum!

– Onde você quer chegar?

– Quero conhecer tudo por aqui.

– Só com a permissão de minha regente isso será possível.

– Quem é ela?

Ouvi o nome mineral da regente dela, que traduzi por Mãe Oxum mediadora da Pedra Verde, e comentei:

– Conheci um nome simbólico do Ritual de Umbanda que distinguia uma linha de ação e trabalhos que deve ter alguma relação com essa nossa mãe Oxum.

– Que linha, irmão cristalino?

– É a linha dos Caboclos e Caboclas Pedra Verde. Mas também há os Pedra Azul, Pedra Roxa, Pedra Branca, Pedra Dourada, etc.

– São nossos irmãos minerais que vivem em outros reinos. Mas esses Caboclos Pedra Verde são espíritos que estão assentados junto de nossa regente.

– Verdade?

– Sim. Você deseja conhecê-los?

– Claro que sim. Puxa, que maravilhoso! Até que enfim estou descobrindo algo de novo.

– Você fica tão lindo quando irradia alegria!

– Você também é muito linda, irmã mineral. Todos por aqui são assim, tão bonitos?

– Só você poderá dizer se somos. Venha, vamos até minha regente, pois ela está ordenando que o conduza até seu Trono.

E aquela irmã mineral "esmeraldina" conduziu-me até o Trono regente ocupado pela mãe mediadora Guardiã Pedra Verde.

Simplesmente me faltam palavras para descrever o que vi ali. Mas atravessamos um portal que parecia ter sido feito de uma só pedra. Como parei para admirá-lo, ela me pegou pela mão, e não a soltou mais até que chegamos diante do Trono Mineral da Pedra Verde.

Após saudar aquela Guardiã da Pedra Verde e ter sido abençoado por ela, fiquei contemplando a imensa abóboda que cobria seu Trono. Meu criador, como é lindo aquele lugar!

Pode passar um trilhão de anos que jamais o esquecerei... nem às belíssimas irmãs minerais que vivem sob a irradiação dela, que, vendo em mim algo que não via em suas filhas, perguntou-me:

– Você quer assentar-se em meus domínios, irmão cristalino?

– Assentar-me?

– Sim. Assente-se, e o distinguirei com o grau de Guardião dos Mistérios da Pedra Verde.

– O que isso implica, mãe da Pedra Verde?

– Que você, venha a estar onde estiver, será um guardião dos mistérios do meu Trono.

– Estou na hora de minha vida regida pela minha divina mãe Oxum?

– Está, irmão cristalino.

– Eu devia ter percebido!

– Isso não o agrada?

– Muito pelo contrário. Tudo aqui me encanta e me extasia. Por que ninguém nunca me falou sobre tudo isso quando eu vivia na dimensão humana?

– Eles não conhecem os mistérios que os nomes simbólicos ocultam, irmão cristalino... humanizado. Vá conhecer um pouco dessa dimensão mineral. Quando se certificar de que absorveu a essência mineral aqui circulante, e que só acrescentará mais recursos ao seu mistério caso se assente aqui, então volte aqui que o assentarei e o distinguirei como mais um dos meus guardiões.

– Mais recursos ao meu mistério? Em qual deles?

– O da geração.

– A senhora já o detectou em meu íntimo?

– Não é preciso observar seu íntimo. Ele está tão visível aqui que só você ainda não percebeu isso. Observe melhor e descobrirá que ele está tão visível que muitas ligações já começaram a acontecer.

Após uma olhada mais apurada, murmurei:

– Então essa luz toda não é das fagulhas cintilantes. São cordões de ligação energética. Meu Deus, estou perdido!

– Por quê? – perguntou-me ela, que acrescentou: – Você já tem o grau de pai médio e pode sustentar todas essas ligações sem sofrer desgaste energético algum.

– Acho melhor assentar-me logo, mãe média Guardiã da Pedra Verde! Se eu sair por aí, logo não me verei mais por causa do número de cordões que surgirão!

– Isso o preocupa?

– Não, senhora. Mas... nossa! Até entre nós já surgiram cordões!!!

– Isso o incomoda?

– Isso me preocupa. Não sei como lidar ou reagir diante do que está acontecendo tão naturalmente. Essas ligações não pararão mais de acontecer?

– Só quando você esgotar sua capacidade de gerar energias nesse seu mistério. Aí advirá o equilíbrio e as ligações não mais se estabelecerão. Afinal, você foi humanizado justamente para isso.

– Para isso o quê?

– Para expandir sua capacidade de geração de energias. Aos meus olhos ela se mostra mil vezes superior a toda a população desse reino regido por mim.

– Então as ligações não pararão de acontecer.

– Chegará um momento em que surgirá um ponto de equilíbrio energético. Vá conhecer um pouco desse reino mineral!

– Sim, senhora. Preciso descobrir como as coisas acontecem por aqui, sabe?

– Sei.

– Não quero cometer mais erros. Não depois do último, sabe?

– Sei.

– Foi muito dolorido, sabe?

– Sei.

– E ainda não descobri como dominar o negativo daquela irmã Raio Cristalino, sabe?

– Eu sei como, irmão cristalino.

– A senhora sabe?

– Sei.

– Então me conte, por favor!

– Só depois de assentá-lo ao lado do meu Trono regente. Em qual lado você prefere assentar-se?

– Por quê?

– Se você se assentar à minha esquerda, só você terá mobilidade. Mas, se se assentar à minha direita, daí em diante, adquirirei uma mobilidade relativa que você me proporcionará.

– Eu lhe proporcionarei isso?

– Sim. Você tem essa capacidade natural por causa dos seus mistérios.

– Qual deles lhe dará essa mobilidade sustentada?

– Se você desejar, todos eles me darão.

– Mas para que isso aconteça terei de proceder como procedi com Estrela Dourada do Arco-íris!

– Isso o incomoda?

– Isso me preocupa, sabe.

– Por quê?

– Não sei lidar muito bem com esses mistérios.

– Com os mistérios minerais você não terá problemas, pois nós lhe ensinaremos como deverá lidar com eles. Quanto aos outros, você terá de aprender nas dimensões onde eles estão fundamentados.

– Bom, então terei de voltar ao centro neutro e dali ir até elas. É isso?

– Vá conhecer um pouco nosso reino mineral e depois falaremos sobre isso, irmão amado.

– Já ouvi esse tom de voz antes.

– Tenho certeza de que já ouviu. Só não se recorda, ainda! Agora vá...

– Já sei. Assim que conhecer algumas coisas por aqui, voltarei, está bem?

– Está sim, amado... irmão cristalino.

Eu saí de dentro daquela abóboda, de tanto ela ordenar que eu fosse conhecer aquele reino. Mas tive a sensação de que ela não só não queria que eu fosse como desejava me abraçar e reter-me ao seu lado. Sim, isso eu tive certeza.

Mas atendi à sua ordem e saí para conhecer um pouco do que havia naquele reino encantado. E, se não me bastasse a companhia daquela encantadora irmã guardiã, logo outras já nos faziam companhia e, sempre que podiam, tocavam em meus cabelos ou em outro ponto do meu corpo e, juro, com lágrimas nos olhos, me diziam: "como você é agradável de se sentir, amado irmão!".

Retribuía tocando nos cabelos delas e respondia que também era muito bom tocá-las.

No começo não percebi nada. Mas ao ver como ficavam felizes com aqueles simples toques, desconfiei que aquilo não era só um passeio de reconhecimento. Lembrei-me do que havia acontecido quando declarara a uma irmã do Arco-íris que desejava beijá-la e acautelei-me muito mais. Mas até meus pensamentos mais íntimos elas captavam, porque aquela irmã guardiã desconcertou-me ao dizer:

– Amado, ela agora é muito feliz! Você não deve incomodar-se porque fez o que sentiu vontade.

– Você ouviu meu pensamento?

– Sim. E vislumbrei aquela sua amada Estrela Cristalina. Você me leva para conhecê-la quando for visitá-la novamente?

– Você a vislumbrou?

– Sim.

– Como isso é possível?

– Através dos seus olhos. Tudo o que você pensa, refletes através deles. E nós vislumbramos a imagem de quem você está se lembrando. Daí, é só projetar a visão e vê-la como ela realmente é.

– Como se faz isso?

– Você não sabe?

– São muitas as coisas que desconheço, irmã amada.

– As que sei posso ensinar a você, meu amado irmão.

– Então me ensine, oras!

– Vamos até a cachoeira. Lá nos banharemos, e depois lhe ensinarei como vislumbrar os pensamentos por meio das irradiações dos olhos e muitas outras coisas, está bem?

– Se para você está, para mim também está.

Quando chegamos à tal cachoeira, fiquei deslumbrado com o que vi. Era uma queda de uma energia líquida tão verde que parecia esmeralda líquida. E caía de uma altura enorme, além de formar um conjunto de quedas que impressionariam qualquer um, como eu, acostumado com as limitadas cachoeiras do plano material humano.

– Você nunca viu uma assim antes, amado?

– Não. De onde vem essa água verde?

– Não é água, amado. É energia mineral líquida!

– Vocês a bebem?

– Se temos vontade, sim. Senão só nos banhamos nela e nos sobrecarregamos energeticamente.

– Puxa!

– Vou ensiná-lo como ver por meio das irradiações.

– Não é só através da irradiação dos olhos?

– Você precisa aprender e vou ensinar-lhe tudo o que sei sobre as energias minerais.

Bom, ali, e com tantas irmãs minerais me ensinando, aprendi como interpretar corretamente as irradiações de um ser, ou mesmo as das pedras.

Aprendi de onde vinha aquela caudalosa correnteza de energia mineral líquida, e até aceitei o convite para ir banhar-me nela.

Quando a provei, senti um gosto semelhante ao da água mineral gaseificada que existe no plano material humano. Quando aquela irmã guardiã, com as mãos

em conchas, colheu um pouco e passou em meu peito, era como se uma água sedosa estivesse deslizando pelo meu corpo energético.

– Que gostoso! – exclamei. Por que fui dizer aquilo, pois, no instante seguinte, várias mãos espalhavam aquela água verde sedosa sobre meu corpo e ficavam esfregando-a, até em lugares muito sensíveis a esse tipo de toque. E o único jeito foi mergulhar na lagoa ao pé da cachoeira e ficar encoberto até o peito para tentar conter o que já teimava em despertar.

Nadei de um lado até o outro, submergi e tentei dominar aquele latejar intenso, mas sem o menor sucesso, pois cada vez o sentia mais intenso.

Então observei que elas haviam se aquietado e se divertiam em observar-me e enviar-me intensas ondas vibratórias que só aumentavam aquele latejar. Então nadei até a margem onde estavam e perguntei:

– Por que isso?

– Isso o quê, amado?

– Essas ondas intensas que despertam esse latejar incômodo?

– Você alcançou seu limite aqui, amado. Já estabeleceu tantas ligações que suas fontes geradoras de energias se abriram naturalmente.

– Que fontes se abriram?

– As que existem nos seus mistérios e que são afins conosco, suas amadas, já ligadas a você.

– Entendo.

– Amado, estou pronta para ser humanizada por você.

– Humanizá-la?

– Sim. Você não sabe como fazer isso conosco, suas irmãs minerais?

– Prefiro que vocês me ensinem isso também. Não quero cometer nenhum erro ou falha ou pecado ou dano irreparável por aqui.

– Eu o ensino, se bem que vou me guiar no que vi através de seus olhos.

– O que você viu através deles?

– Você e sua amada Estrela Dourada do Arco-íris.

– Até isso você viu?

– Você se lembrou dela, amado. Ela é muito feliz, sabe?

– Sei.

– Então me humanize – pediu ela, já me abraçando.

– Como devo humanizá-la?

– Como humanizou suas Estrelas. Só isso desejo nesse momento... – falou ela, tomando a iniciativa do processo de humanização, e começando-o por um beijo sem fim. Ainda pensei: "Acho que a fase do namoro acabou". Ao que ela mentalmente respondeu:

– Acabou sim, amado. Já me sinto toda unida a você e só nos resta consumar nossa união. Una-se a mim e só me solte quando eu adormecer em seus braços, como Estrela adormeceu.

Ela irradiava tanto amor, mas tanto amor, que, de seus lindos olhos esverdeados, corriam dois grossos filetes de lágrimas.

– Por que você está chorando? Não era isso que desejava?

– É felicidade, amado. Estou tão feliz por finalmente ter um par que me completa em todos os sentidos que não consigo conter minha emoção.

– Você não está indo depressa demais com sua humanização?

– Você não imagina com está delicioso!

– Se todas essas lágrimas são de felicidade, acho que imagino sim.

– Então assuma de vez minha humanização, amado. Não deixe tudo por minha conta. Vivencie comigo esse momento tão esperado por mim, e que abrirá todo um novo estágio evolutivo para essa sua esposa amada.

– Esposa amada?

– Não é assim que você me chamaria se eu vivesse naquela dimensão humana?

– É, acho que seria assim. É isso que você se sente agora?

– Só me sentirei realmente plena se você vivenciar comigo este momento tão importante para a minha vida. Você vivencia?

– Claro. Resistir a tantos encantos, quem haveria de?

No pé em que as coisas já estavam, não vi outra alternativa senão concluir sua humanização, já iniciada por ela e já em estado "avançado". Acho que a humanizei tanto que chegou um momento em que ela falou:

– Amado, alcancei meu limite e sinto que vou adormecer. Deite-me e vigie meu sono enquanto humaniza outras irmãs minhas, pois sinto que você ainda está longe de alcançar seu limite.

Bom, acho que humanizei todas as que estavam ali, e não alcancei meu limite, ainda que tivesse colhido manifestações únicas do mais puro êxtase e declarações de amor eterno, impossíveis de descrever ou aqui repetir.

Fiquei ali, vigiando o sono delas e, ao contemplar suas irradiações, meus olhos inundaram-se de lágrimas, pois, se antes eram verde-esmeralda, agora havia novos pontos irradiantes que as tornavam verdadeiros arco-íris.

Tudo o que tinha visto acontecer com Estrela Dourada do Arco-íris, ali estava se repetindo. E dos meus olhos corriam lágrimas, lágrimas e mais lágrimas. Principalmente porque seus corpos energéticos haviam passado por uma acentuada transformação e adquirido uma semelhança acentuada com o corpo feminino humano. Enquanto tudo aquilo acontecia, eu sentia que amadureciam e habilitavam-se a um novo estágio de suas evoluções naturais. Se com Estrela Cristalina o mesmo havia acontecido e também com Estrela Dourada do Arco-íris, então não me restaram dúvidas. Eu era o adormecido Trono da Geração, que era o desaparecido Guardião Sete Estrelas!

E, aos poucos, os soluços foram se transformando em choro. E ali, observando-as, assim como a mim mesmo, chorei, chorei e chorei. E não pararia mais de chorar se aquela mãe mediadora da Pedra Verde não tivesse deixado seu Trono energético e vindo consolar-me.

– Não sofra tanto, amado irmão ancestral. Você apenas está despertando do seu longo sono na dimensão humana. Não volte para junto de nós com mágoas, remorsos ou tristezas porque não foi para isso que nosso divino Criador o enviou a ela. Reflita sobre tudo o que vem lhe acontecendo e descobrirá que você semeou

na dimensão humana os mistérios divinos da forma mais humana que lhe foi possível.

– Mas cometi tantos erros, falhas e pecados! Semeei a dor, a tristeza e o ódio. Reagi com violência às incompreensões de meus irmãos, e, quando começo a pensar nisso, as dores começam a latejar em meu íntimo.

– Não pense nelas. Não agora!

– Como não pensar, se não consigo esquecê-las?

– Venha, deixe-me envolvê-lo no imenso amor que vibro por você. Venha, deixe-me envolvê-lo todo e com tanta intensidade que o farei adormecer em meus braços. Conceda a si mesmo esse minuto de descanso e repouse no amor dessa sua amada irmã ancestral que o esperou, aqui mesmo, durante seu sono na dimensão humana e jamais deixei de lhe enviar intensas vibrações de amor, amor e amor.

– Você se lembra de mim e de como eu era?

– Sim. Como poderia me esquecer do meu grande e único amor nesse sentido?

– Como eu era?

– Igual em quase tudo. Só se aperfeiçoou ainda mais, amadureceu um pouco mais e tornou-se tão encantador que já não estou resistindo ao desejo de abraçá-lo e senti-lo novamente bem juntinho de mim. Venha, una-se a mim e conceda a si esse minuto de amor, amor e amor!

– Quero que ele dure uma eternidade, amada. Só assim não voltarei a sentir a dor.

– Só depende de você para que esse minuto flua com tanta intensidade que nunca mais os latejares de dor o suplantarão, ou ao êxtase do amor que vivenciará comigo nesse minuto de nossas vidas. Venha, una-se a mim e se recordará de onde você conhecia minha voz, pois tenho certeza de que o que de mim ouvirá não será diferente do que já ouviu tantas vezes, mas que adormeceu em sua memória quando você adormeceu em um corpo carnal, muito tempo atrás!

– Sinto que não me conterei se me unir a você, amada.

– Por que se conter se sou seu limite nesse reino? Venha, descubra-o em meus próprios limites, que, se não são amplos como os seus, no entanto são muito profundos!

– Quero adormecer em seus braços, amada irmã ancestral que renova minha vida.

Bom, uni-me a ela e fui envolvido por uma irradiação de amor tão intensa que vivenciei um minuto que durou uma eternidade. E adormeci em seus braços, que me envolveram com tanto amor, carinho e ternura que tudo, mas tudo mesmo apagou-se em minha memória consciente.

Ali mesmo, envolto pelo seu manto luminoso do amor, dormi o sono dos sonos, que antes jamais havia dormido. E meu despertar foi tão natural que não me soltei dela quando já estava desperto.

– Você está mil vezes mais linda, querida.

– Você também, amor da minha vida. Não sei se é a saudade que me faz vê-lo assim, mas sinto-o mil vezes mais encantador, atraente e amoroso. Seu estágio humano o aperfeiçoou tanto, dotou-o de tantos recursos em si mesmo e o tornou tão irresistível que não vou soltá-lo dos meus braços nunca mais!

– Quem deseja soltar-se deles? Eu não desejo!

– Não se solte, não. Fique aqui para sempre, irradiando esse amor multicolorido que só essa estrela viva em seu peito consegue irradiar.

– Estrela viva?

– Sim. Olhe-se e verá com seus próprios olhos o que antes só alguns irmãos e irmãs ancestrais conseguiam ver.

– Como isso é possível? Uma estrela que irradia uma mescla com as cores do Arco-íris!

– Dor alguma voltará a ofuscá-la novamente, meu cavaleiro do Arco-íris. E se em algum momento um só latejar de dor o incomodar, corra para mim que o envolverei todo e a anularei em seu íntimo com minhas vibrações de amor, amor e amor!

– Sou seu Cavaleiro do Arco-íris?

– Sim. Mas não é só meu. Olhe à nossa volta e veja como é amado.

Olhei e exclamei:

– Nossa!!! O que é isso?

– São suas amadas irmãs, que também o têm como Cavaleiro do Arco-íris. E assim que você se assentar ao meu lado, todas serão suas Pedras Verdes do Arco-íris.

– Mas são tantas irmãs encantadas! De onde saíram que eu não as tinha visto antes?

– Elas estavam na outra ponta dos cordões. E foram atraídas naturalmente depois que nos unimos em definitivo. Agora você as sustentará onde quer que venha a estar.

– Não terei de humanizar uma a uma?

– É claro que não. Eu, antes, era uma mãe encantada sem um par que me completasse. E elas se ressentiam de minhas limitações nesse sentido. Mas, agora que finalmente o tenho, por irradiações e por meio das vibrações que captam de mim, avançarão para um estágio natural da evolução. E o mais importante é que terão em você um poderoso par natural que as sustentará, pois o terão como ponto central de referência nesse sentido.

– É mais ou menos como aconteceu com Estrela Dourada?

– Não é mais ou menos. É igual, amado. Basta nós encontrarmos o par ideal e a plenitude nesse aspecto de nossas vidas é alcançada. Eu o encontrei há muito tempo, quando ainda não era uma mãe mediadora. Mas me senti tão plena após nos unirmos que, enquanto você vivenciava seu estágio humano, eu vivenciava meu estágio encantado. E como o tinha como meu par amado, cresci tanto como mãe que cheguei ao grau de mediadora encantada. Mas, a partir de agora e com você ao meu lado, passarei a ser uma mãe natural e darei a elas as condições de

alcançar novos reinos naturais ou encantados, onde também elas serão mães pequenas, aptas a adotar seus próprios filhos.

– Essa união propicia tudo isso?

– Sim.

– Eu ainda sei muito pouco. Mas existe algo que gostaria de descobrir.

– O que é?

– De onde vêm todas aquelas crianças que vi com Estrela Dourada?

– Posso levá-lo até uma dimensão encantada, mas ainda elemental. Nela verá uma pequena parte do Mistério Criança, da Umbanda Sagrada.

– Você pode fazer isso por mim?

– Só depois que se assentar ao meu lado em definitivo.

– Eu quero assentar-me, amada. O que ainda me falta em conhecimento de como as coisas acontecem por aqui, você os suprirá, não?

– Deixe isso comigo, está bem?

– Você me conduz de agora em diante, amada senhora!

– Venha, vamos até o Trono Natural das Sete Pedras, pois será nos domínios regidos pela nossa mãe ancestral Guardiã das Pedras que você poderá assentar-se ao meu lado.

– Antes de irmos, revele-me como anulo ou domino o polo negativo de nossa irmã Raio Cristalino.

– Amor é a chave, querido. Só com amor, amor e amor anulamos ou dominamos o polo negativo de alguém. Inunde a vida dela com muito amor, e o negativo dela adormecerá tão profundamente que dificilmente despertará outra vez. Todo irmão ou irmã encantado que alcança o grau natural, mas sem ter encontrado um par ideal, desenvolve o polo negativo. E é tão poderoso quanto o polo positivo, só que atua em sentido oposto.

– Se suas filhas encantadas não tivessem me adotado como par ideal, elas iriam alcançar o grau natural sem a plenitude no sétimo sentido e o teriam como polo negativo?

– Sim. E seriam tão solitárias quanto Raio Cristalino tem sido.

– Então o importante nisso tudo é ter um ponto de referência ao qual estejam ligadas por esses finíssimos cordões?

– Sim. Mas nada o impede de assumi-las diretamente, ou impedirá alguma de manifestar o desejo de ser... você sabe, não?

– De ser humanizada?

– É mais ou menos isso. Nunca negue uma vivenciação direta, pois será muito intensa e expandirá tanto a capacidade individual de quem solicitá-la, que no futuro será uma mãe média muito poderosa em sua capacidade de amparar filhos.

– Entendo. Mas esse negativismo não pode acontecer em outros sentidos?

– Acontece sim. Às vezes ele surge no sentido da fé, do conhecimento, da Lei, da justiça, ou mesmo do amor. Por isso, o par ideal em cada sentido é fundamental na vida de um ser. Ele consegue desbloquear os sentidos que porventura estejam abertos no negativo e não evoluem no positivo.

– Aí entram os regentes das horas da noite da vida de um ser, não?

– São eles que, usando seus magnetismos cósmicos, os atraem e os sustentam até que alcancem um limite individual e se aquietam. O tempo sempre proporciona algum meio de desbloquearem seus polos positivos!

– Entendo. Eu me sinto muito feliz por estar sendo útil a tantas irmãs encantadas. Agora entendo o empenho dos pais, mães e avós em me aproximar de tantas irmãs ainda sem um par ideal, portador de um mistério capaz de desbloquear os polos positivos negativados em algum ou vários sentidos.

Após me contemplar demoradamente e acariciar-me com delicadeza, ela comentou:

– Eles veem em você um par ideal em vários sentidos, não?

– Acho que sim.

– Você já conheceu o suficiente para, conscientemente, assentar-se ao meu lado?

– O suficiente, sim. Mas creio que muito mais ainda haverei de conhecer de agora em diante.

– Sempre estarei ao seu lado para esclarecê-lo, assim como sempre estive acompanhando-o durante sua jornada humana.

– Você acompanhou todo o meu estágio humano da evolução?

– Sim. E o vi tão próximo de voltar para mim em algumas vezes, que quase que eu não resistia ao desejo de tê-lo de volta. Mas nossa mãe maior limitava minhas ações, pois sabia que, ou você reconquistava sua sétima estrela ou não desbloquearia seu mais poderoso mistério, que desbloquearia todos os outros.

– Minha sétima estrela?

– A da Vida, amado! E você a reconquistou e voltou a ser um guardião do Arco-íris Divino.

Após refletir um pouco, contemplei-me demoradamente e perguntei:

– Esta é a minha sétima estrela?

– Sim. Ela é tão linda que encanta quem a olha. Veja como cintila mil cores diferentes. Saiba que cada cor é uma fonte natural de energias, e nelas muitos se sustentarão até que alcancem um estágio evolutivo superior, quando então também se tornarão geradores de energias análogas às que suas sete estrelas geram.

– Como entender um mistério dessa natureza?

– Não tente entendê-lo. Você deve integrá-lo de vez à sua vida e deixá-lo fluir o mais natural que lhe for possível. Ele é seu, e você é ele. Não se questione mais, pois, se fizer isso, só se atormentará sem obter a resposta do único que sabe por que o ungiu com a Estrela da Vida: nosso divino Criador.

Eu sou portadora de um mistério da Vida e não me questiono nunca. Sou assim porque assim me quis meu Criador. E quem entende que, se assim somos, é porque manifestamos uma vontade superior, ama-nos como somos e não nos questiona. Apenas se aproximam de nós e usufruem os mistérios que irradiamos continuamente até que se tornem, eles também, plenos nos mistérios que se abrirão em suas vidas. Mas, até que alcancem essa plenitude, é nosso dever ampará-los

e ajudá-los a evoluir em harmonia e equilíbrio. E, se não podemos sustentá-los em todos os sentidos, já que essa faculdade só o divino Criador possui, então os sustentemos nos sentidos em que somos mais plenos.

Aquela irmã média da Pedra Verde, com sua voz suave, delicada e irradiando amor em todos os sentidos, falou-me de uma forma tão especial sobre os mistérios do nosso divino Criador que chegou um momento em que minhas sete estrelas desabrocharam como um Arco-íris vivo em meu peito e irradiavam mil cores vivas. Em meu íntimo brotou um sentimento de amor, respeito, ternura e carinho tão intenso que me soltei de seus braços e a envolvi com os meus e com todo aquele amor que eu estava irradiando intensamente.

Não sei se me excedi, pois não pude conter aquela manifestação tão natural, mas a envolvi tão intensamente que ela não suportou tanta emoção de uma só vez e adormeceu em meus braços, envolta no Mistério da Estrela da Vida, que a possuiu em todos os sentidos e a marcou com tanta intensidade que uma estrela semelhante aflorou em seu peito e ali ficou a cintilar suas mil cores.

Quando me dei conta do que havia feito, vi todas aquelas irmãs que estavam à nossa volta, também elas, todas marcadas com a sétima estrela: a Estrela da Vida!

Todas elas haviam sido alcançadas por aquela manifestação natural de um dos mistérios das Sete Estrelas, e com tanta intensidade, que também elas haviam adormecido. Então murmurei:

– Nossa! Acho que me excedi ou não aquilatei direito o poder dessa minha sétima estrela! E que sono é esse que, mesmo adormecida, deixa correr lágrimas cintilantes? Acho melhor despertá-la, pois deve estar sofrendo!

– Ela não está sofrendo. Apenas repousou no êxtase que sua sétima estrela proporcionou-lhe, filho amado. Deixe que ela vivencie intensamente esse momento único, pois foi absorvida pelo seu mistério maior – falou-me uma encantadora mãe natural mediadora, que deduzi ser a regente do mistério Sete Pedras. Sim, porque a vi acompanhada por outras mães mediadoras que se distinguiam pela cor das pedras que ostentavam. E ela me confirmou:

– Sou sua mãe mediadora natural das Pedras e regente dos mistérios Sete Pedras, meu filho amado.

Fiquei embaraçado porque não podia saudá-la corretamente, já que amparava em meus braços uma das filhas encantadas de sua coroa preciosa. Diante do meu desconforto, ela falou:

– Não se incomode comigo, filho amado. Eu não resisti à visão de tanto amor em um dos meus domínios e vim usufruir dele diretamente de quem o irradiou. Eu trouxe comigo minhas filhas médias que formam com essa minha filha em seus braços minha coroa preciosa do amor divino.

– Mãe amada, eu... desculpe-me se me excedi, mas essa irradiação de amor foi tão intensa que...

– Eu sei, meu filho. Ela foi tão divina que alcançou meu Trono e atraiu minha atenção direta. E se foi tão intensa, então você terá de assentar à sua volta as

outras seis pedras de minha coroa preciosa, pois só assim suas irradiações não se perderão no tempo. Direcione-as para elas, e, quando elas já tiverem canalizado para seus Tronos, graus e mistérios todas as suas irradiações de amor e vida nesse minuto de sua vida regido pelo Mistério Sete Pedras do Amor Divino, então você se assentará à minha direita, e as assentará à sua volta, e as sustentará na irradiação de sua Estrela da Vida. Só assim esse meu minuto em sua vida será pleno tanto no Amor quando na Vida!

– Mãe amada, essa sua vontade já se manifesta em mim como um desejo a ser realizado.

– Vejo que sim, meu filho. Você permite que eu pouse minhas mãos sobre essa sua Estrela da Vida?

– A senhora precisa fazer isso?

– Eu desejo tocá-la, meu filho. Só tocando-a aquilatarei o real alcance e potencial dela. Não se assuste ou impressione se, quando eu tocá-la, ela irradiar com tanta intensidade que extrapolará meus domínios luminosos, está bem?

– Sim, senhora. Eu preciso conhecer um pouco mais sobre essa estrela da vida, e as outras também!

– Eu sei que você precisa. Só assim entenderá o que o está atraindo aos polos negativos regidos pelos regentes das horas da noite de sua vida. Deposite minha filha Pedra Verde no solo por um instante, senão ela será atingida pela irradiação que já pressinto que jorrará dessa estrela da vida em seu pito.

Fiz como me havia sido ordenado e já sentia em meu íntimo o intenso latejar de minha estrela da vida. Ele era tão poderoso que todo o meu ser começou a vibrar, e meus sentidos adormecidos começaram a despertar. E tentavam desobstruir-se!

Mas isso só aconteceu quando ela pousou suas luminosas e irradiantes mãos celestiais sobre minha estrela da vida, que, aí sim, explodiu como um vulcão, pois ela não irradiou só luzes multicoloridas.

Não, senhor. Ela irradiava energias líquidas que, após percorrerem um certo espaço, começavam a volatizar-se e diluir-se no meio das energias já existentes naquele lugar.

Eu via tudo aquilo acontecer com tanta intensidade, e de forma tão incontrolável, que precisei ajoelhar-me e apoiar-me no solo, senão cairia e perderia o equilíbrio, já sustentado a muito custo.

Aquela explosão parecia não ter mais fim, e até meu corpo energético começou a ser influenciado por ela, pois meu corpo espiritual começou a irradiar cores alternadas. O que antes acontecia só em minha sétima estrela passou a acontecer em todo o meu ser imortal, e um só nos tornamos. Eu era minha sétima estrela e ela era eu, e fluía através de todos os meus sentidos.

O que aconteceu ali realmente não consigo, não sei e nunca poderei descrever. Mas de tantas energias que aquela minha sétima estrela irradiava, uma névoa multicolorida foi se formando, e com ela veio, agora de frente, aquele canto encantado da Ninfa da Vida.

Meu ser vibrava tanto que eu nada conseguia ver. Mas o canto estava tão próximo que o localizei e direcionei-lhe, com minhas próprias mãos, o fluxo que jorrava de minha sétima estrela.

Aos poucos aquele canto foi se aquietando, e só o ouvia em partes, até que se tornou inaudível. Então a névoa começou a refluir para dentro de minha estrela da vida, e começou a devolver-me o equilíbrio vibratório, energético e irradiante.

Mais algum tempo se passou até que minha estrela voltasse ao estado de repouso e ficasse novamente cintilante. Contemplei-a demoradamente e a acariciei com minhas próprias mãos por um longo tempo, como que sentindo por meio do tato todo o seu poder irradiante, energético e gerador de energias.

Quando me dei por satisfeito, enxuguei minhas faces com as costas das mãos, em seguida, cobri todo o meu peso com minhas camisas brancas.

Depois inspirei profundamente e disse a mim mesmo: se assim eu sou, é porque assim eu era e assim meu Criador deseja que eu seja! E porque em mim os desejos se realizam na forma de vontades, então, por meio de mim, as vontades maiores se manifestarão. Já sei quem já fui, e quem deixei de ser. Agora só me resta começar a ser o que nunca deixarei de ser: um mistério do meu divino Criador!

Sim, ali havia acontecido mais uma manifestação do divino Oxumaré em minha vida, e ela havia se processado por meio de minha sétima estrela. E porque a estrela havia absorvido a névoa que proporcionava o meio ideal para que as manifestações acontecessem, deduzi que dali em diante as condições ideais estavam em mim mesmo e fluiriam naturalmente pela minha sétima estrela.

Pensando nisso, pousei minhas mãos sobre ela, já coberta com minha camisa branca e ocultada de todos, e pude sentir no seu forte latejar a confirmação de que a névoa havia se integrado ao todo energético dela.

– Sinto que já posso controlá-la – murmurei. – Ela, de agora em diante, é tão parte de mim que posso ativá-la ou desativá-la segundo minha própria vontade, ou graduar suas irradiações segundo as necessidades de quem for alcançado em seu campo de ação. Contemplei tudo à minha volta e vi que todas aquelas irmãs demorariam para despertar do sono induzido pela névoa. Então aquietei meu ser e sentei-me na beira do lago, onde fiquei aguardando que o efeito sonífero passasse e despertassem. Só bem depois, passou o efeito, e elas foram despertando do sono.

Aquela amada mãe média natural do Mistério Sete Pedras veio até onde eu estava e perguntou-me:

– Deseja saber mais alguma coisa, Guardião do Mistério do Arco-íris da Vida?

– Não, senhora.

– Quer que eu lhe fale sobre a estrela da vida?

– Não.

– Talvez deseje saber algo sobre o desaparecido Guardião Sete Estrelas.

– Também não.

– Quem sabe sobre o Mistério do Trono da Geração.

– A senhora o conheceu?

– Em parte.

– Por que só em parte?

– Jamais conheceremos um mistério em sua totalidade. A ninguém foi concedido esse direito.

– Nem a quem o manifesta?

– Não. A cada novo nível de interpretação que você alcançar, um nível mais amplo se mostrará e, quando conseguir decifrá-lo, descobrirá que o anterior era só uma chave de abertura de um novo e muito mais amplo nível de interpretações. Aquiete seu íntimo e deixe tudo fluir naturalmente, pois um mistério, ao manifestar-se, tanto pode nos ser gratificante quanto tormentoso. O mesmo mistério que sustenta a fé pune o descrente. Não existe um mistério sustentador da fé e outro que é punidor do descrente. O simples ato de negar o Criador já nos exclui do seu rebanho de ovelhas e nos coloca no centro de uma voraz matilha de famintos lobos. Esse mesmo princípio se aplica a todos os mistérios. E, no caso do Mistério da Geração, a simples recusa em deixá-lo fluir naturalmente já o colocará no campo de negação da vida, que é o campo da morte.

– Entendo. Vou deixar que tudo flua naturalmente e vivenciarei tudo o que acontecer como sendo parte de minha própria existência.

– Alegro-me por ver que finalmente deixará de anular em si mesmo essa sua sétima estrela.

– Eu a anulei muitas vezes?

– Sim. Mas havia razões superiores impondo-se em sua vida e induzindo-o a não deixá-la aflorar enquanto elas não se esgotassem. Só não tente descobrir quais eram, pois nunca obterá uma resposta que o satisfará plenamente. Apenas viva cada minuto de sua vida em paz, harmonia e equilíbrio!

– Entendo.

– Sinto que entende, irmão ancestral. Só não me olhe assim.

– Eu gosto de olhá-la. Quando a vi surgir, não divisava suas feições porque suas irradiações ofuscavam meus olhos. Mas agora, não sei por quê, a vejo tão claramente que...

– Continue.

– Acho que não devo.

– Por que não?

– Bom, vejo-a tão claramente que quase posso sentir sua pele, ou o que quer que seja, aqui, mas que reveste seu corpo energético.

– Como sente essa minha "pele"?

– Não sei ao certo, mas creio que é um misto de cetim e veludo. Talvez um cetim aveludado, ou vice-versa.

– Essas são definições com os recursos descritivos do meio material humano, querido irmão.

– Por enquanto é o meio que recorro para estabelecer comparações. Talvez com o tempo eu venha a ter maiores recursos para estabelecê-las, não?

– Com certeza. Já eu o vejo tão luminoso e irradiante que até impressiona meu corpo energético.

– Como isso acontece?

– Você ainda se lembra de como se sentia quando eu me aproximava de você no plano material humano?

– Você fazia isso?

– Sim. E você se sentia todo irradiado e enlevado. Lembra-se agora?

– Acho que sim.

– Lembra-se do que dizia?

– Que eu gostaria de ser envolvido eternamente por aquelas irradiações?

– Sim. Mas agora sou eu quem digo que gostaria de ser envolvida por suas irradiações e sentir o calor que essa sua estrela viva irradia.

– É tão intenso assim o calor dela?

– Você não o sente em si mesmo?

– Sinto. Mas o sinto como parte de mim e seu fluir é natural.

– Para mim ele e tão intenso que abrasa minha "pele" e incandesce meu corpo.

– Por que não caminhamos um pouco enquanto conversamos?

– Caminhar?

– Você não faz isso?

– Sou uma mãe mediadora assentada, irmão amado. Não tenho essa liberdade em meus domínios.

– Como fazia quando tinha de ir ao plano material humano, irmã?

– Isso é diferente. E eu só adentrava nele quando queria vê-lo frente a frente. É assim que dizem nossos filhos humanos, não?

– Ver de perto é o mais correto, irmã ancestral.

– Entendo. Mas não me olhe assim, está bem?

– Por que não? Só estou contemplando sua beleza natural.

– Você está é me encantando, sabia?

– De jeito nenhum. Você já é uma encantada!

– Encantadas também são encantadas.

– São, é?

– São, sim. E além disso, não sei o que aconteceu com você, mas tenho a impressão de que seus olhos enxergam tanto que essa minha veste mineral não é obstáculo a eles.

– O que a leva a pensar isso?

– As irradiações que fluem através dos seus olhos a ultrapassam e aquecem meu corpo energético onde você pousa seus olhos. Sinto como se você estivesse me tocando com sua visão.

– Desculpe-me. Acho que ainda não sei o real alcance do que aflorou em meus sentidos. O visual inclusive!

– Você vê além dessa minha veste mineral?

– Tenho de responder-lhe?

– Eu gostaria de saber, ainda que pressinta que agora você vê além delas.

– É, acho que vejo. Desculpe-me, por favor. Não tive outra intenção que a de apreciar sua beleza natural. Prometo...

– Não diga essa palavra. Não para mim!

– Por quê? Acho que ultrapassei meus limites e invadi os seus.

– Nunca prometa fazer ou não fazer algo até descobrir para que servirão as faculdades superiores que se abriram em você. Só quando tiver plena certeza de quando deverá usá-las, ou não, então imponha a você mesmo um limite. Mas sem promessas ou juramentos, pois mais adiante poderá ser obrigado a desrespeitá-los e aí será incomodado por sua consciência. Por que não me leva para caminhar um pouco no plano material humano? Lá, posso fazê-lo tranquilamente, pois é um "condomínio" ou um domínio comum a todos os regentes.

– E quanto aos assentamentos?

– Quando retornarmos, então acontecerão naturalmente.

– Sabe, acho que estamos nos deixando encantar um pelo outro. Você não sente isso?

– Sinto, sim. Você acha que devemos bloquear esse encantamento tão natural?

– Eu não desejo bloqueá-lo.

– Nem eu, guardião do meu sétimo mistério.

– Ótimo. Então escolha um lugar que queria revisitar, e vamos até ele.

– Você promete trazer-me de volta aos meus domínios?

– Prometo. Mas por que pediu isso?

– Não sei. Mas você sabe o que está acontecendo entre nós?

– Ainda não tenho certeza.

– Segure minhas mãos e não terá mais dúvidas.

Após segurá-las, eu as senti trêmulas e perguntei:

– Por que está vibrando assim?

– Você não sabe?

– Acho que sei. Já vi isso acontecer antes.

– Então vamos caminhar um pouco, antes que eu fique impossibilitada de me mover.

Bom, caminhamos por muitos lugares do plano material humano, e só retornamos quando cessou aquela vibração que a incomodava. Eu me assentei, como havia prometido, e também como ela me solicitara, pois me honrou com o grau de Guardião dos Mistérios das Sete Pedras da Coroa do Amor Divino.

– Prometo guardar esses mistérios com minha própria vida – disse eu, quando fui honrado com tão nobre grau. E assim pude conhecer a fundo todos os domínios regidos pelo Mistério Sete Pedras. Quando me dei por satisfeito, pedi para conhecer o mistério "crianças", e fui levado por aquela amada irmã média até a dimensão elemental mista onde a energia básica que a sustenta é mineral. Ela, já tendo adquirido mobilidade plena, se fez acompanhar por suas sete pedras preciosas naquela visita única àquela dimensão regida diretamente pela nossa

amada "Iá-mi-iim-dab-in-si-yê", ou como a chamamos na Umbanda Sagrada: nossa amada mamãe Oxum.

Não entramos nas dimensões básicas senão com a autorização direta dos seus regentes naturais. E foi realizado todo um ritual à nossa amada mãe Oxum, em que foi solicitada a permissão para que eu pudesse visitá-las e conhecer parte daquele mistério.

Quando a permissão foi concedida, um portal mineral luminoso abriu-se diante de nós e, de dentro daquela dimensão, que, de tão multicolorida, até parecia um Arco-íris sem fim, saíram algumas guardiãs minerais que portavam na mão direita um símbolo sagrado e repousavam a esquerda sobre o cabo de espadas sagradas minerais.

Elas exigiram que eu lhes entregasse minhas vestes energéticas. Ao dizer que só possuía aquela minha veste branca, uma delas me falou:

– Vocês têm muitas outras, irmão guardião. Com essa aí, você pode ficar!

– Tenho?

– Tem. Mas, se desconhece esse mistério, permita que o dispa de todas elas. Eu as guardarei e lhe devolverei quando você deixar nossa dimensão.

– Para mim, está bem, irmã guardiã. Esse é mais um mistério que preciso conhecer.

– Caso deseje, posso ensiná-lo, depois que você conhecer o que nossa amada mãe quer que conheça.

– Será um prazer aprender com você, irmã guardiã mineral.

– Ficarei aguardando o término de sua visita, irmão. Quando terminá-la, então o ensinarei sobre esse mistério que o atraiu.

Bom, não sei como, mas ela estendeu aquele símbolo sagrado mineral na direção de meu peito e extraiu do meu íntimo um fluxo energético que foi dando origem à formação de tantas vestes, tão diferentes, que exclamei:

– Santo Deus!!! O que é isso!!!

– São suas vestes, irmão. Em cada encarnação, você usou uma delas. E, para cada mistério que absorveu ou desenvolveu, uma também o cobriu.

– Incrível! Já vivi todas essas vidas na carne ou absorvi todos esses mistérios?

– Já, irmão guardião. Sinto-me feliz por ter merecido a honra de despi-lo de todas essas suas vestes. Muitas delas jamais vi antes.

– Eu só vi os mantos que já usei e esta, que eu usava no plano material. Acho que tenho muito a aprender!

– Ou rememorar, não?

– Isso também. Mas acho que estou me sentindo mais leve e mais nu que nunca, sabe.

– Todos se sentem assim, irmão guardião. É natural essa sensação. Vou guardar suas vestes e as devolverei quando nos deixar mais uma vez.

– Mais uma vez? Então já estive aqui antes?

– Já.

– Quando?

– Quando era uma criança e aqui estagiou, amparado pela nossa amada mãe Oxum, nossa regente mineral.

– Quando foi isso?

– Quem sabe? Como precisar uma data se o tempo "material" ou humano não é o mesmo que o nosso?

– Qual é o seu, irmã?

– Para nós, o que conta são as idades. Você um dia vivenciou sua idade infantil, e, quando isso ocorreu, não pôde ser datado, pois tal vivenciação pode ter ocorrido em outras eras geológicas do planeta Terra que você conhece bem, ou mesmo pode ter sido sob a regência magnética de outro planeta. Quem saberia dizer onde isso aconteceu nada diz. E quem ousar dizer algo a esse respeito, com certeza nada sabe.

– Entendo. Estou pronto, irmã guardiã mineral.

– Siga-me.

Assim que adentrarmos naquela dimensão o portal mineral fechou-se, e me vi no interior do mais indescritível meio energético até então já conhecido por mim. E, por atração magnética, no instante seguinte já estávamos diante de um Trono elemental mineral, que, creiam-me, é indescritível.

A concepção humana que idealizamos para o mistério Oxum é tão pobre que não dá nem para se fazer uma comparação. Mas saibam que os arquétipos de Oxum pintados por artistas das "formas e das cores" não têm muito a ver com esse mistério mineral elemental.

Após observá-la, deduzi que nossa imaginação humana é tão deficiente, ou limitada, que nunca conseguiremos descrever um mistério como realmente ele se mostra à nossa visão.

Creio que esse nosso limite é uma imposição da própria Lei da evolução, senão abandonaríamos a dimensão humana e nos fixaríamos em definitivo nos domínios regidos pelos Sagrados Orixás, de tão exuberantes que são.

Mas o fato é que, diante daquele Trono mineral, me desmanchei em lágrimas de amor, felicidade e bem-estar. E vibrei todo quando aquela mãe elemental falou comigo.

A comunicação se processa por vibrações, e cada ideia, pensamento ou palavra pensada movimenta energias coloridas que se dirigem a quem estamos nos dirigindo. Imediatamente me ocorreu o mistério das formas-pensamento que vibram na dimensão humana, e que só se desfazem se forem descarregadas por choques energéticos que as diluam no éter.

Mas ali elas não se plasmam. Apenas chegam a quem nos dirigimos, e depois se diluem naturalmente, deixando de vibrar.

Eu estava tão absorto naquela reflexão que exclamei: – É o eco! É isso! – Mas logo me dei conta de que estava agindo como um infante deslumbrado, e desculpei-me por minha infantilidade. Aquela mãe elemental limitou-se a sorrir e envolver-me em suas irradiações multicoloridas de amor e vida. No mesmo instante, ela abriu para mim o mais encantador dos mistérios divinos: o mistério

"crianças". Vou usar palavras e figuras humanas para descrevê-lo: vi-me em meio a um oceano energético, dentro do qual viviam tantos bebezinhos, mas tantos, que é impossível quantificá-los. Seriam bilhões ou talvez trilhões. Quem sabe qual é o número deles não diz. Mas eu me vi em um local que, ali sim, é um berçário divino!

– Meu Deus! Que coisa mais divina! – exclamei encantado.

Eu havia sido conduzido aos domínios minerais onde os seres, ainda elementais, vivem sua primeira infância. Eles não possuem uma forma igual à do corpo humano. Mas são tão infantis quanto os recém-nascidos do plano material. E movimentam-se naquele oceano mineral com uma desenvoltura que encanta. Só que no centro daqueles exames de bebês elementais sempre está uma mãe elemental, que vibra o tempo todo um amor tão intenso por seus filhinhos que todos são inundados pelo amor materno que elas irradiam continuamente. Até posso afirmar que aquelas mães são amor vivo na forma de mãe. E quando não mais me contive, comecei a vibrar amor por elas, que são tão encantadoras que sentimos vontade de abraçá-las.

Que sentimento divino se apossa de nós! Como é limitado nosso amor paterno no plano material humano!

Nele só amamos, e pouco, nosso próprios filhos. Mas ali somos possuídos por um amor tão intenso que todo o nosso ser vibra amor, amor e amor, por todas aquelas crianças. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, mas comecei a irradiar tanto, mas tanto amor paterno que colhia em minhas mãos aqueles bebezinhos, e os beijava e abraçava, envolvendo-os com meu amor, que deixou de ser paterno e tornou-se amor vivo à vida.

Acho que me excedi naquelas irradiações de amor, pois atraí muitas daquelas mães elementais que foram me adotando como par, já que dos seus corações saíam cordões multicoloridos que as uniam ao meu coração.

Ali amadureci meu amor paterno, de tal forma que me transformei em um doador natural desse tipo de amor. E tanto amadureci que alcancei meu próprio limite nesse sentido dentro daquela dimensão elemental mista. E para onde ia, era seguido por centenas daquelas mães adoráveis e nossos, isso mesmo!, nossos encantadores filhinhos, que colhiam nossas irradiações como se estivessem se nutrindo de um novo padrão de amor.

Eu sentia meu peito como uma inesgotável fonte de amor, e via que, para cada raio que dele saía, uma criança havia sido adotada por mim e recebia de meu coração aquela energia irradiada na forma de vibração de amor paterno.

Não dá para quantificar quanto tempo ali permaneci. Mas dali não sairia nunca mais se aquela mãe Oxum elemental mediadora não tivesse me tomado pelas mãos e me conduzido até os domínios da mãe Oxum maior elemental, e diante dela me apresentado como seu par ideal, com o qual ela gostaria de ser assentada nos novos domínios que haviam se aberto para ela, uma mãe elemental ancestral.

Não vou comentar como é, ou como vi a mãe Oxum maior elemental, já que não existem palavras para descrevê-la. Mas a amei, amei e amei. E fui envolvido com tanta intensidade pelo amor que ela me irradiou, que simplesmente explodi em luz e cores. Nem vou dizer como fui assentado ou como tudo aconteceu. Mas que hoje também sou um pai mineral médio assentado à direita de minha mãe Oxum elemental, isso eu sou. E posso estar onde estiver, que aquela mãe Oxum mediadora elemental recebe do meu coração e de minhas fontes vivas de energias minhas irradiações de amor, amor e amor.

Mas aquelas ligações mal haviam começado, pois aquela minha mãe Oxum maior elemental, não sei como, reuniu à sua volta, em um piscar de olhos, tantas mães Oxuns médias mistas que exclamei:

– Santo Deus! Que mistério grandioso, divino mesmo, é esse!

Vi mães Oxuns mistas com o fogo, com a água, com a terra, com o ar, com os cristais, com os vegetais, etc., e eram tantas, mas tantas, que minha visão não conseguia abarcar todas de uma só vez.

Eu não soube naquele instante o que estava acontecendo ali, mas aquela minha mãe maior pousou seus olhos divinos nos meus e perguntou-me:

– Meu filho amado, todas essas minhas filhas amadas ainda não têm um par ideal para que eu possa assentá-las em um nível definitivo. Mas, vendo-o, e achando-o o par ideal médio para elas, trouxe-as para que você as assuma. Você deseja assumi-las?

– Mãe amada, esta é sua vontade para com este filho do seu amor divino?

– Esta é minha vontade, meu filho amado.

– Sua vontade divina já flui em de mim como mais um dos meus desejos, e desejo formar par ideal com quantas desejarem formar comigo um par ideal.

Nem bem havia falado aquilo e já vi surgirem tantos cordões ligando-me a tantas irmãs médias elementais que minhas fontes geradoras de energias minerais mistas expandiram suas capacidades de gerarem energias, assim como de absorver as que delas comecei a receber. E minha mãe Oxum elemental, após examinar minha capacidade geradora de energias, falou-me:

– Filho amado, seu estágio humano o tornou único nesse aspecto. Sua capacidade de sustentar ligações é divina e transcende sua, ainda limitada, capacidade de compreensão do que acaba de assumir. Mas, para que não se surpreenda com o que elas solicitarão de você de agora em diante, digo que o assentamento implica múltiplos deveres. E um deles, para que você não se surpreenda, é o grau de esposo.

– O que isso significa, mãe amada?

– Que em você cessam os desejos delas, pois têm a você, a partir de agora, como o par masculino que as sustentará energética e emocionalmente desde o sétimo até o primeiro dos sentidos. E, ou você as sustenta em todos os sentidos, ou a evolução delas será deficiente no sentido que você não suprir as necessidades energéticas e as carências emocionais delas, que já são, todas elas, suas pares

ideais, ou esposas minerais mistas. Eu as confiei a você porque confio em sua imensurável capacidade de amar e gerar energias equilibradoras.

– Acho que a senhora já viu em mim o que ainda desconheço. Mas se as confiou, tudo farei para não lhe faltar com a confiança em nenhum sentido. E tenho certeza de que estarei recebendo da senhora todo o amparo necessário para sustentá-las como par ideal.

– Filho amado, existe um grau único que só um guardião ancestral do Arco-íris Divino é capaz de ocupar, de absorver seu Trono energético em si mesmo, e de passar a ser, nos domínios e dimensões minerais, o manifestador dos mistérios que por ele fluem naturalmente o tempo todo.

– Eu sou um desses guardiões, mãe divina do amor?

– Você agora é. Mas terá, caso queira ser ungido e distinguido como tal, de assumir o lado cósmico dos mistérios minerais, assim como todas as mães minerais médias cósmicas que, naturalmente, se ligarão a você. E terá de dar a elas total sustentação energética e emocional.

– Energética e emocional? – perguntei, engolindo a seco o nó que se formou em minha garganta quando ouvi aquilo.

– Em todos os sentidos, filho amado.

– Mãe amada, ouvi algumas coisas sobre suas filhas minerais cósmicas, sabe?

– Sei o que você ouviu, meu filho.

– A senhora acha, quero dizer, bem... a senhora vê em mim os recursos para assumi-las como pares cósmicos?

Ela nada falou. Apenas vibrou alguma coisa que me alcançou e abriu minhas fontes geradoras de energias até um limite que me assustou. Então eu mesmo respondi:

– Estou preparado, mãe amada! E tanto estou que desejo assumir esse grau único reservado aos guardiões do Arco-íris Divino.

Sem saber ao certo o que acabara de assumir, vi surgir ali mesmo um trono energético mineral misto único e indescritível. E ela me ordenou:

– Assuma seu trono, Guardião Celestial dos Mistérios Minerais Mistos!

Assim que me assentei naquele trono energético, alguma coisa se alterou em meu íntimo, e senti-me sendo dotado de um magnetismo único e indescritível.

– Recolha-o em si mesmo, filho amado – ordenou-me aquela minha mãe Oxum maior elemental. – Fixe sua visão nos meus olhos, que lhe darei sustentação mental durante a absorção desse teu novo grau dentro dos meus domínios e nas dimensões minerais mistas.

– Sim, senhora.

Bom, eu absorvi em mim mesmo aquele trono energético, e senti em mim mesmo, ou melhor, em meu íntimo, seu extraordinário poder, que passou a fluir através dos meus sentidos. E como fluía!

Ela precisou sustentar-me até que me acostumasse com ele e o transformasse em parte do meu todo energético, e só deveria latejar em meu íntimo. Eu só

lhe daria vazão quando fosse solicitado ou julgasse necessário recorrer aos seus mistérios energéticos.

Acho que é difícil para um ser humano entender realmente o que estou relatando com certa cautela. Mas assumir um trono energético daquela envergadura, e mineral misto é o mesmo que ter dentro de si uma poderosa usina nuclear, já que seus detonadores seriam as energias que me chegariam por meio das vibrações irradiadas por muitos irmãos e irmãs, minerais ou não, também portadores naturais de mistérios ou de tronos energéticos absorvidos e assentados em seus íntimos.

O mais fascinante naquela absorção foi que, após ela terminar, eu conseguia ver ao mesmo tempo todas as irmãs médias que haviam formado pares ideais comigo, assim como comecei a ver todas as dimensões e reinos minerais mistos cósmicos e quem vivia nelas. Espantei-me com o número de irmãs médias cósmicas que, pareceu-me, já estavam se ligando a mim. Sacudi a cabeça para ver ser deixava de vê-las, mas o que consegui foi abrir ainda mais aquela minha nova visão mineral multidimensional. E vi milhares de tronos minerais cósmicos, todos ocupados por irmãs médias cósmicas, que, acreditem-me, já me saudavam e sorriam felizes, pois finalmente haviam sido ligadas a um guardião celestial do Arco-íris Mineral, que era eu!

Mas o que mais me preocupou foi que elas já vibravam uma solicitação que ativou um dos meus mistérios, que ali mesmo se desdobrou e me constrangeu, pois não estava acostumado com aquelas manifestações extemporâneas, justamente diante de minha mãe maior mineral elemental.

Meio constrangido, tentei recolher aquele desdobramento, mas nada consegui. Acho que aquela irmã guardiã que havia recolhido minhas vestes foi instruída e aproximou-se de mim, perguntando-me:

– Irmão guardião, posso ensiná-lo a dominar esses desdobramentos originados em vibrações externas que encontram ressonância em seu íntimo e nos seus mistérios energéticos.

– Por favor, irmã guardiã mineral! Não imagina como estou constrangido por não dominar mentalmente um desdobramento dessa natureza e envergadura.

– Você permite que eu o toque?

– Claro, por favor! – pedi mais que depressa.

Ela simplesmente alterou sua posição e direção, anulando no mesmo instante aquela vibração incontrolável.

– Pronto! – exclamou ela, sorrindo-me meio enigmática.

– Tudo bem que já não vibro, mas continuo captando as vibrações exteriores, irmã. Como fazer para não captá-las?

– Você só deixará de captá-las quando anulá-las em quem as está irradiando para você.

– Como posso anulá-las se me chegam de todas as ligações aqui estabelecidas, inclusive de você?

– Bom, quando você disse que assumiria todas as que o desejassem como par ideal, também o desejei, irmão guardião! Agora formamos um par de guardiões minerais, não?

– Você me adotou em todos os sentidos?

– Não pude resistir, irmão guardião. Afinal, como lhe ensinar certos mistérios se não estivermos ligados em todos os sentidos?

– Acho que você sabe de coisas que nem imagino, não?

– Sei, sim. E sei como você poderá responder energeticamente às vibrações que estão lhe chegando e o incomodam, pois ainda não sabe como lidar com elas sem ter de ir até quem o está solicitando em um, alguns ou todos os sentidos.

– Puxa! Então me ensine logo, irmã guardiã!

– A transmissão de conhecimentos sobre os mistérios tem de processar-se de forma que só quem os está recebendo, realmente só ele receba, irmão. Para tanto, deveremos estar isolados em um meio neutro onde nada ressonará quando eu lhe transmitir.

– Conheço um lugar que corresponde ao que precisamos, irmã guardiã.

–Então vamos solicitar permissão para nos retirarmos, e você me conduzirá até ele.

– Você pode sair dessa dimensão?

– Agora que o tenho como meu sustentador, posso!

– Entendo.

Bom, após recebermos licença para nos retirarmos, despedi-me de todas aquelas irmãs médias formadoras de pares comigo e retornei ao meio neutro, justamente por onde havia penetrado na dimensão mineral e no reino regido pela mãe da Pedra Verde. E quem ficou admirada com o que viu foi a guardiã mineral, pois me perguntou:

– O que você andou fazendo durante seu estágio humano da evolução?

– Por que pergunta?

– Puxa, acabaram com suas defesas cristalinas!

– O quê?

– Suas defesas cristalinas, irmão! Seus adversários reduziram-nas a cacos.

– Você está dizendo que esse cinturão de cacos de cristais são minhas defesas cristalinas?

– São, sim. Os golpes que você recebeu foram trincando suas defesas e deve ter chegado um momento em que elas desmoronaram e se reduziram a esse cinturão de cacos cristalinos.

– Então meu mistério original deve estar reduzido a isto: um monte de cacos que um dia já formaram um meio neutro protegido por uma redoma de cristal!

– Você deve começar a reconstruir suas defesas cristalinas, irmão amado! Só quando reconstruí-las deixará de ser um andarilho e poderá assentar-se aqui, e daqui responder a toda e qualquer vibração que lhe chegar.

– Como se reconstrói uma defesa dessas? Devo começar a pegar os cacos, e como em um quebra-cabeça ir encaixando peça por peça até remontá-lo novamente?

– Não, irmão amado. O que você deve fazer é reconstruí-las em seu íntimo. Só assim, esses cacos irão se reagrupando naturalmente, e, quando todo o seu íntimo for impenetrável e inviolável, então bastará você desdobrar aqui dentro seus mistérios que todas as defesas exteriores se recomporão naturalmente, tornando-o o que nunca deixará de ser: um guardião celestial dos mistérios divinos!

– Quando conseguirei isso?

– Não se apresse. Vá conhecendo a si mesmo e reconhecendo-se nos seus aspectos humanos, também eles reduzidos a cacos, ainda que não sejam cristalinos, sabe?

– Sei. Acho que já iniciei essa reconstrução interna, irmã.

– Assuma-me por inteira em seu meio mais íntimo para que eu possa ensinar-lhe o que sei e me é permitido, irmão do meu coração. Só assim, incorporada ao seu mistério e à sua vida, poderei partilhar contigo tudo o que sei mas que só posso transmitir-lhe depois que você partilhar sua vida comigo. Conceda-me um dos minutos de sua vida e assuma um dos minutos da minha, irmão amado!

Bom, ali mesmo nos concedemos um minuto que pareceu durar uma eternidade. E, enquanto ele durou, aprendi tanto com ela que minha compreensão das coisas sofreu um salto qualitativo que considero único e celestial. Também descobri ser ela uma guardiã com um grau igual ao meu, de guardião mineral. Só que o dela era feminino. Quando ela me revelou isso, falei:

– Então o acaso não acontece em nossas vidas, não é mesmo?

– Esqueça o acaso, irmão amado. Siga sempre sua intuição natural e verá que as vibrações ordenadoras dos regentes planetários sempre o conduzirão onde deve estar. Agora que já sabe como responder às vibrações que lhe chegam, porque traz em seu íntimo esse trono energético mineral misto, vou devolver ao seu íntimo as vestes que retirei dele. Já conhece o mistério delas, não?

– Conheço, sim. E tanto conheço que gostaria de adiar só por uns segundos essa devolução.

– Por quê?

– Tenho de responder por quê?

Após me olhar, ela sorriu e adiou por uns longos segundos a devolução. Mas, em compensação, exigiu que eu a despisse das suas. E não nos vestiríamos mais se, de repente, aquele meio neutro até então muito iluminado não tivesse ficado na penumbra.

– Acho que chegou uma das horas escuras das noites de minha vida, irmã amada. Volte aos seus domínios, pois só quero vê-la nas horas luminosas dos meus dias.

– Na hora luminosa, regida por nossa amada mãe Oxum, sempre estarei à sua espera, irmão do meu coração. Nunca se esqueça de que temos um minuto

em comum, nesse minuto, temos alguns segundos que são só nossos, tão nossos que, ou nos uniremos neles ou nos sentiremos incompletos. E não se esqueça de que, no minuto seu, na vida de cada uma de suas pares minerais, esses segundos também lhe serão solicitados.

– Agora que já aprendi um pouco, certamente saberei como atender às solicitações, tanto nesses quanto em todos os outros segundos desses preciosos minutos, irmã única e adorável.

– Você me vê e tem como uma irmã única e adorável?

– Sim.

– Não sei como retribuir a essa distinção. Mas saiba que o tenho na conta de meu único e amado guardião. Sinto que você verá como só seu esse meu mistério que aqui, no seu domínio, consagrarei a você.

– Você fez isso por mim?

– Fiz. A ninguém mais abrirei esse meu mistério. E você poderá recorrer a ele em qualquer minuto, hora ou dia de minha vida, pois ele lhe pertence totalmente.

– Procurarei ser digno dessa distinção única, guardiã celestial dos mistérios minerais mistos.

– Vista-me, amado par celestial!

Eu a vesti, e o mesmo ela fez por mim antes de retornar à dimensão mineral onde vivia. Acho que estávamos apaixonados um pelo outro, pois ela partiu com lágrimas nos olhos e deixou-me pranteando sua partida.

"Que criatura maravilhosa!", pensei antes de decidir-me a sair daquele meio neutro. E recorri a um mistério que ela havia me ensinado para sair dele sem ter de pisar naqueles cortantes restos de minhas defesas cristalinas. Estendi as mãos e abri uma passagem entre eles que me conduziu até um exterior sombrio, muito sombrio!

Recorri ao que havia aprendido sobre aquelas vestes íntimas, e após localizar a correta para o que me aguardava, também plasmei a aparência que tivera quando ela cobrira meu corpo espiritual.

Com passos decididos, dirigi-me ao centro energo-magnético daquele lugar sombrio que se manifestava em uma das horas da noite de minha vida.

Como eu havia recolhido minha luz, não me mostrava diferente de um espírito humano comum coberto por uma veste muito antiga na história da humanidade. E foi como tal que fui cercado por um hostil grupo de espíritos femininos também cobertos por vestes muito antigas.

– Quem é você, espírito que surge do nada? – perguntou-me uma delas.

– Venho do seu passado, irmãs amadas.

– Do nosso passado, só nos vêm dor, ódio, vingança, punições e doloridos acertos de contas, espírito.

– Do meu também, irmã. Mas estou retornando a ele para reparar enganos, falhas e erros. Concedam-me um minuto em suas vidas, e tenho certeza de que,

de alguma forma, conseguiremos transformar nossos passados em preciosas fontes de doloridas lições de vida.

– Quem é você, espírito?

– Sou aquele que sua regente mais odiou, pois fui o responsável pelo empurrão final que a lançou nesse abismo sombrio.

– Quem é você, espírito? Diga logo ou o atacarei com minha lança da dor.

– Por que me atacar com sua lança da dor se desejo curá-la com meu amor fraterno? Por acaso sente em mim uma ameaça à sua vida?

– Você...

– Irmã amada, desarme-se só por um segundo e verá que, se as empurrei para este abismo, também tenho vivido nele todas as vezes que o minuto dele chega nessa hora da noite de meus dias.

– Você é um estranho, espírito.

– Não sou, irmã amada. Sou parte desse abismo e ele é parte da escuridão que ofusca a luz que deveriam estar irradiando nesse minuto de suas vidas. Conduza-me à sua regente e logo saberão quem sou.

– Ninguém chega até ela de pé, espírito. Rasteje que o levarei até ela.

– Por que deseja derrubar quem voltou até aqui para ajudá-las a se levantarem?

– Curve-se! – ordenou às minhas costas uma voz feminina rouca que pertencia a quem eu procurava. Então falei:

– Irmã, passe seu laço pelo meu pescoço antes que eu me curve.

– Por que devo fazer isso se posso recorrer à minha arma e degolá-lo?

– Se tentar degolar, sua arma se voltará contra seu próprio pescoço.

– Por que isso acontecerá, maldito mago que acabou com meu culto no plano material humano?

– Onde você está mora a morte em todos os sentidos, irmã. Portanto, não puxe essa lâmina, senão será a última coisa que se lembrará de ter feito antes de ser lançada em sua dor final. Faça como falei, pois será o único jeito de salvá-la de um fim que tem me desejado há muitos milênios. Vamos, passe seu laço pelo meu pescoço, pois vou ajoelhar-me e clamar ao meu divino Criador por você e suas irmãs retidas nesse abismo sombrio. Mas, quando eu fizer isso, outro abismo, mais embaixo, se abrirá para absorver a escuridão que neste existe. E com certeza você despencará a um nível vibratório ocupado só por rastejantes.

– Você está mentindo, mago.

– Não estou não, irmã. Eu vim para reparar enganos, falhas e erros. Não para enganá-la. Conceda-me um instante apenas e verá que seu laço a salvará de uma queda indescritível e indesejável, tanto por você quanto por mim. Vamos, lace-me logo e segure-se bem firme até eu me levantar! – ordenei sério.

Ela fez o que eu ordenara e, assim que me ajoelhei, às minhas costas abriu-se um abismo bem onde ela estava. E antes de começar a orar, ainda a ouvi gritar para que a ajudasse, pois estava sendo puxada para baixo. Enquanto eu orava ao divino Criador, ouvia seus gritos de pavor diante do que via estar rastejando

bem embaixo dela, tentando alcançá-la com seus botes mortais. Assim que orei, falei:

– Vou levantar-me, irmã. Segure-se bem que a elevarei e a tirarei de minhas costas, pois assim me ordenou o Senhor dessa hora da noite de meus dias.

– Eu vou cair! – berrou ela.

– Não cairá se não soltar o laço que tem usado para sufocar seus desafetos, irmã sufocante!

O medo que ela sentia era tão grande que não soltou o laço. Mas deu um grito de dor, pois uma das rastejantes cravou suas presas no pé esquerdo dela e não o largou mais.

Mas quando a coloquei no chão firme, ela sacou de uma lâmina para decepar a cabeça daquela rastejante. E se eu não tivesse agido rápido e segurado seus braços, isso ela teria feito. Então lhe perguntei:

– Você sabe quem é essa rastejante que você resgatou do abismo, minha irmã?

– Deve ser uma das malditas que aprisionei nele, mago maldito.

– Olhe-a melhor, irmã. Tenho certeza de que reconhecerá nela parte de seus enganos.

– Você sabe quem é essa rastejante?

– É sua própria filha, irmã amada.

– Minha filha? Você está louco?

– Não. Deixe que eu a recolho e protejo até que você venha a estar em condições de reconhecer nela um de seus mais terríveis enganos.

Toquei de leve na cabeça daquela cascavel, e ela não só soltou o pé como se aquietou e adormeceu ali mesmo. Então a recolhi e ordenei:

– Ouça o mental dela, irmã. Ouça o que tua filha está lhe dizendo o tempo todo.

Quando ela ouviu e comprovou que era mesmo a sua filha que estava aprisionada naquela forma rastejante, toda a sua aberrante aparência plasmada se diluiu e nela só restou um espírito feminino envelhecido no tempo e marcado profundamente por enganos, falhas e erros. Senti tanta tristeza que de meus olhos correram algumas lágrimas, que limpei com a costa da mão direita. Então falei:

– Sinto muito por todos nós, irmã amada! Temos nos enganado a tanto tempo que não conseguimos reconhecer, em quem amamos, os nossos próprios erros e falhas. Conceda-me um minuto em sua vida, e tenho certeza que ele será o minuto mais correto dela de agora em diante.

– Você veio acabar comigo de vez, mago maldito?

– Por que me chamar de maldito se retornei como um bênção à sua vida?

– Você já me lançou nesse abismo e agora abriu esse outro, muito mais terrível. Por que, mago?

– Da outra vez, enganei-me e a empurrei para este em vez de salvá-la da queda que se avizinhava. Mas desta vez não só não desejo que caias mais como também desejo que se segure em minhas mãos para que a resgate de seus enganos, falhas

e erros. Conceda-me só um minuto em sua vida, e prometo que tudo farei para despertá-la de um engano terrível.

– Que engano, mago?

– Aquele que a fez crer-se uma deusa poderosa.

– Eu sou uma deusa muito poderosa. E isso você jamais conseguirá entender, não é mesmo?

– Irmã, amada irmã! Por Deus e por tudo o que de sagrado possa existir, renuncie a essa tola pretensão humana antes que, apesar de todo o amor que vibro por você, consiga fechar esse abismo que aí se abriu e pelo qual logo subirá um horror mil vezes mais assustador do que você tem sido para seus irmãos e irmãs.

– Que horror é esse, mago?

– A grande rastejante, irmã. Ela já está se deslocando para a direção dessa abertura. E será só uma questão de tempo para que ela chegue até aqui.

– Por que você, que traz em si mesmo esse horror apavorante, o voltou contra mim?

– Não fui eu quem o voltou contra você. Foram suas ações insanas fundamentadas em uma falsa divindade.... que você tem alimentado em si mesma. Até quando sustentará esse terrível engano? Não lhe ocorre que você não é uma deusa? Será tão difícil aceitar-se só como mais um espírito em meio a bilhões deles? Olhe-se, irmã! Bastou um susto e a ameaça de um terror mais dolorido que o que tem sido, para que você desmoronasse como um castelo de ilusões. Será que esse susto já não é suficiente para convencê-la de que não é e nunca foi uma deusa? Conceda a si mesma um segundo de reflexão e deixe que o humanismo flua através de sua vida enquanto durar esse precioso segundo, irmã amada.

– Eu...

– Reflita, irmã! Uma deusa, se deusas existissem, não temeria o que tanto a assusta. Aceite-se como espírito e conceda-se um minuto de humanismo!

Ela refletiu e por fim me perguntou:

– Por que você voltou, mago?

– Vim despertá-la de um sonho de glórias e honras, mas que na verdade é um pesadelo povoado por ilusões humanas, já que foi durante sua passagem pela carne que ele se iniciou. Você nunca deveria ter dado ouvidos aos bajuladores, aos enganados e aos enganadores, irmã. Se a combati e a empurrei para esse abismo quando nossos caminhos se cruzaram muitos milênios atrás, foi porque naquele tempo eu também não sabia como despertá-la. Mas hoje sei e desejo ocupar um minuto, um só minuto em sua vida. E enquanto ele durar tenho certeza de que o verdadeiro humanismo fluirá em tua vida com tanta intensidade que daí em diante deixará de se ver como uma deusa e se aceitará como um espírito humano, muito humano!

– Todos disseram que eu era uma deusa, mago. Por que só você nega em mim essa divindade?

– Por que já descobri que a única divindade que pode existir em um espírito é o humanismo. Nós somos humanos, irmã. Humanize-se e sentirá todas as divindades fluindo através de sua vida.

– Fui adorada como uma deusa, mago. Realizei os desejos dos que me procuraram enquanto vivi na carne, e continuei a realizá-los mesmo quando você me aprisionou nesse abismo, pois nunca deixei de crer que sou uma deusa.

– Os desejos que você realizou a desumanizaram, irmã. E sabe por quê?

– Não.

– Saiba que você, bajulada pelos áulicos enganadores, começou a sentir-se uma deusa quando na verdade era só mais um espírito portador de dons incomuns e isso leva a outros enganos, quando se começa a cometer terríveis falhas e erros, difíceis de serem reparados.

– Eu levantei caídos, satisfiz desejos, concedi privilégios!

– Já vi isso acontecer com tolos espíritos humanos, irmã. Eles se julgavam deuses senhores da vida e da morte, e desumanizaram tanto seus dons naturais que hoje nem eles se reconhecem como espíritos humanos.

– Você não sabe como nós, os deuses, nos sentimos satisfeitos quando realizamos os desejos dos humanos, mago. Você nunca conseguiu ser um deus porque é só um mago. Mas tenho certeza de que, se uma só vez tivesse sido um deus, nunca mais abdicaria de sua divindade.

– Meu pai, dê-me a maior das qualidades humanas, pois, só com muita paciência, não lançarei nesse outro abismo essa tua filha iludida e enganada! – clamei, já angustiado. E como clamei!

No mesmo instante, surgiu de dentro daquele abismo o horror dos horrores: a negra hidra da morte! A serpente negra oposta à encantada serpente do Arco-íris.

Aquela irmã foi possuída pelo medo e petrificou-se, não conseguindo sequer gritar. E suas escravas-auxiliares começaram a ser atraídas do meio da escuridão, hipnotizadas por aquela hidra da morte. Eu não olhei para trás. Eu não precisava, pois sabia quem estava bem atrás de mim! Calmamente pedi:

– Pode deixá-las aos meus cuidados, irmã mortal. Meu minuto na vida de todas essas irmãs apenas se iniciou.

– Eu as quero para mim, mago da vida! – sibilou-me a hidra da morte. – Elas já vêm afrontando a Lei há muito tempo. Mas estavam em seus domínios, e eu não podia puni-las. Mas agora que a Lei abriu uma fenda nesse seu domínio, já posso possuí-las e transformá-las em "deusas da morte", pois é isso que elas mais têm desejado: serem deusas da morte!

– Elas estão enganadas, irmã mortífera. No meu minuto na vida delas as despertarei desse terrível engano e as humanizarei. Deixe-as comigo, está bem?

– Você já perdeu a paciência com elas, mago da vida.

– Não, não. Foi só uma expressão que usei para dizer que só com minha calma conseguirei despertá-la. Aquiete-se durante meu minuto na vida delas.

– Você já está cansado delas, mago da vida. Abdique desse seu minuto e daí em diante ocuparei todos os momentos que restam na vida delas.

– Não vou renunciar. E você, trate de recolher-se aos seus domínios, senão me virarei de frente para você e o possuirei.

– Você não tem coragem suficiente para fazer isso, mago da vida. Se fizer isso, terá de assumir as rastejantes negras. E isso nem você conseguiu até agora, não é mesmo?

– Eu ordeno que você se recolha aos seus domínios ou os assumirei e a anularei também, irmã rastejante. Não me obrigue a virar-me de frente para você!

– Você ainda está de costas para mim e não posso possuí-lo também. Mas, se se virar de frente, então o possuirei e, daí em diante, será mais um dos meus escravos.

– Você se julga tão poderosa assim, irmã rastejante?

– Eu sou adorada como a "deusa da morte", mago da vida!

– Se já não me bastasse uma enganada, agora tenho às minhas costas uma iludida. Esta hora escura de minha noite será mais longa do que me pareceu quando se iniciou.

– Eu a prolongarei por toda a eternidade, mago da vida.

– Por quê?

– Eu desejo possuí-lo também. E agora que essa fenda se abriu em seus domínios, por ela, meus domínios absorverão os seus. Eu o desejo para mim, mago da vida!

– Irmã, em mim os desejos se realizam. Não me deseje senão nunca mais desejará mais ninguém. E, daí em diante, vibrará tanto desejo por mim que rastejarás aos meus pés implorando-me para possuí-la, mesmo que seja só por um segundo.

– Ninguém resistiu aos meus fascinantes olhos até hoje, mago da vida. Olhe como essas "deusas" estão paralisadas. Elas não eram tão poderosas? Por que não reagem?

– Por favor, aquiete-se e recolha-se aos seus domínios, senão a encantarei e daí em diante não resistirá aos meus desejos. Você já tentou possuir-me antes, e a empurrei para esse abismo. Se insistir em fascinar-me, encantá-la-ei com meu mistério e perderá todo e qualquer direito de mover-se, se isso eu não desejar. Mas o que eu desejar, você não resistirá e também desejará até que eu deixe de vibrar o desejo que a possuirá. Portanto, recolha-se aos seus domínios enquanto ainda lhe resta alguma coisa, irmã rastejante.

Ainda tentei convencê-la a recolher-se, mas nenhum argumento a fez recuar. Refleti sobre o que ali estava acontecendo e conclui que aquela irmã que se julgava uma deusa era escrava daquela rastejante. Mergulhei em sua memória imortal e descobri que, quando ela encarnara, a rastejante, que estava adormecida em seu polo negativo, despertou e a possuiu, levando-a a crer-se uma divindade.

Então, pouco a pouco, fui revendo meu próprio passado e encontrei nele a resposta: aquela hidra da morte era outra de minhas irmãs ancestrais que também havia sido cultuada como uma deusa. E lembrei-me do que havia me dito meu pai

sobre o Trono adormecido e sobre os filhos venenosos da serpente encantada do Arco-íris que haviam sido combatidos pelos humanos.

Imediatamente me revi na pele de um dos semeadores da religião humana que cultuava o Arco-íris Divino, ou as sete virtudes, que são a fé, o amor, a Lei, o conhecimento, a justiça, o saber e a geração.

Aos poucos, fui revendo os golpes desferidos pelos venenosos, astutos e espertos irmãos ancestrais, que trincaram minhas defesas cristalinas. E tanto as trincaram que, quando sofri um golpe muito forte, elas desmoronaram e reduziram-se a um cinturão de cacos de cristais.

Também me revi como um mago da vida, como são chamados os portadores do mistério Oxumaré, que simboliza no Arco-íris a própria renovação da vida. Eu era um mago da vida. Eu portava um poderoso mistério no meu sétimo sentido e que era a manifestação do Trono da Geração por meio do meu outro mistério, esse sim, meu mistério original: o mistério das Sete Estrelas!

Em cada um dos sentidos de minha vida, havia uma estrela. E, por meio de cada uma delas, um mistério, ou vários, manifestavam-se.

Auscultei meu peito e senti que era a sétima estrela, a da vida, que estava visível ou em primeiro plano. Então eu estava nos domínios negativos de meu regente Oxumaré, que é o regente do mistério negativo que aprisiona na forma de serpentes venenosas todos os espíritos que afrontam à vida.

Continuei recordando-me de todas as coisas simbólicas que haviam me conduzindo até aquela minha hora escura regida pelo Orixá cósmico que rege o polo negativo oposto ao Arco-íris. Então sentenciei:

– Se meu regente me quer atuando em seu polo negativo sob a regência da estrela da vida, e se tudo o que minha irmã guardiã revelou-me está correto, então é hora de o Trono da Geração despertar, desdobrar seu mistério e, segurando nas mãos sua serpente do Arco-íris da vida, começar a recolher as serpentes venenosas que o desaparecido Ogum Sete Estrelas tanto combateu até que viu desmoronar todas as suas defesas cristalinas.

– Sim, é isso! Eu sou um dos guardiões do Arco-íris, e no polo oposto ao meu está assentada a temida cobra-negra, que recolhe em seus domínios escuros todos os que afrontam os sete sentidos da vida! Se estou aqui, então é para recolher nesses domínios negativos dele os caídos fiéis da religião sustentada pelo mistério Oxumaré, que também ajudei a semear na dimensão humana, e que se tornaram as terríveis rastejantes venenosas combatidas pelos filhos humanos da Ninfa!

Eu sou um desses filhos da Ninfa, pois ela é a senhora da Coroa Estrelada. E, se não estou enganado, um Ogum Sete Estrelas só pode ser o defensor celestial dela, a mãe da Vida. Então ela me adormeceu na carne ou na dimensão humana, onde me possuiu simbolicamente e deu início a toda uma descendência de estrelas. Mas ela nunca deu mais de uma estrela a um espírito.

Eu fui o semeador da religião do Arco-íris, onde ela era o par feminino do divino Oxumaré! Santo Deus! Estou começando a entender aquela história simbólica contada por meu pai e aludida por todos os outros meus pais ancestrais. O

mistério Ogum Sete Estrelas foi humanizado, e surgiram tantas estrelas que hoje elas se encontram espalhadas pelos quatro cantos da terra, do céu, e por que não, até das trevas!

Essas irmãs também devem ser as estrelas do Arco-íris que nasceram para a carne sob a égide da religião ancestral que foi regida pelo par divino Oxumaré-Iemanjá!

Ele é o pai do Amor; e ela, a mãe da vida.

Ele é o Trono da Geração e ela é a Ninfa da Vida!

Espere! Talvez eu não seja nem o adormecido Trono nem o desaparecido Ogum Sete Estrelas. Mas talvez esses dois mistérios estejam tentando renascer ou se renovar por meio de mim!!!

Se fui o herdeiro escolhido, e sinto que por meio de mim o Trono da Geração flui naturalmente, assim como, em meu peito, irradiam-se as sete estrelas simbolizadoras da Ninfa da Vida, então basta aceitar-me como sou, e as renovações acontecerão automaticamente por meio de mim, pois, no fim, eu sou a renovação do próprio Arco-íris, que bem vi como foi absorvido quando estava com aquela irmã regente do Mistério das Sete Pedras Preciosas da Coroa do Amor.

E aquela irmã guardiã mineral alertou-me para não agir como os humanos quando estivesse lidando com espíritos desumanizados. Ela disse que eu deveria recorrer aos meus mistérios caso quisesse reconstruir meu cinturão de defesa.

É isso! O cinturão desmoronou porque meu íntimo partiu-se todo! Santo Deus, é por isso que estou tão partido! Cada um dos pedaços do meu íntimo está em uma das horas de minha vida, e os cacos desses pedaços estão espalhados nos minutos das horas dos meus dias e das minhas noites!

Se assim é, então assumo de vez os mistérios que desejam manifestar-se por meio de mim ou continuarei vivendo aos pedaços, tal como tenho feito já há milênios e milênios incontáveis. O meio neutro! É lá que devo desdobrar todos os mistérios e ver o que acontecerá!

– É isso! – exclamei eufórico com a descoberta. E, só com uma vibração mental, devolvi ao abismo a hidra da morte, fechando-o a seguir, assim como despertei aquelas irmãs possuídas pelo medo. A seguir, possuído por aquela força que vibrava em meu íntimo, projetei-me até o meio do centro neutro e não fui atraído pelos cacos de cristal, que haviam deixado de assustar-me, já que meu íntimo estava se recompondo.

Quando me situei bem no meio do meio neutro, desdobrei o mistério que mais me incomodava, que era o do Trono da Geração. Depois desdobrei meu mistério Guardião das Sete Estrelas, e aos poucos, mas, cada vez mais depressa, os cacos começaram a se juntar.

Um barulho ensurdecedor de cacos se chocando quase me enlouqueceu, mas consegui resistir até ver surgir um trono do centro neutro de minhas defesas cristalinas. Então me assentei no Trono energético que pertencera ao adormecido Trono da Geração, e o mais incrível aconteceu: todas as pedras espalhadas na areia começaram a juntar-se, formando vários símbolos sagrados, que pairaram

bem na minha frente. Uns absorvi com a esquerda e outros com a direita, e, quando só restou a espada cuja lâmina refletia sete cores, prendi-a em minha cintura e disse a mim mesmo: agora sou eu mesmo, e não o que meus irmãos ancestrais desejavam que eu fosse. De agora em diante poderei ser tudo o que desejarem que eu seja, mas nunca mais deixarei de ser o que sempre fui.

E, ali mesmo, recorrendo aos poderes do meu mistério, invoquei as sete Ninfas, com as quais me reuni e a mim elas abriram seus mistérios, dos quais me assenhoreei. Depois invoquei as sombras das sete Ninfas, humanizei-as e as possuí em meus domínios, e neles elas deixaram de ser o que eram: sombras!, e passaram a ser o que nunca antes haviam sido: seres humanos!

Sim, em meus domínios todas as sombras seriam humanizadas dali em diante, e nenhuma sombra conseguiria resistir aos meus mistérios. Pelo menos foi isso que me disseram as Ninfas.

Com tudo aquilo em mente, dei início à limpeza dos meus domínios, e à medida que os ia assumindo, encontrava os espertos irmãos ancestrais que deles haviam se assenhoreado. Eu voltava contra eles os mistérios a mim revelados pelas sete Ninfas, e os reduzia ao que nunca deveriam ter deixado de ser: míseros ovos de serpentes.

A mim pareceu que nunca mais teria fim aquela limpeza dos meus domínios, pois meus terríveis e venenosos irmãos espertos não queriam devolvê-los. E por um tempo, que pareceu durar uma eternidade, os combati e, um a um, fui anulando-os ou possuindo-os e assentando-os na minha esquerda externa, pois na interna quem nela havia se assentado eram as sete sombras das sete Ninfas, que haviam se assentado à minha direita.

Durante aquele tempo todo fui dual em tudo, pois para as Ninfas e suas sombras eu era o próprio Trono da Geração, já renovado. E, para os meus pais, avós, irmãos e filhos ancestrais, eu era o próprio Ogum Sete Estrelas despertado, e possuído pela ira divina, que perseguia meus mortíferos irmãos ancestrais e os reduzia a ovos de serpente vibrando dor, dor e dor.

Em momento algum parei para refletir, pois não tinha tempo nem para um segundo de descanso. Quando reassumi o domínio dos meus domínios, então finalmente olhei para trás e não mais vi a morte às minhas costas. Ela havia adormecido e não tentaria apossar-se dos meus mistérios.

Então devolvi minha espada à sua bainha e aquietei meu ser, cansado de tanto combater meus irmãos venenosos e astutos, a maioria já reduzida a ovos de serpentes pulsando dor. E na dor eles seriam reconduzidos aos seus domínios originais, onde se aquietariam. Quanto aos que haviam abandonado meus domínios às pressas, no tempo certo eu os alcançaria também e os aquietaria ou os reduziria a ovoides.

Finalmente, dei-me por satisfeito e recolhi todos os meus mistérios. E senti que meu íntimo havia se reconstituído, ainda que eu não dominasse totalmente aquela infinidade de mistérios que estava absorvendo.

Quando recolhi todos os meus mistérios, olhei para aquela minha defesa cristalina e, após refletir um pouco, optei por recolhê-la e com ela ocultar todos os mistérios alojados em meu íntimo.

– É isso! Essa defesa cristalina ocultará de todos os curiosos meus mistérios! Todos me verão como um simples espírito humano, nada mais!

Então a recolhi e quase explodi durante sua absorção. Mas, quando ela se completou, senti-me forte o bastante para suportar os golpes que viesse sofrer no futuro. Só que não contava com uma coisa: minha defesa cristalina ocultava o Mistério Sete Estrelas, mas não o Mistério da Geração.

– Que droga! Assim jamais serei visto como um espírito comum! Acho que vou ocultá-lo com alguma das minhas vestes.

Mas toda veste que eu retirava de meu íntimo, aquele mistério a consumia. E não restou uma só que resistisse ao seu fogo renovador. Após muito refletir, optei por recolher-me à dimensão humana, onde não incomodaria a mais ninguém com a visão do Trono da Geração, que em mim havia renascido, ou rejuvenescido ou havia se renovado.

Retornei à dimensão humana e assentei-me no plano misto, matéria-espírito. Dali eu sustentaria todas as ligações já estabelecidas ou as que naturalmente viessem a ser estabelecidas em função do fluir natural dos mistérios recolhidos em meu íntimo.

Durante vários anos, vivi isolado de tudo e de quase todos, pois só alguns dos meus pais e avós ancestrais me visitavam e procuravam distrair-me um pouco.

Vovô era um dos que me visitavam com mais assiduidade, e em algumas visitas, como quem não queria tocar no assunto, acabava me revelando onde estava oculto algum daqueles meus venenosos e astutos irmãos ancestrais.

Eu logo deduzia que, se ele tocava no assunto, era porque o irmão em questão estava arquitetando alguma traição contra mim, já que ele é o mais ancestral dos Oguns de Lei, que são os Oguns que punem os traidores do Arco-íris divino assentado na natureza e que conhecemos como Orixás.

Mais que depressa eu já ativava alguns dos meus mistérios e reduzia a um ovo o safado do venenoso e astuto irmão ancestral alojado em domínios alheios, dos quais voltava a golpear-me.

Tornei-me tão implacável no acerto de contas com meus astutos irmãos caídos que muitos deles, já temerosos de um próximo e infeliz final, trataram de procurar-me pessoalmente e solicitar um minuto de paz em suas atribuladas vidas vividas à margem da Lei e nos descaminhos da própria vida.

Então eu também tive um pouco de paz em minha vida e vivi vários anos em relativa paz, em que eu me limitei a contemplar os portais de acesso natural às dimensões regidas pelos meus pais e mães maiores, mas sem ânimo para penetrar nelas. Outras vezes ia até os acessos naturais dos reinos regidos pelos meus avós, mas também não me animava a entrar neles. Quando visitava os pontos de forças regidos pelos meus pais, meus irmãos assentados neles me convidavam a

assentar-me ali e participar com eles de suas ações na dimensão humana. Polidamente eu recusava, sempre recorrendo a uma desculpa qualquer.

E bem quieto estava em meu pequeno centro neutro quando recebi a visita de vovó, que se fazia acompanhar daquela sua filha solitária, que, ao me ver, se sentiu incomodada pelo mistério do Trono da Geração e baixou os olhos para não vê-lo.

Após saudar vovó e ser abençoado por ela, perguntei:

– O que a trouxe até meu retiro, vovó amada? Afinal é a primeira vez que a senhora me visita depois que me afastei das dimensões naturais e das encantadas.

– Vim devolver-lhe seu manto e seu cajado de ancião do tempo, meu filho amado. Esperei que você fosse buscá-los, mas acho que, se eu não vier até você, nunca mais voltará a visitar-me em meus domínios.

– Vovó, já não sinto ânimo, sabe?

– Você está procedendo do mesmo jeito que seu pai ancestral, o Trono da Geração que adormeceu na dimensão humana da vida. E não foi para isso que a Ninfa da Vida o coroou como seu legítimo herdeiro.

– Não acho que já tenha chegado a hora de retornar às dimensões naturais, vovó. Sinto-me triste e solitário, e não quero sair de meu centro neutro. Não por enquanto!

– Filho, você sentiu que precisava de um recolhimento para preservar-se, pois estava muito dividido. Mas o que estava acontecendo era que você estava se multiplicando. Será que você não ficou magoado quando se descobriu portador desse mistério da geração?

– Vovó, eu...

– Eu o entendo, meu filho. Não é fácil ser portador de um mistério dessa natureza. Mas é seu, e você terá de conviver com ele para sempre, já que ele é intransferível e integrou-se ao seu todo energético.

– Integrou-se mesmo, vovó. Ele independe de minhas vontades ou desejos para manifestar-se. Só tenho um pouco de paz interior se o mantenho como a senhora o está vendo, isolado das ondas vibratórias que me chegam o tempo todo e de todas as ligações já estabelecidas nesse sentido. Mas nem assim consigo impedir que um acúmulo de energias vá se formando até alcançar um nível tão alto, que ou as deixo fluir ou começam a paralisar-se.

– Esta é a maior dificuldade de todos os portadores naturais de mistérios, filho. Ou os deixamos fluir ou eles nos paralisam, pois somos suas individualizações, às quais os regentes maiores recorrem para sustentarem na irradiação horizontal o que não está sendo possível nas irradiações verticais, inclinadas, espiraladas, etc.

– A senhora está dizendo que os mistérios possuem irradiações análogas às dos cristais?

– Estou, meu filho. Quando você direciona seu mistério para baixo, já que assim não o sente tão intensamente, na verdade, está recorrendo a uma das irradiações que existe. Só que ela é a menos intensa de todas. Mas, porque você

gera mais energias que irradia, então vai se formando um acúmulo, que, ou o descarrega periodicamente ou ele começa a desestabilizar seu corpo energético.

– Puxa!!! Então isso explica os tipos de irradiação que detectei nos cristais e nos minerais!

– Filho, tudo o que existe na natureza existe em nós. Basta conhecermos os cristais, os minerais, os vegetais, a água, o fogo, o ar, a terra e outros elementos, que de alguma forma os relacionaremos a nós ou aos mistérios que manifestamos, ora conscientes e ora inconscientes. Cubra-se com seu manto de ancião do Tempo e depois vamos caminhar um pouco. Nós, os do Tempo, conversamos melhor quando estamos em movimento.

– Acho que caminhar é uma de nossas características mais marcantes, não? – perguntei enquanto me cobria.

– É sim, meu filho. Vamos, leve-nos para uma caminhada no plano material humano, agora que você se sente mais à vontade ou menos constrangido.

– Por que meu mistério não queimou esse meu manto, vovó?

– Por que este não é aquele que você me entregou.

– Se não é...

– Este recebi das divinas mãos de nossa regente no Tempo, meu filho. Ela não o quer paralisado pelo constrangimento de ser portador de um mistério alojado em seu exterior e mandou-lhe uma veste que o ocultará dos curiosos, que nunca entenderão o ser maravilhoso que se dignificou diante do divino Criador e mereceu tornar-se um portador natural e manifestador consciente de tão encantador mistério da vida.

– Ouvindo-a, sinto-me melhor. A senhora me compreende e sinto que não a incomodo por ser como sou.

– É claro que não incomoda. Mas gosto de caminhar apoiada em seu braço. Vamos, conduza sua avó amada enquanto caminhamos, pois também sinto prazer em desfrutar das suas irradiações renovadoras.

– Vovó!

– Não seja tolo, meu filho. Você sabe qual é o efeito que causam essas suas irradiações. Logo, não se faça de desentendido e deixe que nós usufruamos delas, pois de fato elas nos renovam e anulam um cansaço natural que todos os anciões adquirem no decorrer do tempo.

– Desculpe-me, vovó. Acho que sou egoísta, não?

– Um pouco. Só um pouco!

Passei o braço de vovô por baixo do meu e segurei sua mão com minha, dizendo-lhe:

– Vovô não a reconhecerá quando voltarem a se encontrar, sabe?

– Por quê?

– Estou renovando a senhora, e, quando retornar à sua dimensão e faixa vibratória, estará se sentindo uma jovial e encantadora mocinha que incandescerá o coração dele.

– Você vai fazer isso comigo?

– Já comecei a fazer, vovó. Lembre-se de que em mim os desejos se realizam. E a senhora não está imune aos efeitos dessas minhas irradiações, ainda que elas lhe cheguem vibradas por esse meu amor de neto, que a tenho como uma de minhas vovós que mais amo e que acho muito linda. Encantadora mesmo!

– Sou para você uma de suas mais lindas e encantadoras vovós?

– A senhora sempre foi e sempre será. Não sei se sou seu neto mais amado, mas você é a vovó que mais amo. Portanto, não tente bloquear essas irradiações, senão vou ficar triste.

– Não vou repeli-las, pois me fazem muito bem. Além do mais, que outra de suas avós pode dizer que tem no próprio neto uma fonte inesgotável de um tipo muito especial de amor?

– Que amor é esse, vovó?

– É um amor muito especial que você irradia sempre que está com seus pais ou avós. Você "namora" a fonte de saber que eles são em si mesmos.

– É, acho que namoro sim.

– Então me namore à vontade e deixe que eu absorva essas suas irradiações desse amor muito especial, pois não são muitos os que apreciam a companhia dos anciões amadurecidos no tempo e na vida. Você não imagina como me faz bem esse amor que você vibra por mim. Ele me proporciona a satisfação íntima de que sou amada justamente por ser como sou: uma avó que amadureceu no tempo e na vida enquanto proporcionava tempo para que meus filhos vivessem suas vidas, e também amadurecessem no tempo.

– Vovó, certa vez vi papai e Estrela vivenciando um dos mais lindos dos amores: o amor de pai e filha. E... sabe...

– Não pare. Diga logo que gostaria de vivenciar seu amor de neto, que vibra por mim.

– A senhora não imagina como eu gostaria de externar esse amor tão carinhoso e pleno de respeito e admiração que vibro pela senhora. Acho que meu peito explodirá se eu não abraçá-la e transmiti-lo à senhora, como sinto vontade de fazer. Sei que todos que se aproximam da senhora guardam uma distância que seu próprio mistério impõe. Mas meu amor é tão intenso que, ou a senhora me concede o direto de abraçá-la ou meu peito começará a verter as energias que estou gerando. Meu íntimo está incandescido e em ebulição!

– Abrace-me, neto amado. Abrace-me forte e deixe fluir todo esse seu amor de neto. Mas colha dessa sua avó todo o amor ancestral que está acumulado em meu íntimo.

Não me contive mais e a abracei com tanto amor, carinho e ternura que dos meus olhos começaram a correr lágrimas tão quentes que, quando caíam na veste dela, ardiam em chamas douradas. E, no meu peito, onde havia uma estrela viva, ali se abriu um portal pelo qual saiu um poderoso fluxo de energias que a envolveu da cabeça aos pés. Eu a amei como a sentia: como uma mãe ancestral, como minha mãe média no Tempo, como minha mestra e guia no Tempo e como uma santa, pois, para mim, ela é minha santa mãe Guardiã do Tempo!

Não sei ao certo o que fiz, mas me lembro de ter colhido em minhas mãos as dela, e as cobri de beijos. Acariciei seus cabelos grisalhos, beijei suas lindas faces amadurecidas no tempo, e também extravasei parte daquele meu amor na forma de um pranto único e indescritível. E porque eu era como era, alterei até sua aparência externa, pois ela ficou como eu a imaginava em meu íntimo: minha linda e encantadora vovó no Tempo!

Acho que mais uma vez me excedi, pois chegou um momento que não aguentei mais, e aos prantos exclamei:

– Vovó, eu sou infeliz, vovó!

– Por quê, neto amado?

– Porque eu gostaria de externar esse amor que sinto pelos meus pais e avós ancestrais, mas sinto que eles temem ser atingidos pelo meu mistério da geração e passarem a portá-lo também. Mas não deveriam, pois quando irradio um tipo de amor, ele só flui no sentido que nesse meu tão estranho corpo ele se manifesta. Vovó, a senhora não imagina como sou infeliz e solitário!

Vovó apertou-me ainda mais contra seu peito, e também ela chorou, pois sentiu o quanto eu era infeliz e solitário, e falou-me:

– Eu o compreendo, neto amado. Com essa sua mãe Guardiã do Tempo, nunca mais será infeliz ou solitário, pois, de agora em diante, externará para mim todo esse seu amor tão especial que só você, um gerador natural dele, é capaz de externar tão intensamente. Perdoe essa sua avó se lhe neguei a vivenciação de tão divina manifestação do mais maduro dos amores. Você não imagina como sinto por não ter sido inundada antes por esse seu amor. Jamais havia vivenciado esse amor, meu filho! Ele é único e indescritível! Ele nos eleva às alturas do Altíssimo e nos coloca em um pedestal tão sólido que nos diviniza!

– É assim que vejo, sinto e imagino meus pais e avós amados. Para mim são fontes vivas de saber e de vida, únicos, lindos, encantadores e adoráveis, e nos quais encontro a segurança, o amparo, a compreensão e o entendimento. Vocês são únicos para mim, vovó! A senhora não imagina como estou feliz por poder tocá-la, senti-la e abraçá-la, envolvendo-a nesse meu amor de filho, neto e discípulo, e quantas designações existirem para definir o que vibro e irradio neste momento único de minha vida. Finalmente consegui abrir meu peito e pôr para fora esse amor vivo. A senhora não imagina como sou infeliz e solitário por não poder externar a todos eles como realmente sou.

– Então você não tem razões para se sentir infeliz ou solitário. Olhe à sua volta, filho amado!

Olhei... e me admirei com o que vi à nossa volta: milhares de pais e avós, todos irradiando um amor muito especial! Então amei, amei e amei! Como me senti feliz e pleno de companhias fraternais que acabaram com minha solidão!

Meu Deus, como me senti amado enquanto abraçava aqueles meus ancestrais! Alguns eu conhecia pessoalmente, mas outros, já não me recordava ou até os desconhecia. E com todos me liguei com tanto amor que os cordões que saíam

de nossos corações, acho eu, formaram uma tela multidimensional pela qual até hoje flui um amor muito especial: o amor amadurecido no tempo e na vida consagrada às coisas divinas.

Reconheci muitos pais e avós, e alguns dali em diante me marcariam profundamente. Um que não posso deixar de citar é o que o chamo carinhosamente de vovô tatá Omolu, pois ele é um dos sete mais antigos anciões do mistério divino Omolu. Quando nos abraçamos, perguntou-me:

– Neto amado, quem é aquela jovem, filha do Tempo que o observa há tempo e está prestes a explodir?

– Ela é uma das amadas filhas da vovó Guardiã do Tempo, vovô Omolu.

– Entendo. Você quer um conselho desse seu velho avô?

– Claro que quero, vovô.

– Cuidado com essas filhas do Tempo.

– Por quê, vovô?

– Eu as conheço bem, meu neto. Ou você a possui logo, e totalmente, ou logo ela começará a possuí-lo.

– Não entendi, vovô.

– Você ainda é muito jovem e pouco ligado a certas nuances dos mistérios. Eu, como seu avô amado, sinto-me no dever de alertá-lo sobre o que ainda desconhece no trato com suas irmãs. Essa aí em especial é do tipo mais perigoso, sabe? Ela é daquelas que, se entrar na sua vida, nunca mais sairá. Então é melhor você tomar a iniciativa e entrar primeiro na vida dela, pois daí em diante ela manifestará suas vontades e reagirá aos seus desejos. Mas, se você não fizer isso logo, aí será ela quem imporá as vontades e a você só restará reagir aos desejos dela.

– Puxa!!!

– Vá visitar-me nos meus domínios que lhe ensinarei algumas coisas não comentadas de forma aberta sobre suas irmãs, que, se não estou enganado, o têm possuído assim que descobrem em você o portador natural de um certo mistério, sabe?

– Mas elas vibram amor, vovô!

– É certo que sim. Mas, como elas são conhecedoras dessas nuanças não comentadas, tratam logo de possuí-lo. Ou não é isso que vem acontecendo com você no sentido onde esse seu mistério mais se manifesta? Você tem de deixar de reagir aos desejos delas e assumi-las assim que as ver. Daí em diante elas se debaterão como peixinhos aprisionados numa rede forte, mas no fim, já exaustas de tanto se debaterem, lânguidas e dóceis se deixarão possuir e daí em diante reagirão às suas vontades, pois nelas, elas se manifestarão como desejos. E estas serão os pares mais agradáveis, sabe?

– Serão?

– Claro que serão. No par que você formar com elas, todas as iniciativas lhe pertencerão.

– Vovô Omolu, qualquer dia desses, o visitarei, e o senhor me instruirá sobre essas nuanças.

– Cuidado quando for aos domínios dele, meu neto! – Alertou-me um vovô que só a mim ele permite esse tratamento carinhoso, pois o chamo de vovô Xangô de Lei.

– Por quê, vovô?

– Bom, se bem conheço esse seu avô tatá Omolu, até as filhas e netas dele, que vivem sob a sua irradiação direta, são como ele: preocupadas em ser as cabeças nos pares que formam!

– E...

– Você é o par ideal que elas procuram, pois não se preocupa muito em observar certas nuanças e, com certeza, não só será totalmente possuído por elas, como ainda se sentirá sempre em falta com seus deveres de par ideal.

Mas vovô Omolu me tranquilizou ao dizer-me:

– Com você isso não acontecerá, meu neto. Eu o vejo como um herdeiro natural do mistério que flui por meio de mim e vou prepará-lo muito bem antes de apresentá-lo a elas. Afinal, aqueles domínios sempre foram regidos por nós, os tatás Omolus. E não vou querer vê-lo submetido aos desejos delas. Não você, meu herdeiro natural!

– Obrigado por ter-me na conta de um dos seus herdeiros naturais, vovô Omolu! – exclamei feliz.

– Papai já o possuiu, meu filho! – alertou-me minha amada mãe Guardiã das Almas, ou Iansã do Cemitério, como ela é mais conhecida na Umbanda Sagrada.

– Já?

– Nem tenha dúvidas disso. Mas não se preocupe nem um pouco, pois, de agora em diante, ele o protegerá tanto, que, se algum daqueles seus irmãos venenosos arreganhar suas presas venenosas contra você, no instante seguinte, esse grosso cajado que ele usa já estará esmagando a cabeça do infeliz venenoso.

– É assim que são as coisas?

– São assim sim, meu filho. Por que você acha que sua mãe Guardiã das Almas é tão temida? Não existe outro vovô tão possessivo e ciumento de seus filhos e netos que os vovôs Omolu, meu filho. Eles podem ser quietos, até muito calados! Mas não descuidam dos herdeiros naturais dos seus mistérios nem um só segundo. Mesmo nas horas de sua vida regida por seus outros pais e mães maiores, eles sempre o estarão vigiando e prontos para socorrê-lo em caso de perigo ou traição.

– Ou para puni-lo em caso de exceder-se ou de atentar contra a vida em algum sentido! – advertiu-me meu pai Guardião Beira-mar, que conhecia muito bem aquele meu vovô Omolu.

– Antes de punir, costumo alertar, meu neto amado – confortou-me ele, que também esclareceu: – Você ainda não sabe, mas a cascavel encantada é um dos meus mistérios.

– Não!!!

– Por que tanta admiração, neto amado?

– Vovô, então aquela cascavel encantada que me acompanhou enquanto vivi na carne obedecia ao senhor?

– Você não sabia?

– Ninguém nunca me revelou nada sobre ela. Como eu poderia saber?

– Por que você não associou as coisas?

– Como deveria associá-las?

– Bom, a cascavel do plano material não suporta água ou umidade, não é mesmo?

– Sim, elas são apreciadoras da terra seca, que de tão seca chega a empedrar.

– É isso, neto amado! O elemento original do mistério Omolu é o elemento terra, que é puro é seco, muito seco. Logo, na analogia elemental, elas vivem sob a irradiação seca do mistério Omolu. E, porque elas apreciam as pedreiras, então confiei esse mistério cascavel encantada à sua amada mãe Guardiã das Pedreiras, que também é outra de minhas filhas amadas.

Virei-me para minha amada mãe Guardiã das Pedreiras e perguntei:

– Mamãe, por que a senhora nunca me revelou que é a regente do Mistério Exu Cascavel que costuma manifestar-se no ritual de Umbanda sagrada como mais uma das linhas de ação e reação?

– Você nunca me perguntou, meu filho. Ou perguntou?

– Acho que não. Mas que eu tinha curiosidade de saber algo sobre eles, isso eu tinha.

– Ter curiosidade não é o bastante, meu filho. Tem de se fazer merecedor do segredo dos mistérios.

– Ele bem que poderia ter me dado alguma informação, sabe?

– Aquele Exu cascavel não estava à sua esquerda para ensiná-lo. Eu o assentei nela para ele protegê-lo e sinalizar aos seus irmãos venenosos e traiçoeiros que, se o atingissem imerecidamente, iriam se ver comigo no instante seguinte de suas vidas sombrias.

– Sabem, vocês todos, meus amados pais e avós não imaginam como me sinto feliz e pleno nesse momento único de minha vida!

– Por que você se sente assim, meu filho? – perguntou-me meu vovô, que chamo carinhosamente de vovô Xangô do Fogo.

– Sinto que, nesse momento, estão aqui todos os pais, mães, avôs e avós guardiões de todos os mistérios que se manifestam, religiosamente, através do Ritual de Umbanda Sagrada. E, porque um guardião de mistério é alguém que o traz em si mesmo e o manifesta por meio de seus sentidos, acho que estou no centro dos mistérios de minha amada Umbanda Sagrada.

– Essa sua felicidade e plenitude nos contagia, filho amado. Plenos de felicidade nós seremos quando todos os filhos da Umbanda verem a nós, seus pais e avós, não apenas como entidades abstratas e desconhecidas que os sustentam e respondem aos seus mais comezinhos pedidos, mas também como seus amados

pais ancestrais, todos desejosos de receber deles esse amor filial tão especial que você vibra e irradia o tempo todo a nós, e por nós! – falou-me uma de minhas vovós que chamo carinhosamente de vovó Nanã das Águas, que ainda não havia me abraçado, mas que me envolveu num delicioso e maternal abraço, ao qual correspondi inundando-a com aquele amor único que tanto a alegrava. E ela, discreta como só ela consegue ser, perguntou-me:

– Neto amado, você conhece minhas filhas e netas?

– Não, vovó. Elas são arredias, acho eu.

– Não são arredias.

– Não?

– Não mesmo!

– Então por que se fecham todas quando nos aproximamos delas?

– Você sabe que o meu mistério é misto, não?

– Eu sei. Ele manifesta em um de seus polos o elemento terra e no outro o elemento água. É isso, não?

– Sim. E o que acontece é que no elemento terra elas são racionais até demais. Mas no elemento água são tão emotivas, mas tão emotivas, que preferem fechar-se para não mostrarem o quanto são sensíveis às manifestações dos mais nobres sentimentos... e dos mais íntimos também!

– Verdade?

– Sim. Eu tenho certeza de que, se você localizar nelas o ponto exato onde têm um meio para externarem seus mais íntimos sentimentos, descobrirá nelas pares tão ideais a esse seu mistério que irá adotar tantas quanto lhe for possível ou permitido.

– Puxa!!!

– Mas lembre-se de que elas tanto são terra quanto água. Logo, proceda ou seja racionalmente emotivo, e emotivamente racional se quiser abrir o mistério de cada uma delas. Mas, quando abri-los, não tenha dúvidas de que, daí em diante, jamais o fecharão para o seu mistério, que é você mesmo, pois ambos se confundem tanto que, mesmo eu recorrendo a todo o meu poder, não consigo descobrir onde um se inicia e o outro termina. Acho até que, com você, seu vovô Omolu se enganou.

– Por quê, vovó Nanã das Águas?

– Ele pensa que o possuiu. Mas tenho quase certeza de que ele foi possuído pelo seu mistério. E, se bem o conheço, nunca diga isso a ele – cochichou-me aquela minha vovó Nanã das Águas, que forma um par ideal com meu querido e amado vovô Omolu do Pó, ou da terra seca. Então, baixinho, perguntei-lhe:

– Vovó, como são as filhas e netas do vovô?

– Elas, por serem só o elemento terra pura, são um tanto áridas. Mas, se descobrirem que você traz em si o Mistério da Geração e que gera a água viva da vida em todos os sentidos, certamente, se desmancharão todas por você, e o envolverão tanto, mas tanto, que ou você as inundará com sua água viva ou se transformarão em poeira... e o cegarão!

– Nossa!!!

– Acho melhor, para você, que primeiro descubra o ponto de equilíbrio que já existe em minhas filhas e netas, já que elas são tão terra quanto as de seu avô, mas são tão água quanto as de sua regente aquática. Sempre é bom, antes de ligar-se a um elemento puro, conhecê-lo em quem ele é um dos polos, sabe?

– Sei. A senhora acha então que primeiro devo alcançar um ponto de equilíbrio entre a terra e a água que só suas filhas e netas possuem. É isso?

– É isso que você está desejando neste momento?

– Sim, senhora.

– Então é isso que sinto vontade que você faça. Assim que esse seu desejo manifestar-se como uma vontade, vá visitar-me que o assento à minha direita e daí em diante tenho certeza de que formará tantos pares com minhas filhas e netas quanto lhe for possível ou permitido.

– O que me é permitido, vovó?

– Tudo o que é possível você realizar com seu mistério.

– E o que me é possível?

– Tudo o que seu mistério lhe permite. Nele estão tanto suas possibilidades quanto seus limites. E, se não estou enganada, seus limites são amplos até demais, sabe?

– Sei. Mas não tenho culpa se são tão extensos, vovó!

– Ter limites tão extensos e permissões tão abrangentes não é culpa, neto amado. Nunca pense assim, pois isso é sinal de méritos, méritos e mais méritos. E, se seu regente ancestral os abriu a você, assuma-os sem se preocupar com mais nada, pois ele sempre lhe dará sustentação, amparo e proteção enquanto você estiver atuando dentro dos seus domínios, que são os dele, e dele são todos eles!

– Entendo.

– Você ainda está recebendo suas primeiras lições sobre os mistérios. Quando for senhor de um conhecimento profundo sobre eles, então entenderá que esse se manifesta por meio de você, ou é parte de sua vida. Se você ainda não o compreende muito bem, também não deve bloqueá-lo, pois não será sua mente que o paralisará. Só que, se você insistir em bloqueá-lo, ele paralisará sua mente e todo o seu corpo energético.

– Essa sua vontade de assentar-me à sua direita para que ele possa manifestar-se em seus domínios já o ativou, vovó.

– Eu sei. Posso senti-lo já alcançando uma determinada faixa vibratória dentro dos meus domínios.

– Isso não a incomoda?

– Por que me incomodaria, se já lhe reservei essa faixa e esse campo de ação em meus domínios?

– Vovó, ou estou enganado ou seus domínios são muito mais amplos do que li nos comentários humanos sobre o mistério "Nanã Buruquê".

– São muito mais, neto querido e amado.

– Santo Deus! Como são vastos seus domínios, vovó!!!

– Seu mistério já alcançou os limites deles na horizontal?

– Ainda não. Mas ele já começou a abrir-se na vertical, tanto para cima quanto para baixo da faixa onde a senhora assentou-me!

– Vê como um mistério é imprevisível? Eu reservei para você uma faixa, mas ele nem acabou de ocupá-la e já está alcançando todas as outras faixas vibratórias regidas pelo mistério "Nanã".

– Por que isso está acontecendo, vovó?

– Sua mãe maior, a Orixá ancestral Nanã, o quer ativo e presente em todas as faixas vibratórias que o mistério dela ocupa, assim como o está assentando à direita de todas as regentes dos reinos localizados dentro delas.

– Sinto que isso está acontecendo, vovó. Vou precisar de sua sabedoria para poder conduzir-me segundo essa vontade maior que começou a manifestar-se em minha vida.

– Não imagina como me sinto feliz por solicitar-me como sua orientadora, neto amado. Esse seu mistério é encantador mesmo!

– Por quê, vovó?

– Nossa mãe maior Nanã nunca abriria todos os domínios regidos pelo mistério que ela é em si mesma se esse seu mistério não atendesse a propósitos únicos e muito amplos. Você a encantou, neto amado, e a partir de agora ela lhe abrirá tantos mistérios, até muitos que já estão adormecidos no tempo. E compete a você penetrar neles, despertá-los e reavivá-los com seu mistério regenerador-renovador.

– Como devo proceder com esses mistérios tão antigos e já adormecidos no tempo?

– Primeiro imagine a forma ideal que gostaria de vê-los quando renová-los. Depois os desperte com sabedoria e amolde-os segundo suas concepções mais íntimas, pois você só os sustentará se atenderem às suas idealizações, que imporá quando estiver renovando-os. Afinal, seu vovô tem certa razão quando diz que você tem de possuir e ser o polo ativo dos pares que vier a formar. Só assim você nunca será paralisado por nenhum mistério quando se ligar a ele por meio do seu.

Na verdade, o seu atende a vontades maiores, muito mais amplas e bem mais abrangentes que você sequer consegue imaginar. E se você se distingue pelas Sete Estrelas, então seja o guardião de todos os mistérios que vier a ligar-se. Seja, em si mesmo, a luz da estrela que os iluminará no seu campo de ação.

– Obrigado, vovó. A senhora é maravilhosa e generosa comigo, um neto ainda pouco conhecedor dos mistérios ou de mim mesmo. Vou apoiar-me na sua sabedoria para atender a essa vontade de nossa mãe maior Nanã.

– Você me alegra muito, neto amado! Tenho certeza de que todas as minhas filhas e netas já estão ansiosas para formar consigo os pares mais maduros de sua vida e mistério, que, se não estou enganada, já está atraindo-as.

– É, está sim. Estou espantando com o número delas, vovó! São tantas!

– Sempre confiei no seu potencial, neto amado. Não decepcione sua mãe maior Nanã. Ampare na irradiação do seu mistério quantas desejarem tê-lo como par ideal, está bem?

– Sim, senhora.

– Agora vá ver o que seu avô tatá Omolu deseja, pois acho que ele não gostou muito de vê-lo se ligando às minhas filhas e netas antes de assumir o que ele idealizou para você nos domínios dele.

– Saberei contornar essa contrariedade, vovó!

Quando me aproximei de vovô tatá Omolu, ele foi logo advertindo:

– Você está se deixando dominar muito facilmente, neto tolo! Acho que, se levá-lo aos meus domínios, você não será o cabeça de um só par!

– Por quê, vovô amado?

– Você não viu o que sua avó acabou de fazer?

– Ainda não formei nenhum par nos domínios dela, vovô.

– Mas as filhas e netas dela já, e assumiram as cabeças dos pares que formaram.

– Como é que elas fizeram isso se mal as ligações se processaram?

– É, você vai ser mais difícil de assentar em meus domínios do que seus ancestrais irmãos astutos. Eles, antes de assumirem o que lhes tenho reservado, já deram uma olhada em tudo e são tão esquivos e ágeis que, quando vou assentá-los, já assumiram a cabeça das ligações e daí em diante comandam tudo.

– Quem são meus irmãos astutos nos seus domínios, vovô?

– Você não os conhece?

– Não, senhor.

– Assentei muitos deles no Ritual de Umbanda Sagrada como Exus. E todos eles pontificam as cabeças dos pares que formam!

– Entendo. Realmente eles são muito astutos!

– Acho que vou esperar você amadurecer mais um pouco antes de levá-lo aos meus domínios, neto amado.

– Está certo, vovô. Quando o senhor vir que estou pronto, então me conduza aos seus domínios naturais. Não quero decepcioná-lo não me portando como um herdeiro digno do seu mistério. Afinal, acho que ainda estou muito humano, não?

– Está sim. Mas isso passa com o tempo, sabe?

– Sei. O tempo cuidará dessa minha característica.

Ainda fiquei acompanhado por eles durante muito tempo. E, quando todos partiram, acho que vovó Guardiã do Tempo esqueceu-se de levar aquela sua filha, pois ela permaneceu ali, onde me encontrava.

Aproximei-me dela e perguntei:

– Você quer caminhar um pouco, irmã amada?

– Você me quer como companhia?

– Acho que temos muito em comum, e caminhar ao seu lado será muito agradável.

– O mesmo digo eu. Afinal, alguém que consegue reunir todos os pais e avós à sua volta, e ao mesmo tempo, deve ser portador de algum mistério muito especial.

– Acho que eles gostam da minha companhia.

– Tenho certeza de que gostam. Mas como você consegue agradar a todos ao mesmo tempo?

– Amo a todos com a mesma intensidade e sou atencioso com todos, pois sei que são muito atenciosos comigo.

– Por que aquela vovó o envolveu todo quando você a abraçou e a inundou com seu amor de neto?

– Eu desejei ser envolto pelo amor maternal dela.

– Por quê?

– Oras, é gostoso se deixar envolver de vez em quando.

– É?

– Quem sabe um dia desses você aquiete um pouco essa sua natureza eólica e se deixa envolver, não?

– É, talvez isso aconteça quando surgir em minha vida um par ideal.

– Nunca surgiu alguém que despertasse seu interesse?

– Já. Mas quando os contemplei demoradamente, encontrei tantas deficiências que achei melhor continuar atuando sozinha. Para que formar um par se iria me paralisar no Tempo?

– Entendo. Quem sabe um dia desses surge em seu caminho o par tão desejado, não?

– Acho que sou muito exigente e isso nunca acontecerá.

– Você já pensou em conceder a si mesma um minuto de descontração?

– Por que você diz isso?

– Bom, não se ofenda, mas não pude deixar de ver que você está o tempo todo com suas defesas ativadas. Isso a deixa tensa e não lhe permite ver as qualidades que seus irmãos possuem. Essas suas defesas só lhe mostram as deficiências que eles ainda têm. E isso já ativa o polo negativo do seu mistério, que os repele, ou até a antagoniza com eles.

– Acho que nunca desativarei minhas defesas.

– Conceda-se um só minuto de descontração.

– Se fizer isso, com certeza alguém já punido por mim se aproveitará de minha distração para me atingir.

– Caso você permita, assumirei sua defesa nesse seu minuto de descontração, irmã amada.

– Você está tentando conquistar-me para me dominar, irmão amado?

– Não. Mas fico triste ao ver em você tanta aridez, sabe? Minha natureza não se conforma em ver alguém tão especial como você tão solitária e tensa. Todo o meu ser vibra um desejo imenso de vê-la descontraída e entregue aos acasos da vida, mesmo que seja só por um minuto.

– A vida não possui acasos, irmão.

– Será que não?

– Tenho certeza de que não.

– Mas podemos fingir, só por um momento, que aquela linda lagoa surgiu na nossa frente por acaso, e nós aproveitamos a oportunidade e nos sentamos na margem dela para sentirmos em nossos pés o frescor agradável de sua água.

– Que lagoa, irmão?

– Aquela ali, oras!

– Não estou vendo lagoa alguma. Onde ela está?

– Você tem certeza de que não está vendo?

– Você está brincando comigo?

– Não. Olhe no cristalino dos meus olhos que a verá refletida neles.

Ela olhou nos meus olhos, depois tornou a olhar em volta, mas não viu nada.

– Acho que só você a está vendo, irmão.

– Tenho certeza de que ela está ali, bem à nossa esquerda!

– Ali só tem terra no material e éter condensado no espiritual.

– Não. Ela está ali e vou provar-lhe.

– Você é maluco, irmão?

– Plasme um vaso que colho um pouco da água.

Ela plasmou um, e dirigi-me até o lago, onde o enchi de água cristalina. Quando ela o recebeu de volta, não acreditou no que viu e falou:

– Isso é um dos recursos do seu mistério, não?

– Você sabe como atuam os mistérios, não?

– Sei.

– Então segure minha veste que verá que não recorri a nenhum dos meus recursos.

Ela segurou, e mergulhei no lago. E sem que ela visse água alguma, saí molhado. Ela sacudiu a cabeça e disse:

– Você continua fazendo alguma coisa, pois o vi desaparecer e reaparecer todo molhado.

– São suas defesas, irmã. Elas estão tão tensas que a impedem de ver essa linda e refrescante lagoa.

– Provavelmente você tem um acesso direto a outra dimensão, irmão. Então é fácil fazer o que fez, não?

– Será que é isso?

– Só pode ser.

– Aquele rio que deságua na lagoa, você não consegue vê-lo?

– Ali não tem nenhum rio, irmão.

– Bom, acho que estou vendo outra dimensão, não?

– Está sim. Da dimensão humana é possível ver todas as outras se soubermos ativar nossa visão.

– Obrigado por me ensinar isso, irmã do Tempo.

– Você precisa certificar-se sobre todos os seus recursos, senão acabará se confundindo, irmão.

– Preciso sim. Acho que sei tão pouco sobre mim mesmo ou sobre os mistérios que já se manifestam por meio dos meus sentidos que você deve achar-me um tolo, não?

– O tempo lhe facultará um autoconhecimento. Não se preocupe com isso!

– Você não se incomoda de ficar aqui enquanto mergulho mais uma vez naquela lagoa? Não resisto à água, sabe.

– Fique à vontade. Esse é seu minuto de descontração, não?

– Concedo-me esse minuto sempre que sinto vontade ou sinto-me atraído por alguma coisa.

– Quando alguma coisa o atrai, você vai logo se entregando a ela?

– Depende.

– Depende do quê?

– Só costumo entregar-me às coisas que se deixam possuir. Veja essa lagoa, por exemplo. Ela está ali e só preciso mergulhar nela para usufruir sua deliciosa água.

– Acho que captei um duplo sentido no que acabou de dizer-me, irmão.

– Não, irmã. Você está tão tencionada que, se captar qualquer estímulo meu, seu negativo voltará a atingir-me. Não tem duplo sentido e digo-lhe mais: não desejo formar um par com você nem estou tentando possuí-la. Portanto, não se dê ao trabalho de levantar tantas defesas contra o que em mim existe e que tanto a incomoda. Sou como sou porque sou como sou. E o que você capta como duplo sentido é só meu modo de expressar-me.

– Nem eu desejo formar um par com você, irmão. Nossas naturezas e mistérios são opostos em tudo!

– Nossas naturezas são, mas nossos mistérios não. Apenas acontece que vivo meu polo positivo e você vive seu polo negativo. Logo, estamos em campos opostos quando atuamos.

– Eu sou uma punidora dos excessos, e você não me aceita por ser como sou, não é mesmo?

– Já fui como você, irmã. Saiba que vivi tão tenso durante muitas encarnações, que chegou um momento que minhas defesas ruíram e ficaram reduzidas a cacos, que começaram a ferir-me. Continue tensa assim e no futuro também serás obrigada a colher os cacos de suas defesas em seu próprio corpo. Garanto-lhe que não é nada agradável de se vivenciar. Eu sei muito bem como é dolorido recolher nossos próprios pedaços.

– Bom, acho que não vou atrapalhar seu minuto de descontração, irmão. Tome sua veste que vou me recolher aos domínios de minha amada mãe. Até outro encontro.

– Até, irmã solitária que não concede a si mesma um só minuto de descontração.

Apanhei minha veste e cobri-me rapidamente, arrancando dela mais uma pergunta:

– Você não ia divertir-se na sua refrescante lagoa?

– Perdi a vontade. Com sua licença, irmã!

Após saudá-la, afastei-me dela sem lhe dar as costas até que estivesse fora de seu campo magnético e ela do meu. Depois volitei e desapareci de seu campo visual, ocultando-me em outra dimensão, onde aquietei meu emocional e neutralizei as irradiações do polo negativo daquela irmã, prestes a ter suas defesas reduzidas a cacos.

Ainda estava contemplando-a para ver se encontrava uma brecha em suas defesas quando surgiu ao meu lado o senhor Guardião Naruê, um dos meus ancestrais pais mediadores. Ajoelhei-me diante dele, saudei-o e pedi sua bênção. Após me abençoar, ele ordenou:

– Levante-se e recolha em seu íntimo essa sua veste do Tempo, meu filho. Depois se posicione à minha direita que vamos caminhar um pouco.

– Meu amado pai Guardião Naruê, o senhor me honra posicionando-me à sua direita.

– Esse sempre foi seu lugar ao meu lado, filho amado. Mas, quando você se deslocou para minha esquerda, à frente ou atrás, saiu de seu posicionamento natural e tornou-se um ser antinatural.

– Perdoe-me, pai amado.

– O divino Criador já o perdoou. Caminhemos um pouco pelos vastos domínios dos sagrados regentes planetários.

– Conduza-me, pai amado!

Caminhamos por algum tempo sem que ele nada dissesse. Mas, de repente, perguntou:

– Filho, você ainda se recorda do tempo em que atuava como médium de Umbanda Sagrada?

– Lembro-me, sim.

– O que significava para você o Ritual de Umbanda Sagrada?

– É minha religião, meu pai.

– Só isso?

– Não. Significa ação, trabalho e evolução. Foi na Umbanda que consegui superar os mesquinhos conceitos religiosos que pululam na face da Terra, e religuei-me em definitivo com os divinos regentes das sete linhas de Umbanda Sagrada, que é a síntese de todas as religiões já semeadas na face da Terra.

– Por que ela é a síntese religiosa, meu filho?

– É porque nela, por meio de suas linhas de ação e reação, todas as religiões estão representadas e ativas no plano material, pois mesmo que tenham se recolhido ao plano espiritual há dezenas de milênios, na Umbanda Sagrada voltaram a ter um recurso fundamental para poderem resgatar seus afins que ainda estão no ciclo reencarnacionista, ou os que ficaram retidos no lado escuro da vida. Nas suas linhas da direita atuam os espíritos já reequilibrados mentalmente e rearmonizados com a vida. E na esquerda atuam os que estão retornando aos domínios naturais regidos pelos Orixás sagrados, pelas linhas de Exus e Pombagiras.

– Vejo que você entendeu tudo o que nós lhe transmitimos.

– Espero não ter decepcionado nenhum dos meus pais.

– Algumas vezes você não procedeu como o instruíamos, mas isso não causou transtornos já que você era um médium atento e obediente, e logo corrigia seus próprios erros, falhas e pecados. Foi por isso que os regentes planetários despertaram alguns de seus mistérios mesmo com você vivendo no corpo humano carnal.

– Apesar do pouco conhecimento sobre tudo, espero tê-los usado corretamente.

– Você se recorda de quando nós, seus pais na Lei, ordenávamos que executasses alguns irmãos seus que haviam caído em todos os sentidos?

– Sim, senhor. E ainda me sinto incomodado por ter executado tantos.

– Você é um portador natural do Mistério Guardião da Lei e da Vida, e é um guardião natural do Mistério Divino das Sete Encruzilhadas. Portanto, não relembre aquelas execuções senão como suas ações cósmicas a serviço da Lei. Todos os seus irmãos que chegaram até seu nível vibratório e seu campo de ação foram alcançados pelo seu Mistério Guardião. Os que procuravam em você um amparo da Lei, você os acolheu, não?

– Acolhi sim, meu pai. Acho que muitos dos que acolhi, o senhor assumiu a guarda deles, não?

– Assumi sim, meu filho. Mas também lhe chegaram aqueles que só tinham em mente destruir o abrigo transitório ou temporário que você é em si mesmo. E a estes, você executou segundo os ditames da Lei Maior, não?

– Executei-os, sim. Mas isso não me fez muito bem, sabe?

– Sei. Mas, ou você os executava ou eles nunca recuariam ou deixariam de atingi-lo só porque você recolhia os que haviam se creditado e escapado aos domínios deles. Portanto, anule em seu íntimo os remorsos ou culpas, pois você é um instrumento da Lei. E muito cortante, sabe?

– Acho que sou, sim. Não foram poucos os que cortei.

– Você sabe por que cortou tantos, e com tanta facilidade?

– Não, senhor.

– Você é um portador natural do grau de mediador do Mistério Sete Espadas de Defesa da Coroa Divina.

– Sou?

– Sim, você é. E tanto é que seu amado pai Guardião Sete Espadas de Defesa da Coroa Divina o usou intensamente na execução daqueles seus irmãos que ultrapassaram os próprios limites. Saiba que, para a Lei Maior, é tido como um bem, a execução de quem ultrapassou seus limites ou invadiu limites alheios. É assim que atua o Mistério Guardião, meu filho. Se eu ultrapassar meus limites de guardião ou, se no uso desse meu mistério, invadir limites alheios, com certeza serei executado no mesmo instante. O divino Criador é o limitador de todos os mistérios. E quem se arvorar em um portador ilimitado, com certeza está buscando sua execução final. Logo, que seja realizado seu desejo, certo?

– O senhor transmite tanta naturalidade ao falar isso que chego a assustar-me.

– Por quê?

– Bom, eu, ao ter meu mistério despertado, ouvi várias vezes que não haveria limites para as minhas atuações.

– E não existem. Mas são limites externos, pois seu mistério é único e na sua faixa vibratória seu campo de ação é infinito. Na minha faixa vibratória também não sou limitado. Mas nas outras faixas vibratórias só adentro para desdobrar meu mistério se for solicitado pelos guardiões delas. E aí entram os limites interiores ou internos, que todos nós possuímos.

– Como posso identificar esses limites internos?

– Você não se afastou daquela sua irmã do Tempo assim que sentiu que o negativo dela estava se manifestando?

– Se eu continuasse ali, ela seria atingida pela reação natural das defesas do meu Mistério da Geração, pai amado.

– E sei disso. É aí que identificará seus limites. Você não deseja executá-la ou ligar-se a ela, não é mesmo?

– Não senhor. Vovó Guardiã do Tempo está tentando livrá-la de uma queda vibratória, mas meu mistério não comporta ações violentas. Ou elas fluem naturalmente ou não se iniciam.

– Isso é limite interno, filho. Respeite-os sempre e nunca violentará a natureza alheia.

– Estou duplamente triste. Não consigo realizar naturalmente uma vontade de minha amada vovó Guardiã do Tempo, que ficará triste caso aquela irmã caia, e sinto ver como ela fechou-se. Está tão impenetrável que, se eu irradiar um cordão energético para ela, com certeza o polo negativo dela subirá à sua cabeça e se apossará de seu mental, lançando-a em uma terrível queda vibratória.

– Você se recorda de quando os guias espirituais incorporados nos médiuns advertiam os consulentes para que se reajustassem, senão seriam punidos?

– Lembro-me. Muitos ouviam os conselhos e logo superavam certas dificuldades. Mas alguns não só não se reajustavam, como também achavam que estavam tentando fazer suas cabeças para a Umbanda.

– Sempre acontece isso com os que se fecham. Por isso existe o mistério guardião, e seus portadores naturais o usam intensamente: rompem esses cercos impenetráveis!

– O senhor está sugerindo que eu atue sobre ela?

– Ainda não. O que desejo é que você se conscientize das reais funções do seu mistério guardião e conheça em si mesmo suas qualidades, atributos e atribuições. Só assim o usará conscientemente e não se sentirá magoado quando usá-lo em benefício dos seus irmãos.

Meu pai Guardião Naruê despertou em meu íntimo meu mistério guardião, e conscientizou-me sobre suas reais funções para que, quando eu o usasse, não ultrapassasse meus limites, ou deixasse de atuar sobre a vida de quem adentrasse em meus "domínios", que ficavam na faixa vibratória exclusivamente reservada ao meu mistério da geração, ilimitado nela, mas limitado em meu íntimo. E quando viu que eu já o dominava, perguntou-me:

– Gostaria de conhecer alguma coisa nova?

– Sim, senhor. Estou ligado ao lado negativo da dimensão regida pela minha amada mãe Oxum e o mesmo aconteceu quando minha vovó Nanã das Águas abriu-me o mistério regido por minha mãe ancestral e maior, Nanã. O campo é tão vasto, e são tantos os níveis vibratórios, que só tenho atuado a distância e assim mesmo com muita cautela. Mas tenho visto muitos casos que só serão reequilibrados e rearmonizados caso eu adentre naqueles domínios negativos e atue de frente, pois muitas estão impermeáveis às atuações verticais ou inclinadas.

– Sabe por que o Ritual de Umbanda criou a linha horizontal onde estão assentadas as linhas da direita e as da esquerda?

– É para que os guias espirituais possam atuar de frente para os encarnados?

– Não só com eles. Um guia espiritual, estando assentado na linha horizontal, tanto atua de frente no nível vibratório dos espíritos encarnados quanto nos que estiverem acima ou abaixo dele na dimensão espiritual. Na linha vertical, os que estão assentados acima não podem descer. E os que estão abaixo não podem subir. Já com a linha horizontal isso não acontece, pois a linha neutra não existe como separador de campos.

– Então recorrem às irradiações inclinadas ou perpendiculares, não?

– Recorrem, sim. Você conhece o mistério das velas?

– Que mistério, meu pai?

– Filho amado, você sabe que por trás de todo recurso da Fé existe um mistério, certo?

– Conheço alguns, pai Guardião Naruê. Sobre as velas sei muito pouco. Fale-me sobre elas, por favor.

– Como você procedia quando ia abrir um trabalho?

– Firmava meu altar e minha tronqueira.

– Com velas?

– Sim, com velas.

– Você realizava algum trabalho espiritual sem ao menos uma vela acesa?

– Não, senhor. Firmava uma, pelo menos, ao meu Exu guardião e outra ao meu pai Oxalá.

– Só invocá-los já não era o bastante se eles respondiam à sua invocação?

– Eu não me sentia bem se não os firmasse com as velas. Mas, assim que as firmava, era como se tivesse estabelecido todo um campo religioso que antes não era percebido.

– Filho, saiba que quando você acendia ou firmava as velas, você estava estabelecendo no plano misto, matéria-espírito, poderosos polos magnéticos em perfeita sintonia com os mistérios regentes dos Orixás, Exus e Guias Espirituais que invocava.

– Como isso acontece, meu pai Guardião Naruê?

– A chama da vela é um mistério religioso por excelência, e simboliza a chama da fé que se manifesta religiosamente e estabelece espaços religiosos bem definidos. Se um filho de fé acender uma vela para o divino Ogum, que é o polo

positivo regente da linha da Lei, imediatamente estabelecerá um cordão de ligação com nosso pai maior Ogum que, se simbolicamente está assentado no alto do Altíssimo, no entanto está em todos os lugares, porque ele é um poder imanente sustentador da ordem.

Então, ao acenderem uma vela a ele e invocá-lo, pedindo-lhe sua divina proteção durante um trabalho espiritual, abrem um polo magnético ordenador no lugar onde o trabalho se realizará, pois terão trazido do alto o divino Ogum, e ele atuará de frente para os que estiverem reunidos naquele espaço material consagrado em seu nome.

Como o divino Ogum é imanente, ele está em tudo e em todos ao mesmo tempo. Mas ele se irradia a partir do polo positivo da linha por onde fluem todas as irradiações ordenadoras dos processos mágicos e das manifestações religiosas. Mas, quando ele é invocado diante de uma vela acesa firmada em seu nome, ele passa a atuar no mesmo nível vibratório de quem o invocou e firmou. E bem ali ele abre um polo magnético irradiante que dará sustentação horizontal enquanto o trabalho não for encerrado. Mas assim que encerrarem o trabalho espiritual e as velas tiverem se queimado, o polo se fechará para o lado material, mas permanecerá aberto e ativo por um período de sete dias, quando então se fechará automaticamente.

– Por que ele permanece aberto por sete dias?

– Não existem sete linhas de umbanda?

– Sim, existem.

– Cada uma delas não é regida por um par ideal de Orixás maiores?

– São, sim, senhor.

– Cada um desses pares não tem um dia da semana só para eles, quando seus mistérios ficam voltados para a dimensão humana para irradiarem, absorverem ou anularem tudo o que foi consagrado a eles?

– Sim.

– Então, se um filho de fé realizar seu trabalho sob a irradiação do divino Ogum, o polo aberto no mesmo nível onde vive o filho permanecerá aberto até que mais seis dias se passem, pois se durante o trabalho o polo captou alguma irradiação de outras linhas, essas captações serão descarregadas quando for o dia regido pelo par de Orixás senhores do dia correspondente.

– Interessante. Se eu invocasse meu pai Ogum maior e atuasse para ajudar um irmão atingido por algum mistério regido pela linha cujo polo negativo é regido pelo divino Omolu, então o polo o reteria no espiritual até o dia regido por ele, que no seu giro planetário o colheria e reconduziria à sua dimensão ou a um dos seus domínios?

– Sim, é isso mesmo. Seu pai Ogum maior abre um polo localizado no mesmo nível vibratório do médium que o invoca e o firma com uma vela. Todo o trabalho é realizado sob a proteção dele, que por meio do polo magnético recolherá todas as irradiações negativas descarregadas no espaço onde o trabalho se realizar. Fechando o trabalho, o polo fecha-se para o plano material, senão todas

as irradiações que chegarem com pessoas que entrarem posteriormente naquele espaço físico serão captadas pelo polo.

Fechando-o para o plano material, fecha-se a captação. Mas, como ele permanece aberto na dimensão espiritual, se ele captou irradiações oriundas do Tempo, no dia regido pela divina Oiá, ao Tempo o polo as devolverá. E se eram oriundas das Matas (dimensão vegetal), só as liberará no dia regido pelo senhor Oxóssi, que as absorverá e as diluirá em algum dos seus domínios vegetais. E assim acontecerá com todos os regentes nos seus dias, quando é a irradiação imanente que predomina na dimensão humana, assim como em todas as outras.

São sete linhas de umbanda, uma para cada um dos sentidos que formam o setenário sagrado. Cada linha é regida por um par planetário multidimensional ideal, que tem um dos dias da semana só para si, e no qual suas irradiações predominam, ainda que todas as outras também estejam presentes, pois são imanentes.

No dia regido por um Orixá todos os outros atuam, mas através das horas, dos minutos e dos segundos.

O polo magnético aberto sob a irradiação luminosa da chama de uma vela se fecha para o lado material assim que o trabalho é encerrado, e recolhe para o lado espiritual tudo o que captou no lado material ou das pessoas que participaram do trabalho. E o polo permanecerá aberto por mais seis dias, pois durante as horas, minutos e segundos deles, irá liberando tudo o que captou, e que, ou pertence ao dia como um todo, ou a uma de suas horas, ou a um minuto específico de determinada hora de um dos dias. E quando chegar novamente o dia regido pelo divino Ogum, ou pelo Orixá que foi invocado e firmado, a linha regida por ele atrairá aquele seu polo parcial aberto na dimensão espiritual e o reintegrará ou o diluirá no polo magnético maior do divino Ogum.

– Então é por isso que recomendavam que quando fizéssemos um despacho para um Exu não devíamos passar perto dele por sete dias, certo?

– Isto mesmo. Assim que alguém firma as velas para um Exu, ou qualquer outra entidade, abriu um polo que permanecerá aberto até que chegue o dia regido pelo Orixá planetário regente da linha do Exu que recebeu o despacho e foi firmado com velas. Se o Exu foi firmado na mesma noite do dia do seu Orixá regente, então assim que as velas se queimarem ele será recolhido e desaparecerão todas as suas irradiações no plano material. Mas o polo ali aberto permanecerá ativo no lado espiritual por mais seis dias, quando então, no sétimo dia, já estará fechado. Por isso, dependendo do tipo de despacho, não é aconselhável a quem o fez passar perto dele antes do sétimo dia.

– Isso é ciência, meu pai.

– Ciência religiosa, meu filho. É no ato de fé de um filho de umbanda que a pequena chama de uma vela torna-se tão poderosa que assume qualidades divinas tão excelsas que cria todo um ambiente próprio para que a divindade invocada possa abrir no nível vibratório dele, e no plano misto material-espiritual um polo localizado sustentado por ela, a divindade invocada.

No momento em que a vela é acesa, ela é neutra. Mas, assim que é consagrada a um Orixá, estabelece-se um cordão de ligação entre o Orixá e ela. E quando o filho solicita o auxílio do Orixá para que o ampare, proteja, ajude e sustente durante o trabalho que irá realizar, no mesmo instante todo o espaço físico e astral consagrado aos trabalhos é irradiado pelo Orixá por meio da chama da vela, e uma imantação religiosa afim com o tipo de trabalho que o filho realizará se forma e dará sustentação até que seja fechado o trabalho.

O filho firmou uma vela ao seu Orixá, que é um regente planetário, e abriu um polo que o traz para dentro do seu espaço religioso, pois ele foi deslocado do seu polo planetário e comum a todos, para um espaço limitado e comum somente a quem estiver dentro dele.

É por isso que uma casa localizada ao lado de um centro de Umbanda, Espírita, de Candomblé, etc., não sofre influência nenhuma durante os trabalhos que, bem ao lado, estão sendo realizados.

O divino Criador criou o espaço religioso, e ele não sai fora nem um só milímetro do espaço físico dedicado aos trabalhos que ali se realização.

Por desconhecerem esses mistérios religiosos, muitos vizinhos de templos espiritualistas ficam temerosos de que suas vidas ou casas sejam incomodadas com o que acontece dentro dos templos. Mas não devem preocupar-se, pois Deus, quando pensou as religiões, pensou tudo. E isso que acabei de explicar-lhe também foi pensado por Ele, o Perfeito em todos os aspectos.

É certo que os cantos e os atabaques ou o burburinho incomodam os vizinhos. Mas os cantos dos templos evangélicos ou das igrejas católicas também incomodam quem mora ao lado delas, não?

– Isso é verdade, meu pai Guardião Naruê.

– Saiba que vizinhos que se revoltam e passam a criticar o templo e a religião praticada ao lado de suas casas não são punidos pela Lei se externarem suas revoltas ou insatisfações fora dos limites do templo que o incomoda. Mas, se, mesmo em pensamento, vier a externar seus sentimentos contrários dentro do espaço físico de um templo, aí sim, a Lei maior que rege todos os templos o punirá exemplarmente, pois religião, qualquer religião, é assunto divino da alçada do divino Criador. E ninguém tem o direito de pisar em um solo consagrado às manifestações religiosas para críticas a quem quer que seja. Se os religiosos soubessem disso, nunca criticariam outras religiões concorrentes dentro de seus templos.

Eles não sabem, mas qualquer ofensa terá de ser reparada mais adiante quando seus espíritos deixarem o corpo carnal. Eles serão atraídos pelos polos negativos da religião que ofenderam, onde sofrerão punições exemplares, pois, ao ofenderem uma religião, também ofenderão a Deus, que rege todas as religiões. Você, algum dia em sua vida na carne, viu algum guia espiritual ofender alguma outra religião?

– Não, meu pai Guardião Naruê.

– Você viu alguma vez um guia criticar ou ofender os sacerdotes de outras religiões?

– Nunca, meu pai. Nem ao menos uma só vez vi isso acontecer. Eles incorporam e limitam-se a ouvir os consulentes e a orientá-los para que se reequilibrem e se reajustem, pois só assim se tornarão merecedores das benesses divinas que os Orixás sagrados irradiam o tempo todo.

– É isso, filho amado! Um espaço religioso é onde Deus e todas as suas divindades se manifestam de frente e no mesmo nível vibratório das pessoas que dentro dele se reúnem para cultuar o Divino e suas divindades.

Por isso os praticantes de uma religião não devem reagir às ofensas de religiosos concorrentes com novas ofensas. Apenas devem responder com atos que provem sua fé inquebrantável na justiça divina e deem sustentação religiosa aos princípios nos quais acreditam.

Quanto às críticas ou ofensas lançadas a partir do exterior dos templos ofendidos, elas são recolhidas pelo tempo e no devido tempo ao ofensor será mostrado que, em vez de criticar ou ofender, ele deveria ouvir e aprender um pouco sobre o que seus irmãos religiosos realizavam ao lado de sua casa, pois talvez ali tivessem algo de bom também para ele, um não religioso, mas também um filho de Deus!

– Pai Guardião Naruê, eu me sentia muito ofendido quando ouvia uns religiosos mercadores de almas ofenderem os Sagrados Orixás.

– A mim eles também ofenderam, meu filho.

– Eu os chamava de canalhas, vermes, cachorros, malditos, comerciantes religiosos e mercadores da fé, de tão irado que ficava. Chegou um tempo que cheguei a odiá-los e até amaldiçoei alguns. Mas depois superei essas mágoas, sabe?

– Ótimo, filho.

– Não ofendi alguém ou infringi alguma Lei religiosa?

– Só quando os chamou de cachorros, de vermes e de malditos, pois os cachorros e os vermes não são religiosos, e ninguém é maldito, já que todos são obras do divino Criador.

– Mas e quando eu, possuído por uma ira incontrolável, os amaldiçoei?

– Você não precisava ter feito tal coisa, já que eles mesmos estavam se amaldiçoando.

– Como é que é?!!

– Entenda isto: sempre que uma divindade é ofendida, o ofensor cava bem embaixo de seus pés, e no plano espiritual, um abismo que o engolirá assim que desencarnar. Que outra maldição para a vida de um ser é maior que a de ser encerrado dentro de um abismo que ele mesmo abriu embaixo de seu espaço espiritual?

– E como fico eu, que os amaldiçoei?

– Qualquer dia desses Deus o enviará até eles para que você lhes mostre que estavam errados quando ofendiam divindades alheias.

– Droga! Por que não contive minha ira e os amaldiçoei? Aqueles mercadores de almas não são o tipo de espíritos que aprecio.

– Ótimo, filho. Assim você só irá até os que amaldiçou quando só restarem você e sua maldição na vida deles no abismo em que foram ou serão aprisionados pela Lei. Afinal, no seu polo negativo está assentada a serpente oposta à encantada do

Arco-íris. E, porque você os amaldiçoou, então quando eles tiverem sido transformados em cobras negras só lhes restará você, que é o único guardião celestial que consegue quebrar o encanto do mistério cobra negra.

– Outro guardião do Arco-íris não pode quebrar esse encanto?

– O encanto dos que você amaldiçoou, não. Assim como você não poderá quebrar o dos que outros guardiões tenham amaldiçoado. Ao amaldiçoá-los você os ligou ao seu polo negativo, que será uma das punições exemplares que a Lei aplicará a eles.

– Que falha cometi!

– Não foi falha, filho. Foi um pecado, pois ninguém tem o direito de amaldiçoar um semelhante seu. Mas não se preocupe com isso, pois foram tantos os que amaldiçoaram os religiosos mercadores de almas que, talvez quando só você restar na vida deles, já tenham se transformado em "santos", de tanto que já terão clamado por perdão.

– Droga, por que não dei ouvidos aos meus guias quando me diziam para nunca reagir com a ira aos ofensores dos Orixás?

– Não se preocupe com isso agora, pois nesse momento de sua vida você tem de resgatar dos abismos, que eles abriram para si mesmo, uns irmãos seus que você amaldiçoou em outras de suas encarnações, sabe?

– Aquela irmã que quase caiu naquele abismo cheio de cobras negras foi uma das que amaldiçoei?

– Sim.

Um arrepio percorreu meu corpo quando meu pai Guardião Naruê confirmou algo que eu já suspeitava: aquele embaixo coalhado de cobras negras era meu polo negativo! Mas meu pai Guardião Naruê tranquilizou-me:

– Não se preocupe, meu filho. Agora que a esses espíritos só restou você na vida deles, não o olham com ódio.

– Por que não?

– Oras, você é o único que poderá tirá-los do fundo daquele abismo. E se eles o odiarem, despertarão o ódio em você, que mais uma vez se afastará deles ou lançará sobre eles mais algumas maldições.

– Deus me livre de amaldiçoá-los! De maldições já me bastam as que lancei contra meus semelhantes ou as que eles lançaram contra mim.

– Lição entendida é lição apreendida, meu filho!

– Como faço para quebrar uma maldição que lancei contra um semelhante, meu pai Guardião Naruê?

– Ajoelhe-se diante de Deus e clame pelo perdão, tanto para si quanto para quem despertou em você a ira, e peça a Ele que o transforme em um bem divino na vida de quem você amaldiçoou, pois só assim o Pai de todos nós o usará em benefício dos que cavaram abismos bem embaixo de seus pés espirituais e afundaram na escuridão dos autoamaldiçoamentos.

Faça isso com fé e amor, e um mistério divino abrirá os abismos mais fechados às suas ações redentoras dos pecadores religiosos, meu filho. Passe a ser um bem na vida deles, pois também são filhos do mesmo pai.

– Sim, senhor.

– Você está vendo aquela passagem ali adiante?

– Ainda não, meu pai Guardião Naruê. Será que já estou apto a vê-la?

– Está.

Centrei minha visão na direção indicada e aos poucos fui vendo um portal, rubro como brasa. Era tão rubro que parecia incandescente. Mas não irradiava chamas. Recorri a todos os meus sentidos e estudei aquele portal até identificá-lo. E quando consegui, exclamei:

– Pai amado!!!

– Por que se admira tanto, meu filho?

– Esse portal é o acesso para uma dimensão onde fluem as energias que despertam os desejos?

– É sim. Por isso ele é assim, rubro vivo. Os desejos, dependendo do sentido onde se manifestam, assumem essa cor.

– Por que o senhor me mostrou esse portal?

– Você está na hora regida por Mahór yê, a guardiã cósmica do mistério que rege os desejos que se manifestam no sétimo sentido da vida, meu filho. Esse conhecimento é fundamental para você, que é o portador natural dos mistérios do Trono da Geração. Por que você não cruza esse portal que conduz a uma dimensão cósmica, fundamental, na vida dos seres? De todos os seres, meu filho!

– O senhor acha que estou preparado para atravessar esse portal?

– O que você precisa para cruzá-lo?

– Só preciso de coragem... e saber se conseguirei sair dessa dimensão por conta própria.

– Não conseguirá até alcançar seus limites dentro dela ou no que ela tem reservado para você. Mas, caso os ultrapasse, então...

– Entendo. Permanecerei preso dentro dos limites dela, certo?

– Ou será anulado pelos mistérios que existem por trás desse portal.

– Bom, vou cobrir-me com meu manto de ancião do Tempo e depois vou cruzá-lo e descobrir o que existe por trás dele.

– Não infrinja uma Lei dos mistérios que diz que só devemos usar nossos mestres sagrados quando estamos na hora em que eles se manifestam em nossa vida.

– Mas só tenho o manto do tempo para cobrir meu corpo e mistério, meu pai. Como vou fazer se só poderei usá-lo na hora do Tempo em minha vida?

– Isso é algo que só os regentes das horas do seu dia e da sua noite podem solucionar. Mas não deve se preocupar muito com sua nudez, pois nessa dimensão seus habitantes não usam qualquer tipo de vestimentas.

– Não usam nenhuma veste?

– Nenhuma, meu filho.

– Bom, então serei só mais um e não despertarei a curiosidade dos que aí vivem. E se é inevitável, então o melhor a fazer é não adiar minha passagem por

esse portal tão estranho. Abençoe-me e ampare-me, meu amado pai Guardião Naruê!

Após saudá-lo e ser abençoado, pedi licença e cruzei o portal rubro... e senti o impacto vibratório das energias que fluíam naquela dimensão até então desconhecida por mim. No início senti uma excitação emocional que alterou minha vibração íntima. Mas, assim que me acostumei com a vibração ali predominante, anulei aquela excitação íntima e reassumi o controle de meus sentidos, ou de quase todos, pois o sétimo não obedeceu ao meu racional, mesmo eu tendo usado de toda minha força mental.

Resolvi esquecê-lo e dar tempo ao tempo para dominá-lo, já que só conseguiria tal coisa se conhecesse mais sobre as energias daquela dimensão tão diferente.

Resolvi caminhar um pouco enquanto me adaptava à nova dimensão e a estudava. E devo ter caminhado uns dez quilômetros quando comecei a sentir-me observado. Ativei meus sentidos superiores e localizei quem me vigiava: eram alguns seres que viviam naquela dimensão natural. Sem deter minha caminhada, estudei-os demoradamente e descobri que eram seres femininos cujas vibrações eram próximas da humana.

Continuei com todos os sentidos alerta e à busca de algo que me ajudasse a anular aquela excitação no sétimo sentido, já fora de qualquer controle. Meu Mistério da Geração, localizado nele, estava ativado ao máximo, causando-me um certo desconforto e incômodo emocional, já que eu não tinha como anular aquela excitação incomum.

Devo ter caminhado mais uns cem quilômetros e já me sentia vigiado por umas mil irmãs, quando encontrei um ponto de forças pelo qual fluíam tantas energias que senti me sobrecarregar todo. Mais que depressa afastei-me dele para fugir às suas irradiações energéticas excitantes. E só depois de caminhar mais uns cem quilômetros e voltar à minha vibração normal diminuí o ritmo da caminhada, e só parei quando vi uma estranha construção.

Sentei-me no solo e dei início a uma apurada observação e reflexão sobre aquela dimensão ímpar em tudo, pois não vira qualquer elevação ou depressão no solo, que era tão plano que até incomodava minha visão humana.

Também não tinha visto qualquer sinal de vegetação ou de água, ou de qualquer coisa que eu pudesse comparar com o plano material humano.

– Que dimensão estranha! Afora essas criaturas que me vigiam, mas que não sei como são, por aqui não existe mais nada! – exclamei.

O jeito foi seguir em frente e aproximar-me da estranha construção, que foi crescendo à medida que eu caminhava ao seu encontro. Quando cheguei perto dela, suas dimensões haviam assumido proporções colossais.

Dirigi-me à sua entrada, que também era diferente das que até então havia visto em outras dimensões. Parei diante dela e fiquei à espera de que algum guardião aparecesse. Mas nem isso eu vi ali.

Sentei-me de frente para a entrada, aquietei meu íntimo e fiquei à espera de que alguém surgisse e se comunicasse comigo.

Acho que fiquei ali uns dois dias até identificar as vibrações que me chegavam. Aos poucos fui diferenciando umas das outras e identificando seus padrões, distintos uns dos outros. Cheguei a captar dentro daquela construção muitas vibrações semelhantes às de minhas vigias que pensei:

– Aí dentro devem viver vários milhões de criaturas. Essa construção parece uma colmeia! Mas se não vêm me receber, então devem temer-me ou não gostam de estranhos.

Achei melhor não incomodar os habitantes daquela construção e, após fazer uma reverência, afastei-me dela. Como estava com meus sentidos alerta, captei uma alteração na padrão vibratório daquelas criaturas que viviam no interior dela. E o mesmo aconteceu com as que me vigiavam sem se mostrarem ou aproximarem.

Segui em frente e, aos poucos, fui deixando de captar as vibrações daquelas criaturas. Acho que caminhei uns mil quilômetros até me sentir vigiado outra vez, mas a distância.

Ativei todos os meus sentidos e captei a direção onde havia nova concentração de vibrações. Dirigi-me para ela e logo vi outra construção semelhante à anterior.

Não vou repetir o que fiz, pois procedi como na anterior. E, quando me afastei dela, estabeleci seu campo vibratório ou seu limite, já que notei que ao chegar a uma certa distância algumas vibrações tornavam-se imperceptíveis.

Acho que fiquei repetindo a identificação daquelas estranhas construções bem umas cem vezes ou mais, até que chegou um momento que exclamei:

– Que droga de dimensão! Todos se ocultam, ou melhor, todas, pois todas as criaturas são de natureza feminina. E não se mostram aos meus olhos ou me recepcionam. O que será que meu pai Guardião Naruê quer que eu conheça aqui se nada existe para ser conhecido? Quem será essa Mahór yê, que está regendo essa hora de minha vida? Por que ela não procede como todas as outras regentes, que logo nos atraem e dizem o que esperam de nós e o que têm reservado para que assumamos? Que droga!

Mentalmente estabeleci um roteiro e, após refletir por muito tempo, cheguei à conclusão de que aquelas construções obedeciam a alguma disposição geométrica, já que umas ficavam à mesma distância das outras.

Elas obedeciam a uma disposição tão perfeita que, quando cheguei ao ponto onde terminava o limite vibratório de uma e começava o de outra, optei por ir na direção perpendicular a elas, e logo encontrei outra, que formava um triângulo com as outras duas. Avançando mais, comprovei que ela formava outro triângulo com outras duas, assim como ficava em uma linha formada por muitas outras construções. Sentei-me novamente e comecei a meditar sobre o que havia descoberto, mas que não me ajudava muito, já que todas aquelas criaturas ocultavam-se de mim.

Devo ter meditado por uns três dias. Mas, quando me dei por satisfeito, eu já sabia que aquelas moradas estranhas formavam um cinturão em torno de um gigantesco ponto de forças, e que dentro de cada morada vivia uma colônia

completa de seres femininos já perfeitamente visualizadas por mim, mas que me evitavam porque eu era humano demais.

Após mentalizar o gigantesco ponto de forças, projetei-me e no instante seguinte já estava dentro de seu campo magnético externo, muito bem guardado por irmãs cósmicas muito parecidas com as mulheres do plano material humano. A única diferença consistia na ausência total de cabelos ou pelos. Mas suas formas excediam em muito a perfeição humana, e umas pareciam clones das outras, pois todas eram iguais em tudo. Para complicar, assim que me viram, atiraram-se no solo e ficaram com o rosto voltado para baixo só para não olharem para mim. Eu, após examiná-las com atenção, perguntei a uma que estava bem na minha frente.

– Quem é sua regente, irmã?

– A divina Mahór yê, meu senhor.

– Como faço para chegar até ela?

– Só chega até ela quem ela desejar que chegue, meu senhor.

– Por que você não se levanta?

– Não posso, meu senhor.

– O que a impede?

– Seu mistério.

– O que há com ele?

– Ele está ativado e possuirá quem ficar na sua frente.

– Eu não quero possuir ninguém por aqui, irmã.

– Mas ele quer. E possuirá quem olhá-lo de frente.

– Olhar para mim ou para o meu mistério?

– A ambos, pois são uma só coisa.

– Vocês procedem assim com todos que vêm a essa dimensão?

– Só quando vêm aqui para nos possuir.

– Mas eu não vim possuir ninguém. Só desejo conhecer essa dimensão, seus habitantes e ver se a regente dela deseja ou tem reservado algo para mim.

– O senhor veio para nos possuir.

– Pare com isso, irmã. Não vim possuir ninguém!

– Veio, sim. Se não fosse para isso, esse seu mistério não estaria ativado e pronto para possuir todas que o olharem de frente.

– Você me olhou de frente?

– Não, senhor. Quando percebemos que viria até aqui, olhamos para baixo e preservamos nossa liberdade.

– Vocês estavam me vigiando daqui?

– Sim, senhor.

– Se você não olhar de frente não será possuída?

– Não serei, meu senhor.

– Ótimo! Poste-se ao meu lado ou atrás de mim e assim não será possuída pelo meu mistério ou por mim, pois não desejo possuir a ninguém. Eu, se conseguisse sair dessa dimensão sem saída, já teria voltado à dimensão humana.

– O senhor não sairá sem a permissão da divina Mahór yê.

– Como consigo essa permissão, irmã?

– Só depois que o senhor possuir nossas irmãs que estão reservadas ao seu mistério.

– Tudo bem. Onde elas estão?

– Nos níveis inferiores, meu senhor.

– Onde ficam e como chego até eles, já que aqui tudo é plano e simétrico?

– No centro do ponto de forças existe uma passagem para eles.

– Você falou em níveis. Quantos existem?

– Setenta e sete, meu senhor.

– Este qual é?

– Na escala vibratória esse é o nível sessenta e três, meu senhor.

– Então existem mais 14 que são superiores a este, certo?

– Sim, senhor.

– Eles são iguais a este?

– Não sei, meu senhor. Não posso sair deste nível.

– Entendo. Bom, vou ver se encontro o que têm reservado para mim e descobrir como sair desta dimensão esquisita.

– O senhor não gosta de nós?

– Não é isso, irmã. O que não gosto é de estar cercado de seres e ser evitado por todos.

– É por causa do seu mistério, meu senhor. Ele possuirá quem ficar de frente para o senhor.

– Mesmo eu não querendo?

– O senhor "deseja", e isso é o suficiente para que possua quem ficar na sua frente.

– Bom, fiquem em paz, e que todas sejam abençoadas por Deus e por todos os divinos regentes planetários. Com sua licença, irmã!

Projetei-me até o centro do gigantesco ponto de forças, e não precisei descer, pois uma força magnética muito poderosa puxou-me a uma velocidade espantosa e em sentido espiralado que até perdi a noção de tempo e espaço, só recuperando-a ao me ver caído em um lugar escuro, cujo solo era úmido e pegajoso. Até um cheiro nauseabundo comecei a sentir!

– Santo Deus! Que lugar será este? Devo ter caído no mais baixo dos níveis vibratórios dessa dimensão esquisita!

Andei naquele lugar escuro e de solo pegajoso por muito tempo, sem notar nenhuma vibração. Só sentia um "ar" carregado que era mais perceptível que o da dimensão humana. Quase que dava para pegá-lo com as mãos.

Quanto ao meu mistério da geração, bem, eu o sentia prestes a explodir, de tão ativado que se encontrava. Deduzi que ele reagia àquelas energias densas que o sobrecarregavam ou o estimulavam no sentido de gerar energias opostas às que lhe chegavam.

Eu já sabia algumas coisas sobre os mistérios, e sabia que geram energias reequilibradoras, anuladoras ou neutralizadoras das que lhes chegam. Mas no

meu caso, o que estava acontecendo é que, se ele as gerava, no entanto não as irradiava e ia acumulando-as em meu sétimo sentido.

– Daqui a pouco vou ficar paralisado! Tenho que parar de gerar essas energias! Mas como, se não sei como?

– Eu sei – falou uma irmã às minhas costas.

– Como, irmã?

– Possua-me que lhe ensinarei, guardião.

– Eu não quero possuir ninguém, irmã. Há pouco eu estava em um lugar onde ninguém desejava ser possuído. E agora estou aqui, onde a primeira irmã que se aproxima já impõe como condição primeira que eu a possua. Por que isso, irmã?

– Você veio até essa dimensão para possuir suas irmãs e libertá-las, guardião. Como fui a primeira a encontrá-lo, também exijo ser a primeira a ser possuída.

– Como acontecem essas posses, irmã?

– Fico de frente para o senhor e, daí em diante, sou sua serva por todo o sempre.

– Para sempre?

– Sim.

– Por quê?

– O senhor assumirá meu destino e passarei a pertencer-lhe. E o senhor me sustentará com seu mistério.

– Onde estou, irmã?

– Só lhe revelarei algo depois de ser possuída.

– Por que deseja tanto que eu a possua se serei o senhor do seu destino?

– O que o senhor achou desse lugar?

– É horrível, irmã. Ainda mais horrível ele se torna se o comparo com os que já conheci em outras dimensões, ou mesmo o plano material humano.

– Eu também o acho assim, guardião. Já vivi em níveis vibratórios positivos, onde havia luz e cor, e vida, muita vida!

– O que lhe aconteceu que caiu a um nível negativo tão terrível?

– Desejei alguém como par e não fui correspondida. Daí em diante, fui sofrendo e caindo vibratoriamente. Agora estou aqui. Mas, se o senhor não me possuir e não assumir meu destino, com certeza logo cairei para um nível inferior e muito mais horrível que este.

– Por quê?

– Porque o encontrei. E, se me recusar, nada mais me restará a não ser anular-me como ser vivente.

– Isso é suicídio, irmã. Não devemos atentar contra a própria vida.

–Se até um guardião da Lei e da Vida me recusar, então nada mais a divina Mahór yê tem reservado para mim, pois outros que ela nos enviou nos recusaram e só nos fizeram sofrer ainda mais, meu senhor.

– Acho que eles não deviam ter negado auxílio a vocês, irmã. Quantas de vocês estão nessa faixa vibratória?

– Não sei, meu senhor. Mas são muitas.

– Entendo. Estou no lado negativo de um ponto de forças. Se quem o rege é a divina Mahór yê, que é a divindade assentada no polo negativo feminino da linha da Concepção, então estou nos domínios cósmicos de minha mãe maior Oxum, não?

– Está sim, meu senhor.

– E se ela rege as 77 dimensões minerais, todas em paralelo umas com as outras, então no lado negativo existe o mesmo paralelismo, não?

– Sim, senhor.

– Acho que já estou entendendo o que meu amado pai Guardião Naruê quis dizer-me quando conversou comigo e disse que eu seria a última ligação com aquelas rastejantes que, se amaldiçoaram maldiçoaram, mas também haviam sido amaldiçoadas por mim. Se eu não assumi-las quando nada mais lhes restar, então se voltarão contra si mesmas e se suicidarão, caindo ainda mais.

– O senhor está falando de mim, meu senhor?

– Não, irmã. Só estou meditando em voz alta, pois nem isso consigo fazer em silêncio por causa dessa excitação que está me incomodando muito.

– Outros guardiões que foram enviados até aqui também ficaram muito excitados. Mas, porque se recusaram a nos possuir, ficaram tão paralisados que também caíram a níveis mais baixos que este.

– Entendo. Vocês caíram vibratoriamente quando começaram a vibrar o desejo e, porque não se ligaram a um ser masculino, formando um par, começaram a tornar-se magneticamente negativas e a ser atraídas para as faixas afins do lado negativo do ponto de forças planetárias regido pela nossa mãe maior Oxum.

– Se o senhor já sabe de tudo isso, então assuma meu destino, possua-me, reequilibre meu emocional e sustente-me com seu mistério para que eu possa reiniciar minha ascensão, meu senhor.

– Espere um instante, irmã. Só tomarei alguma iniciativa após entender tudo e identificar que vontade está se manifestando em meu íntimo. Não quero invadir limites alheios, senão jamais sairei daqui.

– Eu estou dentro dos seus limites, meu senhor.

– Como posso ter certeza disso?

– Olhe para o seu mistério. Ele já estabeleceu um cordão de sustentação dessa sua serva leal, fiel, obediente, humilde e submissa. Assumas meu destino e me possua e jamais o desobedecerei ou desagradarei ou deixarei de servi-lo em todos os sentidos.

Olhei para o meu mistério e assustei-me com o que vi. De tão grande que foi o susto, exclamei: Santo Deus! Estou amarrado a essa dimensão! Jamais conseguirei sair daqui!

– O senhor é um guardião celestial, meu senhor. Assuma e possua todas nós que daí em diante nos sustentará, esteja onde vier a estar. Seu mistério é único e sustentará quantas o senhor desejar possuir, assumir e sustentar. Não negue a nós, suas irmãs amadas, essa oportunidade única de reiniciarmos nosso retorno à luz, à Lei e à vida.

– Irmã, já não consigo ver o exterior do meu mistério, tantas são as ligações já estabelecidas!

– Agora o senhor já sabe qual é a vontade que está se manifestando em seu íntimo, não?

– Mas... por que só nesse meu sétimo sentido? Tem de haver uma explicação, pois outras ligações já acontecidas se processaram em vários sentidos. Nunca só nesse!

– Nós não conseguimos vibrar mais os outros sentimentos, meu senhor. Fomos possuídas pelo desejo e só vibramos o desejo de sermos possuídas por alguém. Só isso ainda conseguimos vibrar.

– Possuídas... só desejam ser possuidas por alguem.

– Sim, senhor. Cure-nos, pois nada mais nos restará se não fizer isso por nós. O senhor é o último elo que nos restou, e o único que poderá nos reconduzir aos níveis vibratórios positivos, onde vivíamos e evoluíamos, mas dos quais fomos afastados quando em nosso sétimo sentido despertou o desejo e não encontramos um par ideal para nos possuir, sustentar e amparar. O senhor é em si mesmo um polo magnético tão poderoso que poderá sustentar quantas de nós desejar possuir, assumir, sustentar, amparar e reconduzir aos níveis vibratórios da luz. Assuma-nos logo, meu senhor! – clamou aquela voz angustiada e aflita, que também me falou:

– Veja como é poderoso, meu senhor! Até seu corpo energético está irradiando cordões que o estão ligando a nós, as que encontraram no senhor o último elo da corrente que nos reconduzirá aos níveis vibratórios luminosos regidos pela nossa amada mãe Oxum maior.

Eu me olhei, e já não vi mais meu corpo energético, pois saíam tantos cordões escuros dele que o cobriam todo e me impediam de ver a mim mesmo. Então perguntei:

– Em nome do divino Criador, quem é você, irmã? Diga-me quem é você, que externa tanta tristeza e desilusão com os seres machos, mas não consegue esquecê-los e até deseja que eu possua suas irmãs que caíram a níveis vibratórios tão densos. Diga-me em, nome de Deus: quem é você, irmã?

– Só direi quem sou se você assumir meu destino e me possuir, meu senhor.

– Se esta for a vontade do meu divino Criador que está latejando em meu íntimo, não tenha dúvidas de que assumirei tantas quantas estiverem dentro dos meus limites.

– Seus limites estão se expandindo, meu senhor. Enquanto não assumir e possuir suas irmãs, que caíram vibratoriamente porque seus irmãos as recusaram quando foram desejados, eles continuarão a expandir-se tanto na horizontal quanto na vertical. E tanto já se expandiram que já alcançaram os mais inferiores níveis vibratórios desta dimensão.

– Diga-me, em nome de Deus, quem é você. Se essa for a vontade d'Ele, assumirei, possuirei e sustentarei a tantas quanto for a vontade que lateja em meu íntimo.

– Assuma-nos enquanto ainda pode, irmão guardião. Não nos deixe sofrer mais ainda! – clamou aquela voz lamuriosa.

– Irmã, formar par com minhas irmãs depende só de mim. Mas assumir o destino de um semelhante meu, só se for a manifestação de uma vontade do meu divino Criador. E ela só fluirá naturalmente se eu souber quem é que fala comigo, mas que a mim não se mostra.

– Assuma e possua, senão você ficará paralisado aqui para sempre, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– Mostre-se a mim e se revele, para que essa vontade possa manifestar-se naturalmente. Ou você faz o que lhe ordeno, ou eu mesmo me paralisarei.

– Não faça isso, guardião. Você tem de assumir todas as que caíram porque foram recusadas por seus insensíveis irmãos antinaturais.

– Irmã, não assumirei o que meus irmãos recusaram. Mas não deixarei de assumir um só destino se essa for a vontade do meu divino Criador. E isso não acontecerá se você não se mostrar e revelar-se a mim, em nome d'Ele, que me sustenta o tempo todo, durante todo o tempo e onde eu vier a estar.

– Seus irmãos antinaturais que se recusaram a assumir os destinos das que caíram em meus domínios, eu os puni com os tormentos do desejo, guardião!

– Eu não estou me esquivando de assumi-las. Só exijo e ordeno-lhe que se mostre e revele-se antes de eu assumi-las, e o faça em nome do meu divino Criador!

– Se não assumi-las, irei atormentá-lo por todo o sempre, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– Não, não e não!

– Assuma e possua o destino delas, guardião!

– Só se eu for movido por uma vontade divina poderei fazer isso. E essa vontade não se manifestará enquanto você não se mostrar e revelar-se. Esta foi a última vez que lhe falei. De agora em diante não responderei aos seus clamores enquanto não se mostrar e revelar-se.

– Você ficará paralisado, guardião! Você não resistirá ao desejo de assumir-me e me possuir por causa do seu mistério! Você...

Aquela voz continuou a ameaçar-me e tentar convencer-me a assumir e possuir o destino de todas as irmãs caídas já ligadas ao meu mistério por aqueles cordões negros, que eram tantos, mas tantos, que talvez chegassem à casa dos bilhões. Mas continuei em silêncio e voltei minha mente a Deus e sustentei-me em minha fé, pois só ela, mais uma vez, me sustentaria e ampararia diante do incompreensível.

Pouco a pouco um calor começou a latejar em meu íntimo e um abrasão foi se espalhando por todo o meu corpo energético até que explodiu por meio do meu mistério, cuja parte externa e visível começou a arder em chamas.

Elas eram mais douradas que o ouro, eram vivas e se alimentavam das energias que me paralisavam e me tornavam mais negro que o próprio ônix. De repente todo o meu corpo ardeu em chamas e senti-me leve, muito leve. De tão

leve que me sentia, eu podia flutuar naquela faixa vibratória muito densa, que paralisava quem caía nela. Eu comecei a me mover no sentido de sair dali e retornar à dimensão humana, mas aquela voz alterou seu timbre e tom e, suavemente, perguntou-me:

– Por que você me virou as costas, guardião?

– O que você desejava tirar de mim, agora é todo meu, pois meu divino Criador incorporou esse fogo vivo ao meu sétimo sentido. E contra esse fogo você nada pode. Agora vou retornar ao meu centro neutro e nele me assentarei e ficarei aguardando até que você rasteje na minha frente, mostre-se, revele-se e implore para que eu aceite possuir seu mistério, pois, se você não fizer isso, quando todo esse giro dimensional se completar, você será anulada de minha vida e afastada de meu caminho para sempre pelo meu divino Criador.

– Não vire as costas para mim, guardião. Posso destruí-lo!

– Enquanto minha fé me sustentar de frente para o meu Criador, você só me atingirá por trás. Mas aviso-a de que, se me atingir pelas costas, a morte se voltará contra você e...

– E... o quê, guardião?

– Atinja-me e saberá! – E mais não falei, projetando-me para a dimensão humana, onde desdobrei meu Trono da Geração e nele me assentei e aquietei todo o meu ser, fazendo com que aquelas labaredas se recolhessem ao meu íntimo, só restando delas em meu mistério, tão desejado por aquele mistério ainda desconhecido.

Passaram-se cinco dias e nem sinal de ela se manifestar. No sexto, e já perto daquela hora das noites de minha vida, bem na frente do meu Trono, abriu-se uma passagem negra, impenetrável à minha visão. E dela saiu a mais sensual das vozes, que a mim se dirigiu:

– Rastejei até onde você ordenou, guardião. Possua-me agora!

– Revele-se e mostre-se aos meus olhos, mistério oculto.

– Nunca antes me revelei, guardião. E nunca me mostrei a ninguém. Não será a você que farei tal coisa.

– Ótimo. Daqui a pouco o giro se completará, e você será anulada da minha vida. Não volte a dirigir-se a mim se não for para revelar-se e mostrar-se aos meus olhos. Só depois de conhecê-la e vê-la consultarei meu divino Criador para ouvir d'Ele se devo assumi-la ou anulá-la de vez do meu caminho e da minha vida.

– Você impõe novas condições, guardião. Se o que eu lhe revelar e lhe mostrar não agradá-lo você me recusará, já que poderá alegar que seu divino Criador não permitiu que assumisse meu destino.

– Não vou admitir argumentações. Só se dirija a mim se for para se revelar e mostrar-se. Decida-se antes que essa abertura se feche.

– Eu vou me revelar, guardião! – exclamou a voz, pois só faltavam alguns minutos para o sétimo dia iniciar-se. – Eu sou a Guardiã dos Mistérios dos Desejos, guardião. Sou o sétimo mistério cósmico da divina Mahór yê, que é a regente do polo negativo da linha de forças que rege o Mistério da Concepção. Em meus

domínios caem todas as fêmeas que se desequilibram no sétimo sentido da vida porque são subjugadas pelo desejo sexual puro, ou o desejo do sexo pelo sexo e nada mais. Também sou conhecida, pelos que me conhecem, como a Senhora dos Desejos e em meus domínios abismais só caem os seres de sexo feminino.

– Entendo. Agora que já se revelou, mostre-se aos meus olhos. Mas mostre-se humanamente!

Por que fui pedir aquilo, meu Criador? No mesmo instante, e através daquela abertura negra, eu vi a mais terrível das criaturas: uma assustadora, apavorante e gigantesca serpente. Não vou negar que tremi diante da imagem que se mostrou aos meus olhos. Mas tive a frieza de perguntar:

– Por que você se mostra assim se lhe ordenei que se mostrasse humanamente?

– É assim que os humanos me veem, guardião. No livro santo, sou descrita como a serpente que tentou o casal bíblico, e assim o desejo tem sido entendido: como uma víbora venenosa e intrigante. Essa é minha aparência humana e estou à espera de que me possua para que minha fenda abismal seja possuída pelo seu mistério. Possua-me ou o possuirei, Guardião dos Mistérios da Geração!

– Como eu lhe disse, após se revelar e mostrar, eu solicitaria ao meu divino Criador que manifestasse em meu íntimo Sua vontade, pois ela é a que me amparará e me sustentará por toda a eternidade. Vou aquietar meu íntimo e deixar fluir a vontade d'Ele, que em mim se manifestará como um desejo a ser realizado.

– O tempo não para, guardião! A primeira hora do sétimo dia já se aproxima e me levará para longe do seu caminho e de sua vida. E se isso acontecer você se tornará apático, pois na sua vida e no seu caminho o desejo não vibrará mais... e você adormecerá como seu antecessor, que se assentou nesse Trono e não ousou me possuir.

– Está certo. Antes que a primeira hora do sétimo dia se inicie, eu me levantarei desse Trono e a possuirei segundo a vontade que em mim se manifestar. E será sob o amparo e a proteção do meu divino Criador, que me sustentará por toda a eternidade ou até quando durar a ligação entre os mistérios do Trono da Geração com a Senhora dos Desejos.

– Entre nós também surgirá uma ligação, guardião. A guardiã do Trono dos Desejos se ligará por um cordão ao guardião do Trono da Geração. E estes somos nós!

– Que assim seja, se essa também for a vontade que se manifestará. E que essa ligação dure enquanto for uma vontade do meu divino Criador.

– Que assim seja, guardião! – concordou ela.

Só faltavam alguns minutos para a primeira hora do sétimo dia. Rapidamente aquietei meu íntimo e ouvi minha amada vovó Naña das Águas dizendo-me: "Compete a você penetrar neles, despertá-los e reavivá-los com seu mistério da geração. Primeiro imagine a forma ideal que gostaria de vê-los. Depois os desperte com sabedoria e amolde-os segundo suas concepções mais íntimas, pois você só os sustentará se atenderem às suas idealizações, que você imporá quando estiver renovando-os".

– Vovó Nanã das Águas se referia à renovação dos mistérios petrificados no tempo! – exclamei. – Eu tenho diante de mim um mistério, que outros amoldaram segundo o imaginaram e o conceberam. Logo, se sou o Guardião do Trono da Geração, só preciso imaginar uma forma ideal que atenda à minha concepção do que seja o desejo puro do sexo pelo sexo!

Já com a chave do mistério em minha mente, voltei meu pensamento ao meu divino Criador e entreguei-me por inteiro à Sua divina vontade, que se manifestou em meu íntimo com uma força avassaladora e incontrolável que me possuiu da cabeça aos pés, levantou-me do Trono e impulsionou-me até eu ficar de pé diante daquela abertura negra e impenetrável.

Meu mistério, ativado até limites jamais antes sequer imaginado por mim, irradiava uma luz viva e vertia uma energia líquida multicolorida. Mas o líquido dourado puro predominava e caía dentro daquela abertura impenetrável aos meus olhos, mas não a ela, a energia da regeneração.

Do meio daquele abismo começaram a chegar até meus ouvidos muitos gemidos de dor e muitas vozes que clamavam: "guardião celestial do Trono da Geração, possua-nos e assuma nossos destinos, pois só na irradiação do seu mistério nossos gemidos de dor se transformarão em suspiros de amor! Possua-nos e assuma nossos destinos!".

Os gemidos eram tão lancinantes que quase me atirei dentro daquele abismo para socorrer tantas irmãs caídas a baixíssimos níveis vibratórios. Mas tive o bom senso de aquietar meu íntimo e, numa fração de segundo, ouvi a voz do meu amado vovô tatá Omolu a dizer-me: "neto amado, você precisa aprender a assumir a cabeça de uma ligação!". Então fixei meus olhos nos olhos rubros da assustadora serpente dos desejos e ordenei-lhe:

– Assuma a forma ideal que imaginei para você, Guardiã dos Mistérios do Trono dos Desejos!

– Se eu assumi-la, será assim que você me possuirá, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração. E após a ligação entre nós dois se estabelecer, assim, aos seus olhos e aos seus desejos me mostrarei, e assim me possuirá. Mas, se mesmo assim não conseguir anular os desejos que vibram em meu íntimo, assim como me imaginas será o tormento que o dominará daí em diante, e com ninguém mais conseguirá se relacionar ou se ligar.

– Que assim seja, Guardiã dos Mistérios do Sétimo Trono da divina regente do polo negativo da linha de forças que sustenta e ampara a concepção. Para mim você será a Senhora dos Desejos, pois também já a conheço e sei como você se manifesta na vida das minhas irmãs amadas. Aos meus olhos você só se mostrará como a imaginei, como a idealizei e agora a concebo!

No mesmo instante, aquela terrível e assustadora serpente do desejo se diluiu em uma névoa escura, e no instante seguinte começou a assumir sua nova forma, por mim imaginada, idealizada e concebida. E quando a forma assumiu seus contornos definitivos, vi a mais bela fêmea que me foi possível imaginar. E com a mais

doce e envolvente voz que imaginei para a Guardiã dos Mistérios do Trono dos Desejos, ela perguntou:

– Onde você me possuirá? Será nos seus domínios ou nos meus?

– Será nos meus.

– Então estenda suas mãos e tire-me desse abismo, que são meus domínios.

Estendi as mãos e a puxei para cima. E com ela em meus domínios, falei:

– No sétimo minuto antes do final da última hora do sexto dia a possuo. Eu entrarei na primeira hora do sétimo dia com você já amoldada aos meus mais íntimos desejos. Daí em diante, sempre que for o seu minuto em minha vida, você só se mostrará assim, e assim me receberá e assim será possuída, e só a liberarei quando tiver adormecido todos os desejos que vibram em seu íntimo.

– Se você não conseguir me adormecer nesse meu minuto em sua vida, que será o primeiro da primeira hora do sétimo dia, então daí em diante todos os minutos de sua vida serão ocupados por mim, e mais nenhuma outra vontade se manifestará por meio do seu íntimo, pois o desejo o ocupará por completo.

– Que assim seja!

E no primeiro segundo do sétimo minuto antes do início da primeira hora do sétimo dia possuí a Guardiã dos Mistérios do Trono dos Desejos, que, quem a conhecia, a chamava de a Senhora dos Desejos!

O sétimo minuto foi o do desejo puro do sexo pelo sexo.

O sexto minuto foi o do conhecimento da sexualidade.

O quinto minuto foi o da razão do sexo na vida dos seres.

O quarto minuto foi o do equilíbrio do sexo na vida dos seres.

O terceiro minuto foi o do amor puro que o sexo faz surgir na vida dos seres.

O segundo minuto foi o da força no sexo na vida dos seres.

O primeiro minuto final foi o da concepção da vida por meio do sexo.

E o primeiro minuto da primeira hora do sétimo dia foi o da geração de vidas por meio do sexo, que só acontece se os seres forem estimulados pelos sentidos do desejo puro.

Nesse primeiro minuto da primeira hora do sétimo dia eu estava em meus domínios e com ela já possuída e submissa aos meus mais íntimos desejos, que eram de vidas, vidas e mais vidas. Então, abri os mistérios mais íntimos do poderoso Trono da Geração, que inundou seu íntimo com energias geradoras do desejo de viver. E quando ela as sentiu em seu íntimo, começou a ficar dourada e a suspirar, pois havia sido lançada no êxtase que a vida só proporciona quando o desejo e a geração se fundem e se confundem com a própria vontade de vida, vida e mais vida.

E do primeiro ao sétimo minuto da primeira hora do sétimo dia, dois poderosos mistérios se uniram com tanta intensidade que eu também fui lançado em um êxtase indescritível e que parecia não ter fim.

Meu Trono ainda a inundava com aquelas irradiações douradas quando ela adormeceu em meus braços. Então tive de interromper a irradiação senão

ultrapassaria a sua capacidade de suportá-las e a lançaria em um sono muito prolongado.

Ela dormiu o resto daquele meu primeiro dia em sua vida e mistério. Quando despertou do seu sono, viu que, enquanto repousava em meus braços, eu vigiava seu Trono-mistério, que transbordava energias líquidas de tão sobrecarregado que estava. Vendo-se, perguntou-me:

– O que aconteceu comigo?

– Você adormeceu nos braços do Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– Por que isso aconteceu comigo?

– Ora, no Mistério da Geração o desejo é só um de seus mistérios.

– Você me subjugou aos seus desejos?

– Não. Apenas a devolvi ao seu lugar dentro do mistério que se manifesta por meio dos meus sentidos. De agora em diante você também tem um minuto só seu em minha vida. Já não precisa lutar por ele, pois quando a possuí e assumi, também lhe concedi esse minuto único, mas muito importante para ambos e para os mistérios que se manifestam por meio de nossos sentidos.

– Você sabe o que fez comigo, e como vou me mostrar a você no meu minuto em sua vida?

– Será assim, e de forma humana.

– Para você não assumirei outra forma enquanto durar nossa ligação.

– Ótimo.

– Isso não o preocupa?

– Nem um pouco. Você é fator de estímulo, e conforme eu vier desejá-la você atuará como estimuladora de geração de energias.

– Obrigada por conceder esse minuto humano em minha vida. Ele será o humanizador da minha existência, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– Como você me imaginou, idealizou e concebeu na sua vida, irmã?

– Como um minuto de amor e prazer, satisfação e generosidade, coragem e lealdade, força e poder, vigor e fertilidade, potência e geração, criatividade e vida. Em cada um dos primeiros sete minutos da sua primeira hora do seu sétimo dia, serás tudo isso para mim, e para quem olhá-lo, sabe?

– O que você fez comigo?

– Tornei-o irresistível aos olhos de toda e qualquer de suas irmãs que o olhar e o desejar de agora em diante. E nesses sete minutos meus na primeira hora do sétimo dia de sua vida, assim como o imaginei, idealizei e concebi, assim elas o verão e o desejarão e a você se entregarão. E se você se recusar a possuí-las, elas rastejarão aos seus pés, clamando para que as possua e assuma seus destinos e mistérios.

– O que mais você fez comigo?

– Eu o imaginei, idealizei e concebi como o par ideal de todas as suas irmãs que desejam encontrar um par ideal em suas vidas, mas não encontram em seus irmãos todas essas qualidades que idealizei para você nos sete minutos finais da última hora do sexto dia e as vivenciei no êxtase da vida durante os sete primeiros

minutos da primeira hora do sétimo dia. E porque vivenciei esse êxtase enquanto nossos sétimos sentidos estavam unidos, elas o procurarão por meio dele e só quando você adormecê-lo nelas, elas se sentirão satisfeitas contigo.

– O que mais você fez comigo?

– Achei-o ideal como par dentro de um mistério e de agora em diante todos os mistérios o acharão ideal para você formar um par com eles, e o desejarão até que você os possua, assuma-os e comece a manifestá-los por meio dos seus sentidos, nos quais eles assumirão feições humanas.

– O que mais você fez comigo?

– Ainda estou fazendo.

– O que é que você está imaginando neste momento?

– Já imaginei e idealizei. Agora o estou concebendo.

– Como o quê?

– Como o par ideal a todos os mistérios, que, para quem os conhece, são chamados de as senhoras das grandes fendas misteriosas.

– Você está me ligando a todas as fendas abismais onde são recolhidas minhas irmãs que caíram quando desejaram em algum dos sentidos, mas não foram satisfeitas por meus irmãos?

– Não só por seus irmãos. Mas por seus pais, avós, bisavós, tataravós... etc., mas não o estou ligando. Só o estou concebendo como desejável.

– Por que está me tornando desejável?

– Você é o mais humano dos mistérios que já possuí, e que conseguiu adormecer-me em seus braços, e vigiou meu sono desejado. Então desejo isso a todas as minhas irmãs. E elas só se sentirão satisfeitas se fizer com elas e por elas tudo o que fez por mim e comigo.

– Por que fez isso comigo?

– Se em você o desejo alcançou o êxtase da vida, então que o ódio conheça em você o êxtase do amor, que o egoísmo conheça o êxtase da generosidade, que a traição conheça o êxtase da lealdade... e que a covardia conheça o êxtase da coragem.

– Por que você fez tudo isso comigo?

– Porque você ousou me possuir quando todos me recusam e me renegam. E também, porque você me humanizou enquanto todos me desumanizaram.

– Santo Deus! Você não tem a noção exata do que fez comigo, tem?

– Um mistério em si mesmo não precisa ter noção do que faz. Só tem que fazer o que as vontades que se manifestam por meio dele desejam que ele faça. Se você, ao me possuir, estava manifestando uma vontade, o mesmo acontecia comigo.

– Meu divino Criador, o que aconteceu comigo?

– Você se transformou num mistério em si mesmo, e sem deixar de ser o que sempre foi, no entanto agora é o que se mostrou a mim enquanto me possuía: um mistério em si mesmo! Um mistério tão desejável que todos os outros mistérios o desejarão... e rastejarão aos seus pés caso você não lhes conceda o prazer de

possuírem-no em um dos seus minutos da vida deles. Serão tantos os mistérios que o desejarão, e não haverá um só minuto de sua vida que não estará ocupado por algum mistério.

Contemplei-a por algum tempo e dos meus olhos começaram a correr lágrimas, muitas lágrimas. Então ela me perguntou:

– Por que estas lágrimas tão tristes correm de seus lindos olhos?

– Porque você ocupou todos os minutos da minha vida com os mistérios e não deixou um só para mim mesmo.

– Consagre sua vida ao Senhor dos Mistérios e todos os minutos de sua vida serão seus, mas consagrados a Ele, que por ser a vida de todos os minutos, horas e dias, Lhe concederá a honra de ser o senhor de sua vida consagrada, quando conscientemente será um minuto de amor e prazer, satisfação e generosidade, coragem e lealdade, força e poder, vigor e fertilidade, potência e geração, e criatividade e vida na vida de todos os seus irmãos, se isso você desejar ser na vida deles.

Agora permita que eu enxugue seus olhos e desperte um doce sorriso nessa sua tão desejável boca. Vamos, ela também é um mistério em sua vida, pois é um dos mistérios do seu mistério. Afinal, sorrir é um dos mistérios da vida!

Ela tentou, mas não conseguiu extrair de mim um doce sorriso. Então me possuiu até que adormeci. Quando despertei, não a vi mais dentro do meu centro neutro. Mas um finíssimo cordão dourado nos unia. Assentei-me no Trono da Geração e após expandir a visão a vi assentada em seu trono, assentado à esquerda do trono cósmico da divina Mahór yê, que me sorriu e abriu parte do seu mistério aos meus olhos humanos. Então, mentalmente, falou: "se antes eu só o queria, agora também o desejo, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração. Galgue todos os degraus que conduzem ao meu trono que não se arrependerá de ser como é, e ainda se alegrará com o mistério que abrirei a esses seus lindos olhos humanos e a esse seu tão desejável mistério".

– Como devo galgar esses degraus que conduzem até seu trono, divina Mahór yê?

– Cada um os galga como quer ou pode. Mas os sábios os galgam como os desejam, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração. Você entende isso, não?

Após contemplar o que meus olhos humanos só vislumbravam, respondi:

– Acho que disso já entendo um pouco, divina Mahór yê.

– Então assuma o destino e a vida de todas as suas irmãs caídas nos abismos e muito mais aprenderás, até galgar todos os degraus que conduzem ao meu trono cósmico, guardião. Honre-me com seu mistério e o honrarei com os meus, que se não são tão amplos quanto o seu, no entanto são muito profundos e só os que os entendem a fundo neles ousam mergulhar de cabeça, pois sabem que, se as aparências costumam enganar os medrosos, as formas são a recompensa dos corajosos!

Sorri-lhe e desdobrei meus mistérios, com os quais recolhi tantas irmãs caídas quanto a mim já haviam se ligado. E, recorrendo a um mistério único, alojei-as em planos muito especiais, onde estariam amparadas, protegidas e isoladas de todos. E neles ficariam até que estivessem aptas a voltarem ao convívio aberto. Lá estariam

protegidas e seriam sustentadas pelo divino Criador, Ele sim, o verdadeiro Senhor de todos os destinos.

E nos dias seguintes as "irmãs mistérios" da Guardiã dos Mistérios do Trono dos Desejos também abriram ao meu mistério suas fendas abismais, e recolhi por meio delas tantas irmãs caídas quanto meu Divino Criador me havia reservado. E a Ele todas foram consagradas e confiadas.

Quando os sete degraus que conduzem ao Trono cósmico regido pela divina Mahór yê foram galgados, fiquei de frente para ela, que me abriu todos os seus profundos mistérios, aos quais me liguei e assumi o grau de guardião de seus mistérios, que, se estão fechados a todos os meus irmãos, no entanto, para mim, se abriram e se revelaram.

Após assumir aquele grau, voltei àquela dimensão cheia de construções esquisitas e fui recebido com uma alegria incomum por aquelas irmãs que, quando da primeira vez que ali eu estivera, me evitaram e de mim se ocultavam.

Daquelas construções simétricas saíam tantas irmãs que perguntei a uma delas:

– Por que vocês se ocultaram quando estive aqui da primeira vez?

– O senhor ainda não havia sido aprovado por nossa amada mãe cósmica, a divina Mahór yê. Mas agora que ela o aprovou, posso pedir-lhe algo muito especial?

– O que deseja, irmã amada?

– O senhor me humaniza?

– Por que você deseja ser humanizada?

– Eu vi minhas irmãs humanas e, se não posso encarnar para também ter todos aqueles cabelos e pelos, no entanto posso possuí-los se o senhor me humanizar com seu mistério.

– Esse é seu mais íntimo desejo, irmã amada?

– Sim, meu senhor.

– Então em meu mistério esse seu desejo se realizará, irmã que já encanta meus olhos de tão humana que a vejo! – falei, já humanizando-a.

– Os seus já me encantaram, meu senhor. Agora só falta o senhor me...

– Já fiz isso também, irmã do meu coração. Já não precisa procurar alguém, pois terá em mim seu par ideal. E terá o direito de romper nossa ligação caso outro irmão a complete mais que eu.

– O senhor a romperá caso outra o complete mais que eu?

– Não, irmã amada. A mim não compete romper nenhuma ligação. Só nosso divino Criador pode rompê-las depois que elas são estabelecidas.

– Então vou orar sempre a Ele para que nunca mais se rompa esse elo que já nos une, meu amado senhor.

– Não ficarei aqui para sempre, irmã do meu coração. Não serei uma companhia constante em sua vida.

– Onde quer que o senhor venha a estar, lá estará meu amor, e com certeza aprenderei tanto, enquanto o senhor caminhar pelos caminhos da vida, que um

dia de minha vida, e não importa quanto tempo ele demore para acontecer, certamente me tornarei uma Guardiã da Vida.

– Esse é outro dos seus desejos, irmã amada?

– Não, senhor. Essa é uma vontade que já lateja há muito em meu íntimo e sinto que de agora em diante iniciarei minha preparação para que, quando esse dia chegar, essa vontade flua tão naturalmente em minha vida que a sentirei como um dos meus desejos a ser realizados. Abençoe-me, meu amado senhor!

– Em nome do nosso divino Criador a abençoo, e abençoo esse seu desejo a ser realizado. Tenha em mim um dos que a auxiliarão na realização dessa vontade divina que lateja em seu íntimo. Vamos, abrace-me para que eu marque seu peito com a estrela da vida.

Quando a abracei e ativei a estrela em meu peito, que a marcou com uma igual, ela emitiu um gemido e começou a soluçar.

– Por acaso doeu, irmã do meu coração?

– Não, meu senhor.

– Então por que você está soluçando?

– O senhor acredita em amor à primeira vista?

– Sim. Mas por que você me perguntou isso?

– Preciso dizer o que estou vibrando com tanta intensidade?

Após olhar naqueles olhos que cintilavam por causa das lágrimas, beijei ambos e pedi:

– Irmã do meu coração, conceda-me um minuto nas horas dos dias de sua vida, e tenho certeza de que ele será de amor, amor e amor.

– Ordene-me que lhe conceda minha vida, e sua ela será, meu amado senhor.

– Sua vida pertence ao nosso divino Criador. Consagre-se a Ele e esse mistério que agora só lateja começará a fluir naturalmente assim que você me conceder apenas um minuto nas horas de sua vida.

– Esse minuto já é seu desde que o vi de frente, meu amado senhor. Assuma-me nele e inunde-me de amor, amor e amor. E só pare quando eu estiver transbordando amor por todos os meus sentidos.

Bom, parei quando ela não resistiu a tantas irradiações de amor e adormeceu em meus braços. Como estava na hora de sair dos domínios da divina Mahór yê, solicitei sua permissão e levei comigo aquela irmã do meu coração.

Fixei meus olhos e vi, bem na minha frente, o portal rubro por onde havia entrado em seus domínios cósmicos. Assim que o cruzei, deparei-me com meus pais Guardião Naruê e Guardião Beira-mar, que me sorriram e saudaram.

Abaixei-me, com ela nos braços, e pedi suas bênçãos.

– Que abençoado sempre seja, filho que honrou todos os seus pais, avós e bisavós. Mas honrou muito mais às suas mães maiores e ancestrais quando assumiu o destino de suas irmãs que haviam caído à beira dos muitos caminhos da vida. Venha conosco, pois nossa amada regente e mãe da Vida o aguarda.

– Posso levá-la comigo a esse reencontro tão desejado, meus pais amados?

– Por quê, meu filho? – perguntou meu pai Guardião Beira-mar.

– Houve um tempo que eu homenageava nossa amada mãe da Vida com flores e velas. Mas acho que chegou em minha vida o tempo que poderei homenageá-la com vidas, vidas e mais vidas. E esta será a que iniciará esse novo tempo para mim, meu pai amado.

– Você honra o grau de guardião, servo da Lei e da Vida. Nessa sua homenagem, que é divina, à nossa mãe da Vida, conceda-me a honra de estar ao seu lado no momento que você ofertar essa vida a ela, meu filho amado.

– Conceda essa honra a mim também, meu filho amado – solicitou meu pai Guardião Naruê.

– Como eu poderia estar mais bem acompanhado se me apresentarei diante de nossa amada mãe da Vida ladeado pelos meus amados pais Guardião Naruê e Guardião Beira-mar?

– Talvez se você me conceder essa honra, meu filho! – falou o senhor Ogum de Lei, que surgiu na minha frente naquele momento. Quando o vi, dos meus olhos começaram a correr lágrimas. E elas só aumentaram, pois vi surgir os outros 18 Oguns mediadores que formam a linha dos 21 Guardiões da Lei e da Vida. Mas, se só a presença de todos os 21 Oguns já não me bastasse, vi surgirem as 21 Guardiãs dos Mistérios da Lei e da Vida, que são as senhoras Iansãs mediadoras que formam pares puros com os 21 Oguns na linha pura da Lei, que também solicitaram a honra de me ladear e me acompanhar.

E foi assim, com meus amados pais Oguns à minha direita e minhas amadas mães Iansãs à minha esquerda, que caminhei em direção à minha amada mãe Iemanjá.

E à medida que eu percorria aquele caminho, único na vida de um ser, fui vendo nos dois lados dele meus avós e tataravós, que me honraram com suas benditas presenças enquanto durou aquele reencontro tão desejado. Quando chegamos nos limites dos domínios dela, ajoelhei-me e, após saudá-la e reverenciá-la, falei:

– Amada mãe da Vida, já houve um tempo que eu vinha até aqui para saudá-la e reverenciá-la, e lhe trazia velas e flores. Mas esse tempo terminou há algum tempo e um novo tempo o divino Criador concedeu-me. Receba esta vida como oferenda simbólica desse novo tempo, pois enquanto ele durar em minha vida, vidas, vidas e mais vidas, todas elas vibrando amor em todos os sentidos, serão minha oferenda ritual.

Um clarão divino, vindo do mar, iluminou o solo e a todos nós, que a reverenciamos. E uma voz divina ordenou-me:

– Levante-se e adentre nos meus domínios, meu filho amado.

– Mãe divina, conceda-me a honra de adentrar em seus domínios acompanhado dos meus amados pais, avós, bisavós e tataravós.

– Por que você deseja a companhia deles nesse momento único de sua vida, meu filho?

– Se eles não tivessem me amparado e guiado durante minha longa jornada humana, neste momento único de minha vida, eu não teria vida para ofertar-lhe.

– Você os honra nesse momento único da sua vida, meu filho.

– Honro-os, mãe divina. Mas muito mais eles me honram por eu poder partilhar com eles esse novo tempo que o divino Criador me concedeu. A presença deles em minha vida me iluminou, mesmo quando eu caminhei na escuridão, mas muito mais me iluminarão agora que estou em sua luz viva. Conceda-me a honra de tê-los comigo e ao meu lado quando adentrar em seu domínio para depositar em suas mãos divinas essa vida simbolizadora de um novo tempo em minha vida.

– Você dignifica a ancestralidade que o tem sustentado, filho amado. Indigno de sua mãe Iemanjá você seria se não desejasse partilhar com eles esse momento único em sua vida. Que todos adentrem em meu domínio, meus amados filhos e filhas!

Não tenho palavras para descrever o que ali se passou. Mas, quando ela colheu em seus braços divinos aquela irmã do meu coração e a apertou contra o peito, de seus divinos olhos correram algumas lágrimas que, quando atingiram a água do mar, cada uma assumiu uma cor e se espalhou até onde minhas vistas alcançaram.

Dela recebi, ou melhor, reconquistei o grau de Guardião do Mistério Sete Estrelas da Vida. Recebi das mãos de meu pai Guardião Beira-mar a espada cristalina simbolizadora daquele meu grau. E das mãos de meu pai Guardião Naruê recebi a capa azul que cobriu minhas costas.

Então me ajoelhei diante dela e fui distinguido com a coroa de Guardião das Sete Estrelas da Vida. E mais que isso não posso e não ouso revelar. Mas o fato é que, quando terminou aquele reencontro, em minha vida um novo tempo já havia começado. E nele, minha amada mãe maior Iemanjá não me assentou à sua direita ou esquerda. Não. Ela apenas me falou isto: "quero-o como guardião dos meus mistérios, mas quero-o tão móvel como as ondas do mar, pois assim, no vai e vem das ondas, você sempre estará onde a vida desejar que venha a estar, e nunca deixarás de retornar ao mar".

Mais tarde, perguntei ao meu pai Guardião Beira-mar o porquê de ela não ter me assentado em um dos graus à direita da linha da Vida, e ele, sábio e paciente como sempre, me falou:

– Filho do meu amor e do meu coração, saiba que nunca saberemos qual foi a verdadeira razão que a levou a querê-lo assim, tão móvel quanto as ondas do mar. Mas com certeza ela viu em você alguma coisa que não deseja perder de vista. E se ela o tivesse assentado em um dos graus à direita da linha da Vida, daí em diante só contemplaria de lado o que ela deseja ver de frente o tempo todo e durante o tempo que durar esse novo tempo de sua vida.

– Entendo. Mas por que só recebi essa capa azul como veste na hora dela em minha vida?

– Talvez ela queira que na hora dela em sua vida você não oculte o que tanto o distinguiu aos olhos dela.

– Meu mistério da geração?

– Ou o que ela viu em você e deseja que na hora dela todos os que tiverem olhos para ver, vejam e contemplem abertamente. E, creia-me, se foi isso, então não tente ocultar o que, em você, mais encantou sua mãe da vida.

– Como posso descobrir o que mais a encantou em mim?

– Você nunca saberá. Por isso não tente descobrir, pois talvez se engane, e aí não a servirá como ela realmente deseja que a sirva.

– Entendo.

– Você gostaria de assumir um grau no meu mistério?

– O senhor deseja conceder-me essa honra, meu pai amado?

– Já concedi. Você me honra com sua presença em meu mistério?

– Antes, o senhor me permite olhá-lo de frente e abraçá-lo com todo o meu amor de filho?

– Claro. Mas por que você deseja tão intensamente isso?

– Bom, o senhor sabe que, além de amá-lo muito, também me espelho no senhor. E depois que me assentar num dos graus do seu mistério, aí só poderei vê-lo de lado.

– Eu não disse que vou assentá-lo à minha direita ou esquerda. Tal como sua amada mãe da vida, também não quero perdê-lo de vista. E o único grau que me permitirá vê-lo sempre, e de frente para o meu mistério, é o de Guardião dos Mistérios do Degrau Celestial Guardião Beira-mar.

Afinal, se você se espelha em mim, se eu afastá-lo de minha frente, já não estarei sendo refletido em você, meu filho amado! E o vejo tão fértil e viril que não tenho dúvidas de que minha renovação por meio do seu mistério apenas está se iniciando. Mas um dia chegará em que todos os seus irmãos, ao desejarem saber algo sobre o mistério Guardião Beira-mar, o procurarão, pois verão em você tudo o que em mim apenas desconfiam que exista.

Conceda a esse seu já velho pai um minuto em sua vida, e nele me refletirá com tanta intensidade que, se no futuro você não esclarecer seus irmãos de que é só o Guardião dos Mistérios do Degrau Beira-mar, com certeza eles o confundirão comigo.

– Pai amado, que esse seu minuto em minha vida seja tão duradouro que dure por toda a eternidade.

– Esse é seu desejo em relação a esse seu velho pai?

– Sim. E que nele o senhor, meu amado pai Guardião Beira-mar, se renove sempre, e seja um fator de renovação em minha vida.

– Filho amado!!! Por que você me concede a maior das honras que um pai já velho mais deseja receber de seus filhos amados?

– Eu poderia citar tantas razões que levaria dias para citá-las todas. Então resumo todas em uma só: porque o amo, amo e amo! E tanto o amo que esse amor já adquiriu vida própria e tornou-se imortal, meu pai amado. Saiba que, se o senhor se julga velho, para mim irradia a potência e o vigor divino do meu amado pai Ogum maior.

– É assim que você me imagina?

– Não. Eu o vejo assim, meu pai Guardião Beira-mar.

– Então você também será um fator de renovação em minha vida, meu filho amado. Abrace-me e assuma seu grau de Guardião dos Mistérios do Degrau Celestial Guardião Beira-mar.

Quando o abracei, meu peito se abriu e meu íntimo irradiou tão forte que por um instante ele foi coberto por uma energia viva. E quando a absorveu toda, olhei em seus olhos e falei-lhe:

– Como o senhor é lindo, meu pai amado! Por que só agora o vejo tão lindo e irradiador de tanta beleza?

– É assim que você me vê, meu filho amado?

– Sim, senhor. E assim o verão todos os meus irmãos, porque assim será refletido por mim.

– Então já me renovei em você, meu filho.

– Tenho certeza de que sim, meu renovado e amado pai Guardião Beira-mar.

– Também tenho essa certeza, meu filho. Vamos caminhar um pouco à beira-mar enquanto lhe falo dos seus deveres e obrigações para com seu novo grau.

Já havíamos caminhado e conversado bastante quando uma irmã do mar surgiu das águas e, após saudar e reverenciar meu pai amado, falou:

– Amado pai Guardião Beira-mar, minha amada mãe e regente do Mistério "Inaê" solicita a presença desse seu filho nos domínios encantados que ela sustenta e dos quais o senhor é o guardião divino.

– Conduza-o, amada filha do meu amor divino! – ordenou ele.

– Meu amado pai me honra com essa incumbência! – exclamou ela, já me olhando de frente... e sorrindo-me.

Após o saudarmos e reverenciarmos, ele nos concedeu licença para adentrarmos nos domínios encantados regidos pelo Mistério Inaê, que é o sétimo degrau de minha mãe maior Iemanjá na linha da vida.

Como nada posso revelar sobre esse mistério, só digo que, após saudá-la e reverenciá-la, fui honrado com o grau de guardião de mais esse mistério da vida. Depois recebi licença para conhecer seus domínios encantados, e aquela encantadora irmã recebeu a incumbência de instruir-me sobre os deveres e obrigações do meu novo grau.

Assim que vi, ouvi e aprendi um pouco sobre aqueles domínios encantados, ela me reconduziu até a beira-mar e falou:

– Espero ter sido boa companhia, irmão amado.

– Outra não desejei enquanto você estava me conduzindo. E outra não desejarei quando retornar a tão encantadores domínios. Você é um encanto de irmã!

– Se outra não desejou enquanto o conduzi, e outra não desejará quando aqui voltar, o que posso oferecer-lhe para que continue a lembrar-se de mim durante esse intervalo de tempo?

– Conceda-me um minuto em sua vida e tenho certeza de que ele será tão intenso que você nem notará minha ausência nesse intervalo, irmã do meu coração.

– Esse minuto lhe concedi assim que o vi. Só não sei como torná-lo tão intenso como imagino que será.

– Até agora você me ensinou. Permita que eu a ensine um pouco, já que agora você está entrando nos meus domínios.

– Conduza-me aos seus domínios e revele-me os seus mistérios mais ocultos, irmão desejado.

– Esse é seu desejo mais íntimo?

– Sim. Outros mistérios não desejo conhecer nesse momento único de minha vida. Assumas esse seu minuto em minha vida e o torne tão intenso que, para mim, será um minuto inesquecível!

Bom, acho que outro minuto tão intenso quanto o meu em sua vida ela demorará para ter. Mas, até que ele surja, com certeza ela vivenciará intensamente o minuto que lhe concedi na minha, e que ela desejou que durasse para sempre.

Ainda estava recostado em um banco de areia, vigiando seu sono, quando vi caminhar em nossa direção aquela minha solitária irmã do Tempo, que, quando se aproximou, comunicou:

– Irmão, nossa amada mãe Guardiã do Tempo enviou-me para acompanhá-lo aos domínios dela assim que você terminar com sua hora regida pela nossa amada mãe da Vida.

– Obrigado por me avisar dessa vontade dela, irmã amada.

– Já o avisei, e peço licença para me retirar.

– Você tem algo urgente à sua espera, irmã?

– Não.

– Então por que a pressa em retirar-se dos domínios de nossa amada mãe da Vida?

– Acho que você e essa nossa amada irmã do mar estão vivenciando um dos mistérios mais íntimos que existe, e não desejo importuná-los com minha presença.

– Acho que você está só um pouco constrangida, não?

– Estou sim. Afinal, esse não é um momento tão comum para eu me sentir à vontade.

– Mas também não sinto seu polo negativo ativado contra mim. E sempre que você olhava para o meu mistério, ele já começava a irradiar.

– Depois que vovó contou-me como você a honrou diante de nossa amada mãe da Vida, e de como você foi honrado, concedi-me um minuto de reflexão e durante esse minuto vi em você o oposto do que meu polo negativo combate. Estou tão triste por ter me enganado que nem sei como começar para me desculpar.

– Comece por assentar-se ao meu lado e contemplar o balanço das ondas do mar. Elas têm o dom de nos embalar nos seus movimentos e nos elevar vibratoriamente enquanto vão descontraindo nossos sentidos tencionados. Vamos, não negue a si essa contemplação de um dos mistérios da nossa amada mãe da Vida.

Ela sentoue-se ao meu lado, mas um pouco afastada, e ficou contemplando as ondas que cintilavam a luz da noite em suas espumas cristalinas. Mas de vez em quando desviava seus olhos e observava aquela irmã do mar em seu sono profundo. E muito rapidamente olhava para mim, que fingia não notar quando

ela fazia isso e até olhava para a lua prateada. Depois de algum tempo sem dizer nada, ela se animou e falou:

– Eu nunca tinha notado, mas as irradiações do mar tornam o ar etéreo bastante úmido e fresco. Você já percebeu isso, irmão guardião?

– Já, irmã do Tempo. O ar etérico daqui é diferente do ar que circula nos domínios do Tempo. Eu percebo essas diferenças muito facilmente.

– Por que você as percebe tão fácil?

– Acho que é por causa desse calor que meu corpo energético irradia. Por meio dele capto todas as nuanças do ar onde vou ou estou.

– Que nuanças você já detectou no ar?

– Bom, o ar do Tempo é frio. O do Mar é úmido, o dos Minerais é sedoso...

– Sedoso? Como é isso?

– Bom, quando o sinto, ele parece deslizar em volta do meu corpo. E em alguns sentidos ele vai espalhando e diluindo as energias irradiadas por mim. Até dá para senti-lo deslizando suavemente, sabe?

– Eu gostaria de ter essa facilidade em perceber as nuanças do ar.

– Comece por percebê-las no ar do mar.

– Estou tentando, mas não sinto mais nada.

– É porque você não expõe seu corpo energético. Descubra-o e em um instante sentirá essa umidade e frescor envolvê-la toda.

– Descobrir-me? Você está brincando?

– Não estou, não. Como você quer aprender certas nuanças do ar se se isola dele?

– Desde que me lembro, nunca descobri meu corpo energético, irmão guardião.

– Desculpe-me. Eu não sabia que você era tão tímida e reservada quanto a isso.

– É, sou sim.

– Então vou cobrir o meu e o de nossa irmã do mar para não constrangê-la mais. Desculpe-me!

– Não se desculpe por minha timidez. Eu é que sou a culpada por ser como sou. Mas acho que já me acostumei em vê-lo assim... e, pensando bem, acho que até gosto de vê-lo tão natural e descontraído.

– Venha, acomode-se ao meu lado e capte por meio de mim a unidade e o frescor do ar marinho.

– Isso é possível?

– Claro. Vamos, vença essa sua timidez natural que depois se sentirá muito melhor e bem mais descontraída.

Um tanto incomodada e desajeitada, ela se acomodou junto ao meu corpo. Então passei o braço sobre seus ombros e a ajeitei melhor. Como ela fez menção de se afastar, pedi:

– Não trema tanto, feche os olhos e ative seu percepcional que logo sentirá por baixo de suas vestes o frescor e a umidade da brisa marinha. Vamos, descontraia-se ou não conseguirá percebê-la facilmente.

Pouco a pouco ela foi se aquietando, e quando começou a sentir aquela nuança do ar marinho, falou:

– Estou sentindo, irmão. É muito agradável, sabe?

– Sei sim. Sempre que posso, fico absorvendo-a.

– Esse seu calor natural também é gostoso de se sentir.

– Pode absorvê-lo que não me incomodo. Quanto mais você absorver, mais meu íntimo gerará.

– Estou absorvendo-o.

– Ótimo. Quando atingir seu ponto de equilíbrio, então sentirá que ele começará a fluir por meio dos seus sentidos.

– Você está me envolvendo com algum dos mistérios do seu mistério maior?

– Estou. Isso a incomoda?

– Não. Só me faz bem.

– Eu estou feliz por não me repelir mais, irmã do Tempo.

– Vendo essa minha irmã do mar, tão descontraída e irradiando tanto amor e satisfação, acho que já perdi muitos minutos agradáveis em minha vida.

– Não perdeu.

– Como pode dizer que não?

– Nunca perdemos o que não sabemos que existe ou que é possível. Só começamos a perder quando sabemos que algo nos é possível e permitido, mas não vivenciamos.

– Então não perdi.

– Mas precisa desejar vivenciá-los, irmã amada.

– Eu desejo. Só não sei como será essa vivenciação.

– Imagine-a, idealize-a. Só assim ela deixará de ser um desejo e se transformará em uma realidade palpável e sensível.

Aos poucos minha irmã do Tempo aquietou-se e recostou-se toda ao meu lado, encostou sua cabeça em meu ombro e, abraçada ao meu corpo, começou a soluçar.

Eram soluços esparsos, mas demonstravam que ela não conseguia conceber uma forma de externar seus sentimentos mais íntimos.

Ela havia vivido tanto tempo em função do Mistério do Tempo que se manifestava por meio de seus sentidos, que não conseguia conceber nada mais além do que seu mistério lhe exigira um dia, em um passado já muito distante. E havia se transformado em um instrumento daquele mistério dual.

Aquele era um típico caso de autobloqueio emocional. O mais difícil de ser curado, mas em momento algum de minha vida eu deixava de ser um curador.

É certo que eu atuava nos sete sentidos e curava desequilíbrios, que no plano material chamamos de doenças psíquicas e emocionais. E quando curava alguém em um sentido desequilibrado, no entanto sempre me apoiava em outro que estava relativamente equilibrado.

Observando aquela irmã, entendi a insistência de minha amada vovó. Ela queria abrir para o meu mistério curador um vasto campo de ação em seus domínios no Tempo. E estava recorrendo àquela sua tão amada filha para despertar em meu íntimo o desejo de desbloquear emocionais autobloqueados.

Sim, porque o mais comum é os seres sofrerem de bloqueios exteriores, que independem deles, e até são combatidos, na tentativa de anulá-los ou rompê-los.

Normalmente o ser deseja algo e desdobra-se para alcançar o que desejou. E se não consegue, então se sente frustrado e sofre. Mas seu íntimo continuará a vibrar o desejo não realizado até que, mais amadurecido, consegue realizar seu desejo mais íntimo.

Neste a cura é fácil, pois só precisamos ajudá-lo a realizar seu desejo de forma sadia, madura e ordenada. Às vezes isso leva tempo e temos de assumir seu destino e ampará-lo em todos os sentidos durante algum tempo.

Isso é muito comum na espiritualidade e é o que fazem os guias espirituais que atuam nos centros de Umbanda. Eles orientam, amparam, energizam, iluminam e guiam as pessoas durante certo tempo. Depois que elas superam suas dificuldades, os guias vão se afastando e deixando-as por conta própria para que vivenciem um período em que amadurecerão rapidamente e se habilitarão para que seu íntimo comece a vibrar um novo desejo.

Nos domínios elementares, encantados e naturais regidos pelos Orixás tudo se repete, mas de forma muito mais intensa e abrangente: assumimos o destino do ser no sentido onde ele está desequilibrado e necessita de amparo e proteção. E nesse sentido assumimos uma ascendência única e incontestada até pelos próprios pais e mães maiores, que nos estimulam nesse sentido, já que veem em nós, os irmãos mais maduros de seus filhos e filhas, os mais aptos a reequilibrá-los, vivenciando com eles um minuto em suas vidas, durante o qual se reequilibrarão e vivenciarão um sentimento ordenadamente e descarregarão seus emocionais, rearmonizando-se em todos os sentidos.

Como eu manifestava em meu sétimo sentido os mistérios do Trono da Geração, nesse sentido eu era um recurso único à disposição deles, os pais e mães ancestrais, que iam despertando ordenadamente em meu íntimo o desejo de atuar intensamente no sétimo sentido dos seres.

Para um leitor desavisado à forma simbólica que uso para descrever certas vivenciações, isso é incompreensível e até dá a impressão de que eu vivia pelo sexo. Mas a verdade é que os regentes abriam para mim seus domínios onde, por afinidades magnéticas, recolhiam suas filhas que haviam se desequilibrado justamente por causa da não vivenciação de um desejo relativo aos mistérios do sétimo sentido da vida.

Eu não me importava em formar par com quantas irmãs desejassem formá-los comigo, já que viam em mim o par ideal porque minha capacidade de gerar energias era muito grande. E quando formava um par com uma delas, dotava-a de tantos recursos no sétimo sentido que logo era requisitada pelos pais e mães para atuarem como polos magnéticos que atrairiam tantos filhos e filhas quanto fosse sua capacidade individual e nível evolutivo. E, por um processo que chamo de "osmótico", transmitiam a eles suas vivenciações acontecidas quando de suas uniões comigo, e automaticamente os tornaram plenos no sétimo sentido, já que pleno eu era.

Nesse processo osmótico as distâncias não interferem, porque é por meio dos cordões de ligação que as doações de energias acontecem naturalmente.

Só para que entendam isso, cito minha união total com Estrela Dourada do Arco-íris, já que a havia assumido como a companheira ideal em todos os sentidos e o mesmo ela havia feito comigo. Essa união sim é um "casamento", pois possuíamos afinidades em todos os sentidos e nossas ligações seriam eternas. E por meio dela suas irmãs haviam se tornado plenas e poderosas mães menores, pois tinham em mim uma fonte inesgotável de energias que as supriam a distância e sem que precisassem ser assentadas, tal como Estrela e eu havíamos sido.

Como Estrela havia assumido a cabeça do par, mais e mais irmãs ela vinha atraindo e dando sustentação magnética, energética e vibratória a tantas quantas o polo dela atraísse. E todas tinham em mim o polo magnético masculino que as sustentaria, e se alguém lhes perguntasse com quem formavam um par ou as sustentava no sétimo sentido, diriam que era comigo, ainda que eu nunca estivesse estado com nenhuma delas. Tudo acontecia naturalmente e sem a necessidade de um contato direto, já que as ligações atendiam a essa necessidade delas, suprindo-as no sétimo sentido com as energias geradas pelo polo masculino, que sou eu, o Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

As irmãs de Estrela Dourada do Arco-íris já são mais de duas centenas de milhares de mães menores, e todas acolhem infantes que saíram do estágio elemental e iniciaram o estágio encantado da evolução. E, não tenho dúvidas, chegará o dia ou o tempo em que essas mães menores crescerão tanto que alcançarão o grau de mães médias. E isso sem que precisem unir-se comigo como Estrela precisou, já que dela receberão toda uma vivenciação por meio desse processo "osmótico".

Esse processo é imanente e o Trono que o irradia o transmite a quem se liga aos dois polos de uma linha de forças.

Esse também é o processo de formação das linhas de trabalho do Ritual de Umbanda Sagrada, pois os polos delas são imanentes e todos os espíritos que se ligam aos regentes das linhas recebem deles, pelo processo osmótico ou imanente, tudo de que precisam para manifestarem as qualidades magnéticas, energéticas e magísticas dos regentes delas, que são os Caboclos(as) chefes de linhas, senhores de domínios e guardiões de mistérios.

Esses regentes de linhas de trabalho estão assentados junto aos Tronos intermediários, que chamamos de Orixás, que lhes dão amparo, proteção e orientação

religiosa e magística, também por imanência ou osmose, já que não precisam do contato direto, pois cordões estabelecidos lhes enviam tudo de que precisam.

Esse processo osmótico ou imanente é divino, pois é um processo que se inicia no próprio divino Criador e vai se desdobrando de grau em grau vibratório e chega até os consulentes das tendas de Umbanda, que na linha vibratória horizontal estão de frente com um dos mistérios de Deus quando falam com um Caboclo de Umbanda, um Preto-Velho ou mesmo com um Exu de Umbanda Sagrada.

Isso que estou comentando dentro de minha biografia espiritual é o conhecimento de um dos mistérios do Divino Criador que, apesar de tão oculto, no entanto precisa ser conhecido dentro do Ritual de Umbanda Sagrada praticado no plano material, pois só assim os consulentes entenderão que aquele humilde Preto Velho é um irradiador de algum tipo de mistério divino, que, só com muito esforço e dedicação, fé e perseverança, humildade e resignação é que se habilitou a manifestá-lo.

Uma das coisas que mais me magoa é ver certas observações maldosas e ofensivas que os próprios filhos de fé fazem em relação aos mistérios divinos que se manifestam por meio do Ritual de Umbanda Sagrada, e que os chamam de Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus e Pombagiras.

Sim, porque, se não notaram até agora, aquela minha irmã do Tempo tinha, no Tempo, um grau análogo ao que têm as Pombagiras Chefes no Ritual de Umbanda Sagrada. Só que o campo de atuação dela se localizava em uma dimensão não humana onde a palavra Pombagira inexiste, já que esse grau simbólico foi criado pelos Orixás Maiores para se manifestar como linha cósmica feminina que atua a partir do polo negativo dos médiuns de Umbanda.

O grau simbólico Pombagira acolhe todos os espíritos femininos que se negativaram e estacionaram ou paralisaram em algum sentido, mas que, ao serem absorvidas por algum polo magnético cósmico dos lados negativos dos pontos de forças regidos pelos Sagrados Orixás, voltaram à vida e atuam no sentido de ativarem a evolução de espíritos paralisados no Tempo e na Fé.

Bem, depois desse comentário, retorno ao momento em que observava aquela minha irmã, de difícil cura, pois ela própria havia negado a si a oportunidade de realizar-se como ser e de realizar qualquer dos seus desejos.

Ela havia se autobloqueado e eu não poderia atuar sobre ela senão de dentro para fora. E como notei nela o latejar tímido de que gostaria de vivenciar um sono tão relaxante e descontraído como era o daquela minha irmã do mar, eu agia com muito tato para criar-lhe as condições ideais para que realizasse aquele tímido e tão humano desejo.

Depois de muito soluçar, ela foi se acalmando e aquietou-se. Então perguntei:

– Sente-se melhor agora, irmã amada?

– Sim. Criei coragem e concedi a mim mesma um contido pranto de mágoas.

– É bom chorarmos nossas mágoas com quem nos entende.

– Você me entende de verdade, irmão?

– Entendo. E tanto a entendo que vibro por você um amor único, sabe?

– Que amor é esse, irmão?

– É o amor que conforta os corações magoados e os envolve em uma vibração tão delicada que só a compreensão das razões das mágoas impede que ele se dilua.

– Não o incomoda o fato de eu ser o oposto dessa sua irmã do Mar?

– Ela é nossa irmã, não?

– É, sim.

– Então você também pode ser como ela, ainda que conserve sua individualidade.

– Você a possuiu com seu amor?

– Sim. E por isso ela relaxou e agora dorme esse sono descontraído, que vigio e preservo, pois é o sono desejado.

– Por que ela dormiu com a mão repousando sobre esse seu poderoso mistério?

– Foi nele que ela se descontraiu toda e desfrutou de um prazer único, e do qual não só não se esquecerá jamais, como dele extrairá tantos minutos de prazer quanto desejar.

– É por isso que ela irradia tanta luz?

– É, sim. Você deseja repousar um pouco?

– Não sinto esse mistério do sono.

– É porque você vivenciou muito intensamente o mistério de guardiã, que exige que estejamos sempre despertos e alertas.

– Você já adormeceu nos braços de alguma de suas amadas?

– Já.

– O fato de adormecer não o colocou em perigo ou posição de fraqueza?

– Não. Sempre há alguém vigiando meu sono e durmo tão profundamente que, quando desperto, todos os meus sentidos estão vibrando em um mesmo padrão.

– Como é esse mistério do sono, irmão repousante?

– Ele vai nos possuindo sutilmente, vai descontraindo nossos sentidos e, quando menos esperamos, já estamos sob seu salutar domínio.

– Como posso me colocar sob a irradiação desse mistério?

– Primeiro deve confiar em meu poder de protegê-la em todos os sentidos. Depois deve captá-lo em quem já o vivencia.

– Você pode me proteger em todos os sentidos?

– Posso. Olhe nos meus olhos e verá em torno de nós uma proteção cristalina impenetrável até aos mais poderosos mistérios cósmicos. Nessa defesa só penetra quem eu permito. E ela tem tantos recursos que, se alguém tentar penetrá-la à força, receberá um choque que o anulará em todos os sentidos.

Após olhar nos meus olhos e ver a defesa cristalina, ela falou:

– Você podia ter me anulado, irmão. Suas defesas deviam ter sido ativadas contra mim quando o atingi.

– Se eu as tivesse ativado, agora você estaria sofrendo dor. Eu prefiro inundá-la de amor a vê-la na dor.

– Você é muito generoso, irmão. Não sou digna de seu amor.

– Todos somos dignos do amor, irmã. Esse sentimento divino nos fornece tantos recursos que, em vez de punirmos quem invade nossos limites, nós os envolvemos por completo e os ensinamos a amar e a irradiar o amor naturalmente.

– É isso que você está fazendo por mim?

– Estou.

– É gostoso ser amada. Sinto que estou me descontraindo um pouco. Mas ainda não consigo adormecer.

– Você permite que eu penetre em seu polo negativo para que possa descobrir o que a impede de adormecer?

– Eu tenho medo de abri-lo. Está tão bom assim!

– Não tema. Você está dentro dos meus limites e ele só se manifestará se eu ativá-lo ou permitir. E não vou fazer isso.

– Você é atencioso, irmão amado.

– Prefiro ser amoroso, já que é porque a amo que estou amparando-a dentro dos meus limites. Permita que eu penetre em seu polo negativo e descubra o que a impede de adormecer.

– Pode penetrá-lo. Já não o repilo, irmão curador. Cure-me, por favor!

Após penetrar mentalmente no polo negativo dela, identifiquei a causa do bloqueio e a ajudei a superar uma de suas angústias íntimas e o medo, erigido em defesa impenetrável. Aos poucos ela foi superando o medo até que conseguiu pousar sua mão sobre a de sua irmã da água, da qual começou a captar as vibrações de um sono profundo e pleno. Mais algum tempo e adormeceu profundamente.

Eu contemplava seu sono quando minhas defesas externas mais avançadas captaram uma vibração diferente. Como não identifiquei de imediato de quem ou de onde vinha aquela vibração, optei por cobrir o corpo da irmã da água e meu mistério com minha longa capa azul-celeste. Afinal, fosse quem fosse, eu não ia permitir que visse nada além do que sua imaginação pudesse lhe mostrar.

Só após cobri-las dei autorização a quem estava vibrando para que adentrasse em meu centro vibratório neutro. E quando vi a misteriosa solicitante, perguntei-lhe:

– Quem é você, irmã amada?

– Irmão cristalino, quem me conhece me chama de musa do conhecimento.

– Muito prazer em conhecê-la, irmã musa do conhecimento. Você honra minha vida com sua irradiante e esclarecedora presença. No que posso ser-lhe útil?

– Posso assentar-me um pouco ao seu lado?

– Se lhe for possível e permitido, eu gostaria que se assentasse na minha frente, irmã amada.

– Você me dedica essa honra, irmão cristalino?

– Dedico. Para mim o conhecimento está sempre na minha frente e só conhecendo o que vejo ouso avançar mais um pouco.

– Quanto a mim, só conduzo à frente os que não me colocam de lado ou atrás de suas vidas. E, porque você é assim, então fiz questão de conhecê-lo de frente, irmão do conhecimento.

– Como você conhece quem desperta sua curiosidade, irmã musa do conhecimento?

– Pouso minha visão em quem despertou minha curiosidade natural e começo a conhecê-lo por inteiro e em todos os sentidos.

– Então você já satisfez sua curiosidade natural, pois está me olhando de frente desde que ultrapassou minhas defesas internas, não?

– Só em parte. Essa sua capa oculta parte do seu corpo e um dos seus mistérios.

– Sinto muito, mas o que essa capa oculta você terá de contentar-se com o que sua imaginação conceber, pois não posso descobri-lo nesse momento.

– Você não pode cobrir sua frente com uma capa destinada a cobrir suas costas e seus flancos.

– Não estou cobrindo-a, irmã que fica sabendo de tudo em um piscar de olhos.

– Então, afaste-a para que eu possa completar meu conhecimento sobre você, irmão cristalino. Essa é minha missão junto aos mistérios do conhecimento.

– Não posso. Duas vidas estão repousando no sono justo justamente porque prometi vigiar seus sonos. Se eu descobrir para você o mistério que sustenta seus sonos justos, elas se sentirão ofendidas e magoadas, e me virarão as costas. Isso sem contar que estarei faltando com meus deveres de guardião de seus mistérios enquanto repousam um sono justo.

– Posso obrigá-lo a descobrir-se, irmão cristalino.

– Não pode. Retornes em outro minuto de minha vida e seus olhos lhe fornecerão todo o conhecimento sobre meu mistério.

– Não visito duas vezes o mesmo ser, irmão. Ou você descobre esse seu mistério ou o conhecerei por meio delas.

– Se você fizer isso, meu mistério guardião a punirá, irmã. Conceda-me um minuto em sua vida e, assim que elas despertarem, tudo saberá sobre esse meu mistério. Não faça isso, irmã musa do conhecimento! – exclamei.

Mas meu aviso foi em vão, pois ela primeiro pousou seus olhos em minha irmã do Tempo e depois em minha irmã do Mar. E tudo com uma rapidez impressionante. Mas no instante seguinte ela emitiu um gemido e caiu de joelhos enquanto fixava seus olhos na capa azul e dizia sem parar: "fui possuída pelo seu mistério! Fui possuída pelo seu mistério!". E só parou de repetir aquilo quando lhe perguntei:

– Por que você foi possuída por ele, irmã musa do conhecimento?

– Por que essa sua irmã do Tempo passou-me o desejo de conhecê-lo e ser possuída da forma mais humana possível, já que ela teme todas as outras formas. E essa sua irmã passou-me a satisfação de ter sido possuída por ele em todo o seu esplendor, poder e vigor, e o tem como senhor do destino dela. E deseja vivenciá-lo sempre que for o minuto dela em sua vida.

– Eu lhe avisei, não?

– Agora é tarde, irmão cristalino. Tornei-me sua escrava para sempre.

– Por quê?

– De agora em diante ficarei paralisada se não conhecer seu mistério como sua irmã do Tempo deseja e se não encontrar nele a satisfação que essa sua outra irmã vibra e deseja vivenciar em todos os minutos dela em sua vida.

– Sinto muito, irmã musa do conhecimento! Acho que você foi punida pelo meu mistério guardião.

– Eu devia ter desconfiado que não devia penetrar em suas defesas mais íntimas quando captei mais presenças dentro delas.

– Acho que esse é o risco que todo conhecimento traz quando o desejamos intensamente, mesmo sabendo que ele não será único e puro, não?

– É isso mesmo, irmão cristalino. Se tentamos obter um conhecimento, só devemos obtê-lo se estiver isento do desejo ou de misturas, senão nos desvirtuamos ou nos tornamos escravos dele. Agora estou paralisada e só recuperarei minha mobilidade se obtiver o conhecimento sobre seu mistério como essa sua irmã do Tempo deseja, e mesmo que alcance a satisfação de sua irmã do Mar, ainda assim continuarei deficiente, pois ela não conhece todo ele e muito menos seu real poder, potência, vigor e limites. E continuarei desejando um minuto em sua vida, quando novamente desejarei vivenciar intensamente tudo o que uma deseja e a outra vivenciou. Por que não desconfiei que quando o Tempo e o Mar, a água e o ar ladeiam um mistério, quem ficar na frente dele será absorvido e paralisado?

– Você descobriu isso agora?

– Sim.

– Então seu mistério do conhecimento ficou paralisado, mas sua capacidade de raciocinar e deduzir continua ativa, certo?

– Ela não cessa nunca, irmão cristalino.

– Ótimo. No seu minuto em minha vida você ficará paralisada na minha frente e raciocinará sobre os mistérios dos mistérios e os transmitirá...

Mas me calei, pois captei de meu amado vovô tatá Omolu um aviso mental para que me calasse e só voltasse a impor condições depois de falar com ele.

– Por que você parou, irmão cristalino?

– Você está me induzindo a devolver-lhe a liberdade plena de movimento, não?

– Como você descobriu isso?

– Eu puxei essa capa para cobrir essas irmãs e assim desloquei a vida para a minha frente. Então a morte voltou a ocupar seu lugar às minhas costas. E, porque quando isso acontece meu amado vovô tatá Omolu tem acesso direto ao meu mental, ele me alertou de que você estava recorrendo a um dos mistérios do conhecimento para inverter nossas atuais posições. Então no seu minuto em minha vida eu ficaria paralisado, e no meu minuto no conhecimento você me paralisaria, pois seu minuto em minha vida acontecerá quando eu estiver refletindo sobre meu próprio mistério, que era o que eu fazia quando você me contemplou

a partir do meu exterior. E o seu começou quando você penetrou no meu centro mais fechado.

– Então imponha você uma alternativa, irmão cristalino.

– Agora não tenho condições de impor uma alternativa que seja pura, pois estou sustentando dois sonos justos, irmã musa do conhecimento.

– Então ficarei paralisada aqui.

– Não é preciso isso, irmã. O saber, que anula todo conhecimento viciado, concede a todos uma nova oportunidade. Portanto continue sua missão junto aos mistérios, mas conceda a si mesma uma nova oportunidade.

– Eu sou um mistério em mim mesma. E o que meu mistério captou por meio dessas duas irmãs, ou vivencio e aprendo ou perco minha capacidade de raciocinar.

– Ótimo. Eu lhe concedo um minuto extra em minha vida, no qual você vivenciará o que devolverá o equilíbrio vibratório ao seu mistério e você me concede um também, quando enriquecerá meu conhecimento e obterei uma harmonia única nesse sentido de minha vida, que é o do conhecimento profundo acerca dos mistérios mais ocultos. E você terá toda a liberdade depois desses dois minutos que na verdade se completam.

Após refletir um pouco, ela falou:

– Então esses dois minutos serão só nossos e não os partilharemos com mais ninguém, certo?

– Sem condições, irmã. Não estou em condições de raciocinar, pois parte do meu mistério está ocupado nesse momento. Pode voltar à sua atividade principal. Eu a avisarei assim que estiver em condições puras para discutirmos isso.

– Como você me acessará se sou um dos mais inacessíveis dos mistérios do conhecimento, e só me têm os que eu acesso? Afinal, eu sou uma Musa do Conhecimento dos Mistérios, que são as mais inacessíveis de todas as musas.

– Não sei ao certo o que aconteceu, irmã. Mas, para mim, você se tornou tão acessível que a localizo e a acesso assim que desejar. Eu até posso puxá-la para a minha frente e posicioná-la como você está agora: toda frágil, submissa e entregue ao meu mistério.

– Por quê, se isso é impossível?

– Olhe o cordão cristalino que une seu sétimo sentido ao meu mistério. Então não duvidará do que agora me é possível e permitido.

Após ver o cordão, ela emitiu mais um gemido. Então falei:

– Já assumi a cabeça do par que formamos, irmã musa do conhecimento! Com isso, fora os nossos dois minutos, terás todos os outros livres para continuar a exercer suas funções de Musa do Conhecimento dos Mistérios mais ocultos e fechados, pois terá neles toda a liberdade de movimento que tinha antes de formar um par comigo.

– Acho que caí em uma armadilha que o Tempo e o Mar armaram para aprisionar quem navega contra as surpresas do mar e as intempéries do tempo, amparado no conhecimento, não?

– Acho que sim. Mas tenho certeza de que meu mistério tem tantos recursos em si mesmo, que mesmo para uma musa do conhecimento ele se mostrará tão interessante que você ainda desejará que seu minuto e o meu durem toda uma eternidade, sabe?

–Será?

Eu ia responder que sim, mas as duas irmãs adormecidas despertaram e, vendo que já não estavam só, afastaram suas mãos do meu mistério e automaticamente a capa voltou a cobrir minhas costas. Ela me contemplou demoradamente e, por fim, falou:

– Tenho certeza de que desejarei que nossos minutos durem uma eternidade, portador do mais desejado dos mistérios!

– Ótimo! Então já pode se retirar, pois quando nossos minutos chegarem, solicitarei sua presença no meu, e você me conhecerá no seu.

– Não quer que eu aguarde aqui mesmo até que eles cheguem?

– Não. Neles só estaremos nós dois.

– Não o incomodarei em nada até que eles cheguem.

– Não, não e não. Vá vivenciar os outros minutos de sua vida. Quando eles chegarem, você saberá. É uma ordem, está certo?

– Sim, senhor. Saiba que é o primeiro que assume a cabeça dos pares que formo.

– Sempre tem uma primeira vez para tudo e todos, não?

– Tem razão. Acho que essa minha primeira vez será muito agradável e cheia de surpresas e mistérios indescritíveis, não?

– Até uma Musa do Conhecimento dos Mistérios merece ser surpreendida por algum mistério indescritível. Agora se retire e só volte quando eu a solicitar.

– Sim, meu surpreendente mistério. Não prolongue demais a chegada dos nossos minutos, que certamente serão únicos e indescritíveis.

Após a musa retirar-se, ainda surpresa, a irmã do Mar perguntou:

– Amado, você não disse que meu sono seria único?

– E foi.

– O que aconteceu enquanto eu dormia?

– Primeiro recebemos a visita dessa nossa amada irmã do Tempo, e quando ela adormeceu, surgiu essa musa do conhecimento.

– Por que tudo isso aconteceu?

– Ainda não sei. Mas acho que algum mistério maior atuou sobre o meu, ou os nossos. Quem sabe? Afinal, não é comum uma musa do conhecimento cair em uma armadilha.

– Pelo pouco que vi e ouvi acho que essa musa é uma das mais astutas que existe, e deve ter pensado em tudo antes de manifestar-se em sua vida.

– Será?

– Você falou em dois minutos, não?

– Falei.

– Então quem caiu em uma armadilha foi você, irmão amado – falou a minha irmã do Tempo. – Ela teria um minuto em sua vida para transmitir-lhe conhecimentos.

– Mas agora terá dois, e até imagino como ela ocupará um deles.

– Não é possível!

– Essas musas são muito mais astutas que as Ninfas, amado. E quando sentem que têm de dar algo, tratam logo de armar alguma cilada para se apossarem do mistério de quem elas vão inspirar – falou a irmã do Tempo.

– É isso mesmo – confirmou a irmã do Mar. E, se meus olhos não me enganaram, ela ficou muito satisfeita quando viu o mistério no qual terá só para ela todo um minuto, que certamente será tão duradouro quanto todo um dia.

– Então estou encrencado.

– Você não parece muito preocupado – falou a irmã do Tempo. – Se estivesse, eu perceberia!

– Se não estou é porque assumi a cabeça do par que formamos.

– Pior ainda é sua posição, amado irmão. Você ficará no aguardo da vinda dela para poder acessar novos conhecimentos.

– Vovô tatá Omolu não teria me instruído para assumir a cabeça do par se eu fosse ficar paralisado no conhecimento dos mistérios.

– Foi ele quem o sustentou mentalmente?

– Sim. Eu havia coberto vocês com minha capa e ele teve acesso às minhas costas, de onde me instruiu sobre como dominar essa musa do conhecimento, irmã do Tempo. E ele sabe dessas coisas, não?

– Se foi vovô quem o instruiu, então ele já deve ter descoberto algo sobre esse seu mistério que irá ajudá-lo no trato com ela. Não conceda esses minutos a ela sem antes falar com ele.

– Farei isso, irmã. Mas, e você, como se sente após esse sono relaxante?

– Muito melhor. Só sinto estar sendo uma presença incômoda para você e nossa amada irmã do Mar. Mas, se antes havia um medo, agora lateja um desejo e isso irá enfraquecer-me.

– Não se você realizá-lo – falou a irmã do Mar. – Eu me senti assim antes de realizá-lo. Mas agora me sinto tão plena que dificilmente me desequilibrarei. Já tenho onde me apoiar, sabe? Você não imagina como é confortante ter um apoio tão forte e inesgotável, pois se alimenta e revigora-se justamente nessa nossa fraqueza natural, à qual ele supre segundo nossas necessidades, irmã amada.

– Tenho a impressão de que você já conhece profundamente esse mistério.

– Ainda o conheço muito pouco. Mas, com o tempo a meu favor, certamente me aprofundarei nele. Saiba que sempre é positivo conhecer profundamente os mistérios da vida. Se não os temermos e não bloquearmos seu fluir natural em nossas vidas, eles são muito agradáveis e deliciosos quando os vivenciamos.

– Ouvindo-a, e vendo suas irradiações, acho que seu minuto na vida dele durou muito tempo, irmã do mar.

– Só umas curtas horas. Mas quando esse meu minuto chegar novamente, já sei como fazer com que dure pelo menos um dia... ou mais.

– Puxa! Deve ter sido agradável esse conhecimento que você já adquiriu sobre o mistério de nosso irmão.

– Foi sim. Como meu minuto terminou assim que acordei, e porque já estou no seu, aceita um conselho?

– Que conselho, irmã do Mar?

– Conheça-o você também o mais profundo que lhe for possível e, como disse aquela astuta musa do conhecimento, descobrirá surpresas muito agradáveis que farão você desejar que também seu minuto na vida dele dure para sempre.

– Você está sugerindo...

– Não estou sugerindo nada, irmã tímida. Descubra você mesma o que não pode ser descrito com palavras. Agora tenho de retornar aos meus afazeres nos domínios do Mar.

Após se despedir de mim, aquela irmã do Mar chamou a irmã do Tempo e a levou até as ondas e ali as duas conversaram um pouco antes de se despedirem.

Resolvi refletir sobre aquela musa do conhecimento e nem percebi quando a irmã do Mar se foi ou que a irmã do Tempo estava se demorando para retornar. Então, quando achei que já havia entendido o que havia acontecido e saí daquela reflexão mais profunda, eu a vi se banhando no mar. E foi bom ter estendido minhas defesas até as águas, pois no instante seguinte uma criatura estranha ficou presa quando tentou puxá-la para o fundo do mar.

Mentalmente dominei a criatura e descobri que era um dos muito punidos pelo polo negativo dela. E não foi fácil demovê-lo do desejo de vingança. Mas quando lhe falei que havia assumido o polo negativo dela e que no devido tempo curaria seu ódio e lhe proporcionaria um minuto de liberdade se me concedesse um minuto em sua vida, não só ele como todos os outros punidos por ela me concederam um minuto e colocaram seus destinos à minha disposição para que os possuísse.

Não perdi tempo e os assumi, pois vi em todos uma oportunidade de regeneração e eles viram em mim a de retornarem à tona depois de um longo e angustiante mergulho no fundo do sombrio oceano da vida desregrada no sétimo sentido da vida. E assim que se afastaram, ela sentiu-se melhor e descontraiu-se ainda mais, pois, cobrindo só a frente do corpo com sua veste, aproximou-se de mim e convidou-me a refrescar-me nas águas.

– Agora não posso, irmã. Mas, se me permitir, irei até perto das ondas para melhor absorver esse bem-estar delicioso que você está vibrando.

– Dá para sentir a tão grande distância?

– Sim. Estou tão contente em vê-la mais descontraída que até sinto vontade de abraçá-la.

– Ainda não me descontraí a esse ponto, irmão amado. Essa água me fez bem, mas não anulou alguns medos que ainda latejam em meu íntimo.

– Então é melhor você voltar à água e ver se até esses medos mais íntimos ela consegue diluir. Vá, que seguro suas vestes.

– Irmão!

– Não seja tão tímida, irmã. Se eu desejar, não será essa veste que bloqueará minha visão, pois até isso meu mistério me faculta.

– Você já me olhou?

– Ainda não. Seria indigno do meu grau de guardião olhar em você o que não tem coragem de mostrar naturalmente.

– Venha até a água comigo e talvez essa naturalidade flua em mim.

– Acredite-me, não posso, ainda que deseje ajudá-la também nisso. Tenho de me manter em terra, e só posso contemplá-la. Agora compete a você qualquer iniciativa nesse sentido, pois tenho de retornar ao meu posto de vigia. Divirta-se, irmã que já irradia uma tênue luz azulada!

Quando virei as costas, ela me chamou e pediu:

– Irmão Guardião dos Mistérios do Mar, por favor, guarde minhas vestes enquanto me delicio nas águas.

Estendi uma das mãos para trás e pedi:

– Dê-me e assim não ficarás constrangida.

– Por favor, fique de frente para mim.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

– Sim. É tolice minha ocultar dos seus olhos o que outras irmãs minhas mostram-lhe tão naturalmente.

– Você não tem de fazer isso, sabe?

– Eu sei. Mas olhando-o por trás vejo seu mistério curador e acho que você o desdobrou só para me curar, não?

– Ainda assim, você não precisa mostrar-se aos meus olhos. Serás curada sem que eu precise vê-la ou tocá-la, pois ele está atuando intensamente em sua vida.

– Por favor, conceda-me o direito de tê-lo novamente de frente, e como o vi antes de voltar-me as costas, senão nunca mais voltarei a vê-lo como gosto de contemplá-lo, e também nunca mais poderei olhar nos seus olhos.

– Esse mistério curador ainda me é estranho, sabe? Eu não sei se você voltará a ver-me como me via antes de dar-lhe as costas, pois o que menos desejo é constrangê-la novamente ou...

– Não diga mais nada, por favor. Cure-me com seu outro mistério, senão em meu íntimo ficará um vazio que só ele poderá ocupar. Não negue a mim o que não me concedi por milênios incontáveis, irmão único em minha vida!

– Esse é seu mais íntimo desejo, irmã do meu coração?

– Sim, sim e sim, irmão que desejo amar, amar e amar. Por favor, vire-se de frente para mim e recolha minhas vestes!

– Espero que o senhor desse mistério curador, ainda desconhecido, conceda-lhe a realização desse desejo como você o está desejando.

– Sinto que ele me concederá esse desejo, pois voltei a vê-lo como o guardião que imagino que seja e até já consigo idealizá-lo, mas não ouso concebê-lo sem que esteja de frente para mim.

Virei-me e vi que as faces dela estavam cobertas de lágrimas.

– Por que você está chorando e vestida?

– Porque o imaginei um guardião como é: muito atencioso, compreensivo e amoroso. E o idealizei como um guardião vigoroso, potente, dominador e ousado o bastante para me mostrar que meus medos mais íntimos são tolices bobas de só temer o que mais desejo vivenciar porque não sei vivenciar o que mais desejo... e com você.

– Irmã, em mim os desejos se realizam!

– Então não me mande para a água, pois o que mais desejo é que me abrace, e permita-me abraçá-lo, tocá-lo e amá-lo até adormecer em seus braços.

Quando ela, tremendo toda, deixou aquelas vestes caírem na areia, finalmente vi seu deslumbrante corpo e falei:

– Saiba que em mim os desejos também se iniciam e que você ativou meu mistério. Agora ele só se desativará quando você adormecer no mais profundo dos sonos.

E mais não falei, pois a envolvi num forte abraço e selei nossa união com um longo e apaixonado beijo que quase a levou à perda dos sentidos, pois enquanto ele durou a ajudei a conceber o que havia idealizado tão intensamente que até me vi refletido em seus lindos olhos.

Também acho que aquela irmã do Mar havia revelado a ela como demorar para adormecer, pois o minuto que ela me concedeu durou mais que qualquer outro até então. E ela o prolongou por mais tempo, pois, quando despertou, já livre de qualquer medo, voltou a ativar meu mistério, que só voltou a se desativar quando ela, transbordando luz por todos os sentidos, voltou a adormecer.

Acho que ela voltou a adormecer umas cinco ou seis vezes antes de sentir-se plenamente realizada e dizer-me:

– Meu sétimo sentido finalmente se descontraiu todo e adormeceu, meu amado. Acho que vivenciei de uma só vez o que me neguei durante milênios.

– Será?

– Não sei, mas acho que esse meu sentido repousará por um bom tempo, não?

– Veremos. Mas caso ele desperte logo, você já sabe como adormecê-lo, não?

– Como sei! Nunca mais me esquecerei das lições que aqui recebi. Como posso agradecê-lo?

– É só não deixar de amar-me, amar-me e amar-me que já me sentirei plenamente gratificado com seu amor.

Nisso surgiu das águas aquela nossa irmã que ali mesmo estivera comigo, e, toda sorridente, correu até nós e, após nos abraçar esfuziantemente, comunicou:

– Amada irmã do Tempo, nossa amada mãe regente do sétimo degrau celestial da nossa divina e amada mãe Iemanjá enviou-me até você para conduzi-la até os domínios dela, pois deseja assentar você à direita dela.

– Irmã do mar, como isso é possível, se sou portadora de um mistério dual que comporta a punição em meu polo negativo?

– Não sei, mas alguma coisa aconteceu com você; agora você só vibra na polaridade positiva e tornou-se apta a servir nossa amada mãe, pois descobriu que a vida tem muito mais mistérios que você imagina ou consegue conceber. Mas, como tem o tempo a seu favor, então terá todo o que precisar para descobrir muitos outros encantos da vida além dos que descobriu à beira-mar.

– Como posso ser assentada se não tenho um par para me sustentar nos domínios dela?

– Será que não? – perguntei.

– Você me aceita como par ideal, irmão amado?

– Já aceitei e assumi a cabeça dele, que ficará bem aqui à beira-mar, e de frente para você.

– Como posso agradecê-lo por ser tão generoso comigo?

– Que tal um abraço fraterno e um beijo terno?

– O abraço até poderá ser fraterno. Mas o beijo será apaixonado... e inesquecível.

Bom, ainda permaneci à beira-mar até que uma coroa estrelada coroasse seu assentamento. E não pude deixar de sorrir quando vi que o grau dela no mar ficava bem ao lado do daquela minha irmã do Mar. Mas parei de sorrir assim que ouvi vovó dizer-me:

– Por que demorou tanto para realizar essa minha vontade, neto amado?

– Vovó! A senhora está aqui há muito tempo? Que bom vê-la! Sua bênção, vovó amada!

– Eu vim assistir ao assentamento dela nesse domínio da vida, neto amado. Mas ainda não respondeu à minha pergunta.

– A senhora ainda não me abençoou.

– Você demorou demais, neto amado!

– Foi preciso, vovó. Tive de devolver ao grau negativo à esquerda de minha amada mãe Inaê todos os que aquela irmã havia punido. E, também, só consegui anular o negativo dela depois de assumir o destino de todas as minhas irmãs do Tempo que estavam agregadas a ele, que também tiveram seus polos negativos anulados, pois os assumi e os diluí com um dos meus mistérios, pois essa foi a exigência do meu amado pai maior Obaluaiê, para não punir aquela sua amada filha, quando ele exigiu que eu lhe desse as costas.

– Você fez tudo isso, neto amado?

– Demorou um pouco, mas, se eu tivesse adormecido o sétimo sentido dela logo da primeira vez, aquelas suas filhas agregadas ao polo negativo dela teriam sido absorvidas pelo polo negativo do Mistério Curador. Por meio dela curei todas aquelas outras filhas suas.

– Sinto muito se pensei que você estava abusando desse seu mistério ou da inocência dela, meu neto amado. Mas você tem de entender que não me avisou de nada disso.

– Para comunicar-lhe isso eu teria de abrir um canal, e eu não podia.

– Por que não?

– Tem uma Musa do Conhecimento dos Mistérios que está atenta a todas as minhas comunicações mentais.

– Por quê?

– Acho que ela deseja me possuir em vez de contentar-se só com os conhecimentos puros do meu Mistério da Geração. Vovô tatá Omolu salvou-me dela.

– Então essa musa do conhecimento é a mesma que o inspirou quando você vivia na carne. Mas seu avô tatá Omolu deve saber se é a mesma, pois ele vigiou cada segundo de sua vida na carne e deve tê-la reconhecido. Aquela era muito possessiva e, se for a mesma...

– Vovó, por favor... dê-me sua bênção!

Vovó, pela primeira vez, verteu duas lágrimas escuras. Quando vi aquilo, perguntei:

– O que a senhora vibrou contra mim quando pensou que eu estava abusando dos poderes do meu Mistério da Geração?

– Sinto muito, neto amado.

– Já estou sob a ação punitiva do seu polo negativo?

– Está, neto amado.

– O que a senhora ativou contra mim?

– Virei sua vestimenta no Tempo. Eu entendi que você não a tinha vestido só para poder divertir-se com aquela minha filha.

– O que acontecerá quando eu vesti-la, vovó?

– O mistério dela, que irradia de dentro para fora, estará invertido e o atingirá desde a cabeça até os pés.

– Entendo.

– Basta você não vesti-la que nada acontecerá. Sinto muito, neto do meu coração!

– Eu também, vovó. É, como eu sinto, meu Criador! – e no mesmo instante vesti minha veste do tempo, que estava com suas irradiações viradas contra mim, pois estava do avesso.

No mesmo instante senti meu corpo perfurado por um bilhão de penetrantes agulhas, que me arrancaram um lancinante grito de dor. Mas no instante seguinte minhas defesas cristalinas, reconstruídas a muito custo, explodiram e seus cacos espalharam-se no tempo. E no terceiro instante quem explodiu foi minha coroa estrelada e minha espada cristalina, cujos cacos caíram sobre a areia. A dor era tanta que em meu íntimo muitas fontes começaram a gerar energias. Mas uma, que irradiava o meu calor natural, abriu-se tanto que, de dentro para fora, e por todo o meu corpo energético, brotaram labaredas que consumiram aquelas agulhas doloridas, assim como aquela veste voltada contra mim. Quando as labaredas se recolheram, meu corpo estava irreconhecível por causa dos buracos feitos pela irradiação que o atingira.

Mas o inesperado aconteceu, pois em meio a tanta dor e tristeza, meu mistério da geração autoativou-se e deu início à geração de energias que começaram

a regenerar meu corpo energético, assim como à sua forma exterior. Quando a regeneração terminou, olhei-me e comecei a chorar de tristeza. Aquela inversão havia consumido minha capa azul-celeste e todas as outras vestes conquistadas a muito custo, esforço e dedicação. Até aquela, pouco conhecida, veste de curador eu não vi mais.

A tristeza foi tão grande que silenciei meu pranto e enxuguei minhas faces. Mas meus olhos continuaram a derramar tantas lágrimas que desisti de tentar enxugá-las. Então perguntei:

– O que mais a senhora desejou para mim, vovó?

– Eu me enfureci com sua conduta e desejei que você ficasse completamente descoberto, pois assim todos veriam em você um ser possuído pelo vício do sexo. Já que pensei que você estava dando um mau uso ao seu Mistério da Geração e aproveitando-se da inocência daquela minha amada filha.

– Entendo.

– Sinto muito, neto amado!

– Eu também, vovó. Eu também! – exclamei em um suspiro de tristeza. – Tanta dedicação, tanto amor, tanta vontade de servir e tanto desejo de reconquistar meu grau original, e tudo foi consumido em um piscar de olhos. É, eu também sinto muito, vovó.

– Já não sou sua vovó amada?

– Vovó, se não estou enganado, encerrou-se a hora do Tempo em minha vida, não?

– Ela terminou neste instante, meu neto amado. Que hora está se iniciando para você, neto amado?

– Nenhuma, vovó. Meu íntimo está gerando energias paralisadoras e paralisou-me no instante em que a hora do Tempo encerrou-se. Já não sinto estímulo, vontade ou desejo de iniciar a hora seguinte dos dias de minha vida.

– Você pode anular ou bloquear essa fonte de energias paralisante, meu neto amado.

– Acho que não, vovó. Eu não sinto vontade ou desejo de anulá-la. Minha tristeza é tão grande que já não sinto vontade de mais nada.

– Sinto muito, neto do meu coração. Diga ao menos que ainda sou sua avó amada.

– Já não sinto vontade de amar ou de ser amado. Com sua licença, vovó.

– Para onde você vai?

– Retorno à dimensão humana da vida. Acho que é a sina dos guardiões desse Mistério da Geração, e nela ficarei de agora em diante. Acho que eu nunca devia ter saído dela, sabe?

– Não diga isso! Seu lugar é aqui. Lá é só uma dimensão transitória.

– Aqui também tem sido transitória, vovó. Tudo tem sido transitório em minha vida.

– Fique aqui e comece a recolher suas defesas cristalinas naturais, neto amado.

– O tempo as espalhou no Tempo, não?

– Sim. E as diluiu em tantos pedaços que se espalharam por todos os domínios naturais.

– Então que fiquem espalhados, e que se cravem em quem tentar se apossar dos meus cacos cortantes. Dê-me sua licença, vovó.

– Licença concedida, neto apático.

Sem pressa ou ânimo, caminhei de volta para a dimensão humana. Mas antes de cruzar o limite dela com a dimensão onde eu estava, liberei a serpente encantada do Arco-íris e ordenei-lhe:

– Dilua-se e forme um Arco-íris à beira-mar, minha encantada. E que todo aquele que cruzá-lo ouça que foi aqui que o Cavaleiro do Arco-íris caiu do seu cavalo, mesmo que nunca tenha chegado a montá-lo, pois lhe faltou o apoio do Tempo para que tivesse tempo de domá-lo.

Quando ordenei aquilo, minha serpente encantada começou a chorar, e lágrimas multicoloridas corriam de seus olhos encantadores. E, diz quem já viu aquele arco-íris encantado, que uma voz chorosa conta que o cavaleiro do Arco-íris caiu do seu cavalo, mesmo que nunca o tenha montado, assim como, toda vez que isso conta, o arco-íris inteiro começa a verter lágrimas de tristeza. E que elas são tão tristes que, quando caem nas águas do mar, do fundo do oceano brota um pranto triste emitido pela Ninfa da Vida, que não se conforma por ver mais uma vez seu Trono da Geração escondido na dimensão humana da vida porque sente muita tristeza por não ter uma veste encantada para cobrir seu encantador Mistério da Geração, que de tão encantador que é, despertou em todos os Orixás o desejo de se apossarem dele e possuí-lo em seus domínios encantados. Mas, como não conseguiram, agora são obrigados a ir constantemente até onde o Trono vive, só para o reverem e, por meio do mistério dele, se renovarem!

Diz também que assim que minha linda e viva capa azul-celeste foi consumida pelas chamas que brotaram da minha dor, imediatamente a morte voltou a ocupar seu lugar às minhas costas, e que todo aquele que tenta atingir-me por trás é tragado por uma fenda negra que dá direto em um vale da morte coalhado de furiosas serpentes negras. E que, quando algum dos meus astutos e venenosos irmãos tenta me atingir pela esquerda, daquele abismo sai uma hidra negra de sete cabeças e crava suas presas nos sete sentidos dele e o envenena, tornando-o apático e sem vontade de viver.

Dizem também que um manto negro sem ninguém dentro dele surgiu daquele abismo e cobre minhas costas. Ninguém sabe o que é aquele manto, mas eu sei: é o manto da morte que cobriu minha vida quando meu manto da vida foi consumido pelas chamas que brotaram de minha dor.

– Vocês sabem como sei disso?

Bom, isto eu posso revelar-lhes: meus olhos continuaram a chorar em silêncio, pois eu não queria atrair a atenção de meus astutos e venenosos irmãos. Tanto choraram que criaram uma cortina aquática que me impede de ver quem chega à minha frente. Então a Musa do Conhecimento dos Mistérios, sabedora disso,

aproveitou-se de minha cegueira e veio visitar-me em uma noite, quando vivenciaria intensamente aquela parte do meu mistério que ela só conseguiria conhecer se o possuísse. Mas, como ela desconhecia o encanto dele, ficou tão encantada que agora vem me visitar todas as noites e, para que eu não a possua de vez, em cada uma delas ela me revela o mistério de um dos mistérios. E revelou-me o que se oculta dentro do manto negro que cobriu minha vida. Mas isso fica para a próxima parte, certo?

# 3ª Parte

## O Mistério do Conhecimento

Bom, como eu estava mais uma vez sem minhas defesas externas, e sujeito às intempéries do Tempo, recolhi-me à dimensão humana da vida, pois nela eu estava "em casa". Para mim, tomado pela apatia, tanto fazia se era dia ou noite, pois a tristeza era tanta que nada mais me importava. Isolei-me de tudo e de quase todos, já que não conseguia ver mais nada nem desejava ouvir ninguém. Um manto escuro havia coberto minha vida e no interior dele morava a tristeza. Minhas faculdades superiores começaram a adormecer, já que eu não as usava, não recorria a elas e não queria ativá-las, senão voltaria a ouvir meus pais, avós e bisavós ancestrais, deixados nas dimensões naturais.

Com o passar do tempo, fui me esquecendo do que vira e aprendera nas dimensões regidas verticalmente pelos Sagrados Orixás, pois a dimensão humana eles regem por meio das irradiações inclinadas. Mas por meio dos pais e mães mediadores "humanizados" eles podem atuar na vertical, pois chegam pelas irradiações inclinadas e, nos níveis intermediários, começam a irradiar verticalmente, restabelecendo suas hierarquias celestiais.

Eu, sem vontade para nada, pois me tornara apático, comecei a receber golpes profundos dos meus irmãos astutos e venenosos, que viram surgir uma oportunidade única de me anularem.

Às vezes, quando a dor era muito grande, eu reagia e eles se afastavam um pouco. Mas, assim que eu me aquietava, voltavam à carga, e com muito mais violência.

Vovó Guardiã do Tempo até se deslocou de sua dimensão e veio chamar minha atenção por causa do meu descaso diante de tantas ameaças mortais.

– Neto amado, você não está se esquecendo de nada?

– Do quê, vovó?

– Você formou muitos pares e assumiu compromissos que não se rompem, pois afetam a vida de muitas irmãs suas que estão sendo sustentadas pelo seu mistério.

– Não adianta lutar contra meus irmãos astutos e venenosos. Eles nunca desistem e fogem assim que esboço uma reação.

– Vou abrir-lhe um dos mais ocultos mistérios do Tempo, e você o ativará a partir da dimensão humana sempre que se sentir ameaçado. Dentro de sua faixa vibratória quem sair ao tempo para atingi-lo injustamente ou à traição, no meu polo negativo será aprisionado e executado segundo os ditames da Lei no Tempo.

– Obrigado, vovó. Eu só quero um pouco de paz, e nada mais.

– No meu minuto em sua vida terá paz, meu neto amado! Honre sua mãe maior Oiá, que na hora dela em sua vida todo o polo magnético regido por ela estará voltado para protegê-lo de seus irmãos astutos e venenosos.

– Mesmo os que vivem no Tempo e me odeiam por eu ter sido escolhido como herdeiro do Trono da Geração?

– Esses serão os primeiros a rastejarem aos seus pés clamando por clemência. Quebre a espinha dorsal dos falsos; esmague a cabeça dos traidores e assente à sua esquerda os que ainda possuírem um resquício de humanismo.

– Como saberei quem é quem em meio a tantos irmãos astutos e venenosos?

– Você se lembra de uma sua irmã Guardiã do Tempo que ficava a contemplá-lo a distância sempre que você ia me visitar?

– É uma bem alta e negra como o ônix?

– Ela mesma, neto amado. Ela tem um assentamento cósmico dentro do Ritual de Umbanda Sagrada e rege, desde meus domínios, a linha de Pombagiras do Tempo. Entre minhas filhas amadas, é a mais aguerrida de todas, e a menos condescendente com os que se colocam à margem da Lei. Por isso e mais alguns outros predicados únicos, ela é chamada de Pombagira Rainha do Tempo.

– Devo assentá-la à minha esquerda?

– Não, neto amado. Eu prefiro que ela fique solta no Tempo, pois guarda muitas de minhas filhas no Ritual de Umbanda Sagrada e rege uma das maiores legiões de Guardiãs da Lei no Tempo.

– Vovó, já não possuo a percepção de antes e não consigo captar o que a senhora está dizendo sem nada me dizer.

– Você está muito apático, neto amado.

– Vovó, por favor, seja direta e objetiva, senão incorrerei em alguma outra penalidade mais triste que a anterior.

– Está certo. Você sabe que minhas filhas mais aguerridas são muito temidas e respeitadas, não?

– Sei sim, vovó.

– É isso, neto amado! Pronto, já fui mais eloquente com você do que tenho sido até com seu amado vovô Ogum de Lei. Cuide bem dela, está bem?

– Vovó, posso refletir em voz alta, e a senhora diz sim quando minha reflexão estiver certa?

– Por que isso agora, neto amado?

– Até minhas reflexões se ressentem dessa minha apatia. Ajude-me, vovó amada, pois o que menos desejo é tornar essa sua vontade um dos meus desejos.

– Voltei a ser sua vovó amada?

– Nunca deixei de amá-la. Apenas estava com vergonha de chamá-la de minha vovó amada depois que a desagradei por causa daquela Musa do Conhecimento dos Mistérios.

– Como é que andam vocês dois?

– Não andamos. Prefiro ficar parado para melhor ouvi-la.

– Entendo. Ela já possuiu o conhecimento que precisava sobre seu mistério e você a possuiu, não?

– Não é bem assim, vovó amada. Apenas concedi a ela o que mais desejava.

– Sem exigir nada em troca?

– Não foi preciso, vovó amada. Ela se encantou tanto com meu mistério que vive me dizendo que sou o primeiro guardião que a encantou sem tentar isso. E vive me segredando sobre os mistérios. Mas não lhe dou ouvidos e ela acaba me fornecendo as chaves deles.

– Onde você guarda essas chaves, neto amado? – perguntou vovó, já mudando o tom da voz, e quase sussurrando.

– Ela mesma as guarda em meu mental superior, vovó. Ela diz que assim ninguém as tirará de mim e que sempre que eu precisar abrir um mistério bastará eu recorrer à chave correspondente ou nem isso precisarei fazer, pois os senhores dos mistérios verão e os abrirão naturalmente para mim.

– Ela já lhe deu muitas chaves?

– Sempre que vem visitar-me me dá uma de presente.

– De quanto em quanto tempo ela vem visitá-lo?

– Todas as noites, vovó.

– Divino Criador!!!

– O que foi, vovó?

– O que ela andou falando sobre o Tempo?

– Não sei. Como eu lhe disse, não dou ouvidos a ela, sabe?

– Sei. Mas não deixa de dar-lhe o que em você tanto a encantou, certo?

– Vovó, não aceito observações sobre meu mistério. Principalmente as sarcásticas!

– Está certo. Acho que me excedi. Eu não tenho o direito de fazer esse tipo de crítica. Não a você, neto amado – murmurou vovó, meio triste.

– Está tudo bem, vovó amada. Não se preocupe! Eu só tenho as chaves, e nunca forçarei nenhum mistério a abrir-se para mim se não for naturalmente. Se virem em mim um ser digno de conhecê-los por dentro, que se abram sem que eu tenha de forçá-los com as chaves que possuo. Se não acharem, então que continuem fechados, certo?

– Agora sei por que abri esse mistério do Tempo, tão oculto e tão fechado a quem vive na dimensão humana!

– A senhora o abriu naturalmente, vovó. Eu não lhe pedi nada, certo?

– É isso que me preocupa. Senti tanta vontade de abrir-lhe esse mistério oculto do Tempo que até me preocupo com os mistérios que estão ansiosos para

abrirem-se naturalmente para você, pois estou captando tantas vibrações nesse sentido que nem sei como interpretar o que aconteceu com você desde que tudo aquilo ocorreu.

– Não aconteceu nada, vovó. Continuo o mesmo, só que meio sem vontade de observar o que está vibrando à minha volta, sabe?

– Ainda bem, neto amado. Se você captar e interpretar os mistérios que estão latejando o desejo de se abrirem para você, logo logo nós o perderemos de vistas.

– De jeito nenhum, vovó. Só penetrarei nos segredos mais ocultos dos mistérios se eles se abrirem para mim, aqui, na dimensão humana, e da forma mais humana que lhes for possível, pois só assim os humanizarei.

– Capto a vibração de mistérios que jamais se abriram sequer para nós, os Orixás mediadores, e muito menos para alguém vivendo na dimensão humana. O que essa musa do conhecimento andou lhe revelando?

– Já disse que não sei, vovó. Não dou ouvidos ao que ela diz quando vem me visitar.

– Neto, capto em você vibrações de mistérios interditados até a nós!

– Vovó, assim a senhora me assusta, sabe?

– Vou ficar mais atenta a você... e à sua musa do conhecimento.

– Não volte sua atenção a ela, vovó.

– Por que não?

– Ela sabe como virar o mistério de quem a vigia, e se foi ela que me deu a chave desse mistério do Tempo, então...

– Ela conhece o meu, certo?

– Acho que sim.

– Acha ou tem certeza?

– Não sei ao certo. Mas lembro-me de tê-la ouvido dizer algo sobre as 13 chaves mestras dos mistérios do Tempo... ou algo parecido.

– Entendo. E você acha melhor que eu não volte minha atenção a ela, certo?

– É que ela diz que não aprecia quem a olha muito atentamente.

– Quantos tipos de vibrações ela capta?

– Todas.

– E de observações?

– Todas.

– E de irradiações?

– Todas, vovó. Ela andou me ensinando essas coisas, mas não dei muita atenção.

– Por que ela se abre tanto com você se para nós ela oculta tudo?

– Acho que ela se sente um pouco culpada pelo que me aconteceu. Além de me amar muito, pois, segundo ela, outro igual a mim não existe, e todos os semelhantes que existiam já se desvirtuaram tanto que se perderam ou se tornaram

odiáveis e irreconhecíveis, de tão desumanos que foram quando manifestaram algum dos mistérios do Trono da Geração.

– E ela tratou logo de formar um par com você, não?

– Ela diz que só fez aquilo para me proteger de uma sina semelhante à dos que se desumanizaram.

– Ainda bem. Afinal, se ela fez o que fez só para protegê-lo, já não vou vigiar seus minutos. Agora, e quanto à minha amada filha Guardiã do Tempo?

– Bom, eu já refleti e acho que a senhora deseja que eu forme um par com ela e a assuma também, pois ela é muito solitária, já que todos os meus irmãos a temem tanto que sequer olham ou se aproximam dela. É isso?

– É, sim. Mas só faço isso para melhor protegê-lo, sabe?

– Sei, sim, vovó. A senhora é muito generosa comigo e não sei como agradecê-la, vovó amada.

– Basta você assumir as auxiliares dela que já me sentirei regiamente agradecida, neto amado.

– Todas?

– Não são tantas assim, sabe?

– Sei. Só alguns milhões de irmãs Guardiãs do Tempo.

– Já vi você assumir o destino de muitas mais que as dela.

– É, número não é problema para o meu mistério. Só preciso preservá-lo com meu humanismo.

– Ele está muito humanizado, neto amado!

– A senhora acha, vovó?

– Acho. E também, que é melhor eu retornar à minha dimensão do Tempo, senão alguma das suas chaves ocultas irá abrir mais algum mistério que o Tempo já fechou há muito tempo.

– Que mistério oculto é esse, vovó?

– Você não consegue captar as vibrações dele?

– Não, senhora. Minha percepção praticamente está nula, ou anulada. Sei lá!

– Se você não o capta, então deixa-o vibrar à vontade para você, que não serei eu quem irá mostrá-lo e abri-lo a quem não está apto a percebê-lo.

– Tudo bem, vovó amada. A musa do conhecimento me disse que quando um mistério desejar abrir-se naturalmente para mim, eu não devo me preocupar, pois tudo será só uma questão de tempo. Alguém, na hora certa, abrirá para mim mais esse mistério oculto do Tempo. E, como não sei qual é ou como é ele, também não vou ativar a chave que o abriria, pois talvez não esteja preparado para lidar com tudo o que ele revelará depois de se abrir ao meu pouco conhecimento humano.

– Até outro encontro, neto amado. Cuide-se bem na dimensão humana, pois aqui as coisas mais antinaturais são as que mais agradam aos seres humanos.

– Olha por mim, vovó amada. Eu a amo muito, sabe? E, se conseguisse vê-la, beijaria sua mãos. Mas acho que nem suas mãos consigo ver. Agora só a vejo como um ponto luminoso e irradiante pairando na minha frente.

– Não se entristeça. Mais dia menos dia você volta a ver-me como me via antes. Cuide-se, neto amado!

– Sua bênção, vovó amada.

Vovó Guardiã do Tempo retornou à sua dimensão e comecei a soluçar, pois havia perdido minha visão cristalina que antes me permitia vê-la por trás de sua imensa luz amarela cristalina. Então, para me distrair, resolvi caminhar por uma estrada deserta do plano material. Mas pouco depois comecei a chorar de saudade dos tempos em que vivera nas dimensões naturais e conhecera de frente meus pais, avós e bisavós.

Caminhava chorando de saudade quando uma descarga energética cortante atingiu minha coxa esquerda e abriu nela um profundo corte. A dor foi tão grande que caí no solo do plano material.

Voltei meus olhos para o lado e vi um dos meus astutos e venenosos irmãos. Então lhe perguntei:

– Por que você fez isso?

– Tenho ordem de levá-lo comigo, irmão guardião.

– Para onde?

– Para os domínios do meu senhor.

– Não vou com você.

– Ou você desce comigo ou abrirei cortes em todo o seu corpo energético. Não reaja que será muito mais dolorida sua descida!

– Já disse que não vou com você. Volte até seu senhor e diga a ele que me deixe em paz, pois paz é a única coisa que desejo neste momento.

– Ou você desce comigo ou abrirei um corte tão grande e profundo em seu corpo que paz será a última coisa que conseguirá, guardião!

– Faça o que quiser, mas deixe-me em paz.

– Você pediu, guardião maldito!

E mais aquele meu irmão não disse ou fez, pois um laço do Tempo o envolveu todo e o sufocou tanto que seus olhos rubros quase saltaram do seu rosto cadavérico. Segui o laço e vi que quem segurava sua ponta era minha irmã Guardiã do Tempo, acompanhada de toda uma legião de Guardiãs da Lei do Tempo. E ela me perguntou:

– Quem é esse verme humano, irmão amado?

– Não sei, irmã. Acho que é auxiliar de algum irmão caído nos infernos humanos, pois falou em me levar para baixo e para os domínios do senhor dele.

– Já descubro quem é esse aqui e quem é seu dono. Como está sua perna?

– Muito dolorida, irmã amada.

– Você não o viu chegar ou captou sua aproximação?

– Não. Eu estava distraído e desatento.

– Depois nós conversaremos. Agora vou dar uma lição nesses vermes humanos.

Ela olhou por um instante nos olhos rubros daquele infeliz e gargalhou quando descobriu quem era ele e o dono dele. Então ordenou:

– Podem executar esse aqui, pois é um dos vermes que vem atingindo os encantados que atuam na dimensão humana!

No mesmo instante uma daquelas Guardiãs de Lei golpeou a cabeça do infeliz com uma arma antes nunca vista por mim, e todo o corpo energético dele explodiu, só restando um ovoide negro como carvão, que logo foi recolhido ao interior de um cristal fumê.

Acho que aquele infeliz nunca mais atingirá alguém com aquela energia cortante. Mas o mais interessante eu vi aquela Guardiã do Tempo fazer: jogou seu laço e a laça desapareceu no infinito, para, no instante seguinte, trazer na ponta uma criatura assustadora, toda enrolada nele, e com dois enormes olhos rubros saltados fora de suas órbitas.

Aquela irmã fixou seus olhos opacos nos dele e, no instante seguinte, o libertou do laço e ordenou:

– Ajoelhe-se, verme desumano! Agora irá conhecer sua nova senhora nos infernos humanos!

Ela sacou de um chicote, que eu já conhecia, e golpeou com força aquele meu irmão astuto e venenoso, e ele urrou de dor. E o castigo não cessou até ele implorar:

– Minha Senhora no Tempo, não me puna mais. Eu juro servi-la eternamente!

– Você deseja que eu assuma seu destino maldito, verme humano? – perguntou ela, dando-lhe mais uma chicotada.

– Já o depositei aos seus pés, minha senhora.

– Só que ele não me interessa! – exclamou ela, chicoteando-o furiosamente. E não parou até ele dizer:

– Coloco aos seus pés todos os meus domínios nas trevas humanas, minha senhora!

– Só seus domínios não me interessam, verme maldito! E tome mais chicotadas!

– Coloco aos seus pés todos os domínios alheios que usurpei.

– Ainda é pouco, verme. Minha ira é tanta que, ou você descobre algo interessante que a aplaque ou não pararei, pois até agora você só conseguiu diminuí-la.

Mais um pouco de chicotadas cortantes e, gemendo, ele falou:

– Abro-lhe todos os mistérios alheios que já possuí.

– Ainda é pouco, escravo!

– Entrego-os à senhora, minha senhora.

– Já estou mais calma, verme. Mas só com algo muito interessante aplacará minha ira.

– Se eu lhe der o que aplacará sua ira, nada mais me restará.

– Nada lhe restou quando o lacei, verme. Só estou lhe concedendo a oportunidade de continuar vivo. E, ou você diz o que quero ouvir, ou o enviarei aos

meus domínios, onde algumas de suas piores inimigas estão afiando suas presas para devorá-lo vivo.

– Não posso, minha senhora. Lance-me na dor final, pois prefiro a dor ao tormento dos seus domínios.

– Você já não tem direito algum, verme. Nem o de optar entre o pior e o horrível!

– O que a senhora deseja de mim é tudo o que me restou. Se eu lhe der isso, o que será de mim? Meus inimigos acabarão comigo em pouco tempo.

– Eu cuido dos seus inimigos, verme. Já que vou assumir sua vida e o mistério que flui por meio dela, assumirei todos os seus inimigos.

– Até esse aí, que me enviou aos infernos humanos?

Ele se referia a mim. Ela me olhou e perguntou:

– Você é inimigo dele, irmão dos Caminhos?

– Não, irmã. Talvez já tenha sido. Mas, como não me lembro de quando fomos, então não vibro contra ele qualquer sentimento de inimizade.

– Você sabe por que ele queria arrastá-lo para baixo?

– Não.

– Ele desejava assumir seu mistério.

– Que estúpido! Se meu mistério fluir por ele, o fogo vivo que o anima o consumirá em um piscar de olhos e o lançará na dor do fogo! Esses meus irmãos astutos e venenosos são os maiores idiotas que já vi.

Após olhá-lo por um instante, ordenei-lhe:

– Irmão, realize esse seu desejo, pois em mim os desejos se realizam!

– Já não desejo seu mistério, irmão guardião.

– Se você não assumi-lo, serei obrigado a anular esse seu desejo que lateja em seu íntimo.

– Não faça isso comigo.

– Sinto muito, irmão. Eu já não me lembrava mais de você. Mas como lhe sou inesquecível porque você deseja apossar-se do meu mistério, então ou você o possui agora ou anularei em seu íntimo a fonte de desejo que o tem estimulado a desejar-me tanto.

– Eu não vou possuí-lo, irmão caminhante. Não...

E mais ele não falou, pois meu mistério ativou-se e uma labareda dourada projetou-se até seu sétimo sentido e foi consumindo-o de fora para dentro. E tudo aquilo não durou mais que alguns segundos. O grito de pavor que ele emitiu quando viu aquela labareda não se justificou, pois aquele seu desumano sentido e seu desumanizado apêndice humano simplesmente foram purificados de todos os desejos e voltaram a ser como um dia, há muitos milhares de anos, já havia sido. Mas aquela ativação não parou por ali. As labaredas projetaram-se como raios incandescentes na direção dos domínios infernais dele e fizeram o mesmo com todos os seus caídos auxiliares, que desejavam o mesmo e por isso haviam se ligado a ele. E quando aqueles raios incandescentes retornaram, ou melhor, refluíram ao meu mistério, na ponta de cada um vinha um irmão que havia desejado

apossar-se dos segredos dele... e meus. Aquela irmã Guardiã do Tempo, como que hipnotizada, ficou olhando meu mistério até que ele se desativou naturalmente e voltou a repousar. Então, admirada, ela exclamou:

– Puxa!!! Nunca vi nada igual antes! Acho que esse seu mistério é único, irmão dos Caminhos!

– É por isso que sou tão desejado. Todos desejam possuí-lo, sabe?

– Sei... acho que sei... não consigo desviar os olhos dele, irmão! Ajude-me a libertar-me do encanto dele!

– Isso só será possível se eu realizar seu desejo de possuí-lo. Mas só posso deixá-la possuí-lo, se você me conceder um minuto em sua vida, sabe?

– Já lhe concedi... todos os minutos de minha vida, irmão dos Caminhos.

– Todos?

– Meu sétimo sentido já é seu. Assuma-o antes que eu comece a implorar. Não deixe que eu faça isso porque de minha vida dependem milhões de irmãs do Tempo. Elas estão tão ligadas e dependentes de mim que não entenderão como a poderosa Pombagira Rainha do Tempo enfraqueceu-se tanto diante de um mistério como o seu.

– Conceda a elas um minuto para o meu mistério e elas descobrirão agora mesmo que você não só não se enfraqueceu, como se ligou a um mistério que anulará uma das maiores fraquezas delas.

– Você acha que devo conceder isso a elas?

– Por que lhes negar algo que tanto desejam possuir, e que tanto as tem desequilibrado? Eu sou muito generoso nesse sentido e gosto de quem também se mostra generoso nele, irmã amada. Mostre-se generosa o bastante para eu ativá-lo na sua frente e tenho certeza de que tudo o que você imaginou que nele existe se mostrará mil vezes mais poderoso e agradável de se sentir.

– Já lhe concedi esse minuto na vida delas, irmão dos Caminhos. Por que ele não se ativou para mim?

– Acho que nos domínios desse irmão, que você já assumiu, devem existir muitas outras irmãs que estão carentes de uma ação generosa nesse sentido.

– Também lhe concedo o tempo que você desejar na vida delas.

Ela via as ligações irem se estabelecendo. Mas nada dele se ativar. Então perguntou:

– Por que ele não se ativou ainda, irmão dos Caminhos?

– Acho que você deve conceder um minuto também às nossas amadas irmãs caídas nos domínios alheios que esse nosso irmão havia conquistado, e que agora estão dentro dos seus domínios.

– Assuma seus domínios neles também, irmão amado.

Quando as ligações se completarem e ele não se ativou, ela, já à beira de uma crise emocional, perguntou:

– Irmão, o que mais esse mistério precisa para ativar-se?

– Não sei, irmã. Até eu estou surpreso com o que está acontecendo. Talvez se você se contentar com o que esse nosso irmão astuto lhe ofereceu.

– Ele, além de astuto, é muito venenoso.

– Não é mais. O fogo vivo consumiu as fontes de energias que o envenenavam e o tornavam venenoso.

– É um risco muito grande deixá-lo senhor da própria vida, irmão dos Caminhos.

– Eu a assumo e responderei por ela caso ele volte a exceder-se nos limites dela, está bem?

– Você cuidará dele, irmão encantador. Por que não consigo resistir a nada do que você deseja?

– É porque em mim os desejos também se iniciam, irmã amada.

– Você ainda não começou a desejar-me?

– Estou tentando, mas acho que alguma coisa está me escapando. Meu percepcional anda muito insensível. Ajude-me a descobrir o que é, irmã do meu coração! Meu mistério já começou a gerar energias em meu íntimo, mas não ativa sua parte que as irradia.

– Talvez se eu lhe abri todos os meus domínios no Tempo para que novas ligações se estabeleçam, quem sabe ele se ative.

– É possível. Mas talvez seja a presença desse irmão astuto.

– Vou devolvê-lo aos seus domínios infernais humanos, de onde nos servirá de agora em diante. A mim servirá com seus mistérios e com a própria vida. Está bem assim para você?

– Para mim está ótimo.

Assim que aquele irmão, não mais venenoso, mas que continuou muito astuto se retirou, ela falou:

– E agora, por que seu mistério não se ativou, se internamente está sobrecarregado de energias?

– Acho que já sei o que é, irmã. Às vezes demoro para descobrir as coisas, sabe?

– Então diga logo o que é, senão meu emocional explodirá. Já lhe ofereci tudo o que possuo, irmão!

– Você me concedeu todos os minutos de sua vida, mas eu solicitei só um.

– Então solicite todos que os concederei, irmão único!

– Para eu fazer isso tenho de assumir sua vida e pedir que você abra naturalmente seu mistério para mim. E talvez isso não a agrade.

– Assuma minha vida que lhe abrirei todos os meus mistérios mais fechados, irmão que me enlouqueceu.

– Você possui mais que um?

– Possuo vários. Olhe nos meus olhos e verá todos os meus mistérios, pois já os abri a esses seus lindos olhos.

– Não consigo ver quase nada através dos olhos, irmã. Talvez se você...

– Se eu o quê, irmão?

– Acho que se você me conceder o direito de conhecê-los de viva voz.

– Eu não posso fazer isso. E você sabe que serei punida se mencionar algo sobre eles.

– Vovô tatá Omolu ensinou-me algo que acontece por apenas um instante na vida de um ser quando...

– Quando o quê, irmão amado?

– Venha, abrace-me que lhe falo sem dizer nada.

Ela me abraçou e no instante seguinte meu mistério despertou, irradiou seu fogo vivo que a envolveu da cabeça aos pés, e a mergulhou em um êxtase tão intenso que acho que durou horas e horas. E durante todo esse tempo em que ela ficou ardendo naquelas chamas, sem me dizer uma só palavra, abriu-me todos os seus mistérios. Mas como também não lhe dei ouvidos, ela enviou as chaves deles ao meu mental... e aí sim, falou-me: quando desejar abrir meus mistérios só precisará apontar para o que desejar e sua chave o abrirá.

– Entendo.

– Por que você é assim, irmão dos Caminhos?

– Assim como?

– Tão dominador, oras!

– Eu não sou dominador, irmã!

– És, sim. Sinto que estou toda dominada por você... e não desejo ser liberta nunca mais dessa sua deliciosa prisão.

– Se é deliciosa e você não deseja sair dela, então a prisão está lá fora, não aqui dentro desse meu humilde retiro humano.

– Humilde mas aconchegante. Sinto-me tão bem que, se pudesse, nunca mais sairia daqui.

– Você tem de ir agora?

– Quer que eu fique mais um pouco?

– Sim.

– Por quê, se você já me reequilibrou?

– Vou abrir um dos seus mistérios e, por meio dele, meu mistério curador fluirá e curará todas as nossas irmãs ligadas ao meu mistério maior. E quando todas tiverem sido curadas, aí assumirei em definitivo meu minuto na vida delas.

– Então comece logo, pois foi só você pensar e esse meu mistério já deseja ser aberto mais uma vez, e agora por você, pois a chave dele lhe pertence. Saiba que ele não possui duas chaves.

– Então sua única chave me pertence?

– Ela é sua, mas também posso requisitá-la caso sinta necessidade, não?

– Claro, ela é toda sua, irmã amada.

– Vamos, não demore nem mais um minuto para pegá-la e abrir esse meu, já muito generoso, mistério.

– Eu aprecio mistérios generosos. Esses são os mais atraentes e agradáveis de ser possuídos.

– Também acho, generoso e possessivo irmão dos Caminhos!

Bem mais tarde, já tendo curado todas as irmãs caídas nos seus polos negativos, eu contemplava o sono daquela irmã do Tempo, em seu mais que desejado repouso, quando ouvi vovó me chamar.

– Pois não, vovó. No que posso lhe servir?

– Você sabe quem é aquele seu irmão astuto?

– Não, senhora. Mas assumi a vida dele e a consagrei à senhora, pois imagino que ele perdeu seu encanto quando se afastou dos seus domínios encantados, vovó amada.

– Já o reconduzi aos meus domínios encantados e o assentei à minha esquerda.

– Fico feliz por ele. A quem a senhora quer que eu consagre a vida dessa filha do seu coração?

– Acho que seu pai maior Oxalá ficará muito feliz em recebê-la de volta aos seus domínios celestiais. Consagre a vida dela a Ele, neto amado.

– A senhora pode reconduzi-la por mim.

– Você me concede essa honra?

– Já a concedi.

– Eu aceito reconduzi-la, neto amado.

– Obrigado por ter me confiado alguma coisa para fazer, vovó. Eu, às vezes, me sinto inútil desde que fui afastado das dimensões naturais, sabe?

– Por que você não retorna a elas?

– Acho que ainda não aprendi o suficiente para me sustentar nelas.

– Quando sentir que já aprendeu o suficiente, avise-me.

– Avisarei, vovó amada. Vou despertar essa filha do seu amor divino para que a leve aos domínios de nosso amado pai Oxalá.

– Não faça isto! Deixe-a nesse sono tão repousante, pois descobri o bem que ele faz para quem viveu tanto tempo acordado no Tempo. E além do mais, descobri que enquanto elas repousam, você aproveita o tempo e vai anulando o negativo delas. Como você faz isso?

– Isso é um mistério e não posso revelá-lo de viva voz. Mas se a senhora desejar, vovô tatá Omolu ensinou-me...

– Não digas mais nada! Se bem conheço esse seu amado vovô. Desejar algo que ele ensinou a quem escolheu como herdeiro natural de seus mistérios implica o risco de oferecer a própria vida para realizar o que se deseja.

– Vovô não é tão mau como o descrevem, vovó!

– Eu não disse que ele é mau. Apenas o acho muito possessivo.

– Entendo. A senhora já começou a temer esse meu mistério, não?

– Acho que sim.

– A senhora acha? Por que não diz sim ou não, como é seu hábito?

– Ainda estou em dúvidas sobre ele. Minha natureza volátil teima em adiar o inexplicável. Eu não sou como sua vovó Nanã das águas. Ela, assim que viu esse seu mistério, o possuiu e abriu-lhe todos os domínios regidos pelo mistério que

se manifesta por meio dela. E sem assentá-lo à direita ou à esquerda dela, o que é mais temerário ainda.

– A senhora viu o que aconteceu às filhas delas que estavam petrificadas ou paralisadas no Tempo e nos mistérios que fluem por meio delas?

– Vi. As petrificações foram diluídas e as paralisias foram curadas. É impressionante o poder curador e estimulador que esse seu mistério irradia.

– A senhora teme abrir seus domínios ao mistério curador que se manifesta por meio do meu mistério?

– Ao mistério curador não. Mas, e quanto aos outros mistérios? O que acontecerá com eles quando esse seu mistério se manifestar livremente em meus domínios? Eu queria que você curasse minha filha guardiã do Tempo, mas só no sétimo sentido, sabe? E o que aconteceu é que esse seu mistério atuou em todos os sete sentidos dela, e com tanta intensidade que agora ela está apta a se assentar nos domínios de nosso pai maior Oxalá.

– Sinto muito se a privei de uma de suas melhores Guardiãs do Tempo. Mas quando meu mistério ativa suas qualidades curadoras, ele só as desativa quando conclui toda a cura de quem o ativou.

– Não o estou criticando, neto amado. Só temo abrir meus domínios ao seu mistério, já que não sei o que acontecerá quando eu fizer isso.

– A senhora disse "quando"?

– Eu disse, neto amado.

– Por quê, vovó?

– Sinto que chegará um momento que não conseguirei resistir ao poder e ao magnetismo dele, que já começou a atrair-me.

– Abra seus domínios a ele, vovó. Não lute contra o inevitável!

– Você acha que é inevitável?

– Sim, senhora. Mas só abrirá seus domínios ao meu mistério curador quando tiver certeza de que ele não interferirá com suas atribuições de guardiã celestial dos mistérios maiores do Tempo.

– Quando terei essa certeza?

– Observe meus pais Guardião Beira-mar e Guardião Naruê, vovó. Eles não temeram possuir esse meu mistério e abriram seus domínios à atuação dele, e não sentiram interferência alguma. Apenas se assenhorearam de um poderoso recurso que está atuando naturalmente na sétima subfaixa vibratória das faixas regidas por eles. E o mesmo aconteceu com vovó Nanã das Águas ou com minhas mães Oxum mediadoras. Nada se alterou nos domínios delas, que agora possuem um recurso a mais ao alcance das mãos, e que o usam com intensidade ou a ele recorrem para resgatar de outros domínios suas filhas deficientes no sentido onde esse meu mistério atua com maior desenvoltura e naturalidade.

– Como elas o mantiveram sob controle?

– Não foram elas que o controlaram, vovó.

– Então foi você quem o controlou?

– Também não. Esse controle não depende de mim.

– Se não foram elas ou você, então quem foi?

– Não posso dizer, vovó.

– Não precisa me dizer. Acho que é seu vovô tatá Omolu. Sim, só pode ser ele quem o está sustentando e direcionando.

– Também não é ele, vovó. Relaxes suas defesas ativadas contra a atuação dele em minha vida porque até ele está sendo atraído pelo meu mistério.

– Mas eu posso ver claramente que ele o está possuindo sem ser possuído.

– Eu estou me deixando possuir, vovó. E a atuação passiva desse meu mistério já alcançou todos os domínios regidos por vovô tatá Omolu, que só os abrirá à atuação ativa assim que me possuir por inteiro.

– Por que isso está acontecendo com seu vovô tatá Omolu?

– Eu não posso dizer uma só palavra, vovó. Ele é em si mesmo um mistério cósmico, e é tão possessivo quanto a senhora, ou todos os guardiões celestiais dos mistérios negativos maiores. Saiba que, quando vovô me possuir totalmente, e estiver seguro de que já me tem sob controle, então esse meu mistério iniciará sua atuação ativa.

– Você não se incomoda de ser possuído totalmente e ver esse seu mistério controlado por seus pais, avós e bisavós?

– Não, senhora.

– Por que você é assim, tão passivo? Por que não é como seus irmãos, que quando sentem que um desejo está latejando, logo o realizam? Ou você não consegue captar a vontade que já venho manifestando há muito tempo? Por que você não é como eles, meu neto?

– Por que eu não sou como eles, vovó. E além do mais... Eu me calei e senti meu rosto arder por causa das quentíssimas lágrimas que começaram a correr de meus olhos.

– Você ia revelar-me algo, meu neto que verte o fogo vivo por meio dos olhos. Vamos, não derrame esse tipo de lágrimas. Não para essa sua avó que o ama muito!

– Sinto muito, vovó. Não consigo parar de derramar essas lágrimas de fogo vivo. A atuação passiva desse meu mistério já se estendeu desde o sétimo nível vibratório negativo até o sétimo positivo da linha de força do Tempo. Como a senhora se recusa a assumir conscientemente seu minuto em minha vida, estou sofrendo muito, sabe?

– Eu já assumi meu minuto em sua vida, neto amado.

– Não assumiu. A senhora só assumiu um segundo e o tem usado para possuir esse meu mistério, que exige pelo menos um minuto para que possa assumir o sétimo subnível da faixa do Tempo regida pelo seu Mistério Guardiã Celestial dos Mistérios Maiores do Tempo.

– Você ousa me negar meu minuto em sua vida e só me concedeu um segundo nela?

– Eu lhe concedi toda a minha vida, pois a depositei aos seus pés para que a senhora assumisse nela só o que dela desejasse. Mas até agora a senhora só tem usado os segundos, nunca os minutos.

– Eu assumi meu minuto em sua vida, neto amado. Deixe de negá-lo ou anularei seu minuto em minha vida.

– Vovó, eu lhe concedi toda a minha vida, de tanto que a amo. Assuma logo seu minuto, ou mesmo toda uma hora nela, senão eu lhe darei minhas costas e sairei da sua vida e do Tempo para sempre.

– Você teria coragem de virar-me as costas?

– Sim. Já não suporto sofrer por causa de sua relutância em assumir pelo menos um minuto em minha vida. Os segundos são muito doloridos, vovó! Na primeira vez fui chicoteado, na segunda vi espalhar-se em cacos minhas defesas reconstruídas na dor, e na terceira, que foi quando essa sua filha veio até aqui para ser possuída pelo mistério, não só senti a dor em meu próprio corpo, mas a vi no corpo daquele meu irmão astuto e venenoso, que só parou de sofrer quando assumi tudo o que ele mais temia conceder à sua filha, mas a mim entregou naturalmente: a própria vida! Até quando terei de realizar na dor o que meu mistério exige que eu realize vibrando o amor?

– Você só tem sofrido porque não consegue captar minhas vontades, neto insensível.

– Não capto porque não são vontades, vovó. São tão somente simples desejos... e nada mais!

– Retire o que disse, senão será punido pelo poder do meu mistério guardião, neto amado.

– Ainda não sou seu neto amado, vovó. Até agora a senhora só tem me desejado, e nada mais. Sinto muito, mas vou sair de sua vida e do Tempo para sempre.

– Ninguém me vira as costas impunemente, meu neto. Nem você, que tanto amo, deixará de ser punido pelo meu polo negativo. Retire o que disse e não o ativarei contra você.

– A senhora não conseguirá ativá-lo contra mim. Não agora que já sabe que o que vibra em minha vida é só um desejo e nada mais.

– Você paralisou meu polo negativo?

– Não, senhora. Ele, porque a senhora é em si mesma um mistério do Tempo, só se ativa se a senhora tiver uma de suas vontades contrariadas. Mas, porque é só um desejo o que deseja manifestar por meio do meu mistério, seu polo negativo não se sente contrariado. Assim que eu lhe virar as costas, seu polo negativo irá ativar-se e exigirá da senhora a realização desse seu desejo de forma tão intensa que ou me imagina, idealiza e concebe como possessivo, dominador e avassalador ou não realizará esse seu desejo. Sinto muito, vovó amada!

– Por que você sente muito e derrama essas lágrimas rubras e incandescentes?

– Porque é assim, como eu disse, que seu polo negativo está me desejando. Eu estou chorando em silêncio, pois não era assim que eu desejava entrar em sua

vida e ocupar meu minuto nela. Eu queria ser possuído passiva e amorosamente, conservando essa minha aparência humana que tanto me agrada. Eu queria assentar-me no sétimo subnível da sua faixa vibratória como esse neto que a senhora tanto aprecia, sabe?

– Por que você não me disse isso antes, neto amado?

– Por que não era assim que a senhora me desejava.

– Não era mesmo. Eu o queria ativo e dominador como seus irmãos astutos, pois só assim, nos domínios cósmicos do Tempo, você nunca mais seria incomodado pela dor ou atormentado por seus irmãos e irmãs que só entendem a Lei a partir de sua força manifestada.

– A senhora não me queria assim, vovó. Era só desejo... e nada mais. Por isso eu sofria. Saiba que tentei de tudo para transformar esse desejo em uma vontade, mas falhei. Agora seu polo positivo me deseja de um jeito e seu polo negativo me deseja de outro. A senhora me dividiu.

– Por que fiz isso, neto amado?

– A senhora estava dividida, vovó! A senhora me desejava assim, passivo, mas atuando por meio do meu polo negativo, que é possessivo, dominante, avassaladoramente atrativo e irresistível aos olhos de quem me ver como sou nele. No meu polo negativo o amor só se realiza e se torna uma constante na vida de quem for alcançado pelo meu mistério se antes vivenciarem o oposto da dor.

– O que você imaginou como oposto da dor, neto temido?

– O prazer puro e nada mais, vovó divisora dos mistérios.

– Minha função no Tempo é dividir os mistérios, neto temido. Eu temia seu mistério e desejava vê-lo partido, pois uno ele é muito poderoso, atrativo e possessivo.

– Vou sair do Tempo, vovó. Vou sair antes que a senhora transforme esse seu desejo em uma vontade e faça com meu mistério o que fez com minhas defesas algum tempo atrás, ou fez muito tempo atrás com o mistério do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Você é ele?

– Sou.

– Por que não me disse antes que já se sabia ser ele?

– Eu não podia. Conceda-me a licença para que eu vire as costas ao Tempo sem ser preciso lutar contra seu polo negativo.

– Eu conheci, e muito bem, o desaparecido Ogum Sete Estrelas, neto amado. Eu ativei um dos mistérios maiores do Tempo contra o mistério dele, que foi dividido e espalhado no Tempo. Acho que é por isso que eu o via de duas formas diferentes. A Senhora do Tempo o quer dividido, senão você anulará o polo negativo de todos os que estiverem ou entrarem na sua faixa vibratória dentro dos domínios do Tempo.

– Será que é isso, vovó?

– Só pode ser. Ela não condena essa sua atuação, pois é curadora. Mas também não a aprova totalmente, senão você anulará o negativo de todas as suas

irmãs. Acho que ela o quer como um equilibrador no Tempo, neto amado. E não como um curador!

– Será que é isso?

– É.

– A senhora tem certeza?

– Absoluta. Agora já não o estou vendo como meu amoroso, terno, carinhoso e respeitador neto amado. Meu polo negativo só se abrirá a você se eu ver, sentir e possuir esse seu mistério como o imagino, idealizo e concebo.

– Esse é seu desejo mais íntimo, Senhora Guardiã dos Mistérios Maiores do Tempo?

– É. E só voltarei a ver meu tão amado neto quando meu polo negativo possuir seu mistério como o imagino, idealizo e concebo para atuar em meus domínios negativos.

– Então me conceda dois minutos em sua vida, vovó amada. Um será como tenho tentado ser, e nele realmente serei como sinto que sou. O outro será todo do seu polo negativo e serei como ele a estimulou a imaginar-me, idealizar-me e conceber-me.

– Por que isso, neto amado?

– Só assim não me sentirei dividido novamente nem terei, mais uma vez, os mistérios do meu mistério maior partido em pedaços, espalhados pelo Tempo e transformados em pedaços de dor na vida de quem vier a recolhê-los pelos caminhos da vida.

– Só lhe concedendo mais um minuto não o dividirei?

– Sim, senhora. Meu mistério exige que eu conserve minha natureza humana e preserve intacta essa sua forma e maneira humana de manifestar-se na vida das pessoas.

– Por que ele exige isso de você, neto amado?

– O desaparecido Ogum Sete Estrelas era o guardião natural dos Mistérios Maiores do Trono da Geração. Mas, desde que ele desapareceu das dimensões naturais e recolheu-se na dimensão humana, humanizou-se tanto, mas tanto, que agora ele só se manifesta se for em forma humana e do humanismo que distingue os que se humanizaram em todos os sentidos.

– Então meu polo negativo só o possuirá se o desaparecido Ogum Sete Estrelas for reencontrado humanamente?

– Sim.

– Mas aí ele dominará meu polo negativo.

– Será só por um minuto, vovó. Como lhe concedi minha vida, em todos os outros minutos da minha hora no Tempo continuarei a ser seu amado neto, ou o que a regente do Tempo manifestar em cada um deles.

– Não posso fazer isso, neto amado. Meu polo negativo jamais concedeu essa prerrogativa a alguém. Nem ao seu amado vovô Ogum de Lei isso foi concedido e ele vivencia seu minuto em minha vida por meio do meu polo positivo.

– É porque a senhora não o desejou dividido, vovó. E em momento algum a senhora temeu possuir o mistério da Lei que ele é em si mesmo, porque no seu polo negativo a atuação dele é passiva. Mas comigo, por causa desse meu mistério da geração, a atuação passiva só ocorrerá no seu polo positivo.

– Que será como você se sente nesse momento e me faz vê-lo como um dos meus mais queridos netos, não?

– Sim, senhora.

– Mas assim já o acho temível, neto amado! Esse seu mistério, tanto ativo quanto passivo, é o mais temido dos mistérios.

– Por quê, vovó?

– Quanto mais nos afastamos dele, mais desejamos tê-lo ao nosso alcance. E se nos colocamos ao alcance dele, desejamos possuí-lo. E se o possuirmos, somos possuídos por ele, passivamente, que é como o sinto e tem acontecido tanto comigo quanto com todos os seus pais, avós, bisavós e tataravós.

– Sinto muito, vovó. Eu não sabia que era assim que a senhora me via. Eu só desejo ser um neto digno desse seu amor ancestral e jamais desejei outra coisa da senhora, ou de todos os meus pais, avós, bisavós e tataravós. Eu juro que nunca desejei mais que seu amor!

– Não precisa jurar, neto amado. Todos nós captamos esse seu tão lindo desejo de ser amado por todos nós, e temos correspondido a ele. Separe seus polos e tudo será mais fácil para nós, que também só desejamos amá-lo, amá-lo e amá-lo, pois outro neto ou filho igual a você nunca tivemos ou teremos.

– Por que nunca tiveram ou terão outro igual a mim, vovó amada?

– Porque você foi possuído pelos seus pais e mães maiores quando ainda vivia na dimensão material humana, e dela só não o retiraram porque esse seu humanismo é tão intenso que optaram por usá-lo de forma humana em todos os níveis vibratórios de todas as dimensões naturais. Como poderemos possuir um mistério que transcende todos os nossos limites, e até nossas faixas vibratórias? Eu tentei possuir sua vida, neto amado. Mas ela foi recolhida pelos seus pais e mães maiores quando você ainda vivia na dimensão material como uma pessoa comum.

– Quando isso aconteceu, vovó?

– Você ainda se lembra de quando se recolheu ao seu templo consagrado aos Sagrados Orixás e conscientemente consagrou sua vida ao Divino Criador?

– Lembro-me sim.

– Saiba que Ele a recolheu e a confiou aos seus pais e mães maiores justamente nesse seu sentido por onde seu mistério flui naturalmente e torna-se tão temido, pois é em si mesmo um dos mistérios "maiores" da vida, que eles têm usado para, energética e humanamente, suprir as carências energéticas ou retirar e anular os acúmulos de energias negativas em suas correntes eletromagnéticas multidimensionais, nas quais estão os níveis vibratórios onde atuamos.

– Entendo. O mesmo que realizei inconscientemente, agora estou realizando de forma consciente, não?

– Sim.

– Por isso sou tão temido?

– Sim. Você e muito possessivo, neto amado!

– Sinto muito, vovó. Saiba que não será incomodada por esse meu mistério de agora em diante.

– Por quê, neto amado?

– Eu vou recolher-me e clamar aos meus pais e mães maiores que anulem a ação dele na vida de quem se sentir incomodado por esse modo como ele se manifesta por meio de minha vida e do meu "humanismo".

– Não se precipite, neto amado. Sinta o que vibra em seu íntimo antes de clamar qualquer coisa aos seus pais maiores ou mesmo ao divino Criador.

– Está certo. Vou seguir sua orientação antes que tenha de virar as costas ao Tempo.

– Por que você está tão incomodado comigo?

– A senhora já ativou seu polo negativo contra mim, vovó.

– Não fiz isso, meu neto. Você deve estar captando alguma vibração que não provém dele.

– Preciso de tempo para entender o que está desejando manifestar-se. Com sua licença, vovó amada!

– Não se vá. Continue a amparar o sono dessa minha filha. Quando ela despertar, envie-a aos meus domínios para que eu a conduza até os do seu amado pai Oxalá.

– Sim, senhora.

Vovó retirou-se e tratei de recolher minha tristeza e minhas lágrimas. Quando lhe enviei aquela sua amada filha, tomei um caminho qualquer e voltei a caminhar sem um rumo definido.

Caminhando eu refletia melhor, e só parei quando me senti satisfeito com o que havia deduzido: vovó desejava dividir-me para me possuir, pois assim não me concederia um minuto em sua vida e não teria de abrir ao meu mistério seu polo negativo.

– Deduziu corretamente, filho amado – falou-me meu pai Guardião Naruê. – Sua avó Guardiã do Tempo é mil vezes mais possessiva que seu tatá-avô Omolu.

– O senhor tem certeza, pai amado?

– Absoluta. Seu avô, que é meu pai, foi tão generoso comigo que, quando solicitei um minuto na vida dele, me ofereceu toda uma hora para atuar com meu mistério nos domínios dele. E não tentou dividir-me, pois abriu de uma só vez os dois polos de seu mistério maior. Já sua avó Guardiã do Tempo deseja possuir seu mistério e não deseja abrir-lhe nem seu polo negativo. Isso sim é que é possessividade, filho amado!

– Meu mistério não comporta uma posse unilateral.

– Eu sei. Mas você precisa entender que a natureza dela é daquele jeito. Por isso é a Guardiã dos Mistérios do Tempo!

– Eu sei disso, meu amado pai Guardião Naruê.

– Então por que você ativou seu polo negativo contra ela?

– Eu fiz isso para defender meus limites. Dentro deles não vou admitir que contrariem minha natureza íntima ou meu mistério, que não comporta a posse unilateral. Ou ela é bilateral ou não acontece. E se ela me atingir mais uma vez com seu polo negativo no Tempo, então estarei acabado como instrumento da Lei e da Vida.

– Se ela lhe disse que não ativou o polo negativo dela no Tempo, então você não tem por que se preocupar, meu filho amado. Vamos, desative-o e dê tempo ao tempo para que ela decida como proceder quanto ao seu mistério tão humano.

– Se o senhor está ordenando, eu o desativo. Mas um novo segundo de dor provindo dela irá afastar-me do Tempo para sempre, sabe?

– Eu sei. Vamos caminhar um pouco por um caminho que conheço, filho amado.

– Outra surpresa, pai amado?

– Sem surpresas desta vez, filho do meu coração. Só vou conduzi-lo por esse novo caminho durante algum tempo. Depois você segue sozinho e irá ao encontro de um novo e fascinante mistério ígneo que se sentiu atraído por você assim que o viu derramar vivas lágrimas de fogo vivo.

– Que mistério é esse, meu pai?

– Não vou revelá-lo, pois, caso você não deseje abri-lo para sua vida, ele continuará fechado ao seu mistério.

– Entendo. É mais um mistério possessivista, não?

– Descubra por si mesmo. Mas não se esqueça de como viu a Guardiã do Mistério dos Desejos e a vê agora, está bem?

– Sim senhor. Já aprendi que nem sempre os mistérios são como aparentam ser e muitas vezes mostram-se a nós do jeito que outros os imaginaram, idealizaram e conceberam.

– O que você tem feito a respeito das concepções alheias dos mistérios, meu filho?

– Eu as diluo e os concebo segundo o que minha imaginação consegue idealizar.

– Cuidado.

– Por quê, meu pai Guardião Naruê?

– Bom, esse seu mistério da geração é tão poderoso e de atuação tão abrangente, energeticamente, que todas as aparências que você concebe, ele amolda e supre-as com um forma concreta, energeticamente falando, certo?

– O que tem isso demais, meu pai?

– Você não percebeu que são formas definitivas?

– Continuo sem entender o que o senhor está querendo dizer-me.

– Seus irmãos astutos costumam plasmar aparências que assustam quem as vê. Mas não são formas reais, e aos olhos preparados para ver além das aparências, eles são perfeitamente visíveis e identificáveis.

– Isso eu sei, meu pai.

– Só que, no seu caso, o inverso está acontecendo. O que você imagina, idealiza e concebe mentalmente, em vez de ser só uma aparência idealizada para um ser-mistério, transforma-se em sua forma energética definitiva. E tudo por causa desse seu Mistério da Geração!

– Isso tem algum problema, pai amado?

– Isso é com você, sabe?

– Por quê?

– Você deu àquela Guardiã do Trono dos Desejos uma forma altamente feminina, erótica e muito desejável. E não estou falando de aparências!

– Não fui eu que dei aquela aparência a ela. Apenas disse que se amoldasse à minha concepção ideal de como ela deveria se mostrar aos meus olhos humanos.

– Ela retirou aquela forma do seu íntimo?

– Sim, senhor.

– E com suas irmãs, como tem sido?

– Acho que assumem a forma que vejo por trás das aparências que ostentam.

– Aí é que está outro problema. Elas não ostentam aparências, meu filho. O que você via eram as formas definitivas delas até o momento em que se ligaram ao seu mistério.

– Assim que ativo meu mistério as vejo como daí em diante permanecerão.

– Você está dizendo que aquelas formas semiperfeitas e encantadoras surgem naturalmente?

– Até as formas que eu imagino para elas sofrem um aperfeiçoamento, meu pai. Não tenho a menor participação nesse processo, que desconheço totalmente.

Meu pai Guardião Naruê parou por um instante e, sem olhar para trás, perguntou:

– Amado pai tatá Omolu, o senhor ouviu isso?

– Ouvi, meu amado filho Guardião Naruê.

– O que o senhor tem a dizer sobre isso?

– Apenas que quero esse meu neto assentado em meus domínios o mais depressa possível.

– Vovô, o senhor está aqui? – perguntei.

– Estou, neto amado.

– O senhor não acha que ainda estou despreparado para enfrentar suas filhas e netas astutíssimas?

– Você até que está. Mas esse seu mistério é mais preparado que todos os seus pais, avós, bisavós e tatás-avós juntos. Portanto, vou assentar você à minha direita e abrir-lhe todos os meus domínios.

– Até seu polo negativo, vovô amado?

– Já está aberto.

– O senhor não acha melhor...

– Não quero nem ouvir falar em dividi-lo, neto amado. Esqueça tudo o que eu já tenha lhe dito ou sugerido, está bem?

– Vovô, o senhor me permite uma pergunta?

– Faça-a.

– Por que essa mudança tão radical e tão repentina?

– Você consegue ver como está o polo negativo de sua vovó Guardiã do Tempo?

– Não, senhor. Eu já não vejo mais nada.

– Então saiba que está rubro e ardendo em chamas. E será só uma questão de tempo para ela implorar que assuma nele suas atribuições regeneradoras e o possua com toda a força e poder gerador desse seu mistério.

– O senhor tem certeza?

– Está duvidando de seu avô tatá Omolu?

– Desculpe-me, vovô. É esse meu modo humano de falar. Jamais duvidei ou duvido de nada do que o senhor me diz. Desculpe-me e perdoe por ser assim, cada vez mais humano.

– Já o desculpei e perdoei. Aguarde mais um pouco e os vastos e impenetráveis domínios de sua vovó Guardiã do Tempo se abrirão para você. O inimaginável, até para mim, com certeza já aconteceu e agora só falta se realizar da forma que esse seu poderoso, dominador, possessivo e avassalador mistério exige que se realizem suas ações mais profundas, ocultas e abrangentes: humanamente!

– O senhor acha que já aconteceu?

– Não acho. Tenho certeza. Agora só preciso confirmar se o que deduzi está correto.

– O que o senhor deduziu, papai tatá Omolu? – perguntou-lhe meu pai Guardião Naruê.

– Acho que esse mistério atua como todos os outros. Mas desconfio que ele também atua por dentro ou por meio do íntimo de quem ele está possuindo ou deseja possuí-lo.

– Isso explicaria o que aconteceu com a Guardiã dos Mistérios do Trono dos Desejos, não?

– É, explica sim. Afinal, eu captei nela um desejo que explica por que ela assumiu aquela forma aos olhos dele... e aos nossos, meu filho Guardião Naruê. Não olhe mais para os olhos dela, senão ficará incomodado com o que você verá através deles.

– O senhor tem certeza disso, meu pai amado?

– Você está duvidando de minhas deduções?

– Desculpe-me e perdoe-me. Acho que estou sendo influenciado pelo "humanismo" desse nosso filho-mistério.

– Entendo. Eu também já estou sendo influenciado e, se não me acautelar, também serei humanizado, pois ele e seu mistério são uma mesma coisa e se completam de tal forma que já não sei quando ele está ativando seu mistério ou está sendo ativado por ele.

– O senhor não acha que a Ninfa da Vida está por trás dele?

– Se ela está, então não está sozinha nessa ação. Só assim encontro uma dedução lógica para o que aconteceu com aquela astutíssima Musa do conhecimento dos mistérios.

– Filho, quem mais andou visitando-o naquele seu centro neutro antes de sua avó destruir suas defesas cristalinas, impenetráveis às visões exteriores horizontais?

– Bom, pai Guardião Naruê, acho que foram as musas do amor, da música e umas outras de que não me lembro. Teve também as Ninfas da terra, da água, do ar, do fogo, dos minerais, dos vegetais e dos cristais. Também recebi a visita...

– Chega! – ordenou-me meu pai Guardião Naruê. – Já é o bastante, não é, pai amado? – perguntou ele ao meu vovô tatá Omolu.

– Se é! O que nos escapou, não?

– Escaparam muitas coisas. Mas acho que o principal é que já sabemos que não estamos lidando com mais um mistério entre tantos. Não! Esse exige muito mais atenção e cautela, pois algo invisível atua nele e nos envolveu de tal forma que já nos possuiu e nem percebemos.

– Nos possuiu mesmo – concordou vovô tatá Omolu.

– O que será que foi, amado pai?

– Você não quer olhar nos olhos dele e descobrir o que nos escapou?

– O senhor não acha que é muito arriscado fazer isso? Talvez seja isso que mamãe Guardiã do Tempo viu e está incomodando-a tanto, sabe?

– Meu filho Guardião Naruê, você é um dos mais ousados dos guardiões dos mistérios da Lei. Tenho certeza de que você não só identificará que mistério alojou-se no mistério dele, como o dominará visualmente, sabe?

– Sei. O senhor, que é muito mais sábio que todos nós juntos, não gostaria de olhar nos olhos dele?

– Não, não! Meu lugar é aqui, guardando as costas dele, sabe?

– Sei.

– E além do mais, você é Naruê, e não é por acaso, certo?

– Está certo. Eu olho, pois o senhor sabe como nos lembrar do que somos e como somos.

– É por ser como é que lhe confiei a guarda de todo o meu embaixo, meu filho. E porque sei de sua capacidade única em lidar com as coisas extra-humanas ou mesmo extranaturais, é que jamais tive problemas em seus vastos campos de ação nos meus domínios.

Meu pai Guardião Naruê decidiu olhar nos meus olhos, mas de um novo ângulo visual. E foi vendo atentamente tudo o que sua poderosa visão celestial encontrava em meu íntimo. De repente, emitiu uma exclamação e perguntou:

– Filho amado, quando isso aconteceu?

– Isso o quê, meu pai?

– Quando foi que essa emanação do divino Oxumaré penetrou em seu mistério e alojou-se em seu íntimo?

– Ah!, aquela essência multicolorida?

– Ela mesma. Quando foi que isso aconteceu?

– Bom, o senhor sabe... eu não sei se devo falar sobre isso... Afinal, há mais outras pessoas, digo, irmãs, envolvidas, sabe?

– É claro. Elas nunca estão ausentes nesses momentos únicos! Não precisa citá-las. Só quero saber em que dimensão você estava. Isso você pode me revelar?

– Como vou saber se posso ou não?

– É, você não tem como saber. Esqueça que perguntei isso, meu filho. Não temos o direito de induzi-lo a revelar-nos o que você não sabe se pode revelar ou não, e, se revelar algo proibido, incorrerá em uma penalidade impensável.

Mas meu pai Guardião Naruê, de repente, exclamou:

– Não é possível! Não consigo desviar meus olhos da emanação ou deixar de vê-la, meu pai tatá Omolu!

– Não tente desviar seus olhos agora, meu filho – ordenou vovô. – Não resista, não agora que o divino Oxumaré o está olhando de frente através dos olhos e do íntimo desse filho-mistério! Ative seu mistério e capte o que ele está lhe transmitindo, pois só após saber de tudo conseguirá desviar seus olhos ou deixar de ver essa emanação.

– Não consigo ativar meu mistério, papai.

– Então desdobre seu Trono e receba tudo, já assentado nele.

– Também não consigo.

– Então não resista. Deixe-se possuir passivamente, senão você será anulado, meu filho. Confie em mim e daqui a pouco tudo o que começou a acontecer com você já há muito tempo, tudo terá se realizado.

– Papai...

– Vamos, esqueça-se só por um instante que é o poderoso guardião dos Mistérios da Lei, o Guardião Naruê, e conceda a si mesmo um minuto nesse mistério que já o possuiu e agora deseja que você o possua também. Vamos, não resista! Você, mais que seus irmãos Oguns mediadores, merece esse tão desejado minuto, meu filho. Seu campo de ação é o mais perigoso de todos, já que você vive combatendo os adversários dos divinos Orixás e reconduzindo-os aos seus limites nas esferas cósmicas.

– Pai amado... estou sendo possuído pelo mistério... que se manifesta por meio do mistério do meu filho mais misterioso.

– Eu vejo, meu filho Naruê. Sua coral da Lei já está recebendo da encantada do Arco-íris a guarda desse mistério.

Após vovô tatá Omolu dizer aquilo ao meu amado pai Guardião Naruê, do meu peito começou a fluir aquela essência multicolorida e ele foi coberto por ela desde a cabeça até os pés. Mas, além daquela emanação que fluíra na horizontal, uma outra vinda na vertical, e do Alto do Altíssimo, o cobriu todo, isolando-o totalmente da visão de vovô ou de quem o estivesse olhando naquele momento.

Quando meu pai Guardião Naruê voltou a tornar-se visível, sua capa celestial cintilava as mil cores do Arco-íris divino, e em seu peito havia um

Arco-íris contornando uma estrela viva que cintilava mil cores vivas que até vovô exclamou:

– Meu amado filho Naruê, jamais o vi tão encantador como o vejo nesse momento!

– Pai, por que eu não o vejo? – perguntei aflito ao meu pai Guardião Naruê.

– Ah, meu filho amado!

– Eu queria ver no senhor o que vovô tatá Omolu está vendo, meu pai. O que aconteceu com o senhor?

– Você não sabe o que aconteceu, meu filho?

– Não. Mas acho que tenho algo para o senhor. Espere um instante que já recebo e lhe entrego!

Só sei que estendi as mãos para cima e, no mesmo instante, recolhi algo que lhe entreguei e, não sei por quê, falei: "guarde-a para mim, meu pai amado!".

–Meu filho, eu a guardarei com minha vida, assim como, com ela em minha mão direita, guardarei esse seu mistério nos domínios que a mim o divino Oxumaré confiou a guarda.

– Pai, minha percepção está nula e nem sei o que recebi e lhe entreguei. Acho que estou caindo, não?

– De jeito nenhum, filho do amor divino!

– Por que não consigo vê-lo mais ou aos...

– Não queira ver, meu filho. Aquiete todo o seu ser, pois é melhor você nada ver neste momento de sua vida.

– Que momento é esse que tenho de realizar tudo às cegas?

– É um momento único, meu filho. Seu mistério está possuindo todos os polos negativos femininos naturais médios e está abrindo para você uma faixa intermediária onde ele se manifestará naturalmente, quer elas queiram ou não.

– O que isso significa, meu pai?

– Nada além de que, ou você os possui com toda sua força, poder e vigor ou essa faixa, só sua, paralisará o polo negativo dos mistérios onde seu mistério se manifestará naturalmente.

– Por que terá de ser assim, tão inflexível?

– Digamos que havia um Trono da Geração e um seu guardião celestial. Mas o Trono adormeceu e seu guardião humanizou-se além da conta quando encarnou. E a única forma de despertar o Trono foi preservando o humanismo de seu guardião natural, pois todos os outros guardiões naturais que assumiram sua guarda desumanizaram-se e tornaram-se antinaturais.

– O senhor está me dizendo que minha mente humana e esse mistério natural estão de tal forma imbricados que se tornaram inseparáveis?

– Isso mesmo. Assuma de vez que você é esse mistério e ele é você ou ambos se anularão, porque ele se humanizou e você já não pode desativá-lo mentalmente quando alguém o ativa. Você deixou de ser o guardião dele, meu filho. Você agora é ele e é por meio de você que ele se manifesta naturalmente, mas de forma humana.

– Então o desaparecido Ogum Sete Estrelas não reaparecerá nunca mais. É isso?

– É. Mas você não tem com que se preocupar, pois no lugar dele está nascendo o Mistério Ogum Sete Estrelas do Arco-íris.

– Que mistério é esse, meu pai amado?

– É um que traz em sua raiz os mistérios do Trono da Geração. Ele traz em seu tronco o vigor e a potência do divino Ogum, traz em suas folhas os mistérios do amor, da fé, da razão, do conhecimento, da Lei, da evolução e da vida, além da própria geração, e em seu íntimo mais oculto traz a seiva viva do divino Oxumaré, que é a seiva da regeneração.

– Logo agora que eu estava separando o desaparecido Ogum Sete Estrelas do Trono da Geração descubro que ambos se uniram por meio de mim e tornaram-se inseparáveis.

– Assim é melhor, meu filho. Quem tentar possuir por meio de você o desaparecido mistério Ogum Sete Estrelas será possuído pelos mistérios do Trono da Geração. E quem tentar possuir algum dos mistérios do Trono da Geração será possuído pelos mistérios do renovado Ogum Sete Estrelas, que agora é você em si mesmo, Ogum Sete Estrelas do Arco-íris, ou como o veem as Sete Ninfas: o Cavaleiro do Arco-íris!

– Droga! Agora entendo o que aquela musa do conhecimento quis dizer quando disse que sua capacidade de conhecer meu mistério paralisou-se quando ela olhava em meus olhos e via os do Trono da Geração, mas quando olhava para os dele via os mistérios do Ogum Sete Estrelas. Então não resistiu e abriu seu mistério para os meus, já que, segundo ela, só assim sairia de sua paralisia e os regeneraria, dotando-se de uma nova e mais ampla capacidade de aprendizado junto aos mistérios.

– Por que você chama de droga um mistério dessa envergadura? – perguntou-me vovô tatá Omolu.

– É meu modo de expressar, vovô. Agora já sei que vovó Guardiã do Tempo não conseguirá dividir-me e não preciso sair do Tempo, ou virar-lhe as costas.

– É verdade. Ela deseja ter em seus domínios o desaparecido Ogum Sete Estrelas, mas o repele porque vê o Trono da Geração. Mas, quando o observa melhor, vê nele o Ogum Sete Estrelas – concordou vovô tatá Omolu.

– É isso mesmo, meu filho. Ela precisa saber que só terá um se possuir os dois ao mesmo tempo – falou meu pai Guardião Naruê. – Olhe, já chegamos, meu filho!

– Chegamos onde, se não vejo nada além de um portal incandescente? Eu tenho de passar por ele?

– Você ainda teme esses portais incandescentes?

– Sim, senhor. Isso aí é fogo puro.

– Pois não devia temê-lo. Não depois de ter descoberto que você é dois em um e um em dois.

– Quem rege esse domínio incandescente, meu pai?

– Quem não a conhece, denomina-a como a grande fenda abismal do fogo da purificação. Mas quem a conhece a chama de a regente das paixões incandescentes, que tanto são avassaladoras quanto consumistas.

– Mesmo sabendo disso o senhor ainda quer que eu passe por esse portal e vá ao encontro de tão temido mistério ígneo?

– Esse mistério já se abriu para você. Penetre nos seus segredos e possua o que mais o atrair nele. Mas não tente apossar-se dos mistérios que não encontrarem afinidades imediatas com o seu. Vá sem medo, meu filho!

– Sim, senhor – mas antes de atravessar o portal incandescente perguntei a vovô se me acompanharia.

– Não dessa vez, neto amado. Já estou muito velho para entrar nos domínios da regente das paixões e muito sábio para saber que, se eu entrar por esse portal, minha temida serpente negra terá seu encanto consumido no mesmo instante e ele será substituído pelo desejado encanto da serpente rubra, que desperta paixões tão avassaladoras que até consomem seus possuidores nas chamas ardentes e apaixonantes dessa temida guardiã dos mistérios do fogo cósmico.

– Não sei não, mas tenho a impressão de que estão me enviando a um sacrifício, sabem?

– Sabemos sim, neto amado! – concordou vovô. – Mas você certamente transformará esse sacrifício das paixões em uma prazerosa oferenda.

– Não sei não, mas acho que não conseguirei sair daí muito facilmente. O que será que essa guardiã do fogo cósmico deseja de mim?

– Entre e descubra, meu filho.

– O senhor me esperará aqui?

– Acho que não. Afinal, ela tem para si toda uma hora na noite dos seus dias, sabe?

– Uma hora só dela? Que domínios são os dela, meu pai?

– O das paixões, pois ela forma um par natural com o regente da razão.

– O senhor está dizendo que ela é o polo feminino e negativo da linha do fogo da justiça?

– Estou, sim. No polo masculino seu amado pai Xangô maior é o regente divino do fogo da justiça.

– Acho que nunca mais sairei desses domínios rubros, incandescentes, avassaladores e consumistas.

– Por que acha que não sairá?

– Não sei ao certo, mas acho que meu amado pai Xangô maior não me quer em seus domínios e enviou-me ao encontro de meu destino final no polo negativo da linha do fogo da Justiça Divina.

– Entre e descubra, neto amado – ordenou-me vovô, já impaciente com minha relutância. – Entre, domine, possua e assuma você também uma hora na vida dessa temida guardiã cósmica! Faça aquelas apaixonantes serpentes rubras rastejarem aos seus pés e depositarem em suas mãos suas vidas e seus destinos. Só então lhes conceda um segundo do seu mistério a elas! E se você dominá-las,

como imagino que dominará, então as astutíssimas, escorregadias e venenosíssimas serpentes negras rastejarão aos seus pés e implorarão para que você assuma seus destinos, suas vidas e seus mistérios.

– Esse é seu desejo mais íntimo, vovô tatá Omolu?

– É, meu amado neto e meu herdeiro natural.

– Em mim os desejos se realizam, meu amado vovô.

– Ótimo! Subjugue ao seu mistério o apaixonante mistério dessa guardiã cósmica e concederei a você um portal que será só seu, e que o conduzirá naturalmente ao meu embaixo, que é onde rastejam as filhas naturais que voltaram as costas à vida e tornaram-se tão mortais que a Lei maior as recolheu em uma aparência tão assustadora que todos os demais viventes fogem delas assim que as veem.

– Por que o senhor reservou para mim logo o seu embaixo, vovô?

– Porque minha direita está ocupada por seu pai Guardião Megê, minha esquerda está ocupada por sua mãe Guardiã das Almas, minha frente está ocupada pela sua mãe Inaê Iabá, meu alto por sua mãe maior Iemanjá e nas minhas costas está seu amado pai maior Obaluaiê.

– Santo Deus! Então é isso?

– Sim, é isso, neto amado. Você se recusou a assumir meu embaixo quando o viu todo ocupado por filhas naturais que haviam voltado as costas à vida, e seus astutos e venenosos irmãos aproveitaram-se dessa sua fraqueza e têm recorrido a ela para derrotá-lo através dos tempos, voltando contra você seu maior medo. Mas saiba que, se você ficar de frente para elas, nenhuma ousará picá-lo.

– Por quê, vovô?

– Oras, elas sabem que só você poderá reconduzi-las novamente à vida. Elas, em determinados momentos de suas vidas, abandonaram a vida e desejaram ser possuídas pela morte.

– Sinto muito, vovô. Acho que lhe causei muitos problemas por causa desse meu medo natural, não?

– Causou sim, meu neto. Não foram poucas as filhas que cruzaram aquele portal e rastejaram os infernos humanos à sua procura. Mas, porque você, ao invés de possuí-las, as repeliu, então elas foram possuídas pelos seus astutos e venenosos irmãos, que espertamente ativaram os mistérios delas contra você.

– Então é assim que as coisas têm sido em minha vida, não? Meus medos são minhas fraquezas, que se tornam monstros que aterrorizam as noites dos meus dias.

– É isso mesmo, neto amado. Você, há milênios incontáveis, vem dominando e subjugando os medos dos seus irmãos e caindo, porque não consegue dominar os seus.

– Bem, chega de fugir! Meu amado pai Xangô maior não está me punindo. Acho que só está me concedendo uma oportunidade consciente de assumir uma faixa cósmica no polo negativo da linha da Justiça Divina. E se essas irmãs naturais caíram porque viraram as costas à razão e ficaram de frente para as paixões avassaladoras que as consumiram em todos os sentidos, vou assumir suas vidas e

seus destinos de forma tão apaixonante que em mim suas paixões se realizarão tão intensamente que nenhuma outra voltará a incomodá-las depois que eu realizá-las!

– É assim que o quero, meu neto amado! Só assim, possuído pelo seu mistério guardião e ostentando seu mistério da geração, todo ativado, nenhum negativo relutará em se deixar possuir por você, pois o verão como um guardião possessivo, vigoroso, poderoso, dominador e avassaladoramente irresistível!

– É assim que serei de agora em diante nessa faixa vibratória a mim reservada, vovô. E tanto serei assim que já desparalisei o polo negativo de vovó Guardiã do Tempo, pois também tenho fugido dele desde que um certo e já desaparecido Ogum Sete Estrelas virou as costas a ela porque temeu possuir aquele temido mistério que ela não abre a ninguém, mas deseja abri-lo ao meu mistério e vida. Quando eu terminar minha hora nesse polo incandescente, ela não temerá abrir aquele seu mistério mais oculto, pois verá em mim o guardião que imaginou, idealizou e concebeu para o desaparecido Ogum Sete Estrelas, mas que eu não tive coragem de assumir porque era avassalador, possessivo e dominador, muito dominador!

Vou até o interior das paixões incandescentes e consumistas para resgatar o fugidio espectro do Ogum Sete Estrelas concebido por ela, já que só assim assumirei minha faixa intermediária nos domínios cósmicos do Tempo!

– Adiante, meu filho! – ordenou meu pai Guardião Naruê. – Vá ao encontro da regente das paixões, pois foi aos domínios dela que o Tempo enviou a lança rubra que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não ousou empunhar para ocupar seu espaço natural na faixa reservada a ele pela regente dos Mistérios do Tempo. Vá e resgate sua lança rubra, pois será com ela que resgatará seu vasto campo de ação nos domínios do Tempo e da Morte!

Eu adentrei por aquele portal e fui envolvido por chamas rubras que lambiam meu corpo desde os pés até a cabeça e depois se concentrava em volta do meu mistério, que se ativou naturalmente e começou a irradiar seu fogo dourado, que começou a alimentar-se das chamas rubras.

À medida que eu caminhava, via no solo em brasa as temidas rastejantes rubras, que levantavam suas assustadoras cabeças de forma ameaçadora. Mas logo se aquietavam, pois quando eu olhava em seus olhos rubros, também lhes dizia: não me temam, pois em mim suas paixões se realizarão, irmãs amadas. E não será como se imaginam, mas sim como já as imaginei, idealizei e concebi!

Elas viam nos meus olhos como eu as havia concebido, e aqueles cascões rubros explodiam, libertando encantadoras e apaixonantes irmãs ígneas caídas nos domínios da Guardiã Cósmica do Trono das Paixões. Tantas foram as ligações estabelecidas enquanto eu caminhava naquele fogaréu rubro que meu mistério começou a gerar energias líquidas e ia vertendo-as em abundância. E onde caíam, explodiam como fogos de artifício multicoloridos.

Ainda me recordo, como se fosse agora, do momento em que cheguei diante do Trono ocupado pela temida Guardiã do Fogo das Paixões: ela desceu de seu Trono rubro e rastejou até meus pés, onde ciciou apaixonadamente. Mas, assim

que fixou seus olhos rubros nos meus, aquela sua aparência rastejante não resistiu mais que um segundo e sua aparência diluiu-se como que por encanto. E no instante seguinte, já humanizada pelo meu mistério, ela se levantou rente ao meu corpo e pediu-me:

– Conceda-me uma hora em sua vida, pois os meus mistérios são tão apaixonantes que só me concedendo toda uma hora você poderá assumir a todos, Cavaleiro da Lança Dourada Flamejante.

– Em princípio vim para recuperar de suas mãos minha lança rubra e assumir toda a minha faixa vibratória em seu polo negativo. Mas, se você oferece seus mais apaixonantes mistérios, então me conceda você também uma hora em sua vida, já que só assim terei tempo para conhecê-los em profundidade.

– Você mudou, Cavaleiro da Lança Dourada. Você sabia que essa é minha cor preferida?

– Então por que você cobre se de rubro?

– Estou à espera desse seu mistério, que certamente me cobrirá com sua cor dourada caso você não só ocupe sua faixa em meus domínios como também, na sua hora em minha vida, se assente ao meu lado e forme um par completo comigo.

– Esse é seu maior desejo, apaixonada irmã cósmica?

– Outro desejo maior que esse jamais vibrei desde que o mais desejado dos Oguns virou-me as costas e mergulhou em "espírito" nos mistérios humanos da vida, e desde então só me via como uma de suas irmãs antinaturais.

– Quem era esse Ogum, irmã apaixonada?

– Era não! Ele ainda é o apaixonante Ogum Sete Estrelas.

– Por que acha que ele ainda é o Ogum Sete Estrelas?

– Eu o vejo através dos seus olhos, irmão que incandesce todo o meu ser, e ativa todos os meus mistérios da paixão, que, de tão incandescidos que estão, já se abriram totalmente ao seu mistério.

– Por que você só o vê através dos meus olhos?

– Você, apesar de ter se humanizado tanto, pois entre todos os Oguns foi o que mais fundo mergulhou nos mistérios humanos da vida, no entanto não conseguiu adormecê-lo como aconteceu com o Trono da Geração.

– Desperte-me para ele em sua hora em minha vida e o terá por inteiro e em todos os sentidos na minha hora em sua vida.

– Quais os seus limites nessas horas, irmão incandescido e incendiador de novas e renovadas paixões?

– Meus limites, na sua hora, serão os que você me conceder. E na minha, serão os que a mim foram impostos pelo Senhor desse meu Mistério da Geração.

– Quais ele lhe impôs em sua faixa vibratória?

– Nenhum.

– E no meu polo magnético?

– Só poderei assumir os limites que nele, ou fora dele, a mim se abrirem.

– O Ogum Sete Estrelas, que tanto me atraía, era bem mais comedido e limitado, Cavaleiro da Lança Dourada Flamejante.

– Então me imagines, idealizes e conceba como mais lhe aprouver, irmã rubra.

– Vendo-o tão próximo e portando uma lança tão poderosa e tão consumidora de desenfreadas paixões, até minha imaginação ficou paralisada. Vamos, possua logo esses meus apaixonantes mistérios que já se abriram para você e seu mistério, senão até eles ficarão paralisados!

– O que o desaparecido Ogum Sete Estrelas perdeu quando lhe virou as costas, irmã rubra?

– Ele deixou nas minhas mãos sua lança rubra e, quando me virou as costas, a justiça divina confiou-me a guarda de sua celestial capa dourada, a única que era ampla o bastante para que ele ocultasse seus mistérios de olhos indesejados.

– Onde você a guardou.

– Não a guardei. Eu a ocultei no interior de um dos meus mistérios. Possua todos e certamente a encontrará em um deles.

– Se esse é o único meio que tenho para finalmente recuperar minha lança rubra e minha capa dourada, então nossas duas horas durarão muito tempo, sabe?

– No mínimo 77 dias terrenos.

– Tantos assim?

– Depois de conhecer em profundidade meus mistérios mais ocultos e indescritíveis por meio de palavras, você desejará que eles durem para sempre, meu revivido cavaleiro estrelado!

– Foi assim que você me imaginou, idealizou e concebeu no meu retorno aos seus domínios? – perguntei, já me mostrando como ela me desejava.

– Sim. Como você conseguiu isso se minha imaginação, idealização e concepção estão paralisadas?

– Assuma o mistério que coloquei ao alcance de suas mãos e descobrirá, irmã consumidora das paixões!

– Só o assumirei se você, além de possuir os meus, não me impuser limites nem na sua hora nem na minha.

– Sem limite algum? Isso não é perigoso?

– Perigoso será se eu adormecer uma só fração de segundos, como tenho visto acontecer com suas irmãs.

– Entendo. Um segundo de sono pode apagar as chamas do seu fogo consumidor de paixões desenfreadas, não?

– Isso mesmo. Mas outras razões você descobrirá assim que assumir sua hora em minha vida.

– Tenho certeza de que descobrirei. Assuma meu mistério, pois só quando minha lança rubra me for devolvida assumirei os seus!

Bom, o fato é que quando olhei para as mãos dela já vi minha lança rubra. Daí em diante o que aconteceu é um mistério oculto e nada revelarei. Mas, quando a

hora dela em minha vida terminou, eu já conhecia todos os mistérios que fluíam na minha faixa vibratória em seus vastos domínios incandescentes. Então incorporei aquela lança rubra à minha lança dourada e dei início à minha hora em sua vida. Quando transformei sua cor rubra em um dourado tão dourado que ela começou a chorar compulsivamente, eu a abracei com ternura e perguntei:

– Por que uma guardiã como você é tão solitária?

– Não era sobre isso que você estava pensando?

– Era.

– Então veja nas minhas lágrimas a causa de minha solidão.

– Eu vejo uma divindade cósmica muito incompreendida pelos humanos.

– A incompreensão é a causa de minhas lágrimas, pois tendo-o ao meu alcance descobri que você é uma companhia que me compreende, e o que mais desejarei a partir de agora será tê-lo ao meu lado.

– Eu não posso assumir limites alheios, senão extrapolarei minhas atribuições. Mas se você... ah, deixe quieto esse meu desejo.

– Revele-o para mim, irmão único.

– Você já deve ter um guardião dos mistérios do seu sétimo sentido. Foi tolice minha pensar uma coisa dessas, não?

– Não foi tolice, meu mais desejado guardião. Eu não tinha, mas agora tenho, sabe?

– Quem é ele? Deve ser um irmão privilegiado, não?

– Você ainda me teme?

– Não. Agora que a compreendo, amo-a, e me preocupo com essa sua solidão, e não a temo.

– Tem certeza de que o que sente por mim não é pena?

– De jeito nenhum. É amor, puro amor!

– Repita isso, meu amado guardião do amor e da vida.

– Eu a amo, irmã do meu coração. Vamos, pare de derramar essas lágrimas solitárias e tristes senão eu...

– Senão o que, meu amado Guardião Celestial do Amor e da Vida... e guardião do meu sétimo mistério e sétimo sentido?

– Sou só o guardião do seu sétimo mistério, irmã solitária?

– Aceite guardar meu sétimo sentido e nunca mais me verá derramando lágrimas solitárias e tristes.

– Você já não tem um guardião dele?

– Já sim. Eu o investi com esse grau e só estou aguardando você assumi-lo para abrir-me aos seus mistérios do amor.

– Eu... você... nós... não sabemos o que estamos desejando... acho...

– Em você os desejos tanto se realizam quanto começam, não?

– Sim.

– Pois em mim as paixões tanto começam quanto terminam.

– Talvez eu esteja despertando em você algo que a alterará toda.

– Nos outros sentidos eu tenho meus guardiões e nunca me alternam em nada.

– Bom, se é assim, então nessa minha hora em sua vida você não será, nunca mais, uma solitária. Eu a ocuparei com tanto vigor, carinhos, ternura, potência e amor, que na minha ausência em suas outras horas você nem notará que não estou nelas.

– Inicie sua ocupação total desse sentido de minha vida, meu mais apaixonado guardião.

Eu ocupei meu grau de guardião de seu sétimo sentido e, quando ela sentiu-se guardada nele, abraçou-me e selou nossa união com um apaixonado e ardente beijo. Quando separamos nossos lábios, ela disse:

– Eu desejei dessa maneira o desaparecido Ogum Sete Estrelas. Mas só após ele se humanizar e retornar aos meus domínios como um Cavaleiro do Arco-íris pude realizar esse meu desejo. Saiba que é assim que sempre o desejei e me guardei nesse sentido até seu retorno, paixão única e indescritível!

– Que paixão é essa, amada e ardente paixão?

– A paixão do amor, encanto dos meus olhos. Vamos, realize essa minha paixão única, cavaleiro apaixonante!

– Então se dispa dessa sua veste rubra.

– Tire-a você, meu mais apaixonado guardião celestial.

Quando tirei aquela veste rubra, ela se transformou numa capa dourada toda estrelada. Sem saber se olhava para a capa ou para o seu corpo estonteante, perguntei:

– Que capa é essa?

– A mesma que um dia o mais desejado dos Oguns a deixou cair de seus ombros quando soube que teria de adentrar no ciclo encarnacionista humano, pois seus auxiliares humanos estavam se desumanizando tanto que seu Mistério Sete Estrelas estava se apagando nos corações humanos.

– Mas você não disse que ele havia lhe dado as costas?

– Disse. Mas ele só fez isso depois que me confiou a guarda de sua lança rubra, pois não a levaria ao meio humano para não atrapalhar sua missão divina junto aos espíritos humanos. Eu a guardei e recolhi sua linda capa celestial que o distinguia como Guardião dos Mistérios do Trono da Geração e cobri-me com ela até que ele voltasse.

– Então ele lhe virou as costas só porque não teve outra alternativa, não?

– Que alternativa tem um guardião celestial quando vê caírem todos os seus auxiliares humanizados?

– Meus irmãos astutos e venenosos são esses auxiliares do desaparecido Ogum Sete Estrelas?

– Para os meus olhos você jamais esteve desaparecido. Só dormia seu sono humano, encanto dos meus olhos. Vamos, levante-se que quero cobri-lo com sua capa celestial.

Quando ela recolocou aquela capa estrelada, vi como era ampla. Então, ainda de pé a puxei para junto de meu corpo e a cobri também, dizendo-lhe:

– Vamos, aperte seu peito contra o meu, pois vou marcá-la com minha estrela rubra da paixão do amor.

– Você me distingue com esse grau em seu mistério?

– Já a distingui. Só estou esperando você ostentá-lo em seu peito para conduzi-la humanamente aos domínios mais fechados do Trono da Geração.

– Onde ficam esses domínios?

– No seu sétimo sentido, amada Estrela Rubra! E a guarda dele é toda minha, não?

– Todinha, meu encantado dominador. Vamos, conduza-me aos domínios mais fechados do Trono da Geração!

Bom, eu a conduzi com tanto vigor, ternura, carinho, potência e amor que chegou um momento em que ela me pediu que a amparasse, senão desmaiaria em meus braços.

– Então meus limites nesse meu domínio já estão estabelecidos, amada Estrela Rubra. Aquiete seu íntimo para que eu o demarque em definitivo e saia dele sem soltá-la de meus braços, que a sustentarão até que você volte a reassumir o controle de seus outros sentidos.

Pouco depois, já tendo reassumido todos, ela falou:

– Minha solidão terminou e realizei a mais desejada das paixões: a paixão do amor!

– Eu realizei o amor da paixão! Acho que nesse sentido formamos um par ideal, não?

– Eu nunca tive dúvida sobre isso. Mas devo dizer que você voltou mil vezes melhor do que quando partiu dos meus domínios com lágrimas nos olhos, e tão descoberto como quando aqui retornou. E, se em todos os outros meus sentidos sou como meus guardiões me veem, nesse serei como você me deixará assim que sua hora nesse dia de sua vida terminar.

– Quer que eu lhe dê essa capa para cobrir seu corpo?

– Já não sinto necessidade de cobri-lo. Agora tenho um guardião para o meu sétimo sentido que me cobrirá com sua capa sempre que sua hora em minha vida chegar.

– Não vou deixá-la assim, toda descoberta.

– Não se preocupe. Só seus olhos me verão assim.

– Só os meus?

– Só. Outros que me olharem me verão como me imaginaram, idealizaram e conceberam.

– Bom, azar o deles, sabe?

– Sei, sim. E ainda dizem que seus irmãos venenosos é que são espertos e astutos! Você, de agora em diante, só me verá assim, como tanto aprecia. E esteja onde estiver, bastará fixar seus olhos que me verá... assim.

– Verei?

– Sim. E se essa cor humana que agora ostento tiver cedido à minha cor rubra natural, então fique atento, pois nossas horas estarão próximas e aí tudo será uma questão de tempo, sabe?

– Tempo, é?

– É sim.

– Tempo, não?

– Tempo, sim.

– Sei... o Tempo... já sabe disso, não?

– Sabe, sim.

– Bom, se você não se incomodar, acho que vou procurar aquele portal incandescente para caminhar um pouco.

– Eu o conduzo até ele, se você me permitir caminhar ao seu lado um pouco.

– Será uma honra ter você ao meu lado enquanto caminho para a minha hora seguinte. Vamos?

– Eu o guio, mas você me conduz, está bem?

– Passe seu braço por dentro do meu.

– Isso na dimensão humana chama-se namoro, não?

– Como você sabe disso?

– Daqui o vigiei o tempo todo enquanto durou sua jornada encarnacionista. Afinal, nossa paixão é imortal, sabe?

– Sei sim. Certas coisas são imortais, não?

– Se são! E, quando as revivemos, parecem mais deliciosas, não?

– Nem me fale! Se esse seu sentido não estivesse repousando...

– Você sairia daqui de qualquer jeito. Sua hora está nos seus segundos finais. Vamos, dê-me um delicioso beijo de despedida.

Ainda nos beijávamos quando minha hora na vida dela terminou. No instante seguinte me vi de volta à dimensão humana. Fiz como ela havia dito e a vi assentar-se em seu Trono cósmico, de onde, beijando a palma das mãos, me enviou beijos, beijos e mais beijos... apaixonadíssimos!

Acenei-lhe com a mão e retomei minha caminhada, já mais tranquilo e descontraído, pois tinha uma capa para cobrir minhas costas... e ampla o bastante para cobrir todo o meu corpo.

Depois de muito caminhar sem outra finalidade que a de diluir um pouco o calor que emanava de minha lança rubra, resolvi parar e refletir um pouco sobre tudo o que havia visto, aprendido e vivenciado no polo negativo da linha de forças planetárias multidimensionais ígneas.

Eu tinha aprendido sobre coisas que só os regentes dos níveis médios sabiam de suas existências e as conheciam em profundidade.

A serpente rubra, o raio rubro e a estrela rubra eram mistérios cósmicos ainda desconhecidos na dimensão humana. Todos eram mistérios da justiça divina e suas atuações fechadas e ocultas envolviam a vida de tantos seres que ultrapassavam a casa de duas centenas de bilhões.

– Quem, no plano material humano, acreditaria que só o polo negativo da linha da Justiça, regida no alto pelo meu pai maior Xangô, sustenta e ampara tantos bilhões de seres naturais? Como lhes contar a verdade se ainda precisam do suporte das lendas ancestrais para vivenciar suas religiosidades? Santo Deus, como lhes transmitir esse conhecimento único e maravilhoso sem despertar a ira dos tradicionalistas que preferem ter um Xangô briguento e amante das regentes a meditarem e refletirem sobre o que as lendas estão dizendo sem nada falarem? Seria tão bom se conseguissem sair do nível terra em suas interpretações do mistério Orixás! Será que algum dia surgirá alguém capaz de mostrar os Sagrados Orixás a partir de suas verdadeiras atribuições como regentes da evolução dos seres?

Continuei a divagar por horas sobre tudo o que me vinha à mente depois daquele último encontro e nem notei que bem próximo alguém me observava. Quando parei de refletir, voltei meus olhos à minha lança rubra e lamentei-me por já não ter a apuradíssima visão que me permitiria ver naquela aura rubra em torno dela, que eram os bilhões de finíssimos cordões energéticos que me ligavam às minhas irmãs naturais ígneas sustentadas e amparadas por aquela regente cósmica, tão temida e tão incompreendida por quem a conhecia a partir de seu exterior.

Foi quando quem me observava resolveu sair do silêncio e perguntou-me:

– Irmão, concede-me um minuto em sua vida para que eu possa assentar-me à sua direita?

– Claro que concedo, irmã amada! Apresente-se, pois só a vejo como um foco luminoso dourado.

– Eu sou conhecida no plano material humano como uma Orixá mediadora Guardiã das Pedreiras.

Imediatamente me ajoelhei e a saudei, pois guardava boas recordações da senhora Guardiã das Pedreiras desde que a cultuava e reverenciava nos templos de Umbanda, onde é muito ativa no amparo aos seus filhos encarnados.

– Levante-se, irmão do meu coração. Não vim até você para ser reverenciada como sua amada mãe Guardiã das Pedreiras, ainda que muito me alegro em ver que continuas me adorando como uma de suas mães naturais humanizadas. Vamos, levante-se, pois desejo abraçá-lo e envolvê-lo com todo o meu amor, já que amor é o que sempre recebi de você esse tempo todo.

Levantei-me e recebi um luminoso abraço da senhora Guardiã das Pedreiras, que me envolveu com tanto amor que minha lança rubra começou a arder em chamas. Curioso, perguntei-lhe:

– Essas labaredas rubras não a incomodam, minha senhora?

– Não. Eu até extraio delas uma poderosa energia que envio a um de meus mais ocultos mistérios.

– Ainda bem! Ela havia me dito que essas chamas são muito consumistas, sabe?

– Eu sei. Conheço o mistério dessas chamas rubras.

– A senhora a conhece?

– A quem você se refere?

– Não posso pronunciar seu nome divino, sabe?

– Também não posso. Portanto, não falemos dela, pois não foi para isso que vim até você. Mas lhe digo que a conheço e fico muito feliz que você também a tenha conhecido como realmente ela é.

– Eu me assentei à direita dela, minha senhora.

– Eu sei.

– Nos domínios dela agora existe uma faixa sustentada pelo meu mistério.

– Eu sei.

– Por meio dessa lança rubra meu mistério sustenta as ligações que se estabeleceram assim que formamos um par natural.

– Eu sei.

– Suas irradiações de amor são tão intensas que alcançam essa minha lança rubra e fazem com que brotem essas labaredas.

– Eu sei.

– A senhora já sabe de tudo, não?

– Sim. Eu aguardei por muito tempo que você recuperasse sua lança rubra. Foi por causa dela que vim até você.

– Foi?

– Sim. Ela traz em si mesma um mistério muito poderoso que adquiriu vida própria desde que você a recuperou. Eu desejo possuir esse mistério e incorporá-lo aos muitos que já possuo, pois assim, inundadas por minhas irradiações de amor, todas as filhas que estão ligadas ao mistério lança rubra, por meio delas as receberão e aos poucos suas naturezas ígneas e consumistas se transformarão em naturezas calorosas e amorosas.

– Algo assim é possível por meio dessa lança?

– Tanto é que, se você me conceder um minuto em sua hora regida pela nossa mãe maior lansã, eu possuirei o mistério dessa lança e por meio dele começarei a enviar minha irradiações de amor a todas as nossas irmãs já ligadas a ela e sustentadas pelo seu mistério da geração.

– Já lhe concedi minha vida, minha senhora. Pode possuir esse mistério da lança rubra, pois já é todo seu.

– Eu não quero apossar-me dela ou do mistério que se manifesta por meio dela. Acho que fui precipitada e não coloquei corretamente o que realmente desejo.

– Gostaria de assentar-se à minha direita, minha senhora?

– Já me assentei. Volte a sentar-se para que eu possa dizer-lhe o que realmente quero de você.

Assim que me sentei, ela pediu:

– Irmão amado, permita que eu me assente à sua direita e possa lhe falar no mesmo nível.

– Acho que a senhora está sendo generosa demais comigo. Ainda sou um pequeno caminhante e não sou merecedor de tê-la assentada ao meu lado.

– Acho que você é que não está conseguindo lidar com tudo o que tem absorvido ultimamente. Mas, se permitir, lhe falarei sobre essa sua dificuldade momentânea, irmão do meu coração.

– Sabe, eu me sinto tão diferente dos meus semelhantes que cada vez me compreendo menos e me isolo mais e mais, enquanto tento preservar minha individualidade e minha identidade humana. Mas não tem sido fácil.

– Eu sei como tem sido difícil para você a convivência com tudo o que tem absorvido. O ritmo das ligações é aceleradíssimo e sua mente, acostumada aos procedimentos humanos, não está acompanhando todo o processo que se iniciou quando você renunciou ao seu livre-arbítrio humano e consagrou sua vida ao divino Criador.

– Eu estava cansado das coisas e dos procedimentos humanos. Meu ser clamava por uma religação íntima com meu Criador.

– Todos chegam a esse momento em que renunciam às coisas e procedimentos humanos. E quando esse momento chega, então o divino Criador assume suas vidas e concede a cada um um destino amplíssimo, em que os limites estão n'Ele e os horizontes que nos são abertos são tão vastos que no começo tudo é tão difícil de assimilarmos que o isolamento é uma tendência natural. Portanto, não se atormente, pois é muito positiva essa sua atitude.

– Eu, fora os momentos em que meu mistério ativa-se e assume meus sentidos e mente humana, não sou uma boa companhia. Sou triste, solitário, introvertido, introspectivo e isolacionista.

– É por causa desse seu mistério, não?

– É, sim. Eu olho para os meus pais, avós e bisavós e vejo que neles os mistérios que portam estão tão ocultos que tenho dificuldade em localizá-los. Mas em mim, e comigo, isso não acontece. O meu é tão visível que até os habitantes dos níveis vibratórios mais inferiores logo o veem e me identificam como o Guardião do Trono da Geração. Isso incomoda, sabe?

– Acho que o entendo.

– Todos desejam possuir esse meu mistério, sabe?

– Sei disso também, irmão. Vamos, não derrame estas lágrimas tão tristes. Até poucos minutos atrás você não estava triste. Por que mudou tão repentinamente?

– Acho que preciso chorar um pouco.

– Por quê?

– Bom, quando eu vivia na carne a adorei, muito, e em minha religiosidade erigi um pedestal onde coloquei minha amada mãe Guardiã das Pedreiras, a quem cultuei com fé, amor e dedicação, pois a ela recorria sempre que precisava de ajuda para mim ou para os que vinham em busca de socorro espiritual. Então, de repente, tudo começou a acontecer em minha vida de forma tão diferente que já vivenciei coisas que, se eu revelar a algum irmão encarnado, ou mesmo aos que vivem no plano espiritual, não só não acreditarão como me chamarão de maluco. E se eu disser a alguém que minha amada senhora Guardiã das Pedreiras solicitou um minuto de minha vida para se assentar à minha direita, e que veio até

mim para possuir o mistério de minha lança rubra, então não sei do que serei chamado. É por isso que preciso chorar, minha senhora Guardiã das Pedreiras. Mas tem de ser em silêncio, senão todos os que já se ligaram a mim por meio do meu mistério talvez não me entendam e não compreendam a razão de minha solidão. Sabe, quando eu tinha meu centro neutro, costumava me isolar dentro dele e ali, sozinho, eu dava vazão ao meu pranto solitário. Mas agora nem isso posso fazer e tenho de chorar no mais absoluto silêncio.

– Vou desdobrar meu centro neutro e aí você poderá dar vazão a todo o seu pranto, só contido a muito custo. Só eu ouvirei seu choro e colherei suas lágrimas de tristeza.

– Não foi para isso que a senhora veio até mim.

– Ouvir o pranto íntimo dos que se sentem incompreendidos é uma de minhas atribuições religiosas, e a que mais me enobrece diante do nosso divino Criador, irmão do meu coração. Eu sou portadora de um mistério divino que tem como atribuição consolar os corações contritos pela tristeza. Logo, conceda-me suas lágrimas e seu pranto, pois em mim esses sentimentos se transformam em vibrações de fé e amor. Vamos, conceda a si mesmo um minuto de entrega de sua tristeza a quem o entende e compreende. Venha, recoste sua cabeça em meu ombro e chore à vontade e sem medo de parecer fraco diante de seus pais, avós e bisavós. Chore, pois só o divino Criador e eu o ouviremos, irmão amado!

Eu chorei mesmo, sabem! E em momento algum ela interrompeu meu pranto, limitando-se a acariciar minha cabeça e a enxugar meu rosto de vez em quando, até que chegou um momento que meu emocional foi se aquietando e só restaram os soluços, cada vez mais espaçados e fracos. Quando me senti melhor, agradeci a ela por sua bondade e amor para comigo, um ser aparentemente poderoso, mas que na verdade era alguém muito frágil.

– Deus o ama justamente porque você não se sente um ser poderoso. Esses que não precisam do amparo divino são os mais fracos, irmão amado. Mas os que sentem dificuldade em lidar com o que Deus lhes reservou e têm coragem de externá-la, a esses Ele ama com mais intensidade, pois são os que jamais O dissociarão de suas vidas e ações individuais enquanto instrumentos de vontades superiores.

– Eu não sou um fraco?

– Não. Você só está iniciando sua longa jornada de retorno e sente-se assoberbado com a grandeza divina do mistério que está se manifestando com intensidade em sua vida.

– Por que isso está crescendo cada vez mais? A cada par que formo, sinto que um maior ou mais abrangente está à espera de sua formalização final.

– Eu sei como isso acontece.

– Como aconteceu com a senhora?

– Você deseja que eu lhe revele meu mistério?

– Não, senhora. Só gostaria que me contasse como foi sua reação quando tudo começou a acontecer em sua vida.

– Já fez tanto tempo que quase não me lembro. Mas não foi diferente, ainda que tenha acontecido em outro sentido, que não posso revelar, senão revelarei meu mistério maior.

Assim que ela disse aquilo uma tristeza muito grande cobriu-me todo e voltei a chorar em silêncio, mas tão intensamente que minhas lágrimas jorravam dos meus olhos e corriam pelas suas vestes.

– Por que você voltou a chorar, irmão amado?

– A senhora pode ocultar seu mistério e eu não posso ocultar o meu. É por isso que choro, minha senhora Guardiã das Pedreiras. A todos que a procuram quando necessitam do seu amparo, a fé é o suficiente e ativa seu mistério. Mas comigo é diferente, sabe? Não é a fé que ativa o meu... e ninguém o procura, mas sim, são alcançados por ele assim que o veem.

– Como você procedia quando se sentia em dificuldades?

– Eu orava a Deus e aos meus amados Orixás e clamava por ajuda. Às vezes, durante uma oferenda, eu também pedia ajuda.

– Você alguma vez solicitou ajuda para quaisquer problemas íntimos seus relacionados a esse sentido, em que seu mistério se mostra tão visível e exposto aos olhos alheios?

– Só quando surgiu uma doença inexplicável.

– Mas, e para as doenças emocionais ou os desequilíbrios energéticos?

– Não.

– Você sabe quantos padecem, no mais absoluto silêncio, com as doenças emocionais ou os desequilíbrios energéticos que afetam o sétimo sentido?

– Não, senhora.

– Quase todos, irmão curador.

– Tantos assim?

– Até alguns de seus pais, avós e bisavós padecem nesse sentido, pois estão tão envolvidos na solução das dificuldades dos filhos e filhas deles que acabam sofrendo os reflexos dos que tentam curar, mas não podem ou não conseguem porque não são manifestadores desse mistério que, ainda que não acredite, é tão seu quanto sua própria vida.

– Mesmo eles, que são tão poderosos e autossuficientes?

– Você os vê assim. Mas eles nunca se julgaram poderosos ou autossuficientes, sabe? E é justamente por não se julgarem assim que Deus os ama, ama e ama... e os ampara, pois eles não O dissociam de seus atos, palavras ou pensamentos em momento algum. Por isso, se olham para esse seu mistério e desejam possuí-lo, é porque o usarão diretamente por meio de você ou o incorporarão aos seus mistérios e a ele recorrerão caso precisem atuar no sétimo sentido de algum de seus filhos ou filhas.

Eu vim até você para ver se você aceita formar um par energético comigo, em que você me concede o direito de possuir seu mistério da lança rubra, à qual recorrerei sempre que precisar, pois esse seu mistério da geração o torna um doador natural das energias que fluirão por meio dessa sua lança rubra.

Se você me conceder a honra de possuir esse seu mistério, então quando algum filho ou filha recorrer ao meu, e eu ver que as dificuldades originaram-se no campo e nível vibratório onde flui o Mistério Lança Rubra, automaticamente seu Mistério da Geração começará a gerar energias que ativarão sua lança e ela irradiará tantas energias quanto precisarem os que a ela meu mistério ligará assim que solicitarem minha ajuda. Seu campo no meu mistério será o da sua lança rubra, irmão amado. Por isso desejo possuir o mistério dessa lança, entende?

– Sim, senhora.

– Eu não desejo possuir o mistério de sua lança só para mim. Mas tenho de possuí-lo e incorporá-lo ao meu, que também abrirá nele um campo onde você, e só você, irá atuar por meio de sua lança rubra que, se irradia uma energia poderosíssima, também irradia essas chamas rubras que consomem energias prejudiciais aos corpos energéticos sobrecarregados por emocionais desequilibrados.

Se você deixar de se ver como até agora tem feito, facilitará a formação de pares com todos os que, ao verem que você é um portador natural desse mistério, encontrarão em você um poderoso recurso que facilitará a atuação deles.

– Entendo.

– Você se lembra de quando ia aos pontos de forças dos Orixás e neles realizava os assentamentos dos seus guias espirituais?

– Lembro-me.

– Saiba que o que acontecia é que, ao assentá-los, toda uma ligação energética e magística ali se iniciava. E a partir do estabelecimento dela, quando você os incorporava, caso algum consulente necessitasse de energias do mistério do Orixá senhor do ponto de forças, o guia recorria a elas sem que o consulente tivesse de ir até onde ficava o ponto de forças.

Eu, se você me conceder a honra de possuir o mistério Lança Rubra, estabelecerei com ela e com você uma ligação que facilitará minha ação junto aos meus filhos, pois não precisarei trazê-los até você, já que enviará automaticamente um fluxo energético a quem eu estiver ajudando.

– Entendo.

– Espero que a partir de agora não entenda como um incômodo ser portador desse mistério único, nem se sinta incomodado quando captar em alguém o desejo de possuí-lo, pois só o usarão se alguém for beneficiado por você. Entenda isto: beneficiados por você! Sempre, pois é o senhor desse seu mistério. Agora, quanto a essa vontade superior que deixou seu mistério exposto aos olhos de todos, bem, como eu já comentei, em se tratando de desequilíbrios no sétimo sentido, todos são muito reticentes ou os ocultam o mais que puderem. Mas, quando veem seu mistério, aí já não conseguem ocultá-los por causa da atração magnética natural que ele exerce em quem está desequilibrado. Essa é uma das razões de ele estar tão exposto. A outra é para você habituar-se com algo que em você é natural e indissociável de sua vida, suas qualidades, atributos e atribuições. E quando se habituar a ele, e aceitá-lo como ele é e atua, então não o incomodará mais que suas mãos ou pés.

– Minhas mãos e pés não me incomodam.

– Nem esse seu mistério... desde que você o aceite como parte natural do todo que é em si mesmo. Tudo se resume em aceitá-lo como é ou não!

– Se ao menos não tivesse de ser tão...

– Isso é o que menos importa, irmão. Você precisa conscientizar-se das qualidades, atributos e atribuições do seu mistério. Quais são as qualidades dele?

– Bom, é um gerador natural de energias. E gera tantos tipos que não consigo classificá-las, já que desconheço a maioria delas.

– Quais são os atributos?

– É energizador, é purificador, tem dupla polaridade, é inesgotável, é autossustentável em qualquer situação. É atrator...

– Quais as atribuições?

– Curar desequilíbrios energéticos, emocionais e vibratórios, consumir acúmulos de energias ou suprir deficiências energéticas, dar sustentação no sétimo sentido para que por meio dele os outros tenham uma acelerada evolução...

– Muito bem, você já tem uma noção do seu mistério e do campo onde ele atua, certo?

– Sim, senhora.

– Então não se incomode por ser solicitado nesse campo de atuação. Apenas acrescente outros campos ao que você domina porque é o senhor desse mistério. Eu não atuo nele, mas vim até você para solicitar sua permissão para poder acrescentar ao meu mistério o de sua lança rubra.

Na faixa vibratória onde você atua, eu não atuo. E o inverso também é verdadeiro. Mas se abrir para mim o mistério de sua lança rubra, por meio de você atuarei em um dos subníveis de sua faixa. Só que, se não posso conceder-lhe em minha faixa um subnível para você atuar com seu mistério, eu posso abrir-lhe um onde você atuará com um submistério do meu mistério. Aí sim estará acrescentando um novo, e diferente recurso, aos que já possui, entende?

– Sim senhora. Acho que é isso que vovó Guardiã do Tempo esteve tentando dizer-lhe o tempo todo, não?

– Talvez ela queira que você atue com seu mistério em uma subfaixa da que o mistério dela flui naturalmente e você está achando que é para atuar na faixa toda. Ou não foi isso que você fez quando atuou sobre as filhas dela?

– Eu não sei como atuar, não é mesmo?

– Você só precisa entender que, quem rege toda uma dimensão ou uma linha de forças multidimensionais, tem para você toda uma faixa vibratória própria. Mas nas outras faixas regidas por seus pais, avós e bisavós, nelas você precisa limitar a ação de seu mistério, senão interferirá na ação desenvolvida por eles, que também atuam regidos por limites bem claros onde manifestam seus mistérios. Saiba que se você não limitar a ação do seu, interferirá na ação dos deles, irmão amado.

– Por que ninguém nunca me falou sobre isso?

– Como você não perguntou, eles esperavam que por si só descobrisse que nas faixas regidas por eles você só pode atuar no subnível que a você eles têm reservado. Mas você vinha solicitando um minuto no mistério deles, que já não é a mesma coisa, entende?

Esse seu mistério não pode atuar livremente e de forma direta nos campos alheios. Para atuar neles você precisa possuir um subnível do mistério da faixa onde irá atuar e deverá recorrer a ele sempre que entrar no campo deles.

O mesmo eles têm feito há muito tempo em todas as faixas, onde atuam em subníveis, sempre por meio de seus intermediadores. Era isso que sua avó Guardiã do Tempo queria. Ela pretendia ter uma de suas guardiãs do Tempo como intermediadora dela para esse seu mistério, e nada mais.

– Acho que entendi tudo errado, não?

– Entendeu, sim. E se você não reverter a ação desse seu poderosíssimo mistério, em pouco tempo ela perderá o controle sobre seu polo negativo.

– Mas ela desejou possuí-lo, minha senhora!

– Ela só tentou dominá-lo para ordenar a ação dele por meio de você. Mas acho que seu mistério captou as vibrações dela e passou a gerar energias que dominam o polo negativo dela e a desarmoniza, em vez de auxiliá-la.

– Por que ela não me falou nada sobre isso?

– Nós nunca revelamos a alguém quando estamos ordenando seu mistério, entende?

– Sinto muito. A senhora pode ajudar-me a desativar essa ação inconsciente?

– Basta você se concentrar e mentalizar as vibrações energéticas que seu mistério está enviando ao polo negativo dela. Assim que localizá-las, anule-as e retire todo o excesso de energias que já foi enviando. Vamos, eu o ajudo!

Pouco tempo depois, tudo estava solucionado com vovó Guardiã do Tempo. Mas meu íntimo começou a vibrar um sentimento que iria me afastar dos meus pais, avós, bisavós e tatá-avós. A senhora Guardiã das Pedreiras tentou me animar a conquistar recursos junto dos mistérios deles, mas foi em vão, pois um sentimento de culpa assomou meu emocional.

– Acho que só o tempo mudará esse seu sentimento, irmão amado.

– É isso mesmo. Vou dar tempo ao tempo e ver o que acontecerá. Obrigado por ter me ajudado a dominar mentalmente as vibrações energéticas desse meu mistério. Eu achava que qualquer ligação, para ser estabelecida, implicava a formação de um par. Que estúpido que sou!

– Não se repreendas tão duramente. Você não sabia, certo?

– É, eu não sabia. Mas agora que sei, posso concertar alguns erros já cometidos e não cometerei outros mais. De agora em diante, quem solicitar algum recurso desse meu mistério o receberá sem ter de oferecer nada em troca.

– Assim você nunca crescerá, irmão amado.

– Não importa. Se outros crescerem com os recursos desse meu mistério, já me sentirei feliz. Recolha o mistério de minha lança rubra e use-o sempre que ele for positivo na vida dos seus filhos e filhas, que são meus irmãos e irmãs.

– Eu tenho um campo de atuação vastíssimo e posso reservar para você um subnível no Mistério Sete Pedreiras, onde atuará com desenvoltura por meio de um submistério dele.

– Sinto muito, mas não desejo isso. E, quando não desejo uma coisa, meu mistério não se ativa. Por favor, possua o mistério da lança rubra, que precisa, e use-o sempre que ele for útil a alguém. Isso me deixará muito feliz, já que estarei sendo útil ao seu mistério sem incomodá-la com o meu, que ainda não conheço totalmente nem domino por causa dessa infinidade de energias que ele gera.

– Essa é a sua vontade, irmão amado?

– Sim, senhora.

– Em mim as vontades se realizam, e esta também se realizará. Mas, se um dia você desejar um subnível em minha faixa vibratória, é só me avisar.

– Assim farei, minha senhora. Obrigado por ser tão generosa comigo.

– Saiba que eu gostaria de vê-lo ocupando um subnível na minha faixa vibratória e possuindo um dos recursos do meu mistério maior.

– Não me esquecerei disso, minha senhora Guardiã das Pedreiras.

– Prometa-me que não esquecerá, irmão amado.

– Não prometo nada. Apenas não me esquecerei, está bem?

– Está. Agora me conceda o mistério de sua lança rubra para que eu possa usá-lo sempre que precisar. Mas passe-o devagar ao meu polo negativo, pois ele é muito poderoso.

– Sim, senhora. Procurarei controlar o fluxo dessa lança rubra para que seu polo negativo vá absorvendo-o naturalmente e vá internalizando o fluxo energético que sairá dela.

Quando ela começou a absorver o mistério de minha lança rubra, seu polo negativo sobrecarregou-se de tal forma que pensei que ele explodiria. Mas aos poucos fui ordenando o fluxo energético e logo ela já o havia dominado totalmente. Mas precisou de algum tempo para internalizar toda a energia que aquele mistério irradiava. Quando terminou a posse do mistério, ela comentou:

– Em certos momentos pensei que meu polo negativo não resistiria ao mistério dessa lança rubra. Como ele é poderoso!

– É, sim. Se eu não tivesse aprendido com a senhora como mentalizar e controlar as vibrações dele, seu polo negativo teria explodido. Mas, felizmente, já sei como liberá-lo segundo a capacidade de quem o está absorvendo.

– Essa não era a capacidade máxima dele?

– Não, senhora.

– Em uma escala de 0 a 10, qual a capacidade que você usou?

– Se comparado com o fluxo que liberei da outra vez que abri o mistério dessa lança, acho que, de 0 a 10, agora só liberei 0,0001, sabe?

– Você tem certeza disso?

– Sim, senhora. Sua capacidade de captação desse mistério é pequena, se comparada com a daquela minha amada irmã cósmica que, em uma escala de 0 a

100, conseguiu captar mais ou menos 10% do fluxo energético do mistério dessa minha lança rubra, que ainda desconheço totalmente.

Ela me olhou nos olhos por um tempo e depois voltou sua visão à lança, que ardia em chamas rubras. Então pediu:

– Posso segurá-la um pouco para sentir o poder do fluxo energético que ela irradia?

– Claro!

Mas ela logo soltou a lança, pois suas mãos se avermelharam tanto que, ou ela a soltava ou ficaria rubra como minha lança ígnea cósmica. E mais uma vez ela me ofereceu um subnível vibratório em sua faixa e mistério, mas recusei alegando desconhecer aquele mistério tão poderoso.

– Então assuma um minuto em minha vida, irmão amado. Assuma-o que ele será seu e desse seu mistério, tão poderoso que outro tão potente ou igual jamais esteve ao alcance de minhas mãos.

– Já não desejo possuir um minuto na vida de ninguém, minha senhora Guardiã das Pedreiras. Só voltarei a desejar quando me conhecer realmente, sabe?

– Está certo. Acho que não tenho o direito de incomodá-lo nesse momento em que necessita de algo superior a um minuto ou hora na vida de alguém. Espero que logo esse algo superior se manifeste em sua vida, irmão amado.

– Obrigado, irmã do meu coração. Que Deus a abençoe, abençoe e abençoe por você ser como és. Que Ele, em sua infinita generosidade, a multiplique tanto que infinita será sua multiplicação no coração dos que são amantes dos mistérios da fé e dos Sagrados Orixás!

– Esse é seu desejo, irmão amado?

– Não, senhora. Essa é uma vontade, que, tenho certeza, mais adiante será sua vida de Guardiã dos Mistérios da Fé e da Lei. Um dia, e não importa quando esse dia chegará, seu nome será sinônimo de fé e de Lei, de amparo e de vida. E tantos serão os seus filhos e filhas que toda uma dimensão da vida o divino Criador abrirá para esse seu mistério da fé e da Lei reger, de tantos que serão!

Ela, sem desviar seus olhos dos meus, murmurou:

– Sua amada avó Guardiã do Tempo, ao não lhe conceder um minuto na vida dela, perdeu uma oportunidade única que o divino Oxumaré desejava conceder a ela.

– Que oportunidade era essa, minha filha amada? – perguntou vovô Ogum de Lei, que chegara naquele instante.

– A da renovação em todos os sentidos, meu amado pai Ogum de Lei – respondeu ela, já com o rosto coberto de lágrimas. – Ela me solicitou que anulasse as vibrações energéticas do Mistério da Geração desse nosso enigma humano, e o que fiz foi privá-la de uma renovação em todos os sentidos. Melhor eu teria feito se não tivesse atendido à solicitação dela, meu amado pai, pois o que o divino Oxumaré reservara para ela, acabou de me conceder por meio dos olhos desse nosso irmão enigma. Ampare-me, meu pai! Ampare-me senão cairei no solo por

causa do que acabei de receber, mas que não estava preparada para tanto... nem sabia que havia sido reservado para sua amada Guardiã do Tempo.

– O que foi que o divino Oxumaré concedeu-lhe, minha filha amada?

– A guarda, o amparo, a orientação e a condução da evolução natural de todas as filhas da divina regente do polo ígneo oposto ao de nosso amado pai Xangô maior, que já estão amparadas, ligadas e sustentadas pelo Mistério da Lança Rubra, desse nosso amado enigma humano, meu pai amado!

– Meu divino Criador!!! – exclamou meu amado vovô Ogum de Lei, admirado com o que acabara de ouvir. Ele olhou nos meus olhos e também viu o que ela dizia estar vendo: a essência multicolorida que anunciava uma manifestação do divino Oxumaré! Então me perguntou:

– Neto amado, por que você não possuiu à força o polo negativo de sua amada avó Guardiã do Tempo?

– Meu mistério não possui nada se antes não for possuído. E a atuação dele não comporta o uso da força. Ou os outros mistérios se abrem naturalmente ou ele não se ativa. Eu não domino essa faculdade dele, sabe?

– Sei... agora eu sei, meu neto amado! Vamos, vire-se para que eu veja que capa é essa que cobre suas costas.

Assim que meu amado vovô Ogum de Lei a viu, ordenou:

– Recolha-a ao seu íntimo, Guardião do Trono da Geração!

– Mas, vovô...

– É uma ordem. Recolha-a imediatamente ou a recolherei em meu Mistério Guardião da Lei.

– Sim, senhor... guarde-a em seu mistério, pois, se não posso usar o que é meu, então também não a ocultarei em meu íntimo.

– Não é isso, neto do meu coração. Ao cobrir suas costas com ela você bloqueou o acesso de seu avô tatá Omolu, que recebeu de sua amada mãe Iemanjá maior a incumbência de orientá-lo em determinados aspectos desse seu mistério. E eu até imagino que ele não viu essa sua irmã ancestral anular a ação inconsciente desse seu mistério sobre o polo negativo de sua avó Guardiã do Tempo. E quando ela anulou a ação dele, automaticamente assumiu o que o divino Oxumaré havia reservado para sua avó Guardiã do Tempo.

– Agora eu sei. Sinto muito, vovô Ogum de Lei! Tome, dê um sumiço nessa capa, pois já não a quero mais.

– Ela é sua. Recolha-a ao seu íntimo e aguarde que chegará o momento em que o divino Ogum maior o confirmará como o manifestador natural do mistério Ogum Sete Estrelas do Arco-íris.

– Sinto muito, vovô. Já não a desejo, e não consigo absorver o que não desejo. Com sua licença, pois preciso caminhar um pouco, senão logo começarei a desejar a morte em meu Mistério da Geração.

– Eu o proíbo de manifestar esse desejo. Esta é uma ordem, ouviu? – ordenou minha mãe Guardiã das Pedreiras.

– Sim, senhora. Com sua licença, pois preciso caminhar um pouco.

Deixei cair a belíssima capa estrelada que tanto me encantara e caminhei, caminhei e caminhei. Até hoje não sei se vovô Ogum de Lei recolheu aquela minha capa ancestral. Mas nunca mais a desejei, assim como nada mais desejei dali em diante. E até hoje, se vejo alguma coisa que me atrai, assim que a olho mais de perto, já deixo de sentir sua atração e não a desejo.

Foi assim, não desejando nada, e ainda caminhando sem rumo, que vi um portal negro como o ônix bem ao lado do caminho que trilhava. Parei na frente dele e olhei-o com atenção para ver se do outro lado dele havia algo que me atraísse. Mas, como tudo estava tão negro que nada via senão a escuridão completa, pensei:

– Aí não tem nada que encanta meus olhos. Logo, que fique para trás nessa minha caminhada cega!

– Errado, neto amado. Aí dentro estão suas tão apavorantes quanto apavoradas irmãs caídas nos meus domínios – falou-me vovô tatá Omolu, novamente às minhas costas.

– Eu não quero assumir a vida delas, vovô. Já não consigo desejar nada depois do meu último erro.

– Que erro?

– O último, oras! Vovô Ogum de Lei não lhe comunicou?

– Não. O que ouvi dele foi que sua amada senhora Guardiã das Pedreiras foi ungida pelo divino Oxumaré com a missão divina de recolher em seus domínios todas as filhas ígneas que esse seu mistério enviará a ela. Mas até aí nada errado vi ou ouvi. Eu já sabia disso assim que você atravessou aquele portal ígneo.

– Ela disse que eram de vovó Guardiã do Tempo. E vovô Ogum de Lei disse que uma capa que eu usava impediu-o de orientar-me.

– Foi seu pai Guardião Naruê que pediu sua capa ancestral de volta à regente do polo ígneo cósmico da linha do fogo da justiça divina. O que você fez com ela?

– Renunciei ao uso dela e a deixei para trás nessa minha caminhada. Se alguém a recolheu, que a guarde bem!

– Você é o mais intratável dos meus netos! Basta sentir-se contrariado para, no mesmo instante, desfazer todo um plano concebido por nós. Até quando agirá assim, intempestivamente? Quando é que deixará de ser tão emocional?

– Não sei. Acho que vou fazer como o adormecido Trono da Geração e o desaparecido Ogum Sete Estrelas. Vou desaparecer da frente de todos e adormecer para sempre!

– Você acredita que essa é a solução para as suas dificuldades atuais?

– Estou ficando cansado, sabe? Se faço algo, logo sou solicitado para fazer outra coisa ou sou repreendido. Que droga! Até quando vou ter de viver essa situação angustiante? Por que quem de direito não decide de uma vez o que deseja de mim e diz claramente como devo proceder? Será que acham que não tenho um íntimo muito sensível e meus próprios limites em conviver com tantos opostos ao mesmo tempo?

– Você está perdendo o controle racional sobre seu mistério. Caso não aquiete seu emocional ele o possuirá e, daí em diante, você já não decidirá nada por si mesmo.

– Desculpe-me, vovô amado, mas já não decido nada por mim mesmo desde o dia em que fui recolhido àquele centro neutro cristalino. Quando penso que estou tomando uma iniciativa, na verdade estou realizando alguma vontade superior. Eu não tenho o menor controle sobre esse meu mistério desde que ele se manifestou em mim. Já estou repetindo o que aconteceu com o adormecido Trono da Geração: cada um vem, apropria-se do meu mistério como bem entende ou precisa e segue adiante sem se preocupar se me magoou ou se me diminuiu um pouco mais em meu íntimo.

– Os mistérios são assim mesmo. Eles existem para que, quem deles necessitar, a eles recorram. Só assim todos seguirão adiante em suas caminhadas. Amadureça sua concepção acerca dos mistérios e entenderá que com todos os seus irmãos, pais, avós, etc., o mesmo acontece. Só que eles racionalizaram suas concepções e anularam seus emocionais. Para eles o que prevalece são os sentimentos de quem os solicita, aos quais eles racionalizam e direcionam, pois só assim auxiliarão na evolução dos que deles se aproximaram. Racionalize-se também, neto amado! Isole seus sentimentos íntimos de suas ações e nunca mais será repreendido ou se sentirá diminuído após possuírem parte desse seu mistério.

– Está certo. Vou caminhar um pouco e refletir sobre o que o senhor sugeriu.

– E quanto a esse portal negro? Pretende deixá-lo aberto e para trás nessa sua caminhada?

– Ele já não estava aberto quando até ele cheguei?

– Você sabe de onde saíam as temidas serpentes negras que o procuraram por todo o inferno humano?

– Era através desse portal negro?

– Ainda é, neto desatento. A serpente negra é o polo oposto da serpente do Arco-íris, que por "acaso" é sua serpente encantada. Ou nunca lhe ocorreu que a ausência de cores nela é porque o mistério oculto que existe por trás desse portal negro absorve todas as cores do Arco-íris?

– Agora entendo bem o que o senhor já comentou algum tempo atrás.

– Ainda bem!

– Bom, essas temidas cobras negras aprisionadas pelo mistério oculto aí dentro certamente me "picavam" para chamar minha atenção, porque eu estava distante desse portal. E elas, as já prontas para assumirem algum novo caminho positivo, não tinham outro a quem podiam recorrer. É isso?

– Até que enfim você atinou com uma de suas atribuições, Guardião do Trono da Geração! A quem devemos dar graças a essa sua grande descoberta?

– Vovô, o senhor já está falando como eu falo e, se não atentar para essa minha influência inconsciente, logo se humanizará!

– Só falando de igual para igual você entende o que queremos transmitir. Portanto, trate de desdobrar esse seu mistério da geração e atravesse esse portal negro, pois, ou você retorna aqui, já portando na mão esquerda sua lança negra, ou daí nunca mais sairá, já que aberto em suas costas ele não poderá ficar.

– Por que não, vovô?

– Bom, até aqui ele estava na sua frente e à esquerda, e todas as rastejantes que saíam daí à sua procura entravam no meu campo visual, onde eu as acompanhava o tempo todo e o livrava de ser picado mortalmente ou ser arrastado inconsciente até o mistério oculto que vive do outro lado desse portal. Agora, se você seguir em frente e deixá-lo aberto, então as que saírem, e muitas sairão, já não estarão dentro do meu campo visual. Logo, eu não terei como livrá-lo das traiçoeiras picadas que darão em você, e por trás, o que é muito pior, certo?

– Cobras negras... aí dentro... é isso, não?

– São tantas que o solo está forrado por elas, que formam o chão macio que você pisará e sobre elas caminhará para chegar até o mistério oculto que aí dentro as tem sustentado.

– Quem é o guardião desse mistério oculto, vovô amado?

– Não é guardião, neto apavorado.

– Se não é um guardião... então é uma...

– Guardiã!

– Droga! De novo vou ao encontro de um dos meus medos, vovô?

– É seu medo, certo? Ou você o subjuga racionalmente dessa vez, e neste momento único de sua vida, ou outra oportunidade semelhante nunca mais lhe será concedida pela Lei.

– E o desaparecido Ogum Sete Estrelas deixou com essa guardiã sua lança negra. É isso?

– Não. Cada mistério é um caso em si mesmo. E o desaparecido Ogum Sete Estrelas não podia, não queria, não ousou e não desejou possuir o Mistério Lança Negra, a última de suas lanças e a única que o tornaria imune ao veneno de seus astutos e venenosos irmãos.

– Por que essa lança concede tanto poder a quem a possuir, vovô?

– Bom, ela absorve todas as cores do Arco-íris. E como ela simboliza o Mistério Cobra Negra, também absorve o veneno de todos os outros mistérios "serpentes encantadas" simbólicas.

– Droga, por que ele não ousou possuir esse mistério?

– Se ele tivesse possuído esse mistério, você, que agora é ele renovado no Cavaleiro do Arco-íris, não estaria aqui para possuí-lo, assim como à guardiã cósmica que o guarda.

– Vou ter de proceder com ela como fiz com a Guardiã do Mistério Serpente Rubra?

– Acho melhor você mudar sua forma de agir, pois se aquela é apaixonante, esta é mortífera, e se não for dominada em todos os sentidos, com certeza irá picá-lo por meio do sentido que você não subjugar.

– Foi por isso que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não ousou possuir o Mistério Lança Negra?

– Foi, sim. Ele só conseguiria dominá-la em dois sentidos: o da fé e o da geração. Mas você, que é a renovação dele como Cavaleiro do Arco-íris, poderá dominá-la nos sete sentidos, pois já traz em si mesmo recursos nos sete sentidos. Agora só lhe falta a... bem, você sabe, não?

– O senhor está dizendo que só me falta a coragem, não?

– Ousadia, meu neto! A palavra certa é esta: ousadia!

– Ainda bem. Eu já estava me achando um covarde.

– Não se subestime tanto, neto amado. Covardes são os que, mesmo conhecendo a causa de seus medos, nada fazem para superá-los. Mas ousadia, só os verdadeiros sábios possuem e a ela recorrem quando se deparam com medos gigantescos.

– Medos gigantescos? Entendi corretamente o que o senhor insinuou?

– Entendeu em parte. Ela só cresceu e agigantou-se porque você se diminuiu tanto que até desapareceu do campo visual dela. Ela só cresceu porque precisava se elevar cada vez mais para alcançá-lo visualmente. Você sabe como é difícil para uma serpente o ato de elevar-se acima do nível onde se encontra, não?

– Acho que sei, vovô.

– Mas você também sabe como colocá-la de pé, como ela quer, e também como deitá-la, como você deseja vê-la, não?

– Ousadia... é isso, certo?

– A que só os verdadeiros sábios possuem, pois os ignorantes não ousam nada. Apenas se entregam cegamente aos seus desejos e são escravizados muito facilmente.

– Droga! Não sei por que estou tremendo de medo se, ouvindo-o, tudo parece tão fácil.

– Transforme esse tremor na mais poderosa vibração que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não pôde ativar, meu neto.

– Por que ele não pôde?

– Seu imenso poder havia sido repartido com seus auxiliares diretos, que haviam se enfraquecido assim que entraram no ciclo reencarnacionista. E se ele ativasse o Mistério do Trono da Geração para possuir o Mistério da Lança Negra, nunca a transmutaria na lança cristalina, pois ela estaria toda escurecida pelas manchas negras, que eram seus auxiliares humanizados... e caídos diante dos vícios da carne.

– O que me garante que na minha direita essa lança será cristalina e sem manchas?

– Você, ainda na carne, recolheu todos os mistérios que havia repartido entre seus auxiliares e os concentrou em seu Mistério da Geração.

– Eu fiz isso?

– Fez, mas inconscientemente. E retirou-os daqueles seus irmãos astutos e venenosos, que tudo tentaram para destruí-lo de uma vez por todas.

– Quer dizer que os canalhas que tentaram me matar na carne eram meus ex-auxiliares?

– Os próprios!

– Que vermes safados! Preciso dar uma lição neles, vovô!

– Você já deu.

– Não, senhor. Aquela não foi uma lição. Foi só uma reação inconsciente, sabe?

– Sei. O que pretende fazer com eles?

– Mostrar-lhes que um Ogum nunca morre e, se desaparece momentaneamente, é porque envelheceu no tempo e precisa renovar-se!

– Renovar-se sabiamente, neto amado!

– Claro, vovô. Se uma renovação não primar pela sabedoria não passará de um enxerto. Agora vou mostrar-lhes como age um Ogum!

– Você vai caminhar sobre as serpentes, certo?

– Não, senhor. Antes vou fazer umas coisas que andei aprendendo, sabe?

– Que coisas?

– Vou anular em meus antigos auxiliares e atuais irmãos venenosos os mistérios parciais desse meu Mistério da Geração.

– Se você fizer isso eles não resistirão às fúrias energéticas que se apossarão do sétimo sentido deles.

– Ótimo! Isso faz parte da lição.

– Você não pode fazer isso.

– Por que não?

– Se privá-los desses recursos do seu mistério, os domínios sustentados por eles nas esferas negativas humanas ficarão desprotegidos.

– Não ficarão, vovô. Eu acabei de assumi-los!

– Droga, neto precipitado. O que você está fazendo?

– Estou estabelecendo minha forma de agir nas esferas humanas. Nelas, e na minha faixa vibratória, transformarei o ódio em amor e os gritos de dor e pavor em gemidos de prazer e suspiros de plena satisfação, dentro dos meus mais amplos limites.

– Você enlouqueceu?

– Ainda não, vovô.

– Você sabe o que está fazendo?

– Não, senhor.

– Então por que está fazendo isso?

– Senti vontade de fazer.

– Vontade ou desejo?

– Vontade, vovô. Eu ainda consigo distinguir uma coisa da outra.

– Espero que sim.

– Eu também. Então, o senhor vai ficar aqui ou desta vez entrará comigo?

– Esse é o seu campo. O meu cessa onde o seu se inicia. E assim como não admito que invadam meus campos de ação também não invado os campos alheios.

– Certo. Então terei de cruzar sozinho esse portal negro, não?

– Terá sim. Mas essa sua vontade o sustentará.

– O senhor tem certeza?

– Não vai me dizer que um medo bobo o desequilibrará!

– Não... é claro que não... acho.

– Vamos, mostre a esse seu tatá-avô a fibra e a ousadia que só os Oguns renovados como cavaleiros possuem, neto amado.

– Está certo, vovô. Mas não vou entrar aí desse jeito.

– Se não é desse jeito, então como você entrará?

– Assim, vovô!

Eu desdobrei meu Trono da Geração, ativei seu mistério em todos os meus sentidos e entrei naquele lugar tão escuro quanto o breu. Mas o esplendor irradiante do meu Trono energético e as mil cores irradiadas pelo meu Mistério da Geração clareou-o por completo e o deixava todo iluminado por onde eu passava. E as rastejantes negras, que não passavam de irmãs naturais subjugadas pelos seus negativos e aprisionadas ali pelo Mistério Cobra Negra, iam readquirindo suas antigas formas naturais, muito semelhantes às formas de minhas irmãs humanas.

Quando cheguei diante do Trono cósmico ocupado pela Guardiã do Mistério Cobra Negra, ela já havia se reduzido ao seu tamanho natural. Então ordenei:

– Desça desse Trono, irmã guardiã cósmica.

– Por que eu deveria desocupá-lo se você já vem fugindo de mim e dos meus domínios há tanto tempo?

– Eu recolhi todos os submistérios desse meu mistério maior e agora estou em condições de possuir o Mistério da Lança Negra sem desvirtuá-lo ou maculá-lo com as manchas dos meus antigos auxiliares, aos quais você recorria para amparar suas protegidas.

– Só por isso não desocuparei este Trono, pois se não fosse por ele eu já teria caído nas trevas humanas e sido escravizada pelos vermes que nelas rastejam.

– Você o desocupará e me entregará passivamente o Mistério da Lança Negra porque estou lhe ordenando, irmã cósmica. Ou você desce dele passivamente para que eu possa possuí-lo, ou eu me levantarei e descerei do meu Trono. Só que, se eu fizer isso, você não resistirá ao poder do meu mistério e rastejará aos meus pés implorando para que eu a possua. E aí exigirei muito mais que o mistério da Lança Negra.

– Se você descer desse Trono, eu o atacarei com tanto ódio que o reduzirei a um mísero rastejante, Guardião do Trono da Geração!

– Você não fará isso.

– Por que acha que não farei?

– Eu já assumi seu destino perante nosso divino Criador.

– Com que direito você fez isso?

– Com este, irmã cósmica! – após dizer aquilo, levantei-me do meu Trono e desci dele, ficando em pé e bem de frente para ela, que quase se lançou sobre mim, pois ao arremeter-se em um bote mortal, caiu aos meus pés já com uma aparência humana que eu havia imaginado, idealizado e concebido para ela assumir assim que deixasse seu Trono.

Ela, ao ver-se sem o encanto que a tornava assustadora para quem a via, deu um grito e, assustada, perguntou-me:

– Como você fez isso?

– Olhe para cima e descobrirá no momento que ver meu mistério. Só que, quando você vê-lo, irá desejá-lo com tanta intensidade que se oferecerá e me concederá o que já assumi conscientemente, e que é a posse do seu destino.

Ela levantou a cabeça e finalmente viu o que tanto temia em mim, mas que começou a desejar intensamente.

– A serpente dourada!!! Você a incorporou ao seu Mistério da Geração!

– Foi por isso que as serpentes que você enviou contra mim não me envenenaram. E será com o mistério dela que vou possuir todos os seus mistérios e os da Lança Negra... além dos outros que você conhece e abrirá para mim durante o êxtase do saber que este meu mistério maior oculta no mistério da serpente dourada.

– Eu não posso fazer o que me pede.

– Não estou pedindo, irmã cósmica. Estou ordenando. E se não me atender, olhe bem para o que ainda está atrás do Trono que você ocupava. Elas esperam pela sua submissão total, pois só com isso meu mistério também assumirá o destino delas. E se você não me entregar passivamente seu destino, eu a deixarei assim, aí no solo, e lhe virarei as costas. O que acontecerá com você não preciso dizer, certo?

– Elas voltarão contra mim o ódio que vibram contra você, não?

– Não foi você quem as ativou contra mim? Então experimentará um pouco da dor que tem distribuído aleatoriamente contra quem a tem desagradado.

– Você não pode fazer isso comigo.

– Já fiz. Elas só estão aguardando eu virar-lhe as costas.

– Você tem coragem de fazer isso comigo?

– Tenho. Você voltou contra mim todas as minhas irmãs que deveria ter me entregado passivamente. E, ou você se entrega por inteira e em todos os sentidos a mim ou viro-lhe as costas e largo aqui mesmo seu destino, que já me pertence.

– Eu voltarei a assumir minha antiga aparência, e aí você pagará muito caro pelo que está fazendo.

– Nunca mais você conseguirá plasmar aquela sua antiga aparência, irmã cósmica.

– É claro que conseguirei.

– Olhe para o seu sétimo sentido... ou melhor, sinta-o! Descobrirá que o desejo que você vibrou por milênios, pois desejava possuir os mistérios da serpente dourada, transformou-se no desejo de possuir meu Mistério da Geração. Mas só realizarei esse seu desejo após sua submissão total e a entrega de todos os seus mistérios secundários, além do Mistério da Lança Negra. Decida-se logo, irmã cósmica!

– Você é cruel. Voltou esse seu Mistério da Geração, ao qual não possuo defesas, só para me destronar e apossar-se de meus mistérios.

– Não sou cruel. Apenas sou possessivo. E, se vou assumir seu destino, eu o quero ao meu modo e segundo a imaginei, idealizei e concebi. Decida-se logo!

– Como você me imaginou?

– Como minha serva submissa leal, humilde e obediente em todos os seus sentidos.

– Como me idealizou?

– Como uma mulher belíssima aos meus olhos e tão desejável ao meu Mistério da Geração que me servirá por meio dele em todos os sentidos.

– E como me concebeu?

– Eu a concebi como irmã e companheira leal, e como um par ideal que me acompanhará sempre que o minuto que lhe concedi em minha vida chegar nos seus dias e noites, pois também lhe abri a luz do dia na vida dos seres.

– Por que está me concedendo a luz do dia na vida dos seres se meu mistério realiza-se nas sombras da noite?

– Só conhecendo os mistérios que a luz do dia mostra a todos o tempo todo, você nunca mais reterá em seus domínios as irmãs que deverá entregar-me passivamente de agora em diante. Além do mais, após possuí-la por meio do meu mistério, descobrirá que o que tanto teme e odeia, na verdade é o que mais deseja e ama.

– Eu não conheço o amor, Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– Você o conhecerá por meio do amor que já estou vibrando e que já a está envolvendo em todos os sentidos. Sinta como são agradáveis as vibrações que lhe chegam, irmã amada. Absorva-as e sairá dessa paralisia que a prostrou no chão. Vamos, não tema ficar de frente para o que mais deseja. Levante-se e tome em suas mãos minha serpente dourada. Então a desejará com tanta intensidade que abrirá seus mistérios tão generosamente que nunca mais os fechará para mim, o senhor absoluto de suas vontades e desejos!

– Eu não consigo me mover, meu senhor.

– É claro que pode. Vamos, dê-me suas mãos que a ajudo a pôr-se de pé.

– Eu desaprendi como usar esses membros depois que me apossei dos Mistérios da Lança Negra.

Abaixei-me e ordenei-lhe que olhasse nos meus olhos. Então a subjuguei visualmente e a retirei daquela paralisia que a impedia de mover-se.

– Vamos, estenda suas mãos e acaricie minha serpente dourada. Faça-o sem medo, pois o medo que você sente dela é só um desejo seu que não foi realizado no devido tempo. Mas eu vim até você para que em mim ele se realize.

– Meu senhor, conduza minhas mãos até essa enorme cabeça que verte esse veneno líquido. Eu temo ser anulada por ele! – implorou ela.

Fiz o que ela pediu e pouco depois ela já acariciava minha serpente dourada, ainda que timidamente. Mas pouco a pouco foi perdendo o medo e vi em seus olhos o despertar do desejo. E algum tempo depois ele era tão intenso que ela abraçava minha serpente dourada e a esfregava em todo o seu corpo. Mas eu a controlava para que não absorvesse nenhuma gota do líquido dourado que ela vertia.

– Ordene a ela que inocule esse veneno em mim, meu senhor! – implorou ela, já transtornada pelo desejo de possuir os mistérios de minha serpente dourada.

– Você só o receberá após se entregar passivamente e em todos os sentidos, a mim, o seu senhor em todos os sentidos.

– Eu já sou sua, não sou?

– É. Mas só receberá o que tanto deseja por meio do meu Mistério da Geração, pois é assim que a desejo e quero possuir todos os seus mistérios.

– Assuma-me por inteira e em todos os sentidos, meu senhor. Em nenhum dos meus sentidos encontrará a menor resistência a esse tão desejado mistério maior.

– Abra os seus mistérios para que eu os possua tanto por fora como por dentro.

Ela, já não resistindo mais, abriu-os ao meu mistério maior, que os possuiu em todos os sentidos tanto por fora quanto por dentro, e a dourou da cabeça aos pés, lançando-a em um êxtase tão intenso que perdeu todo o controle sobre si mesma ou sobre seus mais ocultos mistérios, aos quais racionalmente possui, tal como vovô tatá Omolu havia me instruído. E quando a liberei, ela continuou a contorcer-se toda devido ao êxtase que aquela energia líquida dourada lhe proporcionava. Quando ela consumou aquele êxtase prolongado, olhou-se e perguntou-me:

– Eu possuí os mistérios da serpente dourada?

– Não. Eu a tornei beneficiária deles porque você não resistiu e mergulhou em um êxtase muito intenso. Então optei por um meio-termo: você se dourará toda vez que chegar seu minuto nos dias de minha vida e enquanto ele durar você manifestará o mistério que meu mistério maior abriu em seu sétimo sentido, que também foi humanizado e será sustentado por mim de agora em diante.

– Como o manifestarei, meu senhor?

– Olhe à sua volta e compreenderá.

Após olhar, perguntou-me:

– Foi por meio do meu sétimo sentido que você humanizou todas as minhas irmãs?

– Sim. E por seu intermédio meu mistério maior as sustentará de agora em diante e até que elas necessitem do meu amparo e proteção.

– Estou ficando com sono. Eu não posso dormir, senão meus domínios serão invadidos pelos meus inimigos.

– Seus domínios já estão dentro dos meus limites e já assentei à minha esquerda um dos Mistérios da Lança Negra.

– Qual deles você assentou à sua esquerda?

– O da encantada serpente negra. Olhe para o extremo de minha esquerda e a verá quieta e à espera de algum invasor desavisado ou imprevidente.

Após olhar e confirmar, perguntou-me:

– Como você conseguiu isso?

– Quando possuí você, por meio do seu íntimo possuí a encantada negra, que agora está incorporada à minha esquerda e se juntou às outras serpentes encantadas que já assentei. Venha, ajeite-se em meu colo e durma tranquila, pois vigiarei seu sono, que será humano e humanizador dos seus desejos mais íntimos. Venha, acomode-se, pois não posso sair do meu Trono enquanto suas irmãs não despertarem do sono que tanto necessitavam.

Após se ajeitar em meu colo e braços, ela ainda falou:

– Você é bondoso, generoso, amoroso, vigilante, protetor, poderoso, dedicado às suas... e muito desejado por todas nós, suas irmãs cósmicas.

– Sou sim. Agora durma em paz esse sono, único na vida de um ser.

Ela dormiu tão profundamente que só muito tempo depois de todas as suas irmãs já terem despertado é que acordou. E ainda pediu para permanecer mais um pouco ali, abraçada e aconchegada em meu colo.

Eu a instruí sobre como deveria proceder dali em diante e a cobri com uma veste energética toda preta, mas com uma franja dourada que a distinguiria dali em diante de todas as outras guardiãs cósmicas que também se cobriam de preto. E o mesmo fiz com todas as suas irmãs que viveriam ali, naquele meu novo domínio, exclusivo do meu mistério maior.

Aquele domínio exclusivo possuía duas vibrações: na interna, e fechada a todos, ficariam recolhidas as irmãs já humanizadas e as que viessem a sê-lo naturalmente por meio das ligações automáticas que aconteceriam dali em diante com meu mistério curador, já possuidor dos mistérios ocultos na Lança Negra. E na vibração externa ficariam retidas as que ainda não estavam prontas para ser humanizadas.

A absorção dos mistérios guardados por aquela minha irmã cósmica eram tão poderosos e abrangentes que alcançavam as esferas negativas da dimensão humana. E em suas esferas negativas meu mistério também atuaria dali em diante com tanta desenvoltura que mais adiante alguns dos poderosos senhores das trevas humanas se chocariam frontalmente com meu mistério maior e tentariam anulá-lo em mim recorrendo a todos os seus recursos desumanos e desumanizadores.

Naquele momento eu não imaginei que isso fosse acontecer, mas quando começaram os choques frontais sofri golpes tão profundos que, se não fosse o

amparo divino, certamente eu não suportaria tanto ódio vibrado ao mesmo tempo contra mim por tantos seres poderosos. Mas tanto meus irmãos como meus pais, avós e tatás-avós ampararam-me com seus mistérios e recursos mais ocultos e muitos dos desregrados senhores de domínios nas trevas humanas encontraram em mim seus destinos finais: a morte em todos os seus sentidos desumanizados!

Vovô tatá Omolu e vovó Guardiã do Tempo foram alguns dos que não se afastaram de mim um só milésimo de segundo enquanto durou esse choque frontal extremamente violento e perigosíssimo, pois meus domínios eram muito vastos. Mas isso tudo mais adiante revelarei.

O fato é que, quando ia retirar-me daquele novo domínio, aquela amada irmã cósmica começou a chorar, pois achava que partiria comigo. Não foi fácil esclarecê-la de que sua presença ali era indispensável para o reequilíbrio total de suas protegidas, que ali também deveriam permanecer até que eu pudesse reconduzi-las às faixas vibratórias positivas, nas quais se reintegrariam aos domínios dos regentes naturais.

Mas, só consegui fazê-la parar de chorar quando concordei em mostrar-lhe onde eu vivia, e lhe concedi o direto de ir visitar-me nos seus minutos em minha vida. Afinal, até que seria agradável a companhia de tão encantadora irmã cósmica no meu "retiro" espiritual na faixa terra da dimensão humana.

Mas como nem tudo que acontece é porque queremos, já que as vontades superiores estão atuando em nós o tempo todo, eis que, quando atravessamos o portal negro, mas com uma faixa dourada já a distingui-lo, vi vovô tatá Omolu, vovó Guardiã do Tempo, vovô Ogum de Lei e meus pais Guardião Naruê e Beira-mar, todos à minha espera e impacientes com minha demora, pois vovô tatá Omolu foi logo perguntando:

– O que o reteve por tanto tempo atrás desse portal, já não tão escuro, neto amado?

Respondi com outra pergunta:

– O senhor ficou aqui todo esse tempo?

– Você acha que eu iria enviá-lo ao encontro de uma das minhas mais perigosas filhas e abandoná-lo à própria sorte?

– Eu pensava que o senhor havia retornado aos seus domínios, vovô. Desculpe-me!

– Com você não tem outro jeito, neto! Vamos, diga logo por que demorou tanto. E não venha com aquela conversa que ficou vigiando o sono dela, pois sei muito bem o que você costuma fazer enquanto elas dormem em seus braços, certo?

– Vovô, essa é uma característica desse meu mistério, sabe? Ou tudo se realiza como tem de ser ou ele não se desativa. O senhor tem de entender isso. Ele não atua como o do senhor, que é de ação imediata e tudo se realiza em um piscar de olhos.

– O que você sabe sobre meu mistério?

– Nada, oras! Nem sei por que eu disse isso!

– O que aquela musa do conhecimento andou lhe revelando sobre meu mistério?

– Que eu me recorde, nada. Acho que são as chaves que ela me deu que fazem com que eu diga coisas que desconheço, sabe?

– Sei! Mas você ainda não revelou o que fez enquanto vigiava o sono dessa minha filha, já não tão venenosa.

– Bom, já que eu estava por lá mesmo e ia demorar-me um pouco, aproveitei para possuir os mistérios da espada negra, do escuro negro, do... o senhor sabe, não?

– Ainda não. Aquele seu Trono o isola de minha visão.

– Ele isola, é?

– No que você está pensando?

– Nada, nada! É que pensei que o senhor estava protegendo minhas costas, sabe? Mas... o senhor não vai dar um pouco de sua atenção a esta sua filha amada? Acho que ela ficará feliz em abraçá-lo novamente depois de tanto tempo afastados.

– Só farei isso depois que você revelar tudo o que andou possuindo enquanto permaneceu assentado em seu Trono da Geração.

– Por que tanta curiosidade, vovô tatá Omolu?

– Ora, você, caso não saiba, entrou em meus domínios.

– Só entrei porque o senhor ordenou. Eu nem sabia que era o senhor quem o regia. Foi por isso que permaneceu aqui o tempo todo?

– Não foi por isso. A razão principal é porque você entrou nele com seu Trono desdobrado e seu Mistério da Geração ativado. Essa é a razão!

– Bom, se é por isso, então não tem com que se preocupar. Eu só assumi os mistérios daquele Trono negro, sabe?

– Você fez isso?

– Bom, se ele lhe pertence e se sou realmente o neto amado que o senhor escolheu como um de seus herdeiros naturais, então não tem com que se preocupar, não é mesmo? Afinal, ele está em boas mãos, certo? Ou não sou mais um de seus herdeiros naturais e um de seus netos mais amados?

– É claro que você é e sempre continuará a ser... mas aquele Trono negro...

– Continuará sendo regido pelo senhor, vovô. Basta o senhor receber esta sua amada filha, que é a guardiã natural dele, e assentá-la à sua esquerda e assentar-me à sua direita que formaremos um par perfeito, sabe? Terá à sua direita um Trono da Vida e à esquerda um Trono da Morte. Acho que, ao contrário do que lhe pareceu à primeira vista, o senhor não só não perdeu um de seus domínios como ainda acrescentou mais um à sua direita.

– Acrescentei? Como acrescentei se aquele Trono ficava no meu embaixo?

– Sinto muito, vovô. Eu não sabia disso quando assentei a encantada serpente negra à minha esquerda.

– Você também fez isso? Quem lhe deu permissão para assentá-la à sua esquerda?

– Bom, isso não posso revelar, sabe?

– Foi o divino...

– Vovô, com todo o respeito e amor que dedico ao senhor, não vou falar nada sobre quem consentiu que eu fizesse isso. Perdoe-me, por favor!

– Perdoá-lo não é preciso. Eu sei como são essas ações superiores, neto amado.

– Ainda bem!

– Então você disse que a divina mãe da Vida concedeu-me a honra de assentar um Trono da Vida em meus domínios?

– Eu não disse quem ordenou isso, vovô. Não coloque em meus lábios o que não pronunciarei. Não insista em induzir-me a revelar-lhe algo, senão quem lhe concedeu esse Trono da Vida o retirará de seus domínios e ainda me punirá segundo os ditames da Lei dos mistérios.

– Está certo. Eu só o estava testando, neto amado. Acho que você está aprendendo a não revelar o que só você deve saber. Proceda sempre assim e não sofrerá novas punições.

– Ainda bem que era só um teste. O senhor nos assentará agora?

– Já os assentei. Todo um sub nível de minha faixa vibratória já lhes pertence e vocês não só o sustentarão, como serão os responsáveis pelos que estacionarem nele. Agora vou conduzir essa minha amada filha até meus domínios internos para que possa instruí-la bem sobre seu novo campo de ação.

Só então vovô tatá Omolu voltou seus olhos para aquela minha irmã guardiã cósmica e, quando a viu por inteiro, perguntou-me:

– Como é que esse seu mistério consegue fazer isso com suas irmãs?

– Isso o quê, vovô?

– Deixá-las desse jeito, ora. É você quem as imagina assim?

– Assim como?

– Assim, ora! Nunca vi nenhuma de minhas filhas ou netas com uma aparência tão bela, meiga, suave, doce, encantadora, e não sei mais o quê. É você quem a imaginou assim?

– Não tão bonita assim, sabe? Mas sempre acontece algo que não sei explicar, e aí tudo acontece.

– Como isso acontece?

– É de dentro para fora. Não dá para ver como acontece. Acho que é uma reação natural... penso!

– Entendo. De dentro para fora, certo?

– Isso mesmo. Mais alguma coisa, vovô amado?

– Não. Qualquer dia descubro o enigma desse seu mistério. Sim, isso ainda descobrirei!

– Tenho certeza disso, vovô.

Vovô tatá Omolu ainda olhou mais uma vez para aquela sua filha, totalmente mudada, antes de conduzi-la aos seus domínios internos. Só que ela, antes de seguir com ele, olhou-me e perguntou:

– Posso mesmo ir com meu amado pai tatá Omolu?

– Não só pode como deve, irmã amada. Tenho certeza de que um novo campo será aberto a você nos domínios mais ocultos dele, sabe?

Antes de desaparecerem, vovô olhou para o exterior do meu mistério e murmurou: ainda penetrarei no interior desse mistério e descobrirei como isso acontece!

Assim que eles desapareceram, meu pai Guardião Naruê, que a tudo observara, comentou: agora sim, ele tem com quem usar seu imenso e ancestral saber! Esse enigmático mistério já o possuiu e ele ainda não percebeu!

– Você tem certeza, irmão amado? – perguntou-lhe meu pai Guardião Beiramar.

– Absoluta. Ele nunca precisou olhar duas vezes para um mistério para penetrar nos seus segredos mais ocultos. Isso é um sinal evidente de que esse mistério já o possuiu e ele só consegue ver o exterior dele. Ou não é isso que acontece com alguém quando é possuído por um mistério que vive a se mostrar aos nossos olhos?

– É isso mesmo. Enquanto observamos o que ele quer que vejamos, o que ele oculta começa a nos possuir e daí em diante só conseguimos ver o que desejamos ver nele, mas nem nós sabemos que desejamos ver. Vovô tatá Omolu até já fala com esse enigma de forma humana!

– É, eu notei isso. Será que com ele aconteceu o mesmo que já havia acontecido conosco há muito tempo?

– Eu não tenho dúvida. Esse mistério é o mais possessivo que já encontrei até hoje. Se bem me lembro, aquela guardiã cósmica era intratável e até para aproximar-me dela exigia uma certa cautela. Mas agora, se não me enganei, mil vezes mais cauteloso terei de ser, senão ela fará comigo o que esse enigma já fez: irá me tornar seu guardião, e sem me pedir!

– Tenho certeza que toda a cautela será pouca no trato com ela de agora em diante. Essas guardiãs cósmicas, quando mudam, tornam-se verdadeiras fascinadoras dos mais elementares instintos.

Eu ouvi aquilo e perguntei:

– O que os senhores viram nela que não percebi?

– Você não se sentiu fascinado pela beleza dela? – perguntou-me meu pai Naruê.

– Não, senhor. Já vi outras irmãs cósmicas até mais atraentes e bonitas.

– Melhor assim, meu filho! Ser fascinado por uma guardiã cósmica costuma ser desagradável.

– O senhor precisava ver a regente dela. Outra igual só a Guardiã do Trono dos Desejos!

– Você a olhou nos olhos?

– Olhei.

– E não lhe aconteceu nada?

– Comigo não. Mas acho que ela ficou meio encantada com esse meu mistério.

– O que significa ficar meio encantada, filho?

– Bom, acho que é não conseguir deixar de olhá-lo com desejo.

– E ficar toda encantada, o que significa?

– Bom, aí é conceder-me a realização do desejo que costuma incomodá-la, que é o encanto completo.

– Se ela não lhe conceder a realização do desejo, o incômodo não cessa?

– Não, senhor.

– Mesmo que seja poderosíssima e tenha muitos recursos aos quais pode recorrer para tentar anular esse seu mistério?

– Não se trata disso, sabe? Quando alguém olha para ele, não vê nele nada mais que o que deseja. E ele, que é gerador de energias que realizam os desejos, já começa a gerá-las e a acumulá-las. Então, se quem desejou possuí-lo não realizar seu desejo, um vazio vai se formando no seu íntimo e vai paralisando-o até que se imobiliza por completo.

–Você sabe por que isso acontece?

– O senhor se lembra da musa dos conhecimentos?

– Lembro-me, sim.

– Pois é, ela me falou que essa é uma autodefesa desse meu mistério.

– Que tipo de autodefesa?

– Não entendi direito, mas acho que ela disse que, se alguém que o desejou não colher dele as energias que suprirão suas carências energéticas despertadoras do desejo, também deixará de desejar qualquer outra coisa e se paralisará na mesma proporção com que o desejou.

– Você tem certeza de que é isso que acontece?

– Agora tenho.

– Por que só agora você tem essa certeza?

– Bom, eu testei com essa guardiã cósmica filha do vovô tatá Omolu. Ela vinha desejando possuir o mistério da serpente dourada há vários milênios. Como ele é um dos mistérios da serpente do Arco-íris, então me levantei do Trono da Geração e a deixei visível bem diante dos olhos dela. A reação foi imediata: ela se lançou sobre minha serpente dourada e caiu no vazio que lhe falei, já imobilizada, pois ainda que não soubesse, já estava paralisada há muito tempo. A não realização de seu maior desejo fez tudo aquilo com ela, sabe?

– Sei...

– Bom, acho que já ocupei muito do seu tempo, não?

– O que vai fazer agora, meu filho?

– Acho que vou seguir um pouco mais nesse caminho que estou. Talvez encontre outros portais iguais a este que eu tanto temia. Agora tenho certeza de que quem eles ocultam está desejando possuir esse meu mistério há muito tempo. Logo, vou até eles e lhes concederei a realização do desejo que está paralisando-os desde que o Trono da Geração adormeceu.

– Você não teme mais o que eles ocultam?

– Temo. Mas descobri que, se eu desdobrar meu Trono e ativar meu mistério gerador, torno-me imune à dor que aguarda quem os ultrapassa e a transformo no mais puro dos prazeres: o prazer da satisfação de finalmente possuírem o mistério que anula as dores da ausência da satisfação pessoal! Sem essa satisfação, as vontades maiores não conseguem fluir naturalmente em nosso íntimo, sabe?

– Sei sim, meu filho. Quando você descobriu isso?

– Bom, minha mãe e senhora Guardiã das Pedreiras já havia me alertado sobre isso e confirmei com essa minha irmã guardiã cósmica. Aquela senhora dela, que já comentei, há muito vinha manifestando no íntimo dela a vontade de vê-la atuando em um novo campo à esquerda dentro dos domínios de vovô tatá Omolu. Mas sua insatisfação íntima bloqueava o fluir natural da vontade, que é uma manifestação superior. Então bastou a realização do desejo que ela vibrava de possuir o Mistério da Serpente Dourada, que a vontade começou a fluir naturalmente. Vovô tatá Omolu abrirá a ela um vasto campo de atuação, sabe?

– Ainda não sei, meu filho. Que campo será?

– Bom, agora que ela possui o Mistério da Encantada Dourada, recorrerá a ele para atuar em dois polos energéticos. Ela tem um polo negativo em si mesma e tem em meu mistério seu polo positivo, que a sustentará de agora em diante, esteja ela onde estiver!

– Foi isso que aconteceu com aquelas minhas filhas? – perguntou minha amada vovó Guardiã do Tempo.

– Foi, vovó. Eu nunca as possuí realmente, ou a quem quer que seja, sabe? O único possuído tem sido esse meu mistério, que traz em si tantos recursos que nem consigo imaginar quais ou quantos são. E só ficarão ligados a ele quem ainda possuir deficiências energéticas ou polaridade negativa no sétimo sentido.

Os primeiros, assim que alcançarem o reequilíbrio energético e emocional que lhes proporcionará a satisfação pessoal, terão os cordões rompidos e seguirão adiante. Já com os segundos, meu mistério será um ponto de forças que absorverá as energias negativas geradas em seus sétimos sentidos de polaridade negativa, e os inundará de energias positivas, desparalisando-os e abrindo-lhes outros campos, onde não só atuarão, como retomarão suas evoluções naturalmente, não mais vibrando insatisfações em seus polos negativos.

– Demorou um pouco para você entender o que tentei dizer-lhe o tempo todo, neto amado. Como demorou!

– Sinto muito se a fiz sofrer, vovó. Foram tantas coisas acontecendo comigo ao mesmo tempo, que eu não pensava em outra coisa senão ocultar esse meu mistério ou sentir-me incomodado por ser seu manifestador natural. Finalmente descobri como o mistério curador quer se manifestar em mim.

– Esse mistério pertence ao seu pai maior Obaluaiê, meu neto amado.

– Agora eu sei, vovó. Eu sou um manifestador natural dele em todos os meus sentidos e me vi coberto pelas suas vestes simbólicas quando atuei por meio dos meus sentidos da fé e do amor. Só que também desejava cobrir-me quando

as curas aconteciam por meio de meu sétimo sentido. Por isso eu sofria enquanto tentava cobri-lo inconscientemente. Eu sentia vergonha de ser um curador tão diferente de todos os outros. Mas curadores nos outros sentidos, o mistério curador de meu amado pai maior Obaluaiê já possuía. O que de mim ele queria era que eu assumisse o mistério curador e o deixasse manifestar-se e fluir energeticamente por meio do meu sétimo sentido, já que eu tanto sou o desaparecido Ogum Sete Estrelas quanto o desaparecido Trono da Geração em um só ser e ocupando o mesmo espaço espiritual, dentro do qual meu amado pai maior Obaluaiê também se manifesta. E se posso curar por meio de todos os meus sentidos, no entanto por meio do sétimo ele faz com que flua seu mistério maior que é o de acelerar a evolução dos seres paralisados por "doenças" nos seus sétimos sentidos. É nesse meu sentido que está meu mistério maior e é nele que meu amado pai curador das doenças que paralisam as evoluções me deseja atuando com mais intensidade. E se essa é a vontade dele, que em mim ela se manifeste do modo mais natural que me for possível!

– Você já consegue identificar todas as vibrações que lhe chegam de todos os níveis vibratórios?

– Sim, senhora. São manifestações de vontades maiores que, por estarem fluindo por meio do íntimo de quem as manifestam, chegam a mim como vibrações de desejo de possuírem esse meu mistério e retirarem dele os recursos que precisam para acelerarem a evolução dos seres que deixaram de evoluir em suas faixas vibratórias porque padecem de "doenças" múltiplas em seus sétimos sentidos.

– Como fará para lhes conceder esses recursos, neto amado?

– Não farei nada, vovó. Que cada um os recolha como achar melhor ou da forma mais satisfatória para o íntimo deles, pois sem essa satisfação a posse do meu mistério maior será um ato de submissão a ele... e a mim. E não é isso que desejo, sabe?

– Agora sei, neto amado.

– Perdoe-me se a fiz sofrer. Eu não sabia o que a senhora queria, nem sabia lidar com esse meu mistério por ele ser como é e manifestar-se tão ostensivamente quando surgia diante de mim quem eu devia curar. Perdoe-me, se lhe for possível.

– Esse é seu maior desejo nesse momento?

– Sim, senhora. Eu falhei quando não entendi que o desejo que irradiavas era a manifestação de uma vontade divina. Entendi como o desejo de possuir esse meu mistério maior e anulá-lo, transformando-me no neto que já não sou mais.

– É claro que você já não é o neto que me acostumei a amar e proteger. Você cresceu e eu só queria que amadurecesse o suficiente para que eu novamente pudesse chamá-lo de meu irmão, e como irmã do seu coração, poder devolver-lhe a lança cristalina que um dia, em um passado já muito distante, um encantador Ogum Sete Estrelas pediu-me para guardar, pois ia adormecer na carne o mistério que guardava com seu Mistério Sete Estrelas.

– Por que ele teve de fazer isso, vovó amada?

– Os auxiliares dele haviam encarnado e, por serem Guardiões Auxiliares dos Mistérios do Trono da Geração e terem se desvirtuado, estavam paralisando-o e limitando cada vez mais seus campos de atuação.

– Sempre ouço a mesma história, vovó.

– Outra, se existe, pertence aos níveis superiores, neto amado. Só os sagrados regentes planetários a conhecem. E quando você ouvi-la, uma outra haverá, mas estará guardada em um nível ainda mais elevado. E assim será por todo o sempre, pois se isso aconteceu ao desaparecido Ogum Sete Estrelas, foi só uma vontade manifestada pelo divino Criador. Aceite-a naturalmente e descobrirá em si mesmo o mistério que mais nos atrai em você.

– Que mistério é esse, vovó Guardiã do Tempo?

– O que agora você já é em si mesmo: um gerador de lindas, multicoloridas e encantadoras Estrelas da Vida, da Fé, do Amor, do Conhecimento, da Lei e da Justiça.

– São só seis estrelas, vovó. Qual é a sétima que ainda me falta?

– É a da evolução, que você está prestes a conquistar.

– O que preciso fazer para conquistá-la?

– Você já aceitou esse seu mistério e o tem como um mistério curador. Consagre-o ao divino Criador como já consagrou a si mesmo e sua sétima estrela, a cristalina, brilhará em seu peito!

Eu ajoelhei ali mesmo e clamei:

– Pai divino, a Ti conscientemente me consagrei em espírito quando ainda vivia na carne! E se essa for tua vontade, a Ti consagro este Seu mistério, que por meio de mim está se manifestando. Que Tua vontade prevaleça sobre meus desejos, e que quando eu não tiver condições de distingui-la dos meus desejos, que ela, Tua vontade divina, manifeste-se por meio dos meus desejos! Que esse meu mistério só se ative diante de alguém se for para desparalisar e acelerar a evolução de seus filhos e filhas, que são meus irmãos e irmãs. E cada um colha nele só o que precisar, nunca o que eu deseje conceder-lhes. Que sempre prevaleça essa Tua vontade divina, pois só ela transformará meus mais íntimos desejos em manifestações de puro amor, que é o êxtase que só a satisfação íntima nos proporciona. Que assim seja comigo por todo o sempre!

Bem, meu clamor foi ouvido pelo meu divino Criador e fui possuído por um de seus mistérios, que me envolveu por inteiro e em todos os sentidos, alterando toda a minha vibração íntima. E quando aquela manifestação terminou, em meu peito já brilhava minha sétima estrela: a Estrela Cristalina!

Mas com ela também recebi uma veste que cobriu meu corpo. Era semelhante à veste branca que eu usara nos tempos em que era um médium de Umbanda.

Sim, senhor! Era calça, camisa e sapatos, todos brancos, branquíssimos mesmo!

Eu me olhei e lágrimas quentes correram de meus olhos, de tanta alegria que senti por ver novamente meu corpo coberto com a veste que mais me agradava. Ela era feita de uma energia tão diferente que fiquei passando as mãos nela só para senti-la melhor.

Meu amado vovô Ogum de Lei olhou-me nos olhos e perguntou:

– Neto do meu coração, você gostaria de assentar-se à minha direita e assumir seu grau de Guardião das Sete Estrelas da Vida?

– Este é meu grau?

– No Mistério Guardião Ogum da Lei este é seu grau, meu filho. Honre-o com o que possui de melhor: seu humanismo!

– Obrigado, meu amado senhor Ogum de Lei!

– A partir de agora todo o nível vibratório regido pelo Mistério Ogum de Lei abre-lhe seus domínios, tanto os abertos quanto os fechados, para que neles você atue com seu mistério curador do sétimo sentido da vida.

– O senhor está abrindo todo o nível vibratório regido pelo seu mistério?

– Todo, meu filho. Chame-me de pai de agora em diante e até o dia em que me chamará de seu irmão Ogum de Lei, pois em verdade é isso que todos nós somos: irmãos diante de nosso pai maior e nosso divino Criador. Venha! Abrace-me com esse seu amor de filho!

Eu o abracei tão calorosamente que ambos ardemos nas chamas do amor que vibrávamos um pelo outro. Quando nos separamos, eu já o havia renovado e ele já havia me amadurecido no seu Mistério Guardião da Lei.

Depois fui abraçado pelos meus pais Guardião Beira-mar e Guardião Naruê. E por fim minha amada vovó Guardiã do Tempo, não se contendo mais, perguntou-me:

– E eu? Não vou ser contemplada com um abraço tão caloroso como esse que meus irmãos já ganharam?

– Era esse o neto que a senhora tanto desejava ver diante de seus olhos?

– Era. Mas acho que você amadureceu tanto que já não sei se é o neto, o filho ou o irmão que um dia me confiou a guarda de sua lança cristalina.

– Bom, eu a amo e respeito como minha amada vovó Guardiã do Tempo. Amo-a e adoro como minha amada mãe Guardiã do Tempo, e a venero e amo como minha senhora Guardiã do Tempo. Escolha por qual desses amores deseja que eu a abrace, celestial Guardiã dos Mistérios do Tempo.

– Só sentindo os três saberei qual deles me agradará mais. Por que não me abraça com o amor que mais o satisfaz?

– Alguém consegue optar por um quando tem em si mesmo tantos amores?

– Acho que não.

– Então eu a abraço com meu mais puro amor.

– Que amor é esse?

– O amor de minha fé. Renove-se nesse meu amor, amada vovó que nunca me desamparou e sempre me sustentou.

Quando a abracei, meu corpo ardia em chamas douradas, e em dado momento ela me perguntou:

– O que esse seu fogo vivo está fazendo comigo e em mim?

– Acho que ele está amoldando-a segundo a imagino, idealizo e concebo. É algo que não consigo conter!

– Eu sei. Também já o vejo como o idealizei e concebi. Só não imaginava que ficaria tão encantador aos meus olhos. Acho que agora você está pronto para assumir meu polo negativo, que seu mistério já possuiu muito tempo atrás.

– A senhora deseja abri-lo ao meu mistério?

– Já o abri. Assuma-o, Cavaleiro do Arco-íris Divino!

– Esse é meu grau em seu polo negativo?

– Não só nele. Em todos os domínios do Tempo você possui esse grau celestial, pois essa é a vontade de nossa mãe maior Oiá. Vamos, recolha sua lança cristalina, meu Cavaleiro do Arco-íris. Ela voltou aos domínios de seu legítimo dono, sabe?!

– Sei. Eu a sinto poderosíssima, mas não consigo sustentá-la.

– Só quem portá-la pode penetrar em meu polo negativo. Outras lanças não resistiriam ao turbilhão energético que existe atrás do portal de acesso a ele. São domínios tão amplos e tão vibrantes que ninguém consegue entrar neles facilmente. E quem entrou sem portar uma lança cristalina, neles ficou aprisionado para sempre ou foi anulado.

– Entendo. Os domínios que seu polo negativo rege devem ser extremamente perigosos.

– São sim. Muitos já tentaram possuí-los, mas, na verdade, estavam indo ao encontro de seus destinos finais. Vamos, levante sua poderosíssima lança cristalina, que está com a ponta voltada para baixo, e aponte-a para o meu polo negativo no Tempo. Então irradie com ela e possua-o com todo o vigor, força e poder de seu mistério maior e subjugue-o tanto à sua vontade quanto aos seus desejos, pois, se conseguir possuí-lo, todos os domínios cósmicos do Tempo se abrirão a você no instante seguinte e precisará de todo o vigor, força e poder que possui para sustentar essa sua lança cristalina com a ponta voltada para o alto.

– Sim, senhora. Mas ela é tão poderosa e eu sei tão pouco sobre ela que acho que posso errar e apontá-la para outro ponto que não seu polo negativo.

– Isso não pode acontecer. A precisão tem de ser absoluta. Esse meu polo não tem dois acessos energéticos. Ou você a posiciona corretamente ou o fluxo energético resvalará em meu polo negativo e alcançará algum lugar ainda desconhecido na dimensão atemporal regida pelo divino Trono do Tempo.

– Essa lança cristalina é tão poderosa que meu mistério maior ativou todas as suas fontes energéticas e não estou conseguindo levantá-la para poder posicioná-la corretamente.

– Eu o ajudo. Você mentalmente a levanta, pois isso só você pode fazer. E assim que dominá-la mentalmente, daí em diante só com a mente a direcionará. Lembre-se de que ela sempre foi sua, assim como os mistérios e poderes ocultados em seu interior. Logo, você possui todos os recursos para levantá-la só com o uso da mente.

– Um bloqueio emocional está travando o fluxo mental que a levantaria, vovó.

– É esse seu amor de neto. Ele o impede de ver meu polo negativo como o da poderosa, vigorosa e ocultíssima senhora Guardiã do Tempo. Recolha ao seu íntimo esse seu amor de neto para que ele deixe de bloquear sua mente.

Após fazer o que ela ordenara, minha mente continuou bloqueada. Então ela ordenou que eu recolhesse meu amor de filho. O bloqueio diminuiu, mas não desapareceu.

– Recolha esse seu amor de irmão que ele desaparecerá. Vamos, você consegue isso!

– Sem minhas vibrações de amor esse meu mistério maior não gerará as energias que sustentarão essa minha lança cristalina de pé, minha senhora Guardiã do Tempo.

– Por quê, se ele é um gerador natural dessas energias?

– Ele é um mistério da vida. E a vida sem amor não é vida.

– O que é, para você, a vida sem amor?

– Somente instintos sustentando a sobrevivência dos seres. Eu não quero sustentar essa lança da vida com meus instintos. Ou ela atua sustentada pelo meu amor ou nunca vivenciarei seus poderosíssimos mistérios como manifestações de amor à vida. A minha inclusive, entende? Para mim o amor é ponto de honra! Ou tudo o que faço é sustentado por esse sentimento virtuoso ou me sinto tão venenoso quanto meus irmãos astutos.

– Ser assim só o enobrece ainda mais aos meus olhos. Você se lembra dos incontáveis filhos que seu mistério assumiu quando você visitou as dimensões elementares básicas?

– Como poderia esquecê-los? São meus filhos amados, e aos quais meu mistério vem dando sustentação energética desde que assumi a paternidade deles.

– Então recorra ao seu amor paternal para levantar essa lança cristalina, Cavaleiro! Eles o adotaram inconscientemente porque sentiram em você algo que até você desconhece sobre si mesmo. Retire do seu íntimo esse algo que eles sentiram e não só levantará mentalmente essa poderosíssima lança cristalina como também a direcionará corretamente para o meu polo negativo. Então o possuirá e nele se assentará como senhor de um vigoroso, forte e poderoso mistério, Cavaleiro!

– Santo Deus! Por que esse bloqueio? Por que sinto seu polo negativo tão fechado? Por que só vislumbro uma abertura tão estreita que impedirá a passagem do gigantesco fluxo energético que sinto que essa lança irradiará assim que for levantada?

– O único acesso do meu polo negativo já vem se fechando há milênios. Cada vez que algum de seus irmãos ancestrais tentou possuir meu polo negativo e falhou, mais um pouco ela se fechou. Eu facilitei ao máximo para eles, mas todos falharam, pois, além de suas lanças não serem cristalinas, faltava a eles o amor paternal, que é o único que se sustenta na linha do Tempo e nunca cessa suas vibrações ou as tem diminuídas. Eu tentei abri-lo para os senhores dos mistérios

das outras lanças, pois meu polo negativo se ressente por não ser possuído pelos mistérios do Mistério Lança do Amor e da Vida. Você não imagina como tem sido difícil viver sem esse mistério atuando intensamente nos vastos e profundos mistérios ocultados por trás dessa pequena e contrita abertura do meu polo negativo.

– Todos os portais que cruzei eram amplos, sabe? Mas esse do seu polo negativo está tão fechado que nem a ponta dessa lança passa por ele. O que dizer então do poderoso fluxo que ela irradiará? A maior parte resvalará e se perderá para sempre em domínios inimagináveis.

– Você é minha última esperança de ter os Mistérios da Lança do Amor e da Vida atuando não só no meu polo negativo, como em todos os polos cósmicos do Tempo. E todos eles estão ressentidos e contritos por não poderem recorrer aos vigorosos, fortes e poderosos mistérios do Mistério das Sete Lanças do Amor e da Vida. Esse mistério, que é um dos mistérios de seu pai maior Oxalá, cujo guardião divino é seu pai maior Ogum, foi confiado a você para que o resgatasse e o reunisse em si mesmo, incorporando-o ao seu mistério maior. Foi por isso que você encarnou, servo do senhor Ogum maior!

– Está dizendo que esse mistério havia se perdido na dimensão humana?

– Sim. Vinte e um guardiões de nível intermediário foram enviados à dimensão humana para humanizarem o Mistério Sete Lanças do Amor e da Vida, assim como outros grupos de guardiões encarnaram para humanizar os Mistérios das Sete Lanças da Lei e da Justiça, da Fé e da Vida, da Fé e do Amor, do Conhecimento e da Fé, etc., perfazendo 77 mistérios intermediários o divino Mistério Sete Lanças guardado pelo seu pai maior Ogum, que é o guardião divino dos mistérios do seu pai maior Oxalá.

– Não pare. Conte-me tudo, pois finalmente estou chegando à chave desse enigma que sou.

– Não tenho muito a dizer-lhe. O que sei é que seu pai maior Ogum entregou-lhe 21 lanças para que você as entregasse a 21 guardiãs, que as ocultariam dentro de seus mistérios maiores. E à medida que você, já na dimensão humana, foi anulando-as em seus irmãos desumanizados e desumanizadores do virtuosíssimo Mistério Sete Lanças do Amor e da Vida, foi purificando as lanças das irradiações negativas de dor e ódio que eles despertaram quando recorreram a elas de forma desumana e até bestial.

Uma lança é um símbolo sagrado que serve para amparar e proteger, nunca para subjugar e escravizar. Mas todos os 21 portadores dos mistérios parciais do Mistério Sete Lanças do Amor e da Vida se desvirtuaram e começaram a usá-las de forma desumana e desvirtuadora para escravizar e subjugar a quem eles as apontavam.

Muitos servos do seu pai maior Ogum foram enviados à dimensão humana para reumanizar os Mistérios Sete Lanças. E você, o desaparecido Ogum Sete Estrelas, é mais um deles, meu amado irmão.

– Como aconteceram essas desumanizações?

– Você ainda se lembra do que fizeram com o Mistério Exu na dimensão humana?

– Lembro-me. Uns ensinavam que Exu servia para matar, para afundar a vida das pessoas, para amarrar, para trancar, para quebrar, etc., etc., etc., quando nós sabemos que Exu é um mistério neutro, que, se for corretamente ensinado, se mostrará aos nossos olhos como um mistério muito humano. Eu tentei humanizar o Mistério Exu, já até certo ponto desumanizado pelos meus irmãos e irmãs astutos e venenosos encarnados, pois em vez de ensinarem que Exu é neutro mas pode ser direcionado para o polo positivo do meu pai Ogum maior, onde se humaniza, preferem desumanizá-lo e torná-lo assustador. Eu tentei, até onde me foi possível e permitido, humanizar o Mistério Exu, sabe?

– Eu sei, irmão amado. Eu acompanhei você de perto e vi os esforços intentados nesse sentido. Saiba que o Trono Guardião do Mistério Exu tem você no grau de um dos mais dignos Guardiões do Mistério Exu. Saiba que nos domínios dele você já é tido como um senhor no Mistério Cósmico Exu. E tem o reconhecimento de todos os senhores Exus Guardiões dos mistérios intermediários do mistério maior Exu.

Todos os 21 guardiões divinos já reservaram para você 21 graus às suas diretas. E assim, quando você desejar, assentará à esquerda deles seus irmãos que se redimirem aos olhos da Lei Maior e desejarem reiniciar suas humanizações, já que falharam.

– Eu fiz muito pouco pelo Mistério Exu. Alguns dos meus irmãos umbandistas preferiam ver em Exu um recurso ao qual recorriam para fins negativos.

– Saiba que para a Lei Maior o que importa é a qualidade e não a quantidade das sementes que semeamos. Sementes ruins darão frutos que desagradarão a todos. Mas sementes boas darão bons frutos. E ainda que só uns poucos venham a servirem-se deles, jamais os refutarão, os lançarão de volta à terra ou os esquecerão. Com o conhecimento o mesmo ocorre, irmão semeador de bons frutos para seus irmãos e semeador de bons conhecimentos para a Umbanda.

Lembre-se sempre disso e nunca se preocupe com a quantidade. Prime sempre pela qualidade, pois só as boas semeaduras trazem em si a imortalidade e a autorrenovação através dos tempos.

A má semeadura só viceja uma única vez porque as sementes que ela gerará serão tão ruins que ninguém desejará colhê-las os guardá-las junto de suas sementes boas.

– Acho que vi isso acontecer no pouco tempo que vivi a Umbanda. Os maus semeadores surgiam e logo desapareciam, sem ao menos olharem para trás. Logo se ocultavam no interior fechado de alguma outra religião, quando então davam continuidade às suas más semeaduras e transformavam os púlpitos, que são sagrados, em profanas tribunas das quais vilipendiavam os Sagrados Orixás e desumanizavam de vez o Mistério Exu.

– Eu sei disso, irmão amado. Nos domínios do meu polo negativo, estão retidas pela Lei tantas falsas semeadoras religiosas que, quando você abrir essa

pequena passagem para possuí-lo, vai se admirar com as que encontrará. Até da Umbanda meu polo negativo já aprisionou más semeadoras dos Mistérios Orixás. Mas muitas das irmãs que encontrará pertenciam a outras religiões, e também foram más semeadoras das verdades divinas pregadas por suas doutrinas.

Vamos, não tema possuir meu polo negativo. Imante essa sua lança cristalina com seu mistério curador e cure todas elas! Cure-as e transforme-as em boas semeadoras dos mistérios da fé, do amor e da vida! Vamos, faça por elas o que vi você fazer com as minhas filhas que lhe enviei.

– Aquilo a desagradou, vovó.

– O que me desagradou não foi o que você fez, mas o que deixou de fazer.

– O que foi que deixei de fazer?

– Deixaste de olhar-me de frente e ver em mim não a temida Guardiã dos Mistérios do Tempo, mas sim a generosa paralisadora de incontáveis maus semeadores dos Mistérios da Fé. Saiba que os maus semeadores da fé são os mais difíceis de serem contidos, sustentados e amparados, pois creditam para si mesmos, como créditos divinos, os débitos contraídos diante da Lei Maior. E por causa disso se julgam injustiçados e desamparados pela justiça divina.

Saiba que em meu polo negativo ainda estão retidas muitas semeadoras da fé, de eras anteriores à cristalina, que você já conhece parcialmente. Elas já estão retidas nele há tanto tempo que se paralisaram em todos os sentidos e se petrificaram no Tempo.

– Então, é por isso que vejo a passagem ao seu polo negativo tão perigosa quanto os cacos do meu antigo cinturão de defesa. Ela está toda petrificada!

– É isso que está bloqueando sua mente?

– Em parte é.

– Você desconhece o poder desse seu mistério maior. Saiba que, se você mentalizar esse estreito portal e imaginá-lo, idealizá-lo e concebê-lo segundo suas mais racionais noções de como deva ser um portal que deverás cruzar, sempre que meu polo negativo solicitar uma ação dessa sua lança cristalina, no mesmo instante ele se mostrará aos seus olhos como um dos portais menos perigosos.

– Entendo.

– O que mais ainda está bloqueando sua mente?

– O medo. É ele que está bloqueando, sabe?

– Por quê?

– Eu conheço muito pouco sobre meu mistério ou sobre essa lança cristalina. E temo não ser capaz de recolhê-la e usá-la corretamente quando apontá-la para esse portal de acesso ao seu polo negativo ou a todos os outros, que já vislumbro nos domínios celestiais da minha mãe maior Oiá. A senhora sabe muito bem que ela rege os polos negativos dos Mistérios da Fé. Eu temo dar a essa lança um uso profano quando ela espera que eu dê a ela um uso sagrado.

– Esse é seu maior medo?

– Sim, senhora. Conheço tão pouco sobre os mistérios que nunca tenho certeza se estou recorrendo a eles de forma sagrada ou profana.

– Foi por isso que você se isolou na dimensão humana?

– Sim, senhora. Aqui sou tão humano como todos os seres humanos. E, sendo humano, a eles recorro de forma humana, pois aí eu sei que, mesmo que o modo como os uso seja humano, no entanto a vontade que me move e me sustenta é divina.

– Tem sido difícil lidar com essa incerteza, não?

– Muito.

– Saiba que foi por causa dela que o divino Oxumaré induziu-o a recolher-se na dimensão humana. Nela suas incertezas seriam menores e você não vibraria o medo de estar errando, quando na verdade só estava agindo como você se sentia nas dimensões naturais: um ser humano! Um ser encantadoramente humano!

– Eu não sabia disso e temia cometer um erro irreparável.

– Foi essa sua preocupação que o habilitou a tornar esse seu mistério um mistério curador, a conquistar sua sétima estrela e a descobrir-se como o servo que seu pai Ogum maior ungiu como o celestial Guardião do Mistério Sete Lanças do Amor e da Vida. Todos os que se preocupam com o uso dos mistérios e só aceitam usá-los corretamente estão se habilitando diante dos senhores deles. Mas quem já foi ungido pelos senhores deles e não recorre a eles por temor, estes não estão se mostrando merecedores.

– Santo Deus! Como devo recolher essa lança cristalina tão poderosa e usá-la de agora em diante se temo cometer um erro irreparável?

– Como você se sente?

– Como um ser humano.

– Então recolha-a de forma humana, oras! Você tem suas mãos, não?

– Tenho, sim.

– Recorra a elas, recolha sua lança cristalina e depois a aponte para o portal de acesso ao meu polo negativo. Mas lembre-se de que você pode mentalizar um novo portal e torná-lo tão belo e atraente que nunca mais ele o assustará quando tiver de cruzá-lo. No entanto, terá de levantar essa lança com todo o vigor, força e poder gerador desse seu mistério, pois terá de irradiar muitas energias para despetrificar e desparalisar seres retidos nele há tanto tempo que até a Senhora do Tempo já não se lembra mais quem eles eram ou foram. Ela só os reconhecerá novamente como filhos se você humanizá-los tanto quanto humanizou aquelas duas minhas filhas que ela me ordenou que lhe confiasse para ver se você já estava apto a lidar humanamente com os mistérios mais impenetráveis e gélidos, nos quais o Tempo recolhe, ampara e sustenta os seres paralisados por eles.

– Foi ela quem lhe ordenou que as confiasse ao meu Mistério Curador?

– Foi.

– E ela aprovou o que fiz por e com elas?

– Você foi aprovado em todos os sentidos. Agora recorra às suas mãos humanas e levante essa lança cristalina, a única que abre ao seu mistério maior os domínios mais ocultos e impenetráveis do Tempo.

– Se posso proceder de forma humana, então não preciso das mãos, pois minha mente faz isso em um piscar de olhos.

– Isso eu quero ver.

– Bem, já a levantei e já concebi um portal amplo o suficiente para passar todas as energias que essa lança irradiará, assim como para permitir que eu o cruze sem medo.

– Estou assistindo-o através de seus olhos.

– Então se sustente em seu polo positivo, pois vou começar a irradiar as energias que esse meu mistério maior está gerando. Só abaixarei essa poderosa lança quando toda essa minha primeira ação humana no Tempo tiver humanizado todos os seres paralisados e petrificados nos domínios do seu polo negativo. E isso pode demorar um pouco, sabe?

– Não se apresse. Lembre-se do que lhe falei: a qualidade é mais bem vista que a quantidade dos que você desparalisará e despetrificará. Mas, se você usar corretamente essa lança cristalina, então reunirá em uma só ação tanto a qualidade quanto a quantidade. E nessas ações, o Tempo não conta o tempo que as ações tenham de durar ou demorar a ser concluídas.

– Bom, então vou ver se meu vovô tatá Omolu pode vigiar minhas costas ,pois não quero ser surpreendido.

– Olhe à sua volta!

Eu olhei e vi que minhas defesas cristalinas haviam sido refeitas. Então perguntei:

– Como isso aconteceu se nem percebi?

– Assim que seu medo desapareceu e você, só com o poder de sua mente levantou sua sétima lança, que é a cristalina, suas defesas cristalinas se recompuseram naturalmente.

– Nossa! Agora elas parecem estar muito mais impenetráveis!

– Nelas, de agora em diante, só penetrará quem vier do Alto do Altíssimo, irmão amado. Olhe para cima e verá que a única abertura que existe nela está acima de sua cabeça, e é por onde está entrando essa irradiação multicolorida que parece um arco-íris, ou melhor: é um Arco-íris divino que o sustenta e o ampara sempre que você inicia uma ação dessa natureza.

– Puxa!!! Estar com a senhora é tão agradável como com a Musa do Conhecimento dos Mistérios! A cada instante descubro algo novo.

– Você aprecia aquela sua musa do conhecimento, não?

– Aprecio. É por isso que sempre que ela vem ocupar seu minuto em minha vida prolongo esse minuto o mais que posso.

– Conceda-me um minuto similar em tua hora no Tempo e terá em mim sua musa dos Mistérios do Tempo.

– Isso é possível?

– Os mistérios não são amoldáveis segundo os imaginamos, idealizamos e concebemos?

– São.

– Então só precisa imaginar-me, idealizar-me e conceber-me como sua musa dos Mistérios do Tempo que serei ela, pois sou um mistério em mim mesma.

– Estás me oferecendo uma coisa única, sabe?

– Sei, sim.

– Eu não resisto à vontade de conhecer a fundo os mistérios.

– Também sei disso. Portanto, conceba-me como sua musa dos Mistérios do Tempo, e assim, enquanto essa sua vigorosa, fortíssima e poderosa lança cristalina, que é um mistério, realiza sua ação em meu polo negativo, eu, como sua musa dos Mistérios do Tempo, começarei a ensiná-lo. E só pararei quando você der por encerrada sua primeira ação ampla e abrangente nos domínios da sua senhora Guardiã do Tempo.

– Isso é o que chamo de unir o útil ao agradável! Enquanto meu mistério maior estiver fluindo por meio dessa lança, eu vou aprendendo! Acho que lá em cima tem alguém muito mais generoso do que eu possa imaginar.

– Tenho certeza de que tem. E Ele é muito sábio, pois se o útil já é positivo para um ser, unir o útil ao agradável é vivenciar um dos muitos mistérios da vida.

– Sabe, eu sei pouco sobre esse meu mistério. Mas sei que assim que ele começar sua irradiação todo o seu polo negativo incandescerá e arderá em chamas. E isso que já vi acontecer mais de uma vez irá provocar-lhe um desequilíbrio vibratório passageiro. Portanto, se aceitar, concedo-lhe a honra de apontá-la diretamente para aquele portal já bem de frente para mim e ativar a irradiação ordenada dela enquanto a sustento para que, quando acontecer a alteração vibratória em seu polo negativo, nada mais sinta que a satisfação que lhe chegará dos seres que estarão sendo desparalisados e devolvidos à vida por meio de um ato de fé e de amor.

– Você me concede a honra de conduzir essa sua primeira ação por meio dessa sua lança cristalina?

– Já a concedi. Até essa ação não terminar, ela é toda sua. Use essa lança segundo as necessidades de seu polo negativo e sua capacidade de sustentar o fluxo energético irradiante dela, que é inesgotável.

– Até isso você está me concedendo?

– Já concedi. Só não demore mais, pois, ou deixo fluir rapidamente as energias já geradas, ou essa lança explodirá em mil pedaços.

– Não vou demorar nem mais um segundo para direcioná-la e ativá-la. Não depois do trabalho que tivemos para chegar até esse momento único!

– Puxa! Esta é minha primeira ação com essa lança e já tenho uma musa dos Mistérios do Tempo para me instruir nos seus mistérios!

O fato é que, assim que ela tomou em suas mãos minha lança cristalina e a direcionou para o portal de acesso ao seu polo negativo, ela ativou um fluxo energético tão grande que, se não fosse eu estar amparando-a momentaneamente,

ela não teria suportado a alteração vibratória que começou a processar-se em todos os domínios regidos por seu mistério maior, que reagiu inconscientemente e tentou bloquear aquela irradiação energética imensurável.

E naquela reação inconsciente eu conheci mais um dos recursos do meu mistério maior: com aquele fluxo energético ele começou a enviar uma chama rosa que não só anulou a reação, como a direcionou no sentido de estimular ainda mais a geração de energias. Aí foi minha vez de precisar de amparo mental, senão me desequilibraria emocionalmente e desviaria o fluxo daquele portal, já aberto em seus limites máximos.

Quando tudo terminou, ambos estávamos trêmulos e nos sentamos, já que de fato aquela era uma ação muito forte.

– O que aconteceu realmente? – perguntei.

– Acho que a senhora regente dos mistérios maiores do Tempo absorveu suas energias e possuiu esse seu Mistério da Geração assim que ela viu nessa sua lança cristalina essas chamas rosas.

– O que têm de mais essas chamas?

– São as únicas que anulam as energias reativas dos Mistérios do Tempo e as redirecionam.

– Nenhuma outra tem esse poder?

– Não. Todas as outras, se expostas à ação ou reação dos Mistérios do Tempo, são apagadas ou voltadas contra quem as está irradiando.

– Então é por isso que cada vez que surgem chamas em meu mistério eu vejo que têm cores específicas. Às vezes são verdes, outras são douradas, rubras, vermelhas, azuis, amarelas, roxas, etc., acho que cada mistério maior possui uma chama específica que não só resiste às suas reações como ainda o direcionam e o estimulam a atuar com mais intensidade, pois foi isso que aconteceu, não?

– Foi, sim. Você quer que eu lhe revele o mistério das cores das chamas?

– A senhora pode revelar-me esse mistério?

– Posso, pois é um mistério aberto ao conhecimento em todas as dimensões da vida.

– Eu quero conhecê-lo.

– Como sua Musa do Conhecimento dos Mistérios procede quando lhe revela os mistérios?

– Bom, ela faz como viu aquela minha irmã do Mar fazer, e que a impressionou de tal forma que só se acomodando ao meu lado ela os revela.

– Por que ela exige isso?

– Ela diz que aí consegue adormecer um pouco sua mente pensante e repousar seu próprio mistério maior, que não se desativa em nenhuma outra circunstância.

– Isso não é perigoso para ela, que é uma Guardiã do Conhecimento dos Mistérios?

– Não, porque ela repousa sua mão sobre a minha Estrela da Geração e, mesmo estando com a mente adormecida, seu mistério maior liga-se ao meu e começa a atuar e fluir por meio dele.

– Como isso acontece?

– Não sei. Isso ela não quis me revelar.

– Ela não confia em você?

– Em mim, sim. Mas ela me disse que, mesmo que eu nunca o revelasse, ainda assim alguma abertura inconsciente minha poderia abri-lo a alguém mentalmente mais poderoso.

– Ela é precavida, não?

– Acho que ela está certa. Eu sinto que o repouso renova suas energias e a reenergiza em todos os sentidos, e vigio seu sono com meu Mistério Guardião. Ela até me agraciou com o grau de Guardião do Repouso do Conhecimento dos Mistérios. Eu o assumi, sabe? E, desde então, sempre que ela repousa, eu vigio e guardo seus conhecimentos dos mistérios.

– Então é por isso que ela não só o aprecia como o ama e o distingue com tantas chaves ocultas. Posso distingui-lo com um grau semelhante?

– Que grau é esse?

– O de Guardião do Repouso dos Mistérios do Tempo.

– Esse é seu desejo?

– É. Mas é a manifestação de uma vontade de nossa mãe maior, a divina Logunan.

– Ela me honra com esse grau?

– Já o distingue por meio dele nos domínios dela, que são os do Tempo.

– Eu saberei honrar esse grau e defenderei o merecido repouso dos Mistérios do Tempo até com minha própria vida, se for preciso.

– Se é assim, então vou recostar-me em você e repousar um pouco, pois sustentar a ação dessa sua lança cristalina exigiu muito de mim, sabe?

– Exigiu, sim. Mas, se eu não tivesse tido sua ajuda, não teria conseguido. Obrigado, meu primeiro Mistério do Tempo! Recoste-se e pouse sua mão sobre minha estrela que sustentarei seu merecido repouso. Afinal, não são só os guerreiros que merecem um repouso.

– Quem mais merece repousar?

– As guerreiras do Tempo. Se todas forem tão hábeis no manejo de uma lança e tão poderosas quanto foi na sustentação das ações dos mistérios que fluem por meio da minha lança cristalina, não tenho dúvidas de que as melhores guerreiras do Mistério Sete Lanças encontram-se nos domínios de nossa mãe maior Logunan.

– Se bem conheço minhas irmãs Guardiãs dos Mistérios do Tempo, nenhuma é menos aguerrida que eu quando sustentam uma ação. Quer seja com uma lança ou com uma espada, ou mesmo com uma flecha ou com uma pedra.

– Qual é a pedra que o Tempo recorre quando atua por meio do Mistério Sete Pedras?

– Você ainda se lembra de qual era a pedra de seu pai maior Oxalá?

– Lembro-me. É o quartzo transparente.

– Saiba que nossa mãe maior Loguman Rutilado forma um par com ele e sustenta a linha de forças da Fé. Logo, a pedra dela e de suas guardiãs é o quartzo fumê, já que ela também é cristalina, mas atua no polo cósmico da linha da fé e pune os excessos ou fanatismos religiosos.

– Tem sua lógica. Se ambos são cristalinos, atuam por meio do Tempo e regem os dois polos da linha da fé, a pedra só pode ser a mesma, mas de cores diferentes.

– Saiba que toda pedra que é encontrada em duas ou mais cores pertence aos regentes das linhas de forças planetárias e multidimensionais.

– Nossa!!! Eu nunca havia pensado nisso!

– Como poderia? Os conhecimentos da dimensão humana sobre o Mistério Sete Pedras ou sobre as pedras em geral são tão deficientes que uns escrevem que uma pedra pertence a um Orixá, mas na verdade não pertence, pois são classificações espúrias, incorretas e feitas aleatoriamente.

– É, eu vi muitas classificações desse tipo.

– Todos não classificam a "água-marinha" como a pedra da mãe maior Iemanjá?

– Classificam, sim.

– Saiba que a verdadeira pedra dela é o diamante. A água-marinha é partilhada entre ela e nosso pai maior Oxalá.

– Qual deles, já que existem vários tipos de diamantes?

– Com exceção do diamante negro, pois este pertence ao polo negativo da linha da Geração, todos os coloridos pertencem a ela e estão distribuídos com as guardiãs dos seus níveis vibratórios e dos seus Mistérios da Vida. O de sua mãe Inaê é o diamante rosa. Essa é a pedra fundamental dela, sabe? E o diamante que a caracteriza é o estrelado ou estrela.

– Agora sei. Pena que só agora eu saiba.

– Você não vive na dimensão humana?

– Vivo.

– Então transmita esses conhecimentos aos seus irmãos umbandistas, pois aí as classificações espúrias, que são más semeaduras, cairão por terra e o tempo as diluirá.

– Ainda sei muito pouco sobre as pedras fundamentais para tentar algo nesse sentido.

– O Tempo e suas guardiãs, que são guardiãs dos mistérios religiosos, lhe revelarão todos os conhecimentos necessários e fundamentais sobre o Mistério Sete Pedras. Aí, quando você encontrar alguém interessado em conhecê-lo, faça sua boa semeadura que a regente desse mistério o honrará com um de seus reluzentes graus: o de Guardião do Mistério Sete Pedras Fundamentais.

– Deixemos o tempo fluir naturalmente. Venha, recoste-se em mim e fale-me sobre o Mistério das Chamas.

Após ela se recostar em mim e repousar sua mão sobre minha estrela, comentou:

– Isso é muito agradável. Toda minha aceleradíssima vibração magnética está se aquietando e desacelerando-se.

– Quando ela se alinhar vibratoriamente com esse meu mistério, você ficará com sono e adormecerá profundamente.

– É isso que induz o sono em suas irmãs amadas?

– É. O padrão vibratório desse meu mistério, quando desativado, é o padrão vibratório humano que é o único que faculta um sono reparador de deficiências energéticas ou de distribuição horizontal das energias acumuladas em um dos sete sentidos.

Uma pessoa sobrecarregada pelas vibrações energéticas da fé, por exemplo, quando se põe na posição horizontal, dá início à distribuição das energias da fé a todos os outros sentidos. Então seu conhecimento ou senso da justiça, seu amor ou senso da Lei, etc., começam a receber horizontalmente as energias concentradas em seu sentido da fé, e pouco a pouco um senso de religiosidade vai fluindo naturalmente para todos os outros seis sentidos capitais, que, ao absorver as energias geradas pela fé, voltam o ser para o "alto".

– Isso eu não sabia, meu amado Guardião dos Mistérios do Tempo. Quem lhe revelou isso foi sua Musa do Conhecimento dos Mistérios?

– Não. Quem me revelou isso certa vez foi um de meus mentores espirituais quando eu era um médium umbandista.

– Qual era o nome simbólico que ele usava para se identificar?

– Bom, ele é um mistério, sabe?

– Sei – e ela sorriu após dizer que sabia. Curioso, perguntei-lhe:

– A senhora o conhece?

– Conheço.

– Quem é ele?

– Este seu irmão é o Guardião do Mistério Sete Lanças da Fé e do Amor, e um dos Guardiões dos Mistérios do Tempo e da Fé.

– Puxa!!! Por que ele nunca me revelou isso?

– Ele estava e está impedido pela lei do silêncio de falar de si mesmo, mas eu, sua senhora Guardiã do Tempo, estou lhe falando dele... agora que já começo a repousar, amparada pelo seu mistério maior.

– O sono já está se manifestando em seu íntimo?

– Já.

– Então adormeça. Mas em outra hora me revelará o Mistério das Chamas, certo?

– Eu prometo revelá-lo a você em outra hora. Estou com tanto sono que se for falar sobre ele agora talvez não diga coisa com coisa. Ampare-me e sustente meu mistério, pois já não consigo manter os olhos abertos.

– Durma que já estou fazendo isso, minha senhora Guardiã do Tempo.

Ela adormeceu tão profundamente que desdobrei meu Mistério Sete Estrelas para poder vigiar seus vastos domínios espalhados pelo vastíssimo campo de ação do Mistério Maior Logunan. Depois de ter feito isso, olhei por aquela abertura em minhas defesas cristalinas e vislumbrei o maternal rosto de minha mãe maior no Tempo, que em meio à sua intensa luz permitiu que eu visse em seus lábios divinos um suave sorriso de satisfação por finalmente ver sua amada filha Guardiã do Tempo, que é uma de suas 13 guardiãs, repousando em um tão desejado sono. E além daquele sorriso, divinamente encantador, ainda a ouvi dizer-me mentalmente: "Eu o contemplo com o grau de guardião do merecido repouso de minhas mais aguerridas guardiãs, meu Guerreiro das Sete Lanças da Fé, do Amor e da Vida. Conceda a todas elas um minuto de ação e outro de repouso que lhe concederei todo o tempo que você solicitar ou precisar para concluir bem todas as suas ações ativadas pelos mistérios maiores. Saiba também que no Tempo suas estrelas já irradiam a luz da fé, que é a cor da luz que a chama violácea irradia".

Eu, ao ouvir aquela revelação diretamente dela, minha amada e adorada mãe maior Logunan, não resisti a tanta emoção, e todo o meu ser começou a arder em chamas violáceas, que são as chamas da fé, do amor e da vida reunidas em um só mistério, ardendo juntas e fluindo naturalmente.

Assim que aquele suave vislumbrar das feições humanas de minha amada e adorada mãe Logunan diluiu-se, surgiram na minha frente as outras 12 Guardiãs dos Mistérios do Tempo. Nunca soube como conseguiram penetrar em minhas defesas cristalinas internas, mas presumo que tenha sido nossa mãe maior que as conduziu até ali.

– O que desejam de mim, amadas irmãs Guardiãs dos Mistérios do Tempo?

– Viemos conhecê-lo de frente, amado irmão guardião do nosso muito desejado, e já merecido, minuto de repouso.

– Bem, acho que já me conheceram.

– Ainda não, irmão. Essas chamas ocultam seus mistérios maiores.

– Só um mistério maior se manifesta por meu intermédio.

– Acho que você ainda não sabe, não é mesmo?

– Não sei o quê?

– Ora! – exclamou uma guardiã, já se acomodando ao meu lado e pousando uma de suas mãos sobre meu mistério maior, desativado naquele momento.

– Ora, o quê?

– Bom, esse seu mistério é o maior, mas só no seu sétimo sentido, pois nos outros, em cada um deles flui um mistério, também maior. E nós temos afinidades energéticas que nos ligam naturalmente a eles.

– Olhando-as, vejo 13 guardiãs. Serão vocês as guardiãs dos 13 mistérios maiores do Tempo?

– Somos.

– Por que só a senhora Guardiã do Tempo é conhecida na Umbanda?

– Ela foi humanizada recentemente e ainda está sustentando muitos filhos e filhas na dimensão humana e no ciclo reencarnacionista. Mas algumas de nós já fomos humanizadas em outras eras ou religiões muito antigas, já adormecidas na memória religiosa humana.

– Entendo. De uma forma ou de outra, todas estão ligadas à dimensão humana.

– Nem todas. Só sete de nós estabelecemos ligações religiosas com o estágio humano da evolução. Cada uma assumiu uma faixa vibratória dentro das linhas de forças regidas pelos Sagrados Orixás.

– Como é possível entender esse entrecruzamento todo? A divina Iansã é regente de um polo e a divina Logunan é regente de outro. Mas a senhora Guardiã do Tempo une as duas em seu nome simbólico. Vocês não imaginam como é difícil, para os estudiosos dos mistérios, uma ordenação correta, já que faltam os conhecimentos fundamentais.

– Os próprios humanos estabeleceram essa confusão toda com esses dois mistérios maiores quando os uniram em um só.

– Você tem permissão para me falar sobre esses dois mistérios maiores e para me revelar quando a confusão se estabeleceu?

– Tenho.

– Por favor, irmã amada, ensine-me e esclareça-me!

– Você sabe como surgem as religiões no plano material humano?

– Sei. Alguém, portando uma missão divina, encarna e dá início a uma semeadura religiosa, que vai se multiplicando até que existam condições de se estabelecer um polo religioso sustentador de uma nova forma de se adorar a Deus.

– E quando esse polo já está estabelecido e consolidado, o que acontece?

– Ele, ou a nova religião, prepara sacerdotes semeadores que vão divulgando as qualidades, os atributos e as atribuições dela e com isso vão expandindo o campo religioso onde atua a divindade maior que a rege. É isso, não?

– Mais ou menos, pois se alguém se habilita como sacerdote de uma religião, automaticamente torna-se um micropolo magnético e energético regido pelo mistério divino que dá sustentação à sua religião, sustentada pela divindade guardiã do mistério religioso humanizado em uma divindade que assume feições humanas.

Esse novo sacerdote é em si mesmo um manifestador individual das qualidades, dos atributos e das atribuições da divindade que rege e sustenta sua religião. E assim sendo, onde esse sacerdote estiver, lá estará sua divindade e sua religião, da qual é um sustentador por meio da fé que irradia.

– Eu vi isso no país onde vivi. Para ele foram sacerdotes de tantas religiões que já nem me lembro de todas. E cada um trazia consigo um ritual e um culto, diferente dos outros. Mas assim mesmo conquistavam o amor e a fé de muitos dos meus irmãos e estabeleciam seus templos, onde doutrinavam as pessoas e ali as orientavam, curavam, amparavam e sustentavam as manifestações da nova divindade

cultuada. Esses sacerdotes traziam em si os mesmos poderes dos sacerdotes que os haviam formado.

– Não é isso que você tem visto acontecer com os mistérios que estão se abrindo para você?

– É sim. Eu "possuo" um mistério e a partir daí tenho nele uma fonte inesgotável de recursos.

– Você se torna um manifestador das qualidades religiosas dele; de seus atributos, que podem ser ativos, passivos ou neutros, pois tudo depende das polaridades dele e de suas atribuições, que se relacionam com o campo magnético e energético onde você o usa. Uns mistérios fluem mais facilmente por meio da fé, outros do amor, outros da Lei, outros da justiça, etc.

– Entendo. São campos em que a religiosidade flui naturalmente e facilitam as manifestações de fé, amor, justiça, etc.

– Isso mesmo. Muitos são os campos ou padrões vibratórios despertadores de sentimentos virtuosos que aceleram uma conscientização do ser e o preparam para conquistar campos mais amplos, em que manifestará sua religiosidade.

– As religiões são mistérios de Deus, regidas por divindades que se "humanizaram" para auxiliar a evolução consciente dos seres humanos, certo?

– Exato. O processo de expansão de uma religião obedece ao mesmo princípio que rege os mistérios: se você possuiu ou foi possuído por um mistério, imediatamente passa a ser um manifestador de algumas de suas qualidades, atributos e atribuições, esteja você onde estiver, certo?

– Isto é certo. Ainda que eu esteja aqui na dimensão humana, sou um manifestador dos Mistérios do Trono da Geração.

– Não, você é o guardião dele e é um doador natural dos seus mistérios. E isso é diferente, sabe?

– Por quê?

– Nesse caso você é o polo magnético maior, pois traz em si mesmo todas as qualidades, os atributos e as atribuições dos Mistérios do Trono da Geração, que são, ao todo, e no seu atual estágio evolutivo, 77 mistérios de níveis intermediários.

– São tantos assim?

– São. Mas com o tempo você os conhecerá profundamente e aí descobrirá que são os recursos tão solicitados por seus irmãos e irmãs, que, se são portadores naturais de outros mistérios, no entanto desejam possuir alguns desses seus recursos naturais com os quais eles ampliarão seus campos de ação e atuação.

Veja essa sua lança cristalina! Você não sabia da existência dela como um dos recursos naturais desse seu mistério, pois por meio dela ele se manifesta. Mas, quando se conscientizou religiosamente de que se esse é seu mistério maior no sétimo sentido, no entanto ele é um mistério do Criador, você creditou-se a ser o portador natural dela e tem mais um recurso para doar aos seus irmãos e irmãs que desejarem ligar-se ao seu mistério Lança Cristalina e manifestá-lo religiosamente nas dimensões paralelas à dimensão humana e nos mais diversos níveis

vibratórios. Você já é um polo magnético e energético religioso, irmão! E, tal como uma religião no plano material humano, você crescerá na mesma proporção que doar os recursos desse seu mistério!

– O mesmo acontece com as religiões, certo?

– Sim. À medida que mais pessoas vão encontrando afinidades com uma religião, naturalmente vão surgindo algumas com tantas afinidades que a religião começa a possuí-los inconscientemente, tal como você já viu esse seu mistério fazer. Chega um momento em que seu mistério criou as condições ideais para se manifestar naturalmente por meio de quem começa a desejá-lo, não?

– Isso mesmo. Quem o desejou e já foi possuído por ele, está apto a possuí-lo e dar início ao uso dos recursos que estiver apto a manifestar.

– Com as religiões acontece da mesma forma. Quando uma pessoa se sente atraída por uma religião ou sua doutrina, ela já foi possuída e, para começar a manifestá-la, bastará possuí-la. Por isso é muito comum dizerem: a minha religião! Estão corretos ao se referirem assim às religiões, pois elas estão à disposição de todos e, quem desejar possuir uma delas, que adentre em seu campo vibratório, assente-se à sua direita ou esquerda e possua-a tranquilamente, pois essa é a vontade maior do divino Criador: "Que cada um Me possua como lhe for possível, mas que ninguém deixe de possuir-Me!"... senão, cairá na tela magnética do "Tempo", irmão amado.

O divino Criador é a manifestação religiosa de tudo o que existe. O "Tempo" é o meio onde as mudanças acontecem. No "Tempo" todos evoluem e se aperfeiçoam ou estacionam e aguardam uma nova oportunidade. No seu contínuo fluir, o Tempo vai proporcionando a todos novas religiões em que encontrarão afinidades e retomarão suas evoluções conscienciais.

O Tempo está em nossa própria vida e nos rege a partir de nosso polo negativo, que é onde se iniciam as mudanças conscienciais exteriores que, pouco a pouco, vão sendo internalizadas e vão se assentando no nosso polo positivo, criando em nós as condições ideais para retomarmos nossa evolução consciencial e ascensão mental. O Tempo é um dos mistérios do divino Criador que rege a vida de todos. Portanto, o Tempo está presente em nossas vidas.

O Tempo está presente nas religiões, que nascem, crescem, amadurecem, frutificam, envelhecem e desaparecem, tal como um certo Ogum Sete Estrelas, que você já conhece parcialmente.

Portanto, o Tempo está na fé que flui passivamente em nosso polo positivo e flui ativamente em nosso polo negativo.

O Tempo paralisa quem está errando e deturpando os princípios religiosos, mas desparalisa e ampara quem deseja reparar, religiosamente, os erros que cometeu. O Tempo é justo, e a justiça divina atua por meio do Tempo na vida dos seres. Portanto, o Tempo está na Justiça Divina. Enfim o Tempo, que é um mistério do divino Criador, está presente em todos os seus outros mistérios, que também estão presentes nos Mistérios do Tempo.

– Entendo, irmã no Tempo.

– Você bem sabe que o Tempo é um mistério que tem em nossa mãe maior Logunan sua guardiã divina, por isso ela é conhecida na dimensão material humana como a Orixá do Tempo, ou a Guardiã Divina dos Mistérios do Tempo.

A linha da fé é a primeira das sete linhas de forças do Ritual de Umbanda Sagrada.

Ela, a divina Logunan, forma um par magnético e energético com o divino Oxalá, em que ele ocupa o polo passivo e positivo da linha da fé e ela ocupa o polo ativo e negativo dessa mesma linha.

Oxalá é o regente da religiosidade irradiante, e ela é a guardiã dos religiosos sombrios, que ficam retidos em seus domínios até que algum dos outros mistérios do divino Criador venha dar início à possessão deles, até que chega um momento em suas vidas que manifestam o desejo de possuírem o mistério que os possuiu e de saírem do Tempo, onde as intempéries são terríveis, pois são cósmicas, para se recolherem ao interior dos templos, que são seguros e tranquilos, onde voltarão a viver suas vidas religiosamente.

Porque sempre foi assim, então o Tempo, que é um mistério em si mesmo, pois é o polo negativo da linha da Fé, possui outros 13 mistérios.

Estes 13 mistérios são as atuações do Tempo nos outros 13 polos magnéticos das linhas de Umbanda Sagrada, e o Tempo possuiu os mistérios que lhe são afins nelas e ficou no aguardo de que fosse possuído pelos mistérios que fluem por meio delas, que nada mais são que mistérios do divino Criador.

O Tempo possuiu a Justiça, e o Xangô que foi possuído pelos Mistérios do Tempo também possuiu um dos Mistérios do Tempo e passou a ser chamado de Xangô do Tempo ou a Justiça do Tempo, pois ele manifesta a Justiça Divina nos domínios da nossa divina mãe Logunan.

Existe também o Xangô da Fé, que manifesta a Justiça Divina nos domínios da fé, que são regidos pelo nosso pai maior Oxalá. E assim sucessivamente com todos os Orixás isso foi acontecendo.

Como os regentes são os mistérios maiores, os que são possuídos pelos outros mistérios maiores são seus manifestadores, que são os regentes das faixas vibratórias por onde fluem seus mistérios.

E se a divina Logunan possuiu um dos mistérios da Justiça para que a Justiça pudesse possuir o Tempo, o divino Xangô também possuiu um dos mistérios do Tempo para que o Tempo pudesse possuir a Justiça.

O senhor Xangô do Tempo é a posse da Justiça pelo Tempo.

Já nossa amada irmã Guardiã do Tempo é a posse de um dos Mistérios do Tempo pela Justiça Divina, que é regida pelo nosso pai maior Xangô e por nossa mãe maior Iansã.

E sabe por que uma Iansã mediadora é a posse do Tempo pela Justiça?

– Não sei, irmã amada.

– Saiba que o senhor Xangô do Tempo é o distribuidor natural da Justiça Divina nos domínios do Tempo. Mas quem a aplica é a senhora Guardiã do Tempo, que é uma Guardiã da Lei no Tempo.

Ou não é verdade que a Justiça precisa dos recursos da Lei para ser imposta entre os seres rebelados contra os Mistérios da Fé?

– Isso é verdade. No plano material os juízes pronunciam as sentenças e os oficiais de justiça a aplicam, mas são amparados e escoltados por agentes da Lei, que são os policiais. Juízes e policiais são análogos aos "Xangôs" e "Oguns" não?

– São, sim. E, porque justiça e Lei são inseparáveis, o divino Xangô maior forma um par com a "policial" Iansã Maior, onde, unidos na linha da Justiça, ele é o polo passivo e ela é o polo ativo. Ele é o juiz assentado no tribunal divino e ela é a "policial" cósmica, ativa e móvel que aplica a justiça segundo os ditames da Lei maior: quem deve paga e quem merece recebe!

– Então a Justiça entra no Tempo por meio da senhora Iansã mediadora para o Tempo, que é a agente da Lei que aplica a justiça distribuída pelo senhor Xangô do Tempo. E por isso ele é o Xangô do Tempo sem ser em si mesmo o Tempo, pois é um Xangô, e ela é a Guardiã do Tempo sem ser o Tempo em si mesma, pois é uma Iansã.

– Correto.

– E por isso a descrevem como Oiá-Iansã?

– Sim. Muitos desconhecem certas nuanças não visíveis nas lendas que lhes foram passadas e também, porque desconheciam, e muitos ainda desconhecem, os entrecruzamentos que acontecem nos níveis vibratórios das sete linhas de forças. Você já sabe que ela forma um par natural com seu amado pai Ogum de Lei, não?

– Já sei, sim. Ambos são regidos pela Lei Maior e ele, eu sabia que a aplicava por meio dos Mistérios da Fé. Só não sabia que ela aplicava a Lei no Tempo por meio da Justiça.

– Satisfeito com a correta interpretação do Mistério Logunan e seu entrecruzamento com a linha da Justiça Divina, de onde surgem um Xangô do Tempo e uma Guardiã do Tempo?

– Sim, estou satisfeito, irmã amada.

– O que mais gostaria de saber, irmão guardião dos Mistérios do Trono da Geração, que é um mistério regido pela sua mãe maior Iemanjá em seu polo passivo e por seu pai maior Oxumaré no seu polo ativo?

– Vocês vieram até aqui para possuírem qual dos meus mistérios?

– Nossa amada mãe maior Logunan não especificou. Portanto, caso você nos conceda o direito de escolhermos, nós mesmos decidiremos.

– Você disse que só crescerei se meu mistério for possuído por muitos, não?

– Isso é uma verdade, irmão do nosso amor divino.

– Não só lhes concedo como solicito permissão para possuir, eu também, os mistérios que vocês manifestam, pois só assim as posses não serão unilaterais ou incompletas.

– Você está dizendo que está disposto a formar pares conosco?

– Estou.

– Que tipo de pares, irmão?

– Como conheço muito pouco sobre mim mesmo e menos ainda sobre vocês, também deixo que escolham.

– No futuro, quando conhecer melhor tanto a si mesmo quanto a nós, talvez deseje romper as ligações, sabe?

– Sei.

– Mas isso não é permitido pela Lei Maior. Portanto, não acha melhor esperar um pouco?

– Olhem sua irmã que repousa e vejam quantos cordões a unem a mim.

– São sete, irmão. Ela se uniu a você e formaram um par natural Tempo-Geração, pois estão unidos nos sete sentidos. Nós admiramos os pares naturais e os temos na conta de exemplos a serem seguidos, pois são seres que se completam em todos os campos vibratórios.

– Quero que saibam que antes de ela adormecer só havia uma ligação com essa minha lança cristalina. Mas, assim que adormeceu, as outras ligações surgiram por si sós e sem que tenhamos feito nada nesse sentido.

– Por que está nos revelando isso, que você parece conhecer já há tempo?

– Bom, talvez no futuro vocês também venham a desejar que alguma ligação seja rompida, e isso não será permitido pela Lei, já que só ela poderá rompê-las quando achar que é chegado o momento.

– Por que essas ligações naturais surgem, irmão amado?

– Bom, acho que é porque vigio o sono das irmãs que se ligam a esse meu mistério maior, que lhes dá a necessária sustentação energética enquanto repousam em um merecido e desejado sono.

– Posso olhar nos seus olhos, irmão? Mas sem restrições ou limites, certo?

– Claro.

– Você não teme que eu possa descobrir tudo sobre você e dominá-lo em todos os sentidos, pois aí saberei como fazê-lo?

– Não temo, irmã do meu coração. Se você não se sentir satisfeita só com a posse do que em mim lhe agrada ou interessa, então pode dominar-me caso isso a satisfaça, está bem?

– Por que você faz isso? Não sabe que é um perigo para você?

– Eu confio em vocês, irmãs. E, ou me abro por inteiro aos seus olhos ou vocês não confiarão em mim nem me concederão a honra de vigiar seus merecidos sonos, nem seus mistérios fluirão passivamente por meio dos mistérios dessa minha estrela enquanto estiverem adormecidas. Você entende agora por que não temo ser dominado?

– Você é muito generoso, irmão.

– Sou pleno no que faço. Só isso, sabe?

– Você já conquistou nossa confiança total. Nós lhe confiamos a guarda de nosso sono tão desejado.

– Vigiarei vosso sono com minha própria vida, irmãs!

– Então, quando for sua vez de adormecer, nós vigiaremos sua vida com nossos mistérios, irmão amado. Quando essa nossa amada irmã despertar, você voltará sua lança cristalina na direção dos nossos polos negativos e os possuirá no justo nível vibratório desse seu Mistério Guardião das Sete Lanças da Fé, do Amor e da Vida. E depois, enquanto repousarmos, que surjam naturalmente as ligações entre nossos mistérios, está bem assim?

– Você não quer olhar antes nos meus olhos? Eu não me incomodo, sabe?

– Nem deve, irmão. Só de relance eu já vi que o que verei me induzirá a me entregar a você, toda dominada pelos mistérios dessa sua lança cristalina assim que ela possuir sua faixa própria em meu polo negativo.

– Tem certeza disso?

– Absoluta.

– E você não teme ser dominada por algo que eu desconheço?

– Eu conheço o que vislumbrei através de seus olhos. E não temo ser dominada pelo poder que emana d'Ele.

– Por que você não o teme, irmã?

– Eu já me entreguei conscientemente a Ele há muito tempo, sabe? Você não imagina há quanto tempo espero por isso! Ampare-me, porque meu polo negativo entrou em ebulição e está prestes a explodir!

– Venha, acomode-se ao meu lado e coloque sua mão sobre meu mistério maior, pois só poderei voltar essa minha lança cristalina na direção do seu polo negativo depois que essa nossa irmã amada despertar naturalmente desse sono profundo.

Ela se acomodou e, assim que pousou sua mão em cima da minha estrela, eu vi lágrimas correrem dos seus olhos cristalinos levemente azulados. Então sugeri:

– Por que, em vez de chorar em silêncio, não dá total vazão ao seu pranto? Eu já estou sustentado-a, irmã amada!

E mais não falei, pois do íntimo dela brotou um pranto dolorido que me comoveu tanto que também chorei, mas em silêncio. Eu acabara de ver a razão de seu pranto! Ela era a guardiã de um dos mistérios de minha mãe Iemanjá que fora possuído pelo Tempo, e sua função era reter e amparar em seu polo negativo as mães desumanas que haviam sacrificado vidas, ainda em seus úteros geradores de vidas.

Essas mães são paralisadas no Tempo, pois atentam contra o mais respeitado dos mistérios divinos, a geração de vidas, regido pela nossa amada mãe da vida, Iemanjá.

Então eu soube que ela era uma Iemanjá do Tempo e um dos 13 mistérios mediadores de nossa amada mãe maior Oiá-Tempo.

Sim, senhor! As atribuições delas, as Guardiãs Cósmicas do Tempo, não são nem um pouco agradáveis. Têm de reter nos gélidos domínios negativos do Tempo quem atenta contra a fé, o amor, a Lei, a justiça, a evolução, etc., e sustentarem e

ampararem em seus domínios, sustentados por seus polos negativos, seres totalmente desequilibrados emocional, racional e conscientemente.

O caso é que assim que a senhora Guardiã do Tempo despertou e ficou a par do que havia acontecido desde que adormecera e, porque já conhecia e havia possuído alguns mistérios daquela lança cristalina, propôs-se a ajudar e orientar suas irmãs no Tempo, pois facilitaria a posse, por elas, dos mistérios que tivessem afinidades com os polos negativos delas. E aí tudo se processou da forma mais natural possível.

Não sei quanto Tempo durou a doação dos mistérios daquela poderosa lança cristalina. Mas, quando tudo terminou, eu já a conhecia melhor, ainda que parcialmente. Então perguntei à senhora Guardiã do Tempo:

– A senhora acha que devo ostentá-la quando recolher essas minhas defesas cristalinas?

– Não. Você deve absorvê-la e recolhê-la em seu íntimo, só voltando a expô-la aos olhos alheios quando o mistério maior que rege seu Mistério Sete Lanças da Fé, do Amor e da Vida manifestar em seu íntimo uma vontade nesse sentido, à qual você captará como um desejo de recorrer aos mistérios dessa sua poderosa lança cristalina!

– Bem, então vou programar minha mente para que, quando tiver de retirá-la de meu íntimo, também sejam ativada essas impenetráveis defesas cristalinas. O que a senhora acha?

– Por que está pedindo minha opinião se você pode optar sobre isso?

– Bom, eu a honrei com um grau que tomei a liberdade de criar há pouco.

– Que grau é esse?

– O de guardiã dos mistérios dessa minha lança cristalina da fé, do amor e da vida. A senhora aceita?

– Aceito. Mas por que você me distinguiu com esse grau?

– Bom, se o desaparecido Ogum Sete Estrelas, que devia conhecer todos os mistérios dela, confiou-a à senhora muito tempo atrás, eu só estou renovando esse seu grau de guardiã dessa lança que herdei dele por meio da senhora.

– Você não imagina como me sinto feliz e honrada por ser merecedora da confiança do mais digno herdeiro natural do desaparecido Ogum Sete Estrelas, que era o único dos Oguns de então que eu confiava a guarda de meu polo negativo, pois só ele possuía a poderosa lança cristalina da fé, do amor e da vida. E quando ele recorria aos mistérios dela, era para realizar em meus domínios o que agora você já consegue realizar em todos os polos negativos e domínios do Tempo.

Saiba que, se o desaparecido Ogum Sete Estrelas era muito poderoso, no entanto tinha rígidos limites que devia observar. Mas o mesmo não acontece com você, pois seus limites são mil vezes mais amplos que os dele, e só depende de você expandi-los ainda mais, ou contraí-los. Tenho certeza de que nessa renovação dele, que ainda está acontecendo com e por meio de você, não deve preocupar-se com o desaparecido Ogum Sete Estrelas do Amor e da Vida, pois ele

agora reviveu no Cavaleiro que ostenta em seu peito as Sete Estrelas: a da Fé, a do Amor, da Vida, a do Conhecimento, a da Lei, a da Justiça e a da Evolução. Você ainda se sente tão inseguro que todos os Orixás desejam ampará-lo em todos os sentidos, pois será por meio destas Sete Estrelas do Arco-íris Divino que todos se renovarão no coração dos amados filhos deles espalhados pelos quatro cantos do mundo e pelas sete dimensões básicas da vida!

Eu ouvi aquilo e ajoelhei-me diante dela e de suas 12 irmãs cósmicas guardiãs dos Mistérios do Tempo. Então pedi suas bênçãos, amparo e proteção e recolhi em meu íntimo tanto aquela minha lança cristalina quanto minhas defesas.

No mesmo instante ouvi meu pai Guardião Naruê perguntar:

– Amada irmã Guardiã do Tempo! Há quanto tempo não nos honrava com o desdobramento de seu mistério maior.

– E junto com todas as outras 12 Guardiãs do Tempo! – exclamou meu pai Guardião Beira-mar.

– O que aconteceu desde que desapareceram do nosso campo visual? – perguntou meu pai Ogum de Lei.

– Os senhores não viram? – perguntei, curioso.

– Como poderíamos ver se vocês desapareceram?

– Mas nós não saímos daqui! – exclamei.

– Não revele nada a ninguém – ordenou-me a senhora Guardiã do Tempo. – O que aconteceu foi a manifestação de um mistério maior, e isso não deve ser revelado a quem não teve permissão de assisti-la, irmão do Tempo.

– Sim, senhora. Mas será que eles não viram nada mesmo?

– Não viram – garantiu-me ela, séria.

– Então por que estão me olhando com tanta curiosidade?

– Oras, eles só estão tentando ver em você algo que só nós vimos, estamos vendo e nunca mais deixaremos de ver, pois fomos ungidos pela nossa amada mãe Logunan com o grau de guardiãs celestiais desse seu mais novo mistério.

– Que mistério é esse, meu filho? – perguntou-me meu amado pai Ogum da Lei.

– Bom, o senhor sabe que não podemos falar sobre nós mesmos, certo?

– Sei disso. Mas sobre os mistérios que se manifestam por meio de nós, isso podemos, caso confiemos em quem deseja conhecê-lo.

– Ainda conheço pouco para falar sobre ele. Mas acho que elas, que são as guardiãs dele, poderão falar-lhe sobre ele com um conhecimento profundo, sabe?

– Acho que não vou conhecê-lo facilmente, filho amado.

– Por que não? É só ouvir o que elas têm a dizer sobre ele!

– Você sabe a quem elas revelam os mistérios que guardam?

– Não, senhor.

– Só os revelam a quem se deixa dominar em todos os sentidos pelos mistérios que guardam. E isso eu nunca farei!

– Então quando eu souber tudo sobre esse meu novo mistério, aí o revelarei ao senhor. Afinal, confio tanto no senhor que lhe consagrei minha vida!

– E eu consagrei a minha à guarda da sua, sabe? Mas acho que nunca vou conhecer esse seu novo mistério.

– Por que não?

– Oras, nós, em verdade, nunca conhecemos tudo o que se manifesta por meio de um mistério que portamos naturalmente. O máximo que conseguimos é conhecer seu exterior.

– O senhor tem certeza disso?

– Tenho, meu filho.

– Então nunca vou conhecer a mim mesmo, meu pai.

– Por que não?

– Não sei, não, mas acho que me transformei num mistério, sabe?

– Sei. Ah, se você soubesse como sei, meu filho enigma!

– Que droga! Assim não dá! Daqui a pouco não vou ter um só minuto de solidão! – exclamei, contrariado.

– O que está acontecendo agora para ficar tão contrariado?

– O senhor se lembra de que falei algo sobre a regente daquela minha irmã que foi com meu amado vovô tatá Omolu?

– Lembro-me, sim. O que há com ela? Por acaso ela está descontente com a perda daquela auxiliar?

– Não, senhor. Apenas está solicitando minha presença em seus domínios, pois seu polo negativo paralisou-se assim que desapareci do seu campo visual e só voltará a vibrar caso eu o possua e estabeleça nele toda uma faixa vibratória só desse meu mistério curador!

– O que tem de errado em assumir essa faixa vibratória nos domínios dela?

– O senhor não está vendo?

– Não. Eles estão fora do meu campo de ação e campo visual.

– Nossa!!! Não vai ser fácil desparalisá-lo!

– Por quê?

– Ela abriu ao meu mistério todos os seus domínios e...

– E o quê?

– Nossa!!! Acho que essa hora dela em meu dia durará vários dias. Com sua licença!

– Licença concedida! – responderam todos eles ao mesmo tempo.

O caso é que me virei, dando-lhes as costas, e já vi bem na minha frente daquela regente cósmica, que me ordenou:

– Desdobres suas defesas cristalinas, meu Cavaleiro das Sete Lanças da Vida.

– Tem certeza de que esse mistério também se manifesta por meio de mim?

– Tenho. Mas só o mostrarei depois que você desdobrar suas defesas cristalinas, pois só você e eu o ativaremos dentro dos meus domínios. Seus irmãos têm permissão de penetrarem neles, de atuarem ou de conhecê-los, mas só por

fora. Mas a você concedo o direito de conhecer por dentro todos os mistérios que existem em meus domínios e de possuir os que mais o agradarem ou lhe proporcionarem satisfação. Está bem assim para você?

– Para mim está. Mas...

– Não diga mais nada antes de desdobrar suas defesas cristalinas! – ordenou-me ela.

– Sim, senhora.

Assim que desdobrei minhas defesas cristalinas, meus pais e mães ali presentes, que haviam se ajoelhado e curvado a cabeça para baixo, se levantaram. Então meu pai Guardião Beira-mar exclamou:

– Esse enigma ainda vai nos colocar em alguma encrenca das grandes!

– Também acho que sim – concordou meu pai Ogum de Lei, que perguntou: – Será que ela nos viu?

– Acho que não. Ela não desviou os olhos daquele mistério dele um só instante. Acho que escapamos de ser possuídos pelo mistério dela por causa daquela capa do desaparecido Ogum Sete Estrelas que ele usava. Você a devolveu? – perguntou-lhe meu pai Guardião Naruê.

– Eu não – respondeu-lhe meu pai Ogum de Lei. – Eu a entreguei à divina mãe da Vida, que a ocultou em um de seus mistérios mais ocultos.

– Do que e de que vocês estão falando? – perguntou vovô tatá Omolu, que acabara de surgir ali.

– O senhor não a viu?

– De quem vocês estão falando?

– Da regente cósmica daquela sua filha que você acabou de assentar em seus domínios.

– Vocês a viram?

– Só de relance.

– Como isso aconteceu?

– Foi só nosso filho enigma nos dar as costas para ela se tornar visível através de um portal cósmico que se abriu bem na frente dele, e aqui mesmo, sabe?

– Ótimo! Até que enfim ele conseguiu!

– Do que o senhor está falando, amado pai? – perguntou meu pai Guardião Naruê.

– Ele não foi às dimensões como havia sido planejado, então as dimensões vieram até ele! Bem que eu nunca deixei de ver nele meu mais natural herdeiro! Esse meu neto tem tudo para herdar naturalmente meus mais ocultos domínios e mistérios!

– Amado pai, eu nunca o vi tão feliz assim. O que é que o senhor sabe e que nós desconhecemos?

– Perguntem à guardiã cósmica que tanto os assustou que saberão, oras!

– O senhor acha que somos malucos?

– Oras, por que vocês a temem tanto? É só uma questão de tato, sabem? É preciso ter muito tato quando se ligarem com ela, pois é muito sensível com quem porta espadas.

– Por quê, se ela não teme as lanças?

– Depende de qual lança vocês estão se referindo, pois a dele é a cristalina.

– Agora que o senhor falou qual é a lança que ela deseja possuir, já sabemos. Como eu sou portador de uma espada da Lei, acho que vou cuidar dos meus domínios. Com sua licença! – falou meu pai Ogum de Lei, desaparecendo dali.

– É, eu também tenho de vigiar meus domínios! – falou meu pai Guardião Beira-mar, que também se recolheu aos seus domínios.

E assim, um a um, todos se recolheram aos seus domínios, só ficando ali meu pai Guardião Naruê, que perguntou ao meu vovô tatá Omolu:

– Pai amado, o senhor permanecerá aqui até ele retornar?

– Não. Acho que demorará alguns dias até ele retornar à dimensão humana.

– Quantos?

– No mínimo 77, meu filho.

– Por que tantos?

– Bom, a hora divina dessa regente cósmica dura exatos 77 dias da dimensão material humana e quem entra nos domínios dela não sai um segundo antes, sabe?

– Agora sei. E já que é assim, vou caminhar um pouco. O senhor me acompanha?

– Claro! Afinal, você é outro dos meus herdeiros naturais que mais aprecio!

– Quantos herdeiros naturais o senhor tem, amado pai tatá Omolu?

– Todos que desejo. Só esses eu tenho, sabe?

– Sei. E o senhor não teme aquela divindade cósmica, certo?

– É claro que não.

– Não sei não, mas acho que dentro desse seu cajado devem estar tantos mistérios que até é possível que o que tanto atraiu a atenção dela esteja também dentro dele.

– Saiba que esse meu cajado é um mistério em si mesmo.

– Disso não tenho dúvidas, pai amado. Vamos caminhar um pouco?

– Vamos. Enquanto caminhamos, vou revelar-lhe uma coisa que descobri há muito tempo.

– Estou preparado para ouvir o que o senhor deseja me revelar?

– Agora está, meu amado filho Guardião Naruê!

Quanto a mim, posso dizer-lhe que aqueles 77 dias até que passaram rápido. Não sei se foi porque estive muito ocupado com tantos mistérios ou se foi porque passei a formar tantos pares ideais nos domínios daquela maravilhosa regente cósmica que já nem me lembro de quantos formei.

Mas de uma coisa me lembro bem: aquela amada regente possuiu tantos mistérios de minha lança cristalina que, às guardiãs cósmicas do mistério maior regido por ela, só restaram os mistérios das minhas outras seis Lanças da Vida. E, se naqueles 77 dias elas não possuíram todos por falta de tempo, no entanto periodicamente elas veem até a dimensão humana, onde vivo, só para possuírem mais alguns, que, segundo elas, são os mais vigorosos, fortes e poderosos mistérios da vida!

Quanto ao meu amado pai Guardião Naruê, bem, sempre que ele vê uma delas se aproximar, trata logo de afastar-se, pois, segundo ele diz, é através dos olhos delas que aquela regente cósmica observa o que acontece na dimensão humana, ou fascina quem ficar no campo visual de suas guardiãs, que não tiram os olhos do meu mistério maior, porque ele já as possuiu e só está aguardando que elas manifestem o desejo de possuí-lo. Mas isso, mais dias menos dias elas não resistirão e aí, bem... deixa para lá, pois mais um mistério desse meu mistério maior descobrirei: ele tanto anula os polos negativos de minhas irmãs cósmicas quanto é capaz de gerar nelas um polo positivo que lhes facultará a oportunidade de serem acolhidos por meu amado vovô tatá Omolu, que certamente recolherá todas elas em seus domínios, já que ele sempre me recomenda a sustentação dos pares que com elas formei. E ainda diz:

– Neto amado, eu não o escolhi por acaso! Não mesmo! Nessas coisas nós, os herdeiros naturais dos mistérios maiores do divino Omolu, não somos só os mais duros ossos de se roer. Não, senhor! Além de sermos ossos duros de roer, ainda temos muito tutano para sustentar nossa força, nosso vigor e nosso poder!

Eu não duvido do que ele me disse com tanta segurança. Afinal, segundo andei descobrindo, vovô tatá Omolu é um dos mais antigos Orixás cósmicos e traz em si mesmo tantos mistérios que ninguém consegue possuí-lo.

Justamente por ser assim, inesgotável, ele é tido como muito possessivo e dominador. Mas na verdade ele apenas gosta de doar seus mistérios àqueles que dele se aproximam e afeiçoam-se ao seu modo direto, reto e objetivo de agir.

Meu pai Guardião Naruê diz que vovô tatá Omolu é o Orixá mais "ogunizado" entre os não Oguns. E eu tenho certeza de que, se ele diz isso, é porque além de conhecer bem esse meu amado vovô ancestral, também sabe de coisas que não revela a ninguém.

Outro dos meus amados pais Oguns mediadores, e que também conhece muito bem meu amado vovô tatá Omolu, é meu pai Guardião Megê, que, acho eu, sabe de mais coisas sobre ele que meu pai Guardião Naruê. Mas é outro que nada revela. Sempre se limita a dizer-me: "Filho amado, não se apresse em conhecer todos os mistérios desse mistério vivo e muito individualista que é esse seu amado vovô tatá Omolu. O último que tentou se apossar às pressas dos mistérios dele está intoxicado até hoje. Olhe que isso aconteceu há alguns milhões de anos terráqueos, sabe?"

O fato é que eu mudei muito depois de ter voltado daquela dimensão cósmica, e sem ter ido realmente até ela, pois tudo se realizou dentro de minhas defesas cristalinas que delimitam meu centro neutro.

Deixei de chorar de saudades das dimensões naturais paralelas à dimensão humana e aquietei-me em todos os sentidos para captar as vibrações que me chegam de todos os lados ou direções e poder formar o maior número de pares naturais ideais que me for possível.

Não me nego a ligar-me com ninguém, desde que se submetam às minhas condições humanas e ao meu humanismo, pois eu ainda me vejo e me sinto um ser humano muito humano.

Se assim procedo é porque descobri que o lugar ideal para assentar meu Trono da Geração é a dimensão humana, a única que tem em si mesma tudo o que está distribuído entre as outras, que coexistem irmanadas a ela, e juntas formam nosso todo planetário, que é multidimensional.

Certo dia pensava justamente sobre isso quando meu pai Guardião Beiramar aproximou-se de mim e perguntou-me:

– Filho amado, você se lembra de quando me perguntou algo sobre as dimensões da vida e as esferas extra-humanas?

– Lembro-me sim, meu pai. Eu ainda vivia no corpo carnal quando alguém chamou minha atenção para esses conhecimentos. Mas não encontrei nada sobre eles no plano material. E o senhor só me abriu o conhecimento das muitas dimensões da vida que existem lado a lado com a dimensão humana.

– Esse conhecimento você já domina, não?

– Domino, sim.

– Então chegou o momento de abrir-lhe o das esferas extra-humanas.

– O senhor acha que estou apto a absorvê-lo?

– Está. E tanto está que já recebi uma solicitação direta de seu regente Oxumaré para lhe abrir alguns conhecimentos sobre as esferas extra-humanas.

– Solicitação direta?

– Sim.

– Em que sentido?

– No primeiro, terceiro e sétimo. No sentido da fé, no do conhecimento e no da geração.

– Isso tem a ver com esse meu mistério?

– Qual deles?

– O senhor sabe a qual deles me refiro.

– É, eu sei sim.

– Então?

– Foi o Mistério do Trono da Geração. Seu pai maior Oxumaré atua em uma faixa vibratória específica, mas de alcance ilimitado, sabe?

– Sei! Que alcance é esse?

– Bom, é extraplanetário e extra-humano e alcança as tais esferas extra-humanas que certo dia alguém revelou a você a existência delas.

Você ainda se lembra de que comentei que certas evoluções atendem a outros objetivos do divino Criador?

– Só me lembro de algumas coisas. Não é melhor o senhor comentar tudo novamente?

– Está certo. Vou ser breve, mas conciso, pois tenho pressa em colocá-lo a par da solicitação direta do seu pai maior Oxumaré.

– Sim, senhor. Estou atento para absorver tudo o que tem a revelar-me.

– O fato é que você já viu que nessa dimensão humana só uma milionésima parte dos seus irmãos naturais e encantados adentra, para aqui vivenciar uma evolução única que é a evolução humana, certo?

– Sim, senhor. Só uns poucos se espiritualizam, e vão engrossando a corrente humana, que é espiritual por excelência divina. Eu mesmo sou um ser que se espiritualizou.

– É isso mesmo. Mas você sabe para onde seguem as correntes evolucionistas?

– Não, senhor.

– Elas seguem para as esferas extra-humanas ou extraplanetárias.

– Essas esferas são faixas ao redor do nosso planeta?

– Não. O que significa uma esfera?

– Em geometria é um "corpo redondo", não?

– É sim. Uma esfera é uma bola, um círculo fechado, etc., mas os corpos celestes também são esféricos, certos?

– Vistos da terra todos se mostram esféricos.

– Pois é isso, filho amado. As tais esferas extra-humanas são outros planetas. Mas se são chamadas de extra-humanas é porque a vida que nelas existe não está na mesma faixa vibratória do plano ou dimensão material da vida humana.

– Não?

– Não. A vida em muitos outros planetas se processa em faixas vibratórias acima ou abaixo da faixa onde o planeta Terra é como você bem o conhece: um composto denso ou material!

Todos os planetas, satélites, estrelas, etc., também possuem suas faixas vibratórias semelhantes a essa que você conhece muito bem, pois viveu nela até pouco tempo atrás.

– Os cientistas andam estudando os planetas para ver se acham sinais de vida, próximo da Terra. Eu mesmo me divertia com histórias de marcianos, jupiterianos, venusianos, etc., mas dentro da faixa vibratória que chamamos de faixa da matéria, certo?

– Eu sei. Mas era pura ficção, não?

– Era.

– O fato é que muitos planetas, nessa faixa vibratória da matéria, são desérticos se comparados ao planeta Terra.

– São, sim. Até eu desencarnar, não haviam encontrado "vida inteligente" em nenhum dos que pesquisava.

– Saiba que, se a vida que neles existe não é visível aos olhos e aparelhos óticos "materiais" humanos, no entanto outros planetas são tão ricos em vida quanto o planeta Terra. Só que neles ela está localizada em faixas vibratórias diferentes da faixa em que vivem os espíritos encarnados.

Os planetas, que são matéria geradora de energias, são os sustentáculos energéticos da vida que neles existe. Tal como aqui, onde a dimensão material é fornecedora inesgotável de energias para as outras dimensões, que as captam por meio dos vórtices planetários. Nos outros planetas existem vórtices que retiram as energias geradas em sua dimensão material e as distribuem segundo as necessidades dos seres que vivem nas dimensões paralelas que neles coexistem em harmonia e equilíbrio e abrigam um número indeterminado de seres e criaturas.

Lá, como aqui, os seres são dotados de uma inteligência racional e criativa, enquanto as criaturas são dotadas só dos instintos básicos. Enfim, diferenças não existem senão na formação energética e nas aparências exteriores.

– O senhor já visitou alguma dessas esferas extra-humanas?

– Já. E foram muitas, sabe? De tempo em tempo nos é concedida a oportunidade de visitá-los em estudo, e somos "monitorados" mentalmente por seres altamente evoluídos que denominamos de Tronos Galácticos.

– Tronos Galácticos?

– Isso mesmo. Os Tronos naturais multidimensionais planetários você já os conhece, certo?

– Conheço, sim. São nossos amados pais maiores e Orixás regentes da natureza. Mas eu pensava que a hierarquia divina cessava neles!

– Em parte cessa, pois eles são Tronos assentados neste planeta, e as hierarquias planetárias multidimensionais que regem os muitos níveis vibratórios começam neles e vão se desdobrando de grau em grau vibratório. Mas, se eles estão assentados no topo das hierarquias planetárias multidimensionais, a partir deles tem início uma outra hierarquia que denominamos de hierarquia dos Tronos Divinos Galácticos, que é formada por Tronos Planetários.

O planeta Terra possui um desses Tronos que é o regente da coroa divina e coordena as sete vibrações básicas que dão sustentação à vida neste planeta e em suas múltiplas dimensões.

– Que Trono é esse, meu amado pai Guardião Beira-mar?

– Para facilitar o entendimento sobre ele nós o imaginamos, idealizamos e concebemos como o divino Trono das Sete Encruzilhadas, pois ele está assentado no centro do todo planetário multidimensional, e rege as sete dimensões essenciais-básicas da vida. Nelas estão assentados seus auxiliares diretos, que são os Sagrados Orixás essenciais, que são os regentes das sete essências básicas formadoras desse planeta.

– São os Sagrados Orixás que denominamos de Orixás essenciais cristalino, mineral, vegetal, ígneo, eólico, telúrico e aquático, certo?

– Isso mesmo, meu filho. E esses sete Orixás essenciais dão origem aos Orixás elementais, que pontificam as hierarquias naturais que regem as dimensões da

vida onde os seres evoluem e as criaturas vão cumprindo as funções a elas reservadas pelo divino Criador.

Os Orixás essenciais irradiam as essências e os Orixás elementais emprestam a elas suas qualidades. Já os Orixás naturais emprestam-lhes seus atributos e os Orixás regentes dos níveis vibratórios participam com suas atribuições. Essências, qualidades, atributos e atribuições são facilmente explicáveis, sabe?

– Como, meu pai amado?

– As essências são o que são: essências. Mas um Orixá elemental da água fornece à essência que manipula suas qualidades aquáticas e a essência assume característica própria, pois passou a ser elemento aquático.

Qualidade em um Orixá é isto: ele empresta suas qualidades a uma essência, a um elemento, a uma energia, a um mistério, etc.

Já os atributos são os mistérios que são em si mesmo os Orixás naturais, pois um tem como atributo irradiar o amor e propicia a concepção; outro tem como atributo irradiar a ordem e aplicar a Lei, etc.

Assim, o atributo de uma Oxum é criar as condições ideais para que as concepções aconteçam. E não estou falando só da concepção de seres, pois conceber é um atributo de Oxum e até a concepção de um engenho mecânico só acontece porque suas irradiações alcançam os mentais e os fecundam com as energias conceptivas.

Já as atribuições, estas estão no campo dos Orixás mediadores, que são os aplicadores dos atributos dos seus regentes, mas em níveis distintos.

Seu pai Guardião Naruê aplica os atributos ordenadores de nosso pai Ogum Maior na defesa dos domínios naturais dos Orixás. Já seu pai Ogum de Lei os aplica nos domínios da fé; seu pai Guardião Yara os aplica nos domínios da Concepção ou Fecundidade e eu, seu pai Guardião Beira-mar, os aplico nos domínios do Criacionismo.

Logo, ordenar a maternidade é uma das minhas atribuições.

Já seu pai Guardião Megê tem como atribuição ordenar os domínios de nosso pai maior Obaluaiê. Você entendeu isso, meu filho?

– Sim, senhor.

– Então, voltando ao regente desse planeta, se o denominamos de divino Trono das Sete Encruzilhadas, é porque ele irradia as sete essências básicas fundamentais e tem sua hierarquia de auxiliares. E nessas hierarquias eu pertenço à regida pelo ancestral Ogum, que a pontifica e empresta a todos os Oguns suas qualidades e seus atributos e concede a cada um uma faixa vibratória afim com a essência que irá ordenar em nível elemental, encantado ou natural; em nível energético ou magnético; em nível positivo ou negativo.

– Entendi, pai amado. O regente planetário é um desses Tronos galácticos e empresta suas qualidades à irradiação divina que deu origem a esse planeta e à vida que nele existe. E como seus atributos são muitos, mas sete são fundamentais, pois são essenciais à sustentação da vida, ele os empresta e é conhecido como Trono das Sete Encruzilhadas, pois em si essas sete essências básicas se

unem e por ele são irradiadas uniformemente. Mas, onde um dos seus auxiliares diretos, que são os Orixás elementais, predomina, então sua irradiação assume as qualidades desse seu auxiliar direto, certo?

– Isso mesmo. Existe um Orixá do fogo, outro da água, outro do ar, outro da terra, outro do mineral, outro do vegetal e outro do cristal.

Esses sete Orixás são indiferenciados, pois são fogo puro, água pura, ar puro, terra pura, mineral puro, vegetal puro e cristal puro. Eles emprestam suas qualidades e, por meio da essência cristalina, fluem as irradiações de fé que dá origem ao Trono da Religiosidade, que tem por atribuição estimular a religiosidade nos seres. Então as irradiações de fé formam a linha de força que é a Linha da Fé, que possui muitos níveis vibratórios onde toda uma hierarquia religiosa está distribuída e assentada.

E o mesmo acontece com os outros seis Orixás elementais. Todos possuem suas hierarquias celestiais que os auxilia.

– Entendo.

– Bem, saindo do planeta Terra, que você já sabe que é regido por um Trono divino de grau galáctico, então vamos comentá-lo um pouco, certo?

– Estou atento, meu pai.

– Muitas são as galáxias existentes no Universo, não?

– São muitas.

– Saiba que cada galáxia tem um Trono regente que a sustenta, tal como o Trono das Sete Encruzilhadas faz pelo planeta Terra. Só que esse Trono regente é o ser divino que pontifica uma hierarquia vastíssima e numerosíssima, pois em uma galáxia existem tantos corpos celestes que é impossível quantificar seu número. Mas para cada corpo celeste existe um Trono galáctico análogo ao nosso divino Trono das Sete Encruzilhadas. E todos têm funções semelhantes dentro dessa hierarquia galáctica.

– Dentro das dimensões, uma função análoga é desempenhada pelos Orixás localizados ou assentados nos reinos naturais, certo?

– Isso mesmo. Todos têm a mesma função, que é sustentar energética, magnética e vibratoriamente todo um reino onde milhões de seres vivem e evoluem. Por isso nosso Trono das Sete Encruzilhadas rege esse planeta desde que ele existe e o regerá por todo o sempre, pois Trono e planeta estão de tal forma integrados que são inseparáveis.

Mas, assim como os Orixás ancestrais têm os regentes das dimensões, que são os Orixás naturais ou nossos pais maiores, os Orixás galácticos são regidos por Tronos regentes de constelações, e estes são regidos pelo regente de toda uma galáxia que é formada por muitas constelações, que são formadas por muitas estrelas, etc.

– Eu entendi, pai amado. Continue, por favor.

– Bem, o fato é que a evolução é contínua, e seres que já viveram nesse nosso planeta há bilhões de anos, hoje estão vivendo em outros orbes.

– O senhor está me falando tudo isso para mais adiante dizer-me que irá partir para outro planeta?

– Não, meu filho amado.

– Então?

– Estou preparando-o para dizer-lhe que você tem ligações ancestrais com um outro planeta ou esfera extra-humana.

– E...?

– E a regente planetária dele está acompanhado-o atentamente já há algum tempo.

– No que um ser insignificante como eu pode interessar a uma regente planetária da magnitude do nosso Trono das Sete Encruzilhadas?

– É assim que você se julga?

– Claro! Eu sou isso, que o senhor conhece muito bem.

– Pois trate de alterar esse conceito sobre si mesmo, porque um ser insignificante não atrairia a atenção de um Trono galáctico regente de um planeta semelhante em alguns aspectos a esse onde você vive e evolui.

– Pai amado, por favor!

– Eu ainda nem lhe disse o que pretendo e você já está refutando. Por quê?

– Eu não estou preparado para ouvir o que o senhor tem a revelar-me.

– Você ainda não me ouviu. Logo, não tem como saber se...

– Com certeza o senhor irá revelar algo que começará a atormentar-me assim que eu ouvir.

– Quando ouvir o que tenho a dizer, com certeza você ficará muito feliz.

– O senhor me convidará para uma visita a esse planeta cuja regente está de olho em mim?

– Não. Mas, se você quiser conhecê-lo, nós solicitamos sua inclusão no próximo grupo de estudos...

– De jeito nenhum! Não saio dessa dimensão e desse planeta por vontade própria. E ponto final!

– Está certo. Acho que você não está preparado mesmo.

– Tenho certeza de que não estou.

– Quando sentir que está, avise-me.

– Sim, senhor.

Ele partiu contrariado e eu não fiquei sabendo o que ele desejava revelar-me. Não sei se foi coincidência ou não, o fato é que poderosos irmãos astutos e venenosos começaram a incomodar-me pouco tempo depois daquela conversa, truncada pela minha recusa em ouvi-lo falar de uma esfera extra-humana.

Se foram cautelosos no começo, logo se tornaram tão ousados que suas investidas só não me anularam porque recebi muita ajuda dos meus irmãos pacíficos, dos meus pais, avós e bisavós.

De certa forma, até que foi positiva aquela investida violenta, pois aprendi a lidar com eles ao meu modo e a dar uso a vários mistérios que já havia possuído, mas nunca havia usado.

O que sei é que muitos deles se arrependeram amargamente por terem investido contra mim de forma tão violenta. A reação foi na mesma proporção e a maioria deles foi lançada em suas dores finais. É certo que me tornei seus executores. Mas tenho certeza de que nunca mais me incomodarão.

Sim, senhor! Se eles se recuperarem, no futuro, sentirão tanto pavor de mim quanto um hidrófobo sente pela água, ou um claustrófobo sente de um quarto escuro e fechado, pois, como vovô tatá Omolu sempre diz: "Quando não querem ver em nós uma fonte de vida, que nos vejam como seus túmulos finais, neto amado!".

Eu não duvido de que esse meu vovô amado tem sido o túmulo final de muitos canalhas desumanos! Eu, como seu herdeiro natural, não nego, já incorporei muitos dos seus "bens" naturais colocados a serviço da Lei e da Vida, e recorro a eles quando sinto que só com eles realizarei os desejos dos que estão desejando a "morte" emocional.

Mas, como sempre dizem todos meus tatá-avós : "se a morte emocional é só um minuto na vida de um ser, seus resultados finais proporcionam aos seus beneficiários um racional e consciente despertar para os sentidos da vida". Por isso é que nunca nego a morte emocional a quem a está desejando, sabe?

Meu amado pai Guardião Megê, que desde que viu algo em mim, não sei o quê, e nunca mais se afastou de minha esquerda, sempre me diz: "Filho amado, nunca negue a ninguém a realização do desejo que o está incomodado! Afinal, se os desejos às vezes são incompreendidos até por quem os está manifestando, no entanto a realização deles só acontecerá no campo de ação do objeto desejado".

Portanto, se sou o objeto dos desejos de alguém, nada mais leal de minha parte que realizá-los o mais rápido possível!

E foi assim, sempre instruído e orientado pelos meus irmãos leais, pais, avós, bisavós e tatá-avós , que não tive o mesmo fim do desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia, que não conquistou sua sétima estrela porque renegava a fonte de todo o seu vigor, força e poder: os Mistérios do Trono da Geração!

Quanto a mim, que sou ele renovado, bem, não só não os reneguei como os incorporei ao meu íntimo, e meu amado pai Guardião Beira-mar até já chegou a me dizer isto:

– Com você nada acontece como planejamos, sabe?

– Por que, meu pai amado?

– Bom, você se lembra das tais esferas extra-humanas?

– Lembro-me, sim. O que há de novo sobre elas?

– Sobre elas, nada. Mas você sabe quem são essas nossas irmãs meigas, doces, suaves, encantadoras e luminosas que mais se parecem com estrelas vivas, e que de vez em quando penetram em suas defesas cristalinas internas como se elas não existissem?

– Sei, sim. Elas são um mistério que não consigo decifrar, sabe? Penetram nessas minhas defesas com tanta naturalidade que nem ouso negar-lhes o que me solicitam.

– Saiba que elas estão vindo de algumas esferas extra-humanas.

– Por que só agora o senhor me revela isso?

– Bom, quando eu quis alertá-lo sobre elas, você se recusou a me ouvir. Logo, o problema é todo seu. Nem pense em pedir minha ajuda, pois me recuso a ouvi-lo, certo?

– Por quê?

– Não vou dizer-lhe nada, pois você se negou a me ouvir quando ia transmitir-lhe um alerta do seu pai maior Oxumaré.

– Que idiota que fui! Era só um alerta e eu pensei que o senhor desejava levar-me até alguma daquelas esferas!

– Azar o seu. Agora elas já se ligaram ao seu mistério, e de forma humana, quando o alerta era para você só permitir ligações por meio do seu trono energético!

– O senhor está brincando comigo, não?

– Não estou não, filho amado. Azar o seu, pois aquelas esferas são exclusivamente femininas, e todas as habitantes delas só desejam uma coisa...

– Que coisa?

– Bom, acho que elas possuem em si mesmas mistérios análogos a esse seu, mas de polaridade feminina, sabe?

– Sei. Mas... o que tenho a ver com isso, ou melhor, onde interesso a elas?

– Justamente nesse seu mistério, sabe?

– Por que, se elas possuem mistérios análogos?

– Bom, como aquelas esferas são exclusivamente femininas, acho que encontraram em você o par ideal que haviam imaginado, idealizado e concebido.

– Que droga! Só agora fico sabendo que aquelas encantadoras, meigas, doces e envolventes irmãs que vivem me chamando de "anjo da vida" não são deste planeta!

– Como eu já disse: azar o seu!

– Agora estou encrencado mesmo!

– Está, sim. Nas esferas onde elas vivem, um certo Cavaleiro do Arco-íris é tão desejado como par ideal que sua serpente encantada nunca mais se ocultará na dimensão humana ou conseguirá enrodilhar-se e adormecer no sono tão desejado.

– Por quê?

– Bom, acho que elas, que são exímias encantadoras de serpentes, fixaram seus olhos na cabeça da sua encantada do Arco-íris, e toda vez que ela quer fechar os olhos para adormecer, elas a despertam da letargia que está se apossando dela, sabe?

– Sei... acho que sei, não?

– É, acho que você sabe.

– Tronos da Geração, femininos. É isso?

– É, sim.

– As esferas onde elas vivem são muito grandes?

– São muito maiores que esse todo planetário onde vivemos.

– São, é?

– São, sim. Se ainda me lembro bem, acho que há algumas dimensões paralelas a mais que as nossas.

– Quantas a mais?

– Bom, um deles me lembro bem. É isso! Sim, são 777 dimensões paralelas, sabe.

– Puxa!!! Estou encrencado mesmo!

– Está, sim. Todas são Tronos da Geração, sabe?

– Sei. Agora que já é tarde, eu descubro por que essa serpente encantada do Arco-íris vive quase que o tempo todo com a cabeça voltada para as estrelas. Coitada! Nunca mais repousará, como sempre fazia, quando eu paro de pensar e repouso um pouco para descansar meus olhos humanos.

– Isso é para nunca mais olvidar seu pai Guardião Beira-mar, sabe?

– O senhor acha que esses pares ideais que estão formando é para sempre?

– Eu nunca vi um par ideal se desfazer. Mas, por que me perguntou isso? Não está pensando em romper os cordões de ligação, está?

– Não estou. Mas vai que uma delas queira rompê-lo, sabe?

– Então você não está arrependido ou preocupado com essas ligações?

– Eu? De jeito nenhum, meu pai. Afinal, como o senhor bem as definiu, onde eu poderia encontrar tão doces, suaves, meigas e encantadoras irmãs que, ao encantarem minha encantada do Arco-íris, foram possuídas pelo humanismo que passei a ela?

– Você humanizou sua encantada do Arco-íris?

– Sim, senhor.

– Por que fiz isso?

– Bom, eu andei refletindo e acho que um dos problemas do ancestral Trono da Geração foi ele ter tentado possuir o Mistério da Encantada do Arco-íris. Logo, optei por deixar que ela possuísse meu humanismo e o sustentasse no que de mais humano tenho em mim mesmo: esse meu Mistério da Geração.

– Então está explicado, oras! Acho que foi depois que você fez isso que aquela regente extra-humana deve ter começado a desejá-lo!

– O senhor acha que foi por isso?

– Só pode ser, sabe?

– Ainda não sei.

– Oras, se você humanizou sua Encantada do Arco-íris e permitiu-lhe que sustentasse seus mistérios nesse seu Mistério da Geração, você tornou os mistérios dela inesgotáveis e capazes de sustentar quantos pares aqueles Tronos femininos puros da Geração desejarem formar com os Mistérios do Arco-íris Encantado do Divino Oxumaré!

– Será que isso aconteceu de fato?

– Claro. O alerta era para você não ceder a cabeça dos pares que viesse a formar com elas.

– Eu nunca discuti isso com elas, sabe?

– Nem é preciso. Uma Serpente Encantada do Arco-íris já é possessiva por natureza. Agora, uma que se humanizou, é um perigo para quem fixar seus olhos na cabeça dela.

– Por quê?

– Porque não só não reagirá diante dela como ainda cederá em todos os sentidos a qualquer pretensão só para poder acariciar sua encantadora cabeça multicolorida.

– Bom, menos mal, certo?

– Claro. Assim você até poderá ir visitar seus novos domínios extra-humanos, mas sempre retornará aos seus domínios humanos, que, se não são tão vastos, no entanto não são menos encantadores que os regidos por aquelas doces, suaves, meigas e encantadoras Estrelas Siderais.

– Acho que vou caminhar um pouco e refletir sobre tudo o que acabei de descobrir. Com sua licença, meu pai amado!

– Licença concedida, filho do meu coração.

Assim que me afastei do meu pai amado, vovô tatá Omolu aproximou-se dele e perguntou-lhe:

– Será que não dá para você recolher aquela veste branca que cobre o corpo dele?

– Por que eu deveria fazer isso?

– Bom, sem ela cobrindo-o, eu volto a ocupar meu lugar em sua costa... e aí, bem, descubro o mistério daquelas Estrelas extra-humanas, sabe?

– Sei sim, senhor. Sei muito bem.

– Então...

– Dê uma olhada um pouco acima da cabeça dele e certamente mudará de ideia no mesmo instante, meu pai amado.

Após olhar, vovô tatá Omolu, admirado, perguntou ao meu pai Beira-mar:

– Quando foi que surgiu aquele Arco-íris logo acima da cabeça dele?

– Não sei. Só o vi há pouco. Mas eu é que não quero ficar debaixo dele, sabe?

– Nem eu. Esses Arco-íris costumam encantar quem fica debaixo deles.

– Encantam mesmo. Assim que o senhor ficar nas costas dele, o divino Oxumaré o encantará, com toda a certeza.

– Encantará, sim. Ele vem tentando encantar-me já há um bom tempo.

– Então é melhor o senhor ceder, senão não se renovará.

– Bobagem! Enquanto o divino Oxumaré fica me tentando com as cores do seu Arco-íris encantado, eu vou me renovando nos meus filhos, netos e bisnetos.

– Mas esse seu neto não é sua última oportunidade de renovação?

– Que nada. Já encontrei um tataraneto que traz em si tudo o que precisa para herdar naturalmente meus mistérios.

– Quem é ele?

– Eu não lhe falei sobre ele?

– Ainda não.

– Pois é, ele veio visitar esse seu filho enigma, que é o mais enigmático dos meus netos, e, assim que me viu, falou-me: "Avô, quando eu crescer vou ser igual ao senhor!". Gostei tanto dele que já o elegi meu herdeiro natural, sabe?

– O senhor olhou nos olhinhos dele?

– Olhei. É só um infante inocente e muito amoroso. Por quê? O que é que você sabe sobre ele?

– Muito pouco. Mas o suficiente para não olhar nos olhos dele.

– Por quê? – perguntou vovô, já preocupado.

– Bom, segundo meu irmão Ogum de Lei, o divino Oxumaré nos vê através dos olhos dele, sabe?

– Só agora você me revela isso? Desta vez, quem está encrencado sou eu!!!

Mal vovô tatá Omolu falou aquilo e uma voz infantil, vinda de longe, o chamou:

– Vovô tatá Omolu, onde está o senhor? Aqui está tudo escuro, vovô! Acho que vou soltar minha Encantada do Arco-íris para iluminar um pouco esses seus domínios sombrios!

Vovô, mais que depressa, falou:

– Não faça isso, netinho amado! Já estou indo ao seu encontro!

E, assim que ele foi ao encontro do seu mais novo herdeiro natural, meu pai Guardião Beira-mar falou ao meu pai Ogum de Lei:

– Acho que já não precisamos nos preocupar tanto com esse nosso neto, que é uma renovação do divino Oxumaré, sabe?

– Sei, sim. Quem tentar apossar-se daquela encantada dele, com certeza colocará a vida na boca da nada encantadora serpente negra desse nosso amado tatá Omolu!

– É, nessa história de encantados, nunca se sabe quem anda encantando quem, não é mesmo?

– Não mesmo! Dessa vez, como das outras, ele está encrencado, pois não vai largar o rabo daquela pequena serpente encantada do Arco-íris mesmo que ela se volte contra ele.

– É, ele não largará mesmo. Afinal, ele vive dizendo que dentro daqueles ossos ele tem tutano, muito tutano!

– Por falar em tutano, nós, os Oguns, também temos tutano, não temos?

– Temos, sim. E dos fortes, irmão Ogum de Lei.

– Ótimo! Vamos dar uma olhada no que há do outro lado daquele Arco-íris que está pairando logo acima da cabeça de nosso filho enigma?

– Será que não é perigoso?

– Oras, você o viu preocupado com os pares extra-humanos, que anda formando com aquelas nossas ancestrais irmãs Estrelas Siderais?

– Nem um pouco. Só se preocupou em saber se elas não podiam romper unilateralmente as ligações.

– Pois é isso, sabe, irmão Guardião Beira-mar!

– Isso o quê?

– Oras, se esse nosso filho enigma, que é o mais astuto, esperto e dissimulado dos Oguns já desaparecidos, não deseja romper as ligações com aquelas doces, suaves, envolventes e encantadoras Estrelas Siderais, acho que nessa história toda algo está nos escapando por entre as mãos e não estamos nos apercebendo.

– Será?

– Tenho certeza de que, quando de nossas visitas àquelas esferas, nós, que por precaução não olhamos para o mistério maior delas, deixamos de ver nelas o que tanto agradou esse filho enigma, sabe?

– Sei. Como sei, irmão Ogum de Lei!

– Do jeito que você concordou, acho que já sabe de algo que eu ainda desconheço. O que é que você já sabe sobre elas, irmão Guardião Beira-mar?

– É um mistério, sabe? Eu não posso revelar nada sobre ele!

– Entendo. Você também não está preocupado com o que descobriu no mistério maior delas, não é mesmo?

– Nem um pouco. Já caminhei tanto ao lado desse filho enigma que até humanizei boa parte dos meus mistérios. Logo, não tenho por que temer os poderosos mistérios daquelas doces, suaves e encantadoras Estrelas Siderais. Até descobri que elas não podem e não desejam romper as ligações que estabelecem.

– Você está dizendo que só de caminhar ao lado dele esses anos todos, boa parte dos seus mistérios foram humanizados por "osmose energética?"

– Isso mesmo, irmão Ogum de Lei.

– Também está dizendo que não teme o poder do mistério maior daquelas ancestrais Estrelas Siderais?

– Não.

– Por que não, se todos os pais mediadores temem o mistério delas?

– Bom, eu descobri que, para possuir o mistério do nosso filho enigma, só elas concedendo a ele a posse do delas... antes.

– Isso significa que elas se tornam o polo passivo, certo?

– Não só passivo. Também se tornam polos meigos, doces, suaves e encantadoramente encantadoras!

– Encantadoramente encantadoras?

– Foi o que eu disse, irmão Ogum de Lei.

– Você também disse que a humanização ocorre por "osmose energética", certo?

– Também disse isso.

– Bom, então vou vigiar mais de perto esse nosso filho enigma enquanto ele ainda trilha seus caminhos humanos, sabe? Afinal, nunca se sabe o que nos aguarda do outro lado do Arco-íris!

Assim que meu pai Ogum de Lei afastou-se do meu pai Guardião Beira-mar, meu pai Guardião Naruê aproximou-se dele e perguntou-lhe:

– Será que de agora em diante ele vai nos auxiliar na guarda "humana" desse enigma celestial?

– Não só ele, irmão. Dê uma olhada e verá que até os já "desaparecidos" Oguns estão se aproximando para ver se por meio dele humanizam alguns de seus já adormecidos mistérios ancestrais. E você bem sabe como são esses desaparecidos Oguns ancestrais, não sabe?

– Sei sim. Todos apearam de seus cavalos quando se tornaram cavaleiros e começaram a caminhar pelos caminhos da vida recolhendo os caídos à beira deles, certo?

– É, mas nunca se conformaram em perder seus "cavalos" do divino Ogum. Logo, acho que viram, agora, a oportunidade de humanizarem alguns dos seus mistérios e cavalgarem rumo ao infinito, agarrados aos mistérios dessas brilhantes Estrelas Siderais, sabe?

– Sei sim. Acho que finalmente aquelas esferas extra-humanas femininas serão renovadas pelos mistérios dos nossos irmãos Oguns ancestrais.

– Tenho certeza de que logo eles deixarão os caminhos da Terra e trilharão os daquelas Estrelas Siderais, irmão Guardião Naruê. Afinal, mesmo os velhos Oguns ancestrais têm muito tutano, não têm?

– Eu nunca vi um deles fugir ao combate ou abaixar sua espada encantada enquanto não abrir os mais fechados caminhos. Você já viu isso acontecer?

– Nunca.

– É isso! Nessas histórias de encantados, nunca sabemos quem encanta quem. Mas nós, os Oguns, sempre somos encantados encantadores, não somos?

– Somos sim. Vamos caminhar um pouco, irmão Naruê?

– Para onde vamos, irmão Beira-mar?

– Vamos seguir aquele Arco-íris. Afinal, onde está um Arco-íris, por perto estão as Estrelas, certo?

– Certíssimo, irmão encantador de estrelas encantadas!

# 4ª Parte

## O Cavaleiro do Arco-Íris — O Trono Humano da Geração

Bem, após eu ter descoberto uma das razões para minha encantada do Arco-íris andar sempre voltada para o alto e observando o espaço infinito, sempre captando com sua encantadora cabeça as irradiações encantadas das misteriosas Estrelas Siderais, voltei minha atenção ao que ouvira meus pais Guardião Naruê e Beira-mar revelarem: os velhos ou ancestrais Oguns.

Sim, eu desconhecia esse mistério e achava que meu vovô Ogum de Lei era o mais velho dos Oguns. Mas, após eles revelarem aquilo, minha curiosidade natural aflorou e, assim que a Ninfa do Conhecimento dos Mistérios retornou até mim, eu a inquiri sobre esse "novo" mistério.

– Por que você deseja conhecê-lo, querido? – inquiriu-me ela, olhando-me de forma enigmática.

– Bom... sabe.... oras... droga!!!

– Por quê? – inquiriu-me ela mais uma vez.

– Bom, o caso é este: se esses velhos e ancestrais Oguns estão se aproximando de mim para se renovarem por meio do meu Mistério da Geração, então tenho o direito de conhecer parte do mistério que os rege, não?

– É só por isso?

– Se não for só por isso, com certeza você sabe o que desconheço, não?

– Você não sabe quem está por trás desse seu novo desejo?

– Tem alguém por trás dele?

– É claro que tem. Ou você acredita que seus pais Naruê e Beira-mar o deixaram ouvir aquilo se uma vontade maior não estivesse induzindo-os?

– Será que é isso?

– Por que você não os inquire de frente sobre o porquê de eles terem deixado você saber de algo sobre os velhos e ancestrais Oguns? Com certeza eles revelarão qual a vontade que está se manifestando em você na forma de um desejo, meu amado Trono da Geração renovador dos mais ocultos Mistérios da Criação!

– Não sei, não... mas acho que eles mudaram a tática em relação a mim depois da dificuldade que tive para recuperar minha lança cristalina deixada sob a guarda da senhora Guardiã do Tempo, sabe?

– Sei... – e, porque a Musa do Conhecimento dos Mistérios calou-se e mergulhou, visualmente, em meus olhos, eu nem pisquei para não interromper sua contemplação da vontade que, com certeza, ela já havia identificado e tentava localizar através do cristalino dos meus olhos, que era por onde eu irradiava meus desejos oriundos da manifestação das vontades maiores.

Aos poucos, e não sei como, dos meus olhos começou a sair uma irradiação diferente daquela que era multicolorida. E ela foi toda envolvida por aquela irradiação diferente, que a possuiu da cabeça aos pés e a ocultou de olhos curiosos que, sem que eu soubesse, nos vigiavam, pois tanto vovô tatá Omolu quanto minha vovó Guardiã do Tempo, ambos às minhas costas, me perguntaram:

– Neto amado, o que aconteceu com sua Musa do Conhecimento dos Mistérios?

– Vovô e vovó!!! Vocês ainda estão tentando possuir o mistério de minha musa dos conhecimentos?

– Não custa tentar, neto amado! – exclamou meu vovô tatá Omolu.

– Que coisa! Acho que nunca desistirão, não é mesmo? – perguntei, meio contrariado.

– Neto amado – falou vovó – uma hora dessas ela acabará abrindo para você o mistério que ela é em si mesma, e aí...

– E aí... o quê, vovó Guardiã do Tempo?

– Bem, aí nós lhe ensinaremos como se tornar um Trono gerador do conhecimento dos mistérios.

– Eu não quero acrescentar essa qualidade ao meu Mistério do Trono da Geração, vovó!

– Neto tolo! Ouça bem o que vou dizer – era vovô Omolu quem me falava. – Ou você acrescenta essa qualidade ao seu Mistério da Geração ou seu Mistério Guardião lhe será inútil ou de pouca valia quando você mais precisar dele.

– Quando eu mais precisar dele? Quando isso acontecerá, vovô tatá Omolu?

– Você não está desejando conhecer o mistério Oguns ancestrais desde que ouviu seus pais Naruê e Beira-mar comentarem algo sobre eles?

– Sim, estou desejando conhecê-lo.

– Por que acha que eles deixaram você ouvir algo sobre os velhos e ancestrais Oguns?

– Ainda não sei, vovô.

– Raciocine, neto tolo que não atina com as vontades maiores!

– Como posso raciocinar, se não sei por onde começar?

– No seu Mistério da Geração, qual é o grau desses seus dois pais Ogum?

– Bom, acho que eles são guardiões desse meu Mistério da Geração.

– Acha?

– Bom, é só o que eu sei sobre eles no que se relacionam com este meu mistério, vovô. Agora, se têm outros graus, aí o senhor sabe quais são, não?

– Não falemos sobre o que eu sei, certo?

– Vovô...

– Nem mais uma pergunta, neto amado.

– Sim, senhor.

– Ótimo! – exclamou vovô, satisfeito.

– O que é ótimo, vovô? – perguntei, curioso.

– O que ótimo significa para você, neto amado?

– Bom, ótimo é ótimo, não?

– Isso eu sei – respondeu-me ele, meio bravo.

– Já não estou entendendo onde o senhor deseja chegar, vovô.

– Você ainda não percebeu?

– Eu não. Nem sei a que o senhor está se referindo!

– À Musa do Conhecimento dos Mistérios, neto tolo!

– Puxa!!! O senhor não desiste dela mesmo!

– Nem eu, neto amado! – exclamou minha amada vovó Guardiã do Tempo.

– Saibam que estou tão confuso que nem sei de mais nada além do que desejam que eu faça com a Musa do Conhecimento dos Mistérios.

– Ouça, neto amado – falou-me vovô tatá Omolu – Seus pais Naruê e Beira-mar, que são guardiões do seu Mistério da Geração, com certeza despertaram em você o desejo de conhecer o mistério que oculta os velhos e ancestrais Oguns, certo?

– Até aí, já entendi. Mas... e o que não entendi?

– Bom, com certeza o divino Oxumaré manifestou um desejo em relação a você e o fez fluir como uma vontade em seus pais Naruê e Beira-mar de revelar-lhe o mistério que envolve os velhos e ancestrais Oguns, Oxóssis, Xangôs, Iansãs, Obás, Nanãs, Iemanjás, Egunitás, Obaluaiês, Ogum, Omolus, Oxalás... e talvez os ancestrais, mas sempre renovadores, Oxumarés.

– Puxa!!! Puxa!!! Puxa!!! Vovô, o que é que o senhor está me revelando e onde quer chegar?

– Por que tanta admiração, neto amado?

– O senhor sabe que em mim os desejos se manifestam como vontades a ser realizadas, certo?

– Isso eu sei.

– Então por que o senhor acrescentou ao mistério dos velhos e ancestrais Oguns, todos os outros velhos e ancestrais Orixás?

– Tanta admiração só porque lhe revelei a existência deles?

– E não é para eu ficar admirado, se só de ter ouvido falar dos velhos e ancestrais Oguns minha curiosidade aflorou?

– Não seja tolo, neto amado! Se existem os velhos e ancestrais Oguns, então existem outros velhos e ancestrais manifestadores dos outros mistérios Orixás, não?

– Bom, deve haver. Afinal, se existem velhos e ancestrais manifestadores dos outros mistérios Orixás, onde estão eles?

– Eles logo se mostrarão a você, neto amado!

– O senhor tem certeza?

– Como ousa duvidar do que eu digo, neto amado?

– Desculpe-me, vovô! Esse é meu modo de falar, sabe?

– Desta vez vou relevá-lo. Mas, da próxima...

– Perdoe-me, vovô. Por favor! Prometo...

– Não prometa nada, neto amado! – atalhou-me vovó Guardiã do Tempo – Você nunca cumpre o que promete! E, se prometer algo ao seu tatá Omolu e não cumprir, então...

– Prometo tentar mudar esse meu modo de falar, vovô! – exclamei.

– Tentar? Se você vai tentar, então não precisava prometer.

– Bom, pelo menos vou tentar, vovô amado. Afinal, eu me humanizei muito, sabe?

– Eu sei. E o mesmo fez com aquele seu filho, encantado do divino Oxumaré. Você está estragando a formação dele com esses seus modos e hábitos muito humanos.

– Como posso estar fazendo isso se quase não falo com ele?

– Aí é que está o problema. Não é preciso você falar nada porque ele absorve esse seu comportamento, demasiado humano, e começa a manifestá-lo naturalmente, sabe?

– É, eu sei. Mas o que posso fazer se sou assim? Como posso corresponder ao que o senhor espera se não sei pensar, falar ou me comportar como seus filhos e netos encantados? Talvez o divino Oxumaré queira que aquele meu filho seja como eu.

– Talvez. Mas só talvez, certo?

– Obrigado, vovô.

– Bom, voltando ao mistério dos velhos e ancestrais Oguns, o que aconteceu com sua musa do conhecimento?

– Acho que ela foi encantada por algum mistério que se manifestou através dos meus olhos, vovô.

– Você sabe para onde o mistério que a encantou a levou.

– Não a levou a lugar algum, vovô. Ela continua bem diante dos meus olhos.

– Você continua a vê-la?

– Sim, senhor. Ela está toda coberta pela irradiação que saiu dos meus olhos, mas eu continuo a vê-la... e ela não consegue desviar os olhos dos meus, sabe?

– Droga, neto amado! – exclamou vovô, muito contrariado.

– Não sei por que o senhor se irritou. Mas acho que devíamos ajudá-la a sair desse encantamento.

– Que nada. Essa musa, ao ouvi-lo falar do mistério dos velhos e ancestrais Oguns, logo tratou de antecipar-se e deve ter caído em alguma armadilha do mais oculto dos mistérios do divino Oxalá, neto amado!

– Que mistério é esse, vovô?

– Se ele é o mais oculto, eu é que não vou abri-lo a você.

– Então por que o senhor me falou da existência dele, se ele é tão oculto?

– Descubra-o através dos olhos da sua musa dos conhecimentos. Aproveite agora, pois ela está olhando para ele, neto amado! – incentivou-me meu vovô tatá Omolu.

– Eu não!

– Por que não? Por acaso você está com medo de um simples mistério oculto do seu amado pai maior Oxalá?

– Estou, vovô.

– Saiba que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não temia penetrar no interior dos mais ocultos mistérios, e o adormecido Trono da Geração não titubeava em apossar-se de um, assim que ele se mostrava aos olhos dele.

– Mesmo através de olhos alheios?

– Mesmo assim, neto herdeiro dos mistérios deles!

– Agora eu sei por que um desapareceu e o outro adormeceu!

– Não foi nada disso que fez um desaparecer e o outro adormecer, neto amado.

– Não?

– Não mesmo.

– Se não foi isso, então o que atuou sobre eles que um desapareceu e o outro adormeceu?

– Eles se humanizaram, sabe?

– Sei. E um reapareceu em mim por meio do meu Mistério Guardião, enquanto o outro despertou no meu Mistério da Geração. Não é mesmo?

– Claro! Afinal, você é o herdeiro natural deles, que agora são você e você é eles em si mesmo.

– Sou. Mas que eles devem ter entrado bem, isso devem. Certo, vovô?

– Errado, neto amado. Eles só se humanizaram, e nada mais, sabe?

– Sei. Ah, como eu sei!

– Não me diga que você está arrependido?

– Eu deveria estar?

– É claro que não, neto tolo. Atualmente você é o mais invejado dos guardiões dos mistérios que eles eram em si mesmos, porque agora você é eles em si mesmo, sabe?

– Invejado? O senhor...

– Conclua o que ia dizer, neto amado.

– Não, não! Eu já ia recorrer àquele meu modo humano de expressar minha admiração.

– Tudo bem, neto admirado. Por esse mistério que o assusta eu até relevo seu modo humano de se expressar.

Após ouvir aquela concessão de meu vovô tatá Omolu, exclamei:

– Agora é que não desejo saber nada sobre esse mais oculto mistério do meu pai maior Oxalá, ou aquele dos velhos e ancestrais Oguns, vovô!

– Você está brincando, não é mesmo?

– Não estou, vovô. Só de ver minha Musa do Conhecimento dos Mistérios toda envolta por essa irradiação que a paralisou, já perdi meu interesse, sabe?

– Isso se chama medo, meu neto preferido!

– Prefiro chamar de precaução, vovô. Afinal, se ela sumiu de sua vista, eu é que não vou descobrir o que a tornou invisível aos seus penetrantes olhos, certo?

– Ela se tornou invisível aos meus olhos. Mas aos seus ela continua se mostrando. Isso é emblemático, não?

– Emblemático? O que é isso, vovô?

– Ainda não sei ao certo. Mas ouvi um meu filho astuto recorrendo a esse termo para definir uma situação parecida, e resolvi usá-lo.

– Para mim o que está acontecendo é muito estranho, isso sim! Afinal, não ia ser um misterinho qualquer que possuiria essa astuta musa.

– Não existe misterinho, neto. Todo mistério é tão importante quanto aqueles que você julga serem misteriões, sabe?

– Tudo bem. Mas que esse mistério é estranho, disso não tenho dúvidas. Não tenho mesmo!

– Você precisa penetrar visualmente na mente da sua musa, meu neto.

– Não, senhor!

– Por que não?

– O senhor já pensou se o mistério que a paralisou e a ocultou dos seus olhos vier a fazer o mesmo comigo quando eu olhar nos olhos dela? Aí eu também fico paralisado e desapareço. Já pensou se uma coisa dessas acontecer? Eu ficarei paralisado justamente por um mistério que fluiu através dos meus olhos!!!

– Se fosse seu pai Guardião Naruê, tenho certeza de que ele já teria dominado esse "misteriozinho", sabe?

– Nada de comparações, vovô. O senhor mesmo disse há pouco que não existe misteriozinho.

– Está certo. Mas que ele já teria visto quem está querendo se mostrar a você através dos olhos dessa sua musa, isso ele teria feito, sabe?

– Mas ele é um Guardião Naruê, certo?

– E você é um Ogum Sete Estrelas, não é?

– Mas eu fui humanizado e ele não. Logo...

– Você está em vantagem, meu neto!

– Estou?

– Está, sim.

– Qual é minha vantagem?

– Você, além de ter herdado todas as qualidades dos Oguns, ainda herdou as do Trono da Geração. E todas elas foram humanizadas, certo?

– Não vejo vantagem alguma, vovô. Eu sou só uma sombra do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Quando você era o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia esse mistério não o assustaria, sabe?

– Por acaso o senhor andou aconselhando o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia?

– Só algumas vezes. E, em todas, ele saiu vitorioso! Ele só veio a cair quando não deu ouvidos ao que eu lhe intuía, pois era assim que eu me comunicava com ele, sabe?

– Agora sei.

– Saiba que eu vivia intuindo-o para tomar cuidado com as serpentes negras voltadas contra ele por seus irmãos venenosos.

– Ele não acreditou nas intuições?

– Não mesmo.

– Tudo bem. O que devo fazer para descobrir qual é o mistério que possuiu minha musa do conhecimento?

– Olhe nos olhos dela e verá quem ela está vendo, e que a paralisou e ocultou dos meus olhos. Aí é só você olhar nos olhos de quem quer ser visto por você e ler neles o que ele está irradiando para você através dos olhos dela, certo?

– Espero que sim, vovô. Mas, caso eu venha a desaparecer, bem...

– Não se preocupe com isso. Caso você desapareça, eu peço ao seu filho que ordene à encantada dele e ela o trará de volta no mesmo instante.

– Bom, assim fico mais tranquilo, vovô.

– Você não tem com o que se preocupar, meu neto. Não enquanto eu estiver guardando suas costas, sabe?

– Tudo bem, vovô. Lá vou eu, certo?

– Pare de ganhar tempo e olhe logo nos olhos dela antes que quem está à sua espera se canse dessa sua indecisão e nunca mais se manifeste para você.

– Isso costuma acontecer?

– Ande logo, neto indeciso! – ordenou meu amado vovô tatá Omolu. E, pelo timbre de sua voz, achei melhor arriscar-me de vez.

Só que o que vi, em vez de me assustar ou paralisar, atraiu-me tanto que exclamei:

– Puxa!!! Que interessante!!!

Mas meu vovô amado advertiu-me:

– Vamos, não se detenha nos detalhes, meu neto!

– Detalhes? Que detalhes que nada, vovô. Jamais vi algo assim antes. Eu estou vendo o Divino Trono do Tempo!

– O quê?!! – exclamaram vovô e vovó ao mesmo tempo. – Você está brincando, não é mesmo?

– De jeito nenhum. Ele está se comunicando comigo através dos olhos da minha Musa do Conhecimento dos Mistérios.

– O que ele está lhe transmitindo, neto amado? – perguntou-me vovó Guardiã do Tempo, ansiosa e curiosa.

– Acho que ele deseja renovar-se mais uma vez e está me ordenando que faça isso por ele junto dos meus irmãos, sabe?

– Você tem certeza de que é isso que ele quer que você faça?

– Tenho, vovó. Ele está me dizendo que já possuiu minha musa do conhecimento e irá comunicar-se comigo por meio dela a partir de agora até que eu o tenha renovado.

– O que mais ele quer de você?

– Só que eu comece a me preparar para um grau que ele me reservou.

– Ele fez isso?

– Claro, vovó. Mas não sei se aceito.

– Por quê?

– Bom, mal acabei de me pacificar com as temidas cobras negras do vovô tatá e descubro que o divino Trono do Tempo reservou-me o grau de guardião dos...

– Isso é muito bom, neto do meu coração!

– Eu tenho minhas dúvidas, sabe? Afinal, ser guardião daqueles seres não parece ser uma tarefa fácil.

– Olhe o lado positivo, neto amado!

– Eu não vejo nenhum lado positivo, vovó.

– Essas criaturas não só nunca se voltarão contra você, como ainda o obedecerão cegamente e farão tudo o que ordenar.

– Vovó, acho que posso viver sem este grau de guardião de um dos Mistérios do Tempo.

– Você está errado, neto amado. Nenhum Trono Divino abre a alguém um dos seus mistérios se esse alguém não estiver apto a possuí-lo ou dele não precisar. E além do mais, tem aquela...

Vovó Guardiã do Tempo calou-se à espera de que eu, movido por minha curiosidade natural, a inquirisse sobre quem era "aquela" a quem ela se referira. Mas preferi calar-me para não me enrolar ainda mais ou assumir algum par que ela certamente já tinha planejado e só esperava eu manifestar o desejo de conhecer. Mas eu cautelosamente me calei. Fato este que fez com que ela me perguntasse:

– Neto amado, você não deseja saber quem é sua irmã do Tempo a que...

– Por favor, vovó! Estou concentrado nos olhos da musa do conhecimento e não posso desligar minha atenção deles. Não agora!

– Neto amado, você já viu tudo o que tinha de ver e ouviu o que o divino Trono do Tempo deseja. Portanto, não se faça de desentendido quando eu me dirigir a você.

– Perdoe-me, vovó amada. Mas... como é que a senhora sabe que já vi e ouvi tudo se não está vendo a musa do conhecimento?

– Posso não estar vendo sua musa, mas o tempo todo eu vejo o Divino Trono do Tempo. E já vi nos olhos dele o que ele deseja de você. Logo...

– Estou encrencado mais uma vez, certo?

– Certíssimo. Ou você presta atenção ao que estou lhe dizendo ou...

– Sou todo ouvidos, vovó amada!

– Ótimo! Mas, como eu lhe dizia, tem aquela sua ancestral irmã Guardiã dos Mistérios do Divino Trono do Tempo que vive isolada nos domínios dele só porque certa vez ela conheceu um cavaleiro que... – e vovó se calou.

– Vovó, o que eu tenho a ver com esse cavaleiro ou com ela, se nem sei de quem a senhora está falando?

– Você pode não saber. Mas eu sei muito bem, meu neto predileto!

– É, estou mesmo encrencado. Não estou?

– Eu não vou influenciá-lo. Não vou mesmo!

– Sei.

– Mas compromisso assumido é compromisso a ser cumprido.

– Mesmo que minha memória tenha sido adormecida com minha última encarnação?

– Isto é fácil de ser resolvido.

– O que o Tempo não resolve, não é mesmo?

– Tudo, neto predileto!

– Vovó, por que a senhora está insistindo que eu sou seu neto predileto?

– Você ainda tem dúvidas? Se você não fosse, eu não teria assumido o grau de guardiã do seu Mistério da Geração nos domínios de sua mãe maior Logunan.

– A senhora assumiu esse grau?

– Assumi, neto amado.

– Quando isso aconteceu?

– Eu o assumi quando lhe devolvi sua lança cristalina. Ou você já se esqueceu do trabalho que tive para habilitá-lo a voltar a ser o portador natural dela?

– Não me esqueci, vovó. Mas quando isso aconteceu, se eu não vi manifestar-se na senhora esse grau, tal como já vi acontecer com meu pai Guardião Naruê?

– Bom, quando você assumiu seu campo de ação nos domínios do meu polo negativo, eu tive de orientá-lo e sustentá-lo visualmente, certo?

– Isso aconteceu porque eu estava muito inseguro quanto aos mistérios do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Foi naquele momento em que você estava dando vazão plena às irradiações energéticas de sua lança cristalina, neto amado.

– Isso eu não percebi, vovó. Por que a senhora não me revelou isso antes?

– Tudo tem seu tempo, meu neto predileto! Esse é o momento de revelar-lhe, pois recebi a incumbência de orientá-lo nos domínios ocultíssimos do Divino Trono do Tempo.

– Entendi.

– Ótimo! Agora reabsorva essa irradiação que ocultou sua Musa do Conhecimento dos Mistérios, pois ela já cumpriu sua função neste minuto dela em seus dias.

– Até isso a senhora sabe?

– Eu estou em sintonia visual com o Divino Trono do Tempo, e mesmo os conhecimentos estão nos domínios dele, pois nenhum conhecimento é aberto antes do tempo. Mas, se for o tempo de abri-los, então ninguém consegue impedir a abertura deles. Portanto, assim que sua musa se for, procure-me nos meus domínios que estarei à sua espera, meu neto predileto.

– Sim, senhora.

Assim que vovó se foi, vovô tatá Omolu ensinou-me como recolher aquela irradiação, e logo minha musa do conhecimento também se foi. Então eu perguntei a ele:

– Vovô, o que eu ainda não sei sobre o senhor?

– Quase tudo, neto amado.

– O senhor pode me revelar algo sobre o Divino Trono do Tempo?

– Não. Mas posso adiantar-lhe que nos domínios dele eu formo um par natural com sua amada vovó Guardiã do Tempo, pois seu pai maior Omolu e sua mãe maior Logunan formam uma linha de forças multidimensionais e, até onde posso revelar-lhe, alcança esferas extraplanetárias. Essa linha é chamada de Linha do Tempo.

– Entendo. É uma linha tão abrangente que não se limita só ao nosso planeta ou às muitas dimensões que o tornam completo em si mesmo.

– Você entendeu a mecânica dos mistérios, meu neto. Jamais alguém alcançará a origem de um, mesmo dos que você, na sua simplicidade, chama de "misteriozinho", pois um mistério menor é sempre apenas a parte visível, cognoscível e entendível de outro muito maior. E se você alcançar o nível vibratório onde esse outro, já maior, se processa, então descobrirá que ele é um mistério menor de outro ainda maior. E assim acontece com todos os mistérios, porque a origem de todos eles está no divino Criador, que é imensurável e infinito em qualquer sentido que você queria aprofundar-se.

– Entendo, vovô. Eu, sempre, só alcançarei meu próprio limite visual e de entendimentos dentro de um mistério, e não os limites do próprio mistério.

– Exato, neto amado. À medida que você for evoluindo dentro da faixa vibratória por onde flui seu mistério pessoal, maior será o campo onde atuará. E isso sem se afastar do lugar onde agora você se encontra.

– Isso explica a formação de pares com aquelas Estrelas Siderais?

– Explica. Você alcançou um grau de entendimento que lhe facultou este novo campo de atuação para o seu mistério regido pelo Divino Trono da Geração, que tem a mesma grandeza do Divino Trono do Tempo ou de todos os outros Tronos Divinos, que são, todos eles, extraplanetários.

– Se é assim, então todos os Tronos Divinos dessa grandeza são projeções oniscientes do divino Criador. É isso, vovô tatá Omolu?

– É isso mesmo, neto amado. Não entenda as divindades como entende a si mesmo: um ser individualizado!

– Elas não são seres divinos individualizados?

– Só até onde você está apto a entendê-los e interpretá-los, pois a partir daí a individualização desaparece, só tornando a reaparecer, já muito mais abrangente, em um nível de entendimento e interpretação muito superior.

– Então, quando eu realizava uma oferenda a um Orixá Maior, quem ali se manifestava era uma projeção dele?

– Não. O que acontecia, e sempre acontecerá, é que, assim que alguém abre um ritual dedicado a uma divindade, ela se plasma no éter existente no próprio local onde o ritual está sendo realizado, e se mostra ao oficializante do ritual como este está apto a entendê-la e interpretá-la, ou como a divindade maior lhe foi ensinada.

– Eu aprendi que meu pai maior Oxalá era um ancião que caminhava curvado e apoiava-se em seu cajado, que denominavam de opaxorô. Era assim que a lenda o descrevia, vovô.

– Aos videntes, ele se mostrava assim, meu neto. E assim se mostrará a todos que O crerem assim, como um ancião. A própria idealização de cada um o modelará sempre, pois ele é uma divindade maior que se plasma, a quem o invoca, segundo a concepção que quem o está invocando tem dele. Isso é o que chamamos de nível consciencial ou nível de entendimento e interpretação, neto amado.

– Entendo. Isso explica a dificuldade que tive para reconquistar minha lança cristalina confiada à guarda de vovó Guardiã do Tempo, não?

– Exatamente. Quando o desaparecido Ogum Sete Estrelas a confiou a ela, ele se mostrava com uma aparência viril, pungente, potente, dominadora e envolvente. E foi essa imagem dele que sua amada vovó guardava em sua memória imortal, nunca adormecida. Logo, como ela poderia devolvê-la a um tímido, despreocupado, fugidio e inseguro espírito humano?

– É. Ela nunca devolveria aquela minha lança cristalina se eu não tivesse reassumido, momentaneamente, a imagem do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Percebe, agora, que um mistério tem de se mostrar como o idealizaram, senão ele não é entendido e interpretado?

– Mas como eu sou o que sou agora, então só serei como vovó deseja que eu seja durante o tempo em que durarem minhas ações em seu polo negativo. É isso?

– Exatamente.

– Como o senhor deseja que eu seja, ou melhor, apresente-me aos seus olhos no seu minuto em minha vida, vovô?

– Quero que sempre se apresente como você estiver se sentindo em seu íntimo, meu neto.

– Por quê?

– Eu não concebo ou idealizo nada ou ninguém. Apenas me limito a contemplar o íntimo de cada ser e observá-lo como ele se sente ou acha que é.

– Isso é sabedoria pura, vovô!

– É sabedoria pura e divina, neto amado! Eu acredito que seja assim que nosso divino Criador vê todos nós, sabe?

Uns, quando se dirigem a Ele, mostram-se cheios de fé, de amor, de gratidão, etc. Já outros se mostram cheios de mágoas, dores, tristezas, remorsos, etc. E, creio eu, é assim que são vistos por Ele, nosso divino Criador.

– Eu o amo, vovô. E o quero, sempre, como meu amado e inflexível vovô tatá Omolu que aprendi a amar e respeitar. Não porque alguém me ensinou a entendê-lo assim, mas porque o sinto e o percebo assim, e assim o concebo e o interpreto.

– Eu me sinto honrado por assim ser entendido e interpretado por você, meu neto mais amado.

– Por que diz que sou seu neto mais amado, vovô tatá Omolu?

– Você me idealiza, interpreta e concebe como um tatá Omolu humano, muito humano. E que maior qualidade um Orixá mediador que se humanizou pode desejar de seus filhos e netos espiritualizados?

Você não me aceitou como seus irmãos, encarnados ou não, tentaram ensinar-lhe. Não, você me buscou um pouco além das concepções que eles faziam de mim e encontrou-me, no seu próprio humanismo, como um de seus mais amados e inflexíveis tatá-avôs. Mas também encontrou o humanismo que eu irradio o tempo todo, pois meu Trono tem uma de suas vertentes voltadas para a dimensão humana da vida.

O que mais eu posso dizer-lhe além de que você é meu neto que mais amo, se meu humanismo, detectado sabiamente por você, é justamente o amor que irradio aos meus filhos e netos humanizados?

Qual outro dos meus filhos e netos humanizados idealizou-me, interpretou-me, entendeu-me e concebeu-me em seu íntimo a partir dessa minha qualidade humana?

É por isso que o distingui como o mais amado dos meus netos espiritualizados. Conserve-me assim em seu íntimo, mente e coração, porque por meio de você essa minha concepção fluirá e quem me aprende e apreender por meio de você, irá me ver como você me sente e percebe: como seu inflexível e amado vovô tatá Omolu!

– Vovô amado, eu o amo muito. Renove-se por meio de mim como eu o sinto em meu íntimo, e no seu minuto em minha vida esse minuto será um minuto de inflexibilidade e de amor, de sabedoria e de humanismo.

– Você está me concedendo muito mais do que já concedeu aos seus pais e avós ancestrais, meu neto amado.

– Meu íntimo está solicitando isso, vovô.

– Por quê, meu neto?

– Talvez seja porque meus irmãos humanizados, e muitos dos que não se humanizaram, só consigam entendê-lo e interpretá-lo como inflexível e não o concebam como um irradiador de amor e humanismo. Saiba que por meio de mim eles sempre verão essa sua face humana, inflexível, sábia e amorosa.

– Por quê, neto amado?

– Bom, porque é assim que o sinto, e, quando eu for conduzido ao mistério do Divino Trono do Tempo, gostaria que o senhor estivesse à minha direita, e assim o Divino Trono do Tempo o visse e o sentisse.

– Você está me concedendo a honra de postar-me à sua direita diante do Divino Trono do Tempo?

– Já lhe concedi, vovô do meu coração. Só espero que o senhor me honre com sua presença celestial e com esta sua face humana que já vive e vibra em meu íntimo, mente e coração.

Vovô permaneceu em silêncio por um longo tempo, enquanto eu refletia em como seria meu campo de ação do Tempo e de como ele atuava na vida dos seres.

Ainda meditava quando uma névoa cor de cobre começou a formar-se bem na minha frente. Preocupado, indaguei a vovô se não era perigosa, mas não obtive resposta. Insisti mais algumas vezes, e vovô não me atendeu.

Então presumi que eu deveria lidar com aquele mistério ao meu modo, que é o jeito humano de reagir diante do desconhecido, e ordenei:

– Seja quem for que está se ocultando nessa névoa cor de cobre, trate de mostrar-se ou... – e nada mais precisei falar, porque dela saiu a mais impressionante forma plasmada que eu já vira até então.

Era uma figura feminina de quase dois metros de altura, completamente nua e toda de cor cobre. Até seus cabelos e pelos eram dessa cor e se pareciam com finíssimos fios desse minério do plano material.

Meus olhos percorreram-na de cima a baixo várias vezes e observei cada detalhe daquele corpo feminino de formas e medidas perfeitas. E ela, impassível como uma estátua, também me olhava sem sequer piscar os olhos. Eu, no meu já característico modo de reagir ao inusitado, exclamei:

– Nossa!!! Puxa!!!

Ela, já se descontraindo, perguntou-me:

– Você deseja me ver por trás, Cavaleiro?

– Eu devo fazer isso?

– Do jeito que me olha, sinto que devora meu corpo com seus olhos.

Eu saí do meu espanto e tentei desculpar-me, dizendo-lhe:

– Desculpe-me, irmã. Acho que sua aparência e cor me fascinaram. Sabe, eu nunca vi ninguém parecido com você antes. O novo e o desconhecido exercem uma atração muito grande sobre mim.

– Você não mudou muito, Cavaleiro. Mas, no que mudou, foi para melhor. É, foi sim! Valeu a pena você ter ouvido meu conselho e voltado ao seu passado.

– Eu fiz isso, digo, eu voltei ao meu passado?

– Voltou, sim.

– Quando?

– Como estamos na dimensão humana, isto foi meio século atrás. É, hoje está fazendo meio século.

– Então hoje é uma data muito especial, pois eu não me lembro de nada do que aconteceu nesse dia cinquenta anos atrás, irmã bronzeada.

– Já achou um qualificativo humano para mim, Cavaleiro?

– Desculpe-me, irmã. É que só recorro aos meus recursos humanos para identificar quem não se apresenta quando se mostra aos meus olhos humanos. Por que você não se apresenta, já que sabe tanto ou tudo sobre mim?

– Eu sou um Trono do Tempo de quarto grau na hierarquia celestial que rege o Tempo neste todo planetário.

– Você tem o grau dos Tronos Mediadores, é isso?

– É sim. Eu atuo como regente do Tempo na mesma faixa vibratória de seus pais Orixás médios. Eu aplico os Mistérios do Tempo nos domínios regidos por eles.

– Entendo.

– Deseja saber mais alguma coisa sobre mim, Cavaleiro?

– Só tudo o que puder revelar-me.

– Para revelar-lhe tanto quanto deseja saber, só formando com você um par. Você está preparado para assumir esse compromisso eterno?

– Eterno? O que isso significa?

– Significa que após você formar um par comigo estará se unindo ao Mistério do Tempo, que é eterno e não sofre descontinuidade ou ruptura.

– Até aí eu já sei. Diga-me o que ainda não sei, irmã enigma.

– Você, após formar um par comigo, será meu referencial humano, pois abrirá seu Mistério da Geração, totalmente humanizado, à minha atuação.

– Entendo. Você passará a regular minha vida, meus atos e minhas atuações. É isto?

– Não é isso. O que realmente acontecerá é que o Tempo, que é impessoal, será incorporado ao seu mistério e atuará com um regulador na vida de todos que vierem a se ligar ao seu mistério, pois você também será um irradiador das qualidades, dos atributos e das atribuições do Divino Trono do Tempo, já adaptadas à sua natureza humana, ao seu modo de interpretar os acontecimentos e ao seu jeito muito humano de realizar os Mistérios do Trono da Geração.

– Nossa! O que isso significa?

– Significa que tudo o que você vinha realizando de forma inconsciente, passará a realizar de forma consciente.

– Continue, irmã Bronzeada. Posso chamá-la assim, não?

– Por enquanto pode. Mas só até você me conhecer profundamente.

– Eu sou meio parvo. Mas esse "profundamente" vibrou em meu Mistério da Geração. Logo, deduzo que você deseja algo mais além do que demonstra, irmã bronzeada.

– Eu desejo possuir um referencial humano apto a humanizar-me parcialmente em certos sentidos.

– Entendo. Depois falaremos disso, pois antes desejo saber o que é que eu realizava de forma inconsciente.

– Não me convida para adentrar na dimensão humana, Cavaleiro?

– Você não pode sair desta névoa bronzeada?

– Só se você me amparar eu terei um referencial humano para me apoiar e não me esvanecer nela como uma névoa "bronzeada", na qual se diluirá esta minha aparência compreensiva à sua visão humana.

– De onde você retirou essa aparência escultural, no bom sentido, certo?

– Do seu íntimo, Cavaleiro.

– Você está brincando comigo?

– Não estou, não. Em seu íntimo existe uma aparência "escultural", surgida a partir de sua visão da mulher ideal aos seus olhos humanos.

Eu engoli em seco ao ouvir aquilo, mas mantive a calma. Mas que ela era escultural, isso era. E devia ser verdade o que dizia, pois eu desejava acariciar suas formas perfeitas e sentir com meus dedos sua textura de bronze. Então perguntei:

– Você é um gênio, irmã bronzeada?

– Não. Eu sou um Trono do Tempo de "natureza" feminina. E ainda não tenho um referencial humano porque até agora nenhum humano mostrou-se apto a formar comigo um par que me desse uma sustentação vibratória estável em algum dos sete sentidos da vida por onde os Mistérios do Tempo que se manifestam por meio de mim possam fluir naturalmente e se realizarem de forma humana.

– Puxa!

– Por que tanta admiração, Cavaleiro?

– Você deve ser muito exigente, já que até hoje não encontrou um só espírito apto a tanto!

– Já encontrei um, Cavaleiro.

– Quem era ele?

– Ele não era. Ele é você!

– Direta e sintética. Eu aprecio essas qualidades, irmã bronzeada.

– O Tempo é assim: direto e sintético! A todos o Tempo direciona e tudo se sintetiza no Tempo.

– Bom, voltando à minha inconsciência... o que você pode dizer-me a respeito?

– Você tem, com seu Mistério da Geração, recorrido a um dos Mistérios do Trono do Tempo, pois tem se ligado a muitas irmãs suas que já estavam paralisadas no Tempo, e tem concedido a elas um novo tempo, durante o qual elas readquirem novas qualidades, atributos e atribuições, e tem renovado a partir de seu sétimo sentido as que o haviam esgotado ou o tiveram paralisada pela Lei e pela Vida.

Logo, o Tempo tem atuado por meio de você, mas com você inconsciente, sabe?

– Agora sei. Continue, por favor!

– Bom, você recorreu tanto aos Mistérios do Tempo que o Divino Trono voltou seus olhos na sua direção e...

– E... o quê?

– E ordenou-me que formasse com você um par, pois viu no seu Mistério da Geração um recurso apto a deixar fluir alguns dos mistérios dele, já com você consciente do que estará fazendo e usando.

– Se tudo acontecia de forma inconsciente, por que agora terá de ser consciente?

– Você já está apto a atuar de forma consciente.

– Só por isso, irmã bronzeada?

– Existe outra razão melhor que essa para atuar conscientemente?

– Não sei. Mas tenho certeza de que, se existe outra, você sabe qual é.

– Por que você acha que existe outra e eu sei qual é?

– Irmã, você se lembra que eu disse que aprecio quem é direto e sintético?

– Lembro-me.

– Então não deixe esvanecer essas suas qualidades, senão eu não desejarei ser seu referencial humano. Está bem?

– Você já é em si mesmo um Trono da Geração, pois é pleno em si mesmo e independe de recursos externos para atuar na vida dos seres ou para realizar seu mistério. Portanto, aos meus olhos e entendimento, está apto a formar um par comigo e dar-me uma sustentação vibratória estável e eterna.

– Por que eu posso dar-lhe essa sustentação estável e eterna?

– Porque você pensa e age, por meio do seu Mistério da Geração, como um Trono. Saiba que é fácil, para um ser, deixar fluir por meio de um de seus sentidos um dos Mistérios Divinos. Mas para um ser tornar-se em si mesmo um mistério, aí já é muito difícil, E você tornou-se um mistério em si mesmo, irmão da Geração!

– Tornei-me um Mistério da Geração? Eu não sou só o manifestador dos Mistérios do Trono da Geração?

– Não. Você ultrapassou seus limites humanos e adquiriu uma capacidade multidimensional e extraplanetária desde que passou a ter em si mesmo qualidades, atributos e atribuições exclusivos do divino Trono da Geração, todos de natureza masculina. Você se tornou indissociável do mistério que se manifesta por meio de você. Você já é esse seu mistério, irmão Trono da Geração.

Portanto, você é o que é, e estabeleceu em seu íntimo um padrão vibratório próprio que nunca mais se alterará. Logo, você se tornou estável e adquiriu qualidades imutáveis e eternas.

– Puxa! Você tem certeza disso que está me dizendo?

– Absoluta. Eu lhe disse que teria de se assumir caso quisesse dominar esse mistério que agora é você mesmo.

– Você me disse? Quando?

– Quando você esteve comigo, mas não quis formar um par porque se recusava a deixar fluir o Mistério da Geração que havia sido despertado em seu íntimo pela Ninfa da Vida.

– Quando foi que eu estive com você?

– Foi pouco antes de você olvidar meus conselhos e virar as costas aos insistentes chamados da Ninfa da Vida.

– Eu fiz isso? Quando?

– Quando eu o adverti de que, ou você atendia aos chamados dela, ou seu oposto negativo o arrastaria para os domínios dele.

– Tudo bem! Eu virei as costas à Ninfa da Vida e fui arrastado para os domínios negativos de meu polo oposto, e negativo, porque não lhe dei ouvidos. Mas quando isso aconteceu, irmão do Tempo?

– Você quer uma data? É isso?

– Até que enfim você entendeu. Puxa!

– Eu não recorro a datas, irmão do Arco-íris. Mas isso aconteceu um pouco antes de você reencarnar para refazer seu emocional, totalmente desequilibrado pela ação fulminante de seu oposto negativo.

– Entendo.

– Você entende mesmo, irmão do Arco-íris?

– Acho que sim. Ele estava sobrecarregado em seu campo de ação porque eu me recusava a assumir meu mistério. É isso, não?

– É isso, sim. A ele só compete punir e esgotar os seres que são atraídos à faixa vibratória por onde o mistério dele se manifesta, e é oposto em tudo ao seu.

– Tudo bem. Eu já entendi, irmã do Tempo. Como faço para que você saia dessa névoa e adentre de vez na dimensão humana?

– Estenda suas mãos dentro dessa névoa para que eu me apoie em você e possa passar para a dimensão espiritual humana sem desagregar essa aparência que extraí do seu íntimo em nosso encontro anterior.

Eu estendi minhas mãos até elas entrarem naquela névoa, e um leve choque percorreu meu corpo assim que ela me tocou. Então, segurando-se em minhas mãos, ela adentrou na dimensão espiritual humana e pediu-me:

– Não me solte, senão me diluirei totalmente!

– Bom, eu a segurarei... mas não podemos ficar de mãos dadas o tempo todo.

– Após você me dotar com algumas de suas qualidades humanas, já não me diluirei.

– Como devo proceder para dotá-la com essas qualidades humanas?

– Basta você me assumir e daí em diante seu Mistério da Geração me fornecerá tudo o que eu preciso para dar uma consistência definitiva a essa aparência.

– Depois você não se diluirá mais?

– Não. Mesmo que eu retorne à dimensão atemporal onde vivo, eu nunca mais me diluirei!

– Interessante!

– Você acha que sou interessante?

– Eu me referia ao fato de essa aparência não se diluir nunca mais.

– Eu achei que você se referia a mim, irmão do Arco-íris.

– Bom... você também é, sabe?

– Então por que você está demorando tanto para começar a me possuir com seu mistério e despertar em mim as fontes energéticas que me dotarão de recursos humanos e me amoldarão nessa aparência que tanto o agrada? Por acaso você deseja que eu tome a iniciativa nesse sentido por onde seu Mistério da Geração se manifesta em todo o seu poder e esplendor?

Eu engoli um nó em minha garganta e não consegui desviar meus olhos dos dela ou responder-lhe. Mas, sem soltar de suas mãos, dotei-a de recursos energéticos humanos. Fato este que não só a agradou, como a amoldou em definitivo dentro daquela aparência tão escultural. E quando meu mistério a possuiu totalmente, eu a vi como uma estátua de bronze, mas macia como se fosse um corpo carnal, de tão densa que eram as energias que as fontes abertas nela começaram a gerar. E aí fui eu quem pediu para ela não me soltar, senão eu acordaria de um sonho único, pois jamais teria outra igual a meu alcance.

– Bobo! – exclamou ela, sorrindo e abraçando-me com tanta ternura que duas lágrimas cor de cobre correram dos seus olhos amendoados.

– É verdade, irmã do Tempo! Diga-me que não estou sonhando.

– Abrace-me forte e sentirá que sou tão real quanto você... e estou ao seu alcance porque agora sou toda sua, e só sua para sempre!

– O que isso significa?

– Significa que finalmente encontrei meu par perfeito e sinto-me tão feliz que nunca mais o soltarei dos meus braços. Vamos, beije-me, beije-me e beije-me, meu tão desejado cavaleiro; transmita-me o assopro humano do corpo!

Bem, não titubeei e, abraçando-a e sentindo aquela sua textura tão agradável, beijei seus lábios cor de bronze, só aquietando meu íntimo quando ela adormeceu profundamente em meus braços.

Eu a acomodei bem confortável junto de meu corpo e fiquei contemplando seu belíssimo rosto, emoldurado por seus cabelos cor de cobre, que lhe caíam como uma cascata.

Em dado momento começaram a correr lágrimas dos cantos dos olhos dela, mesmo estando fechados. Pensei em acordá-la porque talvez estivesse incomodada em sua nova condição. Mas minha avó Guardiã do Tempo, não sei como, advertiu-me:

– Não faça isso, neto amado. Não a prive desse momento único que se tornará inesquecível para ela.

– Vovó, a senhora estava nos vigiando esse tempo todo?

– Isso o incomoda?

– Sim, senhora. Afinal, eu tenho direito à privacidade, não?

– Você tem, neto amado. Mas eu estava preocupada com essa minha irmã do Tempo e...

– Entendo. Vigiou-nos para certificar-se de que eu realmente a dotaria de recursos humanos. É isso, não?

– Você deseja ouvir isso de mim?

– Não, senhora. Prefiro saber por que a senhora nos vigiou e como penetrou visual e mentalmente em minhas defesas cristalinas.

– Eu quis acompanhar o processo de humanização dela. Satisfeito?

– Em parte. E quanto ao fato...

– Eu não vou lhe revelar como penetro em suas defesas cristalinas. Não mesmo!

– Por que não? Assim começo a acreditar que qualquer um poderá penetrar nelas e atuar contra mim, vovó!

– Não podem, neto amado. Só quem atua no Tempo consegue penetrar nas defesas cristalinas, e ainda assim, só mental e visualmente, pois energética e magneticamente é impossível.

– Menos mal, vovó.

– Posso adentrar em seu centro neutro para examinar essa minha irmã no Tempo?

– Já abri uma passagem para a senhora. Afinal, nunca vi uma avó tão preocupada com o que faço ou deixo de fazer!

– Logo saberá por que os vigiei o tempo todo que durou a humanização dela, meu neto.

– Tenho certeza que saberei. Aproxime-se, vovó!

Vovó Guardiã do Tempo adentrou em meu centro neutro e, toda feliz, examinou demorada e detalhadamente aquela sua irmã do Tempo, só me voltando sua atenção quando se deu por satisfeita. Então falou:

– Você é único, meu neto amado!

– Por quê?

– Ora, você conseguiu o que julgávamos impossível, sabe?

– Sei. O que julgavam impossível e quem julgava?

– Eu e minhas outras irmãs do Tempo, que você já conheceu quando reconquistou sua lança cristalina e começou a atuar nos domínios dos nossos polos negativos. Agora, o que julgávamos impossível é que seu Mistério da Geração conseguisse gerar energias que amoldassem em definitivo uma aparência para essa nossa irmã, que, a exemplo do divino Oxumaré, só se manifestava na forma de uma névoa cuprífera.

Um novo e infinito horizonte abriu-se para você, neto amado! Como eu o amo, neto do meu amor maior!

– Quem é seu amor maior, vovó?

– É nosso divino Criador, neto curioso.

– Desculpe-me, mas nunca a vi tão feliz assim antes, sabe?

– Eu nunca me senti tão feliz assim antes. E você é o neto que me proporcionou essa alegria. Se outros motivos eu não tivesse para tê-lo na conta de meu neto mais amado, só essa sua capacidade única já seria suficiente, sabe? – exclamou ela, contemplando meu Mistério da Geração através dos meus olhos.

– Bom, fico feliz em vê-la tão alegre.

– Posso convidar minhas outras irmãs no Tempo para que examinem essa nossa irmã mais nova?

– Vendo a senhora tão feliz, eufórica mesmo, acho até que todas elas estavam nos vigiando, não?

– Estavam, sim. Isso o incomoda?

– Eu já nem ligo mais, sabe! Da próxima vez que tiver de humanizar alguma irmã-mistério, acho que não ativarei minhas defesas, pois talvez assim eu saiba quem estará me vigiando.

– Você não tem motivos para se preocupar. E confirmará isso logo, logo!

– Tudo bem, vovó. Já abri uma passagem para elas.

Pouco depois, tão silenciosas como haviam sido quando nos vigiavam a partir da dimensão onde viviam, aquelas irmãs de vovó Guardiã do Tempo também examinavam detalhadamente a mais nova irmã delas a ingressar na dimensão humana.

Eu me limitei a observá-las dissimuladamente, pois sentia que também me examinavam. Mas quando se deram por satisfeitas, mentalmente perguntei:

– Agora posso ficar a sós com essa nossa irmã mais nova?

– Não se preocupe, porque ela dormirá por muito tempo, meu neto – falou-me vovó, sentando-se ao nosso lado, para só então me perguntar:

– Posso?

– Esteja à vontade, vovó! Com certeza a senhora irá revelar-me o que desconheço, certo?

– É claro, meu neto. Claro que vou abrir-lhe o mais fechado dos Mistérios do Tempo.

– Sou todo ouvidos, vovó.

– Então me ouça com atenção: saiba que todas as suas mães Iansãs mediadoras são herdeiras naturais dos mistérios eólicos do Trono Feminino do Ar, assim como todos os seus pais Oguns são os herdeiros naturais do Trono Masculino do Ar, certo?

– Certo. Meu pai Ogum maior é o regente do polo magnético masculino e passivo da irradiação projetada pelo ancestral Trono do Ar. Já minha mãe Iansã é a regente do polo magnético feminino e ativo dessa mesma irradiação eólica pura, e juntos eles dão início ao surgimento da dimensão elemental eólica pura, e dão início ao surgimento das hierarquias Ogum e Iansã, regentes dos Mistérios da Lei que, de desdobramentos em desdobramentos, encontro em meus pais Oguns e mães Iansãs os herdeiros naturais dos mistérios desses dois Orixás ancestrais. É isso?

– É isso mesmo, neto amado. Eu sou uma Guardiã do Tempo porque meu segundo elemento é o cristal. Mas em minha essência sou ar e sou uma Iansã. Agora, essas minhas irmãs do Tempo, que você já conheceu há tempos, elas são cristal em seu primeiro elemento, enquanto no segundo elemento elas são do mesmo dessa nossa irmã mais nova, e que tem essa cor bronzeada, mas que não é o elemento material cobre, pois esse é um mineral e é regido por sua mãe maior Oxum – e vovó calou-se.

– Continue, por favor! – pedi.

– Você se recorda da confusão que existe no plano material quanto à cor dos Orixás humanizados?

– Lembro-me sim, vovó.

– Saiba que essa cor cobre é a cor do Divino Trono do Tempo, e é a cor dessa minha veste sagrada.

– A cor de sua veste sagrada não é a cor da nossa mãe maior Logunan?

– Não, neto amado. Você se lembra de qual é a pedra dela no plano da matéria?

– Lembro-me, sim. É o quartzo fumê rutilado.

– Saiba que o quartzo é a pedra do Divino Trono da Fé. Já o quartzo cristalino é a pedra de seu pai maior Oxalá. Já o quartzo fumê rutilado é a pedra de sua mãe maior Logunan, porque no fumê ou faixa escura é onde ela atua na dimensão cristalina. Já as agulhas de rutilo simbolizam que ela é regida, também, pelos Mistérios do Tempo, pois na linha horizontal ela adentra em uma dimensão "atemporal" e forma um par vibratório com uma divindade maior, em que ambos são regidos pelo Divino Trono do Tempo.

O Divino Trono do Tempo é uma emanação direta do divino Criador e rege a vida de todos os Orixás. Saiba que tudo é regido pelos Mistérios do Tempo, pois sem o tempo nada existe ou sustenta sua existência.

Tudo se processa no tempo e no tempo tudo se realiza e se concretiza.

Todos os Orixás se iniciaram no Tempo e com o tempo cada um foi adquirindo a qualidade, a natureza e o elemento que hoje o identifica e o torna compreensível e de fácil entendimento por todos os seres.

O Tempo é o meio "neutro" do divino Criador, e nele tudo se originou ou dele tudo surgiu, inclusive você, neto amado.

– Eu? Por que eu?

– Você ainda se lembra de que era chamado de iniciado na origem e formado no meio?

– Agora que a senhora falou nisso, posso saber o que significa ser iniciado na origem e formado no meio?

– Ser iniciado na origem significa que você foi ungido logo em sua origem, com um Mistério Divino único e só seu. Esse mistério é único porque você o recebeu diretamente do divino Criador, e só ele poderá desqualificá-lo como seu portador natural e manifestador primeiro. Você é seu mistério, e em você ele se inicia ou termina, e se abre ou se fecha.

– Isso não acontece com todos os seres criados por Deus?

– Não, meu neto. Você visitou as dimensões elementais básicas e viu seres virginais, puros mesmo, adquirindo uma natureza e qualidades semelhantes às dos pais e mães elementais que cuidam deles, não?

– É, eu vi isso... e inclusive adotei muitos, com meu Mistério da Geração.

– Você não só adotou muitos, como adotou todos os seres elementais que estavam vivendo em uma faixa vibratória específica, pela qual seu Mistério da Geração já flui naturalmente.

Saiba que nenhum outro ser espiritual humano conseguiu isso antes. O máximo que conseguiram foi adotarem alguns milhares de infantes elementais. Mas logo esgotaram essa capacidade, e seus magnetismos individuais não conseguiram adotar mais nenhum filho elemental.

Mas com você isso não acontecerá nunca, pois se agora mesmo retornar àquelas dimensões elementais básicas encontrará toda uma nova faixa vibratória que já vibra no mesmo padrão que o do seu mistério e está no seu aguardo, pois de sete em sete anos "solares" uma nova "onda" de seres elementais sobe um grau no padrão vibratório e aqueles infantes ficam no aguardo de alguém apto a adotá-los assim que formar par com as mães elementais que os têm amparado e acompanhado, já que elas saíram do meio neutro do divino Criador já ungidas com um mistério que as distingue dos seres que elas darão sustentação materna.

– Incrível!!! Por que ninguém me falou isso antes?

– Ninguém podia revelar-lhe esse mistério antes de você voltar a ser visível aos olhos do Divino Trono do Tempo.

– Entendo. Continue, por favor.

– Saiba que você foi conduzido àquela dimensão básica justamente para ser testado e para sabermos se esse Mistério da Geração era original ou se ele havia sido adicionado ao seu todo em algum estágio de sua evolução natural.

– Foi aí que finalmente meus pais e avós descobriram-me como o herdeiro natural do adormecido Trono da Geração?

– Não. Aí tivemos certeza de que você ainda era o mesmo adormecido Trono da Geração, meu neto amado! Agora, só está despertando do seu sono humano.

Após ouvir vovó falar aquilo, olhei-me demoradamente. Depois olhei para a irmã do Tempo adormecida em meus braços. Quando tornei a olhar nos olhos de minha amada vovó Guardiã do Tempo, lágrimas correram dos meus e caíram sobre o corpo cor de cobre que tanto me atraíra.

– Neto, ouça, você não deve entristecer-se só porque se descobriu um genuíno Trono da Geração.

– Eu me acreditava um Ogum Guardião dos Mistérios do Trono da Geração, vovó. Acreditava que havia me exposto por tanto tempo às irradiações do Divino Trono da Geração que havia assimilado algum de seus mistérios, que teimavam em manifestar-se por meio do meu sétimo sentido, mas que um dia eu poderia recolhê-lo ao meu íntimo e deixá-lo fluir por meio de um dos outros seis, que são menos ostensivos, sabe?

– Só porque seu mistério original, ainda, só se manifesta por meio do seu sétimo sentido, você não deve se sentir constrangido, pois mais dia menos dia ele começará a manifestar-se por meio de outro ou de todos os outros, sabe?

– Quando, vovó?

– Só o tempo poderá responder-lhe isso, neto amado.

– A senhora é Tempo, vovó!

– Refiro-me à sua evolução, meu neto. É a esse tempo que me refiro!

– Entendo. Isso tanto pode ocorrer daqui a pouco, como daqui a uns cem mil anos, não?

– Pode ser assim mesmo. Mas isso não deve preocupá-lo, pois conosco, seus pais e avós, também foi assim que tudo aconteceu.

Saiba que nada é estático ou já nasce pronto na criação divina. Não! Tudo e todos obedecem a uma sequência divina que, creio eu, atende a um código só conhecido pelo nosso divino Criador.

Esse código é tão perfeito e tão autossuficiente em si mesmo que somos dotados de todas as alternativas evolutivas e trazemos em nós mesmos os recursos que se desdobrarão e nos darão sustentação na evolução que optarmos ou que a nós for designada pelo nosso divino Criador.

– O que a senhora acabou de dizer significa que, em relação aos seres, não existem dois seres diferentes, mas sim evoluções diferentes. É isso, não?

– É isso sim, meu neto. A única diferença, se uma existir, está no código que cada um recebeu no momento em que foi gerado.

Agora, quanto às iniciações, aí sim, existe uma diferença, pois alguns a recebem na origem e outros a recebem posteriormente.

– Explique-me isso, vovó amada.

– Olhe para essa nossa irmã em seus braços, neto amado. O que vê?

– Vejo uma irmã diferente na cor. Mas é só, pois no resto é semelhante a todas as minhas outras irmãs.

– Saiba que ela, antes, nunca havia saído da dimensão atemporal onde está assentado o Divino Trono do Tempo. Lá, ela não possuía um corpo, e no entanto era um ser pensante, manifestadora de Mistérios do Tempo.

Ela ainda estava em sua origem e foi iniciada nos Mistérios do Tempo pelo próprio Divino Trono do Tempo. Ela é uma iniciada na origem, neto amado!

– Então, ser iniciado na origem é isso?

– Isso, o quê?

– É ser como ela era?

– Como ela era?

– Bom, ela era atemporal, pois tudo parou quando ela, como uma névoa cuprífera, surgiu na minha frente. Eu senti que, se quisesse, poderia voltar no tempo ou avançar para o futuro em um piscar de olhos, sabe?

– Eu sei o que é isto. Por que você não ousou tanto?

– Achei que não tinha esse direito e não era para isso que ela havia sido conduzida até mim.

– Sábia decisão, neto amado. Ela é uma iniciada na origem, formada na dimensão atemporal regida pelo Divino Trono do Tempo, onde ela vivenciou todo um estágio da evolução. Agora, tendo-o como par seu ideal, ela se humanizou e iniciou outro estágio de sua infinita evolução. Você fez por ela o mesmo que alguém fez por mim tanto tempo atrás, que já nem me lembro quem foi ou como foi.

Eu e minha espontaneidade, não me contive e exclamei:

– Vovó, certas coisas nós nunca nos esquecemos delas!

No mesmo instante, lágrimas correram dos seus olhos cristalinos. Eram lágrimas multicoloridas, mas de tristeza. Sim, isso eu vi e senti e me arrependi por ter dito aquilo, pois apaguei a alegria que ela vibrava até então. Patético, tentei devolver-lhe a alegria de poucos segundos antes, mas ela se limitou a dizer:

– Não se preocupe, neto amado. Você tem razão quando diz que de certas coisas nunca nos esquecemos se não formos adormecidos para sermos humanizados.

– A senhora passou pelo adormecimento, vovó Guardiã do Tempo?

– Não, meu neto. Mas meu cintilante e multicolorido Trono Cristalino, que posteriormente veio a ser o desaparecido Ogum Sete estrelas, ele foi, pois por razões que desconheço, o divino Criador o conduziu à dimensão humana da vida para que nela seu mistério original fosse humanizado e dotado de uma capacidade geradora única que impressiona até seus pais e mães maiores, meu neto amado, e o mais amado dos meus... netos.

Eu engoli em seco, e dos meus olhos também correram muitas lágrimas silenciosas, as quais ela ia colhendo nas palmas de suas mãos, que eram pura luz, enquanto me dizia:

– Não faça isso comigo, meu mais amado dos meus netos. Não verta essas lágrimas tristes, pois a essa sua tristeza não sei como consolar. Eu sei como consolar a todos os meus outros irmãos e irmãs que se humanizaram e se ressentem desse adormecimento, sabe? Mas a você eu nunca sei como consolá-lo porque também fico triste quando me lembro que você se esqueceu de tudo e do amor cristalino que irradiava quando me via ou me visitava em meus domínios nos domínios de nossa amada mãe maior Logunan.

Eu contive minhas lágrimas de tristeza por não me lembrar de um tempo muito remoto, mas precioso para minha amada vovó Guardiã do Tempo e para todos os meus amados pais, avós e tatá-avós. Quando meus olhos deixaram de verter lágrimas, falei:

– A razão pertence ao nosso divino Criador, vovó amada. Mas, talvez, um dia um Trono da Geração, já humanizado, também venha a irradiar-lhe um amor tão puro e tão intenso que aí o desaparecido Ogum Sete Estrelas finalmente adormecerá em sua memória imortal, sabe?

– Eu esperarei por esse dia, meu neto. Afinal, tempo nunca me faltará, não é mesmo?

– Não mesmo, vovó Guardiã do Tempo. Não a partir de agora, que me descobri como um Trono da Geração iniciado em minha origem, ogunizado no meio e humanizado no fim. Talvez já não restem em mim as qualidades do seu desaparecido Ogum Sete Estrelas, mas minhas qualidades humanas acabarão prevalecendo nas do meu mistério, e sobre meus defeitos. E aí, bem, aí um renovado e renovador amor humano a envolverá toda e...

– Continue, neto amado.

– Eu ainda não tenho certeza, sabe?

– Não faça isso comigo, meu neto. Não agora que me revelei toda a você.

– Bem... a senhora sabe que sou meio duro de atinar com as vontades maiores, não é mesmo?

– Eu sei disso. Vamos, deixe fluir esta vontade naturalmente. Não a bloqueie, por favor!

– Vovó, não sou digno de ouvi-la pedir-me por favor. Não da senhora, que é mil vezes...

– Por favor, neto amado! Deixe fluir logo essa vontade maior!

– Está bem, vovó. Espero que parte de sua tristeza desapareça após ouvir o que tenho captado desde que essa nossa irmã iniciada no Tempo mostrou-se a mim e solicitou-me que a humanizasse.

– Assim não dá, neto amado! Você quer me matar de ansiedade?

– Vovó, a senhora já está falando como eu, sabe?

– É, você quer mesmo acabar comigo! Por que não diz logo qual é a vontade que está vibrando em seu íntimo?

– Sabe, eu não sei se ela será gratificante para a senhora, que já vive assoberbada por causa dos problemas que nós, seus netos, lhe causamos.

– Só sabendo que vontade é essa eu saberei se será gratificante ou não.

– Está bem. Mas depois não diga que não tentei bloquear o fluir desta vontade, que em mim está se manifestando como um desejo irresistível de formar com a senhora um par na fechada e atemporal dimensão regida pelo Divino Trono do Tempo.

– Meu divino Criador!!! – exclamou vovó Guardiã do Tempo, admirada. – Eu, uma herdeira natural dos Mistérios do Tempo, e formando um par com um Trono da Geração, humanizado, na dimensão atemporal do Divino Trono do Tempo?

– Eu a avisei, vovó amada – desculpei-me.

– O que reservaste para mim, meu divino Criador? – perguntou vovó, enquanto fechava seus lacrimosos olhos cristalinos e estendia suas irradiantes mãos para o Alto do Altíssimo.

– Sinto muito, vovó – murmurei, já soluçando de tristeza, quebrando o silêncio mantido até então, pois nossa comunicação era mental.

Eram tantas lágrimas que eu derramava que elas turvaram minha visão e não vi vovó entrar em comunhão com o Divino Trono do Tempo. Fato este que a mergulhou em um êxtase intenso e duradouro, mas que não vi por causa das minhas lágrimas e porque eu olhava tristemente para a parte visível do meu Mistério da Geração, ao qual eu tinha dificuldade em aceitar como sendo parte de minha vida e indissociável de meu ser imortal, já que eu era em mim mesmo um Trono da Geração, humanizado e sem minha memória ancestral ou pré-humana.

Sim, eu me ressentia dessa falta de lembranças do tempo em que eu havia sido alguém muito querido, tanto de vovó quanto de todos os meus outros

pais e mães ancestrais. E lamentava-me disso quando ela, saindo de seu êxtase, perguntou-me:

– Qual a razão desse pranto de remorso, meu futuro par ideal nos domínios fechados e atemporais do Divino Trono do Tempo?

– Sinto muito se a uni ao meu triste destino, vovó amada. Eu tentei bloquear essa vontade que vibrava em meu íntimo. Sinto muito!

– Você está triste porque formará comigo um par natural?

– É, eu só fiz aumentar sua tristeza desde que fiz aquela observação impensada que apagou a alegria que...

– Não diga isso, neto que me distinguiu com um grau único nos domínios do Divino Trono do Tempo.

– Eu sou um fracasso, vovó.

– Do que você está falando?

– De minha queda. É dela que estou falando!

– Que queda?

– Se eu fui iniciado em minha origem com os Mistérios do Trono da Geração, depois, no meio, alcancei o grau de Ogum Sete Estrelas, e hoje sou um simples e inconsequente Trono da Geração humanizado, então já venho caindo há muito tempo, vovó. E agora não consegui bloquear um desejo que a entristeceu ainda mais.

– Eu não estou triste, neto amado. Vamos, olhe para mim só por um instante!

– Não, eu não sou digno de pousar meus olhos em sua luz... – e mais não falei. Apenas acomodei em meus braços aquela irmã do Tempo que ainda dormia, levantei-me e pedi licença para caminhar um pouco, e a sós com meus pensamentos.

Tanto vovó quanto as outras guardiãs dos Mistérios do Tempo retiraram-se do meu centro neutro para que eu pudesse recolher minhas defesas cristalinas e caminhar um pouco.

Eu caminhei, como sempre, pensando em minha vida. E só parei quando aquela irmã do Tempo despertou do seu sono e perguntou-me:

– Onde estamos? Por que você recolheu suas defesas e deixou-me exposta às intempéries energéticas do tempo do plano material humano?

– Você não gosta do plano material humano?

– Não se trata disso. Apenas ainda não estou habituada com essas energias.

– Você deseja retornar à sua dimensão de origem?

– Por que você está assim, tão triste? Eu o incomodo? É isso?

– Não é isso, irmã amada.

– O que é então? Por que você está tão triste?

– Eu sou um caso único, sabe?

– Por quê? O que aconteceu com você?

– Acho que sou um gerador de tristezas.

– Eu não acho, nem o vejo como tal.

– É porque você não ouviu o que minha vovó Guardiã do Tempo revelou-me e o que fiz com ela há pouco.

– Posso saber o que ela lhe revelou e o que você fez com ela?

– Ela me revelou o que eu já desconfiava: que sou um Trono cadente, e que vivo para entristecê-la. Eu acho que você escolheu o par errado para unir-se, irmã amada.

– Eu o conheço muito bem, irmão humanizado em todos os sentidos. Eu o escolhi justamente por causa dessa sua capacidade única.

– Dessa minha queda única, você quer dizer, não?

– Que queda?

– A que vem acontecendo comigo desde que perdi meu grau de Ogum Sete Estrelas.

– Você está enganado, irmão gerador. Eu nunca o vi como um Ogum Sete Estrelas, e sim como um Cavaleiro da Estrela da Fé.

– O que aconteceu comigo quando eu era um Cavaleiro da Estrela da Fé?

– Desdobre sua defesa cristalina porque eu não estou suportando essas irradiações energéticas que me chegam do plano material da dimensão humana.

– Está certo. Mas quero ouvir toda a verdade, nua e crua, sobre minha vida.

– O que o alterou tanto em tão pouco tempo?

– O passado, irmã. Foi ele que me alterou e mostrou-me que eu nunca fui o que imaginava que era. Agora me diga como você me conheceu, por favor!

– Eu o conheci quando você, inadvertidamente, penetrou nos domínios exclusivos dos Guardiões do Tempo.

– Assim não esclarecerá nada, pois eu continuo invadindo domínios alheios. Seja mais específica, está bem?

– Eu não uso o raciocínio humano para relatar o que deseja saber.

– Então não chegarei a conclusão alguma ouvindo-a. Mas assim mesmo desejo ouvi-la. Continue, por favor.

– Você havia entrado no Meio, que é um dos domínios abertos do Tempo e é regido por sua mãe maior Logunan. Você conhece esse domínio do Tempo?

– Conheço. Lá reina um caos energético, assustador para qualquer espírito.

– Mas você, quando o conheci, apreciava aqueles domínios caóticos. Logo, suas afinidades indicam um gosto, uma atração natural pelos domínios cósmicos e desordenados. Eu diria que você nutre uma vontade de retroceder a um ponto de sua existência quando vivia seu dualismo e não se preocupava com as consequências de seus atos.

– Assim não dá, irmã! Eu pergunto uma coisa e você começa a analisar meu estado de espírito.

– Eu, ao meu modo, estou lhe respondendo, irmão humano. Você está se sentindo diminuído por ter humanizado suas qualidades e atributos geradores e não está se aceitando naturalmente. Digo-lhe que em seu íntimo vibra o desejo de retroceder no tempo e retornar ao caos onde você já viveu. Por que você não se aceita naturalmente? Por que ainda continua lutando contra sua evolução natural

e vive tentando bloquear em seu íntimo o fluir natural e irreversível dos Mistérios do Divino Trono da Geração, que em você foram humanizados?

– Eu me sinto inferior, irmã. Satisfeita?

– Eu já ouvi de você algo muito parecido, sabe?

– Não sei, não. Quando foi que eu lhe disse algo parecido?

– Foi meio século atrás.

– Você poderia relatar tudo o que aconteceu naquele nosso encontro?

– Tudo?

– Tudo mesmo. É muito importante para mim. Vamos, comece a rememorar nosso encontro.

– Bem, você entrou intencionalmente ou indevidamente em domínios vedados a espíritos ainda adormecidos e tive de bloquear seu avanço antes que você não pudesse retroceder mais. Foi assim que o conheci, irmão gerador.

– Puxa! Uma pedra é mais eloquente e reveladora que você, irmã do Tempo.

– Eu não vim até você para lhe abrir seu passado. Não foi para isso que recebi permissão para adentrar na dimensão humana. Você não percebe que está me forçando a quebrar um ditame que rege minha vida?

– Que ditame é esse?

– O de nada revelar sobre o passado de alguém. E você quer que eu contrarie esse ditame só porque se sente oprimido pelo fluir natural desse seu Mistério Gerador. Você está me magoando e entristecendo! – exclamou aquela minha irmã do Tempo, já com lágrimas nos olhos. Eu refleti no que estava tentando saber e achei melhor mudar a direção que as coisas haviam tomado desde que eu captara em minha amada vovó do Tempo uma tristeza muito grande por causa de minha queda, quando eu perdera meu grau de Ogum Sete Estrelas.

Não seria daquele jeito que eu descobriria alguma coisa. Não mesmo!

Então inspirei fundo e sacudi a cabeça, afastando aqueles pensamentos que tanto me incomodavam, e voltei a contemplar aquele mistério em si mesmo que era aquela irmã do Tempo. Enxuguei as lágrimas que corriam por suas faces bronzeadas e pedi:

– Perdoe-me, irmã do meu coração. Eu não queria magoá-la, sabe?

– Eu sei, irmão. Eu me entristeci porque sinto que você, inconscientemente, está tentando retornar ao passado para ver se encontra um meio de anular em si mesmo esse seu Mistério Gerador. Isso é suicídio espiritual, sabe?

– É, acho que eu não estava preparado para esse mistério que contraria minha formação humana calcada em valores antinaturais. Por que ele não fluiu por meio de qualquer um dos outros sentidos? Por que tinha de ser justo por meio do sétimo sentido?

– O que há de errado nisso? Até quando você irá se achar antinatural e se sentir inferior aos seus iguais, mas que portam mistérios em outros sentidos? Você não percebe que está se isolando cada vez mais e cometendo o mesmo erro que o mais lindo e encantador Cavaleiro da Estrela da Fé cometeu quando

se descobriu um portador natural dos Mistérios do Divino Trono da Geração, que nele estavam aflorando por meio do seu sétimo sentido?

– Como era esse Cavaleiro da Estrela da Fé? – perguntei, enquanto olhava para o vazio do meu íntimo.

– Aos meus olhos ele se mostrou movido por uma fé poderosíssima, magnífica mesmo! E ao mesmo tempo eu o vi incomodado por cauda da atração natural que ele despertava em suas irmãs, mas que ele tinha dificuldade em aceitar, porque se desconhecia totalmente e não entendia os sinais que lhe chegavam à mente.

– Que sinais eram esses?

– Os sinais cifrados que lhe enviaram seus irmãos mais velhos, que o identificavam como um poderoso Trono da Geração adormecido na dimensão humana, mas que recorria aos seus mistérios sempre que se sentia ferido por causa das ações inconsequentes de seus irmãos paralisados nos vícios sexuais humanos. Aquele Cavaleiro da Estrela da Fé inconscientemente ativava seu mistérios e devolvia, tanto com palavras quanto com atos, a confiança e o amor às suas irmãs atingidas profundamente por atos e palavras negativas relacionadas ao sétimo sentido da vida.

Mas havia os sinais interiores, que o induziam a agir e gerar todas as condições ideais para que suas irmãs, feridas intimamente, superassem seus traumas emocionais e retomassem suas evoluções movidas pela fé, amor e confiança no futuro. E, se não fosse sua relutância em aceitar como natural aquela sua capacidade única, nada daquilo teria acontecido.

– É, não teria acontecido – murmurei sem convicção, já que eu não sabia a que ela se referia. Limitei-me àquela observação. Ela, abraçando-me e me apertando contra seu corpo, como que se estivesse me protegendo, continuou a falar:

– Eu o adverti do perigo que estava correndo porque bloqueava seu Mistério Natural, que já havia amadurecido e deseja aflorar para que pudesse assumir conscientemente seu grau de Trono da Geração, e só assim poderia assentar-se no Trono Energético recolhido nos domínios da Ninfa da Vida desde que o desocupara para se humanizar e dotar-se de recursos que só a dimensão humana da vida possui.

– Por que só a dimensão humana possui esses recursos, irmã amada?

– Ela possui uma essência única que, se absorvida pelo corpo energético, transforma os pontos de armazenagem ou acumulação de energias em fontes de geração. Assim que um ser absorve essa essência, isso quando está dentro do útero materno, já adquire a capacidade de gerar de si mesmo. Mas existem outros, muito mais importantes e limitados aos sentidos.

– Quais?

– Um deles é o do corpo carnal, que dota o corpo energético espiritual de qualidades regeneradoras, e o torna apto a regenerar-se ou renovar-se por si mesmo, pois desenvolveu nos sentidos a autossuficiência energética.

– Não vejo onde isto leva um ser.

– Ora, imagine os recursos que alguém adquire quando dota uma de suas faculdades com uma fonte interna que gerará as energias que darão condições de que ele desenvolva essa faculdade a partir de si mesmo.

– Isto o torna ilimitado, não?

– Torna sim, pois o que precisa, uma fonte energética, ela está em si mesmo, e não no meio onde vive.

– Um ser humano não depende do meio onde vive?

– Não. Ele só absorve a essência que é gerada ali, e passa a gerá-la em si mesmo, tornando-se irradiador dela, já misturada às suas próprias energias humanas.

– Você está me dizendo que um ser humano, se entrar em uma dimensão aquática, captará a essência aquática gerada nela, e daí a pouco começa a gerá-la em si mesmo?

– É isso mesmo, irmão gerador.

– E que a irradiará com suas energias humanas?

– É isso que acontece e foi isso que eu disse.

– Quer dizer que se eu, um espírito, entrar em uma dimensão ígnea, absorvo a essência ali gerada e torno-me um gerador de energia ígnea?

– Torna-se. No ser humanizado isso acontece natural e automaticamente. O processo é automático e independe da vontade do ser, pois seu corpo energético é único e adapta-se a todos os meios, desde que esteja com seus sentidos desobstruídos, pois será por eles que irradiará as energias que gerará em si mesmo. Um ser que se humaniza torna-se apto a sobreviver, em espírito, em qualquer das dimensões paralelas à dimensão humana.

– Sobreviver?

– Isso mesmo, pois muitas vezes um ser acaba seguindo direções contrárias à sua evolução e fica retido em faixas vibratórias muito densas que o sobrecarregam mas não o anulam, já que o ser se adapta às energias ali existentes.

– Entendo. Isso explica o fato de alguns dos meus irmãos venenosos estarem paralisados em faixas vibratórias negativas, mas continuarem ativos e obstinados nas suas vinganças ou no acerto de contas pendentes, às quais, por mais que eu tente, não consigo acertar de forma positiva.

– No momento em que você deixar de bloquear o fluir natural do seu mistério, deixará de ser um incômodo para eles. Foi isso que tentei passar ao Cavaleiro da Estrela da Fé. Mas ele bloqueava seu mistério porque havia sido educado de forma antinatural quando viveu no plano da matéria e desenvolveu todo um bloqueio em seu sétimo sentido. Se ele tivesse agido como você agiu quando entrou nos domínios da Serpente Negra, nada daquilo teria acontecido... e ele, já como você, não teria de ter reencarnado para refazer toda uma jornada na carne e outra, nova, em espírito, mas já manifestando seu Mistério da Geração.

– É, eu tive de retornar à carne. Mas não me sinto melhor ou mais confiante.

– Então se isolou na dimensão humana, certo?

– Isolei-me.

– Isso resolveu seus problemas ou só tornou mais difícil a solução deles?

– Não sei. Eu já não questiono nada e fecho-me cada vez mais, pois sempre que descubro algo sobre meu passado sinto-me pior após descobrir que já fui ousado, decidido, corajoso, aguerrido, combativo e admirado pelos que conviveram comigo, mas que agora tenho dificuldade em aceitar-me como sou.

– Você é quem não se aceita. Logo, o fluir do seu poderoso mistério mostra-se antinatural. Não cometa o mesmo erro de quando era um atraente Cavaleiro da Estrela da Fé que, inconscientemente, encantava suas irmãs e despertava nelas o desejo de formarem pares por causa dessa sua qualidade única como Trono da Geração.

– Que qualidade?

– A de gerar em si mesmo tudo o que seu mistério precisa para realizar suas ações e dar sustentação energética e vibratória ao sétimo sentido de quem formar um par com você. Você só precisa absorver a essência de quem entra no seu centro neutro para, imediatamente, começar a gerar as energias que quem se aproximou está precisando. No instante seguinte você já está irradiando as energias que devolverão o equilíbrio a quem o procurou!

– Aconteceu assim com você, mesmo estando dentro daquela névoa?

– Não. Isto aconteceu quando você, ainda um Cavaleiro da Estrela da Fé, entrou nos domínios do Tempo onde eu vivia. A partir daquele momento comecei a vibrar o desejo de formar um par contigo, pois identifiquei em seu Mistério da Geração essa autossuficiência, única, pois é humana, e capaz de despertar em meu mental uma vibração magnética análoga à do seu. Só que em mim é uma vibração feminina. Quanto ao resto, tudo é desdobramento ou realizações do que você desperta inconscientemente.

– Eu despertei em você o desejo de se humanizar?

– Despertou.

– Então isso confirma o que sinto que sou: um mal em mim mesmo, pois não tenho controle sobre meu mistério.

– Você considera um mal essa sua capacidade de me dotar com fontes geradoras de energias humanas que me deram, finalmente, um corpo plasmático semelhante ao dos espíritos?

– Isso também. Mas eu me referia ao fato de esse meu mistério ter despertado em você o desejo de humanizar-se parcialmente. Essa capacidade de despertar o desejo é que me incomoda. Ela independe de mim e quando vejo já estou sendo solicitado para formar um par. Até quando isso durará?

– Será sempre assim, irmão da Geração. Se você tivesse controle sobre essa característica do seu mistério, com certeza você o anularia e se inutilizaria.

– Como não tenho...

– Age como agiu quando era um Cavaleiro da Estrela da Fé: foge de si mesmo e procura um jeito de suicidar-se em espírito.

– Foi isso que ele fez?

– Sim. Assim que percebeu a razão de ser tão desejado, "suicidou-se". Mas deu ao seu suicídio a aparência de um fim inevitável, ou de sua única alternativa diante dos sinais exteriores, cada vez mais eloquentes, de que deveria assumir conscientemente sua condição única de Trono da Geração. Saiba que você está repetindo os mesmos erros.

– Quais eram esses sinais, irmã do tempo?

– Os sinais eram vibrações que chegavam até o sétimo sentido dele e ativavam seu Mistério da Geração, que imediatamente começava a gerar as energias que lhe estavam sendo solicitadas.

– De onde vinham, ou melhor, de onde partiam as vibrações que ele recebia?

– Elas partiam de muitos lugares diferentes.

– Você pode especificar alguns?

– Claro. Uns partiam dos Tronos Regentes da Sexualidade, outros de Tronos Regentes da Concepção, outros de Tronos Cósmicos sustentadores de seres com desequilíbrios no sétimo sentido, e outros de Tronos caídos nas trevas humanas, que era o campo preferencial de atuação do Cavaleiro da Estrela da Fé.

– Entendo. Partiam dos mesmos pontos que hoje já formaram pares comigo por meio desse meu Mistério da Geração.

– Nada mudou, irmão da Geração! Você apenas assumiu seu dever como Trono. É um real portador de mistério porque foi iniciado na origem ou no meio neutro do divino Criador, do qual saiu para ser um irradiador contínuo do mistério com o qual foi ungido, e o é em si mesmo. Você é em si mesmo esse seu Mistério da Geração desde sua origem, irmão amado!

Nada mudou em você desde que iniciou sua evolução no exterior do divino Criador, e nada mudará porque você é imutável, assim como o são todos os reais portadores de mistérios. Você é como é, e ponto final!

– Como não mudei, se vovó Guardiã do Tempo já insinuou várias vezes que o desaparecido Ogum Sete Estrelas era lindo, encantador, potente, etc. e tal, e eu não sou como ele porque sou um espírito humano? Eu mudei, e para pior, irmã do Tempo!

– Você não está interpretando corretamente o que ela tem insinuado, irmão da Geração.

– É claro que estou! Ela conheceu pessoalmente o desaparecido Ogum Sete Estrelas. E se ela diz que mudei e que não sou parecido com ele em nada, então eu mudei, certo?

– Acho que você se humanizou tanto que só entende e interpreta o que ouve a partir do modo humano de avaliar o significado das palavras e coisas.

– O que você quer dizer com isso?

– Bom, o que significa, para você, o que ela vive insinuando?

– Que eu herdei os mistérios do desaparecido Ogum Sete Estrelas, mas não me pareço com ele em nada.

– Você permite que eu penetre em sua memória ancestral?

– Claro. Encontre esse Ogum desaparecido, pois quero vê-lo através dos seus olhos.

– O que você fará quando vê-lo?

– Eu sou um Trono da Geração, não sou?

– Disso, não tenho dúvidas.

– Então, assim que eu vê-lo, vou gerar em mim mesmo a aparência dele e torná-la definitiva, pois aí nunca mais ouvirei vovó, ou meus outros avós, pais e tatá-avós dizerem que o desaparecido Ogum Sete Estrelas sim, é que era encantador, atraente, dominador, etc.

– Se você mudar de um momento para outro, esse encanto e atração que o torna tão especial e tão único se esvanecerão e suas irmãs na outra ponta dos pares não o reconhecerão e começarão a dizer que o desaparecido Cavaleiro do Arco-íris, sim, é que era encantador, atraente e avassaladoramente possessivo. Ou não é isso que todas dizem logo que formam um par contigo e conhecem o real poder e alcance desse seu Mistério da Geração?

– Bom, isso elas dizem. E até insinuam que não assumo a cabeça dos pares que formo, porque, mesmo lhes concedendo essa honra, ainda assim a cabeça deles nunca deixará de estar nesse meu mistério.

Aquela irmã do Tempo deu uma olhada no meu Mistério da Geração e, sorrindo enigmaticamente, concordou, dizendo-me:

– Eu tenho certeza de que a cabeça dos pares está mesmo nesse seu mistério, irmão! Ela sempre pertencerá a você, mesmo que você ceda-a às suas irmãs já assentadas.

– Bom, não vamos nos distrair com detalhes. O que desejo neste momento é descobrir como era esse tal Ogum Sete Estrelas, desaparecido, e surpreender vovó trazendo-o de volta do meu passado. Tenho certeza de que quando ela tornar a pousar aqueles seus olhos impenetráveis em mim, sorrirá de alegria!

– Vou fazer o que você me pede. Mas acho que, tal como o desaparecido Cavaleiro da Estrela da Fé, você está recebendo os sinais certos, mas está interpretando-os de forma errada, pois só recorre ao seu modo humano de interpretação.

– Assim que eu ver o que desejo, aí discutiremos isso. Afinal, você só me conheceu há meio século e não há centenas de milhares de anos, como é o caso de vovó Guardiã do Tempo.

– Creio que você está precisando aprender algo que esqueceram de revelar-lhe ou ensinar-lhe, irmão gerador. Mas isso, daqui a pouco você saberá!

– Droga! Você vai ficar falando, falando e não vai fazer o que pedi?

– Você me humanizou, irmão. Eu absorvi muito desse seu jeito, sabe?

– É, quem com ferro fere, com ferro será ferido. Eu, com esse meu jeito, angustio meus pais e avós, e agora você me deixa angustiado. Vamos logo ao que interessa, e sem tergiversações!

– Você é quem manda, amado trono humano!

Aquela irmã do Tempo, que era um mistério em si mesma, focalizou sua visão atemporal em meus olhos e, no instante seguinte, comecei a me ver através dos seus

olhos amendoados. Eu vi como eu era quando havia sido o desaparecido Cavaleiro da Fé, um templário... um Mago da Luz Cristalina e, antes que um espaço vazio surgisse, eu me vi como um guardião do divino Oxumaré, já como Guardião da Geração Humana. Então veio o espaço vazio, que pareceu durar milênios, antes que eu visse uma figura de costas, todo coberto com uma capa estrelada. E exclamei:

– Minha capa de Ogum!!! A mesma que ganhei de minha irmã cósmica regente daquele mistério e dimensão ígneos!

– Esse é o desaparecido Ogum Sete Estrelas, irmão gerador. Você se reconhece?

– Não. Eu o vejo de costas. Não dá para você virá-lo de frente para que eu o veja melhor?

– Ele se parece com você em algum detalhe?

– Eu não sei como sou de costas, irmã.

– Está certo, vou retroceder até onde ele estará de frente. Mas aí você terá de vê-lo, ou melhor, se ver, bem rapidamente, pois não conseguirei sustentar por muito tempo uma memória ancestral em movimento.

– Tudo bem. Assim que eu vê-lo em seus olhos, gero uma parada em minha memória e paraliso a imagem que surgir, pois eu já me vi nos olhos de vovó, mas também só de costas. Por que isso se repete agora?

– É porque o que ficou marcado em sua memória ancestral é você deixando a dimensão regida pela Ninfa da Vida, a qual você estava servindo quando abandonou seu grau e posto para adentrar no ciclo encarnacionista da dimensão humana. Fique atento para captar em uma fração de segundos a aparência real que você tinha como o Ogum Sete Estrelas.

– Estou atento. Continue!

Ela retrocedeu, e em dado momento eu me vi de frente. É certo que foi só por uma fração de segundo, mas paralisei aquela imagem e exclamei:

– Este sou eu hoje!

– É você mesmo, irmão Trono da Geração.

– Mas eu não difiro em nada do desaparecido Ogum Sete Estrelas!!!

– Será que não, irmão admirado?

– É claro que não. Os mesmos cabelos, olhos, rosto, corpo, cor, altura...

– Por que você se calou, irmão abismado?

– Ainda estou me examinando.

– Você já viu tudo o que desejava.

– É, eu já me vi sim. Pode liberar sua visão atemporal, pois não mudei em nada mesmo. Até a parte visível do meu mistério é a mesma.

– Você tem certeza?

– Tenho.

– Olhe mais atentamente e verá que não havia tantas fontes geradoras de energias na raiz desse seu Mistério da Geração.

– Você está vendo isso?

– Estou. Você paralisou a imagem e eu a examinei de cima a baixo e em todos os ângulos. Aí você ainda era cristalino puro e suas fontes geradoras também

eram. Logo, hoje você já acrescentou tantas fontes energéticas ao seu mistério que me é impossível quantificá-las, pois em cada camada existem tantas que não consigo contá-las, só consigo quantificar as camadas.

– Quantas são, irmã?

– São... sete mil, setecentos e setenta e sete em cada um dos dois polos magnéticos desse seu mistério. Puxa!!! – exclamou ela, tal como eu exclamava quando estava admirado com alguma coisa. E ainda exclamou: – Puxa! Puxa! E puxa! Que maravilha, irmão Trono da Geração!

– O que é que você está vendo? Não vê que também quero me ver?

– Nossa!!! – exclamou ela, sem dizer mais nada.

– Droga, irmã dos segredos! O que é que você está vendo? Diga logo ou desparaliso essa imagem.

– Se você desparalisá-la agora, nunca saberá por que se tornou irreconhecível aos olhos dos seus pais, avós e tatá-avós, certo?

– Tudo bem. Mas você irá me revelar tudo o que está vendo.

– Sim. Mas fique quieto, pois estou prestes a alcançar o mistério do seu mistério... é isso!

Eu permaneci em silêncio, enquanto ela continuou a lançar exclamações e mais exclamações, até que finalmente pediu que eu desparalisasse aquela minha imagem ancestral refletida em seus olhos amendoados. E quando piscou, deles começaram a correr tantas lágrimas que, assustado, perguntei:

– O que foi que você viu e descobriu?

– Eu...

– Eu, o quê?

– Abrace-me, meu Trono da Geração. Abrace-me e me envolva em suas irradiações de amor, não parando até eu adormecer em seus braços, dos quais não me soltará enquanto eu não despertar. E não se afaste de mim nem um só milímetro, por favor!

– Mas você já adormeceu...

– Por favor, mistério único! – Clamou ela.

– Tudo bem. Não é preciso clamar desse jeito, sabe?

– Por favor, desdobre seu Mistério da Geração e possua-me com ele... intensamente!

Bom, eu fiz o que pedira e, quando ela adormeceu, abracei-a forte e não a soltei, só limitando-me a ajeitá-la confortavelmente para que seu sono fosse gratificante.

Eu acho que ela descobrira algo muito importante, pois sem soltá-la eu não poderia recolher meu mistério, ao qual eu havia desdobrado justamente para possuir o dela, ou possuí-la. Sei lá!

O fato é que ela dormiu por um longo período. Quando acordou, deu-me um beijo tão apaixonado que valeu por mil palavras de gratidão. E quando separou seus, já rosados, lábios dos meus, em um sussurro, segredou-me:

– Eu poderia ficar assim, em seus braços, por toda a eternidade, e nunca me cansaria ou me sentiria incomodada.

– Mesmo com meu mistério desdobrado? – perguntei divertido.

– Tanto melhor! – exclamou ela, voltando a beijar-me com aqueles lábios tentadores e tão rosados que parecia que eram carnais. Sim, é isso mesmo. Ela havia descoberto algo em meu mistério e tratou de usufruir dessa desconhecida qualidade oculta dele, pois estava tão parecida com uma pessoa, digo, com um encarnado, que meu tato, apuradíssimo, sentia como se ela fosse de carne. Era como se aquele corpo energético cor de bronze houvesse se transformado em um corpo humano, ou adquirido a mesma textura que tem esse tipo de corpo físico que dá sustentação ao corpo energético dos espíritos encarnados. E aquilo era novo para mim. Então, quando ela parou de beijar-me, perguntei:

– O que você descobriu, como descobriu e como conseguiu ativar essa qualidade desse meu mistério...

– Uma pergunta de cada vez, meu amado Trono da Geração!

– Tudo bem. Mas trate de revelar-me tudo, certo?

– Que mistério encantador! Seus pais, avós e tatá-avós ficam tentando despertá-lo para o que você nunca foi e estão perdendo tempo e a oportunidade, única, diga-se de passagem, de usufruírem da companhia indescritível de um genuíno Trono Humano da Geração.

– Como é que é?

– Você não é só um herdeiro natural do Divino Trono da Geração.

– Se não sou isso, então o que sou?

– Você é um genuíno, puro, único e ancestral Trono Humano da Geração. É tão puro e tão genuíno que absorvi de você a essência básica que humanizou meu corpo energético e me deixou tão parecida com um espírito encarnado, que agora você tem em seus braços um ser feminino da dimensão atemporal tão humanizada que só você saberá quem realmente eu sou.

– Eu... e quem nos vigiava, certo?

– Só o divino Trono do Tempo nos vigiava, e a divina Ninfa da Vida, pois ela não deixa de vigiá-lo um só instante sequer, sabe?

– Acho que você se esqueceu que suas irmãs do Tempo sabem como penetrar nessa minha defesa cristalina.

– Não podem mais.

– Por que não?

– Eu ativei um campo novo a partir desse seu Mistério da Geração que, ao contrário de suas defesas cristalinas, só o divino Trono do Tempo e a divina Ninfa da Vida conseguem penetrar nele, além dos nossos pais e mães maiores, que também são divinos Tronos ou manifestadores diretos das qualidades do divino Criador. Mas eles sempre souberam quem você sempre foi, é, sempre será: um genuíno Trono Humano da Geração! O meu Trono!

– Seu? Por que seu?

– Eu o descobri, não? Logo, você é meu Trono da Geração!

– Então já tenho uma dona, é?

– Tem, sim. E não vou ceder essa primazia a ninguém mais, sabe?

– Sei, sim. Só não sei como você lidará com suas irmãs que já formaram pares comigo, pois uma diz que tem a primazia sobre meu mistérios porque descobriu que sou um genuíno Trono Mineral, ou um genuíno Trono Cristalino, ou um genuíno Trono Vegetal, etc., e todos humanizados para melhor eu ocultar minha origem, sabe?

– Você tem certeza disso?

– Já ouvi essas revelações, assim mesmo, com elas em meus braços e tão apaixonadas quanto você.

– Eu ou elas, devemos estar enganadas, não?

– Não estão. Eu sou um Trono da Geração. Ou já se esqueceu disso?

– Como eu poderia, se acabei de descobrir que você é um genuíno Trono Humano da Geração?

– O que você descobriu é como ativar essa qualidade dele, sabe? Agora, saiba que um Trono da Geração, ele não é humano, mineral, vegetal ou de qualquer outro elemento.

– Não?

– Não mesmo. Um Trono dessa natureza é gerador, e ponto final. E, por ser gerador, traz, em si mesmo, a capacidade de gerar a qualidade que alguém deseja, inconscientemente, encontrar nele.

– Como isso acontece se eu o analisei a partir de você mesmo?

– Você não desejava ser humanizada em seu corpo energético, e ser semelhante às encarnadas?

– É, eu acho a cor e a beleza das fêmeas humanas encarnadas as mais atraentes de todas.

– Então está explicado!

– Como?

– Oras, você, assim que segurou em minhas mãos e depois tocou em meu mistério, dotou-o com essa qualidade.

– Como isto aconteceu?

– Bom, você passou o que vibrava em seu íntimo a ele por meio das suas energias e desse seu desejo. Saiba que nele os desejos se realizam!

– Então como você explica que eu tenha localizado uma primeira camada envolvendo os centros geradores desses dois polos magnéticos, com ambas ocupadas por fontes humanas de geração de energias?

– Seu desejo inconsciente alcançou os centros geradores e imediatamente eles geraram uma nova camada cheia de fontes geradoras de energias humanas. Ela não é a primeira, e sim a última. Logo serão geradas outras camadas e aí elas já não estarão envolvendo os dois polos magnéticos.

– Incrível! Quem lhe revelou isto?

– Foi minha Ninfa do conhecimento dos mistérios. Ela me revelou que os mistérios são dotados dessa capacidade, pois só assim eles geram em si mesmos as qualidades ideais para atenderem às expectativas inconscientes dos seres que

se tornam beneficiários do poder deles. Deus é assim, pois gera em si o que cada religião lhe concebe.

– Isso eu não sabia.

– Então fique sabendo que essa é uma das qualidades de Deus, pois só assim Ele, sem nunca deixar de ser Deus, no entanto gera em Si mesmo as qualidades divinas que melhor atendem às expectativas dos seus adoradores espalhados por todas as religiões, todas as dimensões, todos os cantos do nosso universo material e também em todos os universos paralelos que existem ao lado do que conheço.

– Incrível!

– É mesmo. Eu tinha dificuldade em interpretar Deus ou suas divindades, sabe? Mas aí me lembrei que podia pedir á Ninfa do conhecimento dos mistérios que me revelasse o Mistério "Deus".

– Ela lhe revelou, assim, sem mais nem menos?

– Não. Eu tive de gerar nela o desejo de revelar-me o Mistério Deus. Só então eu conheci Deus como Ele realmente é. E me senti pleno n'Ele, pois descobri que Ele está em todas as concepções já idealizadas para explicá-Lo, pois gera em nós o desejo de concebê-Lo segundo nossa capacidade de entendê-Lo, aceitá-Lo, amá-Lo e adorá-Lo.

Só depois que conheci o Mistério Deus, e isso segundo minha própria capacidade de conhecê-lo, é que entendi realmente por que umas religiões O adoram com um nome e outras com outros; umas O adoram através do fogo, outras O adoram através da água, e outros O adoram através de um monolito ou totem, e a todos Ele responde com a mesma rapidez, presteza, onisciência, onipresença, onipotência e imanência divina.

– Puxa!!!

– Saiba também que essa qualidade e esse recurso, todos os mistérios possuem. É por causa disso que uma divindade, que é um Mistério de Deus, mostra-se como desejamos que ela seja, e sem que ela deixe de ser o que é: um Mistério de Deus!

– O que o levou a buscar esse tipo de conhecimento?

– Bom, quando eu vivia no plano material e adorava os Orixás, eu tinha uma concepção deles, só minha, e que diferia das de meus irmãos de fé.

Eu não conseguia assimilar as concepções de então, pois eu não conseguia ver minha amada mãe maior Obá brigando com minha mãe maior Oxum pelo amor do meu pai maior Xangô, etc., etc., isso eu nunca aceitei! Assim como nunca aceitei aquela história de que Deus havia criado o homem a partir de um torrão de barro, e depois criou a mulher a partir de uma costela de Adão, etc., ou que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo.

Bom, é melhor eu parar por aqui. Mas eu nunca aceitei essas lendas como verdades ou como corretas interpretações do Mistério da Criação.

Logo, eu sempre fui movido por um desejo muito grande de conhecer Deus e seus Mistérios a partir de um nível de conhecimento muito superior, mas que fosse humanamente assimilável. E aí tudo começou a se revelar quando eu ainda

vivia na carne. E não parou mais, pois, segundo diz minha Musa do Conhecimento dos Mistérios, o divino Trono do Conhecimento está atendendo aos meus desejos de conhecer, e flui através do meu mistério.

– Isto é interessante, porque o divino Trono do Tempo também manifestou a vontade de ter alguns dos mistérios dele fluindo por meio deste seu Mistério da Geração.

– Você tem certeza disso?

– Tanto tenho que estou aqui e já fui humanizada, pois de agora em diante um campo novo se abrirá para nós, que já formamos uma linha de forças horizontais.

– Acho que se abrirá mesmo. Mas, já que descobri que sou igualzinho ao desaparecido Ogum Sete Estrelas, o que impede meus pais, avós e tatá-avós de me aceitarem como sendo ele?

– Você interpretou as observações deles como se eles se referissem à sua aparência, quando na verdade eles se referem à sua natureza, comportamentos e modo de agir ou de relacionar-se com eles.

– Droga! Eu ouvia vovó referir-se ao desaparecido Ogum Sete Estrelas e me sentia constrangido e indigno de ser chamado de herdeiro natural dos mistérios dele. Sim, a mim ele parecia ter sido o mais belo, atraente e encantador dos Oguns. Bonito mesmo!

– Você interpretava com seu modo humano as colocações deles, amado Trono da Geração. Mas quando sua vovó Guardiã do Tempo diz que ele era atraente, ela está se referindo ao magnetismo; quando ela diz encantador, está se referindo à capacidade que ele tinha de se impor pela irradiação de seus mistérios; quando ela diz que ele era avassalador, só está dizendo que ele assumia todas as cabeças dos pares que formava; e quando diz que ele era imponente, é porque se impunha mentalmente sobre quem dele se aproximava; se ela diz que ele era dominador, é porque ele realmente dominava.

Foi esse Ogum que ela conheceu e amou intensamente, pois a natureza dele era muito parecida com a dela e ambos formavam, por afinidades, um par vibratório extremamente atraente e atrativo. E ela ainda se ressente da ausência dele nos domínios da Ninfa da Vida, pois era por meio dele que ela atuava naqueles domínios tão profundos.

– Meu pai! Meu criador, perdoe-me por ser tão tolo e tão humano! – exclamei, muito triste, porque acreditava que entre vovó e o desaparecido Ogum Sete Estrelas tivesse acontecido um amor, uma paixão mesmo, do tipo Romeu e Julieta. – Como fui infantil! – exclamei, já vertendo lágrimas e cobrindo meu rosto com as mãos.

Então recolhi meu mistério, que ainda permanecia desdobrado, e pedi àquela minha irmã do Tempo que retornasse à sua dimensão atemporal, pois eu precisava, e muito, de ficar a sós para refletir nos erros que já havia cometido em relação aos meus pais, avós e tatá-avós.

– É isso que você deseja, irmão gerador? – perguntou-me ela, também muito triste.

– Por favor, não se entristeça por mim, pois não sou digno de suas lágrimas, irmã do Tempo. Agora entendo a palavra "tolo" quando meu pai Beira-mar referia-se a mim e meus irmãos humanizados. Que estúpido tenho sido!

– Você tem sido humano. Só humano!

– Tenho sido o mais tolo dos adormecidos guardiões dos mistérios, irmã do Tempo. Eu subverti os valores naturais e dei a eles meus valores humanos. Que idiota tenho sido! Ao meu modo tenho cometido o mesmo erro que cometeram os intérpretes encarnados dos Orixás!

– Por quê?

– Oras, eu tenho me relacionado com meus pais, avós e tatá-avós como me relacionaria com os espíritos humanos. E os tenho tratado como trataria meus mestres encarnados do tempo em que eu frequentava a escola primária. Que idiota tenho sido! Meu Deus, como tenho sido estúpido! Por favor, retorne à sua dimensão atemporal, pois preciso ficar a sós, senão começarei a gerar em mim mesmo uma energia que me dementará todo.

– Não faça isso, irmão. Por favor, está bem?

– Eu preciso ficar a sós.

– Só o deixarei após você me prometer que não se suicidará mais uma vez, pois sinto que meu mistério acelera os acontecimentos, e suas incertezas assumem uma direção contrária à que imprimo a elas.

– Está tudo bem, irmã amada. Espíritos não morrem!

– Mas paralisam suas evoluções e anulam qualidades e atributos divinos, que só a muito custo conseguiram humanizar e dar-lhes atribuições humanizadoras. Reflita sobre isso, está bem?

– Refletirei. Obrigado.

Aquela irmã do Tempo irradiou aquela névoa cor de bronze e, a partir dela, recolheu-se à sua dimensão atemporal, onde o tempo é estático e tudo é permanente, pois nela nada foi ou será. Nela tudo é, e ponto final.

Então, em um piscar de olhos eu já estava dentro do meu centro neutro, já todo cercado por um impenetrável cinturão negro, onde nem a luz cristalina penetrava.

Aí chorei minha tristeza com tanta intensidade que meus olhos mal davam conta de verter tantas lágrimas.

Quando dei vazão a toda aquela tristeza, senti-me vazio, muito vazio! E, meio passado, amontoei um pouco daquela areia finíssima, fazendo um encosto onde repousei minha cabeça e desejei dormir, dormir e dormir.

O fato é que eu procurei não pensar em nada e não vibrar sentimento algum. Pouco a pouco todo o meu ser imortal foi adquirindo uma vibração até então desconhecida, que me fez flutuar e pairar acima daquela areia.

Eu tentei retornar ao solo, mas uma voz única e indescritível aconselhou-me:

– Não reaja, filho do meu amor humanizador! Deixe-se conduzir por Mim, seu divino Criador, nesse momento único de sua existência tão fecunda, por meio da qual tenho sido multiplicado no coração e na mente dos seus irmãos. Confie

em Mim, Seu Criador, e deixe que eu o conduza de volta à sua origem divina, pois em meu íntimo gerador você foi gerado e ungido com meu Mistério Gerador.

Eu não reagi e, lentamente, meu corpo foi sendo posicionado na vertical. Aí aquela voz única ordenou-me:

– Olhe para a sua frente e verá uma escada cujos degraus são largos, pois cada um deles é o acesso a uma era religiosa da humanidade. Quando pousar seus pés no primeiro, não tenha pressa em galgar o segundo. Apenas se limite a contemplar tudo o que se mostrará à sua direita e à sua esquerda. E sinta o que estará vendo e vivencie o que estará sentindo.

– Sim, senhor, meu divino Criador! – respondi, dando o primeiro passo e ficando de pé no primeiro degrau.

Então olhei para a minha direita e fui vendo o desenrolar de toda uma era religiosa. Eu via todas as dimensões planetárias paralelas à dimensão humana, todas interligadas entre si por vórtices gigantescos. Dali eu tinha, não sei como, uma visão panorâmica e total do todo planetário e multidimensional. Depois, também não sei como, pois aquilo era um mistério da visão de Deus, eu comecei a ver-me desde minha última encarnação, quando eu havia sido um médium de Umbanda Sagrada.

Mas eu também via tudo o que acontecia nas muitas dimensões paralelas. E tudo ao mesmo tempo!

Eu me via e me sentia vivendo religiões as mais diversas possíveis e sentia o que vivenciava. No paralelismo visual, eu contemplava a vivenciação de muitos seres, alguns já meus conhecidos, pois eram meus pais, avós e tatá-avós. Eu, quando desejava, conseguia sentir o que eles vivenciavam e vice-versa.

À minha direita tudo fluía naturalmente e eu podia mudar a direção de minha atenção, centrando-a onde mais me sentia atraído. Eu não posso precisar a duração de uma era religiosa, pois onde eu me encontrava o tempo não existia, ou não contava. Não sei ao certo.

Mas quando vi tudo e em tudo me vi, voltei meu rosto para o lado esquerdo da escada e ali, bem na minha frente, eu vi todas as dimensões e vi, ao mesmo tempo, tudo o que no lado direito eu via ir acontecendo, ali eu via acontecer tudo ao mesmo tempo. Toda uma era decorrida no lado direito, no lado esquerdo ela estava toda ali.

Eu não pensava e não indagava nada. Apenas observava o que me interessava e contemplava tudo à minha direita e à esquerda.

Eu via a mim mesmo em muitas encarnações. E, ao contemplar a primeira daquela era religiosa, e a última, que eu vivenciara há pouco tempo, notei que, apesar de minhas deficiências, eu era um espírito muito mais maduro, sensato e evoluído, capacitado mesmo!

Mas nada pensei ou indaguei. Apenas me limitei a sentir satisfação com os progressos que havia alcançado.

Então aquela voz única ordenou-me:

– Galgue o degrau seguinte, meu filho!

Eu dei mais um passo e alcancei o lance seguinte daquela escada única.

Apesar de continuar a ver à minha direita as mesmas dimensões, no entanto eu notei que, no geral, eram diferentes. Aí aquela voz falou-me:

– Esta é uma era religiosa anterior, meu filho. Observe bem o início e o final dela, e perceberá que, se tudo mudou, no entanto tudo está direcionado para o mesmo objetivo: o crescimento interior dos seres e a evolução consciencial de todos.

E, durante o desenrolar das muitas encarnações que vivenciei durante aquela era religiosa, eu sempre me via muito próximo das divindades naturais, dos meus amados Orixás. Vi meus pais, avós e tatá-avós já não tão "velhos", ou maduros.

Depois que vi tudo, voltei meu rosto para a esquerda e vi tudo ao mesmo tempo. Quando contemplei o início e o fim daquela era religiosa, e o início da já vista, notei que algumas divindades já não estavam presentes na anterior, assim como muitos seres. Aí indaguei:

– Por quê, meu divino Criador?

– Estes meus Tronos adquiriram qualidades multiplanetárias e foram servir-me em uma hierarquia superior à que você conhece como hierarquia regente planetária. Quanto aos seres, eles se sublimaram e acompanharam as divindades que ascenderam à hierarquia multiplanetária.

Eu procurei com os olhos, e logo encontrei minha amada vovó Guardiã do Tempo. Naquela era religiosa ela era um Trono assentado em uma dimensão pentaelemental, isolada da dimensão humana. Mas notei que ela observava minhas muitas encarnações. E o mesmo acontecia com muitos dos meus pais e avós, que ainda não haviam sido "humanizados", ou seja, não atuavam na dimensão humana da vida. Além do mais, todos pareciam ser mais jovens, ou menos velhos. Então tornei a perguntar:

– Por que isso, meu divino Criador?

– É a evolução, meu filho. A evolução natural é contínua e, à medida que as eras religiosas vão passando, meus Tronos vão amadurecendo e ampliando seus campos de ação. Isso, aos teus olhos humanos, se mostra como um envelhecimento porque você se acostumou a ver um espírito nascer para a carne, crescer, envelhecer e desencarnar. Tudo em um curto espaço de tempo. Mas o que você está vendo não é uma encarnação e sim uma era religiosa, em que meus Tronos vão aumentando seus campos de atuação de acordo com seus amadurecimentos naturais.

– Sim, senhor. Suas hierarquias só são estáticas se vistas segundo minha noção de tempo, fundamentada no curto período de uma encarnação, onde nasci, cresci, envelheci e desencarnei. Mas daqui, de onde posso contemplar tanto uma encarnação quanto uma era religiosa, então percebo que até suas hierarquias crescem e envelhecem, ou amadurecem.

– Avance mais um lance da escada do Tempo, meu filho.

Eu dei mais um passo e tornei a contemplar tudo à minha direita e notei que a crosta do planeta era muito diferente da que eu havia visto no degrau anterior. E

quando aquela era religiosa terminou, eu assisti a toda uma transformação climática e geológica. Era o fim da era religiosa que eu conhecia como a mítica era cristalina. Eu me observei melhor e notei que tanto meu corpo carnal quanto meu corpo espiritual eram bem mais sutis.

Depois olhei para a minha esquerda e contemplei toda aquela era de uma só vez, e vi meus pais e avós bem jovens. Só meus tatá-avós ainda se mostravam "maduros". Olhei demoradamente tanto para o meu tatá-avô Omolu quanto para minha avó Guardiã do Tempo e notei que uma ou várias eras os diferenciava. Aos meus olhos humanos ele parecia ter uns 70 anos e ela parecia ter uns 40. O mesmo fiz em relação a muitos outros dos meus amados pais, avós e tatá-avós.

Então dei mais um passo e, já no quarto lance da escada do Tempo, eu me vi velho, muito velho!

Naquela era religiosa eu ainda não encarnara, pois era um Trono Natural que se dedicava a dar apoio a Tronos bem mais novos, que iam sendo assentados à direita ou à esquerda dos divinos regentes planetários.

Olhei para a esquerda e vi toda aquela era de uma só vez, e vi minha amada vovó Guardiã do Tempo, mas com uma aparência de uns 30 anos, segundo meu modo humano de dar idade a alguém. Também notei que ela era muito ligada a mim, e me vi despedindo-me de todos os meus pais, avós e tatá-avós. Mas também notei que eu era tão velho, ou até mais, que meu próprio tatá-avô Omolu.

Quando me dei por satisfeito, subi mais um degrau e contemplei-me à minha direita assim como às dimensões de então. Eu era um Trono assentado e assim permaneci por toda aquela era religiosa. Então olhei para a minha esquerda e, vendo toda uma era de uma só vez, me vi recepcionando uma irmã encantada do ar, que solicitava que eu a dotasse de qualidades cristalinas. Era minha amada vovó Guardiã do Tempo, que naquela era religiosa ainda era uma jovem encantada do ar, mas que desejava adquirir comigo, um Trono Cristalino da Geração, as qualidades que abririam para ela a dimensão cristalina.

Ela não parecia ter mais que uns 18 anos, enquanto eu aparentava ter uns 50 anos. Já meu tatá-avô Omolu parecia ter uns trinta e poucos anos, mais ou menos, certo?

Eu era o desaparecido Ogum Sete Estrelas Cristalinas e parecia em tudo, ou quase tudo, comigo já humanizado, e que o contemplava.

Notei que entre eles havia uma atração natural, uma afinidade e um amor sublime que marcara vovó de forma indelével.

Então aquela voz única voltou a falar comigo para me dizer:

– Esse amor sublime que você sentiu e está vivenciando, e sente que ela vibra por você nessa minha era religiosa, é o mesmo que vibram todas as suas irmãs humanizadas pelo seu Mistério da Geração, meu filho!

Esse é um amor único e intransferível. Você tem de entender que na evolução natural dois amores desse tipo não surgem.

– Por quê, meu senhor?

– Só assim tudo evolui em harmonia, pois os seres, após estabelecerem uma ligação sublime, se sentem plenos e aspiram por horizontes mais amplos. Vamos, suba mais um degrau.

– Sim, senhor.

Dei outro passo e galguei o sexto degrau da escada do Tempo, onde me observei durante toda aquela era religiosa, na qual eu era um jovem Trono Cristalino. Acho que era um Trono Encantado, creio eu, que era muito ativo e impulsivo.

Nessa era eu via todos os meus pais como pequenos infantes e via meu tatá-avô Omolu como um encantado bem mais novo que eu e vivendo em uma dimensão telúrica, enquanto eu transitava por várias delas.

Então olhei para a minha esquerda e vi tudo de uma só vez. Eu me via sendo solicitado por muitas irmãs encantadas para formar pares com elas, pois eu era um Trono da Geração que havia sido possuído pelo Mistério "Ogum". Eu estava me ogunizando naquela era religiosa.

E admirado, vi-me abraçando uma pequenina encantada do ar que outra não era senão minha amada vovó Guardiã do Tempo. Eu sentia sua alegria e a que eu vibrava. Ela não tinha mais que uns 3 anos e eu devia ter uns 20, no máximo. Olhei para o meu tatá-avô Omolu, e o vi com a idade de uns 10 anos.

Quanto a muitos dos meus pais, ainda não passavam de seres elementais. Uns do fogo, outros da água, etc.

– Dê mais um passo e galgue o sétimo degrau da escada do Tempo, meu filho! – ordenou-me aquela voz única.

Eu obedeci com lágrimas nos olhos. Um horizonte indescritível abriu-se aos meus olhos humanos possuídos pela visão divina das coisas.

À minha direita me vi e me senti um infante irrequieto que vivia agarrado às saias das mães encantadas ou no colo dos meus ancestrais pais naturais. Sim, eu já dava trabalho a outros pais ancestrais dos quais já não me lembrava, ou sequer desconfiava que existissem. E, como não podia deixar de acontecer, eu já atraía a atenção de incontáveis irmãzinhas que, inconscientemente, identificavam em mim um portador natural dos Mistérios do Trono da Geração.

Então olhei para a esquerda e, ao ver tudo ao mesmo tempo, não localizei minha vovó Guardiã do Tempo, pois ela ainda vivia em uma dimensão elemental básica. Mas, com um pouco de ajuda daquela voz, localizei-a entrando naquela era religiosa já quase no final dela. Quanto ao meu tatá-avô Omolu, era um encantado da terra.

Quando me dei por satisfeito, aquela voz única ordenou-me:

– Olhe para a sua frente, meu filho!

Assim que olhei, na minha frente começou como que um filme, onde eu me via, não como um infante ou um ser elemental, mas sim como um ancião tão velho, mas tão velho que mal podia dar os passos. E me vi amparado por um jovem, que imediatamente identifiquei como sendo aquele meu filhinho encantado de Oxumaré.

Ele me conduzia até diante de meus pais maiores que, assentados em seus Tronos Divinos, contemplavam meus passos lentos e pausados. Quando

cheguei diante deles, ajoelhei-me e os saudei com reverência. Então um deles perguntou-me:

– Ancião do Tempo e Trono da Geração do Amor, da Fé e da Vida, da Lei e da Justiça, você já se decidiu?

– Sim, meu senhor. Eu desejo renovar-me para continuar a servi-los, meus amados senhores.

– Esta é sua sétima renovação, ancião!

– Eu sei, meu senhor.

– Por que você não faz como seus irmãos, que optam por seguir para orbes superiores a este, ancião?

– Eu refleti bastante e sinto que é vontade do meu divino Criador que eu me renove pela sétima vez nesse abençoado lar divino, para que aqui mesmo eu possa servi-Lo com esse meu mistério único que me torna um gerador de fé e amor no meu divino Criador e nos seus divinos Tronos Regentes, que são os senhores, meus senhores.

– Você está abdicando de uma oportunidade única, ancião.

– Que melhor oportunidade pode existir que a de renová-los no coração e na mente dos seus amados filhos, que são os filhos do nosso divino Criador?

– Assim deseja e assim será, ancião. Mas no final dessa sua nova renovação você se tornará em si mesmo um Mistério da Geração divina e será um renovador dos anseios e expectativas de quantos encontrarem em você uma das razões de suas vidas.

– Que assim seja, meus senhores regentes.

– Dê sete passos para trás, ancião!

Eu me vi dando sete passos para trás e rejuvenescendo em cada um deles. Quando dei o sétimo, eu era um infante com uma aparência de uns poucos anos de idade. Então aquele jovem pegou-me pela mão, conduziu-me até um portal e ordenou:

– Siga sempre em frente e não olhe para trás senão voltará a envelhecer.

Eu segui até onde começava uma escada descendente e, após descer sete degraus, dirigi-me a uma das dimensões, onde me misturei a muitos outros infantes. Logo eu estava no colo de uma mãe encantada, que me adotou assim que me viu.

Eu me ajoelhei naquele degrau e comecei a chorar compulsivamente, só parando quando aquela voz única voltou a falar comigo e ordenou-me que avançasse naquele plano divino e fosse ter com aqueles sete regentes planetários. Trêmulo, obedeci e caminhei até ficar diante deles, onde me ajoelhei e curvei-me até colocar a testa naquele solo único e indescritível, ficando no aguardo de nova ordem, que logo veio, pois aquele mesmo Trono Divino, que eu vira falando comigo quando ancião, voltou a falar e ordenou:

– Levante-se, Trono Humano da Geração.

Obedeci, mas mantive o olhar voltado para o solo em sinal de reverência. Logo recebi uma segunda ordem:

– Vire-se e contemple a obra divina, Trono Humano da Geração!

Eu me virei e olhei para baixo, ou melhor, para os lances da escada do Tempo, e fui tomado por uma emoção tão forte que só a muito custo contive minhas lágrimas, pois dali eu vi o esplendor da obra divina do nosso divino Criador.

Eu via, de um só lance sete eras religiosas e nada era descontínuo. De onde eu estava, eu podia ver tudo, mas tudo mesmo!

Eu via as entradas das dimensões básicas ou elementais puras, e via que fluxos contínuos enviavam para elas seres ainda virginais vindos de algum lugar que eu não sabia onde ficava. Mas logo fiquei sabendo, pois aquele Trono Divino ordenou-me que olhasse para trás, que eu veria.

Eu olhei e às minhas costas estava um imensurável oceano energético onde centelhas luminosas moviam-se incessantemente de um lado para outro. E aquele Trono falou-me:

– Você tem diante dos seus olhos a fonte viva do seu divino Criador, que gera em si mesmo vidas, vidas e vidas, Trono Humano da Geração! É dessa dimensão viva do seu divino Criador que saem os seres virginais que você vê adentrarem nas dimensões básicas.

Eu acompanhei os fluxos e vi que era contínuo o envio de seres virginais às dimensões básicas. Depois acompanhei todos os estágios que os seres vivenciam e vi tudo inverso do que eu tinha visto quando subia por aquela escada do tempo.

Eu via os seres de uma forma diferente, pois os via, sempre, como centelha que cresciam à medida que evoluíam. E, não sei como, eu vi quando minha amada vovó Guardiã do Tempo entrou em uma dimensão básica e iniciou sua longa jornada. À medida que as eras religiosas iam se sucedendo, ela, uma centelha luminosa, ia expandindo suas irradiações luminosas e, quando alcancei a era onde ela agora estava, eu vi um sol irradiante e multicolorido.

Fiz o mesmo com vários de meus pais, avós e tatá-avós, e vi a mesma coisa acontecer. Também vi que o mesmo acontecia comigo até eu ter sido conduzido à dimensão humana e iniciado meu estágio humano da evolução. Mas, a partir dali, eu não era irradiante, e sim concentrado. Tão concentrado que quase podia ser pego nas mãos, de tão denso que eu me via.

Então perguntei:

– Por quê?

– Você está se transformando em uma fonte viva de energias. Você absorve, absorve e absorve. E concentra tudo o que absorve nos polos magnéticos do seu Mistério da Geração. Mas, porque você tem relutado em aceitar-se como tal, então não cresce, e sim se contrai. Olhe como você, enquanto não havia adormecido para a carne, tanto absorvia quanto doava. Mas, assim que você se humanizou, começou a relutar, a negar-se e a concentrar-se.

– Por que isso vem acontecendo comigo?

– Olhe atentamente para o intervalo de tempo entre o momento em que você desocupou o Trono Energético das Sete Estrelas da Vida até o momento em que você encarnou pela primeira vez.

Quando consegui me focalizar, vi-me como um velho Ogum Sete Estrelas diante daquele Trono Divino que falava comigo. O que eu vi e ouvi, guardo para mim. Mas eu havia aceitado humanizar-me para humanizar meu Mistério da Geração, pois só assim poderia continuar a auxiliar meus irmãos. A alternativa era eu desocupar aquele Trono e integrar-me à hierarquia extraplanetária do divino Ogum.

Eu olhava para um lado e via um portal luminoso que me conduziria à nova hierarquia divina; olhava para o outro lado e via milhões de seres sofrendo com as deficiências em seus sétimos sentidos. Vi que eles estavam ligados tanto às divindades ancestrais quanto às divindades naturais, regentes das muitas dimensões planetárias.

Eu tinha duas opções: uma era virar as costas a eles e atravessar aquele portal e a outra era consagrar-me àquela imensidão de seres e dar início à minha humanização e posterior transformação em um Trono Humano da Geração.

Aquela, sim, foi uma decisão difícil. Mas por fim optei por humanizar-me, pois não tive coragem de deixar para trás aquela imensidão de seres em evolução. Eu ainda me vi dando uma última olhada naquele portal que me conduziria a novos e inimagináveis horizontes divinos antes de ele se fechar e deixar visível uma hierarquia formada, toda ela, por Tronos Humanos que me sorriram e me felicitaram por ter optado pela minha humanização.

Eu reconheci muitos deles, como divindades já cultuadas no plano material da vida, mas voltadas para as dimensões naturais, onde sustentavam incontáveis seres a partir do Mistério Divino que haviam se transformado em si mesmos.

Ali deixei meu grau de Ogum Sete Estrelas e ali ficou meu Trono Celestial, que vi que continuava desocupado, à espera do meu retorno consciente.

Então acompanhei minhas encarnações, onde eu sempre relutava em assumir meu mistério porque ele estava ligado à sexualidade dos seres. Mas, enquanto eu relutava em assumir-me e concentrava-me, também atuava em outros sentidos como um gerador da fé, da Lei, da justiça, etc., até que fui obrigado a assumir meu mistério e passei a ser seu manifestador inconsciente. Mas, pouco a pouco, e com o auxílio de meus pais, avós e tatá-avós, fui sendo preparado para ser conscientizado sobre meu mistério e aceitá-lo como algo natural em mim.

Então revi minha última encarnação, desde o momento em que nascera até o momento que me recolhera ao meu centro neutro e desejava dormir, dormir e dormir para sempre. Então eu vi sair da cabeça do meu corpo espiritual uma centelha que começou a ascender. Aí atinei que era minha hiperconsciência que assistia a tudo aquilo que eu estava vendo. E perguntei:

– Por quê?

– Você está negando a si mesmo, Trono Humano da Geração! Você se recolheu ao seu centro neutro e, a partir dele, deu início ao seu adormecimento autoinduzido. Olhe para si mesmo e veja como você se paralisou, mas não paralisou o fluir natural do mistério que você é em si mesmo. Saiba que dali, do seu centro neutro, seu mistério cumprirá o que está designado a ele.

– Por que tudo isso está acontecendo comigo?

– Você não está se aceitando e está encontrando dificuldades para manifestar suas qualidades, já de forma humana.

– O que devo fazer para superar essas dificuldades?

– Aceite-se e deixe seu mistério fluir naturalmente. Só assim aquietará seu emocional e não se sentirá inferior ou indigno de seus pais, avós e tatá-avós, que só se renovarão por meio de você a partir do momento em que deixar de negar seu mistério.

– Eu vou deixar de negar-me ou ao meu mistério. Só peço compreensão e amparo, meu senhor.

– Não deseje ser como seus pais, avós e tatá-avós. Eles são Tronos Naturais e os mistérios deles fluem naturalmente porque são indissociáveis. Eles se sentiriam vazios se fossem privados de suas qualidades. Saiba que, para que o mesmo lhe aconteça, basta que você comece a se sentir o que você é: um Trono da Geração que se humanizou e manifesta seu mistério de forma humana.

Você já teve provas suficientes do poder único desse seu mistério, não?

– Tive muitas provas, meu senhor.

– Então assuma seu humanismo e atue humanamente, pois só assim estará atuando de forma correta. Se fosse para você atuar de outra forma, não teria sido humanizado.

– Sim, senhor.

– Desça essa escada à sua frente e vá observando tudo o que se mostrar aos seus olhos humanos.

– Sim, senhor. Com sua licença!

Eu olhei à minha frente e vi uma escada que descia até onde meu corpo energético repousava. Lentamente fui descendo aquela escada e, a cada degrau, eu olhava tanto à minha direita quanto à minha esquerda. Quando cheguei ao último degrau, olhei-me e percebi que eu era só uma névoa multicolorida e sem forma. Então me lembrei de minha irmã do Tempo e estabeleci uma comparação: minha consciência é minha alma; minha hiperconsciência é minha essência; minha subonsciência é meu corpo energético (espírito).

– Portanto, é hora de ser o que sou, mas integrando essas três qualidades distintas.

Após dizer aquilo, dei mais um passo e fui puxado para dentro daquele meu corpo energético, que me absorveu e despertou do sono autoinduzido que eu o mergulhara. Eu me senti como se tivesse despertado de um longo sono, onde tudo o que eu havia visto, ouvido e vivenciado me pareceu um sonho. Então falei para mim mesmo: É isso. Agora conheço a mecânica do sonho, que acontece no plano material quando os seres adormecem. Mas também conheci um mistério do meu divino Criador, que tem sido muito generoso comigo durante todo esse tempo que tem durado minha humanização. Chega de desejar ser como meus pais, avós e tatá-avós, ou de tentar ser como era o desaparecido Ogum Sete Estrelas. Eu sou um Trono Humano da Geração e vou portar-me como devem ser todos os Tronos que se humanizaram: com humanismo!

Contemplei minha encantada do Arco-íris e acariciei sua cabeça, pois ela repousara junto comigo. Aos poucos ela despertou e voltou a ser o que nunca deixaria de ser: o símbolo da renovação do Mistério da Geração.

Eu a acomodei junto de meu corpo e caminhei por aquele meu centro neutro por um bom tempo antes de decidir que rumo tomaria.

Mas, quando me decidi, projetei-me até uma praia e sentei-me, aquietando todo o meu ser.

E assim, no mais absoluto silêncio, pouco a pouco comecei a ouvir o canto da Ninfa da Vida, pois mais do que nunca eu desejava vê-la e captar o que ela estava vibrando para mim.

Aquele canto foi me envolvendo por inteiro e uma força incrível começou a atuar no sentido de puxar-me para dentro daquele oceano energético, pois não era um oceano do plano material que eu tinha diante dos meus olhos. Eu resisti e mentalmente falei:

– Eu sou um Trono Humano da Geração. Logo, eu sou humano! – ao que ela me respondeu:

– Eu sou a Ninfa da Vida. Logo, sou vida!

– Eu já lhe virei as costas muitas vezes, Ninfa da Vida – falei.

– Todas as vezes em que você fez isso, virou suas costas à vida e mostrou-se desumano.

– Eu estou de frente para você agora, Ninfa da Vida.

– Agora, você está de frente para a vida, Trono Humano da Geração.

– Eu vim até aqui para possuir seu mistério vivo, Ninfa da Vida.

– Para possuir meu mistério vivo você terá de entrar em meus domínios e conceder-me a posse do seu Mistério Gerador, Trono Humano da Geração.

– Se eu entrar em seus domínios, mais uma vez tornarei a adormecer em espírito e reencarnarei. E isso já não desejo mais, pois o que desejo possuir quero possuir acordado e consciente do que estou possuindo. Portanto, só entrarei em seus domínios para possuir seu mistério e conceder-lhe a posse do meu se você vier até a beira-mar receber-me e conduzir-me com suas próprias mãos aos seus domínios.

– Isso não faço por ninguém. Mas, caso você desdobre seu Trono e Mistério, aí me condensarei na sua frente e o conduzirei aos seus domínios.

– Isso não farei. O desaparecido Ogum Sete Estrelas, quando fez isso, adormeceu em seus domínios e nunca mais reencontrou seu ponto de equilíbrio emocional, pois mergulhou em um transe.

– Não resista ao meu canto encantado, Trono Humano da Geração! Desdobre seu Trono e Mistério e eu lhe abrirei o portal de acesso aos meus domínios, dentro dos quais possuirá meu mistério e me concederá a posse do seu.

– Só entrarei em seus domínios desse jeito que estou me mostrando: humano e em espírito!

– Por quê?

– Eu sou meu mistério. Logo, ou você me reconhece assim de agora em diante ou não possuirei seu mistério e não lhe concederei a posse do meu.

– Você não resistirá por muito tempo ao meu canto encantado, Trono Humano da Geração.

– Eu estou resistindo, não?

– Ainda não o iniciei. Saiba que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não resistiu. Logo, não será você, um Trono Humano, que resistirá!

Eu nada mais falei. Apenas comecei a acariciar a cabeça de minha serpente encantada do Arco-íris. No mesmo instante ouvi um forte gemido, emitido por ela, que no instante seguinte começou a enviar-me um canto que me atordoou, de tão penetrante que era. Mas eu resisti a ele e reassumi o controle sobre meu emocional.

Aquele choque de dois mistérios poderosos durou muito tempo. Mas eu não afastei minha mão da cabeça de minha serpente encantada do Arco-íris e resistia àquele canto estonteante que ativava meu Mistério da Geração até um ponto próximo do insuportável, de tanta energia que estava se acumulando na raiz dele. Quando me senti prestes a perder meu controle emocional, dei início a uma descarga humana daquelas energias geradas a partir dos estímulos enviados por ela, que tentava lançar-me na inconsciência.

Quando aquelas energias começaram a ser irradiadas de forma humana, ela cessou aquele canto e emitiu um outro gemido, bem mais longo e rouco. Eu havia vencido o encanto dela!

Sim, aquele canto fora o culpado pelas minhas dificuldades, pois retirara do desaparecido Ogum Sete Estrelas seu ponto de equilíbrio emocional e o submetera passivamente aos mistérios da Ninfa da Vida, que são sete e que atuam cada um em um sentido da vida.

Eu, durante a descida por aquela escada, observara tudo e havia visto quando o desaparecido Ogum Sete Estrelas sucumbira ao canto dela e se deixou possuir passivamente, não possuindo seu mistério. Mas comigo ia ser diferente, pois finalmente eu me assumira e ia ocupar a cabeça daquele par que formaria com ela. Eu estava decidido a não decepcionar aquele Trono Divino que confiava em mim e havia me alertado para atuar a partir do meu humanismo, de forma humana.

Eu recorria a um dos meus recursos humanos e lançava sobre a terra as energias que a Ninfa tanto desejava absorver do meu mistério, mas ao seu modo, que era deixando inconsciente quem possuía o mistério dela. E ela continuou ofegando, pois eu havia cortado o envio de energias ao mistério dela, que já vinha se suprindo desde que lançara na inconsciência o desaparecido Ogum Sete Estrelas.

Eu não sei por que, mas sentia um prazer em ouvi-la ofegando, sem poder emitir seu canto atordoante e encantador. E mais energias eu suprimi daquele fluxo que antes ela tirava de mim sem eu saber, cortando de vez seu suprimento energético.

Dali em diante era só uma questão de paciência e perseverança, pois ela não resistiria por muito tempo. Mas o que aconteceu pouco tempo depois, por aquilo eu não esperava. Não mesmo!

Daquele oceano energético começou a surgir uma Ninfa, que identifiquei como sendo um dos sete mistérios da Ninfa da Vida. As irradiações dela não eram menos estonteantes que seu canto, pois era a Ninfa da Sexualidade que se apresentava e me convidava a seguir com ela para o fundo do mar. Recusei-me, alegando que ela não era nada mais que uma emanação de um dos mistérios da verdadeira Ninfa. Então outras seis emanações surgiram de dentro d'água e aí as irradiações alcançaram um nível insuportável.

Como último recurso, fiz como fizera quando precisei tirar de meu corpo os cacos de cristal, só que agora estava consciente desse meu recurso: meu hiperconsciente!

Refugiei-me nele e o que vi impressionou-me demais: aquelas aparências eram, na verdade, fontes vivas de energias sexuais femininas... fontes que se pareciam com enormes órgãos femininos, nos quais fixei aquela minha visão superior e distingui fios "invisíveis" ligados ao meu mistério.

Se digo que eram fios invisíveis, é porque diferiam de todos os que eu já vira até então, e só os vi porque me refugiei em minha vibração superior, à qual recorri para seguir os grossos cordões que saíam daquelas fontes e dirigiam-se para o fundo daquele oceano energético. Eu apurei tanto aquela minha visão que aos poucos fui alcançando visualmente o mistério "Ninfa da Vida".

Eu a localizei em um centro neutro daquele oceano, onde uma gigantesca fonte de energias pulsava descompassadamente, pois eu cortara o fluxo de energias geradas pelos dois polos magnéticos do meu mistério.

Ainda recolhido à minha hiperconsciência, meditei no que minha visão superior me mostrava e concluí que, ou possuía aquela poderosa fonte de energias, ou mais uma vez seria possuído por ela, tal como havia acontecido com o desaparecido Ogum Sete Estrelas.

Então me lembrei de que aquela irmã do Tempo não passava de uma névoa mas que, por haver desejado humanizar-se, criara todas as condições em meu mistério. Logo, o jeito era criar naquela fonte um desejo de ser humanizada, pois só assim eu possuiria seus mistérios e assumiria a cabeça do par, tipicamente energético.

A partir daquela decisão comecei a irradiar para ela o desejo de ser humanizada. E comprovei que em mim os desejos se iniciavam, pois no instante seguinte aquela fonte começou a irradiar o que eu lhe enviava: o desejo de ser humanizada!

Mas eu me lembrei de algo muito importante que havia aprendido quando ainda vivia no plano material e comecei a irradiar mais um desejo que aquela fonte energética única também começou a vibrar: o de ser humanizada em meu centro neutro, assentado na dimensão espiritual humana.

Sim, porque o Senhor Caboclo Sete Estrelas, que é um Ogum ancestral que se humanizou, certa vez me revelou que nas dimensões paralelas à humana existem mistérios sequer imaginados pelos adormecidos espíritos humanos: fontes energéticas vivas e pensantes!

Na época eu ainda tinha pouco conhecimento sobre os mistérios e não havia dado muita atenção àquela revelação. Mas ali, diante de uma dessas fontes vivas e pensantes, comunicando-me mentalmente com ela, minha curiosidade natural aflorou mais uma vez e, já conhecedor de muitas coisas que eu havia visto durante a descida por aquela escada única, também comecei a irradiar àquela fonte viva e pensante, que era a Ninfa da Vida, o desejo de revelar seu mistério a mim, um Trono Humano da Geração.

Sim, isso eu fiz, sim, senhor!

Afinal, se eu bem entendera, aquele Trono Divino fora bem claro ao ordenar-me que procedesse como eu era: um ser humano! E o que mais marca um ser humano senão sua natural curiosidade?

Portanto, eu estava procedendo como todo ser humano deve proceder ao deparar-se com o desconhecido: conhecer muito bem o que encontrou antes de tocá-lo, porque depois poderá ser tarde!

Então abri meu mistério e, após ativar minhas defesas cristalinas, ordenei:

– Poderosa Ninfa da Vida, venha até meu centro neutro para que eu possa ouvir suas revelações e humanizá-la em meus domínios.

– Eu não posso sair do meu centro neutro, poderoso Trono da Geração. Ou você vem até aqui ou esses novos desejos que estou vibrando não se realizarão e eu começarei a desvirtuar meu mistério e minhas funções de Ninfa da Vida.

– Por que você não pode deixar seu centro neutro, Ninfa da Vida?

– Eu sou uma Ninfa mãe, sou uma geradora natural das energias que, quando absorvidas pelas Ninfas que se ligam a mim, dá a elas essas minhas qualidades e as distingue de todas as outras Ninfas, pois a partir daí elas são minhas filhas e passam a ser Ninfas da vida.

– Incrível!!!

– Você sabe quantas Ninfas da vida estão ligadas a mim ou há quanto tempo estou aqui, nesse meu centro neutro?

– Não sei.

– O que você vê como raios coloridos saindo de mim, nada mais são que ligações energéticas com minhas filhas, poderoso Trono Humano da Geração, revivido nos Mistérios do Arco-íris Divino.

– Meu Criador! Mas... deve haver trilhões de raios coloridos saindo do seu corpo energético!

– Você consegue contar os raios de um sol?

– Não.

– Você consegue contar os raios que saem desse meu corpo energético, meu mais desejado Trono da Geração?

– Já sou seu mais desejado Trono da Geração?

– Nunca antes desejei outro com tanta intensidade.

– Nem o desaparecido Ogum Sete Estrelas?

– Nem a ele, herdeiro natural dos mistérios dele.

– Por quê?

– Bom, ele era um Trono Cristalino da Geração e limitava-se a gerar essências cristalinas. Mas você gera todas as essências que me alimentam enquanto fonte geradora feminina, limitada unicamente ao sétimo sentido da vida, que é a sexualidade. Com você eu formarei um par energético perfeito, Mistério do Arco-íris! Venha, não deixe que eu sofra mais do que já estou sofrendo porque você se recusa a vir ao meu centro neutro! – clamou ela, em um gemido rouco, acompanhado por uma poderosíssima emissão energética que levou meu Mistério da Geração à beira de uma catarse energética, de tantas que ele começou a gerar e irradiar.

– Venha logo! – gemeu ela, na voz mais sensual e envolvente que eu já havia ouvido. Outra tão sensual, só mesmo a da regente do Trono dos Desejos, que eu já conhecia muito bem.

Eu, ao me lembrar disto, exclamei:

– Meu Criador! Aquela regente do Trono dos Desejos nada mais é que uma dessas fontes vivas e pensantes, mas geradora de desejos!

– Você não sabia disso, Cavaleiro do Arco-íris?

– Eu não sabia, Ninfa da Vida. Eu achava que ela era uma divindade, um ser semelhante aos meus pais e mães maiores, sei lá!

– Por que você pensou isso?

– Oras, a bíblia descreve o desejo como uma serpente. Então, deduzi que aquela regente do Trono dos Desejos devia ser uma Orixá cósmica. Afinal, não sincretizam o divino Oxumaré com a serpente do Arco-íris?

– O que você sabe sobre o divino Oxumaré?

– Eu... eu acho que nada sei, Ninfa da Vida.

– Então, como você aceitou naturalmente o grau de Guardião dos Mistérios do Arco-íris?

– Bem, disseram que eu era um. E, porque manifestei algumas qualidades análogas, concordei!

– Seu nível de conhecimento ainda é muito terra, Cavaleiro do Arco-íris.

– Põe terra nele, Ninfa da Vida!

– O que você disse?

– Deixa para lá! É só uma forma de eu dizer que meu conhecimento é bem nível terra. Mas... o que você ia dizer-me sobre o divino Oxumaré?

– Eu não ia dizer nada, cavaleiro desejado.

– É claro que você ia.

– Eu só lhe perguntei o que você conhecia sobre ele. Foi só isso!

– Não, não. Você está pulsando o desejo de revelar-me o que só você sabe sobre ele.

– Venha até meu centro neutro e revelarei tudo a você.

– Aí nada saberei, pois, se não estou enganado, esses fios negros que saem dessa enorme abertura em seu centro devem ter na outra ponta os infelizes Tronos que foram até seu centro neutro para, também eles, saberem tudo. Estou certo?

– Você é muito desconfiado, Cavaleiro do Arco-íris.

– Eu sou um Trono Humano da Geração, Ninfa da Vida. Logo, desconfiança é uma de minhas qualidades humanas e desconfiar é uma de minhas atribuições.

– Um Trono não desconfia. Apenas realiza o que estão lhe solicitando.

– Isso é conversa fiada, Ninfa da Vida. Eu sou um Trono Humano e não caio nessa. Não mais, sabe?

– O que você disse?

– Você entendeu muito bem.

– Você está se negando a realizar o que estou solicitando?

– Não. Mas só realizarei o que deseja se for ao meu modo: humanamente.

– Você está infringindo a regra de procedimentos dos Tronos, Cavaleiro do Arco-íris.

– Não estou, não. Ou não é verdade que sou um Trono Humano?

– Você é um, sim. Mas é um Trono!

– Sou um, sim. Mas, porque sou humano, ou a humanizo antes de possuir seus mistérios ou só você me possuirá, tal como já possuiu incontáveis Tronos.

– Eu sou uma fonte viva e pensante, e posso invocar a Justiça Divina para dirimir dúvidas e obrigá-lo a cumprir com seus deveres de Trono, Cavaleiro do Arco-íris.

– Para mim está tudo bem. Invoque a Justiça Divina, Ninfa da Vida! Eu tenho certeza de que estou certo quanto ao modo como posso e devo possuir seus mistérios.

– Você conhece a pena imposta ao Trono Exu que, tal como você, havia se humanizado?

– Não sei.

– Não quer conhecê-la antes?

– Eu devo?

– Talvez você mude de ideia, e aí me dispensa de invocar um mistério de tal magnitude como a Justiça Divina.

– Tudo bem. Qual foi a pena de Exu? – perguntei curioso.

Mas, não sei como, meu tatá-avô Omolu, esperto como só ele é, alertou-me:

– Neto amado, não se deixe enganar por essa Ninfa mãe!

– Ela está tentando enganar-me, vovô?

– Está sim, neto tolo. Ela não deseja formar um par energético com você nos seus termos, senão você se tornará o senhor de todas as filhas dela. Saiba que a Ninfa da Vida é a mais possessiva das sete Ninfas, pois o mistério dela só flui por meio do sétimo sentido da vida, que é a sexualidade. Logo, ela o deseja só para ela que, aí sim, o dividirá com as filhas delas.

– Que encrenca que me meti dessa vez, não?

– Põe encrenca nisso, neto amado! Nenhum Trono de qualquer natureza já conseguiu possuir os mistérios dessa Ninfa, sabe?

– Vovô, o senhor foi possuído por ela?

– Retire essa pergunta, neto amado.

– Por quê?

– Eu não posso respondê-la.

– Tudo bem. Já a retirei.

– Ótimo! Agora, não se descuide dela, pois ela é a mais sabia, astuta e envolvente das Ninfas. E, ou você a humaniza e incorpora aos desejos naturais dela o desejo de que você humanize todas as filhas dela, ou daqui a pouco você será mais um Trono desprovido do desejo, tal como aconteceu com o Trono Exu que se humanizou.

– Revele-me o que o senhor sabe, vovô!

– Bom, o Trono Exu era um Trono Neutro da Sexualidade, que se humanizou para desenvolver um polo positivo e outro negativo.

No polo positivo ele desenvolveria o desejo que é regido pela Ninfa do Amor, que é regido por sua mãe maior Oxum. E no polo negativo ele desenvolveria a potência, que é regido pelo Trono da Lei, que é regida pelo seu pai maior Ogum.

E assim, ativado pelo desejo mas guiado pelo amor, e ativado pela potência, mas guiado pela Lei, o Trono Exu regeria a sexualidade a partir de seu centro neutro. Mas ele deixou-se iludir pela conversa fiada dessa astutíssima Ninfa e tornou-se um Trono vigoroso, mas desprovido do desejo e sem a potência e a retidão da Lei.

Agora, ele é vigoroso mas continua neutro, ou sem iniciativa própria, pois ela anulou nele o desejo.

– É por isso que Exu só inicia uma atuação se for oferendado e ativado pelo desejo humano?

– É sim. Exu, porque perdeu a potência, mas ainda conservou o vigor, só rege sobre o vigor sexual. Você ainda se lembra de como é o cetro simbólico de Exu?

– Lembro-me sim, vovô. É um falo.

– Só um falo, certo?

– Sim. Mas...

– Onde estão os testículos do falo de Exu?

– Eu nunca havia prestado atenção. Mas agora que o senhor tocou no assunto, eu fiquei curioso. Onde foram parar os testículos do cetro simbólico de Exu?

– Isso, só essa Ninfa pode responder. Afinal, quando Exu conseguiu sair do centro neutro dela, seu cetro totêmico ou simbólico estava sem eles.

– Puxa!!! – exclamei preocupado e levando minhas mãos...

– Você não vai querer perder os seus, vai?

– De jeito nenhum! Não mesmo, vovô!

– Então não caia na conversa dela, senão você perderá muito mais que eles. Saiba que o divino Oxumaré só olhava para essa Ninfa através dos olhos da encantada serpente do Arco-íris. E, ainda assim, não sei o que ela fez, que encantou a encantada dele e hoje ela é o Arco-íris pois essa astutíssima Ninfa segura tanto a cabeça quanto o rabo dela. Desde então o divino Oxumaré só se

comunica com essa Ninfa através do Arco-íris que só se forma sobre as águas, mas tanto a cabeça quanto o rabo do Arco-íris permanecem nos domínios dessa Ninfa.

Minha encantada do Arco-íris, tendo ouvido aquilo, no mesmo instante desviou seus olhinhos daquela fonte viva e pensante e enrodilhou-se toda em meu corpo, ocultando sua cabeça e seu rabo. Quanto a mim, exclamei:

– Nossa!!! Estou perdido, vovô!

– Não se desespere, neto amado.

– Como não, se o senhor disse que até o divino Oxumaré entrou bem com essa Ninfa astutíssima?

– Cuidado como se refere aos seus pais ou acabará sendo punido pelo seu modo de expressar-se.

– Desculpe-me, vovô! Mas eu estou preocupado, sabe?

– Eu também. Mas não é momento para a emoção, neto amado. Ela sabe que estou instruindo-o. E, ou você a humaniza e passa a ela o desejo de que você humanize todas as filhas dela, ou eu, que já me encrenquei com ela uma vez mas saí mais ou menos inteiro, dessa vez ela realiza seu maior desejo para comigo.

– Qual é ele, vovô?

– É transformar-me em uma fonte viva e pensante, como ela já fez com muitos outros Tronos, sabe?

– Essa não!

– Essa sim, meu neto mais amado! Conto com seu bom senso para subjugá-la. Conto com ele para vingar-me dessa Ninfa pelo que ela fez comigo.

– O que ela lhe fez, vovô?

– Anulou em meu íntimo o desejo de tornar-me um Trono humano. Logo, só me restou como alternativa renovar-me por meio de meus herdeiros naturais, que humanizam algumas de minhas qualidades, atributos e atribuições, mas nunca todas ao mesmo tempo.

– Sinto muito pelo senhor, vovô amado.

– Eu também, neto do meu coração. Agora se concentre e busque tudo o que aquela astutíssima Musa dos Conhecimentos já lhe revelou sobre essa não menos astuta Ninfa da Vida. Lembre-se de que ela é uma Ninfa mãe que rege trilhões, ou mais, de fontes vivas e pensantes, que são as filhas dela. E não se esqueça de que essa Ninfa mãe da Geração é regida pela sua mãe maior Iemanjá.

– Droga, vovô! Como fui me esquecer disso?

– O que você acabou de se lembrar, neto desrespeitoso?

– Perdoe-me, vovô. Esse droga é uma exclamação contra mim mesmo.

– Ainda bem. Eu já tinha lhe anotado uma punição exemplar.

– Não sei nem quero saber, pois eu, ao exclamar a palavra droga, estou me chamando de estúpido, sabe?

– Agora sei. Mas, quando recorrer a ela novamente, limite-se a você, certo?

– Estou perdoado?

– Só se o que você descobriu valer um perdão.

– Vale vários, vovô!

– Depois de ouvi-lo decidirei se vale um, ou nenhum, certo?

– Dois ao menos, vovô amado?

– Você está procedendo como seus irmãos espertos, sabia?

– Sei, sim. Mas, acho que eles não são muito espertos, pois se fossem não teriam de se esconder nas sombras das horas das noites de suas vidas.

– E então, o que você acabou de descobrir?

– Vovô, existem duas mães maiores Iemanjá?

– Não. Só existe uma. As outras Iemanjás são suas filhas mediadoras.

– Então só existe uma Ninfa Mãe da Vida nesse nosso todo planetário, certo?

– É, está certo. Mas, onde você quer chegar, neto enigma?

– Vovô, se só existe uma mãe maior Iemanjá e se só existe uma Ninfa Maior da Vida, então esse enigma já é meu, sabe?

– Ainda não sei. Mas já o perdoei por aquela expressão. Continue!

– Qual é o símbolo de nossa mãe maior Iemanjá, que rege essa Ninfa da Geração?

– A estrela de sete pontas, neto estrelado.

– É isso! Essa Ninfa acabou de selar seu destino final, que é formar um par energético comigo, e ao meu modo, pois sou um Trono Humano da Geração. E comigo assumindo a cabeça do par!

– Por que você deseja assumir a cabeça desse par?

– Bom, desde quando ela é uma Ninfa da Vida?

– Desde que este mundo é mundo.

– Então, não é melhor que ela seja o que é para o resto do mundo, mas seja como eu quero que seja, mas só para mim?

– Eu não sei o que você quer que ela seja. Logo, não sei se o que deseja é o melhor em se tratando de um mistério dessa magnitude.

– Bom, eu desejo trocar as nossas energias com ela a meu modo.

– Qual deles, já que você arranja um em cada encrenca que se mete?

– O modo humano de trocar energias, vovô. Esse é o meu modo humano, sabe?

– Não faça isso, neto estúpido!!!

– Já fiz. Já enviei a ela este meu desejo, e com tanta intensidade, que ela já está assumindo a forma de uma fêmea humana.

– Você ficou maluco?

– Por quê?

– Caso você sobreviva, o que acho impossível depois dessa estupidez, difícil de ser superada pelo mais estúpido dos meus netos... caso você sobreviva, daí em diante todas as filhas, netas, bisnetas delas vão desejar trocar energias com seu mistério dessa forma.

– Tudo bem, vovô. Não tem problema não, sabe?

– Não sei, não.

– Oras, vovô! Eu sou um Trono. Ou o senhor já se esqueceu disso?

– Justamente porque não me esqueci, é que acho que você é quem selou seu destino final ao mistério dessa Ninfa da Vida.

– Eu selei, vovô. Se vou formar um par com ela, que seja nos meus termos e ao meu modo, pois um par, segundo andei descobrindo, é eterno.

– Onde você descobriu isso?

– O senhor se lembra daquelas Estrelas Siderais?

– Quem consegue esquecê-las?

– Pois é. Eu descobri que elas já estavam ligadas ao desaparecido Ogum Sete Estrelas desde outras eras religiosas.

– Quem lhe revelou isso? Por acaso foi aquela filha do Tempo que se apaixonou pelo seu mistério?

– Não foi por mim que ela ficou apaixonada?

– Isso também. Afinal, um e outro são uma coisa só!

– O senhor tem certeza?

– Depois do que você acabou de fazer com essa Ninfa da Vida, já não sei se a raiz do seu mistério está na sua cabeça ou se sua cabeça está na raiz dele, sabe?

– Cabeça, é? Acho que entendi sua insinuação, vovô!

– Espero que sim, e que volte a raciocinar com a cabeça certa.

– Por falar nisso, aquela apaixonante irmã do Tempo revelou-me que mesmo que eu ceda a cabeça de todos os pares que formo, ainda assim a cabeça dos pares sempre será minha. O que o senhor tem a dizer-me sobre essa afirmação dela?

– Ela, melhor que ninguém, poderá comentar-lhe essa afirmação, certo? Afinal, ao meu ver, ela se apaixonou além da conta. Mas deixemos isso para depois, já que o importante neste momento é tentar salvar algo de você enquanto ainda é tempo.

– Não se preocupe, vovô. A Ninfa da Vida já assumiu uma aparência humana, e muito atraente, sabe?

– Já?

– Já, sim senhor. E se o mesmo acontecer com as herdeiras naturais dela, então não terão dificuldade alguma em trocar energias com meu mistério.

– Até imagino como é a aparência que ela assumiu. No mínimo é uma aparência semelhante àquela regente do Trono dos Desejos!

– No mínimo, é. Mas no máximo, só eu mesmo para saber, já que só aos meus olhos ela se mostrará assim, vovô.

– É por isso que eu disse que imagino, pois aos meus olhos ela continua a se mostrar como sempre a vi: uma fonte viva geradora de energias sexuais.

– É melhor assim, vovô.

– Por quê?

– Bom, se meus irmãos espertos a vissem como eu a vejo, no mínimo iam querer se suicidar, pois, se não estou enganado, é essa Ninfa quem rege o mistério que pune todo ser que desvirtua sua sexualidade.

– Até isto você já descobriu?

– Descobri que quem se desvirtua, liga-se à Ninfa que forma um polo magnético oposto ao dela, que é a Ninfa da Morte.

– Aí você já está entrando nos meus domínios, neto amado. Cuidado, pois os domínios da Ninfa da Morte é um dos meus campos de ação. Não tem autorização para atuar neles com esse seu mistério. Não ainda!

– Já tenho, vovô. Ela me abriu os mistérios da Ninfa da Morte, que também já está assumindo uma aparência humana para que eu estabeleça uma ligação mental com ela, pois uma emocional ela já havia estabelecido quando a Ninfa da Vida adormeceu o desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Então isso explica essa nossa afinidade natural, meu mais amado neto!

– Explica sim, vovô.

– Droga, se eu tivesse sabido disso antes, você não teria tido tantos problemas com o Mistério Cobra-negra, pois ele é regido por mim, mas a raiz dele está nos domínios da Ninfa da Morte.

– Por que o senhor não me revelou isso antes?

– Você não sabia da existência da Ninfa da Vida, logo, como eu poderia lhe revelar algo sobre a Ninfa da Morte, se ambas são mistérios em si mesma? E você sabe que só podemos abordar um mistério com quem já o conhece, certo?

– É, isso é certo. Mas que foi essa Ninfa da Morte quem derrubou o desaparecido Cavaleiro da Fé, disso já não tenho dúvidas, vovô.

– Nem eu... que ela vai derrubar um Cavaleiro do Arco-íris.

– Vovô, o senhor está muito pessimista hoje, sabe?

– E não é para estar? Se Exu, que não é Exu por acaso, falhou quando desejou possuir o mistério da Ninfa da Vida, o que ela não fará contigo, um simples e tolo Trono Humano da Geração!

– Saiba que Exu se ferrou com a Ninfa da Vida por causa de sua afoiteza natural. Mas eu, que sou humano e sou mais desconfiado que Exu, descobri como ele se ferrou e perdeu seu polo positivo que nele seria o desejo.

– Como você descobriu isso se nem a mim ele revelou como voltou sem o resto do seu cetro simbólico?

– Alguém pode mentir para o senhor?

– Não. Se fizer, no mesmo instante será punido pelo meu mistério.

– É isso. Exu preferiu nada revelar para não mentir-lhe, senão seria punido, já que a verdade ele nunca teria coragem de revelar.

– Por que não?

– Bom, ele perdeu o desejo depois do julgamento invocado pela Ninfa da Vida, não?

– Foi sim. Ele perdeu o desejo quando foi obrigado a cumprir com seu dever de Trono.

– Saiba que eu, por ser humano e ser mais desconfiado que Exu, não caí no mesmo erro que ele.

– Como assim?

– Bom, a Ninfa da Vida impôs como condição única que eu também possuísse seu mistério reverso.

– Possuí-la por trás? Que loucura, neto encrencado.

– Não, não, vovô. Isso foi o que Exu pensou, e como tinha idealizado para ela uma aparência dual, logo imaginou que seria fácil possuí-la "por trás". Mas, quando ele viu o reverso dela, aí se recusou a possuí-la, e ela invocou a Justiça Divina, que lhe deu razão. Como Exu não teve coragem de possuir o mistério reverso dela, a Justiça Divina o privou do desejo e só conservou nele o vigor, pois potência só conserva quem pensa com a cabeça racional. E Exu pensou com a cabeça emocional, quando aceitou possuir o mistério reverso da Ninfa da Vida, pensando que iria possuir o mistério dela por trás.

– Você não pensou com essa sua outra cabeça?

– A emocional?

– É... ela mesma.

– Em nenhum momento, vovô. Eu estou alojado em minha hiperconsciência e, quando faço isso, me isolo do meu emocional.

– Menos mal. Mas o que significa possuir o mistério reverso da Ninfa da Vida?

– É possuir os mistérios da Ninfa da Morte. Mas Exu não sabia do duplo sentido dessa palavra tipicamente humana, e teve de deixar com a Ninfa da Morte parte de seu cetro simbólico se quisesse sair dos domínios dela onde havia sido paralisado.

– O que significa reverso, neto astutíssimo?

– Bom, reverso tanto significa o lado de trás quanto o outro lado.

– E não são a mesma coisa?

– Não, senhor. O lado de trás de uma coisa é a parte de trás ou a parte que não vemos, pois estamos de frente para ela. Já o outro lado, tanto pode significar isso quanto o oposto. Logo, quem é oposto à Ninfa da Vida?

– A Ninfa da Morte, neto sapientíssimo!

– Pois é isso. Eu concordei em possuir o reverso dela, mas desde que essa palavra humana conservasse seu duplo significado tanto com ela quanto com seu reverso. E ainda impus uma condição adicional.

– Que condição?

– Que o reverso dela não se mostrasse menos humano que o mais humano reverso, também no duplo sentido, mas dentro dos domínios dela no sétimo sentido.

– Que confusão, neto enigma!

– Nós, os humanos, lidamos bem com essas confusões, vovô.

– Disso, não tenho dúvidas. Ela aceitou sua condição?

– Aceitou. E, creia-me, o reverso dela, que é a temida Ninfa da Morte, é tão bela e atraente quanto ela, que não é menos bela que a mais bela fêmea humana! – exclamei, todo feliz.

– Que droga, neto amado! Assim não é possível!

– O que foi, vovô?

– Desse jeito elas vão conseguir tirar de você muito mais do que arrancaram do pobre do Trono Exu que se humanizou!

– Que nada, vovô! Elas estão tão felizes por sentirem que estou feliz que até estão pensando em adotar para suas herdeiras essas suas novas aparências humanas.

– Não!!!

– É sim, vovô. Elas até estão adicionando um adendo à condição única que impus. Esse adendo diz que poderei transformar algo que não me agradar, sabe?

– Não aceite este adendo, neto.

– Já aceitei.

– Então já o perdi totalmente!

– Bom, agora preciso possuir os mistérios da Ninfa da Vida, vovô. Com sua licença.

– Onde você vai?

– Vou unir meu centro neutro ao dela para poder humanizá-la sem alterar nenhum dos seus mistérios.

– Você consegue unir dois centros neutros?

– Nós dois sim, pois ela é a Ninfa da Vida e eu sou um Trono da Geração. Vida e geração são sinônimos, sabe?

– São, sim. Mas só na dimensão humana. Fora dela não são.

– Tudo bem! Eu sou humano e ela vai ser humanizada pelo meu mistério. Com sua licença, vovô!

– Não a darei antes de você me revelar como subjugou tão facilmente essa Ninfa astutíssima.

– Eu não a subjuguei. Ela apenas se submeteu às minhas vontades depois que descobri o acesso ao mistério dela e irradiei-lhe o desejo de submeter-se a mim ao meu modo e condições.

– Como isso aconteceu? Onde fica o acesso a ela?

– Fica em mim mesmo, vovô?

– Como?!

– A estrela não é o símbolo da mãe maior Iemanjá, e também simboliza a Ninfa da Vida?

– Sim, é isso. Mas, e daí?

– Bom, eu também sou uma estrela.

– Você é?

– Claro. Eu não era o Ogum Sete Estrelas por acaso! Eu, olhando-me de cima, vi-me como uma estrela. Logo, eu sou uma estrela da geração, mas sou masculina. E ela é uma estrela da vida, mas é feminina.

– E daí?

– Bom, é só nos acoplarmos que fechamos uma estrela de dupla polaridade. Mas, para que isso seja possível, eu tenho de me acoplar a ela ao meu modo, e por meio dessa parte externa do meu mistério, que não é como é por acaso. Ela se destina justamente para casos como este, desde que ela seja humanizada. E

meu mistério contém esse recurso, pois assim que ela começou a vibrar o desejo de ser humanizada para poder possuir meu mistério, ele desenvolveu toda uma qualidade geradora que lhe enviou as energias que precisava para poder plasmar uma aparência humana. O resto será só consequência, sabe?

– Agora sei. Mas como e quando você viu a si mesmo e ainda mais, de cima e se viu como uma estrela?

– Bom, isso já não posso revelar, vovô.

– Por que não?

– Isso é um mistério do divino Criador e só posso comentá-lo com quem também o conhece. O senhor o conhece?

– Como vou saber, se o que sei sobre isso talvez não seja o que você sabe?

– Então é melhor eu me calar, não?

– Muito melhor, neto amado. Saiba que, se você sair vivo e pensante, pelo menos como agora o conheço, meu domínio nos domínios da Ninfa da Morte estarão abertos para você e seu mistério.

– Por quê?

– Bom, acabei de descobrir que você é uma fonte viva e pensante, geradora de energias, que foi humanizada.

– Bom, ainda não sei o que realmente sou. Mas quando eu descia por aquela... desculpe, mas quando eu descia, também vi o senhor por cima, sabe?

– Como sou quando sou visto de cima?

– Isso não posso dizer. Se o senhor já sabe como é, não preciso dizer-lhe, e se não sabe, aí eu não posso. O senhor entende minha posição, não?

– Eu entendo, meu neto mais cheio de mistérios. Lembre-se do que eu lhe disse: caso retorne vivo e pensante, e com pelo menos essa parte externa e visível do seu Mistério da Geração, aí todos os meus domínios estarão abertos para você.

– Todos? O senhor disse todos? Essa não!!!

– Nem vou perguntar se você está duvidando de mim, pois já sei que é esse seu jeito humano de se expressar, certo?

– É sim, vovô. Desculpe-me.

– Tudo bem... desde que você adentre em todos os meus domínios, não o punirei por duvidar das minhas afirmações.

– Vovô, o senhor é o mais astuto dos meus tatá-avós, sabe?

– Sei sim, neto amado. Ou não é verdade que você, ao fazer aquela pergunta exclamativa, pensou em recusar minha oferta?

– É, eu pensei sim, vovô. Mas, por que o senhor foi logo abrindo para o meu mistério todos os seus domínios?

– Bom, se você sair vivo e pensante do seu encontro com as duas Ninfas que o aguardam ansiosamente, elas já terão aberto todos os domínios de todos os seus tatá-avós para você, e eles só se limitarão a observá-lo atuando com total liberdade de ação. E se não sair, aí minha oferta não sairá do nível das intenções. Mas, se você sair, aí terá de se reportar a mim sempre que for atuar neles, pois eu os abri a você antes da Ninfa da Morte, certo?

– Muito astuto mesmo, vovô!

– Isso o incomoda?

– De jeito nenhum. Afinal, se o senhor não fosse tão astuto, eu não me sairia um neto também astuto, certo?

– Esse é o neto que eu sempre desejei! – exclamou vovô tatá Omolu, ao que acrescentei:

– E esse é o meu avô! Com sua licença!

– Licença concedida, neto amado. Mas você fica me devendo um comentário sobre aquelas inesquecíveis Estrelas Siderais, certo? Ou elas são um mistério?

– Não são, vovô. Quero dizer, são um, mas em outro sentido, sabe?

– Em qual sentido?

– Em todos.

– Não são só no sétimo?

– Não, senhor.

– Acho que seus amados pais Guardião Naruê e Guardião Beira-mar não vão gostar de saber disso.

– Por quê?

– Eles podem comentar isso melhor que eu. Logo, pergunte a eles, meu neto de cima.

– Neto de cima? Por que isso agora, vovô?

– Não é nada não, sabe?

– Não sei, não. O que é que o senhor acabou de descobrir sobre mim?

– Neto amado, se você já sabe, então não preciso lhe dizer, e se não sabe, então não posso comentar nada, certo?

– É, com o senhor nada passa batido, não é mesmo?

– É sim. Se você der uma no meu cravo eu dou-lhe uma na sua ferradura.

– O senhor ainda sentirá vontade de revelar-me certas coisas caso eu saia vivo, pensante e ileso desse encontro, vovô?

– Já venho sentindo essa vontade há tempos, meu neto.

– Já?

– Já, sim. Só estou esperando você se habilitar para ouvir o que desejo revelar-lhe.

– Até mais, vovô!

– Até, meu neto mais desejado... pelas Ninfas.

– Vovô, eu captei o segundo sentido dessa sua observação.

– Ela é falsa?

– Não, senhor. Mas... ah, deixa para lá! Até, vovô!

O fato é que eu uni meu centro neutro ao da Ninfa da Vida para poder possuir seus mistérios e, por precaução, ordenei à minha encantada do Arco-íris que se transformasse em uma capa dos Guardiões dos Mistérios do Divino Oxumaré, pois só assim nenhum dos meus astutíssimos pais, avós, bisavós e tatá-avós me veriam durante o tempo que durasse a posse mútua dos nossos mistérios. Afinal, vovô havia dito que estava vendo a Ninfa da Vida como uma estrelada fonte viva e pensante. Logo, o que o impediria de vê-la, através dos meus olhos ou de outro

dos meus recursos humanos quando eu a humanizasse? Ele sabia muito mais do que eu imaginava. E meus recursos humanos, estes ele conhecia e manipulava mentalmente muito melhor que eu. Logo, um pouco de precaução na posse de um mistério de tal magnitude poderia significar muito no futuro.

Sim, aquela oferta de vovô não fora por acaso, ou só pelo que ele alegara. Ainda que ele não tivesse faltado com a verdade, no entanto outras descobertas sobre mim ele ainda não me revelara.

Então, quando me levantei do meu Trono Energético, já estava coberto pela capa do Arco-íris. Fato este que agradou ainda mais a Ninfa da Vida, que se atirou em meus braços e perguntou-me:

– Por que você fez isso?

– Isso o quê?

– Transformou sua serpente encantada em uma capa que nos cobrirá totalmente?

– Foi por precaução, Ninfa da Vida. Já ando meio cansado de ser bisbilhotado, sabe?

– Você é um mistério em si mesmo. Logo, isso é natural. Seus pais, avós, bisavós e tatá-avós vivem observando-me para descobrirem como me possuir, já que sou um mistério em mim mesma. E o mesmo eles fazem com você, pois, se descobrirem como possuí-lo, aí se apossarão do seu mistério sem lhe dar livre acesso aos deles ou suas posses.

– Então já devem saber, pois eu vivo totalmente exposto.

– Aí é que está a dificuldade. Quanto mais um mistério está exposto, mais difícil de descobrirem o acesso a ele. Isso o tem preservado, sabe?

– Ainda assim, eles sabem tudo sobre mim e eu nada sei deles. Logo, estou em uma posição inferior e delicada.

– Deixe de pensar assim, pois eles só sabem de você o que eles veem. E a recíproca é verdadeira. Saiba que a única visão pura é a de cima, a mesma que o divino Trono da Geração abriu para você.

– Ele abriu para mim aquela visão pura?

– Abriu, sim.

– Por quê? O que fiz para merecê-la?

– Você confirmou pela oitava vez que deseja continuar vivendo neste planeta, ainda que seu mistério tenha alcançado uma magnitude extraplanetária. Isso, aos olhos dele e dos outros divinos Tronos Regentes, o enobreceu de tal forma que, de agora em diante, quando você desejar identificar um dos seus pais, avós, bisavós ou tatá-avós, ou um de seus irmãos, filhos, netos ou bisnetos, bastará recorrer a ela que identificará qual é ó símbolo vivo que rege cada um deles.

– Como faço para ver isso se sempre estarei de frente para eles?

– Projete seu pensamento ao divino Trono da Geração que ele lhe mostrará por meio de vibrações mentais, ou olhe o peito deles que também verá qual o símbolo que os rege.

– Isso já era visível!

– À sua visão humana, o que se mostrará é o campo onde eles estarão atuando. Já à sua visão de cima, aí verá qual é o símbolo regente deles.

– Entendo.

– À sua visão humana eu era uma estrela, não?

– Era, sim.

– Como você me viu por meio de sua visão superior, que ainda não é sua visão de cima?

– Bom... você sabe como eu a vi, certo?

– Sei, sim. Agora me olhe com sua visão de cima e me diga como você me verá.

Eu fiz o que ela ordenara, e quando a vi, as lágrimas começaram a correr dos meus olhos como uma torrente incontrolável. Eu caí de joelhos e curvei-me diante dela, que me ordenou:

– Levante-se, meu Trono Humano da Geração. Eu quero vê-lo de pé e de frente para mim de agora em diante e para todo o sempre, quando você for atuar em meus vastos e profundos domínios.

– Eu não consigo.

– Por que não?

– Eu sou indigno de ficar de pé diante da minha senhora Ninfa da Vida, agora que a vi de cima.

– Você não é indigno, meu amado Trono Humano da Geração. Saiba que, entre todos os Tronos da Geração que foram humanizados, é o mais digno e o que mais respeito e amo. Outro tão digno jamais adentrou em meus domínios, e muito menos no meu centro neutro.

– Eu não consigo, minha senhora Ninfa da Vida.

– Vamos, dê-me as mãos, que o ajudo a levantar-se diante de sua senhora Ninfa da Vida.

– Eu não sou digno de ficar de pé diante da senhora, Ninfa da Vida.

– Saiba que meu amado Ogum Sete Estrelas reagiu da mesma forma e desequilibrou-se emocionalmente quando me viu de cima, impossibilitando-se de possuir meus mistérios para que eu pudesse possuir os dele e torná-lo apto a formar par energético com todas as minhas fontes vivas e pensantes. E isso se repetiu por sete vezes.

Então o divino Trono da Geração optou por humanizá-lo quando ele gerou o sono que o adormeceu e o lançou inconsciente nos braços da Ninfa da Morte, que o possuiu, mesmo ele estando adormecido. E o único jeito de despertá-lo foi lançá-lo na corrente encarnacionista humana, pela qual você peregrinou até habilitar-se a retornar, desperto e consciente, aos meus domínios. Só com você desperto e consciente eu poderei possuir seus mistérios, formar um par energético com você e abrir-lhe o acesso às minhas fontes vivas e pensantes, mas ainda inconscientes, pois lhes falta uma fonte viva e pensante geradora de energias masculinas, mas desperta e consciente de seus deveres, qualidades, atributos e atribuições.

– Eu desejei possuir seus mistérios de forma humana. Isso faz com que eu me sinta indigno de possuir mistérios dessa magnitude.

– Se eu lhe mostrar como meus mistérios se ressentem de um Trono Humano da Geração que traz os mistérios da renovação, você ficará de pé na minha frente?

– Não sei, minha senhora Ninfa da Vida.

– Diante dos seus olhos, agora fechados, se mostrarão incontáveis fontes vivas e pensantes já maduras, muito maduras, mas paralisadas em suas evoluções, pois lhes falta um polo magnético, energético, vibratório, gerador e renovador que forme com elas um par e as habilite a se tornarem Ninfas-Mãe.

Só sendo Ninfas-Mãe elas voltarão a servir ao meu mistério da vida, meu amado e tão desejado Trono da Geração e da Renovação, humanizado em todos os seus sete sentidos da vida!

No mesmo instante eu vi passar diante dos meus olhos milhões de estrelas, digo, de fontes vivas, mas não mais pensantes e geradoras de energias. Elas não brilhavam mais, pois estavam com uma cor densa e compacta. Então perguntei:

– Por que isso, minha senhora?

– É porque elas não têm a quem enviar as energias que geram continuamente.

– Mas... se eu absorver todas essas energias, vou ficar sobrecarregado e paralisado!

– Não irá acontecer nada disso. Sua mãe maior Iemanjá devolveu-lhe seu Trono Energético, não?

– Devolveu-me, sim. Ele está diante da senhora.

– Venha comigo até ele, que vou lhe mostrar uma coisa, meu amado e temeroso Trono da Geração e da Renovação.

Ela me tomou pelas mãos e conduziu-me até a parte de trás do meu Trono Energético e me mostrou algo, dizendo-me:

– É por aí que seu Trono Energético descarrega toda a energia que seu mistério absorve, mas você não usa para realizar suas ações. Elas são absorvidas pelo divino Trono da Geração, que as irradia às fontes vivas e pensantes paralisadas nas esferas negativas devolvendo-lhes o pulsar.

– Isso é divino, minha senhora Ninfa da Vida.

– É sim, amado Trono da Geração. Seu Trono tem uma saída de energias, mas também tem uma entrada que, porque você se humanizou, agora é humana e só captará de forma humana as energias geradas pelos meus mistérios da vida, aos quais esse seu mistério humanizado se ligará em definitivo assim que você possuí-los de forma humana.

Eu ainda não conseguia olhar para a Ninfa da Vida, e falei:

– Esse é o meu problema. Eu me humanizei demais e agora me ressinto por ser tão humano e incapaz de atuar de outras formas, como atuam meus pais, avós, etc.

– Isso só o dignifica ainda mais, pois você é um autêntico Trono Humano, já que humanizou até seu modo de atuar.

– Eu me vejo deficiente quando me comparo com meus pais, avós, etc.

Ela soltou minhas mãos e levou as dela até onde se localizavam meus dois polos magnéticos, causando um choque energético poderosíssimo, que tanto me assustou quanto ativou meu Mistério da Geração, que havia se paralisado assim que eu a olhara de cima. No mesmo instante, ele começou a gerar tantas energias que me senti sobrecarregado. Então ela ordenou:

– Cumpra seus deveres, Trono Humano da Geração de Energias Renovadoras da Vida!

– Não consigo irradiá-las, minha senhora.

– Só conseguirá após estabelecer com meu mistério sete canais condutores das energias que agora está gerando, e só deixará de gerá-las em tão grande quantidade quando seu mistério enviar ao meu a quantidade suficiente que estabilizará o pulsar dele no mesmo padrão vibratório do seu, que é do tipo alternado. Só quando meu pulsar se afinizar com o seu é que deixará de gerar todas estas energias, Trono Humano da Geração. Olhe como a parte irradiante do meu mistério está pulsando. Veja com seus olhos humanos como está aceleradíssimo meu pulsar!

– Não posso. Eu desejei possuir seus mistérios ao meu modo humano que, vejo agora, é um modo profano.

– Agora não tem outra alternativa, Trono Humano da Geração e da Renovação. Ou você possui meus mistérios para que eu possa possuir os seus e possa estabelecer com você uma ligação permanente de trocas energéticas ou invocarei a Justiça Divina, que paralisará esta sua mente pensante, mas me facultará o legítimo direito de possuir seu Mistério Gerador e Renovador dentro do meu centro neutro por todo o sempre, pois você desejou possuir meus mistérios de modo humano.

– Eu deixarei em seu centro neutro o que o Trono Exu que se humanizou deixou no centro neutro da Ninfa da Morte, ou no seu reverso?

– Não. Aqui você deixará tudo o que o divino Criador adicionou à sua semente original, que será paralisada para você deixar de pensar e de ter vergonha de assumir seu mistério. O divino Criador o humanizou para que você se tornasse um gerador natural da essência humana, a única capaz de renovar os seres.

– Quem fez isso comigo foi meu divino Criador?

– Foi. Você é, finalmente, um genuíno Trono Humano da Geração e da Renovação, apto a atuar a partir do sétimo sentido da vida. Se agora é assim, é porque foi movido o tempo todo por essa vontade única do seu divino Criador.

– Então não é preciso invocar a Justiça Divina, minha senhora Ninfa da Vida. Eu tenho uma alternativa divina!

– Você não tem.

– Tenho, sim! – exclamei aos prantos. A seguir, ajoelhei-me e clamei: – Meu Criador, se sou fruto de uma de suas vontades, então que ela se manifeste em mim e seja incorporada à minha essência, natureza e mistérios, para que de agora em diante eu possa atuar de forma humana, mas sempre movido por essa sua vontade, que sempre prevalecerá sobre meus desejos humanos. Só assim nunca transformarei um ato de geração de energias e de renovação da vida em um ato humano profano.

Assim que clamei, fui possuído por uma força, um poder, um vigor e uma vontade de possuir de forma humana os mistérios da Ninfa da Vida que ela se ajoelhou na minha frente e reverentemente me saudou e falou:

– Trono Humano da Geração e Renovação, você superou seu medo pela única forma aceitável aos olhos do divino Criador: tornou divino um ato humano e divinizou seu modo humano de estabelecer ligações energéticas com quem desejar possuir seus mistérios geradores e renovadores. Você acabou de dotar esse seu mistério humano de uma qualidade divina única!

– Que qualidade é essa, Ninfa da Vida?

– Você agora tem o poder de realizar seu mistério humano em um piscar de olhos se assim desejar, pois enviará todas as energias que solicitarem em um único pulsar do seu padrão vibratório. Mas, se não quiser recorrer a ele, então poderá optar pela forma humana. Nesse sentido a iniciativa lhe pertence, já que de agora em diante você é a aparência humana de uma vontade divina. E o mesmo acontecerá quando captar energias.

– Se é assim de agora em diante, então, desta vez, concedo-lhe a escolha de como devo possuir seus mistérios e de ter os meus possuídos pelos seus, que são, todos eles, você em si mesma, Ninfa da Vida.

– Você me enviou vibrações para que eu desejasse possuí-los de forma humana. Portanto, ou realiza esse desejo que despertou em mim ou não conseguirei irradiar minhas energias ao seu mistério. Está bem para você?

– Para mim está ótimo! – exclamei, já dando início à posse dos mistérios dela, que eram sete e estavam sobrepostos uns sobre os outros. Minha posse foi tão potente que ela foi conduzida a uma vibração tão intensa que os sete se abriram de uma só vez e se revelaram aos meus olhos e conhecimentos humanos.

Quando os conheci e já sabia como lhes enviar minhas energias, irradiei-as com tanta intensidade que ela explodiu em luz e cores irradiantes tão intensas que impressionaram meu ser imortal e fui lançado em um êxtase único e indescritível. Esse fato abriu para ela meus sete mistérios geradores e renovadores, todos eles humanizados, mas ativados por uma vontade divina.

Quando as ligações se concluíram nos sete sentidos, o pulsar dela começou a entrar em sintonia vibratória com o do meu mistério.

Mas só desativei meu mistério quando ela, em um sonolento sussurro, pediu-me que o desativasse, pois ela não podia adormecer.

Eu atendi ao seu pedido e descobri a razão do sono que tomava minhas irmãs, sempre que abriam seus mistérios ao meu: seus pulsares abaixavam tanto que seus padrões vibratórios chegavam perto do zero, adormecendo-as em todos os sentidos.

Dali mesmo entrei em sintonia mental, energética e vibratória com o reverso dela e, no instante seguinte, conhecia o mistério Ninfa da Morte, tanto de frente quanto por trás, como havia sido exigido por ela, que me reteve em seu centro neutro mesmo depois que nossos mistérios já irradiavam suas energias em perfeita sintonia vibratória.

– Por que você deseja que eu permaneça aqui por mais tempo, Ninfa da Morte?

– Eu quero lhe mostrar meus domínios, Trono Humano da Geração e renovação energética. Conheça-os a partir do meu centro neutro, e nunca mais terá de ir até eles para atuar com seu mistério gerador e renovador.

– Eu já estive neles?

– Muitas vezes. Mas sempre da forma errada, porque insistia em negar sua condição de Trono e não assumia seu mistério de forma humana, que é a única que ele se realiza e atua com toda a sua força, poder e capacidade irradiante. Dê-me suas mãos que lhe mostrarei meus domínios, meu mais desejado Trono da Geração!

Ela, sem se mover, deslocava seu centro neutro por todos os seus vastos domínios sem luz. E em cada um que parou me mostrou uma de suas Ninfas, que o regia, e com elas fui estabelecendo ligações nos sete sentidos da vida, pois dali em diante eu realizaria minhas atribuições sem sair da dimensão humana da vida. Mas, caso viesse a estar em alguma outra dimensão, para realizá-las bastaria abrir meu centro neutro que tudo fluiria naturalmente.

Nos escuros domínios da Ninfa da Morte eu formei tantos pares energéticos que chegou um momento que eu já não via minha estrela, de tantos cordões energéticos que surgiram. E, por mais estranho que pareça, de dentro do centro neutro dela eu conseguia ver todas as fontes vivas, e novamente pensantes, ligadas a mim na ponta daqueles cordões. Era uma visão panorâmica semelhante à de quando eu alcançara o topo da escada do Tempo e olhara para baixo.

Dali, dentro daquele centro neutro, eu podia contemplar todas aquelas fontes vivas de uma só vez, assim como podia focalizar uma delas e examiná-la detalhadamente. Então perguntei:

– Divina Ninfa da Morte, como isso acontece?

– Você está no meu centro neutro e isso é possível, pois eu, sem ter de sair dele, acompanho cada uma das minhas filhas, netas e bisnetas. Você já imaginou se eu tivesse de me deslocar até onde está cada uma delas para vê-las ou poder energizá-las?

– Posso fazer uma pergunta que não ousei fazer quando estava diante dos Divinos Tronos Regentes?

– Se você não me perguntar não lhe esclarecerei esse mistério.

– Está certo. Por que isso é possível a partir dos centros neutros?

– Porque dentro deles temos uma visão total dos nossos domínios e de quem está dentro deles.

– Essa é a visão de Deus?

– Não. Essa visão é a das divindades. Deus dotou todas as divindades com essa visão para que possamos ver tudo ao mesmo tempo, e não cometamos uma falha por causa da falta de uma visão do conjunto. Saiba que, quando um espírito encarnado sai de uma religião, que é o domínio humano da divindade que a rege, e entra para outra religião, que é o domínio humano de outra divindade, todo o

passado ancestral desse espírito é visto em uma fração infinitesimal de tempo. Tudo é em uma velocidade tão grande que é instantâneo.

Com isto visto, a divindade sabe onde estão localizadas as deficiências do ser que a procurou e como deve proceder para amparálo e melhor auxiliá-lo em sua evolução humana. Então começa a irradiar energias e vibrações mentais para seu novo filho adotivo. Esta é a regra, meu mais amado Trono Humano!

– Se esta é a regra, então existem exceções, certo?

– Existem sim. Elas surgem quando o ser deixou para trás carmas muito densos. Nestes casos as ligações devem acontecer por meio dos Tronos Planetários responsáveis pelos carmas individuais. E aí surgem as ligações energéticas indiretas, pois a divindade guiará o ser por meio de um destes Tronos da Lei, pois eles serão os reguladores da vida do ser na nova religião que ele adotou, geralmente estimulado por um desses Tronos da Lei, porque a mudança ao novo domínio religioso reequilibrará o ser ou facultará a ele meios mais efetivos para diluir ordenadamente o seu carma individual.

– Entendo. Esta visão do conjunto é um recurso divino para que uma divindade acompanhe todo o passado do ser e possa direcioná-lo dali em diante. Todos os Tronos possuem esta visão?

– Só quando estão dentro de seus centros neutros. É por isto que toda divindade é um Trono Assentado.

– Mas nem todo Trono é uma divindade, certo?

– Um Trono assume o grau de divindade assim que assume seu mistério conscientemente e assenta-se no nível vibratório afim com seu magnetismo individual. Então dali ele inicia sua atuação divina e seu magnetismo, suas irradiações e vibrações começam a atrair todos os seres que se afinizarem com elas. E antes que me pergunte sobre você, esclareço-o de que os Tronos Humanizados formam uma classe de Tronos muito especial.

– Por quê?

– Bom, eles adquirem a qualidade de Tronos móveis, ou Tronos que se deslocam por meio da faixa neutra que interliga todas as dimensões planetárias, e assentam seus centros neutros onde desejam estar. Geralmente se assentam na dimensão regida pela divindade maior que o guiou durante sua humanização. Então o deixam ali e deslocam-se à vontade, pois têm os recursos que você adquiriu assim que incorporou ao seu mistério a vontade divina que o guiou enquanto durou sua inconsciência. A partir do momento que a incorporou, você adquiriu essa visão de conjunto e sempre que se recolher àquele seu centro neutro onde se refugia, dele terá uma visão igual à que tem daqui, que é meu centro neutro. Mas você tem esse outro centro neutro que o acompanha em seus deslocamentos, pois ele é o do seu Trono Energético, que é indissociável, já que você pode absorvê-lo e transportá-lo em seu íntimo, e oculto dos olhos alheios. Assim ninguém o verá como um Trono e você não despertará maiores atenções que as que despertam os espíritos dotados de um poderoso magnetismo mental.

Muitos daqueles seus irmãos ancestrais que atuam na religião que o guiou em sua última encarnação são Tronos Humanos, cada um já assentado na dimensão regida pela divindade maior que o guiou durante sua humanização. Alguns são Tronos Humanos tão maduros no tempo que costumam ir à dimensão humana só para se renovar. E aí aproveitam para voltar a atuar de modo humano, que é individual, pois todo Trono humanizado tem essa outra opção, que usam e assim auxiliam mais intensamente seus filhos paralisados na dimensão humana da vida.

Ali formam hierarquias ativas e, por meio delas, abrem novos campos de atuação para melhor acelerarem a evolução dos seus afins encarnados ou que estacionaram nas faixas vibratórias negativas humanas.

– Está falando dos Caboclos, Pretos-Velhos, etc., certo?

– Estou sim. Muitas de minhas filhas, netas e bisnetas atuam em paralelo com esses Tronos humanizados e os auxiliam nas atuações individuais. Com isso elas vão adquirindo essa qualidade humana até que, tendo adquirido-a, eu as direciono para os meus vastos domínios naturais e as assento neles. Daí em diante elas atuarão de forma individual dentro de um nível vibratório em que antes só existia minha atuação coletiva.

– Vista desse ângulo, a dimensão humana é uma escola, não?

– É, sim. Mas é uma escola prática, enquanto aqui é uma escola teórica. Na dimensão humana tudo é prática.

– Entendo.

– Entende mesmo?

– Sim, eu entendo.

– Então por que você não realiza comigo, e de forma prática, uma atuação do seu mistério?

– De forma prática?

– E muito humana, pois nesse assunto você é meu instrutor.

– Quais são meus limites como seu instrutor?

– Os que você desejar, pois aqui é meu centro neutro, e dentro dele sou ilimitada.

– Bom, acho que é uma honra para mim poder instruí-la nas práticas humanas.

– Para mim também, meu instrutor humano!

O fato é que ela adquiriu um conhecimento muito grande das práticas formas humanas de atuação individual, enquanto me instruía na sua teórica forma de atuação coletiva. E só paramos de nos instruir porque uma vibração mental da Ninfa da Vida alertou-me de que minha hora nos domínios do seu reverso, a Ninfa da Morte, já havia terminado há dias.

– Há dias? – perguntei, preocupado. – Puxa, como me envolvi nessas instruções práticas! Mas são tantas Ninfas que tenho de instruir!

– Retorne imediatamente ao meu centro neutro. Aqui também instruirá minhas filhas sobre as práticas humanas.

– Sim, senhora. Logo estarei em seu centro neutro, senhora Ninfa da Vida.

Bom, despedi-me da senhora Ninfa da Morte e desloquei-me até o centro neutro da Ninfa da Vida, onde também a instruí sobre as práticas humanas, assim como a muitas de suas filhas, netas e bisnetas, todas ansiosas por aprenderem, de forma prática, as práticas formas humanas de atuação. E tanto apreciei instruir aquelas fontes vivas e pensantes, que muitas delas se humanizaram tanto que começaram a irradiar as energias que geravam já na forma como eu havia ensinado. Com estas, formei pares muito especiais porque demonstraram uma preferência natural para atuarem de forma individual.

O fato é que eu continuaria ali para sempre se minha mãe maior Iemanjá não tivesse ordenado que eu retornasse à dimensão humana para, a partir dela, continuar como iniciador daquelas fontes vivas e pensantes, todas pulsando o desejo de serem iniciadas nas práticas humanas. Mas antes de retornar recebi de minha mãe maior uma distinção, um grau único: o de instrutor-iniciador humano das fontes vivas e pensantes, filhas da Ninfa da Vida, e de suas filhas, netas e bisnetas já humanizadas em muitos sentidos, mas não naquele onde se localizava meu campo de atuação preferencial.

Um novo campo de atuação na dimensão humana da vida foi aberto pela minha mãe maior Iemanjá, e nele eu seria o polo magnético assentado, pois na dimensão humana eu estou no meu elemento natural, ou melhor, em meus domínios naturais, já que sou um Trono Humano muito humanizado e não menos humanizador.

Mas nem bem comecei a atuar naquele novo campo e fui solicitado pela Ninfa do Amor e por seu reverso. Mas aí tudo aconteceu de forma natural, pois o medo já não vibrava em meu íntimo e aquela Vontade Maior se manifestava com tanta naturalidade que, em certos momentos, eu não sabia se era ela ou eram os desejos de serem humanizadas vibrados pelas fontes vivas e pensantes, regidas pela Ninfa do Amor, que ativavam meu mistério.

Após alguns meses eu já não conseguia diferenciar uma coisa da outra, pois havia estabelecido ligações com as sete Ninfas energéticas, regentes das fontes vivas e pensantes, e com seus reversos, não menos poderosas e regentes de domínios tão vastos que ainda tenho dificuldade em abarcar a todos com minha visão divina quando a abro dentro do meu centro neutro para atuar por meio daquela outra forma, que é coletiva ou divina.

O fato é que demorou sete meses completos para eu estabelecer todas as ligações energéticas com as filhas das Ninfas-Mãe, e dotá-las de um polo magnético masculino estável que daria sustentação total a elas, que também se tornavam Ninfas-Mãe assentadas em pontos de forças, localizados dentro daquelas dimensões energéticas gigantescas regidas diretamente pelos sete Tronos Divinos, planetários e multidimensionais.

Meu Trono Energético estava ligado, finalmente, aos Tronos Energéticos deles, assentados na coroa divina, e eu passara a ser regido diretamente por eles, meus Senhores no alto do Altíssimo.

Eu, do meu centro neutro, podia acessar todas as sete dimensões energéticas e atuar de forma coletiva, que em um piscar de olhos restabelecia os padrões vibratórios de todas as fontes vivas e pensantes ligadas ao meu Mistério da Geração e Renovação Energética, dentro da minha faixa vibratória multidimensional.

Apenas quando tudo fluía naturalmente, recebi autorização de deixá-lo, pois daí em diante, com meu Trono Energético recolhido em meu íntimo, onde eu estivesse, tanto poderia atuar de forma coletiva quanto individual sem correr o risco de um desequilíbrio em meu emocional.

Mal eu saí do meu centro neutro, fui cercado pelos meus pais, avós, bisavós e tatá-avós, que estavam ansiosos por saber se eu sobreviveria ou se restaria alguma coisa da minha humanização após possuir os mistérios das Ninfas e de ter tido os meus possuídos por elas.

Mas todos se mantiveram a uma distância prudente, até que se certificassem de que eu ainda era o mesmo, ou no que eu havia me transformado.

Afinal, nenhum deles havia se esquecido do que havia acontecido com o Trono Exu humanizado que ousara entrar no centro neutro da divina Ninfa da Vida, mas que perdera uma de suas qualidades, atributo e atribuição justamente por não ter desejado possuir seu reverso, e se condenara a possuir um vigor incomum em todos os sentidos, mas desprovido da potência e do desejo. Mas ele suprira essas suas deficiências ligando-se aos polos magnéticos negativos regidos pelo meu pai maior Ogum, senhor da potência divina, e ligando-se aos polos negativos da regente do Trono dos Desejos. Só assim ele conseguia suprir suas deficiências e podia atuar com desenvoltura na dimensão humana da vida.

As lendas dos Orixás não revelam, mas é por causa dessas deficiências que Exu se ligou umbilicalmente a Ogum e vive por perto de Oxum, a quem serve com uma devoção a toda prova.

Vovô tatá Omolu foi logo olhando para ver se eu não tinha perdido nenhum pedaço. E quando viu que meu corpo energético estava intacto, exclamou:

– Não acredito no que vejo!

– O que foi, vovô? – perguntei, já preocupado.

– A Ninfa da Morte não só não tirou nada de você, como ainda lhe acrescentou novas camadas de fontes geradoras de energias às que esse seu mistério já possuía. Assim não é possível!

– Por quê, vovô?

– Ela o dotou de recursos que ultrapassam meus domínios nos domínios dela. E se isso não bastasse, ainda estabeleceu para essas fontes um padrão vibratório próprio... e humano.

– Mas estou inteiro, certo?

– Mais que antes, eu diria.

– O que importa é que saí inteiro, não?

– Por que você demorou tanto para possuir os mistérios das Ninfas?

– Eu demorei? Foram só sete meses, vovô.

– Para mim foram sete meses de angústia e ansiedade. Além do mais, você não imagina como sete meses da dimensão humana demoram para passar quando me recolho ao meu centro neutro permanente!

– O senhor se recolheu ao seu centro neutro esse tempo todo?

– Eu já estava preocupado com você, meu neto mais potente. Não faça mais isso comigo, pois estou velho demais para sofrer tanta ansiedade.

– Que nada, vovô! O senhor é jovem se comparar sua idade com a do desaparecido Ogum Sete estrelas, sabe?

– Sei. Mas eu ainda não desapareci, certo?

– Não mesmo!

– Mais uma ansiedade tão longa quanto essa à qual você me submeteu e quem acaba desaparecendo sou eu!

– Não acontecerá de novo, vovô. Prometo!

– Nós, os Tronos, nunca prometemos nada, neto inconsequente. Trate de vigiar suas palavras, pois elas, agora, têm a força de uma Vontade Maior.

– Não é só no sétimo sentido, vovô?

– Tudo mudou para você, neto amado.

– Então é melhor eu me vigiar mais.

– Vigie-se, sim, neto amado.

– Vovô, por que o senhor me ama tanto? – perguntei de chofre a ele.

– O quê?

– Sim, diga-me por que o senhor gosta tanto de mim?

– O que aquela vingativa Ninfa da Morte andou revelando sobre mim?

– Nada, vovô. Nem tocamos no seu nome e mistério.

– É claro que ela lhe revelou algo.

– Não foi ela, vovô. Não foi ninguém que me revelou algo sobre o senhor... ou sobre os meus pais, avós, bisavós e tatá-avós.

– Se não foi nenhuma das Ninfas e ninguém, então...

– Por quê, vovô? Eu não mereço ouvir isso do senhor?

– É claro que você merece. Mas isso foi há tanto tempo que eu já não me lembro mais.

– Certas coisas são inesquecíveis, vovô.

– Quem costuma dizer isso é sua vovó Guardiã do Tempo.

– Ela está certa, vovô. Certas coisas são inesquecíveis e, se puderem ser relembradas, ainda que seja só por um instante, terão o sabor de uma eternidade, sabe?

– Isso eu não sei, neto enigma.

– Por que o senhor não olha nos meus olhos só por um instante e renova em sua memória e no seu emocional um segundo inesquecível?

– Isso é possível?

– Seu mistério o impede de imortalizar em seu emocional um segundo inesquecível?

– Eu não tenho um emocional porque foi o preço que me cobrou a Justiça Divina quando me recusei a cumprir com o que aquela astutíssima Ninfa da Vida me exigiu.

– Eu sei, vovô. Vamos, olhe nos meus olhos!

– Eu... não estou conseguindo resistir ao desejo de olhar nos seus olhos... o que está acontecendo comigo? Eu nunca senti desejos!

– O senhor já sentiu, sim. Só que isso foi há tanto tempo que até prefere não se lembrar dele, não é mesmo?

– O que uma criança como você pode saber de um tatá?

– Eu sei de uma coisa, vovô. Uma coisa muito importante, sabe?

– Você sabe? – perguntou-me vovô, meio preocupado.

– Agora sei mais que nunca. Agora tenho absoluta certeza de que eu o amo, amo e amo, vovô do meu coração e irmão do meu amor divino!

– Como você conseguiu recordar-se dê seu passado natural, se isso é impossível?

– Eu não recordei meu passado natural, vovô. Mas alguém que nos ama muito, assim como ama toda a Sua criação divina, permitiu-me que eu o visse sentindo-o e o sentisse vendo todo o meu passado natural. Mas ele limitou-se à minha sétima renovação natural.

– Você disse que quem lhe concedeu isto ama toda a sua criação?

– Sim, senhor.

– Ele permitiu que você visse sentindo e sentisse vendo?

– Sim, senhor.

– E você está sentindo vontade de renovar em meu emocional, ao qual não possuo, um segundo inesquecível?

– Eu disse isso, sim. Mas para lhe conceder esse segundo inesquecível, o senhor terá de olhar nesses meus olhos humanos.

– Esqueça, neto amado. Esse segundo será como um sonho.

– Ou a concretização de uma promessa feita por um Trono. O senhor mesmo acabou de dizer que a promessa de um Trono tem a força de uma vontade, não disse?

– Eu disse porque é uma verdade.

– O senhor esquece uma promessa, vovô?

– Não. Nem as que já fiz ou as que me fizeram.

– O senhor se lembra de uma que fez, de proteger um Trono lançado na carne, pois ele teria de ir habitar outro orbe ou humanizar-se?

– Como eu poderia esquecer-me dessa promessa, se para cumpri-la eu me indispus com muitos dos meus irmãos ancestrais? Como eu poderia deixar de cumprir uma promessa feita ao Trono que optou pela humanização, pois só se humanizando em todos os sentidos ele se tornaria um Trono da Geração e Renovação?

– Saiba que aquele Trono conseguiu transformar a renovação temporária que ele trazia em si em renovação permanente e natural.

– Natural? Você disse natural? Não é renovação humana, que logo amadurece e envelhece?

– Eu disse natural, vovô.

– Como você conseguiu isso? Qual foi o preço pago, meu... irmão ancestral?

– Não paguei preço algum, vovô. Só amei, amei e amei as Ninfas que todos os Tronos Naturais temiam. Por não amá-las, eles se desnaturavam.

– Em quais sentidos você as amou, meu neto mais corajoso?

– Em todos, vovô.

– Até no sétimo sentido?

– Eu disse em todos, não? Ou o senhor está duvidando da palavra de um Trono Humano?

– Vou ser punido?

– Meu mistério não comporta a punição e meu humanismo me diz que já o humanizei até no falar, sabe?

– Quem resiste a um Trono Humano?

– Os Tronos Humanos são tão atratores e irresistíveis assim?

– Um que eu conheço, é! E tanto é que nem as tão temidas Ninfas resistiam ao seu tão atraente mistério que, se parece humano, no entanto é natural. Eu diria que seu mistério é naturalmente humano e humanamente natural.

– Boa definição do meu mistério, vovô. Agora permita que eu cumpra o que o desaparecido Trono Ogum Sete Estrelas lhe prometeu.

– Eu só senti medo uma vez em toda a minha existência. Foi quando fui ao encontro com a Ninfa da Vida. Mas agora, que vou ter de novo um segundo inesquecível, que de tão bom que foi, voltei a sentir medo, sabe?

– Sei, sim. Eu renovei seu ressecado emocional, vovô!

– Você já fez isso por mim?

– Agora quero cumprir o resto da promessa que o desaparecido Ogum Sete Estrelas lhe fez. Olhe nos meus olhos, meu ancestral irmão mais novo! – ordenei a vovô.

– Você se recordou de um tempo imemorial, irmão mais velho?

– Olhe nos meus olhos, meu amado e encantado irmão mais novo!

– Esse amor que seus olhos irradiam... ele... é... divino, irmão mais velho! – exclamou meu mais amado tatá-avô, com lágrimas correndo de seus olhos já não ressequidos, pois eu o estava renovando com meu Mistério da Geração Energética e da Renovação Permanente. E no mesmo instante vovô foi lançado no seu tão ansiado segundo inesquecível para, no instante seguinte, atirar-se nos meus braços e apertar-me em um abraço único e inesquecível, pois era fraterno.

Ficamos abraçados por um longo tempo, e durante o tempo que ele durou trocamos energias de amor, amizade, irmandade e fraternidade. Por fim, quando nos separamos, vovô falou:

– A palavra de um Trono tem a força da Lei, mas a promessa feita por um tem a força de uma vontade divina. Isso eu confirmei nesse segundo memorável

renovado, que se tornou inesquecível, meu irmão mais velho e imortal. Obrigado, Trono Humano da Geração e Renovação!

– Obrigado por ter cumprido sua promessa ao desaparecido Ogum Sete Estrelas e a que o senhor fez dentro do seu centro neutro ao divino Oxumaré, que foi de guardar minhas costas.

– Você viu isso também?

– Assim que o abracei, o divino Oxumaré revelou-me isso, vovô amado. E solicitou sua presença no centro neutro onde ele se mostra de frente a todos os Tronos que "abraçam" um mistério dele.

– Eu ouvi direito, neto amado e renovador?

– Ouviu sim, vovô.

– Então eu acertei quando disse que você era uma renovação dele?

– Ele, melhor que eu, poderá comentar isso, vovô!

– Uma no cravo e outra na ferradura, certo?

– Tal avô, tal neto, certo?

– Quem poderia desejar mais que isso de um neto e herdeiro natural?

– Com certeza o divino Oxumaré tem essa resposta, vovô.

– Eu sempre o alertei, não?

– Isso é verdade.

– Então me dê um alerta sobre a temida serpente encantada do divino Oxumaré, neto amado.

– Prefiro não dar alerta nenhum. Mas digo que não deve temer olhar para a cabeça da encantada d'Ele, pois é nela que os mistérios dele se mostram aos nossos olhos e nos possuem, tornando-nos seus herdeiros naturais e eternos, sabe?

– Na cabeça, é isso?

– É isso sim, vovô.

– Você está falando por enigma, não?

– Estou, sim. Decifre-o e verá que não tem o que temer daquela tão temida encantada d'Ele.

– Na cabeça da encantada de Oxumaré, certo?

– É isso, vovô!

– Não me esquecerei disso quando entrar no centro neutro coletivo do divino regente da renovação e da sexualidade.

E vovô projetou-se até o centro neutro coletivo do divino Oxumaré, que é onde ele recebe de frente todos os Tronos que abraçam um dos seus mistérios. E eu era um mistério do divino Oxumaré. Isso eu era!

Sim, todas as divindades assentadas na coroa divina têm um centro neutro coletivo onde é visível, e fica de frente para todos os Tronos de todas as hierarquias divinas, assentados a partir do grau vibratório logo abaixo do nível onde se localiza o centro neutro de todas as divindades maiores, que são as divindades planetárias e multidimensionais.

Saibam que o ato de assentar a imagem humana de uma divindade no altar de um templo significa trazer magneticamente esse centro neutro para a coletividade

que adora a divindade sintetizada e humanizada em uma imagem. E, fixando nossos olhos na imagem estamos de frente com a divindade, com a qual podemos nos comunicar mentalmente que seremos ouvidos. A imagem é apenas um fixador mental do fiel adorador da divindade.

Já, quanto a sermos atendidos, aí vai do merecimento de cada um, ou do que fizer dali em diante para se fazer merecedor.

Bom, o fato é que, assim que vovô tatá Omolu nos deixou, todo feliz com a possibilidade de finalmente ficar diante a temida serpente encantada do Arco-íris, mas sem ser encantado e possuído pelo encanto dela e ter seu mistério individual anulado, todos os meus pais, avós, bisavós e tatá-avós me abraçaram, e eu pude cumprir as muitas promessas feitas pelo desaparecido Ogum Sete Estrelas, já que o que eles haviam prometido quando se despediram dele, eles haviam cumprido: eles haviam prometido auxiliá-lo a despertar seus mistérios durante sua humanização na carne e afixá-los em seu espírito e corpo energético, mas sem desfigurá-lo ou desnaturalizá-lo.

Só que eu não vi entre eles minha amada vovó Guardiã do Tempo e resolvi procurá-la em seu centro neutro coletivo, humanizado, que é onde seus filhos humanos a procuram, reverenciam-na e restabelecem com ela a ancestral ligação maternal que um dia, no passado, foi rompida para que eles pudessem humanizar-se.

Sim, sempre que um filho de Umbanda vai a um ponto de forças da natureza, ele é visto de frente pelos seus pais e mães Orixás que têm ali um meio de ficarem de frente para seus filhos humanos. Todo ponto de forças é um centro neutro-coletivo onde as divindades se mostram naturalmente para quem vai até ele para reverenciá-las.

Como os umbandistas pouco sabem sobre as reais funções dos pontos de forças, que são os santuários naturais dos sagrados e divinos Orixás, então dão pouca atenção a eles ou à preservação deles.

Mas, quando todos se conscientizarem que uma cachoeira, uma montanha ou uma praia é um santuário natural dos Tronos Regentes da Natureza, que são os Orixás, tenho certeza de que respeitarão muito mais esses lugares altamente energéticos e magnéticos, e não se portarão de forma profana dentro de um santuário natural das divindades.

Fui ao campo aberto e mentalizei minha amada vovó Guardiã do Tempo, que relutou em atender meu chamado mental. Eu insisti várias vezes, mas ela não saiu de seu centro neutro individual assentado na dimensão cristalina.

Preocupado, fui falar com meu amado pai Guardião Naruê para saber o que estava acontecendo que vovó não atendia aos meus chamados mentais enviados a ela a partir da dimensão humana, mas dentro de seu centro neutro coletivo e aberto a todos os seres.

– Sua amada vovó Guardiã do Tempo está de costas para você, ou melhor, você virou as costas a ela, meu filho.

– Eu virei as costas a ela? Eu não fiz isso, meu amado pai.

– Você fez, sim. Foi quando se achou indigno de formar com ela um par nos domínios do Divino Trono do Tempo e preferiu caminhar na dimensão humana.

– Mas eu só me achei indigno porque pensei que a entristecera ainda mais. Ela pode ver que eu me enganei quando a vi derramando lágrimas!

– Ela não pode, meu filho.

– Por que não, se ela é uma das senhoras do Tempo?

– Naquele momento ela estava em comunhão direta com o divino Trono do Tempo e havia mergulhado em um êxtase muito intenso, porque finalmente ela teria seu sétimo campo de ação e atuação desparalisado, pois iria formar um par natural com um genuíno Trono da Geração e Renovação.

– Quando ela teve esse campo paralisado?

– Foi quando o desaparecido Ogum Sete Estrelas despediu-se dela para iniciar sua humanização.

– Ela paralisou desde então suas atuações nesse campo?

– Paralisou, sim.

– Por quê?

– Bom, ela era tão ligada nesse sentido a ele que jamais desejou formar um novo par com alguém. E justo no momento em que o divino Trono do Tempo abriu a ela um campo que ele próprio havia fechado por causa de sua recusa em formar um par natural com outros Tronos que haviam se habilitado a atuarem no Tempo, você lhe virou as costas.

– Ela preferiu ficar deficiente num dos mais vastos campos de ação a ter que atuar com outro Trono?

– Preferiu, sim. Ela sempre dizia que seu amado Ogum Sete Estrelas um dia se reabilitaria para atuar com ela nos domínios do divino Trono do Tempo.

– Por que ela não dá uma olhada naquele momento em que me achei indigno de formar um par com ela?

– Como eu já disse, ela estava em comunhão e havia mergulhado em um êxtase.

– Tudo bem. Mas o que custa ela olhar e...

– Ela pode olhar que nada verá. Saiba que ela só verá a ela mesma em êxtase porque estava voltada para si mesma. Em um momento desses, que são raríssimos para alguém, ela não vê nada mais além de si mesma. Logo, como ela irá vê-lo se ela não vê nada mais além dela mesma?

– Minha palavra não basta?

– Agora não.

– Por que não?

– Bom, palavras... humanas... podem ser ditas que não têm a força de uma vontade. Mas, quando ditas por um Trono, aí têm a força de uma vontade, ressonam no Tempo e ecoam no centro neutro individual de quem elas foram direcionadas. E, no centro neutro individual dela, está ressonando sua recusa em formar um par natural com ela. E, ao mistério dela, você está se mostrando de costas desde que lhe virou as costas.

– Meu Criador, o que foi que eu fiz com minha amada vovó Guardiã do Tempo?

– Você a colocou em uma posição antinatural, pois agora ela está de costas para você, meu filho. Saiba que de agora em diante seus irmãos venenosos têm um vastíssimo campo aberto para atingi-lo com seus traiçoeiros e doloridos golpes de ódio, vingança, inveja e cobiça do seu mistério.

– Não!!!

– É verdade, meu filho. Antes eles nada conseguiam contra você no Tempo porque ela havia prometido proteger o desaparecido Ogum Sete Estrelas, que é você, de todos os seus irmãos venenosos que tentassem atingi-lo a partir dos domínios do Tempo. E ela cumpriu até aquele momento o que prometera sob o olhar atemporal do divino Trono do Tempo. Saiba que, sempre que ela podia, anulava ou bloqueava a ação dos mistérios deles, ativados contra você nos domínios do Tempo. E quando não podia, solicitava a um dos seus pais, que podia, que anulasse ou bloqueasse a ação dos mistérios deles ativados contra você. E o mesmo nós fazíamos, meu filho.

– Justo agora que fechei os domínios das Ninfas cósmicas à ação dos meus irmãos venenosos contra mim, abro os domínios do Tempo. Que coisa! Quando é que vou ser deixado em paz por eles?

– Nunca, se continuar voltando as costas aos que mais o amam.

– Como é difícil a alguém se humanizar! Como é difícil ser humano!

– Não diga isso, meu filho. As palavras de um Trono têm a força de uma Vontade.

– Têm sim, meu pai. Eu já estou gerando uma desumanização em meu íntimo tão humano.

– Anule, enquanto é tempo, essa fonte geradora em seu íntimo, meu filho!

– Eu não quero anulá-la, meu pai.

– Por que não?

– Porque desejo ter em mim mesmo uma alternativa contra as ações traiçoeiras dos meus irmãos venenosos.

– Tenha na Lei Maior e na Justiça Divina essa alternativa, meu filho.

– Eu prefiro consagrar essa minha alternativa à Lei Maior e à Justiça Divina, meu pai Guardião Naruê.

– Se você fizer isso, aí incorporará o grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina ao seu Mistério da Geração e Renovação da vida. Saiba que a partir daí seu mistério comportará a punição a todos os que o afrontarem ou se desvirtuarem ele. E, quando quem assim proceder entrar na sua faixa de atuação, você terá de executá-lo.

– O safado terá uma execução exemplar, meu pai.

– Não!!!

– Eu já consagrei esse meu recurso à Lei Maior e à Justiça Divina, e já gerei toda uma gama de fontes energéticas resistentes às investidas deles e outra que será fulminante em sua ação quando eu ativar meu mistério executor contra um

desses safados e venenosos irmãos ancestrais. Lei e justiça, eis as forças e os poderes divinos que regerão esse meu novo grau, já incorporado ao meu Mistério Guardião dos Mistérios do Trono da Geração.

– O que seu amado vovô tatá Omolu não conseguiu em várias eras religiosas, você, em um momento de irreflexão, dotou-se para sempre.

– Dotei-me sim, meu pai. E só dependerá de meus irmãos safados e venenosos a ativação ou não desse meu grau de executor dos desvirtuadores dos mistérios do Trono da Geração e da Renovação. Agora só falta eu...

– Não faça isso! Eu o proíbo, meu filho!

– Mas, pai Guardião Naruê!

– Eu o proíbo! Obedeça-me, pois sou seu pai nos domínios da Lei!

– Eu só quero acertar umas contas pendentes com uns irmãos safados e venenosos. Só isso!

– Você está se recusando a me obedecer?

– Não, senhor. Eu já anulei esse desejo em meu íntimo. Perdoe-me, meu pai amado!

– Aquiete seu emocional e anule essas fontes de energias surgidas a partir desse sentimento de revolta e vingança. Só depois de fazer isso eu o perdoarei.

– Sim, senhor. Perdoe-me, meu amado pai Guardião Naruê.

Não foi fácil anular aquelas fontes poderosíssimas que eu mesmo abrira em meu íntimo porque eu havia pensado em voltar meu grau de executor contra todas as faixas onde houvesse um irmão traiçoeiro e venenoso. E isso era o mesmo que me colocar de frente para as trevas. Fato esse que me acarretaria consequências inimaginadas. Mas, assim que fui perdoado pelo meu pai Guardião Naruê, perguntei:

– Pai amado, o que aconteceria comigo caso eu tivesse enviado aquele meu pensamento aos divinos Tronos da Lei e da Justiça Divina?

– Saiba que no mesmo instante você despertaria em seu íntimo fontes energéticas inimagináveis e nelas se instalariam poderosíssimas qualidades negativas e punitivas da Lei Maior e da Justiça Divina, que o transformariam em um terror do horror das trevas, que são seus irmãos falsos, traiçoeiros e venenosos.

– De todos eles?

– Sim. Como você é um mistério em si mesmo, gerador e renovador, iria começar a gerar essas qualidades negativas e transmiti-las a todas as suas irmãs ligadas a você, porque formaram pares energéticos com seu mistério.

– Não!

– Sim, digo eu. Essas qualidades negativas, nós as chamamos de "os aspectos reativos dos divinos Tronos Regentes dos sete sentidos capitais". Mas elas também são conhecidas como iras divinas. E quem for um portador natural de uma delas se transforma em um ser possuído por um mistério que é incomodado por quem estiver vibrando o sentimento negativo punido por ela.

– Como assim, meu pai?

– Bom, você se lembra de algumas histórias contadas por alguns irmãos seus, nas quais eles se diziam possuídos por uma ira que era ativada pelas energias irradiadas pelos seres rebelados contra a Lei Maior e a Justiça Divina?

– Lembro-me, sim. Eles diziam que aquelas iras só deixaram de atormentá-los depois que esgotavam o mental dos seres foras da lei.

– Exatamente, pois o ativador delas se localiza no mental, que é uma fonte viva e geradora de sentimentos que, por sua vez, são os ativadores das fontes energéticas que surgem nos órgãos dos sentidos, localizados no corpo energético dos seres.

Logo, de nada adianta esgotar só o corpo energético porque o mental, que é uma fonte viva e pensante, refaz o corpo energético e suas fontes geradoras de energias, quer sejam positivas ou negativas. Mas, caso o mental seja esgotado, aí o ser é anulado totalmente em sua personalidade, em seu psiquismo e em seu emocional, reduzindo-se a uma fonte neutra de energias.

– Ele perde sua capacidade pensante?

– Perde, e tem de reiniciar o desenvolvimento dessa capacidade pensante em um meio neutro cristalino que chamamos de dimensão das fontes mentais.

– Bem, pelo menos não são totalmente anulados.

– Mas quem é possuído por uma dessas iras divinas nunca mais tem sossego, pois basta captar a vibração de alguém que está fora da Lei para se sentir tão incomodado que, ou anula quem está vibrando um sentimento desvirtuado ou fica semilouco, furioso mesmo!

– Como é difícil lidarmos racionalmente com nossos sentimentos quando somos portadores naturais de mistérios!

– É, sim, meu filho. Você tem de ser racional ou se desumanizará em pouco tempo, pois suas palavras têm a força de uma Vontade.

– Como explica isso?

– Eu entendo esse mistério desta forma: as Vontades Divinas vibram continuamente em todas as dimensões da vida. Mas os únicos seres capazes de absorvê-las, internalizá-las e transformá-las em desejos a ser realizados são os portadores naturais de mistérios. Eles são os únicos capazes de dar-lhes uma individualização e personalizá-las, já que seus mistérios as absorvem, abrem fontes energéticas sustentadoras dos desejos que elas despertam e que se manifestarão no ser como uma vontade a ser realizada.

– Um ser que absorver uma Vontade Divina a manifestará como um desejo?

– Não, ela despertará no ser um sentimento tão forte que ele só se sentirá em paz após conseguir realizá-lo. Ela ressona no emocional do ser que a absorveu e se mostrará como um desejo impossível de ser anulado em seu íntimo ou de ter fechadas as fontes energéticas abertas. Saiba que o emocional, que é a fonte dos desejos, acelera a geração de energias pelas fontes abertas no corpo energético.

Por isso dizemos que uma vontade manifesta-se em nós como um desejo.

– Estou encrencado!

– O que você descobriu?

– Bom, a Ninfa da Vida revelou-me que meu Mistério da Geração foi possuído por uma vontade do divino Criador.

– Como pode ter acontecido isso se todo mistério é em si mesmo uma vontade divina individualizada, e que assume características afins com a personalidade do ser que o manifesta naturalmente?

– Não sei como, mas ela disse que tanto meu mistério quanto eu fomos possuídos por uma vontade do divino Criador.

– Quando isso aconteceu?

– Foi quando descobri que ela é uma matriz Geradora Divina, e meu sentimento de amor, respeito e reverência lançou-me aos seus pés e paralisou minha capacidade de realizar minhas funções de Trono da Geração de energias e renovação por meio do sétimo sentido da vida. Então ela me ameaçou com a Justiça Divina.

– O que você fez para que ela não a invocasse?

– Bom, clamei ao divino Criador que assumisse meu mistério e que a vontade d'Ele prevalecesse sobre meus desejos.

– Você fez isso?

– Fiz.

– E o que aconteceu a seguir?

– Possuí todos os mistérios dela.

– Todos? Você disse todos?

– Foi isso que eu disse, e ela me confirmou quando eu ensinava minhas práticas humanas às suas filhas, netas e bisnetas.

– Não é possível! Nenhum Trono conseguiu possuir mais que um dos mistérios da Ninfa da Vida!

– Então ela se enganou ou eu ouvi errado, meu pai.

– É, você deve ter se enganado, o que não é de se estranhar em alguém como você, que vive se encrencando ou nos metendo em encrencas por causa dessa sua emotividade.

– É, acho que não entendi o que ela disse quando a lancei naquele êxtase tão intenso que ela só saiu dele porque eu a trouxe de volta ao seu nível vibratório e consciencial.

– Eu não acredito no que estou ouvindo!!!

– Que droga! Ninguém acredita em mim depois que resolvi assumir meu mistério? Eu tenho certeza de que ela falou que eu havia possuído todos os mistérios dela e em mim eles se manifestariam como desejos a serem realizados porque meu mistério havia sido possuído por uma Vontade do divino Criador! – exclamei angustiado.

– Eu acredito, meu filho. Não fique aflito só porque recorri ao seu modo peculiar de manifestar sua admiração. Quando eu disse que não acreditava, eu estava expressando alegria.

– Bom, assim sim, meu pai!

– Viu como você nos confunde com seu modo humano de expressar suas emoções?

– É, eu sou meio confuso mesmo.

– Então vamos ver o tamanho da encrenca em que você se meteu desta vez?

– Como?

– O que você vibrou quando soube que sua amada vovó Guardiã do Tempo está triste porque você fez tudo aquilo?

– Eu fiquei magoado, pois eu só me afastei dela porque não queria deixá-la mais triste ainda.

– Isso eu já sei. O que quero saber é o que vibrou quando se viu desprotegido no Tempo e exposto à ação de seus ancestrais irmãos venenosos.

– Bom, eu vibrei o desejo de pôr um fim à ação deles. Eu desejei ter em mim mesmo os recursos que os reduziriam às suas sementes originais. Eu vibrei o desejo de ser o executor final deles e apressá-los rumo aos seus fins.

– Ainda bem, pois no sentido humano a palavra fim significa que está acabado. Mas no sentido que ela assume quando pronunciada por um Trono, conduzir alguém ao seu fim significa recolocar na linha reta da evolução quem está trilhando a linha torta ou sinuosa.

– Eu não poderei executar os safados?

– É claro que poderá. Mas, como você consagrou seu grau de executor à Lei Maior e à Justiça Divina, então terá de seguir os ditames da Lei e as regras da Justiça.

– Eu conheço pouco sobre esses ditames e essas regras, meu pai.

– Então você terá de recorrer a alguém que conhece, se não quiser tomar a Lei em suas mãos e afrontar a Justiça Divina.

– Quem o senhor acha que devo procurar quando tiver de atuar como executor?

– Procure-me! – exclamou vovô, surgindo ao nosso lado e já se oferecendo para ser meu orientador. Mas meu pai Guardião Naruê interferiu e falou:

– Desculpe-me, meu muito amado pai tatá Omolu, mas eu já me ofereci para ser o orientador deste meu filho.

– Por que você não me concede essa honra, meu filho Naruê?

– Não posso, pai amado. Eu sou um dos guardiões do mistério dele, sabe?

– Sei. Mas agora eu também sou.

– Desde quando, papai?

– Desde que estive com o divino Oxumaré.

– O senhor esteve com o divino Oxumaré?

– Você está duvidando do seu pai tatá Omolu?

– O senhor sabe que não. É essa droga de modo de falar deste mais encrenqueiro dos meus filhos humanos. O senhor viu o que ele fez?

– Claro, eu estava assistindo tudo do meu centro neutro.

– Posso saber por que o senhor não interferiu antes?

– Eu deveria?

– Não deveria, não é mesmo?

– Não mesmo. E se não fosse por sua intervenção eu ia ter menos trabalho como guardião do mistério dele nos domínios das Ninfas Cósmicas, que é meu campo preferencial de atuação.

– Menos trabalho?

– Isso mesmo. A mim foi solicitado que desse sustentação a ele durante as investidas dos irmãos venenosos dele. Logo, como eles não aprendem mesmo, nada como ele dotar a si mesmo de uns recursos extras que fulminarão quem voltar seus mistérios contra ele ou o mistério dele. Certo?

– O senhor acha isso certo?

– Acho, sim. Basta dar uma lição inesquecível em meia dúzia deles, e o resto se aquietará e nunca mais o incomodarão, meu filho Naruê!

– O senhor possui uns recursos "mortais", não?

– É, eu possuo sim. E você não vê ninguém que deseja conhecê-los pessoalmente, vê?

– Não, senhor. Mas o campo preferencial dele atuar é oposto ao do senhor, não é?

– Bom, isso é verdade. Mas uns recursos fulminantes à disposição dele só facilitarão suas atuações, pois quando esse modo humano de ele se expressar falhar, quem não entender que as palavras ditas por ele têm a força de uma Vontade, aí descobrirão muito tarde por duvidarem das palavras de um Trono Humano. Ou você se esqueceu de que um Trono Humano só se expressa de forma humana, senão não será entendido, visto e aceito pelos regentes planetários?

– Essa não! – exclamou meu pai Naruê.

– Essa sim, finalmente! – exclamou vovô, que ainda disse isto: – A palavra fim, dita por ele, tem o exato sentido que ele dá para ela.

– Ela não tem um duplo sentido na dimensão humana?

– Não tem, meu filho Guardião Naruê. Quando ele desejou ser o executor final, foi mesmo para dar um fim à vida desregrada dos seus irmãos venenosos, e assim foi entendido pela Lei Maior e pela Justiça Divina.

– Não tem uma alternativa, meu pai?

– A Lei tem alternativas?

– Não, senhor.

– A justiça tem alternativas?

– Não, senhor. Ela só tem atenuantes. E, dependendo delas, as sentenças são mais severas ou mais brandas. Mas ela é clara e precisa quando diz que quem deve paga e quem merece recebe.

– Agora você vai me conceder essa honra?

– O senhor compartilhará comigo essa função quando as ações contra ele se iniciarem nos domínios da Ninfa da Morte. O senhor o instruirá como proceder para não afrontar os ditames da Lei e as regras da Justiça.

– Meu filho Naruê! Você é um dos mais generosos entre os meus filhos!

– Onde mais o senhor o orientará, papai? – perguntou meu pai Guardião Naruê, a contragosto.

– O que você acha dos domínios da Ninfa do Fogo Cósmico?

– Espere um momento, meu irmão Naruê! – pediu meu amado pai Guardião Megê "Sete Espadas", surgindo ali também: – Você sabe que eu fui afastado daqueles domínios por causa desse meu filho encrenqueiro. Agora, como orientador dele no seu grau de executor, caso você, o mais generoso dos meus irmãos, me conceda a partilha nas orientações, aí poderei executar uns Tronos Humanos que se desvirtuaram e refugiaram-se neles, sabe?

– Esperem aí! – exclamou meu pai Guardião Naruê. – Quem mais estava nos observando quando esse nosso filho acrescentou ao seu mistério o grau de executor dos seus desvirtuamentos e venenosos irmãos?

Todos os meus pais, avós, bisavós, tatá-avós e irmãos ancestrais que detinham o grau de executores da Lei e da Justiça se apresentaram e solicitaram compartilhar com ele minha instrução. E o único jeito de ele atender a tantas solicitações foi partilhar minha instrução com todos os solicitantes, que eram tantos que eu pedi:

– Por favor, deem-me tempo de conhecer todos, pois são tantos e atuam em tantos campos que não saberei a quem recorrer para me instruir quando tiver de atuar como executor de uns safados e traiçoeiros irmãos venenosos.

– Não se preocupe, pois nós saberemos quem o instruirá, Trono Humano da Geração de energias e renovação dos nossos campos de ação! – exclamaram eles.

– Por favor, não liguem para o que vou dizer, mas tenho a impressão de que alguns dos meus irmãos venenosos os tem incomodado, não?

– Por que você acha isso, meu filho? – perguntou meu amado pai Guardião Megê Sete Espadas.

– Por nada, meu pai. Foi só uma intuição, sabe?

– Sei. E com certeza você não sabe quem o intuiu, não é mesmo?

– Como sempre, só fico sabendo quando o intuidor se apresenta e se revela.

– Quando souber, diga-nos.

– Eu direi, meu pai.

O fato é que, quando todos retornaram aos seus centros neutros, uma tristeza muito grande começou a vibrar em meu íntimo e tive de me recolher ao meu centro neutro para dar vazão às lágrimas. Então passei a atuar só da forma divina, que realizava minhas ações em uma fração de segundos. E não me mostrei mais, só para não atrair a atenção dos meus irmãos venenosos e para não me indispor com mais ninguém ou expor meu mistério à minha emotividade.

O fato é que me tranquei mesmo. E quando achei que já haviam me esquecido, animei-me a sair dali e caminhar um pouco, para logo descobrir que os safados dos meus irmãos venenosos, que muitos deles haviam ativado seus mistérios contra mim.

Foi um tempo que tanto fui instruído por muitos dos meus pais como executei muitos dos meus irmãos venenosos. E vovô tinha razão: a palavra fim dita por um Trono Humano tem a conotação de fim mesmo, pois, fora uns que apresentaram fortes atenuantes, o resto foi reduzido a ovoides e lançados na sua dor final.

Como meu pai Guardião Naruê havia me proibido de me emocionar, eu os executava como uma máquina fria e calculista. E sempre que um encontrava seu fim em mim, eu me limitava a dizer: menos um safado a incomodar a humanidade!

Nenhum escapou daquela onda de execuções, pois, como eles haviam ativado por si os seus mistérios e se ligado a mim, não tinham como desativá-los. Refugiarem-se em seus centros neutros não os ajudava em nada, pois meus recursos, ativados segundo os ditames da Lei e as regras da Justiça, os alcançava até dentro deles, consumindo até eles, que eram tidos como impenetráveis e refúgios garantidores de impunidade e longa vida fora da Lei.

Até seus Tronos Energéticos eram reduzidos a cinzas ou desintegrados pelas poderosas e estranhas energias que meu grau de executor irradiava quando era ativado.

O que sei é que comecei a ser respeitado e até evitado por muitos dos meus irmãos venenosos realmente espertos.

Mas os mais vingativos, e que ainda não haviam ativado seus mistérios contra mim, trataram de mudar seus modos de atuar e começaram a recorrer a meios cada vez mais sutis. Mas de vez em quando um cometia um erro fatal e nunca mais incomodava a humanidade.

Só que eu não contava com uma coisa, e ninguém me esclarecia nada sobre ela: sempre que eu executava um daqueles safados, seus sombrios domínios negativos eram agregados aos meus campos de atuação e, daí em diante, eu passava a ser o responsável pelos espíritos retidos neles pela Lei Maior. Então vivia sobrecarregado porque eram campos onde eu não podia recorrer ao meu Mistério da Geração e Renovação.

Eu me sobrecarreguei a tal ponto que chegou um momento que ou fazia alguma coisa ou eu ficaria paralisado com tantos domínios novos e abarrotados de espíritos sofredores. Mas acho que alguém estava à espera de que aquilo acontecesse mesmo, porque chegou uma hora que me dirigi a um centro neutro coletivo e clamei pelo auxílio de meus pais e mães mediadoras para que me enviassem socorro, senão eu sucumbiria por causa das ligações automáticas que se estabeleciam entre aqueles espíritos sofredores e meu mistério curador, ao qual eu recorria de forma humana para curá-los.

Foi a partir daquele clamor que todo um universo religioso começou a se abrir para mim, e percebi que durante todos aqueles anos eu nada mais fizera que criar as bases de atuação de um Trono Humano portador de um Mistério da Geração de energias e renovação da vida, pois logo após aquele pedido de ajuda enviado aos meus pais e mães maiores, uma de minhas mães Intermediárias

aproximou-se e ofereceu-me o auxílio de suas linhas de trabalhos espirituais que atuavam na dimensão humana regidas pelo Ritual de Umbanda Sagrada.

Sim, porque aquela minha Mãe Mediadora é um ancestral Trono do Amor e da Fé que atua com seus mistérios em todas as religiões que existem na face da Terra, assim como nas muitas já recolhidas à dimensão espiritual da vida, pois já cumpriram suas missões religiosas na dimensão material.

Na dimensão espiritual ela possui tantas linhas de trabalho que eu poderia recorrer às que atuavam no Ritual de Umbanda Sagrada, desde que formasse um par natural com ela, minha amada mãe ancestral Oxum das Cachoeiras, uma das mães que sempre esteve me amparando durante meu processo de humanização e despertar consciente para a magnitude do meu mistério.

– Obrigado, amada mãe Oxum das Cachoeiras! – exclamei feliz quando ouvi sua oferta de ajuda.

– Só que tem uma condição, meu filho amado.

– Qual é, mamãe do meu coração?

– Eu possuirei seus mistérios, mas não lhe concederei a posse dos meus.

– Por quê?

– Bom, meus mistérios estão ativos há tantos milênios na dimensão humana que seria temerário conceder-lhe a posse deles. Afinal, esse seu Mistério da Geração é o mais possessivo que já vi em toda a minha existência. Logo, eu não colocarei em risco a estabilidade vibratória dos meus mistérios se não lhe conceder a posse deles!

– Entendo, mamãe amada.

– Não se entristeça por ter de ser assim, meu filho. Você é um Trono que acabou de despertar para o lado ativo do seu mistério e ainda é muito imaturo. Mas no futuro, quando você amadurecer e tiver um controle mental absoluto sobre seus mistérios, muitos ainda desconhecidos e atuando passivamente, então gradativamente irei lhe concedendo a posse consciente dos meus. Está bem assim para você?

– A senhora acha que está bem assim?

– Eu acho, meu filho. Minhas linhas de trabalhos espirituais assentadas no Ritual de Umbanda Sagrada começarão a auxiliá-lo com meus mistérios nos campos já absorvidos por esse seu possessivo mistério.

– Por que ele é assim, tão possessivo?

– Você desenvolveu toda uma natureza humana que, se é muito possessiva em todos os sentidos, o é muito mais no sétimo.

– Por que sou assim se não me sinto possessivo e não desejo ser?

– A razão de ser assim está na raiz desse seu poderoso Mistério da Geração. Ela traz um outro mistério, desconhecido por nós, que assume automaticamente a cabeça dos pares que você forma, e daí em diante passa a comandar as ações de quem está na outra ponta do cordão energético que surge assim que você possui os mistérios de quem formou par com você.

É por isso que só formarei um par com você se a posse for unilateral, e eu assumir a cabeça dele.

– Está certo, mãe do meu coração. Eu preciso de sua ajuda e, porque não quero ser a cabeça de par algum, então possua meus mistérios.

– Você está certo de que é isso que seu coração pede?

– Eu não sei o que ele pede. Mas eu confio totalmente na senhora e concedo-lhe a posse total deste meu Mistério da Geração na faixa vibratória que a senhora abrirá para ele dentro dos seus domínios. A senhora terá toda liberdade que precisar ou desejar sobre ele e sobre mim.

– Assim também não, meu filho amado. Procedendo assim, tão generosamente, você se coloca em uma posição tão vulnerável que terei controle total sobre você e seu mistério.

– Só peço que esse controle se limite em seu campo de ação. Está bem assim?

– Nenhum Trono jamais fez isso antes, meu filho.

– Eu estou fazendo, mãe do meu coração. Eu já submeti meus mistérios às suas vontades. Possua-os, pois já me apassivei em todos os sentidos. Assim que a senhora possuí-los terá à sua disposição tantos recursos energéticos que muitos são desconhecidos até das sete Ninfas positivas e das sete negativas.

– Elas lhe disseram de onde provêm esses recursos?

– Disseram, mamãe.

– Então me diga de onde eles provêm, meu filho amado.

– Eu não sei onde ficam ou como são. Mas elas disseram que provêm de outros orbes planetários, aos quais estou ligado porque os Tronos Regentes delas ligaram-se ao meu Mistério da Geração quando eu era o desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Você tem certeza disso?

– Tenho.

– Você não está enganado?

– Não, senhora. Elas me mostraram as triangulações que surgiram assim que encerramos a posse dos nossos mistérios.

– Ó meu Criador! Quem é você realmente, meu filho amado?

– A senhora não sabe mesmo quem sou eu, mamãe Oxum das Cachoeiras? – perguntei, já com lágrimas nos olhos, pois eu achava que ela sabia.

– Eu não sei, meu filho. Mas se eu descobrir algo quando possuir seus mistérios, então lhe direi.

– A senhora fará isso por mim?

– Farei.

– A senhora promete?

– Eu não tenho o livre-arbítrio e não posso prometer nada a ninguém, meu filho. Sou regida em todos os sentidos pela Lei que rege o silêncio sobre os mistérios e a obedeço. Mas, se eu alcançar sua origem durante a posse dos seus mistérios e puder revelá-la, então daqui a pouco saberá quem é. Está bem assim?

– Está bem, mamãe. Inicie logo a posse deles, pois já não estou resistindo ao desejo de concedê-la passivamente à senhora. O ritmo da posse lhe pertence, está bem? Só possua os que lhe interessar ou que não interferirem na sua vibração individual que regula a fluidez dos seus mistérios.

– Por que você está me dizendo tudo isto?

– Eu não quero possuir nada e não quero que a senhora possua algo que desconhece.

Bom, assim que ela deu início à posse do meu Mistério da Geração algo escapou do seu controle, pois no instante seguinte ela me pediu que desse início à posse dos seus mistérios antes que perdesse os sentidos ou a noção exata do que devia possuir ou não. E não adiantou eu dizer que não desejava possuir seus mistérios, pois ou eu os possuía ou ela mergulharia em um êxtase sem retorno, porque aquele "Fator" desconhecido assumiu a mim, ao meu mistério e à posse dos mistérios, dela. Mas se limitou aos do sétimo sentido, evitando que ela também fosse lançada naquele sono inexplicável.

Quando tudo terminou, ela se limitou a dizer-me:

– Com você não tem jeito! Mesmo não desejando, a cabeça do par energético formado pelos nossos mistérios já é sua. De agora em diante sou sua dependente e beneficiária direta desse seu Mistério da Geração e Renovação.

– Isso a incomoda, senhora Oxum das Cachoeiras?

– Nem um pouco. E a você, isso o incomoda?

– Está tudo bem. Só não sei como lidar com tudo o que se manifesta energéticamente por meio desse meu mistério.

– Eu sei. E se você me permitir, eu recorrerei a ele com intensidade, pois descobri que é ilimitado e traz em si mesmo fontes inesgotáveis, que quanto mais forem solicitadas a gerar energias, mais elas geram. Você aceita formar par com minhas filhas que atuam nesse campo energético?

– Só se eu for o polo passivo, como já sou com a senhora.

– Você é o polo passivo?

– Sim. Eu solicitei isso ao divino Criador quando possuía seus mistérios e sinto que Ele me concedeu isso. Portanto, todas as ações terão de ser iniciadas pela senhora.

– Mas no decorrer delas você sempre terá de assumi-las, já que em sua mente está o desativador dessas fontes únicas. Depois de ativadas, só você consegue desativá-las.

– Como a senhora descobriu isso?

– Eu tentei desativá-las e não consegui. Mas, assim que lhe ordenei que as desativasse, cessou o envio de energias ao meu sétimo nível vibratório dentro da faixa horizontal multidimensional reservada pela nossa mãe maior Oxum ao meu mistério, que no plano material é conhecido como mistério Oxum das Cachoeiras.

– O que mais a senhora descobriu?

– Em vez de me negar a dizer-lhe algo a esse respeito, prefiro dar-lhe um abraço fraternal e inundá-lo com esse amor divino que irradio o tempo todo. Está bom assim?

– O que mais eu poderia desejar se vou ser inundado por esse seu amor divino?

O fato é que quando saí do centro neutro de minha amada mamãe Oxum das Cachoeiras eu transbordava aquele amor divino irradiado por ela a todos. Eu havia formado par com muitas de suas filhas que iriam atuar em meus domínios afins com os do Mistério Sete Cachoeiras, que é um pouco maior que o Mistério Oxum das Cachoeiras, pois nele estão assentados vários Tronos.

Nele também estão assentados meu amado pai Xangô das Cachoeiras, meu amado pai Ogum das Cachoeiras, minha amada mãe Iansã das Cachoeiras, etc.

Mas eu só descobri isso após me ligar a ela e formar um par energético, pois até então eu achava que ela sozinha regia o Mistério Sete Cachoeiras.

Só então eu descobri que esse mistério sustentado pelo polo magnético ocupado por minha mãe maior Oxum é formado por 14 Tronos Naturais de nível médio, com cada um deles, ligados aos Tronos Planetários regentes dos mistérios que formam a coroa divina regente deste nosso tão desconhecido planeta.

Eu não me assentara na coroa formada pelo Mistério Sete Cachoeiras, mas sim, seria beneficiário direto dos mistérios dela, que é o polo magnético central dele, pois ela é a cabeça de todos os pares magnéticos formadores do divino Mistério Sete Cachoeiras.

Atentem para isso, pois ela rege esse mistério e é chamada de mamãe Oxum das Cachoeiras. Esse "das" equivale ao título de senhora ou de regente do campo vibratório das cachoeiras.

Já os Tronos que atendem pelo nome simbólico "das sete cachoeiras", estes são os Tronos Mediadores que formam pares com ela.

Então temos um Xangô das Sete Cachoeiras, um Ogum das Sete Cachoeiras, uma Iansã das Sete Cachoeiras, etc., que são Tronos que atuam nas cachoeiras a partir do centro neutro coletivo do Mistério Sete Cachoeiras cujo assento central é ocupado por nossa amada mamãe Oxum "das" Cachoeiras.

Cada um dos meus pais e mães, ali assentados, também possui seus centros neutros. Mas, dentro do centro coletivo do Mistério Sete Cachoeiras, ela é a regente dele, e é em seu ponto de forças do plano material que os filhos de Umbanda reverenciam, invocam e oferendam os Orixás ligados a esse mistério do Ritual de Umbanda Sagrada.

O fato é que meus conhecimentos expandiram-se e tomei contato com outro nível, o religioso, por onde os mistérios divinos chegam até os espíritos encarnados e os auxiliam "de frente", pois a partir dos centros neutros coletivos dos Tronos de Umbanda Sagrada os mistérios chegam ao plano material.

Eu recebi o auxílio de minha amada mamãe Oxum das Cachoeiras. E suas hierarquias de ação e trabalhos espirituais, formadas por milhares de espíritos,

eram pontificadas por ancestrais irmãs, também elas Tronos humanizados seguindo a senda humana da evolução divina.

Minha amada mãe encontrou em meu Mistério da Geração tantos recursos que até me sugeriu que eu também formasse um par energético com seu reverso, pois aí eu seria muito melhor auxiliado, já que o mistério cósmico Sete Quedas era regido por ela.

Então descobri que meus pais, avós, bisavós e tatá-avós eram iguais às Ninfas, pois havia uma da vida e outra da morte; uma do amor e outra da paixão; etc.

E não eram diferentes em nada. Só atuavam em campos opostos e por meio de mistérios opostos, pois, se um estimula o amor ou a fé, seu oposto cósmico paralisa a paixão ou o fanatismo religioso. Se as Mães dos centros neutros positivos ou irradiantes eram muito racionais, as dos negativos ou absorventes eram muito emocionais, fato este que até facilitou minhas atuações, já que eu também sou muito emocional.

Como o reverso de minha amada mãe Oxum das Cachoeiras apreciou minha forma humana de atuar, nunca mais deixou de me visitar em meu centro neutro individual, onde vem para se aperfeiçoar nas práticas humanas. Mas, como sei que ela já atua na dimensão humana a duas eras religiosas, então acho que ela vem mesmo é para que eu não realize minhas atuações nos seus domínios, pois ela vindo ao meu centro neutro tenho de realizá-las de forma humana, que ela muito aprecia porque só minha forma humana de atuar a induz àquele sono único que ela aproveita para relaxar seu emocional e repousar seu mistério magnético tão atrativo, ao qual eu vigio com a ativação do meu mistério guardião e defendo com meu grau de executor. Fato este que a deixa tão à vontade e tão tranquila que minha mãe Oxum das Cachoeiras até já me revelou que, depois que formei um par energético com seu reverso, pelo menos 80% das dificuldades de acessá-la desapareceram, e que, se eu humanizá-la um pouco mais, terei solucionado 100%.

– Melhor assim, não?

– Muito melhor, Trono enigma! – respondeu-me ela, que vive examinando meus mistérios à procura de um indício que responda à minha indagação de "quem sou eu?".

Mas ela não está sozinha na decifração do meu enigma, pois, assim que minha amada mãe Iansã das Sete Cachoeiras soube que eu havia solucionado parte das dificuldades de minha amada mãe Oxum das Cachoeiras, ela ofereceu ajuda para eu solucionar pelo menos uns 10% das minhas, que não param de crescer em progressão geométrica.

E não demorou muito tempo para eu estar assoberbado com a formação de tantos pares energéticos com filhas, netas, bisnetas e tataranetas das minhas amadas mães naturais médias que atuam no Ritual de Umbanda Sagrada. E também com as solicitações de seus reversos, absorventes e muito atrativos. Esses reversos exercem uma atração tão forte que o único jeito que tenho de não ser atraído para seus centros neutros individuais é enviar-lhes tantas energias que

seus Tronos Energéticos ficam sobrecarregados. Então elas solicitam que eu diminua o envio senão perdem seus atrativismos magnéticos, fundamentais para o bom desempenho de seus atributos humanizados.

Sim, porque elas têm atributos naturais que nunca foram humanizados, mas que já estão adquirindo feições humanas por causa das ligações energéticas estabelecidas com meu Mistério Humano da Geração e Renovação, o mais humano dos mistérios, na opinião unânime de todos os meus pais e mães amadas. Só vovô tatá Omolu é voz discordante, pois ele diz que é humanizador, mas nunca foi humano.

– Por que o senhor acha isso dele, vovô? – perguntei curioso.

– É para nos descontrair e nos iludir com sua aparência humana. Aí, quando nos apercebemos, já fomos possuídos pelo outro mistério, invisível às nossas visões, que se manifesta por meio dos seus outros mistérios, aos quais temos dado pouca atenção e nenhuma importância, de tão fascinados que ficamos pelo único que nos renova e humaniza.

– Não é nada disso, vovô! – respondi, desconversando.

– É claro que é. Eu vi o que aconteceu com aquela minha mais temida filha que você encantou!

– O que houve com ela, vovô?

– Você não sabe?

– Não vejo nada de estranho nela. Apenas a acho fascinante e envolvente. Mas isso é natural nela, vovô.

– Aí é que está meu problema. Eu a honrei com o grau de Pombagira dentro do Ritual de Umbanda e desde então meus mais temidos, implacáveis, inflexíveis e insubornáveis Exus executores, quando se aproximam dela, se tornam dóceis, sociáveis, maleabilíssimos, submissos e tão oferecidos que ou eu a afasto do Campo-Santo ou logo eles se transformarão em inocentes cordeirinhos. Assim não dá, neto fascinador!

– Acho que o senhor está preocupado por pouca coisa, vovô.

– Pouca coisa? Você viu o que fez com minha temidíssima cobra negra?

– Eu não fiz nada com ela, vovô!

– É claro que você fez! Eu nunca a vi tão submissa à encantada do Arco-íris como tenho visto desde que a assentei à sua esquerda para melhor protegê-lo dos seus irmãos venenosos. Às vezes, olhando para ela, em vez de vê-la como uma catalisadora do ódio, vejo-a irradiando amor para você. Como isso é possível? O que você fez ou prometeu a ela?

– Nada, oras!

– Então foi aquele seu filho encantado que tive de pôr para fora dos meus domínios antes que ele quebrasse toda a rígida disciplina que mantém a coesão vibratória deles.

– O que ele andou fazendo de errado em seus domínios?

– Quase tudo o que ele tinha direito. Inclusive começou a chamar de titias amadas às minhas temidas Pombagiras executoras da Lei nos domínios da Ninfa da Morte!

– Isso não tem nada de mais, vovô. Ele é só uma criança!

– Aí é que está o problema. Assim que ele começou a chamá-las de titias amadas, elas se derreteram por ele e selaram um pacto entre elas de executarem todos os irmãozinhos venenosos dele.

– Mas ele não tem nenhum irmãozinho venenoso, vovô!

– Nós dois sabemos disso. Mas elas não. Logo, podem entender errado quando ele se meter em alguma encrenca ou infantilidade.

– Ele não vai fazer isso, vovô!

– É claro que vai! Ele vive dizendo que será como você quando crescer, e eu não duvido de que será!

– Por que o senhor tem tanta certeza?

– Bom, elas deram uma olhada no mistério dele e concluíram que ele será mesmo. Então já o adotaram como par ideal para as suas filhas.

– Elas já o adotaram como par ideal para as suas filhas?

– Já.

– Então ele já arranjou sua primeira encrenca, vovô.

– Eu não disse que tive de proibi-lo de entrar nos meus domínios? Já pensou se a Ninfa da Morte souber da existência dele?

– Ela já sabe. Até recomendou que eu não o deixe repetir os mesmos erros que cometi enquanto tentava fugir do encontro final com ela. Eu acho que ele não terá tanta dificuldade em assumir seu mistério quando crescer.

– O que lhe dá tanta certeza?

– Bom, eu o encontrei um dia destes nos domínios da Ninfa da Vida, que ele parece conhecer melhor que ninguém, pois brincava com um grupo daquelas pequeninas fontes vivas e pensantes, e pediu-me se poderia humanizá-las para que elas pudessem sair daquela dimensão energética pura, pois só assim ele teria permissão da Ninfa da Vida para levá-las até os domínios de Estrela Dourada do Arco-íris, que desejava conhecê-las.

– Essa não! A Ninfa da Vida já o possuiu em todos os sentidos!!!

– Eu acho que não, vovô. Mas que ele é íntimo dela, isso ele é.

– Íntimo? O que você quer dizer com isso?

– Bom, ele entra e sai dos domínios dela sem nenhum obstáculo e entra em seu centro neutro coletivo do mesmo jeito que entra no individual. Logo, ele é íntimo dela, não?

– Põe intimidade nisso, meu filho – exclamou meu pai Guardião Naruê – Ninguém tem todas essas liberdades com a Ninfa da Vida.

– Eu tenho, meu pai.

– Você não vale, porque é um caso à parte.

– Agora temos dois casos à parte, meu filho – concordou meu amado vovô tatá Omolu, que ainda acrescentou uma observação sobre seu encontro com o

divino Oxumaré, pois murmurou: – Eu não fiquei sabendo de tudo quando ele me esclareceu sobre algumas coisas. O que foi que deixei de ver quando subia, e o que não vi quando descia?

Eu aproveitei que ele refletia e perguntei:

– Aquela escada é única, não vovô?

– A qual delas você se refere, meu neto?

– Ah, eu não perguntei qual era. Quantas o senhor conhece?

– Eu conheço as sete, meu neto. Não sei quantas vezes já subi por elas, mas sempre que faço isso descubro algo em meus filhos e netos que havia me passado despercebido nas vezes anteriores.

– O senhor já está acostumado a subi-las, não?

– Estou, sim.

– O difícil é dar o primeiro passo, não é mesmo?

– Que nada, o primeiro passo é o mais fácil, pois basta levantar o pé que já alcançamos o primeiro degrau delas. O difícil é dar o segundo, pois em cada nova subida temos tanto que ver, que não conseguimos dar o segundo enquanto não vermos tudo o que nos atrai ou interessa.

– Não seria melhor nós subirmos uma só vez e ficar com visões permanentes daquelas eras religiosas gravadas em nossa memória imortal, para recorrermos a elas quando desejássemos?

– Essa visão só o divino Trono das Sete Encruzilhadas possui, meu filho. Ele e os Divinos Tronos Regentes assentados à direita e à esquerda dele.

– Ninguém mais a possui?

– Até onde eu sei, não.

– Não pode existir Tronos que a tenham adquirido, vovô?

– Eu ouvi dizer que os herdeiros naturais do divino Trono das Sete Encruzilhadas a possuem. Mas as trazem adormecida, pois eles descem por aquela escada da evolução e vão se esquecendo de tudo para se renovarem e reiniciarem a evolução em mais um dos sete sentidos da vida.

– Eles têm de descer aquela escada do Tempo sempre que evoluem tanto que retornam ao Alto do Altíssimo?

– É o que dizem, meu neto.

– E o que acontece a eles assim que sobem aquela escada pela sétima vez?

– Bom, aí podem seguir adiante e subir um grau hierárquico, ou podem optar por se humanizar. Mas aí eles descem envelhecendo até esgotarem a vontade de continuar suas descidas naturais. E aí, esgotados, todos os seus incontáveis mistérios param de vibrar, pois só assim podem ser adormecidos pelo Trono da Evolução e alojados no útero carnal de uma mãe humana. Dizem que o divino mestre Jesus é um desses herdeiros naturais do divino Trono das Sete Encruzilhadas, que optou por descer aquela escada da evolução para poder se humanizar e adquirir um grau humano, pois seu amor à humanidade é tanto, mas tanto, que ele não teve coragem de deixar esse orbe e ir integrar-se à hierarquia seguinte que é regida pelo divino Trono Solar.

– Ele nunca mais poderá passar por aquele portal que conduz à hierarquia e aos domínios do divino Trono Solar?

– Poderá, mas só quando tiver recolhido e assentado à sua direita todos os seres que ele adotou como seus filhos durante suas sete descidas pela escada da evolução.

– Então ele nunca sairá deste planeta, vovô?

– Sairá, sim. É só uma questão de tempo, meu neto.

– São muitos os espíritos e os seres naturais que levam seu símbolo sagrado e que estão caídos à esquerda dele! Imagine o tempo que não levarão para levantar-se e assentarem-se à esquerda dele para, aí sim, iniciarem suas caminhadas até alcançarem à direita e ali se assentaram.

– São muitos sim, meu neto. Mas dessas mesmas dificuldades se ressentem todos os Tronos, não?

– Ressentem-se sim, vovô. Quando acreditam que um filho adotivo finalmente irá assentar-se à direita e afixar-se em definitivo nos seus domínios, eis que algo os desvia do caminho reto e logo se perdem em um desvio e tomam um caminho tortuoso, onde tornam a cair.

– Isso é assim mesmo, sabe?

– Não sei, vovô.

– Pois lhe digo que só consegue se assentar à esquerda quem cansou de iludir-se, e só consegue assentar-se à direita quem consegue vencer as ilusões com os recursos da razão. Estes se assentam, aquietam seus emocionais e nunca mais saem do caminho reto.

– É, eu vi umas poucas divindades deixando este planeta e rumando para outros orbes levando seus filhos e Tronos afins que formavam suas hierarquias naturais. Mas vi muitas assoberbadas com o grande número de filhos e membros de suas hierarquias que se paralisaram ou petrificaram nos domínios da esquerda.

– São muitas mesmo, meu neto. Essas divindades, esses nossos irmãos ancestrais, muitos deles desistiram de seguir para outro orbe planetário e assentaram-se em domínios sombrios, onde atraem seus filhos adotivos e os membros de suas hierarquias, pois quando conseguem reunir todos sob suas poderosas irradiações, aí os arrastam consigo para alguma dimensão cósmica extra-humana, onde todos, inclusive a divindade, mergulharão em um delírio coletivo dos sentidos. Eles se suicidam, meu neto!

– Entendo, vovô. Eu vi três desses suicídios coletivos, mas não soube interpretá-los porque me faltava esse conhecimento. Mas também vi muitas divindades em via de se suicidarem, pois restam poucos de seus filhos adotivos ou membros de suas hierarquias para recolherem aos seus domínios cósmicos.

– O que você sentiu quando viu esses suicídios coletivos de divindades desiludidas com os seres e com a dimensão onde se assentaram?

– Eu chorei muito, vovô. Só consegui conter o meu pranto quando o Divino Consolador envolveu-me com sua irradiação. Mas nas três vezes eu fiquei desesperado por ver tantos seres serem arrastados pela agonia e pela

revolta de divindades que tinham tudo para ascenderem para outros orbes planetários, superiores ao nosso, mas que sucumbiram ante a resistência de seus filhos adotivos em segui-las para domínios excelsos, só porque eles haviam se entregue à ilusão dos sentidos. Só no momento do suicídio da divindade é que eles percebiam o engano que haviam cometido e voltavam suas mentes ao divino Criador para clamarem por perdão, misericórdia e uma oportunidade de se redimirem. Mas nada conseguiam, porque não tinham uma única testemunha divina para clamar por eles ao divino Criador, já que tanto a divindade que os regia quanto os Tronos que formavam suas hierarquias não ousavam voltar suas faces tristes, sombrias, revoltadas ou desiludidas na direção de Deus e pedir pelos seus filhos adotivos uma renovação, ou uma oportunidade única.

Quanta tristeza eu senti, vovô! Como é dolorido o pranto dos desiludidos com a vida e como me incomodou o rancor das divindades revoltadas com seus filhos adotivos! Eu não olhei para trás, que era o Alto do Altíssimo, mas tenho certeza de que todos os Tronos nele assentados também tiveram de ser consolados pelo Divino Consolador.

– Eu tenho certeza de que tiveram de ser consolados, meu neto. Eu também fui consolado nessas três vezes, sabe?

– Eu sei. Eu o vi ao meu lado em todas elas.

– É, você estava sim, meu neto mais amado e o mais generoso que o divino Criador podia me conceder.

– Por que diz que sou generoso, se sou o mais possessivo?

– Isso não depende de você, porque é o fator de preservação de seu mistério e de sua integridade humana, enquanto Trono, pois você consagrou sua humanização ao resgate de divindades que se petrificaram em seus polos negativos e que abriram seus emocionais desequilibrados pela desilusão com seus filhos adotivos que se entregaram às ilusões dos sentidos. Esse fator extra-humano dotou seu Mistério da Geração de um atracionismo tão poderoso que quem se ligar a ele só se desligará se o divino Criador romper o cordão que os une. E isso só acontecerá quando esse alguém ligado ao seu mistério transpuser um dos sete portais que conduzem ao Alto do Altíssimo, de onde seguirão para outro orbe superior ao nosso ou conscientemente retornarem para auxiliá-lo no resgate dos seres que se "suicidaram" e foram absorvidos por uma dimensão extra-humana, onde a ilusão é a realidade e a realidade é uma ilusão.

– Obrigado por me revelar tudo isso, vovô. Agora começo a me entender um pouco. E obrigado por ter sido rigoroso comigo durante minha humanização, quando muitas vezes, por estar inconsciente e impossibilitado de assumir meu mistério conscientemente e dar início à promessa que fiz quando ainda era o desaparecido Ogum Sete Estrelas, e consagrei meus mistérios ao resgate dos seres petrificados no tempo e paralisados nos polos negativos das dimensões cósmicas.

– Saiba que senti muito toda vez que tive de ser rigoroso com você e o via ser lançado na dor, na tristeza e na mágoa, pois só assim sua emotividade era anulada e você retornava sua humanização de forma racional. Todas as vezes que tive de ser

rigoroso, a seguir eu tinha de me recolher ao meu centro neutro individual para dar uma vazão silenciosa à minha própria dor e tristeza. Você não imagina como é dolorido ter de punir alguém que amamos, já que, se deixarmos para depois, aí será muito tarde, porque em vez de o ser aquietar-se, ele começa a vibrar a revolta e a sentir-se injustiçado.

Ou agimos com rigor no momento certo ou depois será muito tarde. Você se lembra dos muitos e poderosos Tronos Humanos caídos nas trevas, que você executou quando vivia no corpo carnal?

– Lembro-me sim, vovô. Não foram poucos, sabe?

– Sei, sim. Saiba que eles não haviam sido tratados com rigor quando deveriam ter sido, e chegou um momento em que, ou eram reduzidos a ovoides ou não entregariam passivamente a você os domínios regidos por eles dentro do mistério das divindades petrificadas e paralisadas mas já ligadas ao seu mistério desde o instante em que o desaparecido Ogum Sete Estrelas ajoelhou-se e clamou ao divino Criador que fizesse dele um instrumento da Justiça Divina e da Lei Maior, movido pela fé inquebrantável que o sustentaria como ser pensante e racional até que tivesse se humanizado em todos os sentidos, pois só assim seus mistérios geradores de energias e renovadores da vida adquiriam a tríplice polaridade magnética e poderia ser ativado naturalmente sem entrar em desequilíbrio vibratório, irradiante e gerador. Agora você já não corre o risco de ser possuído pela ilusão dos sentidos, pois assumiu o que mais o incomodava: o seu mistério. E, o que mais o atraía, já tem em tão grande quantidade que mais dia menos dia essa sua emotividade cederá espaço a um aguçadíssimo racional que irradiará fé, amor e vida com tanta intensidade quanto você irradia energias por meio do seu sétimo sentido, que é onde estão alojadas as fontes geradoras de energias que o tornam único entre os Tronos, sejam eles naturais ou humanos, já que seu mistério não foi fechado em sua raiz.

– O que isso significa, vovô?

– Significa que se alguém desejar formar contigo um par energético, no mesmo instante ele abre as fontes que darão sustentação às trocas que começarão a acontecer assim que você possuir o mistério que energizará e que irradiará para o seu as que gera. Você só pode formar par energético com Tronos Femininos, senão se desvirtuará ou anulará o mistério de quem se ligar a você.

Aos seres masculinos você só deve curá-los de suas deficiências energéticas e devolver-lhes o equilíbrio emocional. O máximo que deve fazer nesse sentido é o que tem feito: assentar-se ao lado de seus pais e formar com alguma dc suas irmãs um par, pois aí poderá atuar em um subnível vibratório da faixa onde eles atuam e auxiliá-los com seu mistério.

Já com seus irmãos, você deve proceder como fiz com aquele Exu curador: assente-os à sua direita ou esquerda e dê sustentação a eles para que se harmonizem com as irmãs com quem formavam pares naturais. Certo?

– Certo, vovô. Agora me diga por que meus irmãos venenosos voltam contra mim seus mistérios se eu consagrei o meu e minha vida no sentido de livrá-los de um suicídio coletivo?

O mais lógico não seria eles me auxiliarem e facilitarem minhas atuações, já que os beneficiados serão eles?

– Neto amado, a lógica é uma forma racional de se pensar. Mas eles são seres possuídos por seus vícios emocionais e tiveram a razão turvada pela emoção. Logo, se eles veem o cordão energético que os liga ao seu mistério renovador, pois é a ele que eles estão ligados, eles interpretam isso como uma tentativa de anulá-los ou esgotá-los. Então reagem e voltam contra você os poderosos mistérios cósmicos aos quais estão ligados e são seus ativadores naturais.

– Que droga, não?

– Nem fale! Às vezes é um alívio para muitos quando você reduz um desses seus irmãos às suas sementes originais.

– Vovô, mudando um pouco de assunto, eu lhe pergunto: o senhor é um herdeiro natural do divino Trono das Sete Encruzilhadas?

– Não. Eu sou o que sou: um herdeiro natural do nosso pai maior, o divino Omolu. Mas aquele seu filho...

E vovô, que era observado a distância pelo meu vovô Ogum de Lei, foi impedido de concluir o que começava a dizer sobre meu filho com a chegada intempestiva dele, que ordenou:

– Preserve a lei do silêncio, servo do nosso senhor!

Vovô, saindo de seu estado reflexivo, sacudiu a cabeça e piscou várias vezes antes de perguntar:

– Servo do meu senhor, eu infringi a lei do silêncio sobre os mistérios?

– Ia quebrar, servo do meu Senhor. Mas eu estava atento e observando-o desde que entrou em meditação, mas ficou sintonizado mentalmente com esse outro servo do nosso Senhor.

– Eu quebrei a lei do silêncio em algum momento?

– Só ameaçou quebrá-lo agora e quando disse que o divino Oxumaré não lhe revelou tudo o que precisava saber. Foi naquele momento que meu mistério ativou-se e começou a vigiá-lo. Eu o impedi de concluir o que ia revelando para não puni-lo, logo a seguir, servo do meu Senhor. Só o alertei a tempo porque percebi que você estava em estado reflexivo e não tinha se apercebido do rumo que o diálogo com esse servo do nosso Senhor estava tomando.

– Eu lhe agradeço, servo do nosso Senhor. Minha atenuante é suficiente para que seu mistério não seja ativado contra mim?

– Se não fosse a ignorância desse servo do nosso Senhor, seria. A ignorância dele é suficiente, servo do nosso Senhor.

– Sou um devedor da Lei e de sua vigilância, servo do nosso Senhor – falou vovô tatá Omolu. Eu, inadvertidamente, exclamei:

– Vovô Ogum de Lei, perdoa-me se eu me aproveitei de um momento de reflexão do vovô tatá Omolu para me esclarecer um pouco.

– Neste momento não sou seu vovô Ogum de Lei, servo do meu Senhor. Para você, neste momento, sou o senhor Ogum de Lei, punidor e executor dos ditames da Lei que rege o silêncio sobre os mistérios. Corrija seu modo de dirigir-se a mim, servo do meu Senhor! – ordenou-me o senhor Ogum de Lei.

– Senhor Ogum de Lei, eu me aproveitei da meditação do senhor tatá Omolu e sou culpado por tudo o que parecer ao seu mistério guardião como afronta à lei do silêncio que rege os mistérios. Eu chamo para mim, e só para mim, as punições que o senhor tiver de aplicar.

– Esse é seu desejo, servo do meu Senhor?

– Esse é meu desejo, senhor Ogum de Lei.

– Sua punição será abrandada porque errou movido pela ignorância humana, que leva os seres a se aproveitarem dos seus semelhantes nos momentos de reflexão íntima e da abstração da realidade que acontece nesses momentos.

– Sim, senhor, senhor Ogum de Lei. Sentencie-me que obedecerei e aceitarei passivamente a punição que me impus por me aproveitar de uma abstração do senhor tatá Omolu.

– Eu o sentencio! Sua punição é esta: está proibido de dirigir-se a seus pais, avós, bisavós e tatá-avós. A iniciativa pertencerá sempre a eles. Só terá a iniciativa se for para solicitar o auxílio deles, mas os solicitará como guardiões de mistérios, nunca como seus ancestrais pais, avós e bisavós.

– Sim, senhor, senhor Ogum de Lei. Eu aceito sua sentença e acho justa a punição que impus a mim mesmo.

– Pode se retirar, servo do meu senhor. Recolha-se à dimensão humana!

– Com sua licença, senhor Ogum de Lei, e com a licença de todos os senhores e senhoras guardiões de mistério, peço permissão para me recolher à dimensão humana.

– Permissão concedida, servo do meu Senhor.

Eu me recolhi à dimensão humana e por pouco não me revoltei também, pois eu me aproveitara de vovô, mas só para me esclarecer um pouco. Um forte sentimento negativo começou a vibrar em meu íntimo e meu emocional latejava intensamente, criando em minha mente uma alternativa humana para o que eu havia feito. Eu tentava justificar para mim mesmo meu erro e minha ignorância humana. – Eu preciso saber tantas coisas e ninguém me esclarece nada! – exclamei revoltado. – Tenho formado pares e mais pares e ninguém me diz quem sou ou por que os formava. Logo agora que descubro parte do mistério que me envolve, eis que sou punido com a perda do direito de falar com meus amados pais, avós, bisavós e tatá-avós. Estou impedido de dirigir-me justamente aos que mais amo!

Eu procurei tranquilizar-me um pouco antes que cometesse mais alguma afronta à Lei, mas dali em diante comecei a me sentir o mais infeliz dos seres, pois eu não era um espírito comum, mas sim um Trono Humano, regido por leis específicas e rigorosíssimas, segundo eu viera a descobrir quando me aproveitara de uma abstração de meu tatá-avô Omolu que, creio eu, por causa do amor que sentia por mim, nem se apercebeu que eu estava me aproveitando de sua abstração.

Um silêncio constrangedor abateu-se sobre minha vida, já que, quando meus irmãos mansos me procuravam, não encontravam o ativo Trono de antes, mas sim um apagado espírito humano sem vontade própria, opaco em vários sentidos.

Como eu já não era tão receptivo como antes, aos poucos eles foram rareando suas visitas ao meu centro neutro individual. E, com o passar do tempo, eles se limitaram às visitas ligadas ao trabalho comum desenvolvido no plano espiritual. Mas até essa minha atribuição limitava-se às solicitações pessoais deles, pois eu me fechara tanto que já não captava suas solicitações mentais.

Eu me bloqueara de tal modo que até alguns avisos mentais enviados pelos meus pais, digo, pelos senhores Orixás mediadores, eu já não captava e, ou perdiam-se no meu vazio mental ou os entendia de forma distorcida ou invertida.

Foram tantos avisos entendidos erroneamente que até eles deixaram de enviá-los. Eventualmente um vinha pessoalmente até meu centro neutro para alertar-me sobre as ações traiçoeiras dos meus irmãos falsos e traiçoeiros, que souberam se aproveitar de minha apatia e desinteresse pelo contato direto com meus amados pais-Orixás.

Acho que recebi golpes tão profundos que algumas de minhas faculdades e qualidades foram anuladas ou paralisadas momentaneamente. Mas eu não ligava e minha reação limitava-se a dar de ombros e dizer-me:

– Tudo bem, Trono ignorante! Você merece ser punido pela escória, já que não se mostrou digno quando esteve entre a elite!

Eu fui me desfigurando e em poucos meses já era uma sombra do que havia sido. Mas eu nada fazia para alterar aquele estado de coisas ou meu estado de espírito, cada vez mais negativo.

Eu, que um dia, no passado, havia assumido o compromisso de atuar em favor dos desiludidos com seus mistérios, reduzi-me a um simples Trono gerador das energias imprescindíveis à manutenção dos pares que eu havia formado. E tão apático me mostrava que ninguém mais desejava formar par comigo, um Trono semiparalisado caminhando para um adormecimento profundo.

Só não adormeci totalmente porque um senhor Orixá, que é um dos meus amados pais, não desistiu de me estimular a sustentar meu mistério ativo. Mas mesmo assim eu relutava em ativá-lo por conta própria e solicitei a ele que assumisse pessoalmente essa minha atribuição porque eu não me sentia em condições de interpretar corretamente os pedidos de ativação que me chegavam das dimensões elementais, encantadas e naturais.

Por amor, ele assumiu essa minha atribuição e evitou que eu me reduzisse a uma fonte energética viva que se recusava a pensar, tão grande era minha apatia.

E assim se passaram alguns anos desde que eu me aproveitara de uma abstração para saber algo mais sobre mim mesmo e fora punido pela Lei. Até meu modo de cobrir meu corpo energético havia mudado, pois eu recolhi minhas alvíssimas vestes e o cobri com outras, escuras ou tão opacas quanto meu íntimo. E, quando algum irmão me alertava para essa minha predileção pela veste escura,

eu me limitava a responder que eu havia sido punido pela Lei e era indigno de cobrir-me com uma veste alvíssima.

– Isso não justifica essa sua conduta e modo de se apresentar, irmão amado!

– Eu fui afastado do convívio com aqueles que mais amo. Logo, sou indigno de ostentar uma veste alvíssima. Além do mais, coberto com essa veste opaca, eu não chamo a atenção dos meus irmãos e não tenho de justificar a todo instante que me recolhi porque fui punido pela minha ignorância e descontrole emocional. É melhor assim, sabe?

– Não sei não, irmão fugitivo. Eu sinto que você está desperdiçando uma oportunidade única em toda a sua existência.

– Que existência? Eu fui reduzido a uma sombra e, se usar novamente as minhas vestes brancas, vou escurecê-las e mostrar a todos a extensão da minha ignorância humana. Logo, às sombras o que se tornou sombrio.

–Altere seu estado de espírito que a sombra que criou para si se esvanecerá em um piscar de olhos, irmão do Arco-íris.

– Não me chame por esse nome, por favor!

– Mas esse é seu grau, não?

– Eu não tenho grau algum, irmão das estrelas.

– É claro que você tem! Eu já vi em você os graus conquistados com esforço e dedicação.

– Eu, em minha apatia, gerei fontes que anularam todos os meus graus. Só não anulei um, sabe?

– Qual grau você preservou?

– O de executor da Lei e da Justiça.

– Não!

– Sim, digo eu.

– Qual a razão de tê-lo preservado, já que é o grau voltado para as sombras e para o lado sombrio dos seres?

– Bom, mais dias menos dias meu divino Criador atende a esse meu desejo de suicidar-me, e aí arrasto comigo toda a escória que só não foi lançada em alguma esfera extra-humana porque está sendo sustentada por esse meu...

– Por que você se calou?

– Por nada, irmão das Sete Estrelas. Eu, apesar de desejar o suicídio, ainda vibro um tênue desejo de voltar a ser como era antes de ser punido pela minha ignorância humana. Enfim, é melhor me calar enquanto ainda me resta um único desejo, sabe?

– Sei. Você está agindo exatamente como nossos irmãos venenosos: eles buscam o refúgio das sombras, servem só aos Senhores das horas da noite, mas no íntimo vibram o desejo de retornar aos domínios dos Senhores das horas do dia. Só que deve lembrar-se que você não é um deles, irmão do Arco-íris.

– Quem sabe eu me tornei um!

– Não diga isso. Você se conhece melhor que ninguém e sabe que não é um ancestral irmão venenoso. Sua essência é cristalina pura, puríssima mesmo!

– Mas escureci. Logo, estou me envenenando desde que virei as costas à senhora Guardiã do Tempo e ao próprio divino Trono do Tempo. O resto tem sido consequência desse ato insano cometido em um momento em que o próprio Tempo não estava olhando para mim, justamente por causa de minha ignorância. Saiba que meu cristal já não reflete as cores do Arco-íris. Logo, não tenho esse grau, ao qual perdi naquela ausência do Tempo em minha vida.

– Eu não sabia disso, irmão.

– Agora entende meu desejo de suicidar-me, e por que conservei meu grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina?

– Nada justifica o suicídio mental ou qualquer tipo de suicídio.

– Eu não desejo só o suicídio mental. Anseio pelo espiritual e pelo energético. Eu quero ser apagado para sempre.

– Que loucura, irmão!

– Loucura... é isso! Eu enlouqueci e ainda não tinha percebido. Mas você me definiu corretamente. Logo, estou no caminho certo que arrastará comigo a escória das trevas. Quando eu for lançado no vazio do Tempo, levarei comigo toda ela. Deus haverá de atender meus clamores!

– Santíssimo dos santos! – exclamou aquele meu irmão, logo cobrindo seu rosto com as mãos para ocultar suas lágrimas de tristeza por me ver blasfemando ao solicitar a Deus que me anulasse em todos os sentidos. Logo ele se retirou do meu centro neutro individual, pois eu já não tinha um centro neutro coletivo. Minha apatia o havia fechado até para mim. Nem nele eu desejava mostrar-me aos meus irmãos, de tanta vergonha, mágoa e tristeza que eu sentia por ter sido punido quando minha ignorância turvou minha razão e meu bom senso, induzindo-me a aproveitar-me de meu... digo, do senhor Orixá tatá Omolu.

Então meus irmãos mansos afastaram-se do meu centro neutro individual e deixaram de solicitar-me em suas ações.

Vendo aquilo acontecer, limitei-me a dizer para mim mesmo: ótimo, ignorante! Mais dias menos dias o divino Criador verá que você é um inútil e atenderá aos seus clamores por um fim em todos os sentidos, estúpido ignorante!

Mas o tempo foi passando e, de tanto clamar e não ser atendido, até de clamar eu deixei, apatizando-me por completo. A única exceção era meu mistério, que continuava a ser ativado por quem estava na outra ponta dos cordões energéticos. Se não fosse por isso, eu teria me desfigurado e paralisado totalmente pela minha apatia e loucura mental.

Totalmente isolado e mais solitário que nunca, eu contemplava só o plano material e tentava encontrar alguma distração para afastar de minha mente aquela morbidez que me fazia desejar o suicídio. Mas as poucas coisas que me atraíam estavam fora do meu alcance, pois pertenciam aos espíritos adormecidos na carne, aos quais eu chamava de felizardos, porque não se preocupavam com nada além de suas vidas materialistas.

Quando minha apatia estendeu-se ao meu emocional, eis que meu pai Orixá responsável pelo meu mistério aproximou-se de mim na dimensão espiritual e falou-me:

– Servo do meu Senhor, você já teve tempo suficiente para ver que as emoções do plano material só alegram seus irmãos encarnados, não?

– É isso mesmo, meu senhor. Para mim elas já não estão disponíveis, se é que algum dia estiveram.

– Então você está pronto para reiniciar a formação de pares energéticos.

– Eu não desejo formá-los, meu senhor.

– Você não é senhor dos seus desejos, servo do meu Senhor. A você só resta obedecer às minhas ordens e deixar fluir as Vontades do seu divino Criador, que o colocou de frente para as trevas.

– Qual delas?

– Todas. Inclusive as trevas humanas.

– O que desejei, mas o senhor Guardião Naruê impediu-me de concluir, agora meu divino Criador me concede. Que pena! Agora, quando já não me importo ou me incomodo com a existência delas e até as acho essencial aos seres, é que um desejo não concretizado transforma-se em uma vontade do meu divino Criador, que quer fluí-la por meio de mim. É uma pena mesmo, meu senhor.

– O que você teria feito se o senhor Guardião Naruê não o tivesse proibido?

– Eu teria me voltado de frente para as trevas e levaria toda a escória refugiada nelas a um fim, final mesmo, meu senhor.

– O que você ganharia com isso?

– Eles deixariam de sofrer e de incomodar os que só desejam um pouco de paz. Eu me incluo nos dois grupos, meu senhor.

– Como assim, meu filho?

– Eu estou proibido de ser tratado familiarmente, meu senhor. Cuidado, pois a Lei poderá atingi-lo por causa do amor que ainda vibra por mim.

– O amor que vibro por você é imortal, meu filho.

– Eu insisto em alertá-lo para a punição imposta a mim por minha ignorância, meu senhor.

– Você não me ama mais, meu filho?

– Meu senhor, pela última vez eu o alerto para os riscos da Lei.

– Eu corro todos os riscos, meu filho. Mas quero que me responda se já não me ama mais.

– Meu senhor, eu gerei em mim mesmo uma fonte que gerou energias anuladoras dos meus sentimentos de amor. Esse meu sentido foi apatizado, meu senhor.

– Por que você fez isso a si mesmo?

– Eu perdi o convívio com os que eu mais amava, e o único jeito de suportar minha tristeza e mágoa foi anulando minha capacidade de amar. Se não amo, não sofro. Mais dia, menos dia, eu consigo desenvolver uma fonte que gerará uma

energia que anulará o sentimento de saudade dos tempos passados, se é que ela já não se abriu, porque já não sinto vontade de retornar ao convívio íntimo de antes. É isso, meu senhor! Hoje sou uma sombra viva e pensante que já não deseja nada. Nem de se lembrar do passado.

– Saiba que o senhor Ogum de Lei levantou a punição que você se impôs.

– Quando ele fez isso?

– Já há algum tempo. Você não tem ouvido as mensagens de seus pais, avós, bisavós e tatá-avós?

– Eu apatizei minha audição superior, meu senhor. Já não ouço nada.

– Por que você fez isso, meu filho?

– Eu fiz para não voltar a incomodar meus senhores, pois não os ouvindo, não voltava minha atenção para eles.

– Você não está feliz porque a punição foi levantada?

– Minha tristeza foi tanta que gigantescas fontes de tristeza se abriram em meu íntimo e entristeceram-me em todos os sentidos, meu senhor. Eu já não sei como é ser feliz ou como é bom vibrar felicidade. Mas está tudo bem! Eu me satisfaço com a felicidade alheia e fico contemplando-a nos meus irmãos encarnados, que conseguem ser felizes e vibram felicidade.

– Seu vovô Ogum de Lei está comigo e gostaria de lhe falar.

– Eu só ouço no meu nível vibratório espiritual, meu senhor. Se da outra vez gerei a cegueira em minha visão natural, desta gerei a surdez em minha audição natural. Então peço que o senhor Ogum de Lei recorra a este meu único recurso auditivo caso deseje comunicar-se comigo.

O senhor Ogum de Lei comunicou-se comigo por meio de minha audição humana e falou-me:

– Meu amado neto, não é o senhor Ogum de Lei quem deseja falar-lhe, e sim seu amado vovô Ogum de Lei. São duas coisas distintas, sabe?

– Eu não sei, meu senhor. Eu descobri em mim mesmo que um mistério e o seu portador são indissociáveis. Um está no outro e os dois formam um todo.

– Não são a mesma coisa, meu neto.

– São sim, meu senhor. Esse meu mistério está em mim e comanda a minha vida, que se resume a esse meu mistério, já que não consigo anulá-lo em mim mesmo, ou desativar essa geração contínua de energias.

– É isso que tanto o incomoda. Meu neto?

– Sim, senhor, meu senhor.

– Você não deseja voltar a chamar-me de seu amado vovô Ogum de Lei?

–Eu gerei em meu íntimo uma fonte que gera energias que me impedem de recorrer ao tratamento familiar ou fraternal.

– Por que você fez isso, meu neto?

– Foi para não incorrer no erro de chamar de pai, avô, bisavô ou tatá-avô algum dos meus senhores Orixás. Assim me preservei esse tempo todo de qualquer liberalismo humano ou de algum arroubo emotivo, meu senhor.

– Você não dissociou o inflexível senhor Ogum de Lei que o puniu do seu amado e amoroso vovô Ogum de Lei, não é mesmo?

– Eu entendi perfeitamente o que o senhor Ogum de Lei fez. Eu também não consigo me furtar aos meus deveres como Trono da Geração, meu senhor. E imagino que sua outra personalidade sofreu muito, talvez tanto quanto minha extinta personalidade também sofreu até que a anulei em minha vida e só me restou esta, que é a que deve ser preservada até que o divino Criador rompa esses cordões energéticos, e aí o que restar de mim seja lançado no vazio de alguma esfera extra-humana, onde até a forma humana desse meu mistério será diluída pelo seu vácuo existencial.

– Você regrediu muito, meu neto amado.

– Foi o máximo que consegui, meu senhor. Mais que isso me foi impossível ou não me foi permitido pelo divino Criador, pois muitos cordões dependem dessa minha outra personalidade. Saiba que o que o senhor chama de seu neto amado é só uma sombra dele, meu senhor Ogum de Lei.

– Anule essas fontes geradoras de energias que o tornaram um ser sombrio, meu neto amado.

– Um Trono da Geração não tem o poder de fechar as fontes que se abrirem em seu mistério gerador, meu senhor. Este recurso não faz parte das atribuições de um Trono da Geração, senão nós anularíamos em nossos mistérios as fontes que, se foram abertas, é porque atendiam a urgentíssimos imperativos do próprio mistério que somos em nós mesmos... e que muitas vezes nos constrangem porque temos que fazer o que muitos julgam de forma errada, pois não entendem que se somos como somos, é porque assim nosso divino Criador nos fez, e assim nos quer.

– Você sente vergonha de ser tão humano?

– Sinto, meu senhor. Não é fácil para mim me sentir observado a distância, desejado ou usado em meu sétimo sentido, que é um mistério em si mesmo que assumiu uma aparência humana porque sou um Trono da Geração que optou pela humanização em todos os sentidos. Como explicar que meu mistério vive ativado porque ele capta os desejos que devem ser realizados? Como justificar ou aceitar em mim algo que já conduziu muitos à trilha que induz o ser a desejar o suicídio? Como abordar um mistério tão desejado por uns e tão rejeitado por outros? Como explicar aos meus irmãos espiritualizados que só sou como sou porque sou o que sou: um Trono da Geração e da Renovação que se humanizou em todos os sentidos, mas que conservou seus atributos e atribuições ancestrais?

– Não sinta essa vergonha, meu filho!

– Eu a gerei em tão grande quantidade que agora não consigo sair do último refúgio que me restou: meu centro íntimo individual, pois até o coletivo eu já anulei, e com ele anulei todas as minhas defesas cristalinas.

– Filho! Filho! Filho! – exclamou meu pai, abraçando-me e consolando-me, pois dos meus olhos tristes as lágrimas corriam abundantemente. – Nós entendemos seu mistério e, porque o entendemos, o amamos muito mais que aos nossos outros amados filhos!

– Sim, meu neto! – exclamou o senhor Ogum de Lei. – Nós o entendemos e amamos, e seu divino Criador o entende e o ama muito mais que nós, porque foi Ele que o tornou assim porque assim o desejou. Você é fruto de um desejo do seu divino Criador, meu neto! Ele o gerou e o fez assim porque só assim Ele poderia individualizar-Se em você e realizar esse desejo d'Ele por meio de você.

Como Ele poderia renovar os que envelheceram porque deixaram de vibrar o desejo de serem iguais a Ele, já que semelhantes, todos somos?

Como Ele desejou renovar a fonte de renovação dos desejos nos seus mistérios, então Ele desejou gerar uma individualização do Seu mistério gerador que pudesse gerar energias que renovariam os desejos em quem havia deixado de desejar e apatizara-se. Ele gerou você e individualizou-Se nesse seu mistério, que em você se manifesta como desejo a ser realizado!

Você não pode ver isso que vou revelar-lhe agora, meu neto. Mas, creia-me, é a mais pura verdade, está bem?

– Sim, senhor, meu senhor Ogum de Lei.

– Saiba que nós, seus pais, avós, bisavós e tatá-avós, temos uma visão divina das coisas do divino Criador que é permanente, e a ela recorremos sempre que julgamos necessário. E, se afixamos nossos olhos no seu mistério, é porque dele saem dois cordões divinos, só visíveis a quem possui nossa visão, e que se projetam ao infinito e alcançam uma dimensão tão única quanto indescritível. Nós vemos na raiz desse seu mistério dois polos energéticos que são alimentados diretamente por ela. Isto é o que tanto nos atrai: seu mistério está ligado diretamente a essa dimensão antes nunca vista por nós porque está no íntimo de Deus.

Sempre que você forma um par com alguma de suas irmãs portadoras de mistérios, nessa raiz surgem fontes geradoras ligadas aos seus dois polos magnéticos, que estão ligados àquela dimensão única.

Saiba que todos os tipos de energias já identificadas, olhando seu mistério, as detectamos naquela dimensão, impossível de ser alcançada por nós ou quem quer que seja, pois um cinturão magnético repelente impede qualquer aproximação. E quem tentou projetar-se até ela simplesmente ficou paralisado assim que pensou em projetar-se.

Portanto, não deixe de gerar energias por meio de seu mistério, pois ele é inesgotável. E não se sinta inferior a nenhum de seus pais, porque você não é. Apenas tem de atuar em um campo inacessível aos nossos mistérios porque é todo seu... e de mais ninguém.

– Eu sinto muito, mas já não desejo formar par com mais ninguém e não quero possuir mais nenhum mistério alheio.

– Por que não?

– Possuir mistérios alheios implica possuir mais atributos e atribuições sem possuir as qualidades de quem os porta naturalmente. E, além do mais, a posse de um mistério implica em ser regido por ditames rigorosos, pois passamos a ser responsáveis por algum dos aspectos de quem for beneficiário deles, meu senhor.

– É claro que implica! Afinal, mistério e vida são sinônimos. Temos de nos lembrar disso até que se torne parte de nossa consciência. Saiba que todos os Tronos que não observaram a importância dessa consciência e não a desenvolveram, com o tempo desvirtuaram suas atuações e perderam suas finalidades perante a Lei Maior.

– Eu já as perdi, meu senhor. O senhor é o aplicador da Lei nos domínios do divino Trono da Geração. Logo, não se constranja quando tiver de me punir. Não estará punindo um ser vivo e pensante, mas tão somente uma sombra geradora de energias que anseia adormecer para sempre em um vazio existencial.

– Se eu tiver de puni-lo, farei isso. Mas não é sobre isso que desejo falar-lhe, meu filho.

– Sobre o que deseja falar-me, meu senhor?.

– Sobre o fato de você estar de frente para as trevas, meu filho.

– Agora já não desejo executar meus irmãos venenosos escondidos nelas. Que sejam engolidos pelos horrores que semearam e agonizem para sempre nos abismos de suas ilusões desumanas. O inferno para todos os meus irmãos venenosos é o que mais desejo e espero que os poderosos Senhores das Trevas lancem-nos em tormentos mil vezes piores que os que eles vêm tentando lançar-me desde que minha humanização tornou-se inevitável. Eles que se digladiem, destruam-se e se atormentem por toda a eternidade!

– Você está muito magoado, meu filho.

– Estou sim, meu senhor. Eu quero que eles rastejem aos pés daquele espírito das trevas que reina absoluto e implacável sobre a escória pecadora! Que os malditos vermes venenosos jamais consigam elevar do solo negro das Trevas suas pestilentas cabeças venenosas!

– Não deseje uma coisa dessas aos infelizes pecadores, meu filho. Eles são os que mais precisam de nossa ajuda.

– Em mim essa escória pecadora encontrará a ajuda final que os lançará na dor absoluta em todos os sentidos, meu senhor!

– Meu filho, acalme-se, senão começará a gerar energias tão negativas...

– Eu já abri fontes geradoras de energias do mais puro ódio aos seres venenosos, meu senhor. E as mantenho neutralizadas à espera do primeiro que ousar elevar sua maldita cabeça acima do solo negro das Trevas, só para atingir-me. Essa energia é tão pura e tão poderosa que uma gota dela inunda todo um domínio sombrio e venenoso. Se o senhor veio me perguntar se estou pronto para os infernos, digo-lhe que estou como antes nunca estive. Aponte-me quem devo executar, que no mesmo instante o verme não desejará outra coisa além de seu fim final e inexorável.

Eu falei aquilo com tanta frieza, que o senhor Ogum de Lei perguntou-me:

– Servo do meu senhor, a Lei é isso para você?

– Não senhor, meu senhor. Mas se o divino Criador me colocou de frente para as trevas, presumo que é para eu atuar nelas com meu grau de executor.

– Você presumiu errado, servo do meu senhor. A Lei tem uma atuação muito diferente do que imagina. Ela só atua no sentido de ordenar e redirecionar a vida dos seres. Nunca ela se ativa em nível individual para lançar alguém na dor final e absoluta. A Lei só atua se for ativada pela Justiça Divina!

– Os sentidos da Lei estão desfigurados em meu íntimo, meu senhor Ogum de Lei.

– Estão sim, servo do meu senhor. Meu mistério guardião dos princípios que regem as atuações já se ativou e começou a vigiar essa sua poderosíssima fonte energética pura, e caso você a ative em função dos seus deformados sentimentos, saiba que será punido com um rigor exemplar.

– Essa fonte só é ativada quando algum irmão venenoso volta seu ódio e seu mistério contra mim ou meu mistério. Logo, ela é neutra e nunca é ativada por mim. Mas quem se ligar a ela por meio do ódio, no mesmo instante começa a ser inundado com tanta intensidade que é só uma questão de tempo para que ultrapasse seus limites e adentre no campo de execuções finais do meu grau executor, ao qual tenho preservado porque não tomo nenhuma iniciativa. Eu não amo e não odeio. Apenas reajo conforme as vibrações que me são enviadas. Então, quando consigo captar alguma vibração, uma fonte correspondente começa a gerar e enviar energias a quem se ligou mentalmente comigo.

– Então é isso! – exclamou meu pai Orixá responsável pela ativação do meu mistério. – Finalmente descobrimos a fonte desse seu estado de espírito, servo da Lei e da Vida. Você está recebendo vibrações e mais vibrações mórbidas, apatizadoras e suicidas, mas, como não as capta, interpreta-as como se fossem seus próprios sentimentos e gera energias que o tornam mórbido, apático e deseja suicidar-se ou adormecer para sempre.

– Está tudo bem, meu senhor. Se fosse para eu executar quem está vibrando algo contra mim, com certeza eu descobriria quem está ativando fontes em meu íntimo. Como não é, então vou consumindo as energias que estou gerando. É a Lei, meu senhor.

– É isso! Degenerados e astutíssimos Tronos da Geração, recolhidos pela Lei nas trevas humanas, estão tentando paralisá-lo mentalmente, pois acreditam que paralisarão seu mistério e... um instante, pois acabei de descobrir algo.

Meu pai Orixá guardião do meu mistério solicitou a presença de meu vovô tatá Omolu e perguntou-lhe:

– Servo do nosso Senhor, desde quando o reverso desse Trono da Geração é o Trono da Morte?

– Desde sempre. É por isso que meu campo preferencial de atuação é às costas dele.

– Por que só agora fico sabendo disso?

– Por que você nunca me perguntou, oras!

– Desculpe. Acho que só agora entendi a atração mortal que esse Trono enigma exerce sobre os desvirtuados Tronos da Geração, caídos nas trevas de

suas ignorâncias. Que coisa! Só agora vejo o reverso desse meu mais enigmático filho e herdeiro natural!

– Antes de ele tornar-se seu herdeiro, já era meu, sabe? – falou-lhe o senhor tatá Omolu.

– Agora sei. Com sua licença, pois eu, como guardião dos mistérios desse Trono enigma, vou ativar alguns dos mistérios que darão um fim definitivo a esses desejos mortais.

– Espere um instante porque eu guardo as costas dele, e em uma ação dessa envergadura tenho de estar no meu posto. E tem mais uma coisa.

– O que é?

– Bom, quando você ativar alguns mistérios, talvez outros despertem e aí...

– Entendo. Então é melhor convidar cada um dos coinstrutores dele nesse grau.

– Eu acho melhor, servo do nosso Senhor.

– Quando o senhor acha algo, eu tenho certeza, sabe?

– Sei, sim. Comece a atuar na mente dele e assuma o comando da ação que eu o secundarei nos mistérios mortais do divino Trono da Morte. E cada um dos coinstrutores o secundarão nos campos onde são guardiões dos divinos Tronos da Lei Maior e da Justiça Divina.

Nisso, alguém, afastado até então, falou:

– Com sua licença, meus senhores. Mas para uma ação dessa envergadura, além da potência, esse Trono da Geração precisará do vigor...

– Exu!!! – exclamaram todos os meus pais, avós, bisavós e tatá-avós, já à minha volta, e à espera da ativação dos mistérios que se manifestariam assim que meu grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina fosse ativado pelo Orixá guardião do meu mistério, que outro não era senão meu amado pai Guardião Beira-mar. Então Exu falou:

– Eu sei que sempre que meus senhores podem, deixam-me de fora. Mas, porque não estava envolvido na sustentação desse enigmático Trono da Geração, então descobri algo importantíssimo que, caso não souberem como lidar e controlar, o porão a perder já nessa primeira ação de envergadura extradimensional e, talvez, extra-humana.

– Extra-humana, Exu? Foi isso que você afirmou? – perguntou-lhe o senhor Guardião Naruê.

– Meu senhor, eu não afirmei nada. Apenas disse que talvez. Certo?

– Entendo, Exu.

– Bem, com sua licença, meus senhores. Desculpem-me se atrasei a ativação desse enigma humano. Está bem?

– Não está bem não, Exu. – respondeu o senhor Guardião Naruê.

– Eu não fui desculpado, meu senhor?

– É claro que foi. Só que insisto em dizer que não está bem.

– Por que não, meu senhor?

– Você sabe por quê, Exu.

– É aquele "talvez", meu senhor?

– Não, Exu.

– Meu senhor, seja específico, senão ficarei confuso.

– Eu nunca o vi confuso com o que deixa subentendido e com o que já sabe. E você sabe de algo que não sabemos sobre esse nosso filho enigma.

– Eu e essa minha boca grande sempre causamos uma segunda impressão ou opinião, meu senhor.

– Isso é verdade, Exu.

– Por causa dessa minha boca grande, meus senhores nunca me convidam para ações de envergadura ou me querem perto de seus domínios. No máximo, concedem-me um grau à esquerda de seus graus e campos de ação.

– Isso é o que você deseja, Exu?

– O que foi que eu fiz agora, meu senhor?

– A segunda impressão deixa transparecer que você deseja um grau à esquerda desse nosso filho enigma. É isso, certo?

– Eu não possuo desejos, meu senhor. Só interesses, e nada mais!

– Então você está interessado em adquirir um grau à esquerda desse Trono da Geração?

– Meu senhor me perguntou se estou interessado, certo?

– Perguntei sim, Exu. Você está interessado?

– Bem, como Exu não recusa uma oferta, então respondo que aceito essa sua oferta, meu senhor.

– Então assuma seu grau à esquerda do grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina desse nosso filho enigma, que ele já é seu.

– Um instante, meu senhor. Antes de possuir esse grau e revelar-lhes o que talvez não saibam, não é melhor consultarem esse enigma humano e saberem se ele deseja possuir meu mistério e conceder-me um grau à esquerda do seu grau de executor? Afinal, os Tronos humanizados se sentem tão autossuficientes que vivem me dispensando de suas esquerdas e me afastando em definitivo de seus domínios, que, se são vastíssimos, no entanto são tão vulneráveis quanto as trevas humanas, que estão abertas à escória espiritual, que se apossa de vastos domínios dentro delas e a partir daí não dão satisfação nem aos Tronos Naturais nem aos seus irmãos Tronos humanizados. A escória espiritual é um problema insolúvel, não é, meu senhor?

– É sim, Exu. Nela ninguém sabe onde começa um domínio ou quais são os limites dos seus desvirtuados regentes humanos.

– Tudo porque aqueles Tronos humanizados não me concederam um grau à esquerda do mistério deles e até me afastaram em definitivo de seus domínios.

– Está certo, Exu. Pode consultá-lo.

– Conceda-me essa honra, meu senhor. Lembre-se de que ele é humano e pode, mais tarde, alegar que me aceitou porque não me conhecia, mas confiava no senhor. Eu já vi isso acontecer antes, meu senhor!

– Eu também, Exu. Até comigo isso já aconteceu.

– Ótimo! Vou consultá-lo, meu senhor.

– Um momento que vou abrir uma faixa de comunicação mental entre ele e você, e avisá-lo de que falará diretamente com você.

– Eu mesmo abro essa faixa, meu senhor.

– Eu não recomendo, Exu. Mas se você quiser, abra-a.

– Por que o senhor não recomenda, meu senhor?

– Ele é um Trono Humano, sabe?

– Eu sei, meu senhor. Já estou acostumado a enganar... digo, a negociar com esses Tronos. Está bem?

– Se para você está bem, então está certo. Abra uma faixa só sua de comunicação mental com esse Trono Humano, Exu.

– Com sua licença, meu senhor Guardião Naruê!

– Licença concedida, Exu.

O fato é que Exu ativou em nível mental seu mistério vigoroso e, no instante seguinte, começou a ser inundado por um fluxo de energias que o paralisou mentalmente por um instante para, no seguinte, liberá-lo. Então Exu perguntou ao meu pai Guardião Naruê:

– Meu senhor Guardião Naruê, o que aconteceu que não consegui abrir uma faixa própria de comunicação com esse Trono Humano?

– Não sei, Exu. Mas acho que algo saiu errado, não? Você está um tanto zonzo, não?

– Se o senhor acha, eu tenho certeza.

– O que o faz crer que algo saiu errado?

– Esse Trono Humano é o mais safado dos que eu já vi até agora, meu senhor.

– Por que você o chamou de safado, Exu? Isso implica uma punição rigorosa pela Lei dos tratamentos para com os Tronos.

– Desculpe-me, meu senhor. Mas esse Trono Humano apossou-se do mistério do meu vigor.

– Em qual sentido, Exu?

– Em todos. E isso é apropriação indébita de mistério alheio, pois eu não concedi a ele a posse do meu.

– Ele tem consciência disso?

– O senhor acha que ele tem?

– Eu acho que não. Se ele tivesse consciência de que estava possuindo o mistério do seu vigor, meu mistério punidor das apropriações indébitas teria sido ativado no mesmo instante. Como não foi, então você não deve tratá-lo como se fosse um subalterno seu. Mas, como você faltou com o respeito para com um Trono Humano ainda inconsciente do alcance de seus mistérios, então serei obrigado a invocar...

– Por favor, meu senhor Guardião Naruê! Não conclua o que tem em mente! Não antes de ouvir-me!

– O que deseja dizer-me, Exu?

– Eu não sabia que ele não tinha consciência de que havia possuído meu mistério sem minha autorização. Logo, solicito uma segunda opinião antes que tome uma medida que talvez nem seja preciso, sabe?

– Ainda não sei, Exu. Mas vou solicitar uma segunda opinião ao senhor tatá Omolu.

– Não!! Estou perdido, meu senhor!

– Você recusa uma opinião do senhor tatá Omolu, Exu?

– Não, meu senhor. Eu só disse que estava perdido. Só isso, meu senhor.

– Para dizer uma coisa dessas é porque você prejulgou a opinião que ele ainda não emitiu, e já a achou desfavorável a você, Exu. Você duvidou da imparcialidade dele na emissão de uma segunda opinião?

– Não, meu senhor.

– Então o que o levou a se achar perdido antes de ouvi-lo?

– Bom, uma segunda opinião emitida por ele o tornará automaticamente executor da punição que me atingirá, caso eu seja julgado culpado por tratamento desrespeitoso.

– Você está complicando tudo, Exu. Olhe só a confusão que você criou só por causa de um "talvez". Não acha que é muito por algo que talvez não valha os riscos que essa confusão acarretará, caso você continue ocultando o que talvez nós já saibamos?

– Meu senhor acha que já sabem?

– Eu não disse que já sabemos, e sim que talvez saibamos. Portanto, não distorça o sentido do que digo, pois minha fala é reta e direta e não admito um segundo sentido ou intenção para não ter de me sujeitar a uma segunda opinião. Exu, você está tentando confundir-me com essa sua segunda intenção?

– Não, não e não, meu senhor.

– Então o que tem a dizer após tanta confusão?

– Consiga-me um grau à esquerda desse Trono Humano enigmático, e revelo o que andei descobrindo em troca da diluição de todas essas confusões. Está bem assim, meu senhor?

– Para você está bem assim, Exu?

– Para mim está, meu senhor.

– Então está certo. Eu conseguirei um grau para você à esquerda do grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina desse Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida. E, caso o seu talvez se confirme como algo que nos passou despercebido, então lhe concederei a posse consciente do mistério renovador que ele traz na raiz de seu mistério gerador.

– Eu dispenso a posse deste mistério renovador, meu senhor. Mas me satisfarei com a posse do mistério gerador dele.

– Você não se incomoda que ele seja um Trono Humano da Geração?

– Não, senhor. Eu sei lidar com esses Tronos humanizados.

– Então lhe concedo a posse do mistério gerador desse Trono Humano, Exu!

– Meu senhor não ficará bravo caso eu o deixe com dupla função, como aconteceu com aquele Trono humanizado que me concedeu a posse de seu Mistério da Geração? Olha que eu abri uma fenda na raiz do mistério dele, meu senhor! He, he, he... que Trono panaca que era aquele! Acho que a humanização dele o deixou tão imbecil quanto os humanos. He, he, he!

– Eu não me preocupo, Exu. Só que você está se confundindo, sabe?

– Não sei não, meu senhor.

– Acho que você, na sua afoiteza, não me entendeu direito ou não prestou a devida atenção, porque eu não disse que esse Trono foi humanizado, e sim que ele é um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida. Logo, esse Trono não é igual àquele, Exu.

– Não?..?!! Meu senhor falou que ele é um Trono Humano?

– Falei, Exu.

– Eu entendi que o senhor se referia a um Trono humanizado, meu senhor.

– Mas eu disse que ele é um Trono Humano, Exu. Logo, você terá de possuir o mistério dele de forma humana. E tenho certeza de que ele o renovará, e logo você assumirá uma nova natureza e forma, pois aquela raiz gera formas femininas em tudo o que toca... e aí concede sua posse a quem irá beneficiar-se de suas renovadoras energias ou de suas fontes geradoras delas.

– Assim eu nunca vou possuir o mistério dele, meu senhor!

– Por que não?

– Eu já perdi parte do meu símbolo totêmico nos domínios da Ninfa da Morte. E, se eu apontar meu cetro na direção dele, minha natureza será alterada e me afeminarei.

– Isso não é tudo, Exu. Um fluxo de energias anulará esse seu vigoroso cetro e no instante seguinte surgirá no lugar dele uma...

– Assim não dá, meu senhor. Eu abdico do direito de possuir o mistério gerador desse Trono Humano.

– Eu não sei se vou conceder-lhe essa renúncia a um direito adquirido, porque você o pediu e eu lhe concedi.

– Bom, já que não posso abdicar dessa posse, então vou possuir o mistério dele por trás, meu senhor.

– Será por trás ou pelo reverso dele, Exu?

– Será por trás, meu senhor. E sem duplo sentido. Está bem assim?

– Para você está bem assim, Exu?

– Para mim está, meu senhor.

– Eu lhe concedo a posse do mistério dele por trás, Exu. Mas acho que essa posse contraria seus interesses, sabe?

– Não sei não, meu senhor. Mas o senhor sabe de algo que eu desconheço?

– Eu sei e não vou dizer-lhe. Não antes de você libertar todos aqueles Tronos Femininos que se humanizaram e, por não saberem que tudo o que você diz tem um duplo sentido, concederam-lhe a posse dos seus sétimo sentido, aos quais você esgotou em pouco tempo porque esse seu cetro totêmico só absorve as energias

delas e não lhes devolve nenhuma em troca. Você as inutilizou porque as esgotou em todos os sentidos por meio do seu sétimo sentido, Exu!

– Meu senhor fala com um certo rancor, meu senhor?

– Não, Exu. Eu falo com a satisfação dos que assistirão à reparação final de seu dualismo verbal.

– O que há por trás dele, meu senhor? Eu tenho o direito de saber antes o que me aguarda por trás.

– Eu já impus uma condição, e não vou retirá-la. Eu não revelo nada até você libertar todos os Tronos Femininos que se humanizaram e que, por não conhecerem seu dualismo verbal, se tornaram inúteis depois que tiveram seus mistérios possuídos pelo seu.

– Será que o risco é tão grande assim, meu senhor?

– Eu acho que é, Exu.

– Se o senhor acha, então tenho certeza de que é. Eu vou desligá-las do meu cetro totêmico, meu senhor. Só não sei o que fará com elas, já que se tornaram inúteis.

– Desligue todas, Exu. Eu saberei o que fazer com elas.

– Já desliguei, meu senhor Guardião Naruê.

– Ainda não, Exu.

– Tenho certeza de que desliguei todos os Tronos Femininos que o senhor exigiu, meu senhor.

– Por enquanto não. Você só desligou os Tronos Femininos da Geração que se humanizaram.

– Era delas que estávamos falando, não?

– De quem você estava falando não me interessa. Eu exijo que desligue do seu cetro totêmico todos os Tronos Femininos que foram humanizados. Eu não especifiquei por que eu me referia a todos, Exu!

– Está certo. Não me lembrei que meu senhor só fala de forma reta. Já desliguei todos os Tronos Femininos que foram humanizados.

– Ainda não, Exu! Você só desligou os Tronos-mães. Portanto, estão faltando as filhas delas, certo?

– Peço licença para discordar, meu senhor.

– Se tiver fundamento, tem licença de discordar, Exu.

– Eu tenho certeza de que tenho, meu senhor.

– Licença concedida, Exu. Pode discordar!

– Meu senhor, eu não possuí os mistérios das filhas desses Tronos Femininos que foram humanizados. Eu só possuí os Tronos-mães, e ninguém mais. Agora, se elas vieram com suas mães, aí não tenho nada a ver e nada a devolver-lhe.

– Exu, filho de peixe não é peixinho?

– É sim, meu senhor.

– Então filhas de Trono são troninhos, não?

– Não, meu senhor. Eram só potenciais Tronos Femininos.

– Posso solicitar uma segunda opinião?

– Só se eu puder indicar quem irá emiti-la, meu senhor.

– Direito concedido, Exu.

– Eu indico o senhor Ogum de Lei, meu senhor.

– Então ouçamos o senhor Ogum de Lei emitir uma segunda opinião, Exu. – e meu pai Naruê solicitou de meu avô Ogum de Lei uma segunda opinião, que ele deu:

– Exu tem razão. Filhas de Tronos-mãe são potências Tronos. Mas não são Tronos, pois se forem desligadas das mães, elas perdem suas qualidades e nunca chegarão a Tronos-mãe por si mesmas.

– Eh, eh, eh! – sorriu Exu, ao ver a segunda opinião emitida pelo senhor Ogum de Lei dar-lhe razão.

Mas meu pai Naruê falou:

– Sinto por você, Exu. Eu tentei livrá-lo de um "fim", no exato sentido que essa palavra tem para esse Trono Humano. Você sabe qual é o sentido que ela tem para ele, não?

– É o mesmo que ela tinha quando ele a usava no plano material, meu senhor?

– É sim, Exu. Mas não lhe revelarei como você obteve esse fim quando não aceitou minha opinião reta de que filho de Trono é troninho, tal como filho de peixe é peixinho.

– Essa sua opinião reta tem fundamento, meu senhor?

– Tem, Exu. Mas eu abdico de comentá-lo. Afinal, você poderia ter solicitado o fundamento dela antes de emitir sua opinião. E você não fez isso quando teve oportunidade, certo?

– Isso é certo, meu senhor Guardião Naruê. Mas acho que no seu fundamento está o fim a que o senhor se referiu, não?

– É, está sim. Mas você não entendeu que eu queria afastar de sua vida o fim que você conquistou com a não atenção à minha opinião reta. E além do mais, acho que assim que você possuir por trás o mistério desse Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida, aí todos os senhores aqui presentes confirmarão que minha opinião reta não comportava uma segunda, porque, ao emiti-la, eu visava preservá-lo. Mas quando você solicitou uma segunda opinião, ela já não era reta e saiu torta. Agora, caso você resista à posse por trás do mistério desse Trono Humano, com certeza não resistirá ao que o alcançará assim que for ativado nele seu grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina. Depois não diga, ou melhor, não poderá dizer que fui desleal com você, Exu.

– O senhor acha ou tem certeza que não resistirei ao que me alcançará assim que o mistério executor for ativado?

– Eu tenho certeza, Exu. Sinto muito, mas tentei evitar que você conquistasse para si o direito a um fim, na acepção que esse terno tem para esse Trono Humano.

– O que ele irradiará quando for ativado, meu senhor?

– Entre outras coisas, um fogo vivo que se alimenta de energias sexuais negativa, Exu.

– Femininas ou masculinas, meu senhor?

– De ambas, Exu.

– Onde serei colocado em prova, meu senhor?

– No desconhecimento do fundamento de minha opinião reta, Exu.

– É, acho que meu senhor quis me livrar de um fim humano, não, meu senhor?

– Errado, Exu. Esse fim humano é, aos meus olhos, muito desumano porque o fogo a que me referi será absorvido pelo seu absorvente cetro totêmico e se alimentará de suas vigorosas energias sexuais.

– Por que eu deverei absorver o fogo vivo que o mistério dele irradiará, meu senhor?

– Eu já disse que não vou comentar o fundamento de minha opinião, Exu. O que eu quis evitar, não lhe interessou. Agora só evitarei se eu desejar.

– Meu senhor terá esse desejo despertado caso eu desligue do meu cetro totêmico todas as filhas daqueles Tronos Femininos que foram humanizados?

– Essa sua repentina generosidade não despertou em mim o desejo de evitar um fim humano desumano para você. Mas o afastou um pouco, sabe?

– Eu ainda não sei, meu senhor. Mas se afastou um pouco esse fim, então o que devo fazer para afastá-lo em definitivo?

– Eu não desejo ainda evitá-lo, Exu.

Exu refletiu um pouco, e depois perguntou:

– Meu senhor Guardião Naruê, quando o senhor recomendou que eu desligasse todos os Tronos-mãe, já estava querendo evitar para mim esse fim humano desumano?

– Se eu lhe responder, estarei lhe dando a chave que desativará o fim humano desumano que ativou contra si mesmo. Isso, caso reste algo de você, mesmo após você possuir por trás o mistério deste Trono Humano, certo? Acho até que você mesmo clamará por um fim qualquer, sabe?

– Cada vez eu sei menos, meu senhor. Eu estou ficando confuso e já não sei o que me interessa e o que penso que me interessa, mas não me interessa.

– Eu tenho certeza de que você está confuso. Mas, para dar-lhe uma chave, exigirei outra em troca.

– Qual de minhas chaves o senhor deseja?

– A sétima. Para você está bem?

– Sétima é fundamental para o meu mistério ser ativado. Mas a primeira já está em seus domínios para o senhor usá-la quando quiser. Está bem assim, meu senhor?

– Para mim está, Exu.

– Então dê-me a chave que me afasta para bem longe do fim humano desumano que minha confusão e egoísmo me acarretaram.

– Eu lhe dou, Exu. Eu realmente estava querendo evitar-lhe um fim humano desumano porque, assim que você desligou do seu cetro totêmico aqueles Tronos que foram humanizados, os cordões soltos nos seus domínios foram ligados do mistério desse Trono Humano. Que entre outras energias, irradiará o fogo vivo que consumirá todas as energias sexuais negativas acumuladas no sétimo sentido delas, já que foi por ele que você possuiu seus mistérios.

Quando você as desligou, livrou-se de ser alcançado pelo fogo que se alimenta de energias sexuais negativas, com as quais elas estão sobrecarregadas. Mas, como você reteve as filhas, então conquistou novamente o fim. E mais não falo, pois além de dar-lhe a chave que o afastará dele, ainda a comentei.

– Eu agradeço tanta generosidade, meu senhor. Agora só preciso entender como usar a chave, certo?

– Certo, Exu.

– Bom, o senhor Ogum de Lei emitiu um parecer favorável a mim. Mas o senhor alega que ele saiu torto, pois o primeiro, que é o seu, é reto. Logo, se filho de peixe é peixinho, mas filha de Trono não é troninho, então não devo temer as ligações que mantêm as filhas, e as filhas das filhas delas ligadas ao meu cetro totêmico. Mas, como os cordões que desliguei estavam nos seus domínios e o senhor os ligou ao mistério dele, que irradia justamente o tipo de fogo que para mim é mortal, então presumo que meu fim chegará por meio da hereditariedade, pois assim que desliguei do meu cetro totêmico as filhas, afastei um pouco o fim humano desumano que meu senhor quis evitar para mim. A hereditariedade é a chave, meu senhor?

– É sim, Exu. A hereditariedade é a chave.

– Esse fogo descerá para as filhas, mas não chegará até meu vigoroso mistério sexual porque desliguei de meu cetro totêmico o cordão que as mantinha submissas aos meus interesses. Mas as netas daqueles Tronos Femininos humanizados ainda estão ligadas. E, quando o fogo chegar até elas, meu cetro totêmico o absorverá e... essa não!!!

– Essa sim, Exu.

– Eu pensei melhor e acho dispensável uma segunda opinião, meu senhor Guardião Naruê! Filho de peixe é peixinho e filha de Trono é troninho. Logo, eu já desliguei toda a hereditariedade daqueles Tronos-mãe que foram humanizados, meu senhor!

– Só se o senhor Ogum de Lei reformular ou anular a opinião que ele emitiu eu poderei recolher em meus domínios as pontas soltas de toda a hereditariedade daqueles Tronos-mãe, Exu.

– É melhor pedir isso ao senhor Ogum de Lei que ser alcançado pelo fogo vivo por meio da hereditariedade, sabe?

– Sei sim, Exu.

Então Exu dirigiu-se ao senhor Ogum de Lei, que lhe perguntou:

– Exu, você tem um fundamento convincente que justifique a anulação da segunda opinião que emiti e que lhe foi favorável porque era torta, pois a primeira e reta já havia sido emitida pelo senhor Guardião Naruê?

– Tenho, meu senhor Ogum de Lei.

– Comente seu fundamento, Exu!

– Bom, o filho de peixe é peixinho porque recebeu sua herança genética de sua mãe. E toda filha de Trono, quando se ligou à sua mãe, só se ligou porque trazia em si uma semente que recebera do Trono Divino que a gerou em seu íntimo e a ligou a um Trono-mãe para que, sob sua irradiação, ela desenvolvesse sua herança genética e viesse a ser um Trono-mãe. Portanto, as correspondências não estão nas qualidades dos Tronos-mãe, e sim, na herança genética divina que permite às filhas tornarem-se semelhantes às mães, tal como o peixinho é semelhante ao peixe porque também traz uma herança genética.

O fundamento não está nas qualidades, e sim na herança genética, meu senhor Ogum de Lei!

– O que você deduz da opinião que emiti, Exu?

– Bom, a primeira foi de um Guardião Naruê e era reta. A segunda foi de um Ogum de Lei e era torta. Logo, deduzo que ou ficamos com a primeira opinião de um Ogum, pois os dois são Oguns por causa da hereditariedade comum, ou a segunda opinião nos conduzirá ao encontro do nosso fim.

– Por que uma segunda opinião de Ogum, já que ambos somos Oguns, o levou ao encontro do seu fim, Exu?

– Porque Ogum só tem uma opinião, que é reta, meu senhor. E se não aceitarmos a primeira, que é reta e visa preservar nossa vida, uma segunda será duvidar da retidão de Ogum, e autoinfligir-me um fim dolorido, que Ogum tentou evitar, meu senhor!

– Eu aprovo seu fundamento e o comentário sobre ele. E, como Ogum não reformula um conceito emitido, vou anular a segunda opinião, que o colocou de frente para um fim humano desumano. Está anulada a segunda opinião de Ogum solicitada por Exu, pois Exu entendeu que, se filho de peixe é peixinho, filha de Trono só pode ser troninho, porque traz em si mesma tudo o que precisa para ser filha e ser Trono. E a prova é que, quando Exu possuiu os mãe, possuiu todas as suas filhas, netas, etc., e quando ligou os Tronos-mãe ao seu cetro totêmico, ligou a ele toda a hereditariedade delas. Logo, se não fossem troninhos, não teriam sido ligadas ao cetro totêmico de Exu, pois não estariam ligadas por cordões que vão surgindo de Tronos-mãe para Tronos-filha, etc.

– Obrigado, meu senhor Ogum de Lei! Com sua licença!

– Licença concedida para você concluir o que iniciou nos domínios do senhor Guardião Naruê.

– Eu estava pensando em adiar a conclusão, meu senhor.

– No que você fundamenta esse pensamento?

– Bom, agora que foi solucionado um mal-entendido, acho mais interessante evitar novas confusões em uma reunião destinada a solucionar outras, que não foram criadas por mim e sim por esse Trono Humano.

– Antes de retirar-se, terá de solucionar a que iniciou com aquele seu "talvez", Exu.

– Eu só adiei a ativação do mistério desse Trono Humano, meu senhor. Acho que meu talvez não seja tão importante quanto o que meus senhores farão após ativá-lo, não é mesmo?

– Não é não, Exu. Ou você esclarece seu "talvez" e possui por trás o mistério desse Trono Humano, ou será paralisado assim que ele for ativado.

– Eu serei paralisado, meu senhor?

– Será, Exu.

– Meu senhor acha que devo esclarecer meu "talvez", senão serei paralisado?

– Eu tenho certeza, Exu.

– Então vou esclarecê-lo antes de retirar-me. Com sua licença.

Exu voltou a dirigir-se ao senhor Guardião Naruê, mas este foi logo dizendo:

– Exu, comece a possuir por trás o mistério desse Trono. Depois ouviremos se seu talvez justifica a não invocação...

– Antes de concluir o que deseja invocar, meu senhor permite uma pergunta?

– Pergunte, Exu.

– Eu posso esclarecer meu "talvez" e adiar a posse por trás do mistério desse Trono Humano?

– Não, Exu.

– Mesmo que eu reconheça que entendi que a posse dele contraria meus interesses porque vou ficar desfigurado?

– Eu atendi ao seu segundo interesse, Exu. Ou não é verdade que a posse, pela frente, do mistério desse Trono Humano não lhe interessou e você recorreu à segunda alternativa a que tem direito?

– Eu recorri, meu senhor. Mas como tudo começou por causa de um "talvez"...

– Você foi atendido, Exu. Agora cumpra seu dever e dê início à posse.

– Posso fazer uma última pergunta, meu senhor?

– É, acho que pode, já que será a última que fará, Exu.

– Meu senhor acha ou tem certeza?

– Eu só acho, porque o que restará de você talvez conserve a mente, sabe?

– Não sei não, meu senhor. Peço encarecidamente que me esclareça, por favor!

– Vou esclarecê-lo. Mas depois você fará sua última pergunta antes de possuir por trás o mistério desse Trono Humano, certo?

– Certo, meu senhor. Esclareça-me, meu senhor!

– Exu, eu só acho porque não sei o que restará de você assim que se colocar diante dele para possuir por trás seu mistério, já que quem se colocar de costas para esse mistério, eu não sei como atuará, porque pune os desvirtuados ou os desvios de conduta.

– Essa não!!!

– O que foi, Exu?

– Meu senhor não me entendeu quanto ao "por trás", pois o por trás a que me referi é o dele, e não o meu!!!

– Você não disse que ia possuir o mistério dele por trás, já que possuí-lo de frente não atendia aos seus interesses?

– Não, não, meu senhor! Meu por trás não só não possuirá nada, como ainda ficarei desfigurado, tal como ficam os humanos que sofrem desvios de conduta sexual, meu senhor. Logo, não era ao meu por trás que eu me referia, e sim ao dele, sabe?

– Agora sei, Exu. Mas meu entendimento é reto!

– Eu tenho direito a uma alternativa dentro de outra alternativa. Sabe disso, certo?

– Eu sei, Exu.

– Estou recorrendo a ela, meu senhor!

– Tem certeza de que você não está se confundindo, Exu?

– Tenho, meu senhor. O "por trás" a que eu me referia era do dele, meu senhor. Ou meu senhor já soube que Exu alguma vez recorreu ao seu próprio "por trás" para possuir algo?

– Eu nunca soube, Exu.

– Pois é isso, meu senhor. Exu só possui algo se puder possuir com sua frente, nunca com seu "por trás", que foi o que o senhor entendeu, sabe?

– Agora sei, Exu. Mas como meu entendimento é reto e sempre visa a preservar alguma coisa, então agora tenho certeza de que nada restará de você após você tentar possuir por trás dele o mistério.

– Tentar? Eu não vou tentar, meu senhor.

– Você não pode desistir, Exu.

– Meu senhor Guardião Naruê é um Ogum. E seu entendimento reto visa a preservar alguma coisa de alguém ou de algo, não?

– Isso é certo, Exu.

– Então o segundo entendimento de Ogum conduz quem o solicita a um fim desumano, certo?

– No seu caso, eu digo que agora o conduzirá à morte, sabe?

– Ainda não sei. Mas, se o senhor diz, então acho que esse Trono Humano é peixinho, digo, troninho filho da Ninfa da Vida, não?

– Onde você quer chegar, Exu?

– Bom, ele sobreviveu à Ninfa da Morte, da qual não é do meu interesse lembrar-me. Logo, deduzo que ao me colocar de frente ao "por trás" dele,

estarei de frente com o Trono da Morte, coisa que não me interessa em hipótese alguma.

– Você deduziu corretamente, Exu. Quando você se posicionar de frente ao por trás dele, o Trono da Morte, que tem umas contas pendentes com você, com certeza as cobrará.

– Essa não! Ou me desfiguro ou me submeto à morte!

– Essa sim, Exu. Você não aceitou o primeiro entendimento de Ogum, mas ele visava a preservar algo de você.

– É, tal como Ogum só tem uma primeira opinião, também só tem um primeiro entendimento, certo?

– Certo, Exu.

– Acho que vou recorrer à última alternativa que resta a Exu quando Exu descobre que um mistério não lhe interessa de nenhuma forma ou de forma alguma.

– Você não quer possuí-lo pela esquerda, Exu?

– Não, meu senhor. Pela esquerda está Ogum, e Exu nunca possuiu Ogum para não deixar de ser o que sempre foi, é e sempre será: Exu!

– Eu não desejo conceder-lhe essa alternativa, Exu.

– Devo possuir algo que seja do interesse do meu senhor e que, se for devolvido, ativará o desejo que me concederá minha última alternativa, não?

– Ogum não tem interesses, Exu. Ogum só vibra o desejo por algo ou alguém se atender à sua vontade.

– É, Exu é ativado por interesses e Ogum pela vontade. É isso, meu senhor?

– É isso, Exu. Portanto, só algo muito desejável ativará em Ogum uma vontade, que por sua vez o fará desejar algo.

– O campo das vontades ou dos desejos me é desconhecido, meu senhor. Eu só atuo no campo dos interesses.

– Eu sei disso, Exu.

– Meu senhor, que atua no campo das vontades e dos desejos, caso queira, poderá auxiliar-me indicando-me um dos meus interesses que é desejável o bastante para ativar em Ogum uma vontade, que se manifestará no meu senhor como o desejo de conceder-me minha última alternativa que tenho para não ser desfigurado ou possuído pelo Trono da Morte, pois ele tem umas contas a acertar comigo, mas que ainda não tenho como saldá-las.

– Eu posso atuar por você no campo da vontade e no campo dos desejos, Exu. Mas advirto-o, antes de mais nada, que a vontade de Ogum é reta e só algo muito desejável a ativará. Mas, depois de ativada, por trazer em si a potência dele, que é o mistério da potência divina, então o desejo que surgirá será um desejo potencial que Exu deverá ir satisfazendo com seus interesses até satisfazê-lo em Ogum.

– Para Exu está certo, desde que não implique a desfiguração de Exu ou acerto de contas pendentes com qualquer Trono, e não só o da morte. Está bem assim, meu senhor?

– Para você está bem assim, Exu?

– Para mim está, meu senhor.

– Para Ogum também está bem. Portanto, vou atuar por você no campo das vontades e no campo dos desejos, e você satisfará o desejo potencial que é a vontade de Ogum, que ativará em mim o desejo de conceder-lhe sua última alternativa, já que foi você quem começou toda essa confusão. Está certo assim, Exu?

– Sim, senhor. Qual meu interesse que ativará uma das vontades de Ogum?

– Exu, você sabe que no plano da matéria todos acreditam que Pombagira é Exu feminino, não?

– Eu sei, meu senhor.

– Mas você sabe que isso não é verdade, não?

– É, eu sei sim, meu senhor. Pombagira é regida pelo Trono dos Desejos e Exu é regido pelo Trono do Vigor. Portanto, Pombagira não é Exu fêmea, e sim uma fêmea que, por irradiar desejos, ativa os mistérios de Exu. Sem o auxílio dos desejos irradiados por ela, os mistérios vigorosos de Exu não se realizam, porque sem o desejo todo vigor é neutro.*

– Então Pombagira não é a fêmea de Exu, mas sim uma fêmea que ativa os vigorosos mistérios de Exu, certo?

– Foi o que eu disse, meu senhor.

– Mas nós sabemos que existe o ser Exu fêmea, certo?

– Essa não, meu senhor!

– Essa sim, Exu.

– Não é possível! Logo, o interesse mais oculto e fechado do Mistério Exu foi a coisa muito desejável que meu senhor encontrou para ativar uma vontade em Ogum?

– Ele mesmo, Exu.

– Abrir ao plano material esse mais oculto e mais fechado mistério de Exu deformará meu culto, contrariará meus maiores interesses e será mortal para o Trono dos Desejos, meu senhor!

– A vontade de Ogum é reta, Exu. Não tem uma segunda alternativa, opinião ou entendimento. Mas como eu detectei esse seu interesse, que ativou a vontade de Ogum, posso direcioná-la para quem eu desejar, só para não deformar seu culto, não contrariar seus interesses e não torná-lo mortal para o Trono dos Desejos, que certamente reagirá e desejará apagá-lo para sempre da face da Terra, tornando-o indesejável.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Orixá Exu* e de *Orixá Pombagira*, de Rubens Saraceni, ambos da Madras Editora.

– Com sua licença, meu senhor. Mas preciso recorrer a uma expressão humana que aprendi enquanto vigiava esse Trono Humano.

– Licença concedida, Exu.

– Que droga! Fui colocado em xeque e agora quem está encrencado sou eu! – exclamou Exu, imitando meu modo de me expressar.

– Eu também acho, Exu.

– Eu tenho certeza de que estou, meu senhor. Por que Ogum fez isso comigo, meu senhor?

– Você desejou possuir "por trás" o mistério de um Trono da Geração de Energias e Renovação da Vida. Logo, você afrontou o Trono da Geração, o da Renovação e o da Vida, que ativaram Ogum para puni-lo com rigor. Como Ogum concede a punição a quem tem mais contas pendentes com o punido, então Ogum ativou o Trono da Morte, que é o Trono que forma par com a Ninfa da Morte, que é o polo oposto da Ninfa da Vida, e é par oposto do Trono da Vida, acho que você está muito mais que encrencado, sabe?

– Eu sei, meu senhor. Mas conto com seu tato e bom senso para me livrar dessa encrenca em que me meti e livrar-me do rigor da punição imposta a mim por Ogum. Certo?

– Eu só posso atenuar uma punição rigorosa se sua atenuante for considerada válida por Ogum.

– Bom, o senhor, recorrendo ao seu bom senso, sabe que Exu possui uma natureza egoísta e não raciocina senão com seu cetro totêmico, que é sua segunda cabeça. Logo, minha atenuante sairá dela e não despertará o tato de Ogum. Então concedo a exposição de minha atenuante ao senhor, meu senhor.

– Está certo, Exu. Mas já antecipei tudo e concluí que Exu tentou possuir por meio desse Trono Humano os mistérios que não conseguiu possuir diretamente dos Tronos guardiães deles. Logo, meu tato e bom senso induzem-me a atenuar a punição mortífera do Trono da Morte com a abertura do Mistério Exu Fêmea ao Trono Humano que você tentou possuir mas não conseguiu, porque a Lei Maior não quer que Exu o possua, e sim que ele possua o Mistério Exu.

– Essa não. Se ele possuir o Mistério Exu com esse mistério dele, o abrirá de ponta a ponta, o desfigurará e o desvirtuará.

– Ele já possuiu mentalmente o polo macho do Mistério Exu, Exu! Só resta possuir o polo fêmea para concluir o que você começou.

– Tenho alternativa, meu senhor?

– Não tem, Exu.

– Então, em troca da minha preservação como executor dos mistérios do Trono Natural Exu, e resguardo do Mistério Exu na dimensão humana, eu abro a ele o polo feminino do Mistério Exu. Ele já pode possuí-lo, meu senhor!

– Transfira para o centro neutro dele o polo magnético fêmea do mistério Exu para que seja consumada a posse, Exu.

– Por que ele não vai até o polo fêmea para concluir a posse, meu senhor?

– O centro neutro dele é neutro e fechado. Logo, o que ele possuir dentro dele, ali permanecerá neutro e fechado.

– Não sei não, mas acho que a posse mental não implica trazer o polo fêmea do mistério Exu ao centro neutro dele.

– A posse do polo macho foi racional. Logo, a posse do polo fêmea terá de ser emocional. Coloque-o em frente a ele para que seja possuído pelo mistério dele, Exu.

– Na frente ou de frente, meu senhor?

– Em frente, Exu.

– Não são a mesma coisa, meu senhor?

– Em frente, significa colocar o polo fêmea do Mistério Exu bem diante dele. Depois ele decidirá como possuí-lo, já que é uma posse emocional. Lembre-se de que esse tipo de posse comporta opções, Exu.

– Esse mistério nunca mais será o mesmo depois que for possuído por um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida. Não mesmo, meu senhor!

– Eu acho que você não tem com que se preocupar, Exu. Esse polo fêmea do Mistério Exu sofrerá uma acentuada humanização, mas não deformará seu culto, não desvirtuará seu mistério e não o colocará em confronto com o Trono dos Desejos.

– Não sei não, mas tenho a impressão de que, tanto esse polo fêmea abriu-se todo para ele, como essa posse emocional está demorando mais que o desejável, meu senhor. Desse jeito todos os meus interesses no campo de ação do polo fêmea dos mistérios do Trono Exu serão possuídos pela potência com que ele está possuindo os mistérios do polo magnético fêmea do Mistério Exu... e está recorrendo ao vigor que extrai do polo macho!!! Assim não é possível!

– Nele é, Exu. Desde que possuiu mentalmente seu vigor, começou a gerá-lo, já que é um Trono da Geração.

– Essa posse não parará nunca mais, pois os mistérios do polo fêmea do mistério Exu são inesgotáveis, meu senhor! Faça alguma coisa, já que é o guardião desse mistério insaciável!

– Eu não tenho a posse da sétima chave do seu mistério, Exu.

– Eu nunca a concedi a ninguém. Por causa dela perdi parte do meu cetro simbólico, meu senhor.

– Eu sei. Mas sem a posse dela nada posso fazer, pois só recorrendo a ela eu conseguirei paralisar a posse total do polo fêmea do Mistério Exu. E, se não estou enganado, o mistério dele gerará em sua raiz todas as fontes energéticas que lhe darão sustentação emocional para que possua de forma humana, e emocional, até o último mistério desse polo feminino dos mistérios do Trono Natural Exu. É, acho que não restará ao menos um dos seus interesses nele, Exu!

– Restam muitos, meu senhor?

– O suficiente para eu recorrer à sua sétima chave, Exu.

– Onde e quando meu senhor a usará?

– Eu a usarei onde meu juízo reto me intuir, e quando meu bom senso indicar que devo recorrer à sua sétima chave, à qual manipularei com muito tato.

– Quem fornecerá o tato, meu senhor?

– O polo fêmea do Trono dos Desejos, Exu.

– Pode possuí-la, meu senhor.

– Possuir a quem, Exu? Fale de forma reta e objetiva.

– Pode possuir minha sétima chave, meu senhor... antes que nada mais reste dos meus interesses nos campos de atuação do polo feminino dos mistérios do Trono Natural Exu.

– Assim aceito a posse de sua sétima chave, Exu.

– Recorra logo a ela para parar essa posse humana e emocional, pois ele já deu início ao reverso do polo fêmea do Mistério Exu, meu senhor.

– Fale de forma reta, Exu.

– Ele está possuindo os mistérios de trás do polo feminino do Trono Natural Exu, meu senhor.

– Por que você sempre tem de repetir tudo, Exu? Não é melhor, quando se dirigir a mim, usar a forma reta?

– Eu não consigo, meu senhor. Minha primeira forma é a torta, sabe?

– Está certo. Vou recorrer à sétima chave do seu mistério, que agora a abriu para mim, para paralisar a posse dos mistérios do polo feminino do Mistério Trono Natural Exu.

– Faça isso, meu senhor!

– Já fiz, Exu.

– Então por que ele continua?

– Talvez você tenho me dado uma chave torta, certo?

– Minha chave torta funciona tão bem quanto minha chave reta, meu senhor.

– Não na mão de Ogum, Exu. Ogum só ativa chaves retas, pois se ativar chaves tortas se descaracterizará e desvirtuará sua forma reta de abrir algo. Eu quero a chave reta, certo?

– Ainda restam muitos dos meus interesses nos campos do reverso do polo feminino do Mistério Exu?

– Nesse campo só uns poucos já foram possuídos.

– O senhor acha que vale a pena conceder minha sétima chave reta para preservar meus interesses?

– Isto não posso responder, pois a chave ficará em minhas mãos. Logo, decida-se antes que seja tarde, pois uma consulta a alguém neutro demorará muito e aí já não restarão nenhum dos seus interesses, Exu.

– Está certo. Pode recolher minha sétima chave reta e usá-la para dar um fim na posse desse Trono Humano insaciável.

– Fale de forma reta, pois recolher uma chave não é o mesmo que possuí-la. E Ogum não usa o que recolhe, pois isso é atributo de Exu! Ogum só usa o que possui de forma reta.

– Está certo, meu senhor. Possua minha sétima chave reta e recorra a ela para paralisar esse Trono Humano.

– Assim eu não possuo sua sétima chave reta, Exu.

– Por que não, meu senhor?

– Você me cedeu a posse dela para que eu recorra a ela para paralisar esse Trono Humano. E não foi para fazer isso que a solicitei.

– É meu modo de falar em duplo sentido, meu senhor.

– Entregue-a sem precondições porque você já recorreu por duas vezes ao seu modo dual de falar ao se referir a um mesmo assunto, Exu.

– Já é sua, meu senhor! – exclamou Exu, aflito por ver seus interesses diminuírem pouco a pouco. E quando o senhor Guardião Naruê comunicou-lhe que a chave não paralisara a posse, ele exclamou:

– Essa não!!!

– Eu acho que sim, Exu. Ele não está possuindo os mistérios de trás do polo fêmea. É o próprio polo fêmea que está entregando passivamente a ele seus mistérios nesse campo dos seus interesses.

– Que Trono astuto! Ele inundou o polo fêmea com energias que despertaram nele o desejo de entregar passivamente seus mais ocultos mistérios! Um Trono da Geração de Energias e Renovação da Vida com esses recursos torna-se ilimitado, pois traz em si o vigor de Exu, a potência de Ogum e o desejo do Trono dos Desejos! Alguém tem de fazer alguma coisa, meu senhor!

– Você tem alguma sugestão, Exu?

– Paralise-o e acabará com a autossuficiência desse Trono Humano, meu senhor.

– Dispenso sugestões tortas ou duais, Exu. Mas aceito possuir a chave que paralisa o desejo naquele polo Exu fêmea, que você possui mas não pode usar contra ela, senão paralisará seus interesses nesse campo.

– Aí já é demais, meu senhor! O que mais terei de ceder para despertar no senhor o desejo de conceder-me minha última alternativa?

– Eu acho que a posse da chave que paralisa o desejo no polo Exu fêmea será suficiente, Exu.

– Agora que ele se aprofundou tanto nos mistérios desse campo de ação, de que adiantará paralisar o desejo de se entregar passivamente, que o polo fêmea do Mistério Exu está vibrando? Meus interesses nesse polo já se foram, meu senhor!

– Você tem certeza de que não tem nenhum que lhe interessa entre os que ainda lhe restam nesse polo fêmea do Mistério Exu?

– Absoluta, meu senhor. Ele que fique com todos de uma vez e liberte-me dessa angústia torturante.

– Então, de agora em diante Exu não tem mais nenhum interesse no polo fêmea dos Mistérios do Trono Natural Exu, porque Exu renunciou a todos os seus interesses nesse polo fêmea do Mistério Exu. Para você está bem assim, Exu?

– Para mim está, meu senhor.

– Então está certo, e agora tudo está certo. Se Exu voltar a atuar a partir do polo fêmea do Mistério Trono Natural Exu, Exu será punido rigorosamente pela Lei e pela Justiça Divina. De agora em diante Exu está de costas para o polo fêmea Exu... e não poderá recorrer aos mistérios dele para atingir os Tronos naturais e os Tronos humanizados, como vinha fazendo até agora.

– Mas eu ainda tenho interesses na parte da frente daquele polo fêmea, meu senhor!

– Não tem mais. Você renunciou a todos os seus interesses quando eu lhe perguntei e confirmou que havia renunciado a eles.

– Agora, de costas para aquele polo fêmea, minha chave que a paralisa tornou-se inútil, meu senhor. Nada mais ativará o desejo que me concederá a minha última alternativa. Eu mesmo me paralisarei, pois essa minha chave voltou-se contra mim assim que fiquei de costas para o polo fêmea do Mistério Exu.

– Ainda lhe resta ativar o desejo que o desparalisará, Exu.

– Como?!

– Bom, você me entrega essa chave e ela só será usada por mim de forma reta. Aí ativará o desejo de conceder-lhe sua última alternativa.

– Que uso meu senhor dará a ela?

– A ela quem, Exu?

– À chave que paralisa o desejo no polo fêmea dos mistérios do Trono Natural Exu, meu senhor.

– A essa chave eu darei o uso reto de Ogum, Exu.

– Então pode possuir essa chave que ela é toda sua, meu senhor.

– Ogum assume a posse dessa chave, Exu. E já lhe concedeu sua última alternativa. Emita-a, Exu!

– Eu renuncio a todos os meus interesses nos mistérios desse Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida. Essa é minha última alternativa, meu senhor!

– Essa é sua última alternativa, Exu?

– É, meu senhor.

– Então você reconquistou seu lugar natural à esquerda do grau de executor da Lei e da Justiça, que esse Trono Humano traz em si mesmo desde sua origem, Exu.

– Não!!! Eu corri tantos riscos por nada?

– O que foi, Exu?

– Se ele o traz desde sua origem, então eu já era senhor do meu lugar à esquerda dele, meu senhor!

– Você o havia perdido, quando se apossou dessa chave paralisante e a usou contra o mistério desse Trono Humano, mas por meio do polo fêmea do Trono Natural Exu, do qual você é o guardião humanizado e vinha dando um uso "humano" a um Mistério Natural. Agora diga qual é seu "talvez", Exu.

– Bem, agora já não tem valor algum, meu senhor.

– Ainda assim, eu exijo ouvi-lo comentando-o, Exu.

– Bom, é que, como essa chave estava em meu poder e o polo fêmea do Mistério Trono Natural Exu estava ativado contra o mistério dele, então, quando aquele fogo alaranjado anulasse aquele polo fêmea, eu seria ativado pelo Trono Natural Exu contra esse Trono Humano.

– E aí voltaria essa chave diretamente contra ele, paralisando-o em todos os sentidos. É isso, Exu?

– É sim, meu senhor.

– Então você seria consumido por aquele fogo da Justiça Divina, que se alimenta justamente das energias paralisantes ativadas contra esse Trono Humano. Acho que perdemos uma oportunidade única de afastá-lo de vez dos nossos domínios e campos de ação Exu. Tudo por causa de um "talvez".

– É, meu senhor. Ogum não deixa de se conduzir de forma reta mesmo quando contraria seus próprios interesses.

– Ogum não tem interesses, Exu. Só tem vontades que se mostram como desejos a serem realizados por nós, suas individualizações ativas. E mostrou isso mais uma vez, não o consumindo no fogo da Justiça Divina quando você renunciou aos seus interesses no Mistério da Geração e Renovação desse Trono Humano.

O fato é que eles ainda falaram algumas coisas, que acho dispensável comentar aqui, antes de meu pai Beira-mar ativar meu mistério executor da Lei Maior e da Justiça Divina, que, sustentado pelo vigor e potência de meu Mistério da Geração, simplesmente criou um caos devastador e fulminante nas trevas à minha frente, e alcançou limites extra-humanos, pois alcançou até as três divindades que eu vira praticar suicídios coletivos.

Foi durante essa ação devastadora que conheci parte do vigor de Exu, da potência de Ogum e dos desejos de Pombagira, pois em uma fração de tempo todos aqueles seres foram revitalizados, revigorados e voltaram a vibrar o desejo de viver. E não foram poucos os desvirtuados Tronos caídos nas trevas que foram reduzidos a sementes originais, pois aquele fogo alaranjado os consumiu com a rapidez de um raio.

Quando terminou aquela ativação, na minha frente já não existia nenhuma treva. Até aquela vontade de me suicidar em espírito desapareceu, só restando minha solidão, à qual me recolhi assim que todos se retiraram para os seus domínios naturais.

Mas no dia seguinte todos retornaram, e meu senhor Guardião Beira-mar tornou a dizer-me:

– Servo do meu Senhor, você está de frente para as trevas. Ative seu mistério executor da Lei Maior e da Justiça Divina!

– Meu senhor ordena, eu cumpro, pois sou um instrumento fiel, leal, obediente e submisso às suas ordens, vontades e desejos.

E aquelas ativações tornaram-se uma constante nos dias de minha vida, restrita ao meu centro neutro individual e limitada por minha solidão. Mas com o passar do tempo elas foram rareando e fui deixando de receber a visita de meus

pais, avós, bisavós e tatá-avós, que preferiam viver nas dimensões naturais e em seus domínios.

Pouco a pouco fui me afastando dos santuários naturais onde têm seus pontos de forças ativos e voltei a contemplar a dimensão material humana e meus irmãos encarnados, que nela vivem aos seus modos, sem se preocuparem com o mundo invisível, ao qual não veem e até desconhecem, pois acreditam que por aqui tudo é estático ou que nada mais exista. Mas tanto existe que eu estou aqui, saudoso do tempo em que vivi entre meus amados pais, avós, bisavós e tatá-avós, aos quais não tenho visto com frequência porque gerei em meu íntimo um desejo de nunca mais magoar ou aproveitar-me daqueles que amo.

Justamente na solidão do meu centro neutro individual foi onde me encontrou a senhora Guardiã do Tempo, quando se deslocou de seus domínios no Tempo e anunciou-se assim:

– Bênçãos do Alto do Altíssimo inundem sua vida, nobre Cavaleiro do Arco-íris da Vida!

– Bênçãos sempre são bênçãos, minha senhora. Mas o Cavaleiro a que alude tanto perdeu seu grau quanto as cores que o identificavam quando ele amava, e vivia entre os que o amavam. Assim mesmo agradeço pelas bênçãos e retribuo com meu pedido ao Altíssimo que também a abençoe, ainda que eu não saiba quem é a senhora, minha senhora.

– Você não me reconhece, nobre Cavaleiro?

– Eu já não vejo nada ou ninguém, minha senhora. Se ainda capto sua comunicação mental, é porque deve ter uma faixa só sua de acesso ao meu mental.

– Eu tenho essa faixa, Cavaleiro.

– Então a use para identificar-se e dizer o que deseja de mim, minha senhora.

– Nem minha luz você capta, nobre Cavaleiro?

– Não, minha senhora.

– Não identifica minhas vibrações e irradiações?

– Eu só identifico as dos meus irmãos espíritos, minha senhora. E mesmo assim, quando são portadores de dores agudas, pois a tudo o mais, nesse campo, tornei-me insensível.

– Por que isso aconteceu com você, Cavaleiro solitário e insensível?

– Eu sofri golpes profundos e doloridos, minha senhora. Então gerei em mim mesmo essa insensibilidade, porque só assim eu preservaria intacto um mistério que tem servido a todos, mesmo aos que dele se afastaram porque o confundiram comigo ou me confundiram com ele. Mas eu não me incomodo, porque a culpa foi toda minha. Eu não soube me comportar como deveria.

– O que o induz a crer que deveria comportar-se de outra forma?

– Bom, eu estava entre seres celestiais, divinos mesmo, e comportei-me como um tolo e emotivo espírito que não entendia o porquê de estar ali quando deveria estar na dimensão espiritual, em seu nível vibratório terra.

– Ouvindo-o, sinto que você nunca se aceitou. É isso?

– A senhora vê isso em minha memória já parcialmente adormecida?

– Não tenho o hábito de vasculhar memórias, meu irmão Cavaleiro.

– Por que não? Todos vasculham minha memória em busca de alguma de minhas vidas onde eles se amarraram a um fantasma que teima em ficar atormentando-os com fugazes e ilusórias aparições que logo esvanecem ou são puxadas de volta ao meu túmulo natural, que é o nível vibratório terra da dimensão humana.

– Talvez, se você se aceitasse, seu nível vibratório fosse outro, irmão do Arco-íris.

– A senhora parece conhecer um dos meus fantasmas.

– Eu conheci um Cavaleiro do Arco-íris que, se era um fantasma, no entanto foi o mais humano que já vi.

– Esse é o meu problema. Fantasmas são espectros assustadores e, assim que se mostram, todos os identificam e tratam de esconjurá-los. Mas, no meu caso, tudo acontece às avessas, pois eu não me cubro com um lençol branco para ocultar minhas deformações. Não. Comigo tudo acontece às avessas porque as oculto com uma forma humana, que desperta lembranças que reconduzem a um passado insepulto quem não me vê só como sou: um espectro vazio de causas mas cheio de efeitos especiais muito especiais!

– Puxa! Como você é rigoroso consigo mesmo, meu irmão.

– Eu já não me iludo mais e até procuro prevenir quem se aproxima de mim, pois as aparências enganam, minha senhora.

– Você não se aceita e procura despertar nos outros uma repulsa automática, não?

– Eu só os previno de que sou um túmulo dentro do qual estão encerradas muitas ilusões, emoções, anseios e esperanças não concretizadas ou desejos não realizados.

– Não é em você que eles se realizam?

– Sim, isso é verdade. Mas quem os realiza, logo descobre que ele não se transformou em uma vontade e se afasta de mim, senão eu o paralisarei em um estado ilusório, já que o máximo que tenho a oferecer são apenas segundos, minutos ou horas, durante os quais conviverão com um fantasma vazio animado por um mistério gerador de expectativas que logo depois se mostram como amarras que os ataram a um túmulo cheio de emoções fugazes.

– Será que certas emoções não são fugazes porque, se durassem muito, desviariam de seu caminho reto quem as vivencia de vez em quando?

– Pode ser, minha senhora. Mas prefiro não dar asas à minha imaginação para não criar falsas expectativas em quem se aproxima de mim, sabe?

– Entendo. Você não deseja criar falsas expectativas para não se sentir incomodado por sua consciência. É isso, não?

– É, acho que é isso. A senhora é uma psicóloga?

– O que é uma psicóloga, irmão?

– São especialistas que ajudam as pessoas a entenderem seus problemas existenciais e a conviverem com eles caso não consigam superá-los, sabe?

– Agora sei, irmão cheio de problemas existenciais. Mas não lhe ocorre que, se existem problemas, também existem métodos para superá-los?

– É, existem métodos sim.

– Também existem seres que trazem em si qualidades únicas que, se aplicadas metodicamente, são terapias que tratam o enfermo como um todo, porque são de curta duração e não o saturam. Mas, porque são qualidades, são deliciosas e todos desejam repetir a aplicação que, se bem dosada, fornece a quem a recebe um estímulo mental que pouco a pouco vai reconduzindo-o ao equilíbrio vibratório e ao despertar de uma nova consciência, já regrada e pautada pelas outras qualidades paralelas que vão sendo encontradas em si mesmo pelo ser que aprendeu a lidar com seu emocional reequilibrado.

– Agora tenho certeza de que a senhora é uma psicóloga.

– Eu não sou, irmão.

– Então é uma psiquiatra, certo?

– É, talvez eu seja uma.

– Que bom! Uma irmã médica!

– Acho que sou só uma curadora, pois me instruí na escola da vida.

– Então a senhora é uma médica prática!

– Médica prática?

– É, uma doutora formada na escola da vida é uma médica prática porque não cursou uma faculdade de medicina, mas sabe identificar as doenças e indicar os tratamentos mais eficazes. Tudo rápido e prático, mas sem os recursos acadêmicos dos médicos com uma formação superior. Isso no plano material, certo? Afinal, eu não a conheço e não sei realmente se está falando a verdade sobre sua formação prática ou se está ocultando uma vasta formação superior só para não me melindrar porque não sou um prático em nada, já que não me especializei em nada em minha vida.

– Você nunca se interessou por alguma prática?

– Não, senhora, doutora. No que me especializei, não se usa esse termo.

– Qual o termo que você usa para definir sua especialização?

– É, na minha especialidade eu sou bom mesmo, sabe?

– Ainda não sei. Diga qual é ela, irmão especialista.

– Não sou um especialista. Sou só um executor prático.

– Executor prático? Que especialização é essa, irmão executor prático?

– Bom, eu executo, "praticamente", o que meus superiores me ordenam.

– Quem são seus superiores, irmão executor?

– Bom, isso não posso revelar.

– Por que não?

– Inferiores não comentam nada sobre seus superiores. Nem os nomes devem ser revelados, sabe?

– Entendo. Bem, mas o que você pratica pode ser comentado, não?

– Não, senhora. Só cumpro ordens, às quais procuro não discutir ou questionar. É melhor assim.

– Mesmo que ordenem algo que contrarie sua consciência?

– Executores não têm consciência.

– Por que não?

– Não podemos ser incomodados pela nossa consciência, senão nossa emoção aflora e nos desviamos na execução das ordens que recebemos.

– Seus senhores devem ser rigorosos, não?

– Ah! São sim, minha senhora. Mas eu não ligo não, sabe?

– Você não tem medo de executar algo que reflita negativamente em seu futuro, pois é um ser portador de uma individualidade e personalidade só sua?

– Fantasmas vazios são incapazes de realizarem algo por si sós e precisam do auxílio de senhores plenos, senão ficamos paralisados no tempo, sabe?

– Não sei, não. Como é isso, irmão?

– Bom, nós, os vazios em nós mesmos, somos os fantasmas da vida dos seres plenos em si mesmos. Logo, ou nos confiam algumas atribuições ou ficamos paralisados e tão distantes deles que nos perdemos no tempo ou nos voltamos contra nossos protetores ancestrais. Fantasmas vazios de causas são um problema!

– Por quê?

– Bom, nós somos reflexos ou efeitos retardados de nossas existências passadas, quando ainda éramos plenos em nós mesmos, ou nos julgávamos, sabe?

– Não sei não, irmão. Comente isso, por favor!

– Bom, nós, os atuais fantasmas, no passado nos sentíamos plenos e tomávamos muitas iniciativas por conta própria para, mais adiante, descobrirmos que tínhamos entendido como causas meros efeitos de um passado ainda mais remoto e que não desaparecera porque eram nossos fantasmas insepultos. Então nós, em vez de preenchê-los com alguma de nossas ínfimas qualidades humanas recém-adquiridas, reagíamos com nosso vazio natural, adquirido quando nos humanizamos. Nossos fantasmas seriam preenchidos com o humanismo que deveríamos adquirir, mas que não conseguimos.

Logo, vazios e desumanos, entendíamos a aproximação dos nossos fantasmas como uma ameaça à nossa efêmera humanização e reagíamos com nossa desumanidade, assustando-os ainda mais e afastando-os de nossas já esvaziadas existências.

Sim, porque, quando nossos fantasmas nos procuram, à primeira vista se mostram como cobradores de dívidas passadas. Mas na verdade eles só estão desejando um pouco de nossa atenção e compreensão para com suas dores, mágoas e angústias existenciais. E, se parecem ameaçadores, é porque nossos fantasmas são nossos medos, dores, mágoas e angústias, que são sentimentos que nos assustam porque ressonam em nosso íntimo, ainda que estejam se mostrando nos seus rostos desfigurados.

Nossos medos, angústias existenciais, remorsos, mágoas e nossa falta de entendimento dificultam o reconhecimento dos que já nos foram caros no passado

porque eram vivos e tornavam nossas vidas plenas. Mas nós os matamos e os esvaziamos em suas vidas, que eram nossas também. Logo, ao matá-los, também nos matamos e passamos a temê-los, evitá-los e repeli-los, quando o mais correto seria termos retornado ao nosso passado e tê-los absorvido com nosso vazio, pois só assim o diminuiríamos e nos tornaríamos menos desumanos e mais plenos em nós mesmos.

E assim, de perda em perda, esvaziamo-nos de tal forma que também nos tornamos irreconhecíveis aos que não só não tememos, como até amamos. Mas que se afastam de nós assim que deles nos aproximamos magoados, feridos, tristes e esquecidos do que já representamos na vida deles, que nos temem ou nos recebem com medo porque ainda vibram em seus íntimos as tristezas, os remorsos, as mágoas e as dores que lhes causamos com nosso desumanismo e desnaturalização muito acelerada. Mas têm razão, sabe?

– Por que eles têm razão, Cavaleiro cheio de remorsos?

– Bom, nós, seus fantasmas, olvidamos todos os alertas que nos enviavam e tomamos iniciativas ousadas que nos tornavam assustadores, pouco confiáveis e muito temidos porque não respeitamos nem nossos limites nem os deles. Então eu digo que eles têm razão em nos evitar. Se não forem cautelosos no trato conosco, levaremos todos os nossos vazios assustadores para as suas vidas, plenas neles mesmos, mas não conosco dentro delas!

– Por quê?

– Bom, eles estão onde estão porque não são como os espíritos, aos quais guiam, orientam, amparam e respondem pela evolução deles junto dos Tronos Planetários. Então nós, os fantasmas, que também somos espíritos, devemos alcançar nossa plenitude junto a eles por meio do que nos irradiam. Que é a fé, o amor, a justiça, etc. E eu não distingui essa diferença, sabe? Não até ser punido por minha ignorância e natureza humana.

– Sua natureza humana o puniu?

– Sim, senhora. Mas eu a neutralizei e agora sinto que ela já não incomoda meus senhores, que já não têm de se preocupar com a resistência que ela lhes impunha. Com minha nova natureza ficou mais fácil lidarem comigo e me direcionarem para onde bem desejarem. Agora sou um fantasma com uma natureza neutra que os deixa fora de minhas encrencas humanas.

– Como assim, irmão?

– Bom, como neutralizei minha natureza, não tomo nenhuma iniciativa pessoal. Logo, tudo o que faço é porque eles ordenam. E, se erro, imediatamente me puno e assumo a culpa pelos meus erros.

– Irmão, quando você acerta, a quem você credita seus acertos?

– Aos meus senhores, pois foram eles que me ativaram. Não se esqueça que sou um executor que só executa, minha senhora.

– Entendo.

– Por falar em executor, por acaso a senhora veio para ordenar que eu execute alguma coisa?

– Não, irmão. Eu só vim ver como você está e se precisa de alguma coisa.

– Eu acho que não, minha senhora. Dentro do meu centro neutro, eu sou pleno no meu vazio. Essa minha vida solitária agrada os meus senhores.

– Por que você acha que isso os agrada, irmão?

– Bom, eu não saio dele e só realizo o que eles ordenam que eu faça. Então deduzo que também não lhes dou maiores preocupações além das que têm com seus filhos encarnados. Ou talvez até menos, sabe?

– Mas assim você nunca assumirá seu campo de ação, suas responsabilidades, nem ascenderá aos níveis celestiais, irmão!

– Eu me sinto bem neste nível vibratório terra e não vibro esse desejo tão humano de subir aos "céus", sabe?

– Eu não sei, irmão. Comente isso para mim, por favor.

– Bom, todo espírito humano vibra um desejo, que é quase uma obsessão, que é de irem para o céu ou ascenderem às alturas ou níveis vibratórios celestiais. Tudo é a mesma coisa, certo?

– Certo, irmão. Continue!

– Bom, então quando fazem o bem, a caridade, etc., fazem pensando no céu e automaticamente já vão anotando em seus livrinhos de créditos divinos, ao qual recorrem para mostrarem aos seus irmãos como estão próximos dos níveis vibratórios celestes. Alguns até já se julgam possuidores do direito de habitarem nos jardins celestiais de Deus assim que desencarnarem. Outros se julgam salvos e assentados à direita das divindades.

Enfim, todos só pensam em conquistar os reinos do céu e poucos admitem que não é assim que as coisas acontecem, por causa dessa obsessão de irem para o céu logo após o desencarne.

A ninguém ocorre que talvez sejam só fantasmas vazios, porque aqueles que já deixaram para trás ou estão deixando, são justamente os que preencherão seus vazios existenciais e os tornarão plenos no amor, na fé, etc. Então preferem estacionar em alguma esfera espiritual positiva a ter de voltar e resgatar seus afins que se desequilibraram e estacionaram nas esferas negativas. Só que assim não chegam até Deus e não podem fazer nada pelos que estão retidos nas trevas humanas, pois, como eu já disse, fantasmas assustam, minha senhora! Ainda mais se forem os nossos, sabe?

– Agora sei, irmão terra. O que você tem feito aqui?

– Estou esperando meus fantasmas, que nem sempre são os meus, sabe?

– Não sei, não. Comente isso para mim, irmão.

– Bom, os fantasmas só nos veem se estivermos no nível vibratório terra, já que eles estão paralisados nos níveis abaixo dela. Então eu, estando aqui, sou visível a todos os fantasmas, e os espíritos antagonizados comigo têm a oportunidade de se desparalisarem e se moverem até o nível terra, onde estou.

Aí é só esperar eles chegarem e tentar desfazer mal-entendidos, acertar contas pendentes ou fazer acordos satisfatórios para ambas as partes.

– Isso tem dado certo?

– Na maioria dos casos tem, e consigo que uns irmãos Exus humanizados ou alguns humanos "exunizados" os agreguem em suas hierarquias, onde os redirecionam sob o amparo das leis que regem o Ritual de Umbanda Sagrada. É uma forma de transformar fantasmas assustadores em amigos Exus, pois aí nos vemos de frente e a Lei regula nossas relações de trabalho. Nós, por sermos humanos, nos aproveitamos de seu amparo, restabelecemos amizades fraternas e reatamos antigos laços, rompidos por causa de nossa estupidez desumana.

– Você já acolheu muitos fantasmas dessa classe, irmão?

– Bom, eu não sei o número exato. Mas tem um amigo Exu que já pediu para eu ir mais devagar com as coisas porque suas correntes já esgotaram a capacidade de acolherem espíritos humanos resgatados das esferas negativas.

– Mesmo os vorazes Exus já andam recusando membros em suas legiões?

– É por causa do número de fantasmas vazios que anseiam readquirir uma nova identidade que lhes proporcione uma nova vida, sabe?

– Se isso acontece, então seu passado é povoado só por fantasmas, irmão dos fantasmas!

– Não é isso não, minha senhora! – exclamei, divertido com a admiração dela após me ouvir dizer aquilo.

– Se não é isso, então como explica a aparição de tantos fantasmas em sua vida?

– Bom, eu renunciei ao que minha natureza humana me impelia, assenteime em definitivo na terra, ou melhor, na dimensão humana, e tenho canalizado para mim os fantasmas dos meus irmãos ancestrais, humanizados ou não, de meus pais, avós, bisavós e tatá-avós. Eu os atraio, recebo, ordeno, e meus senhores os direcionam para as hierarquias espirituais, onde melhor eles se adaptarão e melhor se integrarão às linhas de forças que aceleram a evolução e conscientização dos seres re-humanizados pelo meu mistério.

– Seu mistério tem esse poder?

– Não, senhora. Esse poder pertence ao divino Criador. Mas eu sou um manifestador natural dele, pois assim que os fantasmas se ligam ao meu Mistério da Renovação, começam a ser energizados e seus antigos corpos energéticos começam a ser recuperados e regenerados. Tudo acontece automaticamente, sabe?

– Agora sei, irmão regenerador. Mas você não está se ligando a fantasmas que também têm seus fantasmas, que têm seus fantasmas?

– Estou.

– Isso não o incomoda?

– Só quando um desses fantasmas de fantasmas se rebelam sou obrigado a tomar medidas enérgicas, sabe?

– Não sei, não. Comente isso para mim.

– Bom, tem uns fantasmas que preencheram seus vazios existenciais com sentimentos de ódio profundo a tudo que os lembre de seus estágios de humanização, onde se tornaram desumanos. Aí, quando descobrem que sou um re-humanizador, então voltam contra mim seus poderosos e desumanos ou desumanizados

mistérios negativos... e sou obrigado a invocar a Lei Maior e a Justiça Divina para esclarecê-los que eu não tenho vontade própria ou desejos, e sim, que sou um manifestador neutro de vontades maiores. E aí. dependendo de como reagem, eu os executo ou os envio aos seus ilusórios destinos finais em alguma esfera extra-humana.

– Você fala sobre isso como se fosse algo simples de ser feito ou não tivesse importância, já que altera vastos domínios nas trevas e envolve a vida de milhões de seres paralisados em suas evoluções e retidos nas faixas vibratórias negativas.

– Para mim é algo natural, minha senhora. Executo quem a Lei e a Justiça ordenar e não discuto se está certo ou errado. Quanto aos vastos domínios, só tiramos deles os que desejam sair. Quanto aos que preferem continuar neles, aí terão como chefe um dos meus irmãos exunizados.

– Por que os confia aos seus irmãos exunizados, e não aos Exus humanizados?

– Bom, meus irmãos exunizados os entendem melhor e sabem lidar com eles ao modo humano, que, por ser um modo que eles já conhecem, aceitam com naturalidade.

– Entendo.

– Fantasmas são assim, minha senhora. Ou os entendemos e falamos a mesma língua ou surgem antagonismos terríveis.

– O que me admira é como você faz isso com tanta naturalidade e aceita como inevitável.

– Inevitável? Por quê, minha senhora?

– Eu sinto que você acredita que foi para fazer isso que o divino Criador o dotou com um grau de executor da Lei Maior e da Justiça Divina.

– Se não foi, Ele ainda não me disse para que foi. Logo, por enquanto é para isso, e vou atendendo às ordens que recebo dos meus senhores do alto... e às solicitações dos meus irmãos regentes do embaixo humano, pois quando se trata de atuar nas dimensões paralelas, aí atendo a solicitações, não a ordens.

– E você as atende?

– Sim, senhora.

– Isso não o preocupa?

– Eu deveria me preocupar?

– Claro! Afinal, você está executando seres que são regidos pelos Senhores regentes de dimensões não humanas.

– Tudo bem, sabe!

– Não sei não, irmão executor. Explique este "tudo bem", por favor!

– Bom, quem rege a Lei Maior e a Justiça Divina?

– São os Orixás Ogum e Xangô nos polos magnéticos irradiantes e as Orixás Iansã e Egunitá nos polos magnéticos absorventes.

– Desculpe-me, mas peço licença para discordar, minha senhora.

– Você não precisa pedir licença para discordar, irmão.

– Eu aprendi com Exu que, se assim procedermos, nunca desrespeitamos quem fala conosco, minha senhora.

– Mas você não é um Exu, e sim um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida.

– Mas sou humano, minha senhora. Logo, se quem está se dirigindo a mim é uma Senhora da Luz, é uma de minhas Senhoras e ponto final.

– Eu o tenho na conta de um irmão ancestral, sabe?

– Eu sei. Mas eu a tenho no grau de uma de minhas Senhoras, e procuro me manter dentro dos meus limites humanos.

– Por que você age assim, irmão?

– Assim evito meu liberalismo de outrora, que só criou problemas de lado a lado e deixou muito tristes meus pais, avós, bisavós e tatá-avós. Eu não quero entristecer mais ninguém e comporto-me como aprendi com Exu que, ao contrário do que dizem no plano material, não desrespeita nenhum Senhor da Luz.

– Exu procede desse jeito para defender mais astutamente seus interesses, irmão. Você o imita para preservar seus interesses?

– Não, senhora. Eu não tenho interesses pessoais, não tenho desejos íntimos e não tenho vontades próprias. Eu sou só uma fonte viva e pensante que gera energias renovadoras, e só sou ativo se algo ou alguém, exterior ao meu centro neutro, me ativar. Logo, uma fonte geradora não tem interesses, vontades ou desejos. Ela só existe para atender interesses, vontades ou desejos alheios, nada mais.

– Então por que recorre ao modo de Exu se comunicar para falar comigo?

– Eu não recorro ao modo dele se comunicar, e sim ao seu modo respeitoso, minha senhora. Acho que isso é diferente, não?

– Você tem razão. É diferente, sim. Só não sei por que você o usa se tenho recorrido ao tratamento fraterno, onde um não precisa pedir licença para expor alguma opinião pessoal.

– Desculpe-me, minha senhora. Mas, se quiser continuar a falar comigo, terá de aceitar esse meu modo, porque o adotei como um modo muito positivo e respeitoso. Saiba que em momento algum meu senhor Guardião Naruê se sentiu ofendido porque Exu sempre o tratou com respeito, ainda que tentasse enrolá-lo o tempo todo por causa dos seus interesses em meu mistério.

– Seu senhor Guardião Naruê saiu-se bem na defesa de seu mistério?

– Eu acho que sim, minha senhora.

– Você acha ou tem certeza?

– Eu só acho, porque certeza eu não tenho sobre nada que não entendo. Então só faço juízos a partir de meu entendimento humano das coisas que desconheço.

– O que você achou da atuação de Exu na defesa dos interesses dele no seu mistério?

– Acho que ele se livrou a tempo de uma encrenca daquelas!

– Por quê?

– Bom, até onde eu sei, Exu dá tirando e tira dando. Logo, é só ficar atento que logo se descobre o que ele tem a oferecer e o que está lhe faltando.

– Foi seu senhor Guardião Naruê que lhe ensinou isso sobre Exu?

– Eu não me lembro onde aprendi isso sobre Exu. Mas também não importa muito, sabe?

– Você tem certeza?

– Não tenho, senhora. Mas eu acho que não importa, sabe?

– Por que não importa?

– Eu não sou o guardião do meu mistério e não tenho que me preocupar com a defesa dele. Que o defendam quem tenha interesses nele, ou foram ungidos com o grau de guardiões dele, minha senhora. Eu sou só o fantasma onde a Lei Maior e a Justiça Divina desenvolvem um mistério gerador de energias e renovador.

Logo, se Exu não tem interesses dentro do meu mistério, mas meu mistério tem interesses no mistério Exu, que Exu defenda-os ou perco meu interesse pelo Mistério Exu.

– Isso eu não entendi, irmão charadista.

– Desculpe-me, minha senhora, mas peço licença para não comentar isso.

– Justifique que lhe concedo a licença, irmão.

– É porque só Exu entende o que eu falei.

– Por quê?

– Bom, na minha opinião, Exu é um humano que não deu certo, mas conservou muitos vestígios humanos. Logo, ele me entende facilmente, e também se faz entender quando fala comigo, pois ele sabe que fantasmas humanos são Eguns. E com Eguns, Exu não enrola muito não, sabe?

– Por quê?

– Porque Egum é mais enrolador que Exu.

– O que você acha que é, irmão?

– Bom, eu acho que sou um espírito humano que traz em si um mistério que nem Exu nem Ogum quiseram possuir. Logo, todo espírito é um Egum que tentou ser Ogum, mas ficou no meio, então se perdeu e aí teve início uma confusão danada, que nunca terá fim.

– Por quê?

– Bom, Exu quer possuir os mistérios humanos, mas não quer possuir os seres humanos. E Ogum quer guardar os seres humanos, mas não quer possuir seus mistérios. Percebe o tamanho da encrenca, minha senhora?

– Eu tenho dificuldade em entendê-lo, irmão.

– Foi por isso que pedi licença para não comentar aquela minha fala que lhe pareceu uma charada, mas não é, pois era minha metade Exu que estava falando.

– Entendo. Você apagou de sua vida seu passado natural e ancestral e não consegue se ver senão como um espírito dotado de algumas faculdades extra-humanas. É isso, não?

– É isso, minha senhora. O que fui já não importa mais, porque nunca voltarei a ser como era. E o que não consigo ser, não adianta tentar, senão só piorarei ainda mais. Logo, sou como me sinto e sinto-me como sou: um espírito dotado de um mistério e ponto final!

– Entendo. Você não deseja deixar de ser como é e como se sente. É isso?

– É isso, minha senhora. O que já fui não me importa e o que poderia ser não me interessa, porque nunca deixarei de ser o que sinto que sou nem deixarei de sentir-me como sinto que sou.

– Transformações acontecem, irmão!

– Acontecem sim, minha senhora. Algumas são para melhor e outras para pior. Então eu, que não consigo melhorar e não desejo piorar, contento-me em ser só o que sinto que sou: um espírito dotado de um mistério, e nada mais!

– Você, que já conviveu intimamente com seus pais, avós, bisavós e tatá-avós, não deseja voltar ao convívio com eles, irmão espiritualizado?

– Não, minha senhora. Eles possuem regras de comportamento que me escapam ou confundo com as regras humanas, que domino em todos os sentidos. Então prefiro guardar aquele período como uma lição única e inesquecível, da qual tirarei lições e normas de conduta retas.

– Só isso você guardou daquele período de sua vida, irmão?

– Não, senhora – eu respirei fundo antes de continuar a responder àquele questionário interminável. – Eu guardo recordações únicas dos momentos em que vivenciei muitos tipos de amor, fraternidade, fé, respeito à vida e o entendimento e reverência ao nosso divino Criador. Também guardei em minha memória o respeito natural às hierarquias divinas e o respeito natural aos membros que ocupam seus níveis menores ou inferiores, onde não vi as dificuldades humanas no trato com seus superiores ou inferiores. Sim, senhora, contemplar aquela harmonia hierárquica foi de suma importância para eu entender o caótico meio humano, totalmente sem hierarquia, onde as opiniões pessoais prevalecem sobre as coletivas e os seres criam com isso certos bloqueios que os paralisam.

Muitas são as coisas que vi, contemplei e vivenciei, e que se tornaram inesquecíveis.

Quando me calei, de meus olhos corriam lágrimas, muitas lágrimas. Então ouvi a pergunta que eu mais temia.

– Você amou as irmãs com as quais formou pares, irmão?

Eu não consegui manter meu pranto no silêncio de minhas lágrimas e chorei mesmo. E tanto chorei que, quando só restaram soluços, ela me perguntou:

– Se você quiser eu retiro essa pergunta, irmão.

– Eu a responderei, minha senhora. Só preciso de algum tempo para recolocar minhas vibrações no devido padrão que coloca meu emocional sob meu controle mental. Certas recordações mexem com meu emocional, sabe?

– Sei sim, irmão. Não são só os espíritos que possuem o emocional ou que se emocionam. Eu pranteei em silêncio seu choro compulsivo, sabe?

– Não sei não, minha senhora. Eu anulei minha audição superior e perceptional. Então só ouço o pranto dos que vibram no meu atual padrão espiritual, que é o do nível terra, que é onde me assentei e aquietei-me em todos os sentidos.

– Você gostaria de saber por que pranteei seu choro, meu irmão?

– Um superior entende as razões do choro de um seu inferior. Já um inferior, este tem dificuldade em entender as razões do pranto de um seu superior. Logo, quem sou eu para ouvi-la, minha senhora?

– A quantos fantasmas do seu passado você já acolheu, recolheu, orientou e direcionou no caminho reto, irmão?

– Não sei, minha senhora. Foram tantos os fantasmas que já resgatei que perdi a conta. Mas muitos não eram os meus, e sim dos meus irmãos ancestrais ou dos meus pais, avós, bisavós e tatá-avós. Como vinham em grande número, em verdadeiras multidões, então não tinha como distinguir os meus dos deles. Mas a todos acolhi como meus irmãos e não fiz distinção a nenhum. Apenas ocupei um lugar em suas vidas e preenchi parte do vazio deles com o mistério divino que se manifesta por meio do meu mistério humano. Creio que meus senhores ocuparam outras partes do vazio deles, com os mistérios divinos que manifestam por meio dos seus mistérios naturais, devolvendo-lhes novamente a agradável sensação de se sentirem vivos e plenos na nova vida que, renovadas pelo meu mistério, o divino Criador concedeu-lhes.

– Seu vazio diminuiu, irmão?

– Não, minha senhora.

– Por que não, se você resgatou muitos fantasmas do seu passado?

– Eu não tenho uma resposta, minha senhora.

– Você já se questionou para descobrir a razão do seu vazio não diminuir, mesmo tendo resgatado tantos fantasmas do seu passado?

– Não, senhora. Enquanto eu crer que possuo esse vazio porque também sou um fantasma, meu emocional permanecerá sob controle mental.

– Você não acha que tem fugido para o passado para não ter de reconhecer para si mesmo que, sem deixar de ser como você é e sente que é, no entanto você já não é o mesmo que acredita que seja?

– Eu temo, minha senhora.

– Você acha que todos os espíritos fazem o que você faz?

– Se forem portadores de um mistério igual ao meu, com certeza farão.

– Quantos espíritos você conhece que são portadores de um mistério igual ao seu?

– Nenhum, minha senhora. Mas conheço alguns que portam mistérios semelhantes.

– Semelhante não é igual, irmão único.

– Não são, minha senhora.

– Eles foram ungidos em suas origens com mistérios que se mostram semelhantes?

– Eu não sei, minha senhora.

– Saiba que eles os adquiriram durante seus estágios evolucionistas, irmão. E sempre estão sujeitos à influência predominante do mistério com o qual foram ungidos em suas origens.

– Eu não sei, minha senhora.

– Irmão, você não entende por que é assim, não é?

– É isso mesmo, minha senhora.

– Você conheceu as dimensões básicas e viu nelas seres virginais que eram só mentes pensantes, não viu?

– Eu vi e adotei bilhões desses seres virginais, minha senhora. Em todas as sete dimensões básicas adotei seres virginais, e são tantos que nunca saberei o número exato.

– Saiba que, quando você adentrou naquelas dimensões básicas e seu mistério suportou formar tantos pares com aquelas amadas mães elementais puras, minha visão turvou-se com as lágrimas que derramei, de tão feliz que fiquei.

– Além de sua alegria natural, qual a razão da sua alegria extra, minha senhora?

– Ela se deveu ao fato de que finalmente aquelas encantadoras mães elementais haviam encontrado um Trono da Geração puro porque havia sido ungido em sua origem com esse mistério que tanto o incomoda, mas que o tornou apto a formar pares energéticos puros com quantas estavam aptas a se ligarem ao seu mistério único.

Saiba que a última vez que mães elementais puras puderam se ligar a um Trono da Geração, também puro, porque fora ungido em sua origem, foi um pouco antes do desaparecido Ogum Sete Estrelas ser conduzido, consciente, pelo divino Criador, ao seu mergulho inconsciente no estágio humano da evolução. Depois disso as mães elementais nunca mais se ligaram a Tronos da Geração Puros. E as que desejaram avançar tiveram de se ligar aos mistérios de Tronos da Geração Mistos, pois a geração, neles, era o segundo mistério.

Então muitos desses Tronos Mistos não suportaram a geração de energias que sustentaria o novo estágio das mães ligadas aos seus mistérios e entrarem em desequilíbrio vibratório e geracionista. Consequentemente, as mães ficaram paralisadas onde estavam ou se tornaram negativas, pois foram inundadas com as energias que esses Tronos desequilibrados começaram a enviar-lhes.

Foi um processo longo e dolorido, durante o qual muitas lágrimas foram vertidas e até o regente planetário humano de então verteu lágrimas de tristeza. E tantas ele verteu que foi afastado da regência e adormecido na carne, ou humanizado, como queira, para individualizar-se e assumir essa função em si mesmo, já que ele era puro em todos os seus mistérios. Mas ele se emocionou na carne e negativou seus sete mistérios puros. E arrastou consigo os milhares de Tronos que ampararam sua descida à carne. E tentou arrastar todos os que haviam começado a humanizarem-se.

– O mito Lúcifer! – exclamei.

– Não, irmão. O muito real demiurgo que se revoltou com os Tronos Mistos e tentou chamar para si o reequilíbrio da desarmonia de então.

– Entendo, minha senhora.

– Ele não se conformou por não retornar ao Alto do Altíssimo e deu início a uma perseguição implacável a todos os Tronos Mistos já humanizados, dando

início a uma verdadeira luta de gigantes, luta esta que culminou com a derrocada da era cristalina, a era da fé pura que imperava tanto na irradiação vertical quanto na horizontal, e tinha a dimensão humana apenas como fator humanizador dos seres, e nada mais, pois, do mesmo jeito que as divindades são vistas nas dimensões naturais, eram vistas na dimensão humana pelos seres que se espiritualizavam para adquirirem o fator humano.

– Isso que ouvi é a batalha dos titãs, adaptadas em algumas mitologias, minha senhora?

– Foi o intenso esforço desenvolvido pelos Tronos Naturais para manterem intactas as hierarquias das dimensões naturais quando Luciyefer se assentou nas esferas cósmicas humanas, onde estabeleceu um caos, pois tentou reconstruir uma nova hierarquia. Mas o fator humano incorporado aos mistérios dos Tronos humanizados subiu-lhes à cabeça e cada um desejou estabelecer sua própria hierarquia; então todos, Luciyefer incluso, foram isolados nas trevas da dimensão humana pelo divino regente planetário, de onde só sairão se anularem de suas mentes o fator humano.

– Que fator é esse, minha senhora?

– É o fator cósmico que os espíritos encarnados chamam de "livre-arbítrio" ou iniciativa própria.

– Preciso entender isso, minha senhora! – exclamei.

– Saiba que o fator humano, o suposto livre-arbítrio, visa a dotar o ser de uma qualidade única que o faz situar-se e identificar tudo à sua volta a partir de si mesmo. Mas, quando esse fator sobe à cabeça, entorpece a mente e desloca o ponto de equilíbrio natural do ser. E a partir daí começam as dificuldades, pois o ser só consegue entender as coisas a partir do que sua mente conseguir identificar como humanamente possível, e a rejeitar como impossível ou sobrenatural tudo o que fugir ao seu entendimento, que o limita e o restringe ao que estabeleceu como natural na limitada dimensão humana da vida.

O fator humano, que é só mais um dos muitos fatores que os seres devem absorver neste planeta, visa a fornecer-lhes uma capacidade de ordenação a partir de elementos opostos e a criar-lhes um centro neutro individual que lhes abrirá uma faculdade única, que é a "visão divina" da Criação.

– A mesma que eu tive em sonho?

– Em sonho?

– Sim, senhora.

– Que sonho foi esse?

– Bom, certa vez, após cometer uma falha imperdoável, da qual me arrependo até hoje e também nunca fui perdoado, eu me refugiei no meu centro neutro cristalino. Chorei minha tristeza e remorso até que esgotei meu emocional e desejei dormir e dormir. Quando dormi, uma voz divina falou comigo e ordenou-me que me levantasse e desse um primeiro passo para galgar o primeiro degrau de uma escada. Subi seus degraus e cada um era uma era religiosa divina e abarcava

todas as dimensões planetárias, onde me via, e via todos que eu desejava ver. Eu tanto via quanto sentia o que via e vivenciava o que eu sentia.

Fui subindo e acompanhando meu passado passo a passo, como se fosse um filme sendo rodado para trás. Então, quando cheguei ao topo, já diante dos sete ancestrais Tronos Divinos, eu me vi desistindo de ir a outro planeta só porque os que eu amava ficariam aqui. O amor pelos meus foi mais forte, e os divinos Tronos concederam mais uma descida àquele ser que tinha estado ali por outras seis vezes.

Eu me vi entrando por um portal e, quando saí do outro lado, já era um infante. E me vi entrando em uma dimensão natural onde uma mãe encantada me acolheu com seu amor divino e amparou-me até me habilitar a crescer sob a irradiação de uma mãe natural.

O fato é que do alto eu tinha uma visão total, panorâmica mesmo, de toda a minha sétima renovação e reinício de evolução natural, já a partir do estágio encantado. Eu fui descendo por uma outra escada, da qual eu contemplava os momentos marcantes de minha jornada. Quando cheguei no último degrau, contemplei minha última encarnação e o que de certo e errado eu havia feito. Então dei um passo no vazio e acordei em espírito. Mas conservei, viva em minha memória, aquela visão panorâmica de sete eras religiosas divinas e das vivenciações acontecidas. E hoje basta eu entrar em uma vibração mental superior que consigo vislumbrar aquilo que me foi mostrado em sonho. Mas que é uma visão divina da evolução, isso é!

– Essa é uma abertura parcial da visão divina, irmão visionário. Porque a visão divina é total e permanente, facultando-nos a contemplação da contraparte cósmica do que você viu em sonho.

– Existe uma contraparte?

– Existe. É cósmica e monocromática, regida pelos sete Divinos Tronos Cósmicos, pois a que você viu é regida pelos sete Divinos Tronos Celestiais. Se não fosse um sonho, você teria visto tudo à sua frente, pois essas duas contrapartes formam um V, e você teve uma visão da vertente positiva.

– Eu acho que o divino Criador quis me mostrar alguma coisa que não consegui ver ou entender. E Ele viu que eu não estava preparado para formar um par com minha amada vovó e senhora Guardiã do Tempo, a quem eu, como o desaparecido Ogum Sete Estrelas, recepcionei no início de seu estágio encantado da evolução, onde nos tornamos inseparáveis, como se tivéssemos afinidades em todos os sentidos. Se eu tivesse o direito de descrevê-los, eu diria que entre eles surgiu um amor à primeira vista.

– Amor à primeira vista? Que amor é esse, irmão?

– É um tipo de amor muito especial, porque ele nasce assim que os seres se veem.

– E você viu esse amor nascer entre ele e sua vovó e senhora Guardiã do Tempo?

– Não só vi como o senti e vivenciei, pois tudo o que eu via eu sentia como uma vivenciação. Mas aquilo não aconteceu entre minha amada vovó e eu. Não senhora, minha senhora!

– Por que não, se são os mesmos?

– Ela continua a mesma, só que amadureceu no tempo. Já eu, bem, sou uma sombra triste de um radiante Ogum estrelado. Eu sou um espectro, um fantasma na vida dela, que tem toda a razão do mundo para nunca mais olhar para mim.

Sim, senhora, eu não entendi a razão daquela incrível visão e, recorrendo ao meu mistério renovador, renovei em meu amado tatá-avô e senhor tatá Omolu um minuto inesquecível em sua existência ancestral, quando ele se habilitou a reocupar seu Trono Energético que ele desocupara para se renovar mais uma vez, já que ele também não quis cruzar aquele portal que o conduziria a outro planeta muito mais evoluído.

– Você fez isso por ele?

– Fiz sim, minha senhora. Eu o amava desde outras eras não mostradas naquele sonho, e tínhamos tanta afinidade que entendi a admiração que sempre senti por ele. Mas foi a última coisa que fiz, pois a seguir me mostrei indigno e aproveitei-me de uma abstração, uma meditação mesmo, e infringi uma das regras de conduta entre os Tronos.

– Por que você fez isso?

– Eu pensava que poderia conversar com alguém que conhecesse o mistério daquela escada e decifrar a razão de ter sido mostrada de forma tão detalhada. Mas algo saiu errado, pois a Lei não aprovou o modo que usei para extrair dele o que eu desejava e precisava saber. Quanto ao resto, acho que a senhora, que possui a visão total e permanente da criação, pode ver, não?

– Você sabe quem sou, irmão?

– Não, minha senhora.

– Você não deseja saber quem sou?

– Não, senhora. É melhor eu não saber, pois, em caso de não poder servi-la, não ficarei sabendo a quem deixei de servir. E, caso eu errar, não saberei a quem atrapalhei ou por quem serei punido.

– Você conduz tudo para a sua anulação total. Por quê?

– Eu acho melhor assim. Se eu nada souber além do essencial para ativar meus mistérios, assim que os desativo tudo se encerra junto e não preciso me preocupar com o que deu certo ou errado.

– Isso é abstinência no que realiza, irmão. É abstração!

– É sim, minha senhora. Mas, abstraindo-me, preservo a parte pensante do meu mistério, que é quem é ativado e faz tudo quando atuo. Eu me dissociei dele e assim não me emociono, admiro ou encanto com o que essa fonte geradora de energias é capaz de fazer porque é um mistério. Quando fiz essa distinção, parte de minhas dificuldades em me aceitar simplesmente desapareceram.

– Entendo. Você codificou em sua mente que é apenas o hospedeiro de uma fonte da qual muitos se servem. É isso, irmão?

– É isso, minha senhora. Acho que foi o melhor que fiz para me preservar. Com isso não me envolvo emocionalmente com nada do que faço ou fazem à minha volta.

– Está certo, irmão. Já satisfiz minha curiosidade de saber como você estaria depois de tanto tempo sem vê-lo. Como não tem a curiosidade de saber quem sou, vou me retirar como cheguei: uma desconhecida senhora do alto.

– Foi só para saber como eu estava que a senhora se deslocou até meu centro neutro?

– Você acha pouco ou sem importância?

– Não, senhora. É meu modo de expressar admiração, porque é muita bondade, gentileza e consideração, sabe? Eu fico agradecido por se preocupar comigo e peço a Deus que a abençoe muito! Puxa, até que enfim alguém veio até aqui só para ver se eu estou bem. Que bom! Obrigado, minha senhora!

– Vejo que ficou feliz, irmão.

– Eu fiquei, minha senhora. É uma honra alguém se preocupar comigo, um fantasma sem muita importância.

– Por que você se acha tão sem importância?

– Bom, sou só um executor de vontades alheias. E existem muitos executores, sabe? Eu já conheci uma porção de irmãos ancestrais que também são executores. Uns são da Lei, outros são da Justiça, outros são do Tempo, etc. Nós somos instrumentos dos Senhores do Alto. Não é um grau muito elevado ou bem visto pelo baixo astral.

– Eu também sou uma executora, irmão. E não acho meu grau tão desprezível como você e seus irmãos ancestrais acham, sabe?

– Eu.. nós... desculpe-me, minha senhora. Eu me referia a nós, os executores humanos. Nós não somos bem vistos pelos executores naturais, que têm altíssimos graus e não precisam lidar com a escória espiritual, sabe?

– Não sei não, irmão. Explique-se ou o punirei rigorosamente porque desrespeitou um dos graus da Lei e da Justiça Divina.

– Bom... eu me referia ao grau que meus irmãos e eu em avançado grau de exunização nos encontramos. Nós não somos bem vistos por todo o baixo astral, pois toda vez que somos ativados, alguém de lá será anulado. Nos não somos bem vistos e sempre que podem nos atingem com violentas descargas energéticas ou com seus poderosos mistérios negativos. E quando conseguem pegar um de nós, eles nos estraçalham, sabe? Então nós não nos sentimos grande coisa ou temos muita autoestima, porque somos só executores da Lei e da Justiça nos domínios das trevas humanas.

– Esta é sua explicação?

– Sim, senhora. Mas se ela não é suficiente para me justificar, então, por favor, exclua meus irmãos de sua punição porque eu falei por mim mesmo e não tenho autorização de falar nada por eles. Eu só expressei minha opinião pessoal, sabe?

– Que você expressou só sua opinião eu sei, pois conheço muitos de seus irmãos executores da Lei e da Justiça que atuam nos domínios das trevas e nunca vi nenhum deles desprezar seus graus com colocações tão depreciativas.

– Eu também não, minha senhora. É que eu, por mais que tente evitar, nunca deixo de errar quando me alegro um pouco, pois, se não tivesse ficado contente ao saber que a senhora veio até aqui só para ver se eu estava bem, não teria ofendido um grau de Lei e da Justiça. Que coisa! Quando vou aprender a calar-me, tanto na tristeza quanto na alegria? Quando é que vou conseguir anular de uma vez por todas esse meu insepulto emocional? Eu tenho de descobrir como acabar com essa emotividade inconsequente. Mas como? Só se eu descer mais um pouco minhas vibrações. Ou será que devo deixar esse nível vibratório neutro e descer para algum nível negativo? Não, isso não resolverá, pois lá todos são muito emotivos. Como fazer para anulá-lo para sempre? Tenho de dar um fim nele antes que o safado acabe comigo de vez!

– O que você está fazendo, ou melhor, dizendo, irmão?

– Desculpe-me, minha senhora, mas estou falando comigo mesmo e tentando achar um meio de anular de vez meu emocional antes que ele acabe comigo. Afinal, sempre que ele se exterioriza, coloca-me em encrencas. Ou não é verdade que a senhora já ia partir quando eu, não contendo meu emocional, exteriorizei um pouco de alegria, acabei falando o que não devia e conquistei mais uma punição gratuita?

– Gratuita? Você ofendeu um grau de Lei e de Justiça, irmão!

– Eu não quis ofender o grau, mas sim meu grau hierárquico. É o que sinto sobre mim e, desculpe-me por falar assim, mas uma punição não irá mudar minha opinião. Afinal, vem um senhor e diz: "irmão, você é muito importante!"; vem outro e diz: "irmão, seu mistério é único!"; vem outro, e mais outro... e outro, e todos dizem o que a senhora também tentou dizer-me, mas neguei-lhe o tempo todo porque, se eu fosse realmente importante, não estaria sujeito a tantas punições só porque sou humano, penso como humano e me expresso humanamente sobre o que sinto. Se eu tivesse, mesmo, alguma importância, não estaria tão exposto à maldita escória das trevas, à qual sou obrigado a combater o tempo todo se não quiser ser reduzido a um farrapo humano, só porque tenho em meu corpo espiritual uma fonte de energias que os vermes gostariam de se apossar dela ou de esgotá-la! Sim, senhora, vê como sou importante? Nem posso expressar minha opinião pessoal sobre como me sinto que já conquisto mais uma punição! Até quando isso será assim? Até quando, meu Deus? – indaguei, já em desespero, revoltado mesmo.

Eu me calei, e ela nada falou. Apenas se retirou e não fiquei sabendo qual seria minha punição, se bem que eu pouco estava me importando, já que seria só um entre vários dos meus problemas.

O fato é que a punição foi inversa da anterior e aí meus superiores é que deixaram de falar comigo e só os dois Oguns guardiões do meu mistério

continuaram a comunicar-se, estritamente para ativarem meu mistério gerador de energias e renovador de vidas.

– Bem, já fui destituído do meu grau de executor! – exclamei para mim mesmo, dando de ombros, como se aquilo não tivesse a menor importância. Mas tinha, porque de vez em quando um dos meus irmãos venenosos voltava contra mim seu mistério, e eu tinha de ir até o centro neutro de um dos meus senhores do alto ou até ao de Exu para solicitar ajuda, porque em mim mesmo já não tinha os recursos indispensáveis para resistir às suas atuações.

É, eu havia perdido tudo mesmo! E minhas encrencas sempre tinham a ver com o "Tempo". Sempre era o "Tempo" que, de uma forma ou de outra, se voltava contra mim.

Então comecei a gerar em meu íntimo uma aversão a qualquer contato com os mistérios do Tempo e recolhi-me de vez, opacisando-me da cabeça aos pés e tornando-me irreconhecível à maioria dos meus irmãos mansos e luminosos.

Acho que dali em diante fiquei descoberto em todos os campos, pois mistério de tudo quanto é campo negativo voltava-se contra mim, tentando destruir-me e anular meu mistério.

Eu também percebi uma coisa: os safados que desejavam anular-me eram cada vez mais poderosos. Portanto, estavam assentados em níveis vibratórios mais profundos. Logo, eu estava descendo ou caindo vibratoriamente. Como queiram!

Só que, ao invés de parar, eu continuei a descer e acertar contas com aqueles que me odiavam só porque não conseguiam acabar comigo.

Então, já desequilibrado, cometi meu maior desatino quando, irritado, exclamei:

– O safado do príncipe das trevas não conseguiu acabar comigo das outras vezes e agora pensa que vai conseguir. Mas, se eu tiver de descer em espírito, vou ser mil vezes mais cruel que o mais tenebroso dos executores da Lei nas Trevas! Que safado! Só pode ser o miserável que anda me infernizando e eu nem havia percebido!

Eu tenho certeza de que falei o que não devia, pois aí "ele" voltou suas hordas infernais contra os senhores guardiões do meu mistério, que se viram colocados diante de uma situação única: como guardiões do meu mistério, tinham de me defender, justamente contra o mais temido dos mistérios, o do senhor das ilusões humanas!

Encrenca maior, impossível de se arranjar. Mas eu arranjara!

O que sei é que recebi de volta meu grau de executor da Lei e da Justiça Divina e virei um túmulo vivo de iludidos servos do senhor das ilusões humanas, pois os piores escravos dos domínios sombrios das ilusões voltaram contra mim suas temíveis legiões infernais, às quais eu e meus irmãos executores executamos com uma frieza que deve ter gelado até os congelantes domínios dos guardiões do Tempo, pois foi nesse tempo conturbado que minha mãe maior Logunan abriu-me alguns dos seus mistérios para que eu recorresse a eles para enviar aos seus

enregelantes domínios cósmicos algumas daquelas legiões infernais que tinham contas pendentes com os guardiões de seus mistérios.

Sim, senhor, a coisa ficou feia mesmo, porque toda uma egrégora de ressentimentos negativos, cristalizados já há muito tempo, explodiu e libertou tanto os meus mais temidos fantasmas quanto os dos meus irmãos executores, e mesmo alguns fantasmas de meus pais, avós, bisavós e tatá-avós, que não pensaram duas vezes sobre a posição que deviam tomar: colocaram seus mistérios executores à minha disposição. Aos quais eu recorri sem a menor cerimônia, pois era uma questão de vida ou morte... para mim.

Por falar em morte, reaproximei-me de meu amado vovô tatá Omolu, que voltou a ocupar seu lugar às minhas costas e foi logo me advertindo:

– Neto maluco, você, além de tolo, é um idiota!

– Por quê, vovô tatá Omolu?

– Como é que você vai mexer logo com o mais temido dos fantasmas?

– Ele é só um safado, vovô!

– Safados são os idiotas dos seus irmãos venenosos. Ele é o tal mistério da tão falada e tão desconhecida caixa de Pandora!

– Essa tal caixa de Pandora não é só uma alegoria grega, vovô?

– Você sabe o que é uma alegoria?

– Mais ou menos, vovô.

– Mais ou menos não é resposta, neto inconsequente.

– Desculpe, vovô. Eu não sei!

– Saiba que alegoria é uma forma humana de revelar o irrevelável. Logo, a tal caixa de Pandora é a alegoria que oculta o mistério da ilusão. E quem abre a caixa de Pandora se surpreende, porque de dentro dela saem nossos medos, nossos pavores, nossos horrores, nossos desejos, nossos ódios... nossos piores fantasmas.

– Xiii! Acho que dessa vez me ferrei, vovô.

– Que você entrou na sua pior encrenca não tenho a menor dúvida, mas acho que também nos encrencou junto, sabe?

– Por quê, vovô?

– Bom, você ainda se lembra do que falou sua amada vovó Guardiã do Tempo quando ela veio ver como você estava?

– Ela não está de costas para mim?

– Isso era antes, porque depois ela virou o Tempo contra você.

– Nossa!!! Quando ela fez isso?

– Você não percebeu?

– Eu não. Já ando tão desnorteado que nem sei de onde estão vindo os golpes ou quem os está dando.

– Você é um caso único, sabe? Ela veio até você para inundá-lo de amor e você a obrigou a virar seu mistério contra você.

– Vovô, por acaso aquela senhora que...

– Era ela sim, neto idiota.

– Que droga que sou!

– Ponha droga nisso, neto insensível.

– Vovô, eu não tinha notado, mas o senhor já não me repreende quando uso meu jeito humano de expressar-me.

– Tudo bem! É só não abusar que não será repreendido.

– O que houve para me aceitarem assim, cheio de imperfeições?

– Nós chegamos à conclusão de que você é um caso perdido em alguns aspectos e o melhor é aceita-lo como você ainda é, senão logo mais teremos de entregá-lo à Lei e à Justiça Divina, sabe?

– Não sei não, vovô. Como é isso?

– É termos de assistir você ser anulado em sua parte pensante, ou o que restou dela, e ser reduzido a uma fonte neutra, sabe?

– Essa não!

– Essa sim, neto inconsequente. Você está prestes a pôr tudo a perder depois de tudo ter conquistado e de ter resistido a tudo e a todas as investidas dos degenerados Tronos da Geração possuídos pelo Senhor das Ilusões Humanas.

– Degenerados Tronos da Geração? E possuídos pelo Senhor das Ilusões Humanas?

– Isso mesmo.

– Esses são meus piores fantasmas, vovô?

– Não sei se são. Mas, que são bem ruinzinhos, isso eu sei. Os safados não respeitam nem os limites de Exu e andam invadindo, por baixo, a Umbanda e o Candomblé.

– Que droga! Vovô, o senhor lembra de quando me disse que seu alfanje estava à minha disposição?

– Esqueça-o. Eu disse isso quando você ainda não era um maluco suicida!

– É só para fazer uma limpezinha, sabe? Depois eu devolvo!

– É claro que sei. Da última vez que o armei com meu alfanje da morte você se esqueceu de que era só para uma limpezinha de nada e o usou por tanto tempo que quase se apossou dele e o incorporou em definitivo ao seu mistério executor.

– Revolta-me saber que os vermes estão subindo, vovô!

– A nós também. Mas preferimos entregá-los à Lei Maior e à Justiça Divina, que nos ativará na hora certa contra os ardilosos e sensualistas venenosos que confundem religiosidade com sexualidade, e práticas religiosas com vícios desumanizadores e degeneradores. O tempo punirá esses devassos e pervertidos que trazem para dentro dos templos suas distorcidas e mundanas formações degeneradas.

– Acho que vou...

– Nem pense nisso, neto precipitado. Trate de nos consultar antes, sempre que seu emocional começar a vibrar esses desejos mortíferos.

– Está certo, vovô.

– Promete nos consultar antes?

– Prometo, vovô.

– Ótimo! Saiba que seu grau de executor já comporta a punição dos degenerados Tronos da Geração. Logo, não acrescente a ele a ira divina, que é o que você tem feito sempre que se exacerba e clama ao Altíssimo do Alto que faça de você um instrumento da Lei e da Justiça.

– É isso que tem acontecido sempre que faço esses pedidos a Deus?

– Nem mais nem menos. Eu já lhe disse que a palavra de um Trono tem a força de uma vontade, não lhe disse?

– Disse sim, vovô. Aliás, todos me disseram, não?

– É, todos o alertaram mesmo. Mas você, um cabeça dura nato, não prestou a mínima atenção ou deu o menor valor, certo?

– Eu só lancei umas maldiçõezinhas e umas pragas inconsequentes, pois foram só da boca para fora.

– Não importa o que o moveu ou a forma como as lançou. O fato é que essas maldiçõezinhas e praguinhas crescem rápido e aí, fortalecidas pelas fúrias das trevas, acabam se voltando contra quem as lançou.

– Essa não! Só agora fico sabendo disso?

– Pelo visto você andou exagerando também nestas coisas, não?

– Só fiz isso quando me revoltava com algum irmão safado, sabe?

– Essa não!

– O que foi, vovô?

– Você só vivia revoltado!

– Mas não vivia amaldiçoando ou lançando pragas contra todos os meus irmãos venenosos, sabe?

– Sei. Só fazia isso com os que não se curvaram ou com os que executou, certo?

– É... mas eu também pedia perdão a Deus quando me acalmava. É esse meu emocional à flor da pele, sabe?

– Espíritos não têm pele, neto cabeça dura.

– Tudo bem. Mas que eu pedia perdão, isso eu pedia, vovô!

– Saiba que uma maldição ou uma praga é igual a um daqueles "trabalhinhos sujos" que os venenosos encarnados costumavam fazer contra seus semelhantes, só porque são sujos intimamente. Então fazem suas magiazinhas negativas, e mais dia menos dia a Lei de Ação e Reação as devolve com o acréscimo punitivo a que fizeram jus, ou o Tempo os punirá com o rigor da Lei das Causas e Efeitos.

Tem muito encarnado que vive sofrendo por causa dessas magiazinhas feitas contra seus semelhantes em encarnações anteriores, sabe?

– Isso eu sei, vovô.

– Então saiba que no passado você andou amaldiçoando o tal senhor das ilusões.

– Disso eu não me recordo. Só me lembro de que o chamei de maldito safado um dia desses atrás, sabe?

– Sei, e muito bem!

– O senhor acha que se eu pedir perdão pelo que falei, Deus pacifica tudo?

– Calma, neto!

– O que foi?

– Não vá pedindo perdão a torto e a direito, assim, sem mais nem menos. Lembre-se que você prometeu nos consultar sempre?

– Devo consultá-los até para pedir perdão a Deus?

– Dependendo de quem você amaldiçoou ou ofendeu, pedir perdão a Deus não só não o ajudará muito, como ainda facilitará a reação em sentido contrário, sabe?

– Não sei não, vovô.

– Saiba que, nessa encrenca que você envolveu todos nós, pedir perdão só irá induzi-lo a abaixar a guarda e ser atingido mais facilmente.

– Então como eu faço para desfazer toda essa confusão, que nem Exu seria capaz de criar?

– O que você é?

– Eu não sei. Mas acho que além de não ser grande coisa aos olhos dos meus senhores, logo logo não serei coisa alguma, certo?

– Errado, neto assustado. Você sabe que fizemos tudo o que nos foi possível e permitido para que você assumisse de forma reta seu grau de Trono, não?

– É, eu sei, vovô. Mas eu me sinto só um espírito...

– Não vamos perder tempo com essa sua conversa mole que não leva a lugar nenhum. Deixe de pensar como um idiota qualquer e procure se recordar do diálogo travado entre seu pai Guardião Naruê e Exu e veja se tira algum proveito dela, assim como algumas lições, certo?

– Tudo bem. Afinal não sou muito idiota, certo?

– Só um pouco estúpido. Isso ainda tem conserto, mas fica para depois, já que o importante agora é salvar o que restou de você e livrar seu mistério dos interesses do Senhor das Ilusões, já que Pandora abriu sua caixa de surpresas.

– Pandora é a ilusão, vovô?

– É uma alegoria. Mas não percamos tempo com detalhes.

– Tudo bem, vovô. O que devo fazer?

– Primeiro você tem de entender, senão não conseguirá fazer nada, digo, muita coisa.

– O que devo entender, antes que não possa fazer coisa alguma?

– Você se lembra daquela conversa sobre Trono e troninhos?

– Lembro-me sim.

– Você acha que seu pai Naruê estava certo?

– Estava, vovô. Eu não teria a paciência dele, sabe?

– Se sei! Você, assim que vislumbrasse a chance de queimar Exu, já o induziria a clamar para ser queimado!

– Não é bem assim, vovô. Mas que eu não iria tolerar toda aquela confusão, isso eu não ia. Não mesmo!

– Eu sei. Você não é o meu mais natural herdeiro por acaso! Mas, voltando à questão dos troninhos, como é que ficamos?

– Eu já disse que concordei com meu pai Naruê, certo?

– Quando você concordou?

– Assim que ele colocou a questão. Afinal, as filhas de nossa mãe Oxum maior são Oxuns, os filhos de nosso pai Ogum maior são Oguns, etc.

– Mas e nos casos dos troninhos?

– Estou 100% de acordo. Eu vi toda uma evolução, desde o estágio elemental até o natural e vi milhões de seres elementais alcançarem o grau de Tronos Mediadores. Logo, ele está certo mesmo, vovô!

– Tem certeza de que não irá mudar de opinião como costumam fazer seus irmãos venenosos?

– Algum dia, ou noite, eu mudei de opinião sobre Deus e sua importância em minha vida?

– Não.

– Algum dia eu reneguei minha fé em Deus?

– Não.

– Então pode confiar que essa opinião sobre os troninhos ninguém me fará mudar.

– Vamos ver daqui a pouco, certo?

– O que é que o senhor vai fazer?

– Acompanhe meu raciocínio e saberá.

– Tudo bem, pode começar, vovô.

– A semente que um ser traz em si o distinguirá como membro de uma classe de Trono, não?

– É isso mesmo.

– Cada semente já traz em si a raiz de um mistério, não?

– Traz sim. Essa raiz o mantém ligado ao divino Criador, que é o Senhor de todos os mistérios.

– Essa semente, caso se desdobre naturalmente, chegará ao estágio natural e aí alcançará o grau de Trono Mediador, certo?

– Eu vi isso com meus próprios olhos, vovô.

– Então, se um desses Tronos for adormecido para encarnar e humanizar-se, ele deixa de possuir o mistério que já irradiava?

– Não, senhor. Seu mistério fica adormecido até que ele tenha condições de manifestá-lo como um dom ou uma faculdade superior.

– Dom é o quê?

– Dom é uma forma humana de classificarmos um mistério.

– Então dom e mistério são sinônimos, certo?

– São, sim. O termo dom é uma adaptação cristã do termo mistério usado pelos gregos antigos. Certo?

– Certíssimo. Os cristãos inovaram para dissociar seus milagres dos fenômenos dos Magos e deram o nome de dom aos mistérios divinos. Mas, no fim, é tudo a mesma coisa.

– Isso é verdade, vovô!

– Eu sei. O que quero é que você também fixe em seu íntimo essas verdades.

– Já estão fixadas desde que eu vivia na carne.

– Diga quando eu vivia em um corpo carnal. Viver na carne tem duplo sentido e é conversa de Exu, pois pode significar que vivia no vício da luxúria.

– Desculpe-me, vovô, mas essa dupla conotação é dos sacerdotes, que associaram carne a sexo, e aí assumiu essa dupla conotação ou segundo sentido. Eu mesmo conheci uns "puritanos" que usavam o termo carne para tudo, sabe?

– Foi o que eu disse.

– Não, o senhor disse que é conversa de Exu.

– E quem você pensa que são esses tais "puritanos"?

– Eles são Exus humanizados?

– Eles não eram mercantilistas religiosos?

– Se eram! Vendiam até entrada para a Santa Ceia... que eles realizavam, sabe?

– Não é Exu quem costuma cobrar para fazer alguma coisa?

– Bom, isso é verdade.

– Então, se não são Exus humanizados, são humanos exunizando-se e já colocando em prática suas futuras práticas usuais, certo?

– Sabe que é isso mesmo? Como é que isso nunca me ocorreu antes? Que safados! Aqueles mercantilistas não esperam a paga de Deus. Não, senhor! Eles tratam de cobrar antecipadamente. E quando o lesado vai cobrá-lo por não ter ido para o céu após a morte, ainda o acusam de não ter tido fé, ou coisa equivalente.

– Então são Exu, ou estão se exunizando, certo?

– Certíssimo, vovô. Eu gostei dessa definição daqueles mercantilistas religiosos. Essa é boa, mesmo, sabe?

– Eu sei. Mas não desvie o rumo da conversa porque você já sabe onde quero chegar, certo?

– Ainda não, vovô. O senhor parou nos dons.

– Ou nos mistérios adormecidos dos Tronos que encarnaram, certo?

– É. Nos mistérios!

– Você viu algum desses Tronos Encarnados retornar às hierarquias regidas pelos Tronos Mediadores?

– Eu vi muitos, vovô. Eu vi...

– Sem exemplificar. Só confirme se viu ou não viu.

– Eu vi, sim, senhor!

– Ótimo! Então não deixaram de ser Tronos, mas apenas essa qualidade deles ficou latente e, quando tiveram condições mentais, retornaram aos seus antigos graus, só que enriquecidos com o acréscimo de faculdades humanas e qualidades adquiridas durante suas encarnações, certo?

– Isso é certo, pois voltaram com uma capacidade de sustentação muito superior à que tinham antes de adormecerem na carne. Hei! Isso é o tal fator humano que vovó Guardiã do Tempo me falou?

– Não é ele. É só um dos seus componentes, pois outros também o formam e o distinguem com o fator acelerador da evolução... que é usado pelos divinos Tronos para acelerarem a evolução natural. Você viu o que aconteceu ao seu filho encantado porque absorveu de você uma dosagem muito alta desse fator humano nas suas irradiações diretas para ele, não?

– É, eu vi sim. Estava se tornando precoce, não?

– Estava sim. Mas sua amada Estrela Dourada do Arco-íris deu um jeito quando o viu vibrando o desejo de formar par com uma porção de pequenas Ninfas da Vida.

– É, eu via uma precocidade nele. Mas, como não entendia dessas coisas, achava que era normal. Afinal, ele é um Trono da Geração que desceu a escada do Tempo.

– Como você sabe disso?

– Eu o vi lá em cima e o vi descendo justo quando cheguei à dimensão regida pelo divino Oxumaré. Ele, lá de cima, me acompanhava há muito tempo e, quando alcancei aquela dimensão, ele iniciou sua descida para renovar-se sob a irradiação direta do meu Mistério da Geração.

– Você viu isso?

– Sim, senhor.

– Tem certeza de que ele não é um herdeiro do Divino Trono das Sete Encruzilhadas?

– Tenho, sim. Quando ele me ajudou a caminhar até o portal que conduz à renovação pelo alto, acho que devo ter prometido algo nesse sentido a ele, sabe?

– Não, isso eu não sei... e acho que poucos sabem disso. E pensar que o proibi de frequentar os domínios da Ninfa da Morte porque pensava que ele era a renovação de um Trono das Sete Encruzilhadas!

– O senhor fez bem, sabe? Se Estrela não der um jeito nele, logo ele vai se meter em encrencas piores que as minhas.

– Por quê?

– Bom, como pai acho que sou um péssimo exemplo, não?

– É, você está certo nisso. Ei! Está aí um bom exemplo para o meu raciocínio: ele deixou de ser o que era?

– Não, senhor. Mas, se não tomarmos cuidado, aí ele se desvirtuará e se perderá no meio do caminho de retorno, já humanizado pelo meu tal fator humano, certo?

– Certíssimo. Então quem é Trono nunca deixará de sê-lo, não é mesmo?

– Isso é verdade, vovô. É só pôr aquele infante no caminho reto que logo ele ascenderá aos níveis excelsos como um Trono da Geração humanizado naturalmente por causa do meu fator humano, e dispensará o ciclo encarnacionista, em que teria de se espiritualizar e sua memória seria adormecida em todos os sentidos, tal como aconteceu comigo. Certo?

– Certíssimo, neto Trono da Geração. Xeque-mate!

– Ei, agora entendi seu raciocínio, vovô! O senhor queria que eu chegasse a um ponto em que teria de me reconhecer como um Trono da Geração, certo?

– É isso mesmo. Um encantado alcança o grau de Trono antes de habilitar-se em todos os sentidos e ser um manifestador natural do mistério que traz em sua semente original?

– Não, senhor.

– Mas quando se habilita a manifestá-lo em todos os sentidos, aí deixa de ser só um encantado e torna-se um Trono, certo?

– Isso é certo, vovô.

– Então por que você não se aceita como um espírito que se habilitou a manifestar seu mistério original, e, sem deixar de ser um espírito, no entanto também é em si mesmo um Trono, já que você comprovou sobejamente que seu mistério manifesta-se naturalmente?

– Ele só se manifesta por meio do sétimo sentido, vovô!

– Se isso está acontecendo é porque você, o mais cabeça dura dos meus netos, não o deixa fluir por meio dos outros sentidos porque sempre que se olha por meio de seu corpo energético, só tem olhos para a parte visível de seu mistério por meio de sua forma humana, já que você traz desde sua origem o fator humano, que é gerado bem aí, nessa raiz do seu mistério.

– Eu gero esse fator desde minha origem?

– Gera, sim. Ou por que acha que você tem estes dois cordões divinos que saem de você e chegam até aquele meio energético divino? Você é uma fonte natural geradora do fator humano, com todos os seus componentes.

– Puxa! Então eu não me humanizei para começar a gerar esse tal fator humano.

– Até que enfim você começou a descobrir-se!

– Então como devo explicar-me, ou melhor, comentar este meu mistério?

– O que é um mistério?

– Bom, é algo divino, não?

– Claro que sim. Logo, divino é sinônimo de "coisa de Deus", não?

– É, sim.

– Uma "coisa" é um todo em si mesmo?

– Não, senhor. Se é uma "coisa", então é parte de alguma outra coisa maior.

– Então um mistério é uma parte de Deus, não?

– Sim, senhor.

– Quantas dessas partes Deus possui?

– Não sei, vovô. Deus possui tantos mistérios que é impossível dizermos quantos são.

– Um mistério, por si só, é Deus?

– Não, senhor. É só um dos recursos de Deus para individualizar-Se em um ser e, energeticamente, atuar na vida de muitos seres.

– Então vemos que um mistério é parte de Deus, mas não é Deus em Si mesmo, e sim um dos Seus recursos que Ele usa para melhor ser visto, entendido e compreendido.

– É, eu concordo com essa teoria.

– Isso não é teoria. É uma verdade! Teoria é um recurso humano para, a partir do desenvolvimento de um raciocínio, chegar o mais próximo possível de uma verdade.

– Puxa, vovô! O senhor esteve escondendo esse conhecimento das coisas humanas esse tempo todo!

– É, eu aprendi algumas coisas nesse campo quando guardava suas costas no tempo que você andou lá no meio daqueles gregos que não faziam outra coisa além de teorizar tudo, sabe?

– Agora sei... e aproveito para perguntar isto: por que tive de tomar aquela taça de cicuta? Não teria sido melhor eu ter me mandado de lá e ter continuado a pregar as virtudes em outro lugar onde nenhum irmão safado quisesse me ver morto?

– Antes de você adormecer para a carne, o que você era?

– Bom, um Ogum estrelado.

– Um Ogum tem a segunda alternativa, a alternativa torta de Exu?

– Não, senhor. Um Ogum só tem a forma reta de pensar, opinar e atuar.

– Um Ogum recua quando seu pensamento ou conduta reta incomoda os safados?

– Não, senhor. Ele defende com a própria vida sua opinião. Ou ele faz isso ou a retidão de Ogum é distorcida.

– Você acha que, se tivesse aceito a segunda alternativa, a torta de Exu, sua inabalável defesa e pregação do "virtuosismo como um bem humano" teria resistido ao julgamento implacável do tempo?

– É, não teria.

– Você acha que o Trono Cristalino da Fé e do Amor que se humanizou no homem Jesus teria fixado uma mensagem divina que perduraria para sempre se ele tivesse optado pela segunda alternativa e ido pregar sua mensagem em outro lugar?

– É, acho que não teria se imortalizado, vovô.

– É isso, neto. Certas coisas, quando são retas, ou as defendemos com a própria vida ou não se imortalizarão no tempo como procedimento reto e exemplo a ser seguido por quantos se pautarem pela retidão que a mensagem traz em si como expressão viva da Lei, da fé, da justiça, e mesmo do conhecimento.

Logo, aquela taça de cicuta não foi nada mais que uma prova de fé na retidão do virtuosismo pregado, então, por você. Que, se tivesse fugido, teria recorrido a uma segunda alternativa, que não era a sua, que é reta.

– Entendo.

– Ótimo! Agora, voltando onde paramos, o fato é que você, em sua origem, foi ungido com essas duas fontes geradoras, e elas geram, entre outros fatores, o

humano. Então você é um herdeiro natural do divino Trono da Geração, só que é um Trono Humano da Geração porque se habilitou a ser um irradiador natural do fator humano. Certo?

– Até aí, estou de acordo. Mas por que me vi como um Ogum antes de me ver como um espírito humano?

– Isso foi preciso para que agora você não tenha de naturalizar-se, ou desenvolver o fator Ogum, Oxóssi, Xangô, Omolu, Obaluaiê, Oxumaré e Oxalá, que são os outros sete fatores indispensáveis a um Trono Humano da Geração, que os gera naturalmente assim que se habilita a irradiá-los. E você se viu pela sétima vez diante daquele portal, mas desistiu de seguir para outro orbe planetário quando estava tão perto de obter as condições ideais para alcançar seu fim como Trono, pois é, desde sua origem, um Trono Humano da Geração. E tanto isso é verdade que suas irmãs naturais, assim que o veem, já começam a vibrar o desejo de humanizar-se ou de absorverem o fator humano puro que você irradia o tempo todo porque o gera em abundância.

Esse é seu mistério original e você levou a bom termo sua humanização em todos os sentidos. Logo, você é um atrator natural de quantas irmãs desejarem humanizar-se naturalmente, sem o concurso da descida à carne. Isso é algo tão natural em você que, ou você as humaniza ou a raiz desse seu mistério sobrecarrega-se de energias que contêm esse fator humano, mais o fator natural masculino que complementa o fator natural feminino que distingue cada uma delas.

Afinal, umas trazem desde a origem o fator Iemanjá, outras trazem o fator Iansã, ou Obá, ou Nanã, ou Egunitá, ou Oxum ou Logunan. Entende isso, neto Trono Humano da Geração e Renovação da Vida?

– Entendo, vovô mestre do saber! Agora sim as coisas estão clareando em minha mente e já começo a raciocinar a partir de coisas compreensíveis. Por que não me falaram disso antes?

– Você não perguntou, oras!

– Como eu iria perguntar algo sobre o que desconhecia?

– Sua Musa do Conhecimento dos Mistérios nunca lhe falou sobre os fatores naturais ou mesmo sobre o fator humano?

– Não, senhor.

– É claro que não. Ela não iria entregar-lhe a razão de ela ter entrado em sua vida, só para inundar-se com o último fator que lhe faltava para adquirir a faculdade que a habilitaria a assumir seu mistério original e alcançar o grau de Mistério do Conhecimento. E depois, sutilmente, sumiu de sua vida, certo?

– Que musa astuta! Iludiu-me direitinho, vovô!

– Eu sei. Mas você ficou todo orgulhoso de si porque acreditava que tinha só para si uma musa do conhecimento, que o melhor a fazer foi deixá-lo enganar-se e ser iludido por ela.

– Vovô, essa musa safada ainda vai se ferrar e aí...

– Você a executa, certo?

– Não, vovô. Vou fazer a safada desinverter as chaves que ela colocou em minha mente.

– Ela fez isso com você?

– Desconfio que sim. Mas logo descobrirei, sabe?

– Não sei, não. Agora você percebeu algo que lhe passou despercebido até saber da existência dos fatores?

– Prefiro guardar para mim, vovô. Afinal, lidar com safados é uma especialidade humana, certo?

– Cuidado, porque aquela musa é a mais astuta que eu já vi por aí.

– É porque é uma safada, sabe? Mas na hora que o tal fator humano lhe faltar, aí vou virá-la do avesso e obrigá-la a explicar-me umas coisinhas.

– Se ela não lhe explicar, o que fará?

– Eu a "desfatoro" em todos os sentidos, porque agora entendi algo que vi quando subia aquela escada do tempo.

– Tem certeza do que viu quando subia?

– Tenho. Eu vi quando subia e vivenciei tudo o que sentia.

– Cuidado para não enfiar os pés pelas mãos. Em caso de dúvida, lembre-se de sua promessa.

– O acerto de contas com musas safadas está incluído?

– Claro. Se ela colocou chaves invertidas em sua mente, também poderá usar contra você suas próprias chaves, invertendo-as em sua memória imortal.

– A safada já fez isso algumas eras religiosas atrás, vovô.

– Tem certeza?

– Absoluta. Ela forçou uma aproximação justo quando eu estava ocupado. Lembra-se?

– Lembro-me, sim. Ela quase o enganou, certo?

– Quase? Nada disso, vovô. A safada sabia muito bem o que teria de fazer para tirar o que precisava sem me possuir e conceder-me a posse do mistério dela. Safada musa invertida! Se eu não me conter, vou acabar amaldiçoando-a, vovô!

– Acalme-se, neto. Nada de emocionar suas descobertas. Talvez você afaste em definitivo a chave correta do entendimento, que ela tirou de você ou inverteu em seu íntimo, levando-o a afastar-se do seu objetivo, sempre que estava prestes a alcançá-lo.

– Está certo. Mas que ainda acertarei umas contas com ela, isso é certo. Já lhe cortei o envio do meu fator humano!

– Consulte-me quando ela tornar a procurá-lo. Agora voltemos ao nosso assunto, que nos levou à conclusão de que você é um Trono Humano da Geração com o grau de Arco-íris porque se tornou em si mesmo um irradiador dos sete fatores naturais, mais o fator humano original, que é "seu" fator natural. Então você é um genuíno Guardião dos Mistérios do Arco-íris e um legítimo herdeiro do Mistério Sete Estrelas, certo?

– Bom, assim entendido, tudo está certo. Mas onde o senhor deseja chegar?

– Ao ponto que você está agora para livrá-lo de um destino semelhante ao dos devassos Trono da Geração caídos nas trevas humanas.

– Isso nunca acontecerá, vovô...

– Eu já ouvi isso antes, neto. Portanto, não discuta com os mais velhos porque você não só não sabe se defender como nada o livrará de um destino paralisante e nada renovador se não parar com esse "negócio" de que é só um espírito idiota portador de um mistério que dissocou de si mesmo.

– O senhor vai direto na ferida, não?

– Vou, sim. Não pense que vou ficar dando volteios para chegar onde desejo, que não vou. Não mesmo!

– Tudo bem, vovô. O que tem a me dizer, já que reconheci que sou um Trono Humano da Geração e Renovação da Vida, com o grau de Guardião do Arco-íris porque trago em mim os sete fatores naturais, mais o fator humano?

– Você está encrencado porque abriu a caixa de Pandora do Trono das Ilusões, certo?

– Isso é certo.

– Então nada de pânico, e se livrará dessa encrenca toda, assim como de uns fantasmas safados, astutos, ardilosos e ilusionistas, que estão morrendo de inveja de você e vibrando ódio, pois desejam apossar-se do seu mistério assim que anularem essa sua parte pensante.

– Como é que os safados conseguirão isso?

– Oras, anulando sua capacidade pensante, eles acessarão seu mistério via seu mental, pois é nele que está a chave de controle que ativa seu mistério ou o torna um Trono tripolar. Então, de posse do controle do seu mental, é só eles alterarem as correntes irradiantes que em um piscar de olhos todas as suas irmãs ligadas ao seu sétimo sentido entrarão em desequilíbrio energético e começarão a ser negativadas. Fato este que as ligará automaticamente aos safados já negativados em todos os sentidos que, por serem devassos e pervertidos, vão possuir de forma bestial todas as que conseguirem arrastar para os seus sombrios domínios, onde começarão a se alimentar das energias femininas delas que, por estarem negativadas, gerarão os fatores cósmicos de suas amadas mães maiores, irradiados naturalmente pelas sete Ninfas reversas, às quais você também está ligado.

– Nossa!!!

– Então os safados atrairão as filhas cósmicas das Ninfas e o resto deixo à sua imaginação.

– Dominando o reverso das sete Ninfas, desequilibrarão elas e minhas sete mães maiores, certo?

– Com o tempo isso acontecerá mesmo, sabe? Eu já assisti, impotente, os safados desvirtuarem cultos religiosos naturais puros, negativarem divindades, tonando-as negativas, vingativas, punidoras, etc.

– Que quadro tenebroso o senhor traçou, vovô!

– Você não chorou o suicídio de algumas divindades?

– Chorei, vovô. Mas já as resgatei e as possuí com meu mistério. A posse foi unilateral, pois eu possuí os mistérios delas, mas elas não possuíram os meus, já que não tinham condições de possuir nada.

– Como elas estão?

– Eu acho que, pelas condições em que estavam, até que estão muito bem, ainda que precisem de intensas cargas de energias quando o passado adormecido ameaça despertar.

– Isso é assim mesmo. Mas o que importa é que você as resgatou, reenergizou e as renovou com seu mistério. Faça sua parte que quem é de direito fará o resto.

– Tudo bem, mas onde os safados querem chegar?

– Sua vovó não lhe falou do demiurgo caído?

– Falou.

– Ele precisa do auxílio dos Tronos porque os espíritos humanos comuns não desenvolveram seus mistérios. E quando os safados dos auxiliares dele vão abri-los, perdem-nos porque não resistem ao tormento que aflora em seus emocionais ainda frágeis. Então atrai os Tronos e os assenta em seus domínios, pois daí em diante eles passarão a sustentar os espíritos caídos nas trevas humanas. Já os Tronos Caídos, estes tentam se apossar de Tronos Energéticos Naturais porque aí se servem dos mistérios deles para descarregar seus vícios e energias emocionais.

– Que coisa, vovô! Foi por isto que uns safados voltaram seus mistérios contra mim?

– Claro! Eles usavam dos mistérios daquelas divindades suicidas, pois descarregavam nelas suas energias viciadas. Quando você as possuiu em todos os sentidos e as isolou, eles não tiveram mais as fontes absorvedoras que esgotavam seus excessos negativos. Eles voltaram contra você seus mistérios, pois, se possuírem seu mental, aí voltarão a ter acesso a fontes energéticas femininas que os descarregarão.

– Entendo. A perseguição dos safados é só uma reação natural às minhas ações.

– Mas você traz em si os sete fatores naturais, e se o possuírem, alcançarão as sete Ninfas reversas. E aí, para eles, os escravos das ilusões, o céu será o limite, certo?

– Até onde eu puder evitar, isso não se concretizará!

– Foi assim, com você emocionado, que os safados acabaram com a cavalgada do Cavaleiro da Fé, sabe?

– Só sei um pouco, vovô. O que o senhor pode dizer-me a respeito da encrenca em que ele se meteu?

– Encrenca que não conseguimos impedir porque ele havia conquistado sua Estrela da Fé algumas encarnações antes daquela que concretizou em definitivo seu grau de Cavaleiro da Estrela da Fé... e seu Mistério da Geração aflorou naturalmente por meio do sétimo sentido. Imagine como ela começou a se sentir, já que, quando tentava reconduzir à luz uma irmã ancestral por meio do sentido da

fé, ela começava a desejá-lo com tanta intensidade que, ou ele a acolhia ou ela caía ainda mais. Tudo por causa do poder irradiante desse seu mistério, ao qual você já conhece bem, mas que o infeliz Cavaleiro da Fé julgava que era uma tentação dos infernos visando a destruí-lo, e culpava sua vida na carne.

– Já naquele tempo aconteciam esses acúmulos energéticos?

– Começaram a acontecer sempre que uma irmã lançava um cordão energético e o adotava como par. Mas ele não as assumia e aí tinha de recolher-se e descarregá-las de forma humana, tal como você fez quando quis subjugar a Ninfa da Vida. Mas logo voltava a ficar sobrecarregado e incomodado porque não revelava seu problema a ninguém, e ainda se afastou dos centros neutros dos regentes da Umbanda porque não entendia os avisos-alertas que recebia.

– Como eram dados os avisos, vovô?

– Bom, os regentes diziam que, ou ele dominava mentalmente seu sétimo sentido ou se emocionaria em todos os sentidos.

– Entendo. O coitado entendia os avisos às avessas, ou como advertências. Como não conseguia aceitar a geração incontrolada de energias, então julgou que era coisa do senhor das ilusões. É isso, não?

– Mais ou menos. E aí foi catastrófico para ele, mas facilitou as coisas para nós, já que recebemos a ordem direta de conscientizá-lo sobre seu mistério, custasse o que custasse.

– E conseguiram, vovô. Tanto conseguiram que vou ativá-lo contra os Tronos Humanos devassos e vou acabar com todos de uma só vez.

– Nem pense em uma coisa dessas!

– Antes consultarei todos, certo?

– Errado, seu cabeça dura!

– Mas, vovô...

– Nem mas nem menos. Use da razão, neto inconsequente!

– Como, vovô? Os safados são emocionais!

– Você anula uma emoção com o uso do emocional?

– Não, senhor. Só com o uso do racional anulamos o emocional.

– Então comece a usar seu racional ou vou começar a achar que você já é um caso perdido, e que me enganei quando o julguei um dos meus herdeiros naturais.

– O senhor não se enganou, vovô. Só preciso de umas orientações, sabe?

– De quais você precisa?

– Das que for preciso para eu não me perder.

– Então precisa de todas, certo?

– De todas?

– Só assim você deixará de cometer erro atrás de erro.

– Se o senhor acha...

– Eu não acho. Eu tenho certeza, neto que não conhece a si mesmo.

– Tudo bem, vovô. Estou pronto para iniciar minha instrução racional. De agora em diante não me emocionarei nem darei um passo sem antes consultá-lo.

– Então prometa isso, neto amado.

– Vovô, não foi o senhor mesmo que me avisou que não devemos prometer nada porque promessa feita é promessa a ser cumprida?

– Fui eu mesmo. Mas no seu caso, só estou me prevenindo contra seu emocional descontrolado. E, caso você quebre sua promessa, eu mesmo o esgotarei, certo?

– Está certo, vovô. Mas o senhor não terá sossego de agora em diante, pois vou consultá-lo para tudo.

– Acordo fechado, neto. Mas você obedecerá cegamente as nossas orientações.

– Eu prometo, vovô.

– Ótimo! Agora diga, para que o divino Criador o ouça, que se reconhece como portador natural de um mistério divino e que, por se reconhecer como um espírito humano, então que Ele divinize sua humanização para que humanamente você manifeste um mistério, por meio do qual Ele se renovará na vida e na fé de Seus filhos.

– Sim, senhor, vovô.

O fato é que quando eu, resignado, me aceitei como era e clamei pela divinização do meu mistério, do altíssimo projetou-se uma irradiação multicolorida tão poderosa que fui possuído da cabeça aos pés e senti que ia explodir, de tão irradiado e energizado que fiquei. E mais uma vez aquela voz meiga, paternal e indescritível falou comigo a partir do meu íntimo, para dizer-me:

– Filho do meu amor divino, finalmente você se colocou de frente para o seu divino Criador e foi possuído em todos os sentidos. Desdobre seu mistério de forma humana para que, como um mistério humano, seja consagrado!

Após ser consagrado, ter ouvido muitas outras coisas e ter me justificado perante meu Criador, fui colocado em comunicação mental com o Príncipe das Trevas, o temido Anjo das Trevas, com quem me pacifiquei em todos os sentidos, e assumi o conteúdo da caixa de Pandora, a caixa das ilusões humanas, que abri e, surpreso, encontrei meus verdadeiros medos, horrores, pesadelos e fantasmas; com todos me harmonizei e acolhi sob o amparo irradiante do meu mistério humano, muito humano.

No final, ouvi isto do Anjo das Trevas:

– Eu o chamei muitas vezes, irmão do meio. Mas você sempre ouviu meus chamados como ameaças, quando na verdade eu só queria que você assumisse o seu mistério humano para que com ele retirasse dos meus domínios aqueles que nada mais têm a oferecer-me senão dores, mágoas, tristezas e remorsos. Estes já não são meus, porque os meus são os que ainda têm a oferecer-me seus ódios, suas revoltas, intolerâncias e soberbas. Estes, sim, são os meus e em mim encontrarão o que desejam.

Portanto, recolha dos meus domínios os seus que, dos seus domínios, os meus eu recolherei. E, se algum dos seus lhe virar as costas, estará se colocando de frente para mim, para ser possuído pelo meu mistério. E, se algum dos meus

colocar-se de frente para você, é porque me deu as costas e deseja ser possuído pelo seu mistério.

O fato é que ainda nos falamos por algum tempo antes de aquela voz divina ordenar-me que eu recolhesse meu mistério, pois eu havia recolhido nele o que as trevas tinham a oferecer-me, e que eu só voltasse a desdobrá-lo quando as trevas tivessem algo a oferecer-me, e que fosse do agrado do meu divino Criador.

O ódio puro que eu sentia pelos meus irmãos caídos diluiu-se e, no seu lugar, brotou um amor muito grande pelo meu irmão "de baixo", pois eu era, para ele, seu irmão do "meio".

Quando ele se recolheu em si mesmo e tudo voltou ao normal, senti que estava sendo observado por todos os meus pais, avós, bisavós, tatá-avós e pelos meus pais e mães maiores.

Curvei-me diante de todos e a todos saudei e agradeci pelo amparo, proteção e sustentação. E por todos fui abençoado, pois finalmente havia vencido o meu maior medo: eu mesmo!

Mais tarde, já menos formal, mentalmente perguntei:

– Vovô, o que aconteceu realmente comigo?

– Seu vovô já se retirou de seu centro neutro individual, mistério humano.

– Quem é a senhora, minha senhora?

– Eu sou sua senhora Guardiã do Tempo, meu irmão Trono Humano da Geração.

– Vovó, a senhora me perdoa?

– Sua vovó já o perdoou, meu irmão.

– Por que a senhora já não me chama de neto?

– Porque você cresceu interiormente e amadureceu mentalmente, irmão. Ou você ainda se sente o mesmo?

– Não, senhora. Ainda que em nada eu tenha mudado, já não sou o mesmo de antes. E ainda que eu nunca mude, no entanto nunca mais serei o mesmo.

– Você é o que sempre foi e nunca deixará de ser: um mistério humano do seu divino Criador!

– Eu sou um mistério, minha senhora. Essa é a vontade maior e assim sempre serei.

– Você já não vibra o negativismo de antes, irmão.

– Espero que nunca mais eu torne a vibrá-lo.

– Fico feliz que finalmente você tenha se aceitado e já não lute contra si mesmo.

– Eu já não me dissocio do meu mistério e, com o tempo tenho, certeza de que seremos vistos como indissociáveis a quem tiver olhos para ver.

– Eu tenho olhos para ver, irmão. E, se fui incompreendida, é porque você achava antinatural o que é natural, sabe?

– Agora eu sei, minha senhora. Quem me ungiu com esse mistério falou comigo a partir do meu íntimo e tirou um sentimento de culpa e de inferioridade.

– Ele também falou comigo, e com todos os que têm olhos para ver, sabe?

– Agora que a senhora revelou-me, eu sei.

– Você não deseja saber o que ele nos falou a partir de nosso íntimo?

– Eu não tenho esse direito e não vibro essa curiosidade.

– Mesmo que eu sinta a necessidade de contar-lhe?

– A senhora me acha digno de ouvi-la?

– Acho sim, irmão. Eu e todos os seus pais, avós, bisavós e tatá-avós não entendíamos o que o impedia de portar-se como um Trono. Então fizemos de tudo para forçá-lo a comportar-se como um igual a nós.

– Eu sou humano e só consigo raciocinar a partir de minha formação humana.

– Eu sinto muito se não o entendi e não o compreendi.

– Eu sou como sou e não consigo alterar esse meu modo humano e de só conseguir expressar-me a partir dos meus valores humanos. Por várias eras religiosas, eu participei do ciclo humano da evolução e humanizei-me tanto que, se eu tentar me portar e comportar-me como os Tronos Naturais, estarei passando um comportamento falso ou antinatural porque estarei antagonizando minha natureza íntima. Eu sinto muito se não consegui reviver o desaparecido Ogum Sete Estrelas, minha senhora. Esse fantasma eu não consegui resgatar!

– Talvez eu o visse de forma incorreta, irmão. Enquanto eu procurava em você o desaparecido Ogum Sete Estrelas, eu deixava de vê-lo como realmente é: um ser humano muito humano.

– Eu não vinha me comportando de forma humana porque tentava ser o que não era e perdia meu ponto de equilíbrio emocional. Então me tornava um ser emocionado e pouco humano. Alguns dos meus valores humanos estavam invertidos.

– Era isso que o tornava antinatural, irmão.

– Tenho certeza de que era isso. Aceite-me como um ser humano e descobrirá qualidades nobres e valiosíssimas em minha natureza. Então, a partir desses meus valores, com certeza descobrirá outros só encontráveis no desaparecido Ogum Sete Estrelas, o mais humano dos desaparecidos Oguns ancestrais.

– Por onde devo começar, irmão?

– Por si mesma, minha senhora. No vazio da ausência do desaparecido Ogum Sete Estrelas é o melhor lugar para encontrá-lo em mim, que preencherei com meu humanismo.

– Talvez, se você voltar a atuar com sua lança cristalina, em meu polo negativo, eu descubra naturalmente seu humanismo.

– Se eu atuar só com minha lança cristalina, não revelarei nenhuma de minhas qualidades humanas porque é uma atuação impessoal que me dissocia do meu mistério. Portanto, eu recomendo a posse integral dele para que eu possa atuar em todos os sentidos em seu polo negativo.

– Você está me concedendo a posse unilateral de seu mistério, irmão?

– Estou, minha senhora.

– Não o incomoda eu possuí-lo sem que você possua meu mistério?

– Nem um pouco.

– Eu posso dar um uso negativo a ele, irmão.

– Não pode. Eu clamei ao meu divino Criador que desse ao meu mistério duas formas de atuação. Uma é a d'Ele, que é divina, a outra é a minha, que é humana. Mas pedi que ambas só pudessem ser ativadas de forma reta para que nunca assumisse o desumanismo ou a segunda alternativa, tão temida em Exu, ou a forma invertida e tão detestada do meu irmão de baixo. Logo, concedo-lhe a posse e não temo as consequências.

– Você não deseja possuir meu mistério?

– Ainda não senti esta vontade, minha senhora.

– Você ficou ressentindo com nossos desencontros?

– Não, senhora. Mas eu capto em seu íntimo um certo receio em conceder a posse de seu mistério a alguém que já a decepcionou várias vezes. Então acho melhor conceder-lhe a posse do meu para que não se ressinta mais da atuação dele em todos os seus domínios, já que minha lança cristalina a senhora só a direcionou para os de seu polo negativo, e não manifestou o desejo de tê-la atuante em sua faixa neutra ou seu polo positivo.

Saiba que quando a senhora a limitou ao seu polo negativo, descaracterizou a própria atuação dela, que é tripolar e abrange todo o espectro vibratório do seu mistério nos domínios do Trono do Tempo. Então, a partir de uma posse, limitada pelo seu bloqueio mental, o vazio aumentou e seus ressentimentos contra mim só aumentaram e emocionaram nosso relacionamento.

– Eu fiz tudo isso?

– Fez, minha senhora. Eu não sabia que minha lança cristalina era tripolar e não entendi a razão de ela não voltar a irradiar seu mistério energizador dos domínios do seu polo negativo. Mas agora sei e digo-lhe que, ou abre seus três polos de uma só vez ou ela não voltará a dar sustentação energética, magnética e vibratória ao seu polo negativo que está sobrecarregado e não tem como se descarregar em minha lança, a única capaz de absorver as densas e cortantes energias que nele se acumulam continuamente porque seu mistério recolhe seres desequilibrados no primeiro sentido. Só que em muitos a origem do desequilíbrio começou pelo sétimo sentido. Saiba que o meu mistério curador, que só se manifesta por meio do seu polo positivo, simplesmente ficou neutro. Com isso eu também vinha me sobrecarregando sem saber a razão, mas acreditava que era porque a senhora não me aceitava como eu era ou porque eu não consegui ser como desejava que fosse.

– Foram muitos os nossos desencontros, irmão.

– Acho que a incompreensão os causou e não temos razões para continuarmos nos ressentindo por causa da falta de uma troca bilateral de energias entre nossos mistérios.

– Você está querendo dizer-me alguma coisa com isso?

– Estou sim, minha senhora.

– Diga, irmão.

– A senhora não acha que o reequilíbrio energético completo dos seres retidos em seu polo negativo vale um pouco de ousadia?

– Que tipo de ousadia?

– Possua meu mistério em todos os sentidos e deixe-o atuar em benefício dos seres retidos em seu polo negativo.

– Seu mistério não comporta a posse unilateral. Logo, ao possuí-lo, ele possuirá os meus. Então, daí em diante, você atuará com total liberdade em meus domínios, escapando do meu controle.

– Está certo. Então vou desativar o mistério de minha lança cristalina e desligar dela todos os seres que se ligaram a ela quando a senhora me abriu seu polo negativo.

– Por que você fará isso?

– Espero interromper um fluxo energético que a tem incomodado e não tem ajudado os seres que se ligaram ao meu Mistério Lança Cristalina.

– Você pode desligar todos os cordões, irmão. Eu não tenho o direito de sobrecarregá-lo só porque não desejo possuir todo o seu mistério.

– Antes consultarei meu senhor tatá Omolu.

– Por que irá consultá-lo se é você quem tem de decidir sobre o que o incomoda e não tem como solucionar?

– Eu prometi consultar meus senhores sempre que for fazer alguma coisa, sabe?

– Não sei não, irmão. Penso que agora que você amadureceu no entendimento, já é hora de assumir as responsabilidades sobre suas iniciativas.

– Ainda não amadureci tanto assim, minha senhora. O fato de aceitar-me como sou significa que estou em condições de optar pela melhor solução, já que existem várias para cada dificuldade.

– Não existem quando um mistério só é ativado de forma reta. Qualquer alternativa que tomar só irá piorar as coisas.

– Foi isso que eu previ. Logo, talvez o senhor tatá Omolu ache melhor eu manter as ligações para não desamparar de vez quem estiver na outra ponta dos cordões, assim como para não sobrecarregá-la de vez. Eu a amo demais para aceitar passivamente uma sobrecarga energética e vibratória. Eu me culparei para sempre se acontecer com a senhora, o que sabemos que acontece quando um Trono Energético se sobrecarrega em seu polo magnético negativo.

– Você se preocupa comigo?

– Sim, senhora.

– Suas preocupações não devem limitar suas ações ou impedi-lo de fazer o que tem de ser feito.

– Minha consciência me diz que tenho condições de suportar essa sobrecarga até encontrarmos uma solução que a preserve do refluxo vibratório que fatalmente acontecerá se eu desligar esses cordões. E isso, sem contar com o tormento que voltará a incomodar milhões de seres que o tiveram neutralizado assim que

minha lança cristalina começou a absorver os excessos de energias geradas no sétimo sentido deles.

– Você amadureceu mais do que imagina, irmão. Antes você desligaria todos os cordões e depois se puniria por ter errado.

– Eu me lembro de tê-la ouvido dizer que transformações acontecem, minha senhora.

– Quando são para melhor, são louváveis, irmão.

– São, sim. Eu espero deixar de ser motivo de preocupações e sobressaltos para os Tronos Naturais ligados aos meus mistérios. E, porque todos estão ligados a algum deles, ainda que eu os desconheça, porque são tantos, o melhor a fazer é não me precipitar.

– O que o levou a agir assim foi a promessa que você fez?

– Não, senhora. Eu descobri que quem eu mais combatia e tentava anular está tão ligado a mim que, se eu tivesse conseguido anulá-lo, teria anulado a mim também. Se me senti incomodado pelo mistério dele, na verdade o que me incomodava não era nada mais que minha aversão ao seu modo de atuar na vida dos seres que se ligam automaticamente ao seu mistério, esgotador por excelência, mas que, no retorno, inunda os seres de energias puras de ódio... contra mim.

Se ficavam sobrecarregadas, é porque eu não realizava minha parte como o polo equilibrador do mistério dele, pois, no par que formamos, ele gera e irradia um tipo de energia que "mata" o sétimo sentido de um ser viciado, desvirtuado ou com os valores invertidos. Já eu gero e irradio uma energia pura que "revive" o sétimo sentido de um ser, direciona-o, concentra-o, purifica-o dos vícios e desperta o virtuosismo em todos os sentidos. Mas só a partir do que se estabelecer de imediato no sétimo, sabe?

– Não sei não, irmão. Comente isso, por favor!

– Bom, a senhora atua a partir do primeiro sentido, que é o da fé. E sua atuação é reta, não?

– É reta, sim.

– Então, quando a senhora atua, seu fator cristalino inunda o primeiro sentido do ser, e depois as vibrações que nele se acumulavam começam a descer para os outros e vai estimulando a retidão em todos eles, não?

– É isso mesmo. Primeiro o ser concentra-se no sentido da fé e restabelece a retidão em sua religiosidade. Ela chega a ser tão forte que o ser tende para o fanatismo religioso e só se satisfaz se estiver se alimentando com as coisas da fé. Até o sétimo sentido, se não atender às necessidades religiosas do ser, com certeza ele o anulará de sua vida.

– Mas ficará deficiente em um sentido capital, pois a criatividade surge a partir de um equilíbrio vibratório e energético no sétimo sentido, que atua de baixo para cima e vai energizando todos os outros sentidos, expandindo a criatividade do ser e dotando-o de uma maior capacidade de raciocinar e encontrar mais rapidamente as soluções de seus problemas.

Logo, o mais correto é a formação de pares vibratórios e energéticos sempre que nos for possível, não?

– Eu sei que esse é o procedimento correto, irmão. Mas ainda estou muito concentrada no sentido da fé e temo possuir seu mistério e ser possuída por...

– Conclua, minha senhora!

– Por você. É isso, irmão!

– Foi difícil dizer-me isso, não?

– Foi, sim. Ao dizer isso estou revelando-lhe que temo fraquejar quando seu poderoso mistério começar a atuar por meio do meu sétimo sentido.

– A senhora percebe minha dificuldade em assumir meu mistério? Saiba que ela não era menor que a sua de permitir a atuação dele a partir do seu sétimo sentido, ou a dificuldade que eu tinha em aceitar como natural a atuação do meu irmão de baixo no campo onde o mistério dele se manifesta. Uma das causas dos meus desequilíbrios emocionais e minhas quedas vibratórias era a rejeição à forma como o mistério dele age na vida dos seres desvirtuados, desequilibrados ou viciados: esgotando-os violentamente!

– Eu acho que começo a entendê-lo, irmão.

– Assim espero, minha senhora. Saiba que onde meu mistério não puder atuar em todos os sentidos e com sua tripolaridade, eu deixo de ser visto como um bem na vida dos seres ligados a ele e passo e ser visto como um incômodo, um mal ou um tormento. No seu caso, sou um tormento.

– Não! – exclamou ela. Mas eu, sem alterar minha forma de expressar-me, voltei a tocar em um ponto que já havia causado atritos dizendo-lhe isto:

– Minha senhora, quando seu amado e respeitado Ogum Sete Estrelas a recepcionou e a iniciou, para a senhora foi motivo de satisfação conceder-lhe a posse do seu mistério, assim como sentiu um imenso prazer quando ele lhe concedeu a posse plena do mistério dele, que o abriu em todos os sentidos para que atuasse sem limites com seus mistérios na faixa vibratória onde ele atuava?

– Naquela época tudo era diferente, irmão. Eu era uma encantada do ar cheia de vontade de atuar em benefício do Todo, atuando com meu mistério. Quando ele me iniciou e inundou meu mistério com seu fator "Ogum", porque ele era um Ogum amadurecido no tempo e na vida, possibilitando-me um equilíbrio em todos os sentidos, eu vibrei de alegria, prazer e satisfação.

– Isso é certo. Mas a geração não é o fator que ele lhe passou naturalmente. O que aconteceu realmente é que finalmente a senhora havia se habilitado a possuir o mistério de um ser que já admirava há muito tempo e talvez o amasse inconscientemente porque o modo dele de ser, atuar e comportar-se agradavam-na sobremaneira. Daí deduzo que o fator amor foi o ponto de equilíbrio entre ambos, pois ele havia acompanhado todo o seu amadurecimento e a via com respeito, admiração e amor e a achava ideal para formar com ele um par energético nos domínios do Trono do Tempo regidos pela nossa mãe maior Logunan.

O que a agradava não era como ele era, mas sim como a senhora o via: ousado, dominador, impositivo, possessivo, potente, mas amável e amoroso. Enfim,

um par ideal muito desejado por alguém possuidora de uma natureza como a sua, pois na sua origem a senhora é eólica e volátil. Certo?

– Eu não lhe concedi o direito de dirigir-se a mim nesses termos humanos ou a inquirir-me sobre minhas preferências emocionais, irmão. Retire o que disseste ou meu mistério o punirá rigorosamente.

– Não desta vez, minha senhora. Eu fui ungido pelo meu divino Criador com um mistério curador do sétimo sentido e fui ordenado por Ele como um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida por meio do sétimo sentido. Logo, estou atuando verbalmente com minha forma humana de expressar-me e estou mostrando-lhe o que meu mistério já detectou há muito tempo, mas eu bloqueava a ação natural dele porque me sentia constrangido em alertá-la para esta sua dificuldade íntima em abrir-me todos os seus domínios.

– Eu não lhe concedi o direito de atuar em meus domínios ou a vasculhar meu íntimo. E essas são mais duas razões para ser muito mais rigorosa ao puni-lo.

– Eu sou um Trono e tenho minha faixa de atuação, que tanto pode ser ocupada passivamente quanto ativamente, para que meu mistério curador atue por meio do meu Mistério da Geração de energias e renovação da vida. Como não saí de minha faixa de atuação em momento algum, então, caso ative seu mistério contra mim, suas defesas cristalinas explodirão e seus cacos se espalharão em meus domínios.

– Se não posso ativar meu mistério contra você, então só me restará virar-lhe as costas para sempre e em todos os sentidos, rompendo de vez nossas ligações ancestrais, Trono Humano!

– Eu não lhe permitirei virar-me as costas antes de ouvir-me. Depois, caso ainda deseje fazê-lo, aí a desparalisarei porque meu mistério já começou a atuar sobre seu mistério, sobre seus domínios e sobre sua vida.

– Você não me pediu permissão para tanto, Trono Humano.

– A senhora precisa pedir permissão a alguém para atuar na vida deles ou para paralisá-los quando sente que, ou atua com intensidade ou se emocionarão em todos os sentidos e se desvirtuarão?

– Só preciso quando é um superior meu, Trono Humano. Essa é a regra das atuações. E você não procedeu segundo os ditames da Lei que rege suas atuações nos meus domínios e no meu mistério. Desparalise-me ou invocarei a Justiça Divina para julgá-lo e a Lei Maior para puni-lo com sua anulação total em todos os sentidos.

– Eu não lhe concedo o direito desta invocação, minha senhora. Em meus domínios e atuação na vida dos seres, só eu posso invocar a Lei Maior e a Justiça Divina.

– Você é um inferior e não tem o direito de paralisar-me ou de proibir-me em nada.

– Eu, dentro de minha faixa vibratória, só sou inferior aos meus pais e mães maiores, ao regente planetário e ao nosso divino Criador. Portanto, não lhe sou

inferior e não abdico desse meu grau, que não é inferior ao seu, ao qual respeito e reverencio. Isso só é verdade na graduação hierárquica, mas não nos campos de atuação, pois no campo em que atuo, só eu atuo e sou o único responsável perante a Lei Maior, a Justiça Divina e a Vida por todos os meus atos, palavras e ações. E delas prestarei contas a quem de direito o tempo todo e durante todo o tempo! Portanto, paralisei-a em todos os sentidos e só lhe concedo o direito de ouvir-me, entender-me e compreender-me.

E se, após me ouvir, não me entender ou recusar-se a compreender-me, então invocarei a Justiça Divina e a Lei Maior, às quais exporei as razões que me levaram a assumir sua vida e seu destino, que já estão submetidos ao meu destino e à minha vida, minha senhora.

– Você não tem esse direito, desvirtuado Trono da Geração! Minha vida e meu destino me pertencem!

– Isso quem decidirá, se eu achar que é preciso, será a Lei Maior e a Justiça Divina, não a senhora. Não mesmo! Não desta vez, minha senhora!

– Você está mostrando sua face desumana, Trono Humano da Geração. Finalmente, você revelou a que veio após se humanizar em todos os sentidos. Longe vai o tempo em que o mais sábio, gentil, compreensivo, amoroso e adorável dos Oguns ancestrais acolheu-me em seus domínios e iniciou-me nos mistérios que você, um Trono Humano, primeiro adormeceu e depois anulou em sua ancestralidade.

– Eu sou um Trono da Geração e da Renovação e, independentemente de minhas qualidades, atributos e atribuições humanas, trago em meu íntimo todas as qualidades, atributos e atribuições que absorvi, assumi e irradiei no passado. E tanto as trago em meu íntimo que, quem tem olhos para vê-las, as vê. E quem não tem olhos para vê-las, não vê em mim nada mais que um simples espírito humano dotado de um mistério no sétimo sentido. Que a senhora via o tempo todo porque sua relação de amor puro e platônico com o desaparecido Ogum Sete Estrelas transformou-se em uma relação dual comigo, herdeiro natural dos mistérios dele.

– Minha relação com você sempre foi reta, Trono Humano!

– Não era. A senhora estabeleceu uma barreira, um bloqueio mesmo, em relação a mim, e só conseguia ver-me como o ser humano que adormeceu seu amado Ogum Sete Estrelas e despertou um temido Trono Humano da Geração, que surgiu logo em minha primeira encarnação, pois nela o divino Oxumaré assumiu, por meio do meu mistério renovador, sua humanização como divindade regente de um culto à geração.

Eu fui o primeiro semeador do divino Oxumaré na dimensão humana, e o renovei no culto ao Arco-íris Divino, que são os sete sentidos da vida, em que ele, um dos meus senhores no Alto do Altíssimo, iniciou sua regência da evolução humana e reinou absoluto durante toda uma era religiosa. E, durante toda ela, o "Iá-fer-me-ri-iim-de-re-yê" foi sinônimo de amor, fé e vida.

A senhora se lembra dessa era religiosa, minha senhora "Iá-fer-ça-iim-iór-hesh-yê"?

– Lembro-me sim, Trono Humano desvirtuado logo no início de sua humanização. Quando você semeou uma religião e abriu o culto horizontal ao divino "Iá-fer-me-ri-iim-de-re-yê", também semeou toda uma cepa de fatores humanos negativos que, no decorrer do tempo, geraram os execráveis e degenerados Tronos Humanos da Geração, que transformaram o culto ao Senhor da Renovação em um culto à sexualidade humana, pervertida desde o nascimento porque trazia em si a busca do prazer como fim último no sétimo sentido da vida.

– Então a senhora, uma "Iá-fer-ça-iim-ió-hesh-yê", voltou seu poderoso mistério contra mim porque não me viu senão como o responsável pelo desvirtuamento humano, ao qual estão sujeitos todos os que têm que adormecer na carne para despertarem na espiritualidade.

– Sua semeadura foi desvirtuada, Trono Humano. Milhões de seres naturais regidos pela fé caíram diante da avassaladora atração do sexo.

– E a senhora virou-me no Tempo porque eu estava mergulhado na dimensão humana e voltado para a espiritualização de milhões de seres naturais, entre os quais estavam muitas de suas filhas naturais, certo?

– Todas elas eram filhas adotivas do desaparecido Ogum Sete Estrelas, Trono Humano da Geração que o paralisou no tempo e o adormeceu na carne.

– Está certo. Mas enquanto o desaparecido Ogum Sete Estrelas e a senhora formavam um par natural, o Trono da Geração que irradiava o culto religioso ao divino Oxumaré via-se assoberbado pelo comportamento antinatural dos caídos filhos de todas as mães, assumidos pelo "Iá-fer-lu-shi-iim-yê", meu oposto cósmico e punidor natural dos seres que se desvirtuam a partir do sétimo sentido da vida.

Quando a senhora, enciumada da queda vibratória e comportamental de suas filhas humanizadas, me culpou e virou-me no Tempo, invertendo meu grau, degrau e missão humanizadora, colocou-me de frente para o Trono Cósmico punidor dos vícios sexuais. E, daquele momento em diante, eu comecei a invadir os domínios dele para punir os Tronos Humanos caídos, em vez de me manter em meus domínios para recepcionar os espíritos já esgotados pelo meu oposto, mas não meu adversário. A senhora virou-me no Tempo e colocou-me de frente para ele, que se sentiu ameaçado e reagiu com a mesma violência e agressividade. Daí em diante eu só combati fantasmas, minha senhora, pois só espectros ilusórios se materializaram na minha frente.

– Espectros que se esvaneciam tão facilmente como o Arco-íris semeado por você, Trono Humano. Por você e pelos seus, que o precederam na humanização dos mistérios do divino Oxumaré.

– E, no entanto, foi a semeadura religiosa que mais durou no tempo e não deixou de abranger toda a face da Terra durante toda uma era religiosa. Nenhuma outra semeadura religiosa durou tanto no plano material ou facultou meios para tantos seres naturais, fragilizados no sétimo sentido, se espiritualizarem e renovarem suas existências envelhecidas, paralisadas ou anuladas por uma aversão e

antinaturalismo estabelecidos já no estágio dual da evolução, em que o desaparecido Ogum Sete Estrelas nunca atuou. Estou certo, minha senhora?

– Está. O desaparecido Ogum Sete Estrelas nunca atuou no estágio dual da evolução natural.

– Mas usou de seu Mistério da Geração e Renovação para sustentar as fragilizadas Mães Encantadas que recepcionavam os seres no estágio encantado da evolução, porque elas não resistiam às vibrações que absorviam delas, que as teriam paralisado se ele não as tivesse acolhido quando o procuraram para formarem par com ele no sétimo sentido e passarem a ser sustentadas pelo poderoso mistério do seu amado Ogum Sete Estrelas, a quem a senhora reprovava por formar tantos pares, mas admirava por causa da imensa capacidade de gerar energias e sustentar tantas ligações, certo?

– Ele se desgastou ao formar tantos pares naturais.

– Para amparar e renovar o sétimo sentido de seres que os tiveram paralisados no estágio dual da evolução, não?

– Isso o tornou um ser assoberbado por causa da solicitação energética de tantas mães encantadas e o envelheceu precocemente, obrigando-o a humanizar-se e renovar-se na carne, senão seria recolhido pelo divino Trono do Tempo à dimensão atemporal.

– Essa é sua interpretação, minha senhora. Mas a verdade é que todas aquelas ligações com as mães encantadas visavam a estabelecer em definitivo no íntimo dele a missão que teria de realizar na dimensão humana da vida, na qual finalmente ele expandiria sua capacidade natural geradora do fator humano, que era o fator que lhe permitiria formar par com tantas mães encantadas e regenerar e curar milhões e milhões de seres deficientes no sétimo sentido da vida, aos quais ele curou e evitou que tivessem de estacionar nas faixas vibratórias absorvedoras das energias negativas que irradiavam. Então o desaparecido Ogum Sete Estrelas não envelheceu precocemente, e sim usou toda a sua capacidade geradora do fator humano e "sacrificou-se" em benefício dos seus filhos e filhas adotivos. Se muitos deles hoje vivem em outros orbes planetários ou estão assentados à direita dos pais e mães naturais, isso se deve ao seu gesto humanizador que conquistou em definitivo o amor vivo do divino "Iá-fer-me-ri-iim-de-re-yê".

Esse amor vivo dotou-o de um bem divino que só fluiria por meio do fator humano gerado naturalmente em seu sétimo sentido, que precisou renová-lo na dimensão humana da vida, encarnando e dotando-se de uma renovação automática em todos os sentidos.

Mas disso a senhora nunca soube ou quis ver porque nele, humanizado, não conseguia ver outro além de um Trono Humano da Geração assoberbado pelas dificuldades da sua própria espiritualização e posterior humanização, decidida pelos divinos Tronos Regentes quando ele alcançou o Alto do Altíssimo pela sétima vez consecutiva após descer pela mesma escada natural do divino "Iá-fer-me-ri-iim-de-re-yê", que é a escada por onde desceu aquele meu filho e meu herdeiro natural. Só que minha oitava e última descida processou-se de forma

inversa e desci envelhecendo para esgotar minha capacidade geradora dos fatores que me distinguiram como Ogum Sete Estrelas: a potência das Sete Estrelas, ou Sete Ninfas!

Se não as esgotasse, não conseguiria humanizar-me e agregar as fontes geradoras desses fatores em um só sentido, na qual elas se renovariam e passariam a gerar energias que dariam sustentação à minha atual e inesgotável capacidade geradora de energias e renovadora de vidas a partir do sétimo sentido da vida, que é exatamente a qualidade que atualmente me distingue: a geração de energias que renovam os seres em todos os sentidos!

– Seu humanismo dotou-o de uma capacidade geradora de retórica. Já a esgotou?

– Vejo que nada do que comentei serviu para diminuir sua ira contra mim, o Trono Humano que recolheu os restos imortais do desaparecido Ogum Sete Estrelas na raiz desse meu mistério, tão desejado e tão temido porque é realmente o mais possessivo de todos. Mas só para quem teme renovar-se em todos os sentidos, porque quem ousa, descobre nele uma generosidade única que só quem amadureceu é capaz de possuí-la e irradiá-la na forma de energias.

– Seu mistério foi amadurecido na dimensão humana e traz em si e consigo todas as vicissitudes da carne, Trono Humano.

– A senhora está enganada quanto a isso. Meu mistério foi amadurecido no Tempo. Só que eu descobri isso há pouco, pois interpretei corretamente o significado de ser "iniciado no meio".

– O significado é você ter sido iniciado no meio humano, a mais caótica das dimensões da vida. Nós sempre o tememos porque você é tão instável quanto os espíritos.

– Não, minha senhora. Eu fui iniciado no meio, que é o Tempo. O mesmo Tempo que a rege porque o desaparecido Ogum Sete Estrelas era só uma renovação, e nada mais, de um Trono do Tempo que já vinha se renovado de tempo em tempo. Ele, por ser um adormecido Trono do Tempo, irradiava o fator "cristalino" que a qualificou como uma Guardiã do "Tempo", que é uma qualidade de todos os seres cristalinos. Ou melhor, "Tempo" é o fator irradiado pelos Tronos Cristalinos.

– Quando você descobriu isso, Trono Humano?

– Há pouco, minha senhora. Eu, revendo meu passado, busquei o momento em que o desaparecido Cavaleiro da Estrela da Fé esteve com aquela irmã do Tempo de cor cuprífera e não vi como ela se mostrou quando desejou possuir meu Mistério da Geração e Renovação.

Não mesmo! Ela estava se mostrando a ele como uma Ninfa do Tempo que precisava renovar-se. Mas ele temeu assumi-la porque se desconhecia e não sabia que poderia tê-la renovado sem medo, já que ele era um irradiador nato do "fator" Tempo.

– Então você não é um Trono Humano.

– Eu sou um Trono do Tempo e cristalizei o fator humano como meu segundo fator. A partir daí iniciei minhas descidas para cristalizar os outros fatores que me distinguem como um Trono irradiador do Arco-íris. Logo, desenvolver minhas fontes naturais geradoras do fator humano foi minha última descida, à qual agora interpreto corretamente.

– Onde você deseja chegar, irmão?

– Talvez meu tempo neste orbe planetário esteja se esgotando. Eu ouvi bem claro quando me foi dito: "esta é sua última descida!". Creio que, quando eu esgotar minha capacidade de formar pares, terei de recolher-me em definitivo e aí deixarei de ser uma preocupação à senhora e a todos os meus outros senhores.

– Você tem certeza disso, irmão?

– Tenho a impressão de que é isso que acontecerá. Só não sei o que falta ser feito para que isso aconteça. Mas imagino que tenha a ver com a senhora, que é a única com quem não consegui formar um par energético horizontal. Então peço que reflita sobre o que disse o desaparecido Ogum Sete Estrelas quando ele lhe confiou a guarda de sua lança cristalina, pois tem a ver com esse sentimento dual que vibra por mim, minha senhora.

– Eu não vibro dualmente, irmão.

– Reflita, minha senhora. Eu já sofri demais por causa desse seu sentimento de amor ao desaparecido Ogum Sete Estrelas e de repulsa ao espírito que o afastou de sua vida e o levará embora para sempre, absorvido pelos mistérios de um Trono Humano da Geração. Mas a esclareço que só o reencontrará se possuir meu mistério, que é onde ele está bem visível e à mostra o tempo todo aos olhos que desejam vê-lo.

Agora vou desparalisá-la, mas não lhe concedo o direito de invocar a Justiça Divina e a Lei Maior caso não reflita antes sobre tudo o que falei e revelei. Caso invocá-las depois, e não obtiver ganho de causa, aí será possuída em todos os sentidos pelo meu reverso, que é o Trono da Morte.

– Se eu resolver invocá-las e perder a razão, você terá coragem de entregar-me ao seu reverso?

– Eu já sofri demais durante o tempo que permaneci invertido por causa do seu ciúme e da sua ira inconsciente, que me faziam caminhar em direção contrária ao meu objetivo, que é subir a escada da vida e assentar-me à direita do divino Trono da Vida, ou talvez de ir para outro orbe, onde um Trono Humano da Geração de Energias e Renovador de Vidas não seja visto como o ser que desapareceu com o Ogum Sete Estrelas, e sim como alguém que deseja irradiá-lo por meio do humanismo, meu fator mais desejado.

– Então você já se decidiu por nos deixar, não é mesmo?

– Eu posso atuar com a forma divina, minha senhora. Logo, assentado à direita do divino Trono da Geração, realizarei minhas funções de Trono Humano da Geração de Energias e Renovação de Vidas sem me envolver em choques emocionais e sem ser visto como tenho sido até agora por todos os que amo: como um ser inferior!

– Nós não o vemos como um ser inferior, irmão.

– Veem sim, minha senhora. Eu nunca deixarei de ser visto como sou: um temido e temerário Trono que se humanizou e ostenta em seu corpo energético o mais desejado dos mistérios, que é o da renovação de vidas, mas o mais incompreendido de todos.

– Você está gerando o desejo de assentar-se à direita do divino Trono da Geração, de onde só atuará recorrendo à sua forma divina de atuação?

– Estou, minha senhora.

– Você não havia prometido consultar seu avô sobre suas iniciativas?

– Eu não preciso consultá-lo sobre a forma como devo manifestar meu mistério, porque essa é uma iniciativa originada a partir da manifestação de uma vontade, não do meu emocional.

– Como você pode ter certeza disso?

– Eu estou raciocinando em cima do meu passado, e todas as conclusões indicam que o melhor é recolher-me e assentar-me, aquietando meu emocional e dando vazão plena e racional ao meu mistério. Só assim deixarei de ser um incômodo e uma preocupação a todos os que amo, mas que sofrem por minha causa. Agora peço licença para ficar a sós, pois preciso refletir, minha senhora.

– Você está me pedindo para não incomodá-lo mais com minha presença, irmão?

– Não, senhora. Estou pedindo para ficar só porque desejo refletir. É só isso, está bem?

– Não está, irmão. Eu estou triste porque sinto que vamos perdê-lo para sempre. E se antes temíamos perdê-lo para o embaixo, agora me entristeço ao saber que o perderemos para o alto. Seu lugar é no meio, irmão!

– Esse foi meu lugar enquanto o desejei. Mas agora vibro o desejo de assentar-me e aquietar-me no único lugar onde meu mistério atuará sem chamar a atenção, sem causar temor ou despertar sentimentos incompreensíveis. Com sua licença, pois preciso refletir sobre muitas coisas, irmã.

– Que coisas, irmão?

– Coisas que me são caras, caríssimas mesmo.

– Estou entre essas coisas?

– Todos estão, irmã.

– Entre essas coisas, eu sou uma das negativas, não?

– Muito pelo contrário. Eu a tenho na conta de um bem muito precioso que não consegui reconquistar, mas que do alto reconquistarei, pois a inundei com minhas irradiações de amor e fé na vida, o maior dos bens divinos.

– A vida é o maior dos bens divinos, irmão?

– É, irmã. Sem vida não há amor ou fé. Mas onde há vida, ali nasce o amor e brota a fé porque ela é sinônimo de Deus, que é fé e amor vivo, as essências da vida.

– Irmão amado, não nos deixe!

– Irmã, eu preciso refletir sobre muitas coisas e preciso ficar só. Então, peço-lhe que não introduza em minha reflexão íntima essa sua repentina mudança de comportamento em relação a mim.

– Você não percebe que nós o amamos muito, mas muito mesmo, irmão do nosso coração?

– Eu também amo a todos, irmã. Até já consigo amar meu irmão de baixo, a quem eu vinha odiando há várias eras religiosas.

– Eu não quero ser amada como sua ciumenta vovó Guardiã do Tempo, irmão.

– Por que não, se eu vibro um amor todo especial pela senhora?

– Eu quero ser amada por esse seu amor único que não distingue ninguém em especial. Eu quero ser inundada pelo amor que eu via você irradiar às suas irmãs amadas, com as quais formou pares tão sólidos que todas se assentaram e aquietaram porque haviam encontrado o que lhes faltava no sentido do amor.

– Elas não temeram possuir meu mistério nem me negaram a posse dos seus. Então eu as entendi como minhas iguais e, no encanto do amor que elas me irradiavam e ainda irradiam, eu me compreendia e dizia para mim mesmo: assim você é porque é assim que suas irmãs desejam que seja, e assim elas o amam!

– Se, para provar esse amor, eu tiver de conceder-lhe a posse do meu mistério, então o possua, irmão!

– Nesse tipo de amor a posse é secundária, minha senhora. Não é a posse que faz surgir o amor. Mas este, tendo surgido espontaneamente, é tão pleno e generoso que desejamos partilhar nosso mistério com quem amamos. Eu creio que esse amor fundamenta a generosidade divina que partilha conosco seus mistérios porque nos ama tanto que só se sentirá pleno se compartilharmos de seus mistérios.

Sim, esse amor congrega os que o vivenciam em sua plenitude e os une de tal forma que um não se reconhece sem o outro em sua vida. Esse amor é divino porque é um dos fundamentos de Deus, que só vive em nossas vidas se nos entregarmos a Ele em todos os sentidos.

Só que, ao nos entregarmos em todos os sentidos e sermos possuídos totalmente por Ele, algo maravilhoso acontece em nosso íntimo e passamos a possuí-Lo em todos os nossos sentidos.

Então a verdadeira posse não é a unilateral, que é possessiva e egoísta. A verdadeira posse é a doação pura e plena, e quem se doa está possuindo no próprio ato da doação.

– É esse amor que tenho tentado encontrar em você, irmão. Por que só agora que você optou por recolher-se em definitivo é que o torna visível aos meus olhos?

– Eu me entreguei a Deus em todos os sentidos, minha senhora. Ele me possuiu por inteiro e finalmente eu voltei a possuí-Lo em todos os meus sentidos, pelos quais agora Ele está fluindo naturalmente.

– Então não me deixe, irmão. Não agora que reencontrei em você meu amado Ogum Sete Estrelas, que para mim era o Ogum do amor, da fé e da vida, o único a quem me entreguei em todos os sentidos assim que o vi pela primeira vez.

– Eu preciso refletir, minha senhora. Eu tenho de concentrar-me e refletir sobre minha vida e meu assentamento definitivo ao lado do meu pai maior, que vive em mim desde que me gerou porque trago em meu íntimo suas sementes de fé, amor e vida, às quais multipliquei sempre que me foi possível ou me permitiram multiplicá-las em meus semelhantes.

Sim, como eu multipliquei essas suas sementes divinas, meu amado pai! – exclamei, quase em um sussurro, para a seguir, em um monólogo, dizer isto:

– Pai amado, por que foi tão difícil multiplicá-lo? Será que foi porque eu não soube me fazer entender ou porque não fui entendido? Porque sofri tanto quando o multiplicava? Multiplicá-lo é tão bom, meu pai! Então não deveria ser um ato de dor e sim de amor!

Foi porque eu, em vez de multiplicá-lo, tentei impô-lo? Se foi, peço seu perdão, pai amado que nunca deixei de multiplicar em meu amor, mas sempre o diminuí quando tentei impô-lo.

Perdoe-me se falhei, pai do meu amor, de minha fé e de minha vida!

Sim, pai, eu desejo repousar em seu amor divino, que é o único que me regenera, renova e revive!

Sim, meu pai. Eu me afastei muito do Senhor durante minha longa jornada humana. Mas agora descobri que foi preciso afastar-me para ter consciência da falta que sinto do senhor quando o afasto de minha vida.

– Irmão, desperte desse devaneio! – exclamou, aflita, minha senhora Guardiã do Tempo.

– Não é um devaneio, irmã amada. Meu pai divino mostrou-me o caminho que me reconduzirá a Ele.

– Eu não vou deixá-lo partir! – exclamou ela aos soluços e abraçando-me.

– Não torne meu retorno um ato de tristeza, irmã amada. Não desta vez, por favor!

– Eu não o soltarei dos meus braços nunca mais, se for preciso, para retê-lo junto de nós, os que nunca deixamos de amá-lo, mesmo quando nossos atos não pareciam atos de amor. Se fomos rigorosos em alguns momentos, é porque além de irmãos, havíamos assumido a condição de suas mães e seus pais. Foi só por isso, irmão.

– Eu sei, irmã amada. Eu orarei sempre pelos meus amados pais, avós, bisavós e tatá-avós por tudo o que sempre fizeram por mim, mesmo tendo de contrariar suas naturezas íntimas, pois também trazem essas sementes de fé, amor e vida. Sim, abençoados são os pais que são rigorosos com seus filhos quando os vê afastando-se do caminho que reconduz ao pai de todos os pais.

Então clamo as bênçãos do meu pai divino a todos os meus pais pelo bem que fizeram por mim quando foram rigorosos comigo. Se não tivessem sido, com

certeza eu nunca conseguiria reencontrar o caminho que reconduz todos ao pai eterno: o amor puro e generoso!

Obrigado, meus amados pais, avós, bisavós e tatá-avós. Agora já sei como retornar aos pais dos pais!

– Eu não vou deixá-lo partir, irmão! Eu o amo tanto que, se você se for, eu perecerei, porque não suportarei sua ausência em minha vida. Será que você não percebeu que eu transferi meu amor de irmã para o de mãe, depois para o de avó só porque você adormeceu na carne e começou a me ver como mãe, depois como avó e, finalmente, como bisavó?

Por quê, agora que amadureceu e voltou a ser visto por mim como meu irmão e também a se ver como tal, deseja me deixar?

Não lhe ocorre que tenho ansiado por este momento tanto quanto ansiei pelo momento em que você começou a me ver como irmã e eu deixei de vê-lo como um pai adotivo e passei a vê-lo como um irmão mais sábio e maduro que me iniciou e me concedeu meu segundo fator, que me qualificou como uma mãe no Tempo?

– Irmã, eu estou diante do meu maior desafio, que é optar entre me recolher no amor do meu pai eterno e renunciar a essa opção, mais uma vez, para viver no amor dos meus irmãos. Não imagina como é difícil, sabe?

– O que consigo imaginar é que agora desejo ser renovada por você e regenerar-me energeticamente para voltar a ser a mãe de tantos filhos, que um dia fui quando o tinha ao meu lado dando-me sustentação vibratória para que esse mistério da vida fluísse naturalmente em minha vida. Renove-me nesse seu amor puro, irmão do meu coração! Renove-me, porque é em você que meus desejos se realizam!

– Irmã, não faça isso comigo. Não agora que vou partir.

– Não o soltarei dos meus braços enquanto você não me renovar, irmão.

– Para renová-la, você terá de possuir meu mistério.

– Eu sei. Eu estou vibrando um imenso desejo de possuí-lo.

– Então, automaticamente possuirei o seu, sabe.

– Hã, hã.

– Isso não a incomoda?

– Só me incomodaria se você ainda fosse meu neto. Mas como agora só consigo vê-lo como meu irmão, não só não me incomodo como até desejo que você possua todos os meus mistérios de uma só vez e em definitivo.

– Em definitivo? Por quê?

– O que você possuir em definitivo, você será o senhor guardião dele, e só você poderá ativá-lo daí em diante. Portanto, possua todos os meus mistérios e aí serei toda sua, esteja você onde estiver.

– Meu mistério só comporta a posse dos mistérios irradiados pelo seu sétimo sentido. Essa é a faixa onde ele atua.

– Ótimo! É melhor tê-lo como guardião só dos mistérios do meu sétimo sentido do que sofrer sua ausência em todos.

– Então me devolva o seu grau de guardiã dos mistérios de minha lança cristalina, senão meu mistério maior não se desdobrará.

– O que acontecerá com quem está ligado a ela?

– Passarão a ser beneficiários do meu Mistério da Geração e Renovação, mas receberão as energias por meio do seu mistério porque continuarão ligados ao seu polo negativo... ou positivo, caso alterem seus magnetismos individuais.

– Já lhe devolvi a guarda de sua lança cristalina, irmão.

– Por que você mudou tanto, irmã?

– Quem quer ter a guarda dos mistérios de uma lança, se poderá ser uma guardiã do portador natural dela e das outras seis?

– Esse é seu desejo, irmã?

– É, sim.

– Em mim os desejos se realizam em um piscar de olhos, sabe?

– Sei, sim. Mas eu gostaria que você os realizasse com sua forma humana.

– Por quê?

– Bom, ela é mais demorada e assim o reterei por mais tempo. Além do mais, eu renovarei outras coisas mais, sabe?

– O que mais deseja renovar além dos mistérios do seu sétimo sentido, irmã?

– Tudo o que lhe for possível e permitido.

– Para tanto, terei de humanizá-la com meu fator humano, que tem um momento para iniciar, mas não parará enquanto não alcançar todos os seus sete sentidos. E aí, bem, aí a imagem que mais a distinguir aos meus olhos começará a assumir sua forma e a amoldará nela para sempre, sabe?

– Eu sei. Eu vi isso acontecer com suas irmãs, e até com as sete Ninfas, que, sem deixarem de ser o que sempre foram, no entanto nunca mais serão como eram antes de possuírem seu mistério humano.

– Comece a possuir meu mistério, irmã.

– Você está me concedendo a iniciativa?

– Estou. Ela sempre lhe pertenceu e pertencerá.

– Não!

– Você não sabia disso, irmã do meu amor ao nosso divino Criador?

– Eu não. Por que você não me disse isso antes?

– Você nunca me perguntou.

– Agora que sei, não perderei um só segundo, está bem assim?

– Para mim está, irmã. Eu sou um Trono Humano da Geração de energias vivas e da renovação de vidas que desejam ser renovadas no tempo e na fé do nosso divino Criador.

– Isso é o que mais desejo neste momento, irmão na fé em nosso divino Criador. Possua os mistérios do meu sétimo sentido e, por meio do seu Mistério da Geração, renove-me em todos os sentidos.

– Eu não sei se esse seu desejo é a manifestação de uma vontade maior, irmã. Preciso consultar meu senhor.

– Quem é seu senhor nessas consultas, irmão?

– É meu divino Criador, irmã. Mas às vezes eu o chamo de Deus, meu pai amado.

– Eu pensei que você ia consultar seu vovô tatá Omolu, sabe?

– Não, irmã. Nesses casos, se eu consultá-lo ou não, de nada adiantará.

– Por que não, irmão?

– Esse é um domínio exclusivo do meu divino Criador e só Ele ativa meu mistério, ainda que a ativação só aconteça se o desejo que você está vibrando for a exteriorização de uma vontade d'Ele, sabe?

– Não sei não, irmão. Quando você descobriu isso?

– Isso eu sabia desde que vivia no plano material e dei início ao desenvolvimento das fontes geradoras do fator humano.

– Você tem certeza disso?

– Absoluta, minha irmã ancestral.

– Então você estava certo quando eu me aproximava de você e seu mistério se ativava assim que eu ficava na sua frente.

– Eu estava sim. Mas sempre que tentei dizer-lhe que tudo acontecia por causa de um desejo seu, você negava, e eu sentia que me censurava porque pensava que eu era um ser emocionalmente desequilibrado e emotivo que desejava possuir todos os seus mistérios.

Mas a verdade era outra, sabe? Então eu sofria, sofria e sofria porque eu captava a vontade que fluía naturalmente por meio dos seus mistérios e me chegavam como um desejo seu de possuir meus mistérios.

– Por que você nunca me revelou isto, irmão?

– Eu não podia.

– Por que não, se você sabia de tudo, ainda que eu interpretasse como se fosse uma falha emocional sua?

– Eu não podia, irmã. Esta foi a orientação que recebi do meu senhor: "Em você os desejos se realizarão, mas a você não compete a iniciativa de realizá-los! Se ordeno-lhe isso, é porque seu mistério tem o poder de captar tanto os desejos retos quanto os desejos duais. Os desejos retos são a manifestação de minhas vontades, já os desejos duais, estes são a exteriorização horizontal de desvirtuamentos verticais estabelecidos no íntimo de quem ficar na sua frente!"

– Eu o puni várias vezes porque acreditava que sua emotividade estava por trás da ativação do seu mistério. E não só quando eu ficava na sua frente, sabe?

– Não sei não, minha irmã.

– Eu digo que seu mistério é sagrado e não deve ser ativado para ações profanas.

– Isso eu sei muito bem, e tanto sei que, quando eu ainda vivia no corpo carnal e tentei desvinculá-lo de minhas ações mundanas, seu poder me bloqueou e me paralisou. Mas quando elas eram codificadas como ações sagradas e aceitas como positivas e essenciais ao meu equilíbrio emocional, meu mistério não me paralisou ou bloqueou minhas iniciativas.

– Eu ativei meu mistério tantas vezes contra você, irmão!

– Por quê, irmã?

– Seu mistério é sagrado e traz em sua raiz geradora, nos seus dois polos magnéticos, a capacidade de gerar 77 fatores diferentes, sabe?

– Não sei ao certo. Mas gostaria de saber. Comente isso para mim, irmã amada.

– Vamos por partes. Primeiro, na raiz do seu mistério estão esses dois polos magnéticos para que você não dependa de nada exterior ou independente de você para gerar energias ou renovar vidas.

Saiba que a causa do desequilíbrio de muitos Tronos da Geração era essa divisão dos polos, um em um Trono magneticamente positivo e outro, negativo. Então, quando um ativava seu mistério com uma polaridade, nem sempre o outro também ativava o dele, e aí as ativações eram desequilibradas e, em vez de se complementarem, antagonizavam-se e não realizariam ações completas ou retas. Essa foi a causa da queda dos Tronos da Geração, irmão!

– Entendo, irmã.

– Eu sou portadora de um mistério divino que flui de alto a baixo, em todos os sentidos, que é regido pelo divino Trono da Fé, pelo divino Trono da Lei, pelo divino Trono da Justiça e pelo divino Trono do Tempo, que sempre o ativam para eu punir os seres que derem uso profano a um mistério divino.

– Continue, irmã.

– Eu entendia que você às vezes ativava de forma reta seu mistério, mas que em outras ele era ativado de forma torta.

– Entendo. Esse meu modo humano de comportar-me, de expressar-me e de realizar minhas ações a colocavam em conflito interior e, na dúvida, ativava seu mistério contra mim, visando a preservar meu mistério. É isso?

– É sim, irmão. Você me perdoa?

– Deus já a perdoou. E talvez eu tenha me excedido em algumas ações, sabe? Mas eu não podia saber, assim como nunca saberei, quando uma vontade maior já foi realizada em sua totalidade e quando meu próprio desejo de continuar atuando é que mantém em ação meu mistério. É por isso que vou recolher-me e assentar-me à direita do divino Trono da Geração, pois, daí em diante, em mim, os desejos não se realizarão, e sim passarei a atuar só por meio da irradiação de vontades. Atuando assim não terei de preocupar-me se ultrapassarei meus limites ou não quando estiverem ativando meu mistério.

– Assim você estará tirando a autonomia de seu mistério e bloqueando seu próprio crescimento consciencial.

– No amor do meu divino Criador sempre crescerei.

– Mas na fé, na Lei, na justiça, no conhecimento, no saber e na própria vida do seu divino Criador, nesses outros seis sentidos capitais, com certeza você não desenvolverá seu mistério e não crescerá consciencialmente. O resultado será um amoroso Trono da Geração que será incapaz de diferenciar se a vontade que está

ativando-o provém do próprio divino Criador ou dos seus manifestadores assentados na coroa divina, que é o Alto do Altíssimo.

Nunca conseguirá saber se é a Lei, a justiça ou a fé quem o ativou e sua atuação será inconsciente, sabe?

– Agora sei. Mas, e essa vontade de galgar a escada que me conduzirá até o Alto do Altíssimo para me aquietar e assentar-me à direita d'Ele? Como você explica isso?

– Eu não sei e não tenho como explicar essa vontade maior que está manifestando em você como um desejo de recolher-se. Logo, não se precipite para não subir essa escada que tanto poderá conduzi-lo ao seu destino final como privá-lo de uma ilimitada autonomia em suas ações. Você já vê toda a escada?

– Não. Eu só vejo seu primeiro degrau bem diante dos meus olhos, e sei que, se der o primeiro passo, os outros degraus se tornarão visíveis.

– Mas aí você desaparecerá para sempre do nosso campo visual e, quando olharmos para o Alto do Altíssimo, só veremos o divino Trono da Geração. Eu vejo essa escada já há muito tempo, irmão. Mas só vejo seis degraus. Logo, se eu subir por ela para assentar-me à direita da divina Oiá, deixarei de ser vista por todos. E meus filhos, que se direcionarão no caminho reto enquanto me verem, com certeza se perderão na ausência da mãe que tanto amam.

Você já imaginou se seus filhinhos encantados ou elementais começarem a se sentir órfãos do pai amado que os adotou porque se afinizaram naturalmente? O que acontecerá a eles, ou às suas amadas irmãs que já formaram par com você e que se acostumaram a vê-lo de frente para elas, mesmo quando você está em outra dimensão e longe da que elas vivem?

Seus filhos se sentirão órfãos e seus pares se sentirão "viúvas" porque o têm na conta do par ideal com o qual elas se uniram em um ato de amor e fé na vida. Elas o têm na conta de um par eterno.

– Eu não havia pensado nisso. Quero dizer, eu nem sabia que era assim, sabe?

– Então não se precipite e dê tempo ao tempo que na hora certa entenderá essa vontade que está vibrando em seu íntimo e o faz desejar recolher-se e assentar-se à direita do seu pai maior, o divino Trono da Geração. Saiba que se todos, em todas as dimensões da vida têm pais, e até o próprio divino Criador é chamado de pai dos pais, é porque a qualidade "pai" não é um grau figurativo ou decorativo.

Não mesmo, irmão amado!

A qualidade "pai" é um mistério divino de primeira ordem e é a qualidade que distingue os Tronos nas muitas classes de seres celestiais do divino Criador.

Eu não sou chamada de mãe Guardiã do Tempo por acaso. Se sou mãe, é porque aos olhos do divino Criador eu sou mãe na acepção dessa palavra e sou Trono Feminino gerador de uma hereditariedade. Eu sou mãe em todos os sentidos e sou Trono o tempo todo porque sou mãe. Pai ou mãe é, aos olhos do divino Criador, sinônimo de Trono.

Você, quando vivia na Terra, não ouvia dizer que a mãe é a rainha do lar?

– Eu ouvia sim, irmã.

– Rainha não é aquela que está assentada em um Trono e reina sobre um povo?

– É. Isso é mesmo!

– As analogias surgem por acaso, mas como sabemos que o acaso não existe, então essa comparação tem um fundamento no mistério divino de primeira ordem que chamamos de "pais".

– Eu nunca havia pensado nisso, irmã.

– O que faz um par de jovens que se amam?

– Casam-se para constituírem família e gerarem uma descendência no plano material.

– Casam-se para ter filhos, pois trazem em suas sementes originais o mistério "pai", Trono Humano da Geração e Renovação da Vida.

– Então, todo espírito humano entra na categoria de troninhos à qual meu senhor Guardião Naruê referiu-se, não?

A senhora Guardiã do Tempo nada respondeu porque seus olhos divinos começaram a verter lágrimas e mais lágrimas. E eu, vendo-a chorar em silêncio, entendi que havia atinado, finalmente, com um mistério tão presente nos espíritos quanto tão desconhecido: o de trazerem em si o grau divino de Tronos Humanos!

– Meu pai amado! – exclamei emocionado – Por quê, meu pai? – e caí de joelhos enquanto eu também derramava minhas lágrimas. E aquela voz falou mais uma vez comigo:

– "Meu filho, é porque você é meu pequeno Arco-íris que ungi com a missão divina de abrir meus mistérios de primeira ordem aos seus irmãos, que também são meus filhos, que receberam em suas origens minhas qualidades divinas que fazem com que Eu seja o que Sou porque Eu Sou o que Sou: o Pai de todos os pais!

Eu Sou o pai de todos os meus filhos e todos os meus filhos são meus herdeiros naturais porque herdaram de mim minhas qualidades divinas, às quais só têm de desenvolver em seus íntimos para serem como sou e se assemelharem a mim em todos os seus sentidos.

– Meu pai amado, se para mim tem sido tão difícil entender seus mistérios, como não será quando eu for ensiná-los aos meus irmãos?

– Meu filho amado, para você tem sido difícil porque você está assentado no nível terra e tem que receber do alto a revelação dos mistérios. Mas você, falando de frente aos seus irmãos, se fará entender muito facilmente.

– Eu falarei a eles, meu amado pai dos mistérios.

– Quando você falar dos mistérios do seu pai divino, seus pais celestiais estarão falando por meio de você aos filhos deles. E os pais celestiais dos seus amados irmãos estarão falando no íntimo dos filhos deles, que reconhecerão você como um mistério do senhor dos mistérios, que sou eu, seu pai!

Diga aos seus irmãos que todos eles são Tronos adormecidos porque são filhos originais do senhor de todos os Tronos, porque são filhos de Deus, o Trono dos Tronos!

Eu sou a origem, o meio e o fim!

E eu sou Trono na origem, Trono no meio e Trono no fim, e só alcançarão o meu "fim", que sou eu mesmo, aqueles que a mim retornarem como pai assentado em seu Trono Humano. Assentado à minha direita.

– Assim disse meu pai, assim direi aos meus irmãos, meu pai amado!

– Se assim disser meu filho, assim dirão seus pais, que também são meus filhos que já são pais de pais, e que o ladearão quando você vier assentar seu Trono Humano à direita do seu pai, que sou eu, o pai dos pais.

– Que assim seja, meu pai!

– Assim será, se o meu filho quiser que seja!

– Eu quero, meu pai!

– Então assim será, meu filho!

– Sua bênção, meu pai.

– Na sua origem eu o abençoei e abençoado sempre será. Diga isso aos seus irmãos, meu filho!

– Eu direi, meu pai amado.

E mais aquela voz divina não falou, nem precisava, pois tudo começava a ficar claro em minha mente. Então estendi minhas mãos e puxei contra meu peito minha amada senhora Guardiã do Tempo e, abraçando-a forte, pedi:

– Irmã do meu coração e do meu amor, conceda-me na fé em nosso pai a honra de formar com você um par energético para que, com meu mistério divino, eu possa dar-lhe sustentação no seu divino grau de mãe de muitos filhos.

– Você não vai ficar só nas trocas energéticas entre nossos mistérios?

– Não. Eu acabei de ser esclarecido sobre um mistério e descobri que foram os pares que já formei que tornaram visível o primeiro degrau que conduz ao Alto do Altíssimo, minha senhora.

– Como você descobriu isso se nosso divino Criador não falou nada sobre essa escada?

– Sabe, eu acho que, sem comentá-la, ele me falou tudo ao dizer-me que só os pais assentam-se no alto. E eu ainda não sou um pai em todos os sentidos para alcançar o alto. Mas estou no caminho certo, pois os pares que já formei e tenho sustentado com meu mistério tornaram visível aos meus olhos o primeiro degrau da escada da vida que me conduzirá ao Alto do Altíssimo.

– Seu desejo de ir assentar-se à direita do seu pai maior, o divino Trono da Geração, não deixará que você seja um bom pai, meu irmão.

– Minha amada irmã, você não sente esse desejo de assentar-se ao lado de sua mãe maior, a divina regente da Lei?

– Não, irmão. Eu prefiro trazê-la para junto dos meus filhos e assentá-la à direita deles. Afinal, o Alto do Altíssimo está no íntimo de todo filho meu que viver na fé, no amor, na Lei, etc. Então estimulo cada um a tornar visível em si mesmo o

degrau que já alcançou em sua jornada de retorno ao pai eterno, tornando-se um degrau que conduz a ele.

– Entendo.

– Torne-se você também um degrau, uma escada que conduzirá seus filhos ao Alto do Altíssimo, irmão amado! Não deseje alcançar o Alto do Altíssimo, e sim vibre a vontade de trazê-lo ao seu campo de ação e sua faixa vibratória, pois aí todos os seus filhos, ao olharem para você, verão os divinos Tronos Regentes, e logo acima deles verão toda a divina hierarquia do nosso divino Criador.

– Acho que é isso que venho fazendo há tanto tempo que já perdi a noção de quanto tempo estou nessa longa jornada na estrada da vida. Só Deus sabe há quanto tempo O tenho semeado no coração dos meus irmãos. Para mim, um semeador, não houve o descanso no sétimo dia, irmã. Nele dei início à minha descida à carne. Descida esta que durou várias eras religiosas, sabe?

– Eu sei, irmão do meu coração! Seus olhos cristalinos refletem seu amor, sua persistência e sua esperança de um dia retornar ao pai eterno. Mas enquanto esse dia não chega, seja o amor, a fé e a esperança dos seus filhos, que também eles vibrarão esse desejo, e só assim o Alto do Altíssimo será vislumbrado por todos eles que, fixados em seus olhos, não se perderão com a ausência desse seu anseio no íntimo deles. Mas que isso seja só uma vibração que inconscientemente captarão de você e a sentirão como se eles é que estarão desejando lutar contra as intempéries do tempo para alcançarem esse Alto do Altíssimo. O pai é o melhor exemplo para os filhos, porque é refletido neles, que um dia também serão pais de muitos filhos.

Minha senhora Guardiã do Tempo me falava com tanto ardor que ali mesmo refleti no que ouvira de meu pai divino. Então a olhei nos olhos e pedi:

– Irmã em Deus, possua meu mistério se me achar digno de ser um exemplo aos seus filhos na minha faixa de atuação no sétimo sentido da vida.

– Eu o acho digno sim, Trono Humano da Geração e da Renovação. Eu acompanhei sua humanização e nunca o vi desonrar seu pai maior nesse sentido, mesmo quando mergulhava sua vida no sangue humano derramado nos campos das batalhas humanas pela posse da mente e dos corações dos filhos adormecidos nas vicissitudes da carne.

– Então possua meu mistério, irmã.

– Antes, posso pedir-lhe que realize um desejo muito íntimo e só meu porque ele surgiu de tanto eu observá-lo realizando-o quando formava par com suas irmãs humanizadas na carne?

– Tem certeza de que é só um desejo íntimo, irmã observadora dos hábitos humanos? Saiba que em um Trono os desejos são exteriorização de vontades latentes.

– Eu creio que é só um desejo íntimo todo meu. E outra oportunidade igual a essa não terei para realizá-lo. Mas, se for a exteriorização de uma vontade, que em mim se manifesta como um desejo íntimo, então assuma a realização das posses dos nossos mistérios, pois perderei o controle do meu emocional, sabe?

– Acho que sei como acontecem essas coisas, irmã.

– Eu tenho certeza de que você sabe, irmão. Eu vou desdobrar meu Trono-Mistério Guardiã do Tempo para que quando eu realizar esse meu desejo íntimo estejamos dissociados e isso não altere suas energias e seu magnetismo.

– Por quê?

– Se for só um desejo íntimo meu, após realizá-lo ele deixará de vibrar em meu íntimo e adormecerá no de minhas filhas amadas. Mas, se for a exteriorização de uma vontade, então de agora em diante ele se tornará para elas um desejo a ser realizado... por você, irmão no qual os desejos se realizam.

– É uma atitude temerária, irmã.

– Eu não sou a senhora Guardiã do Tempo só por acaso, irmão. Se sou como sou, é porque sou o que sou, e ouso virar o tempo e a vida até quando realizo um desejo íntimo ou uma vontade latente. Minha mãe maior diz que sou a mais ousada de suas filhas atemporais, e eu acredito nela, sabe?

– Disto tenho certeza, irmã amada. Nenhuma filha dela é Iansã por acaso, e muito menos do Tempo!

– Eu vou desdobrar meu Trono-Mistério, irmão.

– Isto eu gostaria de ver, irmã ousada.

– Então você verá, Trono Humano da Geração e da Renovação. Se eu conseguir encantá-lo, então você começará a gerar em seu íntimo o desejo de renovar-me e de gerar as condições energéticas ideais para que meu mistério se multiplique no vigor e na potência geracionista do seu atraente mistério.

– Se eu não conhecesse um pouco sua natureza possessiva, eu diria que você está tentando prolongar minha permanência aqui. Mas, como já a conheço, então digo que está me envolvendo em seus encantos e seus mistérios com tanta intensidade e de tal forma que, quando tudo terminar, nossa união energética selará nossos destinos para sempre.

– Você diz isso só por causa de um inconsequente beijo humano?

– Você chama de inconsequente um beijo humano, e ainda mais se é desejado por um Trono? – perguntei admirado e preocupado assim que soube qual era seu desejo. Mas fiquei muito mais preocupado quando, assistindo ao desdobramento de seu Trono-Mistério, pela primeira vez, eu a vi transformando-se por completo, e o mesmo aconteceu às suas filhas que se assentaram à sua direita e à sua esquerda, algumas das quais já minhas conhecidas, que sorriram de alegria assim que me viram ali, bem diante delas, e assistindo a um desdobramento interditado aos simples mortais. Logo, algo muito especial iria acontecer. Isso eu via nos olhos radiantes dela e podia sentir em meu íntimo. Sim, isso eu podia sentir!

Quando o desdobramento terminou, eu vi, sentada no alto do seu divino degrau celestial, minha senhora Guardiã do Tempo, com seu rosto coberto pelo véu dos mistérios e segurando em sua mão direita seu símbolo do domínio dos "Ventos" e na sua mão esquerda seu cetro de poder nos domínios do "Tempo".

Assistir a tudo aquilo impressionava meus olhos, mas, quando os fixei nela, e só nela, minhas vibrações aceleraram e senti meu coração disparar, pois quem

eu via assentada naquele Trono Celestial outra não era senão a mesma encantada do ar que eu vira o desaparecido Ogum Sete Estrelas iniciar nos Mistérios do Tempo, seu primeiro fator, e o segundo dela.

– Meu pai!!! – exclamei em um sussurro, enquanto dos meus olhos rolaram duas lágrimas, duas angustiantes lágrimas.

– Meu pai divino! – voltei a exclamar – O que o senhor está fazendo comigo, meu criador? Por que isso, meu amado pai dos mistérios?

Eu quase podia ver por baixo do véu dos mistérios seu rosto celestial um pouco mais amadurecido pelo tempo, mas que mantinha toda a formosura da encantadora encantada do ar que, trêmula e com as faces banhadas de lágrimas, solicitara ao desaparecido Ogum Sete Estrelas que a iniciasse. E havia sido depois da iniciação dela que ele começara a envelhecer.

Alguma coisa estava acontecendo ali, mas me fugia à compreensão e eu não conseguia atinar com os propósitos dela ou de quem quer que fosse, para tudo aquilo se repetir em minha vida, quase que da mesma forma que da vez anterior, na qual ela também desdobrara seu Trono-Mistério para ser iniciada.

Um nó na garganta e o coração em disparada paralisaram minha capacidade de raciocinar ou pensar. Mas muito pior foi quando ela se levantou do seu Trono e à volta formou-se um caos que circundou o lugar onde estávamos.

Aquele caos cósmico impressionava-me de tal forma que eu não sabia se olhava para ele ou me concentrava na majestosa senhora Guardiã do Tempo que, de pé na frente do seu Trono Energético, me contemplava de uma forma antes nunca vista na minha observadora vovó.

Mas as coisas tornaram-se preocupantes para mim quando ela depositou no assento do seu trono suas insígnias sagradas de poder celestial. Aquele caos energético assumiu a aparência de uma alucinação. As energias se chocavam e explodiam como assustadores fogos de artifício. Os choques causavam estrondos mil vezes mais assustadores que o mais violento trovão, e se um raio já assusta, imaginem o que é estar envolto por uma gigantesca cúpula como aquela!

Mas eu desviei meus olhos da cúpula caótica e os fixei nela assim que ela deu o primeiro passo para descer seu degrau celestial e vir até onde eu estava: sobre o solo espiritual do nível vibratório misto terra-espírito.

Ela descia os degraus com uma majestosidade única e inesquecível aos meus olhos. E quando ela chegou ao último degrau, perguntou-me:

– Você não vem me receber, meu iniciador no fator humano?

– Eu... minha senhora... – gaguejei, atônito e sem conseguir dizer mais nada.

– Onde está o Trono Encantador que eu vi estender por muitas vezes as mãos para amparar as trêmulas, inseguras e ansiosas irmãs que ia iniciar com seu mistério humano?

– Entre iguais até consigo controlar meu emocional, minha senhora. Mas esse não é um encontro entre iguais, sabe?

– Não sei não, irmão. Você também é um Trono!

– Mas a senhora desdobrou o seu e eu não desdobrei o meu.

– Eu desdobrei o meu para levantar-me dele, deixá-lo às minhas costas e vir até você para realizar um desejo meu, que, se não for um desejo, só saberei quando realizá-lo.

– A senhora agora é a poderosa senhora Guardiã do Tempo, minha senhora!

– Eu, assim que pousar meus pés no solo onde você se apoia, deixarei de sê-la para realizar um desejo ou exteriorizar uma vontade. E só voltarei a subir a escada que conduz ao meu Trono quando descobrirmos tudo, certo?

– Tudo?

– Você não vai querer que algo continue oculto dos seus olhos, vai?

– Isso depende, sabe.

– Depende do quê, irmão?

– Eu já vi curiosos ficarem cegos só porque desejaram ver o que devia permanecer encoberto.

– Onde está sua curiosidade natural, tão comum aos espíritos, e que é tida como uma qualidade humana?

– Os muito curiosos costumam cometer erros inomináveis.

– Então não seja muito curioso, irmão. Mas não deixe de ter, pelo menos, a curiosidade básica que todo ser humano tem quando se vê diante do que mais teme e ao mesmo tempo mais o atrai.

– Essa curiosidade costuma ser fatal ou mortal, sabe?

– Não sei não, irmão. Afinal, você desceu do seu Trono Energético quando foi possuir os mistérios das Sete Ninfas.

– Com elas era diferente. Eu havia desdobrado meu Trono-Mistério e descia dele para possuir os mistérios delas no elemento e no meio onde vivem.

– Aqui eu é quem desdobrei meu Trono-Mistério e desci dele para vir realizar um desejo e depois possuir seu mistério em seus domínios e meio humanos. Você está vendo esse caos energético que nos circunda?

– Estou, minha senhora.

– Saiba que é o que em meu íntimo está vibrando, e que está refletindo no Tempo, que é estático e atemporal ou "aclimático".

– Seu íntimo está assim?

– Está, meu mais atraente irmão.

– Santo Criador! Como acalmarei esse caos energético?

– Eu via esse caos no íntimo de suas irmãs quando elas, trêmulas e inseguras, estendiam suas mãos delicadas para que você as amparasse durante seus mergulhos realizadores de seus mais íntimos desejos.

– Eram desejos que posteriormente se mostravam como vontades, minha senhora.

– Como você pode saber disso?

– Após a realização deles, elas descobriam que aqueles desejos ocultavam, ou traziam ocultos, a vontade de ser mães, sabe?

– Ainda não sei, irmão. Mas você, que não consegue se ver senão como um humano... um homem, com certeza poderá ajudar-me a descobrir esse desejo que se mostra como um caos em meu íntimo. Ajude-me a descobrir-me, meu irmão humano!

– Desça do último degrau de seu Trono-Mistério, irmã natural. Eu não quero que mais tarde a senhora diga ou digam que eu, com minhas próprias mãos, tirei a senhora Guardiã do Tempo de seu Trono-Mistério e a descobri no meio humano. Que digam apenas que quando ela desejou realizar um desejo que talvez fosse uma vontade, ela ousou descer até o meio humano, realizou-o, descobriu-se nele e depois tornou a cobrir-se, retornando ao seu Trono-Mistério por vontade própria.

– Se eu fizer isso e meu desejo se revelar a exteriorização de uma vontade, você se privará da honra de dizer aos seus irmãos, filhos, netos e bisnetos que você, um trono humano, ousou amparar a senhora Guardiã do Tempo em sua descida até o nível vibratório misto, o do espírito e da carne, onde a acolheu com seu amor humano e a amparou com suas próprias mãos até que ela descobriu que seu desejo tão humano era a exteriorização de uma vontade divina para que você a humanizasse. E em seu íntimo vibrará uma satisfação única porque dirá para si mesmo: eu ousei o inimaginável por qualquer humano!

– Mas, e se seu desejo for só um desejo íntimo?

– Então dirá: eu ousei amparar a descida da senhora Guardiã do Tempo durante todo o tempo que durou sua descoberta de que seu desejo íntimo era só um desejo humano e nada mais. Mas intimamente se lamentará e dirá para si mesmo: que pena que aquele desejo dela não se mostrou como uma vontade, que eternizaria em nossas mentes e corações um momento único que duraria por todo o sempre e seria repetido por todos os nossos filhos, netos e bisnetos, o que só uma vontade maior é capaz de gerar!

– Eu tenho duas opções, não?

– Tem sim, irmão. Uma é a opção reta que o tornará pleno em mim e em si mesmo. A outra opção é torta, que o esvaziará em mim e o tornará vazio em si mesmo.

– Em Ogum, eu descobri que uma segunda opção não existe, mas, se a desejarmos, ela nos mostrará mortífera, e o ser se sentirá um morto na vida.

– Eu sei. Assim como sei que em Iansã uma segunda opção também não existe. Mas, se alguém a desejar, aí se sentirá vazio no tempo de sua vida.

– Estranha essa forma de realizar um desejo, minha senhora Iansã.

– É sim, irmão humano.

– Por quê, minha senhora?

– É porque Iansã não tem desejos próprios, já que ela é o fruto e a realização de uma vontade maior do divino Criador, irmão.

– Então seu desejo não é um desejo, e sim uma vontade a ser realizada por meio de um desejo!

– Isso o assusta?

– Sim, senhora.

– E se for só um desejo íntimo que surgiu após tanto observá-lo, irmão? Aí não se assustará?

– Claro que não me assustarei.

– Por que não?

– Bem... é porque aí me apavorarei, e susto será pouco para descrever no que despertarei em quem olhar para mim, que me tornarei um ser vazio no tempo de minha vida.

– Então como será, irmão?

– Será o quê, minha senhora?

– Nossa descoberta sobre esse meu desejo, oras?

– Preciso de um momento para refletir, sabe?

– Acho que este não é o lugar nem o momento propício para reflexões, irmão.

– Por que não?

– Ou você estende suas mãos e me recebe imediatamente no seu meio humano ou esse caos que vê no meu exterior se recolherá em meu íntimo e aí me transformarei em uma divindade caótica e totalmente desordenada.

– Que coisa! Cada mistério que se mostra aos meus olhos cobra uma atitude firme e imediata ou não o descubro em sua totalidade e até corro o risco de torná-lo caótico e desordenado; incompreensível e incompleto.

– Isso é o mínimo que os mistérios exigem de quem se propôs a humanizá-los, irmão humanizador dos mistérios!

– É, acho que é isso mesmo. Só conheceremos e dominaremos uma coisa se a conhecermos intimamente e a dominamos em todos os seus aspectos, aos quais iremos descobrindo à medida que formos penetrando no mistério que deseja se mostrar aos nossos olhos, não?

– Eu tenho certeza de que é assim, meu irmão curioso sobre os mistérios.

– Acho que adquiri essa curiosidade por meio daquela Musa do Conhecimento dos Mistérios.

– Aquela é sua musa, irmão! E se ela é como é, é porque o íntimo dela reflete sua curiosidade humana.

– Entendo, acho que começo a entender.

– Eu tenho certeza de que você entendeu e já tem a chave que poderá fazer com que esse meu desejo o torne pleno em mim ou vazio de minha plenitude, certo?

– Descobri sim, minha senhora. Estenda suas mãos e segure-se nas minhas que a amparo em sua descida e enquanto durar sua descoberta íntima.

Quando tomei suas mãos, senti-a trêmula e gelada. Então falei:

– Não tema, minha irmã. Desça sem temor, pois, no que depender de mim, sua descoberta será, toda ela, feita em um ato de amor, sabe?

– Ainda não sei, irmão. Ensine-me isto também.

– Eu a ensino, minha senhora e senhora minha. Ensinar faz parte de minhas práticas humanas.

– Então me descubra afastando o véu dos mistérios que cobre minhas feições celestiais, pois só olhando-o sem esse véu deixarei de vê-lo como imagino que seja e começarei a vê-lo como você realmente é, assim como assistirei você em sua prática humana e humanas práticas.

– Esse é seu maior desejo, minha senhora?

– Neste momento é.

– Em mim os desejos se realizam, sabe?

– Sei, sim. Por isso peço-lhe que torne este momento de realização do meu maior desejo uma inesquecível e eterna vontade, irmão.

– Dê seu passo decisivo para que fique próxima o suficiente para que eu possa descobrir esse véu que oculta suas feições celestiais e possa vê-la como imagino que seja.

– Essa é sua maior vontade, irmão?

– Neste momento é, minha senhora.

– Em mim as vontades se realizam e se transformam em um desejo permanente.

– Isso eu não sabia, minha senhora.

– Agora que já sabe, ainda quer descobrir meu véu dos mistérios?

– Quero.

– Então me ampare em minha descida do meu degrau.

Eu a amparei... e, no mesmo instante em que ela pisou no solo espiritual, senti, por meio de suas mãos, aquele caos que nos circundava e quase caí. Mas, para equilibrar-me, tive de puxá-la contra meu peito e abraçar-me a ela, que exclamou:

– Você soltou minhas mãos!

– Eu só fiz isso para envolver em meus braços o caos que tinha em minhas mãos. E só a soltarei quando esse caos tiver sido ordenado totalmente e pairar acima de sua coroa como um lindo e encantador Arco-íris do Tempo. Com sua licença, pois vou descobri-la afastando esse véu dos mistérios com minha direita.

– Por que só usará a direita para descobrir-me?

– É que a esquerda estarei usando para manter esse caos sob meu controle. Isso a incomoda?

– Nem um pouco, meu sábio irmão humano. Só assim se pode retirar o véu dos mistérios!

– Com sua licença, minha senhora.

– Concedo-lhe todas as licenças que precisar, para descobrir meus mistérios mais ocultos e possuir aqueles que desejar.

Eu afastei o véu dos mistérios que cobria suas feições celestiais e meu coração quase parou de pulsar quando a vi bem diante dos meus olhos, que se cristalizaram diante de tanta beleza e formosura. Mas acho que todo o meu ser cristalizou-se, porque ela falou:

– O que aconteceu com você, senhor do meu mistério mais oculto?

– Acho que estou paralisado, minha senhora. Sua beleza e formosura me paralisaram e estou impossibilitado de continuar afastando o véu dos mistérios que oculta os que ele continua a ocultar.

– Como faremos então?

– Todas as iniciativas lhe pertencem, minha senhora. Assuma-as e descubra se o que vibra é só um desejo ou se é uma vontade.

– Eu estou captando as vibrações de seu mistério gerador e sinto que ele está prestes a se desdobrar.

– Se isso acontecer, eu não conseguirei recolhê-lo, minha senhora.

– Algo o obriga a recolhê-lo?

– Só se a senhora não possuir os mistérios mais ocultos desse meu mistério.

– Como faço para possuí-los, já que não se mostram aos meus olhos?

– Só os verá depois que possuir os que estão à vista de todos, sabe?

– Ainda não sei. Mas esse tremor que você sente em meu íntimo tem a ver com os que estão visíveis.

– Tem certeza?

– Absoluta. Eu temo não conseguir chegar até seus mistérios ocultos por trás dos seus mistérios visíveis, sabe?

– Eu sei que parece difícil. Mas não será se não se preocupar com o que a deixa trêmula e concentrar-se no que a atrai.

– Esse é o problema. Em seus mistérios, tudo me atrai, e tanta é a atração que não sei como iniciar a posse do visível. Logo, como vou alcançar a posse do invisível?

– Vou revelar-lhe um segredo sobre meu mistério: saiba que o que está oculto na raiz dele aflorará na sua parte visível assim que possuí-lo com seu mais oculto mistério e ocultá-lo dentro dele. Daí em diante, o possuirá e nunca mais conseguirá ocultar de ninguém que possuiu meus mistérios mais ocultos.

– Não conseguirei ocultar de ninguém que possuo seus mistérios mais ocultos?

– Não mesmo.

– Por quê?

– Daí em diante, não conseguirá porque não desejará ocultar essa sua posse dos meus mistérios mais ocultos por meio dos mais visíveis.

– Como é isso?

– Possua-os e saberá como é isso e por que isso é como é, e ninguém quer que seja diferente após descobrir por que ele é como é.

– Meu temor está sendo substituído pela curiosidade, sabe?

– Eu sei. Essa nossa proximidade acentuada já começou a humanizá-la, e a curiosidade humana é uma das primeiras qualidades a aflorar assim que o processo de humanização inicia-se. Então sugiro que relaxe e conceda a si mesma um minuto de descontração. E, enquanto ele durar, assenhoreie-se do mistério à mostra, pois só estando descontraída conseguirá possuí-lo totalmente.

– Antes vou realizar meu desejo e descobrir se é só um desejo ou é uma vontade.

– As iniciativas são todas suas. Só após tomá-las, começarão suas descobertas.

– Então há mais de uma descoberta?

– Acho que são tantas que só com muito tempo todas se esgotarão.

– Tempo é o que mais tenho, sabe?

– Eu sei. Mas, se não se apressar, aí estará perdendo-o só por causa de um temor inconsciente, já que o que julga estar oculto sempre esteve visível e o que tanto tentava ver por trás do visível sempre esteve à mostra.

– Que mistério é esse, irmão?

– O mistério que uns desejam possuir e outros desejam ter.

– O que está acontecendo comigo?

– Foi possuída por ele, mas ainda não sabe. Logo, só lhe resta possuí-lo para que esta não seja uma posse unilateral.

– Eu... acho que já estou entendendo seu mistério.

– Tenho certeza de que já o entendeu.

– Estou pronta para possuí-lo. Meu caos íntimo terá de ser ordenado, sabe?

– Deixe-o comigo. Afinal eu irradio o fator Ogum, um ordenador por excelência.

– Então sustente as descargas caóticas que acontecerão assim que a ligação energética for estabelecida em todos os sentidos.

O fato é que, para mim, que já havia suportado as gigantescas descargas energéticas das poderosíssimas Ninfas-Mãe, absorver aquele caos energético até que não foi difícil. Mas o que complicou um pouco foi quando ela finalmente realizou seu desejo, que não era um, e sim era a exteriorização de uma vontade superior do divino Trono do Tempo.

O fluxo energético foi tão poderoso que em dado momento ela me pediu que a sustentasse em todos os sentidos, senão acabaria perdendo a noção de tempo e o equilíbrio.

Fiz o que ela pedia e comandei tudo até que todo o caos interior foi totalmente ordenado e ela conseguiu abrir em seu mistério toda uma rede de fontes que começaram a irradiar diretamente para o meu mistério, por meio dos seus sete sentidos, todo o seu caos exterior.

Quando tudo terminou, ela só conseguiu dizer:

– Ampare-me, que estou adormecendo.

Eu a segurei com delicadeza e a amparei. E, enquanto durou aquele sono em todos os sentidos, mantive seu mistério ativado através do meu, que se mostrou mil vezes mais poderoso do que eu imaginava que era, pois eu pude contemplar as ligações que haviam se estabelecido durante a ordenação dos dois caos energéticos. Sem olhar para ela, eu sabia que minha lança cristalina que era meu recurso para atuar no Tempo estava ocupada de ponta a ponta por cordões que ligavam a ela seres que viviam nos domínios atemporais de minha mãe maior Logunan, mas

que estavam ligados à Ninfa do Tempo, que me contemplava por baixo do Arco-íris que se formara sobre o celestial degrau de minha amada senhora Guardiã do Tempo.

Aqueles olhos cor de amêndoas me fitavam com um brilho incomum, e aquela sua cor de bronze reluzia tanto que eu mal conseguia distinguir suas formas esculturais modeladas pelo meu Mistério da Geração.

Eu a contemplava tentando decifrar seu enigmático olhar, mas não atinava com a chave. Então perguntei mentalmente: "O que está tentando me dizer mas não ousa, amada Ninfa do Tempo?".

Ela nada respondeu, mas duas lágrimas multicoloridas correram dos seus olhos amendoados, e deixaram em suas faces dois riscos multicoloridos que se assemelhavam a dois finos arco-íris. Àquelas duas lágrimas se juntaram outras e mais outras, que formaram um filete multicolorido, que caíram em seu busto escultural e rolaram no vão entre seus seios, continuando a correr até que alcançaram o baixo ventre.

Meus olhos acompanhavam aquele filete e fiquei intrigado quando olhei para seu sétimo sentido e vi que sua parte visível ou exterior cintilava as mil cores da essência do divino Oxumaré.

Impressionado, tentei atinar com o que havia acontecido ali, mas me faltavam elementos. Como meus olhos estavam fixados naquele ponto cintilante e de extrema beleza, ela me ordenou:

– Suba à sua visão superior e verá o grosso cordão energético que une meu sétimo sentido à ponta de sua lança cristalina, guardião da Ninfa do Tempo.

– Por que me distingue com esse grau, amada Ninfa do Tempo?

– Contemple tudo com sua visão superior e saberá sem trocarmos uma só palavra, meu guardião no Tempo e o senhor do meu sétimo sentido e mistério.

– Por que sou o guardião do seu sétimo sentido, amada Ninfa do Tempo?

– Só me faltava um guardião, e tinha de ser você, pois só um Trono da Geração de Energias e da Renovação da Vida que irradie o mistério Oxumaré através do sétimo sentido pode sustentar-se como guardião do meu sétimo sentido.

– O que é o mistério Oxumaré, minha amada Ninfa do Tempo?

– É essa essência multicolorida que contém tantas cores que é impossível contá-las, meu guardião. Saiba que cada cor é um fator que flui naturalmente por meio de você quando irradia o mistério Oxumaré, do qual você é um portador natural.

– Então as "mil" cores do mistério Oxumaré, na verdade, são muitos fatores que estão sendo irradiados ao mesmo tempo?

– São, meu amado guardião do Arco-íris Divino.

– Ser guardião do Arco-íris é ser um portador e irradiador natural do mistério Oxumaré?

– É, sim. O divino Oxumaré possuía 13 guardiões celestiais, Trono Humano da Geração e da Renovação. Mas agora já possui 14, pois você, ao unir-se a

mim e ao meu sétimo sentido por meio de sua amada senhora Guardiã do Tempo, tornou-se o décimo quarto guardião celestial do mistério Oxumaré.

– Por que essa ligação se estabeleceu por meio dela e não quando você pediu para eu lhe humanizar?

– Olhe tudo com sua visão superior e compreenderá, guardião do meu sétimo sentido.

Eu fiz o que ela ordenava, e, assim que alcancei minha visão superior, lancei uma exclamação diante do que vi além do Arco-íris: toda uma corte celestial!

– Meu Deus! – exclamei admirado, para em seguida perguntar: – Meus Senhores do Alto do Altíssimo estavam observando-me esse tempo todo?

– Nós observamos tudo e todos o tempo todo, servo do divino Criador! – respondeu-me um dos 77 Arcontes celestiais.

– Tudo o que tenho feito, meus senhores têm visto?

– Tudo, servo do divino Criador! – tornou a responder aquele Arconte celestial coberto por um manto azul-celeste, e que segurava na mão direita uma estrela com mil cores e tinha outra que irradiava as mil cores pairando um pouco acima de sua cabeça.

Eu contemplei toda aquela corte celestial e observei cada um dos Tronos Divinos, aos quais eu identificava assim que pousava minha visão em um deles.

Vi minha divina mãe maior Iemanjá; meu divino pai Oxalá; meu divino pai maior Ogum, que pareceu me virar pelo avesso com seu olhar arguto, mil vezes mais cortante que sua espada e mil vezes mais penetrante que sua lança. Eu engoli em seco e pensei, e por que pensei: estou encrencado!

– Você acha que está encrencado, servo do divino Criador? – perguntou-me o Arconte que falava comigo, e por todos os divinos Tronos.

– Eu tenho certeza de que estou, meu senhor.

– Por quê?

– Isso lá é hora de descobrir que toda a divina coroa regente esteve me observando o tempo todo?

– O que há de desabonador em descobrir isso só agora, servo do divino Criador?

– Bom, eu acho que não é uma boa hora, sabe?

– Não sei não, servo do divino Criador. Comente essa hora.

– Meu Deus! Se já não bastasse eu estar amparando em meus braços a senhora Guardiã do Tempo com todos os seus mistérios descobertos, ainda estou sustentando-a com meu mistério, e da forma humana, pois ela exigiu, e tenho de comentar essa hora em que fui surpreendido com a descoberta de que tenho sido observado o tempo todo pelos meus senhores no alto do Altíssimo? Que coisa! Por essa eu não esperava, sabe?

– Sei, servo do divino Criador. Você não quer comentar essa hora porque está constrangido, não?

– Põe constrangido nisso, Arconte celestial! – exclamei apalermado.

– É tão grande assim seu constrangimento, servo do divino Criador?

– A palavra certa é esta: Eu estou envergonhado!

– Sente vergonha por ter realizado uma vontade do seu divino Criador e por estar dando sustentação vibratória e energética à celestial Guardiã do Tempo enquanto a essência divina dela foi ter com Ele?

– Acho que estou me encrencando ainda mais, não?

– Se você só acha, eu tenho certeza, servo do divino Criador.

– Então é melhor eu calar essa minha mente humana antes que me encrenque em todos os sentidos, não?

– Você tem vergonha de ser como é?

– Não, senhor. Só fico constrangido com certas coisas.

– Quais, por exemplo, servo do divino Criador?

– Esta hora é uma delas. Mas tem outras que prefiro não comentar, senão acabarei sendo punido antes do que espero, sabe?

– Você espera ser punido?

– Eu sinto que serei porque não obedeci ao que a senhora Ninfa do Tempo me ordenou. Ela me disse para subir à minha visão superior que veria tudo e tudo entenderia.

– Por que você não procedeu como ela recomendou?

– Eu tenho um modo de reagir ao que vejo ou descubro e aí tudo sai naturalmente e eu me complico. Acho que sou um caso perdido, sabe?

– Não sei, não. Comente por que se sente um caso perdido, servo do divino Criador.

– Bom, se eu tivesse permanecido calado, ia acontecer como da vez em que subi por aquela escada. Vi tantas coisas importantíssimas e faltou-me quem me explicasse ao que se destinava aquela visão. Aí me confundi todo e encrenqueime em todos os sentidos. Mas se alguém tivesse me esclarecido um pouquinho só, eu não teria arranjado toda aquela confusão.

– Você acha que toda aquela confusão não foi positiva para que se harmonizasse com seu irmão cósmico e assumisse sua condição de Trono Humano da Geração?

– No final foi. Mas que entristeci muitos, isso é certo. E tudo começou quando tentei descobrir algo sobre o que havia visto naquela escada. E o mesmo está acontecendo aqui, pois, se eu não for esclarecido sobre a razão de ter visto a corte celestial justamente nesta hora, logo vou confundir-me, e daí todo um ciclo de erros e de punições, é só uma questão de tempo. Espero que me compreendam, sabe?

– Nós o compreendemos e o entendemos. E sabemos como você é e não desejamos mudá-lo ou alterá-lo em nada ou ao seu modo de ser, falar e agir.

– Não?!

– Não mesmo, servo do divino Criador.

– Então... o que está acontecendo que não estou entendendo mais nada?

– Você quer que eu explique?

– Por favor, meu senhor Arconte celestial, esclareça-me! Pois essa visão, que em outras condições me extasiaria, simplesmente me constrange. Isso não é nada agradável, sabe?

– Eu o entendo, servo do divino Criador.

– Eu espero que todos os meus pais e mães maiores também me entendam e compreendam como é difícil para mim esse momento único e indescritível, que me sinto dividido em duas partes, sabe senhor Arconte celestial?

– Comente essas duas partes, servo do divino Criador!

– O senhor ouviu o que eu ouvi, e que interpretei como se o divino Criador estivesse falando em meu íntimo?

– Eu ouvi e você interpretou corretamente.

– Pois é isso, sabe, senhor Arconte celestial!

– Isso o quê, servo do divino Criador?

– Eu vi a escada que conduz ao alto d'Ele e desejei galgar seus degraus para só atuar como o senhor atua: de forma divina. Mas ouvi aquela voz e ela me fez crer que meu Criador me quer como sou porque assim ele quer que eu seja.

– Fez bem em crer nisso porque é isso o que eu também creio que Ele queria. Continue!

– Bem, então renunciei àquela escada porque entendi que mais importante que subir por aquela escada era assumir meu grau de pai e dar sustentação às mães que formaram par comigo, e ser um exemplo para seus incontáveis filhinhos, aos quais eu também havia adotado.

– Isso só o enobreceu ainda mais, servo do divino Criador. Abençoados são todos os pais que renunciam aos seus maiores desejos em consideração, e por amor, aos seus filhos. Mas mil vezes abençoados são os pais que adotam os inconscientes filhinhos do Pai dos pais, pois desses o Pai jamais se esquecerá ou os desampará. Você ainda se lembra do que seu mestre divino falou sobre a criança desamparada?

– Sim, senhor. Ele disse isto: Vinde a mim as criancinhas porque delas é o reino dos céus!

– Ele é um pai que se divinizou quando chamou para si as "crianças" órfãs do amor de seus pais carnais, servo do divino Criador. Agora continue.

– Bom, quando eu ouvi minha senhora Guardiã do Tempo manifestar um desejo, entendi que era uma vontade maior que ali se manifestava, porque ela estava muito trêmula e até insinuou algo sobre a iniciação matrimonial. Isso o senhor sabe o que é, não?

– Continue e fixe-se só no que deseja mostrar, servo do divino Criador.

– Bom, o caso é que eu não só aceitei, como desejei iniciá-la.

– O que há de errado em realizar um desejo que ambos vibravam porque estavam sob a irradiação direta de incontáveis filhinhos ainda inconscientes, mas que, sob sua orientação, amparo e guia, haverão de trilhar a senda reta que conduz à escada da vida que os conduzirá ao alto do Altíssimo?

– Até aí, nada de mais, porque uma das minhas atribuições é realizar os desejos retos e outra é adotar quantos filhos uma Mãe da Vida puder assumir e sustentar com seus mistérios, pois os meus são ilimitados nesse aspecto.

– Então o que há de mais, servo do divino Criador?

– Eu a contemplava extasiado enquanto ela dormia e me sentia feliz por ter realizado seu desejo da forma mais humana possível. Eu vibrava o desejo de tê-la mais como companheira que como irmã. Sim, isso eu desejava! Podem emitir minha punição que a aceitarei passivamente, pois eu não tinha o direito de vibrar um desejo tão humano. Isso é coisa de espírito encarnado, sabe?

– Sei. Continue!

– Bom, eu vibrei esse desejo porque me resignei a permanecer onde me quer meu Criador e achei que seria ótimo tê-la como uma companheira eterna.

– Até aí não vejo nada que deva ser punido.

– Não?

– Não mesmo, servo do divino Criador.

– Bom... ótimo... quero dizer... é melhor assim, não? Principalmente porque renovei seu grau de Mãe e expandi sua capacidade de adoção, e não seria nada agradável para ela, ao despertar, saber que eu havia sido punido por tê-la desejado como companheira.

– Tenho certeza de que esse é um desejo reto em um pai, servo do divino Criador. Continue!

– Bom, a primeira parte foi essa. Já a segunda, é que me descobri vigiado e vi a senhora Ninfa do Tempo muito triste e derramando lágrimas, e eu estou aqui sem poder sequer me curvar diante dos meus pais e mães maiores porque estou dando sustentação vibratória aos mistérios de minha amada senhora Guardiã do Tempo enquanto ela repousa em meus braços. Deus é minha testemunha de que eu gostaria de ter tido a honra de ver todos os meus pais e mães maiores em outra situação em que eu pudesse saudá-los como devem ser, e de reverenciá-los como eu gostaria.

– Você chama a Deus como sua testemunha, servo do divino Criador?

– Chamo sim, meu senhor Arconte celestial. Só Ele sabe como estou me sentindo neste momento único, e no entanto tão constrangedor para mim, pois não vou soltá-la de meus braços ou recolher meu mistério. Não mesmo, sabe?

– Por quê, servo do divino Criador?

– Por que esse sono é único na vida de alguém que tem se mantido desperta e alerta o tempo todo e durante todo o tempo para que aqueles que são amparados pelo seu mistério possam repousar tranquilos.

– Como você sabe disso?

– Assim que ela adormeceu, desdobrei meu mistério guardião e ele já colheu milhares de seres desequilibrados que se comprazem em tirar o sono alheio ou atrapalhar o repouso merecido dos que lidam com dificuldade para seguirem a senda reta.

– O que seu mistério guardião está fazendo com eles e por eles?

– A uns está paralisando, a outros está punindo e a mais outros está enviando-os aos seus antigos guardiões para que sejam punidos segundo os ditames das leis que regem os procedimentos. Então chamo o testemunho de Deus, pois jamais amparei um sono tão merecido quanto o que proporcionei à minha amada senhora Guardiã do Tempo, e não o interromperei enquanto não for da vontade d'Ele.

– Mesmo se sujeitando a uma severa punição por não reverenciar seus pais e mães maiores como eles devem ser?

– Sim, senhor. Um sono merecido, eu amparo e sempre ampararei, ainda que venha a ser punido por não poder fazer o que em outras condições eu não deixaria de fazer. Se eu não tivesse outras razões para continuar amparando-a, a que me diz que se eu soltá-la de meus braços a lançarei em um vazio imensurável já me é suficiente.

– Por quê?

– O que será de minha consciência se eu, para saudar e reverenciar meus pais e mães maiores, tiver de colocar em risco a vida de uma irmã amada? Prefiro a punição por desrespeito a que me imporei e que também me lançará num vazio consciencial indescritível. Entende como me sinto, senhor Arconte celestial?

– Entendo, servo do divino Criador.

– Se entende, e eu sei que fala por meus pais e mães maiores, então por que eles me olham tão seriamente? Será que não entendem que eu preferiria outra hora para que se mostrassem aos meus olhos, e pudesse contemplá-los com um sorriso nos lábios e colher deles seus sorrisos divinos?

– Você não sabe por que eles o olham com olhares sérios?

– Acho que é porque serei punido por desrespeito.

– Você está enganado, servo do divino Criador.

– Então por que não alegram meus olhos lacrimosos com um simples sorriso de compreensão e de entendimento diante de meu enorme constrangimento?

– Você já viu um pai ou uma mãe sorrir quando sabe que um filho irá partir para nunca mais voltar?

– Minha punição por desrespeito será tão rigorosa assim? Vou ser desterrado para outro planeta?

– Por que você acha que irá para outro planeta?

– Sinto que minha falta foi muito grave e, ao ouvi-lo dizer que nunca mais vou voltar, presumi que serei enviado para algum planeta de expiação.

– Você teme ir para outro planeta?

– Eu aceitarei passivamente minha punição. Mas que vou chorar de saudade dos que amo, isso vou mesmo!

– Você está preparado para ir para outro planeta?

– Não, senhor. Este é o único que conheço e acho que é bom até demais. A não ser por umas dificuldades que estou aprendendo a superar.

– Talvez em outro planeta você seja mais feliz que neste. Agora cubra a senhora Guardiã do Tempo com seu véu dos mistérios, servo do divino Criador. Ela iniciou sua descida de retorno ao corpo energético.

– Sim, senhor.

Eu ainda dei uma última olhada naquelas feições celestiais antes de cobri-la com seu véu dos mistérios. Já que eu ia ser desterrado, levaria comigo uma lembrança visual inesquecível. Eu mal a cobri e ela abriu os olhos, que se encheram de lágrimas ao me ver. Então ela me abraçou tão forte e com tanto amor que fiquei encabulado, já que eu sabia que estávamos sendo observados. Mas o que mais me surpreendeu foi ela dizer:

– Eu não vou soltá-lo dos meus braços nunca mais!

– Reassuma conscientemente seus mistérios, minha senhora! – pedi com os olhos lacrimejando. – Minha partida já foi decretada, sabe?

– Eu sei, mas não vou deixá-lo partir. Não vou mesmo!

– Eu sinto muito.

– Você não nos ama?

– É claro que os amo.

– Então por que vai partir? Fique conosco!

– Eu não posso decidir sobre um assunto dessa natureza. Quem decidiu foi o senhor Arconte celestial e só ele pode alterar meu destino.

– Não foi ele quem decidiu, irmão amado.

– Eu sei. Mas ele fala pelos nossos pais e mães maiores.

– Não foram ele que decidiram.

– Não?

– Não, amado irmão dos nossos pais maiores.

– Essa não! Então no mínimo vou ser enviado a Plutão, o planeta onde são confinados os espíritos rebelados em todos os sentidos! Eu bem que devia ter consultado meu vovô tatá Omolu antes de ter começado essa minha última encrenca. E agora? Plutão é frio, sabe?

– Como você sabe que é frio?

– Bom, ele fica distante do Sol, não?

– Você não vai para Plutão, irmão amado.

– Para onde vou ser enviado?

– Eu nunca havia visto esse planeta antes.

– Então não será fácil minha adaptação a ele. Que fria! Por essa eu não esperava, sabe?

– Eu sei. Mas você logo estará adaptado ao modo de vida desse seu novo planeta e aí nem se lembrará mais de nós, os que o amamos tanto que nunca o esqueceremos.

– Eu agradeço seu amor celestial. Mas não me sinto digno de tanto amor ou de ser lembrado. Afinal, vocês fizeram de tudo para eu me portar como um Trono, mas eu não correspondi aos seus ensinamentos. Não foi sua culpa se eu

falhei como Trono. Agora reassuma os seus mistérios para que eu possa recolher os meus e partir.

– Eu não vou deixá-lo partir.

– Isso não depende de mim ou de você, irmã. Tudo já foi decidido pelos nossos superiores. Vamos, reassuma seus mistérios e recolha suas lágrimas senão tudo será mais difícil para mim. Você não imagina como estou sofrendo com essa partida súbita!

– Nós também estamos muito tristes com sua partida, sabe?

– É, acho que sei. Mas o que tem de ser, será. Eu me apassivei todo para não me complicar ainda mais, mas essas lágrimas teimam em correr por conta própria. Sinto-me tão triste por deixá-la. Mas, para onde vou, acho que é melhor ir sozinho, sabe?

– Não me deixe, irmão. Leve-me com você!

– Aqui você é muito necessária, irmã. Na minha ausência dará sustentação a todos os filhinhos inconscientes que assumimos em um gesto único de amor, fé e vida. Saiba que não importa o que me aguarda, porque vou preservar em meu sétimo sentido meu mistério gerador de energias e as enviarei a você e a todos os que assumimos diante dos olhos do nosso divino Criador. Só não diga a eles que o pai é um desterrado. Diga-lhes que tive de viajar para longe, mas que um dia voltarei. Assim eles não se sentirão diminuídos por não terem um pai ativo a orientá-los em suas vidas.

– Do que está falando?

– De minha partida, irmã do meu coração. Vamos, solte-me dos seus braços porque estão esperando que eu não dê nenhum vexame nesta hora. Não fica bem para um Trono que não deu certo! Mas eu tentei, sabe? Tentei mesmo!

– Está certo, irmão. Eu acho que não tenho nenhum direito de influenciá-lo. Não agora que você alcançou seu fim.

– Que fim, não?

– Você logo se acostumará. Você é o Trono mais humano que já vi. Então se adaptará facilmente em sua nova morada.

– É, nós, os humanos, nos adaptamos aos mais adversos meios, não?

– Adaptam-se, sim. Agora que você me humanizou em todos os sentidos começo a entendê-lo melhor.

– Justo agora que todos começam a me entender melhor, vou partir. Bom, deixa para lá. Acho que é assim mesmo que são as coisas. Quando tudo vai ficar mais fácil, complico tudo, ou tudo se complica para mim.

– Você se sairá bem, irmão.

– É, vou tentar. Mas que não vou esquecê-la nunca mais, isso eu lhe prometo. Ainda mais depois daquele beijo, sabe?

– Ele foi tão humano, não?

– Foi, sim – murmurei enquanto levava os dedos aos meus lábios. Aí, resoluto, falei: – Estou pronto para partir!

– Não gostaria de me dar outro beijo tão humanizador, irmão?

– Acho que mais um beijo irá me complicar ainda mais, sabe? Ainda mais que você voltou a ser coberta com seu véu dos mistérios.

– Eu o afasto, está bem?

– Isso poderá complicá-la e acarretará para você um fim igual ao meu. Foi com um beijo que alcancei meu fim.

– Você acha que foi por causa daquele beijo?

– Eu tenho certeza. Afinal, foi depois de beijá-la que comecei a desejá-la só para mim... e como minha companheira eterna.

– Você... desejou-me nesse sentido?

– Eu sei que não tinha esse direito. Mas o que eu desejo, não consigo ocultar. Nós, os humanos, somos assim, sabe?

– Você anulou em seu íntimo esse seu desejo tão humano? – perguntou-me ela, descobrindo suas feições celestiais e deixando-as à mostra, assim como me mostrou seus olhos inundados de lágrimas que cintilavam mil cores. Após contemplá-la demoradamente, falei:

– Não o anulei, irmã. Pagarei todos os preços que me impuserem, mas não anularei esse meu desejo tão humano.

– Então, dê-me um beijo bem humano e torne esse seu desejo tão humano um dos bens de minha vida.

– Por que deseja algo que acarretará a você um fim semelhante ao meu?

– Poucos foram os Tronos que desejaram formar um par energético comigo. E nenhum ousou nada mais que isso. Mas você não só formou um par em todos os sentidos, como ainda ousou desejar-me, e distinguiu-me com o mais nobre grau que um espírito encarnado pode conceder a uma sua irmã também encarnada. Por que você fez isso por mim e comigo?

– É porque eu a desejei como mulher, sabe?

– Você ousou até isso, irmão do meu coração?

– Sinto muito. Acho que o frio de Plutão é pouco para mim. Eu mereço o fogo do Sol.

– Você o terá, irmão. Em você os desejos se realizam, sabe? Outro tão ousado eu jamais vi antes!

– Acho que é porque outro tão tolo quanto eu não existe. Bem, vou apresentar-me para ser enviado ao meu destino final.

– Vai partir sem me beijar?

– Acho que, se não vou para o frio Plutão, também não tenho o direito de arrastá-la a um fim no fogo do Sol.

– Nós, as Iansãs, temos uma atração natural pelo fogo, sabe? Então não me negue um beijo bem humano e não deixe de desejar-me como esposa que um dia irei viver com você no fogo do Sol!

– Puxa, você ficou parecida comigo depois que a humanizei. Acho que ficou mesmo!

– Tenho certeza de que fiquei. Vamos, beije-me, pois aí terei certeza de que um dia irei estar com você no abrasador fogo do Sol!

– Tudo bem. Mas não me culpe depois, certo?

– Eu assumo toda a responsabilidade pelas consequências, meu futuro... esposo.

– Bom, espero que com o tempo eu humanize o fogo do Sol e aí seu fim será menos difícil que o meu.

– Tenho certeza de que você humanizará o Sol e que meu fim será tão desejado por você quanto o seu tem sido desejado por muitas irmãs suas.

– Minhas irmãs estão desejando meu fim no fogo do Sol? Por essa eu não esperava!

– Já há muito tempo estão, sabe?

– Isso eu não sabia. Elas diziam que me amavam. Puxa!

– Elas o amam. Mas acham que você está se demorando para alcançar seu fim.

– Bom, se é isso que desejam para mim, então é melhor eu partir.

– Antes, dê-me um beijo bem humano.

– Pelo menos uma irmã quer guardar uma lembrança minha. Menos mal!

Após beijá-la, vi suas feições banhadas por aquelas lágrimas cintilantes e as beijei também. Então murmurei:

– Acho que a humanizei demais, pois suas lagrimas cintilantes são tão salgadas quanto a de minhas irmãs encarnadas. Preciso aprender a controlar esse meu mistério.

– Vá! Seu fim o aguarda, irmão excessivamente humanizador.

– Você está sentindo o mesmo nó na garganta que eu estou?

– Estou, sim.

– É, acho que a humanizei demais mesmo.

– Eu tenho certeza de que sim. Agora vá. Cruze aquele Arco-íris e encontrará quem o conduzirá ao seu destino final.

Eu enxuguei os olhos dela com as palmas de minhas mãos e a seguir a cobri mais uma vez com seu véu do mistério. Mas ela não deixou porque queria me ver pela última vez com suas feições à mostra, e com sua nova visão humana das coisas que havia adquirido quando fora humanizada pelo meu mistério.

Eu caminhei cabisbaixo, e dos meus olhos caíram lágrimas que cintilavam e iam formando manchas multicoloridas em minha veste branca, semelhante à que eu usava quando era um médium de Umbanda. Mas eu nem ligava para aquilo, de tão triste que estava.

Então, quando fiquei em baixo do Arco-íris, olhei para trás para dar uma última olhada em minha amada senhora Guardiã do Tempo, mas o que eu vi me assustou e exclamei:

– Meu Deus! Todos os meus pais, avós, bisavós e tatá-avós estão me vendo ser desterrado!

Sim, atrás dela estavam todos eles, e dos seus olhos corriam lágrimas cintilantes. Olhei à direita deles e vi todos os meus irmãos e irmãs ancestrais, assim como vi todas as irmãs com quem eu havia formado par. E dos olhos de todos eles corriam lágrimas cintilantes.

Olhei mais além delas, e vi milhões de infantes, todos com os olhos vertendo lágrimas cintilantes. E, mais além, vi milhares de mães encantadas e seus filhinhos, todas vertendo lágrimas cintilantes.

Estendi um pouco mais minha visão e vi milhões de mães elementais cercadas por seus filhinhos virginais, todos juntinhos delas, sem se moverem, enquanto elas vertiam lágrimas cintilantes.

Expandi mais ainda minha visão e vi todas as sete Ninfas e seus reversos cercadas por incontáveis pequeninas fontes vivas e pensantes, todas humanizadas por meu mistério, e todas vertiam lágrimas cintilantes.

Então voltei meus olhos para a esquerda, e vi milhões de irmãos venenosos, todos vertendo lágrimas rubras porque eu não os havia humanizado. Olhei mais além e vi meus ancestrais irmãos Tronos Cósmicos, e os vi vertendo lágrimas cinzentas porque esperavam ser humanizados através do meu mistério.

Eu não resisti a tanta tristeza em tantos olhos e caí de joelhos bem embaixo daquele Arco-íris, onde chorei compulsivamente. E tanto chorei que, se uma voz doce e celestial não tivesse me consolado, ali estaria chorando até hoje.

Então aquela voz doce perguntou:

– Quer que eu o ajude a se levantar, Arcanjo da Vida?

– Eu não sou um Arcanjo, irmã. Sou um Trono Humano da Geração e da Renovação. É só isso que eu sou.

– Não, irmão. Você é um Arcanjo da Vida que um dia desejou humanizar seus mistérios vivos. Agora que você humanizou o último que lhe faltava, é hora de retornar à direita do Trono Solar e reassumir seu grau de Arcanjo da Vida, já como um Arcanjo Humano da Vida, sabe?

– Não sei não, irmã. Como é isso?

– Olhe às suas costas e verá como é, irmão!

Eu olhei e o que vi me deixou pasmo. Então exclamei:

– Puxa!!! Por essa eu não esperava! Não mesmo.

– Eu sei, irmão. Ninguém nunca sabe ao certo o que existe do outro lado do Arco-íris. E assim tem de ser, sabe?

– Por quê?

– Bom, para os que amam a vida, como você tem amado, isso que você vê é o que os espera. Mas para os que atentam contra ela ou a anulam nos seus semelhantes, aí... bem... aí cada um encontra o que semeou.

– Entendo. Mas... olhando-a melhor, acho que a conheço de algum lugar, sabe?

– Sei.

– Você pode esclarecer-me sobre esta minha impressão?

– Eu sou uma das suas Estrelas Siderais. Lembra-se?

– Essa não!

– Bem vindo às suas Estrelas, irmão estrelado!

– Agora é que estou encrencado mesmo, sabe?

– Não tenho a menor dúvida de que está, irmão mais que esperado.

– Mais que esperado? Por quê?

– O que é mais que esperado?

– Só se for mais desejado, certo?

– Isso mesmo. Não é em você que os desejos se realizam?

– É o que sempre ouço.

– Vamos subir a escada da vida que conduz ao Trono Solar, pois isso é o mínimo que Deus concede a todos os que amam a Vida e desejam viver no Seu amor divino.

– Por que isso tem de ser assim, irmã?

– Assim como, irmão?

– Eu vou subir pela escada da vida que conduz ao amor divino, mas tenho de deixar para trás tantos seres que amo e que me amam.

– Isso é assim mesmo, irmão. Amando-os, você nunca os esquecerá e tudo fará para trazê-los para este lado do Arco-íris. Quanto a eles, amando-o, tudo farão para cruzar esse Arco-íris só para estarem junto de você novamente. Saiba que o amor tem dessas coisas e Deus o usa justamente para acelerar a evolução dos seus filhos.

– Entendo, acho que o amor é o elo vivo que une os seres de forma tão duradoura que as uniões tornam-se imortais.

– Isso é verdade, irmão imortal. Vamos?

– Deixe-me dar uma última olhada nos que amo, amo e amo... e nunca deixarei de amar.

Quando voltei meus olhos, revi a corte celestial e, ao contrário da vez anterior, todos os meus pais e mães maiores me sorriam. Então perguntei ao senhor Arconte celestial:

– O que estava acontecendo realmente, senhor Arconte?

– Era sua prova final, Arcanjo Humano da Vida. Se você tivesse perdido o controle emocional e colocado em risco nossa amada Guardiã do Tempo, teria se mostrado indigno do amor e da confiança que ela lhe dedicou quando lhe confiou sua vida e seu mistério.

Saiba que uma das falhas mais imperdoáveis aos que reverenciam o alto do Altíssimo é que, enquanto reverenciam, não se importam se vidas confiadas a eles estão sendo colocadas em risco.

Quantos não colocam em risco a vida de muitos dos seus semelhantes só porque reverenciam Deus?

– Muitos, meu senhor Arconte. Uns reverenciam Deus, que é vida, mas ordenam guerras, que é morte. Outros reverenciam Deus, mas pregam o ódio aos seus semelhantes.

Sim, muitos colocam em risco a vida de muitos enquanto reverenciam Deus e seus divinos Tronos.

– São muitos mesmo, Arcanjo Humano da Vida.

– Sem ofender ou faltar-lhe com o respeito, posso perguntar uma coisa?

– Pergunte, Arcanjo Humano da Vida.

– Por acaso não tinham uma prova menos constrangedora?

– Pensamos em muitas, mas aquela foi a escolhida, sabe?

– Não sei, não. O senhor pode comentá-la para mim?

– Claro. Você não é um Trono Humano da Geração e Renovação?

– Eu sou.

– Então você foi provado para ver se, mesmo colocado diante de um constrangimento máximo, conseguiria manter ativo seu mistério, e se sua potência e vigor não se diluiriam com o esvanecimento temporário do desejo que vibrava por ela, adormecida em seus braços.

– Acho que fui aprovado, certo?

– Foi, sim. Sua potência e vigor sustentaram seu mistério guardião, e seu desejo não se esvaneceu. Apenas o deixou incomodado e apassivou seu emocional.

– Mesmo assim, eu preferia que fosse uma prova comum, sabe?

– Provas comuns são para seres comuns, irmão Arcanjo Humano da Vida. Agora você está habilitado para dar sustentação no sétimo sentido às suas irmãs estreladas ou siderais, que é como você as chama. Siga com elas rumo ao seu novo fim, irmão!

– Antes gostaria de dar uma última olhada nos meus amados irmãos que deixei do outro lado do Arco-íris.

– Apresse-se, irmão. Há muito você já devia ter retornado. Portanto, várias ligações ancestrais o aguardam há muito, sabe?

– Logo saberei, irmão Arconte celestial. É só uma última olhada. Eu os amo muito!

Eu olhei e revi a todos em um piscar de olhos. Mas no instante seguinte já não os vi porque as lágrimas turvaram minha visão. Então fui conduzido à escada da vida, que conduz ao amor, que por sua vez conduz quem ama a vida à direita do Trono Solar. Quando o vi diante dos meus olhos ainda lacrimejantes, exclamei:

– Meu Deus! O divino Trono Solar é meu amado e adorado Pai Oxalá!!!

– Sou eu, sim, meu filho amado. Aproxime-se para que eu possa contemplá-lo de frente, de perto e com minha visão humana das coisas da vida e dos seres!

Após me contemplar de frente, meu amado pai Oxalá falou:

– Você, depois que se humanizou em todos os sentidos, tornou-se magneticamente muito atraente. Acho que agora entendo por que foi retido na Terra por tanto tempo.

– Deixei muitos para trás, meu pai amado.

– Ninguém fica realmente para trás, meu filho. Os seres estão onde devem ou precisam estar. Mas é só isso.

– Eu vou sentir muita falta deles e muitas serão as lágrimas que derramarei porque os deixei do outro lado do Arco-íris.

– Você quer retornar para junto deles?

– Eu não sei se o que estou sentindo é certo ou não. Então peço ao senhor, meu pai, que seja feita sua vontade e que ela prevaleça em minha vida em todos os sentidos. Só assim eu serei um bem na vida deles.

– Esse é o seu desejo, meu filho?

– É sim, meu pai. Assuma meu destino e direcione-me para onde eu puder ser um bem da vida aos que amam a vida.

– Esse é o seu desejo, essa é a minha vontade. Venha, abrace-me antes de ocupar seu Trono à minha direita.

Após ser abraçado pelo divino amor paterno de meu adorado pai Oxalá, nosso divino Trono Solar, fui conduzido até o sétimo Trono à direita dele, onde me assentei em definitivo após minha longa jornada humana. Então ele ordenou:

– Recolha-o em seu íntimo e assuma o comando de suas atribuições no seu campo de ação.

Após fazer o que havia sido ordenado, minha visão se expandiu e vi vários planetas ao mesmo tempo. Então perguntei:

– Meu amado pai Oxalá, o que está acontecendo que vejo diante dos meus olhos vários planetas?

– Esse é, por enquanto, seu campo de ação, meu filho. Se sua humanização o tornou tão potente e vigoroso como me falou seu pai Ogum, e o tornou tão atrator como me revelou sua mãe Iemanjá, então, no futuro, o divino Trono Galáctico abrirá novos campos para você atuar.

– Como devo atuar, meu pai amado?

– Como desejar, desde que só atue de forma reta e não deixe de cumprir seus deveres. Tantos os maiores quanto os menores.

– Assim será, meu amado pai e senhor Oxalá.

– Essa sua irmã o instruirá sobre as práticas siderais. Siga com ela que em um piscar de olhos tudo lhe será revelado.

– Com sua licença, meu pai amado.

– Licença concedida, meu filho.

Segui aquela irmã estrelada e pouco depois eu conhecia todo o meu campo de ação e a faixa onde meu mistério, extremamente atrator, magneticamente falando, fluiria naturalmente.

– Eu não tenho um ponto fixo para permanecer, irmã estrelada?

– Suas moradas são os planetas e suas residências são as muitas dimensões da vida que existe em cada um deles. Você é um Arcanjo Humano da Vida que tem por função irradiar seus fatores já cristalizados em seu sétimo sentido da vida.

– Quantos fatores eu já irradio, irmã?

– No geral só os que estiverem sendo solicitados, mas no particular irradiará o que nós estivermos aptas a absorver.

– Nós?

– É, nós, suas irmãs estreladas. Ou você já não se lembra de nós?

– Acho que me esqueci de tudo, sabe?

– Quer que eu o ajude a se relembrar?

– Por favor, irmã, faça isso por mim.

– Você quer ser relembrado em um piscar de olhos ou na sua forma humana, que é bem demorada?

– A iniciativa é sua. Logo, a escolha lhe pertence, sabe?

– Não sei, não. Mas, se você disse que é, então já escolhi sua forma humana!

Quando me relembrei do quase tudo, exclamei:

– Mas então posso permanecer em um planeta que meus mistérios atuarão em toda a minha faixa vibratória!

– Claro que pode. Por acaso pensou que ia ficar retido em uma redoma, e incomunicável?

– Eu pensava que teria de ficar dentro de um centro neutro coletivo.

– Esses planetas e suas muitas dimensões são seu centro neutro coletivo. Já seu centro neutro individual, este é o das irmãs que formaram par com você por meio do seu Mistério Humano da Geração e Renovação. Você é um bem coletivo, irmão!

– Entendo. Obrigado por ser tão paciente comigo.

– No que depender de mim, estou à sua disposição em todos os sentidos. É só solicitar!

O fato é que, quando me senti mais confiante, cruzei aquele Arco-íris e entrei na dimensão espiritual humana em seu nível vibratório terra e caminhava tranquilamente quando vi ao longe um ancião cabisbaixo e triste. Desloquei-me até ficar próximo dele e, quando o reconheci, exclamei:

– Vovô tatá Omolu!!! É o senhor mesmo?

Ele voltou seus olhos tristes na minha direção, depois sacudiu a cabeça e tornou a olhar para mim e dizer:

– Essa não, um fantasma do meu mais amado neto!

– Que fantasma nada, vovô! Sou eu mesmo com minha velha roupa branca. Eu voltei!

– Eu não acredito! Não mesmo! Deve ser um fantasma!

– Só porque sou um espírito vestido de branco, o senhor já vai me chamando de fantasma? O que é que aconteceu? Já não me reconhece mais?

– Essa não! É você mesmo, neto amado?

– É claro que sou eu, vovô. Sua bênção!

– Abençoado neto do meu coração! Cadê meu abraço renovador da minha alegria, potência, vigor e desejo de humanizar-me?

Eu o abracei com tanto amor que até chorei, quer dizer, choramos. Mas em dado momento ele perguntou:

– Neto amado, o que você faz por aqui?

– Nada, vovô, só vim rever meus entes queridos e amados.

– Você não se meteu em alguma daquelas suas encrencas e acabou rebaixado, meteu-se?

– Não foi nada disso que aconteceu, sabe?

– Não sei, não.

– Eu voltei para ficar um pouco por aqui e...

– Por quanto tempo?

– Pelo tempo que me quiserem.

– Então você está encrencado.

– Estou? Por quê?

– Olhe às suas costas e descobrirá em uma fração de segundo.

Eu olhei e revi todos os meus entes queridos, que me sorriam enquanto lágrimas de alegria corriam de tantos olhos que me era impossível numerá-los. Como era impossível abraçá-los, de tantos que eram, irradiei uma vibração de amor geral e irrestrita que envolveu a todos de uma só vez. Mas, quando vi Estrela Dourada do Arco-íris, puxei-a até meus braços e a envolvi toda em um abraço caloroso de amor, carinho e ternura que quase a deixei sem sentidos, e não pude soltá-la senão ela desmaiaria, tamanha era sua alegria. Por fim ela falou:

– Eu sabia que você voltaria para mim, sua única Estrela Dourada do Arco-íris!

– É. Duas iguais não existem, não é mesmo?

– Tenho certeza de que não. Assim como não existe outro igual a você, que não me esqueceu esse tempo todo. Obrigado pelas vibrações de amor que enviava durante todo o tempo! No nosso minuto nunca deixei de recebê-las em tão grande quantidade que acho que estou transbordando amor em todos os sentidos... e não vou soltá-lo dos meus braços até você absorver todo ele em meu centro neutro individual, que também é todo seu.

– Logo estará mandando-me embora, senão adormecerá em um profundo e duradouro sono, sabe.

– Isso eu quero saber.

– Logo estarei com você, pois antes tenho de rever alguém que não está entre os que vieram ver se eu não era só um fantasma.

– De jeito nenhum. Eu não o soltarei até que você não me peça para deixá-lo partir.

– Por quê?

– Se bem conheço quem você deseja visitar, ela não o deixará partir senão daqui a umas três eras religiosas, sabe?

– Tem certeza?

– Absoluta. Quem mandou você desejá-la como esposa? Eu não bastava?

– Acho que é esse meu mistério. Ele cria certas condições que, quando vejo, tudo já aconteceu, sabe?

– Eu sei. E justamente por ele ser assim, tão possessivo e atraente, é que exijo meus direitos de Estrela Dourada do Arco-íris, sua sétima estrela do amor.

O caso é que ela tinha razão e não foi fácil convencer minha amada senhora Guardiã do Tempo de que eu não ia desaparecer novamente por baixo de

um Arco-íris... sem levá-la junto. Tal como Estrela Dourada do Arco-íris havia exigido de mim.

Quando fui visitar meus pais Beira-mar e Naruê, encontrei aquele meu filho encantado de Oxumaré, que foi logo dizendo:

– Papai, quando eu crescer vou ser igual ao senhor!

– Eu não tenho dúvida de que será. Como você tem se comportado nos domínios de seus avós?

– Eu tenho tentado comportar-me como eles exigem. Mas não é fácil, sabe?

– Eu sei, sim, meu filho. Mas eles sabem como não deixar que alguém se esqueça de sua origem, seu grau e seu fim num universo infinito. Portanto, obedeça-os sempre e sem discutir as ordens que receber, certo?

– Sim, senhor, papai.

– Como vai com seu tatá-avô Omolu?

– Ele me perdoou e deixou andar pelos seus domínios, desde que não prometa nada a ninguém nem leve à mostra minha serpente encantada do Arco-íris.

– Ele sabe o que é melhor para você. Obedeça-o e você nunca precisará adormecer na carne ou ser punido pelo mistério dele. Agora vá para junto de sua mãe Estrela que preciso falar com seus avós.

– Com qual das mães Estrelas, papai?

– Como assim com qual?

– Bom, todas as mães Estrelas me adotaram, sabe?

– Só agora estou sabendo. Por quê?

– Bom, elas disseram que sou o senhor escrito, e que, na ausência do pai, sempre terão o amor do filho, que mais dia menos dia será como o pai. Eu não entendi muito bem, mas acho que elas sabem de coisas que eu ainda não sei porque sou só uma criança, sabe?

– Sei. Agora, diga-me: por que sua pequena serpente encantada do Arco-íris está crescendo tão rapidamente?

– Acho que é de tanto minhas irmãzinhas brincarem com ela. Eu não posso descuidar-me que elas tentam encantá-la ou descobrir seus mistérios. Mas elas nunca conseguirão, porque se olharem muito para a cabeça dela ficam encantadas e aí revelam seus mistérios para mim.

– É, acho que sei como é isso. Agora vá para junto de sua mãe Estrela Dourada do Arco-íris, está bem?

– Sim, senhor. Com sua licença, papai e vovôs!

– Licença concedida! – respondemos nós ao mesmo tempo.

Depois, já a sós, olhei para os meus amados pais e agradeci o imenso bem que haviam feito por mim, pois, se não tivessem sido rigorosos, com certeza eu ainda estaria mergulhado nas vicissitudes da dimensão humana da vida.

– Só cumprimos com nosso dever de pai, tal como de agora em diante você também cumprirá, irmão em Oxalá!

– Os senhores me permitem uma pergunta?

– Ela implica a revelação de algum mistério?

– Implica.

– Então, faça-a de forma que não quebre a Lei que rege o silêncio sobre os mistérios.

– Ainda não aprendi tudo o que uma irmã estrela sideral tem para me ensinar. Ela optou pelo modo humano para instruir-me, já que é mais demorado, mas também é mais prático e a forma que mais aprecio, mas vou ver se não quebro a lei do silêncio, certo?

– Prossiga, servo do divino Criador.

– Amados pais, quando o divino Ogum deseja falar aos espíritos, ele se expressa através do senhor Ogum de Lei, certo?

– Isso é uma verdade e não um mistério, servo do divino Criador.

– Um ser, senhor de seu mental, racional, percepcional e emocional pode assumir conscientemente uma aparência que já usou em um estágio de sua evolução, ou em uma parte dele, certo?

– Isso também é uma verdade e não um mistério, servo do divino Criador.

– O divino Ogum é um regente planetário multidimensional assentado na coroa divina, onde é um dos Tronos Divinos, e na corte celeste tem seus Arcontes celestiais, certo?

– Isso é uma verdade e parte de um mistério, servo do divino Criador. Portanto, só deve abordá-lo superficialmente, e nada mais.

– Pai amado, os olhos de um ser natural são semelhantes aos de um ser espiritualizado?

– Não. Os olhos de um ser natural mantêm sua cor original, e a única alteração que ocorre é que, dependendo de suas vibrações íntimas, a cor deles densifica-se ou sutiliza-se. Já os olhos de um ser espiritualizado, eles assumem a cor específica de suas vibrações íntimas. Se forem negativas, serão cores opacas, e se forem positivas, serão cores iridescentes.

– Então um ser, seja ele natural ou espiritualizado, pode mudar sua aparência, mas nunca conseguirá modificar a cor dos seus olhos, ou mesmo sua característica fundamental, certo?

– Isso é uma verdade, servo do divino Criador. Os olhos são o espelho da alma de todos os seres pensantes e é através deles que Deus nos vê o tempo todo e vê toda a sua criação e criaturas. Nós temos como verdadeira a frase que diz que "os olhos são espelho da alma porque são a visão de Deus a partir do íntimo de cada um".

Através dos olhos vemos o íntimo de nossos semelhantes e mostramos o nosso a eles.

– Obrigado pelo ensino, meus pais.

– Já descobriu o que desejava saber?

– Sim, senhor.

– Vejo que essa sua irmã sideral estrelada é uma ótima mestra na abordagem dos mistérios.

– Ela e ótima sim, pai Guardião Beira-mar.

– Foi ela que lhe recomendou o uso dessa sua veste branca de médium de Umbanda?

– Foi, sim.

– Por quê?

– Bom, segundo ela, os Tronos ocultam seus olhos para que, quando desejarem atuar de forma individual na vida de seus filhos, não sejam reconhecidos através deles. Mas que eu, um Trono espiritualizado, não devia me preocupar com meus olhos e sim com meu mistérios, pois a parte visível dele me revela assim que é vista, ou confunde quem ainda não me conhece.

– Muito sábia essa sua mestra sideral que, presumo eu, já não se confunde mais, certo?

– É, acho que não.

– Se você acha, eu tenho certeza.

– Eu também! – exclamou meu pai Guardião Naruê. – Só não sei como você conseguiu um pouco de folga nas suas aulas de instrução na abordagem dos mistérios, porque, segundo ouvi, essas suas irmãs estrelas siderais são, todas elas, herdeiras naturais da Ninfa da Vida.

– A Ninfa da Vida é um amor de irmã, sabem?

– Irmã? Você disse irmã?

– Foi o que eu disse, oras! Ela andou ensinando-me umas coisinhas sobre suas filhas estreladas. Agora sei como absorver todas as energias que elas geram naturalmente e inundá-las com as que gero, mergulhando-as em um sono profundo, mas tão profundo que quando despertam se sentem tão plenas e tão realizadas que seus poderosos pulsares demoram um tempão para voltar aos seus padrões vibratórios normais.

– Essa eu não sabia! – exclamou meu pai Guardião Naruê.

– Nem eu! – confirmou meu pai Guardião Beira-mar, que perguntou: – Como você faz para adormecê-las tão profundamente?

– Isso é um mistério e não pode ser comentado, senão eu quebro a lei do silêncio sobre os mistérios e uma promessa que fiz à minha amada irmã, a Ninfa da Vida. Mas tenho certeza de que ela lhes revelará esse mistério caso perguntem diretamente, sabem?

– Sabemos. Mas uma pergunta a ela implica responder a outra, feita por ela. E aí as coisas se complicam, pois nós não somos Exu e não temos uma segunda resposta ou uma alternativa final para recorrermos a ela quando as coisas escapam de nosso controle.

– A Ninfa da Vida não atua senão de forma reta, meus pais. Logo, não têm por que temê-la. Bastará perguntarem e responderem segundo seu modo de comunicar.

– É melhor não arriscarmos, irmão – sugeriu meu pai Guardião Beira-mar. – Eu já vi muitos sabichões tentarem possuir o mistério da Ninfa da Vida e se perderem nos domínios da Ninfa da Morte.

– Você tem razão, irmão. Nós somos Oguns e não somos inconsequentes, certo?

– Vocês fizeram muito bem em dar-me ouvidos! – exclamou vovô tatá Omolu, chegando naquele momento. – Assim que ouvi esse neto chamar a Ninfa da Vida de irmã, entendi por que ele voltou à Terra disfarçado de espírito humano, já que finalmente havíamos descoberto que não era só um Trono humanizado.

– Vovô! O que o senhor está insinuando?

– Eu não insinuo nada, meu mais astuto e enigmático neto. Eu falo de forma reta!

– Desculpe-me, vovô. Mas captei em suas palavras uma acusação de que estou tentando induzir meus amados pais a irem ao encontro da Ninfa da Vida para que ela possua os mistérios deles e não lhes conceda a posse dos delas. É isso, não?

– Errado, neto astuto. Você, inconscientemente, está predispondo-os a se entregarem à sua irmã, a Ninfa da Vida, que possuirá os mistérios deles e os esgotará em um piscar de olhos.

– Bom, o senhor é especialista nesse coisa de inconsciência. Então retiro tudo o que eu disse e não falamos mais nesse assunto. Todos de acordo?

– Só depois que você nos der uma chave de acesso ao mistério do sono profundo em que mergulha aquelas suas irmãs estreladas e siderais, todas elas herdeiras naturais da Ninfa da Vida.

– Bom, de acordo. Mas eu vou dar-lhes a única chave que conheço. A chave chama-se "Ogum".

– Só Ogum? – perguntou meu pai Ogum de Lei, que também ouvia nossa conversa e entrou nela naquela altura.

– Só Ogum, meu pai Ogum de Lei. E mais não posso dizer, senão serei punido imediatamente pelo seu mistério guardião dos mistérios.

– Você está certo, meu filho amado. Desculpe-me se adicionei uma pergunta à chave que você nos deu. Mas é que o mistério dessas herdeiras da Ninfa da Vida já vem nos incomodando há muito, sabe?

– Eu sei, meu pai. Desculpas aceitas e assunto encerrado.

– Obrigado, meu filho. A chave chama-se "Ogum", certo?

– Certo, meu pai Ogum de Lei. Agora peço licença a todos, pois vou rever as sete Ninfas e seus reversos, de frente, sabem?

– Sabemos, sim. Licença concedida, servo do divino Criador.

Eu me retirei para os domínios da Ninfa da Vida, mas podia ouvi-los, e ouvi vovô exclamar:

– Pronto, as encrencas voltaram! O mais encrenqueiro dos meus netos voltou com tudo, pois agora tem como instrutoras as astutíssimas filhas da Ninfa da Vida!

– Meu pai Omolu, o senhor permite uma observação? – perguntou-lhe meu pai Guardião Naruê.

– Observação concedida, meu filho Naruê.

– O senhor estava apático e solitário desde que ele havia partido. Mas, assim que ele voltou, sua apatia desapareceu, sua alegria retornou e o senhor tem de novo uma das companhias que mais o agrada. Logo, não sei do que está reclamando!

– Mas eu não estou reclamando dele ou de suas encrencas e das que cria para nós. É esse meu modo de expressar-me.

– Que modo é esse, pai amado? – quis saber meu pai Ogum de Lei.

– É o dele, mas com meu sotaque naturalista, sabem?

– Ainda não sabemos. Quando isso começou a acontecer?

– Foi logo depois que ele renovou em minha vida um minuto inesquecível.

– Nós podemos saber que minuto é esse ou é algo indescritível ou irrevelável?

– Bom, como vocês sabem, eu dispensei a alternativa de espiritualizar-me, já que ele ia ter de encarnar. Então pedi a ele, quando ainda era o desaparecido Ogum Sete Estrelas, que me transmitisse seu fator Ogum puro e ele teve de renovar meu emocional para que eu pudesse absorvê-lo rapidamente no pouco tempo que ainda lhe restava. Como vocês já sabem, a Ninfa da Morte havia anulado em mim meu emocional quando me recusei a responder à pergunta da Ninfa da Vida.

Então, quando ele me abraçou e me concedeu um instante inesquecível, facultou-me um emocional humano e aí comecei a entendê-lo e compreender o real sentido de sua comunicação humana. Mas com meu sotaque natural, certo?

– Minuto inesquecível foi a recordação do pouco tempo que o senhor teve de volta seu emocional e que, por irradiação, absorveu por meio dele o fator Ogum puro que ele irradiava em todos os sentidos, pois ele havia se ogunizado nos sete, certo?

– Foi o que eu disse, meu filho Ogum de Lei.

– Então decifrei a chave que ele nos deu. O que é Ogum? – perguntou ele.

– É a Lei. – respondeu um dos presentes.

– É a ordem. – respondeu outro.

E as respostas foram tantas que ele pediu:

– Podem parar, irmãos. A resposta certa é o fator Ogum, pois Ogum é em si mesmo um fator do divino Criador. Logo, o fator Ogum é a chave do sono das filhas da Ninfa da Vida – falou meu pai Ogum de Lei.

– Comente isso, irmão – pediu meu pai Guardião Beira-mar.

– Bom, o fator Ogum é ordenador do caos, certo?

– É, sim – concordaram todos.

– As Ninfas geram em todos os padrões vibratórios todos os tipos de energias, certo?

– Isso é certo – concordaram eles novamente.

– As Ninfas são temidas porque são emotivas, certo?

– São muito emotivas! – concordaram.

– Uma Ninfa sobrecarregada de energias fica super excitada e, por ser emotiva, transforma-se em uma fonte caótica gerando energias. Logo o fator Ogum

irradiado no ponto certo, por onde elas captam os fatores que necessitam, ordena o caos gerador que se tornam, e permite que elas irradiem suas sobrecargas de forma ordenada e rápida, até adormecerem profundamente. E só voltam a ficar excitadas quando novamente ficarem sobrecarregadas.

– Tem sua lógica, irmão! – concordou meu pai Guardião Naruê. – Mas Ogum também é a potência, e aí voltamos à estaca zero, pois, se ele se referia a uma irradiação energética potente e reta, estava se referindo a Ogum.

– Ouçam! – exclamou vovô. – Isso é típico da astuta Ninfa da Vida. Ela costuma recorrer aos seus irmãos para nos induzir à senda torta, onde ficamos em desvantagem, e aí nos envolve e nos subjuga com seus poderosos mistérios. Portanto, recomendo a todos que esqueçam essa chave antes que seja tarde demais. Saibam que, quando a chave está em nós, é muito difícil descobri-la e usá-la de forma reta. Só alguém que a conhece e já a usou é capaz de mostrá-la e nos ensinar como devemos usá-la, sem nos perdermos. Logo, deixem tudo como está e aguardem que mais dia menos dia aquele enigma, humanizado até nas chaves que traz em si, nos revelará em qual aspecto Ogum está a chave que põe a dormir as herdeiras da astuta Ninfa da Vida.

– De acordo, pai amado – concordaram todos. – O bom senso e nosso procedimento reto sempre nos protegeu das investidas de Exu. Mas, com um Arcanjo Humano da Vida, aí tudo se complica, pois, ao contrário de Exu, ele não tem interesses próprios, e só atua por meio de interesses alheios, pelos quais realiza os desejos. E dominar os mistérios da Ninfa da Vida é um dos nossos desejos, certo?

– Tem razão, irmão Naruê – concordou meu pai Guardião Beira-mar. – Esse é um antigo desejo nosso. Logo, alguém que tem interesse nos mistérios da Ninfa, com certeza está induzindo aquele arcanjo humano da vida a nos entregar submissos a ela. Assunto encerrado! – sentenciou ele, que a seguir recolheu-se aos seus domínios, e o mesmo todos fizeram.

Eu, ao lado da Ninfa da Vida, ouvindo-os isoladamente, exclamei:

– Até quando esses amados herdeiros naturais do meu Mistério da Geração vão continuar com ele adormecido em seus íntimos?

– É só até eles descobrirem que o Mistério da Geração gera energias em todos os sentidos e renova a fé, o amor, o conhecimento, a Lei, a justiça e a própria vida dos seres.

– Acho que eles temem que fique concentrado só no sétimo sentido porque o estudam através de mim, que sou o sétimo arcanjo do divino Oxalá.

– Mas você só descobriu isso porque não temeu possuir meus mistérios e conceder-me a posse dos seus sem nenhum limite, certo?

– É, eu não temi mesmo.

– Você se arrependeu?

– De jeito nenhum, senhora Ninfa da Vida. Só que, enquanto eles se mantiverem adormecidos em suas funções como portadores naturais dos mistérios do divino Trono da Geração, eu tenho de dar sustentação a todas as herdeiras naturais

das sete Ninfas e seus reversos. Às vezes fico sobrecarregado de solicitações por parte delas, sabe?

– Eu sei. Por isso vou revelar-lhe um mistério que só o divino Ogum conhece, e não abre para ninguém. Nem para seus herdeiros diretos.

– Essa não! Isso está me cheirando a encrenca com meu pai maior Ogum, minha senhora Ninfa da Vida. Acho melhor esperar que ele mesmo o abra para mim, certo?

– Errado, meu mais amado Trono da Geração. Ele nunca o abrirá para ninguém.

– Não?

– Não mesmo, pois fui eu quem revelou a ele esse mistério. Mas ele ficou só na revelação e nunca o colocou em prática, pois não quis abrir em seu mistério puro uma gama tão ampla de fontes de geração de energias que talvez o obrigasse a recorrer a uma das muitas alternativas humanas para dar vazão a algumas das energias que passaria a gerar.

– Espere um pouco. Se o próprio divino Ogum, que é o que é porque é o que é, ficou só no conhecimento teórico desse mistério, porque é que eu, um simples Trono Humano da Geração, vou conhecer e abrir no meu mistério essas fontes que nem sei para que servem? Por acaso está tentando desvirtuar-me ou ao meu mistério?

– Eu tentei isso alguma vez?

– Não, senhora. Mas as coisas estão ficando complicadas, sabe? E eu não sou nenhum gênio ou super humano.

– Não, é claro que não. Você é apenas o mais genial arcanjo humano da vida que se metamorfoseou num espírito humano para melhor realizar suas missões e recolocar na senda reta todos os que adotaram como via preferencial a senda torta.

– Eu fiz tudo isso?

– Mesmo sem ter consciência, fez e foi aprovado com distinção e louvor, tanto pelo divino Trono da Geração quanto pela sua mãe maior Iemanjá, que me recomendou que lhe revelasse esse mistério único e fechadíssimo, desconhecido até dos regentes dos níveis intermediários.

– Por que ela quer que eu possua esse seu mistério fechadíssimo?

– Bom, depois de possui-lo e aperfeiçoar-se na aplicação prática dele, seu campo de atuação se tornará tão amplo que finalmente o divino Ogum começará a atuar por meio de você sem correr o risco de não poder recorrer a uma segunda alternativa, que seu fator humano tem de sobra, pois lhe faculta uma terceira, uma quarta, etc.

– Essa não!

– Essa sim. Ou por que você acha que Exu tentou estabelecer interesses em seu mistério: se ele, que já é uma ameaça aos recursos retos, tivesse estabelecido interesses em seu mistério, aí acrescentaria tantas alternativas às duas que tem o

mistério Exu, que você nunca mais teria paz, já que ele ia recorrer ao seu mistério para tudo, sabe?

– Não sei, não, minha senhora.

– Ora, se você humanizou seu Mistério da Geração, também adquiriu o direito de usar todos os recursos e alternativas humanas inerentes à sua própria natureza e fator. Logo ele, estabelecendo interesses em seu mistério, as usaria nos casos que suas duas únicas alternativas e recursos falhassem. E aí o ônus seria seu e o proveito seria só dele.

– Então por que ele fez tudo para se desfazer de todo e qualquer interesse no meu mistério?

– Bom, ele ficou sabendo que na sua frente estou eu, nas suas costas está a Ninfa da Morte e no seu embaixo está o Trono da Morte. Logo, ele tratou de aquietar-se na sua esquerda, pois, se ele estabelecer algum interesse em um mistério cujo embaixo é regido pelo Trono da Morte, ele será puxado para baixo no mesmo instante e nunca mais será o mesmo.

– Por quê?

– O Trono da Morte não tem desejos ou interesses. Apenas absorve em seu mistério os seres movidos só pelo desejo ou por interesses... e os torna indesejáveis e desinteressantes. Isso quando conseguem sair dos domínios dele!

– Por que a senhora está comentando isso, logo agora que deseja abrir-me um dos seus mais fechados mistérios?

– É para que o divino Ogum possa atuar através do seu Mistério da Geração, que também gera o fator Ogum mas o irradia através da sua parte humana, parte esta que o torna interessante a uns e desejado a outros, mas temido por todos, porque eles sabem que seu fator humano o dotou de ilimitados e inúmeros recursos e alternativas. Todos retos se usados de forma humana, e tortos se usados de forma desumana.

– Mas aí eu correrei o risco de errar quanto ao uso e serei tragado pelo mistério do Trono da Morte.

– Não se você confiar a guarda desse meu mais fechado mistério ao divino Ogum e ao Trono da Morte. Um o guiará pelo alto e o outro pelo embaixo, evitando que você ative inconscientemente as fontes energéticas que meu mistério mais fechado abrirá na raiz do seu assim que você possuí-lo.

Saiba que, após possuir esse meu mistério, seus irmãos venenosos perderão seus interesses no seu mistério, ou mesmo por ele, já que, se tentarem possuí-lo pela via torta, serão tragados pelo Trono da Morte e, se tentarem pela via reta, serão possuídos pelo divino Ogum, que os alcançará por meio de você.

Só que, quando você se interessar por um deles, a ele só restará duas alternativas. A primeira é reta e desejarão submeter-se aos seus interesses. A segunda é torta e tentarão resistir, quando ativarão o Trono da Morte em suas vidas venenosas.

– Nossa! Eu vou desvirtuar o uso do meu mistério, minha senhora.

– Não, meu amado Trono da Geração. Você ampliará seu campo de ação, pois as fontes que se abrirão o dotarão de uma capacidade única e inalcançada por nenhum outro Trono Humano da Geração até agora, certo?

– Preciso refletir sobre isso e depois submeterei sua abertura ao meu divino Criador pois, se não estou enganado, só uma irradiação divina me sustentará durante a posse do seu mistério mais fechado.

– Submissão, percepção e bom senso é o mínimo que espero de quem possuir esse meu mistério mais fechado. Além de discrição, certo?

– Discreto, é isso?

– É sim, meu mais amado Trono Humano. Muito discreto, sabe?

– Ainda não sei, minha discreta senhora.

– Após possuir meu mais fechado mistério, as divinas mães discretamente abrirão para você portais até agora fechadíssimos, pelos quais você passará e atuará em seus domínios mais ocultos e impenetráveis, nunca abertos até aos seus ousados pais, avós, bisavós e tatá-avós.

– Entendo. O que venho pressentindo há algum tempo tem a ver com sua oferta?

– Tem. Eu não abro um mistério se ninguém me estimular. Mas, quando sou estimulada, é porque alguém está apto a possui-lo e dar-lhe um uso reto.

Eu refleti e, quando invoquei meu divino Criador, tanto em meu íntimo quanto em meu mistério, formou-se um acúmulo energético prestes a eclodir em um turbilhão de energias até então desconhecidas.

Se não fosse a pronta reação da Ninfa da Vida, com certeza eu teria sucumbido. E, assim que dei início à posse energética do seu mais fechado mistério, tudo explodiu em um fluxo tão intenso que tive de me amparar nela, que por sua vez reagiu se segurando em mim para poder suportar aquele fluxo sem se desequilibrar toda, porque aquelas energias provocaram nela uma vibração única que a mergulhou em um interminável êxtase vibratório geracionista. Eu a amparei e sustentei até onde me foi possível, porque chegou um momento em que ela começou a irradiar as energias que começara a gerar durante aquele êxtase, e quem quase perdeu os sentidos fui eu, que também mergulhei em um interminável êxtase.

Só não perdi os sentidos porque mentalizei meu pai maior Ogum e o vislumbrei assentado em seu divino Trono Celestial, de onde começou a dar-me sustentação magnética, energética, vibratória e emocional, para que eu mantivesse a consciência durante todo o tempo que duraria a absorção das energias geradas a partir do mais fechado mistério da Ninfa da Vida, e não sofresse uma catarse emocional por causa do êxtase tão intenso e tão longo.

Foi durante aquele êxtase único e indescritível que minha visão se apurou de tal forma que vi os portais aludidos por ela durante nossa conversa, assim como vi minhas amadas mães maiores a me contemplar com um sorriso de alegria por eu ter possuído o mistério mais fechado da Ninfa da Vida e ter me habilitado a atuar com meu mistério em seus domínios mais fechados, fechadíssimos mesmo, pois não havia nenhum outro cordão energético penetrando por aqueles portais multidimensionais.

Isso era sinal de que ninguém conseguira unir-se energeticamente aos domínios mais ocultos regidos por elas. Logo, eu era o primeiro, presumi:

– Acertou, meu filho amado! – falou-me, mentalmente, minha mãe maior Iemanjá. – De agora em diante você atuará em meus domínios mais ocultos como gerador de energias ordenadoras e equilibradoras, servo do divino Criador. E absorverá deles um fluxo energético vital e renovador, que direcionará para os domínios mais ocultos dos seus pais maiores. Irradie um fluxo energético e o direcione às sete passagens multidimensionais e sustente-o até estabelecer uma corrente eletromagnética e até estabilizá-la segundo seu padrão vibratório mental, que o ligará a todos os Tronos Energéticos assentados em meu centro neutro, onde formam meu degrau divino. E o mesmo acontecerá com os degraus de suas mães maiores, cujos Tronos se ligarão ao seu mistério. Quando um Trono enviar-lhe um estímulo vibratório, ele o ativará e gerará a energia que o recomporá energeticamente. Esteja sempre pronto para responder aos estímulos vibratórios que lhe chegarão após todas as ligações se estabelecerem.

– Assim ordena minha senhora e mãe maior, assim desejo que seja logo depois que as ligações se concluírem.

– Projete os fluxos por meio do mistério mais oculto da Ninfa da Vida e não se impressione com o que acontecerá quando ela irradiá-lo em sete direções diferentes, pois cada uma das irradiações se projetará para uma das passagens multidimensionais, que as absorverão e as internalizarão para que a sua faixa de atuação exclusiva seja estabelecida em definitivo.

Eu projetei o fluxo para a Ninfa da Vida, que o captou e, assim que sobrecarregou sua aparência humana, diluiu-se em um piscar de olhos e eu vi um dos mais fantásticos mistérios divinos: uma estrela viva e pensante, cintilando mil cores e projetando por sete pontas sete fluxos energéticos, cada um de uma cor, em sete direções, que eram as sete passagens multidimensionais. Quando todas as ligações se estabeleceram, vi o mistério do magnetismo estrelado bem diante dos meus olhos em seu pulsar alternado, pois meu magnetismo polarizara com o dela, dando-lhe alternância enquanto o meu adquiria continuidade.

Por um instante eu me abstraí com a beleza que era ver a Ninfa da Vida atuando e tive de ser chamado à razão por minha senhora e mãe maior Iemanjá, que me alertou para a seriedade do que estava acontecendo ali. Eu voltei a concentrar-me no meu mistério maior e logo comecei a receber uma quantidade tão grande de energias provindas daquelas sete passagens multidimensionais que fui me sobrecarregando tanto que chegou um momento que meu corpo energético explodiu e eu nada via, só me sentia como uma estrela semelhante à Ninfa da Vida, mas de polaridade oposta.

– Meu Deus! – exclamei assustado. Mas aquela voz divina aquietou-me e começou a comandar tudo dali em diante.

Primeiro ordenou que eu me descontraísse e deixasse todo aquele acúmulo energético fluir naturalmente. Logo um bem-estar incrível tomou conta do meu ser imortal. Depois aquela voz balsâmica perguntou-me:

– Como você se sente, minha estrela?

– Sinto-me como uma fonte pensante e geradora de energias, meu senhor.

– Quem você é, minha fonte viva?

– Eu sou um mistério do meu divino Criador. Logo, sou uma vontade manifestada por Ele, e que tem por função dar sustentação à vida onde a vida solicitar-me.

– É assim que eu o quero e assim será você, meu servo fiel, obediente e submisso às minhas ordens, que em você se manifestarão como vontades, que as cumprirá como desejos a ser realizados.

– Assim diz meu senhor e assim desejo que seja por todo o sempre.

– Assim será, minha estrela da vida, viva, pensante, geradora e irradiante. Agora, mentalmente, mova-se até acoplar seu mistério irradiante ao mistério absorvente da minha Ninfa da Vida, que é mais uma de minhas estrelas da vida, pensante, geradora e pulsante.

Ambos estávamos sendo guiados pela mesma voz divina, assim como comandados nos mínimos movimentos. Quando acoplamos nossos mistérios, foi-nos ordenado que fechássemos os sete polos irradiantes acoplando-os, pois éramos as duas partes de um mesmo mistério: a estrela viva da vida!

O bem-estar que comecei a sentir inebriou minha mente e embotou meu racional, pois mergulhei no mais delicioso êxtase: o êxtase pleno da vida!

Quanto tempo durou aquele êxtase, não sei dizer. Mas em dado momento aquela voz voltou a falar comigo e perguntou-me:

– É assim, inconsciente, que você deseja realizar minhas ordens, meu servo fiel, leal, obediente e submisso?

– Sim, meu senhor.

– E quanto aos pares que formou com suas irmãs, que não o reconhecerão, e inconscientemente o temerão porque o verão como um mistério vivo em si mesmo, pensante, latejante e possessivo?

– Assim me sinto pleno, meu senhor.

– Eu não o conduzi à sua plenitude para paralisá-lo, e sim para que, a partir de agora, sempre que realizar minhas vontades retas, possa vivenciar parcialmente esse êxtase e desejar seguir dando sustentação aos pares que já formou com suas irmãs e aos muitos que formará de agora em diante, e que durarão enquanto for minha vontade, que prevalecerá sobre seus desejos. Portanto, reassuma conscientemente sua forma e formação humana, porque é assim que será reconhecido por seus pares.

– Eu não quero voltar à minha condição humana. Nela encontrei muitas dificuldades e os momentos de prazer foram fugazes, enquanto as dores pareciam não terminar nunca.

– Então volte à sua condição humana e auxilie-me a amenizar as dores dos meus filhos que ainda não me descobriram em seus íntimos porque adormeceram nas ilusões carnais e materialistas.

– Eu tentei auxiliá-los, mas só consegui tornar-me mais uma das dores humanas.

– Retorne e irradie-me em todos os seus sentidos e torne-se uma extensão minha aos olhos dos seus irmãos.

– O senhor é divino. Como posso tornar-me uma extensão sua, meu senhor?

– Humanize seu mistério vivo e eu viverei nele e chegarei aos seus irmãos por meio do seu humanismo.

– Pai... pai amado... eu quero adormecer nessa plenitude que só alcanço quando me uno à minha metade feminina. Essa é minha verdadeira alma gêmea, e, unido a ela, sou pleno e nada preciso além dela para senti-Lo em mim, e sentir que estou no senhor. Pai, eu quero adormecer minha mente pensante e voltar a ser só mais uma de suas fontes vivas geradoras de energias.

– Meu filho, foi assim que meu exuberante Trono da Geração adormeceu e meu potente Ogum Sete Estrelas desapareceu, e deixou sua amada Ninfa impossibilitada de educar humanamente seus milhões incontáveis de filhos e filhas, que se perderam nos vícios da carne e tornaram-se venenosos e irreconhecíveis mesmo para mim, o pai de todos os filhos.

– Pai... eu amo minha Ninfa, pai. Ela é minha outra metade e sem ela sinto-me vazio, meu pai!

– Você a tem nos seus braços, meu filho. Humanize-a e complete-se na vida completando-a com sua vida humana.

– Eu não tenho braços, pai. Eu sou uma estrela da vida quando estou unido à minha parte feminina.

– Essa é só uma condição em sua vida, meu filho. Portanto, recorde-se de sua condição humana e comece a gerar seu fator humano, que voltará a ser como eu quero que seja visto, entendido e compreendido.

– Pai, eu...

– Isso é uma ordem, meu filho.

– Pai, tudo em mim está adormecendo.

– Eu vou ajudá-lo a despertar sua memória, meu filho.

Logo a seguir ouvi a voz daquele meu filhinho encantado de Oxumaré que, ao longe, gritava:

– Papai, eu o amo muito, papai! Cadê você, papai? Papai, estou perdido e não sei como sair dos domínios de minha mãezinha Ninfa, papai.

A seguir, à voz dele juntaram-se milhões incontáveis de vozes mais infantis ainda, que clamaram:

– Papai, cadê você, papai? Eu estou ficando órfão de pai! Papai, não me abandone, papai amado!

E uns começaram a dizer, aos prantos, que estavam perdidos nos domínios da Ninfa do fogo, outros nos domínios da Ninfa dos cristais, dos minerais, da água, do ar, da terra, dos vegetais, e todos aqueles prantos infantis e desesperados perfuraram meus tímpanos e afastaram de vez a letargia que havia se apossado do

meu ser imortal, que começou a reagir. Mas eu havia desaprendido como era meu pulsar humano. Então clamei:

– Pai, eu me esqueci de como eu era quando era humano. Ajude-me a recordar, meu pai!

– Como você desejou ver sua Estrela da Vida, meu filho?

– Eu desejei vê-la como uma mulher, meu pai.

– Volte a vê-la como a desejou e se recordará de como era, meu filho.

– Eu não tenho olhos. Sou só uma estrela geradora de energias, meu pai.

– Eu lhe empresto minha visão humana, meu filho. Veja-a por meio de minha visão e, depois que vê-la, possua-a como mulher em todos os sentidos e humanize-a com seu mistério gerador, que seu fator humano a sustentará daí em diante!

Então eu a vi como mulher através da visão humana do meu pai, e um imenso desejo de possuí-la como mulher começou a vibrar em meu íntimo, gerando tantas energias que um fluxo subiu do sétimo para o primeiro sentido e minha memória começou a despertar.

Aos poucos fui me lembrando de como eu era quando era humano e comecei a dar vazão ao meu desejo de possuir como mulher minha outra metade, para humanizá-la segundo eu a via e a desejava.

O que posso dizer de tudo aquilo é que em dado momento eu tinha em meus braços a mais bela, formosa e encantadora mulher que um homem pode desejar possuir. E a possuí com tanto amor que os cantos de outrora, emitidos por ela, transformaram-se em profundos gemidos de prazer e suspiros de puro amor.

O que sei é que foram tantos os êxtases que vivenciamos, que acabamos adormecendo um nos braços do outro. E acordamos com aquelas vozes infantis nos chamando:

– Acorde, papai, os titios e as titias estão preocupados com o senhor, pois primeiro o senhor desapareceu e depois eu o encontrei dormindo. O que aconteceu, papai?

– Acho que fui despertar um adormecido Trono da Geração, meu filho.

– O senhor conseguiu despertá-lo?

– Acho que sim, meu filho. Mas que reencontrei o desaparecido Ogum Sete Estrelas, isso encontrei.

– Papai, posso entrar em seu centro neutro individual?

– Pode, meu filho.

– Com licença, papai!

– Licença concedida, meu filho. Traga todos os seus irmãozinhos e irmãzinhas para eu agradecer a Deus por vocês existirem e para abençoá-los em Seu nome, pois graças a vocês não voltei a adormecer e graças a Ele nunca mais meus filhos se tornarão venenosos. Não por se sentirem abandonados pelo pai ou por Deus!

Quando eu olhei, aquela imensidão de infantes invadiu o lugar onde estávamos e, todos felizes, exclamaram:

– Papai, mamãe! Como é bom ter um pai e uma mãe natural!

Como vinham crianças de todas as dimensões, olhei às minhas costas e vi que ali estavam as sete Ninfas, todas realmente humanizadas e sorrindo felizes.

– O que aconteceu realmente com vocês? – perguntei admirado.

– Você quebrou o encanto que impedia nossa humanização, amado esposo de nossas vidas de Ninfas-Mãe. Agora somos suas esposas naturais. Nós somos suas Sete Estrelas Originais, que finalmente você humanizou pelo seu mistério, que o tornou um pai natural de todos os seus e nossos filhinhos.

– Essa não! Em vez de uma, agora tenho sete esposas? Estou encrencado!

– Nós achamos que está, sim. Se você nos adormecer em seus braços, nós o adormeceremos nos nossos, pois agora sabemos como fazê-lo, sabe?

– É, acho que sabem sim. Mas não vão revelar isso para mais ninguém, certo?

– Desde que você não nos abandone por suas irmãs, o segredo do seu sono é só nosso.

– Eu tenho de dar sustentação aos pares que formam comigo, certo?

– Dar sustentação a elas não quer dizer que deva desaparecer por três eras religiosas completas, certo?

– Não, mesmo. Eu acho melhor vocês cobrirem esses corpos de mulheres dos meus sonhos, senão logo logo vão colocar-me para fora de seus centros neutros, sabem?

Após darem uma olhada em meu Mistério da Geração, ativado só com a visão de seus belos corpos, elas se entreolharam e concordaram que era melhor se cobrirem. E cada uma plasmou uma veste identificadora de seu mistério, que na verdade eram elas em si mesmas. E o mesmo eu fiz ao perceber uma infinidade de olhinhos me observando. Após me cobrir, perguntei-lhes:

– O que é que tanto me olham?

– Papai, nós vamos ser como o senhor quando crescermos?

– É, acho que vão sim, pois se filho de Trono é troninho, então serão Tronos da Geração. E uns gerarão fé, outros gerarão amor, outros gerarão saber, etc., mas que todos gerarão minhas mais marcantes e humanas características, disso não tenho a menor dúvida. Não tenho mesmo!

– Nem nós, papai! – exclamaram em uníssono aqueles infantes, todos meus herdeiros naturais. E para completar, aquelas infantes exclamaram:

– E nós seremos como nossas mamães, papai!

– É, disso também não tenho dúvidas. Não mesmo, sabem?

– Sabemos, papai! – responderam elas.

Eu olhei para o alto e, para meu espanto, vi meus sete pais e mães maiores sentados em seus Tronos Divinos, e todos nos sorriam. Eu, finalmente era aprovado por eles e aceito como um pai naturalmente humanizado e apto a servir de modelo para os seus filhinhos naturais.

Meu pai Ogum maior, com um movimento de suas divinas mãos, cobriu meu corpo com as vestes simbólicas do seu filho natural, o Ogum Sete Estrelas. E o mesmo fizeram todos os meus outros pais maiores.

Quanto às minhas mães maiores, cobriram suas sete Ninfas com suas vestes simbólicas e as distinguiram com o símbolo que as identificaria dali em diante.

Então ordenei à minha encantada do Arco-íris que formasse um Arco-íris que nos conduzisse a uma certa enseada encantada existente nos limites entre o mar material e o espiritual da dimensão humana.

– Por que nos leva à dimensão humana, amado? – perguntou minha amada Ninfa da Vida.

– Bom, já que humanizamos naturalmente nossos filhinhos é melhor que eles conheçam um pouco a dimensão humana e absorvam diretamente do éter dela um pouco do fator humano, certo?

– Você é o pai e deve saber o que é melhor para os nossos filhos.

– É, sei sim. Vamos?

– O pai deve ir na frente conduzindo seus filhos. As mães devem ficar atrás e vigiá-los para ver se nenhum se distraia com alguma coisa e se afaste do caminho trilhado pelo pai, que é o único caminho que o filho deve trilhar.

Pouco depois, toda uma gigantesca enseada de areias branquíssimas e água cristalina ficou coalhada de infantes. Mas, como não paravam de chegar infantes, a enseada foi crescendo continuamente enquanto todos não se acomodaram ali e começaram a brincar, todos despreocupados e felizes.

Eu me sentei no alto de uma elevação junto com minhas sete Ninfas-Mãe e perguntei a elas:

– Não gostariam de trazer para junto deles suas filhas encantadas já aptas a ser mães naturais?

– Antes elas precisam ser humanizadas por você, amado.

– Já fiz isso, sabem?

– Quando?

– Há pouco. Eu usei meu recurso divino.

– Então você também as distinguiu como suas esposas!!!

– Eu sei.

– Isso não o preocupa?

– Deveria me preocupar?

– Filhas de Ninfas humanizadas são Ninfas humanas.

– Ótimo! Assim multiplicarão suas mães e, para onde eu olhar, estarei vendo vocês, já que vocês não saem da minha mente.

– Bem, não reclame mais tarde quando elas começarem a solicitar-lhe o minuto a que têm direito naturalmente, sabe?

– Naturalmente?

– Sim, naturalmente humano!

– Essa não.

– Essa sim, amado Trono Humano da Geração e Renovação! Elas herdaram todas as nossas características, atributos e atribuições. Portanto, são nossa multiplicação em todos os sentidos e trazem no íntimo nossos desejos, anseios e expectativas.

– Acho que devo ser mais cauteloso quando atuar por meio desse meu Mistério da Geração, já que os pares estão assumindo aspectos emocionais.

– Vamos chamá-las para ver o que acontece, Trono das Ninfas?

O que aconteceu é que as filhas delas, aptas a assumirem o grau de Ninfas-Mãe, eram tantas que aquela enseada quase dobrou de tamanho para acomodar todas as que responderam ao chamado. E todas ficaram me olhando de um modo estranho, muito estranho.

– O que está havendo? – perguntei à Ninfa da Vida.

– Bom, você as humanizou e as qualificou como aptas a assumirem seus graus de Ninfas-Mãe. Logo, deve inundá-las com seus fatores para que elas se sintam plenas em todos os sentidos e comecem a atrair naturalmente seus filhinhos.

– Esses infantes não serão adotados por elas?

– Não. Estes são os nossos filhinhos, que são os irmãozinhos mais novos delas. Agora, filhinhos só serão os que vierem por atração magnética e afinidades, pois aí, sim, eles as terão como mães naturais.

– Eu não sabia.

– Você deve habilitá-las logo, senão em pouco tempo se transformarão em sereias.

– Como é que é?

– O que você ouviu, oras! Ou de onde você pensa que surgem as sereias?

– Como é isso, amada Ninfa da Vida?

– Bom, sereias são Ninfas que amadureceram no tempo e não encontraram um irmão para formar par com elas. Então só se humanizam pela metade, porque a outra metade, quem humanizaria seria o fator humano masculino, sabe?

– Agora sei. E não quero ver minhas Ninfas se transformarem em sereias. Não mesmo!

– Por que não?

– Onde já se viu deixar essa tão atraente metade inferior delas virar peixe, quando fator humano masculino é o que mais gero, e o que gero mais naturalmente! Mas não vão virar metade peixe mesmo!

– O que pretende fazer para evitar que isso aconteça?

– O que for preciso, pois meu mistério já está gerando a plena capacidade meu fator humano masculino.

– Ótimo! Eu o ajudo a inundar todas as minhas filhas já aptas a recebê-lo de forma humana, sabe?

– Sei sim, e aprovo a forma humana de fatorá-las o mais rápido possível.

– Já estou absorvendo esse seu fator e repassando a elas. Logo estarão transbordando na mais humana das plenitudes: a de poderem ser mães da vida, para,

por meio de um ato humano, se multiplicarem multiplicando a vida em todos os sentidos.

De fato, em pouco tempo todas aquelas novas Ninfas-Mãe transbordavam plenitude maternal em todos os sentidos e abraçavam seus irmãozinhos mais novos como se fossem seus próprios filhos. Então falei:

– Bem, agora que está tudo concluído, acho que vou andar um pouco para ver se encontro algum dos meus pais, avós ou bisavós. Estou com saudade deles.

– Na certa ainda estão tentando decifrar o enigma que você lançou para eles.

– Acho que já esqueceram.

– Eles não esquecem nada. Apenas protelam a solução para não se complicarem com as encrencas que você costuma arranjar para eles.

– Por que eles agem assim?

– A solução de um enigma não está no próprio enigma?

– Está.

– Então eles aguardarão você lhes mostrar a fechadura onde se encaixe a chave que você lhes deu.

– Isso não farei mesmo, sabe?

– Por que não?

– Eles que tratem de encontrar uma fechadura só deles para encaixar a chave de Ogum... que eles trazem com eles desde suas origens!

– Ogum tem muitas chaves, amado. Logo, existem muitas fechaduras onde as chaves dele se encaixam perfeitamente e abrem portas de acesso a mistérios inimagináveis.

– Eu sei. Mas quem deseja abrir mistérios não deve temer ser possuído por eles. Afinal, ninguém possui um mistério se antes não for possuído por ele, pois um mistério não confia em quem deseja possuí-lo sem ser possuído.

– Isso é verdade. Eu só me deixei possuir por você porque você se deixou possuir por mim. E, no final, o temor deles se mostrou infundado e você se sente feliz e gratificado.

– Pleno é a palavra que melhor define como estou me sentindo. Descobri a razão do desaparecimento do Ogum Sete Estrelas e do adormecimento do Trono da Geração. Agora preciso descobrir se o temor deles tem algo a ver com meu desaparecimento e adormecimento, sabe?

– Sei. E já que você vai descobrir isso, por que não me leva com você nessa sua caminhada? Eu não corro o risco de me transformar em uma sereia!

Eu a olhei de alto a baixo e exclamei:

– Não mesmo. Você é a rainha delas! – deixando-a curiosa.

– O que você está querendo dizer, amado?

– Logo você saberá. Vamos caminhar um pouco?

– Eu não aprecio as coisas ditas sem ser comentadas. Não mesmo, sabe?

– Eu sei. Mas, se der uma olhadinha para além do Arco-íris que delimita esse domínio coletivo de minhas sete Ninfas humanizadas em todos os sentidos, então dispensará os comentários.

Ela deu uma olhada e exclamou:

– Minhas irmãs ancestrais! Minhas desaparecidas irmãs ancestrais!

– Todas encantadas pelo seu Arco-íris, amada.

– Meu Arco-íris é você, amado.

– Foi o que eu disse.

– Essa não! – exclamou a Ninfa da Vida.

– Essa sim. Acho que, agora, quem está encrencada é você.

– Se você acha, eu tenho certeza de que estou. Todas essas sereias são minhas irmãs, sabe?

– Eu sei.

– Seu fator humano não chegará a elas por mim.

– Não mesmo, amada Ninfa da Vida.

– Cada uma delas é um mistério em si mesma. Isso não o preocupa?

– Nem um pouco. Eu tenho a chave humana que abrirá o mistério de todas elas... caso você aceite regê-las a partir do seu centro neutro aquático.

– Para regê-las, terão de assentar seus mistérios em meus domínios. Elas nunca concordarão com isso.

– Acho que concordarão. Essa é a única forma de serem humanizadas pelo meu mistério, e de usufruírem à vontade do meu fator humano, e de todos os outros que fluem junto com ele.

– Por que você não quer atuar direto sobre elas, já que pode?

– Posso, mas não devo, sabe?

– Não sei, não. Comente isso, amado.

– Bom, essas suas irmãs ancestrais devem formar par natural com meus irmãos ancestrais. Logo, elas são as fechaduras ou o acesso aos mistérios tão desejados por eles, que são os portadores naturais das chaves que os abrirão naturalmente.

– Você ensinará isso a eles?

– Não. Mas, assim que eu descobrir a chave e sua fechadura certa, atuarei no sentido de aproximá-los para que tudo aconteça naturalmente.

– Então vamos caminhar um pouco que quero dar outro uso a essa minha parte que nunca virará peixe, mesmo tendo sido eleita rainha das sereias.

– Outro uso, é?

– Caminhar é um dos usos das pernas, não? Ou você se esqueceu disso quando começou a adormecer em meus braços de estrela?

– Por que está tão animada para caminhar?

– Eu sou esposa de um Ogum, não?

– Você é? Não é de um Trono da Geração e Renovação?

– Sou sim. Mas também sou de um Ogum estrelado, e se quiser desfrutar um pouco mais de sua companhia, acho que vou ter de aprender a caminhar na terra, já que, quando eu estiver na água, só nadarei.

– Então vamos. Passe o braço por dentro do meu que a ampararei até que você adquira um equilíbrio com o magnetismo telúrico.

– Eu vou gostar dessa nova modalidade de deslocamento.

– Por que você não recolhe seu Trono Energético antes de caminharmos?

– Se eu recolhê-lo em meu íntimo, serei reconhecida por quem tiver olhos para vê-lo. Eu prefiro passar despercebida, sabe?

– Acho que sei. Vamos?

– Você me conduz no seu habitat natural, pescador de sereias encantadas solitárias e limitadas a só usarem essa parte de seus corpos para nadar ou pairar sobre as ondas do mar em noites enluaradas, quando emitem seus cantos chorosos, na esperança de serem ouvidas por seus eternos namorados, perdidos na dimensão humana por causa das vicissitudes da vida na matéria.

– É por isso que as sereias cantam para os pescadores?

– Às vezes cantam para alertar os incautos sobre os perigos que o mar oculta. Outras, é para se vingar dos pescadores, que puseram seus amados no caminho torto das misérias humanas.

– Entendo. Cada canto tem um significado, não?

– Tem, sim. Jamais uma sereia se põe a cantar em vão.

– Acho que preciso diferenciar seus cantos.

– Um você já sabe o que significa, não?

– Sei. Esse que elas estão emitindo além do Arco-íris é um choroso canto que clama por suas tardias humanizações.

– Amado, quem conquista o amor de uma sereia conquista uma pérola que cintila as mil cores do Arco-íris. E quem conquista o amor de duas adquire o direito de atravessar o Arco-íris da vida coberto com um perolado manto do amor.

– Por que você está me dizendo isso?

– Talvez logo você venha a descobrir que muitas chaves se perderam para sempre, outras se tornaram tortas e outras se inverteram tanto que pensam que são fechaduras.

– As que se perderam são as que abriram os mistérios da Ninfa da Morte e fizeram deles a razão de suas vidas. As que se tornaram tortas são as que seus portadores optaram pela exunização. E as que se inverteram são seres que desvirtuaram seus fatores humanos e os tornaram fatores desumanos. É isso?

– É sim, amado. Então você terá de usar sua chave reta e renovar nelas o amor adormecido ou desaparecido e colher pérolas, pérolas e mais pérolas, sabe?

– Acho que estou começando a entender, pois, assim que vibrei um sentimento de tristeza pela impossibilidade delas se tornarem mães, começaram a aparecer sereias do outro lado do Arco-íris que delimita esse domínio coletivo de minhas sete Ninfas.

– Amado, cuidado com o sentimento que vibrar, pois você possui uma faixa vibratória exclusivamente sua, que é por onde fluem naturalmente suas vibrações, que também conduzem seus sentimentos.

– Sei muito pouco sobre isso, amada Ninfa da Vida. Comente isso, por favor.

– Bom, você é um mistério em si mesmo e, como todo mistério, possui uma faixa exclusiva por onde flui naturalmente, então você também a tem. E todos os seus sentimentos fluirão por meio dela como irradiações, que serão captadas por todos a quem elas se destinarem, porque estarão receptivos às suas vibrações por meio do emocional.

Como você é um mistério em si mesmo, então todas as sereias que estavam afinizadas emocionalmente com seu sentimento de tristeza por não poderem assumir seus graus de Mães da Vida, de agora em diante começarão a procurá-lo. E só se aquietarão novamente quando você habilitá-las nesse grau ou desiludi-las mais uma vez, negando-lhes um grau que seu grau de Pai da Vida pode amparálas como mães da vida. Afinal, sua vibração é reta e projeta-se em todas as direções, tal como os raios de uma estrela.

– Valei-me, meu pai amado!

– Ele já valeu-lhe quando o dotou de um recurso divino para você realizar seus mistérios. Inclusive o mistério Pai da Vida!

– Um sentimento de tristeza, vibrado pela paralisia delas, é uma reação humana natural. Ela acontece naturalmente e não acho que seja uma vontade divina para que eu a interprete como um desejo a ser realizado.

– Amado, estou ficando cansada de tanto andar. Vá até uma fonte d'água para que eu me reenergize. Depois continuaremos a conversar.

– Vamos retornar à enseada.

– Não. Eu estou sendo observada pelas minhas filhas, netas e bisnetas. Elas estão aprendendo a se sustentar no magnetismo telúrico por meio de minha vivenciação. Então prefiro reenergizar-me em uma fonte de energias aquáticas mistas, que elas aprenderão como proceder quando se encontrarem em situação semelhante.

– Entendo. Vou localizar uma fonte natural de energias aquáticas e em um piscar de olhos você começará a reenergizar-se. Mas eu acho que devíamos retornar à enseada, que é o seu lugar.

– Eu preciso energizar-me em uma fonte de água do plano material humano.

– Está bem. Já localizei uma.

No instante seguinte ela se sentava sobre uma pedra no pé de uma cachoeira e mergulhava os pés na água do plano material. Mas, em vez de começar a absorver energias, um processo inverso aconteceu e ela tombou sobre a pedra, só não caindo dentro da lagoa porque a segurei antes.

Então ativei meu mistério guardião e paralisei o processo que estava esgotando-a. No instante seguinte localizei Exu "humanizado" como o responsável por aquela ação, e perguntei-lhe:

– Por que você ativou um processo desenergizador contra essa minha irmã, Exu?

– Ela me deve algo muito especial, Trono Humano da Geração. Desde que perdi parte do meu cetro simbólico, meu mistério estava ativado contra ela. E agora tenho a agradável surpresa de tê-la todinha no campo de ação dos meus interesses dentro do mistério sete cachoeiras.

– Entendo. Exu nunca esquece nada, não é mesmo?

– Não esquece. Apenas aguarda o momento certo para realizar suas cobranças.

– Mas não foi você que a procurou, Exu?

– Eu nunca procuraria uma Ninfa, Trono Humano. Ela ativou seu mistério contra mim com o único intuito de punir-me. Eu fui atraído por ela e perdi parte do meu cetro totêmico. Ela se vingou em mim por julgar que eu era o culpado pelo desaparecimento do Ogum guardião do seu mistério, cuja estrela agora vou apagar.

– Algo anterior deve ser a razão desse antagonismo, Exu. Você não pode comentar isto para mim?

– Não comento, com Tronos Humanos, minha atuações preservadoras do meu mistério. Logo, não lhe devo satisfações e solicito que desative o mistério que paralisou a desenergização dela ou voltarei meu mistério contra você e o desenergizarei, Trono Humano da Geração.

– Você esta desenergizando-a por meio do sétimo sentido, certo?

– Talvez seja por ele. Por quê?

– Nada, nada. É só uma curiosidade boba, Exu.

– Essa não cola, Mago.

– Mago? Eu não sou Mago. Sou um Trono Humano da Geração.

– Você é sim. Todo Trono que domina e absorve seu Trono Energético por meio da carne é um Mago.

– Essa eu não sabia. Então esse é o mistério "Mago"?

– Como você é burro, Mago!

– Tudo bem. Afinal, eu não nasci para a carne já sabendo, e isso ninguém me ensinou. Mas vem você, e logo me ensina o que nenhum daqueles Magos que me ampararam se lembrou de me ensinar

– Eles ensinaram sim, pois o chamavam de Mago da Estrela, que é a geração de energias, e de Mago do Arco-íris, que é a renovação. Portanto, você era um Mago gerador de energias e renovador de vidas.

– O que mais eles deixaram de me ensinar, Exu?

– Se eu for listar tudo, você ficará com raiva deles. Logo, vou privá-lo desse sentimento negativo, certo?

– Tudo bem. Mais adiante eu tentarei privá-lo de um sentimento de impotência, que eu acho que é muito mais negativo que o sentimento de mágoa, sabe?

– Não sei, não. Comente isso para mim, Mago.

– Magos não comentam nada para não anteciparem o que talvez possa ser evitado, sabe?

– Isso eu sei. É uma das características mais marcantes dos Magos, pois, se um Mago antecipar algo que vislumbrou, acelera a realização de algo que talvez possa evitar que aconteça, ou ao menos amenizar.

– Amenizar eu já amenizei, sabe? Agora, quanto a evitar, aí tudo dependerá de Exu e do que Exu tem a oferecer em troca, sabe?

– Um instante, Mago. Você se lembra de como sentava lado a lado com os Exus que baixavam no seu centro ativo religioso e negociava com eles até que ambas as partes ficavam satisfeitas?

– Lembro-me sim, Exu. Mas aviso-o de que cobrarei um preço, certo?

– Por quê?

– Um Mago pode dar, tirar, pagar e cobrar, assim como pode não cobrar nada se sua consciência o comover a ponto de renunciar a uma dívida muito antiga, sabe?

– Dívida muito antiga? Que dívida?

– Eu acho que talvez Exu, que não se esquece de nada, ainda se lembre dela. Mas coloco um talvez, pois talvez Exu tenha entendido de forma invertida uma ordem recebida do desaparecido Ogum Sete Estrelas e voltou-se contra ele e seus mistérios da geração e da renovação, esgotando-lhe a capacidade de gerar e a vontade de renovar vidas, e ainda o induziu a crer que o anjo das trevas era o culpado de toda aquela confusão, que se transformou em um antagonismo mortal contra meu irmão debaixo. E, se algo não me escapou, Exu divertiu-se à custa desse antagonismo mortal entre dois Tronos que atuam em um campo paralelo ao de Exu, só que muito mais abrangente, pois é tripolar no meio, positivo no alto e negativo no embaixo.

– É, talvez Exu tenha se enganado, ou se esquecido. Quem sabe?

– Magos costumam saber o que lhes interessa e olvidam o que não desejam; Exu sabe disso, certo?

– É, Exu sabe de muitas coisas sobre Magos. Principalmente sobre um que executava sem dó nem piedade certos Exus que não entenderam de forma reta as solicitações que receberam de humanos tortos.

– É como Exu disse: se Exu não se esquece de nada, o melhor que um certo Mago tinha a fazer era dar uma lição inesquecível em certos Exus que não desejavam esquecê-lo. E tantos Exus esse Mago executou que limpou da face da Terra uma porção de ancestrais irmãos venenosos que estavam exunizados, ou de Exus humanizados caídos nas trevas humanas.

E tudo porque certo Trono Exu, que se humanizou posteriormente, vivia muito próximo do Ogum Sete Estrelas como um genuíno "puxa-saco", e Exu entende o que estou falando, pois descobriu que ele era um genuíno Trono da

Geração que irradiava seu mistério com tanta intensidade que, se alguém entrasse na faixa vibratória por onde fluía o mistério dele, logo começava a ogunizar-se em alguns sentidos e a tornar-se um herdeiro natural dele. E começava a desenvolver na raiz do seu mistério muitas das fontes geradoras de fatores que ele trazia desde sua origem na raiz do dele.

Exu, o mais esperto dos Tronos Cósmicos, de tanto "puxar o saco" do Ogum Sete Estrelas, apropriou-se de várias de suas fontes geradoras de fatores e começou a dar uso particular a elas.

Então o Ogum Sete Estrelas chamou Exu e comunicou-lhe que estava dando um uso incorreto às fontes que havia absorvido do seu mistério, tornando-se um mistério invertido. Ele ordenou a Exu exatamente isto: "Exu, ou você inverte o uso desse mistério ou o anula, senão eu invocarei a Justiça Divina para julgá-lo e a Lei Maior para puni-lo com rigor".

Exu ouviu uma ordem reta e direta, mas a interpretou de forma torta, pois respondeu isto: "Meu senhor Ogum, eu vou inverter o uso desse mistério gerador e depois vou anulá-lo totalmente!".

O Ogum Sete Estrelas, assoberbado com as investidas dos caídos Tronos Humanos da Geração, não deu atenção ao que Exu dissera, e logo seu Mistério da Geração começou a consumir suas energias, em vez de gerá-las e irradiá-las. E o Ogum Sete Estrelas, em vez de renovar vidas alheias, começou a envelhecer a si mesmo, pois Exu não havia invertido as fontes que desenvolvera em si mesmo, e, sim, inverteu o Mistério da Geração e Renovação do Ogum Sete Estrelas, que confiava em Exu.

Mas Exu, temendo a Justiça Divina e a Lei Maior, assim que viu que invertera um mistério da vida, anulou-o também, induzindo-o a adormecer nos domínios de sua irmã ancestral, a Ninfa da Vida, que viu sua parte ativa atuando contra si mesma e desejando o autoadormecimento.

Mas a Lei Maior interviu a tempo e adormeceu o Ogum Sete Estrelas na dimensão humana, no espírito que encarnou e inconscientemente continuou a atuar contra si e a desejar o ostracismo, que é sinônimo de adormecimento, na fala humana.

Só que Exu havia desenvolvido várias fontes geradoras de fatores, e pensou que poderia possuir a Ninfa da Vida, irmã do Ogum Sete Estrelas. Mas ela era um enigma e Exu não o decifrou e pagou o preço exigido pelo reverso dela, que arrancou do cetro simbólico de Exu justamente a parte que Exu puxara tanto do já então desaparecido Ogum Sete Estrelas. É isso, Exu!

– Espere um pouco, Mago. A Ninfa atraiu-me ao seu centro neutro, sabe?

– Sei. Ela vibrou um desejo que visava a estimulá-lo a devolver-lhe o Ogum Sete Estrelas, que era a parte ativa dela. Mas Exu, recorrendo à sua segunda alternativa, desejou devolver-lhe o que havia tirado dele, de tanto "puxar-lhe o saco". E foi o que o Trono Cósmico Exu humanizado perdeu nos domínios do reverso da Ninfa da Vida, só lhe restando em seu cetro simbólico o símbolo fálico representativo de seu vigor sexual.

Então Exu, que não se esquece de nada, ativou seu mistério contra a Ninfa da Vida e inverteu sua atuação, tornando-a temida em vez de amada, como ela era antes de ter se negado a ser possuída pela frente por Exu, mas concordou que Exu possuísse seu reverso.

Exu aceitou com prazer, pois pensou que possuir o reverso da Ninfa da Vida era possuir seus mistérios pelas costas. Como Exu não desejava possuir herdeiros, topou de imediato a troca da frente pelo reverso da Ninfa da Vida... e viu-se de frente para a Ninfa da Morte.

– Você se lembrou de tudo mesmo, Mago.

– Eu omiti uns detalhes chulos, mas conservei a essência de sua ação em minha vida, Exu. E, como você optou por enfrentar um espírito humano tido como burro por Exu, que me negou meu grau de Trono e classificou-me como Mago, então minha ação se limitará à de um espírito portador do grau de Mago. Logo, vamos negociar, pois Magos não têm desejos ou interesses. Mas são movidos por vontades e, dependendo dos bens envolvidos em suas atuações, negociam!

– Negociam o quê, Mago?

– A vida, Exu. Mago só negocia com alguém quando vidas estão em risco, sabe?

– Você quer negociar a vida de sua Ninfa, Mago?

– Não.

– É a sua, por acaso?

– Também não.

– Se não é a dela nem a sua, então minhas duas alternativas já se foram, certo?

– Certíssimo, Exu. Só lhe restou sua terceira e última alternativa. Logo, vamos negociar sua vida que, acho eu, tem para você um alto valor. Estou certo?

– Está mais que certo, Mago. Minha vida é meu maior interesse a ser preservado. Mas, se você me anular, sua Ninfa será esgotada, pois eu não ativei contra ela meu cetro totêmico.

– Não mesmo, Exu. Você ativou o cetro natural do Trono Exu Natural. Certo?

– Certíssimo, Mago. Portanto, você me anula, mas perde sua Ninfa da Vida.

– E você, além de perder sua vida, deformará totalmente o mistério Exu Natural, pois, como você o ativou para desenergizar a Ninfa da Vida por meio do sétimo sentido, todas as energias que ela estava gerando chegarão até o Trono Cósmico Exu Natural e irão deixá-lo, da cintura para baixo, igualzinho a uma fêmea humana, sabe?

– Não sei, não. Comente isso para mim, Mago. E rápido, sabe?

– Por que tanta pressa, Exu humanizado?

– Você ainda pergunta?

– Está certo, eu comento. Saiba que existem sereias!

– Eu sei que sereias existem. Elas são metade mulher e metade peixe.

– Pois é, Exu! Eu havia vibrado um sentimento de compaixão pelas sereias quando soube pela Ninfa da Vida que elas não podiam ser mães da vida porque haviam perdido seus pares masculinos. Então atraí tantas Ninfas que meu mistério começou a gerar um turbilhão de energias que as humanizariam da cintura para baixo, completando suas naturezas femininas e dotando-as de um sétimo sentido feminino, muito feminino, sabe?

– Sei, é seu campo preferencial de atuação. Continue, se bem que já imagino o que acontecerá caso você desparalise o esgotamento dela por meio do seu sétimo sentido, que é ela em si mesma, pois Ninfas são mistérios desse sentido da vida.

– É isso, Exu. Meu mistério está gerando tanta energia que fará aquelas sereias se humanizarem da cintura para baixo em um piscar de olhos, pois elas iriam receber as energias humanizadoras por meio do polo feminino do mistério Estrela da Vida, senão da cintura para baixo elas seriam masculinizadas, sabe.

– Isso eu sei... agora...

– Que é tarde, certo?

– Magos não têm interesses ou desejos, certo?

– Isso mesmo.

– Mas negociam vidas, que são bens divinos, certo?

– Isso mesmo, Exu.

– Então vamos sentar e negociar. Afinal, interesses e negócios não são antagônicos e acordos surgem naturalmente, certo?

– Claro. Vou desativar meu mistério guardião para que você possa se sentar aqui, onde estou amparando minha amada Ninfa da Vida. Assentados, chegaremos a um acordo final. Já desativei meu mistério guardião, Exu!

Exu aproximou-se todo desconfiado e, a certa distância, perguntou:

– Não tem nenhum perigo nos rondando, Mago?

– Eu não me vejo ameaçado por ninguém, Exu. Você se sente?

– Eu vivo cercado de ameaças, sabe?

– Sei. Não é fácil ser Exu e humanizado, não é mesmo?

– Você sabe como é difícil esse negócio de humanização, certo?

– É um negócio muito difícil mesmo. É um negócio tão arriscado quanto seus interesses, não?

– Nem me fale! Para sustentar certos interesses eu me arrisco a perder outros, também importantes, sabe?

– Sei. Comigo acontece a mesma coisa. Quando um negócio vai de vento em popa, logo aparece um espertinho querendo apossar-se dele. E aí contraria meus planos futuros, projetados a partir das expectativas surgidas por causa de minha prosperidade. Então sou obrigado a tomar uma ou outra de minhas três alternativas.

– Três? Quais são, Mago?

– Bom, a primeira é defender meu negócio com unhas e dentes e acabar com quem deseja apossar-se dele.

– Essa sua alternativa é mortal, sabe?

– Sei. Mas só para o usurpador. Já a segunda alternativa me leva a entregar o negócio ao invejoso, mas desejando que ele se afunde em seu novo negócio, tomado de mim. É isso, Exu!

– Espere um pouco, Mago. Você ainda não falou qual é sua terceira alternativa.

– É minha alternativa humana, Exu. Afinal, nós Magos temos nos nossos recursos humanos nossa terceira alternativa.

– Os recursos humanos são vastos. Logo, é uma alternativa muito abrangente.

– É, sim. Ela comporta tanto os aspectos positivos quanto os negativos, assim como tem os neutralizadores.

– Aspectos humanos são discutíveis, Mago.

– São, sim. Por isso todo Mago tem de negociar... vidas alheias.

– Essa é uma negociação arriscada, sabe? – exclamou Exu, assentando-se, mas ficando alerta com o que poderia chegar pelas costas ou pela esquerda.

– Relaxe, Exu! Assentado comigo você não precisa temer nada pelas costas, pela esquerda ou pela direita.

– Então... só devo preocupar-me com o alto e... não... essa não, Mago!

– Essa sim, Exu. Mas enquanto estivermos negociando não tem problema, sabe? Ninguém subirá, a não ser que eu...

– A não ser o quê, Mago?

– Que eu fique de saco cheio de tanto negociar e me retire da negociação.

– De saco cheio?

– É. Às vezes negociamos tanto que saturamos nossa capacidade de negociar e aí damos por encerradas as negociações. Aí cada um se retira com o que ganhou ou perdeu.

– Você não se preocupa com suas perdas?

– Não, porque o que perco aqui no meio, meu embaixo recupera assim que viro as costas e guarda para mim pelo tempo que for necessário. Então é só ser paciente que minhas perdas são compensadas e ainda recebo alguns bens extras. Mas não falemos de mim, certo?

– Eu estou apreciando você falar, Mago. Sou um interesseiro e apreciador de negociantes bur.. digo, astutos.

– Tudo bem, Exu. Eu não me importo de ser chamado de burro.

– Eu não tive a intenção de ofendê-lo, sabe.

– Eu sei. Meus recursos humanos facultam-me a compreensão das segundas intenções. Além do mais, intenções são o que contam para nós, os espíritos humanos. Por causa de suas intenções, muitos espíritos estão rastejando nos infernos humanos.

– Rastejando? Eu entendi certo sua insinuação, Mago?

– Eu só me referia aos espertinhos cheios de "boas" intenções, mas que cavam aos seus pés um buraco que os lança em um abismo onde rastejarão por muito tempo.

– Rastejar é coisa para serpentes, Mago.

– Foi o que eu disse. De boa intenção em boa intenção, quando descobrem que o inferno está coalhado de seres "bem intencionados", aí já é tarde, pois perderam braços, pernas, sexo, raciocínio, etc., e começam a rastejar, movidos unicamente pelo instinto de sobrevivência. Mas acho que esse é um negócio que não faz parte dos seus interesses, não é mesmo?

– Estou achando-o um negociador sábio, pois sabe até o que não interessa a Exu.

– Ainda não sou um sábio. Se fosse, eu já teria descoberto o que lhe interessa, e já teria encontrado a alternativa que o livrará de um negócio ruim, sabe?

– Não, não! Você é um negociador sábio. O problema todo sou eu e essa minha boca. É só você não ligar para ela que tudo se solucionará satisfatoriamente.

– Acho que não. Eu, de fato, sou burro e acho que estou adiando a conclusão dos meus negócios e a descoberta de seus reais interesses.

– Nada disso, Mago. Eu até que o admiro, sabe?

– Você está perdendo seu tempo comigo. Acho que vou encerrar nossa negociação e recolher-me aos meus domínios mais escuros e mórbidos, que é onde remoo minha burrice.

– Mas aí você perde um dos seus mais preciosos bens, que é sua amada Ninfa da Vida. Além de não adquirir muitos outros, que são aquelas sereias. Acho que você não avaliou a extensão de suas perdas.

– Como você tem interesse nesses bens, acho que cuidará bem deles, certo?

– Quem lhe disse que tenho interesses por Ninfas ou sereias? Nem pense uma coisa dessas! Esse meu modo de defender meus interesses está confundindo-o. Quero que fique bem claro e humanamente entendido que Exu não tem nenhum interesse por Ninfas ou sereias, e muito menos por suas herdeiras naturais, certo?

– Bom, se Exu está dizendo, eu acredito em Exu. Mas algumas coisas não consigo entender.

– Que coisas, Mago?

– Por que Exu tem interesse em humanizar-se da cintura para baixo, logo como mulher?

– Exu vive se confundindo, sabe?

– Não sei, não. Sou muito burro.

– Eu explico, certo?

– Tudo bem. Ouvi-lo me instruirá. Afinal, sou só um Mago aprendiz e às vezes também me confundo, pois não sei quando é a razão que está exigindo que eu me retire de uma negociação para permanecer em equilíbrio ou é minha emoção que deseja que eu me retire para desequilibrar alguém. Esse negócio é complicado, sabe?

– Nem me fale! Veja meu caso: eu achava que Exu natural tinha interesse por Ninfas e sereias e criei toda essa negociação que está deixando você de "saco cheio". Mas só agora descobri que o que interessa a Exu natural é não se meter nos seus negócios com elas, ou suas herdeiras. Então fico aqui enchendo seu saco só porque não sei como desfazer toda essa confusão. Você acha que se Exu natural anular toda essa confusão criada por mim, Exu humano, você não se encherá tanto e não ficará de saco cheio?

– Não sei. Certas coisas são tão complicadas que é melhor não anteciparmos alguma expectativa. Muitas coisas podem parecer bons negócios, mas quando descobrimos que tudo foi invertido, aí vem aquele ódio puro, sabe?

– Ódio puro? Sei, sei! – exclamou Exu, meio incomodado.

– Então, vem aquele ódio puro que tento conter a todo custo e aí acaba com minhas expectativas. Então ele quer porque quer se vingar por meio do meu emocional. É uma coisa que não tem fim, sabe? E aí acabo todo confuso e transformo em um mal irreparável um bom negócio que interessa até a Exu vê-lo prosperando.

– É, esse negócio de inversão de expectativas é complicado mesmo. Mas inversão é um dos campos preferenciais de Exu atuar. E como a Exu não interessa nem um pouco esse ódio que vem com o fim de suas expectativas, Exu natural tem um real interesse em desinverter tudo o que por "ventura" esteja acelerando a vinda desse ódio puro, sabe?

– Sei lá. Acho que sou meio burro e tenho dificuldade em localizar tudo o que está invertido e atuando contra minha prosperidade. Aí vem aquela escuridão e não distingo meus bons e maus negócios.

– Escuridão? Isso é fácil para Exu, que a dilui e a torna uma penumbra com sua "vela preta". Você quer que Exu consiga algumas para iluminar sua escuridão, caso o ódio puro escureça tudo?

– Não, não. Na escuridão total do meu ódio puro eu atuo mais à vontade, e quem desejo atingir não descobre de onde está partindo meus golpes.

– Mas, em meio à escuridão total, você pode atingir inocentes!

– Nós, os Magos, temos como certo e líquido que na escuridão total não existem inocentes. Logo, todos os que acertarmos, com certeza estavam de olho nos nossos bens ou desejaram arruinar nossos negócios prósperos. Aí acabamos com tudo, inclusive o interesse próprio de quem é movido só por interesses pessoais. Você sabe como é difícil lidar com quem só se move por interesses pessoais, não?

– Sei, sim. Vivem enfiando a cabeça na boca de enormes cães raivosos, não?

– É. Mas às vezes enfiam-na na boca de enormes cobras negras, ou de...

– Nem me fale! Nem me fale, Mago!

– Você não quer saber onde mais as cabeças acabam sendo enfiadas?

– Não, não! Eu não tenho o menor interesse por bocas que se abrem para engolir "cabeças". Você entende isso, não?

– Entendo, sim. Certas vezes são tão vorazes, que essas bocas que se abrem para engolir cabeças acabam engolindo o corpo de quem as carrega.

– Por falar nisso, Exu natural já desinverteu todos os seus negócios que estavam invertidos no campo preferencial onde ele atua.

– Eu aprecio Exu quando Exu é generoso no trato dos meus negócios.

– Saiba que Exu tem interesse em ser apreciado por sua generosidade.

– A minha ou a dele?

– Como assim?

– Exu aprecia que admirem a generosidade dele?

– Claro.

– Ah, bom! Pensei que Exu tinha interesse em ser apreciado por minha generosidade.

– Eu disse isso?

– Foi o que imaginei, pois se Exu natural já desinverteu todos os meus negócios que estavam invertidos no campo preferencial de atuação dele, então ele inverteu muito mais coisas, pois meus negócios são inversos aos interesses dele.

– Exu natural fez isso ou você entendeu tudo invertido?

– Eu sou só um burro. Logo é melhor entregar essa negociação ao meu irmão de baixo, sabe?

– Ele não negocia nada. Primeiro executa e devora para só então perguntar quais são os interesses de suas vítimas. Ele não negocia nada, Mago!

– Foi o que eu disse. Já que a parte de baixo de Exu natural será toda feminina, e muito atrativa, ele a apreciará muito.

– Ele insinuou isso?

– Não. Apenas estou captando dele um imenso desejo em possuir a parte de baixo de Exu natural.

– Aí não, Mago!

– Por que não?

– Ele primeiro possuirá a parte de baixo de Exu natural para depois perguntar se Exu ainda tem interesse pela parte de cima. Assim não! Você está negociando de forma desleal e suja, pois está interpondo seu insaciável irmão de baixo em nossa negociação.

– Nós Magos somos assim mesmo. Nunca nos sentamos sozinhos quando negociamos algo.

– Assim não dá, Mago! Eu tenho de negociar meus interesses com você, mas seu irmão de baixo está de olho nos interesses de Exu natural!

– É que a parte de baixo de Exu, "feminilizado", interessa ao meu irmão de baixo, que já tem um grande negócio embaixo e viu que poderá expandi-lo ainda mais entrando por baixo nas partes mais interessantes de Exu natural.

– Assim você entregará Exu natural ao seu irmão de baixo.

– Foi o que eu disse. Estou abandonando as negociações porque já estou de saco cheio, sabe.

– Eu sei. Mas você não pode ser assim!

– Por que não?

– Quando Exu natural desinverteu seus negócios invertidos no campo preferencial de atuação dele, seu mistério deixou de ser irradiante e tornou-se absorvente.

– Eu sei.

– Isso não o preocupa?

– Nem um pouco. Meu irmão de baixo deixou de ser absorvente e tornou-se irradiador.

– Mas ele só irradiará desgraças, digo, morte.

– Ótimo! Como ele está desejando possuir a parte de baixo de Exu, e a possuirá assim que eu me levantar, então aquela boca, que você sabe qual é...

– Espere um momento! Agora entendi tudo, Mago!

– Entendeu o quê?

– Você está desejando um fim para Exu natural e, para tanto, está permitindo ao seu embaixo possuir os interesses de Exu humanizado.

– É isso que estou desejando?

– É isso mesmo. Como é que não percebi antes?

– Puxa, como você é esperto, Exu! Nem eu sabia que estava desejando isso, e você já anteviu tudo. Puxa, você é bom mesmo, sabe?

– Não sei, não. Você não estava desejando isso?

– Eu não. Mas se você viu isso é porque vai...

– Não conclua! Acho que já entendi tudo!

– Você está todo confuso, Exu.

– Você não acha melhor chamar para essa negociação seu irmão de cima?

– De jeito nenhum. Estou caindo fora dessa negociação, já que a vida que está em jogo é a sua. Nem sei por que estou negociando com você sua vida se ela vale um bom negócio no embaixo.

– Nós não estávamos negociando a sua Ninfa da Vida?

– De jeito nenhum, pois você disse que Exu natural ou Exu humano não têm o menor interesses nela e em suas herdeiras ou nas sereias e nas herdeira delas. Então o que estamos discutindo é sua vida e a transformação da parte de baixo de Exu natural em fêmea. Mas, como você está muito confuso, acho melhor adiar essa negociação maluca.

– Tudo bem, Mago. Qual é seu preço?

– Eu não tenho preço. Só tenho negócios, Exu.

– Então qual é seu negócio com Exu?

– Só o definirei após Exu se tornar um negócio atraente para mim.

– Você acha que se Exu desativar o esgotamento de sua Ninfa já é um bom negócio?

– Só anulando a outra confusão, que criou esta, me parecerá interessante, sabe?

– Interessante? Então está certo. Exu natural está desativando o esgotamento e anulando a confusão que começou com a interpretação errônea de uma ordem dada pelo desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Estou esperando. Só depois desativarei o mistério que paralisou o esgotamento dela.

– Exu natural já concluiu a anulação daquela confusão.

– Ótimo! O que mais Exu tem a oferecer-me que é interessante?

– Isso já não foi suficiente?

– Acho que não. Tem aqueles ancestrais pares naturais das sereias, sabe?

– Essa não, Mago. Isso é inegociável, porque foge aos interesses de Exu natural.

– Mas pode interessar a Exu humanizado, sabe?

– Ainda não sei.

– Eu explico: Exu natural abre em seus interesses um campo para esse meu negócio e estabelece Exu humano como seu representante nesse meu novo negócio. Daí em diante Exu terá interesses no meu embaixo e em contrapartida meu irmão de baixo negociará os interesses de Exu no seu campo preferencial de atuação.

– No campo de quem? Esse "seu" campo ficou confuso para Exu.

– No dele, oras!

– Eu pensei que era no meu campo.

– Não, não! No seu campo, quem negociará seus interesses serei eu.

– Mas aí eu terei de exunizar aqueles pervertidos pares naturais das sereias. E aí não sei se é do meu interesse.

– Tudo bem. Se algum não interessar a você, então você o enviará ao meu embaixo, certo?

– Está certo. Mas só acolherei os que forem do meu interesse!

– Do seu interesse, mas que não atrapalhe a prosperidade dos meus negócios, nem venha a colocá-los em risco, certo?

– Certo. Já que está tudo decidido, vou me retirar para refletir sobre minhas perdas individuais e ganhos coletivos, porque parece que perdi no atacado e ganhei no varejo, Mago negociante!

– Por quê?

– Bom, muitos poucos daqueles pares das sereias vão querer exunizar-se. Em compensação seu irmão de baixo vai ficar com quase todos, sabe?

– Acho que é uma perda temporária, pois, após eles conhecerem o que os aguarda no meu embaixo, vão ficar interessadíssimos por Exu humanizado e o acharão muito atraente. Ainda mais que a Ninfa da Morte acabou de desenvolver-lhe a parte que ela havia subtraído de seu cetro simbólico.

– Ué, mas está murcho, Mago!

– Ela esgotou dele todos os fatores que você havia subtraído do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

– Quando ela fez isso?

– Quando estive com ela.

– Por que você não me devolveu antes?

– Bom, devolvê-lo murcho sem lhe proporcionar interesses que viessem a deixá-lo de saco cheio, não achei uma boa ideia, sabe?

– Então você esperou para devolvê-lo só agora. Por quê?

– Bom, é que, se não estou enganado, aqueles desvirtuados, pervertidos e invertidos pares das sereias, acho que todos são Magos.

– Essa não! Estou encrencado!

– Por quê, Exu?

– Haja saco para negociar com Magos, sabe?

– Claro que sei. Por isso devolvi o pedaço do seu cetro simbólico que, se ainda está murcho, logo logo estará tão cheio que você se sentirá orgulhoso.

– Você não é tão burro como me pareceu à primeira vista. Não mesmo!

– O que o fez mudar de opinião, Exu?

– Você abriu um negócio de esgotamento dos pervertidos pares daquelas suas irmãs sereias, justo dentro de um interesse de Exu natural, porque sabia que Exu os esgotará naturalmente caso algum deles cisme de voltar seus venenosos mistérios contra você, certo?

– Mais ou menos, Exu.

– Não dá para deixar de usar essa forma humana de responder? Ela me confunde todo.

– Bom, se não estou enganado, boa parte do meu tempo, ainda disponível, gastarei esgotando as energias daquelas sereias, senão elas se desequilibrarão, sabe?

– Foi por isso que se interessou em afastar Exu dos seus negócios com elas?

– É, nenhum negociante gosta de concorrentes quando descobre que uma de suas atividades é um ótimo negócio... familiar. Afinal, elas são minhas irmãs, sabe?

– Até imagino que negócio familiar é esse.

– Não dê asas à imaginação, Exu. Só cuidarei delas, digo, do meu negócio com elas até que os pares naturais delas se habilitem e possam reassumir seus graus perdidos na carne.

– Ou você é muito burro, porque acredita que algum deles um dia se reabilitará, ou é muito esperto e, sabedor de que nunca reassumirão seus graus naturais, os confiou a Exu para justificar-se perante seu senhor quando ele perguntar porque você as possuiu com seu inesgotável mistério humano.

– O tempo responderá a essa sua observação. Agora vou despertar a senhora Ninfa da Vida e reequilibrá-la energeticamente. Ah! Obrigado por ter impedido que ela absorvesse em seu íntimo o Trono dela que, tal como o do desaparecido Ogum Sete Estrelas, também estava invertido.

– Como você descobriu isso, Mago?

– Pura intuição. Afinal, Exu não atua contra alguém se não for para ajudar esse alguém em algum sentido. Devo-lhe essa, Exu!

– Como você pretende negociar essa sua dívida, Mago?

– Acho que vou desinverter sua humanização ou transformá-la, pois só assim Exu começará a ser apreciado pela sua generosidade e será visto com generosidade pelos meus irmãos humanos.

– Exu não esquecerá isso, Mago!

– Tudo bem. Eu também nunca serei esquecido justamente por isso, sabe?

– Imagino que essa será sua mais comentada renovação de um mistério.

– Se Exu imagina que será, então será. Reassuma seu grau à minha esquerda Exu.

– Já reassumi, Mago. Só estava esperando você concretizá-la. Com sua licença, Mago.

– Onde você vai?

– Sei lá, Ninfas talvez guardem ressentimentos, e não quero estar por perto quando você despertá-la.

– Fique, Exu. Você agora está em minha esquerda e dela não se afastará jamais. Logo, é bom ver como reagirá sua nova senhora nos domínios da divina Iemanjá.

– Uma nova confusão se iniciará, e logo estarei encrencado.

– Não aprecio confusões, mas sinto uma grande atração por encrencas, sabe? Agora fique no seu novo lugar que vou despertá-la.

Eu a despertei e pouco depois, já energeticamente restabelecida, ela me perguntou:

– Amado, o que aconteceu que perdi os sentidos?

– Eu a paralisei em todos os sentidos para que Exu natural desinvertesse seu Trono Energético.

– Exu natural fez isso por mim?

– Fez sim, amada Ninfa da Vida. Mas atuou através de Exu humanizado, que assentei à minha esquerda, sabe?

– Então tenho de agradecer a Exu humanizado com uma distinção.

– Que distinção, minha senhora? – exclamou Exu, todo feliz.

– Eu o distingo com o grau de guardião, à esquerda, do meu centro neutro coletivo estabelecido na dimensão humana. Está bem para você, Exu humanizado?

– Para mim está ótimo, minha senhora.

– Então assuma seu novo grau, Exu.

– Já o assumi, minha senhora. Com sua licença que vou me assentar à sua esquerda!

– Eu já o assentei, Exu.

– Quando, minha senhora?

– Assim que meu amado Ogum Sete Estrelas desentendeu-se com seu irmão de baixo quando da inversão do Trono das Ilusões.

– Essa não!

– Essa sim, Exu. Mas você entendeu às avessas meu canto e pensou que eu desejava possuí-lo. Saiba que não possuo o que já é meu. Apenas lhe mostro onde desejo vê-lo. E Exu, desejo ver à minha esquerda, não na minha frente, direita ou atrás de minhas costas.

– Que confusão! Tudo não passou de um grande mal-entendido, minha senhora. Aceite minhas desculpas.

– Já o desculpei, Exu. E a Ninfa da Morte já o perdoou... e está interessada em você.

– Interesse de Ninfa da Morte exige reflexão até de Exu, minha senhora Ninfa da Vida.

– Tem todo o tempo que precisar para refletir, Exu.

– Obrigado, minha senhora. Com sua licença, minha senhora!

– Licença concedida, Exu. Pode retirar-se e assumir à minha esquerda seu grau e assento.

– Um momento, Exu! – pedi. – Por que com ela você só se comunica de forma reta e sem segundas intenções?

– Esse recurso reto só uso com as senhoras Mães da Vida, Mago.

– Por quê?

– Bom, mães são mães, e um dos campos preferenciais onde Exu atua é o de punir os filhos que não respeitam as mães e as tratam como se não fossem a primeira razão de suas vidas.

– Que razão é essa, Exu?

– A de terem dedicado suas vidas aos seus filhos, Mago.

– Entendo. Pode retirar-se, Exu.

– Com sua licença!

Exu retirou-se para assumir suas novas funções, e eu perguntei à minha amada senhora Ninfa:

– Amada, vamos retornar ao nosso centro neutro coletivo?

– Eu gostaria de caminhar um pouco mais, pois talvez outras surpresas ainda estejam à nossa espera, sabe?

– Imagino que você sabe a razão desse seu desejo.

– Logo saberemos. Você está vendo aquele ancião, caminhando solitário?

– Ancião solitário? Onde?

– Lá adiante. Olhe como ele é maduro! Deve ter amadurecido no tempo e se sujeitado a todas as intempéries da vida para estar tão cansado e solitário. Vamos conhecê-lo?

– Vamos! – concordei, já sabendo a quem ela se referia: meu amado vovô tatá Omolu. Eu detive sua lenta caminhada chamando: – Vovô, somos nós!

– Nós? É você, meu neto?

– Somos nós, vovô. Volte-se e conhecerá minha mais desejada irmã, vovô!

– Sua mais desejada irmã, meu neto mais amado?

– Ela mesma, vovô.

– Essa não. Agora quem está encrencado sou eu, sabe?

– Não sei não, vovô.

– Eu explico. Saiba que quando uma Ninfa da Vida consegue sair do fundo do mar, nós, os "velhos Beira-mar", perdemos nossa função, que é a de vigiar a terra que faz divisa com o mar, domínio das Ninfas da Vida.

– Isso não é função dos encantados naturais de Guardião Beira-mar?

– Foi o que eu disse, meu neto Beira-mar.

– Essa não entendi, vovô. Por favor, explique com mais detalhes esse mistério ainda desconhecido para mim.

– Esse é um mistério desconhecido de quase todos, meu neto curioso. Saiba que todo Omolu novo é um velho Beira-mar, já maduro no tempo, e todo Omolu velho, como eu, é um ancestral Beira-mar amadurecido no tempo e curtido pelas intempéries da vida.

– Mas Beira-mar não são Oguns? Como um Omolu é um Beira-mar?

– O que há com você, neto amado?

– Acho que falei demais com Exu humanizado e ainda estou meio confuso ou demorando para entender o óbvio. Então peço ao senhor que comente esse mistério para mim.

– Por que você me solicita a abertura de um dos mais fechados mistérios do mistério "Orixás"?

– Eu sou um novo Beira-mar, vovô. Logo, tenho o direito natural de conhecer esse mistério.

– Você tem certeza de que já é um novo Beira-mar ou só imagina que seja?

– Agora tenho certeza de que sou.

– Você pode provar isso caso eu solicite uma confirmação desse grau da Lei, e qualidade de Ogum?

– Posso, vovô.

– Lembre-se de que se você não provar perderá seu direito natural por ele.

– Eu posso provar-lhe. Mas antes eu quero ouvir seu comentário, vovô.

– Você está muito seguro.

– Estou sim, vovô.

– Por quê?

– Eu descobri que o que me parecia um grande mal é, a partir de agora, meu maior bem que transmitirei naturalmente aos meus herdeiros naturais.

– Herdeiros naturais? Foi isso que ouvi?

– Foi o que eu disse, vovô.

– Qual é esse seu maior bem que transmitirá a eles, meu neto?

– Toda a minha vivenciação, vovô. Ou não é esse o maior bem que um pai transmite naturalmente aos seus filhos?

– Esse é o maior bem, meu neto. O filho que aprender com a experiência de seu pai jamais cometerá os erros que ele cometeu e extrairá dos seus acertos as bases, os fundamentos que alicerçarão suas ações retas e benéficas.

Nada paga um bem desses, meu neto, pois dores e alegrias não são bens que possam ser avaliados se não usarmos de valores supra-humanos ou divinos, já

que só vivenciando tudo o que nos conduz à dor ou à alegria nos qualifica como entendedores desses sentimentos.

Uma tragédia passa uma ideia fugaz da dor, e uma comédia repete o mesmo com a alegria. Mas, por serem só miragens da dor ou da alegria, logo esvanecem e quem as absorveu pouco aprendeu.

Mas quem vivenciar a dor em uma tragédia pessoal ou vivenciar sua alegria em uma virtuosa comédia da vida, este sim adquiriu um momento imortal em sua memória ancestral, que serão referências preciosas e de valor inestimável, sabe?

– Sei, vovô. Agora sei!

– Você já não julga suas múltiplas encarnações como amargos pesadelos amenizados por alguns sonhos passageiros?

– Não, senhor. Eu descobri a perfeição de Deus no ciclo encarnacionista, ainda que eu nunca tenha duvidado de que era um estágio perfeito, pois faz parte dos planos d'Ele. Mas eu tinha dificuldade em descobrir sua razão.

Agora que a descobri, já não acho um mal o ciclo da carne nem sua alternância com o ciclo do espírito. Abençoado é o ciclo reencarnacionista, pois cobre de bênçãos todo ser que o aceita pacificamente e transforma eventuais revoltas em força para superar obstáculos estimuladores do autocontrole, que é sinônimo de poder.

– Se você não tiver uma prova para sustentar seu grau de Beira-mar, essa sua redescoberta do valor divino da evolução humana já amenizará sua punição.

– Eu não serei punido, vovô.

– É, acho que não será! A segurança que capto em você é sinal de que algo divino alterou o rumo de sua vida.

– Alterou sim, vovô. Agora eu sou realmente um pai. Sou novo, mas sou um pai, sabe?

– Se você se sente um verdadeiro pai, então já não tenho razões para tê-lo na conta de um neto. Logo, de agora em diante o terei na conta de um filho promissor e um pai qualificado a herdar meus mistérios naturais.

– Eu honrarei seu grau, meu pai Omolu. O bem maior que herdarei do senhor, irei multiplicá-lo nos meus filhos, que serão seus amados netos naturais e o distinguirão, com muita honra, com o grau de avô amado. E o senhor se verá sendo renovado neles, assim como se viu em mim. E eles o perpetuarão no tempo e mostrarão aos divinos olhos do divino Criador que suas dores e alegrias de pai não foram vivenciações fugazes, mas sim seu bem maior que transmite a esse seu filho, que o multiplicará em seus incontáveis netos.

– Incontáveis? Foi isso que ouvi, meu filho?

– Foi sim, meu amado pai Omolu.

– Abençoado muitas vezes é o filho que entende, compreende e aceita seu pai como ele é porque é assim que Deus quer que ele seja. Mas abençoado mil vezes mil é o filho que, além de aceitar seu pai, o tem como um bem de sua vida e o acrescenta aos seus próprios bens naturais, que transmitirá aos seus filhos. Abençoados são os pais, meu filho!

– Benditos e louvados devem ser os pais de pais, meu pai amado.

– Você realmente é um novo Beira-mar, meu filho. Portanto, está apto a conhecer o mistério Omolu de quem o conhece porque é um em si mesmo, e não porque ouviu uma tola lenda que pouco explicou esse mistério do divino Criador.

– Papai amado, o senhor me concede a honra de passar meu braço por dentro do seu e postar-me ao seu lado como seu mais novo filho Beira-mar?

– Claro, meu filho.

Então a Ninfa da Vida pediu:

– Meu pai amado, o senhor me concede a honra de ladeá-lo também?

– A Ninfa da Vida que mais eu temia, agora me honra e distingue como seu pai amado?

– O senhor me temia porque eu não o amava. Mas agora que vibro o mesmo amor que meu amado par e meu senhor vibra, então desejo honrá-lo com meu amor de filha, para que meus filhos se sintam duplamente honrados, pois terão, em um mesmo avô, o pai do pai e da mãe deles.

– Louvado seja o divino Criador! – exclamou vovô ajoelhando-se e elevando suas mãos para o alto, com as nossas seguras por elas. A alegria dele foi tanta que vi correr lágrimas cintilantes por sobre suas faces amadurecidas no tempo e curtidas pelas intempéries da vida, toda ela dedicada ao amparo, educação, instrução e aperfeiçoamento de seus filhos, netos e bisnetos amados.

Acho que alguém mais captou aquela alegria irradiada por ele, pois vi surgir bem na nossa frente minha amada vovó Nanã Buruquê, que também estava com o rosto coberto de lágrimas cintilantes de alegria. Logo vi surgirem todos os meus pais, avós, bisavós e tatá-avós, todos transbordando alegria e vertendo lágrimas cintilantes que brotaram dos seus sentimentos mais íntimos e luminosos: a fraternidade!

Sim, porque todos eles se ajoelharam e se irmanaram com ele naquela louvação ao divino Criador, que não demorou a manifestar-se em uma chuva de fagulhas e pétalas de rosas brancas que cintilam as mil cores do Arco-íris divino.

Em meio àquela chuva multicolorida e toda florida, mais uma vez a coroa divina regente planetária se mostrou e nós vimos todos os Divinos Tronos, que nos sorriam.

Eu, admirado, vi os Divinos Tronos estenderem seus braços na direção dos meus pais Omolu e Nanã, convidando-os a subirem aquela escada da vida e da evolução. E, quando eles galgaram o primeiro degrau, o manto negro que cobria meu pai tatá Omolu transformou-se em uma veste semelhante à de palha da costa, usada pelo Orixá Obaluaiê.

Todos nós batemos três vezes com a cabeça no solo e o saudamos:

– Saravá, senhor Obaluaiê! Atotô, meu pai Omolu! – e nos mantivemos com a testa colada no solo.

Então o divino Ogum maior desceu por aquela escada e postou-se ao lado de minha amada vovó Nanã. Depois a divina Iemanjá desceu por ela e postou-se

ao lado de meu amado pai tatá Omolu, conduzindo-os até o Alto do Altíssimo, e os assentaram entre o divino Trono Obaluaiê e o divino Trono Nanã Buruquê, os divinos Tronos responsáveis pela irradiação divina que rege a evolução dos seres e a passagem de um estágio dela para outro, já superior.

Isto quando não devolvem a um estágio anterior os seres que regrediram consciencialmente e racionalmente.

O que sei é que toda uma nova faixa vibratória regente da evolução foi aberta e passou a ser sustentada por meu amado pai tatá Omolu e minha amada vovó Nanã, que desceram aquela escada e nos abraçaram, abençoaram e abençoaram!

Então ordenaram que nos levantássemos para que pudéssemos vê-los recebendo o novo grau com o qual haviam sido distinguidos pelos Divinos Tronos, e conhecêssemos o mistério com o qual o divino Criador os havia ungido.

Mas nem minha amada Ninfa nem eu conseguimos nos levantar. Não mesmo!

Nosso pranto de alegria foi substituído pelo de tristeza e não conseguiríamos nos levantar, pois era por nossa causa que eles não haviam sido ungidos já a muito tempo.

Mas meu pai Guardião Beira-mar estendeu-me suas mãos, levantou-me e, abraçando-me forte, falou-me:

– Eu sou sua testemunha de que fizeste o que foi possível para honrar seu pai tatá Omolu. E, se só agora você concedeu-lhe esta honra porque finalmente assumiu sua condição de pai da vida, no entanto nenhum outro pai de pai subiu aquela escada tendo com seu herdeiro natural um filho pai de tantos filhos. A sua demora facultou a ele uma faixa mais larga e mais ampla onde seu novo e mais abrangente mistérios divino fluirá com muita intensidade. Sim, disto eu sou sua testemunha, meu filho amado.

Minha amada mãe Inaê Iemanjá estendeu suas mãos à sua amada filha Ninfa da Vida, a levantou, abraçou-a e falou-lhe:

– Eu sou sua testemunha, minha filha. E além de estar de acordo com tudo o que disse seu amado pai Guardião Beira-mar, eu acrescento que o tempo não foi gasto em vão, pois sua amada mãe Nanã agora tem uma filha que só a honra, pois ela foi a única mãe de mães (Nanã) que subiu aquela escada tendo como filha e herdeira natural uma Ninfa-Mãe que é uma mãe Arco-íris, ou melhor, uma nova Ninfa-Mãe do Arco-íris!

Eles nos conduziram até onde estavam nossos pais tatá Omolu e Nanã, diante dos quais nos ajoelhamos e pedimos a bênção e o perdão por tê-los feito esperar por nós por tanto tempo. Após nos abençoar, meu pai falou:

– Longa foi nossa espera pelo seu retorno. Mas não menos longa foi sua jornada, meus filhos amados. Logo, não temos do que perdoá-los!

E nossa amada mãe Nanã nos falou:

– Teríamos de perdoá-los se sua demora tivesse sido em vão ou servido para perderem os bens com os quais a iniciaram, que eram seus irmãos. Mas vocês retornaram com mais irmãos que quando partiram, e ainda trouxeram

tantos filhos que nos renovaremos neles, e por meio deles nos perpetuaremos na memória dos filhos do Pai dos pais. Vamos, dê-nos seu abraço filial para que possamos envolvê-los em nossos braços e inundá-los com nosso amor paterno e materno, o amor que anima as hereditariedades!

Algum tempo depois, já tendo se recolhido a coroa divina e os Divinos Tronos que a formam, convidamos todos para conhecerem o centro neutro coletivo de minha amada Ninfa da Vida, que dali em diante estaria aberto a todos eles, nosso irmãos mansos, nossos pais, avós, bisavós e tatá-avós.

Só então eles viram realmente a multidão de infantes que ali estavam abrigados e amparados pelos nossos mistérios. E só então minha senhora Ninfa da Vida assentou-se em seu Trono Cristalino e o absorveu em seu íntimo para, no mesmo instante, começar a irradiar naturalmente o Arco-íris, que inundou a todos com suas irradiações multicoloridas. E no instante seguinte todas as sereias que víamos do outro lado do meu Arco-íris foram humanizadas e puderam passar por baixo dele, caminhando sobre as ondas e vindo juntar-se a nós, seus ancestrais irmãos. E muitas delas reencontraram seus pares naturais, afastados já há muito tempo, mas que nunca haviam se esquecido delas. Apenas esperavam surgir uma nova Ninfa do Arco-íris, a única capaz de renovar seus mistérios ancestrais e proporcionar-lhes uma nova vida.

Saibam que uma Ninfa do Arco-íris só surge quando uma Ninfa Estrelada liga-se em todos os sentidos com um guardião do Mistério Oxumaré. E eu sou um, certo?

Em meio a tantos entes queridos eu avistei aqueles meus filhos, adotados quando eu havia estado nos domínios do divino Oxumaré. Eu estava assentado ao lado do meu amado pai tatá Omolu, cujo grau de Obaluaiê novo ele ostentava por meio do cordão de palha da costa, trançada, cingindo-lhe o corpo desde o ombro direito até a altura do flanco esquerdo, e outro cingindo-lhe a cintura, mas cujas pontas alcançavam seus pés. Então os chamei e ofereci-lhes:

– Vocês gostariam de honrar-me assentando-se à minha direita, meus irmãos mais novos?

– Nós já nos assentamos, irmão mais velho. Só estávamos esperando sua confirmação consciente, sabe?

– Quando se assentaram?

– O senhor se lembra de quando ia oferendar o Divino Oxumaré, isso no tempo que ainda vivia na carne?

– Lembro-me sim. Eu o oferendava perto das cachoeiras ou à beira-mar.

– É isso, meu senhor! Durante uma das oferendas recebemos ordem do nosso amado pai Guardião Beira-mar para nos assentarmos à sua direita e velarmos sua jornada na matéria.

– Por que não revelaram isso antes?

– Sua jornada foi muito atribulada e temíamos que o senhor não entendesse que não podíamos atendê-lo quando clamava aos seus guias espirituais que o

livrassem de certas dificuldades, necessárias à depuração de certos vícios emocionais, sabe?

– Agora sei. Assentem-se, irmãos mais novos. Ouçamos o que tem a nos dizer nosso amado pai tatá Omolu sobre o mistério que o rege há muito tempo.

– Tem razão, meu filho! – falou ele. – O Mistério Omolu é um dos fatores do divino Criador, que é em si mesmo todos os fatores.

Saibam que os fatores divinos geram as essências, que por sua vez geram os elementos, que geram energias, etc.

Então um fator é uma herança genética do divino Criador e todos nós somos portadores de uma, que sempre nos distinguirá entre tantos herdeiros do divino Criador, que somos todos nós, fontes vivas e pensantes geradoras de energias.

Saibam todos que da união do fator masculino Omolu com o fator feminino Obá surge a essência telúrica, captada pelo Divino Trono das Sete Encruzilhadas, que a absorve e a irradia para o Divino Trono Elemental Telúrico, que a irradia com dupla polaridade. Então o Divino Trono Omolu absorve a essência cujo magnetismo é masculino, e o Divino Trono Obá absorve a essência cujo magnetismo é feminino. E ambos irradiam essas essências telúricas, dando origem ao elemento terra.

Então o fator Omolu é a parte masculina do elemento terra e o fator Obá é sua parte feminina, certo?

De união em união dessas duas partes, surge a terra. Mas eles têm de ir unindo-se a outros fatores, senão permanecem estéreis, pois a terra pura só gera mais terra.

O fator Obá une-se preferencialmente ao fator Oxóssi, que é a parte masculina do elemento vegetal. E o fator Omolu une-se ao fator Iemanjá, que é a parte feminina do elemento água.

A união do fator masculino puro terra pura com o fator feminino puro água gera uma energia composta ou mista que é conhecida como energia do crescimento, que é absorvida pelos Divinos Tronos Obaluaiê e Nanã Buruquê, que lhe acrescentam outros compostos energéticos e dão origem ao magnetismo que tanto pode acelerar o crescimento quanto paralisá-lo. Por isso são os Tronos Regentes da Evolução.

Na energia do crescimento, o fator Iemanjá une-se a outros fatores e dá origem à energia de natureza feminina que é absorvida pelo Divino Trono da Geração que é o fator terra, acrescido de outros fatores.

Por magnetismo, o Trono da Geração telúrica se irradia para as herdeiras do fator água em sua parte feminina, e aí surgem os Mistérios Iemanjá. Já esta irradia sua energia geradora para os herdeiros do fator terra, e aí surgem os Tronos da Geração.

As herdeiras femininas do fator água são denominadas de Ninfas. E os herdeiros do fator terra são chamados de Omolus. Já os herdeiros do fator misto masculino terra-água são chamados de Obaluaiês, e as herdeiras do fator misto feminino água-terra são chamadas de Nanãs.

Então eu, um Omolu por causa do fator que me distingue desde minha origem, já agreguei muitos fatores desde então, e desenvolvi outros que eu trazia adormecidos em minha semente original.

Já sua vovó Nanã, ela foi distinguida em sua origem com o fator água pura, e era uma Ninfa, que acrescentou outros fatores e desenvolveu os que trazia adormecidos em sua semente original.

Isso nós desenvolvemos formando pares naturais com irmãos e irmãs portadores originais de outros fatores.

Só que sua vovó Nanã, ainda uma Ninfa, formou um par comigo, e assumiu a cabeça dele. Então ela desenvolveu o fator terra e eu não desenvolvi o fator água. Aí ela ficou apta a ser o que era até há pouco: uma Nanã! Enquanto eu não pude alcançar o fator misto terra-água e ser o que agora sou: um Obaluaiê novo.

Como meu pai se calou, todos ficamos na expectativa de que ele retomasse sua fala. Mas, como ele se manteve em silêncio por mais tempo que uma simples pausa, eu falei:

– Então ele, que já era apegado ao desaparecido Ogum Sete Estrelas, recebeu dele a promessa de que daria um jeito de supri-lo com o fator água, por meio da Ninfa que formava com ele um par natural, e proporcionou-lhe um minuto inesquecível de alegria.

Só que algo aconteceu logo a seguir, e o Ogum Sete Estrelas, que era um Trono Natural da Geração, desapareceu, pois adormeceu nos braços da Ninfa da Vida, dando início a toda uma paralisação gigantesca que obrigou muitos Tronos a se humanizarem, pois assim adquiririam o fator que o desaparecido Ogum Sete Estrelas já não poderia fornecer-lhes...

– Não, meu filho! – discordou meu pai. – Não tem razão de ser esse seu inconsciente sentimento de culpa, pois, se tudo aconteceu de forma muito parecida, no entanto a verdade é outra.

– Comente-a para nós, pai amado – pedi.

– Bom – falou ele. – A verdade é que o desaparecido Ogum Sete Estrelas começou a irradiar para mim o fator água de sua amada Ninfa da Vida. Mas, por razões divinas, um fator cósmico transformador foi humanizado para acelerar a evolução na dimensão humana, que estava atrasada em relação às outras dimensões da vida. Quem assumiu o compromisso de acelerar a evolução humana foi o Trono Regente da Dimensão Humana da Vida, que primeiro enviou os membros de sua hierarquia natural para a carne, onde despertariam esse novo fator e acelerariam a evolução espiritual.

Mas eles, adormecidos na carne, esqueceram-se de suas missões e entregaram-se às ilusões humanas. Então o próprio demiurgo encarnou e trouxe consigo todas as fontes geradoras desse novo fator, e abriu todas elas na sua curta passagem pelo plano material, desequilibrando-se emocionalmente.

Conclusão: vibratoriamente, ele caiu tanto que foi estacionar no mais baixo nível da dimensão humana, onde continuou a gerar, de forma emocional, o novo fator cósmico, que ficou conhecido com o próprio nome dele: fator Lúcifer, ou fator da transformação!

Mas, como ele o gera de forma emocional, então a transformação racional transforma-se em revolta emocional ou inconformismo.

A lei do silêncio me impede de revelar muita coisa, mas o que aconteceu é que a evolução espiritual começou a regredir e os regentes naturais ordenaram que suas hierarquias humanizassem seus degraus, que humanizariam os fatores dos sete Tronos Planetários.

Então Tronos Mediadores do sentido da fé, do amor, etc., se humanizaram... e começaram a absorver o fator Lúcifer em tão grande quantidade que se perderam nas ilusões da carne.

Aparentemente era uma queda incompreensiva, pois os fatores naturais que os seres espiritualizados trazem deveriam se sobressair e reequilibrar o meio humano, negativado e impróprio para que os seres naturais encarnassem e abrissem de forma humana suas adormecidas fontes geradoras do fator humano, que traziam desde suas origens, e dentro de suas sementes originais.

O desaparecido Ogum Sete Estrelas também participou desse processo, e sua missão consistia em humanizar seu fator masculino da geração. E ele enviou para a carne vários dos seus degraus mediadores, que se inundaram com o fator "Lúcifer" e se perderam nas ilusões da carne, onde transformaram a humanização de um fator no culto a um deus ligado à fertilidade humana. Mas que logo se transformou em um culto a um totem do prazer, um totem fálico!

O fato é que novos degraus foram enviados à carne pelo desaparecido Ogum Sete Estrelas, e foram caindo sob o fascínio do fator "Lúcifer". Mas o mesmo acontecia com os degraus dos outros regentes médios, que eram invertidos pelo invertido fator cósmico Lúcifer.

E o outrora vigoroso, potente e desejável Trono da Geração começou a ser incomodado pelas energias que absorvia de seus tronos mediadores caídos na dimensão humana, todas viciadas e negativas.

O poderoso e reto Ogum Sete Estrelas começou a sentir os efeitos da sobrecarga negativa de Exu, que era seu descarregador natural, que se ressentiu e inverteu seu mistério captador das energias do Trono da Geração. E em consequência disso bloqueou uma irradiação energética que ainda sustentava o Ogum Sete Estrelas, que foi até Exu e ordenou-lhe que invertesse aquele mistério (de Exu) ou o anulasse. Exu, astutamente, interpretou que, se invertesse o Trono da Geração, o Ogum Sete Estrelas cairia por tabela, e foi o que fez.

Ogum Sete Estrelas teve suas estrelas apagadas e seu outrora irradiante Mistério da Geração tornou-se absorvente, lançando-o na dor emocional e no tormento consciencial. Então ele se recolheu aos domínios da Ninfa da Vida e adormeceu em seus braços estrelados, tentando esquecer-se de tudo. Mas a Lei Maior o acordou na carne, onde ele semeou a religião que mais duraria na face da Terra, e cujas divindades regentes eram o Divino Oxumaré e a Divina Iemanjá: a renovação de toda uma geração, que ficou conhecida como a Era Cristalina!

Essa era uniformizou o culto aos regentes naturais e lançou no ostracismo o regente humano Luciyefer, que era o responsável pela recepção dos espíritos

caídos nas esferas humanas negativas, que reagiu e voltou seu mistério contra os regentes naturais, e estes o isolaram na dimensão humana e confinaram nela seu fator Lucifer, que estava chegando aos Tronos médios através de suas ligações com seus Tronos mediadores encarnados.

A religião semeada pelo desaparecido Ogum Sete Estrelas começou a enfraquecer-se, e milhões de espíritos encarnados começaram a desvirtuar-se no sentido da fé e a cultuar Tronos caídos nas trevas humanas. Ele tornou a encarnar para restabelecer o virtuosismo, mas perdeu-se também, e o resto você já sabe como foi, meu filho.

– É, eu já sei. Tudo atendia a uma vontade divina e as transformações começaram a acontecer: cada divindade passou a ser cultuada individualmente, surgindo na face da Terra tantas religiões quanto foram necessárias ou possíveis. Certo?

– Isso mesmo.

– E algumas divindades sucumbiram porque suas hierarquias encarnadas caíram sob o domínio do Trono das Ilusões, o fator oposto do fator da razão.

– Isso mesmo.

– E algumas divindades praticaram o suicídio coletivo como último recurso para anularem os tormentos que as incomodavam.

– Exato.

– E o desaparecido Ogum Sete Estrelas humanizou-se em todos os sentidos, para poder despertar seu Mistério da Geração de Energias e Renovação, mas humanizado. É isso?

– É.

– Então, agora que conheço minha história, o senhor com certeza irá nos revelar o Mistério Omolu e os velhos Beira-mar, não?

– Vou sim. Afinal, vocês já sabem que o fim de um Omolu velho é atingir o grau de Obaluaiê novo, certo?

– É, e já sabemos que um Omolu só chega a esse grau quando uma Ninfa lhe cede a cabeça de um par energético, que foi o que aconteceu quando minha amada Ninfa concedeu-me isso ao adotá-lo como seu pai natural. Como é isso, meu pai?

– Bom, no par energético pai-filha, a cabeça sempre pertence ao pai. E, assim que ela fez aquilo, meu Mistério Telúrico absorveu a água pura que o amor de filha Ninfa é capaz de gerar em abundância. Imediatamente me habilitei a galgar a escada da vida e da evolução, e finalmente pude assentar-me com sua vovó Nanã em uma faixa vibratória horizontal onde regeremos todo um nível cósmico.

– Mas e o mistério dos velhos Omolus e dos ancestrais Beira-mar, meu pai?

– Como eu disse, as Ninfas assumem as cabeças dos pares e os Omolus não. Então elas saem da água, pois podem andar na terra, onde vão se assentar nos lagos, que são o habitat natural das Nanãs, manifestadoras do Mistério Misto água-terra.

– Mas e aí, meu pai? Já estou ficando angustiado, sabe?

– Por quê?

– Bom, a primeira coisa que minha amada Ninfa desejou foi andar na terra, sabe?

– Eu sei. Com minha Ninfa aconteceu o mesmo.

– E aí, como o senhor ficou?

– Só na terra pura, meu filho.

– Isso já sei. O que quero saber é por que o senhor se tornou um velho Beira-mar e depois um novo Omolu até amadurecer no tempo e tornar-se um tatá Omolu.

– Bom, eu formei um par com uma Iemanjá média e comecei a atuar no elemento terra e ela no elemento água.

– Como é que é?!!!

– Bom, os Omolus são terra pura, e as Iemanjás são água pura porque não reencontraram seus pares naturais quando alcançaram a maturidade como Ninfas, e tornaram-se sereias.

– Essa não!

– O que foi, meu filho?

– Não sei não, mas acho que agora estou em uma encrenca daquelas, sabe?

– Ainda não sei. Mas, como eu estava dizendo, nós, os terra pura, rondamos o mar à procura de uma Ninfa que nos adote como filha, pois só assim adquirimos o fator água.

– Entendo. Envelhecem à beira-mar e são chamados de ancestrais Beira-mar, pois são curtidos pela vida no tempo que passam à espera de uma adoção. Então não são velhos Guardiões Beira-mar. Certo?

– Não. Nós éramos os encantados pelo mar e vivíamos à beira dele, à espera de uma Ninfa filha que nos adotasse como pai. Alguns desenvolvem o fator Ogum e tornam-se Guardiões Beira-mar, sabe?

– Agora sei. Mas aí as irmãs deles ficam sem seus pares naturais e paralisam-se, certo?

– Isso mesmo.

– E os encantados de Guardião Beira-mar adquirem o fator água porque formam pares com mães sereias, onde são as cabeças dos pares, pois Ogum só perde a cabeça quando forma par com as Iansãs, que são portadoras originais do "fator ar". Certo?

– Certíssimo.

– Então todo encantado de Guardião Beira-mar é um ex-Omolu novo. Certo?

– Isso é certo. E assentam-se à direita de Guardião Beira-mar, que é chamado de Beira-mar justamente porque seus pares naturais são as Obás, com as quais formam pares naturais e desenvolvem o fator terra, para depois irem se assentar à Beira-mar, onde se habilitam a atuar na linha da evolução, pois aí são portadores originais do fator ar, mas desenvolveram o fator misto terra-água.

– Nossa, que complicado, meu pai!

– Por acaso você acha que a evolução natural é menos difícil que a evolução espiritual?

– Eu achava que era. Mas já mudei de opinião. E também entendo porque o senhor sempre me recomendava que assumisse a cabeça dos pares que eu formava.

– Isso é para você prestar mais atenção no que digo, e refletir um pouco para atinar com o que não só não posso lhe dizer como também depende só de você a descoberta.

– Agora é tarde... e o jeito é esperar que uma filha de Ninfa me adote como pai, certo?

– Certíssimo, meu novo filho Beira-mar. Talvez, quando você for um velho Beira-mar, aí reflita mais antes de ir formando pares a torto e a direito.

– Puxa! Paralisei milhares de irmãs que formaram par comigo nesses anos todos, sabe?

– Não paralisou. Assim que elas alcançarem seus limites como mãe, aí formam pares com outros irmãos, já em outros sentidos e mistérios, para não ficarem para trás nos estágios da evolução natural.

– Ainda bem. Já pensou se todas essas Sereias-Ninfas ficassem ligadas ao meu mistério? E com todas donas das cabeças dos pares?

– Pensei, sim. Até acho que você tem todas as chances de nunca mais sair da beira do mar, e daqui a umas dez eras religiosas será visto como o mais maduro dos Beira-mar.

– Essa, não! Dez eras religiosas humanas dão setenta mil anos, meu pai.

– Quem está falando em eras religiosas humanas?

– Que encrenca me meti!

– Será que, tendo tanto tempo, não conseguirá alguém que lhe conceda o fator água?

– Acho melhor esquecer as filhas delas e tentar outra alternativa.

– Por quê?

– O senhor não está vendo como os olhinhos delas brilham quando me olham? As espertinhas já sabem que não posso lhes negar o que querem. Logo, nunca vão trocar a formação segura de um par energético pelo grau de filhas. Não elas, que já trazem desde suas origens o desejo de se tornarem mães da vida. Acho que, com um pouco de sorte, talvez daqui a umas vinte eras religiosas eu consiga ser a cabeça de um par.

– Por que tanto tempo, se eu precisei só de umas cinco?

– O senhor conhece o mistério daquelas Estrelas Siderais, certo?

– Nem me fale naquelas Estrelas!

– Por quê, meu pai?

– Elas são umas ingratas, sabe?

– Ainda não.

– Eu explico: elas se aproximam, todas faceiras...

– Faceiras?

– Muito mais que as encantadas de Oxum e, como quem não quer nada, colhem tudo o que desejam de nós e depois se deslocam para outros orbes, plenas

nos fatores que absorveram de nós, as pontas dos pares que formam, pois todas são ex-Ninfas-Mãe.

– Mas eu vi muitas delas já ligadas ao desaparecido Ogum Sete Estrelas, sabe?

– Sei. Elas absorveram dele o fator, ou fatores, que precisavam e se mandaram, deixando o infeliz assoberbado com as filhas, netas e bisnetas delas, enquanto o coitado não conseguia sair da paralisia a que fora submetido porque sempre lhe faltava o fator água pura, já que nenhuma Ninfa o adotava como pai. Todas viam nele o par ideal e inesgotável, porque era um Trono da Geração.

– Então é por isso que tinha de voltar e recomeçar tudo de novo?

– Você não sabia disso?

– Eu nem sabia da existência desses fatores, meu pai! Mas agora começo a entender a razão de a maioria dos Oguns individuais dos umbandistas ser Beira-mar ou Megê. E de alguns terem vários Oguns ao mesmo tempo. Os pobres e maduros Beira-mar, Megê, do Fogo, etc., no mínimo esperam ser adotados como pais pelas filhas de Umbanda que são Ninfas-Mãe humanizadas. É isso, não?

– É, acho que é isso, meu filho.

– Se meu pai acha que é, eu tenho certeza.

– Quer saber de uma coisa?

– Quero.

– Saiba que, se uma filha de Iemanjá, filha de Umbanda, oferendar Ogum maior e pedir de coração isto: "Ofereço meu amor de filha a todos os pais Ogum que desejarem me adotar como filha amada de seus corações", bom, essa filha atrairá tantos pais Ogum que será coroada pelo amor divino de Ogum maior e tanto os dias quanto as noites de sua vida serão, daí em diante, vigiados por Ogum de tal forma que o infeliz do irmão venenoso dela que tentar envenená-la ou paralisá-la, o mínimo que acontecerá a ele será Ogum arrancar-lhe as presas venenosas e a língua maledicente.

– E o máximo, o que Ogum fará?

– Corta logo a cabeça do peçonhento para que aprenda de uma vez por todas que quem atenta contra uma filha do "amor de pai" de Ogum, no mínimo, está cometendo uma loucura e, no máximo, um suicídio.

– Entendi a razão porque as filhas de Iemanjá são tão protegidas por Ogum. Mas... espere aí!

– O que foi, meu filho?

– Por que a divina Iemanjá, ciumenta do seu grau de Mãe da Vida, permite isso?

– Isso o quê?

– Que suas filhas naturais humanizadas adotem como pai quantos Oguns as desejarem como filhas.

– É uma forma de compensar a generosidade de Ogum para com suas Ninfas, pois, sempre que formam pares com os filhos naturais dele, a primeira coisa que elas fazem é assumirem as cabeças, sabe?

– Sei, sim. Como sei, meu pai!

– Além do mais, no corpo carnal elas desenvolvem naturalmente suas fontes geradoras dos fatores terra, água, ar e fogo, pois os absorvem naturalmente pelo "prana" energético que as envolve desde que nascem.

– Como é que é?

– O que você ouviu, oras!

– Essa não! Só agora é que o senhor me revela que eu já absorvi esse fator e desenvolvi suas fontes internas?

– Se eu tivesse lhe revelado isso, que ninguém antes havia, você também não saberia que uma das razões que leva suas amadas mães, avós e tatá-avós a desejarem formar com você tantos pares é porque elas, além de se renovarem, começam a absorver de suas irradiações os fatores que faltam a elas.

– Entendo. Além do meu fator humano puro que em mim é original, elas absorvem todos os outros porque na raiz desse meu mistério todas as fontes geradoras são puras, certo?

– Certo, meu filho. Logo...

– Logo o quê, meu pai?

– Você não entendeu nada do que eu disse sobre as amadas filhas de Iemanjá encarnadas que podem ser filhas do amor de Ogum pai?

– Essa não, meu pai! O senhor sugeriu que eu, por já ser um gerador de todos os fatores, consagre meu amor de filho a todas as mães maiores para que suas filhas absorvam por meio de mim os fatores que precisarem ou desejarem. É isso?

– Não exatamente.

– Ainda bem! Eu fiquei preocupado, sabe?

– Eu sei que ficou. Como um genuíno Trono da Geração, tenho certeza de que você deseja consagrar três tipos de amor de uma só vez, não é mesmo?

– Eu desejo isso, meu pai?

– Claro que sim. Apenas ainda não se deu conta disso, sabe?

– O senhor tem certeza de que estou desejando isso?

– Absoluta. Ou você está duvidando de minha capacidade de interpretar desejos inconscientes?

– Nem pense isso, meu pai. Eu já não duvido de nada. Apenas gostaria de aprender a identificar esses desejos inconscientes. Só isso, sabe?

– Eu sei, e o ensino. Mas você deve começar a descobrir certas coisas por si mesmo. Afinal, já é um pai!

– Mas sou novo nesse grau, como em todos os que já alcancei. Logo, eu não dispenso a orientação sábia e segura dos pais amadurecidos na vida e curtidos no tempo, sabe?

Quando eu falei aquilo, imediatamente os pais que se encaixavam naquela minha classificação voltaram seus olhos na minha direção, em uma indagação muda. Então eu exclamei:

– Eu me referi a todos. Logo, não esperem eu pedir!

Todos aqueles amados pais ancestrais, que ouviam nossa conversa, mas mantinham-se à parte, imediatamente se achegaram e começaram a participar dela de forma ativa, já como meus pais orientadores.

Então meu tatá-avô Xangô da Terra tomou a palavra e falou-me:

– Meu amado neto, saiba que sua amada tatá-avó Iansã da Terra, ou das almas, ou do Balê, forma comigo um par ancestral nos campos da Lei Maior e da Justiça Divina, onde atuamos em uma faixa regida pelo divino pai maior Obaluaiê e pela divina mãe maior Nanã. Logo, nós poderemos ocupar um grau único que é o de Obaluaiê do Fogo e Nanã do Fogo, caso você forneça à sua amada vovó Iansã do Balê os fatores que ela ainda não adquiriu, e sua amada Estrela Dourada do Arco-íris forneça a mim os que me faltam, pois vocês dois passaram pela carne e nós não. Mas isso só será possível caso vocês consagrem esses três tipos de amor de uma só vez, porque daí em diante serão adotados como pares ideais nesses três tipos de amor, e quem estiver necessitando adquirir o fator que ainda lhe faltar, então tanto poderá adotar vocês como pai, irmão ou filho, sabe?

– Agora sei, amado tatá-avô Xangô da Terra. Por que só agora isso nos está sendo revelado?

– Antes você não havia alcançado o grau pleno de pai, que alcançou quando assumiu suas sete Ninfas-Mãe.

– Entendo, vovô tatá Xangô. Sem ter assumido minhas sete Ninfas-Mãe eu seria só um pai parcial.

– É isso, neto do meu coração! Saiba que, após você e sua amada Estrela Dourada consagrarem esses vossos amores aos pais e mães maiores, serão muito solicitados.

– Espero estar à altura das solicitações, vovô.

– Nós também esperamos que esteja, neto único.

– Neto único? Por quê, vovô?

– Bom, você é o primeiro Trono Humano da Geração que deu certo, ou seja, não se perdeu na carne, e em consequência continuou a ser um genuíno gerador do fator humano puro. Saiba que todos os Tronos Humanos da Geração que se humanizaram não deram certo e uns incorporaram ao fator humano, que geram naturalmente outras qualidades. E a maioria delas é cósmica, sabe?

– Não sei não, vovô.

– Eu explico: alguns incorporaram, ao fator humano que geram, qualidades de outros fatores. Logo, geram um fator humano misto ou não puro. E quem absorver deles o fator humano que lhes falta, automaticamente se ligará aos geradores cósmicos do fator que traz em si a qualidade absorvida por eles e internalizada como mais uma qualidade humana, ainda que negativa.

– Isso explica o desejo dos meus irmãos venenosos de possuírem à força o controle do meu mistério, não?

– É, eles desejavam induzi-lo a tornar misto seu fator humano. Se tivessem conseguido, agora você não poderia fazer o que tanto deseja e não estaria adquirindo naturalmente o direito de ser instruído por pais ancestrais.

– Então os novos Obaluaiês são, na verdade, ancestrais Omolus e Xangôs. Essa eu não sabia, tatá-vovô Xangô.

– Alguns são ancestrais Oxóssis, outros são ancestrais Oguns, etc.

– Mas como uma ancestral Iansã das Terra, que é irradiadora original do fator ar "puro", adquire o grau de Nanã?

– Bom, toda vez que o irradiador original de um fator adquirir ao mesmo tempo dois novos fatores que se combinam e formam um novo fator misto, ele adquire o direito de galgar um degrau único, que é o de irradiador de um fator misto. Água-terra, fogo-ar, mineral-fogo, água-cristal, cristal mineral, cristal-ar, cristal-fogo, que são fatores mistos que qualificam os ancestrais Oguns, Oxóssis, Xangôs, Iansãs, Iemanjás, Oxuns, etc., a atuarem horizontalmente na irradiação divina da evolução, que é sustentada por nosso amado pai maior Obaluaiê e nossa amada mãe maior Nanã Buruquê, que são, junto com Oxumaré, Logunan e Oxalá, os únicos Orixás atemporais.

– Como é que é?!!

– Ouça, neto curioso, existem Orixás ou Tronos Atemporais, que são estes que acabei de citar, sabe?

– Agora sei. Só que ainda não sei por que eles são Orixás atemporais. Eu já posso saber algo sobre os Tronos Atemporais, amado tatá-vovô Xangô?

– Claro, você já é um pai-novo e tem o direito de acessar mistérios fechadíssimos.

– Eu quero ouvi-lo um pouco mais, vovô amado!

– Ótimo! Eu também gosto de falar para quem quer ouvir e aprender. Saiba que existe uma classe de Tronos chamados de atemporais porque na origem eles são ungidos com dois ou mais fatores combinantes que formam um fator misto imprescindível à sustentação de uma irradiação vertical, que, se não for mista, não alcançará os objetivos que o divino Criador estabeleceu para ela.

Então temos Obaluaiê e Nanã Maiores como Tronos Atemporais, pois eles são desde suas origens portadores de fatores resultantes da união de fatores combinantes.

É comum classificá-la como água e ele como terra. Mas a verdade é que ambos são regidos pelo fator atemporal e são geradores e irradiadores de um terceiro fator misto que os distingue e qualifica: o fator evolutivo.

Nanã é ativa na água e passiva na terra. Já Obaluaiê é ativo na terra e passivo na água. E ambos se completam, pois no fator terra ele é a cabeça do par que formam, e ela é a cabeça no fator água. Logo, eles não dependem de mais ninguém para regerem a evolução. Mas formam pares com outros Tronos Divinos e absorvem passivamente os fatores puros irradiados por eles, criando com isso as irradiações inclinadas que por sua vez dão origem às irradiações horizontais.

– Puxa!!! Tudo isso é novo para mim, vovô!

– É claro que é. Esse é um conhecimento só dos pais. E você é, ainda, um pai-novo, certo?

– Sou, sim. Mas estou amadurecendo no saber oculto e exclusivo dos pais ancestrais.

– Esse seu amadurecimento por meio do sentido do conhecimento já o qualifica como meu filho, sabe?

– Verdade... pai amado?

– Claro, meu filho amado. Afinal, você pensa que nos passou despercebido, mas nós captamos quando você se comunicou com sua amada Estrela Dourada do Arco-íris, que é em si mesma um Trono Humano da Geração irradiadora da parte feminina do fator humano puro, e ambos consagraram ao mesmo tempo os três tipos de amor que os facultou a nos fornecer os fatores que nos faltavam, e dos quais nos ressentíamos. Obrigado, meus filhos amados e filhos do nosso coração divino!

– Não têm de nos agradecer, pais e mães amados. É dever primeiro de todo filho, o suprimento do que falta aos seus pais, pois antes já foram supridos por eles.

Eu agradeço aos meus amados pais por terem feito tanto por nós e facultado retribuir-lhes por meio do amor um pouco do muito que já fizeram por nós, também por amor.

Bem, o fato é que eles me revelaram muitas coisas que meu grau de pai facultava-me, e pouco tempo depois minha visão sobre o Mistério "Orixás" já era outra. Eu conseguia entender melhor a evolução natural e a necessidade da formação de pares. Também entendi o êxtase que certa vez eu vi meu pai Beira-mar e minha amada estrela vivenciarem: eles formaram um par porque ela o amou como filha e concedeu-lhe o fator água, do qual ele ainda se ressentia, habilitando-o a galgar um novo grau.

Também entendi minha amada senhora Guardiã do Tempo, que absorveu por meio do meu mistério tantos fatores que a habilitaram a conceder a parte feminina de todos eles a todos os pais ancestrais que desejaram formar par com ela.

Meu entendimento ampliou-se tanto que até acho que formei tantos pares, mas tantos mesmo, que até perdi a noção de quem já havia formado um comigo, ou não.

Entendi até o porquê daquelas infantes me olharem com um brilho especial quando eu as pegava nos braços para brincar com elas, que logo me diziam: "Papai, quando eu crescer vou ser igual à mamãe, sabe?". Bastava eu dar uma olhada mais profunda naqueles olhinhos para descobrir que diziam a verdade, pois conseguia vislumbrar no íntimo delas um Trono Energético em formação. Aí só restava concordar com meu pai Guardião Naruê e responder-lhes: "Claro, minha filhinha amada! Filhinhas de Tronos são troninhos!".

É, eu não tinha do que reclamar. Elas me renovariam continuamente e me eternizariam no tempo por meio de suas futuras filhinhas, netinhas, etc., e um dia, no futuro, quando ascenderiam às esferas extra-humanas assumindo graus celestiais, continuariam a enviar-me seus intermitentes pulsares de amor, amor e amor.

Sim, porque todo Cavaleiro do Arco-íris é um Trono do Amor!

# 5ª Parte

## O Cavaleiro do Arco-Íris — O Mistério Humano

Bem, o fato é que eu aprendi muito com meus pais mediadores e entendia muito bem o que de mim esperavam meus pais maiores. Então dediquei parte dos dias e das noites de minha vida ao meu Mistério da Geração de Energias e Renovação de Vidas.

Eu, como todo filho de Ogum, gostava de caminhar e, como todo Trono da Geração, sentia-me atraído pelo mar, o reino natural das Ninfas da Vida, muitas das quais não haviam formado par com os irradiadores originais do fator terra, e haviam alcançado o grau de sereias encantadas que, como eu já disse antes, me olhavam com redobrado interesse porque eu tanto podia formar par com elas e facultar-lhes os fatores que mais precisavam, como poderia renová-las e torná-las mães naturais.

Mas só de observar aquelas filhinhas da minha Ninfa da Vida e perceber que, mesmo inconscientes, elas me viam como um seguro futuro par que lhes facultaria a absorção do fator terra, uma certa dúvida me incomodava: será que um dia eu deixaria de ser um Beira-mar?

Pensando nisso, comecei a caminhar por aquela praia de areias brancas e quando me dei conta já havia me distanciado o suficiente para não ouvir a algazarra infantil daqueles milhares incontáveis de filhos e filhas das minhas sete Ninfas originais.

No silêncio, comecei a meditar sobre meus deveres, minhas atribuições e responsabilidades de pai. E quando encerrei minha meditação, também parei de caminhar e sentei-me na areia, contemplando aquele mar à minha frente, que não era material e não tinha fim, já que minha visão não alcançava sua outra margem.

Então murmurei:

– Que estranho que é este mar à minha frente! Ele se parece com o universo do plano material, que não tem fim, e se nos mostra infinito em todas as direções!

– É um mistério, sabe, irmão do meu coração! – exclamou uma voz meiga, doce mesmo, ao meu lado. Fato este que me despertou de minha abstração e me fez voltar os olhos para minha direita, onde vi a mais encantadora irmã do Arco-íris, que me contemplava com um sorriso nos lábios.

Suas irradiações luminosas e multicoloridas impressionaram-me tanto que me ajoelhei diante dela e a saudei com toda a reverência que merece um Trono Encantado da magnitude dela.

Ela, vendo-me proceder com reverência, também se ajoelhou e reverenciou-me.

Como nenhum de nós tomava a iniciativa de levantar-se primeiro, ela falou:

– Irmão do meu coração, a iniciativa é toda sua, sabe?

– Ainda não sei, irmã do meu coração.

– Você me é superior, irmão ancestral. Logo, a iniciativa é sua. A mim está reservado o grau de sua beneficiária em segundo grau.

– Fale-me sobre isso, irmã amada! – pedi, enquanto estendia minhas mãos para ajudá-la a levantar-se. Mas ela pediu-me para pôr-me de pé primeiro, para só então levantá-la.

Fiz como queria, e, quando se levantou, ela ficou tão próxima que sua multicolorida saia rendada, plasmada da mais pura energia, encostou em minhas pernas, diluindo minha alvíssima veste plasmada a partir das energias da dimensão humana.

Eu me senti nu e perguntei:

– Por que aconteceu isso, irmã do Arco-íris?

– Isso aconteceu porque suas vestes foram plasmadas a partir de uma energia de padrão vibratório mais denso. Logo, ela não resistiu às energias dessa minha veste cristalina, irmão amado.

– Entendo. Mas... você sabia que isso aconteceria, certo?

– Eu sabia. Mas não foi um caso pensado, sabe?

– Sei.

– Caso você esteja se sentindo incomodado, posso anular esse incômodo.

– Você pretende plasmar uma nova veste para mim?

– Prefiro recolher a minha, pois só assim repararei o incômodo que lhe causei – exclamou ela, não me dando tempo de dizer que eu poderia plasmar uma do mesmo padrão energético de sua veste. E no instante seguinte ela me perguntou:

– Sente-se melhor agora?

– Como? – perguntei, ainda atordoado com sua atitude.

– Eu perguntei se agora você se sente melhor.

– É... acho que... não... sabe... eu... nossa! Como você é linda, irmã do Arco-íris! Acho que não devia ter feito isso. É, não devia mesmo, sabe?

– Não sei, não... ou... agora sei. Puxa, como seu emocional reagiu à visão de meu corpo!

– É, reagiu sim, sabe?

– Eu estou vendo... e meu emocional está reagindo com a mesma rapidez.

– Estou vendo. E acho que um de nós dois tem de devolver nossos emocionais aos seus padrões vibratórios normais... ou...

– O que podemos fazer, irmão do Arco-íris?

– Formarmos um par natural em todos os sentidos.

– Só estou aguardando você fazer isso, porque eu já o tenho como meu par desde que você me iniciou como encantada do Arco-íris, sabe?

– Eu fiz isso?

– Fez, sim.

– Quando?

– Bom, foi há muito tempo, quando você, como Ogum Sete Estrelas, formava um par natural com minha amada mãe do Arco-íris, ela sim, beneficiária em primeiro grau do seu mistério. Só que você não se lembra disso.

– Não me lembro mesmo.

– Por que não me dá um abraço bem caloroso, tal como fazia sempre que me recebia em seu centro neutro, antes de iniciar sua humanização?

– Abraço caloroso, é?

– Bem caloroso! Afinal, eu sou água cristalina e seu calor natural me é muito agradável, quando o absorvo através de suas irradiações energéticas.

– Então o absorva à vontade, irmã do Arco-íris.

– À vontade, é?

– Foi o que eu disse.

– Gosto muito mais quando você o irradia junto com seus muitos fatores, sabe?

– Acho que sei.

– Então me abrace bem forte, pois a iniciativa é sua em todos os sentidos.

Eu a abracei forte e a inundei com minhas energias ígneas. Mas acho que exagerei na quantidade porque logo ela adormeceu, ainda nos meus braços. Fato este que me obrigou a acomodá-la em meu colo e vigiar seu sono profundo, que durou mais que o normal.

Ela ainda dormia quando vi sair do mar uma infinidade de encantadas do Arco-íris, só que ainda bem jovens. Elas se aproximaram, sentaram-se bem na nossa frente, sorriram-me e uma perguntou:

– Podemos ficar aqui até mamãe acordar?

– Claro. Afinal, já que estão aqui mesmo, acomodem-se, jovens irmãs do Arco-íris.

– Obrigado por nos conceder essa licença, amado irmão ancestral do Arco-íris.

– De onde saíram vocês, já que são tantas encantadas do Arco-íris que vejo de uma só vez?

– Nossa morada fica bem de frente para essa parte do seu centro neutro coletivo terra-água, irmão ancestral do Arco-íris.

– Vocês vivem em uma morada dentro do mar?

– Não é dentro do mar, irmão. Nossa morada está localizada na faixa aquática da dimensão mista terra-água, regida pelo nosso pai maior Obaluaiê e nossa mãe maior Nanã.

– Entendo. Ou penso que entendo. Logo, acho melhor você comentar isso para mim, jovem irmã do Arco-íris.

– Bom, nós somos encantadas do Arco-íris, regidas por nossa mãe maior Iemanjá Encantada do Arco-íris. Nossa morada cristalina localiza-se na parte aquática da dimensão mista terra-água, regida por nossos pais maiores Obaluaiê e Nanã.

– As Iemanjás do Arco-íris não vivem nos domínios de nossa mãe maior Iemanjá?

– Só as que já alcançaram o grau de mães naturais. Nós, as encantadas, vivemos na parte aquática dessa dimensão mista terra-água.

– Isso eu não sabia.

– É porque todo o seu antigo saber foi adormecido quando você iniciou sua humanização, irmão ancestral do Arco-íris.

– É, isso aconteceu comigo.

– Nós nunca o esquecemos, sabe?

– Não sei... ainda.

– Bom. Nossa amada mãe, que adormeceu em seus braços, quando foi iniciada pelo senhor, o Ogum Sete Estrelas, adquiriu o grau de mãe menor encantada do Arco-íris e pôde nos adotar, tornando-se nossa amada mãe natural. Nós nunca o esquecemos, sabe?

Eu me recordei das filhinhas da minha Ninfa da Vida dizendo-me que seriam iguais à mãe quando crescessem, e olhei para aquelas jovens encantadas do Arco-íris mais jovens, mas em tudo semelhantes à mãe delas. Então perguntei:

– Vocês, por acaso, alguma vez disseram ao desaparecido Ogum Sete Estrelas que seriam iguais à sua mãe quando crescessem?

– Dissemos, sim. Você já se recorda disso, irmão ancestral?

– Não. Mas lembro-me de ter ouvido isso há pouco das filhinhas naturais de minha Ninfa da Vida.

– Só falta você nos iniciar para ficarmos iguais a ela em todos os sentidos, irmão ancestral. Ou você acha que não estamos bem parecidas com ela?

– Estão, sim. Só lhes falta a veste das encantadas do Arco-íris para ficarem iguais a ela.

– Só cobriremos nossos corpos depois que você nos iniciar e nos qualificar como mães encantadas menores do Arco-íris, irmão ancestral.

– Eu tenho de iniciá-las como mães menores?

– Nós aguardamos seu retorno consciente porque já temos com você uma ligação ancestral, irmão amado.

– Não tem ninguém mais para iniciá-las?

– Nós o escolhemos e o aguardamos todo o tempo que durou seu retorno consciente, irmão Trono da Geração. Vai ser muito agradável descobrirmos qual é nosso mistério quando adormecermos em seus braços assim que formos iniciadas.

– Essa não!

– O que foi, amado e aguardado irmão?

– Por acaso posso iniciá-las coletivamente?

– Aí não descobriremos qual é nosso mistério original. Por isso, nós preferimos a iniciação individual.

– Essa não! Vocês são centenas! Nunca vou iniciar tantas!

– Nós não somos centenas, irmão iniciador.

– É claro que são. Sem contar, calculo que há umas três centenas de vocês!

– As que estão aqui são só uma parte, sabe?

– Ainda não sei, irmã encantada do Arco-íris. Explique-me isso, por favor.

– Bom, o desaparecido Ogum Sete Estrelas formava um par natural com nossa amada mãe média Iemanjá Encantada do Arco-íris. Assim, como ela formava um par em todos os sentidos com ele, todas as filhas, netas, bisnetas e tataranetas dela são beneficiárias diretas do seu Mistério da Geração de Energias e Renovação da Vida.

– Você disse que vivem em uma morada, não?

– Eu disse.

– É muito grande essa sua morada?

– Acho que é uma das maiores que conheço.

– E todas são beneficiárias do meu mistério. É isso?

– É isso sim, irmão.

– Com certeza algumas aguardaram meu retorno, não?

– Eu acho que foram todas, irmão ancestral do Arco-íris.

– Se você acha, eu tenho certeza.

– Isso o incomoda?

– Eu deveria sentir-me incomodado?

– Eu acho que não. Segundo mamãe, o desaparecido Ogum Sete Estrelas sentia-se honrado quando iniciava uma irmã no grau de mãe menor.

Eu a observei por um bom tempo e meu silêncio a deixou incomodada. Mas muito mais ela ficou quando eu murmurei isto para mim mesmo:

– Meu divino Criador, o que andei fazendo no passado? Que ligações indissolúveis andei estabelecendo?

Nesse momento, a mãe dela despertou e abraçou-me com tanto amor e gratidão que nem soube o que responder.

Só quando lhe indiquei suas filhas é que ela notou que não estávamos sozinhos. Então me soltou e abraçou quantas filhas pôde, transmitindo a elas sua felicidade pelo meu retorno consciente.

Quanto a mim, bem, algo me incomodava e mantive-me afastado daquela esfuziante irradiação de alegria por parte dela. E o mesmo ocorria com suas jovens filhas.

Vendo que algo não estava bem, ela se voltou para mim e perguntou:

– O que aconteceu por aqui enquanto eu estava adormecida?

– Acabei de descobrir que há uma morada onde vivem incontáveis encantadas do Arco-íris, e acho que todas estão à minha espera para serem iniciadas.

– Só mais uma morada, amado? São tantas!

– Tantas? O que é que o desaparecido Ogum Sete Estrelas andou assumindo que eu ainda desconheço?

– Ele era muito ativo, sabe?

– É, acho que era mesmo! Agora, como vou lidar com tantas iniciações individuais?

– Começando pela primeira. Depois iniciará a segunda, a terceira... e, quando menos esperar, terá iniciado todas as suas encantadas já aptas a assumirem o grau de mães menores. Afinal, você tem toda a eternidade pela frente e tempo é o que não lhe faltará... ou iniciativa, pois seu Mistério Iniciador é único, abrangente e inesgotável, porque gera em você todas as condições necessárias para iniciá-las em uma aura de amor, carinho, ternura e compreensão da necessidade delas, que só desejam ser ungidas com o grau de mães menores para melhor servirem à nossa mãe maior e mãe da vida, a divina Iemanjá. Ela espera que inicie as encantadas do Arco-íris assumidas por você quando era o amado Ogum do coração dela.

– Entendo – concordei meio confuso com o que havia descoberto ali, à beira-mar. Então abri os braços para a jovem encantada que conversara comigo e falei:

– Venha, irmã amada! Abrace-me com todo o seu amor e permita que eu a inunde com o que vibra em meu íntimo.

Duas vezes não precisei convidá-la, pois no mesmo instante ela se atirou em meus braços e me abraçou tão apertado e com tanto amor que só me restou retribuir e envolvê-la toda. Eu sentia seu pulsar forte e, ao meu tato energético, ela parecia próxima de uma explosão de alegria. Então sussurrei:

– Amada irmã do Arco-íris, relaxe um pouco seu abraço e acomode melhor seu corpo junto ao meu para que eu possa marcar seu peito com uma estrela que a distinguirá assim que iniciá-la.

– Você está me assumindo, irmão amado?

– Estou, ou melhor, já a assumi e lhe darei sustentação energética em seu grau de mãe menor encantada.

Eu fiquei impressionado quando ela levantou seu rosto de feições delicadas e muito feminino, e vi suas faces banhadas de lágrimas. Seus olhos pareciam duas fontes de tantas lágrimas que corriam deles.

– Por que você está vertendo tantas lágrimas silenciosas, irmã do meu coração?

– Eu não quero incomodá-lo com o som do meu pranto de alegria, meu senhor.

– Seu senhor? É na conta de um que você tem a mim agora?

– É, meu senhor. Sinto uma vontade imensa de exteriorizar esse meu pranto de alegria, sabe?

– Por que não o exterioriza?

– Eu não quero incomodá-lo. Afinal, sou só uma tola encantada do Arco-íris que finalmente será ungida com o grau de mãe menor pelo Trono da Geração que iniciou minha mãe, a mãe de minha mãe e a mãe da mãe da minha mãe, que é uma filha direta de minha mãe maior Iemanjá Encantada.

– Não retenha em seu íntimo seu pranto de alegria. Partilhe-o comigo, pois acho que estou começando a entender algo que a princípio me assustou. Mas agora se mostra como o crescimento de uma hierarquia que me tem na sua base, amada irmã do meu coração. Acho que essa hierarquia me tem na conta de iniciador de seu grau de mãe, já que sou um ancestral guardião dos Mistérios do Arco-íris.

E mais eu não falei, porque ela se agarrou ao meu corpo e um pranto convulsivo explodiu de seu íntimo. Ela estava com o rosto encostado em meu peito, e pude sentir suas lágrimas correrem pelo meu corpo.

Eu acariciava sua cabeça, à guisa de consolo, mas aquele pranto não cessava de jeito nenhum. Olhei para as irmãs dela e vi que elas também vertiam lágrimas, mas em silêncio. Voltei meus olhos para a mãe delas e ela, com os olhos, falou-me:

– Amado, este é o pranto da filha que está prestes a tornar-se mãe. Só você pode transformá-lo em suspiros de amor e sussurros de prazer e satisfação.

– Como, se ela não para de chorar?

– Você é o iniciador dela, amado.

– É minha primeira iniciação com essas encantadas do Arco-íris, sabe?

– Certas coisas só os iniciadores sabem como fazer, e podem fazer. Logo, não serei eu quem irá ensiná-lo a transformar um pranto de alegria em um canto de amor, prazer e vida, que é o canto encantador que toda encantada entoa quando sente que está sendo iniciada no seu grau de mãe menor.

– Entendo – murmurei, voltando a olhar para aquela inconsolável encantada em meus braços. E resolvi tomar a iniciativa de iniciá-la ali mesmo, à beira-mar, pois me lembrei de que certa vez ouvira uma irmã mais nova de Estrela do Arco-íris ter-me dito, após despertar:

– Obrigado por ter me iniciado, meu senhor!

Sim, disso eu me lembrei e vislumbrei minha Estrela Cristalina enviando-me um sorriso cândido e amoroso. Então levantei o rosto dela com delicadeza e beijei seus olhos lacrimejantes, para depois beijar suas faces molhados de lágrimas... e dar início à sua iniciação.

Quando marquei seu peito com minha estrela viva, ela emitiu um longo gemido, do qual me aproveitei e mergulhei em seu mistério de mãe, que pouco a pouco foi aflorando e emocionando-a de tal forma que ela explodiu em irradiações

multicoloridas tão intensas que me encantou em todos os sentidos. E ela completou seu encantamento sobre mim quando seus soluços transformaram-se em longos suspiros de amor e, com sussurros entrecortados, exteriorizou a imensa satisfação que sentia por estar sendo ungida com o grau de mãe.

Uma emoção muito grande possuiu-me e minhas irradiações transformaram-se na minha já conhecida névoa multicolorida que é a essência do divino Oxumaré. Ela nos cobriu da cabeça aos pés e só se recolheu ao meu corpo energético quando ela emitiu um longo e extasiante gemido, para em seguida adormecer em meus braços. Mas parte daquela névoa foi absorvida por ela e logo foi irradiada, cobrindo seu corpo com a veste característica que distingue as encantadas mães menores do Arco-íris divino.

Então, recolhi-a nos braços e, virando-me para a mãe dela, disse-lhe:

– Mãe média, eis sua filha que foi ungida pelo divino Oxumaré com o grau de mãe encantada menor do Arco-íris divino. Recolha-a à sua morada celestial, porque longo será o sono dela, e também porque meu Mistério Iniciador do grau de mães menores está ativado e só se recolherá quando a última de suas filhas, já maduras no tempo, tiver sido iniciada e ungida com o grau que mais almeja.

Ela ia dizer alguma coisa, mas os soluços de alegria a impediram. Mas eu vi seus olhos externarem uma gratidão imensurável.

O caso é que ali, à beira-mar, iniciando aquelas jovens encantadas do Arco-íris, permaneci por muito tempo, pois aquelas não eram as únicas já aptas a serem ungidas com o grau de mães menores.

Também pude aquilatar o quanto era poderoso meu Mistério Iniciador, pois em momento algum minha estrela deixou de vibrar intensamente ou de emanar aquela essência multicolorida, só irradiada pelos herdeiros naturais do divino Oxumaré, regente natural do grau Mãe Encantada.

Sim, o grau "Mãe Encantada" é regido e sustentado pelo divino Oxumaré, assim como o grau "Ninfa da Vida" é regido e sustentado pelo divino Ogum, e o grau de "Mãe Essencial" é regido e sustentado pelo divino Oxalá. Já o grau de "Mãe Elemental" é sustentado pelos Orixás naturais responsáveis pelas faixas vibratórias por onde fluem seus mistérios "pai".

Bom, o fato é que, quando a última encantada foi iniciada e recolhida à morada onde vivia, vi-me só à beira do mar e uma sensação de solidão começou a incomodar-me. Sacudi a cabeça para afastá-la, mas não teve jeito e pouco depois eu já me sentia o maior solitário do mundo. Então duas lágrimas, também solitárias, correram dos meus olhos e rolaram faces abaixo, enquanto eu contemplava o infinito e imensurável mar na minha frente.

Esperei durante um longo tempo pelo retorno daquela mãe média do Arco-íris. Mas, como ela não retornou, resolvi caminhar terra adentro para ver se dissipava minha solidão.

Eu estava tão desolado por aquela sensação de abandono à beira-mar que nem me lembrei de plasmar uma veste para cobrir meu corpo energético ou meus mistérios. Agora, refletindo sobre essa minha distração, não sei se foi porque eu

havia permanecido muito tempo nu, enquanto iniciava todas aquelas jovens irmãs encantadas, ou se alguma força superior estava atuando sobre mim sem que eu me apercebesse. Mas o que importa é que caminhei tanto terra adentro, e tão ausente de tudo à minha volta que, quando tudo começou a escurecer, murmurei:

– É, o sol já está se pondo. Devo ter perdido a noção de tempo. Mas tudo bem, caminhar à noite faz bem para os espíritos solitários abandonados à beira-mar.

Mas, à medida que fui caminhando, foi escurecendo ainda mais e olhei para o alto à procura da lua. E só então, não vendo o céu estrelado, ou mesmo a lua, é que me apercebi de que não era noite, e sim que eu estava em uma faixa vibratória negativa telúrica daquela dimensão mista terra-água. Então exclamei:

– Minha solidão e sensação de abandono me colocaram em sintonia vibratória com essa faixa vibratória negativa. É isso! Já que estou nela, vou caminhar até esgotar essa solidão.

Eu caminhei durante tanto tempo que meus olhos começaram a enxergar no meio daquela escuridão total, e comecei a ver vultos que fugiam apavorados com minha aproximação.

Pouco depois, estanquei de chofre com o que vi: todo um "degrau" completo, e com uma irmã cósmica deveras assustadora assentada em seu Trono Energético.

Pelo olhar dela percebi que não era bem visto por ali, ou que não era uma visita recomendável. Ela, olhando-me com raiva, ordenou:

– Afaste-se dos meus domínios ou ativarei meu mistério e os do meu degrau energético contra você, Mago da Luz!

– Minha senhora, eu não sou uma ameaça à senhora ou aos seus domínios. Só penetrei neles por acaso.

– O acaso não existe, Mago da Luz. Quem o enviou contra mim?

– Ninguém me enviou, ou melhor, acho que foi minha solidão que me conduziu até aqui, sabe?

– Não sei, não, Mago da Luz. Explique-se ou o fulminarei. Trate de ser convincente senão o reduzirei à sua semente original.

– A senhora pode fazer isso comigo?

– Você parece ser o mais tolo dos magos, pois desconhece o poder do meu mistério e do meu Degrau e Trono Energético.

– É, com certeza sou mais que um tolo. Sou um estúpido, isso sim é que sou. Vamos, ative seu Mistério, Trono Energético e Degrau cósmico. Fulmine o mais tolo dos magos. Vamos, fulmine-me que não reagirei!

– É claro que não reagirá! Explique-se antes de ser fulminado.

– Já me expliquei. Sou um estúpido e desejo ser fulminado.

– Estupidez não é uma razão. E sem uma razão não ativo meu mistério ou os do meu degrau.

– Então, fulmine-me por minha solidão.

– Solidão não é razão, Mago idiota.

– O que a solidão é, minha senhora?

– Solidão é só um efeito, nunca uma causa. E se não é causa, não é sustentada por uma razão.

– Eu tenho uma razão para estar solitário, minha senhora.

– Solidão é um sentimento em que o ser sente-se abandonado. Logo, é um sentimento negativo que denota a ausência de uma razão na vida de quem o vibra, Mago ignorante.

– A senhora tem certeza de que esse meu sentimento surgiu em meu íntimo justo pela ausência de uma razão?

– Você ousa duvidar do que eu digo, Mago descrente?

– Não, senhora. É só meu jeito de falar. Eu me humanizei demais e tenho uma certa dificuldade quando me expresso. Mas é só isso, sabe?

– Não sei, não, Mago dúbio. Explique-se!

– Bom, o caso é que vivo me metendo em encrenca por causa desse meu modo humano de falar. Meus pais não se conformam por eu não ser como era quando era o desaparecido Ogum Sete Estrelas. Mas alguns já me aceitam como sou, sabe?

– Você está enganado, Mago iludido. O Ogum Sete Estrelas perdeu-se para sempre quando se meteu com os humanos. Eu o adverti para que se mantivesse afastado dos seres espiritualizados. Mas ele não acreditou no que eu dizia sobre os humanos... e perdeu-se para sempre.

– É, ele desapareceu mesmo.

– Eu disse que ele se perdeu, Mago surdo.

– Por que a senhora diz que ele se perdeu se todos dizem que ele desapareceu?

– Todos os Tronos que se humanizam perdem-se naquela dimensão, onde nada de bom os aguarda.

– Também não é assim, minha senhora. Lá tem...

– Olhe-se, Mago! Eu vejo em você um ser que se perdeu na dimensão humana.

– Eu me perdi nela?

– Você não está se vendo?

– Eu não preciso me olhar. Já sei como sou.

– Então tem consciência de que é um ser caído no sétimo sentido.

– Essa não! Eu não tenho de ouvir isso, minha senhora. Não tenho mesmo, sabe? – exclamei irritado.

– Meu mistério identificou sua solidão como originada a partir do uso que você vem dando a esse seu sentido, sabe?

– Não sei, não. Fale-me sobre o uso que venho dando a ele.

– Você não usa o "por favor", quando solicita a um superior que o esclareça? Saiba que isso denota uma falta de respeito e mais um dos seus desvirtuamentos, pois começo a identificar muitos outros em você.

– Por favor, esclareça-me, minha senhora! – pedi respeitosamente.

– Vou esclarecê-lo, Mago. Advirto-o de que não o liberarei dos meus domínios até que o tenha reequilibrado e reeducado em todos os sentidos.

– Essa não! Se nem meus amados pais naturais conseguiram mudar esse meu modo humano de ser, não será a senhora que conseguirá.

– Você está duvidando de minha capacidade de reeducar espíritos desvirtuados, Mago?

– Eu não sou um desvirtuado!

– É claro que você é! Basta olhar para você para ver que seu desvirtuamento é a causa de sua queda na dimensão humana, e o tem conduzido no caminho torto desde que desencarnou.

– Eu...

– Conclua o que ia dizer, Mago torto.

– Não é nada de importante, minha senhora.

– Tudo é quando começamos a descobrir que trilhamos o caminho torto. Mas não se preocupe, porque vou recolocá-lo no caminho reto em pouco tempo!

– Como pretende fazer isso, minha senhora?

– A você não interessa o que farei para endireitá-lo.

– Tudo bem. Acho que a senhora sabe o que faz e o que tem de fazer por mim, certo?

– Sei sim, Mago. E tanto sei que, quando eu me der por satisfeita com sua reeducação e seu reequilíbrio emocional, você me agradecerá e daí em diante se lembrará de mim como um bem em sua vida.

– Eu quero me lembrar da senhora como um bem.

– Ótimo. Então assumo seu destino e sua reeducação de agora em diante.

– Obrigado por ser tão generosa comigo, minha senhora. Farei de tudo para não decepcioná-la. Isso farei, sabe?

– Assim espero, Mago. Seja obediente, fiel, leal e submisso às minhas ordens, vontades e desejos que não precisarei recorrer aos meus recursos mais drásticos para reeducá-lo e reequilibrá-lo emocionalmente.

– Obrigado, minha senhora. Sua generosidade me emociona e comove.

– Não se emocione mais, Mago emotivo. Você tem de aprender a lidar com essas fraquezas que degeneram o íntimo dos seres. Ou você assume uma vibração reta ou será um eterno escravo das emoções.

– É, acho que a senhora tem razão.

– Eu tenho certeza de que estou certa. Venha, aproxime-se do meu Trono para que eu dê uma boa examinada em seu emocional. Só identificando as causas dos seus desequilíbrios emocionais poderei anular seus desvirtuamentos e recolocá-lo no caminho reto. Mas aviso-o de que não costumo proceder com tanta generosidade com magos desequilibrados.

– Por que sou uma exceção, minha senhora?

– Você se comporta como eu gosto. Não discute minha autoridade e reconhece que precisa de minha ajuda, porque em seu íntimo tem dificuldade em

aceitar-se como é e sente-se frágil quando todos os julgam forte e poderoso e esperam que reaja como esperam e não como você tem reagido.

– A senhora está identificando tudo isso?

– Eu capto isso em seu íntimo, Mago sensível. E também estou captando o desejo de aprender comigo. Saiba que você é o primeiro Mago que me entendeu de forma reta, não temeu meu poder porque compreendeu minhas atribuições, e não se apavorou com meus atributos porque, ainda não sei como, os identificou como indispensáveis ao meu Mistério Cósmico.

– É, eu entendi tudo isso, minha senhora. Desculpe-me se não a saudei assim que a vi. Eu estava me sentido solitário e abandonado e nem me dei conta de que estava diante da poderosa senhora Iansã do Pó.

– Vejo que meu mistério já alcançou seu emocional e começou a desobstruir seu racional.

– Alcançou sim, minha senhora. Obrigado por ativar seu mistério em meu benefício. Eu estava muito solitário, sabe?

– Eu sei. Mas é porque você é muito emotivo. Saiba que um Mago da Luz não pode ser como você é senão nunca atuará de forma reta na vida dos seres que a Lei Maior colocar no caminho dele.

– Por que eu tenho dificuldade em aceitar as coisas como elas se apresentam?

– Você perdeu a noção da linha reta quando se humanizou, Mago. Agora tem dificuldade em aceitar as coisas, que são como são, ou só as interpreta como certas se aqueles que se pautam pela linha reta se pautaram pela sua linha humana de conduta.

– É, acho que é isso mesmo. Afinal, como eu poderia dar sustentação energética a tantas mães se tivesse de ampará-las segundo meu entendimento humano das uniões? Já pensou se eu tivesse de dar atenção a cada uma delas após iniciá-las no grau de mãe menor encantada do Arco-íris? Um comportamento humano não tem cabimento nesses casos. É, não tem mesmo!

– O que é que você disse que fez?

– Eu só iniciei umas irmãs mais novas no grau de mãe menor, sabe?

– Não sei não, Mago.

– Eu explico, minha senhora.

Quando relatei tudo o que me conduzira até ali, concluí: já pensou se eu tivesse de dar atenção a cada uma delas? Eu não teria condições de atender a todas as solicitações de atenção por parte delas, não é mesmo? Logo, a linha reta de procedimentos, nesse caso, é a mais apropriada. Obrigado por atuar em meu emocional e dotar-me do entendimento nesse sentido e nesse campo de atuação do meu mistério, minha senhora. Já a tenho como um imenso bem em minha vida, sabe?

– Sei, Mago – limitou-se ela a responder, para em seguida levantar-se de seu Trono Cósmico e descer os degraus dele, vindo parar na minha frente. Então se

ajoelhou, cruzou o solo diante dos meus pés e curvou-se até pousar sua testa no solo. Depois, já com a voz muito triste, quase soluçando, clamou:

– Perdoe-me, meu senhor.

– Eu não tenho por que perdoá-la, minha senhora!

– Eu preciso ser perdoada, meu senhor.

– Por Deus, o que está dizendo?

– Estou pedindo que me perdoe, meu senhor. Por favor!

– Mas...

– Eu o tratei com desrespeito, soberba e prepotência e não entendi que sua solidão era só um reflexo da minha própria solidão e sensação de abandono. Sentimento este que vibra em meu íntimo desde que meu amado senhor Ogum Sete Estrelas me deixou para humanizar seu Mistério da Geração de Energias e Renovação da Vida. Perdoe-me, senão voltarei meu mistério contra mim, meu senhor.

– Está bem. Ainda que eu não veja uma única razão para fazer isso, mas, se a fizer sentir-se melhor, então, em nome do divino Criador eu a perdoo, minha senhora.

– Obrigada por perdoar-me. Agora me puna por não tê-lo reconhecido como um meu superior.

– Eu não sou seu superior, minha senhora. Agora se levante senão eu vou-me embora, pois não gosto de submissões. Elas me incomodam, sabe.

– Meu senhor me virará as costas porque estou me portando de forma reta?

– Eu a vejo como minha superiora. Portanto, levante-se, senão eu vou embora.

– Conceda-me a licença de levantar-me na sua frente, meu senhor.

– Licença concedida, minha senhora Iansã do Pó.

Ela se levantou e vi seu rosto banhado de lágrimas de tristeza.

– Por que isso, minha senhora?

– Eu o desrespeitei, ofendi, menosprezei e humilhei, meu senhor. Tornei-me indigna diante do meu mais amado e respeitado senhor.

– Meu humanismo me diz que nada disso aconteceu, sabe? Eu acho que a senhora está se atormentando à toa.

– Agora que o estou olhando de frente, vejo que realmente é o herdeiro natural do desaparecido Ogum Sete Estrelas, o mais amado dos meus senhores, e o senhor que eu mais admirava e respeitava.

– Por que o distinguia tanto, minha senhora?

– Ele, sempre que solicitava meu mistério, inundava-me com irradiações de amor e renovava-me só com suas irradiações visuais.

– Então, ele a amava?

– Amava, sim. Mas eu nunca ousei corresponder porque lhe era inferior e indigna do amor que absorvia dele. E, quando ele adormeceu para a carne, eu fiquei solitária e abandonada porque já não tinha, o tempo todo diante dos meus olhos, o meu mais amado Ogum.

– Por que você nunca falou a ele do amor que sentia?

– Como eu poderia? Ele, nessa dimensão regida pelo nosso pai maior Obaluaiê, estava de frente para a água, e de costas para a terra. E só se voltava para mim quando tinha de solicitar meu mistério reequilibrador e reeducador, que eu ativava para recolocar na linha reta todas as iniciadas que se desvirtuavam, sabe?

– Ainda não sei. Mas, se você permitir que eu enxugue suas lágrimas e lhe dê um amoroso abraço de gratidão, então a ouvirei falar-me sobre isso. Você me permite isso, irmã do meu coração?

– Meu senhor me tem na conta de uma irmã do seu coração?

– E do meu amor, irmã amada. Estou sentindo uma vontade imensa de abraçá-la e de...

– E do que mais, meu senhor?

– Bem... de fazer aflorar a mais encantadora encantada do ar que meus olhos estão vendo por trás desta aparência sóbria, severa mesmo, sabe?

– Ainda não sei, meu senhor. Mas estou ansiosa por saber de tudo, mas tudo mesmo!

– De tudo?

– Foi o que disse, meu senhor e...

– E... o quê, irmã amada?

– Sou sua irmã amada, meu senhor?

– Amada e desejada, sabe?

– Acho que estou começando a saber, e um tremor inexplicável está possuindo-me.

– Ele é explicável, irmã amada. Meu Mistério Renovador ativou-se e começou a atuar através do seu sétimo sentido.

– Por que pelo sétimo sentido, meu senhor?

– É o sentido preferencial dos Tronos da Geração.

– Eu estou preparada, digo, amadurecida?

– Você está mais que madura, irmã. Não sei por que o desaparecido Ogum Sete Estrelas não fez aflorar a encantadora encantada que está se mostrando aos meus olhos desde que a vi de frente.

– Ele não podia fazer isso por mim, meu senhor.

– Por que não?

– Ele estava de costas para mim, e se fizesse isso, teria de voltar as costas para a água, deixando suas iniciadas do elemento água possuídas pela solidão e pela sensação de abandono. O procedimento reto implica muitos deveres e obrigações para com quem depende de nossos mistérios.

– Mas eu posso voltar-me para o lado que eu quiser ou estiver sendo solicitado porque me conduzo pelos procedimentos humanos. E ninguém se sente abandonado, sabe?

– Agora sei, meu senhor. Acho que terei de rever alguns de meus conceitos sobre a dimensão humana.

– Terá sim, irmã trêmula.

– É esse calor que seu mistério irradia que me deixa trêmula. Ele aquece o meu ar e desestabiliza meu segundo elemento, que é telúrico, sabe?

– Sei, sim.

– Seu mistério é muito poderoso, sabe?

– Sei.

– Será que resistirei quando ele começar a possuir meu mistério?

– Ele já o possuiu, irmã amada.

– Quando isso aconteceu?

– Assim que entrei em seus domínios. Mas só descobri há pouco, quando a mais linda, atraente, envolvente e encantadora encantada começou a mostrar-se aos meus olhos.

– Eu sou tudo isso aos seus olhos?

– Muito mais, sabe? Mas estou sendo comedido com as palavras para não emocioná-la demais.

– Eu já estou emocionada além dos meus limites, meu senhor.

– Nos meus limites sua emotividade só começou a latejar, mas acho que, quando você começar a possuir meu mistério, ela se transformará em um ciclone que exigirá do meu mistério um pouco mais do que tem sido exigido.

– Meu senhor está me concedendo a posse do seu mistério?

– Já concedi.

– Eu não sei nem como começar a posse de tão poderoso mistério. Acho que não vou conseguir possuí-lo todo.

– Não tenha pressa. Vá possuindo-o devagar e por partes que, quando menos perceber, já o terá possuído e o internalizado em seu sétimo sentido. Daí em diante eu a ajudarei na distribuição dele nos seus outros sentidos, porque seu mistério maior se ressente de alguns fatores. Mas assim que você der início à posse do meu mistério, aí será inundada por tantos fatores que tudo acontecerá naturalmente.

– Estou tremendo tanto! Não sei como começar!

– Olhe nos meus olhos que em um instante saberá de tudo.

Quando ela olhou, exclamou:

– Meu senhor, está me encantando!

– Estou?

– Está sim, meu senhor.

– Isso a incomoda?

– Nem um pouco. Principalmente porque... sinto que... possuir seu Mistério da Geração... não é muito difícil... não... mesmo...

– Acho que a chave da posse dele é o desejo, sabe?

– Não sei... ainda.

– É preciso vibrar um intenso desejo de possuí-lo.

– Mas eu estou vibrando esse desejo desde que o reconheci, meu senhor.

– Eu sei... e você já o internalizou todo. Ou não sente isso?

– Dê-me sustentação emocional, senão eu perderei os sentidos, pois a reação em meu sétimo sentido já começou e estou sentindo que fontes geradoras de energias começaram a se abrir nele. E são tantas! Que sensação agradável! Acho que vou...

O fato é que ela não perdeu os sentidos porque a sustentei emocionalmente. Mas quando todas as fontes energéticas se abriram em seu sétimo sentido, e começaram a gerar energias e a irradiá-las, bem, aí a sensação agradável, de prazer mesmo, lançou-a em todos os sentidos em um êxtase que até hoje chamo de "monumental", pois um ciclone avassalador começou a envolver meu Mistério da Geração e a extrair dele tantos fatores quanto ela podia absorver.

Se eu já sabia como eram as filhas da água, todas estrelas, aí eu descobri como eram realmente as filhas do ar quando mergulhavam no êxtase em todos os sentidos: uns ciclones!

Sim, com aquela encantadora encantada do ar e da terra, eu descobri como são as filhas do ar... e a amei, amei e amei. E tanto a amei que a possuí em todos os sentidos, mas em todos mesmo, sabem?

Acho que nossos mistérios e seres imortais se fundiram e nossas irradiações se misturaram de tal forma que, quem nos visse, e sempre tem alguém nos vendo, nos veria como se fôssemos duas partes de um mesmo ser. Eu só me lembro de que mergulhei junto com ela naquele êxtase energético estonteante, e só tive tempo de ativar meu mistério guardião porque senti que eu adormecia, com ela em meus braços e eu nos dela!

E isso realmente aconteceu, pois minha consciência se apagou e comecei a flutuar, ou sentia que flutuava. Eu me sentia no centro do universo, de onde eu via, em um plano côncavo, toda a criação do meu divino Criador. Para onde eu me virava, via universos e mais universos. Eu nem digo que minha visão era tridimensional, pois era mais que isso, sabem?

Eu tinha a sensação de estar acariciando planetas, correndo as mãos sobre vias lácteas, sobre constelações espiraladas, etc. E quando acordei, uma de minhas mãos estava pousada sobre o rosto dela, enquanto a outra apertava-a contra meu corpo. E o mesmo ela fazia comigo, pois estávamos tão unidos um ao outro que até nossos mistérios estavam fundidos em um só. E quando fiz menção de separar-nos, ela começou a balbuciar, como em um delírio, que não, que eu agora era dela, e muitas outras coisas mais que guardo para mim, pois são coisas muito íntimas, sabem?

Então me aquietei e a envolvi em um abraço bem apertado. E, pouco depois, vi seus olhos, semicerrados pelo sono profundo, derramarem lágrimas em uma torrente semelhante à que derramavam as encantadas do Arco-íris quando iam ser iniciadas.

Uma dúvida incomodou-me, pois eu não sabia como interpretar aquela torrente de lágrimas. Então me desliguei mentalmente de tudo e auscultei seu íntimo, para captar o que estava acontecendo com ela.

O que captei não revelarei, mas mesmo com ela mergulhada em um sono profundo, iniciei-a no grau de mãe encantada média. E durante a iniciação dela, toda uma dimensão trielemental se abriu à minha visão superior. Dentro da qual eu vi toda uma faixa vibratória que começou a ser ocupada simultaneamente pelos nossos mistérios. E quando toda ela foi ocupada, minha encantadora encantada do ar e da terra, e já da água, também parou de verter aquela torrente de lágrimas e, dormindo, sussurrou:

– Una seus lábios aos meus e me transporte para dentro do meu sonho vivo, meu amado e encantador iniciador no meu grau de mãe encantada média!

– Esse é o seu maior desejo, minha amada?

– Esse é meu sonho vivo, meu amado – respondeu-me ela, ainda dormindo, para a seguir dizer isto:

– Já meu maior desejo é ser chamada de esposa pelo meu adorado Ogum Sete Estrelas que se humanizou tanto que me iniciou no meu grau de mãe com sua forma humana.

– Em mim os desejos se realizam, minha adorada senhora Iansã média encantada e mãe trielemental.

– Então, una seus lábios aos meus e confirme minha condição de sua esposa diante do nosso divino Criador e eterno Senhor de nossas vidas.

– Eu confirmo diante d'Ele que a desejo como minha esposa e sustentarei essa união diante dos divinos Tronos do Ar, da Terra e da Água, que são os Tronos Regentes da dimensão onde toda uma faixa vibratória nos foi confiada.

– Eu também confirmo essa nossa união em todos os sentidos e o honrarei como meu esposo por toda a eternidade. Venha, una seus lábios aos meus e transporte-me para dentro do meu maior sonho através do meu maior desejo, meu amor!

Eu ainda me demorei um pouco para unir meus lábios aos dela, pois contemplei embevecido seu lindo rosto, encantador mesmo! Que feições únicas e indescritíveis eu via, e ainda vejo, nela!

Um desejo irresistível de tê-la só para mim, como minha esposa, possuiu-me e uni meus lábios aos dela em um beijo único e indescritível. E no mesmo instante fomos envolvidos pela névoa multicolorida do divino Oxumaré, que nos transportou até aquela dimensão como se viajássemos dentro de um Arco-íris divino. Quanto tempo durou aquele passeio por dentro de um Arco-íris, eu não sei. Mas que a amei da forma mais humana possível enquanto ele durou, isso eu fiz mesmo. E ela despertou logo no começo daquele passeio, e não dormiu mais. E nem eu, sabem?

Mas o fato é que, quando terminou aquele passeio encantado, ela sussurrou-me:

– Solidão nunca mais, meu amado senhor!

– E muito menos a horrível sensação de abandono, pois sempre que começar a senti-la novamente, sei onde tem alguém que nunca mais me abandonará, sabe?

– Agora eu sei! – exclamou ela, vibrando alegria, felicidade, satisfação e amor em todos os sentidos. E mais uma vez nos unimos em um beijo único, que

só foi interrompido porque começaram a chegar suas auxiliares diretas, antes assentadas nos degraus do seu Trono Regente anterior. Já desocupado por toda a sua hierarquia, que a acompanhou através do Arco-íris do divino Oxumaré.

Ela, ao ver-se cercada por filhas do seu coração, simplesmente explodiu em luz e cores, alegria e amor, e as envolveu com suas irradiações de mãe.

Eu também as envolvi com minhas irradiações e, desdobrando meu mistério maior da geração e renovação, iniciei-as no grau de mães menores trienergéticas. Quando tudo se concluiu e toda uma hierarquia vibrava no mesmo padrão magnético, o centro magnético daquela faixa vibratória abriu-se aos nosso olhos, mostrando-nos todo um Degrau trienergético.

Como são encantadores os Degraus trienergéticos!

Mas eu não pude contemplá-lo por muito tempo, porque mais uma vez abriu-se a coroa regente e foi-me ordenado que conduzisse aquela hierarquia completa ao seu novo Degrau trienergético.

Todas se assentaram em seus tronos graus para só então minha amada Guardiã Encantada do Ar, da Terra e da Água assentar-se e assumir de vez a regência de toda aquela faixa vibratória, que o divino Obaluaiê havia aberto para ela, uma mãe encantada trienergética.

Sim, quem abre novas faixas vibratórias e reinos da vida é o divino Obaluaiê, o regente dos níveis vibratórios e "Senhor das Passagens". E ele me ungiu com o grau de guardião daquela nova faixa trienergética, assim como assentou-me como Trono Iniciador de todas as minhas irmãs trienergéticas que para ali seriam atraídas naturalmente pelo seu Mistério da "Evolução". A mim coube a honra de iniciar no grau de "Mãe Trienergética" todas as irmãs que adentrassem naquela nova faixa vibratória.

O fato é que eu assumi meu novo grau e no instante seguinte aquela faixa vibratória começou a receber tantas irmãs já aptas ao grau de encantadas trienergéticas que fiquei impressionado pelo grande número delas, e exclamei:

– Essa não!

– O que foi, meu filho? – perguntou meu pai Guardião Naruê, que acabara de chegar.

– O senhor está vendo, não?

– Estou vendo o quê, meu filho amado?

– Elas, meu pai. Olhe só como me olham!

– O que há demais nisso? Você é o responsável pela iniciação delas, não?

– Sou. Mas, pelo brilho dos olhos delas, capto que todas desejam ser iniciadas por meio do meu modo humano de fazer as coisas, sabe?

– Sei, sim. Mas, quem manda você ficar desejando iniciá-las recorrendo ao seu modo humano de iniciações?

– Bom... eu...

– O que houve! Engasgou-se com as palavras?

– Não. Apenas não sei como lhe dizer, mas elas são encantadoras, sabe?

– É claro que sei. Todas são encantadas. Logo, também são encantadoras!

– Preciso tomar cuidado, senão qualquer dia desses acabo abrindo algum mistério que me reterá para sempre em uma dessas faixas vibratórias.

– Conheço algumas faixas que, se desejar iniciar suas irmãs com sua forma humana, nem daqui a um bilhão de anos você conseguirá sair delas.

– São tão extensas assim?

– O problema não é a extensão, pois todas as faixas são infinitas em si mesmas e expandem-se horizontalmente segundo suas próprias necessidades, sabe?

– Ainda não sei, meu pai. O senhor pode comentar esse mistério para mim?

– Claro. Afinal, você agora é guardião de uma e tem de conhecer o mistério que rege as faixas vibratórias.

– Tenho sim, meu pai Guardião Naruê.

– Saiba que uma faixa vibratória assemelha-se à terra, ou melhor, à sua superfície material. Só que lá ela é curva e forma a camada externa do planeta, em sua parte mais densa ou material, pois existe outra contraparte espiritual. E parecida em tudo.

– Sei. Mas por que é assim, meu pai?

– Tudo segue um padrão preestabelecido pelo divino Criador e tem sua contraparte.

– Entendo.

– Filho, vamos caminhar um pouco, porque nossa conversa será muito longa, e nós, os Oguns, conversamos mais à vontade enquanto caminhamos.

– Escolha o caminho que o seguirei, meu pai!

– Ótimo! Vamos seguir nessa direção e ver onde chegaremos.

– Sim, senhor.

Bom, nós seguimos naquela direção escolhida por ele, e pouco depois de nos afastarmos dos olhos curiosos daquelas encantadoras irmãs, todas candidatas ao grau de mães trienergéticas, ele me falou isto tudo:

– Filho, saiba que este planeta "Terra" já foi uma bola de fogo quase do tamanho do Sol que o ilumina e aquece externamente, sabe?

– Não sei, meu pai.

– Eu explico. Bilhões de anos atrás, o atual planeta Terra era uma gigantesca bola de fogo. Mas não era irradiante como o Sol, que é uma bola de fogo irradiante que projeta raios em todas as direções.

No universo material existem corpos celestes de várias cores, se vistos a distância, não?

– Existem sim, meu pai.

– Saiba que essas cores os distinguem uns dos outros em um universo onde tudo se assemelha.

– Por que isso, meu pai?

– Bom, onde um elemento predomina, a aura planetária assume a cor do elemento predominante.

– Quando eu vivia no plano material, ouvi dizer que a terra é azul.

– Mas é um azul específico, não?

– É, sim. Acho que se assemelha ao azul das vestes das mães Iemanjá.

– Que são água, certo?

– São, sim.

– Isso se deve ao fato de o "atual" planeta Terra ser formado em sua parte material por uns setenta por cento de água, e uns trinta por cento de "terra".

– Por que isso se já foi uma bola de fogo?

– Bom, o fogo não existia por si só. Não mesmo!

Saiba que o fogo alimentava-se do concentrado energético surgido após o estabelecimento de um "ponto" magnético celestial que Deus criou aqui para absorver essências.

Esse ponto magnético absorveu essências em tão grande quantidade que formou um concentrado energético fantástico... que logo incandesceu e começou a arder em chamas.

Essas chamas ou fogo celestial começou a consumir o excesso de energias acumuladas e foi criando as condições ideais para o surgimento dos elementos.

O elemento ígneo é uma resultante do fogo celestial e está ativo no magna, onde ainda são formados esses elementos. Ou não são eles que afloram com as larvas dos vulcões?

– São sim, meu pai. As pedras preciosas, os minérios e a "terra", ainda incandescente, surgem a partir da erupção dos vulcões.

– Bom, o fato é que quem visse o planeta Terra há exatos treze bilhões de anos, veria-o como uma bola de fogo.

– Treze bilhões de anos?

– Foi o que eu disse, meu filho. Anos de trezentos e sessenta e cinco dias, atuais, certo?

– Sim, senhor.

– Saiba que esse fogo foi consumindo parte do composto energético surgido após a absorção de essências pelo ponto magnético aqui criado por Deus, e com o passar do tempo a crosta foi adquirindo uma certa consistência porque algumas essências, quando incandescidas, unem-se a outras e formam os elementos que citei: os minerais, os cristais e a terra.

Mas também cria reações químicas que fazem surgir outros elementos, tais como ar, água e muitos outros que não são preponderantes no planeta Terra, mas estão aí em ínfimas quantidades. O elemento químico "Irídio" é um desses elementos resultantes, sabe?

– Não sei, meu pai.

– Saiba que, se o "Irídio" tivesse predominado, hoje o planeta Terra não seria como é, e sim se pareceria com o planeta "Vênus". Lá ele é um dos elementos predominantes e está tanto na forma concentrada quanto na forma gasosa. Por isso, lá, a vida "humana" não sobrevive.

O Irídio, se absorvido em grande quantidade por uma pessoa, simplesmente esfacela o núcleo celular que é o fundamento da vida no plano material.

Mas, se assim ele é, é porque ele atende a uma vontade do divino Criador, certo?

– Sim, senhor. Cada coisa tem sua razão de ser como é. Não?

– Isso mesmo. Nada é como é, só por acaso. Não mesmo. Saiba que o Irídio é o segundo elemento do divino Oxumaré. E, em nível de Mistério Guardião, ele é o guardião do planeta Vênus.

– Essa não, meu pai! Arranjei uma encrenca das grandes!

– O que foi?

– Por acaso a palavra "iridescente" tem algo a ver com Irídio, Arco-íris, Oxumaré e o planeta Vênus?

– Tem tudo a ver.

– Onde acontece o entrecruzamento delas, pai Guardião Naruê?

– Bom, você viveu no plano material e ouvia associarem Vênus a uma deusa, ao amor e à sexualidade, não?

– Ouvi isso.

– Saiba que o "fator" predominante do planeta Vênus atua sobre a sexualidade humana, ainda que só uma vibração muito tênue dele alcance o planeta Terra. Logo, a associação do planeta Vênus com a sexualidade humana, feita pelos horoscopistas, é correta. Ainda que nem eles saibam porque Vênus atua assim na vida das pessoas regidas pelo signo que o têm como planeta regente.

Então, tudo se entrecruza na sexualidade, pois o planeta Vênus rege sobre a sexualidade por causa do fator que ele gera em si mesmo e irradia em todas as direções. Uma parte do que chega ao planeta Terra é absorvido pelo vórtice magnético regido por Oxumaré e Iemanjá, que depois o irradiam a todos os seres, criaturas e espécies distribuídos em todas as dimensões planetárias.

– Entendo, meu pai.

– Bom, saiba que a iridicência da pedra fundamental de Oxumaré, que é a Opala, deve-se ao "fator Vênus".

Nós o chamamos de "fator Vênus" porque a essência irradiada pelo divino Oxumaré desagrega os sentimentos negativos arraigados no íntimo de um ser que o impedem de renová-los, arejando seu íntimo, renovando a si mesmo, às suas expectativas de vida, às suas concepções das coisas divinas, etc.

Mas o fator Oxumaré também desagrega as "petrificações" que ocorrem em todos os sentidos de um ser. Quem está paralisado racionalmente, a essência Oxumaré o despetrifica e altera seus conceitos arraigados em sua consciência como os únicos recomendáveis, dotando-o de uma "maleabilidade".

Em outros sentidos, o efeito é o mesmo e as renovações acontecem em todos, possibilitando a todos a renovação de suas vidas.

Então, como eu já disse, o fogo celestial que consumiu o amálgama essencial aqui absorvido pelo ponto magnético criado por Deus gerou muitos elementos. E o Irídio é a materialização de um desses elementos. Mas no planeta Vênus o elemento Irídio é um dos preponderantes, já que Vênus é o planeta que gera o "fator iridescente" nessa parte do universo, compreendida pelo "sistema solar".

Como o "fator iridescente" atua intensamente na sexualidade, e porque sua parte feminina é irradiada pelo Trono Energético Aquático Oxum, então as associações estão corretas na astrologia, que aponta Vênus como o planeta que influencia as coisas do "amor".

– Entendi, meu pai Guardião Naruê.

– Então já não está encrencado, não é mesmo?

– Não sei não, mas acho que a encrenca que identifiquei é maior ainda, sabe?

– Ainda não sei. Comente-a!

– Bom, eu andei me ligando a umas irmãs iridescentes que disseram que eram de outro orbe planetário.

– E daí?

– Daí é que estou encrencado, ora!

– Por quê?

– Bom, elas não adormecem fácil, sabe?

– Ainda não sei, mas estou curioso! – exclamou meu pai Ogum de Lei, que surgiu justo naquele momento, e acompanhado de vários outros pais Oguns, todos curiosos em saber por que minhas irmãs "iridescentes" originárias de outro orbe planetário não adormeciam fácil quando possuídas pelo meu Mistério da Geração e da Renovação de Energias. Então exclamei:

– Essa não! Todos os senhores estavam ouvindo nossa conversa particular?!!

– É – respondeu meu pai Ogum de Lei. – Sempre tem alguém ouvindo o que dizemos. E, como não sabíamos que era uma conversa particular, chegamos mais perto para descobrirmos por que suas irmãs iridescentes não dormem, ou melhor, demoram para adormecer, certo?

– Bom, agora já é uma conversa aberta, não?

– Você não quer abrir esse assunto para nós?

– Meu amado pai Ogum de Lei, quem sou eu para decidir sobre esse assunto? Afinal, o senhor é o guardião da Lei que resguarda os mistérios!

– Isso é certo. Mas você, que é um Trono da Geração e da Renovação, pode decidir se mantém esse assunto aberto ou fechado, sabe?

– Ainda não sei, meu pai.

– Eu explico. Saiba que os assuntos dentro de seu campo de ação e atuação só você pode abri-los ou mantê-los fechado. Ninguém mais pode abri-los. Nem as irmãs que formam pares com você.

– Entendo. Essa curiosidade tem uma razão que a justifique aos olhos do senhor Ogum de Lei?

– Tem sim, meu filho. Não foram poucos os velhos Oguns que perderam suas inigualáveis potências quando formaram par energético com essas nossas estranhas irmãs iridescentes, sabe?

– Agora sei, meu pai! Então muitos dos velhos e apáticos Oguns só ficaram nessa condição porque formaram par energético com elas?

– Foi o que eu disse. Elas têm uma capacidade de geração de energias impressionante, e mesmo um velho Ogum, já com uma potência plenamente desenvolvida, é suplantado pela capacidade delas de absorver as energias que ele gera e irradia para elas. E daí em diante elas o esgotam, sabe.

– Entendo. Coitados dos velhos Oguns, não?

– Ponha coitado nisso, meu filho. Você nem imagina o que tem de velho Ogum paralisado porque formou par energético com uma irmã iridescente!

– Por que estão paralisados, meu pai?

– Bom, mesmo sendo potentíssimos geradores de energias com o fator Ogum, que é um fator ordenador, eles não conseguem suplantar a capacidade delas em absorver energias, ou mesmo de ordenarem essa impressionante capacidade absorvedora delas.

– Entendo.

– Isso justifica nossa curiosidade em saber como você consegue adormecê-las, ainda que demore um pouco mais que demora com suas outras irmãs?

– Justifica, sim.

– Então comente isso para nós, filho descobridor do ponto fraco daquelas poderosas irmãs iridescentes.

– Bom, são meio delicados esses assuntos pessoais, sabe?

– Sei, sim. Mas os velhos Oguns ficarão agradecidos, caso você ensine a eles como ordenar a imensurável capacidade delas de absorverem todo o fator Ogum que eles geram.

– Bom, elas solicitaram formar par comigo e aceitei porque eu fiquei encantado com a cor do revestimento do corpo energético delas.

– Só por causa da cor delas é que você formou par com elas?

– Não, é claro que não. Foi minha mãe maior Iemanjá que me abriu este mistério e ordenou-me que o possuísse e formasse par energético com quantas dessas irmãs iridescentes eu pudesse, quisesse ou desejasse.

– Com quantas você formou par?

– Não dá para quantificar, sabe?

– Essa não! E você ainda está de pé! Explique isso para nós, certo?

– Eu explico, meu pai. O caso começou assim: já que eu ia possuir aquele mistério iridescente, como sempre, desejei possuí-lo através de minha forma e modo humano, certo?

– Essa é sua regra, não é mesmo?

– O senhor observou isso com um segundo sentido?

– Não. Você bem sabe que Ogum não tem um segundo sentido no que diz. Foi só uma observação em acordo com seu modo humano de se expressar.

– Aí está a chave do sono delas, meu pai Ogum de Lei!

– Onde, que não a identifico?

– Ela está na minha forma e modo humano de possuir os mistérios de minhas irmãs iridescentes.

– Seja específico, meu filho! – exclamou meu pai Guardião Megê, já meio impaciente com tanta demora em saber o que eu havia descoberto. Então eu expliquei.

– Bom, o fato é que, para possuir o mistério iridescente através de minha forma e modo humano, tenho de dar-lhes sustentação energética, senão elas não resistem à minha posse dos seus mistérios por causa dessa minha potência geradora de energias e vigorosa irradiação, sabe?

– Sei. Continue!

– Bom, eu estava possuindo o mistério daquela irmã Trono Iridescente e nossos corpos estavam tão próximos que não resisti ao desejo de beijar aqueles lábios coloridos, sabe?

– Sei. É essa sua curiosidade humana de tocar tudo o que o atrai.

– Pois é isso, meu pai Guardião Megê: eu estava possuindo o mistério daquela encantadora irmã iridescente, e doando-lhe energias e mais energias, e nada dela me solicitar que a amparasse enquanto as absorvia. Então me veio aquele desejo de sentir como era beijar um lábio iridescente e, quando fiz isso, ela simplesmente se agarrou ao meu corpo e começou a irradiar tão intensamente que parecia uma fonte geradora de energias multicoloridas, semelhantes à essência do divino Oxumaré. Só que a essência dele nós a vemos como uma névoa, e as energias delas são como que líquidas, e correm em abundância. Mas acho que é porque elas as irradiam por meio do sétimo sentido, já que eu estava possuindo o mistério delas através dele, sabe?

– Sabemos. Continue, meu filho! – pediu meu pai Ogum Sete Coroas, um ancestral Ogum, já muito velho.

– Bom, o que posso dizer além disso é que, assim que ela começou a irradiar aquelas energias "líquidas", meu mistério parou de possuir o mistério dela e começou a absorver toda a energia que ela me enviava.

– Sim, mas e daí? O que aconteceu com você quando absorveu as energias dela?

– Bom, a princípio eu não entendi direito. Mas, após uns dois ou três beijos, descobri que aquelas energias simplesmente triplicavam a potência geradora do meu mistério, e o tornava ainda mais vigoroso e potente.

– Essa não! – exclamou meu pai Ogum Sete Coroas. – Então o segredo está em um beijo naqueles lábios iridescentes!

– Um beijo bem humano, meu pai! E aí, a partir da reação delas, que mergulham em um êxtase gerador e irradiador de energias, é só ordenar o polo negativo delas para que as trocas energéticas não gerem um desequilíbrio vibratório ou magnético. Afinal, só doar ou só absorver energias não traz benefício aos membros de um par energético.

– Muito boa essa sua descoberta, meu filho. – sentenciou meu pai Guardião Naruê, que ainda disse:

– Os velhos Oguns agradecem, porque de agora em diante se desparalisarão e recuperarão a capacidade de movimento, imprescindível a um Ogum, seja ele velho ou novo.

– Bom, melhor assim, meu pai Guardião Naruê. Quem sabe agora eles, que são calados, rigorosos e arredios, revelem-me alguns segredos que ajude minhas movimentações.

– Filho, – falou pai Ogum de Lei – Ogum não tem segredos.

– Não?

– Não mesmo. Ogum tem assuntos. Segredos quem os tem é Pombagira. Já Exu tem interesses, Oxum tem atrações, Oxóssi tem conclusões, Xangô tem razões, Oxumaré tem meios, Obaluaiê tem conceitos, Logunan tem preceitos e Oxalá tem princípios. Caso você deseje saber algo dentro do campo desses Orixás, guie-se de forma reta e aborde corretamente seus interlocutores.

– Sim, senhor, meu pai Ogum de Lei. Mas faltaram alguns campos regidos por outros Orixás.

– O tempo revelará a você como abordá-los e esclarecer-se.

– O tempo, é?

– Foi o que eu disse: o Tempo!

– Meditarei sobre isso, pai amado.

– Bem, então vou deixá-lo com seu pai Guardião Naruê para que ele continue a instruí-lo. Com a licença de todos, pois preciso meditar e encontrar um jeito de dizer aos velhos Oguns de Lei como devem proceder com suas ancestrais irmãs iridescentes, caso queiram recuperar suas mobilidades de antes, sabem?

O fato é que no instante seguinte eu novamente estava a sós com meu pai Guardião Naruê, mas ele também solicitou minha concordância para deixar para outra hora a explicação sobre o mistério das faixas vibratórias, e foi refletir em como transmitir aquilo aos rigorosos e rígidos velhos Oguns do Ferro.

Assim que ele se foi, olhei à minha volta e vi umas pedras à beira de um lago. Dirigi-me até elas e sentei-me, ficando a contemplar o lugar, divinamente lindo e encantador.

Eu estava tão distraído naquela contemplação da natureza que nem notei a chegada de um dos meus pais ancestrais e, quando voltei meus olhos para o lado, deparei-me com meu amado pai Xangô das Sete Pedreiras, que me olhava com o semblante muito fechado. Eu o saudei com respeito e reverência, para só então perguntar-lhe:

– Amado pai Xangô Sete Pedreiras, devo preocupar-me com essa visita inesperada?

– Deve sim, meu filho. Como é que você vai comentando seus mistérios de forma tão aberta?

– Eu cometi algum erro, meu pai?

– A Lei deveria indicar isso. Mas seus pais Oguns ficaram tão interessados com a possibilidade de desparalisarem os velhos Oguns naturais que nem atentaram para o fato de que um Trono da Geração não tem assuntos, e sim mistérios.

Logo, tudo o que você falar, estará revelando mistérios fechados, só da alçada das mães e pais maiores. Mais da alçada das mães, sabe?

– Sei sim, meu pai.

– Se sabe, então por que revelou de forma aberta um mistério do seu Mistério da Geração?

– Bom, eu recebi, diretamente de minha mãe maior Iemanjá, ordem para abrir esse mistério. E quando vi o rumo que tomou o comentário do meu pai Guardião Naruê, aí aproveitei a oportunidade, sabe?

– Agora sei... e solicito desculpas, assim como peço que anule minha observação acerca da curiosidade e do desejo dos seus pais Oguns.

– Está tudo bem, papai. Até achei oportuna sua observação sobre meus comentários ou sobre o fato de um Trono da Geração ter mistérios. O senhor pode comentar isso para mim?

– Claro. Foi para isso que eu vim até você.

– Sou seu ouvinte, meu amado pai Xangô Sete Pedreiras.

– Bom, algum tempo atrás você formou um par energético com uma de minhas filhas naturais, e acabou revelando a ela que você havia descoberto que, se beijasse suas irmãs, elas absorveriam um intenso fluxo do seu fator humano.

– É isso mesmo, papai. O beijo transmite o "sopro da vida", e durante um, os seres trocam seus fatores originais, sabe?

– Sei... porque a ouvi revelar isso às curiosas irmãs dela, que se tornaram umas "beijoqueiras" interesseiras, sabe?

– Só agora estou sabendo, meu pai.

– Imagine se elas começarem a absorver fatores a torto e a direito! Como não vão começar a reagir ou se comportar daqui a algum tempo?

– Elas estão perdendo tempo, papai.

– Estão?

– Sim, senhor. Essa troca de fatores só acontece se houver antes o amor entre os que se beijam, e só durante as trocas de energias através do sétimo sentido. Logo, só acontecerá absorção de fatores caso antes já tenham afinidades também no campo do amor. E se há, então as mães maiores desejam que todos os seus filhos e filhas saibam que, durante o beijo, o sopro vital é saturado de fator original dos que se beijam.

– As mães maiores desejam isso, é?

– Desejam sim, meu pai. Foram elas que sugeriram que eu abrisse esse mistério do meu mistério maior, tanto às suas filhas do fogo quanto aos seus filhos do ar, pois a maior dificuldade deles é um absorver o fator original do outro, já que, nas trocas energéticas realizadas através do sétimo sentido, só conseguem trocar elementos, nunca fatores. E a consequência é que as uniões naturais não são sólidas ou estáveis, sabe?

– Sei, sim. Essa é uma das nossas maiores dificuldades, pois os pares naturais fogo-ar e ar-fogo são os mais instáveis em todo o universo natural.

– No universo humano acontece a mesma coisa, meu pai. Logo, qualquer dia desses eu abro aos meus irmãos e irmãs espíritos o mistério do "beijo matrimonial".

– É uma atribuição sua solidificar as uniões e estabilizar os pares naturais, não?

– É sim, meu pai. Amplo é o campo de ação de um Trono da Geração e da Renovação. E muitas são minhas atribuições nesse vasto campo. Mas não se preocupe, pois solicitei aos pais e às mães maiores que sempre me orientem sobre o que posso abrir ou não.

Saiba que, se revelei aos meus pais Ogum, é porque ou agora os velhos Oguns recuperam suas mobilidades de antes ou logo os cordões energéticos que os unem àquelas irmãs iridescentes serão rompidos e eles nunca mais formarão pares com outras irmãs porque a ponta dos cordões ficarão soltas no Tempo.

– Quem fará isso?

– A Lei Maior, meu pai.

– Essa não! Agora eles estão encrencados mesmo!

– Se estão! Ou ordenam o mistério da sexualidade daquelas irmãs iridescentes com as quais formam pares, ou perderão toda a potência ordenadora que herdaram do divino pai maior Ogum.

– Isso se aplica aos velhos Xangôs naturais que ficaram paralisados depois que formaram pares com suas irmãs naturais do ar?

– Aplica-se sim, meu pai. E também às suas filhas do fogo.

– Que encrenca!

– Ponha encrenca nisso, meu pai. Mas um longo beijo entre os membros dos pares que se amam acaba com todas as encrencas, sabe?

– Agora sei, meu filho. Eu devia ter atinado com a razão das mães maiores observarem você o tempo todo.

– Até quando me recolho ao meu centro neutro mais íntimo?

– Eu não desejo responder a essa pergunta, meu filho.

– Tudo bem, papai.

– Meu filho, quando é que vai usar de seus deveres como Trono?

– Eu estou falhando com meus deveres?

– Está, sim.

– Em que campo, meu pai?

– No campo das comunicações. Afinal, é seu dever e direito como Trono da Geração exigir uma justificação de minha parte para aceitar ou não que eu não responda à sua pergunta.

– Eu sei que se o senhor respondê-la ficará encrencado. Logo, eu não preciso de uma justificativa sua. O senhor sabe que o amo muito e o tenho na conta de um conselheiro muito especial, no qual deposito toda minha confiança e até o destino de minha vida.

– Eu agradeço essa sua confiança cega em mim e sinto-me honrado por merecê-la. Mas você está se privando de aprender mais um pouco e de ficar

sabendo de algumas coisas que só nós, seus pais ancestrais amadurecidos no tempo e na vida, já aprendemos como lições inesquecíveis, sabe?

– Não sei não, meu amado pai Xangô Sete Pedreiras.

– Meu filho, você sabe que se solicitei permissão para não responder à sua pergunta é porque eu ia me meter em encrencas, se é que já não me meti. Mas você sabe por que ou que encrenca é essa?

– Entendi. Caso o senhor justifique porque não deseja responder à minha pergunta, com certeza vou aprender algo que servirá para mim em um futuro próximo e evitará que eu me encrenque. É isso, papai?

– É sim, meu filho. A você compete ouvir minha justificativa e aceitá-la ou não. Caso a aceite, terá aprendido algo que servirá para você justificar-se caso se meta em uma encrenca parecida com a que me meti. E caso não aceite, poderá exigir outra ou que eu responda de forma racional à sua pergunta, pois se Ogum só responde de forma reta, Xangô só responde de forma racional. Entende isso?

– Entendo, meu pai. Por favor, justifique o seu desejo de não responder à minha indagação.

– Bom, se nem os pais maiores preocupam-se com o que as mães maiores fazem ou deixam de fazer, porque eu, um pai intermediário, teria de preocupar-me ou atinar com os objetivos delas? Logo, solicito permissão para não responder a esta sua pergunta, senhor Trono da Geração e da Renovação.

– Justificativa aceita, senhor Xangô das Sete Pedreiras. Eu entendo que o senhor tem vigiado todos os aspectos de minha vida porque me ama como só um verdadeiro pai é capaz de amar seus filhos, e só desejava livrar-me de encrencas quando percebeu a observação contínua das mães maiores sobre meu comportamento, tanto o externo quanto o interno. Eu tenho certeza que elas aprovam esta sua preocupação comigo e aprovam sua revelação de que eu sou vigiado por elas, mesmo quando recolho-me ao meu centro neutro mais íntimo.

– Você tem uma razão para justificar sua fala, onde diz que elas aprovam esta minha comunicação a você?

– Tenho sim senhor.

– Comente-a, Trono da Geração e da renovação.

– Bom, eu poderia relaxar meu grau de Trono ou de Guardião de Mistérios e acabaria abrindo de forma inconsciente algum dos meus mistérios. Eu acredito que esta é a razão do senhor ter vindo até aqui para inquirir-me sobre a abertura do mistério "beijo".

– Razão aprovada e aceita, Trono da Geração e da Renovação. Retire sua pergunta e anote como um alerta de Xangô o fato de eu ter observado de forma inconsciente que as mães maiores o observam o tempo todo e vigiam seu comportamento durante todo o tempo de sua vida.

– Eu agradeço Xangô pelo alerta dado a mim e o anotei como positivo e pleno de razões que o justificam. Afinal, se sou um Trono, tenho meu campo de ação. Mas se também sou regido pelo Mistério Guardião tenho, como uma de minhas atribuições, velar pelos mistérios, inclusive os meus.

– Xangô anotou sua aceitação do alerta e de agora em diante sempre o alertará caso perceba que sua pouca vivência como Trono o esteja induzindo a abrir mistérios que devem permanecer fechados, mas exige que os que tiver, por sua atribuição, de abrir, que comunique antes a Xangô que irá abri-lo e qual pai ou mãe maior autorizou-o ou ordenou-lhe. Entendido?

– Sim, senhor.

– Ótimo! Agora voltamos a falar como pai e filho, e como mestre e discípulo das razões da justiça e da vida.

– Obrigado por instruir-me, papai.

– Saiba que um pai seu ou mãe, ou mesmo um irmão seu ou irmã natural jamais se sentirá ofendido ou desrespeitado, caso você solicite uma justificativa deles para não responderem a uma pergunta sua. Na própria justificativa sempre estará implícita a resposta à sua pergunta, meu filho pouco observador dos procedimentos e dos comportamentos.

– Eu já melhorei muito, sabe?

– Melhorar muito não é o suficiente, meu filho. Tens de atentar para o fato de que é o senhor natural de todo um nível vibratório, que tem a exata extensão do seu poder mental e sua capacidade individual como irradiador natural de mistérios, e isso exige de você mais que uma melhora em algum sentido. Saiba que todos esperam um acelerado aperfeiçoamento seu em todos os sentidos, pois, enquanto Mago, até pode ter seus negócios, mas como Trono tem mistérios a serem preservados.

– Exu humanizado falou em negócios. O que essa palavra significa no sentido que ele aplicou, meu pai?

– Negócios não são trocas de algo por algo?

– São, sim.

– Para Exu humanizado os magos realizam trocas. Eles, você incluso, têm de dar ou receber algo caso recebam ou deem algo em troca. Logo, ele estabeleceu uma faixa de interesses no seu negócio de "trocas" estabelecido no campo de atuação preferencial dele.

– Entendo.

– Saiba que para Exu são negócios, já para os outros Tronos são relações. Portanto, você, enquanto Mago, estabelece relações com os Tronos.

– Por que isso é assim, meu pai?

– Bom, você tanto pode abrir um negócio como fechá-lo no campo de Exu humanizado, e tanto pode estabelecer como romper suas relações com os Tronos naturais. Mas isso só quando atuar como Mago, pois, quando atuar como Trono, perde o direito de romper qualquer ligação que estabelecer, porque só a Lei Maior tem esse direito.

– Entendo.

– Saiba que o inverso também se aplica às outras partes comprometidas com você em seus relacionamentos.

– Isso é novo para mim, sabe?

– Sei, sim. Por isso estou instruindo-o. De agora em diante procure refletir antes de formar pares com suas irmãs e ir possuindo os mistérios delas e concedendo-lhes a posse dos seus.

– Refletirei, meu pai.

– Saiba que esse é um recurso da Lei Maior para que você não seja obrigado a dar sustentação energética, magnética, vibratória e emocional a uma irmã sua que não esteja se portando de forma reta. Você, como Trono, estará sujeito aos passos tortos delas. Já como Mago, aí as advertirá por duas vezes, e se elas não retrocederem ao caminho reto, então rompa unilateralmente a ligação estabelecida e confie sua ponta à Lei Maior e à Justiça Divina, que passarão a dar sustentação à irmã que você desligou. Daí em diante tudo o que acontecer com ela, e por ela, já não será responsabilidade sua nem o atingirá.

– Entendo.

– Confie à Justiça Divina o destino daquelas que não trilharem o caminho reto. Nunca tome em suas mãos a recondução a ele porque será a Lei Maior que as reconduzirá, após elas esgotarem seus emocionais.

– Por que meu pai Xangô Sete Pedreiras diz-me essas coisas que prenunciam desgosto?

– Você já não é um ser comum, meu filho. Ainda que não tenha percebido, já ultrapassou, em muito, o nível de atuação dos Tronos assentado nos níveis médios, de onde regem faixas vibratórias específicas a cada um, sustentadoras da evolução dos seres.

– Pai amado, eu ainda me vejo como um espírito dotado de um mistério e capaz de realizar algumas ações de grande envergadura. Mas não estou à altura dos meus pais mediadores. Não, isso não!

– Esse é seu problema, meu filho. Realiza ações que transcendem às de seus amados pais, e ainda assim porta-se como um espírito comum, sujeito às intempéries do "Tempo". Você já ultrapassou essa etapa de sua evolução humana e assumiu uma condição única entre os Tronos Humanizados: é o único a atuar no sétimo sentido e atraiu para si a atenção de todas as divindades.

– Divindades? O que o senhor está querendo me dizer, meu pai?

– Eu estou dizendo que você atraiu a atenção de todas as divindades.

– Comente isso para mim, meu pai. Por favor!

– Eu comento, meu filho. Você, que é um Ogum humanizado que não perdeu sua mobilidade nem seu gosto pelas caminhadas, dê-me seu braço forte e conduza-me um pouco para que eu readquira um pouco da minha antiga capacidade de mover-me.

– Meu pai me honra, permitindo-me isso. Mas eu só o amparo, está bem?

– Você prefere que eu assuma a direção de nossa caminhada e o ritmo dela?

– Sim, senhor.

– Você nunca mudará, não é mesmo?

– Por que diz isso, meu pai?

– Bom, eu me lembro, como se tudo tivesse acontecendo agora, do meu irmão Ogum Sete Estrelas, que, quando caminhávamos, sempre me dizia isto: – Irmão, a Lei ordena os caminhos, mas quem indica a direção a ser seguida é a justiça!

– O senhor caminhou ao lado do desaparecido Ogum Sete Estrelas?

– Caminhei, meu filho. Éramos jovens então, e muito ativos, sabe?

– São típicas dos jovens essas movimentações, não?

– São, sim. Mas o jovem sensato percorre o mundo e não se desvia do caminho reto. Já o jovem insensato, este dobra no primeiro desvio e perde-se nos caminhos tortos, dando-nos muito trabalho para reconduzi-los ao caminho reto.

– Sinto que é trabalhoso reconduzir os jovens insensatos ao caminho reto, que parece desinteressante aos curiosos olhos deles.

– Meu filho, você traz, adormecida em sua memória, uma maturidade incomum. Deixe-a aflorar um pouco e as divindades abrirão seus calabouços para o seu mistério maior.

Eu estanquei o passo e, já amargurando, perguntei:

– Pai, por que os calabouços, e não seus jardins celestiais, onde certamente reencontrarei amados e luminosos irmãos ancestrais devotados ao amparo da evolução dos seres?

– O que você iria fazer nos jardins celestiais se neles um jovem e vibrante Trono se sentiria limitado à contemplação?

– O senhor acha que eu me cansaria da beleza dos jardins celestiais e da companhia dos meus irmãos ancestrais que vivem neles? – perguntei, já com lágrimas nos olhos.

– Eu só disse que um Trono jovem e vibrante não se sente bem quando fica limitado à contemplação. Logo, seu íntimo clamaria por ação.

– Que tipo de ação, meu pai?

– A mesma que sempre tem tornado você um Trono mobilíssimo. Vamos subir um pouco?

– O senhor diz onde devo pousar meu pé direito em meu próximo passo.

– Dê seu próximo passo que já estará pisando em um jardim celestial do nosso divino Criador, meu filho.

Eu dei um passo e, quando meu pé direito pousou no solo, senti que pisava em uma grama macia e gostosa de ser sentida. Então olhei à minha volta e meus olhos se extasiaram com a beleza divina daquele jardim celestial do nosso divino Criador.

O que posso dizer é que era, e é, de uma beleza angelical, que eu desfrutava embevecido. Mas pouco a pouco fui me entristecendo, e com as costas das mãos enxuguei as lágrimas que corriam, turvando minha visão.

Meu pai Xangô das Pedreiras, para me descontrair, exclamou:

– Que descuidado que sou! Estamos pisando na grama do nosso jardim celestial, e acho que, tal como nos jardins do plano material, deve ter um aviso de que é proibido pisar na grama, não?

Eu sorri e falei:

– Acho melhor irmos para aquela calçada, que parece feita de esmeraldas, se é que podemos pisar nela, antes que apareça um anjo e nos expulse deste paraíso, pai amado.

– Bom, grama é um vegetal, e estamos no campo de nosso pai maior Oxóssi. Mas pedras, estas estão em um dos campos do nosso pai maior Xangô. Logo, lá estaremos em nosso elemento, porque pedreiras são compostas de muitas pedras, certo?

– Se o senhor diz, vou caminhar um pouco sobre essas pedras esmeraldinas. Só que o senhor terá de sustentar-me porque estou paralisado ante tanta beleza e esplendor divino. Só espero não macular esse jardim celestial do divino Criador, reservado aos seres sem máculas.

– Se eu tivesse alguma dúvida, não teria trazido você aqui, meu filho. Vamos, eu o conduzo por essa calçada de pedras, polidas no decorrer das eras religiosas, pelos meus filhos que trilharam os caminhos retos preconizados tanto pela justiça quanto pela Lei.

– Meu pai está me dizendo que esta é sua morada celestial?

– Não, meu filho. Eu a recebi do nosso divino Criador para acolher nela todos os filhos d'Ele que trilham o caminho reto pautados pela sensatez e direcionados pelas razões divinas.

– Entendo, meu pai Xangô das Pedreiras.

– Vamos, eu o conduzo, meu filho Trono da Geração e Renovação. Só de absorver suas irradiações energéticas já me sinto renovado em meus anseios e expectativas, assim como readquiri uma mobilidade vigorosa!

Bom, meu pai Xangô Sete Pedreiras conduziu-me por aquele jardim celestial, e notei que algumas calçadas pareciam ser de rubi, outras de safira, esmeraldas, etc. E a vegetação era única e antes nunca vista por mim em minhas caminhadas com meus pais.

Mas a beleza e a harmonia daquele jardim deviam-se aos seres que ali viviam, pois, à primeira vista, eu não vi o corpo energético deles quando chegamos a um lugar onde estavam alguns. Mas, pouco a pouco, minha visão cristalina adaptou-se às suas irradiações luminosas e comecei a distinguir suas feições brandas. Mais algum tempo e já os via nitidamente.

Eu vi como eles se portavam quando viram meu pai e, quando nos afastamos, falei:

– Acho que preciso mudar meu modo de receber meus pais, ou de portar-me quando for ao encontro dos senhores, sabe?

– Não sei, e não quero saber. Vamos! Estamos chegando à residência onde passo alguns momentos de minha abençoada existência, e onde recebo a visita de sua amada mãe Guardiã das Pedreiras quando um filho amado do nosso coração vem nos honrar com sua jovialidade e espirituosismo.

– Pai amado, estou tão fora do meu elemento natural que minha jovialidade esvaneceu-se e meu espirituosismo recolheu-se todo. Sinto-me uma criança em seu primeiro dia de aula em uma escola onde os professores são vistos como seres de outro mundo.

– Não deve sentir-se assim. A maioria dos seus irmãos que aqui vivem não tem um décimo de sua experiência ou vivenciação. Logo, é só se situar neste novo ambiente que essa sua timidez desaparecerá naturalmente.

– Não sei, não. Eles me olharam de um modo estranho. Senti-me como que analisado, sabe?

– Sei, sim. É a primeira vez que eles veem um genuíno Trono Humano da Geração e é natural que o olhem curiosos.

– Eles nunca viram antes outro Trono Humano da Geração?

– Você já viu outro?

– Eu executei uma porção deles, todos desvirtuados.

– Então eles não viram, porque esses Tronos da Geração caídos estavam no outro lado da vida, certo?

– Bom, isso é certo. Mas eu não fui trazido aqui para ser observado de perto, fui?

– Claro que não. Você não está admirando esse jardim celestial?

– Estou.

– Isso é assim mesmo, meu filho. Tudo o que é novo, encantador, etc., sempre nos atrai.

– Eu estou no etc., não?

– Descubra por si mesmo, meu filho. Mas depois, porque agora vamos receber a visita de sua amada mãe Guardiã das Pedreiras. Ela está ansiosa para revê-lo!

– Como é que está ansiosa, se ontem mesmo eu estive diante dela, lá na dimensão humana?

– Esteve, é?

– Sim, senhor. Por acaso duvida de mim?

– Não. Mas daqui a pouco você conhecerá um dos mais fechados mistérios do nosso divino Criador.

– Que mistério é esse, papai?

– Logo você saberá.

– Mistério fechado, é?

– Foi o que eu disse. Agora vamos entrar que ela já nos aguarda.

– Nossa! É nessa mansão feita de pedras preciosas que o senhor mora?

– É sim. Você consegue ver o interior dela com sua visão cristalina?

– Eu não gosto de bisbilhotar a vida alheia, papai!

– Não foi isso que eu perguntei ou insinuei. Só quero saber se sua visão consegue ver através destas pedras.

Eu olhei um pouco, e logo exclamei:

– Essa não!

– O que foi, meu filho?

– Eu consigo, papai! E mamãe Guardiã das Pedreiras já esta lá dentro, assentada em seu trono celestial.

– Foi o que imaginei! – exclamou ele.

– O que foi que o senhor imaginou?

– Essa sua visão. Ela se adapta ao meio onde você está e dota-o de uma capacidade visual única, porque seu Mistério da Geração também gera os recursos visuais que você precisa... e o torna capaz de ver até através de pedras plasmadas a partir de essências puras.

– Tem algum problema por eu ser assim?

– Muito pelo contrário. Isso é ótimo!

– Por quê?

– Para tudo o que eu digo você tem de perguntar por quê? Certas coisas eu só quero constatar, e não comentar.

– Tudo bem! Mas foi o senhor que me orientou no sentido de saber as razões das coisas, certo?

– Certo. Eu lhe digo que com essa sua visão você pode ver através das dimensões, em vez de ter de ir até elas caso queira ver alguma coisa ou alguém.

– Entendo. O senhor está dizendo que posso ver o que desejo sem sair de onde me encontrar, não?

– Foi isso que eu disse. Anote esse seu recurso visual, certo?

– Já o anotei. Só espero não contrariar alguma Lei caso recorra a ela.

– Existem limites que devemos respeitar, sabe?

– Sei... e agora descobri por que, quando algo interessa, logo meus pais se aproximam e se mostram. Não é que estavam por perto, e sim porque podem me ver mesmo estando em outra dimensão!

– É isso mesmo, meu filho. Vai aprendendo, certo?

– Sim, senhor.

– Entremos!

Nós entramos e pouco depois eu revia de frente minha amada mãe "natural", Guardiã das Pedreiras.

"Sim, eu também tenho uma mãe encantada Guardiã das Pedreiras."

Meu amado pai Xangô das Pedreiras desdobrou seu Trono Energético ao lado do dela, e aí eu os saudei, assim como aos seus graus. Então meu pai perguntou:

– Filho amado, você não notou algo diferente em sua amada mãe Guardiã das Pedreiras?

– Não, senhor. Eu a vi ontem, e a vejo igual em tudo. Por quê?

– Projete sua visão até o ponto de forças onde aquela sua mãe Guardiã Natural está assentada e veja se descobre alguma diferença.

– Essa mãe Iansã não é ela?

– Faça o que ordenei, está bem?

Bom, eu fiz, e pouco depois vi outra mãe Iansã, semelhante em tudo, e exclamei:

– Essa não!!! Minha amada mãe natural Guardiã das Pedreiras tem uma irmã gêmea! Nossa!!! Já pensou se eu as confundir?

– Você já pensou, meu filho? – perguntou meu pai.

– Ainda não... e nem quero pensar, sabe?

– Sei sim. Por isso eu perguntei se havia notado alguma diferença, já que esses seus olhos são cristalinos e sua visão é dotada de um recurso que anula a luz que elas irradiam e lhe mostra o corpo original delas. Ou não é isso que acontece com você ao ver alguém irradiante?

– É isso mesmo, meu pai. Em um primeiro momento a luz me ofusca. Mas aos poucos vou vendo o corpo de quem estou olhando e aí começo a vê-lo como eu via as pessoas no plano material.

– Você ainda não percebeu a diferença entre elas?

– Não, senhor. Acho que são gêmeas idênticas.

– Não, meu filho. Essa sua mãe Guardiã das Pedreiras é uma mãe celestial. Já aquela, é uma mãe natural que só difere da sua mãe encantada por causa das vestes.

– Bom, eu sei que minha mãe encantada Guardiã das Pedreiras é filha da minha mãe natural. E deduzo que ela é filha dessa minha mãe celestial Guardiã das Pedreiras, certo?

– Certo. Logo, não são gêmeas.

– Mas que são parecidas em tudo, isso são!

– Por acaso você está olhando-as além das vestes?

– Eu não faço isso, e o senhor sabe muito bem disso.

– Retiro essa observação, meu filho.

– Está certo. Mas o que o senhor quer com tudo isso, se as vejo idênticas em tudo?

– Olhe os olhos dela e perceberá que essa sua mãe celestial é mais madura que sua mãe natural que é mais madura que sua mãe encantada que é mais madura que sua mãe elemental. Mas não se apresse e procure captar bem as diferenças e internalizá-las, dotando sua visão cristalina desse novo recurso visual.

Pouco a pouco fui captando as diferenças e algum tempo depois eu já as diferenciava bem e facilmente. Então falei:

– É, são diferentes sim, meu pai.

– Então de agora em diante comece a usar esse meio de identificar suas mães, irmãs e filhas, senão acabará se metendo em encrencas, certo?

– Isso é comum, digo, todas as mães celestiais são parecidas com suas filhas naturais, que são parecidas com suas filhas encantadas, etc.?

– Isso é chamado de hereditariedade por fatoração divina, e é a base fundamental das hierarquias divinas.

– Preciso entender isso, meu senhor Xangô das Pedreiras.

– Nós vamos recolher nossos Tronos Energéticos e depois vamos, como seus pais, levá-lo a passear mais um pouco pelo nosso jardim celestial. Então comentarei esse mistério fechado do divino Criador.

– Sim, senhor!

Bom, eles recolheram seus Tronos Energéticos e cada um tomou-me por um braço, levando-me a passear mais um pouco naquele jardim celestial. Então meu pai falou:

– Filho, a hereditariedade por fator divino é um mistério do Criador, e resumidamente é isto: o Criador, um dia, emanou de si mesmo uma mãe Iansã Divina, que emanou de si sete "ondas" de filhas Iansãs. O número de filhas Iansãs não pode ser quantificado nem estamos interessados nisto, certo?

– Sim, senhor.

– Saiba que as ondas, umas sucederam às outras e todas as filhas Iansãs eram muito parecidas, mas não eram iguais. A não ser uma, e apenas uma, emanada na sétima "onda de filhas fatoradas" pela mãe Iansã Divina, que é um dos fatores do Divino Criador, em si mesma.

Essa Mãe Fatoral Iansã, nós a chamamos de mãe geradora de filhas portadoras do "fator Iansã". E chamamos à sua filha, igual a ela em tudo, e emanada na sétima "onda de filhas Iansãs", de Divindade Iansã, pois ela traz em si mesma todas as qualidades, atributos e atribuições da Mãe Geradora Fatoral Iansã.

Elas, as filhas das sétimas ondas, são, em si mesmas, Divindades Iansãs e formam a hierarquia de divinos Tronos Iansã, irradiadoras originais do "fator Iansã".

Essas filhas divindades originais são as herdeiras naturais do fator Iansã, e vão recepcionando as ondas emanadas pelo divino Criador, e irradiadas com o fator Iansã. Só elas têm em si mesmas os recursos divinos para sustentarem sete ondas de filhas que lhes chegarão por meio da evolução natural. E, na sétima onda, virá uma que é em si mesma uma herdeira divina que traz em si tudo de sua Mãe Fatoral Divina, que, no seu tempo certo, recepcionará sete ondas de filhas Iansã. Entendeu o princípio divino dessa hereditariedade?

– Sim, senhor. Se eu explicar esse mistério como uma Mãe Fatoral Iansã, que gera, em si mesma, filhas e as dá à luz, em ondas de milhões de Iansã, e que na sétima onda gera uma igual a si mesma em tudo, que é sua herdeira natural e herdeira de sua divindade, terei humanizado esse mistério em nível do entendimento terra, não?

– Depois você humaniza esse mistério do divino Criador, pois ainda falta eu lhe dizer que em cada sétima onda são emanadas vinte e uma Filhas Iansãs, cada uma portadora natural de uma das qualidades que formam o "Fator Iansã". E estas se agrupam ao redor da Iansã Divindade e formam sua hierarquia divina, e estas são as mães Iansãs individualizadas que recepcionarão suas iguais que lhes chegarão nas suas ondas de filhas Iansãs, que adotarão.

Essa sua mãe Iansã celestial já foi uma mãe Iansã Sete Pedreiras natural. Mas quando sua filha e herdeira natural tornou-se apta a assentar-se ao redor da Divina Mãe Iansã assentada na coroa divina, a qual você já viu e conheceu, então ela ascendeu ao grau celestial, que é extraplanetário, e foi assentar-se ao redor da divina mãe Iansã Celestial, que também é extraplanetária.

– Entendo. Na hierarquia Iansã, as filhas, quando se habilitam, assumem o grau de suas mães e estas ascendem, ocupando o grau das mães delas, que também ascendem, certo?

– Certo. Saiba que ninguém sabe quem foi a primeira filha emanada pela Mãe Iansã Fator Divino, e nem qual é essa nossa mãe Iansã Planetária. Só sabemos que existem outras em níveis excelsos, e outras vindo através da evolução natural.

Assim a hierarquia Iansã não tem um começo que possa ser datado e não terá um fim. É um mistério do Divino Criador, e ponto final. Ninguém o discute ou tenta decifrá-lo.

– Eu não imaginava como explicar a evolução natural, meu pai. Agora já tenho um referencial, caso o mesmo se repita com as outras hierarquias.

– Repete-se, meu filho.

– Quanto tempo dura uma dessas ondas?

– Duram o exato tempo que todos os filhos ou filhas emanados por Deus e fatorados por um pai ou uma mãe Fator demoraram para ser adotados naturalmente, tanto pela divindade planetária quanto pela sua hierarquia, porque a divindade planetária só pode internalizá-los quando tiver filhas iniciadas no grau de Mães Elementais para recepcioná-los nas dimensões puras ou básicas da vida.

E só acontece isso caso as Filhas Elementais delas tenham sido iniciadas nesse grau por um Trono portador do grau de iniciador delas no grau de Mães, sabe?

– Sei. – eu disse esse "sei" meio desconfiado, fato este que levou minha amada Mãe Celestial Guardiã das Pedreiras a perguntar-me:

– Amado filho, como você tem se saído como iniciador de Mães Encantadas?

– Eu... acho que só elas podem avaliar-me.

– Por quê?

– Bom, elas é quem podem dizer se tenho sido um bom iniciador ou não.

– Se é assim, então tem se saído bem como iniciador.

– A senhora falou com elas?

– Eu não preciso falar com elas para saber isso, meu filho. Só de vê-las tão felizes e irradiantes, já sei que você tem sido um bom iniciador delas e um ótimo sustentador energético e fatoral.

– Felizes e irradiantes, é?

– Foi o que eu disse, meu amado filho.

Eu me calei, pois pressenti que o rumo daquela conversa não me agradava. Mas ela não se deu por satisfeita e falou:

– Acho que você tem se saído bem como iniciador.

– Acha, é?

– Acho não, eu tenho certeza! Afinal, por meio de sua mão, consigo captar o poderoso magnetismo desse seu mistério, assim como essa sua poderosa capacidade de gerar energias e esse seu vigor irradiante. Acredito que serão mães muito felizes porque tiveram em você um iniciador poderoso que expandiu a capacidade natural delas de adotarem filhos. Acho que agora sei a razão de vê-las tão felizes e irradiantes.

– É, acho que a senhora já sabe – respondi engolindo em seco um nó na garganta.

– Algo o preocupa? – perguntou-me meu pai.

– Acho melhor o senhor voltar a comentar sobre o mistério das divindades.

– Por quê?

– Bom, o rumo da conversa me constrange um pouco, sabe?

– Sei. Mas tudo se complementa, sabe?

– Não sei se quero saber.

– Não sabe?

– Não mesmo. Certas coisas é bom não saber, sabe?

– Não sei, não. Explique-as para nós, meu filho.

– O senhor não quer anular esse pedido de explicações sobre as coisas que não quero saber?

– Eu gostaria de ouvi-lo também, meu filho – falou minha mãe Iansã Celestial apertando ainda mais minha mão presa entre as dela.

– Essa não! – exclamei aflito – Agora estou encrencado em nível celestial!

– Você não me parece um iniciador infeliz. Não mesmo, meu filho!

– Posso não ser infeliz, mas que uma encrenca das grandes está à minha espera, não tenho dúvidas, sabe?

– Sei, sim – concordou ela, com um sorriso maternal nos lábios, e a seguir disse-me isto:

– Mas entre todas as encrencas que você já se meteu, essa é uma das que mais o agrada, não?

– Bom, dá um pouco de trabalho iniciá-las, mas é gratificante. Logo, não tenho reclamado. Se bem que não sei onde tudo isso me levará ou quais encrencas, derivadas das iniciações, ainda se mostrarão no futuro.

– Bom, voltando ao mistério fechado – falou meu pai – O fato é que às vezes faltam poderosos iniciadores e aí as ondas ficam retidas nas dimensões essenciais, à espera de Mães Elementais aptas a recepcioná-las, sabe?

– É, o senhor já comentou isso.

– Eu já falei que às vezes temos Mães Elementais, mas não Mães Encantadas, Naturais e Celestiais para dar acolhida aos bilhões de infantes na primeira idade?

– Não falou. Mas ficar junto do senhor expande meu racional e já previ onde esse encantador passeio me conduzirá, sabe?

– Não sei, não, mas quero saber, meu filho! – falou mamãe.

– Sim, eu também quero ouvi-lo sobre o que você previu – falou meu pai – Afinal, as previsões de um Trono têm o poder de realização.

– Essa não! Eu coloquei o laço em meu próprio pescoço! – exclamei.

– Uma ponta desse laço já esta em minhas mãos! – falou mamãe, acentuando seu sorriso maternal. E papai deu o golpe final quando me falou:

– Filho, as mães são muito emotivas e não conseguem se conter quando encontram um filho do coração que traz em si um mistério original que ele herdou

porque veio em uma dessas sétimas ondas e traz em si uma herança divina igual à do seu pai, divindade original de Deus, que o fatorou, sabe?

– Não sei mesmo! – exclamei aturdido, trêmulo mesmo.

– Nós estamos amparando-o, filho. Não se preocupe que estamos lhe dando sustentação, está bem?

– Preciso sentar-me. Ajudem-me a chegar até aquele banco. Por favor! – pedi aflito, já soluçando.

Assim que me sentaram num banco feito de pedras de cristal, um pranto explodiu do meu peito e chorei compulsivamente, atraindo a atenção de quem por ali estava passeando. Só que eu só via vultos e nada mais, tantas eram as lágrimas que eu derramava.

Nem meus pais conseguiram dar-me sustentação e tiveram de soltar minhas mãos para não se desequilibrarem vibratoriamente, já que eu havia entrado em desequilíbrio emocional e irradiava desordenadamente as energias geradas pelos meus mistérios.

O que estava acontecendo comigo ou à minha volta, eu não sabia. Perdi a noção de tudo e de todos e começava a perder a consciência quando aquela voz serena voltou a falar comigo.

– Pai! – exclamei aflito – Por quê, meu amado pai?

– Meu filho, eu me multipliquei em você, minha semente viva!

– Por que eu, pai de minha vida?

– Por que eu assim o quis e o ungi, meu filho.

– Eu não me sinto digno para ser uma de suas sementes vivas, meu pai.

– Dignifique-se em mim, seu pai! Então honrará todos os seus pais e irmãos, e será honrado por todos os meus filhos que o chamarão de pai, porque você estará dando a eles o amparo paterno que eu lhe concedi porque me individualizei na semente que gerei para ser uma extensão minha onde você estiver.

– Pai... eu...

– Vamos, meu filho! Recolha seus mistérios, pois eles são, em você, minha herança genética divina, à qual deve manter oculta dos que não têm olhos para ver em você uma individualização minha. Vamos, recolha seus mistérios, que são os mistérios do seu pai, que sou eu, o divino Trono da Geração dos Fatores Divinos.

– Pai...

– Honre-me como o tenho honrado desde que o distingui como meu herdeiro divino, meu filho!

– Eu... o... honrarei... meu pai amado. Mas ajude-me, porque me sinto impotente para recolhê-los em mim mesmo.

– Vamos, meu filho! Você traz em si mesmo a potência dos pais. Logo, só está deixando de recorrer à sua vigorosa potência!

– Sim, senhor, meu pai amado.

Bom, eu recolhi todos os meus mistérios, todos eles geradores de fatores divinos, e aos poucos fui reassumindo o controle do meu emocional. Pouco tempo depois só restavam soluços. Então enxuguei o rosto com as mãos, e, quando

limpei os olhos, me vi cintilando as mil cores daquelas minhas irmãs iridescentes que tanto haviam me impressionado e atraído minha atenção. Aí perguntei:

– Pai amado, vou ficar assim de agora em diante?

– Você é meu pequeno Arco-íris divino, filho que está crescendo aos meus olhos. Mas, se quiser de volta sua cor humana, recolha esta ao seu íntimo, e só quem tem olhos para vê-la a verá, tanto em seu íntimo quanto em seus olhos.

– Eu a recolherei, meu pai amado.

– Por que deseja recolhê-la, meu filho?

– Meu amado pai Xangô das Pedreiras falou-me em abrir os calabouços das divindades. Eu ainda não sei o que encontrarei dentro deles, mas creio que lidarei melhor com o que encontrarei dentro deles se for visto como o Trono Humano da Geração e da Renovação, que todos já se acostumaram a ver, já que sou mais um Trono Humano.

– Você é o único Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida, que atua a partir do sétimo sentido da vida. Mas, como é um genuíno Trono da Geração e Renovação, pode atuar em todos os sentidos. Nunca se esqueça disso, meu filho: sua humanização atende a uma vontade do divino Criador, e só Ele é Senhor desse teu atributo humano.

– Sim, senhor, meu pai amado. Não me esquecerei disso, também.

– Honre-me, meu filho!

– Eu o honrarei, meu pai.

– Volte para junto de seus pais amados e honre-os também, pois estará honrando o Pai de todos os pais.

– Sim, senhor, meu pai!

Voltei meus olhos para onde estavam meus pais amados, mas me vi circundando por uma fonte circular de águas multicoloridas que cintilavam as mil cores do Arco-íris divino.

Daquele solo de pedras brotava um círculo de água que subia vários metros e depois caía formando um chafariz.

Saí dele para contemplá-lo, mas assim que atravessei a cortina multicolorida de água, deparei-me com algo inusitado: meus amados pais e mães estavam curvados e com a cabeça voltada para o solo, em respeito ao que ali havia acontecido.

Não sabendo como proceder em uma situação daquelas, limitei-me a dizer-lhes isto:

– O pai honrou o filho com seu amor de pai. O filho honrará seus pais com seu amor de filho, e clama ao Pai de todos os pais que os abençoe, porque mora nos corações dos seus filhos!

Como elas não se levantavam, fiquei aflito e murmurei:

– Meu Deus, como proceder se me sinto tão inferior aos meus amados pais?

Mais uma vez aquela voz serena falou-me:

– Assumas minha divindade que vibra em seu íntimo e abençoe-os em meu nome, meu filho!

Eu criei coragem, estendi minhas mãos por cima deles e falei:

– Em nome do Pai, eu os abençoo! – no mesmo instante uma chuva de fagulhas multicoloridas derramou-se sobre eles, e foi tão intensa que todos ficaram com a "pele" cintilando mil cores, tal como eu havia me visto dentro da fonte.

Mas ainda assim eles não se levantaram, aumentando minha aflição. Aí eu exclamei:

– Levantem-se em nome de Deus, meus pais amados! – e eles se levantaram, felizes e com os olhos lacrimejando, transbordando fé, amor e vida.

Meu amado pai Xangô das Pedreiras, falando por todos, perguntou-me:

– Filho do Pai dos pais, você está nos honrando com o grau de pais de sua vida, enquanto portador da divindade do pai?

– Sim, senhor, meu pai.

– Por que faz isso, se já sabe dessa divindade que vibra em seu íntimo, e que o faz um pai de pais?

– Eu os tenho na conta de meus pais. E só me espelhando nos senhores serei um pai digno do respeito dos meus filhos, que um dia também serão pais. Só então me sentirei um pai de muitos pais. Mas até que esse tempo chegue, muito tempo terá passado e muito terei aprendido com meus pais amados, a alegria do meu amor de Filho do Pai!

– Com isso está nos honrando, mas também está nos tornando responsáveis pela divindade que vibra em seu íntimo. É uma responsabilidade única, Filho do Pai. Teremos de orientá-lo, mas também teremos que ser rigorosos, caso seja necessário.

– Caso eu me desvie do caminho reto, sejam rigorosos, pois só assim estarão respondendo de forma reta à confiança e à expectativa do Pai, que os tornou pais desse seu Filho do Pai!

– Que assim seja, Filho do Pai! Abrace-me com seu amor de Filho do Pai e permita que nós o envolvamos com nosso abraço amoroso de pais dos filhos do Pai!

Bem, eu não vou relatar aqui a profusão de irradiações de amor que inundaram meu ser imortal, e que fez com que eu chorasse de alegria. O último pai que me abraçou foi meu velho vovô tatá Omolu, renovado como meu amado pai Obaluaiê, que me apertou bem forte contra seu peito e falou:

– Ainda não foi desta vez que o divino Oxumaré me pegou. Mas acho que alguma coisa dele já vibra em meu íntimo, sabe?

– Se o senhor acha, eu tenho certeza, meu pai.

– Você tem certeza?

– Absoluta. Afinal, essa sua serpente negra encantada é a primeira que vejo que tem olhos que cintilam as mil cores do Arco-íris divino!

– Essa não! Ele encantou minha serpente encantada!

– Encantou, sim. Acho que agora o senhor está encrencado mesmo, sabe?

– Não diga mais nada!

– Por quê?

– Suas previsões têm o poder de se realizar, e não quero ouvi-las para não ficar sabendo do tamanho da encrenca que o divino Oxumaré arrumou para mim desta vez, só para me envolver com seu Arco-íris da Vida.

– Dentro do seu campo de ação e atuação, a encrenca que ele arrumou para o senhor não é menor que a minha no meu campo, sabe?

– Você tem certeza?

– Absoluta. Mas o senhor não tem com que se preocupar. Afinal, foi o senhor mesmo que disse que dentro dos seus ossos tem muito tutano, não foi?

– É, isso tenho mesmo!

– Então não será essa encrenca que irá paralisá-lo no tempo, certo?

– De jeito nenhum ficarei paralisado, meu filho mais amado.

– Então está tudo resolvido. No final, será só mais uma agradável ação em favor da vida que o senhor terá realizado, porque adotou como filho do seu amor um Trono Humano da Geração que é, também, um Trono da Geração que o adotou como pai da Vida.

– Você, como Trono da Geração, está me distinguindo com o grau de pai da Vida?

– Só falta o senhor assumi-lo, meu pai e amado pai da Vida. Eu também distingui com o grau de mãe da vida minha amada mãe Nanã que forma um par com o senhor, sabe?

– Ela já assumiu esse grau no seu mistério?

– Já.

– Então eu assumo esse grau e honrarei com ele a divindade que vibra em seu íntimo, filho do meu amor ao Pai dos pais!

– Ótimo! Saiba que tem uma senhora Iansã que está regendo toda uma faixa vibratória trielemental que deseja ter o senhor como conselheiro assentado à esquerda dela para auxiliá-la com seu saber, rigor, tenacidade e amor de pai do coração dela.

– Você não vê que estou muito velho e já não posso passar por tantas emoções de uma só vez?

– O senhor já ouviu falar na fonte da juventude?

– Você se refere àquela lenda do plano material humano?

– Não, senhor. Eu me refiro àquela ali, onde minha amada mãe Nanã o espera para, juntos, irem se assentar, ela à direita e o senhor à esquerda, daquela filha do seu coração divino.

Após olhar para a fonte, ele exclamou:

– Essa não! E não é que é uma genuína fonte da juventude! Sua mãe remoçou umas quatro eras religiosas!!!

– Se o senhor demorar muito para entrar naquela fonte, ainda estará velho quando ela terá remoçado até a idade quando formaram o par que os tem distinguido aos olhos do divino Criador.

– Só você mesmo, filho renovador da vida dos pais!

– Depois o senhor me conta como é uma renovação, está bem?

– Está, sim. Até logo mais, filho do Pai!

– Até, meu pai.

Bem, eu não vou revelar tudo o que ainda aconteceu naquele jardim celestial até eu voltar a ter só meus pais Xangô e Guardiã das Pedreiras, que tornaram a pegar-me pelas mãos, levando-me a passear mais um pouco. Em dado momento, quebrando o silêncio, perguntei:

– O senhor sabia disso antes de me ordenar que olhasse através das pedras de sua morada celestial, meu pai?

– Eu, como todos os seus pais, sabíamos.

– Por que só agora isso aflorou?

– Por que só agora o divino Trono da Geração ordenou-nos que abríssemos esse seu mistério para você. E assim mesmo, ele teve de lhe dar sustentação senão nós o perderíamos para sempre.

– É, o choque da descoberta foi muito forte. Mas agora voltei a ser o mesmo de sempre, ainda que sinta que tudo mudou em minha vida.

– Nós temíamos perdê-lo, meu filho.

– Por quê?

– Bom, ninguém se aceita naturalmente como divindade herdeira, geradora e irradiadora natural de fatores divinos. E alguns entram em profundo desequilíbrio vibratório porque o choque emocional os desestabiliza de tal forma que não conseguem reequilibrar-se, filho do Pai.

– É, acho que só quem sofre esse choque sabe como é difícil aceitar-se como é, e assumir sua condição, única em um universo ainda desconhecido.

Eu ainda estava sob o efeito das revelações e não pude conter as lágrimas que voltaram a correr dos meus olhos, embaçando-me a visão. Então minha mãe mandou que eu desse um passo maior, e depois, enxugando meus olhos com um lenço, falou:

– Dê uma olhada no jardim celestial onde tenho minha morada divina, meu filho. Espero que ele o agrade!

– Por que diz isso se sabe que ele me agrada, mamãe?

– Antes de ter certeza, enxugue seus olhos e contemple-o direito, está bem?

– Sim, senhora – respondi entre um soluço e outro. E depois de contemplar o que dali eu conseguia ver, exclamei:

– É belíssimo, mãe amada. É tão belo quanto o de papai, só que este jardim tem um toque feminino e o dele tem um traço masculino. Isso os diferencia e os tornam únicos e encantadores. Só não me peça para dizer se um é mais belo que o outro porque ambos se igualam, já que são a expressão dos seus íntimos.

– Você é que está comparando. Eu só pedi que desse uma olhada e dissesse se este jardim o agrada. É só isso que quero saber.

– Agrada sim, mamãe.

– Ótimo! – exclamou ela, abraçando-me e me inundado com suas irradiações de amor maternal. E quando me soltou, indicou uma mansão celestial,

que não estava visível quando contemplei aquela faixa do seu jardim celestial, e falou-me:

– Filho do Pai, eu tenho contemplado essa mansão celestial há milênios, aguardando esse momento em que finalmente posso abri-la ao seu legítimo dono.

– A senhora está dizendo que a abriu para mim? É isso?

– Foi o que eu disse, meu filho. Honre-me assumindo-a como uma de suas muitas mansões celestiais.

– Eu a honrarei, mamãe. Mas só sei da existência desta. Logo, não tenho muitas. Certo?

– Errado, meu filho. Muitas mansões semelhantes a essa estão reservadas e ocultas da visão comum das coisas, porque são suas.

– Bom... obrigado, mãe do meu coração! Só não sei o que farei dentro de uma morada tão linda. Acho que me perderei dentro dela, de tão grande que ela é!

– Quem sabe, mais no futuro, não venha a ser pequena?

– Por que, se sou só um para tanto espaço?

– Talvez você venha a acolher nela algumas de minhas filhas celestiais, que são suas irmãs naturais, não?

– A senhora acha que devo acolher algumas nessa minha morada em seu jardim celestial?

– Como você quer que eu responda?

– Como a senhora quiser.

– Bom, já que você me distinguiu com o grau de mãe conselheira, digo que se recolher para meditar e refletir é um recurso reto a que os seres devem recorrer sempre que sentem necessidade. Agora, já quanto a entregarem-se à solidão inconsequente, aí estão atuando contra os planos do divino Criador.

– Bom, como mãe conselheira a senhora recomenda que eu a compartilhe com minhas irmãs, que são suas filhas naturais. Agora, o que tem a dizer minha amada mãe Guardiã das Pedreiras?

– Ah, meu filho! O que você acha que uma mãe mais deseja para as suas filhas solitárias?

– Não sei ao certo, sabe? Mas presumo que seja vê-las atarefadas no amparo de seus filhos, e tão sem motivos de sentirem-se solitárias que irradiariam alegria em todos os sentidos.

– Você gostaria de gerar essa alegria única para essa sua mãe amada?

– Eu sou um Trono da Geração, não?

– É, sim.

– Então dê-me algum tempo para que antes eu passeie um pouco em seu jardim celestial.

– Você quer nossa companhia enquanto passeia?

– Não só sua companhia, como quero conhecer um pouco as flores que o tornam um jardim celestial, sabe?

– Conhecer as flores, é?

– Foi o que eu disse, mamãe.

– Entendo. As flores que o tornam celestial, certo?

– Isso mesmo. Acho que a senhora as conhece melhor que ninguém, pois as semeou com seu amor divino e sabe quais são as mais aptas a darem sementes que as multiplicarão em muitos outros jardins celestiais, e as que melhor se adaptarão em outros solos, caso o divino semeador de jardins venha a precisar delas para embelezar outros de seus jardins divinos, sabe?

– Ainda não sei. Mas tenho certeza de que logo saberei.

– Então vamos caminhar um pouco, porque já vi por dentro essa minha morada em seu jardim, e talvez encontre alguém que queira cuidar dela na minha ausência, já que outras moradas se mostrarão aos meus olhos.

– Talvez você se surpreenda com o número de suas irmãs das Pedreiras que apreciariam cuidar dessa sua morada, tanto na sua ausência quanto na sua presença.

– É, talvez eu me surpreenda. Mas sinto que dentro dessa morada existe um Trono à espera da sua genuína senhora.

– Que Trono é esse?

– Ainda não consigo vê-lo. Mas já o distingui com o nome simbólico de Trono das mães Guardiães das Pedreiras do Arco-íris Divino.

– Que Trono é esse, meu filho?

– Eu não consigo vê-lo. Mas, se olhar através dos meus olhos, talvez a senhora o distinga entre os muitos que vislumbro, e que ainda estão à espera de suas ocupantes originais, só lhes faltando um Trono da Geração capaz de gerar nelas as condições ideais para que possam ocupá-los, sabe?

– Ainda não sei. Você me concede a honra de olhá-los através dos seus olhos? Afinal, ninguém olha impunemente nos olhos de uma divindade, já que é através dos olhos que vemos o que a divindade que vive no íntimo de cada um tem reservado para nós.

– Licença concedida, mãe amada.

Bom, ela olhou nos meus olhos e pouco depois começou a derramar lágrimas em profusão. Como começou a tremer por causa de algo que viu e alterou suas vibrações íntimas, pediu-me:

– Filho, abrace-me forte e dê-me sustentação em todos os sentidos, senão não resistirei ao que vi na divindade que vive em seu íntimo, e que só se exteriorizará e se concretizará em minhas filhas caso eu tenha em mim mesma as condições ideais de dar-lhes sustentação. Gere em meu íntimo, e nesse seu amor de Filho do Pai, as condições que me faltam, filho do pai!

– Abrace-me e absorva os fatores que gerarão em seu íntimo essas condições que a tornarão apta a dar sustentação a essa sua nova hierarquia, mãe amada.

Assim que ela me abraço, apertei-a contra meu peito, que se abriu e irradiou um fluxo de essências fatoradas que penetraram no peito dela, que também se abriu para poder recebê-lo. Quando tudo terminou e descolamos nossos peitos, o coração dela parecia-se com uma gema preciosa que irradiava as mil cores do

Arco-íris divino. Então ela abraçou meu amado pai Xangô das Pedreiras e fez o mesmo com ele, transferindo-lhe aquele fluxo de essências fatoradas.

No peito do meu pai eu vi um coração ardendo em chamas que espargiam fagulhas multicoloridas em todas as direções. Então ele falou:

– Bendito é o filho que retorna à casa dos seus pais, não para subtrair deles parte do tesouro que herdará deles, mas sim para enriquecê-los tanto que muitos herdarão esse tesouro, de tão rico que se tornou.

– Se pude enriquecer seu tesouro divino, é porque herdei dos meus pais a riqueza divina que doam a todos os seus filhos amados.

Então mamãe Guardiã das Pedreiras falou-me:

– Filho amado, olhe o calçamento dessa alameda florida e veja por que nossos jardins celestiais são tão lindos.

Eu olhei e vi que as pedras cintilavam as mil cores do Arco-íris divino. Então perguntei:

– Meus pais, são seus filhos que vão destacando a beleza dos jardins celestiais?

– Sim, meu filho – respondeu meu pai – Cada um que retorna traz seu tesouro divino e o deposita junto ao de seus pais, enriquecendo-os e embelezando o jardim celestial que circunda as moradas paternas e maternas, pois os filhos sabem que a casa dos pais é a morada dos Filhos do Pai, e dos Filhos do Filho do Pai!

– Obrigado, meu pai. Espero que meus filhos venham a honrá-lo com o mesmo amor e respeito com que o honro.

– Tenho certeza de que me honrarão, meu filho. Afinal, se você embelezou o jardim de sua mãe com a pedra do Arco-íris, também embelezou o meu com uma fonte de água viva do Arco-íris. E assim manteve o equilíbrio entre nossos jardins celestiais.

Nisso, aquele meu filho encantado do Arco-íris gritou ao longe:

– Vovó amada, posso entrar no seu jardim celestial?

– Claro que pode, neto do meu coração. Mas... onde é que você está, que o ouço mas não o vejo? – respondeu ela, procurando-o com os olhos.

– Estou aqui, vovó!

– Onde fica esse aqui, neto amado?

– Aqui, dentro da fonte viva do meu pai Maior, localizada no jardim celestial do meu amado vovô Xangô das Pedreiras, vovó!

– O que você está fazendo aí, meu neto? – perguntou-lhe meu pai Xangô das Pedreiras, já curioso.

– Bom, como ainda sou muito pequenino e não posso brincar no seu jardim, então vim brincar nessa fonte do meu pai Maior Oxumaré e aí eu posso ver a beleza celestial do lugar onde o senhor mora, vovô. O senhor não vai ficar bravo comigo, vai?

– É claro que não, meu neto amado. Espere-me aí mesmo que vou recebê-lo e levá-lo para passear um pouco pelo meu jardim.

– O senhor está dizendo que abriu seu jardim para mim, vovô?

– Eu disse isso, meu neto?

– O senhor não disse isso, vovô?

– Eu disse que vou levá-lo a passear no meu jardim celestial. Foi isso que eu disse!

– Não é a mesma coisa, vovô?

– Não é não. Eu lhe explicarei a diferença enquanto passeamos, está bem?

– Está, vovô. Mas o senhor deixa eu levar comigo minhas irmãzinhas que estão brincando comigo nessa fonte do nosso pai maior Oxumaré?

– Essa não! – exclamou meu pai Xangô das Pedreiras – O divino Oxumaré abriu em meu jardim celestial uma de suas fontes encantadas, mas também abriu uma fonte que jorra seus Encantados! Estou encrencado!

– É, eu acho que está, papai – concordei.

– Eu tenho certeza de que você está, meu amado senhor Xangô das Pedreiras – sentenciou mamãe, que se ofereceu:

– Caso queira, posso ajudá-lo com esses Encantados do divino Oxumaré. Depois os traremos para passear no meu jardim celestial.

– Quem ficará assistindo esse nosso filho? – perguntou ele. Eu então respondi que já estava crescido e poderia cuidar um pouco de mim mesmo.

– Bom, mas não se vá antes de retornarmos, está bem?

– Esperarei que retornem, pai amado. Enquanto tomam ciência do tamanho de sua nova encrenca, vou passear um pouco e conhecer esse jardim, e tomar ciência da minha!

– Cuidado caso se decida a colher algumas flores para enfeitar sua morada, meu filho – alertou-me minha mãe.

– Por que me recomenda cuidado, mamãe?

– As flores daqui são quintessenciadas e devem ser colhidas em uma aura de amor, carinho e ternura sublimados, sabe?

– Sei sim, mamãe. Tenho certeza de que, se eu colher alguma, ela estará tão envolta e tão sublimada que nem sentirá quando estiver sendo colhida. A aura sublime que a envolverá gerará nela todas as condições ideais para que ela se torne uma futura jardineira celestial, semeadora de flores cintilantes, radiantes e multicoloridas.

– Se assim for, então colha do meu jardim quantas flores seu coração ordenar.

– Assim será, mamãe.

– Até nosso retorno, filho amado.

Assim que eles partiram, eu me dirigi à mansão e a observei por dentro, admirando os maravilhosos recursos energéticos existentes dentro dela. Muitos ainda me eram totalmente desconhecidos e, por precaução, não toquei em nada, preferindo ir a uma ala onde havia um salão todo revestido de pedras que cintilavam as mil cores do Arco-íris divino.

Como estava totalmente vazio, plasmei uma poltrona a partir dos meus recursos energéticos e assentei-me nela, pondo-me a meditar e refletir em tudo o

que havia ouvido dos meus amados pais e do meu Pai Divino, assim como meditei sobre tudo o que havia acontecido desde que eu deixara minha Ninfa da Vida para caminhar um pouco.

Resolvi experimentar o alcance da minha visão multidimensional e projetei-a até ela e pouco depois já a via de frente para mim, mas com sua atenção voltada para as suas filhinhas, que brincavam à sua volta. Eu fiquei contemplando seu encantador sorriso e suas acentuadas feições maternais. Em dado momento vi que ela se sentiu observada e começou a procurar quem a observava. De repente ela localizou os raios de minha visão e logo me via também.

Através da visão, eu lhe disse:

– Eu te amo, minha Ninfa Encantada da Vida! – ao que ela respondeu-me, também visualmente:

– Eu te amo, encanto de minha vida!

Bem, nós ainda mantivemos nossa comunicação visual multidimensional por algum tempo. Antes de nos despedirmos ela ensinou-me a "sentir" quando eu estivesse sendo contemplado e como fazer para localizar quem estaria me contemplando.

Eu procurei sentir, mas não captei nenhum raio visual. Então deduzi que não tinha ninguém me observando, ou aquele salão era impenetrável às visões de frente. Também não tentei sentir se estava sendo observado pelo alto, mas projetei minha visão à minha senhora Guardiã do Tempo e nem bem a havia visto e ela já me olhava, também de frente.

Eu, após lhe dizer, visualmente, que a amava, perguntei-lhe:

– Como você me localizou assim que projetei minha visão até você?

– Antes posso retribuir sua irradiação visual de amor com as minhas?

– Claro! Desculpe-me, mas é que fiquei curioso com sua captação instantânea de minha visão.

– Eu já tenho essa faculdade plenamente desenvolvida desde que era uma infante Encantada, sabe?

– Agora sei.

– Além do mais, estou com meu mistério guardião ativado e aí é só alguém pensar em me observar que já identifico quem é e onde está. Eu o identifiquei de imediato, ou melhor, assim que você pensou em mim. Só não consegui localizá-lo antes de você estabelecer sua irradiação visual. Que lugar é esse que só vejo seus olhos?

– Você não está me vendo por inteiro?

– Não. Só vejo seus olhos. Mas sei que é você porque são únicos e inconfundíveis. Você, consegue me ver por inteira?

– Consigo, amada senhora Guardiã do Tempo.

– Você vê o lugar onde estou?

– Vejo sim. Você está assentada em seu Trono, desdobrado em seu centro neutro mais íntimo.

Assim que falei aquilo vi duas lágrimas correrem de seus encantadores olhos antes dela baixá-los e mentalmente me saudar reverentemente, chamando-me de filho do Pai. Então, já mentalmente, pedi:

– Volte seus olhos para mim, minha amada senhora Guardiã do Tempo! – ao que ela, sem me olhar, perguntou:

– O Filho do Pai está me concedendo um privilégio único. Por quê, meu senhor?

– Eu a tenho na conta de minha senhora e sentir-me-ei honrado em todos os sentidos se voltar seus encantadores olhos para mim.

– É um privilégio único, meu senhor.

– Que me honrará, e a distinguirá de agora em diante porque a distingo com o grau de encanto dos meus olhos. Se eu não fosse incomodá-la, ou pudesse deixar o lugar onde me encontro, me projetaria até você e a envolveria toda no amor que vibro por você, minha amada senhora Guardiã do Tempo. Saiba que para mim nada mudou e, se depender de mim, entre nós nada mudará por toda a eternidade, encanto dos meus olhos!

– Eu vou chorar, meu senhor. Desculpe-me, sim?

– Antes diga que para você nada mudou, senão eu ficarei muito triste, sabe?

– Por quê, meu senhor?

– Porque não consigo me ver sem você e sem o seu amor único que marcou meu íntimo para sempre.

– Por que o Filho do Pai faz isso comigo?

– Porque a respeito como minha senhora Guardiã do Tempo e a amo como par ideal. É isso, sabe?

– Agora sei, meu senhor. Por que o Filho do Pai distingue-se com este grau?

– Porque, além de ser um Trono da Geração, também sou um Trono Humano da Geração que não consegue dissociar um grau do outro e nem desejo dissociá-la de minha vida. Tome ela o rumo que tomar, eu gerei em mim mesmo esse amor por você e, se não puder continuar enviando-o, logo ele se transformará em tristeza e sensação de perda de um grande amor.

– O Filho do Pai ainda não tem a noção exata do imenso poder que traz em si mesmo, junto com a divindade que agora vibra em seu íntimo e, se me distinguir com esse grau, estará me ungindo com um mistério que me diferenciará de tal forma que nem eu tenho a noção exata do que acontecerá comigo a partir do momento em que for ungida.

– Não lhe agrada ser distinguida por mim com esse novo grau?

– Agrada-me muito, meu senhor. Mas o Filho do Pai estará me ungindo e tornando-me indissociável de sua vida e da divindade que vibra em seu íntimo. Saiba que não é o Trono Humano da Geração e Renovação que está me distinguindo com tal grau, e sim é o Trono da Geração que está me ungindo com o grau de seu par divino aos olhos do Pai, que por sua vez me distinguirá aos olhos

dos meus semelhantes como par divino da divindade que vibra em seu íntimo e o distingue como Filho do Pai.

– Eu a amo tanto, minha amada senhora! Fontes imensas abriram-se em meu íntimo enquanto eu a contemplava durante seu sono, sabe?

– Agora sei, meu senhor. Eu já o vejo por inteiro e de frente para mim.

– O que isso significa, minha senhora?

– Significa que o Pai já me distinguiu como par da divindade que vibra em seu íntimo e ungiu-me como seu par divino, capaz de gerar em mim mesma os fatores que a divindade que já vibra em meu íntimo começará a irradiar assim que o Pai manifestar em mim seu mistério gerador.

– Quando isto acontecerá, minha senhora?

– Não sei, meu senhor. Vou reunir-me à minha mãe Maior para aconselhar-me com ela. Com sua licença, Filho do Pai.

– Licença concedida, minha senhora Guardiã do Tempo.

Ela recolheu seu trono e no instante seguinte desapareceu do meu campo visual. Eu refleti sobre a razão de ter feito aquilo, e não ter conseguido conter o impulso de mantê-la como par, mesmo nas novas condições que haviam se aberto em meu íntimo.

Então perguntei:

– Por que isto, meu Pai? – mas em vez de uma resposta, diante dos meus olhos abriu-se como que uma tela cristalina e voltei a ver minha amada senhora Guardiã do Tempo, abraçada à sua Mãe maior, e aos prantos!

Eu temi ter feito algo errado, mas no mesmo instante sua mãe voltou seus olhos divinos na minha direção e, olhando-me com ternura, respeito e carinho, falou-me:

– Que as bênçãos do Pai se multipliquem em você, Filho do Pai. Sua distinção para com esta minha filha amada o distinguiu ainda mais aos meus olhos divinos. Eu quero que você vá formando par, já nesta sua nova condição celestial, com todas as minhas filhas.

– Por que, minha senhora divina?

– Entre elas há uma que é a Filha da Mãe que traz em seu íntimo a divindade que vibra a herança da divina Mãe Geradora. Você, assim como fez seu Pai, que acolheu a mim e todas as minhas irmãs, acolherás todas as minhas filhas, formará par com todas, irá qualificá-las como Divinas Mães geradoras em si mesmas dos fatores que as distinguem como mistérios geradores e aguardará, pois no decorrer das eras religiosas a divindade que anima o íntimo da Mãe aflorará no mistério de uma delas, que passará a gerar em seu íntimo os fatores que a distinguirão como a Filha da Mãe, porque ela gerará em si tudo o que a primeira Divina Mãe Geradora do fator divino Iansã gera em si mesmo e a torna um dos fatores do Divino Criador.

– Assim ordena minha senhora divina, assim procederá o Filho do Pai, que as acolherá tanto como Trono da Geração quanto como Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida.

– Por que o filho do Pai também as acolherá como Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida?

– Porque o Pai dos pais acrescentou esse seu Mistério Divino ao Mistério da Geração do Filho do Pai, e só retornarei a Ele depois de tê-lo acrescentando a todas as Filhas das Mães, que são mistérios divinos que distinguem o Pai dos pais como Pai de todos os pais de pais.

– Se essa é a vontade do Pai de todos os pais, esse é o desejo a ser realizado por todas as Mães de mães. Projete uma irradiação energética reta até meu Trono e mistério para que eu gere em mim mesma as condições ideais que gerarão os recursos retos que, no tempo certo, farão aflorar a divindade da Mãe que vibra no íntimo de uma de minhas filhas, herdeira do meu Mistério Divino.

Eu projetei a irradiação reta e no instante seguinte recebi dela uma irradiação, também reta, que gerou em meu mistério toda uma gama de fontes energéticas que começaram a gerar energias e projetá-las em tantas direções distintas que tive de desdobrar meu Trono Energético para dar sustentação às ligações que estavam sendo estabelecidas. Foram tantas que chegou um momento que eu já não distinguia os cordões energéticos que ligavam as filhas dela ao meu mistério. E chegou um momento em que a parte visível do meu Mistério da Geração desapareceu, coberta por uma irradiação tão densa que se assemelhava a um sol irradiador de cordões energéticos, em cujas outras pontas estavam as filhas dela.

Como aquele processo de formação de cordões energéticos não cessava, e eu estava começando a tremer de tanto que meu íntimo vibrava, clamei:

– Pai, gere neste seu filho as condições ideais para que eu possa gerar em mim mesmo os recursos energéticos que darão sustentação a todas as ligações que estão se estabelecendo! Ampare-me, pai amado!

No mesmo instante, uma irradiação reta desceu do Altíssimo, penetrou em minha coroa e foi descendo lentamente pelo meu corpo energético, dotando-me dos recursos necessários para que eu sustentasse vibratória, energética e magneticamente todas as ligações. E quando aquele fluxo espalhou-se por todo o meu corpo, como que um vulcão formou-se na raiz do meu Mistério da Geração e senti-me como um sol gerador de energias que estava sendo carregado.

Quando um limite foi estabelecido, as fontes se abriram e comecei a irradiar. A Irradiação foi tão poderosa que mergulhei em um êxtase energético único e indescritível, durante o qual eu vi aquela mãe divina acolher com seu mistério sete ondas vivas emanadas pelo divino Criador. E na sétima onda eu vi vinte e uma sementes que se destacavam no meio de tantas sementes, porque traziam em seus íntimos a divindade da mãe geradora. E uma entre elas ficou bailando diante dos meus olhos até que consegui ver um cordão que cintilava as mil cores do Arco-íris Divino, e que a ligava ao meu Mistério Gerador. Então exclamei:

– Eis a genuína Filha da Mãe Divina geradora do Fator Divino Iansã!

Pouco a pouco, as outras sementes foram se posicionando ao redor dela e assumindo uma formação indescritível.

Então aquele êxtase diminuiu de intensidade e comecei a reassumir minha consciência. Mas outro vulcão energético explodiu em meu Mistério Gerador, e mais uma vez tudo se repetiu e só diminuiu de intensidade quando nova formação ficou visível diante dos meus olhos. E quando pensei que aquele êxtase divino ia terminar, eis que ocorreu outra explosão energética, que logo foi sucedida por outras mais.

Mas, quando a quarta explosão terminou, e quatro formações de sementes divinas pairavam diante dos meus olhos, eu reassumi o controle do processo e a primeira coisa que fiz foi perguntar:

– Por que tudo isso, meu pai amado?

– Foi porque meus três herdeiros diretos, anteriores a você, não resistiram à emoção quando foram ungidos por mim como Filhos do Pai. Eu agreguei ao seu mistério as vagas de sete ondas vivas que estavam à deriva e à espera de um Trono da Geração apto a acolhê-las. Por isso eu o humanizei, meu filho. Só um Trono da Geração gerador do Fator Humano, e humanizado em todos os sentidos, estaria apto a gerar em si mesmo as condições ideais para acolher e dar sustentação magnética, energética e vibratória às vagas de ondas vivas ainda à deriva e à espera de um ordenador em cujo íntimo vibra a divindade do Pai.

– Ampare-me o tempo todo para que eu possa manter-me estável em todos os sentidos, pai amado.

– Eu estou em você e manifesto-me na divindade que vibra em seu íntimo, meu filho. Honre-me com sua divindade porque é nela que eu me eternizo.

– Eu o honrarei, meu pai amado.

– Honre-me e honrado será, meu filho amado!

Então voltei meus olhos para a divina mãe Iansã à minha frente e ela sorriu e inundou meu íntimo com suas irradiações de amor materno. Olhei meu mistério e vi que um cordão energético o unia ao mistério e ao trono dela, que falou:

– Honre-me distinguindo minhas herdeiras divinas e o honrarei distinguindo-o aos olhos do Pai como par divino do meu mistério gerador do fator divino Iansã, filho do pai!

– Eu a honrarei, minha mãe e senhora divina.

– Recolha seu trono energético e repouse um pouco, pois só assim esse sol energético se recolherá à raiz do seu Mistério Gerador, filho do Pai. Faça isso senão todos o verão como um sol irradiante e isso não será bom para sua missão divina.

– Sim senhora, minha divina senhora. Com sua licença.

– Licença concedida, Filho do Pai.

Bom, eu recolhi meu Trono Energético, plasmei uma cama confortável e deitei-me nela, adormecendo assim que fechei os olhos.

Quando acordei, a primeira coisa que vi foi que o Trono que eu havia vislumbrado estava concretizado energeticamente dentro daquela sala especial.

Eu o examinei demoradamente e um ponto brilhante que se destacava no centro do símbolo que o distinguia chamou-me a atenção. Fiquei observando-o

até que estabeleci a ligação com uma das sementes que eu vira em uma das vagas vivas. Segui o cordão e logo localizei a genuína senhora daquele Trono, bem ali, naquele jardim celestial.

Contemplei-a demoradamente e notei que sua "maturidade" transcendia a de minha amada senhora Guardiã do Tempo. Voltei minha visão das vagas e comprovei que ela viera em uma vaga anterior. Então murmurei:

– Se minha senhora Guardiã do Tempo veio na última vaga e já é de uma maturidade ímpar, esta que veio na vaga anterior então é muito mais madura! Agora como não serão, em maturidade, as que vieram com a primeira das quatro vagas?

Ainda a contemplei por mais algum tempo até me decidir por uma abordagem e optei por cobrir-me com um manto de guardião da Justiça Divina, já que ela deveria ter formado par com um Trono da Geração que a dotasse de condições para gerar em si mesma o fator divino "justiça", ou equilibrador da razão, como queiram!

O fato é que me projetei até um lugar próximo dela e dali caminhei sem pressa, contemplando a beleza daquela parte do jardim celestial de minha amada mãe Guardiã das Pedreiras.

Notei que ali faltava algo e deduzi que se devia ao fato de ela não ter formado um par energético com um Trono da Geração que a dotasse, emocionalmente, da "criatividade" natural das mães geradoras.

Tudo era sério, racional mesmo, já que nela preponderara o fator racionalizador do senhor Xangô que com ela formara um par ou linha vibratória horizontal.

Tentei localizar o ancestral Xangô que tinha formado um par com ela, mas não o localizei. Então deduzi que devia ter seguido adiante e estaria vivendo em algum outro orbe planetário, onde devia atuar como guardião celestial da Justiça Divina. E no mesmo instante recolhi o manto de guardião da justiça, pois, se um já se fora, deixando-a para trás, com outro ela nunca mais se ligaria.

– Mais essa agora! – exclamei – Acho que vou até ela assim, como me sinto e vamos ver no que dá, certo? – falei para mim mesmo, já me cobrindo com minha veste tradicional, composta de calça, camisa e sapatos brancos.

Assim, vestido como eu mais gostava, percorri o resto do caminho que me levava até a sóbria morada onde vivia uma minha futura senhora celestial. Quando entrei no "perímetro" daquela mansão, dirigi-me até um esplendoroso lago circundado por pedras e flores onde predominavam as cores vermelho e lilás.

Olhei ao redor e fiz como quem procura ver se tem alguém por perto. Então tirei os sapatos, arregacei as pernas da calça e, sentando-me em uma pedra, mergulhei os pés na água do lago, sentindo uma sensação agradável.

Também me senti vigiado, mas não dei sinal de que havia captado. E, como passou um bom tempo sem que ela saísse para falar comigo, mesmo que fosse para proibir-me de pôr os pés na água, simplesmente subi em outra pedra mais alta, despi-me todo e mergulhei no lago, nadando como o mais despreocupado dos encarnados do plano material humano. E de tão gostosa que estava a água,

deliciei-me mesmo e a esqueci momentaneamente... até que olhei para a pedra onde havia deixado minhas vestes e as vi nas mãos dela. Então exclamei:

– Essa não! Estou encrencado!

– Está sim, espírito que não respeita a privacidade alheia ou seus limites humanos.

– Desculpe-me, minha senhora. Eu venho de uma longa jornada humana e, caminhando por aqui, senti vontade de deliciar-me nessa água tão gostosa. Por acaso é proibido?

– Por aqui todos conhecem seus limites e respeitam os alheios, jovem espírito.

– Jovem? Eu acho que já sou um tanto maduro, minha senhora. Mas se a senhora, que deve saber das coisas, está dizendo, eu acredito. Só que acho que essa água é revigorante, sabe?

– Não sei, não. Explique isso, jovem espírito!

– Eu explico, minha senhora. O fato é que eu venho de uma longa jornada humana, mas assim que mergulhei nessa água comecei a sentir-me revigorado. Foi como se eu rejuvenescesse e me revigorasse da cabeça aos pés. Acho que a senhora tem uma fonte da juventude bem perto de sua casa e ainda não sabe.

– Eu nunca entrei nesse lago natural, jovem espírito.

– Sem lhe faltar com o respeito a que faz jus, digo-lhe que devia deliciar-se nesta água deliciosa e sentir o efeito revigorante dela, minha senhora.

– Com certeza foi você que deu a esse lago essa qualidade, meu jovem espírito.

– Eu?! Essa não, minha senhora.

Ela sorriu ternamente e falou:

– Ah, como vocês espíritos desconhecem a si mesmos!

– Não estou entendendo nada, minha senhora.

– Eu explico, meu jovem e inconsciente espírito. Venha, vamos entrar que vou revelar-lhe o que aconteceu com você e com esse lago.

– A senhora se incomoda em virar as costas para eu me vestir?

– Você merece uma justa punição por ter invadido meus limites e retiro celestial.

– A senhora irá punir-me só porque esse seu lago proporcionou-me momentos agradáveis?

– Não será por isso.

– Então por que serei punido se não tive outra intenção que a de deliciar-me nesse lago, que é uma dádiva do divino Criador a todos os apreciadores da água?

– Também não é por isso.

– Se não é, então por que serei punido, minha senhora?

– Você ultrapassou seus limites e invadiu os meus, sabe?

– Eu já me desculpei, minha senhora. Caso eu passe por aqui outra vez, ou não me banho no seu lago ou antes peço sua licença, está bem assim para a senhora?

– Caso eu releve esse seu deslize, nunca aprenderá, jovem espírito. Mas caso eu lhe aplique uma justa punição, tenho certeza de que nunca mais invadirá os limites alheios ou pensará duas vezes antes de ultrapassar os seus.

– Está certo, minha senhora – concordei, abaixando a cabeça – Pode punir-me porque invadi seus limites. Eu acho justo e não me lamentarei da pena que imporá.

– Já o puni, jovem e inconsequente espírito. Agora saia do meu lago.

– Qual é minha punição, minha senhora?

– Eu diluí suas vestes espirituais. Ficará sem elas enquanto permanecer nessa morada celestial de minha amada irmã, a celestial senhora Guardiã das Pedreiras.

– Essa não! Agora estou tão encrencado quanto Adão ficou no paraíso, quando mordeu o fruto proibido! – exclamei preocupado. Mas ela sorriu abertamente e falou:

– Não é uma justa punição, jovem espírito?

– Por quê, minha senhora?

– Bom, eu captei em seu íntimo uma timidez, uma vergonha em se ver nu diante dos outros. Então, como não pensou duas vezes para despir-se e mergulhar no meu lago, agora permanecerá nu até que se retire desta morada celestial.

– Que punição exemplar! Não dá para trocar por outra, minha senhora?

– Uma Iansã atua de forma circular, mas suas punições são retas, pois são regidas pela Justiça Divina. Logo, não tem uma alternativa sequer.

– Nem...

– Nem retiramos a punição, jovem espírito. Eu poderia tê-lo expulsado dessa morada, mas presumo que não está aqui por acaso.

– Não mesmo, minha senhora. Fui trazido aqui por meu amado pai Xangô das Pedreiras para conhecer esse jardim celestial da minha amada mãe Guardiã das Pedreiras, e só sairei daqui quando ele retornar e autorizar-me a sair dela.

– Ele entenderá minha justa punição. Agora saia do meu lago. E não adianta plasmar outra veste, pois ela se diluirá.

– Sim, senhora. Mas será que posso colher algumas folhas para cobrir certa parte do meu corpo? Afinal, na Bíblia diz que Adão cobriu sua vergonha com algumas folhas. Sabe?

– Adão foi expulso do Paraíso, mas você não. Logo, pode tentar cobrir sua vergonha com folhas só para ver o que acontece.

– A senhora pode colher uma folha daquelas ali adiante?

– Aquela ali? – perguntou ela, rindo e apontando para um pé de folhagem.

– Não, não! – respondi – Preciso de uma daquelas mais adiante. Elas são maiores, sabe?

– Não sei, não. Explique isso, jovem espírito.

– Essa não! Posso explicar isso em outra hora?

– E se você for embora com seu pai Xangô das Pedreiras?

– Prometo explicar-lhe isso antes de ir-me, está bem?

– Para você está bem?

– Sim, senhora.

– Então me deve uma explicação sobre a razão de precisar de uma folha tão grande, certo? – falou ela, apanhando a folha.

– Certo, minha senhora. Mas agora, por favor, vire-se de costas para eu poder sair da água.

– É tudo inútil, jovem espírito envergonhado.

– Bom, uma folha ajudará um pouco.

– Vou deixá-la na margem e ficar de costas.

– Obrigado, senhora. É muito gentil comigo.

– Você, apesar de ser um espírito, tem algo indefinido que o torna simpático aos meus olhos, sabe?

– Sei, minha senhora. Eu também a acho simpática, se bem que um pouco rigorosa. Mas acho que tem suas razões e não serei eu quem irá discuti-las com a senhora – falei, enquanto saía da água e apanhava a folha. Mas, assim que cobri minha "vergonha" com ela, um fogo surgiu do nada e a consumiu toda, não restando nem o cabo onde eu segurava. Então exclamei:

– Nossa!!! Que punição rigorosa! Podia ter me queimado, sabe, minha senhora?

– Mas não queimou, não é mesmo? Só queimou a folha.

– A senhora o viu queimá-la?

– Sim. Não é porque lhe dei as costas que deixei de vê-lo.

– Então não adiantaria cobrir-me com a folha.

– Eu não olhei para a sua "vergonha". Bastou-me fixar minha visão no seu rosto para ver seu espanto.

– Espanto? Saiba que me assustei. Já pensou se esse fogo queimasse meu ...

– Jovem espírito, por que vocês, os humanizados, valorizam tanto o sexo?

– Acho que é porque nós dependemos dele para nos multiplicarmos e evoluirmos, minha senhora.

– Desde quando sexo é evolução? – perguntou ela, virando-se para mim. Fato este que me levou, instintivamente, a tentar cobrir minha nudez e a levou a acompanhar meu movimento de mãos, desviando sua visão do meu rosto. Quando olhei para ela, vi que estava um tanto admirada e perguntei:

– A senhora parece que nunca viu antes um espírito nu. Estou certo?

– Está errado. Eu já vi muitos espíritos nus. Inclusive atuei na dimensão humana em um tempo em que a raça humana andava completamente nua e portava-se com naturalidade. Mas isso foi antes do advento do fator Lúcifer, que alterou todos os comportamentos humanos, sabe?

– Bom, se a senhora já viu, então estou perdendo tempo tentando evitar chocá-la com a desagradável visão da causa de minha vergonha.

– Você, quando viveu na "carne", estimulou ou induziu alguém a praticar o aborto?

– Não, senhora.

– Possuiu alguma mulher à força ou contra a vontade dela?

– Não, senhora. Eu fui uma pessoa de caráter, cônscio dos meus deveres. E respeitei todos os limites nesse sentido.

– Então não tem de se envergonhar de nada. Se bem que eu nunca vi outro igual antes, sabe?

– Por quê?

– Bom, acho que você, por causa da genética humana, desenvolveu-se em espírito um pouco acima do normal, sabe?

– Não sei, não, minha senhora. Pode explicar-me isso?

– Claro que posso. A genética humana determina a forma do corpo carnal, e este, por ser revestido pelo corpo espiritual, o amolda e dá-lhe uma aparência idêntica em tudo à sua forma carnal.

– Puxa, como a senhora é concisa nas suas explicações. Só espero não estar tomando seu tempo, pois deve ser muito ocupada, não?

– Tenho muito pouco com que me preocupar. Logo, não me incomoda, jovem espírito.

– A senhora não vai convidar-me a entrar?

– Eu deveria convidá-lo?

– Bom, se não fizer isso vou pular do lago ou esconder-me no seu jardim, porque vêm vindo umas senhoras lá adiante, e não quero que me vejam assim, todo nu.

– Está bem. Entre, mas não toque em nada. Depois que minhas irmãs passarem por aqui, entrarei e veremos como resolver seu problema.

– Não dá para a senhora suspender a punição? Eu já aprendi minha lição.

– Não dá, meu jovem espírito. Depois que um mistério é ativado, só se desativará quando concluir sua ação reta.

– Tem certeza?

– Você está duvidando de mim?

– Não, senhora. É esse meu jeito humano de expressar-me. É um hábito meu, sabe?

– Ainda não sei. Agora entre e aguarde-me, está bem?

– Sim, senhora, minha senhora. Caso não queira que eu entre em sua casa, eu vou embora, porque não quero incomodá-la.

– Não me incomoda, e de certa forma sinto-me responsável por você. Eu não gostaria de saber que você ficou escondido entre as plantas até seu amado pai vir buscá-lo.

– Ele entenderá que fui o culpado e no futuro me levará a um outro jardim celestial para que eu possa conhecê-lo, se bem que esse aqui é único e encantador, e deve ter muito o que me oferecer em termos de conhecimento.

– O que você veio estudar aqui?

– Bom, me recomendaram as flores desse jardim, sabe?

– Você vai entrar ou não? Se demorar mais um pouco, aí elas o verão.

– Com sua licença, minha senhora.

– Licença concedida. Recolha-se e não toque em nada.

Bom, eu dirigi-me à mansão e entrei em uma sala de visitas, onde a distribuição da decoração parecia obedecer à natureza daquela senhora Iansã celestial. Mas nem ousei sentar-me para não desagradá-la, já que havia me proibido de tocar em algo. E estava distraído olhando um objeto estranho quando ela entrou e falou-me:

– Sinto muito, jovem espírito, mas minha irmã e suas filhas o viram e gostariam de conhecê-lo. Tentei dissuadi-las, mas não teve jeito. Mas só permitirei que elas entrem aqui caso você concorde.

– Por que faz isso por mim, minha senhora?

– Eu não posso retirar a punição que lhe impus. Mas, não sei por quê, simpatizei tanto com você que tudo farei para não constrangê-lo, magoá-lo ou tornar sua visita a esse jardim celestial um passeio de tristes lembranças.

– Eu fui o culpado, minha senhora. Eu não devia ter entrado no seu lago. E, mesmo que seja uma lição amarga, eu a mereci e nunca mais me esquecerei dela.

– É essa sua herança do Mistério Oxumaré que o fez desejar entrar no lago. Todo filho de Oxumaré não resiste à água, sabe?

– Não sei, não, minha senhora. Por que não resistimos?

– Você precisa aprender tantas coisas, jovem espírito!

– Preciso sim, minha senhora. Às vezes, guio-me pelo instinto e outras pela intuição, pois sei tão pouco sobre muitas coisas, sabe?

– Sei como é isso. Você gostaria de se instruir um pouco comigo?

– Não vou tomar seu tempo?

– Tempo é o que mais tenho de sobra.

– E o que menos tem, minha senhora?

Ela me olhou por algum tempo e depois, meio sem jeito, falou-me:

– O que menos tenho é alguém que ocupe minha vida e dilua um pouco a solidão que sinto, jovem espírito.

– Entendo.

– Desculpe-me, mas, em um lampejo, vislumbrei em você e sua simpatia natural uma companhia que diluiria minha solidão. Desculpe-me, não tenho o direito de retê-lo em minha morada só porque sou uma ancestral e solitária Iansã que ficou para trás.

Ela disse isso em um rompante e depois cobriu o rosto com as mãos para ocultar as lágrimas que começaram a correr de seus tristes olhos.

Eu dei um passo e a envolvi num abraço terno, carinhoso mesmo, e falei:

– Deus tem seu modo de auxiliar todos os seus filhos, sabe? E talvez Ele tenha me conduzido até aqui porque a sabe solitária e porque sabe que de alguma forma eu posso diluir sua solidão e torná-la plena de alegrias. Mas, para que tal aconteça, você tem de aceitar-me como um espírito que sabe muito pouco, mas que trago em mim algumas qualidades que merecem ser entendidas e respeitadas. Pois só assim sua solidão se diluirá e nós compartilharemos do que o futuro nos reservou, e só aguarda que nos habilitemos para alcançá-lo.

Ela afastou as mãos do rosto e ficou olhando-me meio envergonhada porque havia aberto seu íntimo. Mas eu não lhe dei tempo para dizer nada, pois plasmei um lenço e comecei a enxugar suas faces, molhadas pelas lágrimas que derramara. Então falei:

– Meu pai amado! Como essa solidão densa oculta uma filha sua linda e encantadora! Quanta beleza, encanto, vida, amor e fé ocultos pela solidão!

– O que você...

– Minha senhora, sou simpático aos seus olhos?

– Sim, você é. Mas o que está tentando fazer?

– Conceda-me um cantinho no seu coração e deixe-me crescer em seu íntimo que diluirei sua solidão e a tornarei plena de vida, amor e alegria. Aceite-me como aprendiz do seu saber e conceda-me o direito de instruí-la no que tenho de sobra em mim.

– Por que não consigo tratá-lo como trato todos os espíritos? Por que permito a você falar-me desse jeito ou mesmo permito que me abrace, quando não permito a ninguém que toque em mim?

– Minha senhora, é desagradável meu abraço cheio de amor, carinho, compreensão e ternura humana?

– Não. Mas não me concebo nos braços de um espírito jovem, mesmo que eu capte em seu íntimo irradiações de amor e compreensão por mim e para mim.

– Ainda se lembra de que eu disse que entrei no seu lago porque achei a água agradável e quis deliciar-me nela?

– Lembro-me.

– Então dilua parte da sua solidão absorvendo minhas irradiações, pois talvez parte dela deva-se a não se permitir deliciar-se com coisas que lhe são agradáveis, sabe?

– Por favor, solte-me dos seus braços, pois tenho a idade atemporal para ser sua avó, jovem espírito.

– Talvez tenha essa idade. Mas eu vivi muitas vidas na carne, e nos padrões humanos de datar as coisas sou velho, muito velho. Talvez eu pareça jovem aos seus olhos, mas é porque não me sinto velho, e não me nego a oportunidade de vivenciar algo agradável de ser vivenciado, ou de sentir algo gostoso de ser sentido, ou de absorver algo que me proporciona prazer e satisfação. Com isso, desenvolvi uma capacidade imensa de amar e de entender meus irmãos e irmãs.

– Ouça...

– Por favor, conceda-se um minuto de tolerância e não ative mais nenhum mistério contra mim, pois eu a quero tão bem que me magoará muito se ativar outro contra mim quando só desejo que me conceda um lugarzinho nesse seu coração solitário.

– Eu não vou ativar outro mistério contra você, espírito desconcertante. Só quero que me solte, pois não fica bem sermos vistos abraçados. Sabe, sou uma Iansã ancestral que amadureceu na solidão, e quem nos vir abraçados pensará que

eu o subjuguei e apossei-me de você para diluir minha solidão. Todos por aqui sabem que sou uma solitária.

– Percebe como somos?

– Como somos, jovem espírito?

– Eu sinto vergonha de expor meu corpo por me achar humano demais.

– Muito desenvolvido também.

– Bom, um tanto, certo?

– Muito, é o termo certo.

– Acha?

– Acho não. Eu tenho certeza, sabe? Outro igual eu nunca vi antes.

– Saiba que isso é algo natural em mim, minha senhora. Mas, como eu estava dizendo, eu tenho vergonha de ser visto nu, e a senhora tem vergonha de ser vista abraçada porque se sente muito madura.

– Eu não me sinto. Eu sou muito madura!

– Eu discordo, pois, apesar de sua maturidade, é de uma beleza encantadora que faz com que eu, um jovem espírito humano pleno no amor e na vida, sinta um imenso prazer em abraçá-la. Como é bela e encantadora! Como desejo ocupar um cantinho no seu coração só para poder chamá-la de minha amada senhora e senhora da minha jovialidade!

– Não fique assim, por favor, jovem espírito! – implorou ela.

– Assim como, minha amada senhora da minha jovialidade?

– Você está ficando quente, muito quente, sabe? E sua jovialidade está fazendo com que o que você quis ocultar dos meus olhos se mostre aos meus adormecidos sentidos como uma inesgotável fonte de mistérios indescritíveis.

– Minha vergonha diluiu-se porque sinto que, ainda que relute, já me concedeu um lugarzinho em seu coração.

– Se eu lhe conceder esse lugarzinho, você promete recolher sua jovialidade para que minhas irmãs possam conhecê-lo e depois irem embora?

– Quer que eu fique com você? Que bom! Vamos, não tema e abrace-me com um abraço bem gostoso porque até agora só eu estou sendo generoso nesse sentido.

– Você não tem jeito mesmo, não é?

– Estás sentindo como estou quente, não?

– Se estou? Você não sente como estou trêmula?

– Só sentirei se me abraçar e disser que me concedeu um lugar em seu generoso e amoroso coração.

– Bom, mas depois receberemos nossas visitantes, está bem?

– Está. Agora me abrace bem forte e absorva um pouco do que mais lhe agradar em mim.

– Só o abraçando saberei o que mais me agrada em você, meu amado espírito humano que está ocupando todo o meu coração muito rapidamente.

– Todo, é?

– Foi o que eu disse. E não consigo resistir a essa ocupação.

– Algo a obriga a resistir à minha ocupação do seu coração?

– Nada me obriga.

– Então não resista, oras! Por que não vivenciar um sentimento gostoso e diluir outro que é desagradável?

– Puxa! Se eu fosse um espírito, diria que você é um conquistador de corações.

– Eu só conquisto corações solitários de encantadoras senhoras do meu coração.

– Eu já sou uma das senhoras do seu coração?

– Já.

– Ele já tem muitas outras senhoras?

– Só as que permitiram que eu fosse o senhor do coração delas nesse sentido em que me sinto muito jovial, sabe?

– Elas não se incomodam em partilhá-lo com tantos corações?

– Não. Elas dizem que não me partilham, e sim que me multiplicam. Mas também se sentem tão plenas porque eu as multiplico, sabe?

– Ainda não sei. Como acontece essa multiplicação?

– Elas dizem que lhes forneço condições únicas que permitem que se multipliquem nas suas filhas, netas, bisnetas, etc.

– Quem é você, espírito jovem e fecundo?

– Abrace-me bem gostoso e sentirá em mim aquele que o Pai enviou-lhe para resgatá-la de sua solidão, para ocupar seu coração de forma arrebatadora e irresistível, para inundá-la de amor, alegria e vida e para conduzi-la ao lugar que Ele reservou-lhe porque você é filha do amor d'Ele, e Ele a quer plena no amor e na vida.

– Você é um Trono da Geração?

– Serei um para você se você me desejar como o seu par eterno nesse sentido. Então a inundarei de amor e vida e a tornarei tão fecunda nesse sentido que o Pai a distinguirá com o grau de Mãe da Vida.

– Em que sentido você me deseja, meu Trono da Geração?

– Em todos, minha senhora. Em todos mesmo!

– Eu... nós... – e ela me abraçou bem gostoso e começou a chorar compulsivamente, só parando porque levantei seu rosto e beijei seus lábios rosados, molhados pelas lágrimas que derramava. E, pouco a pouco, o pranto, sufocado pelo meu beijo, foi cedendo lugar a suspiros de amor e logo ela era só vibração de prazer e satisfação, porque a inundei com minhas irradiações, de amor e de vida, abrasando-a da cabeça aos pés.

– Acho que vou perder os sentidos! – exclamou ela em dado momento – Estou tão abrasada!

– Está, sim. E está pronta para possuir o mistério do seu Trono da Geração, sabe?

– Estou?

– Nunca esteve tão pronta. Possua meu mistério e depois me conceda a posse do seu.

– Por que não realizamos uma posse mútua?

– Esse é seu maior desejo nesse momento?

– É, sim.

– Saiba que em mim os desejos se realizam.

– Só agora você me diz isso, Trono tão esperado?

– Só agora você podia saber.

– O que mais eu já posso saber?

– Que eu vim até você para colhê-la em uma aura de amor, carinho e ternura, e a estou colhendo em uma abrasadora labareda de amor e vida.

– Nem sempre as coisas acontecem como as pensamos, mas sim como mais desejamos que aconteçam, não é mesmo?

– Assim é melhor, não?

– Não tenho a menor dúvida. Vamos iniciar a posse dos nossos mistérios?

– Aqui mesmo? E um nos braços do outro?

– Eu já não tenho vergonha que me vejam nos seus braços, sabe? Mas tenho meu aposento mais oculto, que é bem confortável e muito discreto.

– Diga onde fica que a levo até ele em meus braços.

– Que romântico!

– Você ainda não viu nada do que sou capaz quando fico assim, todo abrasado.

– Eu, como senhora do seu coração, exijo que me mostre tudo que é capaz.

Bem, eu mostrei e ela adormeceu em meus braços quando ficou sabendo de parte do que eu era capaz de fazer quando ficava abrasado daquele jeito.

Então a deixei dormindo em seu aposento mais íntimo e fui ver se as visitas ainda estavam à espera dela ou se tinham desistido e ido embora. Mas logo comprovei que não só não tinham ido embora como tinham resolvido banhar-se no lago.

Aproximei-me e saudei aquelas irmãs, que ficaram meio constrangidas quando me viram. Mas fui espirituoso e as descontraí, dizendo-lhes:

– Irmãs, esse lago tem um mistério que revigora quem se delicia com o frescor de sua água!

– Você já se deliciou nessa água, irmão? – perguntou-me uma delas.

– Já, irmã amada.

– Você conhece o mistério desse lago? – perguntou ela, olhando-me já descontraída.

– Conheço sim. E o recomendo, sabe?

– Ainda não sei, irmão. Você pode comentá-lo para nós?

– Comentá-lo exige tempo, e agora tenho de voltar para junto de nossa irmã.

– Por que ela não veio nos convidar para entrar?

– Eu vim, irmãs. Quando quiserem, podem entrar e acomodarem-se na morada dela que mais tarde ela voltará e as recepcionará.

– Voltará? Para onde ela foi?

– Só ela poderá responder-lhes. Mas não sei se fará tal coisa, pois é um mistério, sabe?

– Esse mistério tem algo a ver com esse lago, irmão Trono da Geração?

– Tem sim, irmã.

– Podemos entrar com você?

– Podem, mas terei de deixá-las por algum tempo.

– Tudo bem, irmão. Dê-nos suas mãos para sairmos do lago.

Eu estendi as mãos e as ajudei a subir nas pedras.

– Você é o espírito tímido que nossa irmã falou-nos?

– Sou, sim.

– Mas aos meus olhos você é um Trono da Geração. Como é isso, irmão? – perguntou a mais madura delas, ainda segurando minhas mãos.

– É que fui humanizado, irmã. Então também sou um espírito.

– Entendo. Mas você não me parece tímido.

– Eu não sou tímido. Sou só um pouco envergonhado. Mas estou começando a aceitar-me como sou, sabe?

– Não sei, não. Você pode explicar-nos isso também?

– É porque não sei como reagiriam, já que eu estava descoberto. Mas agora que estamos nas mesmas condições, então me sinto mais à vontade.

– Entendo. Você mora aqui?

– Não. Só vim visitar nossa irmã.

– Bem, nós também viemos visitá-la. Muito prazer em conhecê-lo, irmão Trono Humano da Geração!

– Também me sinto feliz em conhecê-las, irmãs Tronos do Ar.

– Posso dizer-lhe uma coisa, irmão?

– Claro. O que é?

– Não sei se é o frescor da água desse lago, mas seu calor me impressiona muito, sabe?

– Sei. Só espero que positivamente.

– É positiva a impressão, irmão. Mas acho que vou ter de soltar suas mãos, porque o que capto em seu íntimo está deixando-me trêmula, sabe?

– Sei como é isso, irmã.

– Sabe?

– Sei, sim. Há coisas que, quando as temos à mão, despertam em nosso íntimo reações que acreditávamos já impossíveis de acontecerem, não é mesmo?

– Ter às mãos? Foi isso que entendi?

– Foi o que eu disse. Agora, como você entendeu, aí só você sabe.

– O tremor está aumentando e não sinto vontade de soltar suas mãos.

– Fogo e ar se combinam rapidamente, não?

– Combinam, sim. No mesmo instante começam as reações e aí perdemos o controle mental sobre nossas vibrações íntimas.

– Eu sei como recuperar o controle sobre elas. Vamos entrar que lhe ensino, está bem?

– Não desejo aprender outra coisa neste momento. Só não sei se conseguirei caminhar, porque minhas vibrações escaparam do meu controle mental. O seu não lhe escapou?

– Não. E se você me permitir, carrego-a nos meus braços e a amparo até que tenha aprendido a lidar com suas vibrações íntimas.

– Faça isso, irmão. Só espero não estar sendo um incômodo.

– Não me incomoda porque estou no meu elemento e em um dos meus campos preferenciais de atuação.

– Que campo é esse, irmão?

– O de iniciador de jovens irmãs no grau de Mães da Vida.

– Só um genuíno Trono da Geração atua nesse campo, porque traz em si mesmo os recursos necessários para sustentar as irmãs que inicia nesse grau único.

– Eu sei.

– Mas você não disse que é um Trono Humano da Geração?

– Também sou isso, sabe?

– Estou confusa.

– Eu sei como é isso. Mas não se preocupe porque é uma confusão passageira e facilmente explicável. Depois eu lhe explico. Lá dentro há vários aposentos onde podemos ficar a sós e aí toda a confusão será desfeita. Conceda-me a honra de iniciá-la no seu grau de Mãe da Vida, jovem encantadora!

– Eu não sou jovem.

– Aos meus olhos, é. E, se não estou enganado, é uma daquelas jovens precoces, sabe?

– Precoce? Eu sou uma ancestral Iansã do Ar, irmão.

– Então por que a vejo como uma jovem encantada do ar que vibra em seu íntimo um interno desejo de ser iniciada no grau de Mãe da Vida?

– Eu vibrei esse desejo há tanto tempo, que já nem me lembro em que era religiosa isso aconteceu.

– Acho que esse seu desejo ficou adormecido em seu íntimo, mas agora que despertou, remeteu-a de volta à sua condição de jovem encantada do ar, porque, tanto pelos meus parâmetros humanos quanto pelos naturais, a vejo assim. Mas, se duvida, pergunte às suas irmãs mais novas.

Ela olhou para elas, e em vez de perguntar algo, exclamou:

– O que aconteceu com elas?

– É o efeito da água desse lago. Ela rejuvenesceu seus corpos energéticos e as remeteu à condição de jovens encantadas do ar, quando vibravam intensamente o desejo de serem iniciadas no grau de Mães da Vida. E, porque em mim os desejos se realizam, então tudo aflorou. Agora vocês estão nas condições ideais para serem iniciadas.

– Então não deixe esse nosso antigo desejo adormecer novamente, irmão iniciador – pediu outra daquelas irmãs do ar, também vibrando intensamente.

– Vou conduzi-las e iniciá-las, irmãs do meu coração!

Bom, muito tempo depois, quando a já não solitária senhora daquela morada despertou de seu longo sono, comuniquei-lhe que alguns aposentos estavam ocupados pelas suas irmãs visitantes, e ela perguntou:

– Por que nos aposentos, se o lugar das visitas é na sala de recepções?

– Bom, é que elas se banharam no seu lago enquanto você dormia, sabe?

– Não sei, não. O que você fez a respeito?

– Eu as iniciei no grau de mães encantadas.

– Mas elas são mães celestiais.

– Isso no elemento puro do ar. Já no grau que as iniciei, que é multielemental com predominância do elemento fogo, aí têm o grau de encantadas Iansãs mães da vida, sabe?

– Você as iniciou nesse grau?

– Iniciei.

– Por quê?

– Bom, você irá precisar delas.

– Vou?

– Eu não lhe falei do Trono que está à sua espera desde que você manifestou o desejo de tornar-se uma Mãe da Vida, mas não tinha um Trono da Geração apto a formar um par com você nesse grau.

– Você está dizendo que deseja formar um par comigo nesse grau?

– Já formei. Só espero você me aceitar como seu par natural no seu grau de Mãe da Vida. Se aceitar, um Trono de encantada Iansã Mãe da Vida finalmente será ocupado pela sua legítima senhora, que assumirá todo um domínio e nunca mais saberá o que é solidão, de tantos filhos que se acomodarão à sua volta.

– Por que você me proporciona em um piscar de olhos o que ninguém conseguiu durante muitas eras religiosas?

– Eu consegui porque a divindade do Pai vibra em meu íntimo, irmã do meu coração.

– Um Filho do Pai!!!

– Um irmão do seu coração, minha senhora Iansã dos Minerais.

– Eu não sou digna de formar um par com um Filho do Pai. Só uma filha que traz a divindade da Mãe, que vibra em seu íntimo, pode formar um par com um Filho do Pai, meu senhor.

– Sua fé a dignifica, irmã amada. Sua solidão não enfraqueceu sua fé em momento algum. E, porque essa é uma vontade da Mãe, agora a divindade dela já vibra em seu íntimo e só um Filho do Pai está apto a dar-lhe sustentação em todos os sentidos, minha senhora.

– O Filho do Pai está me distinguindo como uma de suas senhoras Mãe da Vida?

– Já a distinguiu. Agora só falta você me honrar com o grau de pai de sua hereditariedade como mãe da vida Iansã dos Minerais, que tanto o Pai quanto a Mãe a ungirão como senhora desse Mistério Encantado.

– Eu... o... honro, meu senhor! – exclamou ela, já aos prantos e, abraçando-me pediu:

– Dote-me dos recursos que farão aflorar em meu ser a divindade da mãe que já vibra em meu íntimo, pai de minha hereditariedade enquanto mãe da vida Iansã dos Minerais, e senhor guardião do meu mistério!

Bom, mais uma vez a emoção foi tanta que ela adormeceu em meus braços. Mas eu não a soltei e, quando ela despertou, mais uma vez o Arco-íris divino nos transportou a uma faixa vibratória reservada a ela tanto pelo Pai quanto pela Mãe, que a ungiram com o grau divino de encantada senhora Iansã dos Minerais. E, por razões divinas, meu amado pai Xangô das Pedreiras assentou-se à direita dela e minha amada mãe celestial Guardiã das Pedreiras assentou-se à sua esquerda.

Quando tudo terminou, de um lago próximo de onde ela assentara seu Trono, saiu a voz daquele meu filho encantado de Oxumaré, que exclamou:

– Vovô, estou cansado de brincar nessa fonte do meu pai maior. Posso ir até aí para brincar nesse lago de minha mãe maior Oxum, localizado nesse domínio de minha nova mamãe Iansã dos Minerais?

– Você já aprendeu tudo o que seus pais Xangôs das Pedreiras tinham para lhe ensinar, meu neto amado?

– Já, vovô. E eu ensinei a eles umas coisas que aprendi com meu amado pai, sabe?

– Não sei, não. O que uma criança como você poderia ter ensinado àqueles meus filhos sábios?

– Bom, eu ensinei a eles como faço para viver cercado de irmãzinhas.

– O que você faz para conseguir isso, neto amado?

– Bom, isso não posso dizer, vovô.

– Por que não?

– Esse é um mistério que só é passado de pai para filho, sabe?

– Acho que já sei que mistério é esse. Mas como você fez para ensiná-los, já que não pode comentar esse seu mistério?

– Bom, eu disse a eles para observarem meu pai que aí, eles que são muito sábios, aprenderiam como viver cercados por aquelas mães Sete Pedreiras que vivem tão solitárias no jardim celestial de vovó, sabe?

– Essa não! Acabou-se o sossego do meu jardim celestial! – exclamou meu pai. Ao que minha mãe acrescentou:

– Mas em compensação acabou-se a solidão do meu jardim, meu amado senhor Xangô das Pedreiras.

– Menos mal. Mas, se bem conheço aquelas suas filhas, quando colocadas em contato com o elemento fogo dos meus filhos, logo não terei o silêncio necessário para meditar.

– Papai amado – falou a nova encantada senhora Iansã dos Minerais – A mansão onde eu residia é isolada e silenciosa. Reserve-a para as suas meditações!

– É, acho que vou aceitar sua oferta, filha amada.

– Papai – observei – Ouvi dizer que aquela mansão tem uma fonte que irriga aquele lago, que jorra águas revigorantes.

– Revigorantes, é?

– Foi o que eu disse, papai.

– Entendo.

– Nunca vi outra igual. Até acho que é uma fonte de águas minerais, que são águas que absorvem o fogo, o energizam e depois nos revigora, sabe?

– Agora sei... vou dar uma olhada naquela mansão e tomar conta daquele lago, antes que esse seu filho se aposse dele e diga que ela é do divino Oxumaré. Que criança possessiva! Não pode descobrir uma fonte que já vai se apossando dela e possuindo seu mistério.

– Traga-o para cá, que fontes é o que não faltam nesse domínio. Duvido que ele consiga possuir a todas – falou-lhe a senhora Guardiã das Pedreiras.

– Se ele puxar ao pai, logo terá se apossado de tantas quantas aqui existir e terá possuído o mistério de todas, minha filha!

– Com o tempo ele amadurecerá e aí fará como o pai: abrirá os mistérios delas e as confiará a quantos desejarem beneficiar-se das qualidades delas – falei.

– Assim espero. Traga esse seu filho para cá e segure-o aqui um bom tempo, certo?

– Assim farei, amado pai. Agora vá apossar-se daquela fonte e possuir o mistério dela.

Ele se foi e eu trouxe meu filho encantado de Oxumaré, que me pediu:

– Papai, posso trazer para cá umas irmãzinhas do ar?

– Claro, meu filho. Sua nova mãe adorará tê-las por perto.

– Já já eu volto, papai! – exclamou ele, desaparecendo como que por encanto, para daí a pouco aparecer com tantas irmãzinhas do ar que até minha mãe Guardiã das Pedreiras admirou-se e perguntou-lhe:

– Como é que você atraiu tantas irmãzinhas do ar?

– Bom, vovó, elas dizem que vou ser como meu pai, e vão se assentando naturalmente ao meu redor, sabe?

Ela olhou-o por um instante, depois olhou para mim e exclamou:

– É incrível, mas são iguais em tudo mesmo!

– Somos, sim, vovó. Com sua licença, porque agora quero ficar um pouco no colo dessa minha nova mamãe, sabe?

– Sei. Licença concedida, neto encantador de mães da vida.

Bom, aquele enxame de pequeninas encantadas do ar eram tantas que deu certo trabalho acomodar todas à volta da minha senhora Iansã dos Minerais, e de suas irmãs iniciadas no grau de encantadas mães da vida, que também foram trazidas até ali pelo Arco-íris da Vida.

Como estavam tão ocupadas que nem tinham tempo para minha mãe ou para mim, convidei-a:

– Mamãe, vamos caminhar um pouco?

– Caminhar um pouco?

– É, caminhar, mamãe. A senhora sabe sobre aquelas ondas que vêm com as vagas emanadas pelo Pai gerador e fatoradas pelas Mães fatorais divinas do divino Criador?

– O que você sabe sobre esse mistério, meu filho?

– Muito pouco. Talvez a senhora queira comentar esse mistério para mim.

– Sabendo muito pouco você já tem nos surpreendido, então imagino que tem algo a revelar-me sobre esse mistério do divino Criador, que certamente me surpreenderá.

– Minhas surpresas são desagradáveis, mamãe?

– Já foram em um passado não muito distante. Mas atualmente costumam ser muito apreciadas por quem é surpreendido por você, meu filho.

– Muito apreciadas, é?

– Foi o que eu disse.

– Entendo.

– O que você entendeu?

– Entendi que minhas surpresas são agradáveis e muito apreciadas.

– É, são sim.

– Mas às vezes as surpresas são tantas, ou tão grandes, que quem é surpreendido não resiste ao choque da surpresa e costuma desequilibrar-se, pondo tudo a perder, sabe?

– Ainda não sei, meu filho – falou ela, já diminuindo o passo e apertando ainda mais minha mão.

– Eu explico. Mas antes vamos nos refrescar um pouco naquela fonte de águas cristalinas porque estou me sentindo muito quente. A senhora também está muito quente, mamãe.

– Ainda não sei qual é a surpresa que você tem reservada para mim, mas não é das pequenas.

– É, não é pequena.

– Por acaso é das surpresas médias?

– Não senhora. Ela é das grandes... e divina, sabe?

– Eu estou preparada para recebê-la?

– Não sei. Mas conto com o auxílio dos meus recursos humanos para dotá-la dos que a sustentarão em equilíbrio vibratório, energético, magnético e emocional até que tudo tenha se realizado. Mas antes vamos nos refrescar nessa fonte e conversar um pouco porque sinto que só assim nos sairemos bem nessa nossa primeira ação divina.

– Nossa?

– Sim, senhora. Vamos nos refrescar um pouco?

– Estou trêmula. Parece que um vulcão formou-se em meu íntimo e me faltam os recursos para deixá-lo explodir e irradiar suas energias incandescentes para toda uma faixa vibratória.

– Eu trago em mim os recursos que lhe faltam, minha senhora.

– Eu sou sua senhora?

– É, sim.

– Desde quando, meu filho?

– Desde sempre. Esse grau sempre lhe pertenceu. Mas o desaparecido Ogum Sete Estrelas não pôde dotá-la das condições ideais porque o Pai preferiu humanizá-lo antes, para evitar que acontecesse com ele o que havia acontecido com seus três predecessores, também Tronos da Geração, em cujos íntimos vibrava a divindade do Pai, que optou por humanizar-me, pois só assim eu resistiria aos choques e descargas energéticas que acontecerão sempre que uma filha que traz a divindade da Mãe em todos os sentidos sentir que seu sétimo sentido está entrando em desordem vibratória.

Meu fator humano me fornecerá a resistência às energias que seu mistério irradiará, até que meu fator Ogum reordene suas vibrações e aí aflore naturalmente a divindade geradora do fator Iansã, que vibra em seu íntimo, e que a distingue como Filha da Mãe.

– Estou sem controle algum sobre minhas vibrações.

– Conceda-me a posse de todos os mistérios do seu sétimo sentido, minha senhora! – clamei aflito.

– Eu já não tenho controle sobre nada – clamou ela, mergulhando em um total desequilíbrio emocional, magnético, energético e vibratório.

Em desespero, clamei:

– Pai, por que me confiou missão tão sublime, se não sei como fazer aflorar a divindade da Mãe, que vibra no íntimo dessa sua filha? Socorra-nos, pai!

Aquela voz voltou a instruir-me e ordenou-me:

– Desdobre seu mistério humano, Trono da Geração! Desdobre-o e possua todos os mistérios do sétimo sentido dela com sua forma humana. Depois de fazer aflorar a divindade que vibra no íntimo dela nesse sentido, aí desdobre seu mistério gerador e renovador e renove todas as condições íntimas dela, adaptando-as às suas qualidades de filho do Pai, porque eu estou em você por meio da minha divindade que vibra em seu íntimo e aflorará em você em todos os sentidos.

– Assim farei, meu pai!

Acho que o que aconteceu foi que atuei dentro de um vulcão energético divino e, se não fosse o amparo que tive do Pai, eu também teria sucumbido, de tão poderosas que eram suas "erupções". E chegou um momento em que todos os mistérios do seu sétimo sentido, tendo sido possuídos pelo meu mistério humano, voltaram a vibrar no meu padrão magnético. Então a parte mais difícil teve início. Mas quando desdobrei meu mistério gerador e renovador, ela pediu:

– Ampare-me em todos os sentidos, senão mergulharei na inconsciência.

– Então me aceite como seu senhor, minha senhora.

– Já o aceitei, meu senhor. Forneça-me as condições ideais para que a divindade que vibra em meu íntimo aflore e una-se à que aflorou em você.

Bem, eu fiz o que ela pedia e no instante seguinte eu vi acontecer um genuíno e original êxtase divino, durante o qual toda uma vaga com sete ondas divinas

coalhadas de sementes vivas começaram a ser fatoradas por ela, que começou a gerar em si mesma as qualidades divinas conhecidas como fator Iansã.

Aquelas ondas divinas foram se espalhando em um espaço ainda vazio, e foi ocupando-o de cima para baixo até que eu vi completar-se toda uma faixa elemental fatorada por ela, cuja divindade havia aflorado em todos os sentidos e a mostrava aos meus olhos como única, e indescritível pelos padrões humanos.

– Meu senhor – pediu ela, ainda em seu êxtase divino – Inunde-me com seu amor divino até que eu transborde nele e o irradie junto com o fator Iansã, que já gero em mim mesma.

– Por que deseja isso, minha senhora?

– Você despertou a divindade da Mãe que vibrava em meu íntimo e a fez aflorar. Nada mais justo que lhe pedir que a imante com seu amor, meu senhor.

– Mas aí você estará unindo seu fator Iansã ao meu fator humano. Também unirá sua divindade à minha e nos tornaremos indissociáveis, sabe?

– Eu sei.

– Aí o segundo elemento de sua hereditariedade será o mineral.

– Eu sei.

– Também deve saber que meu mistério atrairá naturalmente todas as suas filhas que trouxerem no íntimo as qualidades divinas de Mães da Vida.

– Eu sei.

– Está dizendo que me quer como iniciador de suas filhas?

– Eu já o distingui com esse grau.

– Por quê, minha senhora?

– Seu fator humano fará com que todas sejam precoces em muitos sentidos, mas, especialmente no sétimo, serão muito precoces. Então eu, como mãe, preocupo-me com elas e não vou querer perder uma sequer pela falta de um Pai iniciador delas no grau de Mães.

– Então assim será, minha senhora.

– Eu o distingo, também, como guardião do meu polo negativo e concedo-lhe liberdade total para mantê-lo em perfeito equilíbrio emocional, magnético, vibratório e energético.

– Esse é seu desejo, minha senhora?

– Não. Essa é a minha vontade, que se manifestará em você como seu desejo. Agora me conceda a posse de todos os seus mistérios, senhor Trono da Geração.

– Já lhe concedi. Só falta a senhora assumi-los e dotar-me dos recursos que possibilitarão a realização de suas vontades, que em mim se manifestarão como desejos a serem realizados.

– Eu tenho visto você fazer suas irmãs adormecerem em seus braços enquanto você as dota com recursos energéticos. Conceda-me a honra de adormecê-lo em meus braços e vigiar seu sono quando eu dotá-lo com os recursos que o habilitarão a ser meu par eterno em todos os sentidos.

– Por que une todos os seus mistérios aos meus?

– Se o filho do Pai é o senhor do meu sétimo sentido, então o quero como senhor de todos os outros.

– Por quê, minha senhora?

– O filho do Pai também é um Trono Humano, não?

– Sou sim. Mas o que isso tem a ver com o que pretende fazer?

– Se é um Trono Humano, então este é o seu planeta base, e nele você tem sua morada eterna, sabe?

– Eu sei. Assim como sei que, se unir todos os seus mistérios aos meus, aí será dependente de mim em todos os sentidos e mesmo que no futuro venha a habitar outro orbe, terá de retornar periodicamente a este, para recarregar seus mistérios com meu fator humano.

– Eu sei disso.

– Isso não a preocupa?

– Nem um pouco. Até me faz vibrar intensamente.

– Por quê?

– Bom, você, com seu Mistério Humano, não só me resgatou da minha inconsciência, como humanizou meu sétimo sentido e proporcionou-me um prazer único, inesquecível, renovador e que se repetirá por quantas vezes desejarmos.

– Será que isso é aconselhável?

– Se não fosse, o Pai não teria humanizado o filho.

– Mas e se outro foi o objetivo do Pai?

– Então descobrimos juntos, meu Trono Humano.

– Puxa, se eu já não sabia como resistir às encantadas naturais ou celestiais Iansãs, como resistirei à Filha da Mãe Divina, que gera em si mesma o fator que a torna uma divindade?

– Por que resistir ao irresistível? Por que não concede a si mesmo um minuto inteiro de descontração e de vivenciação do único êxtase que o tornará pleno em si mesmo?

– Essa não!

– O que foi?

– Estou sendo seduzido!

– Como eu disse, tive um bom instrutor nessas coisas humanas, sabe?

– Agora sei.

– E então?

– As iniciativas são todas suas, minha senhora. Dote-me com todos os recursos necessários para responder às suas vontades.

– Posso recorrer à sua forma humana de realizar algumas de suas ações?

– Esse é o seu desejo?

– É, sim.

– Então recorra à minha forma e modo humano, porque seus desejos manifestam-se como vontades a ser cumpridas e desejos a ser realizados, sabe?

– Sei, sim. Agora as iniciativas são minhas!

Bom, o fato é que descobri como é poderosa uma Filha da Mãe, e como é duradouro um minuto de descontração e de prazer quando nos possuem em todos os sentidos e dotam nosso íntimo com recursos energéticos únicos e divinos.

O que me lembro é que chegou um momento que pedi:

– Minha senhora, vigie meu sono tão desejado, pois vou adormecer em seus braços!

– Adormeça seu sono tão desejado, Filho do Pai. Nós vigiaremos seu sono mais profundo.

– Nós?

– Eu e minhas vinte e uma irmãs, que durante seu êxtase divino, uni a você em todos os sentidos para todo o sempre.

– Por que fez isso, minha senhora?

– O Filho do Pai Trono da Geração que deveria nos acolher não resistiu ao choque. E, ou eu me unia à minha hierarquia a você em todos os sentidos ou ficaríamos à deriva por nos faltar o nosso Filho do Pai, que de agora em diante e por toda a eternidade será você, filho do amor do Pai pelas suas amadas filhas, e filhas do seu amor divino.

– Essa é a vontade da Mãe?

– Sim, essa é a vontade dela, que se manifestou em mim como um desejo a ser realizado.

– Então que assim seja, e que seja feita a vontade da Mãe de todas as mães de mães.

– Assim será. Agora durma seu sono tão desejado, Trono da Geração e Renovação de Vidas.

Eu adormeci profundamente, e durante meu sono a divindade que havia aflorado em meu ser recolheu-se ao meu íntimo, e dele projetou-se ao infinito, indo ao encontro do Pai, que a acolheu em seu íntimo e a ungiu e distinguiu como geradora de sua própria divindade, e depois a entregou à Mãe, que a possuiu e a dotou com os recursos divinos que a habilitaria a divinizar suas filhas ungidas com seus mistérios divinos, mas ainda sem um Filho do Pai para acolhê-las e ampará-las, tornando-as também Tronos da Geração e Renovação de Vidas.

Então a Mãe a devolveu ao Pai, que a devolveu ao meu íntimo, onde ela voltou a vibrar, ficando à espera do momento ideal para voltar a aflorar e colher com seus mistérios as filhas mães das filhas da Mãe.

Durante todo o tempo que durou meu sono, dos meus olhos correram lágrimas em abundância, que ela enxugou com um lenço plasmado em seu amor vivo, que guardou junto de seu coração; pois, segundo ela, eram as lágrimas de amor do filho pelos seus pais, e do amor do pai dos seus filhos.

Eu olhei à minha volta e vi, além dela, outras vinte e uma Iansãs. E entre elas eu vi minhas senhoras Guardiã do Tempo e Guardiã das Pedreiras, todas unidas na mesma vaga de sete ondas que ela viera. E todas estavam unidas a mim e aos meus mistérios. Olhei para o alto e vi que os pais e mães assentados na coroa divina nos sorriam e nos convidavam a ir até eles e assentarmo-nos como eles,

assim como às divindades que vibravam em nossos íntimos, já que éramos parte da divindade que anima a vida nesse planeta vivo, pulsante e vibrante.

E toda uma coroa divina geradora do fator divino Iansã assentou-se na morada dos pais e mães planetários, que me distinguiram com o título de Cavaleiro Guardião do Arco-íris da Coroa Divina Regente Planetária e honraram-me com o grau de Trono da Vida Planetária, grau este que incorporei ao meu Mistério Humano da Geração de Energias e Renovação de Vidas.

Mais tarde fui ao encontro de meu amado pai Xangô das Pedreiras, que havia se recolhido à mansão que lhe faláramos, e o encontrei só e silencioso. Após saudá-lo e reverenciá-lo com meu amor de filho, perguntei:

– Papai, o senhor já se banhou nas revigorantes águas desse lago?

– Não, meu filho.

– Por que não?

– Para que um velho e solitário Xangô iria revigorar-se se meu filho amado tirou do meu alcance minha amada senhora Guardiã das Pedreiras e todas as irmãs delas que viviam nesse jardim celestial que era o encanto dos meus olhos?

– Desculpe-me, pai amado. Mas foi uma vontade maior que a afastou momentaneamente do seu alcance e convívio.

– Momentaneamente, é?

– Foi o que eu disse.

– Você tem certeza, meu filho?

– Absoluta, meu pai. Ela reservou um lugar à sua direita que só o senhor poderá ocupar.

– Que lugar é esse, meu filho?

– O de Trono Iniciador das herdeiras naturais dela no grau de mães naturais Guardiã das Pedreiras.

– Essa não!

– O que foi?

– Estou encrencado, sabe?

– Não sei, não.

– É claro que você sabe. Elas, antes de serem iniciadas, são ar mineral cristalino.

– Bom, isso eu sei.

– Também sabe que, elas, para serem iniciadas nesse grau de mães Guardiã das Pedreiras, têm de absorver o fator Xangô, que é fogo puro.

– Sei disso, papai.

– Você sabe o que acontece quando são iniciadas e absorvem esse fator?

– Sei, sim. Primeiro, forma-se um vulcão energético no íntimo delas, que as coloca em uma vibração desordenada que facilita a explosão energética que as torna tão irradiantes em um polo e tão absorventes no outro.

– Pois é! Por serem tão absorventes, um Xangô não consegue iniciar mais que uma, senão elas o esgotam energeticamente. Estou encrencado!

– Não está não, papai.

– Como não, se terei de iniciar centenas de jovens e hipervibrantes Iansãs trienergéticas?

– Vamos até aquele lago que vou revelar umas coisas que aprendi por conta própria, sabe.

– Ainda não sei, mas faço questão de saber!

– Eu não vou entrar em detalhes porque o senhor, com sua imensa sabedoria, deduzirá facilmente o que não comentarei, certo?

– Bom, tentarei acompanhá-lo.

– Então vamos até o lago.

– Ajude-me a levantar, pois a sensação de solidão e inutilidade que havia se apossado de minha razão quase me paralisou.

– Eu o ajudo, papai.

Pouco depois, já sobre uma pedra, falei:

– Vamos dar um mergulho no lago.

– Eu não vou entrar nessa água, senão o pouco fogo que me restou será extinto por ela.

– Vou revelar-lhe o mistério dessa fonte, papai.

Quando abri para ele o mistério da fonte que alimentava aquele lago, ele se animou a entrar na água e comprovar se tudo o que eu havia dito era verdade. E, quando sentiu revigorar-se, exclamou:

– Essa não! E não é que é mesmo uma fonte revigorante! Estou me sentindo como quando era um jovem e vigoroso encantado Xangô!

– Eu não disse que ela tem um mistério revigorante?

– É, disse mesmo, meu filho. Como você a descobriu?

– Eu não a descobri. Apenas descarreguei nela um pouco do fator divino do filho do Pai que havia se concentrado na raiz do meu Mistério da Geração.

– Essa não! De que forma você descarregou esse fator divino revigorante?

– Eu usei minha forma humana, sabe.

Ele olhou-se e exclamou:

– Que encrenca! Você também saturou essa fonte com seu fator humano!

– Papai, acho que tem mais alguns fatores nesse lago. O senhor está parecido comigo no seu sétimo sentido. Portanto, acho que o senhor absorveu o fator que me distingue como Trono de Geração... e já começou a gerar fogo em si mesmo.

– Vou sair dessa água antes que...

– Relaxe, papai! Conceda a si mesmo uma surpresa agradável, renovadora, revigoradora, rejuvenescedora e humanizadora, e após ouvir o que tenho a dizer-lhe sobre como controlar e racionalizar as explosões energéticas que acontecem durante as iniciações, e como é agradável, divino mesmo, vigiar o sono tão desejado das iniciandas, tenho certeza de que descobrirá que o filho do Pai não só não tirou nada do senhor, como multiplicou indefinidamente o par que o senhor forma com sua celestial, e agora mãe divina, Guardiã das Pedreiras.

– Multiplicação indefinida?

– Sim. Só o senhor poderá interromper a formação de pares, caso isso desejar. Se não, então esse grau de iniciador é seu para sempre.

– Quando pararei de absorver esses fatores que saturam essas águas desse lago único?

– Quando seu corpo energético alcançar um equilíbrio com seu poder mental e entrar em sintonia vibratória com a divindade que já vibra em seu íntimo, sabe?

– Ainda não sei, filho do Pai.

– Ouça, nada de derramar lágrimas dentro desse lago, certo?

– São lágrimas de alegria e gratidão, Filho do Pai!

– Bom, aí acrescentará a alegria e a gratidão às águas desse lago.

– Você entrou nele como meu filho ou Filho do Pai?

– Entrei como o Filho do Pai que o deseja como pai e o está honrando e distinguindo como pai da minha razão e razão d'O meu Pai.

– Perdoe-me por ter ficado triste porque não entendi a razão de ter me tirado momentaneamente minha amada senhora Guardiã das Pedreiras. Mas eu nunca atino antes com as razões que o guiam, sabe?

– Sei. Mas lhe digo que são Razões do Pai, meu amado pai Xangô das Pedreiras.

Nisso surgiram à beira do lago vários dos meus amados pais Xangôs, e o senhor Xangô do Fogo perguntou-me:

– Filho do Pai, você tem certeza de que são razões do Pai ou são razões do Filho do Pai?

– Essa não! Meu pai Xangô do Fogo!!!

– Saiba que o Filho do Pai também traz, junto com a divindade que vibra em seu íntimo, suas próprias razões.

– Isso eu não sabia, meu pai.

– Traz, sim. E muitas de suas ações atendem às suas próprias razões, que não são iguais às do Pai, mas devem complementá-las e dar sustentação e condições à exteriorização e individualização da divindade que vibra em seu íntimo.

– Como é que vou saber quando é uma e outra?

– Só estando assistido por um conselho de pais acostumados a interpretar as razões segundo os princípios divinos. Tanto as do Pai quanto as dos Filhos do Pai!

– Alguma sugestão de onde encontrarei amados pais acostumados a interpretar essas razões?

– Precisamos refletir um pouco, Filho do Pai.

– Por que não entram no lago? Talvez essa água deliciosa acelere seu raciocínio e logo saberão onde o Filho do Pai encontrará os intérpretes de que tanto precisa, sabe?

– Você disse que essa água não só não apaga o fogo dos velhos pais Xangôs, como ainda o intensifica?

– Foi o que eu disse, meu pai amado.

– Por acaso você sabia que estávamos ouvindo-o e observando-o?

– Sabia. Não foi por acaso que eu lhes revelei isso.

– Entendo. O desejo que estamos sentindo de entrar nesse lago por acaso provém do seu desejo de revigorar-nos?

– Não é um desejo. E, agora que o senhor alertou-me que o Filho do Pai traz razões que atendem às necessidades da divindade que vibra em meu íntimo, então lhes digo que, se entrarem neste lago único, estarão atendendo a uma das razões do Filho do Pai.

– O que o leva a crer que é uma razão do Filho do Pai?

– Bom, eu já não sou um filho enigma, meu pai Xangô do Fogo.

– Você decifrou seu enigma?

– Meu Pai ancestral, individualizado no divino Trono da Geração, decifrou-o para mim.

– Você pode comentar isso para nós, meu filho? – perguntou meu amado pai Xangô Mineral.

– Posso, papai. Mas antes vou sair desse lago, porque não quero misturar a essa água as lágrimas que derramarei.

– Se for triste demais guarde-o para você, meu filho.

– Eu preciso desabafar com quem possa me ouvir racionalmente e depois me orientar sem emotividade.

– Bom, você está com os pais da Razão à sua volta. Logo, confie em nosso discernimento e com certeza daqui a pouco terá se desabafado e não estará derramando lágrimas de tristeza.

– Eu confio nos senhores, meus pais Xangôs.

– Então se assente junto de nós, os pais que o amam, e comece a comentar seu enigma, filho do Pai.

Eu subi em uma das pedras, sentei-me e comecei a comentar:

– Pais amados, os senhores conheceram o desaparecido Ogum Sete Estrelas que era o guardião dos mistérios do Trono da Geração, e sabem que ele humanizou-se na carne, onde o Ogum desapareceu e o Trono da Geração que vibrava no íntimo dele adormeceu.

Então saibam que, se assim aconteceu, é porque o Pai dos pais o humanizou para ele poder resistir ao choque emocional quando descobrisse que a divindade do Pai vibrava em seu íntimo e o distinguia como o Filho do Pai Trono da Geração e gerador de Tronos em si mesmo, pois é a individualização do fator gerador do Pai.

E se assim o Pai quis, é porque o Filho do Pai anterior a mim, e que deveria recepcionar-me e assentar-me logo abaixo dele para dar prosseguimento à hierarquia divina dos Tronos da Geração, simplesmente não resistiu ao choque emocional e não me recepcionou.

Mas não foi culpa dele, porque ele também não foi recepcionado por aquele que veio na vaga anterior, que também não resistiu ao choque emocional, porque também não foi recepcionado por aquele que deveria recepcioná-lo, pois viera na terceira vaga anterior à que vim.

Enfim, três Tronos anteriores a mim, e todos Filhos do Pai, pois a divindade do pai vibrava no íntimo deles, sucumbiram ao choque emocional, obrigando o Pai a recolher a divindade que vibrava no íntimo deles, que logo sucumbiram, desvirtuaram-se e foram possuídos pela face escura do Pai, que é onde se abrigam os que não resistiram ao choque emocional ao se saberem portadores da divindade do Pai.

O que têm a dizer-me sobre o que comentei?

– Antes nos diga qual foi a razão do primeiro deles não ter resistido ao choque emocional.

– Ele foi o primeiro Trono da Geração que entrou em contato com o fator humano. Mas o absorveu por osmose energética e junto absorveu a parte negativa do fator transformador, que o desfigurou e ele começou a gerar os tais irmãos venenosos, que um dia meu pai Guardião Beira-mar me falou.

– Você tem certeza de que ele é o primeiro Trono da Geração que entrou em contato com o fator humano?

– Não tenho. Mas presumo que tenha sido o primeiro, porque o divino Trono Planetário da Geração não tem uma hierarquia reta e não segmentada, como é a dos outros divinos tronos.

– No que mais você fundamenta sua opinião?

– Bom, o divino Trono da Geração é atemporal e pertence à hierarquia do divino regente planetário, o Trono das Sete Encruzilhadas.

– Suas premissas são fortes, mas falta o fato conclusivo que é a palavra do próprio divino Trono da Geração. O mais certo é que ele tenha encontrado uma certa dificuldade em conduzir à sua hierarquia seus herdeiros naturais. Talvez os muitos fatores que um Trono da Geração tem de gerar em si mesmo enquanto está inconsciente da divindade que vibra em seu íntimo o descaracterize e o desfigure de tal forma que ele se torna incapaz de fazer aflorar a divindade que vibra em seu íntimo.

Com certeza sua hereditariedade sofreria, caso fosse entronado sem antes ter ordenado os fatores adversos que começam a gerar em si mesmos assim que absorvem os fatores que circulam na dimensão humana. Lembre-se de que um desses fatores tem em seu lado positivo a criatividade humana, mas em seu lado negativo tem a ilusão. Esse fator fez perder muitos Tronos Fatorais humanizados.

– Por quê, meu pai?

– Bom, à medida que foram se descobrindo, começaram a julgar-se semideuses, ou mesmo deuses. Você mesmo estudou a história humana recente e sabe que imperadores, reis, faraós, etc., acreditaram-se deuses e foram adorados como tais, ainda que não passassem de simples espíritos portadores de mistérios. Não foram poucos os Tronos que se humanizaram para abrir os mistérios divinos, e acabaram sendo adorados como se eles mesmos fossem divindades, ou o próprio Deus. A estupidez humana não tem limites e muito menos pauta-se pelo bom senso. Como é possível, um ser tão frágil e incapaz de reproduzir de forma concreta uma simples pedra, julgar-se um semideus, ou o próprio Deus Criador? Crer-se

um herdeiro das qualidades do Criador é correto. Mas julgar-se com as mesmas faculdades d'Ele, é pura ilusão.

Você mesmo, que viveu na Terra, sabe muito bem que nenhum cientista conseguiu ou conseguirá criar algo inesgotável em si mesmo. Todos dependem do que já existe, e foi criado por Deus, para criarem coisas finitas. Logo, nem de aspirantes a semideuses podem ser chamados.

Tudo o que é criado por Deus é infinito em si mesmo. A fé é uma qualidade de Deus e é correto o ser crer-se portador dessa qualidade divina. Todos os seres procuram por Deus!

Já as divindades humanas, quem as procura naturalmente, Filho do Pai?

– Comente isso, meu pai Xangô do Fogo.

– Saiba que ninguém as procura naturalmente. Se as procuram, é porque são estimulados ou impelidos, pois do contrário nenhuma divindade humana vingaria no plano material.

Você viu o que aconteceu quando sua senhora Iansã dos Minerais assentou-se no Trono Regente de uma faixa vibratória gerada pelo Criador e confiada a ela?

– Logo que se assentou nela e desdobrou seu mistério divino, começaram a chegar crianças e mais crianças que a adotaram como mãe. Acho que isso nunca mais cessará, meu pai.

– Não cessará porque ela não se julga uma deusa, e tem plena consciência de que o que acontece com ela é que a divindade que vibra no íntimo dela, e que aflorou, é uma qualidade da Mãe Fatoradora Iansã. E, se ela distinguirá como Iansãs dos Minerais suas filhas, é porque a divindade que aflorou nela as atraiu naturalmente, sem proselitismo, sem autopromoção e sem autoexposição, já que ela não sairá do seu ponto de forças para convencer alguém a seguir para os domínios dela. Ela tornou-se uma Mãe Divina!

Saiba que a divindade que vibra no íntimo dela, vibra em uma faixa específica e não entra na faixa de nenhuma outra divindade. Logo, as crianças que a procuraram só foram porque já estavam saturadas do fator anterior que absorviam. Então a vibração divina do divino Trono da Evolução abriu para elas uma nova faixa vibratória, e elas viram, inconscientemente, na nova mãe uma divindade muito atraente porque ela irradia um fator misto que abre o magnetismo delas, as crianças encantadas Iansãs...

A nova mãe as acolheu com amor, e a antiga mãe as enviou também com amor, pois não absorveu um fator que flui na dimensão humana, cuja parte positiva é generosa e cuja parte negativa é egoísta, uma é doadora e a outra é possessiva.

Saiba que, assim que aquelas crianças começarem a ficar saturadas com o fator da nova mãe, o divino Trono da Evolução abrirá para elas outra nova faixa vibratória já em acordo com as novas necessidades delas, que já não serão crianças, e sim jovens encantadas. E essa atual mãe as enviará com amor e a nova mãe delas as receberá com amor. Uma mãe não se sentirá lesada ou diminuída e a outra não se sentirá assoberbada ou engrandecida. Isso acontece no plano material, Filho do Pai?

– Não, senhor. Os responsáveis pelo culto às divindades precisam fazer proselitismo sobre elas o tempo todo, senão não atraem cultuadores. E quando alguém deixa uma religião, seu antigo sacerdote o julga um infiel traidor, e o novo sacerdote julga-se melhor e mais competente que o anterior porque o novo fiel agora é todo seu.

A ninguém ocorre que talvez o fiel tenha se saturado dos fatores que fluíam na religião anterior, e tenha sentido atração pelos fatores da nova.

Então, estigmatizam, excomungam, amaldiçoam e segregam o antigo "irmão".

– Então a fé é um fator divino. Mas as religiões são fatores religiosos humanos, certo?

– Sim, senhor, meu pai.

– Não lhe ocorre que talvez o Trono da Geração que primeiro absorveu o fator humano tenha absorvido essas qualidades duais e, em vez de só gerar os fatores que todos esperam que um Trono da Geração gere, ele também começou a gerar esse egoísmo e possessivismo humano, que paralisa a evolução dos seres?

– Talvez tenha sido isso, meu pai.

– É, talvez tenha sido isso que desfigurou o primeiro Trono da Geração cuja evolução processou-se "dentro" desse todo planetário que você chama de Terra, porque nós sabemos como se sentem os seres humanos portadores de algumas qualidades, não?

– Sabemos, sim. Começam a sentir-se superiores.

– Assim como julgam superior a divindade que os acolheu, e acham inferiores todas as outras que regem outras religiões. Você viu isso acontecer entre seus irmãos encantados ou naturais?

– Nunca, meu pai.

– Aí tem uma explicação "racional" para a perda da divindade do primeiro Trono da Geração, que não resistiu ao choque emocional quando a divindade que vibrava no íntimo dele começou a aflorar. Ele, com certeza, não se sentiu digno do Pai ou da divindade que vibrava no íntimo dele. Então se desestabilizou vibratoriamente e emocionou-se de tal forma que perdeu o juízo e a noção reta das coisas. Mas a causa verdadeira, só o Pai sabe e a guardou para si.

– Então é melhor encerrarmos essa discussão, meu pai. Eu já sei que eles não resistiram ao choque emocional e isso me basta.

– Não basta, meu filho. De uma discussão tiramos conclusões muito importantes e criamos parâmetros para balizarmos nossa conduta. Você mesmo teve muita dificuldade em aceitar-se como Trono Humano da Geração, e por pouco não sucumbiu ao choque emocional quando se descobriu Filho do Pai, e ainda não se aceita com essa condição, só recorrendo a ela em momentos excepcionais.

– O senhor está certo. Eu ainda não tive tempo para refletir sobre essa minha condição. Então vou realizando as ações e aceitando-me como sou.

– Assim não se questiona as razões que o levam a fazer o que tem de fazer, não é mesmo?

– Sim, senhor.

– Você precisa conscientizar-se de que uma folha que arrancar de uma árvore a diminuirá. Mas um fertilizante que lhe acrescentar, irá aumentá-la e fortalecê-la. Com isso em mente, então reflita sobre suas ações e procure saber de qual árvore está tirando folhas, e a qual está fertilizando.

Também deve saber que, quando arrancar a folha de uma árvore, ela sentirá a dor da perda de uma de suas folhas. E se arrancar todo um galho para enxertá-lo em outro tronco para que ele também se torne uma árvore cheia de flores, ainda assim a árvore da qual o galho foi tirado sentirá a perda dele para outro tronco, e demorará para entender que, se perdeu um galho, se multiplicou em uma nova e frondosa árvore.

– É o que tenho feito, não?

– É, sim. Você tem realizado ações maravilhosas, mas sempre arrancando galhos ou folhas de árvores. E ainda que tenha feito o que tem de fazer, e só você pode fazer, no entanto, tem usado em demasia seu modo e forma humana de realizar suas ações, e isso o assoberbará no futuro, pois você é Filho do Pai e cria condições únicas, só adaptáveis a você e a ninguém mais.

Chegará um tempo em que sua forma e modo humano será um fator que o paralisará e começará a bloquear a evolução natural de quantos estiverem ligados a você.

– O senhor está certo, meu pai Xangô do Fogo.

– Saiba que essa foi a causa da queda vibratória do segundo Trono da Geração. Ele apreciou tanto a forma e o modo humano de realizar suas ações que chegou um momento em que a divindade que vibrava em seu íntimo deixou de ser despertada por ele, e o Pai a retirou do íntimo dele, o Trono da Geração Filho do Pai.

– Eu tenho recorrido com muita frequência à minha forma e modo humano de realizar minhas ações.

– Saiba que a forma humana é limitadora e tem por função reeducar, instruir ou limitar a tendência à dispersão de quem é alcançado pelas ações realizadas nas suas condições e com seus recursos. Mas assim que o ser, objeto da ação, é reeducado, instruído e recupera sua capacidade de concentrar-se, aí tem de receber condições naturais de guiar-se, que é a que guiaram aquelas crianças que deixaram uma mãe que amam e os ama, e dirigiam-se aos domínios de outra que os ama e que amarão, sem renegarem a anterior ou deixarem de amá-la.

Um ser não troca um amor por outro. Apenas acrescenta à sua vida novos amores.

Agora, um Filho do Pai traz em si mesmo a divindade n'Ele, que encanta a quem entra em contato direto com ele. E se o Filho do Pai não criar condições para criar novos amores e novos encantos nos seres alcançados pela sua forma e modo humano, eles negarão a divindade que vibra em seu íntimo e o trocarão por qualquer outra divindade ou se desencantarão até mesmo com as divindades que vibram no íntimo dos outros Filhos do Pai.

– Eu vibro amor por todas as divindades e tanto estimulo o amor a elas quanto irradio esse amor.

– Saiba que a razão da queda vibratória do terceiro Trono é porque ele foi possuído pelo egoísmo e possessividade, e não criava condições para que novos encantos e novos amores surgissem naturalmente na vida dos seres regidos pelos seus mistérios ou sob sua atuação. Chegou um momento que entrou em conflito, tanto com a divindade que vibrava em seu íntimo quanto com seus irmãos em cujos íntimos vibravam outras divindades do Pai, geradoras de fatores indispensáveis ao surgimento de outros encantos e amores na vida dos seres.

Ao pai só restou retirar do íntimo dele Sua divindade. Ou o Pai fazia isso ou os conflitos íntimos ou exteriores do Filho do Pai desestabilizariam a harmonia vibratória planetária.

– Então vim eu, que o Pai humanizou e está lapidando pouco a pouco, é isso?

– Quanto à sua lapidação, é sim. Mas quanto ao fato de tê-lo humanizado, foi para preservar seu Mistério Gerador e a divindade que vibra em seu íntimo, já que, antes de humanizá-lo na carne, ele o saturou com os fatores gerados pelos divinos Tronos Planetários, tornando-o gerador dos fatores deles. Só após isso Ele abriu suas fontes humanas e dotou-o de recursos para captar todos os fatores existentes na dimensão humana, assim como os gerados a partir dela. Depois foi depurando-o por meio do recurso das reencarnações, até que você se dotou de fontes geradoras do fator principal gerado na dimensão humana: o fator humano que sustenta o humanismo!

– Entendo. Eu fui humanizado e agora estou sendo lapidado e naturalizado. É isso, meu pai?

– Sim. Saiba que o Pai vai fornecendo recursos a todos os seus filhos e dotando-os de meios para que despertem Sua qualidade que vibra no íntimo de todos eles. Assim evita os choques emocionais. Mas com aqueles que trazem no íntimo a divindade do Pai, aí tudo é mais difícil, pois uns tendem a negá-la, outros a renegá-la, outros a extrapolarem o campo de ação ou assumirem-na e darem a ela um uso que atende só aos seus emocionais.

– Em qual desses tipos descritos o senhor me classifica?

– Ainda é cedo para podermos classificá-lo. Só daqui a alguns milênios teremos condições de defini-lo com certa segurança, pois aí a vontade do Pai terá se sobressaído sobre os desejos do Filho, ou terá sido anulada por eles, que o definirão e o tornarão classificável e definível.

– Precisam de tanto tempo, meu pai?

– Precisamos. Afinal, que você é um Trono da Geração já está definido. Que a divindade do Pai vibra intensamente em seu íntimo, isso salta aos olhos só de olharmos para você com nossa visão divina. Agora, seu campo preferencial de ação só se definirá quando você amadurecer em seu íntimo a vontade do Pai e as suas e fundi-las, deixando sobressair uma vontade única e personificada

em você mesmo, que o tornará um referencial sólido a todos os que o conhecem ou são beneficiários do seu mistério.

Afinal, você ainda é um executor das vontades dos Pais Maiores e está se preparando para atuar em vários campos. Então, naquele onde você melhor se adaptar, esse será seu campo preferencial, meu filho. Saiba que os Pais são, todos eles, Tronos da Geração.

– Como é que é?

– É o que eu disse, meu filho. Nosso Pai Xangô Maior é um Trono do Fogo que gera o fator equilibrador da Justiça Divina. Já nosso Pai Maior Ogum gera o fator ordenador da Criação Divina. E assim acontece com todos, pois são geradores divinos de qualidades do Pai. Então, ser um Trono da Geração não é uma condição definitiva, e sim preparatória para uma outra que, aí sim, o definirá e o tornará classificável segundo nossos parâmetros, já assentados como lógicos e confiáveis.

– Entendo.

– Então já tem condições de saber se esse desejo que você nos irradiou atende às razões do Pai ou às do Filho do Pai.

– Tenho?

– Tem sim. Afinal, você teve suas razões para compensar seu pai Xangô das Pedreiras por ter atuado no Mistério Sete Pedreiras de forma tão avassaladora, não?

– Eu as tive, sim. Ele é o Trono Gerador desse fator misto mais próximo de mim.

– Eu não entendi, meu filho.

– Existem coisas que não posso comentar, meu pai. São razões do Pai e só Ele pode comentá-las. Mas o fato é que amo meus pais e, se puder acrescentar fertilizante às raízes de suas árvores, tenho certeza de que as folhas que lhes arrancarei, compensarei com galhos portentosos cheios de folhas novas e viçosas. Acho até que esses galhos gerarão frutos que são verdadeiros mistérios do Pai.

– Galhos portentosos, cheios de folhas viçosas?

– Foi o que eu disse, meu pai.

– Eles gerarão frutos que são verdadeiros mistérios do Pai?

– Verdadeiros mesmo, sabe?

– O Filho do Pai diz, logo é verdade indiscutível.

– Bem, acho que já não vou derramar lágrimas de tristeza. Mas acho que nunca vou me esquecer que a maioria dos Tronos da Geração que executei durante minha longa jornada humana, bem, acho que andei executando irmãos e pais ancestrais, sabe?

– Eu sei.

– Por acaso fui eu quem executou aquele que deveria recepcionar-me?

– Não. O divino Criador o direcionou para outro orbe planetário, onde ele realiza uma outra vontade do Pai. Nós acreditamos que, se aqui ele fez o que fez, foi porque atendia às necessidades planetárias. E quando realizou sua missão, aí

o Pai o conduziu a outro orbe, onde, sendo como é, também atende aos planos traçados em um nível de decisões que foge ao nosso entendimento.

– Bom, que ele se realize como Filho do Pai e readquira o direto de vibrar a divindade do Pai em seu íntimo. Agora, já se decidiram a absorver o Mistério da Água desse lago, ou não?

– Por que a pressa em que fertilizemos nossas raízes se ainda não arrancou nossas folhas?

– Bom, logo vou possuir os mistérios do Trono da Geração Feminino que deveria ter seguido com ele. Mas, porque ela arrastaria consigo uma porção de velhos Xangôs, o Pai a reteve neste orbe planetário.

Só que, assim que eu possuir os mistérios dela, romperei os cordões que mantêm as filhas delas ligadas aos velhos Xangôs, aos velhos Oguns... e aos velhos Omolus.

– Então as pontas dos cordões energéticos que ainda nos unem a elas ficarão soltas no Tempo porque formamos pares com elas, Filho do Pai. – falou meu amado pai Xangô Sete Montanhas.

– Não ficarão, meu pai. Eu clamei ao Pai e ele me concedeu a honra de agregá-los ao meu mistério, desde que eu segure com meu mistério a ponta de todos os cordões que forem rompidos. Mas só segurarei a ponta dos cordões dos pais ancestrais que desejarem assentar-se à volta do Filho do Pai.

– O que acontecerá aos que não desejarem assentar-se à sua volta, Filho do Pai?

– Só o Pai poderá responder a essa pergunta, meu pai Xangô Sete Montanhas.

– Você não sabe o que acontecerá?

– Eu não perguntei ao Pai. Mas imagino que as pontas ficarão soltas no Tempo, à espera de alguém que queria pegá-las.

– Geralmente quem pega essas pontas são espectros vazios soltos no Tempo.

– Isso eu não sabia. O senhor pode comentar esse mistério?

– Posso, meu filho. Mas antes vou entrar nesse lago e fertilizar a raiz da minha árvore da vida, pois, se ela será desfolhada, pelo menos que permaneça forte, saudável e vigorosa, pois só assim folhas viçosas brotarão e com o tempo enfeitarão uma árvore da vida que já deu muitos frutos, mas parou de dá-los desde que aquele Filho do Pai que deveria recepcioná-lo foi atraído pelo magnetismo de uma outro orbe planetário, com você ainda em sua infância.

– Depois o senhor pode comentar isso? – perguntei, enquanto o ajudava a descer da pedra onde estava sentado, para poder entrar no lago. Então, quando meu amado pai Xangô Sete Montanhas entrou na água e absorveu um pouco dela, exclamou:

– Essa não! Esse lago é pura água da vida, e água da vida pura!

– É sim, meu pai. Ela está à disposição de todos os meus pais ancestrais que, por irradiação energética, poderão transmiti-la aos seus filhos, netos, bisnetos,

etc., desde que eles honrem o Pai, já que, caso não honrarem, essa água da vida pura será a água da purificação da vida daquele que a absorver através da irradiação energética dos pais ancestrais.

– Que assim seja, Filho do Pai. – sentenciou meu amado pai Xangô do Fogo – Eu, como guardião da Justiça Divina, sentencio que todo aquele que absorver essa água da vida pura e não honrar o Pai terá sua vida purificada por ela após o terceiro alerta que receberá da Lei.

– Por que três alertas, meu pai?

– O primeiro alerta visa a esclarecer; o segundo visa a ensinar e o terceiro visa a paralisar. Um quarto não será preciso, porque aí o ser terá sido purificado e reduzido, na dor, à sua semente original, já que essa água da vida pura se alimentará do negativismo do ser que vier a desonrar o Pai.

– Se assim será, então que absorvam essa água pura da vida todos os pais que têm honrado o Pai com suas vidas puras e a pureza de suas vias. Todo aquele que aceitar esse convite do Filho do Pai, no seu tempo certo será um dos convidados do Pai!

Assim que falei aquilo surgiram tantos pais ancestrais, mas tantos mesmo, que não contive meu emocional e derramei lágrimas de alegria que cintilavam as mil cores do Arco-íris divino. Elas se espalharam por propagação e todo o lago cintilou o Arco-íris Divino, fato este que levou meu amado vovô Omolu e atualmente meu pai Obaluaiê a comentar:

– Essa não! Quanto mais eu fujo do divino Oxumaré, mais seus mistérios vão me possuindo! Agora sim, estou encrencado!

– Por quê, pai amado? – perguntei curioso.

– Bom, se antes eram só os olhinhos de minha cobra negra que cintilavam as cores do Arco-íris divino, agora toda a cabeça dela está cintilando. Como você explica isso, meu filho?

– Segundo eu soube, a cabeça da serpente encantada do divino Obaluaiê cintila todas as cores do Arco-íris, sabe?

– Agora sei, meu filho. Como você sabe disso?

– Bom, isso é um mistério e não serei eu quem irá abri-lo ou comentá-lo. Não mesmo, meu pai!

– Sabe que, olhando-a bem, até que fica bonita! Toda negra, mas com a cabeça cintilando as cores do Arco-íris. Isso sim é que é um mistério, não?

– É sim, meu pai amado. Segundo ouvi dizer, há um planeta, não muito distante da Terra, onde existe toda uma dimensão da vida que é regida em seus dois polos masculinos pelos divinos Oxumaré e Obaluaiê, sabe?

– Ainda não sei. O Filho do Pai pode comentar algo sobre essa dimensão?

– Posso. Ela é extra-humana e é original.

– O que esse original significa, Filho do Pai?

– Bom, ela é ocupada do alto até o embaixo por irmãs que, aos meus olhos, se mostram encantadoras encantadas cujos corpos energéticos são revestidos

por uma "pele" negra como sua serpente, mas que cintila as cores do divino Oxumaré.

– Essa não! Como você descobriu isso, meu filho? – perguntou meu amado pai Guardião Megê.

– Bom, faltava às regentes femininas daquela dimensão um genuíno Trono da Geração para gerar as condições ideais para as filhas delas evoluírem, e aí os regentes e amados pais maiores Oxumaré e Obaluaiê decidiram honrar-me com o grau de Trono da Geração responsável pela geração dessas condições ideais. Então possui os mistérios daquelas amáveis regentes dimensionais que os abriram para mim com muita alegria, pois finalmente teriam um tão desejado Trono da Geração à disposição para acelerar a evolução das suas filhas, que também são muito amáveis, sabe? São um verdadeiro encanto de tanta amabilidade.

– E você, como é que foi honrado com a posse dos mistérios daquelas regentes dimensionais de outro orbe planetário?

– Bom, quem deveria ter possuído os mistérios delas e dotar suas filhas de recursos evolutivos era o Trono da Geração que seria meu bisavô, sabe?

– Essa não! – exclamou meu pai Ogum de Lei, muito interessado no mistério daquela dimensão de um orbe extra-humano.

– Essa não, o quê, meu amado pai?

– Você está superando o abstrato Édipo da literatura grega, pois ele possuiu a mãe sem saber, e você está possuindo os mistérios das suas bisavós. Isso sim é que é um Édipo homérico!

– Eu não sabia que elas eram minhas bisavós, ou deveriam ser.

– Você já possuiu os mistérios de todas as suas bisavós que seu inexistente bisavô deveria possuir?

– Não, senhor.

– Como os possuirá, agora que sabe que na hierarquia do divino Trono da Geração elas têm o grau de suas bisavós?

– Bom, eu acho que nesse caso tenho de preencher o lugar do meu bisavô, sabe? Afinal, elas continuam fatorando suas filhas, netas e bisnetas. E eu, como o único herdeiro da "família", tenho de assumir as heranças deixadas pelo meu bisavô, avô e pai, e ir me apossando delas antes que seja tarde ou venha a perder bens tão precisos para algum Trono da Geração extragaláctico, sabe?

– Trono da Geração extra-galáctico? Essa não!

– Não mesmo, meu pai Guardião Megê. Logo eu possuo todas as heranças deixadas por eles, e coloco ordem na família.

– Como você cuidará de heranças tão antigas e tão vastas?

– Bom, segundo meu pai, o divino Trono da Geração, eu, como Mago, posso nomear "procuradores" para cuidar das que já renovei como Trono Humano da Geração e Renovação.

– Como mago você pode nomear procuradores, é? – perguntou meu pai Xangô do Tempo.

– Foi o que eu disse, pai amado.

– Saiba que nós, os Xangôs, lidamos com a "procuradoria" da Justiça Divina, meu amado filho.

– Não me esquecerei da sua oferta para cuidar de alguma vasta herança, meu pai. Assim que o divino Trono da Geração ordenar, automaticamente o senhor será nomeado.

– É, vou precisar de um vasto domínio para atuar, pois essa água é revigorante mesmo. Sinto-me com a mesma disposição para atuar de quando eu era um vigoroso e disposto Xangô Encantado. Que água! Só foi absorvê-la em minha raiz que minha árvore da vida recuperou seu vigor juvenil e encantador!

– É uma água pura mesmo. – concordou meu pai Ogum de Lei, que também falou: – Filho do Pai, nós Oguns somos potenciais procuradores da Lei Divina, sabe?

– Sei sim, meu amado pai. Saiba que, se perdeu ou perderá algumas folhas de sua árvore da vida, o divino Trono da geração já o nomeou guardião de um vasto bosque coalhado de floridas árvores frutíferas.

– Você já provou dos frutos das árvores desse bosque?

– Não, senhor. Mas aos meus olhos parecem ser doces e saborosos.

– Por que você não provou?

– Eu limitei-me a semeá-lo, sabe?

– Acho que sei. Bem, já que o divino Trono da Geração distinguiu-me como guardião de um vasto bosque coalhado de floridas árvores frutíferas, vou assumir a guarda dele antes que apareça algum guardião extraplanetário para guardá-lo. Certo, Filho do Pai?

– Certo, pai do Filho do Pai.

Bom, como Filho do Pai, instruído e ordenado pelos divinos Tronos Planetários, em pouco tempo havia agregado ao meu mistério todos os velhos e ancestrais Oguns, Xangôs... e Omolus, só restando ao meu lado meus amados pais Guardião Naruê e Beira-mar. Então falei:

– É, acho que o divino Trono da Geração não reservou nada para os senhores, meus pais! Sinto muito!

– Não sinta não, Filho do Pai. Ele nos distinguiu como guardiões do Filho do Pai que herdou tantos bens e ainda não conheceu nem dez por cento de sua herança ancestral.

– Essa não!

– Essa sim, herdeiro natural de seus quase bisavó, avô e pai, Tronos da Geração. Eu, usando seu modo humano de julgar as "pessoas", acho que esses seus pais agiram como perfeitos idiotas, certo?

– Por quê, amado pai Beira-mar?

– Como é que foram tão mesquinhos e egoístas, tendo um campo tão vasto para atuarem?

– Sei lá, mas acho que não se humanizaram na carne, e não podiam atuar como eu atuo com minha forma e modo humano, sabe?

– Não sei, não. Você pode comentar isso para nós?

– Não. Mas digo-lhes que essa minha forma de atuar é tão apreciada que, ou a ensino e distribuo parte de minha herança ou nunca sairei do nível terra de atuação junto aos mistérios que venho possuindo, e concedendo a posse do meu.

– É tão apreciada assim essa sua forma e modo humano de atuar?

– É, sim. E por falar nisso, acho que mais um mistério, ainda inexplorado por causa da falha do meu quase bisavô, vai abrir-se para mim, sabe?

– Não sei, não. Como é que você lida tão bem com esses mistérios, tão fechados quanto ancestrais? As senhoras guardiãs deles devem ser muito maduras e de difícil trato, não?

– Comigo não. Elas têm tanto amor represado que o descarregam todo em mim.

– Essa não! Eu pensava que a maturidade delas fosse um empecilho para concederem a posse de mistérios tão fechados!

– Bom, para cair na simpatia delas eu, antes de mais nada, vou logo renovando-as. Daí em diante é só colher o amor que elas haviam reservado para o meu bisavô, meu avô e meu pai. É muito amor represado, sabe?

– Não sei, mas imagino que seja. Como é que você resiste a tanto amor?

– Eu tenho um coração muito resistente. Quanto mais amor eu absorvo, mais meu coração vibra.

– Como é que Tronos Femininos da Geração, temidos e evitados até pelos Anjos, recebem-no com tanto amor?

– Tudo é uma questão de ângulo visual, sabe?

– Não sei, não.

– Eu explico: quem vê esses Tronos, só os vê a partir das aparências. Mas eu os vejo a partir de suas formas íntimas, e só vejo Tronos maduros, atraentes, delicados, compreensivos, amorosos, encantadores, mesmo, meu pais Beira-mar!

– É, você descobriu mesmo o mistério destes Tronos.

– Saiba que às vezes, só para me reterem um pouco mais em seus domínios, abrem, para minha alegria, seus mistérios mais ocultos mesmo!

– Mais ocultos, é?

– Foi o que eu disse, meu pai.

– Que tipo de mistérios?

– Bom, são mistérios e não posso comentá-los. Mas uma coisa que descobri é que, se andei fugindo delas por um bom tempo, foi por um temor idiota e por tentar ser igual aos espíritos, quando o que eu deveria ter feito era incorporar as qualidades dos espíritos ao meu mistério. Se eu tivesse feito isso, tudo teria sido mais fácil e há muito tempo já estaria iniciando as filhas, netas e bisnetas... delas, e teria evitado uma porção de encrencas.

– Que tipo de encrencas?

– Bom, segundo elas me disseram, eu entendia seus chamados de forma invertida. E, quando elas tentavam atrair-me até seus centros neutros para assumir meu grau de Trono e possuir seus mistérios, o que eu entenderia é que estavam

tentando subjugar-me e destruir-me. Tudo deveu-se a um erro de interpretação, sabe?

– Acho que sei. Geralmente o que mais tememos é o que menos entendemos. Mas, quando entendemos, descobrimos que o que mais temíamos é o que mais desejávamos.

– É isso mesmo, meu pai. Hoje, não só não as temo, como até me sinto responsável por elas e pela guarda dos mistérios delas, sabe?

– Isso quer dizer que não abrirá os mistérios delas para mais ninguém, é isto?

– É, sim. Eu os cobri com um véu dos mistérios para ocultá-los de olhos curiosos.

– Você está se saindo um ótimo guardião de mistérios, meu filho.

– Só tem um problema, sabe?

– Não sei, não. Que problema é esse?

– É muito mistério e não estou conseguindo lembrar-me de todos ou de quantos já fui distinguido com o grau de guardião deles, e nem sei mais a quantas irmãs concedi a posse e o uso do meu mistério. A única coisa que sei é que me chegam a todo instante solicitações ou avisos de que o estão usando ou ativando-o.

– Isso é assim mesmo. Com meu mistério "Beira-mar" acontece a mesma coisa e em certos momentos me chegam milhares de solicitações de uma só vez.

– Como o senhor atende a tantos pedidos de auxílio ou uso do seu mistério, meu pai Guardião Beira-mar?

– Eu respondo a todos, pois meu mistério divino permanece ativado o tempo todo. Recebo todas as solicitações, analiso cada uma e tanto respondo coletivamente, pois sou em mim mesmo um dos mistérios do Mistério Ogum, assim como atendo a cada solicitante enviando até ele um membro ativo da hierarquia divina Guardião Beira-mar, que atua no individual, auxiliando o filho ou filha que solicitou minha ajuda porque confia no mistério "Beira-mar", que tem toda uma faixa vibratória e uma corrente eletromagnética planetária e multidimensional só do meu mistério, que sou eu em mim mesmo, porque a divindade do Pai que vibra em meu íntimo manifesta-se como o mistério Guardião Beira-mar.

– Entendo. O mesmo acontece com todos os pais e mães, eu cujo íntimo vibra a divindade do Pai ou da Mãe, não?

– Acontece sim, meu filho. Todo ser é uma individualização do Pai. Mas, aqueles em cujo íntimo vibra Sua divindade, esse ser é um poderoso gerador de um Mistério Divino, e por isso é distinguido com o grau de "divindade", e traz em si mesmo recursos divinos que devem ser ativados para auxiliar os que a ele recorrerem.

– Eu vivia recorrendo aos mistérios dos meus pais quando vivia o plano material.

– Eu sei, meu filho.

– É. Mas muitas vezes a resposta era imediata, noutras era meio demorada e noutras, acho que nunca responderam, sabe?

– Sei, sim. As vezes que a resposta foi imediata, foi porque você estava de frente para o mistério que invocou e o pai ou mãe irradiador dele atuou no mesmo instante, porque nesse caso você era merecedor de ajuda.

Já quando o auxílio demorou um pouco, é porque você estava fora da visão reta do pai que invocou e o mistério irradiado por ele antes atuou no sentido de recolocá-lo de frente para o mistério e a visão reta dele. Por isso a ajuda pareceu demorar. Mas a verdade é que ela também foi imediata, só que você não percebeu sua atuação.

Quanto às nunca atendidas pelos pais e mães de mistérios, aí é porque você não era merecedor de auxílio e, caso fosse auxiliado, sua evolução seria atrasada, bloqueada, desviada ou desvirtuada. Saiba que as divindades, que são os pais e mães dos mistérios de Deus, todas têm uma visão ampla e coletiva e outra restrita e individual.

Com a visão ampla e coletiva vemos o ser, seu grupo de espíritos afins, a coletividade onde esse núcleo está inserido, o rumo evolutivo seguido pela coletividade; a direção divina imposta a essa coletividade; a irradiação divina que a está sustentando desde que foi emanada pelo pai; e o nível vibratório onde todos estacionarão à medida que chegarem a ele individualmente.

– Como é que é, meu pai?

– É como eu disse, meu filho. O divino Criador, que tudo pensa e tudo pensou, estabeleceu certas "paradas" nas suas irradiações direcionadoras da evolução dos seres.

Todos seguem como um cardume de peixes, uma revoada de pássaros ou um enxame de abelhas, todos mais ou menos juntos e seguindo uma direção. Mas há aqueles que se desgarram, afastam-se ou se perdem no meio do trajeto.

Então o Divino Criador estabeleceu "paradas" ao longo da irradiação, onde o primeiro a chegar a ela só alçará voo quando todos ali tiverem pousado.

Enquanto isso não acontecer, nenhum membro do seu grupo continuará a jornada evolutiva após alcançá-la.

– Por quê?

– Bom, para o Pai, todos são filhos e todos são importantes para Ele. Logo, como permitiria que de um grupo de cem filhos emanados por Ele, só cinquenta chegassem a uma das paradas divinas, e depois alçassem novo voo? Será que todos os membros desse reduzido grupo alcançariam uma nova parada divina? Quantos mais não se perderiam? Logo, de um grupo com cem filhos, só uns dois chegariam à parada estabelecida pelo Pai como a definitiva, certo?

– Tem razão.

– Foi por isso que o divino Criador estabeleceu as faixas vibratórias. Cada faixa é uma parada divina onde estacionam os que vão chegando. Eles se assentam nela e ficam no aguardo dos que tiveram de parar para descansar; dos que se feriram e foram deixados aos cuidados de socorristas estabelecidos à beira dos caminhos evolutivos; dos que tomaram um rumo desconhecido; ou dos que se perderam porque dobraram à direita ou esquerda, etc.

E ali, na nova parada ou nova faixa vibratória, estabelecerão todo um núcleo de ação, socorro ou busca dos que ficaram para trás e estão demorando em retomar a direção que os trará para junto do seu grupo original.

Como toda faixa vibratória tem uma divindade responsável por ela, então o grupo de seres afins se assenta nos domínios dela e começa a receber seu amparo magnético, energético, vibratório e do mistério que ela é em si mesma, para atraírem seus membros, estacionados ao longo do caminho já percorrido pelos que ali se assentaram.

– Entendo. O senhor, que é um Orixá, uma divindade em si mesmo, pois a divindade do Pai vibra em seu íntimo, e rege toda uma faixa vibratória, já deve ter acolhido muitos desses grupos de espíritos emanados pelo pai, não?

– Já sim, meu filho. A todos recebi como meus filhos e os amei, e amo, como pai, pois me sinto um pai e não consigo ver senão como meus filhos todos aqueles que o Pai envia à sua "parada divina" confiada a mim em minha origem, e que é a faixa própria por onde fui o mistério divino denominado de "Beira-mar". A divindade do pai que vibra em meu íntimo ocupa toda essa faixa, constituindo-se na tela vibratória "Beira-mar", apta a captar todas as vibrações mentais, que são ondas magnéticas enviadas a mim, enquanto Orixá, ou enquanto divindade ativa em outras religiões onde meu mistério responde por outros nomes.

– Como é isso, meu pai?

– Bom, na religião de Umbanda eu respondo pelo nome simbólico Beira-mar. Mas em outras respondo por outros nomes, aos quais não posso revelar porque nelas não sou conhecido como Guardião Beira-mar, sabe?

– Não sei, não. Ainda sou um aprendiz dessas coisas.

– Saiba que desde o momento em que o Pai despertou em meu íntimo a Sua divindade, eu, dali em diante, assumi a faixa vibratória mista terra-água regida pelo divino Ogum maior, e desde então tenho participado, hora ativo e hora passivo, de todas as religiões semeadas na face da terra pelo Pai, o nosso divino Criador.

Eu sou um Trono de nível médio e regente de uma faixa vibratória cujo triângulo regente é formado pelo divino Ogum, pela divina Iemanjá e pelo divino Omolu. Ogum é ordenador, Iemanjá é geradora e Omolu é paralisador ou acelerador.

Então o mistério Beira-mar tanto ordena a evolução quanto gera nos seres novas condições e recursos para que retomem suas evoluções, e mesmo paralisa as evoluções degeneradoras.

Esse é o triângulo de forças do mistério "Beira-mar", meu filho. Mas ele tem a estrela, os raios, as lanças, as espadas, os escudos, as pedras, etc.

– Entendo. No caso das espadas, Guardião Beira-mar porta a espada da Lei, a espada da Vida e a espada de Morte. É isso, meu pai?

– É sim, meu filho, ainda que eu não denomine a última de espada da Morte, e sim de espada paralisadora dos fora da Lei, pois a espada de Ogum não mata, nunca!

– Eu sei, meu pai Guardião Beira-mar. É porque associo o campo do Orixá Omolu ao cemitério, parada última do corpo carnal já sem vida, ou morto.

– Então é isto, meu filho: todos os grupos de espíritos cuja trajetória evolutiva passa pela minha faixa vibratória, ela é a parada obrigatória deles, que se assentam nela, criam um núcleo só deles, e dali começam a atuar no sentido de resgatarem os membros que se atrasaram pelas mais diversas razões.

– Mas, e se um membro desgarrado perder-se em algum abismo inacessível às suas irradiações redirecionadas ou geradoras de novas condições e recursos?

– Aí entram os regentes das linhas de forças verticais ou os regentes das correntes eletromagnéticas das faixas vibratórias negativas, que recolhem os que se desviaram da trajetória traçada pelo Pai. Esses regentes os afixam em seus domínios e ali os retêm até que estejam aptos a reiniciarem suas jornadas evolutivas. Mas sempre aguardam a humanização de uma Divindade Natural caso os recolhidos sejam espíritos, ou aguardam a naturalização ou encantamento de uma Divindade Humana.

– O senhor pode comentar isso para mim?

– Posso, meu filho. Saiba que de tempo em tempo o Divino Criador humaniza um de seus Tronos Naturais, cuja função é abrir uma nova via evolutiva, cujas irradiações alcançarão todos os que ficaram para trás e que reencarnarão sob o manto protetor da nova divindade, que os redirecionará e acelerará a evolução e ascensão deles. Sim, porque ascendendo por uma irradiação vertical, mais facilmente alcançarão seu grupo original estacionado em alguma faixa vibratória horizontal. A missão das divindades que são humanizadas é recolher os espíritos que ficaram para trás, assim como recepcionam os seres que nunca encarnaram, mas têm como "parada" a dimensão humana, onde adquirirão novas condições e novos recursos que só nesta dimensão é possível desenvolver.

– Como é o processo da naturalização de uma divindade, meu pai?

– Isso acontece com seres que trazem adormecida em seus íntimos a divindade do Pai, mas terão de tê-la despertada na dimensão humana.

Esses seres evoluem até um ponto nas dimensões encantadas e depois são conduzidos pelos regentes planetários à parada humana, que também é divina e tem em si mesma as condições ideais para que a divindade adormecida desperte lentamente e vá aflorando na vida do ser Filho do Pai ou da Mãe Divina.

– Os grandes profetas, santos, religiosos, etc., entram nessa categoria de seres?

– Entram, meu filho. Saiba que todos os seres trazem no íntimo a divindade do Pai. Mas em alguns essa divindade é despertada nas paradas elementais, noutros ele acontece no estágio dual em uma de suas muitas paradas, já em outros acontece em uma das paradas do estágio encantado, em outros é no estágio natural,, em outros é no estágio humano, em outros é no estágio celestial, e em outros é no estágio angelical, etc.

Enfim, um ser pode passar cinco, seis estágios da evolução sem que o Pai desperte e faça aflorar Sua divindade adormecida no íntimo dele. Mas, quando

isso acontece, o ser sofre um intenso choque emocional, que até pode desequilibrá-lo e dementá-lo. Aí tem de ser adormecido no plano material ou conduzido a um dos muitos universos paralelos ao que vinha evoluindo, pois os choques, quando não são superados ordenadamente, costumam criar no ser novas condições e novos recursos ainda desconhecidos de nós, mas que atendem às Vontades do Pai, pois se não fosse assim Ele não permitiria que acontecessem.

– É, esses choques são terríveis mesmo. Se não fosse seu auxílio e a atuação direta do meu Pai Maior, eu teria sucumbido e não sei onde estaria agora. Eu entrei em choque, sabe? E olhe que eu já sabia que era um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida.

– Filho amado, esse não foi o choque a que me referi.

– Não?

– Não mesmo!

– Essa não! Eu por pouco não perdi até o controle de minhas faculdades pensantes! Saiba que o controle vibratório, o emocional e o magnetismo, eu já os havia perdido.

– Esse, tal como nos tremores de terra, foi um choque secundário, mas já sob controle do seu Pai Maior, o divino Trono da Geração.

– Então quando foi que ocorreu o choque principal?

– Vamos nos sentar um pouco?

– Essa não! Um Ogum querendo sentar-se é grave, sabe?

– Eu sei. Mas vamos falar sobre seu choque principal, onde você quase pereceu, e nós quase nos desequilibramos emocionalmente, sabe?

– Não sei, não. – falei, já me sentando entre meus pais Guardiões Naruê e Guardião Beira-mar, que me falou a seguir:

– Filho, você já sabe que é o herdeiro natural do desaparecido Ogum Sete Estrelas e do adormecido Trono da Geração, certo?

– Sei, sim.

– E sabe que é a renovação do caído Cavaleiro da Estrela Guia, não?

– É, do desaparecido Cavaleiro da Fé que tanto falam minhas irmãs.

– Saiba que o desaparecido Cavaleiro tinha todas as condições para que o Pai despertasse sua divindade que permanecia adormecida no íntimo dele, um mago iniciado nos mistérios divinos, aos quais ele recorria sem a menor parcimônia, desde que atendesse aos seus objetivos mais imediatos, que era o esvaziamento das trevas humanas.

Ele mergulhava nelas, e subjugava os Tronos humanizados caídos nelas, e lá assentados pela Lei Maior para recepcionarem e lá paralisarem seus afins, também caídos. E resgatava, à força na maioria das vezes, muitos espíritos, aos quais curava, doutrinava e agregava às hierarquias humanas regidas pelos Orixás, aos quais ele servia com amor e devoção a toda prova.

Os Tronos Regentes concediam a ele a posse mental dos seus mistérios, pois atendiam a uma vontade do Divino Pai, que estava naturalizando seu Filho humanizado em todos os sentidos.

E o ousado Cavaleiro da Estrela Guia recorria mentalmente aos mistérios dos pais Orixás, e com o poder deles realizava incursões profundas nas trevas humanas.

Tudo visava a criar no íntimo dele as condições ideais para que a divindade do Pai aflorasse e ele resistisse ao choque quando ele acontecesse.

Mas, ao par dessa preparação meticulosa algo, inimaginado por nós, começou a acontecer com ele, ou melhor, com você, já que são o mesmo ser: os mistérios do adormecido Trono da Geração começaram a aflorar e ele não só não sabia como lidar com eles, pois eram geradores de energias e renovadores de vidas, como não os aceitava.

Para ele, com uma formação religiosa que não aceitava a sexualidade como algo natural na vida dos seres e como um dos sete sentidos da vida, a atração magnética, energética e vibratória que exercia sobre suas irmãs espíritos, encantadas ou naturais, ele interpretava como um desvirtuamento seu e uma fraqueza inaceitável. E mentalmente combatia seu próprio mistério, mas em vão, pois quando um mistério começa a aflorar, o melhor a fazer é aceitá-lo e aprender a lidar com ele de forma natural. É como a mediunidade que aflora nos espíritos encarnados, sabe?

– Sei, sim. Uns não têm dificuldade em lidar com a mediunidade e aceitá-la como natural. Já outros não a entendem, não a aceitam e julgam-se perseguidos por espíritos obsessores, quando na verdade eles só querem ajudá-lo a ordená-la, dominá-la e usá-la em benefício dos seus semelhantes. Então vivem uma vida toda sendo incomodados pela própria mediunidade, pois ela em um nível micro é o despertar consciente de uma faculdade que pode divinizar o ser e prepará-lo para um futuro despertar das condições ideais que antecedem o despertar da divindade do Pai, que todo médium traz em seu íntimo, mas que ainda não vibra senão o desequilibrará.

Se, com uma simples faculdade espiritual os seres já se desequilibram, emocionam-se e vivem atormentados, isso quando não caem vibratoriamente e consciencialmente, entregando-se à prática de magias negras. Então imagine como não se sentiu o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia quando viu aflorar seu Mistério da Geração de Energias e Renovação de Vidas, logo em seu sétimo sentido!

Para ele, um Cavaleiro da Fé, foi um tormento, uma fraqueza e uma degeneração. E não foram poucas as vezes que ele se ocultou sob o grosso e impenetrável manto dos magos só para ocultar seu mistério, que era ativado em função dos chamados vibratórios provenientes dessas mesmas regentes que hoje o recebem com amor, carinho, respeito e reverência e concedem a você a posse total de todos os seus mistérios.

Tal como na mediunidade, onde alguns médiuns começam a odiar os espíritos que dele se aproximam porque sobrecarregam seu campo mediúnico ainda desordenado, com o Cavaleiro da Estrela Guia o mesmo aconteceu, pois ele via surgir cordões energéticos sem que os desejasse, e encontrava na outra ponta de-

les esses Tronos da Geração Femininos, paralisadas no Tempo porque não tinham tido um Trono Masculino para formarem um par energético equilibrado, já que elas também são Tronos da Geração, só que femininos.

Ele, que já vibrava um ódio contido contra os desvirtuados Tronos da Geração caídos nas trevas humanas, e que viviam tentando derrubá-lo, então começou a vibrar um ódio incontido contra as senhoras das trevas humanas, caídas nelas justamente porque havia lhes faltado um par energético, magnético e vibratório masculino, pois elas eram portadoras naturais de mistérios e geradoras de fatores.

Mas ele começou a odiar aquelas que hoje você chama de suas Senhoras Cósmicas ou de suas amadas irmãs ancestrais, que tentavam despertá-lo para esse seu mistério, pois só assim as filhas delas, humanizadas e caídas nas trevas humanas, seriam resgatadas, renovadas, reequilibradas e redirecionadas pelo seu outro mistério, que é o do desaparecido Ogum Sete Estrelas.

Foi a partir daí que tudo começou a dar errado com as ações dele, pois o simples fato de vibrar contra aquelas que o chamavam abriu nele uma passagem de vibrações magnéticas condensadas já há muito no astral inferior. Essa vibração captava todos os pensamentos dele e começou a interferir com tanta intensidade na corrente espiritual sustentada pelo Mistério da Fé que ele manifestava que chegou um momento que foi ao encontro da condensação, crendo que, ou acabava com ela ou seu tormento oculto nunca cessaria.

Só que aquela não era a melhor solução, e o que aconteceu foi que ele "suicidou-se".

– Essa não!

– Essa sim, meu filho. É certo que ele agiu inconsciente, e tentou descobrir a causa de estar sendo perseguido e atormentado por um mistério desconhecido e totalmente fora de seu controle emocional. Mas que foi um suicídio, isso foi.

Ele procedeu do mesmo jeito que procederam aquelas divindades que praticaram o suicídio coletivo, sabe?

– Não sei não, meu pai.

– Saiba que elas, não resistindo aos chamados do embaixo, interpretaram como fraqueza individual e "desceram" vibratóriamente, acreditando que assim neutralizariam as vibrações que as atormentavam, mas que na verdade eram o aflorar de mistérios que as dotariam de recursos que responderiam aos chamados e agregariam aos seus tronos muitos dos seres que haviam ficado para trás e só queriam ser resgatados.

Ou não é isso que está querendo dizer esse chamado que você recebeu dessa sua bisavó?

– É, ela deseja ser renovada e conceder-me a posse de seus mistérios porque só assim outros horizontes se abrirão para a sua hereditariedade.

– Você sabe que horizontes são esses, meu filho?

– Só conheço o que se abre às filhas que são iniciadas no grau de mães e recebem a sustentação dos mistérios do Trono da Geração, que o senhor conhece melhor que eu.

– Saiba que, por ser um filho do Pai, a divindade que vibra em seu íntimo traz outros seis mistérios tão abrangentes quanto os do Trono da Geração, que começou a aflorar quando você era o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia e consolidou-se quando o divino Oxumaré o ungiu com o grau de Cavaleiro do Arco-íris.

Mas, em todos eles, predominará sua qualidade geradora que é uma característica comum a todos os Filhos do Pai e a todas as Filhas da Mãe.

– Essa não! Outros mistérios dessa magnitude vão me encrencar de vez, sabe?

– Sei, sim. Mas, justamente por isso você foi humanizado... e agora começou a ser naturalizado. O afloramento desses outros seis mistérios não será tão traumático como foi com os da geração de energias e renovação de vidas. Afinal, já foi o tempo em que um destemido Cavaleiro olhava para si mesmo e, não entendendo o que estava acontecendo em seu íntimo, preferia mergulhar nas trevas e combater seus irmãos venenosos que resgatar para a luz a Lei e a vida suas ancestrais e envenenadas irmãs naturais, certo?

– Esse tempo não está tão distante, mas agora já sei como atuar sem entrar em conflito comigo mesmo ou com esse mistério de tão difícil compreensão. Só acho que, se tivessem revelado as desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia o que realmente estava acontecendo com o sétimo sentido dele, tudo teria sido menos traumático.

– Não podíamos, meu filho.

– Por que não, se ele estava confuso?

– Ele sabia ser um portador natural de poderosos mistérios. Mas lutava mentalmente contra o aflorar natural deles e contra sua própria natureza. Aí teve de ser desemocionado através do seu polo negativo. Esse é um processo traumático, sabe?

– Agora sei.

– Saiba que todo ser que trouxer um "setenário" agregado a um dos seus sentidos, também traz um mistério do Pai. E todo ser que trouxer sete setenários, esse é um Filho do Pai ou uma Filha da Mãe.

E, no seu caso, traz sete setenários.

– Como é que é?!!!

– É o que você ouviu.

– O que são esses setenários, meu pai?

– O que você é?

– Um Filho do Pai.

– Você já observou que algumas irmãs que formaram par com você são regidas pelo mistério da Fé, outras são regidas pelo da Lei, etc., não?

– É, observei isso.

– Elas formam seus mistérios femininos, meu filho. São sete para cada um dos seus mistérios. Sete para o da geração, sete para o da fé, etc. E cada uma é uma Filha da Mãe, em cujo íntimo vibra a divindade que aflorará quando você tiver desenvolvido nelas as condições ideais para que sejam despertadas as divindades que vibram no íntimo delas.

– Essa não! Estou encrencado mesmo!

– Está sim. E, como você herdou todas as encrencas de seus quase bisavô, avô e pai, então está mais que encrencado. Está enrascado e encrencadíssimo, pois terá de recorrer a todo o seu vigor, potência e resistência para poder ordenar os sete setenários deixados por cada um deles.

– Que encrenca! Eu quase perdi minha celestial senhora Guardiã das Pedreiras quando a divindade da Mãe Geradora que vibra no íntimo dela foi despertada. Imagine só como não será difícil despertar a de todas essas Filhas da Mãe, todas em múltiplos de sete.

– É, ser herdeiro natural de tantos Filhos do Pai que não deram certo implica em muita responsabilidade e dedicação a tão vasta, variada e dispersa herança. Afinal, não são poucas as Filhas da Mãe que acabaram sucumbindo no meio do caminho e fizeram o mesmo que fez o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia: – Suicidaram-se porque não entenderam que o que acontecia com elas era só o aflorar de seus mistérios e da divindade, ainda adormecida em seus íntimos.

– E com certeza alguns irmãos venenosos muito espertos foram logo se apossando dos mistérios delas, certo?

– Isso mesmo.

– E tudo farão para não terem de me restituir o que por herança me pertence, certo?

– Certíssimo, meu filho.

– Bem, eu não carrego uma espada da Lei por acaso.

– Não mesmo. Mas, à medida que você for ordenando suas heranças ancestrais, eles serão desligados automaticamente e os cordões que os mantêm ligados a elas se romperão e ficarão soltos no Tempo, por cujas pontas será esgotado todo o veneno deles.

– Assim espero. Afinal, vai se saber com quem essas irmãs "suicidas" andaram se ligando, não?

– Sempre terá sua espada ao alcance de sua mão direita e o alfanje que herdou de seu avô tatá Omolu à esquerda, certo?

– É verdade! Eu tinha me esquecido do alfanje que herdei dele, e que é mortífero.

– Saiba que o alfanje da morte é um mistério que também esgota o veneno de seus irmãos ancestrais, meu filho.

– Como assim?

– Bom, o alfanje da morte é que corta o fio da vida que une o espírito ao seu corpo carnal e, com isso feito, cada um é atraído pelo magnetismo da faixa vibratória que for mais afim com o do espírito desencarnante.

Mas muitas vezes a ponta do cordão fica presa no alfanje, que começa a esgotar quem estiver na outra ponta. Portanto, você, que herdou um desses mistérios do seu avô tatá Omolu, já deve ter segurado na lâmina dele muitas das pontas dos cordões rompidos quando ativou seu mistério.

– Essa não! Então é por isso que sinto meu alfanje um tanto pesado?

– Com certeza o "peso" dele tem a ver com os irmãos venenosos já colhidos pelo mistério dele, que está esgotando o veneno deles, desemocionando-os e desnegativando-os. Fique atento ao campo de ação do seu alfanje da morte para resgatar dos domínios dele todos os seus irmãos já em condições de retornarem à vida luminosa, pois é isso que o Pai deseja que você faça, Filho do Pai.

– Eu não sabia disso, meu pai. Eu achava que só atuaria sobre os caídos nas horas dos senhores das noites de minha vida.

– Você só tem de entrar nesses domínios dos senhores das horas da noite se quiser ou se precisar realizar alguma ação individual. Afinal, a posse de um mistério nos faculta atuarmos com ele a partir do nosso centro neutro individual.

Ou você já se esqueceu de quando vivia no plano material, e ia até os pontos de forças dos Sagrados Orixás para realizar uma oferenda ritual que lhe abria todo um campo de atuação, pois, ao realizá-la, estava possuindo o mistério do Orixá oferendado e adquirindo o direito de atuar em nome deles?

– É mesmo! Eu ando tão ocupado que até me esqueci disto.

– Qual das suas irmãs ou senhoras o incomodou depois de possuir seus mistérios?

– Nenhuma.

– Se assim é, é porque elas, após possuí-los, adquirem o direito de ativá-los a partir de seus centros neutros e atrair para os seus domínios todos os que vão se ligando naturalmente ao seu trono energético, mas encontram-se no campo de ação delas.

A posse de um mistério atende às necessidades da Lei, da Justiça e da Vida. E quem possui um, tem de atuar com ele em seu campo de ação, pois após a posse, as ligações dos seres com o mistério possuído é automática, sabe?

– Agora sei, meu pai. Mas já possuí tantos mistérios de minhas irmãs ancestrais que nem sei quantos são ou como atuar através deles, ou mesmo com eles.

– Existe uma forma de saber com quantos mistérios você já se ligou, pois os possuiu.

– Como é isso?

– Bom, eleve-se até sua visão superior e contemple seus sete chacras ou pontos de forças principais. Então verá que do coronal sairão finíssimos cordões prateados; do frontal sairão fios verdes; do laríngeo sairão cordões azuis; do cardíaco sairão fios rosa; do umbilical sairão fios laranja; do esplênico sairão fios lilases; e do básico sairão fios dourados.

Esses fios são como raios de sol e projetam-se para a frente. Se você acompanhar um, encontrará na outra ponta dele quem lhe concedeu a posse de um mistério ou possuiu algum dos seus, pois você traz sete desde sua origem.

– Essa não! – exclamei assim que vi os tais fios.

– O que foi que viu, meu filho?

– O senhor só acreditará vendo! Estou encrencado mesmo, sabe?

– Que está, é indiscutível. Mas, qual é o tamanho da encrenca?

– Como mensurá-la se vejo fachos densos, compactos mesmo? Não dá para dizer quantos fios saem desses chacras ou acompanhar um, já que não consigo destacá-lo dos demais.

– Essa sim é uma encrenca das grandes, não?

– Se é! Posso estar enganado, mas creio que já andei formando par com meio mundo, sabe?

– Eu sei.

– O senhor sabe? Que bom! Explique-me o que ainda desconheço, meu pai.

– Bom, um Filho do Pai começa a formar par desde o estágio original da evolução, e nunca parará de formá-los, sabe?

– Agora sei. Mas por quê?

– Bom, inconscientemente vai possuindo os mistérios de quem se posicionar de frente para ele, já que traz em si a divindade do Pai, que é capaz de dar sustentação a todos os pares que o Filho vier a formar na sua jornada infinita pelo corpo divino do Pai, que é toda a Criação.

Então chega um momento em que o filho do Pai começa a usar conscientemente os mistérios que inconscientemente possuiu e vem dando sustentação.

– É, não tem jeito de destacar ao menos um destes fios.

– Não se preocupe porque isso acontece com todo Filho do Pai. E além do mais, basta você recorrer à sua visão cristalina que verá, em quem você observar, se sai dos chacras dele algum fio luminoso que se projeta na direção dos seus. Se sair, saiba que ali está alguém que, ou possuiu algum dos seus mistérios, ou teve os dele possuído por você.

– Bom, assim fico menos preocupado.

– Não vejo razão para se despreocupar.

– Não vê?

– Não mesmo, meu filho. Saiba que na ponta desses fios estão seres que, de uma forma ou de outra, têm ligações com seus mistérios e podem ser influenciados por você ou influenciá-lo, já que muitos estão negativados emocional ou mentalmente.

– De que forma isso acontece?

– Bom, se eles "subirem" você subirá. Mas, se caírem, você corre o risco de ficar paralisado na faixa do meio, ou até de ser arrastado para algum nível vibratório negativo.

– Essa não!!!

– Saiba que muitos dos senhores Exus Guardiões da Umbanda, que são magos exunizados, só estão atuando a partir de faixas vibratórias negativas porque os que estão na outra ponta dos fios negativaram-se e estacionaram nelas.

– Que encrenca! Os safados caem e ainda nos arrastam junto!

– Foi o que eu disse que aconteceu com o desaparecido Cavaleiro da Estrela Guia. Ele vivia enfiado nas faixas vibratórias negativas e não entendia que os que o "chamavam" eram seres ligados a ele no decorrer de sua evolução natural, ou eram os que estavam ligados ao seu quase bisavô, avô e pai, dos quais você herdou seu atual campo de ação.

– Nossa! Além da enorme herança que ainda estou assumindo ainda herdei as ligações que eles fizeram durante suas evoluções naturais. Estou mais que encrencado. Estou ferrado!

– Isso é modo de um Trono expressar-se, meu filho?

– Eu sou humano, não sou? Então só usei meu modo humano de expressar-como me vejo, sabe?

– Não sei, não. Explique-se imediatamente!

– Sim, senhor. O que eu quis dizer com estar ferrado é que o peso é tanto que, se eu facilitar, afundo que nem um pedaço de ferro jogado dentro de um lago. Estar ferrado é estar em um beco sem saída e sem outra alternativa além da de tentar preservar os dedos, pois os anéis já se foram!

– Bom, vou aceitar dessa vez esse seu modo humano de expressar-se porque é assim que você está, já que é o herdeiro natural de todas as encrencas de seus ascendentes até o terceiro grau. Mas trate de usar um modo reto para se expressar, já que além de ser um Trono da Geração, é um Filho do Pai que humanizou-se e agora começou a ser naturalizado.

– Sim, senhor. Desculpe-me, pois me excedi quando descobri que se fui humanizado é porque jamais sairei deste planeta.

– É claro que sairá. Tudo é uma questão de tempo, meu filho.

– Agora entendo porque os guardiões da Lei exunizados não sorriem, não vibram alegria e não gostam de muita conversa. Eles descobriram que jamais sairão deste planeta por causa da posse inconsciente de tantos mistérios. Com licença, meu pais, e senhores Guardião Beira-mar e Naruê. Eu preciso refletir sobre tudo o que descobri.

– Você não tem de atender à solicitação de uma ancestral, Trono da Geração que por coincidência é uma de suas bisavós?

– É mesmo! Eu já havia me esquecido dela.

– Mas nós não, filho do Pai. Não fuja dos seus deveres, Trono da Geração!

– Os senhores, como guardiões dos meus mistérios, me acompanharão?

– Não, não! – apressou-se a dizer-me o senhor Guardião Naruê, que acrescentou: – Esses reencontros entre bisavós e seus amados bisnetos são familiares e muito íntimos. Logo, cremos que têm muito o que discutir enquanto reatam seus ancestrais laços familiares, sabe?

– É, acho que sei. Mas se quiserem ser adotados como membros da...

– Não conclua esse convite! – exclamou meu pai Beira-mar – Lembre-se de que o convite de um Filho do Pai tem a força da autorrealização e nós já temos como função a de seus guardiões diretos, certo?

– Está bem. Até mais, amados pais.

– Até, filho amado.

Assim que fui atender à solicitação de mais uma bisavó que desejava possuir meu mistério e conceder-me a posse dos dela, um falou para o outro: – Foi por pouco, não?

– Foi sim, irmão. Quase que ele nos envolve com seu modo humano de manifestar a Vontade do Pai e exteriorizar o desejo daquelas ancestrais divindades da geração. Você captou o modo como ela olhava para nós?

– Captei, sim. Por pouco que os olhos dela não se fixaram nos nossos.

– É, por pouco mesmo. Acho melhor nos recolhermos aos nossos centros neutros até que ele tenha possuído todos os mistérios dela e de todas as suas herdeiras, pois só depois disso feito estaremos livres dessa encrenca ancestral mal resolvida pelos ascendentes dele, certo?

– É o certo. Mas, não sei por quê, tenho a sensação de que perdemos a oportunidade de nos tornarmos guardiões de fechadíssimos, atraentes e interessantes mistérios já amadurecidos no tempo.

– Parecem atraentes, mas nós não somos Tronos portadores do Mistério Renovador ou do Mistério Humano. Logo, em dez milênios já seríamos velhos Oguns, irmão Naruê.

– Envelheceríamos em tão pouco tempo? Então é melhor esperarmos um pouco mais antes de atendermos às solicitações dessas ancestrais senhoras de Mistérios da Geração. Afinal, se somos Oguns, mais dias menos dias elas nos oferecerão a guarda de seus mistérios sem exigir a posse dos nossos, certo?

– Certíssimo, irmão. Agora, recolhamo-nos aos nossos centros neutros antes que outra dessas bisavós dele nos veja e vibre o desejo de conceder-nos a posse de seus mistérios. Até mais, irmão Naruê!

– Até mais, irmão Beira-mar!

O fato é que eu, tendo me assentado à direita daquela minha ancestral bisavó, já renovada em uma encantadora irmã ancestral, ouvi-a perguntar-me:

– Por que você não revela a eles que quando incorporavam em você quando era um médium de Umbanda, acabaram absorvendo, por doação fatoral, seu Mistério Gerador e Renovador?

– Como é que isso acontece, minha senhora?

– Bom, um dos objetivos da Lei e da Vida em relação às incorporações é a troca ou doação fatoral, que consiste nisto: o incorporado absorve os fatores do incorporante e vice-versa. Com isso, e através de doação fatoral, toda uma troca vai acontecendo durante os trabalhos espirituais realizados nas tendas de Umbanda e, quando menos esperam, tanto os seres naturais se humanizaram como os médiuns se naturalizam.

– Bom, se é assim, acho que eles sabem que isso acontece. E se sabem, mas estão recusando assumir mistérios que abriria novos campos de atuação, devem estar limitados por alguma ordem superior.

– Você pode abrir para eles novas faixas de atuação por onde fluirão os mistérios deles.

– Posso?

– Pode, sim. Eles são guardiões do seu Mistério da geração e de certa forma devem ser integrados às suas atuações.

– Quando eles vibrarem o desejo de atuar com os mistérios do Trono da Vida, aí realizarei seus desejos.

– Você acha que esse é o campo em que melhor eles atuarão?

– Não. Mas sinto que o divino Trono da Geração abrirá duas faixas vibratórias onde eles se assentarão e assumirão a condição de Tronos da Vida.

– Então reservei em vão duas faixas para eles atuarem com seus mistérios em minha dimensão. Vou agregá-las ao seu mistério para não deixá-las sem um Trono Guardião apto a iniciar minhas filhas nos mistérios da Divina Mãe da Vida.

– Vai agregar?

– Já agreguei. Você sentiu quando fiz isso?

– Bom, não dá para não sentir. Junto foram agregadas todas as herdeiras delas!

– São só sete vagas de sete ondas emanadas pelo Pai e fatoradas pela Divina Mãe da Vida, sabe?

– Agora sei... porque eles nem deixaram eu concluir meu convite.

– Você acha que eles não resistiriam ao choque vibratório, energético, magnético e emocional que a ligação com minhas filhas causaria neles?

– Não sei, não. Mas acho que eles temem ficar paralisados... ou serem arrastados para a faixa vibratória que elas manifestam mais livremente seus mistérios.

– Você não teme?

– Nem um pouco. Acabei de descobrir que já estavam ligadas aos meus mistérios há muito tempo. E estão dentro do meu campo de ação. Então não tenho que temer o que o Pai confiou-me.

– Você está amadurecendo rapidamente e tão naturalmente que encanta meus olhos, guardião dos meus sete sentidos.

– Está concedendo-me esse grau, minha senhora?

– Já concedi.

– Por quê?

– Bom, se seus irmãos temem possuir os mistérios de minhas filhas e temem não serem capazes de guardá-los, então os confio à sua guarda. Melhor guardião que um Filho do Pai elas nunca encontrarão, e não serei eu quem irá negar-lhes a oportunidade única de terem em um só ser o guardião dos seus sete sentidos principais. Não mesmo!

– Essa não! Por que negar a elas a oportunidade de formarem par com portadores de outros mistérios tão importantes quando os do Trono da Geração?

– Eu estou confiando a guarda dos mistérios delas ao Filho do Pai, não ao Trono da Geração!

– Por que está fazendo isso? Você não percebe que, se elas formarem par com outros portadores de mistérios, com o tempo vários campos de ação se abrirão para suas herdeiras naturais?

– Por que devo esperar o tempo para que se abram alguns campos para elas se posso abrir agora mesmo todos os campos que existem nesse nosso abençoado orbe planetário? Porque eu, que já o esperava há muitas eras religiosas, vou submeter minhas herdeiras, temidas e incompreendidas por causa de suas naturezas, a uma espera sem fim?

Você não percebeu que seus pais Oguns recusaram seu convite porque viram na natureza telúrica de minhas herdeiras uma aridez que talvez eles não possam alterar e aí as paralisariam?

– Mas meu pai Beira-mar é terra e água, e meu pai Naruê é terra e fogo.

– Eles não irradiam os fatores puros água e fogo, porque são Tronos Mistos, Filho do Pai. Logo, ou eles ou elas ficariam paralisados. Já você, tanto pode irradiar um quanto o outro, e todos os que posteriormente elas precisarão absorver. Com isso, unindo-as a você, a evolução delas será reta em todos os sentidos e sempre será vertical. Eu não vejo nada melhor a legar às minhas rejeitadas e temidas filhas, sabe?

– Agora sei. Só não entendo por que você abdica da formação de pares que transmitirão a elas as experiências vivenciadas por tantos guardiões de mistérios, ou mesmo de reais senhores de mistérios. Eu nunca poderei transmitir isso a elas!

Ela, uma Filha da Divina Mãe Geradora do Fator Telúrico, em cujo íntimo vibrava a divindade da "Mãe Terra", olhou-me de alto a baixo, pousou seus olhos em meu Mistério da Geração e o contemplou por um longo tempo. Depois contemplou outros, que eu ainda não dominava conscientemente para, finalmente olhar-me diretamente nos olhos... e deixar correr dois filetes de lágrimas. Então perguntei:

– Por que chora em silêncio, minha senhora?

– Eu pranteio as divindades que vibram em nosso íntimo, filho humano do Pai.

– Não a entendi, minha senhora. Por que pranteia nossas divindades?

– Pranteio-as porque são as mais incompreendidas e as mais difíceis de serem entendidas, mesmo estando tão à mostra e tão expostas. – falou ela, já quase sussurrando por causa da emoção que a possuía. Aproximei-me dela e, pegando em suas mãos trêmulas, pedi:

– Seja mais explícita, por favor.

– Você não vê o que está acontecendo comigo?

– Está se emocionando toda, minha senhora. Acho que isso não é normal, sabe?

– Eu sei. Mas, como não me emocionar se desvendei seu enigma, Filho Humano do Pai? Como me conter se a divindade que vibra em meu íntimo vibra um incontido desejo de aflorar em todos os meus sentidos através do seu modo

e forma humana de atuar porque descobri o que todos os seus pais amados têm tentado desvendar em você?

Como conter meu emocional se o que acabei de descobrir em você pode me colocar em comunhão vertical com o Pai e com a Mãe ao mesmo tempo?

Como não me emocionar se o que todos viram o tempo todo e não entenderam, eu entendi assim que o vi?

Como conter as lágrimas, se só deixarei de prantear as divindades que vibram em nossos íntimos se você me conceder a honra de unir a minha à sua, não como par, mas sim ser distinguida por você como esposa natural do Filho Humano do Pai, que já não vibra mais em seu íntimo, pois é você em si mesmo, e assim como o vejo?

– Nossa! Estou confuso, minha senhora.

– Eu também, Filho Humano do Pai. Abrace-me bem forte e conceda-me a honra de ser a primeira a abraçar a Divindade Humana do Pai, transmitida a você nessa sua forma humana de ser e de se mostrar a todos o tempo todo, durante todo o tempo, em todos os lugares e em todas as condições, mesmo nas mais adversas.

– Eu não...

– Não diga não a essa sua irmã natural e filha da Divina Mãe Geradora da parte feminina do Fator Telúrico. Não diga não, senão serei reduzida a pó seco!

– Por quê, minha senhora?

– Porque eu acabei de descobrir que o que os seus sapientíssimos pais Xangôs esperam que se mostre daqui a muitos milênios, na verdade já está se mostrando há tanto tempo que nem o Tempo se deu conta de quando o viu, pois até ele esperava vê-lo só daí a muito tempo.

– Meu Deus, estou cada vez mais confuso, minha senhora!

– Eu não. Só não consigo conter esse pranto e o desejo de abraçá-lo, sentilo, acariciá-lo com todo o meu amor e ser honrada e distinguida com o grau de esposa telúrica do Filho Humano do Pai.

– Por quê, minha senhora?

– A Divindade do Pai que vibra em seu íntimo vibra em seus olhos, em suas faces, em seus lábios, em seus cabelos, em seus sorrisos ou suas lágrimas, em todo o seu corpo espiritual e em sua alma humana. Sim, sua alma não é uma alma Ogum, Oxóssi, Xangô... ou Oxalá.

– Não?

– Não mesmo, Filho Humano do Pai. Essas almas todas, você incorporou no decorrer das eras religiosas à sua alma humana.

Saiba que seu pai maior Ogum concedeu-lhe a posse humana da alma Ogum; seu pai maior Xangô fez o mesmo, e o mesmo fizeram todos os pais maiores, pois eles desejaram humanizar-se através de você, o Filho Humano do Pai!

Por isso você tem sido tão incompreendido pelos seus amados pais e mães mediadores, todos ansiosos para ver aflorar em você a divindade que o distinguirá como um Ogum, ou um Xangô, ou outro dos pais. E, por causa dessa expectativa

deles em relação à sua divindade, você tem se confundido no decorrer dos milênios e não tem visto em si o que eles não conseguem ver porque esperam que outro ser aflore a partir do seu íntimo.

Mas, como outro irá aflorar, se a divindade do Pai que vibra em você é humana e está visível nos teus olhos, nos seus cabelos, nos seus lábios, nos seus sorrisos ou lágrimas?

Não percebem que suas quedas vibratórias têm a ver com o que todos nunca viram, pois esperavam ver aflorar o que eles desejavam?

Uns esperavam que do seu íntimo aflorasse um Ogum puro, e não entendiam sua dificuldade em recolher ao seu íntimo sua natureza humana, pois só assim a alma pura de Ogum afloraria junto com a divindade do Pai que eles acreditariam que ainda estivesse adormecida em seu íntimo. Então você tentava sufocar essa sua natureza, forma e modo humano de atuar, só para criar em seu íntimo as condições ideais para que sua alma Ogum aflorasse. E como ela não aflorava, você se decepcionava, emocionava, e caía vibratoriamente, tendo de recomeçar tudo de novo... para logo mais adiante cair novamente.

– Não é possível, minha senhora!

– Esse é seu enigma, Filho Humano do Pai! – falou-me ela, soltando suas mãos das minhas para, trêmula, acariciar meu rosto, meus lábios, meus cabelos e o resto do meu corpo. E enquanto ela fazia isso, dos seus olhos corriam tantas lágrimas que eles pareciam duas nascentes. Eu, com um nó na garganta, pedi:

– Por favor, pare com isso porque minha mente está tão confusa! Eu estou sofrendo muito, sabe?

– Eu sei, Filho Humano do Pai. Aceite-se como você é e deixe de tentar ser o que todos os seus pais esperam que você seja.

Eu nada respondi, pois a vontade era de chorar. E, se sufoquei o pranto, no entanto não consegui conter as lágrimas que começaram a correr dos meus olhos. Então ela falou:

– Suas lágrimas são quentes, Filho Humano do Pai! Sinta as minhas, e verá que não têm o calor humano que anima a Divindade do Pai que vibra em seu íntimo e irradia-se através de todos os seus sentidos e até através de suas lágrimas quentes. Saiba que seu corpo energético emana um agradável calor humano.

Eu senti as lágrimas dela e vi que não eram quentes ou frias. Levei as lábios um dedo molhado nelas e não as senti salgadas. Mas as minhas senti que eram. Então, aos soluços, perguntei:

– Por quê, Pai que me gerou?

Uma voz sublimada em todos os sentidos respondeu-me:

– Meu filho humano, é porque em todos os seres humanos, Eu Sou essa sua qualidade divina que o distingue e o individualiza como um humano.

Em Ogum eu sou a qualidade Ogum que distingue Ogum como Ogum. Em Xangô eu sou a qualidade Xangô que o distingue como Xangô. E assim sucessivamente com todos os seres e todas as minhas qualidades divinas. E com você não seria diferente, meu filho humano!

– Por quê, Pai que me gerou?

– Porque eu o distingui com minha qualidade humana, meu filho. Minha qualidade humana que vibra em seu íntimo o torna humano e humanizador. Não tente anulá-la, porque estará anulando a si próprio, meu filho humano!

– Sim, Pai que me gerou. Sou humano e humanizador porque assim é essa qualidade do meu divino Criador.

– Então assim seja, meu filho humano!

– Assim eu serei, Pai que me gerou.

Mais aquela voz sublimada não falou mais e nada eu consegui dizer, pois eu chorei todas as minhas quedas vibratórias acontecidas em todas as vezes que tentara ser como meus pais maiores Ogum, Xangô, Obaluaiê, Oxóssi, Omolu, Oxumaré e Oxalá.

Eu acabava de descobrir-me humano em todos os sentidos, mas capacitado a gerar em meu mistério humano os fatores gerados por eles, e também capacitado a vibrar em meu íntimo, em minha alma humana, as qualidades que os distinguiam e irradiar algumas, pois a qualidade humana tem a capacidade de incorporá-las e gerar no íntimo do ser as condições ideais para que ele as irradie natural e humanamente.

Durante um bom tempo, de tão forte que era meu pranto, não notei que aquela minha senhora de natureza telúrica também chorava, pois dera vazão ao seu pranto silencioso. Mas quando notei, aí fui diminuindo meu pranto para acalmar o dela, tão emocionante quanto o meu.

Eu a envolvi em um abraço terno e pleno de amor que foi acalmando-a e devolvendo-lhe o controle do emocional, até que, quando a vi calma, perguntei:

– Por que seu pranto é tão dolorido, irmã do meu coração?

– Meu pranto não é mais dolorido que as dores que lhe causei no decorrer das eras, filho do Pai.

– Por que você me causou dores?

– Eu o via se distanciando de mim e dos meus domínios e ativava os aspectos negativos do meu mistério para paralisá-lo e impedi-lo de fugir do meu alcance, já que eu sabia que só você poderia formar um par comigo. E, se viesses a distanciar-se muito, o perderia para sempre porque eu sabia que era o único Filho do Pai portador natural dos mistérios do Divino Trono da Geração.

– Eu não me lembro dessas dores.

– Eu fui uma das divindades cósmicas que participou da queda fulminante do meu adorado Cavaleiro da Estrela Guia, Filho do Pai. Eu o admirava, amava e abria-lhe meus domínios, tudo na esperança de conceder-lhe naturalmente a posse dos meus mistérios para que ele me desparalisasse e despetrificasse, sabe?

– Agora sei, irmã do meu coração. Mas não se atormente com isso, pois tudo é passado e está adormecido em minha memória.

– Na minha não está, meu mais desejado par natural. Em minha memória ainda vibra o pranto de mágoa e dor, emitido por ele quando caiu vitimado pelos aspectos negativos do meu mistério e dos de minhas irmãs, todas paralisadas

porque um genuíno Trono da Geração não deixava que a Divindade do Pai despertasse em seu íntimo. Mas como ele poderia despertá-la em seu íntimo se o Pai já a havia despertado em seu humanismo?

Ó Pai, perdoe esta sua filha em cujo íntimo vibra a Divindade da Mãe Geradora da parte feminina do seu Fator Telúrico! Perdoe-me, pai amado! Perdoe-me senão comigo acontecerá o mesmo que aconteceu com seu filho Lu-ci-ye-fer quando ele descobriu que, ao invés de humanizar Sua qualidade gerada naturalmente por ele, que trazia sua divindade em seu íntimo, a desumanizara! Perdoe-me, Pai! Só assim a Divindade da Mãe, que já está parando de vibrar em meu íntimo, não se diluirá nessa dimensão da vida e se transformará em um novo fator antinatural. Perdoe-me, Pai! Eu não sabia que havia ativado os aspectos negativos do meu mistério contra um Seu Filho já com sua divindade humana aflorada no humanismo natural dele. Perdoe-me, Pai dos pais, das mães e das filhas das mães! – clamou ela, já à beira da loucura e da desagregação em todos os sentidos.

Se ela não havia se desagregado ainda, era por causa da aura de amor irradiada por mim, que a envolvia toda. Mas o desespero dela era tanto que mesmo dentro daquela aura de amor ela começou a diluir-se e a perder sua forma natural. Eu fiquei tão aflito com o que via acontecer em meus braços e diante dos meus olhos que os voltei para o alto e clamei:

– Pai amado, perdoe-nos, pois não sabíamos o que fazíamos! Perdoe-nos e conceda-nos a graça de servi-Lo conscientemente, Pai de nossas vidas! Não permita que mais um fator desagregador ocupe toda uma dimensão da vida. Não agora que nossa inconsciência diluiu-se e, na nossa tristeza e mágoa, despertou nossa consciência sobre Sua vontade divina! Pai, perdoe-nos, amado Pai de nossas vidas!

– Eu nunca os condenei, meus filhos. – falou-nos aquela voz sublimada – Apenas ela começou a gerar meu fator desagregador, que só é gerado a partir da consciência de cada filho meu que descobre que atentou contra uma das minhas Divindades, meu filho!

Esse fator desagregador é o punidor das consciências que descobrem que atentaram contra uma de minhas Vontades ou uma de minhas Divindades, afloradas nos meus filhos e filhas.

Em verdade eu não puno ou castigo, apenas cada um aplica a si mesmo sua pena e seu castigo, pois sua consciência começa a gerar esse meu fator desagregador assim que descobre que atentou contra uma de minhas Divindades ou tentou anular uma de minhas Vontades.

– Pai amado, o perdão é uma prerrogativa sua, pai amado! Ele só é gerado em Ti e naqueles que o trazem vivo em seus íntimos. Eu o trago vivo em mim, pai amado, e clamo por essa tua filha e por mim mesmo! Conceda-nos o perdão, pai de nossas vidas! Honre-nos com a dádiva do seu perdão e o honraremos com nossa gratidão eterna por tê-la obtido do Senhor quando nada mais nos restou senão clamar pelo seu perdão, pai que nos gerou na divindade do seu amor paterno!

– Você a perdoou, meu filho?

– Sim, meu pai. Também perdoei a tantos quantos tenham atentado contra sua Divindade que vibra em meu ser imortal. Mas imploro seu perdão, pois eu também atentei contra sua Divindade que vibra no íntimo de todos os seus filhos e filhas. Por isso eu clamo que nos conceda o seu divino perdão, pai de nossas vidas!

– Assuma-a como esposa do seu mistério gerador e possua-a como um dos mistérios da Mãe Geradora da Vida, meu filho.

– Ela está diluída dentro dessa aura de amor, meu pai amado.

– Eu estou em seu íntimo e minha Divindade está aflorada em você, meu filho.

– Assim disse o Pai, assim é o Filho do Pai.

E mais não me falou aquela voz sublimada e mais eu não disse, pois se o Pai está no filho, então o filho é uma individualização do Pai. E pode atuar com a qualidade divina que se exterioriza através dos seus sentidos.

E se uma das qualidades do Trono da Geração é geradora de condições ideais para que as renovações aconteçam, eu recorri a ela e pouco a pouco vi aquela minha irmã retomar sua forma de antes. E quando ela foi totalmente reconstituída dentro daquela aura de amor, seus olhos eram só tristeza e mágoa. Então lhe falei:

– O Pai nos perdoou, filha do amor divino.

– Meu coração está vazio, Filho do Pai. Grande foi o meu erro!

– O meu não foi menor, irmã. Vamos reparar nossos erros unidos por toda a eternidade?

– Você está tentando diluir minha tristeza, irmão. Mas ela é grande demais, sabe?

– Ela não é maior que meu amor ou meu desejo de assumi-la como esposa diante do Pai. Conceda-me a honra de distingui-la com esse grau único diante dos olhos d'Ele, irmã amada.

– Eu fui uma das muitas que lhe infligiram quedas inexplicáveis e dores horríveis. E, se agora o Pai ainda mantém adormecida sua memória imortal, chegará um momento que ela aflorará naturalmente e você verá sua vida desde o momento em que foi fatorado pelo Pai. Aí você verá, o tempo todo, toda a sua existência. E verá que por sete vezes, quando alcançou o alto da escada de sua caminhada, eu atuei contra você e o obriguei a retornar para refazê-la.

Mas verá muitas outras ações que ativei visando a atraí-lo aos meus domínios cósmicos, e que resultaram em dores, remorsos, tristezas e lágrimas, meu desejado Filho do Pai. Então começará a sentir suas adormecidas vibrações negativas, e os aspectos negativos do seu mistério aflorarão e se voltarão contra mim e toda a minha hereditariedade.

– Irmã, o Pai nos perdoou e nos dará meios de superarmos nossas dificuldades por não termos tido consciência dos nossos atos ou não sabermos lidar com nossos sentimentos, nosso emocional e nossos mistérios.

E, além do mais, se nos perdoou, quem somos nós para não nos perdoarmos?

– Eu... eu...

– Vamos, abrace-me e diga que me perdoa por eu não ter entendido seus chamados. Conceda-me esse perdão único, mas também o conceda a si mesma, pois só assim nossa harmonização será total.

– Sinto-me tão frágil e tão desamparada!

– Fortaleça-se no amor do Pai e confie no amparo que a Mãe está lhe dando neste momento único de sua existência.

– Por que estou me sentindo assim se antes eu me sentia tão forte e tão autoconfiante?

– Antes você se apoiava nos aspectos negativos do seu mistério. Mas agora eles foram ordenados pelo meu fator Ogum e não aflorarão como antes, quando bastava você se emocionar.

– O que aflorará no lugar dos aspectos negativos do meu mistério, Filho do Pai?

– Bom, como você havia desejado ser mais que um par, acho que aflorou a mais encantadora "mulher" que meus olhos humanos já viram.

– Por que você fez isso comigo?

– Não fui eu. O Pai é quem atuou em sua vida, tornando-a assim, tão humana, quando reagregou seu corpo energético.

– Por que Ele fez isso comigo?

– Isso só Ele pode responder-lhe. Venha, abrace-me para que eu ocupe meu lugar em sua vida e gere em seu íntimo as condições ideais que darão sustentação ao humanismo que aflorará junto com a Divindade da Mãe que vibra em seu íntimo.

O fato é que ela timidamente me abraçou e aninhou-se bem junto de meu corpo, todo em ebulição energética devido aos desdobramentos de meu mistério gerador de energias.

Eu a apertei com meus braços e a senti trêmula, como se tudo aquilo a assustasse muito. Era como se estivesse totalmente desamparada, desprotegida e insegura. Então a observei melhor e vi que tinha comigo uma jovem Filha da Mãe, muito jovem mesmo. E lembrei-me das jovens irmãs encantadas, todas trêmulas e inseguras quando de suas iniciações no grau de Mães Encantadas.

Pouco a pouco fui inundando-a com irradiações de fé, amor e confiança. E logo comecei a sentir em seu íntimo as vibrações da Divindade da Mãe Telúrica, herdade por ela, sua filha amada geradora natural da parte feminina do fator telúrico.

Em dado momento ela clamou: – Assuma-me como a esposa telúrica do Filho do Pai, Trono Humano da Geração e da Renovação, e ajude-me no aforamento da Divindade da Mãe que vibra em meu íntimo, mas em seus aspectos positivos.

– Eu a ajudo, irmã do meu coração. A Divindade da Mãe aflorará em você de uma forma tão humana que, quem não tiver olhos para ver, não a verá senão como uma de minhas irmãs humanizadas em todos os sentidos na dimensão humana.

– Só assim você conseguirá me assumir como a esposa telúrica do Filho Humano do Pai?

– Sim, irmã do meu coração.

– Bem, sou sua esposa, não?

– É sim. Eu a assumi nesse grau perante o Pai.

– Então me possua e aos meus mistérios, à minha vida e à Divindade da Mãe que vibra intensamente em meu íntimo e deseja aflorar em todos os meus sentidos, através de sua forma e modo humano, e já irradiando minha tão desejada condição de esposa telúrica humanizada por você, meu tão desejado Trono Humano da Geração e da Renovação.

Meus olhos humanos contemplaram-na e vi a mais encantadora irmã do meu coração vibrando um intenso desejo de ser humanizada. Então a ajudei e a sustentei em todos os sentidos até que a divindade que vibrava em seu íntimo aflorasse naturalmente, já humanizada.

Quando o afloramento se completou, eu vi a mais bela e encantadora mulher que meus olhos já haviam visto até então. E eu a assumi como esposa telúrica do Filho Humano do Pai que vibrava em meu ser imortal e a amei, amei e amei. E tanto a amei que meu amor começou a alcançar suas irmãs, filhas, netas... até que alcançou a última geração de herdeiras naturais dela, que eram tão jovens que se pareciam com meninas de 12 ou 13 anos. E conheci parte do poder dos mistérios humanos do Trono da Geração, pois de alto a baixo naquela hierarquia natural não ficou uma só que não tivesse sido humanizada ou que não tivesse sido assumida e possuída na condição de esposa telúrica do Filho Humano do Pai, que era eu em todos os sentidos e em mim mesmo.

Quando recorri à minha visão divina para contemplar toda aquela dimensão, vi que um sono coletivo começou a manifestar-se desde o último nível vibratório, que era onde viviam as herdeiras mais novas dela, e foi subindo de nível até alcançar aquele, onde nos encontrávamos. Então ela, quase adormecendo em meus braços, pediu-me:

– Assuma também o grau de guardião dos meus mistérios e dessa dimensão da vida para que eu possa adormecer e ter minha alma atraída pela da divina Mãe Geradora da parte feminina do Fator Telúrico, quando serei absorvida pela Divindade dela, que absorverá através de mim seu fator humano e o integrará ao seu Mistério Gerador, com o qual ela fatorará as ondas vivas que enviará a essa dimensão a partir de agora.

– Por que isso agora, esposa telúrica do Trono Humano da Geração? – perguntei a ela, totalmente mergulhada em um êxtase.

– A Divina Mãe geradora da parte feminina do Fator Telúrico abençoou sua ação em favor dessa filha dela e o distinguiu como mistério divino gerador do Fator Fumano que ela absorverá de você e o agregará ao fator que usará para

fatorar todas as filhas dela que começarão a ser enviadas para essa dimensão da vida agora confiada à sua guarda e seus mistérios, Filho Humano do Pai e meu esposo humano e humanizador!

–Se assim deseja a Divina Mãe geradora da parte feminina do Fator Telúrico, assim será. Durma seu sono tão merecido e não se apresse, porque já estou desdobrando meu Mistério Guardião.

O fato é que ela adormeceu em meus braços e enquanto ela dormia eu senti que um novo mistério se abria na raiz dos mistérios do Trono da Geração, que, aí sim, começou a gerar meu fator humano e enviá-lo ao mistério gerador da Divina Mãe telúrica geradora da parte feminina do fator "terra" com o qual fatorava suas filhas, geradas no ventre divino da Divina Mãe da Vida, a parte feminina do Pai da Vida.

Eu não a via nem me seria permitido vê-la, pois ela é um mistério fechado que vive no interior do Divino Criador, que é em Si mesmo o Pai e a Mãe da Vida. Mas, quando comecei a verter lágrimas ante aquele acontecimento, único em minha vida, uma sublimada voz feminina falou comigo a partir do meu íntimo, e disse-me:

– Amado Filho Humano do Pai da Vida, agora que você assumiu conscientemente a divindade humana do Pai que vibra em seu íntimo, assuma sua nova condição de Trono Humano da Fertilidade agregadora das divindades das Mães, desagregadas a partir do íntimo de suas filhas e herdeiras naturais. Você as fertilizará com as sementes humanas do amor, fé e esperança; você as envolverá na aura do seu amor e criará no caótico íntimo delas as condições ideais para assumi-las e possuí-las como esposas do Filho Humano do Pai, que as humanizará e as agregará aos seus sete mistérios principais.

– Quando assumi essa condição agregadora, amada Mãe Divina?

– No mesmo instante que clamou pelo perdão do Pai, tanto para você quanto para todos os que o haviam magoado, entristecido, ofendido e contrariado a divindade humana do Pai que vibra em seu ser imortal e só não se desagregou porque você jamais se negou ou deixou de se ver e se sentir humano.

– Se o pai dotou-me com um recurso e condições agregadoras de suas filhas desagregadas, então eu assumo essa minha condição agregadora e a todas receberei como irmãs do meu coração e as assumirei como esposas do Filho Humano do Pai.

– Assim será contigo de agora em diante, amado Filho Humano do Pai.

Mais aquela voz feminina sublimada não me falou e mais não perguntei, limitando-me a contemplar a irmã do meu coração que dormia seu sono reparador recostada em meu corpo e amparada pelo meu Mistério da Geração, que o tempo todo ficou gerando energias e fatores que davam sustentação aos seus mistérios durante a absorção de sua alma pela Divina Mãe Geradora da parte feminina do Fator "terra".

O sono dela durou o tempo que foi necessário para a Divina Mãe fatorar tantas ondas vivas quanto foi necessário para que toda aquela dimensão, já adqui-

rindo uma aparência humana, fosse semeada de alto a baixo com novas gerações de herdeiras naturais dela.

Ela ainda dormia quando a primeira onda começou a aproximar-se e um divino Arco-íris surgiu desde o alto até o embaixo para que ela fosse internalizada e passasse a ser parte da vida daquela dimensão "telúrica-humana".

Então eu vi o poder do Pai e da Mãe da Vida em ação, pois à medida que o Arco-íris divino ia internalizando as ondas vivas, ia ligando àquelas irmãs as novas vidas trazidas no bojo delas. E as novas mães iam despertando à medida que os cordões eram estabelecidos. Então, aos prantos, iam recepcionando suas hereditariedades ainda na infância elemental, que se aconchegavam em torno delas, que as envolviam em abraços maternais plenos do amor de mãe, já irradiado por todas elas.

Quando toda aquela dimensão foi ocupada pelas ondas vivas, minha amada irmã do coração e esposa do Filho Humano do Pai despertou do seu sono aos prantos e abraçou-me tão forte que tive de afrouxar um pouco seus braços para poder dar-lhe sustentação emocional. Deduzi que ela havia assistido à renovação da vida acontecida ali, a partir dos domínios divinos da Divina Mãe Geradora da parte feminina do Fator Terra.

Quando ela se acalmou, desdobrou seu trono mistério energético e mais uma vez chorou, pois se antes ele era absorvente e de cor cinza-escuro, agora era irradiante e multicolorido. E assim que ela se assentou nele, aquele Arco-íris divino começou a ser absorvido pelo símbolo que o distinguia como Trono Divino Gerador de condições ideais para a vida.

O fato é que eu assisti a uma ação divina do Divino Criador, que foi amparada pelo Pai e pela Mãe da Vida, e realizou-se através de nós, seus filhos amados. E quando tudo ali fluía naturalmente, bem diante de nós, sete degraus acima da escada da Vida, a Coroa Divina abriu-se e fomos conduzidos até os pais e mães Regentes Planetários, que a distinguiram com o grau de Trono Divino e Mãe Geradora do fator misto "telúrico-humano", já incorporado como mais um dos mistérios do divino Trono das Sete Encruzilhadas, o Lógos planetário, que me distinguiu com o grau e Trono da Fertilidade, ligado diretamente ao seu mistério divino sustentador de todas as muitas dimensões da vida existentes neste nosso amado planeta"Terra".

Quando ela retornou à sua dimensão, imediatamente deu início ao assentamento de sua hierarquia, ao qual assisti muito emocionado, pois todas me olhavam de um modo que não deixava dúvidas que se sentiam ungidas com o grau de esposas do Filho Humano do Pai, ao qual haviam concedido a posse e a guarda de seus mistérios.

Eu vi formar-se toda uma hierarquia dimensional, toda ligada ao meu mistério humano do Trono da Geração. E ela fez questão de assentar até sua última onda de herdeiras, toda ela formada por irmãs que não aparentavam, aos meus olhos humanos, mais que uns 13 anos de idade. E, mesmo nos olhos delas, eu via que se orgulhavam de ser as esposas telúricas do Filho Humano do Pai.

Assentado em meu Trono Energético, e de frente para aquela hierarquia completa, eu contemplava tanto a elas quanto toda a dimensão regida pelos seus mistérios. Eu não contive as lágrimas que afloraram de forma tão natural nos meus olhos quando vi todo o seu Degrau divino ocupado por suas filhas, netas, bisnetas... todas ungidas com o mistério divino "Mãe da Vida".

Então elevei meus olhos lacrimejantes para o alto e exclamei: – Pai, amado pai de nossas vidas, eis a dádiva do seu perdão divino! Contemple-nos com sua visão divina e nos abençoe com seu amor vivo à vida, pai que nos gerou à sua semelhança!

Não me perguntem como, mas uma irradiação que cintilava as mil cores do Arco-íris divino veio descendo do alto e derramou-se sobre nós, que recebemos uma chuva de lindíssimas pétalas de flores.

Era a resposta do Pai ao meu clamor para que contemplasse a dádiva do seu divino perdão concedido a nós, seus filhos amados.

Bem, acabei permanecendo um bom tempo ali, pois aquelas amorosas, meigas, doces, delicadas e floridas esposas telúricas do Filho Humano do Pai, ali assentadas, fizeram questão de tocar com suas mãos os lábios, as faces e os cabelos do esposo e suas vidas, além de exigirem um amoroso abraço de despedida quando tive de retornar à dimensão humana da vida para cumprir com meus deveres de Trono Humano da Geração. Mas só consegui sair daquela dimensão fechada quando concordei em trazer comigo aquela irmã do meu coração, que, de tão humanizada que estava, falou:

– Faz de conta que é nossa lua de mel, marido de minha vida e senhor dos meus mistérios!

– Essa não! – exclamei preocupado – Acho que exagerei na sua humanização, sabe?

– Sei, sim. Agora compete a você cuidar bem dessa sua esposa telúrica humanizada em todos os sentidos. Mas não se preocupe porque quem me ver pensará que sou só uma de suas irmãs humanas. Não foi isso que você me disse?

– Foi, sim. Venha, vamos ver o que você acha da dimensão humana da vida, irmã do meu coração!

Abri uma passagem para o plano material humano e no instante seguinte ela contemplava a vida no plano espiritual, assim como todo o plano material.

E tanto eu a havia humanizado que ela absorvia as energias do plano material com uma naturalidade só encontrada nos espíritos humanos, aos quais ela contemplava e analisava demoradamente, só deixando de fazê-lo quando eu me recolhi ao meu centro neutro, ao qual ela também se recolheu, ao invés de retornar à sua dimensão original.

Eu tentava descobrir o porquê dela ter desejado ficar comigo, mas nada consegui até que vi Estrela Dourada do Arco-íris surgir diante de nós e perguntar-me:

– Por que você solicitou minha presença, irmão do meu coração?

Eu ia responder que não havia solicitado sua presença, mas não tive tempo, pois minha irmã telúrica adiantou-se e, muito emocionada, falou:

– Fui eu que solicitei sua presença, irmã que muito magoei e entristeci quando, possuída por meu emocional, ativei contra seu amado Cavaleiro da Estrela Guia um dos aspectos negativos do meu mistério, lançando-o em uma queda dolorida que muito a entristeceu. Hoje estou em condições de implorar pelo seu perdão porque em meu íntimo só vibram as qualidades positivas da divina Mãe Telúrica. Perdoe-me, irmã do meu coração. Perdoe-me em nome dos pais de nossas vidas!

Estrela, após a surpresa inicial, perguntou-lhe:

– Os pais de nossas vidas já a perdoaram, irmã do meu coração?

– Perdoaram-me. Mas eu preciso do seu perdão, senão, toda vez que eu olhá-la, verei em seu íntimo uma mancha escura resultante da mágoa e tristeza que despertei em seu íntimo quando o meu era só escuridão, e a sensação de abandono e de estar sendo deixada para trás era o único sentimento que eu vibrava.

– Eu... não sei quem é você, irmã do meu coração.

Foi com os olhos vertendo lágrimas que ela se apresentou, mas sem revelar seu mistério de filha da Mãe geradora da parte feminina do Fator Terra, e regente natural de toda uma dimensão da vida. À medida que ela foi se revelando, os olhos de Estrela foram se enchendo de lágrimas, e chegou um momento que começou a soluçar. E, quando começou a extravasar aquela mancha escura de mágoa e tristeza em um pranto convulsivo, eu a abracei e falei-lhe:

– Amada Estrela, o perdão é uma prerrogativa do Pai de nossas vidas, que podemos transformar em uma dádiva divina cheia de fé, amor e vida. Consulte seu íntimo se deseja perdoá-la. Mas também não se esqueça de clamar ao Pai o perdão pelos seus erros inconscientes, pois só assim essa dádiva será uma bênção em sua vida.

– Você a perdoou e foi perdoado, irmão?

– Sim. E o Pai de nossas vidas nos abençoou com uma dádiva plena de fé, amor e esperança.

– Eu a perdoo e clamo ao Pai de minha vida que me conceda o perdão dos erros que cometi, porque estava inconsciente.

– O Pai a perdoa, irmã do meu amor. Agora abrace-a e limpe do seu íntimo a escura mancha de mágoa e tristeza, pois tudo é passado.

Quando Estrela a abraçou, ambas choraram muito e só pararam quando sentiram que no lugar da mancha só havia um vazio neutro, que logo começou a ser ocupado pelo fraterno amor de irmãs mães da vida.

Algum tempo depois, já sem mágoas ou tristezas, cada uma se retirou, retornando às suas dimensões.

Refleti no porquê de a minha irmã telúrica ter feito aquilo e concluí que Estrela Dourada do Arco-íris era uma filha em cujo íntimo vibrava a divindade da Mãe, ou era a busca do perdão e ela havia sido a primeira a concedê-lo à esposa telúrica do Filho Humano do Pai.

E tempo para reflexão não tive depois que isso aconteceu, porque as divinas Mães regentes planetárias começaram a solicitar minha atuação com meu mistério

agregador e que eu assumisse como "esposas" do Filho Humano do Pai todas as irmãs desagregadas que eu pudesse resgatar para a Fé, a Lei e a Vida.

O Pai Gerador tem suas razões e nem aos seus filhos as revela. Por isso não sei qual a razão daquilo ter se iniciado com aquela minha irmã telúrica e não ter parado até hoje.

Só sei que já assumi, como esposas do Filho Humano do Pai, tantas irmãs que desconheço quantas são atualmente. E todas assumem essa condição única com uma convicção que às vezes até me impressiona.

O que sei é que já resgatei muitas irmãs portadoras naturais de qualidades das divinas Mães Fatoradoras, e uma boa parte delas é "Filha da Mãe", geradoras da parte feminina dos fatores divinos. Fatores estes que determinam a natureza dos seres e os distinguem em filhos de Ogum, de Oxóssi, de Xangô, de Omolu, de Obaluaiê, de Oxumaré ou de Oxalá, ou filhas de Logunan, Oxum, Obá, Egunitá, Iansã, Nanã ou Iemanjá.

Esses 14 Orixás são geradores dos fatores divinos que caracterizam os seres que têm nesse orbe sua morada divina. Mas esses fatores não atuam só nos seres, e sim em tudo o que aqui existe. Os vegetais, os minerais, as criaturas, os peixes, etc., todos são fatorados e influenciados por um ou vários desses fatores.

Por isso os Orixás têm suas pedras, suas folhas, seus animais, etc. Só que a verdade é que essas coisas são influenciadas pelos fatores. Alguns têm tanto a parte masculina quanto a feminina, e outros não têm.

A fatoração acontece assim: em Deus tudo é gerado e a geração é um atributo d'Ele, que tudo cria a partir de Si mesmo. Só que toda a sua geração processa-se por fatoração e suas criações vão assumindo a característica do fator que a originou, distinguindo umas das outras. E se assim é, é porque a criação divina forma um todo cujas partes, umas são complemento das outras e nenhuma traz a plenitude em si mesma.

Essa complementariedade está na raiz de toda geração porque todo fator tem sua parte ativa e sua parte passiva, positiva e negativa, masculina e feminina, seja nas criações animadas ou inanimadas.

Todo ser, criatura ou espécie traz em si essa distinção e só se sente pleno se reunir-se com sua outra metade. Só o ativo completa o passivo, o positivo completa o negativo, o masculino completa o feminino. Mas o divino Criador mantém a separação dos dois polos de um mesmo fator senão os seres paralisam-se, as criaturas aquietam-se e as espécies deixam de reproduzir-se e de criar as condições ideais e os recursos necessários para o surgimento ou geração de novas espécies, sendo que essas últimas já são uma derivação das anteriores ou das preexistentes.

Essa é a base da evolução de tudo o que existe e foi criado por Deus, que vai unindo suas criações a partir de fatores opostos complementares e originando criações, criaturas, seres e espécies mistas ou derivadas de outras, estas puras.

Nosso planeta é um bom exemplo dessa minha afirmação, pois, se é recoberto de água, no entanto seu núcleo é magmático ou fogo líquido. E se sua parte densa é terra, no entanto o ar está à sua volta e os minerais estão dentro dela.

Não existe um único planeta que seja só fogo, só água, só ar ou só terra, e possa sustentar a vida como a conhecemos, pois em condições únicas só seres originais sobrevivem a elas.

Isso se aplica tanto ao homem quanto aos espírito, assim como se aplica a todo o resto da Criação Divina.

Por isso, Deus vai combinando seus fatores e fazendo surgir as condições ideais e os recursos para que a evolução aconteça em todos os níveis vibratórios.

E eu, um Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida, era um exemplo vivo do que acabei de afirmar, pois meu mistério gerava muitos fatores, mas só suas partes masculinas, ora ativas e ora passivas, hora positivas e ora negativas. E eu ia formando par com quantas irmãs desejassem, pois só assim eram criadas as condições ideais e os recursos específicos para que a evolução acontecesse naturalmente, porque todo ser humanizado traz em si uma capacidade única de gerar fatores divinos.

– Um ser Ogum puro só gera o fator Ogum puro.

– Um ser Ogum misto, ou já polarizado com seu elemento oposto complementar gera um fator misto, e ainda que conserve sua natureza Ogum, no entanto já não é um Ogum puro, porque gera um fator misto que gera as condições ideais e os recursos que aceleram a evolução dos seres, das criaturas e das espécies sob sua regência e irradiação e sob a regência e irradiação do ser fêmea que formar com ele um par ideal.

– O mesmo se aplica a todos os seres geradores das outras partes dos fatores divinos. E é dessa união de fatores opostos complementares que surgem as condições ideais e os recursos para que a evolução não sofra descontinuidade, pois, sempre que se faz necessário, Deus une dois novos fatores mistos e dá origem a um novo, derivado dos dois anteriores. E esse novo fator terá sua parte ativa e sua parte passiva, masculina e feminina, positiva e negativa, porque assim é o modo divino de gerar e criar as coisas.

Eu refletia sobre o divino Criador e sua forma de gerar e criar, assim como no seu modo de atuar em nossas vidas. E, se eu estava assoberbado com tantas solicitações para atuar com meu mistério, no entanto meu modo e forma humana prevaleciam em minhas ações, confirmando as palavras daquela minha irmã-esposa do Filho do Pai que, segundo ela, era eu mesmo do jeito que eu era: um ser humano!

Mas, e quanto à minha natureza Ogum que se sobressaía e às vezes até se impunha sobre meu modo e forma humana de atuar?

Como me entender?

Meditava sobre o que ocorria comigo quando um irmão ancestral aproximou-se do meu centro neutro individual e pediu licença para adentrá-lo.

– Aproxime-se, irmão amado! – respondi, todo feliz por tê-lo novamente ao meu lado. Após nos cumprimentarm, convidei-o a assentar-se e dizer-me o que o trouxera até mim.

– Bom, como você sabe, eu sou responsável por um templo de Umbanda.

– Sei. – assenti, já preocupado, pois percebi que não era uma visita – Continue, irmão! – pedi.

– O caso é que de uns tempos para cá venho sendo incomodado pelas investidas de um degenerado Trono da Geração, e vim solicitar seu auxílio para anular essa perseguição implacável.

– Por que você não solicita ajuda ao seu pai e regente, o senhor Ogum de Lei?

– Eu solicitei, irmão.

– O que ele respondeu quando foi solicitado?

– Bom... que eu o procurasse, pois você é o responsável pela recondução à linha reta da Lei dos degenerados Tronos da Geração.

– Essa não! Mais essa atribuição, agora?

– É... mais essa, irmão executor de degenerados Tronos da Geração caídos nas trevas da ignorância.

– Eu já executei uma porção deles, mas parece que nunca acabam! Até quando vou ter de combater esses irmãos venenosos?

– Acho que eternamente, irmão executor. Se nosso pai e regente Ogum de Lei conferiu-lhe essa atribuição, de agora em diante ela é uma de suas atribuições, sabe?

– Agora sei. Assente-se à minha direita, pois vou desdobrar meu mistério guardião executor da Lei e localizar o safado que se excedeu. Talvez não precise executá-lo, mas sim recolocá-lo na linha dos procedimentos retos.

– Não creio que consiga, irmão executor. Uma vez, muito tempo atrás, ele foi recolocado na linha dos procedimentos duais, mas de uns tempos para cá só tem recorrido aos procedimentos tortos negativos, negando sua condição de espírito exunizado.

– Essa não! Até como espírito exunizado ele se desvirtuou, irmão caboclo?

– Foi o que eu disse, irmão executor da Lei.

– Que safado!

– Nossos pais regentes já retiraram dele seu grau de espírito exunizado e querem vê-lo fora do campo de atuação de Umbanda... e dos Tronos Cósmicos que lidam com os aspectos negativos dos regentes das linhas de forças planetárias multidimensionais.

– O que esse nosso irmão venenoso andou fazendo, irmão caboclo?

– Acho que ele andou invadindo os calabouços dos Tronos Negativos, sabe?

– Não sei não. O que são esses calabouços?

– Você não os conhece?

– Já ouvi uma menção a eles, mas ficou só nisso. Acho que chegou a hora de saber algo sobre eles... e abri-los.

– Esse é um assunto fechado, irmão executor da Lei. Eu não posso comentá-lo, sabe?

– Alguém pode comentá-lo para mim?

– Eu só ouvi menções acerca dos calabouços dos Tronos Negativos. E não são nada agradáveis, sabe?

– Ainda não sei. Mas acho que logo saberei, irmão caboclo. Só espero que não sejam mais difíceis de se lidar que os polos negativos dos Tronos Cósmicos. Eles já têm me surpreendido muito, sabe?

– Não sei não, irmão executor da Lei. Eu não lido com eles porque essa é uma atribuição de Exu. O que você pode comentar sobre esse assunto?

– Acho que nada. Portanto, vamos ver o que descobrimos sobre os calabouços dos Orixás cósmicos, certo?

– Certo, irmão executor.

Bem, o fato é que ativei meu mistério guardião executor da Lei e invoquei a atuação do Senhor da Justiça Divina e da Lei Maior. No mesmo instante toda uma ação amparada pelos Tronos da Lei e da Justiça teve início e pouco depois só restava o ovoide daquele desvirtuado Trono da Geração que havia sido espiritualizado para se reequilibrar, mas mesmo assim continuara venenoso e degenerado. E mesmo tendo uma oportunidade de exunizar-se, ainda assim insistia no desvirtuamento até do grau que o acolhera como recurso último da Lei para reconduzi-lo à linha reta.

O irmão degenerado simplesmente olvidara os conselhos e alertas da Lei e da Justiça e começara a recorrer aos fechadíssimos aspectos negativos dos regentes dos polos negativos das linhas de forças.

Ele, porque era um Trono da Geração, recorria aos seus recursos negativos e, apossando-se do mental de irmãs recolhidas aos calabouços dos regentes cósmicos, possuía os mistérios delas, criava nelas só recursos negativos em todos os aspectos e em todos os sentidos, e depois às ativava contra seus desafetos, adversários e inimigos, atingindo-os onde quer que se encontrassem, enfraquecendo-os e desequilibrando-os até que os lançava numa queda vibratória incontrolável que os conduzia ao encontro de horríveis tormentos.

E o que eu desconfiava que aconteceria durante aquela ação, realmente aconteceu: todos os seres atingidos por ele foram ligados aos meus poderosos mistérios, cujos magnetismos expandiram-se e acolheram a todos. Então fui obrigado a desdobrar os mistérios do Trono da Geração de Energias e Renovação da Vida e atuar com intensidade sobre centenas de milhares de seres encantados, naturais, espiritualizados, todos retidos pelo magnetismo do Trono Energético ocupado por ele, que foi diluído pelo meu mistério guardião e absorvido por ele, que agregou seu magnetismo ao seu polo negativo.

Tudo aconteceu tão rápido que não me dei conta do que eu estava assumindo com aquela ação fulminante da Lei Maior e da Justiça Divina. Mas o fato é que,

porque meu Mistério da Geração gerava em sua raiz a parte masculina de muitos fatores divinos, e todos eram fatores puros e fluíam de forma reta, todos os seres fêmeas foram ligados ao meu mistério e tiveram todos os seus mistérios possuídos por mim, que passei a ser o "senhor" de suas vontades e desejos até que assim determinasse a Lei Maior e a Justiça Divina.

Elas ficaram submissas ao meu mistério e só serão desligadas dele quando tiverem readquirido a capacidade de se guiarem por conta própria de forma reta e segundo os procedimentos retos tanto da Lei quanto da Justiça.

Foi aí que entendi por que o meu Mistério da Geração de Energias e Renovação de Vidas era tido e visto como possessivo: ele, em seu polo positivo, era possessivo. Mas em seu polo negativo era de uma possessividade avassaladora, no sentido que a palavra avassalador possui quando se refere ao que faz as pessoas de vassalos.

Um vassalo é propriedade do seu senhor, que dispõe dele como bem quiser e é seu proprietário.

E isso é o que vi acontecer com centenas de milhares de seres: foram possuídos pelo poderoso magnetismo do polo magnético negativo do Trono da Geração e Renovação, que sou eu em mim mesmo, tal como havia dito aquela irmã telúrica esposa do Filho do Pai que vibra em meu ser imortal.

Os seres machos, após serem reenergizados e renovados, todos foram atraídos pelo magnetismo dos polos negativos das irmãs que haviam possuído meu mistério e concedido a posse dos seus. Os regidos pelo fogo foram atraídos pelo magnetismo de minhas irmãs ígneas; os da água foram atraídos pelo magnetismo de minhas irmãs aquáticas; e assim sucessivamente com todos, até que só restaram na minha frente os seres fêmeas já reenergizadas e renovadas, devolvidas às suas aparências de quando eram seres encantados.

Eu, vendo-as através dos meus olhos humanos, as via como jovens com não mais que uns 18 ou 20 anos de idade e, não entendendo o porquê daquilo, elevei meus olhos para o Alto do Altíssimo e perguntei:

– Por que isso, meu pai?

E mais uma vez aquela voz terna falou comigo e esclareceu-me a razão de aqueles seres, antes reduzidos a "farrapos" do que haviam sido, terem readquirido aparências de jovens encantadas, dizendo-me isto:

– Filho do meu amor aos meus filhos, todas essas suas irmãs caíram em todos os sentidos porque viraram as costas à minha face luminosa e se voltaram de frente para a minha face escura, onde ocultaram suas mágoas e tristezas, mas deram vazão plena aos seus vícios e degenerações, iniciadas quando elas se desvirtuaram e se afastaram da linha reta da Lei, da Vida, da Fé e do Amor, da Razão, da Justiça e da Evolução. E tudo porque em um determinado momento de suas existências faltou-lhes o par ideal que gerasse nelas as condições ideais que as manteriam na linha reta ou as paralisariam até que estivessem aptas a retomarem suas evoluções virtuosas. Mas de agora em diante terão você como o par ideal

que as sustentará energeticamente, renovará suas vidas e criará nelas as condições ideais que lhes possibilitará uma nova linha reta evolutiva.

Receba-as como suas irmãs e companheiras de jornada evolutiva, possua todos os mistérios delas e assuma todas como esposas do filho do Pai, pois só assim elas reencontrarão o Pai através dos olhos do filho.

– Como interpreto isso, meu pai amado?

– Interprete assim: elas viraram as costas ao Pai e afastaram-se de sua face luminosa, onde eram vistas o tempo todo por Ele, e ficaram de frente para a sua face escura. Agora elas iniciarão o retorno à face luminosa do Pai, mas através do filho do Pai. Portanto, o Pai só as verá através dos olhos do filho, que são seus olhos, meu filho amado!

Eles irradiarão para elas o amor que o Pai vibra por elas e elas o receberão através dos seus olhos, que serão, para elas, a visão do Pai. E, enquanto se mantiverem fiéis, leais, resignadas e submissas às suas ordens, vontades e desejos, estarão de frente para você e estarão sendo vistas pelo Pai, que as inundará de amor vivo à vida através dos seus olhos.

Mas, se também lhe voltaram as costas, aí serão absorvidas pela face escura do Pai, que as recolherá em suas sombras.

– Tudo farei para mantê-las em harmonia e equilíbrio, meu pai amado. Quais são meus limites em relação a elas?

– Os limites estão em você, meu filho. Seu humanismo é seu campo e enquanto for guiado por ele estará dentro dos seus limites.

– Quais recursos posso usar para mantê-las de frente para mim, meu pai?

– Todos os que você possuir e mais os que lhe serão acrescidos no decorrer dos tempos. E nunca se esqueça de que todas serão esposas do Filho do Pai e encontrarão em você o lenitivo para os seus tormentos, dores, aflições, remorsos e desequilíbrio, pois seu Mistério da Geração gerará o fator que sustentará cada uma delas em particular e todas em geral.

No geral, serão sustentadas pela imanência do Trono da Geração e Renovação. Já no particular, você em si mesmo será o lenitivo delas.

– Que assim seja, meu Pai.

– Assim será, meu filho. Assim o Pai disse que será, e assim será porque é uma vontade do Pai que se manifestará no Filho do Pai. E toda aquela que não se conformar e aquietar-se diante dessa vontade maior, encontrará em seu mistério guardião executor o corretivo reto da Lei Maior e da Justiça Divina, porque nem a você o Pai concedeu o direito de romper os cordões que as unem aos mistérios do Trono da Geração e Renovação, que é você em si mesmo. O Pai uniu o destino delas ao seu mistério e só Ele tem o poder de romper as uniões que realizou e as que ainda realizará, porque você é um instrumento da Lei e da Vida. Honra o Pai e honrado será, Filho do Pai!

Mais não me falou aquela voz terna e mais não perguntei, limitando-me a dar prosseguimento na ação ali iniciada. E quando todas aquelas irmãs resgatadas dos seus abismos conscienciais foram conduzidas a uma morada, aberta espe-

cialmente para recolhê-las, eis que uma voz que me pareceu assustadora, mas ao mesmo tempo familiar, falou comigo, dizendo-me isto:

– Então finalmente você assumiu seu grau, Mago da Vida!

– Quem fala comigo? – perguntei, tão curioso quanto preocupado.

– Já recebi muitos nomes, Mago da Vida, e nenhum refletiu meu grau ou minhas atribuições perante o Senhor da Lei Maior e da Justiça Divina. Portanto, chame-me como desejar.

– Quem é você, irmão invisível?

– Eu sou aquele que acolhe de frente todos os que viram as costas ao Senhor da Vida.

– Essa não!!! – exclamei preocupado.

– Descobriu quem sou eu, Mago da Vida?

– Se não estou enganado, é aquele que chamo de Príncipe das Trevas. Estou certo?

– É assim que me concebe, Mago da Vida?

– É assim que o idealizo e concebo, já que reina absoluto nos domínios sombrios da face escura do Senhor das Trevas.

– Não acha melhor uma concepção menos humana, Mago da Vida?

– Nem pense nisso, Príncipe das Trevas.

– Por que não? Uns me concebem e idealizam como um cão infernal, outros me imaginam como uma hidra ou um dragão, ambos assustadores. Já me idealizaram e conceberam de tantas formas que só a criativa imaginação humana é capaz de tanto, sabe?

– Sei, sim. Por isso o idealizo e o concebo como príncipe, Príncipe das Trevas!

– Tem certeza de que não me prefere como a tenebrosa, assustadora e maldita serpente das trevas, à qual você vinha combatendo desde que se humanizou e idealizou-me e concebeu-me como a traiçoeira e peçonhenta serpente das trevas?

– Nem pense nisso, príncipe! Já chega de combater serpentes.

– Mas foi você mesmo quem semeou essa minha concepção no meio humano, Mago da Vida!

– Eu fiz isso?

– Fez, sim.

– Essa não! Deve ter sido por causa dos meus ancestrais irmãos venenosos e traiçoeiros, sabe?

– Eu sei?

– Não sabe?

– Eu deveria saber, Mago da Vida? Afinal, venenosos e traiçoeiros são seus asquerosos irmãos ancestrais, não eu, que só tenho recolhido-os em meus domínios e contido suas iras e fúrias com os tormentos que eles criaram para si mesmos.

– Essa não! Só agora você me revela isso, irmão Príncipe das Trevas?

– O que foi que eu revelei, irmão Mago da Vida?

– Que você assume a condição com a qual o distinguimos em nossa imaginação, e depois plasma o tormento que é em si mesmo, já segundo nossa concepção e idealização. E daí em diante se nos mostra tão tormentoso e assustador como imaginamos que deva ser, oras!

– Você não sabia que eu era, e sou assim?

– Agora sei, irmão Príncipe das Trevas.

– Que Mago da Vida estúpido que você era, não?

– Sem ofensas, príncipe. Não vamos baixar o nível de nossa conversa, certo?

– Tudo bem, Mago. Mas que você foi um estúpido em comparar-me aos seus venenosos e traiçoeiros irmãos ancestrais, isso foi, certo?

– Ponto para você, príncipe. Eu realmente fui um estúpido quando acreditei que aqueles safados eram você. Mas agora não me enganarão mais, sabe?

– Por que acha que eles não o enganarão, se são uns enganados enganadores?

– Bom, eu já o idealizei e concebi como o Príncipe das Trevas, que aos meus olhos só se mostrará como escuridão, nunca com uma aparência desumana. Portanto, se alguma sombra mover-se no meio da escuridão, com certeza não será você porque é ela em si mesmo, e não o que se move dentro dela.

– Que sábia descoberta, Mago da Vida. Já estou deixando de vê-lo como um estúpido e achando-o um sábio.

– Eu, um sábio? Nem pense isso, príncipe. Sou só um modesto aprendiz dos vastos mistérios da Criação. Agora, você sim, é um sábio que tem muito o que me ensinar sobre seus domínios ocultos pela escuridão do seu mistério, que é você em si mesmo.

– Você está me idealizando como um sábio, Mago da Vida?

– Já o idealizei como o sapientíssimo Príncipe das Trevas, que certamente me instruirá em como devo proceder com meus astutos, traiçoeiros e venenosos irmãos ancestrais que se ocultaram na sua escuridão. Com certeza de agora em diante eles não ficarão invisíveis aos meus olhos porque os diferenciarei de você mesmo, já que você é a escuridão e eles são as sombras ou as formas desumanas que vivem, habitam e se movem em seus domínios. Com certeza, caso eu venha a ser confundido por eles, você imediatamente me alertará e instruirá sobre como proceder em seus domínios e como anular as ações intentadas por eles.

– Essa não, Mago da Vida!!!

– Essa sim, Príncipe das Trevas. Se, nos seus domínios, sou um executor da Lei Maior e da Justiça Divina, então nada melhor que concebê-lo segundo meu modo humano de interpretar as coisas, e tê-lo como um sábio Príncipe das Trevas que me instruirá "humanamente" e me apontará a melhor alternativa, à qual recorrerei, para paralisar ou anular as ações dos meus astutos, espertos, safados, traiçoeiros, venenosos, viciados, depravados e desvirtuados irmão e irmãs ancestrais recolhidos aos seus domínios pela Lei Maior e pela Justiça Divina.

– Você deixou os dementados, os desequilibrados, os paralisados, os petrificados, os iludidos, os enganados, os assustados, os atormentados, os aterrorizados, os...

– Tudo bem. A lista é longa e acho melhor simplificá-la para não deixar nenhum de fora, certo?

– Como você a simplificará, Mago da Vida?

– Eu sou só um aprendiz, sábio Príncipe das Trevas. Como acha que devo simplificá-la para que ninguém ou coisa alguma fique de fora do meu campo de ação e execuções?

– Você está me concedendo esta honra, Mago da Vida?

– Já concedi, honrado Príncipe das Trevas. Em seus domínios, que outro instrutor eu honraria senão ao mais poderoso, sábio, leal e amigo, que é justamente você? Com certeza nenhum se igualaria a você e eu estaria negligenciando meu grau de Mago da Vida e Guardião Executor da Lei Maior e da Justiça Divina nos domínios do Senhor das Trevas.

– Eu não posso permitir que negligencie seus graus, mago da Vida. Portanto, abro-lhe meus domínios desde a face escura do Senhor das Trevas até você, e tudo e todos que estiverem neles estarão sujeitos aos seus mistérios e suas ações regidas pela Lei Maior e a Justiça Divina.

– Essa não! Você não pode fazer isso!

– É claro que posso. E tanto posso que já fiz. De agora em diante, desde você em si mesmo até a face escura do Senhor das Trevas, todas as coisas, todas as sombras e tudo o que se oculta em minha escuridão estará sujeito às suas ações e aos seus mistérios.

– Estou encrencado!

– Há muito tempo, sabe? Mas agora você tem a vantagem da iniciativa, pois ela passou a pertencer-lhe assim que lhe abri as portas de todos os meus domínios. Saiba que nem seus adorados pais ou irmão ancestrais têm um campo de atuação tão vasto em meus domínios.

– Foi o que eu disse, Príncipe das Trevas. Estou encrencado, pois se ter um alcance limitado em seus domínios já é trabalhoso e exige muito de quem atua neles, como não será para mim, agora que todos os limites foram anulados? Com certeza vou encontrar de tudo na vastíssima escuridão que existe desde a face escura do Senhor das Trevas até mim. Como proceder com o que encontrarei?

– Seus limites estão em você mesmo, Mago da Vida. Se o seu Senhor assim estabeleceu para você e seus mistérios, que são você em si mesmo, eu não estabelecerei outros.

– Por que não?

– Onde eu encontraria outro Mago tão ilimitado?

– Acho que não tenho a noção exata do que você abriu para mim, príncipe. Não mesmo, sabe?

– Eu posso dar-lhe uma noção, Mago da Vida.

– Por favor, príncipe! Faça isso!

– Você conhece o Mistério Exu e o Mistério Pombagira, certo?

– Só um pouquinho.

– Saiba que esses mistérios já estão dentro dos seus limites, que vão desde você até a face escura do Senhor das Trevas.

– O que isso significa, Príncipe das Trevas?

– Significa que, no seu campo de ação como Mago da Vida e Guardião Executor da Lei Maior e da Justiça Divina, tanto Exu quanto Pombagira estão dentro dos seus limites e estão sujeitos às suas vontades e seus desejos. O que antes não acontecia, pois era você que estava sujeitado aos mistérios deles. Antes eles ditavam as condições para atuar e os termos dos acordos que firmavam contigo. Mas agora você ditará os termos e só firmará os acordos que desejar, pois eles estão contidos dentro dos seus limites, que são maiores que os deles, que são limitados dentro da escuridão que existe desde a face escura do Senhor das Trevas até você. Exu e Pombagira são só dois graus-mistérios dentro dos seus limites, que comportam mais setenta e cinco, sabe?

– Não sei não, sábio e instrutivo Príncipe das Trevas. Mas tenho certeza de que será com prazer e satisfação que os comentará para mim e me colocará a par do mistério desses graus!

– Tem certeza de que instruí-lo sobre esses graus me proporcionará prazer e satisfação?

– Absoluta, príncipe! Afinal, os sábios instrutores sentem um imenso prazer, sentem-se satisfeitos e gratificados quando instruem e esclarecem os aprendizes que os amam e estimam, respeitam-nos e confiam neles e em suas sapiências.

– Eu não sabia disso, Mago da Vida.

– Essa é uma verdade, nobre Príncipe das Trevas.

– Essa não!

– O que foi?

– Você disse que me ama e estima, respeita e confia e até me tem na conta de um nobre príncipe!

– É isso mesmo. Eu descobri sua razão de existir como parte do todo e encontro nobreza no seu modo de atuar, pois não atua de outro modo e forma que não a desejada por quem o idealiza, concebe e concretiza. Só um nobre é tão generoso, e só um concede o que dele desejam, ou estão aptos a adquirirem, assumirem e sustentarem. Um nobre não nega algo se o que lhe foi pedido é justo, e não impõe nada a ninguém se for violentar sua natureza ou contraria seus desejos mais íntimos, sabe?

– Agora sei, Mago da Vida. Já estou me sentindo um nobre príncipe regente dos vastos domínios escuros do Senhor das Trevas. E, para ser sincero, até estou me sentindo melhor nessa sua nova idealização e concepção humana do que eu me sentia na concepção anterior, quando você me idealizou como uma asquerosa e traiçoeira, venenosa e ardilosa serpente, sabe?

– Agora sei, príncipe.

– Sim, senhor, até já me sinto meio humano.

– Calma. Lembre-se de que é o Príncipe das Trevas, em cujos domínios os seres humanos desumanos são só uma das muitas espécies. Não se limite, pois o grau de príncipe é uma distinção única, pois é um aplicador da Lei e da Justiça e um orientador das sociedades que rege, ainda que elas não o tenha eleito para regê-las.

– É mesmo. Os humanos são limitados demais para eu desejar ser como são.

– Então é melhor continuar a ser em si mesmo o que imagina que é, para que possa ser como cada um imagina que seja. Só sendo assim, os que o imaginam como um ser superior o idealizarão e o conceberão com um nobre príncipe, um ser superior. E os que o imaginam como um ser inferior o idealizarão e o conceberão como um ser indigno e inferior, um cão ou uma vil serpente, certo?

– Certo. A cada um segundo seu entendimento, não é mesmo?

– Exato, sábio príncipe. Quem desejá-lo como um ser vil e traiçoeiro, que o imagine, idealize-o e o conceba como tal, porque eu prefiro imaginá-lo, idealizá-lo e concebê-lo como um nobre príncipe regente dos vastos domínios do Senhor das Trevas, que sempre me instruirá sobre a natureza, a razão e a causa das sombras que vivem em seus domínios, assim como me alertará sobre as ações que elas intentarão contra mim a partir de sua escuridão. Só assim nunca mais o confundirei com eles e eles não me confundirão com você. Você é o nobre Príncipe das Trevas, e eu sou um Mago da Vida executor da Lei Maior e da Justiça Divina em seus domínios. E que disso eles sempre tenham ciência, certo?

– De acordo, sábio Mago da Vida executor da Lei Maior e da Justiça Divina nos vastos domínios do Senhor das Trevas, que outro não é senão a face escura do divino Criador, seu Senhor na Luz e meu Senhor nas Trevas.

– Ótimo. Acho que de agora em diante não nos confundiremos mais, príncipe.

– Não mesmo, Mago. O que lhe pertencer, mas estiver dentro dos meus domínios, você retirará e conduzirá aos seus, assim que sentir vontade ou desejo, ou lhe for ordenado pelo seu Senhor, que só fará isso caso você venha a estar apto a dar sustentação aos que recolherá de dentro de minha escuridão. Mas o inverso se aplicará a mim e você não tentará impedir-me de recolher os meus de dentro dos seus domínios e não intentará nada contra meus servos diretos e retos. Quanto aos tortos e indiretos, aí azar deles, certo?

– Estou de acordo, nobre príncipe. A cada um segundo seu grau, atributos e atribuições!

– Nunca se esqueça de que foi você que estabeleceu isto, Mago da Vida: a cada um segundo seu grau, atributos e atribuições!

– Não me esquecerei, inesquecível príncipe.

– Até a vista, Mago inesquecível!

– Até... príncipe.

Nosso primeiro "diálogo" encerrou-se e fiquei com a sensação de que tinha me metido em uma encrenca das grandes.

Sim senhor. Eu não sabia bem o que havia acontecido ou de quem era aquela voz. Mas, fosse quem fosse, que era um mistério dos grandes, isso era, pois o irmão caboclo assentado ao meu lado não só não estava irradiando luz alguma, como estava pasmo e lívido como se fosse uma estátua de cera.

Então olhei para os irmãos membros-graus do meu degrau Trono da Geração e Renovação, ao qual eu havia desdobrado, e os vi não menos pasmos e lívidos, olhei para a minha direita e vi meu pai Guardião Beira-mar tenso. Olhei para a minha esquerda e vi meu pai Guardião Naruê mais tenso ainda.

Para descontrair um pouco, exclamei: – Está tudo bem! Era só o Príncipe das Trevas, sabem! Achei ele legal!

– Legal? Você está brincando, não? – perguntou o irmão caboclo, recuperando a fala, mas não a cor ou luz.

– É. Ele é simpático. Legal mesmo, sabe? Acho que vou me entender bem com ele, irmão caboclo.

– Diga que está brincando só para nos descontrair.

– Por que você está tão assustado?

– Você não viu?

– Eu não vi nada. O que foi que aconteceu com você?

– Eu me vi de frente com todos os meus medos, pavores, ódios, iras, tormentos, fúrias... angústias, etc. Jamais me vi em situação tão apavorante ou em um meio tão assustador. Espíritos não morrem, mas que eu me senti mortificado, isso me senti, sabe? Que coisa! Isso acontece sempre que você atua?

– Não, não! Antes era pior, pois ele estava contra mim. Agora foi legal porque nos tornamos leais amigos, sabe?

– Leais amigos? Você enlouqueceu?

– De jeito nenhum, irmão caboclo. Eu recusei a idealização antiga dele e imaginei-lhe uma concepção nova. Chega de combater minhas próprias criações mentais. O negócio é acomodar de forma humana o que antes estava distribuído de forma desumana. Agora, para mim, esse mistério é o Príncipe das Trevas, um nobre irmão que atua no lado escuro da vida, e não tenho por que temê-lo. Só tenho de tomar cuidado com meus irmãos venenosos que estão ocultos na escuridão do mistério dele. Mas de agora em diante os safados vão se dar mal quando ativarem contra mim seus mortíferos mistérios, pois, se fizerem isso, o próprio príncipe os punirá e os entregará ao meu Mistério Guardião da Lei Maior e da Justiça Divina.

– Você tem certeza disso?

– Absoluta, irmão caboclo. Eu já estava cansado de combater meu irmão-mistérios das trevas e ele também se cansou de combater-me. Então fizemos as pazes e todos os que estiverem em nossos domínios e não honrá-los, bem.. acho que vão se dar mal.

– Se você acha, então eu tenho certeza. – falou meu pai Guardião Naruê, voltando à sua vibração normal. Mas ainda disse isto: – Bem, se resisti a essa prova

de fé, acho que vou assistir aos seus irmãos venenosos perderem suas presas mortíferas, sabe?

– Ainda não sei, meu pai. Mas, pela reação de cada um, acho que todos entramos em uma encrenca das boas.

– Entramos não. Você nos meteu nela! – exclamou meu amado pai Obaluaiê, já tendo reassumido seu antigo grau de tatá Omolu, fato este que despertou minha curiosidade. Então ele explicou: – Saiba que esperei por isso durante milênios, e só agora tudo começou a acontecer! Devolva-me meu alfanje, Filho do Pai!

– Essa não! O senhor está insinuando...

– Não estou insinuando nada. Estou dizendo que quero meu alfanje de volta, pois sou o mais indicado para empunhá-lo nesse seu novo campo de ação e atuação, Filho do Pai.

– Tudo bem. Já o devolvi! Agora... o que foi que aconteceu aqui hoje?

– Você não sabe?

– Nem imagino, isso sim, meu pai.

– Que droga, filho amado! Você acabou de ser distinguido com o grau de executor das vontades do Senhor da Lei e da Vida nos domínios escuros do Senhor das Trevas, e nem se deu conta disso?

– Como eu podia saber se nem sei o que aconteceu aqui, além de que quem eu combatia e me combatia, agora somos aliados?

– Eu não posso afirmar com absoluta certeza, mas acho que você conquistou uma condição única, sabe?

– Não sei não, meu amado pai tatá Omolu. O senhor pode ser mais abrangente nas suas falas?

– Oras, você encantou esse mistério do Senhor das Trevas... e acho que ele não só lhe abriu seus domínios escuros, como tudo fará para agradá-lo e satisfazê-lo. Afinal, você foi o primeiro Guardião Executor da Lei Maior e da Justiça Divina que o distinguiu com o título de "nobre Príncipe das Trevas". Você, agora, tem o inferno aos seus pés, Filho do Pai!

– Essa não! Estou encrencado mesmo!

– Que está, ninguém aqui tem dúvidas. O que ainda não sabemos é a extensão dessa encrenca, já que é a maior que vi até agora desde aquela em que se meteu um Trono da Geração e da Transformação.

– Que trono é esse, pai tatá Omolu?

– Um que gerava em si mesmo um fator transformador da consciência dos seres.

– Posso saber o nome desse trono?

– Bom, acho que pode. Afinal, depois que se humanizou e logo se desumanizou, ele tornou-se um de seus primos-irmãos venenosos, sabe?

– Primos? Já não bastam os irmãos venenosos, e agora o senhor revela que também tenho primos venenosos?

– É, os Tronos da Geração formam uma vasta família, sabe?

– Não sei, não. E só saio daqui quando souber que família é essa, meu pai.

– Bom, você conhece a hierarquia do seu pai Ogum Maior, não?

– Claro! Tem Ogum de Lei, Guardião Beira-mar, etc.

– Pois é isso, filho do Pai. Todos são irmãos porque todos são filhos do Trono Ogum Maior. E o mesmo se aplica às hierarquias regidas pelos outros pais maiores, onde todos os seus herdeiros naturais são irmãos, certo?

– Certo. Mas e quanto aos Tronos da Geração?

– Bom, você não formou par com as sete Ninfas?

– Formei. Mas...

– Oras, você acha que a hereditariedade que surgiu da sua união com a Ninfa da Água será igual à que surgiu da sua união com a Ninfa do Fogo ou da Terra, etc.?

– É, acho que não serão iguais por causa dos fatores gerados pelas Ninfas.

– Então todos os herdeiros seus e da Ninfa da Água serão tidos como irmãos. Já os filhos das outras Ninfas, estes serão irmãos dos da Ninfa da Água por parte do pai. Mas, por parte das mães, aí serão primos, certo?

– Se o senhor está dizendo, então está certo.

– Saiba que, como seus filhos, todos serão Tronos da Geração. Já no que toca às Ninfas, aí surgirão os diferenciadores e uns serão Tronos da Geração da Vida, outros da Justiça, outros da Lei, outros do Amor, etc. Isso na primeira vaga, pois na segunda surgirão mais diferenciadores.

– Essa não!

– O que foi?

– Outras vagas?

– Claro. Afinal, quando uma Ninfa encontra seu par perfeito, aí adquire uma capacidade inesgotável de recepcionar ondas vivas, sabe?

– Agora entendo a candura dos olhos das minhas Ninfas e por que elas olham para o meu Mistério da Geração com tanto amor que nunca resisto aos chamados delas quando elas me solicitam que eu atue com ele em seus domínios. Elas sempre dizem que meu mistério é inesgotável e gera em si mesmo todos os recursos que elas precisam para expandir seus magnetismos e capacidade de gerarem mais energias. Acho que agora estou começando a entender algumas coisas sobre as Ninfas. E pensar que formei par com todas as que desejaram!

– Foram muitas as que desejaram forma par com você?

– Acho que foram todas.

– Essa não!!!

– Acho que me meti em outra grande encrenca, não?

– Tenho certeza de que sim. Agora entendo a razão do repentino desaparecimento das maduras sereias que viviam se aproximando da beira-mar e entoando seus lamurientos cantos de solidão.

– Bom, pelo menos agora entoam vibrantes cantos de amor e plenitude, sabe?

– Acho que sei. Afinal, não é toda hora que surge um Filho do Pai Trono da Geração e da Renovação que não resiste a um canto lamuriento de solidão que corre até quem o está entoando só para consolá-la. Não mesmo!

– É essa minha natureza humana, sabe? Eu penso assim: se posso consolá-las e fornecer-lhes os recursos de que precisam para se sentirem plenas na vida, então por que deixá-las ao relento e amadurecendo no tempo? Logo, vou renovando-as, humanizando-as e fornecendo-lhes as condições ideais para que sejam mães da vida, plenas em todos os sentidos. Vejo-as tão felizes que me sinto gratificado e honrado com o amor que vibram por mim. Então começo a gerar as energias que elas solicitam.

– É, acho que agora entendo a razão de esse seu Mistério da Geração gerar tantos tipos de energias e em tão grande quantidade. Agora só falta eu entender por que esse mistério do Senhor das Trevas mudou seu comportamento tão repentinamente.

– Eu acho que sei, meu pai tatá Omolu.

– Você sabe?

– Bom, acho que sei.

– Então diga logo! – exclamou meu pai Ogum de Lei, surgindo bem na nossa frente.

– Eu digo, amado pai Ogum de Lei. Acho que ele ouviu aquela minha antiga bisavó telúrica que agora é minha renovada irmã e esposa telúrica do Filho do Pai, dizer-me que eu sou em mim mesmo a divindade do Pai que vibra tanto em meu íntimo como em todo o meu ser imortal... e que ninguém havia se dado conta disso, sabe?

– Essa não!!! – exclamaram todos eles ao mesmo tempo.

– Foi o que ela me disse e o Pai me confirmou, pois agora ela tem no meu fator humano seu segundo fator diferenciador de todas as mães telúricas.

– Não é possível! – exclamou meu pai Beira-mar – Ela deve ter se enganado, Filho do Pai.

– Então por que o Pai me confirmou o que ela havia descoberto?

– Se assim for, então muitos de nós fomos humanizados e ainda desconhecíamos isso, certo?

– Foram muitos dos senhores que incorporaram em mim quando eu era um médium de Umbanda?

– Acho que quase todos, sabe?

– Por que fizeram questão de incorporar em mim?

– Bom, era para ver se seu Mistério da Geração ativava-se quando um de nós inundássemos seu corpo energético com nossos fatores e sobrecarregássemos seu corpo carnal com nossos elementos.

– Isso aconteceu alguma vez com algum dos senhores incorporados em mim?

– Não. Mas nossos mistérios sempre era ativados quando incorporávamos em você, e começavam a gerar nossos fatores e elementos.

– Bom, segundo ela, quem incorporou em mim absorveu meu fator humano. E acho que ela, por ser bem ancestral, sabe de certas coisas, meu pai Ogum de Lei.

– Essa não. Nós fomos humanizados quando tentávamos naturalizá-lo!

– Bom, pelo menos agora são herdeiros naturais dos mistérios do Trono Humano da Geração de Energias e Renovação de Vidas, já que sou um Filho do Pai que é em si mesmo o Mistério Gerador e Renovador, sabem?

– Em que encrenca que nos metemos, filho do Pai e enigma humano!

– Ainda não sei, meu pai Ogum de Lei. Mas acho que, se desejarem, já podem atuar como eu atuo, ou seja, com minha forma e modo humano, sabem? E, ao invés de se desenergizarem, irão se sentir muito mais energizados, potentes e vigorosos assim que concluírem suas ações, pois é assim que me sinto após realizá-las. Saibam que com cada Ninfa que formei par, mais gerador de energias me tornei. E o mesmo ocorreu quando formei par com aquelas ancestralíssimas sereias. E vi o mesmo ocorrer sempre que assumi os mistérios de minhas ancestrais bisavós, avós, mães e irmãs Tronos da Geração.

– Você tem certeza disso, Filho do Pai?

– Bom, pelo menos disso tenho certeza, meu pai Ogum de Lei.

– Que coisa! – exclamou meu pai Guardião Beira-mar.

– O que foi, meu pai? – perguntei curioso.

– Bom, eu, postado em meu ponto de forças à Beira-mar, via aquelas ancestrais sereias e sofria por vê-las tristes e solitárias, já que não podia formar par com elas e proporcionar-lhes a plenitude que só o grau de Mãe da Vida lhes daria. E no entanto eu já trazia em mim os recursos do Filho do Pai, que absorvi desde que incorporei em você quando vivías em um corpo carnal. Agora entendo o desejo que vibrava em meu íntimo, e que era de transformar seus cantos lamurientos de abandono e solidão em canto de amor à vida. Se eu soubesse que bastava possuir os mistérios delas segundo sua forma e modo humano, eu também não teria negado a elas a alegria e felicidade que agora vejo serem irradiadas por todas aquelas que você ousou possuir e conceder a posse desse seu mistério, filho do Pai.

– Bom, segundo minha amada Estrela Dourada do Arco-íris, minha amada mãe mediadora Iemanjá (...), que forma um par natural com o senhor, bem, ela acolheu em seus domínios muitas ancestrais sereias que não encontraram ancestrais Beira-mar para formar par com elas, sabe?

– Por que sua Estrela revelou-lhe isso?

– Bom, acho que ela insinuou que eu bem que podia fazer algo por elas nesse sentido. Mas eu me fiz de desentendido e até hoje nada fiz nesse sentido.

– Por que não fez nada, Filho do Pai?

– Bom, se elas foram acolhidas pela minha amada mãe Iemanjá natural que forma um par com o senhor em todos os sentidos, então elas estão em seu campo de ação, não no meu. Logo, qualquer iniciativa nesse sentido compete ao senhor. Afinal, ainda não conheço todos os meus limites ou campos de ação e atuação,

mas não adentro em campos alheios nem vibro o menor desejo ou sinto a menor vontade de atuar no campo de meus amados pais.

– Você disse que sua Estrela Dourada do Arco-íris revelou-lhe que algumas ancestrais Ninfas que envelheceram e amadureceram como sereias foram recolhidas pela sua amada mãe Iemanjá natural que forma um par comigo, certo?

– Não. Eu disse que ela me revelou que "muitas" ancestrais sereias foram recolhidas aos domínios dela. Muitas, certo?

– Tudo bem. Muitas, não é?

– É, e estão dentro do seu campo de ação e atuação, à espera de que alguém possua os mistérios delas e conceda-lhes a posse dos seus, pois só assim elas serão honradas com o grau de Mães da Vida e poderão dar início às suas hereditariedades.

– Entendo.

– Eu também disse que, segundo a esposa telúrica do Filho do Pai, todos os que incorporaram em mim quando eu vivia no meu corpo carnal absorveram esse meu fator humano e tornaram-se geradores e renovadores, certo?

– Você está dizendo tudo isso em que condição?

– Como em que condição?

– Bom, é o Trono da Geração e Renovação, é o Trono Humano, é o Mago da Vida, é o Guardião Executor, é o Trono da Fertilidade ou é o Filho do Pai que está me dizendo isso?

– Eu estou dizendo isso, oras! Afinal todos esses graus são só distinções diferentes de um mesmo mistério do Pai que se individualizou em mim e é eu em mim mesmo. Logo, não importa qual desses mistérios está falando, pois eles são partes de um que os tem como seus recursos naturais. Agora só resta o senhor recorrer ao meu modo e forma humana de atuar, que logo logo aquelas solitárias e abandonadas sereias ancestrais estarão entoando encantadores cantos de amor à vida. E tudo o que eu disse ao senhor aplica-se a todos os meus pais que me honraram quando eu vivia na carne e incorporaram em mim durante os meus trabalhos de Umbanda Sagrada.

– Mesmo que só tenham incorporado uma única vez? – perguntou-me meu amado pai Xangô do Tempo, surgindo ali naquele instante.

– Foi o que eu disse, amado pai Xangô do Tempo.

– Bem, acho que vou dar uma olhada nos meus campos de atuação nos domínios da sua amada mãe Logunan média que forma um par natural comigo para ver se ela também recolheu neles algumas ancestrais Ninfas do Tempo que não formaram pares com ancestrais Xangôs do Tempo, certo?

– Tenho certeza de que encontrará muitas, sabe?

– Ainda não sei, filho do Pai.

– Logo o senhor saberá. É, saberá mesmo!

– O Filho do Pai disse que basta recorrermos ao seu modo e forma humana de atuar ao possuirmos os mistérios delas e lhes concedermos a posse dos nossos que bastará para nos tornarmos mais geradores, potentes e atuantes, certo?

– Foi o que eu disse, meu pai.

– Se o Filho do Pai disse, tenho certeza de que assim será, pois ou é uma Vontade do Pai que o Filho está manifestando e irradiando para nós, despertando em nós um imenso desejo de atuarmos segundo seu modo e forma humana, ou é um desejo seu que, por ser o Filho Humano do Pai, nos chega como uma vontade imensa de renovarmos as ancestrais Ninfas recolhidas em nossos campos de ação e atuação, e conceder-lhes o grau único de Mães da Vida, plenas no amor e na vida, que só o nobre grau de mães naturais lhes conferirá. Então, em qualquer dos dois casos, ações geradoras e renovadoras estarão sendo realizadas, ainda que segundo sua forma e modo humano de atuar. Certo, Filho do Pai?

– Assim sentenciou o senhor Xangô do Tempo e assim tanto o Pai quanto o Filho dizem que será de agora em diante com todos aqueles que me honraram incorporando em mim quando eu ainda vivia na carne.

– Filho do Pai, saiba que sua concordância com minha sentença traz nela a força da autorrealização.

– Eu já sabia, amado pai Xangô do Tempo. Só precisava que um senhor Xangô sentenciasse para eu concordar e dar-lhe a força da autorrealização. Agora que tudo se realizou, vou recolher meu mistério e ficar no aguardo do que acontecerá a partir de minha pacificação com o mistério da face escura do divino Criador, que denominei de nobre Príncipe das Trevas.

Eu recolhi meu Trono Energético e encerrei aquela atuação com um agradecimento ao divino Criador, Senhor da Lei Maior e da Justiça Divina, assim como agradeci aos divinos Tronos Regentes e a todos os meus pais e mães.

Pouco depois, só tinha comigo meu irmão Caboclo que já havia recuperado sua cor e irradiação, pois entendera parte do meu mistério e do mistério que às vezes me tornava incompreensível tanto para ele quanto para muitos outros irmãos Caboclos. Mas ele se limitou a agradecer-me pela execução do desvirtuado Trono da Geração que vinha perseguindo-o, e se foi sem perguntar ou comentar nada do que ouvira.

Quanto a mim, fiquei sem saber o que eram os Calabouços dos Orixás ou quem eram os outros 75 mistérios, tão importantes quanto Exu e Pombagira, aludidos pelo Mistério Príncipe das Trevas, que eu também desconhecia, já que tudo o que eu imaginasse que fosse, ele poderia ser, já que é um mistério que assume qualquer feição que venhamos a dar-lhe. E pelo que eu havia entendido, durante milênios eu o combatera como se ele fosse a serpente do mal ou a hidra do inferno, sei lá!

Refleti muito sobre o que havia descoberto e concluí que um mistério tem sua característica que o distingue de todos os outros, mas, dependendo de nossa imaginação, aí ele assume, para nós, a aparência com que o idealizamos e concebemos. E se eu havia imaginado, idealizado e concebido aquele Mistério da Escuridão como o nobre Príncipe das Trevas, com certeza dali em diante seria assim que nos relacionaríamos. Se bem que eu desconfiava que muitas surpresas me aguardavam dentro dos domínios dele.

Então me aquietei todo e procurei não pensar em nada nem imaginar coisa alguma, limitando-me a ficar no aguardo dos acontecimentos vindouros, que não demorariam para se mostrar. Mas uma coisa me alegrou: aquilo que meus amados pais mais temiam em meu Mistério da Geração agora fora incorporado aos mistérios deles que, segundo notei, agradou-os e alegrou-os com a possibilidade de ampararem ancestralíssimas Ninfas estacionadas já há muito tempo em seus campos de ação e atuação.

Refleti sobre o temor inconsciente deles e concluí que era devido à possibilidade de que de uma hora para outra uma vontade maior começasse a manifestar-se em meu íntimo e eu fosse compelido a invadir seus fechadíssimos campos de ação e atuação, subvertendo os procedimentos naturais e retos das hierarquias dos Tronos: um Trono nunca invade campos alheios!

Então concluí que o que mais tememos é o que mais desejamos dominar, ou anular ou possuir.

No caso em questão, durante muito tempo uns haviam tentado dominar, outros haviam tentado anular, mas todos eles inconscientemente haviam tentado possuir para usá-lo como mais um recurso e poderem reenergizar e renovar velhas Ninfas, que se sentiam abandonadas, solitárias e relegadas a seres de segunda categoria porque não haviam sido iniciadas no grau de Mães da Vida.

Saibam que para uma Ninfa a aquisição desse grau é tudo e, sem ele, elas se sentem inúteis e de segunda categoria, já que não se tornam mães naturais. E ainda que as Ninfas Mães da Vida as acolham e confiem a elas suas hereditariedades, no entanto elas são só mães adotivas, nunca mães dos seus próprios filhos.

Para que entendam bem esse Mistério Mãe da Vida, saibam que o divino Criador gera vidas o tempo todo e durante todo o tempo, como se fosse um órgão gerador de células, e esse é um de seus mistérios mais fascinantes. Ele vai acumulando aquelas células vivas em um líquido vivo, que denominamos de Ventre Materno Divino. E quando uma Ninfa forma um par com um ser portador do grau de Pai da Vida que lhe dará sustentação magnética, energética, vibratória e emocional, então o Pai e a Mãe Geradores da Vida liberam uma onda viva que é recebida pela nova Ninfa Mãe, que a recepciona e assume todas as células (mentais) vivas como seus filhos naturais e sentem-se verdadeiras esposas do Pai da Vida, que é nosso Divino Criador, que também as tem na conta de individualizações da Mãe Geradora da Vida, e as assume como esposas diferenciadas, às quais dá um amparo intenso e ininterrupto que chega a nos impressionar, pois basta uma Ninfa Mãe da Vida elevar seus olhos e seu canto que no mesmo instante ela é atendida nas suas necessidades de mãe.

Outro fato que nos impressiona é que, quando recebem sua primeira onda viva, o líquido vivo que estava sustentando as células vivas transforma-se no meio natural onde ela ficará assentada e gerará sua hereditariedade, que crescerá à medida que crescer sua capacidade de recepcionar novas ondas vivas, cujo líquido também se incorporará ao meio ambiente e expandirá seu domínio, que com o tempo transforma-se em um reino elemental, cujo primeiro elemento é o que

corresponde ao fator que ela gera, e o segundo é o do ser com o grau Pai da Vida que está lhe dando sustentação magnética, energética, vibratória e emocional. E será o fator do pai que distinguirá a hereditariedade dela.

Assim, se uma Ninfa do Fogo formou um par natural com um ser Ogum Puro, sua hereditariedade será assim: os filhos serão Oguns do Fogo e as filhas serão Ninfas Ígneas do Ar. Os filhos serão ar e fogo e as filhas serão fogo e ar, criando as condições ideais para que se polarizem na geração do novo fator, onde elas serão passivas no fogo e ativas no ar e eles serão passivos no ar e ativos no fogo.

Todo ser no seu fator ou elemento original é passivo. Já no seu segundo fator ou elemento, aí ele é ativo, porque criou polaridade magnética, energética e vibratória.

Por tudo isso que comentei, saibam que as Ninfas-Mães são respeitadíssimas, pois todos as têm na conta de esposas do Divino Criador e individualizações da divina Mãe Geradora da Vida, a parte feminina do Divino Criador.

Nós temos como conhecimento assentado que a parte masculina do Divino Criador é sua criatividade e sua parte feminina é sua geratividade. Mas é melhor voltar ao nível terra de minha "biografia", senão logo abrirei mistérios impensados pela minha mente e imaginação humana, sabem?

O fato é que eu refletia sobre o Mistério Ninfas-Mãe e, como que para confirmar meus pensamentos, eis que surgiu bem na minha frente, dentro do meu centro neutro individual, uma Encantada, filha de minha amada Ninfa do Fogo, que me saudou timidamente e um tanto trêmula. Respondi à saudação e a contemplei por um instante, notando que, se comparada às moças do plano material, ela teria no máximo uns 14 anos, pois nossos olhos humanos conseguem fazer essa distinção através dos corpos energéticos. Eu então perguntei:

– Amada filha da minha amada Ninfa do Fogo, e amada filha do meu coração, por que você se afastou do seu reino encantado? Não percebe que as energias da dimensão humana alteram seu padrão vibratório e a deixam assim, como que desequilibrada?

– Não são as energias dessa dimensão que estão me desequilibrando, meu senhor.

– Já não sou seu pai adotivo, filha do meu coração?

– Não senhor, meu senhor Trono da Geração e da Renovação. As qualidades geradoras da Mãe da Vida começaram a vibrar em meu sétimo sentido e minha amada mãe, que é sua amada Ninfa do Fogo, ordenou-me que viesse até o senhor para que me inicie no meu grau de Mãe da Vida, herdeira natural dos mistérios dela. Também por isso estou trêmula, meu senhor. Deixei de ser a filha adotiva do seu amor de pai e agora me sinto irmã do seu coração, e desejo conceder-lhe a posse dos meus mistérios geradores e desejo possuir os do seu Mistério da Geração, pois só assim me tornarei apta ao grau de Encantada do fogo Mãe da Vida, e poderei recepcionar, com os recursos que seu mistério gerará em mim, a onda viva que a Divina Mãe da Vida tem reservado para que eu recepcione.

– Entendo. Acho que era isso que estava inquietando-a de uns tempos para cá, não?

– Era sim, meu senhor. Honre-me com a posse dos meus mistérios e conceda-me a honra de possuir os do Trono da Geração, meu senhor.

– Esse é seu maior desejo neste momento, jovem e encantadora irmã do meu coração?

– É sim, meu senhor. Estou ansiosa para conceder-lhe a posse dos meus mistérios e tão trêmula porque só agora minha visão se abriu e já consigo ver o quanto é poderoso seu Mistério Gerador de Energias, meu senhor. Então lhe peço que me dê amparo e sustentação em todos os sentidos enquanto durar minha iniciação no grau de Mãe da Vida, e até que eu alcance meu limite individual na posse dos mistérios do seu Mistério Gerador de Energias, meu senhor.

– Não se preocupe que lhe darei todo o amparo e sustentação para que você alcance seu limite de forma ordenada. Não tenha pressa e não precisa ficar tão ansiosa e trêmula. Deixe que tudo se realize naturalmente e aquilo que agora a assusta, daqui a pouco será uma fonte única de satisfação íntima, prazer e alegria do seu grau de Mãe da Vida. Venha, abrace-me para que eu estabeleça em torno de você todo um campo magnético e energético que restabelecerá seu padrão vibratório normal. E, quando ele estiver restabelecido, então iniciarei a posse dos seus mistérios, mas, assim que eu os tiver possuído, criarei em seu íntimo os recursos necessários para que você inicie a posse dos meus mistérios, que só terminará quando você alcançar seus limites e sentir uma vontade imensa de adormecer. Então durma que meu mistério guardião estará guardando-a enquanto durar seu sono.

– Se meu senhor diz que assim será, então tenho certeza de que assim será. Meu temor de possuir esse seu poderoso Mistérios da Geração já se transformou num imenso desejo de conhecer os mistérios contidos nele, que é um mistério maior, e descobrir qual é minha capacidade de possuí-lo, meu senhor! – exclamou ela, já menos trêmula e ansiosa, e aninhando-se em meus braços.

Eu a acomodei confortavelmente, envolvi-a em um poderoso e estável campo magnético e ordenei que fixasse seus olhos nos meus e não os desviasse até que eu ordenasse que iniciasse a posse dos mistérios do meu Mistério da Geração. E quando ela, muito séria, fixou seus olhos nos meus, sorri e pedi: – Vamos, irmã do meu coração! Descontraia-se, pois ser iniciada no grau de Mãe da Vida é um ato de amor vivo à vida, não um ato de racionalização dos procedimentos. Só é uma mãe poderosa aquela que assim o entende e procede com naturalidade e descontração, sabe?

– Ainda não sei, meu senhor. Mas, creia-me, quero saber tudo e ser uma poderosa mãe da vida que o honrará e dignificará diante do Divino Criador e me tornará tão atraente aos seus olhos que o senhor nunca mais deixará de conceder-me a continuidade de minha hereditariedade.

Ela irradiava tanto amor quando me falou isso que não contive algumas lágrimas que afloraram em meus olhos, de tão intensa que era sua irradiação de amor. Então ela perguntou:

– Por que os encantadores olhos do meu senhor derramam lágrimas? Por acaso estás vendo algo em mim ou em meus mistérios que não o agrada?

– Não é nada disso, irmã amada. São lágrimas que brotam do mais puro e nobre sentimento de respeito pela vida e amor por você, que aos meus olhos se mostra como a chama viva do amor da vida.

– Se são lágrimas tão nobres, então as colherei de suas faces com meus lábios em beijos do amor que vibro por você, que é tão intenso que abrasa meu coração e se espalha por todo o meu ser imortal, meu amado e desejado senhor, cujo Mistério da Geração pulsa forte e lateja intensamente o desejo de possuir meus mistérios e iniciar-me no grau de Mãe da Vida. Conceda-me a honra de realizar esse seu desejo de possuir meus mistérios, meu senhor! – falou-me ela, beijando minhas faces e colhendo com seus lábios quentes as lágrimas que meus olhos haviam derramado. Depois pediu-me: – Inicie a posse dos meus mistérios, pois estou vibrando um imenso desejo de possuir quantos esse seu mistério maior tiver reservado para mim.

O fato é que, assim que projetei um contido, mas poderoso fluxo energético, ela emitiu um gemido rouco e agarrou-se em mim para resistir a ele, que foi cobrindo-a e energizando-a da cabeça aos pés enquanto possuía todos os mistérios geradores dela contidos em seu sétimo sentido. Como o fluxo, a despeito de eu estar contendo-o, intensificou-se sozinho quase lançando-a na inconsciência, tive de redobrar o amparo visual que estava lhe dando. Mas, quando ele finalmente se estabilizou em seu sétimo sentido, pois eu já havia possuído todos os mistérios contidos N'Ele, então ordenei que iniciasse a posse dos mistérios do meu Mistério da Geração.

Então ela, sem pressa, mas vibrando uma satisfação incontida, deu início á posse de quantos era capaz. E cada um que possuía proporcionava-lhe tanto prazer que chegou um momento que ela mergulhou em um êxtase tão intenso que todo o seu corpo energético começou a irradiar imensas chamas que me envolveram da cabeça aos pés, proporcionando-me um bem-estar, uma satisfação e um prazer únicos e indescritíveis. E ela, mesmo estando mergulhada em um êxtase encantador, captou o prazer que eu vibrava e perguntou:

– Conceder-me a posse dos seus mistérios lhe proporcionam prazer, meu senhor?

– Muito, irmã do meu coração. Seu êxtase é encantador!

Então me conceda a honra de ser distinguida com o grau de esposa ígnea do Filho do Pai, e transforme esse êxtase momentâneo em uma exteriorização permanente do nosso amor vivo à vida, meu amado Filho Humano do Pai!

– Essa não! – exclamei assustado – Acho que todo mundo já sabe dessa minha nova condição!

– Não lhe agrado como esposa ígnea do Filho Humano do Pai, meu amado esposo e senhor? – perguntou ela, com a voz mais sedutora, envolvente e sensual que eu já ouvira até então. Fato este que me levou a perguntar:

– Por acaso você está tentando me seduzir, irmã do meu coração?

– Não, meu senhor. Apenas é assim que exteriorizo, só para o Filho Humano do Pai, meus sentimentos mais nobres e mais íntimos, pois já me sinto sua esposa ígnea. Não lhe agrada meu modo natural de exteriorizar-lhe meus sentimentos?

– Agrada muito, sabe? Só não sei se devo conceder-lhe essa condição, que mal conheço.

– Então não negue a si um prazer único que já vivencio, pois me sinto a esposa ígnea do Filho Humano do Pai. Vamos, não negue a si o que já concedeu a essa sua esposa, pois eu fui iniciada no meu grau de Mãe da Vida e tive meus mistérios possuídos tanto pelo senhor como pelo Filho do Pai, que é o senhor em si mesmo.

– Essa não! Você me aplicou um xeque-mate, irmã do meu coração!

– Por quê, meu senhor?

– Esse seu raciocínio é de uma lógica indiscutível.

– Então estou certa ao sentir-me a esposa ígnea do Filho Humano do Pai, meu iniciador no meu grau de Mãe.

– Está sim, amada... esposa ígnea do Filho Humano do Pai que, se não estou enganado, se meteu em mais uma encrenca daquelas.

– Por quê, meu senhor?

– Bom, se todas as irmãs que eu tiver de iniciar souberem dessa minha nova condição de Filho Humano do Pai, aí elas não se satisfarão em só ser iniciadas no grau de Mães da Vida. Com certeza estarão vibrando o desejo de ser distinguidas com o grau de esposas!

– Acho que já sabem, meu senhor. Portanto, tranquilize-se e transforme um ato de amor à vida em um êxtase prazeroso, que só as sólidas e estáveis uniões matrimoniais proporcionam aos seres que naturalmente formam pares.

– Uniões matrimoniais, é?

– Foi o que eu disse, meu senhor.

– Onde você, uma Encantada do Fogo, aprendeu isso?

– Observando sua união com minha amada mãe, sua amada Ninfa do Fogo. Assim como observando as formações dos pares no plano material da dimensão humana da vida.

Saiba que lá as uniões são transitórias e visam à multiplicação da vida. Mas poucas ultrapassam o tempo em que os pares vivem no plano material.

– Meu senhor é humano e absorvi através de sua união com minha mãe Ninfa do Fogo seu fator humano, que atuou em minha natureza e criou em meu íntimo muitas das expectativas que só minhas irmãs humanizadas vibram. E a de tornar-me esposa do meu iniciador no meu grau de Mãe da Vida é uma delas, sabe?

– Agora sei, e começo a entender alguns anseios que vibram nas filhas Encantadas das minhas amadas Ninfas-Mãe. Acho que, sem deixarem de ser Encantadas, no entanto estão se humanizando naturalmente.

Bom, eu a distingui como a esposa ígnea do Filho Humano do Pai, e logo ela adormecia toda satisfeita e com um sorriso naqueles lábios abrasadores, só acordando muito tempo depois. Fato este que me obrigou a ficar com meu mistério guardião ativado durante seu sono, pois seu mistério começou a estabelecer ali mesmo as ligações energéticas, vibratórias e magnéticas com toda uma onda viva, mas que não veio até ela, pois não se destinava à dimensão espiritual humana. E mesmo depois de ela ter retornado aos domínios da Ninfa do Fogo a onda não veio, ainda que tanto ela quanto sua mãe e eu a víssemos. Mas, à medida que o tempo foi passando, a onda foi amadurecendo-a e despertando nela uma maturidade ímpar e um amor maternal encantador. E chegou um momento em que tudo aconteceu e aquela onda coalhada de vida desaguou, criando todo um novo reino elemental dentro do reino encantado da minha Ninfa do Fogo.

Eu contemplava tudo à distância, de dentro de meu centro neutro individual, como se não tivesse parte em toda aquela alegria que eu a via vibrar quando se assentou em seu Trono Elemental Ígneo e se mostrava como um maternal e incandescente sol dourado, cujas chamas propagavam-se criando ao redor dela e do seu Trono um centro energético único e só dela e de sua imensa hereditariedade, já que a onda que recepcionara era das grandes mesmo e ela se mostrara uma poderosa Mãe da Vida.

Do altíssimo descia sobre ela, seu Trono e seu centro neutro uma irradiação divina direta do Divino Pai Gerador, que era seu esposo divino e a cobria com seu sagrado manto de luz, amor e vida, muita vida!

Eu via tudo aquilo e nem percebia que dos meus olhos corriam muitas lágrimas. Umas eram de amor, outras de felicidade, mas umas eram de tristeza por eu não poder estar ao lado dela compartilhando daquela profusão de amores à vida.

Eu não havia percebido, mas meu rosto estava banhado pelas lágrimas que eu derramava, e isso acontecia sempre que eu contemplava a entronação e o assentamento em algum novo reino de alguma das irmãs do meu coração que eu havia iniciado no grau de Mãe da Vida.

Um pedido de licença para adentrar em meu centro neutro retirou-me daquela contemplação e voltei minha atenção para quem o solicitara.

– Adentre, irmão Caboclo! – ordenei, assim que vi que era aquele irmão amado que estava ao meu lado quando algo inusitado havia se comunicado comigo. Ele não estava sozinho, pois se fazia acompanhar de algumas irmãs. E uma delas, vendo meu rosto banhado de lágrimas, perguntou-me se eu estava com algum problema. Não, amada irmã, estou bem! – respondi.

– Então por que suas faces estão banhadas de lágrimas, irmão amado?

– Eu... eu... eu estava contemplando um mistério da vida e encantei-me tanto com ele que nem percebi que havia derramado lágrimas, irmã Cabocla.

Eu não mentia, mas não revelara o que assistia porque ela desconhecia esse lado oculto de minha vida. Esse meu lado era fechado e só uns poucos irmãos e irmãs ancestrais espiritualizados o conheciam e, por estarem sujeitos à Lei do Silêncio dos Mistérios, não o comentavam ou o abriam a quem quer que fosse.

Só eu poderia tomar alguma iniciativa nesse sentido, e ainda assim de forma reservada e resguardando a Lei do Silêncio. Então não menti, mas nada lhe revelei, e aceitei o lenço que ela ofereceu para eu enxugar meu rosto, mas, quando o lenço absorveu as lágrimas, vi que elas o deixaram cintilando as mil cores do Arco-íris e pedi:

– Irmã, posso guardar comigo esse seu lenço?

– Eu gostaria de tê-lo de volta, irmão Mago. Ele é um presente que ganhei de minha amada mãe Oxum das Cachoeiras, e não gostaria de desfazer-me dele, sabe?

– Sei. – respondi, dobrando-o com o lado cintilante para dentro. Talvez tudo sumisse depois de algum tempo, ou talvez fosse um mistério do próprio lenço o surgimento daquela profusão de cores. Então perguntei: – O que o traz até aqui, irmão Caboclo?

– Como sempre, é uma dificuldade. Essa nossa irmã localizou uma filha desaparecida já há vários séculos e gostaria de resgatá-la.

– Entendo. Mas por que não solicitaram a intercessão de algum dos nossos pais e mães médios?

– Eu solicitei, irmão Mago. Mas minha mãe e senhora Oxum das Cachoeiras ordenou-me que eu recorresse a você. – respondeu a irmã.

– Entendo. Mas por que logo eu?

– Bom, ela disse que o lugar onde minha filha está retida está dentro do seu campo de ação quando atua com seu grau de Mago da Vida.

– Ela está em alguma faixa vibratória onde Exu Humanizado atua, irmã?

– Não.

– Então está em uma das faixas vibratórias onde Exu Natural atua, não?

– Também não, irmão Mago da Vida. Se estivesse em algum desses campos de ação de Exu, eu já a teria resgatado.

– Então que campo é esse, irmã?

– Nós a localizamos através do cristal multidimensional.

– Que cristal é esse, irmã?

– Você não é um Mago, irmão?

– Bom, dizem que sou, sabe?

– E não conhece o cristal multidimensional que usamos para localizar espíritos desaparecidos da dimensão humana da vida?

– Não conheço, irmã. Mas gostaria de conhecer. A senhora o tem consigo?

– Não. Ele fica na morada espiritual onde vivo. E, se você não conhece o cristal multidimensional, então acho que seu poder de realização é curto e não chegará até onde ela se encontra.

– Bom, a senhora conhece esse cristal e não consegue chegar até onde está sua filha ou resgatá-la, certo? – perguntei incisivo.

– Esse não é meu campo de atuação, irmão.

– Eu não preciso do tal cristal, irmã! Logo, não julgue ninguém pelo que desconhecem, e sim pelo que realizam em nome da Lei Maior e da Justiça Divina, às quais invoco neste momento e clamo ao Senhor dela que, se for de Sua Vontade, que sua filha seja trazida até aqui, mas, se não for, então que ela permaneça onde está até que sua libertação seja a realização de uma vontade do meu Senhor, que é Deus, o Senhor da Lei Maior e da Justiça Divina!

Não sei por que falei aquilo, pois no mesmo instante, bem na nossa frente, abriu-se uma passagem até a dimensão onde se encontrava a filha dela e mais alguns milhões de seres, todos reduzidos a um estado tão deplorável que causava náuseas e outras reações naturais em quem os visse.

E no mesmo instante aquela voz, já minha conhecida, pois era do Príncipe das Trevas, falou-me:

– Eis um presente meu para você, Mago da Vida!

– O que está acontecendo aqui, nobre Príncipe das Trevas?

– Bom, esses seres, que são a escória da criação, nada mais têm a oferecer-me que dor e sofrimentos, angústia e remorsos. Então resolvi presenteá-lo com o que restou desses seres, que viraram as costas ao Senhor da Luz e entregaram-se aos vícios dos seus negativos na escuridão dos domínios do Senhor das Trevas. Aceite-os como um presente meu, Mago da Vida que não conhece um mísero cristal multidimensional!

– Até você, príncipe?

– É, até eu sim! Que raio de Mago é você que não conhece sequer um mísero cristal multidimensional, que os vermes que falharam na educação dos seus filhos usam para localizá-los em meus escuros domínios? – falou ele, exaltado.

– Tudo bem, príncipe. Não precisa se exaltar, pois são só falhas humanas, sabe?

– Não sei não, Mago ignorante que não conhece um mísero cristal multidimensional usado pelos que falham na educação reta de seus filhos e toleram seus procedimentos tortos que os levem a virarem as costas ao Senhor da Luz e a ficarem de frente para a face sombria do Senhor das Trevas.

– Para que eu precisaria da ajuda de um cristal multidimensional que localiza os seres caídos nos seus escuros domínios se tenho o próprio nobre e vigilante Príncipe das Trevas para me mostrar o que eu desejar ver dentro dos escuros domínios do Senhor das Trevas, que é a face escura do divino Criador?

– Você tem certeza disso, Mago?

– Claro, nobre príncipe. Por que vou depender de um cristal se a ele só recorrem aqueles que não são realmente magos, pois não se comunicam diretamente com quem decide sobre a vida dos seres que viraram as costas ao Senhor da Luz? Não acha que só magos deficientes precisam desses recursos que nada resolvem e nada solucionam?

– É, você tem razão, poderoso Mago da Vida. Essa idiota caída aí ao seu lado só localizou a filha dela porque eu permiti, eu quero dar uma lição inesquecível nela, sabe?

– Não sei não, príncipe.

– Saiba que essa idiota caída de susto aos seus pés não educou corretamente a filha, que por ser vista como muito bonita segundo os padrões humanos, mimou e deixou-a que formasse no íntimo dela uma concepção errada da vida e dos procedimentos humanos. Então a vadia da filha dela usou de sua beleza para conquistar vantagens pessoais e criou tantas intrigas e discórdias que provocaram a morte de milhares de pessoas que nada tinham a ver com a ignorância dela.

– Talvez fosse esgotamento de um carma coletivo, príncipe.

– Sem essa de esgotamento de carmas, Mago! Nem tudo o que acontece na face da Terra é esgotamento de carmas, pois sempre tem um imbecil iniciando carmas individuais ou coletivos.

– É, sempre acontecem esgotamentos e inícios, não?

– Os hindus julgam todos os tormentos por que passam como se tivessem purgando carmas. E não ocorre a um só dos tais iluminados que a maior parte do sofrimento daquele povo deve-se à escória da humanidade que vive reencarnando e semeando desgraças onde se estabelecem. Onde estão os verdadeiros iluminados, Mago da Vida? Onde estão os que ousam levantar a voz para dizer que a miséria daquele povo deve-se à vil exploração das camadas mais baixas pelas classes mais favorecidas, onde uns têm tudo e muitos nada têm?

– Você está certo, príncipe. Essa é a verdadeira razão da miséria de todos os povos. Mas... de onde você tirou todo esse discurso, com o qual estou de pleno acordo?

– Eu o tirei de sua memória, Mago da Vida. Ou você já se esqueceu de como se inflamava quando dizia que a desgraça e a miséria da humanidade deviam-se unicamente à ignorância humana e à safadeza dos degenerados, desvirtuados, viciados, etc.?

– Essa não, príncipe! Você retira de minha mente os argumentos que usa para acusar os caídos?

– Exatamente, Mago. Eu sou um mistério, e como tal recorro a quem me idealiza e concebe para atuar ou justificar minhas punições.

Se uma religião prega que aquele que trai a esposa está cometendo um pecado, eu verei todos os esposos infiéis como pecadores passíveis de uma punição rigorosa, mas se outra religião diz que um homem pode ter várias esposas, eu verei todos os homens casados com várias esposas como seres procedendo corretamente. Mas se a mesma religião diz que se uma das esposas dele o trair com outro homem, e for tida como uma pecadora pela religião que diz que só ele pode ter várias mulheres, aí eu a verei como passível de uma punição exemplar.

– Acho que estou começando a entendê-lo, príncipe. As religiões indicam os procedimentos humanos que conduzem um ser à Luz e os que o conduzirão às Trevas. Logo, quem se pautar pelos procedimentos tidos como corretos em

uma religião, estes não o incomodam. Já os que se pautarem pelos procedimentos tidos como viciados, desvirtuados, tortos, etc., aí se colocam nos seus domínios escuros. É isso, príncipe esclarecedor?

– É isso, Mago esclarecido. Eu não tenho a iniciativa em nenhum campo. A mim compete unicamente a reação a todas as iniciativas incorretas. Se uma religião disser que um determinado procedimento é um pecado, quem proceder segundo ela indicou estará pecando e provocará uma reação de minha parte. E se a punição é ir para o purgatório, o pecador irá para o purgatório. Se indicar que deve ir para o inferno, então irá para o inferno. E assim por diante.

Eu sou um mistério que só adquiro existência a partir das ações contrárias à vida. Mas, quando cessam as ações e as causas delas, cessa minha atuação na vida de quem me ativou em sua existência.

– Acho isso tudo de uma lógica e grandeza única, nobre e esclarecedor Príncipe das Trevas.

– Então, como eu estava dizendo, esses seres na sua frente nada mais têm a oferecer-me que dor e sofrimento, angústia, remorsos e arrependimento. E esses sentimentos me anulam no íntimo de quem está vibrando-os. Portanto, depositei-as aos seus pés como um presente meu, Mago da Vida. Receba-as e assuma o destino dessas suas irmãs feridas e magoadas, vazias e esgotadas e renove a vida delas, pois a partir de agora elas são suas em todos os sentidos.

– Antes de assumi-las e renová-las, preciso consultar meu Senhor, pois como Mago sou só um instrumento da Lei e da Vida, príncipe.

– Faça isto, Mago. Mas tem uma condição, sabe?

– Não sei, não. Que condição é essa, príncipe?

– Você as assumirá como suas esposas e servas fiéis, leais, obedientes, humildes e submissas em todos os sentidos às suas ordens, vontades e desejos. E aquela que se tornar infiel, ou desleal, ou desobediente, ou insubmissa às tuas ordens, vontades ou desejos, ela estará voltando-lhe as costas e posicionando-se de frente para mim, que começarei a puni-la pelo sétimo sentido da vida e a lançarei em um tormento mil vezes pior que o que elas vivenciaram até ficarem como agora você as vê.

– Por que tanta implacabilidade, príncipe?

– Elas voltaram as costas ao Senhor da Luz e entregaram-se aos vícios dos seus negativos. E blasfemaram contra o Divino Criador... além de muitos outros procedimentos desumanos. Logo, essa é a última oportunidade que terão de se redimir diante do Senhor da Lei e da Justiça. Mas, se falharem, aí serão absorvidas pela face escura e desaparecerão nas sombras eternas.

Portanto, serão suas, e só suas, pois me recuso a devolvê-las a quem não soube educá-las, e se você entregar uma só delas aos seus antigos ascendentes, minha escuridão tragará todas elas e o tormento que lhe falei as consumirá, Mago da Vida!

– Por que todas, se só uma vier a dar-me as costas?

– Eu não disse "dar-lhe as costas", e sim voltar-lhe as costas. Por acaso você já está falando como Exu, Mago da Vida?

– Nada disso, observador príncipe de fala reta. Mas não respondeu à minha pergunta. Afinal, o justo não paga pelo pecador, e o que erra sozinho, sozinho pagará pelo seu erro.

– Está certo. Minha escuridão só engolirá aquela que lhe voltar as costas, Mago da Vidas. Está bem assim?

– Assim estou de acordo.

– Então assuma o destino delas, Mago da Vida.

– Antes tenho de saber do meu Senhor da Lei e da Vida se está de acordo com o que você colocou diante dos meus pés como um presente, nobre príncipe.

– Faça isso, mago sem iniciativa própria!

Bom, eu invoquei o Divino Criador, meu Senhor da Lei e da Vida, e no mesmo instante fui possuído por uma irradiação poderosíssima, que me envolveu todo e mais uma vez recebi ordens de assumir todas aquelas irmãs reduzidas a dor e ao sofrimento, mágoas e remorsos e tão vazias que se pareciam com espectros apodrecidos no Tempo. Ele me ordenou que as recebesse como irmãs e companheiras, como esposas do Filho do Pai e como servas do Mago da Vida. E mais uma vez as condições se repetiram: – Fiéis, leais, obedientes, humildes e submissas em todos os sentidos, pois dali em diante eu seria o senhor de suas vontades e desejos e aquela que desobedecesse às minhas ordens, vontades ou desejos e me virasse as costas estaria de frente para aquele que reina absoluto nas trevas, que a possuiria em todos os sentidos e começaria a anulá-la pelo sétimo sentido, o mesmo por onde eu as renovaria, reenergizaria, curaria e sustentaria até o dia que estivessem em condições de transpor o sétimo degrau da Luz da Lei e da Vida, quando então estariam de frente para o Pai da Lei e da Vida, que as receberia de frente, as possuiria em todos os sentidos e as inundaria com seu divino e vivo amor à vida.

Eu recorri à minha forma e modo divino de atuar e em um piscar de olhos fiz tudo que, se fosse feito através de minha forma e modo humano de atuar, demoraria uma eternidade para ser feito. A seguir o divino Criador abriu todo um plano da Lei e da Vida onde todas, com exceção de sete daquelas irmãs-esposas do Filho do Pai, foram recolhidas. Depois o plano foi fechado e a chave de acesso a ele foi incorporada ao meu mistério, pois só eu teria acesso a ele ou a concederia a alguém. Quanto às sete que ali ficaram, bem, uma delas era a filha daquela irmã ainda desacordada e caída ao meu lado, e outra havia sido esposa justamente do meu irmão Caboclo durante sua última encarnação, ocorrida cerca de três séculos antes. E aquela voz divina foi taxativa: – Receba-as como irmãs e esposas, dê-lhes amparo em todos os sentidos, cure e conduza-as ao êxtase da vida no sétimo sentido.

Eu ainda não sabia que uma delas, a que se mostravae aos meus olhos como uma índia tão bela que parecia ter saído de um conto, de tão bela que era, era a esposa do meu irmão Caboclo.

Mas logo fiquei sabendo, pois aquela voz do Príncipe das Trevas voltou a falar e disse-me: – Mago da Vida, você está vendo essa índia aí na sua frente, que o olha derramando lágrimas de gratidão e amor?

– Estou, nobre e reto príncipe.

– Você está vendo esse índio aí ao seu lado, caído de joelhos e derramando lágrimas de arrependimento, remorso e dor no coração?

Eu olhei para o meu irmão Caboclo e vi que realmente ele estava como o príncipe dissera. Então perguntei:

– O que está acontecendo aqui, príncipe?

– Pergunte a esse índio arrependido, pois estou mostrando a ele como eu puno os que atentam contra a vida, Mago da Vida.

Voltei-me para meu irmão Caboclo e perguntei-lhe:

– Irmão, o que está acontecendo aqui e quem é essa índia de uma beleza impressionante?

– Ela foi minha esposa em minha última encarnação, irmão mago. Mas eu a repudiei quando a surpreendi nos braços de um membro de minha tribo. Eu o matei e depois a vendi a um bandeirante que comprava índios para vendê-los aos brancos escravocratas. Mas depois me arrependi e clamei por perdão ao Divino Criador. Minha consciência me puniu por muito tempo e só me reergui das trevas quando o desaparecido Cavaleiro da Estrela de Fé me resgatou e ajudou-me a retomar à senda luminosa da Lei e da Vida. E isso foi há muito tempo, sabe? Desde então tenho dedicado toda a minha vida a auxiliar os encarnados e os espíritos através da Umbanda, sempre na esperança de conseguir créditos para resgatá-la das trevas mais profundas onde ela havia caído. Foi isso que aconteceu, irmão Mago que a resgatou da dor e do sofrimento.

– Entendo... – e mais não pude falar, pois o príncipe com a voz irada e assustadora exclamou: – Isso é mentira, Mago da Vida! Esse verme humano casou-se à força com essa índia, que amava outro índio da tribo dele, e era um marido insensível para as necessidades dela, pois vivia para guerrear com seus irmãos de outras tribos. E quando a flagrou nos braços daquele que ela amava, matou-o e sentiu tanto ódio dela que a vendeu, a troco de uma espada dos brancos, a um mercador maldito, que primeiro saciou seu bestialismo sexual na carne dela, que era muito bonita, e depois a levou até um verme branco que comprava belas índias para o seu prostíbulo localizado próximo ao antigo porto da cidade de Santos, onde ela foi alugada a quantos vermes que por ali passaram enquanto ela viveu, pois quatro anos depois ela morreu para a carne e concebeu para as trevas um espírito que vibrava ódio a toda a humanidade e, enquanto pode, dedicou sua odiosa existência a perseguir e atormentar quantos machos humanos lhe foi possível. Se uso o termo macho humano é porque me refiro tanto aos encarnados quanto aos desencarnados. Só que ela extrapolou seus próprios limites e colocou-se de frente para mim, que comecei a esgotá-la pelo sétimo sentido e a lancei na dor e no sofrimento até que se tornou um ser vazio em todos os sentidos, só pulsando dor e remorsos, angústia e arrependimento, pois é isso que faço com todos os que

voltam as costas ao Senhor da Luz e posicionam-se de frente para a sombria face do Senhor das Trevas, em cujos domínios escuros eu sou sua escuridão. Enquanto meus escravos humanos são os executores das trevas, nas trevas eu sou a própria execução de todo ser que virou as costas ao Senhor da Luz e entregou-se em todos os sentidos a Senhor das Trevas. Eu estou mentindo, índio?

– Não está. – respondeu meu irmão caboclo aos prantos e socando o próprio peito com os punhos.

– É assim que eu puno quem possui à força o que não lhe pertence, ao que sente ciúme ao invés de amor, ao que vende uma vida, ao que entrega um seu semelhante à dor e ao sofrimento, etc. Olhe para ela, índio! Veja que ela já não se lembra de você... e saiba que o ódio que ela vibrou contra os machos humanos só pode ser esgotado quando até a memória imortal dela foi adormecida pela Lei Maior, senão ela já teria se transformado em uma fonte viva de ódio aos seres de sexo masculino. Veja, índio! Veja como ela olha para o seu irmão Mago da Vida vibrando gratidão e amor, afeição e desejo de tê-lo em seus delicados braços. Veja como agora ela é mil vezes mais bela e atraente do que era quando vivia no corpo carnal! Veja o que o seu desejo de posse, ciúme, ódio e covardia o fez perder, índio! Essa é sua punição positiva, pois quem a está impondo é seu irmão Mago da Vida. Mas, se eu fosse puni-lo, seria uma punição negativa e agora você estaria reduzido a uma fonte de dor e remorsos, sofrimento e lamentações impossível de ser acessado por seus irmãos espíritos!

Meu irmão nada respondeu. Mas o príncipe ainda o provocou mais um pouco, dizendo-me isto:

– Mago da Vida, eu a entreguei a você e seu Senhor da Lei e da Vida a uniu a você como sua esposa, à qual deverá dar sustentação em todos os sentidos e curá-la através do sétimo sentido. Portanto, receba-a como sua esposa e satisfaça os desejos dela, pois ela irá solicitar isso de você de forma tão sedutora que não resistirá, e por duas razões: a primeira é que será teu dever como Mago da Vida, esposo unido a ela nesse grau pelo seu próprio Senhor da Lei e da Vida. E em segundo, é porque ela assumiu uma aparência tão atraente que se tornará irresistível aos seus olhos humanos quando ela solicitá-lo como esposo.

– Por que tudo isso, príncipe? – perguntei, já soluçando, pois senti que também estava sendo punido em todo aquele processo que ali acontecia e o tinha como um juiz implacável. Então ele me respondeu relembrando-me de um desejo que eu havia vibrado quando vivia na carne:

– Mago da Vida, você ainda se lembra de quando você assistia a filmes onde apareciam índias?

– Lembro-me sim, príncipe que sabe de tudo sobre nós. Eu as via seminuas e vibrava o desejo. É isso?

– Pois é isso, Mago da Vida! Saiba que você é um "Filho do Pai", cujos desejos vibrados e não realizados vibram no éter e ecoam no espaço atemporal, onde ficam vibrando à espera da realização. Saiba que se fosse realizá-los de forma negativa, você seria atraído a uma faixa vibratória onde "índias" caídas

em todos os sentidos, mas cujas quedas se iniciaram pelo sexo, agora estariam se oferecendo a você, que, mesmo sentindo nojo delas, não resistiria aos seus apelos depravados e as possuiria com uma fúria insana. Mas como seus desejos eram só desejos humanos surgidos através da visão de meras "figuras", então seus desejos serão realizados com essa índia cuja "aparência" belíssima oculta um ser tão vazio em si mesmo que só se diferenciará daquelas figuras porque esta estará ao alcance dos seus braços e dos seus desejos humanos e vibra tanto desejo por você que só cessarão de vibrar quando você realizá-los. Mas pode fazer isso sem "peso" na consciência, pois agora ela é sua fiel, leal, obediente, humilde, submissa e muito atraente e desejável esposa, Mago da Vida!

– Essa não! Os desejos de um Filho do Pai ficam vibrando até que sejam realizados?

– Surpreso, Mago da Vida?

– Então estou encrencado. Vibrei tantos desejos inconsequentes que nem sei quantos foram.

– Não se preocupe porque o lembrarei de cada um que você vibrou, sempre que surgir uma oportunidade.

– Tudo bem, nobre príncipe. Agora só me resta transformar desejos inconsequentes vibrados ao acaso da vida em consequentes e racionais vontades de viver a vida em harmonia e equilíbrio emocional.

– Assim é que se reage positivamente, nobre Mago da Vida! Eu o aprecio justamente por essa sua capacidade de reagir positivamente a uma ação positiva e reagir negativamente a uma ação negativa. E, olhando bem, a aparência dessa índia vazia é bem mais atraente que a daquelas figuras animadas, não?

– Tem razão, príncipe. Ela é muito mais atraente.

– Então não deixará de atendê-la como esposa quando ela solicitá-lo como marido, não é mesmo?

– Pode ficar tranquilo que eu cuidarei dela e preencherei essa aparência vazia. Com o passar do tempo ela se sentirá tão plena na vida que transporá o sétimo degrau da Lei e da Vida e será recebida e possuída de frente pelo meu Senhor, que a inundará com seu divino e vivo amor à vida.

– Fará tudo isso por ela, nobre Mago da Vida?

– Tanto farei isto por ela quanto por todas aquelas minhas irmãs que recebi há pouco e que foram recolhidas a um plano da Lei e da Vida, onde permanecerão até que tenham se equilibrado e possam ser conduzidas aos planos abertos onde viverão suas vidas, irmanadas com o resto da espiritualidade.

– Como fará isso se todas elas o olham com gratidão, amor e desejos de esposa, com tanta intensidade quanto essa índia aí na sua frente e essas outras seis, que não veem o momento de ficarem a sós com você só para abraçá-lo, beijá-lo e lhe mostrar o quanto estão agradecidas, o quanto o amam e o quanto o desejam?

– Bom, eu sou um Filho do Pai que é também um Trono da Geração de Energias e Renovação de Vidas, e tenho certeza de que, se eu recorrer ao meu modo divino de atuar, todos os desejos de todas elas serão satisfeitos em um piscar de

olhos e não ficarei paralisado só porque as recebi e assumi como esposas. Saiba que se você é um mistério em si mesmo e realiza com seu mistério a execução da Lei na Vida dos que atentaram contra ela, e viraram suas costas à luz, eu também sou um mistério em mim mesmo e sou um instrumento do Senhor da Lei e da Vida, que sempre me usa em benefício daqueles que viraram as costas à Luz, mas se cansaram da escuridão das Trevas assim que esgotaram todos os vícios dos seus negativos e passaram a vibrar o desejo de encontrarem um dos sentidos da vida, ao qual possam se agarrar e sair da escuridão onde vivem.

Portanto, se quando vivi na carne desejei umas índias que vi em um filme, e esse desejo ficou vibrando à espera de sua realização, ótimo!

– Por que ótimo, Mago enigmático?

– Bom, era só um desejo vibrado e não servia para nada além de ser uma vibração no espaço atemporal. Mas agora ele se realizou de forma divina, pois serviu de justificativa positiva para o resgate dessa minha irmã que nada mais tinha a oferecer-lhe além de dor e mágoas, sofrimento e arrependimento. E, se ela se desencantou com os "machos" desumanos, serei para ela o mais humano dos machos e a envolverei em uma aura de amor tão grande que seu ser imortal todo desagregado contido dentro dessa aparência belíssima pouco a pouco irá se agregando e mais dias menos dias ela será em si mesma o que agora é só uma aparência.

Afinal, se você, enquanto mistério em si mesmo, esvazia os seres preenchidos pelo negativismo, eu, enquanto mistério em mim mesmo, os preencho de sentimentos positivos.

Sim, é isso! Ela estava em seus domínios e você atuou na vida dela segundo suas formas e modos de atuar. Mas agora ela está em meus domínios e atuarei na vida dela segundo minhas formas e modos de atuar. Portanto, por trás do seu aparente "presente" está a manifestação da Lei Maior, que lhe ordenou que a enviasse aos meus domínios porque agora estou apto a recebê-la, assumir o destino dela, dar-lhe sustentação no sétimo sentido da vida e redirecionar sua evolução, pois, se vou "curá-la" através do sétimo sentido, então por trás está meu senhor Obaluaiê, que é o curador divino que cura os espíritos "enfermos" e os redireciona em suas evoluções. E além do mais, o sétimo degrau da Lei e da Vida é o degrau que rege sobre a sexualidade dos seres. E se ela caiu pelo sétimo sentido, então nada mais lógico que se reerga através de um Trono Humano da Geração e da Renovação que tem no sétimo sentido da vida seu campo preferencial de atuação.

Sim, senhor! É isso! Essa é uma atuação da Lei e da Vida que, se não for corretamente interpretada, nos parecerá com uma justa punição!

Então me virei para o meu irmão Caboclo, que nos ouvia atentamente, e pedi: – Irmão do meu coração, agradeça ao nobre Príncipe das Trevas pela lição, punição e reparação de nossos erros, falhas e pecados, pois aparentemente estava nos atormentando, mas na verdade estava nos livrando dos nossos próprios tor-

mentos, já que ele atua de forma invertida à nossa, sabe? Vamos, não perca essa oportunidade única, pois outra não terá em sua vida.

O fato é que ele agradeceu, e o mesmo fizeram as seis irmãs que tinham vindo com ele, pois ali ficaram sete irmãs resgatadas e cada uma tinha uma ligação com cada uma delas, que haviam despertado assim que meu irmão Caboclo contara-me o que havia acontecido entre ele e aquela irmã índia.

E, após todos agradecermos ao Príncipe das Trevas, que é um mistério em si mesmo e que é a execução da Lei na Vida dos seres que se entregaram à escuridão do Senhor das Trevas, ele me perguntou:

– Mago da Vida, você se lembra de tudo o que aqui aconteceu e foi dito, tanto por mim quanto por você?

– Lembro-me sim, nobre Príncipe das Trevas.

– Você acha que eu agi certo quando dei uma realização positiva aos seus desejos vibrados de forma inconsequente?

– Claro que deu.

– E você acha que sua conclusão sobre tudo o que aqui aconteceu é correta?

– Tenho certeza de que é, príncipe. Aos meus olhos e entendimento foi uma ação muito positiva da Lei e da Vida, pois devolveu à vida essas minhas irmãs que estavam apartadas dela, e reparou uma porção de desencontros humanos, que temos na conta de nossos erros, falhas e pecados.

Nós, enquanto agimos e pensamos como seres individualizados, nos tornamos de difícil compreensão. Mas, se pensarmos e agirmos como mistérios em nós mesmos, aí tudo assume uma lógica compreensível. Somos instrumentos da Lei Maior e da Justiça Divina e atuamos na vida dos seres, e ponto final.

Agora, como cada um atua ou acha que deve atuar, discuta quem quiser ou desejar, pois a nós só compete agir ou reagir às ações alheias, certo?

– Estou de acordo, Mago da Vida, Lembre-se de que foi você quem disse tudo isso, certo?

– Não me esquecerei. Mas... por que você está insistindo nisso, para que eu não me esqueça do que estamos comentando?

– Logo você saberá. Afinal, acho que você, no seu íntimo, apreciou o presente que lhe dei, certo?

– Apreciei, sim. Você me presenteou com vidas, príncipe. Vidas que no tempo certo serão depositadas aos pés do Senhor da Luz, da Lei e da Vida.

– Ótimo! Só não se esqueça de que as conclusões finais de um Filho do Pai têm o poder da autorrealização.

– O que está insinuando, enigmático príncipe?

– Por que enigmático se só o relembrei de algo que muitos dos seus pais já o alertaram?

– Ainda não o entendi, príncipe.

– Oras, você, no seu íntimo, sentiu satisfação por descobrir-se capaz de preenchê-las com nobres e virtuosos sentimentos, e no seu campo preferencial de atuação, certo?

– Não nego que me senti satisfeito, pois de certa forma transformarei gemidos de dor em vibração de amor. E ainda que eu seja só um instrumento, e nada mais, no entanto sou um ser pensante e também sujeito aos meus sentimentos, aos quais vivencio com intensidade.

– Ótimo! Até outro momento, sentimental Mago da Vida.

– Até, príncipe. – respondi, meio preocupado com a fala enigmática dele. Mas meu pai Guardião Naruê, que se postava à minha esquerda assim que eu invocara o Senhor da Lei e da Vida, deixou-me totalmente preocupado ao dizer-me isto:

– Filho do Pai, recorrendo ao seu humano modo de se expressar, eu lhe digo que esse mistério do lado escuro da vida o "ferrou" mortalmente, sabe?

– Essa não!

– Ferrou, sim.

– Por que o senhor não interveio em meu favor?

– Eu não podia.

– Por que não?

– Você é o Filho do Pai e o único aqui que fala de igual para igual com esse mistério do lado escuro da vida. Eu, se não estou enganado, tenho a impressão de que ele só nos deixou ouvir o seu diálogo porque lhe reservou uma surpresa desagradável, justamente a partir de suas conclusões sobre o que aqui acabou de acontecer.

– Surpresa desagradável, é?

– Muito mesmo, sabe?

– Ainda não sei e nem imagino qual seja, meu amado pai Guardião Naruê.

Então meu amado pai tatá Omolu, logo atrás de mim, falou:

– Ainda bem que retomei meu alfanje da morte a tempo de socorrê-lo, Filho do Pai.

– O que os senhores já descobriram que nem imagino o que seja?

– Podemos conversar com você em seu grau de Mago da Vida?

– Claro, amado pai tatá Omolu. Esclareçam o que está obscuro para mim, por favor.

– Bom, ele te ferrou de pés e mãos, sabe?

– Essa não! Agi como um burro?

– Mais ou menos.

– Que linguagem é essa que os senhores estão usando? Isso é inusitado, sabem?

– Sabemos sim, Mago da Vida. Você está vendo como essas suas irmãs resgatadas adquiriram aparências humanas deveras atraentes ao olhar humano?

– É, estou vendo sim. Elas são de aparências muito bonitas.

– Bonitas ou atraentes?

– Não são a mesma coisa, meu pai tatá Omolu?

– Reflita e diga-me você, oras!

– Bom, são muito bonitas e muito atraentes.

– Beleza e atratividade exponenciais, certo?

– É... acho que é isso mesmo.

– Saiba que um Trono da Geração, quando gera com suas irradiações as aparências que receberão quem for resgatados por ele, gera aparências que trazem em si a noção de beleza e atratividade que beira a perfeição das formas, que no seu caso são as formas femininas.

– Isso eu não sabia.

– Agora que já sabe, por que acha que aquelas suas ancestrais bisavós, avós, mães e irmãs envelhecidas no tempo assumiram aparência belíssimas e atraentes?

– Eu as vejo daquele jeito quando olho nos olhos delas e então faço aflorar a beleza que estava oculta por trás de suas aparentes velhices.

– É, acho que está na hora de relembrá-lo sobre o que aconteceu quando você esteve com aquela sua irmã-mistério regente do Trono dos Desejos, pois me parece que você se esqueceu que ela retirou de seu íntimo uma aparência feminina que beira a perfeição, e olhando seu íntimo através dos seus olhos, certo?

– É verdade. Mas fui eu que imaginei e concebi aquela aparência para ela.

– Claro que foi. Mas, se antes eu tinha dúvidas, há pouco comprovei que você lhe concebeu uma aparência que ela viu em seu íntimo e você plasmou para ela, já beirando à perfeição de uma forma feminina perfeita, pois foi isso que aqui aconteceu. Ou você não percebeu que quando o Senhor da Lei e da Vida ordenou-lhe que irradiasse uma aparência para essas suas irmãs, totalmente deformadas e desagregadas, e você pediu que Ele fizesse isso através de você, e desse a elas aparências aceitáveis aos olhos d'Ele e agradáveis aos seus, elas imediatamente assumiram suas antigas aparências humanas, mas aperfeiçoadas pelo seu mistério gerador de aparências, que tem codificado em seu íntimo e memória inconsciente que uma aparência feminina agradável aos seus olhos é a de jovens mulheres de mais ou menos uns vinte anos de idade no plano material, e belíssimas!

– Essa não! Tudo aconteceu inconscientemente, sabe?

– Sei. Mas, agora que se conscientizou, o que fará a respeito?

– O que posso fazer se não tenho domínio sobre esses acontecimentos? E além do mais, se isso aconteceu até agora, é porque uma Vontade tem feito com que assim seja, sabe?

– Pode até ser uma Vontade. Mas também pode ser um desejo. E aí você está em uma enrascada do tamanho da que se meteu um dos seus ascendentes, que fez o que, aqui, nós vimos você fazer, e depois se sentiu tão atraído pelas aparências que gerou que quando as irmãs resgatadas por ele se tornaram aptas a transporem o sétimo degrau da Lei e da vida, ele se recusou a liberá-las para que elas ascendessem ao sexto degrau da Lei e da Vida. Então ele paralisou a evolução delas e, no devido tempo, foi punido com rigor pelo Senhor da Lei Maior e da Justiça

Divina, que transformou sua fascinação pelas aparências das formas perfeitas em um tormento que o levou à loucura e à perda da capacidade em distinguir o real do ilusório.

– Um narciso às avessas! Ele se apaixonava pelas aparências que gerava para as suas irmãs, enquanto o mitológico narciso apaixonou-se pela própria aparência refletida em um lago!

– É isso aí, Mago da Vida. Só que não é tudo, sabe?

– O que mais os senhores captaram, mas que me passou despercebido?

– Bom, olhe para o seu irmão Caboclo e veja como ele está se sentindo vazio e vibrando a sensação de perda de uma belíssima esposa.

– Eu já notei isso. O que acontecerá com ele?

– O tempo o curará, pois ele já vem senso assistido e instruído por nós há algum tempo, e no tempo certo retomará sua ligação ancestral com uma sua irmã natural que forma com ele um par perfeito em todos os sentidos e está à espera de que ele se reabilite para, juntos, retomarem a evolução.

– Menos mal, não?

– Com ele sim, pois já está bem esclarecido sobre as coisas da vida dos seres, e sofreu, aqui, uma punição positiva.

Mas, e quanto aos companheiros das irmãs que você resgatou e ainda resgatará, mas que estão retidos nos domínios escuros das trevas da ignorância, e que, assim que você resgatá-las, sofrerão punições negativas? Será que não se voltarão contra você, pois acharão que é o culpado pela perda de suas companheiras temporárias, mas que têm na conta de propriedades deles?

– Essa não! Se já são irmãos venenosos, com certeza também se tornarão odiáveis, que vibrarão contra mim seus ódios e tentarão envenenar-me com suas peçonhas.

– É isso aí, Mago da Vida. Saiba que, se eles se voltarem contra você, seu mistério guardião se ativará automaticamente para protegê-lo e preservar a vida das irmãs que tiver resgatado.

– Que droga! Vou encrencar-me com metade do inferno humano!

– Errado, Mago da Vida. Você se encrencará com todo o inferno humano e com os naturais, os encantadores, os duais, os extra-humanos, etc.

– Por que me encrencarei com tantos infernos ao mesmo tempo, e por inteiro?

– Bom, todos os que estiverem retidos neles, ainda que fora da faixa vibratória em que seu mistério flui naturalmente, certamente se sentirão ameaçados e tudo farão para anulá-lo, pois nunca se sabe como reagirá esse mistério da Lei Maior chamado por você de Príncipe das Trevas, que é imprevisível e pode ficar fascinado com suas ações e transferir para os seus domínios suas irmãs caídas nos sombrios domínios dos seus venenosos irmãos degenerados.

– Espero que ele cuide dos dele, e eu fique em paz para cuidar dos meus.

– Nós também, Mago da Vida. Mas acho que meu alfanje da morte vai ceifar muitas vidas que vêm se alimentando da morte das suas irmãs caídas nos vícios dos seus negativos, recolhidas nas trevas.

– Se o senhor acha, eu tenho certeza.

Meu pai Guardião Beira-mar, calado até então, sentenciou:

– Tenho a impressão de que, se esse Mistério das Trevas fez questão que ouvíssemos tudo o que aqui foi dito, é porque ele fará conosco o que fez com nosso filho Caboclo e essas nossas filhas Socorristas.

– Será? – perguntou meu pai Naruê, já preocupado.

– Tenho certeza de que sim. Mas não temos que nos preocupar com isso, pois o próprio Filho do Pai estabeleceu os limites e a forma como atuarão: a cada um segundo seu merecimento, e o justo não paga pelo pecador, assim como não deve cair o inocente mas tão somente o culpado pelos próprios erros, falhas e pecados. Agora vamos cuidar dos nossos domínios!

O fato é que meus amados pais se retiraram e levaram com eles meu irmão Caboclo, deixando-me com aquelas irmãs resgatadas e as Socorristas que tinham ligação com elas, que me crivaram de perguntas sobre o que tinha acontecido ali.

– Bom, acho que cada uma de vocês passou por uma experiência única e deve tirar suas próprias conclusões, irmãs. – respondi – E mais não devemos comentar, pois foi uma ação intempestiva da Lei.

– E quanto à minha filha? Posso levá-la comigo, irmão Mago? quis saber a irmã Socorrista que viera até ali por indicação de nossa amada mãe Oxum das Cachoeiras.

– Não, irmã. Ela ficará comigo até que possa relembrar-se do passado sem sofrer uma queda vibratória. Para o momento, basta a senhora saber que ela está bem e ficará sob minha guarda. Acho que já não tem com o que se preocupar.

– Eu posso ficar aqui para socorrê-la caso ela entre em desequilíbrio, irmão Mago.

– Não acho uma boa ideia, irmã. Deixe-a decantar um passado dolorido e tormentoso. Então, quando ela começar a relembrar-se do passado, aí sim poderá ficar sob seus cuidados.

– Eu gostaria de reparar meus erros amparando-a nessa recuperação, irmão Mago.

– Tome para si a responsabilidade de amparar os filhos desequilibrados de outros pais, que estará reparando seus erros, irmã. Ela ficou sob minha responsabilidade e prefiro cuidar dela ao meu modo.

– Ao menos posso dar um abraço nela antes de partir?

– Claro. Vá em frente, irmã. Só não espere que ela retribua seu abraço ou a reconheça. E não tome nenhuma iniciativa nesse sentido para não despertar nela amargas recordações. Confie no Pai Maior e deixe que o tempo forneça a ela as condições de despertar por conta própria.

– Está certo. Desculpe-me se duvidei de seu grau de Mago, irmão. Seu poder é imenso!

– Nada disso, irmã! O poder pertence ao nosso Senhor e eu nem sei se sou Mago, pois quem me concedeu esse grau não me disse como é um Mago. A senhora sabe como é um, irmã?

– Não sei. Só espero que sejam como você. Até mais, irmão Mago da Vida!

– Até, irmã. Venha visitar-nos quando quiser.

– Eu virei, irmão. Eu virei! Aí talvez você me mostre algo que me deixou muito curiosa e me revele o porquê de você ser assim, tão atrator, sabe?

– Atrator, é?

– Foi o que eu disse, irmão.

– Entendo. Bom... até a vista, irmã, pois preciso ficar a sós e refletir um pouco sobre tudo o que aqui aconteceu e tirar uma lição, sabe?

– Sei. Até a vista, Mago da Vida!

Ela se foi e deixou-me preocupado, pois não deixei de notar como ela me olhava com uma curiosidade muito grande e com um brilho nos olhos que eu já sabia o que prenunciava: encrencas!

Após acomodar as irmãs que haviam sido resgatadas e que deveriam ficar comigo, comecei a refletir sobre tudo o que havia acontecido e conclui que, fosse quem fosse o Príncipe das Trevas, eu devia ser cauteloso com o que dizia, pois ele tirava tudo do meu íntimo e usava meus próprios erros, falhas e pecados para estabelecer um campo onde eu atuaria.

Sim, isso concluí após me relembrar do recurso usado por ele para punir meu irmão índio, sua esposa e eu, que um dia, quando vivia na carne, havia vibrado desejo pela imagem de algumas índias. Afinal, desde quando um homem normal vivendo na carne não vibraria o desejo por mulheres, fossem elas índias ou não?

Eu entendia isso como natural em um homem, e no entanto ele viera com aquela conversa de que meus desejos vibrados ficaram vibrando em um espaço atemporal. Se fosse verdade, então eu estava encrencado mesmo, pois quando vivia a carne eu não havia olhado com desejos só para a imagem daquelas índias.

– Não mesmo! – exclamei para mim mesmo, mais para extravasar minha incompreensão sobre o recurso usado por ele para atingir-me em um dos meus pontos fracos: a atração visual que a imagem de belas mulheres despertavam em mim quando eu vivia na carne.

E quanto ao fato de todas aquelas irmãs terem recebido aparências deveras muito "femininas"?

Como explicar à luz da razão o que ocorria e eu nem me dera conta?

– Tem de haver uma explicação humana para isso! – exclamei irritado.

– E tem! – respondeu uma voz ainda desconhecida.

– Quem falou comigo? – perguntei, curioso em saber quem era o intrometido que estava me vigiando, comigo ainda dentro do meu centro neutro.

– Eu, Mago da Vida... certo?

– O que tem de mais em ser chamado de Mago da Vida, anônimo intrometido?

– Em ser chamado, nada. Agora, ser um Mago da Vida, aí é interessante, sabe?

– Interessante, é?

– Foi o que eu disse, interessante Mago da Vida!

– Essa não!

– Já descobriu quem sou eu?

– Se não estou enganado, você é Exu Natural, o chefe invisível de Exu Humanizado, certo?

– Certíssimo, Mago da Vida!

– Que droga, Exu natural! O que o levou a falar diretamente comigo? Por acaso já está passando por cima dos meus pais Orixás?

– Não venha com esse papo de pais, que eu já descobri tudo sobre você e sei que posso falar diretamente contigo sem quebrar nenhuma regra de procedimentos naturais.

– Tudo bem, Exu Natural. O que é que você quer?

– Eu?

– É, você.

– Eu, bom, para ser sincero, não quero nada. Só respondi à sua dúvida lançada no éter, e ela ecoou nos meus atentos ouvidos, sabe.

– Não sei, não. Explique-se, por favor.

– Bom, eu estava sem nada para fazer aqui, na dimensão natural da vida onde vivo, e resolvi dar uma olhada na dimensão humana para ver se encontrava algo interessante, atraente mesmo, sabe?

– Estou ouvindo, Exu natural.

– Então, você sabe como Exu Natural é curioso, não?

– Sei, sim. E daí?

– Bom, olhei, olhei e não encontrei nada de novo, belo e atraente na dimensão humana. Então, desapontado, já ia voltando meus olhos para outra dimensão da vida quando meus olhos, que tudo veem, viram você atuando como um Mago da Vida, sabe?

– Agora sei.

– Pois é, Mago da Vida. Então refleti, refleti e refleti.

– Essa não! Exu Natural vive refletindo?

– Sabe como é, né? Exu Natural, por estar à esquerda da dimensão humana, tem de refletir tudo o que acontece aí.

– O certo não seria você ter dito que Exu Natural tem de refletir sobre tudo o que aqui acontece?

– Não foi isso que eu disse?

– Foi isso que você disse?

– O que foi que eu disse?

– Essa não! Você é mais enrolador que Exu Humanizado!

– Você, por ser um Mago da Vida, não pode ir tachando-me de enrolador, sabia?

– Não sabia, não. E quer saber de uma coisa?

– Não! Quem queria saber de algo sobre alguma coisa era você, certo?

– Que droga, Exu Natural! Deixe de conversa fiada e diga logo ao que você veio.

– Então, como eu estava dizendo, aí eu vi você atuando como Mago da Vida.

– Você viu que minha atuação refletiu na sua dimensão, já que tudo o que aqui acontece, reflete aí?

– Bom, isso também, certo?

– Certo. Continue!

– Bom, então pensei: se finalmente surgiu um Mago da Vida na dimensão humana, isso é raro e interessa a Exu Natural, sabe.

– Estou sabendo agora. Continue.

– Você sabe do que um Mago da Vida é capaz, não?

– Nem imagino. Você sabe?

– Você não sabe, Mago da Vida?

– Foi o que eu disse: – Nem imagino! Mas você sabe, não?

– O que eu sei?

– O que é um Mago da Vida, certo?

– Essa não! O Mago da Vida é você! Eu só sou Exu Natural!

– Como você enrola, Exu Natural. Eu nunca o vi, mas acho que você é mais enrolado que...

– Não diga mais nada, Mago da Vida! Não mesmo, por favor!

– O que foi? Eu só ia dizer que...

– Pare! Pare aí mesmo e vamos mudar de assunto, está bem? Ou mudamos de assunto ou me recolho imediatamente e dou-lhe as costas.

– Tudo bem, retiro o que eu ia dizer e não se fala mais nisso. Exu Natural não é o que eu ia dizer que era. Está bem assim?

– Para você está, Mago da Vida?

– Claro! Afinal, Exu Natural é um mistério em si mesmo e talvez, tal como o Príncipe das Trevas ou a regente do Trono dos Desejos, talvez assuma para mim a imagem que eu concebê-lo. Certo?

– Acertou, Mago da Vida. Já pensou como não seria depreciativo para mim ter de rastejar para todo o sempre à sua esquerda extra-humana? Já chega seus irmãos venenosos que são exunizados como exus cobra, certo?

– É, chega de cobras, Exu Natural. Qualquer hora dessas eu o concebo. Mas, até que eu faça isso, o que acha de esclarecer-me o mistério das tais imagens, digo, aparências, que tanto me intrigaram?

– Eu não posso comentar esse mistério, e todos os outros, enquanto você não me assentar à sua esquerda ativa, Mago da Vida.

– Você quer assentar-se à minha esquerda, Exu Natural?

– Você me quer assentado à sua esquerda ativa, Mago da Vida?

– Espere aí, eu perguntei primeiro. Logo, responda se quer ou não, está bem?

– Como posso responder algo se não sei se você me quer ou não, Mago da Vida?

– Essa não! Primeiro você falou algo sobre se assentar à minha esquerda. Agora já coloca se "o quero ou não"?

– Eu disse isso?

– Disse sim, Exu Natural.

– Não me lembro de ter dito. Se você me "queria ou não". Foi isso que eu disse ou isso foi o que você pensou que eu disse?

– Sei lá. Não dá para conversar com você, já que fica mudando de assunto a cada frase que diz! Se continuar falando assim vou encerrar nosso diálogo e mandá-lo ao...

– Nem pense em dizer o resto, Mago da Vida! Estou muito bem aqui na dimensão onde vivo. Saiba que é para permanecer nela que estabeleci uma comunicação direta com você, pois os desejos de um Mago da Vida têm o poder da autorrealização, dure o tempo que durar, pois ficarão ecoando no espaço atemporal até que quem de direito os capte e forneça os recursos ideais para que eles se realizem.

– Você tem certeza disso, Exu Natural?

– Absoluta, Mago da Vida. Portanto, nada de vibrar o desejo de me encrencar, senão mais dia menos dia as encrencas que vibrar para mim me envolverão e aí quem estará ferrado serei eu.

– Tudo bem. Retiro o desejo de mandá-lo ao Inferno.

– Aquilo lá não é lugar para um mistério de minha magnitude?

– Ainda não sei. Qual é a magnitude de Exu Natural?

– Ainda não fui assentado à sua esquerda e não posso lhe revelar a magnitude de Exu Natural. Mas adianto-lhe que é muito viril, sabe.

– Viril, é?

– Foi o que eu disse, Mago da Vida.

– Entendi, Exu Natural.

– Acho que temos algo em comum, não?

– Nós temos?

– Nós não temos?

– Não sei se temos. Mas você deve saber, certo?

– Sei, sim. mas não posso revelar-lhe...

–... Por que não se assentou à minha esquerda?

– Eu não me assentei? Foi isso que você disse?

– Você deseja assentar-se, Exu? Se deseja diga sim e se não deseja limite-se a dizer não, pois descobri que existem outros setenta e cinco mistério que atuam na escuridão do Senhor das Trevas, além de Exu e Pombagira.

– Você descobriu ou lhe revelaram isso?

– Que importa? O fato é que já sei disso.

– Importa e muito, Mago da Vida. Afinal, se você descobriu, então você sabe algo, ou tudo, sobre eles. Mas, se só lhe revelaram que existem outros setenta e cinco mistérios naturais que atuam na escuridão do Senhor das Trevas, aí só complicaram sua vida, pois você nada sabe sobre eles, e poderá nunca vir a saber nada, ou só descobrir algo depois que já for tarde, sabe?

– Ainda não sei. E com certeza não será você que irá revelar-me algo, pois...

– Você quer que eu lhe diga algo sobre esses outros setenta e cinco mistérios, Mago da Vida? Afinal, interesseiro como só Exu Natural é, tenho interesses neles, sabe?

– Você tem interesses ou interesse neles?

– O que foi que eu disse?

– Você disse que Exu natural tem interesses neles.

– Eu não disse interesse?

– Não. Eu ouvi muito bem e tenho certeza de que você disse que tinha interesses neles.

– Por que esse apego às nuances vernaculares, Mago da Vida? Por acaso você é um Mago ou é um gramático?

– Nem tente sair pela tangente, Exu.

– Sair pela tangente? Que significa isso?

– Significa que você está desconversando para não revelar se tem interesse ou interesses!

– No singular Exu tem interesse, já no plural, aí a coisa muda e complica-se.

– Por quê?

– Bom, aí são interesses e você me confunde com suas regras gramaticais. Saiba que essas questões de língua só criam confusões. Portanto, não percamos mais tempo com esses detalhes vernaculares, certo?

– Vernaculares, é?

– Foi o que eu disse.

– Essa palavra provém de verbo, sabe?

– Não provém de língua?

– Não. Língua é a fala, já verbo é o sentido que as coisas assumem. Ou são ou não são, querem ou não querem. Desejam ou não desejam, sabe.

– Está muito confuso para mim, Mago da Vida.

– Bom, desejar é um verbo. Logo, se você deseja alguma coisa, aí as coisas assumem uma direção. Mas, se você não deseja, aí direção alguma é assumida. Entendeu?

– Eu entendi?

– Não sei. Isso é com você.

Entendo!

– Então você entendeu, não?

– Eu entendi o quê?

– Você não entendeu? Se não, então por que disse que entendeu?

– Essa não, Mago da Vida! O modo torto de se expressar pertence a Exu, não aos Magos. Você está tentando me enrolar?

– Eu não. Um Mago recorre unicamente ao modo "sinuoso" de se expressar.

– Modo sinuoso?

– Foi o que eu disse.

– Para mim, esse modo é novo, sabia?

– Bom, não foi você quem falou algo sobre o poder de realização, etc. e tal?

– Seu modo sinuoso de se expressar está no meio desse etc. e tal?

– Não. Isto é só um modo de abreviar a fala e não nos tornarmos repetitivos.

– Então esse tal modo sinuoso é criação sua?

– É só um recurso, sabe?

– Não sei e não quero saber. Sinuoso me faz lembrar de movimentos sinuosos, que me faz lembrar de um ser que se desloca com movimentos sinuosos, tal como seus irmãos venenosos ou rastejantes. Portanto, sinuoso é sinônimo de traiçoeiro. E Exu nunca é traiçoeiro. Só é um pouco dissimulado.

– Por que Exu é dissimulado?

– Bom, para preservar seu mistério, Exu dissimula um pouco.

– Entendo. Tudo para preservar a si mesmo, não?

– Eu disse que era para preservar a mim mesmo?

– Exu não é um mistério em si mesmo?

– É, Exu é isso.

– Então, ao preservar seu mistério Exu está preservando a si mesmo.

– Não é a mesma coisa, Mago da Vida. Exu só dissimula para preservar seu mistério, pois quando é para preservar a si mesmo, aí Exu oculta-se por trás de outros mistérios e não se expõe diretamente, mas não sai de evidência. Entende?

– Claro! Exu oculta-se por trás de algum dos outros setenta e seis mistérios da face escura do Senhor das Trevas.

– Eu disse isso?

– Você não disse?

– Você acha que eu disse?

– Eu acho que você insinuou isso. Logo, fica o insinuado pelo não dito e o entendido pelo subentendido, que está tudo certo. Certo?

– Você acha que está certo, Mago da Vida?

– Isso só você pode confirmar.

– Bom, se para você está certo, então para Exu natural também está certo. Afinal, não será Exu que contrariará a afirmação de um Mago da Vida. Não na escuridão do Senhor das Trevas. Não mesmo!

– Sabe, eu nunca perguntei nada a ninguém, mas sempre desconfiei que por trás de Exu "isso" e de Exu "aquilo", sempre tinha alguém dissimulado, pois queria preservar seu mistério.

– Não, não. Aí é alguém disfarçado.

– Disfarçado e dissimulado não é a mesma coisa?

– Não mesmo, Mago da Vida! Alguém disfarçado é alguém que está recorrendo a um disfarce para não revelar a si ou ao seu mistério. Já alguém dissimulado é quem se oculta por trás de alguém para não se expor. Saiba que existe uma diferença entre não se revelar e não se expor.

– Entendo. Muitos dos Exu "isso" ou Exu "aquilo" estão disfarçados de Exu para não revelarem a si ou aos seus mistérios, certo?

– Eu disse isso?

– Você não disse?

– É você que está dizendo que eu disse isso,

– Tudo bem. Fui eu quem disse isso. Está certo?

– Se está tudo bem para você, então para Exu está certo.

– Sabe, um bom observador, consegue distinguir quem está disfarçado e quem está dissimulado ou quem não deseja revelar-se e quem não deseja expor-se.

– Isso é possível, Mago da Vida?

– É sim. Se eu fosse um pensador especulativo, eu diria que Exu oculta-se por trás disso ou daquilo para não se expor, e os outros mistérios da escuridão do Senhor das Trevas disfarçam-se de Exu isso ou Exu aquilo para não se revelarem. Mas, como não sou um pensador e muito menos um especulativo, deixo isso para quem gosta de pensar ou aprecia especular e descobrir quem está se dissimulando, mas sem sair de cena, e descobrir quem está disfarçado para poder entrar em cena.

– Eu também deixo isso para os pensadores e para os especulativos, pois se você não quer assumir a autoria desse pensamento "especular", Exu é que não vai meter-se nesses assuntos pensados ou especulados.

Eu me calei e fiquei no aguardo de que Exu natural dissesse mais alguma coisa sobre os outros setenta e cinco mistérios do lado escuro da vida, mas ele se calou também. Então resolvemos nos despedir e cada um voltou sua atenção aos seus deveres.

Mas logo depois Exu Humanizado aproximou-se e, calado, assentou-se à minha esquerda, como quem não queria nada ou não sabia de coisa alguma. Mas, se eu já sabia algo sobre ele, então não era à toa que viera assentar-se.

– O que há de novo, Exu Humanizado? – perguntei como quem não quer nada.

– Eu é que pergunto isso, Mago da Vida! – respondeu-me ele.

– Por quê?

– Você ainda não sabe?

– Só sabendo a que você se refere poderei dizer se sei de algo ou não.

– Tem certeza de que não sabe de nada?

– Absoluta. Mas estou curioso. Portanto, revele logo o que está acontecendo, está bem?

– Minha cabeça foi colocada a prêmio nos domínios dos Senhores da Escuridão, Mago da Vida.

– Por quê?

– Bom, você abriu vários negócios nas minhas áreas de interesses, certo?

– Certo. E daí?

– E daí? E daí que os regentes dos outros mistérios da Escuridão estão achando que estou levando vantagem porque estou assentado à sua esquerda.

– São só ciúmes, Exu Humanizado. Não liga não!

– Você sabia que "ciúmes" também matam, Mago da Vida?

– É, ciúmes costumam ser perigosos. Mas você não é Exu Humanizado por acaso, certo?

– Que vantagem eu levo por ser humanizado?

– Você quer dizer que vantagem "tem" sobre os outros mistérios, não?

– Não foi isso que eu disse?

– Não. Você disse que vantagem você "leva". Ter é uma conquista, já levar é um adicional, sabe.

– Agora sei.

– Então coloque seus desejos de forma correta.

– Tudo bem, Mago da Vida. Então lhe pergunto: que vantagem eu levo por ter sido humanizado?

– Bom, com você à minha esquerda, se os outros setenta e cinco mistérios da escuridão quiserem ocupar seus lugares à minha esquerda, terão de se disfarçar de Exu "isso" ou Exu "aquilo", senão nada feito, certo?

– Essa não, Mago da Vida! Você está jogando todas as suas oportunidades aos pés de Exu Humanizado?

– Já apostei todas as minhas fichas em sua capacidade de ordenar à minha esquerda todo o caos do lado escuro da vida.

– Você arruma suas encrencas e depois as repassa para Exu? Assim não dá, sabe?

– Tente ver as coisas como eu as imagino e tenho certeza de que só verá vantagem em ser meu braço esquerdo, Exu Humanizado.

– Braço esquerdo?

– Foi o que eu disse.

– Braços costumam ser cortados, Mago da Vida.

– Mas também costumam cortar se forem bem armados e guarnecidos contra possíveis golpes.

– Onde é que Exu Humanizado irá se armar e se guarnecer, caso aceite ser seu braço esquerdo?

– Caso Exu aceitar, irá se armar e se guarnecer no meu Mistério Guardião.

– Você está dizendo que Exu se guarnecerá e se armará nesse seu poderoso Mistério Guardião?

– Eu já disse. Mas Exu entrará com todos os recursos do seu Mistério Natural Humanizado. Certo?

– Preciso consultar Exu Natural sobre tudo o que você já concedeu e tudo o que está solicitando de Exu. Afinal, não é todo Mago da Vida que concede tanto a Exu. Nas certa suas encrencas são maiores do que imaginei.

– Quantos Magos da Vida já concederam tanto a Exu, e de uma só vez?

– Nenhum. E aí reside o perigo, sabe?

– Não sei, não. Explique-se, Exu Humanizado.

– Bom, Exu irá tornar-se seu braço esquerdo e se intrigará como todos os outros mistérios que reinam na escuridão.

– Em compensação Exu levará a vantagem de poder recorrer ao meu Mistério Guardião, já que Exu será o guardião responsável pelo que acontecer à minha esquerda nos domínios da Escuridão.

– Essa não, Mago da Vida!

– Ainda tem mais: Exu irá responder pelas execuções negativas do meu Mistério Guardião e o ativará sempre que se sentir ameaçado de morte.

– Isso é demais para Exu Humanizado.

– Eu ainda não terminei, Exu.

– Não conceda mais nada, por favor!

– Eu já concedi.

– O que mais você já concedeu a Exu?

– A atribuição de resgatar para os meus domínios o que me pertence, mas está retido em domínios alheios, assim como devolverá a outros domínios o que lhes pertencer, mas está retido nos meus. É uma atribuição simples, Exu!

– Simples? Você não sabe como é difícil convencer outros mistério a liberarem ou a receber de volta o que lhes pertence, sabe?

– Não sei não, Exu.

– Então fique sabendo que o que não lhes pertence, mas está retido em seus domínios, se ali está é porque está sendo útil aos regentes deles. Logo, não liberarão facilmente.

Agora, o que pertence a eles, mas está em domínios alheios, só está porque foi posto para fora dos domínios dos seus regentes ancestrais ou porque se antagonizou com eles e a única alternativa foi se abrigar em domínios alheios, onde é útil aos regentes deles.

– Entendi.

– Você acha que é uma atribuição simples?

– Simples, mas arriscada. Logo, é uma atribuição que agrada a Exu Humanizado.

– Exu Humanizado se agrada com essa atribuição?

– Não lhe agrada?

– Não foi isso que você disse antes, Mago da Vida.

– O que foi que eu disse?

– Antes você disse que atribuição simples mas arriscada agrada a Exu Humanizado.

– Não foi isso que eu disse?

– Não, não. Você usou esta expressão: – Não lhe agrada?, e aí estava perguntando a mim especificamente, certo?

– Não é a mesma coisa?

– Não mesmo. Exu Humanizado é um Mistério Natural que se humanizou. Já eu, bom, eu sou só um manifestador desse Mistério da Lei Maior, certo?

– Então vou reformular minha pergunta: – Atribuições simples mas arriscadas agradam ao Mistério Exu Humanizado?

– Não. Elas só interessam a Exu Humanizado.

– Por quê?

– Porque as atribuições de Exu Humanizado não são nada simples e todas são arriscadas. Logo, se estas são arriscadas mas são simples, então interessam a Exu Humanizado.

– E ao Mistério Exu Humanizado? Elas também interessam?

– Eu acabei de responder a isso, Mago da Vida.

– Não, não! Você disse que interessava a Exu Humanizado, não ao Mistério Exu, certo?

– A qual dos Mistérios Exu? O Humanizado ou o Natural?

– Já que você tocou no Natural, então me refiro aos dois mistérios.

– Eu só posso responder pelo humanizado.

– Entendo. Não lhe interessa falar do Natural.

– Ele fala por si mesmo, sabe?

– Por quê?

– Oras, ele é natural e expressa-se por si mesmo. Já o humanizado, este não fala por si mesmo e expressa-se de forma especular.

– Por quê?

– Porque ele se espelha no Natural. Saiba que tudo o que é humanizado é especular, ou espelhado no Natural.

– Então Exu Humanizado é especulador?

– Foi isso que eu disse?

– Isso foi o que eu entendi.

– Mas não foi o que eu disse, certo?

– Certo. Quem disse isso fui eu. Está bem assim para você?

– Se para você está bem assim, então para Exu Humanizado também está.

– Ótimo! Exu Humanizado cuidará dos outros Mistérios da Escuridão, mas de forma especular, especulativa e especuladora e, na defesa de seus interesses, dentro dos quais abrirei negócios, recorrerá aos recursos do meu Mistério Guardião.

– Essa não! Você pretende abrir negócios dentro dos novos interesses de Exu Humanizado?

– Já abri. Só falta Exu indicar os campos dos seus interesses.

– Assim vai ter de abrir muitos negócios, Mago da Vida.

– O que tem demais em abrir muitos negócios?

– O problema de abrir negócios é que se pega gosto pelas aberturas e aí não se deseja parar mais. Além de correr-se o risco de viciar-se nas aberturas e tornar-se um compulsivo abridor de negócios, sabe.

– isso acontece?

– Com mais frequência do que possa imaginar.

– Bom, então só abrirei negócios que sejam extremamente importantes e muito atraentes. Os negócios não muito importantes ou pouco atraentes ficarão no aguardo de decisões superiores ou de contingências inevitáveis.

– Bom, assim parece mais racional, Mago da Vida.

– Ótimo! Então só abrirei negócios dentro do campo de interesses de Exu Humanizado caso sejam importantes para o meu mistério e atraentes para o Mago da Vida. Só que não vou admitir concorrência em meu campo de atuação no Mistério Exu Humanizado. E se algum espertinho quiser passar-me para trás, aí meu Mistério Guardião o executará imediatamente, pois só eu poderei abrir negócios dentro dos campos de interesse de Exu, ou fechar os que não forem importantes ou atraentes, certo?

– Se para você está certo, para Exu Humanizado também está.

– Ótimo!

– Até a vista, Mago da Vida, abridor de negócios importantes e atraentes.

O fato é que, após definir o campo de atuação de Exu Humanizado e tranquilizá-lo quanto à sua posição à minha esquerda, tudo começou a se mostrar, e acho que o mortal alfanje de meu pai tatá Omolu rompeu tantos cordões antinaturais que ele deve ter tido de trocar sua lâmina várias vezes, de tão sobrecarregadas que ficaram de cordões atraídos pelo poderoso magnetismo que ele possui.

E cada lâmina que ele trocou, entregou-me, dizendo-me: – Cuide dela para mim e só a devolva quando tiver transposto pelo sétimo degrau da Lua da Lei e da Vida a todas as suas irmãs retidas nas outras pontas dos cordões, colhido por essas lâminas.

– O senhor tem pressa de recebê-las de volta?

– Por quê?

– Bom, isso pode demorar um bom tempo, sabe?

– Sei. Mas não retenha nenhuma um só segundo a mais após elas se habilitarem a transpor o sétimo degrau, senão estas lâminas se voltarão contra você e cortarão os cordões que ligam seu Trono Energético aos Tronos de seus pais divinos, isolando-o e lançando-o em um tormento mais dolorido que o que possuiu seu avô, sabe?

– Não sei, não. Mas ficarei atento à posição da ponta e do fio dessas lâminas do seu mortífero alfanje, meu pai!

– Faça isso e nunca a posse dessas lâminas mortais será motivo de transtorno em sua vida.

– Obrigado por se preocupar comigo e estabelecer autodefesas, dentro do meu mistério, contra possíveis desvios na conduta reta que todo Trono da Geração deve preservar em todas as suas ações, atuações e atribuições.

– Saiba que cada uma que você acolher, amparar, curar e habilitar para que ela transponha o sétimo degrau da Luz da Lei e da Vida, assim que ela transpô-lo, ela se tornará uma ascensionadora do seu mistério para o degrau seguinte e nele você terá, através dela, todo um novo campo de ação e atuação mais elevado e mais abrangente, ao qual recorrerá para acelerar a cura e a elevação das que ainda não conseguiram transpor seu degrau na Luz da Lei e da Vida.

– Obrigado por revelar-me isso, meu pai. Sabendo disso, jamais considerarei uma perda a transposição do meu degrau por elas. E quantos mais transpô-lo, mais elevados serão meus campos.

– É isso, Filho do Pai. Certos sentimentos negativos só encontram ressonância nas trevas da ignorância dos que se negativam porque não entendem que nada sai do lugar, mas somente se eleva ou abaixa vibratoriamente.

Saiba que o universo paralelo cuja vibração é superior e mais sutil que a do universo material, ele está aqui mesmo. E o mesmo se aplica ao universo paralelo cuja vibração é inferior e mais densa que este onde vivemos.

– Entendo.

– Ótimo! Até a vista, Filho do Pai!

– Até, meu amado pai tatá Omolu.

O fato é que muitas coisas aconteceram durante o tempo em que o mistério Príncipe das Trevas abriu os calabouços dos escuros domínios da face escura do Divino Criador, que é o Senhor das Trevas.

O que antes eu teria recebido como tormentos, meus mistérios transformaram em fontes de prazer e satisfação. E ele só parou de "presentear-me" com os "meus" quando muitos calabouços foram transformados em prisões luminosas da Lei e da Vida, isoladas nas trevas. E outros foram esvaziados.

Exu Humanizado também deu conta do seu campo de ação e de suas atribuições e limpou meus campos dos "dele", e fez questão de devolvê-los nas melhores condições possíveis: reduzidos a espectros ou farrapos.

"A cada um segundo seu merecimento"!, acordáramos nós. E Exu seguiu, e ainda segue ao pé da letra o que reza nosso acordo. Só que, como Exu às vezes se confunde em suas interpretações tortas, também achou que isso se aplicava aos "dele" que haviam invadido meus campos de ação e domínios, e também deu a eles o que mereciam: dor e sofrimentos, na forma de tormentos antinaturais.

Mas eu tenho a impressão de que Exu Humanizado "dissimuladamente" ajustou umas contas pendentes com alguns seres que haviam se disfarçado de Exu, só para entrarem em cena na vida religiosa de muitas pessoas. E o astuto e dissimulado Exu Humanizado recorreu ao meu modo sinuoso de se expressar, já que não se encrencou além de algumas escoriações, todas tratáveis pelo meu Mistério Curador.

Exu Humanizado não revela todos os campos onde já estabeleceu áreas de interesses, já que dissimula muito bem. Mas nunca me traiu ou deixou de apontar onde estavam as melhores oportunidades para eu abrir negócios importantes e atraentes.

Quanto aos meus pais, eles resistiram às mordazes observações do Príncipe das Trevas e até as incorporaram em suas comunicações mentais mantidas comigo, sempre visando à minha naturalização, que se acelerou dali em diante, já que me descobri, no passado adormecido, como um ser que recorrera aos modos e formas "desumanos" para alcançar certos objetivos.

E essa acelerada naturalização foi como que um divisor de águas: para trás começaram a ficar os fantasmas que me incomodavam, pois eu mesmo os criara em minhas inúmeras encarnações onde eu me desconhecia como Trono Humanizado, mas me sabia como um portador natural de dons muito fortes.

Meu entendimento sofreu um salto qualitativo e passei a encarar meus próprios fantasmas como recursos usados com intensidade pela Lei e pela Vida, úteis quando ocorreram, mas que atualmente servem para diferenciar minhas vontades dos meus desejos.

Para concluir esta minha biografia, digo que "o Filho do Pai" que aflorou em minha consciência sepultou o então desaparecido Ogum Sete Estrelas, mas despertou a hiperconsciência no adormecido Trono Humano da Geração de Energias e Renovação da Vida.

Quanto às muitas personalidades que afloraram nas minhas muitas encarnações, bem, as diluí. E com o substrato de todas elas amoldei minha atual personalidade humana, já que enquanto espírito humano sou um Cavaleiro do Arco-íris Divino.

Agora, quanto aos Mistérios do Trono da Geração, da Renovação, da Fertilidade, da Fecundidade e da Sexualidade, bem, eu os fundi e, deles, meu divino Criador gerou um novo Trono, que traz todos os mistérios deles em um único mistério: o Trono do Mistério da Vida, ao qual me assentei como um Trono da Vida que é um mistério em si mesmo, já que sou em mim mesmo um mistério do meu Divino Criador, que é em Si mesmo esse mistério divino que chamamos de Vida!

Impressão e acabamento: Orgrafic Gráfica e Editora